Universidad de Huelva

Departamento de Historia I

Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)

Memoria para optar al grado de doctor
presentada por:

Virgílio António Martins Lopes

Fecha de lectura: 25 de marzo de 2014

Bajo la dirección del doctor:

Juan Manuel Campos Carrasco

Huelva, 2014

TESIS DOCTORAL

PROGRAMA DE DOCTORADO: "PATRIMONIO HISTÓRICO Y NATURAL, INVESTIGACIÓN, PROTECCIÓN, DIFUSIÓN Y DIDÁCTICA"

MÉRTOLA E O SEU TERRITÓRIO NA ANTIGUIDADE TARDIA

(SÉCULOS IV -VIII)

Virgílio António Martins Lopes

Universidad de Huelva

DEPARTAMENTO DE HISTORIA I. HISTORIA DEL ARTE, ANTROPOLOGÍA, PREHISTORIA, ARQUEOLOGÍA E Ha ANTIGUA (ÁREA DE ARQUEOLOGÍA)

HUELVA, Octubre de 2013

TESIS DOCTORAL

PROGRAMA DE DOCTORADO: "PATRIMONIO HISTÓRICO Y NATURAL, INVESTIGACIÓN, PROTECCIÓN, DIFUSIÓN Y DIDÁCTICA"

Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia

(séculos IV -VIII)

PRESENTADA POR:

Virgílio António Martins Lopes

DIRIGIDA POR:

Juan Manuel Campos Carrasco
Catedrático de Arqueología
Universidad de Huelva
Vº Bº

Universidad de Huelva

DEPARTAMENTO DE HISTORIA I. HISTORIA DEL ARTE, ANTROPOLOGÍA, PREHISTORIA, ARQUEOLOGÍA E Ha ANTIGUA (ÁREA DE ARQUEOLOGÍA)

HUELVA, Octubre de 2013

Universidad de Huelva

AUTORIZACIÓN PARA LA DEFENSA DE LA TESIS DOCTORAL EMITIDA POR EL/LA DIRECTOR/A Y EL/LA TUTOR/A Y POR LA COMISIÓN ACADÉMICA DEL PROGRAMA DE DOCTORADO

DATOS DEL/ DE LA DOCTORANDO/A:

Apellidos y nombre: MARTINS LOPES, VIRGILIO ANTONIO	NIF/ Pasaporte: 7380917	Nacionalidad: PORTUGUESA
Dirección a efectos de notificaciones: Rua de Antonio José de Almeida, nº 8. 7750-353 (Mértola, Portugal)		
Teléfono: 286612795 / 966367488	EMAIL: virgilioamlopes@sapo.pt	

DATOS DE LA TESIS DOCTORAL:

Título: MÉRTOLA Y SU TERRITORIO EN LA ANTIGÜEDAD TARDÍA (SIGLOS IV-VIII)
Programa Oficial de Doctorado al que se adscribe y órgano responsable: PATRIMONIO HISTÓRICO Y NATURAL. INVESTIGACIÓN, PROTECCIÓN, DIFUSIÓN Y DIDÁCTICA (HISTORIA I)
Línea de investigación a la que se adscribe y órgano responsable: Investigación, Protección y Conservación del Patrimonio Arqueológico: desde la prehistoria al mundo medieval. Patrimonio Arqueológico Urbano (Área de conocimiento: Arqueología)

A CUMPLIMENTAR POR EL/LA DIRECTOR/A Y POR EL/LA TUTOR/A DE LA TESIS DOCTORAL: (en caso de que el/la Director/a y el/la Tutor/a sean la misma persona, no es necesario cumplimentar los campos relativos al Tutor/a ni se precisa la firma de éste/a)

Director: JUAN MANUEL CAMPOS CARRASCO	**Tutor/a:**
Dr./Dra.:	Dr./Dra.:
Dr./Dra.:	Dr./Dra.:
Dr./Dra.:	Dr./Dra.:
como Director/a-Tutor/a de la Tesis Doctoral antes indicada **AUTORIZA** LA DEFENSA DE LA MISMA.	

En Huelva a, 31 de Octubre de 2013

Firma del/de la Directora/a de la Tesis Doctoral

Fdo.: Fdo.: Juan M. Campos Carrasco Fdo.:

Firma del/de la Tutor/a de la Tesis Doctoral

Fdo.: Fdo.: Fdo.:

A CUMPLIMENTAR POR LA COMISIÓN ACADÉMICA DEL PROGRAMA DE DOCTORADO: PATRIMONIO HISTÓRICO Y NATURAL

Una vez valorada la Tesis Doctoral presentada por el/la Doctorando/a y haber incorporado éste/a las modificaciones y/o cambios que esta Comisión Académica le pudiera haber indicado, **se AUTORIZA**, en reunión de fecha 4/11/2013 **LA DEFENSA** de la misma.

En Huelva a, 4 de NOVIEMBRE de 2013

Firma y sello del/de la Presidente/a de la Comisión Académica

Fdo. CELESTE JIMÉNEZ DE MADARIAGA

Resumo

O presente trabalho tem como tema "Mértola e o seu território na Antiguidade tardia (Séculos IV-VIII)", e inscreve-se numa linha de investigação arqueológica que tenho vindo a desenvolver, desde 1990, no Campo Arqueológico de Mértola.
Os resultados são fruto de diversas campanhas de escavação e prospeção arqueológica que tenho vindo a desenvolver como corresponsável, integrado na equipa da instituição e que, de uma forma ininterrupta, em muito tem contribuído para o conhecimento da cultura material e da topografia histórica da cidade de *Myrtilis* e do seu território.

O estudo que aqui se apresenta integra um significativo volume de dados inéditos, que reafirmam a importância que a cidade portuária de Mértola e o seu território tiveram na Antiguidade Tardia. O facto de constituir o limite navegável do rio Guadiana e daqui partirem importantes vias terrestres que punham em contacto as cidades da Lusitânia com as principais rotas comerciais mediterrânicas, dotou esta cidade de uma riqueza patrimonial invulgar que os trabalhos arqueológicos pacientemente teem ajudado a revelar.

Desta cidade portuária partia o que a terra tinha de melhor - os cereais, o vinho, o azeite e os minerais - e aqui chegavam pessoas, produtos, modas e religiões, reflexo de um período histórico conturbado em que o Império romano lentamente se desmorona e em que se assiste ao nascimento e afirmação de poderes regionais, apoiados na religião cristã que marcaram a topografia da cidade de Mértola e do seu território.

Resumen

Este trabajo tiene como tema "Mértola y su territorio en la Antigüedad Tardía (siglos IX-VIII)" y se inscribe en una línea de investigación arqueológica que estoy desarrollado desde 1990 en el Campo Arqueológico de Mértola.
Los resultados son fruto de varias campañas de excavación y prospección arqueológicas que he desarrollado como corresponsable, integrando el equipo de esta institución, de forma ininterrumpida, y que ha contribuido en gran medida para el conocimiento de la cultura material y de la topografía histórica de la ciudad de *Myrtilis* y de su territorio.

El estudio que presentamos aquí incorpora un volumen significativo de datos inéditos que reafirman la importancia que la ciudad portuaria de Mértola y su territorio tuvieron en la Antigüedad Tardía. El hecho de que Mértola fuese el límite navegable del río Guadiana y de que saliesen de aquí importantes vías terrestres que ponían en contacto las ciudades de la *Lusitania* con las principales rutas comerciales mediterráneas, dotó a esta ciudad de una riqueza patrimonial anormal que los trabajos arqueológicos pacientemente han ayudado a revelar.

De esta ciudad portuaria salía lo que de mejor tenía la región – los cereales, el vino, el aceite y los minerales- y aquí llegaban personas, productos, modas y religiones, reflejo de un período histórico conturbado en el que el Imperio Romano, lentamente, se desmoronaba y en el que se asistía al nacimiento y afirmación de poderes regionales, apoyados en la religión cristiana que van a marcar la topografía de la ciudad de Mértola y de su territorio.

Abstract

The theme of the present work, "Mértola and its territory in Late Antiquity (IV-VIII centuries)", is part of a line of archaeological research that I have been developing since 1990 in Mértola's Archaeological Centre.
The results are the fruit of several archaeological excavation and field survey campaigns that I have been co-responsible for, as a part of the institution's team, and that has greatly contributed, on a continuous basis, to the knowledge of the material culture and historical topography of the city of *Myrtilis* city and its territory.

The study presented here incorporates a significant amount of new data, which reaffirms the importance of the port city of Mértola and its territory in Late Antiquity. The fact that it sits in the navigable limit of the Guadiana river, the starting point of important land routes that connected the cities of Lusitania with major Mediterranean trade routes, has given this city a unusually rich heritage that has been patiently revealed by archaeological works.

From this port city departed the best that the land could offer - grain, wine, olive oil, and minerals – and arrived people, products, fashions and religions, reflecting a turbulent historical period in which the Roman Empire slowly crumbles and witnessing the birth and affirmation of regional powers, supported by the Christian religion, which marked the topography of the city of Mértola and its territory.

Agradecimentos

O estudo que nestas páginas se apresenta não teria sido possível sem um trabalho de equipa durante as escavações e tratamento de materiais, bem como sem o apoio de um conjunto de professores colegas e amigos que me ajudaram a terminá-lo e a quem devo um reconhecimento público:

Ao Catedrático de Arqueologia Juan Manuel Campos Carrasco, meu orientador, por me ter norteado na definição de um caminho e no estabelecimento de balizas para a investigação. Não posso deixar de agradecer a prontidão com que respondeu aos meus pedidos e, na última fase do trabalho, as suas incansáveis e pertinentes correções, bem como o seu constante incentivo à realização desta tarefa.

Ao Professor Doutor Justino Maciel, que já antes destas lides académicas me incentivou, me alertou para pistas de trabalho sobre este período histórico e para ele deu precioso contributo, ao ceder-me a sua bibliografia.

Ao Doutor Cláudio Torres, pela sua constante mestria e incentivo à abertura de novas frentes de investigação e pelo seu aconselhamento na interpretação dos achados arqueológicos e do espaço histórico mediterrânico.

Ao Professor Doutor Theodor Hauschild pelas sugestões, motivações e pistas de trabalho no sentido da interpretação das escavações arqueológicas nas complexas estruturas da zona do batistério.

A Francisco Toscano pelo apoio, motivação e disponibilidade que sempre teve para comigo nestes anos académicos em Huelva.

À Doutora Filomena Limão e à Mestre Lídia Fernandes pela ajuda na leitura e classificação de muitos dos fragmentos arquitetónicos, em especial os capitéis.

Ao Dr. Eurico Sepúlveda e aos Mestres João Pimenta e Edgar Fernandes na preciosa ajuda prestada para a classificação das cerâmicas.

Ao Dr. Filipe Teixeira e ao Doutor José Ruivo pela preciosa e incansável ajuda na classificação de alguns numismas.

Aos colegas e amigos Jerónimo Sánchez Velasco, Isaac Sastre de Diego, Mélanie Wolfram, Licínia Wrench e André Carneiro que me disponibilizaram as suas teses de

doutoramento inéditas e que me serviram de modelo e de referencial para a investigação que desenvolvi.

À Doutora Suzana Gómez Martínez pela disponibilidade e amizade com que sempre compartilhou as alegrias e amarguras da investigação e da vida.

Ao Doutor Santiago Macias pelos intercâmbios bibliográficos e informações constantes.

Aos Doutores José María Álvarez Martínez Miguel Alba, Pedro Mateos, Maria da Cruz Villalón, Francisco Morgado Portero pela forma amiga como sempre me trataram em Mérida, mostrando-me as novidades, disponibilizando o acesso às bibliotecas e bibliografias pessoais e enviando-me regularmente as suas últimas publicações.

Aos Doutores Conceição Lopes e João Pedro Bernardes pelo incentivo, hipóteses de trabalho levantadas e cedência de bibliografia especializada.

À Doutora Manuela Barros e à Cristina Ferreira pela preciosa ajuda e constante disponibilidade com que me ajudaram na revisão do texto.

Ao Carlos Alves pela paciência, dedicação e empenho com que realizou grande parte dos mapas, plantas e reconstituições volumétricas que ilustram este trabalho.

Aos meus colegas do Campo Arqueológico de Mértola Lígia Rafael, Guilhermina Bento, Rute Fortuna, Clara Rodrigues, Maria de Fátima Palma e Adriano Fernandes, pelo apoio dado nos trabalhos de escavação arqueológica, desenho de campo, nos laboratórios de restauro e no depósito do Museu de Mértola. Um agradecimento especial ao Técnico da Câmara Municipal de Mértola José Filipe, enquanto repositório de memória das escavações e da guarda e localização dos materiais. À Nélia Romba e ao António Roberto pelo incansável trabalho nos desenhos quer de campo, quer das peças que ilustram este trabalho. Aos colegas da Biblioteca do CAM, Filipa Medeiros, Armanda Salgado, Paula Rocha e Bruno Almeida, pela constante ajuda na pesquisa e obtenção de bibliografia específica. Ao Jorge Branco e ao Álvaro Pina, pelas fotografias e pela ajuda na informática.

Ao Dr. Paulo Fernandes pela ajuda na cedência da sua bibliografia, informações e plantas de alguns sítios arqueológicos.

À Dr. Manuela de Deus pela preciosa ajuda na geo-referenciação dos sítios e pela cartografia base que me ajudou a desenvolver.

Ao António Baptista pelas ampliações fotográficas e tratamento das plantas e mapas.

Aos Doutores José Luís de Matos, Manuela A. Dias, Miguel Pessoa e Cátia Mourão pela cedência de bibliografia e esclarecimentos prestados ao longo dos últimos anos.

Aos Doutores Manuel Real, Luis Caballero Zoreda e José M. Blázquez Martínez pelo voto de confiança e incentivos para a realização deste trabalho

Aos alunos e professores dos cursos de Museografia Arqueológica da delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, e de Assistente de Arqueólogo da Escola Profissional Alsud que, ao longo dos últimos vinte anos, se empenharam e colaboraram na realização de alguns dos trabalhos arqueológicos de que dou conta neste estudo; à direção da escola Profissional Alsud que me proporcionou uma licença sem vencimento, o que me permitiu a concretização desta dissertação.

Ao Campo Arqueológico de Mértola, ao Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, enquanto Unidade de Investigação de Acolhimento e à Fundação Para a Ciência e Tecnologia, que me permitiram ter as condições para desenvolver esta investigação ao longo dos últimos dois anos e meio.

Ao amigo Álvaro Pina pelas aventuras fotográficas, pelas divagações sobre o período em estudo, que muito me ajudaram a clarificar aspetos neste percurso.

E por fim, mas não menos importante, foi o apoio que os meus pais sempre me deram, bem como à Nádia e à Maria pela paciência com que lidaram comigo nos momentos mais difíceis desta longa caminhada.

Expresso ainda o meu reconhecimento a todas as pessoas que contribuíram para que este estudo fosse possível. A todos o meu muito obrigado.

Índice

	Introdução	7
	Tema objectivos e metodologia.	9
I	**Breve enquadramento geomorfológico**	17
II	**Antecedentes históricos**	23
2.1	Mértola pré-romana	25
2.2	O território	28
2.3	As vias de comunicação	34
2.4	A cidade de *Myrtilis*	38
2.4.1	As fontes documentais	39
2.4.2	Os dados da numismática	40
2.4.3	Os dados da epigrafia	42
2.5	A arqueologia e a topografia de *Myrtilis*	48
2.5. 1	O *Forum*	50
2.5.2	A "casa romana"	56
2.5.3	O porto	59
2.5.4	Os depósitos de ânforas	60
2.5.5	Os níveis romanos da Biblioteca Municipal	65
2.6	As necrópoles romanas de Mértola	66
2.6.1	A necrópole de incineração da rua Alves Redol	68
2.6.2	A Necrópole da Achada de S. Sebastião	70
III	**Da Antiguidade Tardia até aos princípios do século VIII**	77
3.1	Estado da questão	78
3.2	Contextualização histórico - arqueológica	90
IV	**Mértola na Antiguidade Tardia**	109
4.1	A *urbs*	110
4.2	As construções de carácter defensivo na Antiguidade Tardia	111
4.2.1	*Castelum* – Castelo	112
4.2.1.1	Catálogo de Materiais	119
4.2.2	A muralha da cidade	123

4.2.2.1	As portas	129
4.2.2.2	O criptopórtico	137
4.2.3	A Torre do Rio	147
4.2.4	A Torre semicircular	157
4.2.4.1	Catálogo de Materiais	163
4.3	Questão da muralha bizantina	163
4.4	Arqueologia do Rio	164
4.4.1	Um cais talhado na rocha	165
4.4.2	Um ponto de amarração	166
4.4.3	Os poços (zona 33)	169
4.5	Os edifícios religiosos	175
4.5.1	Complexo baptismal	176
4.5.1.1	Sala norte	186
4.5.1.2	A basílica	186
4.5.1.3	Galeria porticada	188
4.5.1.4	As estruturas	194
4.5.1.5	Os materiais arqueológicos	197
4.5.1.6	Análise funcional e paralelos	201
4.5.1.6.1	Catálogo de Materiais	208
4.5.2	Encosta do castelo	242
4.5.2.1	Os edifícios	242
4.5.2.1.1	Catálogo de Materiais	248
4.5.2.2	Batistério II	250
4.5.2.2.1	A escavação arqueológica	250
4.5.2.2.2	As estruturas	256
4.5.2.2.3	Os materiais arqueológicos	261
4.5.2.2.4	Análise funcional e paralelos	267
4.5.2.2.4.1	Catálogo de Materiais	289
4.5.3.	O edifício anterior à mesquita	312
4.5.3.1	A escavação arqueológica	313
4.5.3.2	Os materiais arqueológicos	317
4.5.3.3	Paralelos e análise funcional	323
4.5.3.3.1	Catálogo de Materiais	327

4.5.4	A ocupação da Antiguidade tardia na Biblioteca Municipal	339
4.5.4.1	Catálogo de Materiais	343
4.6	A arquitetura civil	345
4.6.1	A "casa romana"	346
4.6.1.1	Catálogo de Materiais	349
4.6.2	Os níveis da Antiguidade tardia na Beira Rio	356
4.6.2.1	Catálogo de Materiais	360
V	**Os mosaicos da Antiguidade Tardia**	363
5.1	A musivaria da Antiguidade tardia em Portugal	364
5.2	Os mosaicos do complexo batismal de *Myrtilis*	371
5.2.1	Os Mosaicos do pórtico	375
5.2.1.1	Painel dos círculos secantes	375
5.2.1.2	Fragmento de mosaico com o *Nó de Salomão*	376
5.2.1.3	Painel dos animais afrontados	377
5.2.1.4	Painel da cena de caça	378
5.2.1.5	Painel dos leões afrontados	382
5.2.1.6	Painel da orla de peltas	385
5.2.1.7	Fragmento de mosaico de pavimento I	387
5.2.1.8	Fragmento de mosaico de pavimento II	388
5.2.1.9	Fragmento de mosaico de pavimento III	389
5.2.1.10	Cena de caça	390
5.2.1.11	Fragmento de mosaico de pavimento IV	395
5.2.2	Os mosaicos do deambulatório	396
5.2.2.1	Fragmento de mosaico de pavimento V	396
5.2.2.2	Mosaico dos botões de rosa	397
5.2.2.3	Belerofonte e a Quimera	398
5.2.3	O mosaico da basílica	401
5.2.3.1	O mosaico da tartaruga	401
5.2.3.2	Fragmento de mosaico de pavimento VI	405
5.3	Os mosaicos da basílica paleocristã do Rossio do Carmo	407
5.4	Os Mosaicos do mausoléu	408
5.5	Os mosaicos de Mértola no contexto das cidades portuárias do ocidente mediterrânico.	409

5.5.1	Análise dos temas e motivos dos mosaicos	413
5.5.1.1	As figuras humanas	413
5.5.1.2	Os animais	414
5.5.1.3	Os temas geométricos	415
5.6	A simbologia	421
VI	**O *suburbium***	425
6.1	As necrópoles de Mértola	426
6.1.1	A Necrópole da Achada de S. Sebastião	428
6.1.1.1	Localização e caracterização	428
6.1.1.2	As sepulturas	430
6.1.1.3	O ritual funerário	432
6.1.1.4	Espólio associado	434
6.1.1.4.1	Catálogo de Materiais	440
6.1.2	O sítio arqueológico da Ermida de Santo António - atual Cineteatro Marques Duque	443
6.1.2.1	Localização e caracterização	443
6.1.2.2	A escavação	445
6.1.2.2.1	A escavação de 2001/2005	445
6.1.2.2.2	A escavação de 2008/2009	446
6.1.2.3	Tipologia construtiva	448
6.1.2.4	Análise funcional e paralelos	453
6.1.2.5	As sepulturas	455
6.1.2.6	O Espólio arqueológico	467
6.1.2.7	Cronologia da Basílica	473
6.1.2.7.1	Catálogo de Materiais	476
6.1.3	O Mausoléu	483
6.1.3.1	Localização e caracterização	483
6.1.3.2	Escavação	484
6.1.3.3	As estruturas	487
6.1.3.4	Espólio associado	501
6.1.3.5.	Análise funcional e paralelos	502
6.1.3.5.1	Catálogo de Materiais	512
6.1.4	A Basílica paleocristã do Rossio do Carmo	517

6.1.4.1	Localização e caracterização	517
6.1.4.2	Escavação, tipologia e paralelos	518
6.1.4.3	As sepulturas, os dados antropológicos e o ritual funerário	527
6.1.4.4	Espólio em exposição no Núcleo Paleocristão	533
6.1.4.4.1	Catálogo de Materiais	540
6.1.5	Outra necrópole ?	558
6.1.6	Os sarcófagos de Mértola	561
6.1.6.1	Catálogo de Materiais	567
6.2	A epigrafia cristã de Mértola	569
6.2.1	Os textos	572
6.2.2	Os suportes	582
6.2.3	A decoração	585
6.2.4	Inventário das epigrafes da Antiguidade Tardia de Mértola	587
6.2.4.1	Basílica do Rossio do Carmo	587
6.2.4.2	Basílica do Cineteatro Marques Duque	635
6.2.4.3	Mausoléu	641
6.2.4.4	Fragmentos com decoração	646
VII	**Catálogo de peças provenientes de Mértola**	653
7.1	Catálogo de materiais de Mértola do acervo do Museu Nacional de Arqueologia	655
7.2	Catálogo de Materiais de Mértola de proveniência diversa	660
VIII	**O *territorium***	671
8.1	Os edifícios de culto cristão do território de *Myrtilis*	672
8.1.1	A capela de Nª. Sr.ª do Amparo	674
8.1.2	A capela de S. Bartolomeu da Via Glória	675
8.1.3	O "Convento" de Corte da Azinha	676
8.1.4	A aldeia da Mesquita	676
8.1.5	A igreja de Santa Ana	677
8.1.5.1	Catálogo de Materiais dos edifícios de culto	679
8.1.6	Monte Mosteiro	685
8.1.6.1	A escavação arqueológica	688
8.1.6.2	A *villa* e o mosaico	688

8.1.6.3	O primitivo templo cristão	689
8.1.6.4	A necrópole	694
8.1.6.5	Ritual funerário	695
8.1.6.6	Estudo dos indivíduos	696
8.1.6.7	O espólio associado	697
8.1.6.7.1	Catálogo de Materiais	705
8.2	O povoamento rural na Antiguidade tardia no *teritorium* de Mértola	711
8.2.1	Levantamento arqueológico dos sítios Romanos e da Antiguidade Tardia	716
8.2.1.1	Freguesia de Alcaria Ruiva	717
8.2.1.2	Freguesia de Mértola	719
8.2.1.3	Freguesia de Corte do Pinto	734
8.2.1.4	Freguesia de Santana de Cambas	736
8.2.1.5	Freguesia de São João dos Caldeireiros	741
8.2.1.6	São Sebastião dos Carros	745
8.2.1.7	São Miguel do Pinheiro	746
8.2.1.8	Freguesia de S. Pedro de Sólis	750
8.2.1.9	Freguesia de Espírito Santo	754
	Conclusões	759
	Fontes	775
	Bibliografia	776
	Anexo I	847
	Anexo II	855
	Anexo III	859
	Anexo IV	863

Introdução

Tema objetivos e metodologia.

A escolha do tema da presente dissertação de doutoramento "Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (século IV – VIII)" foi motivada pelo meu percurso de investigação arqueológica em Mértola, local onde trabalho desde 1990. Integrado na equipa do Campo Arqueológico de Mértola (CAM) tenho vindo a desenvolver trabalhos arqueológicos na maior parte dos sítios aqui apresentados. Esta linha de investigação já deu origem a uma dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 2003, com o título "Mértola na Antiguidade tardia, A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvores do cristianismo", nunca interrompida, ela foi aprofundada no âmbito de um programa de doutoramento em "Patrimonio Histórico y Natural, Investigación, Protección, Difusión y Didáctica" na Universidade de Huelva, apoiada por uma Bolsa de Doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia entre Maio de 2011 e Outubro de 2013. A investigação arqueológica que tenho vindo a desenvolver abarca um período histórico muito mal conhecido, mas que, em Mértola e no seu território, apresenta uma riqueza anómala no panorama arqueológico peninsular Trata-se de um período de grande interesse historiográfico que, além do mais, compreende a transição entre o mundo romano, a cristianização e a islamização do espaço mertolense.

O objetivo central é perceber o que aconteceu em Mértola, a partir do século IV até ao processo de islamização, na cidade e no seu território. As novas construções e as transformações urbanísticas ocorridas na cidade e no seu território durante esse período histórico. Pretende-se assim , a partir dos vestígios arqueológicos – estruturais e materiais- entender os vestígios que ilustram as transformações da cidade desde o final do período clássico aos inícios da designada Idade Média.

Neste estudo são abordados os testemunhos materiais da Antiguidade Tardia que foram descobertos na antiga cidade romana de *Myrtilis* e seu entorno. A época estudada situa-se entre o final do período romano (século IV) e a queda do reino Visigodo de Toledo e começo da Islamização (inícios do século VIII), com especial incidência no processo de transformação da cidade com a implantação do cristianismo. Para isso, baseio-me nos dados provenientes dos trabalhos arqueológicos efetuados

nos últimos anos em Mértola e nas prospeções e escavações arqueológicas realizadas no seu termo, procurando encontrar uma perspetiva de compreensão geral do que foi esta época histórica no território mirtilense.

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo na urbe de Mértola desde os anos 80 do século XX, constituem-se como a principal fonte de informação disponível para o conhecimento da história local. Por exemplo, na zona do *forum*/alcáçova do Castelo de Mértola foi posto a descoberto um importante conjunto de estruturas pertencentes a um possível complexo religioso de época paleocristã e que contém dois batistérios. Do contexto urbano na Antiguidade Tardia foram intervencionadas estruturas de carácter defensivo (criptopórtico, torre do rio, torre semicircular), ou de carácter funcional (o porto e os poços de captação de água) e ainda os locais com funções cemiteriais (necrópole de S. Sebastião, Ermida de S. António, Basílica do Rossio do Carmo e o Mausoléu).

Além dos espaços urbanos, neste trabalho são também analisados alguns pequenos templos espalhados pelo concelho. A maior parte das vezes foram identificados a partir dos fragmentos de arquitetura remanescentes e enquadráveis no período cronológico em estudo: é o caso da capela de S. Bartolomeu da Via Glória, do pequeno templo do Monte Mosteiro e da capela da Senhora do Amparo (antiga capela de S. Brissos), que se contam entre os mais importantes para a leitura histórica e artística pretendida.

Os monumentos que aqui se apresentam inserem-se no ambiente urbano de Mértola e na sua área de influência, encontrando-se atualmente em situações de investigação distintas: a basílica paleocristã do Rossio do Carmo foi escavada e está atualmente musealizada; o mesmo ocorreu em relação à necrópole romana e tardo-romana da Achada de S. Sebastião; a zona do forum-alcáçova encontra-se ainda em trabalhos de escavação arqueológica; por fim a zona contígua ao Cineteatro, local que foi recentemente observado a título de emergência por motivo da remodelação do edifício do Cineteatro Marques Duque e da via pública. Sítios como a Torre do Rio e a área envolvente foram alvo de obras de consolidação e de valorização patrimonial.

Quanto aos sítios arqueológicos que possuem vestígios da cristianização e que se situam em torno da vila de Mértola, revelando assim uma outra realidade, a da penetração deste culto no mundo rural, serão abordados de uma forma mais sumária dada a escassez da informação atualmente disponível. Alguns destes edifícios - os que se foram reconstruindo sobre os mesmos locais ao longo dos tempos - encontram-se ainda abertos ao culto; outros estão em estado de abandono ou de ruína, prevendo-se a sua valorização patrimonial futura.

As fontes para o estudo da Antiguidade Tardia em Mértola e no seu território são, em grande parte, de natureza arqueológica. As referências escritas são escassas, como ocorre geralmente com os territórios periféricos. Assim, o material apresentado é, na sua maior parte, inédito. A bibliografia incide especialmente sobre obras gerais de conteúdo histórico, artístico e arqueológico, que permitem encontrar referências comparáveis no contexto da bacia mediterrânica, e sobre as diversas publicações levadas à estampa nas últimas décadas pelo CAM. Estas consultas foram decisivas no que concerne a preocupação de apresentar propostas de datação dos elementos arqueológicos, preocupação essa que foi uma constante no decurso deste trabalho e que requer o confronto com inúmeros exemplares estrangeiros. Para isso contribuíram também em alto grau as visitas efetuadas a locais arqueológicos relevantes para este período na zona do Mediterrâneo.

A fim de apresentar o enquadramento histórico do período estudado, esta dissertação é iniciada com um capítulo dedicado ao período da romanização que o precede.
As primeiras descobertas arqueológicas relativas ao mundo tardo-romano de Mértola devem-se a Estácio da Veiga, que, nos finais do século XIX, escavou a zona do Rossio do Carmo, identificando os vestígios de uma basílica paleocristã. A sua atenção incidiu igualmente sobre a ermida de S. António, a zona do forum/alcáçova do Castelo de Mértola e a Achada de S. Sebastião. Esses trabalhos são relatados no livro Memórias das Antiguidades de Mértola, de 1880. Nos inícios do século XX também J. Leite de Vasconcelos desenvolveu no Rossio do Carmo trabalhos arqueológicos, que posteriormente, no advento republicano (a partir de 1910) ficaram tapados pelo pátio da escola primária então edificada e pelo pavimento da praça. Seguiram-se os estudos de meados do século XX, em que o grupo ligado ao Arquivo de Beja contou com figuras

como Abel Viana, Luís Fernando e Delgado Alves, entre outros. Fernando de Almeida publicou num estudo da década de 60, um conjunto de esculturas provenientes de Mértola e, na década seguinte, uma interpretação da Torre do Rio.

Desde então, e até aos trabalhos do CAM liderados por Cláudio Torres, este período histórico não mereceu a atenção dos investigadores nacionais. Apesar de, na sua maioria, os trabalhos desta equipa estarem centrados na investigação dos testemunhos do período islâmico, com destaque para a época almorávida-almóada, tem sido possível, ao longo dos anos, recolher dados e pôr a descoberto vestígios que possibilitam uma interpretação relativamente abrangente da antiguidade tardia na história local, numa perspetiva em que a arqueologia não se confina a si própria, mas dá lugar a espaços de memória devidamente salvaguardados e colocados à disposição de todos aqueles que visitam Mértola para conhecer o seu património.

Tendo-me integrado na equipa do CAM em 1990, desde então colaborei no sonho do projeto Mértola Vila Museu, tendo participado e sido corresponsável pelas escavações arqueológicas desenvolvidas na basílica paleocristã do Rossio do Carmo, no forum/alcáçova, na Achada de S. Sebastião, no depósito de ânforas da Rua Serrão Martins, na zona dos poços (zona 33), no Cineteatro Marques Duque, no Mosteiro, no Mausoléu e recentemente no batistério II, entre outras. Não posso deixar de referir a motivação pessoal que estas escavações arqueológicas provocaram, e que levaram a esta apresentação da Antiguidade Tardia de Mértola.

A complexidade do tema leva a que a metodologia aqui seguida tenha sido também ela múltipla e complexa.
Ao longo deste trabalho procurarei expor de forma coerente toda a informação arqueológica disponível para depois poder fazer uma aproximação científica e crítica da história de uma área geográfica que conta com escassíssima documentação escrita entre os séculos IV e VIII. Será, portanto, através da leitura da realidade arqueológica que se fornecerão a bases do conhecimento desta etapa histórica. Contudo, esta visão, que procura ser global, é condicionada pelos vestígios existentes, pelo que, será parcelar e aberta a futuras revisões, à medida que novos dados arqueológicos ou documentais forem aparecendo.

Este estudo procura dar a conhecer um património arqueológico e artístico, inventariando-o e ordenando-o, e apontar uma série de conclusões que sirvam, como em qualquer outro processo científico, de estímulo para o desenvolvimento de futuros trabalhos e de novas perspetivas interpretativas. Os dados de que disponho neste momento não me permitem mais do que especulações lógicas ou plausíveis, que devem permanecer no âmbito das hipóteses.

Um contributo importante para o conhecimento da época em estudo foi a análise do conjunto epigráfico, que fornece indicadores cronológicos que permitem avançar para a catalogação de alguns elementos arquitetónicos, decorativos e litúrgicos provenientes, muitas vezes, de ambientes cujo contexto preciso se desconhece.

Ao analisar os vestígios das construções deparei, inevitavelmente, com a análise de uma realidade complexa e que sofreu múltiplas remodelações e ocupações, dado que o espaço foi ininterruptamente utilizado, nalguns casos até aos dias de hoje. Esta análise não deve limitar-se ao estudo de uma planta com um alçado reduzido e a uma descrição das técnicas construtivas ou dos materiais. Os edifícios não podem ser desligados da sua função, da sua decoração, das suas remodelações e do seu abandono e, sempre que possível, deve-se unir esforços com várias disciplinas para melhor poder compreender a sociedade da época. No fundo a pergunta é simples: como viviam as gentes de Mértola durante a Antiguidade Tardia? Como se relacionava a cidade com o seu território? As respostas a estas perguntas são um dos objetivos nucleares deste trabalho.

O ponto de partida para a abordagem da arquitetura da Antiguidade Tardia em Mértola foi a análise detalhada e diacrónica dos materiais de construção e das técnicas construtivas que foram utilizados nos edifícios públicos e privados. No caso dos elementos arquitetónicos soltos, efetuei uma catalogação exaustiva das peças expostas e as existentes no depósito do Museu de Mértola. A catalogação foi realizada em fichas que procurei serem exaustivas mas de leitura simples. Dei particular atenção aos aspetos técnicos dos elementos, designadamente às suas dimensões e tipo de pedra usada. Os dados relativos ao local de proveniência foram igualmente registados, uma vez que são importantes para tentar associar os elementos a determinados edifícios, tendo sido igualmente anotado o local de depósito das peças. Sempre que possível, procurei estabelecer a cronologia dos elementos. Finalmente, realizei a descrição das peças, seguindo a linguagem formal estabelecida em catálogos conceituados e ainda,

quando possível, procurei identificar possíveis oficinas, tendo por base pormenores técnicos que podem estar associados ao fabrico das diferentes peças.

As interpretações efetuadas começam pela análise da realidade arqueológica e da cultura material que lhe está associada, procurando compreender os vestígios construtivos e a funcionalidade das edificações, ensaiando assim modelos ocupacionais da evolução da malha urbana da cidade fortificada.
Um segundo espaço de análise concentra-se no subúrbio local, onde se desenvolveram as importantes necrópoles da cidade, e nas proximidades das muralhas pois aí se situavam aí os armazéns e as áreas artesanais.
Procurei alargar a minha investigação ao território envolvente de Mértola onde, para além dos trabalhos de prospeção realizados na área do concelho, foi cartografada a principal rede viária e identificados um importante conjunto de sítios. Na principal ligação viária entre *Myrtilis* e *Pax Iulia* tive a possibilidade de coordenar a escavação e recuperação do Mosteiro no monte do mesmo nome.
É de referir mais uma vez que uma parte significativa dos sítios arqueológicos aqui apresentados são inéditos, bem como a maior parte dos materiais arqueológicos. Eles são fruto de um trabalho de equipa – como o é toda a investigação arqueológica de campo ou laboratorial. Pessoalmente, tive um papel interveniente na codireção e no desenvolvimento destes trabalhos, com esforço e persistência.

Dentro da metodologia arqueológica de base, três situações ocorreram, no que se refere ao tipo de escavação e fase atingida :
a situação da zona a norte do Castelo de Mértola, um espaço protegido legalmente, onde se têm desenvolvido trabalhos arqueológicos contínuos desde 1978, com escavação em área, que estão muito longe de estarem concluídos;
outra é a situação dos sítios escavados e que posteriormente foram musealizados, tais como a basílica do Rossio do Carmo (1993), a Ermida e necrópole da Achada de S. Sebastião (1999), a Casa romana (inaugurado em 1988 e remodelada em 2012), o Mosteiro (2011) e Núcleo do Arrabalde Ribeirinho (2013);
por último, os locais onde se fizeram escavações de emergência e onde não houve a possibilidade de preservar os vestígios arqueológicos, pelo que se fez a "salvaguarda pelo registo". Aí, os locais tiveram que ser tapados para dar lugar a novas construções,

como foram os casos da intervenção na casa do Lanternim (1994, 2002 a 2004), os depósitos de ânforas na rua Serrão Martins (1999), os tanques na rua 25 de Abril (2002), a necrópole de incineração da rua Alves Redol (2008), a basílica e necrópole associada à basílica do Cineteatro Marques Duque (2001-a 2005 e 2008) ou o Mausoléu da Rua Afonso Costa (2008) e o Mercado Municipal (2010).

A diversidade do espólio arqueológico (numismas, objetos de adorno pessoal, vidros, cerâmicas, epígrafes, elementos litúrgicos e de arquitetura decorativa) levou-me a metodologias de análise específicas, tendo para o efeito consultado a bibliografia mais recente que nestas áreas do conhecimento arqueológico tem sido produzida.
Procurei não fazer uma análise exaustiva dos materiais, pois seria um trabalho infindável. Optei por fazer uma seleção dos que se enquadravam na temática em estudo e que ajudassem a contextualizar os sítios de onde vieram. Procurei, posteriormente, estabelecer uma cartografia dos achados, no intuito da compreensão mais alargada da topografia histórica de Mértola na Antiguidade Tardia.
Outra ferramenta de consulta fundamental foi a bibliografia científica produzida nestas instituições no âmbito académico tendo, felizmente, alguns destes trabalhos sido alvo de publicações posteriores.

Este estudo encontra-se dividido em nove partes:

- A contextualização geográfica pretende caracterizar sumariamente o território em estudo.
- Síntese dos antecedentes históricos e arqueológicos a partir dos finais da Idade do Ferro e do domínio romano;
- Síntese e ponto da situação relativamente ao período em estudo a nível peninsular.
- A urbe do ponto de vista da análise dos edifícios, da topografia histórica da cidade e da cultura material que lhe estava associada.
- Análise do conjunto musivo de Mértola, abordado num contexto peninsular mas, também, numa perspetiva mediterrânica da arte musiva.
- O *suburbium*, área em torno do espaço amuralhado onde se localizavam os armazéns e as atividades produtivas, bem como os principais edifícios religiosos aos quais estavam associadas importantes necrópoles.

- Análise dos materiais provenientes de Mértola que foram levados para o Museu Nacional de Arqueologia nos últimos dois séculos, e ainda um conjunto de materiais provenientes do casco antigo desta localidade que têm proveniências descontextualizadas de qualquer intervenção arqueológica.
- -Análise do *territorium*, dividida em duas parte:
    - Análise dos edifícios de culto cristão de que temos materiais. Dentro deste ponto, tem especial destaque o caso do Mosteiro onde desenvolvemos várias campanhas de escavação.
    - Conjunto de sítios com ocupação do período romano e da Antiguidade Tardia. Apesar das limitações da prospeção arqueológica e da pouca informação que as cerâmicas de superfície nos dão, foi possível cartografar no *territorium* de Mértola 114 arqueossítios, excluindo os achados efetuados na *urbs* de Mértola e no seu *suburbium*.
- Conclusões.

A investigação realizada levou-me a buscar apoios na área da informática, tendo sido realizadas algumas propostas de reconstituição volumétrica que ajudam a interpretação e a visualização de uma realidade desaparecida da qual sobraram escassos vestígios e que é importante dar a conhecer a diversos públicos.

I. Breve enquadramento geomorfológico

> "De longe em longe, na alvura das casas do monte ou no apinhado das aldeias, as marcas escassas de uma presença humana que mal quebra o isolamento. O Alentejo é isto: seara, montado e uma solidão solene" (Orlando Ribeiro, Geografia de Portugal, 1987-1981)

Mértola é uma pequena localidade situada a 50 Km a sul de Beja, numa zona em que a planície cede lugar às fortes ondulações da serra algarvia.

A região de Mértola é delimitada pelos concelhos de Beja e Serpa a norte, a sul por Alcoutim, a leste por Espanha e a oeste por Castro Verde e Almodôvar. Apresenta condições climáticas, paisagísticas e culturais comuns a outros espaços da bacia do Mediterrâneo.

Em termos climáticos, esta zona inscreve-se nos climas mediterrâneos, com invernos pouco chuvosos e verões extremamente quentes e secos.

Do ponto de vista geomorfológico, a maior parte do concelho de Mértola possui duas qualidades de solos, designados por lito-solos e solos mediterrânicos vermelhos de xisto, os quais apresentam grandes limitações para a prática da agricultura. São solos delgados, muito dependentes da degradação da rocha mãe, que apresentam uma elevada proporção de pedras, uma espessura que vai somente dos 10 aos 20 centímetros e que têm pouca capacidade de retenção das águas das chuvas (Oliveira, 1996: 26).

Em termos geológicos, esta área é constituída por rochas metamórficas, nomeadamente por grauvaques, xistos, metearenitos, espelitos, siltitos, conglomerados e quartzovaques, entre outros. Surgem também algumas rochas quartzíticas e vulcânicas, estas últimas associadas a uma importante área mineralizada – a faixa piritosa Ibérica, que se estende do litoral alentejano (Canal Caveira) até Espanha (Rio Tinto – Huelva).

Do ponto de vista morfológico, o território envolvente de Mértola é um espaço de transição entre duas realidades distintas, as grandes planícies dos barros de Beja e os contrafortes das serranias. Cruzando este espaço de Norte para Sul, o rio Guadiana e os seus afluentes surgem como elementos estruturadores do espaço. Deste modo, a parte norte do concelho caracteriza-se, em linhas gerais, por um relevo suave em que apenas

os cursos de água e alguma pequenas elevações modelam a paisagem. Na parte sul predomina, na transição para a serra do Caldeirão, um relevo mais abrupto, com cursos de água fortemente cavados e com declives que por vezes ultrapassam os 25%. A maior parte do território apresenta uma altitude inferior a 200 metros, embora, excecionalmente, esta possa ser superada, nomeadamente nas Serras de Alcaria (370 m.), Alvares (310m.) e de São Barão (306 m.).

Fig. 1 – Localização de Mértola e do seu território na Península Ibérica

"No conjunto do Baixo Alentejo, o espaço maior era o inculto. Por todo o lado, junto às parcelas cultivadas, espreitava o mato, uma vegetação feita de silvas, carrasqueiros, de azinheiras e daquelas plantas fortemente aromáticas que caracterizam a vegetação mediterrânea: estevas, rosmaninho, soagem, sargaço, orégãos; nos barrancos, poejo, beldroegas, agriões (…) e um bosque dominado por espécies arbustivas" (Mattoso, Daveau e Belo, 1997: 19). Contudo, algumas oliveiras, figueiras e outras árvores de fruto marcam presença nas pequenas hortas dependentes da água existente. Os atuais montados de azinho ocupam cerca de 25% do atual concelho. Esta árvore de grande importância para a região, de onde se obtinha a lenha e a madeira mas que, sobretudo,

permitia desenvolver o pastoreio e a apicultura, está atestada no sul do concelho desde o período romano (Alarcão, 1974: 4).

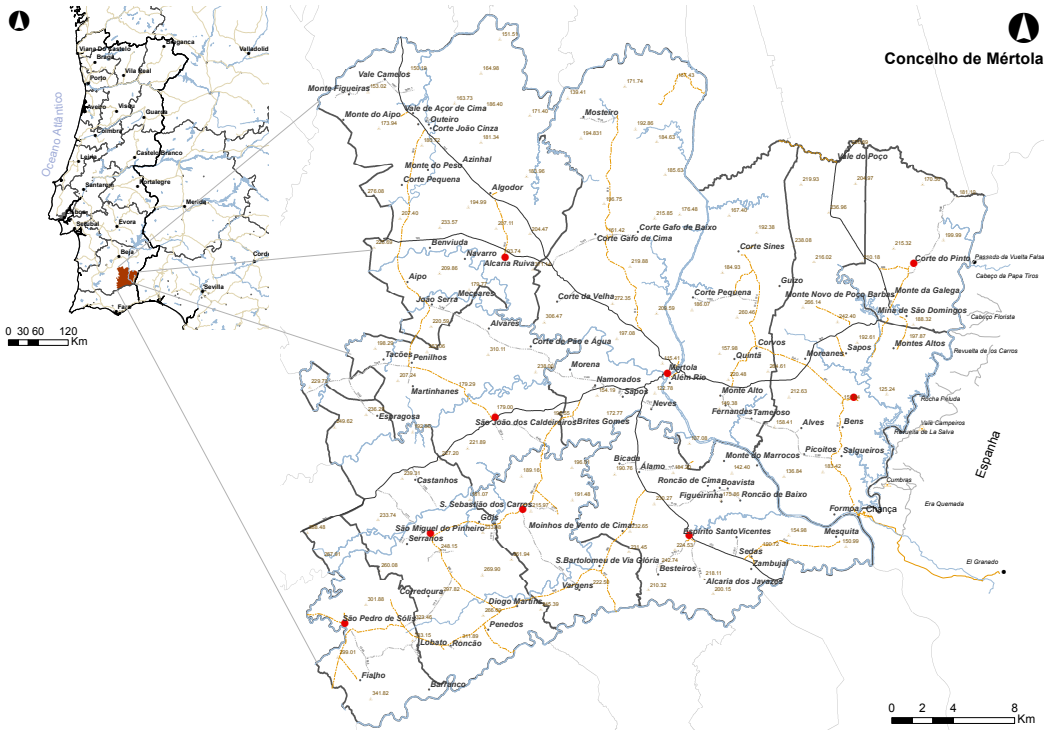


Fig. 2 – Localização de Mértola. Concelho

O rio Guadiana, a grande avenida da nossa Antiguidade, é navegável desde a foz até Mértola, numa distância de cerca de 66 km. O regime violento e irregular do rio[1] restringe a navegação durante o período de cheias ao longo de todo o percurso; no entanto, esta faz-se com certa dificuldade, mesmo em épocas normais, no troço entre o Pomarão e Mértola.

Contrariamente aos portos de *Olisipo* e *Hispalis*, localizados junto a rios e sujeitos a grandes assoreamentos, o porto de Mértola ter-se-á mantido inalterável do ponto de vista geomorfológico e de regime ao longo de muito tempo. As populações que aí habitaram e se sucederam terão tido, por isso, idênticos problemas de superação das dificuldades de passagem, navegação, embarque e desembarque (Simplício, Barros, Lopes, 2003: 35-47).

[1] - Devido a uma precipitação de cerca de 500 mm/ano, concentrada nos meses de Novembro a Março, podendo um só dia apresentar 30% da precipitação anual.

II - Antecedentes Históricos

A história do burgo foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois fatores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantado no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuía excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, o ser ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana: a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros, impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire importância fundamental como último porto de acostagem. Esses fatores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo. Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica (Oliveira e Oliveira, 1996: 11), em particular os minerais provenientes das minas de S. Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel), ou dos "chapéus de ferro", explorados na zona a oeste de Mértola estando, certamente, relacionados com a exploração e transporte desse minério os *castella* localizados nesta área (Maia, 1986: 195-223; Maia, e Maia, 1996: 60-81); e, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefatos.

Fig. 3 - A "Corredoura" e o Pulo do lobo, obstáculo intransponível na navegação do rio Guadiana.

A importância de Mértola é, também, indissociável da sua excelente localização. Ao nível regional estava situada no percurso da via terrestre que ligava, desde o Bronze Final, o próspero reino de Tartesso à foz do Sado e ao estuário do Tejo, via essa por

onde se encaminhava, para o Mediterrâneo, o estanho vindo do norte de Portugal e da Beira Interior (Alarcão, 1989: 41). Ela atravessava o Alentejo entre a foz do Sado e o Guadiana, através da qual se ligava ao sul da Andaluzia.

Estas caraterísticas vão dar a Mértola um importante papel nos processos históricos subsequentes, pois as estradas e o rio não transportam somente mercadorias mas, também, e principalmente, as ideias e as culturas daqueles que as percorrem, influenciando as populações dos locais que visitam. Quanto maior é o número de visitantes estrangeiros mais é facilitado o contacto com eles, maior e mais marcante será a adoção de outras referências culturais, num sentido lato, e menos conservadora a sua evolução. Mértola, terra de comércio, é, sem dúvida, um local onde essa miscigenação deixou marcas relevantes.

2.1 Mértola pré-romana

A importância de Mértola como centro regional ligado ao comércio é hoje indiscutível, e recua, pelo menos, à segunda metade do I milénio a.C.. Prova-o, arqueologicamente, o significativo conjunto de cerâmicas áticas encontradas em vários locais do casco urbano desta vila, datadas dos finais do século V – IV a.C. (Arruda, Barros e Lopes, 1998: 121-149), bem demonstrativo das rotas comerciais que por esta cidade portuária passavam, independentemente de se fazerem diretamente ou por interposição dos portos algarvios. O estudo deste lote cerâmico veio a revelar que as populações que habitavam Mértola, na segunda metade do I milénio a.C., possuíam poder de compra e hábitos sociais que lhes permitia utilizar recipientes cerâmicos provenientes da Grécia.

Um outro dado relevante, para o conhecimento da cidade neste período, foram as sondagens realizadas recentemente e que revelaram um importante conjunto de estruturas defensivas situado na parte norte da então cidade (Lopes e Hourcade, 2001: 209; Hourcade, Lopes, e Laberthe, 2003: 175-210).

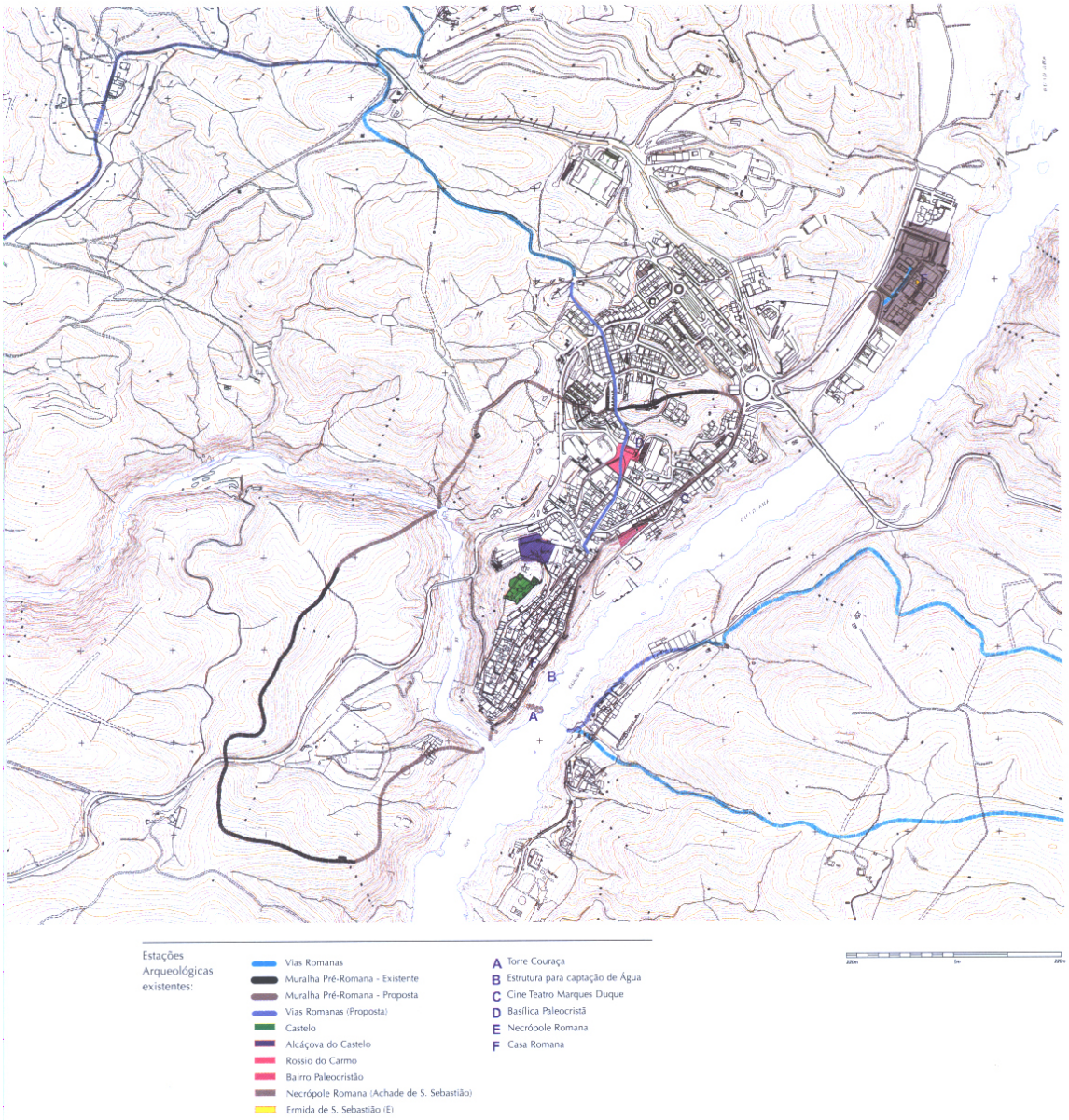


Fig. 4 – Mapa geral com a implantação da muralha da Idade do Ferro

Esta imponente construção arranca dum cerro na margem direita do rio Guadiana no (local onde se fizeram as sondagens), percorre os cerros fronteiros a Mértola e termina a sul do Convento de S. Francisco (Convento Velho), onde ainda são visíveis restos de muros com cerca de metro e meio de altura, pertencentes, possivelmente, a um fortim de planta trapezoidal, claramente posterior a um primeiro recinto que aí teria existido, esse sim coevo da longa muralha circundante da urbe. Desta forma, a estrutura criava uma zona de proteção e de monumentalização da cidade na margem direita do rio Guadiana. Não é de excluir a hipótese de que este sistema defensivo se prolongasse paralelamente ao rio, e que, na zona do casco antigo, coincidisse com o traçado da atual muralha, em direção ao local onde se fizeram as sondagens. A extensão total é de cerca de 4 km, o que equivale a um recinto fortificado de 70 hectares, área

consideravelmente significativa, que não só protegia a urbe mas, também, os locais agrícolas e pecuários.

A muralha ronda os cinco metros de largura e apresenta ainda 1,5 km de extensão conservada. As duas torres semicirculares, parcialmente escavadas no referido topo norte, têm uma largura de 4 e 6 metros, respetivamente, e nas áreas onde se procedeu

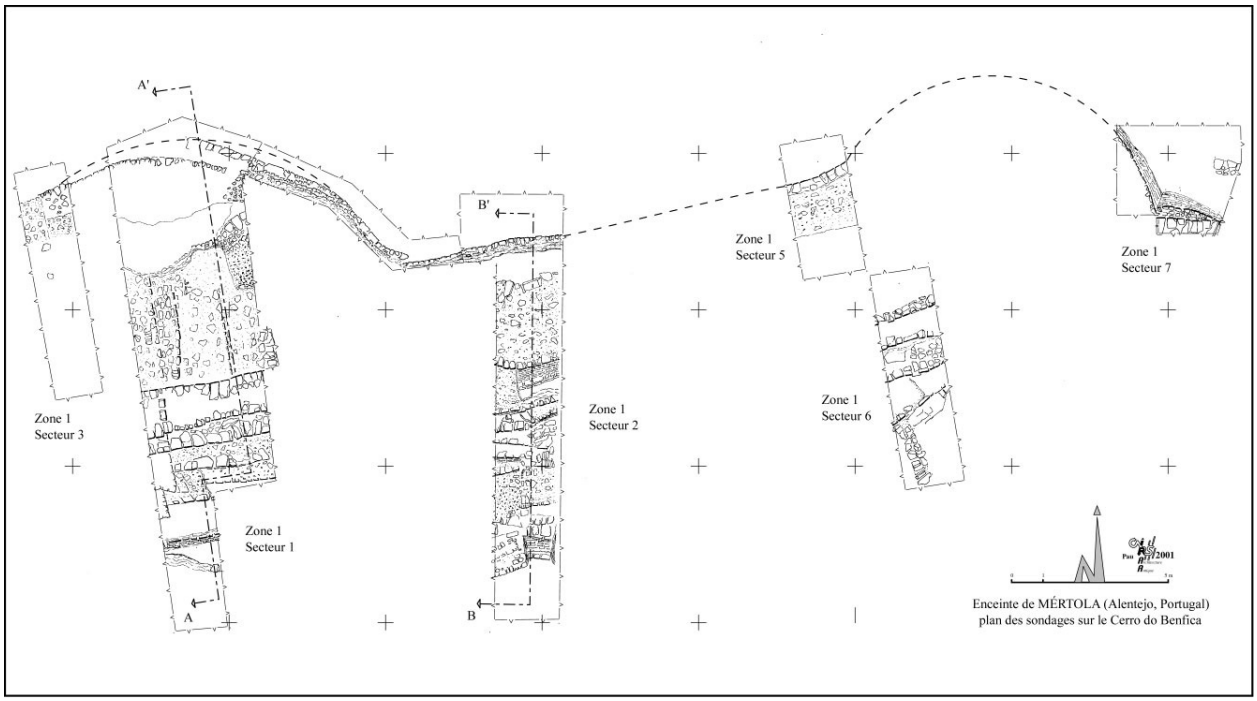


Fig. 5 – Planta das escavações efetuadas na muralha da Idade do Ferro.

à feitura de cortes transversais, a muralha tinha entre 10 e 15 metros de largo.

Esta muralha foi edificada com materiais de construção locais, constituídos por uma alvenaria de xisto com ligante de terra ou barro. Na parte interior foram construídos vários muros paralelos, dispostos em socalcos. Esta técnica construtiva de muros paralelos conferia à construção maior largura e, possivelmente, maior altura.

No exterior dos torreões semicirculares foi observada a construção de muros radiais. As sondagens efetuadas revelaram a fragilidade da estrutura que, pelo que é dado observar, foi alvo de várias reconstruções incidindo, especialmente, no reforço da mesma, pois o xisto empregue é bastante friável, desfazendo-se com grande facilidade. Para superar esta dificuldade, os construtores levantaram muros paralelos para o reforço dos preexistentes.

Os materiais arqueológicos recolhidos no exterior da muralha são em reduzido número, pelo que constituem elementos pouco seguros para o estabelecimento de uma cronologia precisa. No entanto, apontam-nos horizontes cronológicos que vão desde o século VII ao IV a.C.. Foram também exumados alguns fragmentos de cerâmica comum, enquadráveis cronologicamente no Alto Império. Estes últimos elementos permitem-nos pensar que a muralha, ou pelo menos alguns panos desta, ainda estariam visíveis em época republicana.

A intervenção realizada na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola, entre 2005 e 2006, deixou a descoberto um troço de muralha, datada de Época Romana Republicana (século II a.C.), bem como o seu torreão que se encontra em razoável estado de conservação. Os trabalhos continuaram no verão de 2006 e, durante esta última campanha, foi posto a descoberto um outro troço de muralha datada da Idade do Ferro (Palma e Rafael, 2012: 478): parece que se trata de uma outra cintura de muralha, com a função de proteger um núcleo habitacional mais restrito e que, dada a sua contemporaneidade, formaria uma segunda linha de proteção da cidade.

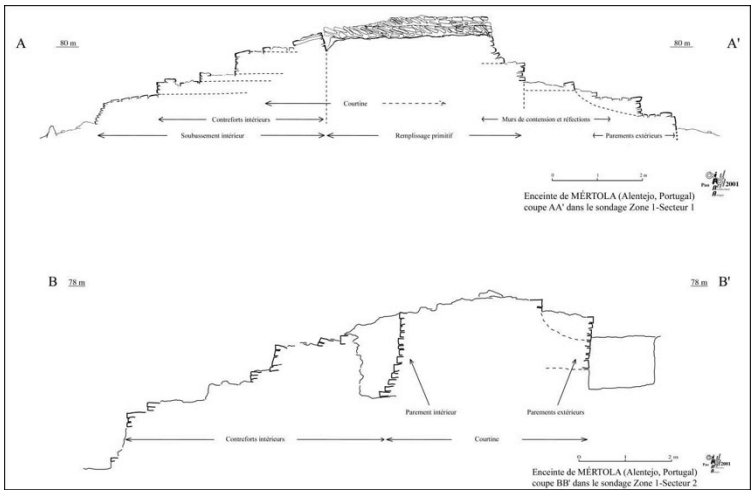


Fig. 6 – Cortes da muralha da Idade do Ferro

2.2 O território

A riqueza mineira da área envolvente de Mértola, e o facto de esta desempenhar uma função portuária importante trouxeram, a esta cidade, comerciantes e soldados de

Roma. No território desta cidade foram identificados cerca de cento e vinte sítios, com um horizonte cronológico que vai desde inícios do século II a.C. até ao século VIII.

Segundo um mapa das *civitates*, publicado pelo professor Jorge Alarcão, (1990: 367), os territórios da *civitate* de *Myrtilis* seriam delimitados, a nascente, pelo rio Chança e, um pouco mais para oriente, "pelos festos dos principais acidentes de terreno que assinalam o início do Andévalo" (Pérez Macias, 1996b: 18), na atual província de Huelva; era também a oriente que se fazia a confrontação dos territórios das províncias da Lusitânia com as da Bética.

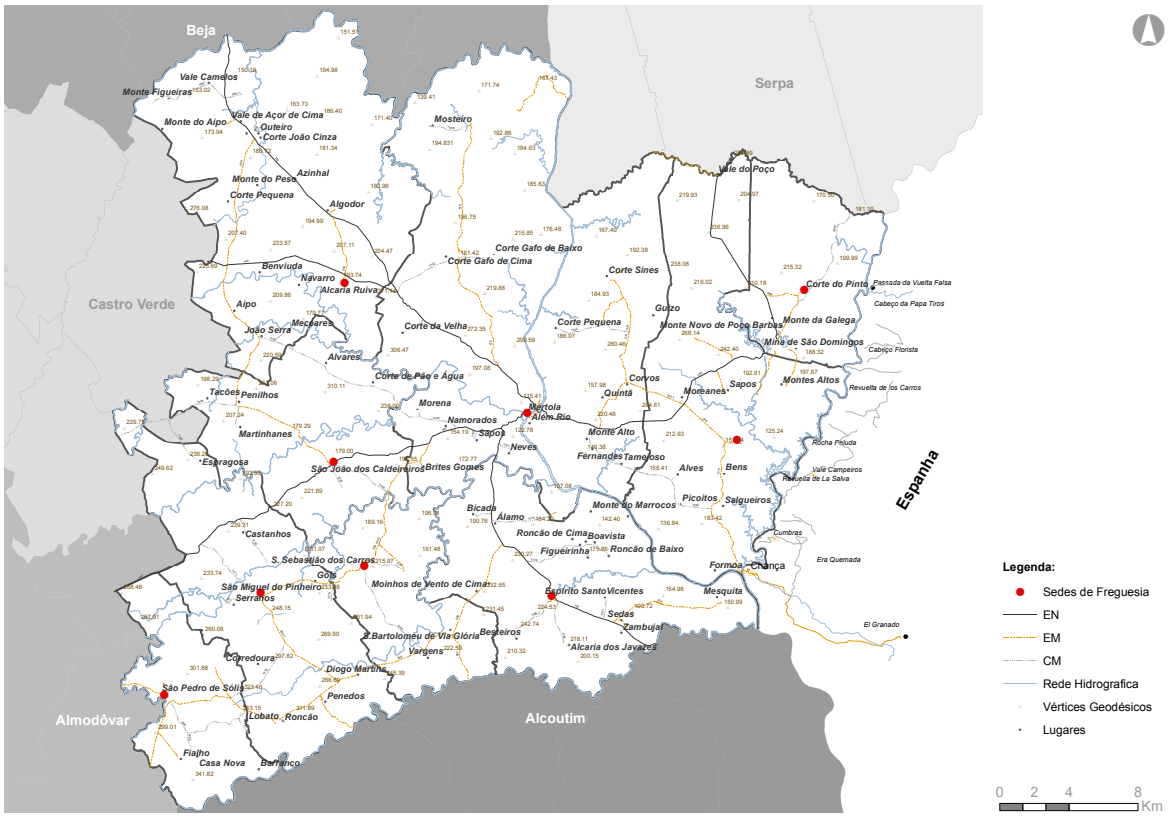


Fig. 7 – Mértola e o seu território

A Norte, os limites do *territorium* de *Myrtilis* confrontavam com os de *Pax Iulia*. Seriam as ribeiras de Terges e Cobres, desaguando juntas no rio Guadiana, a delimitar fisicamente os territórios das duas cidades. Na margem esquerda deste rio, os limites passariam pela ribeira de Limas, hidrónimo que, possivelmente, deriva da palavra latina limes, prolongando-se por uma linha de relevos integrados na serra de Serpa (Lopes, 1996: 67).

A Sul, a ribeira do Vascão e as serranias da Serra do Algarve separariam a área de influência da cidade de *Myrtiils* da de *Balsa* pois, ainda hoje, essa zona divide as províncias do Alentejo e Algarve.

Se algumas condicionantes de carácter geográfico contribuem para a delimitação de um território, não nos parece ter sido esse o caso de Mértola, no que concerne à fronteira a poente. Em primeiro lugar, são quase inexistentes os acidentes geomorfológicos que marcassem uma fronteira. A raia, a existir, poder-se-ia ter localizado em torno das designadas "matas de Almodôvar", como refere o foral de 1239. A existência de topónimos, como Salto e Entradas (Castro Verde), sugerem uma possível área de delimitação dos territórios a oeste de Mértola. No entanto serão suposições apenas pois é, ainda, duvidosa a localização de *Arannis* ou *Arandis* (Alarcão, 1990: 363), cidade que se situaria na região de Ourique, Colos, Santa Luzia ou Garvão, e cujo território confrontaria com o de *Myrtilis*. Este antigo termo de *Myrtilis* corresponderia, grosso modo, à área do atual concelho de Mértola.

Da cerca de uma centena de estações arqueológicas romanas conhecidas no território da *civitas* de *Myrtilis*, apenas quatro foram alvo de intervenções arqueológicas sistemáticas. O primeiro caso foi o do *castellum* de Manuel Galo, quase no limite sul do concelho, escavado na década de 70 do século XX, por Manuel e Maria Maia.

O segundo surgiu num contexto de escavação de emergência, levada a cabo pelos Serviços Regionais de Arqueologia do Sul, em 1986, e revelou uma pequena necrópole constituída por oito sepulturas, junto à povoação de Amendoeira de Cima (a noroeste de Mértola) (Rosalino,1986: 114). Seguiu-se-lhe a de um pequeno assentamento rural existente no Cerro da Texugueira, escavado pela equipa do CAM, na década de 90 do século XX, possivelmente relacionado com a estrada que ligava *Myrtilis* ao *vicus* mineiro localizado na serra de S. Domingos.

Outro local em que (em que se desenvolveram) trabalhos arqueológicos foi o Monte Mosteiro. Este está localizado na parte norte da freguesia de Mértola, junto da antiga estrada que ligava *Myrtilis* a *Pax Iulia*, na proximidade da difícil passagem da ribeira Terges e Cobres, e sensivelmente equidistante das duas cidades.

A primeira ocupação detetada neste sítio aponta para a existência de estruturas relacionadas com uma *villa* romana. Deste período fazem parte restos de muros encontrados no anexo situado a norte, tramos da parede norte da igreja e restos de

mosaicos descobertos no exterior do edifício. No que respeita a estes últimos, trata-se de um mosaico polícromo do qual se conservou uma pequena parte, composta por motivos geométricos de semicírculos e triângulos alternados e círculos secantes. Pelo desenho, e pelo uso de tesselas de várias cores (brancas, pretas, amarelas e vermelhas), podemos situá-lo por volta dos finais do século III, inícios do IV da nossa era. A sul do edifício encontramos restos de pavimento musivo, apesar de este se apresentar fora do contexto original, numa camada de revolvimento. Teria sido um mosaico bicromático, constituído por cubos pretos e brancos, o que indicia ter pertencido a uma fase mais antiga da *villa* (Lopes, 2011: 9).

Os levantamentos arqueológicos efetuados pela equipa do CAM no concelho de Mértola apontam para os seguintes vestígios: sete locais que apresentam estruturas defensivas da tipologia das *villae* fortificadas ou *castella*, o centro urbano de *Myrtilis*, que se estendia pelas duas margens e cerca de seis dezenas de assentamentos rurais. Destes últimos destacamos duas *villae*: a do Cerro da Mina, nas imediações do Monte dos Fernandes onde, para além de serem visíveis restos de habitações, foram recolhidas tesselas bicromáticas e restos de canalizações em chumbo; referir ainda a *villa* do monte da Bombeira - a jusante de Mértola - onde foi identificada uma possível barragem romana reutilizada como açude de um moinho. Na face jusante desta construção são visíveis fragmentos de fustes de colunas em mármore reutilizados. Os vestígios arqueológicos aí descobertos fazem supor a existência de habitações com padrões e requintes urbanos, nomeadamente mosaicos e termas.

Merece destaque o sítio de Quintã D. Maior localizado na freguesia de S. Pedro de Sólis. No local existe um imponente bloco de *opus caementicium*, sem qualquer face, chamado localmente de "Torrejão" tratando-se, provavelmente, de um elemento construtivo pertencente aos restos de um mausoléu ou de uma barragem. Sustenta esta segunda hipótese a sua proximidade a um curso de água e a sua semelhança com outros blocos existentes em barragens do Alentejo e Algarve. Trata-se de um local com uma longa ocupação, cuja cronologia recua, pelo menos, ao início da romanização, pois nas imediações existe um possível *castellum* que, posteriormente, se reestruturou e deu lugar a uma próspera exploração agrícola, onde não faltam os vestígios de materiais marmóreos.

Um outro local extremamente importante, para a perceção dos inícios do processo da romanização, é o sítio de Mata-Filhos, sítio arqueológico situado a cerca de 10 km a norte de Mértola, nos contrafortes da Serra de Alcaria Ruiva. O cerro domina, ainda que um pouco afastado, o largo vale que corre a norte da Serra de São Barão.

A área de distribuição de achados estende-se por mais de 2700 m2 e encontra-se delimitada em toda a sua extensão por uma muralha que aproveita os afloramentos rochosos para a sua implantação. Nas zonas de maior visibilidade, os muros apresentam uma espessura de dois metros e o talude, na zona nordeste, tem cerca de quatro metros e meio (Luís, 2003: 364).

Os achados realizados no local apresentam uma cronologia entre o século III e o I a.C.. São de destacar as ânforas itálicas, desde as greco-itálicas (Classe 2) até às Dressel 1, Classes 3, 4 e 5. Estas ânforas, que se distribuem por todo o Mediterrâneo Ocidental, transportavam vinho itálico no seu interior (Luís, 2003: 375).

Trata-se de um sítio fortificado, de tamanho médio, com uma ocupação que não atinge momentos imperiais (anteriores aos finais do século I a.C.) Supõe-se, assim, que se trate de fortins, que albergariam pequenos contingentes militares que estarão relacionadas com os inícios da romanização ou com algum episódio das guerras sertorianas (Arruda e Almeida, 1999: 334-335).

O povoamento rural do *territorium* de *Myrtilis* é diferente do da sua vizinha *Pax lulia*, certamente devido à distinta qualidade dos solos e configuração do terreno. Jorge Alarcão distingue, para o povoamento rural isolado, três níveis de classificação: a *villa*, a granja e o casal (Alarcão, 1999: 31). Excluindo os exemplos das duas *villae* referidas anteriormente, pensamos que os assentamentos agro-pecuários do período romano se inscrevem numa lógica de povoamento mais pobre, do tipo granja ou casal, ou seja, modestas explorações com áreas entre os 3 e os 15 hectares.

Um local como o Castelo de Papa Leite, a sudoeste de Mértola, poderá ser uma *villa* alto-imperial fortificada, com continuidade tardia atestada pela presença de terra sigillata clara D (Alarcão 1988b: 203) e poderá, portanto, ser perspetivada na ótica das grandes *villae* residenciais do século IV, numa relação direta com a cidade de *Myrtilis*.

Nos últimos anos foram também referenciadas seis explorações mineiras, das quais se destaca a Mina de S. Domingos, que foi explorada, a julgar pelas moedas aí encontradas,

desde a época de Augusto (século I) até aos tempos de Teodósio (finais do século IV). Jorge Alarcão refere ainda o aparecimento, numa galeria de escoamento, de dez rodas de madeira de azinho para elevação de águas. Oito destas rodas possuíam um diâmetro de 5,28 m e as restantes 3,96 m (Alarcão, 1988b: 200). Os trabalhos de mineração desceram a cerca de 20 m abaixo da galeria de escoamento (Allan, 1965: 146-147). Ao longo do vale, onde desaguava essa galeria, foram encontrados restos de habitações, colunas, capitéis, uma necrópole (Carvalho e Ferreira, 1954: 23-24), uma inscrição funerária (Lambrino, 1967: 123-217) e bronzes figurativos (Figueiredo, 1887: 70-72; Figueiredo, 1889: 113-114). Outro importante conjunto de explorações, possivelmente pertencente ao couto mineiro de S. Domingos, é o Cerro do Ouro, local situado junto a uma das passagens da Ribeira do Chança. Neste cerro são observáveis vários poços e galerias de distintas dimensões, o que leva a supor que alguns terão sido abertos e exploradas no período romano. No entanto, ainda em 1955, o cerro era alvo de interesse e de exploração, como o demonstram os levantamentos topográficos solicitados pela empresa Mason and Barry Limited, em Junho desse ano (Rego, 2004: 11).

A escassos seis quilómetros para oeste de Mértola, nas margens da ribeira de Oeiras, existe um outro topónimo com a mesma designação de Cerro do Ouro. A exploração está situada na vertente norte da ribeira de Oeiras, tendo sido construído, em período moderno, um caminho e uma ponte para retirar o minério pela margem sul; trata-se, também, de uma exploração onde ainda são visíveis poços e galerias, não sendo de excluir a existência de uma exploração antiga.

Fig. 8 – A exploração Moderna da Mina de S. Domingos, que seccionou as galerias e poços das explorações romanas.

Por último, a equipa do CAM registou sete locais de enterramento. Se excluirmos as necrópoles localizadas em torno de Mértola, as restantes são de pequenas dimensões. Apenas a de Amendoeira de Cima, localizada nas imediações da via que ligava Mértola

a Beja foi, como já se disse, alvo de uma intervenção arqueológica de emergência. Destas sepulturas foram exumados alguns objetos de ferro, nomeadamente cinco pontas de lança, um fragmento de alvado, três pregos e quatro barras de uma cinta que envolveria as placas de mármore de um dos caixões. Os autores da escavação apenas lhe atribuem uma cronologia genérica do período romano (Rosalino, 1986: 114). Trata-se de um espólio militar estranho à região onde o povoamento é exclusivamente rural, representado por pequenas explorações agropecuárias e onde, por vezes, também se procedia à exploração mineira. O esgotamento das jazidas e a procura de pastagens obrigava a uma permanente mobilidade que vem refletir-se no cenário de algumas centenas de sítios arqueológicos deste tipo espalhados pelo Baixo Alentejo (Torres, 1992: 198).

Entre os vestígios desta época, encontra-se ainda uma importante necrópole. Na "Eira do Ti Zé Tomé", junto à povoação da Corte Gafo de Baixo, foram encontradas quinze sepulturas escavadas no afloramento rochoso e cobertas com lajes de xisto. A proximidade deste cemitério à estrada que ligava *Myrtilis* a *Pax lulia*, os materiais aí encontrados por populares, como vidros, cerâmicas de paredes finas e lucerna, apontam horizontes cronológicos situados no século I – II d.C.. A orientação das sepulturas (nascente - poente) sugere a possibilidade de ter havido uma longa utilização da necrópole, com enterramentos cristãos nos séculos seguintes (Lopes, 2003: 164).

2.3 As vias de comunicação

O rio Guadiana terá funcionado, mesmo antes e "durante a Idade do Ferro, muito provavelmente, como um caminho comercial, ligando diretamente o litoral algarvio aos distritos mineiros do Baixo Alentejo" (Torres, 1992, 198; Arruda, 1997: 117).

O porto fluvial de Mértola, marcando o fim do troço navegável, era o centro onde convergiam os caminhos terrestres. Todas as embarcações da época, à vela e a remo, esperando embora a praia-mar para o atravessamento de dois perigosos baixios existentes nas proximidades, abicavam no areal junto à Porta da Ribeira onde eram calafetadas a seco antes da viagem de regresso (Torres, 1998: 7- 8). Entretanto, a partir do século III d. C., com a quebra de produção das minas de S. Domingos, desenvolve-se um novo e florescente mercado agrícola dirigido ao abastecimento das principais

metrópoles do Mediterrâneo. *Pax lulia* mantinha-se como a capital do vasto *Conventus* e, nas suas imediações, desenvolveram-se, na centúria seguinte, luxuosas *villae* como Pisões ou S. Cucufate. As suas terras férteis produziam vinho, azeite e trigo, cujos excedentes eram escoados pelo Guadiana que, excluindo os dias de cheia, permitia uma navegação constante durante todo o ano. Ao contrário, os portos de Sines e Alcácer (Salacia) eram apenas acessíveis durante os meses de verão.

A principal via de comunicação era, sem dúvida, o rio Guadiana, sendo nas suas margens que se concentrava o povoamento. Entre várias outras *villae* destacam-se o Álamo, onde ainda são visíveis os restos de uma barragem romana, o Montinho das Laranjeiras ou o sítio de Vale de Condes, concelho de Alcoutim. No concelho de Mértola, o fenómeno de ocupação das margens é semelhante. Destacam-se, neste contexto, os vários povoados existentes na zona da Mesquita, certamente ligados à atividade portuária antes da construção moderna do Pomarão ou, ainda, o antigo povoado de Cabrassada, onde foram recolhidos vários fragmentos de ânforas que provam a vitalidade comercial das povoações ribeirinhas.

A bibliografia arqueológica tem referido a existência para Sul de uma estrada paralela ao rio Guadiana. A atestar a existência do traçado terrestre, vários autores referem o Itinerário de Antonino e a Cosmografia do Anónimo de Ravena. Segundo estas fontes, são praticamente coincidentes os traçados da estrada do Algarve e da via que percorreria o vale do Guadiana (Herás, 1975: 79). A este respeito A. Viana indica que "Myrtilis ficava a 40 milhas de Castro Marim" (Viana,1960: 214; Fabião, 1992: 268) A. Viana apresenta um traçado coincidente com o da antiga estrada nacional 122. Da mesma opinião partilha V. Mantas que refere que "esta estrada" partia de Castro Marim (Baesuris), tocando em Mértola (*Myrtilis*), de onde seguia diretamente para a capital do *Conuentus Pacensis*. Era designada no Itinerário de Antonino (43 I, 4-7) como per *compendium*, ou seja, pelo caminho mais curto" (Mantas, 1997: 315). O facto de o autor clássico indicar o percurso em milhas e não em estádios, como era usual em trajetos fluviais e marítimos, leva V. Mantas a garantir a existência dessa estrada. Contudo subscrevo a opinião de J. Alarcão, que refere que "a navegabilidade do Guadiana parece dispensar uma estrada por terra entre Mértola e Besuris" (Alarcão, 1988a: 100-101; da mesma opinião: Torres, 1992).

São sobejamente conhecidas as dificuldades e a morosidade em transpor a serra algarvia pelos caminhos antigos. O relevo é, de facto, extremamente acidentado, sendo frequentes os cursos de água que dificultam o atravessamento; mais o seria antes da construção das modernas estradas, apenas concluídas em inícios do século XX. Apesar das referências do Itinerário de Antonino a esta estrada romana junto ao Guadiana, esta carece de confirmação arqueológica. As prospeções realizadas recentemente na margem esquerda, por arqueólogos da Universidade de Huelva, apontam para a existência de uma rede viária romana, que inclui restos de pontes, parecendo obedecer à mesma lógica de escoamento dos minerais em direção a portos fluviais no Guadiana. O seu traçado não é, obviamente, paralelo ao rio, antes procurava pôr em contacto as zonas mineiras da serra com os pontos de embarque (Ruiz Acevedo, 1998: 40, Fig. 2).
As *villae* localizadas nas margens teriam entre si ligações terrestres mas é evidente que seria mais rápido, e económico, o transporte por via fluvial do que o terrestre. Insiste-se, como diz Cláudio Torres, em encontrar uma calçada ao lado do que seria "a grande e plácida avenida fluvial" do curso do Guadiana. Segundo este autor, a serra algarvia nunca foi atravessada por nenhuma via em época romana: apenas caminhos de pé posto, de uso vicinal e controlados pelas comunidades serranas (Torres, 1992: 190-191). De facto, a ligação entre *Baesuris* e *Pax lulia* parece mais lógico fazer-se por via fluvial até Mértola, seguindo daqui para a capital do *Conventus* por uma ligação terrestre arqueologicamente confirmada. Sendo as deslocações fluviais e marítimas mais rápidas, mais baratas e seguras que as terrestres foi, certamente, pelo rio que se processou o tráfego de mercadorias pesadas e de matérias-primas vindas de grandes distâncias.

No que respeita às vias de comunicação terrestres existentes, o percurso principal era o que ligava a cidade de *Myrtilis* à capital regional, *Pax lulia*: esta estrada saía de Mértola pelo Furadouro, desfiladeiro já desaparecido e de que resta apenas um registo fotográfico. A via ainda é reconhecível arqueologicamente na zona do perímetro florestal, sendo possível observar troços de calçada ou cortes feitos na rocha de base; segue depois em direção às povoações de Corte Gafo de Baixo e Monte Mosteiro. Neste local atravessaria os vaus da ribeira Terges e Cobres, seguindo para Salvada e Beja.
De Mértola seguia uma outra variante que passava na Achada de S. Sebastião juntando-se, pouco depois, à estrada principal referida anteriormente. Este caminho secundário

acompanhava a margem do Guadiana até ao barranco de S. Brás, infletindo, então, para o Vale de Évora. Neste ponto ligava-se à via principal, que passava junto ao Rossio do Carmo (em Mértola), e prosseguia para o interior. Por essa estrada, na passagem da ribeira Terges e Cobres, não existe qualquer vestígio de ponte, pelo que a passagem para a outra margem deveria realizar-se pelos vaus, locais bem calcetados, cujo atravessamento era possível mesmo com alguma corrente. Em função do nível das águas, assim se escolhiam os vaus da Amendoeira da Serra ou do Porto da Salvada (na margem direita da ribeira Terges e Cobres), seguindo na direção do Monte do Pica Milho. Na margem esquerda da ribeira são visíveis as marcas dos rodados gravados na rocha. Deve salientar-se, no entanto, que este vestígio da passagem de carros dificilmente poderá ser enquadrado cronologicamente, pois estas passagens foram utilizadas até aos nossos dias. Para além desta passagem existem mais duas de características semelhantes: a do Monte Mosteiro, atravessando a ribeira no Vale de Rocins, e ainda uma outra, designada por Água Salgada.

Para além desta via de maior envergadura existiam outros dois grandes eixos viários de ligação de Mértola ao interior alentejano: um em direção às principais minas da faixa piritosa ibérica, nomeadamente *Vipasca* (Aljustrel), e um segundo que punha em contacto a antiga *Myrtilis* com a exploração mineira de S. Domingos e, de um modo geral, com toda a margem esquerda do Guadiana.

Nas imediações de Mértola existem vestígios do antigo traçado destas vias, quer a via *Myrtilis-Pax lulia*, quer a que ligava *Myrtilis* ao complexo mineiro da Serra de S. Domingos, tinham uma largura que variava entre os três e os quatro metros. A via em direção a S. Domingos parte de Além-Rio e serpenteia, a meia encosta, pelos cerros vizinhos. Por vezes corta afloramentos rochosos, cuja pedra é frequentemente utilizada na execução de pavimentos. Nalguns sítios subsistem grandes taludes, por onde foi cortado o caminho, que atingem, por vezes, mais de dois metros de altura, sendo ainda percetíveis as valetas de escoamento e as passagens hidráulicas subterrâneas.

Na maior parte do percurso estudado, as vias são pavimentadas com lajes de xisto e terra compactada com pequenas pedras. Em alguns troços, por razão da própria natureza do solo, o pavimento é a própria rocha de base onde, por vezes, são visíveis os sulcos dos rodados.

Na direção de Almodôvar, a via atravessava a ribeira de Oeiras, seja nas imediações da vila, seja um pouco mais a montante, no Portinho de Alcácer, onde é visível um sólido empedrado no leito da ribeira. Transposto este obstáculo, a via seguiria o traçado da atual estrada Nacional 267 até Almodôvar, passando pela Sra. da Graça dos Padrões.
A via Mértola-Aljustrel podia coincidir com a via de ligação a *Pax lulia* até à zona da serra de Alcaria Ruiva, onde inverteria para Ocidente, seguindo na direção de Entradas.

A rede viária da região remonta, em grande parte, ao período pré-romano. A chegada das legiões, uma nova lógica de gestão do território e de exploração dos recursos naturais levou a que os traçados e pavimento das vias fossem remodelados e melhorados. Tais obras, normalmente de grande qualidade, bem como a persistência de circuitos económicos e de modos de vida, contribuíram para a longevidade dos caminhos, não só no período medieval, como em épocas mais recentes; de tal modo marcaram a paisagem que alguns deles são, ainda hoje, utilizados.

2.4 A cidade de *Myrtilis*

Como escreveu J. Alarcão "Myrtilis (Mértola) foi possivelmente um ponto de entrada e talvez até base de operações. Ficava numa estrada que ligava a Bética aos estuários do Sado e do Tejo, onde aliás se situavam os principais oppida de então: Salacia (Alcácer do Sal) e Olisipo (Lisboa)" (Alarcão, 1990: 346).
A romanização da cidade já estaria em curso, possivelmente, nos inícios do séc. II a.C., não sendo de excluir que tenha havido contactos comerciais anteriores. A atestá-lo estão os materiais arqueológicos encontrados no subsolo da vila de Mértola, com especial relevo para o importante espólio de cerâmicas campanienses que constitui um dos maiores conjuntos deste tipo de materiais encontrados no atual

Fig. 9 – Cabeça do imperador Augusto.

território português (Luís, 2003: 97). A importação desta cerâmica de verniz negro principiou em inícios do século II e teve um significativo aumento na segunda metade desse século, altura em que se efetiva a ocupação do território. Como prova indiscutível de atividade comercial está também o depósito de ânforas republicanas encontrado em Além-Rio, em 1904, e escavadas por Bernardo de Sá (Vasconcelos, 1904: 95-96; Sá, 1904: 96-98).

A importância da cidade é atestada pela estatuária que, ao longo dos tempos, aqui foi encontrada como, por exemplo, uma cabeça monumental do Imperador Augusto, a par de oito ou dez outras estátuas encontradas no século XVI e referidas por André de Resende, quando se procedia à construção da igreja da Misericórdia, templo que se situa junto à porta fluvial da urbe (Cardoso, 1971: 183).

Como refere C. Fabião "para a maior parte da Hispania foi, sem dúvida, a Era do nascimento das cidades, tal como hoje as entendemos; mas não espantaria também se se dissesse que foi aquela onde se afirmou, pela primeira vez um mundo rural, de características muito próprias, que acaba por dar sentido à perspectiva que estabelece cidades e campos, como realidades económicas e sociais, a um tempo, antagónicas e complementares. Assim, não me parecerá exagerado afirmar que, tal como forjaram a cidade hispânica, também os romanos criaram a ruralidade peninsular, com dimensões e contornos verdadeiramente singulares" (Fabião, 1999: 484, vol. 2)

2.4.1 As fontes documentais

Prova inquestionável da romanização da cidade é a atribuição do *Latium Vetus* (município de direito latino antigo) a este *oppidum* (cidade fortificada). Segundo José d'Encarnação, deve-se a Augusto a municipalização de Mértola (Encarnação, 1984: 743). No entanto, J. Alarcão defende a concessão de tal estatuto por Júlio César. A atestar esta ultima hipótese está o facto de o nome oficial da cidade ter sido registado por Ptolomeu II, 5, 4, como *lulia Myrtilis* ou *Myrtilis lulia* como parece ler-se em moedas cunhadas localmente (Alarcão, 1985: 99-11) e, ainda, a circunstância de cidadãos mirtilenses estarem inscritos na tribo Galeria (CIL VI, 1455 e 1456). Uma homenagem imperial correspondente a uma dedicatória dos munícipes *municippii myrtilensis* feita ex decreto *decurionum*, documenta, de igual modo, esse estatuto da cidade (Encarnação, 1984: 157-159).

Além destas, as referências documentais a Mértola cingem-se às seguintes: "Refere Varrão (...) entre os promontórios Sacro e Cúmneo, os ópidos de Ossónoba, Balsa e Mírtilis"; PLIN. 4, 116: "O município de cidadãos romanos é Olisipo, cognominado Felicitas lulia; os ópidos de direito latina antigo são Ébora, também chamada Liberalitas lulia, Mírtilis e Salácia" PLIN. 4, 117 (Guerra, 1995: 35). Ainda, segundo Ptolemeu (2,5,5) " loulía Myrtilís é, como as duas anteriores (Ossonoba e Balsa), uma cidade turdetana. O Itinerário de Antonino Augusto 431, 6, situa-a na via de Baesuris Pace lulia per compendium. MELA 3, 7, coloca-a no ager Cuneus e PLIN. 4, 117 considera-a um oppidum ueteris Latii" (Guerra, 1995: 98).

A identificação destas referências documentais com a atual Mértola não só não é contestada, como é confirmada pelos achados arqueológicos, alguns dos quais resultantes de escavações levadas a cabo nas últimas décadas.

2.4.2 Os dados da numismática

O primeiro tesouro de numismas encontrado em Mértola foi achado em 1634 "na margem de um rio cerca da vila de Mértola", numa "panela" de prata: compunha-se de mais de 8000 denários. Conhece-se a sua composição, que incluía um denário de Numerius Fabius Pictor, datado de 126 a.C. (Hipólito, 1961: 88-89).

O segundo tesouro foi encontrado em 1941 junto do Guadiana, por baixo de um alicerce antigo, próximo de Mértola, numa vasilha. Sabemos que era composto por "alguns milhares de denários, talvez mais de 4000, dos quais 666 foram adquiridos para o Museu Regional de Beja" (Hipólito, 1961: 89).

Soma-se a estes tesouros monetários um lote de 53 exemplares "adquiridos por Manuel Heleno em Mértola em 1958, hoje no Museu Nacional de Arqueologia. Esse lote termina com denários de 112-111 a.C. (Hipólito, 1961: 2; Faria, 1992: 84).

Fig. 10 – Moedas cunhadas em *Myrtilis*

Em 1944 no sítio do "Pego da Arrabicha", nas proximidades da povoação de Corte Gafo de Baixo, foi descoberto, quando se procedia a trabalhos agrícolas, um conjunto com

690 moedas de prata: este conjunto foi dividido entre os habitantes da referida aldeia, nada mais se sabendo sobre o paradeiro das referidas moedas. No entanto, dado tratar-se de moedas de prata, possivelmente poderão ser enquadráveis no período republicano[2].

A grande quantidade de moedas encontradas em Mértola atesta bem a importância que esta cidade, e o seu território, tiveram nos alvores da romanização, sendo certamente os ricos comerciantes que tinham a capacidade de entesourar tão grandes quantidades de moeda. Pouco ou nada se sabe sobre o achado destes conjuntos monetários nem sobre o destino que tiveram posteriormente.

Uma outra fonte para o conhecimento da cidade romana de *Myrtilis* advém dos numismas cunhados nesta urbe. Assim, para Carlos Fabião, a cunhagem de moedas em Mértola inscreve-se no período inicial das guerras civis dos anos 83 ou 82 a.C., sendo possível que tenha desempenhado alguma função importante no contexto das guerras sertorianas, pelo menos nos primeiros anos do conflito (Fabião, 1993,: 234). No entanto, segundo António Faria, "estas moedas cunhadas localmente, são dos mais toscos batidos na Hispânia romana datáveis de 70 e 40 a.C." (Faria. 1995: 148-149). Por outro lado, Jorge Alarcão aponta uma cronologia distinta, integrável no ano de 45 a.C. (Alarcão, 1985: 101). Refira-se que a circulação das moedas cunhadas em Mértola está documentada em vários locais da Lusitânia, com especial incidência em Conímbriga, Lomba do Canho (Arganil) e, ainda, em algumas localidades da vizinha Bética.

Um achado de 1968, aquando da demolição de um velho muro no casco antigo de Mértola, presumivelmente de uma habitação, permitiu dar a conhecer onze peças, designadas de meios-quadrantes, que tinham a particularidade de serem cunhadas em Jerusalém. São moedas cunhadas entre os anos de 6 e 59 d.C. (Centeno e Souto, 1997: 197).

Segundo Centeno e Souto "único depósito de moedas da Judeia aparecido, até ao momento, em solo hispânico." (Centeno e Souto: 1993-1997: 200). A datação *post quem* da ocultação seria em torno de 60 d.C., sendo possível relacioná-lo com os distúrbios na Palestina em época de Vespasiano, "que obrigaram a muitos judeus a abandonar as suas terras e a fixar-se em regiões mais seguras" (Centeno e Souto, 1993-1997: 201).

[2] Informações orais cedidas por Carlos Alves, a quem agradeço, que as viu e que, pela sua descrição, parecem tratar-se de moedas romanas.

Trata-se de um importante elemento que atesta a diversificada proveniência da população que habitou Mértola no período clássico.

2.4.3 Os dados da epigrafia

A riqueza epigráfica da urbe de *Myrtilis* contrasta com a do seu território envolvente pois, nas suas imediações, apenas são conhecidas as epígrafes do concelho de Alcoutim (nº. 94, do Montinho das Laranjeiras e nº 91 de Cortes Pereiras) (Encarnação, 1984: 149) e uma de Casével, no concelho de Castro Verde (Dias, 1986: Nº. 83). Contudo, no dizer de Jorge Alarcão "não é inviável a presença de colonos itálicos nas regiões de Alcoutim, Mértola e Portel nos finais do século II a.C., ainda que, de momento, o testemunho epigráfico mais antigo, de um colono itálico no Alentejo, seja de meados do século I a.C." (Alarcão, 1999: 2).

A importância de Mértola parece indiretamente atestada pelo facto de ser daqui natural *L. Marius Vegetinus Marcianus Myrtilianus*, da Bética, sob Antonino Pio. Mértola teve, pois, uma família de ordem senatorial (CIL VI, 1455 e 1456 Inscrições Referidas por Encarnação, 1984: 743, Nota 1).

Fig. 11 – Ara anepígrafe Museu de Mértola

Da epigrafia de Mértola saliente-se, contudo, a importância histórico-cultural da ara funerária erigida a Lúcio Júlio Apto, cujo epitáfio é uma composição em verso, facto que atesta o grau de cultura deste cidadão romano com tria nomina, nascido na Itália e aqui sepultado. Este indivíduo, que se declara expressamente emigrante itálico, é a única personagem documentada no *Conventus Pacensis* cuja origem itálica está claramente atestada (Alarcão, 1985: 160-162).

A epigrafia de Mértola revela ainda outros elementos extremamente preciosos para o conhecimento da orgânica administrativa do século II. Assim, uma lápide honorífica, encontrada durante as obras na igreja matriz, é alusiva ao imperador Marco Aurélio. Por decreto dos decuriões, da sua feitura foram encarregues as duúnviros, tendo as despesas sido custeadas pelos munícipes de *Myrtilis*. Este texto documenta a única referência a este imperador no *Conventus Pacensis*. Mértola teria assim, nos meados do século II, uma importante atividade política e social, sendo um município onde funcionavam normalmente as estruturas oficiais. Os magistrados citados na epígrafe têm gentilícios latinos, possivelmente de origem itálica, designando indivíduos de alta craveira social, da Lusitânia meridional e central (Alarcão, 1985: 159). Deste modo se atesta a organização e o grau de romanização de um território em que figuravam altos dignitários administrativos.

É pelas inscrições gravadas na pedra que tomamos contacto com aspetos do universo religioso, social e político da população romana de *Myrtilis*.

As inscrições funerárias, colocadas à beira dos caminhos, apelavam à proteção dos deuses Manes e chamavam a atenção dos viajantes, perpetuando a memória dos desaparecidos.

Dos monumentos epigráficos do período romano são conhecidas cerca de três dezenas de inscrições, sobre uma diversidade considerável de suportes e de textos.

Entre os elementos funerários são características desta zona as "cupae" em forma de barril, como é o caso do epitáfio de Júlia Lapiana (Encarnação, 1984: 170-171; Lopes, 2012: 73). Aras dedicadas aos deuses testemunham a integração de divindades romanas e deuses locais no mesmo panteão. A *Dea Sancta Aetegina*, adorada em *Myrtilis*, é uma divindade indígena (Valente, Oliveira e Santos, 1984: 156 -157, Encarnação, 1984: 156; Lopes, 2012: 73). O nome de *Myrtilis* é referenciado numa lápide honorífica de Marco Aurélio (Veiga, 1880: 68-69; Viana, 1950: 27, Fig. 28; Encarnação, 1984; 157-158; Lopes, 2012: 72), da qual porém, infelizmente, só parte se conserva.

J. Encarnação, a propósito de uma lápide de *Priamvs* da Necrópole de N. S. dos Mártires de Alcácer do Sal escreveu o seguinte "De Priamus, cognome, é este o único exemplo que detectamos na epigrafia peninsular; nas inscrições de Roma (CIL V, índices) há cerca de 20 exemplos, todos eles referentes a libertos. De origem grega, inspirado

certamente no nome do conhecido Príamo de Tróia, a sua atribuição a uma personagem é, sem dúvida, índice dum nível cultural, onde os heróis homéricos têm lugar de relevo. Esta personagem poderá ser um liberto, um descendente de libertos ou, simplesmente, um emigrante do Mediterrâneo Oriental" (Encarnação, 1984: 264). A inscrição de Mértola, se se confirmar a leitura que sugerimos, será pois o segundo caso conhecido com este cognome em território peninsular[3].

Nenhuma das epígrafes apareceu em contexto original, todos os casos de que temos notícia da sua localização estavam a ser utilizados, como vulgo material de construção, no castelo, nas muralhas ou em edifícios religiosos ou civis.

De entre a epigrafia recolhida na cidade destacamos a inscrição honorífica dedicada ao imperador Marco Aurélio, que poderia tratar-se de um testemunho de atos públicos de homenagem civil e dedicação religiosa, relacionados com a contenção de alguns distúrbios sociais documentados na Lusitânia pouco depois do ano 171 d.C. (Alarcão, 1988: 29-30).

Estas inscrições mostram a existência de una plena organização administrativa da cidade, com magistrados responsáveis por desenvolver as tarefas municipais próprias de uma urbe plenamente integrada nos costumes romanos (Encarnação, 1984: 159). Estes magistrados formariam parte de uma elite indígena que já estaria bastante romanizada na época de César (Salinas e Rodríguez, 2000: 23).

A epigrafia fornece também dados sobre a sobrevivência do substrato populacional pré-romano e das suas crenças religiosas. Neste sentido, refira-se uma ara votiva encontrada na torre do rio. A inscrição, datada a meados do século II d.C., refere a *Dea Sancta*, que se interpreta como a deusa indígena Atégina ou Ataegina, considerada uma divindade céltica infernal que teria a sua área original de culto na Baeturia (Alarcão, 1988: 157). O dedicante da ara, Caio Valerio Rufo Escipión, é um indígena romanizado, trata-se de uma sobrevivência de antigos cultos pré-romanos que continuam em contextos de plena romanização (Encarnação, 1984: 157).

Também nas cuape encontramos elementos que refletem o estrato populacional indígena. Entre as possíveis personagens indígenas J. Encarnação assinala, os exemplos, dos epitáfios de Rustica e o seu pai Livio do século I d.C. (Encarnação, 1984:

[3] Leitura epigráfica:[—-]A? V ? M? / [—-]AE D(ecreto) D(ecurionum), / [—-]M PRIAMO (...) AE, ou seja: com a autorização dos decuriões (...) M Priamo (que subscreveu, ou ajudou a fazer) (...). (Lopes, 2012: 74)

176) e do século II, os casos dos epitáfios de Acennia Herenia (CIL II, nº 18; Veiga, 1880: 71; Encarnação, 1984: 169) e a Sertorio Nigelio (CIL II, nº 16; Veiga, 1880: 70 ; Encarnação, 1984: 164-165).

São vários os indícios da presença de colonos, peregrinos e libertos oriundos de outras regiões, indicando a plena integração de Mértola no circuito das cidades romanas dentro do Império e dos seus contactos com outros portos do mediterrâneo e, em especial, com o norte de África.

Refiram-se, a este respeito, algumas epigrafes que nos indicam a origem dos defuntos, nomeadamente a lápide funerária do século II d.C. de *L. Firmidius Peregrinus*, natural de Útica "Vticensis" (Hübner, 1871b: 34, CIL II, nº 16; Veiga, 1880: 70; Encarnação, 1984: 164-165), situada a norte de Cartago (Tunísia). Para além deste encontramos o exemplo, também do mesmo século, de um liberto *Lucio Julio Apto* de procedência itálica (Encarnação, 1984: 160-161). J. Encarnação indica, ainda de procedência exterior à Península, os casos de *Liburnio Victor*, com origem no Adriático ou no Norte de África (Encarnação, 1984: 170-171). Dos finais do século II, inícios do III, são conhecidos os epitáfios de Filomena (CIL II, nº 19; Veiga, 1880: 72 e Encarnação, 1984: 171-172) e o de *Emilio Euremon* (Encarnação, 1984: 177-178), de possível origem grega (Encarnação, 1984; Alarcão, 1990: 399).

No sentido inverso, está assinalada a presença de mertolenses em vários pontos do Império, dentro e fora da Península. É da epígrafe de *Lucius Messius Fructus*, um soldado nascido em Myrtilis e que fez parte da Ia cohorte urbana, que veio a falecer na África Proconsular, na atual cidade de Gafsa (Tunísia), na primeira metade do século II[4].

Merece destaque o caso de *L. Marius Vegetinus Marcianus Myrtilianus*, legado da Bética sob Antonino Pio (150-160) (Encarnação, 1984: 743, nota 1), que atesta a existência de uma família senatorial em Mértola. Jorge de Alarcão colocou a possibilidade de "que algum familiar do ditador, nem que seja por adoção, se tenha estabelecido na cidade,

[4] [D(iis) M(anibus)] sacrum. L(ucius) Mes/sius L(ucii) f(ilius) Gal(eria tribus) Fructu/s Myrtili mil(es), coh(ortis)/ I(primae) Vrb(anae) stip(endiorum) XV, uixit/ annis XXXIIII H(ic) s(itus) / est. S(it) t(ibi) t(erra) l(euis). Gampudiu /[u]s Tullenianus fra/[te]r et heres f(aciendum) c(urauit) e para a qual Khanoussi propõe a seguinte tradução: Consagrada aos deuses Manes. Lucius Messius Frutus, filho de Lucius, da tribo galeria, originário de Myrtilis, soldado da 1ª cohorte urbana, onde serviu 15 anos, viveu 34 anos. Aqui está sepultado. Que a terra te seja leve. Gampudius Tellenianus, seu irmão e herdeiro, tratou de fazer este monumento. (Encarnação, 1994, 2; Khanoussi, 1994: 1346-1349).

dando origem a um ramo local da *gens Iulia*, ramo que, nos meados do século II, seria ainda sócio politicamente influente, pois dele saiu um dos duúmviros responsável pela inscrição dedicada [ao imperador Marco Aurelio]. Aqui, porém, entramos no domínio do indemonstrável." (Alarcão, 1985: 102).

Não se pode deixar de relacionar este movimento de pessoas dentro do Império com o cariz portuário de Mértola e com a vocação mercantil da cidade.

Fig. 12 – Parte superior de ara com fino trabalho escultórico.

Apesar da parte referente ao campo epigráfico se ter perdido merece-nos um especial destaque a parte superior de uma ara de mármore branco de grão muito fino achada na Casa do Lanternim em 2004. Apesar de incompleta apresenta, na face maior, um grifo afrontado, enquadra um motivo central de folhas de palma e uma rosácea. A composição sugere a existência de outro grifo em posição simétrica. Lateralmente, um friso de folhas de palma é delimitado por uma linha de óvulos e um reticulado. Peça cuidadosamente cinzelada. A representação dos grifos afrontados aparece em estatuária militar, por exemplo, na armadura do torso da Herdade da Manizola (Évora) (Caetano, 2007: 7, fig 2e) e numa estátua monumental existente no Museu de Córdova.

Em ambiente funerário são conhecidos, entre outros, o sarcófago de Mausinac (Croácia) em que os grifos surgem afrontados a um *cantarus*, e o da Catedral de Torcello (Itália), em que os grifos aparecem afrontados a um pequeno colunelo. A representação mitológica do grifo, e a qualidade excecional do trabalho escultórico,

bem como o suporte, sugerem elevada posição socioeconómica e cultural por parte do encomendador.

Um lintel de calcário apresenta uma representação muito semelhante, com duas criaturas fantásticas que têm corpos felinos, orelhas longas, asas e penas, uma combinação de animal e pássaro, o leão-grifos. Os dois grifos estão a ladear um vaso, contendo uma folha de lótus estilizada e dois tentáculos. A modelagem naturalista dos corpos das criaturas, e da forma de o vaso central, refletem a influência romana. No entanto, a simetria absoluta da composição, a simplificação acentuada das formas de plantas e o motivo do grifo são características do Próximo Oriente. Esta peça proveniente da antiga cidade fortificada de Hatra, no atual Iraque, foi adquirida para o The Metropolitan Museum of Art e está datada dos finais do século II, inícios do século III d. C.[5].

Desde há séculos, aquilo que mais impressionava qualquer visitante de Mértola eram os fragmentos arquitetónicos de época romana, que, das muralhas aos poiais das portas, se encontravam um pouco por todo o lado. Isto nos revela a rápida descrição feita por Leite de Vasconcelos, nos finais do século XIX, do que viu em Mértola: "por toda a vila (...) se encontram a cada passo nos muros, nas ruas, nos edifícios, ora colunas lisas ou com lavores, ora várias pedras de carácter archaico, que revelam a antiga grandeza, e a sucessiva decadência" (Vasconcelos, 1900: 241). Alguns continuam embutidos nas paredes, outros os mais monumentais, foram levados para Lisboa. O conjunto de materiais arqueológicos, foi durante muito tempo guardado na escola primária e depois na torre de menagem do castelo, a este grupo de fragmentos vieram juntar-se outros, oferecidos, e por fim, diversos elementos provenientes das escavações arqueológicas realizadas na zona da acrópole e no próprio edifício romano que deu origem ao núcleo museológico da Casa Romana.

As peças que se apresentam no núcleo museológico a par de outras existentes em depósito remetem para uma arquitetura imponente e diversificada que Mértola possuiu no período romano.

[5] http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/30001275 27/7/2012

2.5 A arqueologia e a topografia de *Myrtilis*

A área intramuros da Mértola atual deve ter sido, sensivelmente, a mesma no período romano, ou seja, um espaço urbano de 50.000 m2. As muralhas teriam, certamente, um traçado muito idêntico ao atual e, para além do carácter defensivo, eram, em última instância, o elemento estrutural de sustentação da plataforma artificial voltada para o rio Guadiana. Por outro lado, sabemos hoje, também, que o espaço exterior às muralhas, para o lado Norte, se encontrava ocupado por armazéns e espaços ligados ao comércio. Idênticas infraestruturas existiam na margem esquerda do Guadiana, onde hoje se localiza o núcleo populacional de Além-Rio.

No que concerne ao traçado das ruas, os dados arqueológicos são quase inexistentes. Apenas são conhecidas, com alguma segurança, a porta do forum, que faria a ligação da cidade com as zonas a Norte e a Porta da Ribeira, que ligava a cidade ao rio e à zona portuária.

Para vencer o declive natural do terreno, entre as curvas de nível marcadas pelos arruamentos, foram criadas plataformas artificiais para assentamento das habitações. A topografia adversa não permitia qualquer veleidade de aplicação dos modelos tradicionais do urbanismo romano, obrigando a aproveitar um possível traçado anterior que, por sua vez não devia diferir muito do seu aspeto atual. Ruas apertadas e sinuosas, seguindo grosseiramente as curvas de nível, são ligadas transversalmente por escadas e vielas.

A monumental cintura de muralhas, que envolve o casco antigo de Mértola, foi certamente refeita em épocas posteriores. A parede exterior do criptopórtico é o único troço do amuralhamento enquadrável, com relativa segurança, no período tardo-romano.

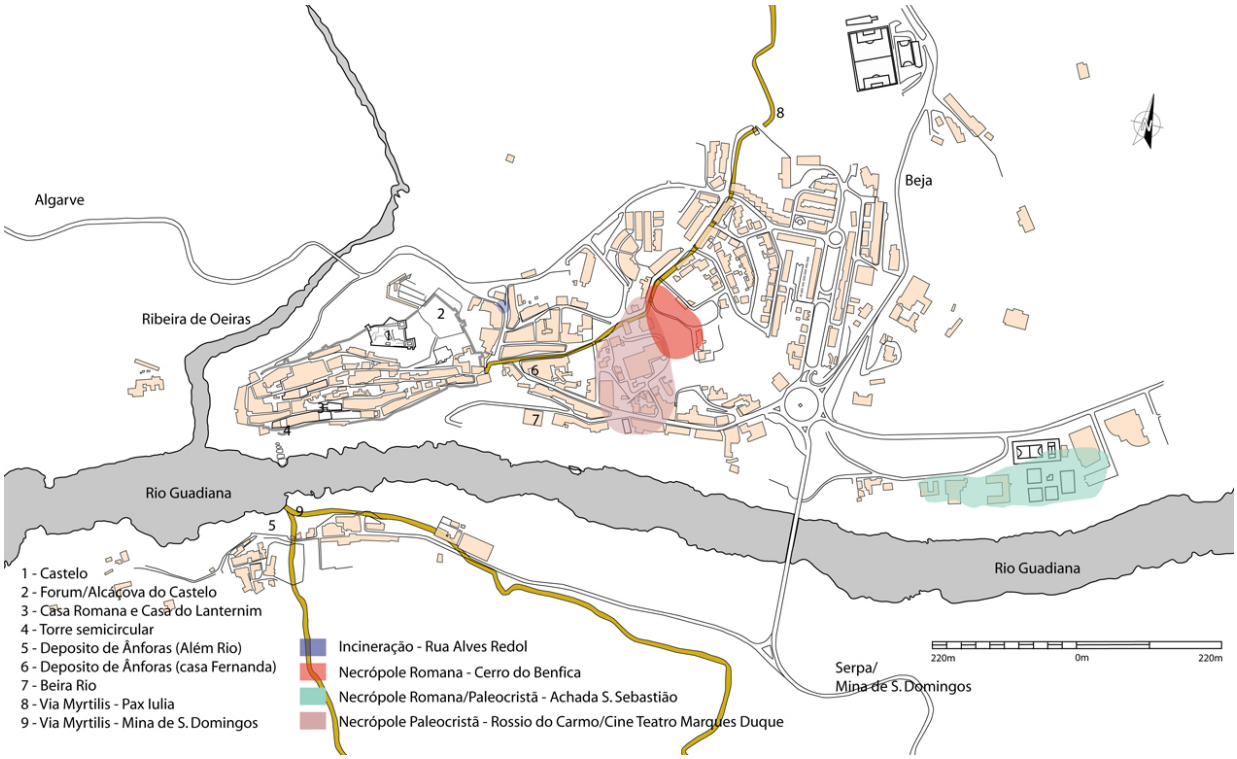


Fig. 13 – Topografia histórica de *Myrtilis*

Para caracterizar a topografia histórica, referente ao período romano, são poucos os elementos seguros de que dispomos, o que se deve sobretudo ao facto de só, pontualmente, terem sido escavados níveis romanos. Apesar disso, têm sido recolhidos, em deposições secundárias, materiais arqueológicos cerâmicos que apontam para uma ocupação ininterrupta desde a Idade do Ferro até à atualidade. No que concerne aos materiais romanos, estes revelam os mais diversos tipos e origens.

J. Alarcão sublinha a importância da cidade de *Myrtilis* através dos achados arqueológicos que aqui tem aparecido, pelo fato de ter cunhado moeda em 45 a.C., o que permite inferir a importância estratégica da cidade no contexto das guerras civis entre César e os filhos de Pompeu, pela atribuição do *Latium Vetus* e a existência de uma família de ordem senatorial. A estes fatores acresceria a importância de Mértola enquanto cidade-armazém das minas à sua volta e ainda que não seja possível saber em que medida a burguesia local exploraria os recursos mineiros da região (Alarcão, 1985: 101-102). São estes recursos embarcados no porto fluvio-marítimo de *Myrtilis*, que vão por a cidade em contato com as rotas comerciais do mundo mediterrânico.

2.5.1 *O Forum*

Fig. 14 – Planta de localização do *Forum* de *Myrtilis.*

Até ao momento, do possível forum de *Myrtilis*, apenas em alguns pontos foram atingidos os níveis arqueológicos referentes aos períodos republicano e imperial. Apesar de a investigação arqueológica decorrer nesta área desde 1978, não se apresenta como tarefa fácil a leitura dos diversos níveis, pois confrontamo-nos com o emaranhado característico da arqueologia urbana: o mesmo espaço foi ocupado ininterruptamente desde o período pré-romano até ao medieval e moderno, sendo constantemente redimensionado e adaptado a novas funções e necessidades.

O possível *forum* de *Myrtilis* localizava-se numa plataforma artificial na extremidade noroeste da cidade. Nesta zona foram identificados, até ao momento, vestígios de uma basílica (localizada na parte noroeste), um possível templo nas proximidades da atual igreja cristã e, ainda, o criptopórtico (Torres e Oliveira, 1987: 618-626). Esta plataforma era delimitada pelas seguintes estruturas: a poente, por duas muralhas paralelas; no limite norte, pelo criptopórtico e por uma muralha onde se insere uma porta monumental. Quanto aos limites a Sul e a Nascente, há apenas alguns registos fotográficos recolhidos aquando das obras da Igreja Matriz, levadas a cabo pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nos anos quarenta do século XX, nos quais é percetível, a leste, a existência de um muro delimitador da praça, coincidente com a

parte superior da atual Rua da Igreja. A oeste, para vencer o forte desnível do terreno, foram erguidas duas muralhas paralelas, com 15 metros de comprimento, 7 metros de altura e uma espessura de quase 2 metros. O espaço entre estas duas muralhas foi entulhado, possivelmente, pouco depois da sua construção pois os materiais mais recentes do revolvimento não são posteriores ao século IV d. C.. A norte, para suportar maiores pressões, o desnível é compensado pela construção de um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e altura médias de, respetivamente, 2,70 e 5,80 metros. Toda a construção foi executada em boa alvenaria, com argamassa de muita cal e pedras de xisto da região. As paredes longitudinais elevam-se até um ressalto-cornija, onde terá assentado a cofragem de uma abóbada de berço levemente peraltada (Torres e Oliveira, 1987: 618-626). A parede exterior do criptopórtico possui um paramento constituído por silhares de mármore e granito, reaproveitados de outras construções, entretanto abandonadas. A este respeito diz Estácio da Veiga: "quasi toda a cortina aderente ao baluarte fronteiro à ermida da Senhora das Neves é abundante d'esta mescla, incluindo espaçosas pedras rectangulares de granito, que necessariamente vieram de grande distancia e não para construção de muralhas" (Veiga, 1983: 78).

Estes blocos de pedra bem aparelhada possuem ainda as marcas do *forceps* metálico que servia para a sua elevação e colocação. Apesar da parede exterior do criptopórtico possivelmente datar do final do mundo romano, é possível que anteriormente existissem outras estruturas de semelhante porte e funcionalidade. Esta hipótese é plausível na medida em que o embasamento, além de apresentar um ligeiro ressalto, visível na parede exterior do criptopórtico, tem também uma orientação distinta, o que faz supor a existência de uma construção do período republicano ou imperial. Esta hipótese da existência de uma outra estrutura semelhante ao criptopórtico atual é ainda reforçada pela grande quantidade de materiais exumados da designada Casa do Pardal[6], cujos materiais romanos existem em grande quantidade e testemunham o precoce processo da romanização. Na parte virada a nascente, os trabalhos arqueológicos trouxeram à luz uma possível porta de acesso ao forum e ainda um conjunto de seis "arcossólios" que, ou delimitavam esta praça, ou seriam o elemento estruturante de uma plataforma capaz de vencer a forte inclinação da topografia

[6] Esta intervenção arqueológica, realizada no inverno de 1995, documentou um importante nível de lixeiras, que corresponde à utilização da plataforma superior até há última ocupação residencial do espaço como alcáçova no período islâmico.

original. Estes "arcossólios", na sua técnica construtiva, assemelham-se à alvenaria do criptopórtico.

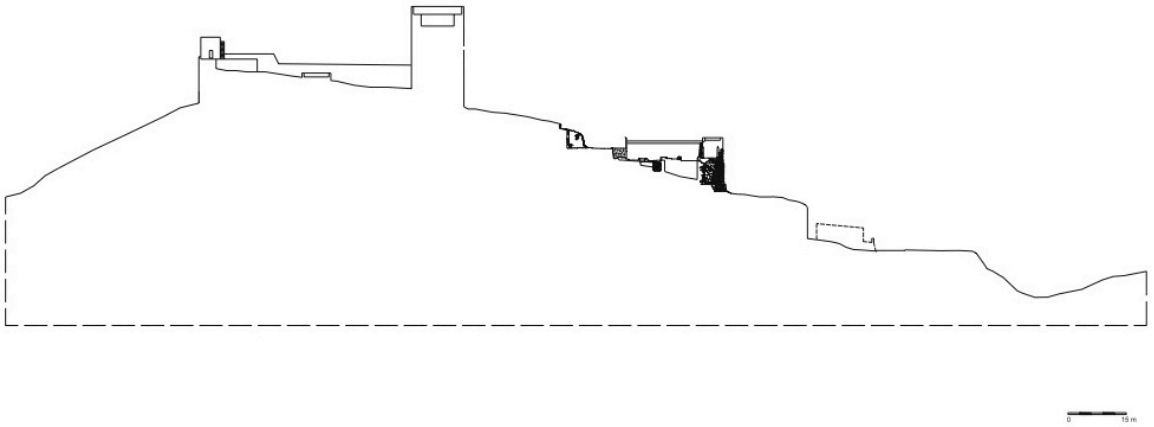


Fig. 15 – Corte transversal da zona da encosta Norte do Castelo de Mértola

A porta situada a norte do *forum* e que a este dava acesso, apesar de incompleta e parcialmente escavada, demonstra bem a monumentalidade da construção. Apresenta uma largura de quatro metros e meio e descreve um arco de pleno centro, cujas aduelas são constituídas por tijolos de grandes dimensões[7]. O interior desta estrutura utiliza um aparelho de técnica mista onde o xisto é também utilizado com abundância. A muralha onde esta porta se inscreve possui aproximadamente três metros de largura. A porta, inevitavelmente, conduziria a uma rua, o que de certa maneira criava duas zonas no *forum*.

No que concerne os edifícios públicos, destaca-se a possível basílica localizada na parte poente da plataforma. Composta por um corpo retangular e delimitado a oeste por uma abside semicircular, apresenta interiormente, na sua parte conservada 14,3 metros de comprimento e 7 metros de largura. A parede sul eleva-se a cerca de cinco metros. No pavimento, que foi revestido de mosaicos, ainda é visível, num dos ângulos da abside, uma coluna em mármore.

[7] Comprimento 43 cm, largura 30 cm, espessura 6 cm, dispostos em fiadas que alternam com fiadas de alvenaria de pedra e argamassa.

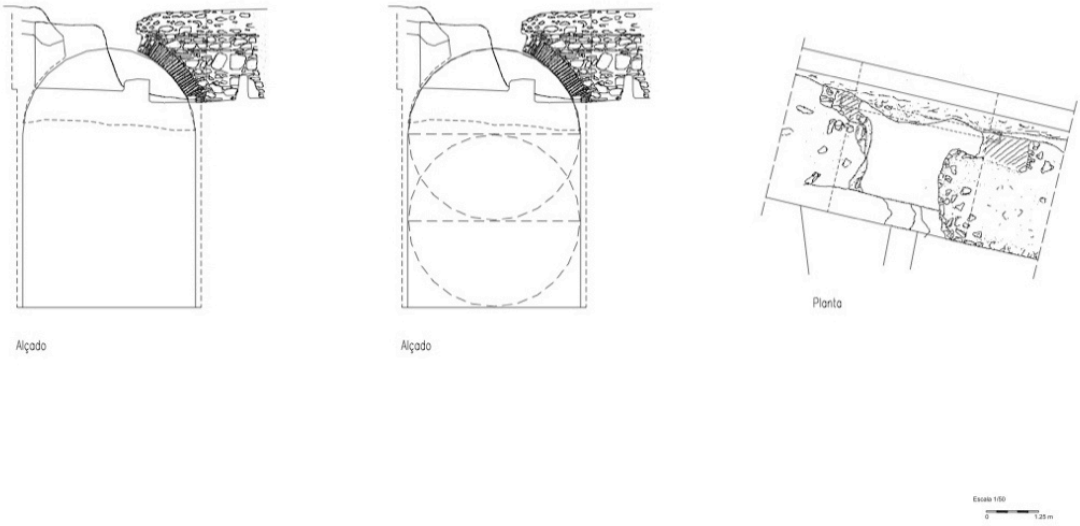


Fig. 16 - Porta de acesso ao *Forum*

São vários os elementos arquitetónicos, dispersos ou reutilizados, que apontam para a existência de um templo romano localizado no mesmo local onde se ergueu a mesquita e onde, hoje, se encontra a igreja matriz.
São ainda observáveis nas paredes do templo alguns fragmentos insculturados de mármore, entre os quais um friso de consideráveis dimensões, semelhante a um outro encontrado nas imediações. Este tipo de pedra trabalhada era, por vezes, utilizado na base de altares dedicados às divindades do panteão romano.

Junta-se a estes vestígios arqueológicos o achado na Igreja da Misericórdia, nos finais do século XIX, de uma cabeça que pertenceu a uma estátua de grande porte, que representa a deusa Cíbele, "a mãe dos deuses, protectora e símbolo de cidades, ou a representação figurada da própria cidade de Myrtilis" (Matos, 1995: 54 -55). A cronologia proposta situa-a no início do século I d. C. e a finura do trabalho de cinzel pode significar que o templo lhe fosse dedicado (Alarcão, 1990: 475).

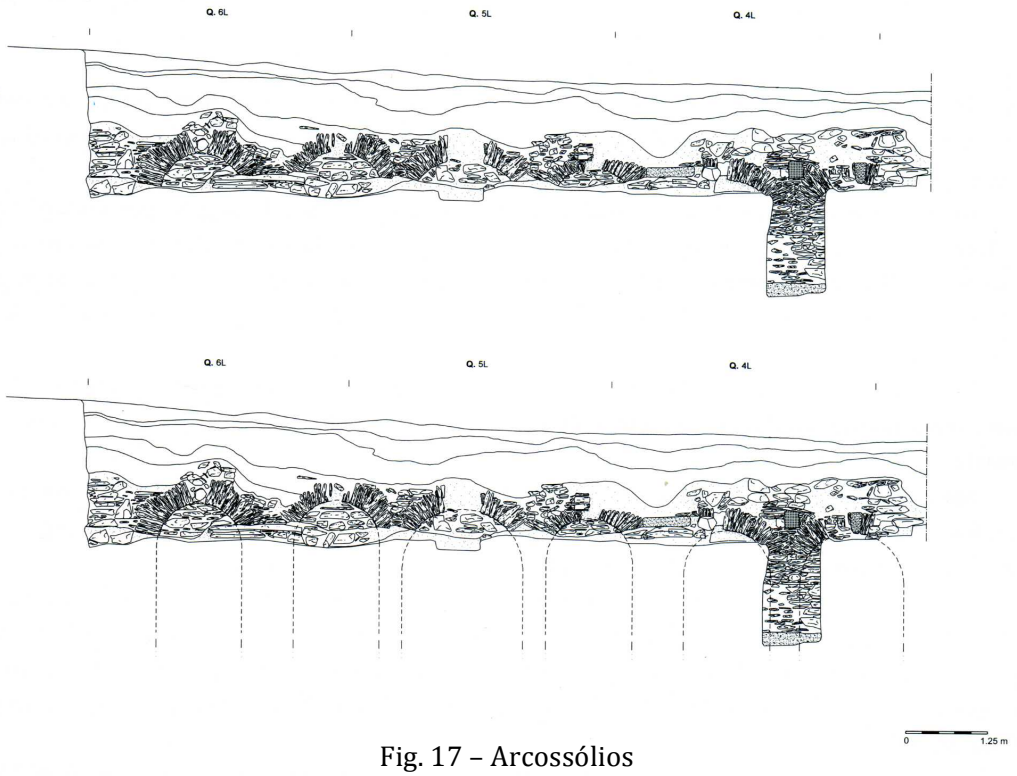


Fig. 17 – Arcossólios

Com base nos poucos dados disponíveis, penso que o forum ocuparia uma área aproximada de 2100 m^2; porém, se se considerar que a porta se localizava na parte central da parede Norte, esta área duplicaria. Pela análise da topografia constata-se a existência de duas plataformas levemente desniveladas e separadas pela sequência de arcossólios. A Norte da plataforma, que se estende até à atual Igreja Matriz, abre-se uma porta monumental que ainda não foi completamente escavada. Estaríamos, assim, na presença de um forum desenvolvido em plataformas: "a arquitetura em plataformas-terraços não ficou alheia a este processo enriquecedor e exemplos como *Munigua*, *Tarraco*, *Bilbilis* e *Saguntum*, constituem a melhor prova" (Salvador Jiménez, 1989: 174).

A existência de construções entre o castelo e a basílica deixa antever uma ocupação de grandes dimensões que, até ao momento, foi apenas parcialmente escavada. Na encosta norte do castelo são observáveis restos de muros com blocos de mármore, granito e xisto, ligados por forte argamassa e delimitando um espaço retangular. Na parte a sul da basílica existem, também, muros de xisto argamassado que apenas afloram à superfície. É visível um outro que alterna fiadas de xisto com fiadas de tijolos apresentando, na face voltada a nascente, uma parede pintada com o "vermelho

pompeiano". Não sabemos se o forum se prolongaria também por esta encosta a sul da basílica. É uma hipótese que carece de confirmação arqueológica.

Por toda esta zona, vários são os elementos arquitetónicos de grandes dimensões que deixam antever a existência de edifícios monumentais: fragmentos e bases de colunas, capitéis, impostas e silhares de mármore ou granito que, posteriormente, foram reutilizados. Analisando o aparelho construtivo das ruínas, verificam-se semelhanças com outros programas de outras partes do Império. Os elementos arquitetónicos, atribuíveis aos séculos I e II, parece terem tido uma reutilização tardia, em meados do século III ou inícios do século IV. Segundo A. Balil, "estas reutilizações são uma característica das fortificações do Baixo-império na Gália, Itália e Hispânia" (Balil, 1961a: 105), fato também confirmado por Arias Vilas: "o aproveitamento de materiais arquitectónicos, escultóricos e sobretudo epigráficos é comum a todas as fortificações do Baixo Império e é, além disso, uma das suas principais características" (Árias Vilas, 1972: 763). Na construção da casa islâmica X foi reutilizado um silhar de granito que tem gravado um "V"[8], que na falta de mais elementos epigráficos não é possível avançar com a sugestão de se tratar da inscrição da palavra FORVM.

Contudo, um outro dado atesta a utilização desta plataforma durante todo o processo de romanização até ao fim da presença islâmica em Mértola. Em 1995, a cerca de 15 m a norte do criptopórtico, foram realizadas obras de demolição de uma ruína aí existente, na designada "Casa do Pardal". Estes trabalhos permitiram fazer a limpeza e registo dos cortes estratigráficos e proceder à recolha de materiais. Da análise dos cortes estratigráficos, com cerca 10 m de altura, depreendeu-se que se tratava de uma zona de despejos utilizada, ininterruptamente, desde o período pré-romano até ao período islâmico, com especial destaque para a grande quantidade de materiais romanos, nomeadamente cerâmicas finas e material anfórico do período republicano e imperial, diminuindo substancialmente o material da Antiguidade tardia. Nos níveis mais superficiais identificaram-se cerâmicas islâmicas provenientes da última ocupação residencial que a plataforma teve. Após a reconquista cristã o espaço foi utilizado como cemitério, deixando assim de se produzir lixo e de o verter para o exterior da muralha.

[8] Ver peça nº catálogo 66.

Pelo que atrás fica exposto pensamos que a localização mais provável do forum terá sido na plataforma artificial voltada a norte. Contudo, foi na zona da Porta da Ribeira que apareceram, no século XVI, as oito ou dez estátuas a que se refere André de Resende nos seus escritos, ou as cinco ou seis mencionadas por Amador Arrais (Matos, 1995: 32 -33), nas quais se incluem os togados e a cabeça do Imperador Augusto. Esta estatuária, datada entre o século I a.C. e o II d.C., de excelente qualidade técnica, só poderia estar numa zona pública como o forum. Contudo elas apareceram num contexto de reutilização, onde serviram como materiais de construção do torreão existente na Porta da Ribeira. A grande concentração de esculturas neste local leva a pensar na possibilidade de um forum situado junto da zona portuária. A hipótese da existência de dois fora, contemporâneos ou não, não será de excluir, e a verificar-se teria vários paralelos em cidades da Península Ibérica.

2.5.2 A "casa romana"

Quanto ao urbanismo doméstico de *Myrtilis*, os dados disponíveis resumem-se à "casa romana", local escavado pela equipa do CAM na década de oitenta do século XX (no subsolo da Câmara Municipal onde hoje está instalado o núcleo romano do Museu de Mértola), e à intervenção arqueológica realizada na casa contígua, dita "do Lanternim", entre 1994 e 2004.

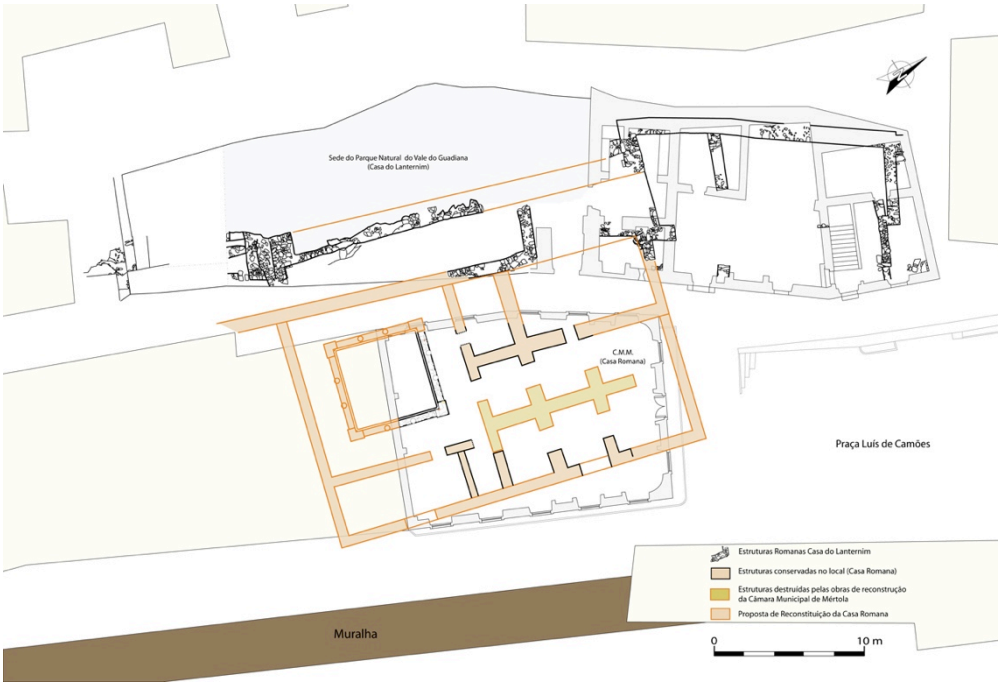


Fig. 18 – Planta da "casa romana" e da "casa do lanternim".

Os vestígios de uma casa de habitação de época romana foram descobertos durante as obras de reconstrução do edifício oitocentista dos Paços do Concelho que fora afetado por um incêndio. A escavação arqueológica, pela impossibilidade de prosseguir sob as construções vizinhas, não foi suficiente para responder a todas as dúvidas. No entanto, conseguimos determinar que esta casa teve dois níveis de ocupação: um mais antigo, possivelmente de época imperial, e um outro, posterior ao século III d.C..
Um *impluvium* mais antigo - cujo revestimento desconhecemos - foi completamente recoberto por um opus *signinum* compacto, ainda hoje visível, com o objetivo de o adaptar a tanque ou lago interior. Os vários compartimentos da habitação organizam-se em volta de um pátio, embora a leitura funcional deste espaço suscite algumas dúvidas, sobretudo nas aberturas ao exterior que nunca foram encontradas.

A Casa do Lanternim, atual sede do Parque Natural do Vale do Guadiana, situada em pleno Centro Histórico de Mértola e a poente do edifício da Câmara Municipal, foi alvo de intervenções arqueológicas realizadas em diversas campanhas (1994, 2002, 2003 e 2004) no âmbito do projeto de recuperação e valorização do edifício. As intervenções arqueológicas realizaram-se em área, no espaço do quintal e no interior do edifício, sendo desenvolvidos trabalhos de acompanhamento da obra, executados pela equipa do CAM. Esta intervenção proporcionou uma enorme quantidade e diversidade de materiais com um horizonte temporal que abarca desde o século VIII a.C. até ao século XX.
Os trabalhos arqueológicos foram levados a cabo em três campanhas distintas mas complementares. Na primeira, em 1994, realizamos a limpeza e procedemos a sondagens na zona do quintal; a segunda, centrada no quintal, foi iniciada a de 11 de Fevereiro de 2002 e terminou a 20 Abril; a terceira, que consistiu no acompanhamento das obras no interior da Casa do Lanternim, foi levada a cabo entre Setembro de 2003 e Junho de 2004.

As escavações arqueológicas realizadas no quintal da Casa do Lanternim foram feitas em área (cerca de 300 m2) mas de forma faseada ao longo dos anos e, tanto quanto possível, até à profundidade da rocha base, atingindo nalguns locais cerca de 4 metros. O interior do referido imóvel foi alvo de acompanhamento arqueológico pelo facto de

ter havido rebaixamento de pavimentos e recalcamento dos muros existentes numa área de aproximadamente 275 m2.

Numa primeira análise às estruturas e materiais identificados pode-se inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde a Idade do Ferro até ao século XX. No entanto, tratou-se de uma intervenção de arqueologia urbana, em que o espaço foi continuamente remodelado. Existem os materiais e as estruturas mas perderam-se os níveis de ocupação.

Nos locais onde a escavação foi mais profunda (na parte nascente do quintal e no interior da casa) foram identificadas estruturas constituídas por xisto local ligado por forte argamassa e encostadas à rocha base, por vezes cortando-a. Pelos materiais relacionados, e pela tipologia e métrica das estruturas, poderemos datá-las do período romano.

Fig. 19 – Escavações da "casa do lanternim" 2004.

Estes restos de estruturas romanas estão, possivelmente, relacionados com as ruínas da casa romana existentes na cave do edifício da Câmara Municipal. Embora a rua que separa as duas casas nunca tenha sido alvo de intervenção arqueológica, tudo faz supor que os vestígios encontrados na Casa do Lanternim possam ser os limites poente da referida casa. Os dois conjuntos de estruturas, a confirmar-se a hipótese que se coloca, constituiriam um edifício com cerca de 500 m2. Certamente a parte frontal do edifício, virado à rua e ao rio, seria ocupado por *tabernae* (lojas de comércio). Na parte traseira, os muros postos a descoberto cortavam e assentava na rocha base.

Pela análise do número e da área dos compartimentos, das técnicas construtivas e do espólio associado, infere-se que não se trataria de uma casa luxuosa. Pela sua implantação ao longo da rua principal da cidade, teria servido de habitação a um dos muitos comerciantes que durante vários séculos justificaram a importância económica deste porto fluvial.

Os elementos arquitectónicos e os materiais cerâmicos, nomeadamente duas lucernas encontradas nos trabalhos arqueológicos realizados em 1988 e uma outra encontrada nas intervenções arqueológicas de 2004, a par de outros fragmentos de cerâmicas finas, prolongam a ocupação destes espaços habitacionais para o século VI - VIII.

2.5.3 O porto

O rio Guadiana foi, sem dúvida, a grande via fluvial que ligava Mértola ao litoral algarvio e, consequentemente, ao Mediterrâneo. O facto de as marés se fazerem sentir até Mértola, o que provoca uma oscilação diária do nível do rio de cerca de dois metros junto à vila, proporcionou a navegação de vários tipos de barcos até ao "porto fluvial mais a norte da grande estrada que era o Guadiana" (Torres, 1992: 190; Boiça, 1993: 47). Ao analisarmos as gravuras quinhentistas de Duarte D' Armas é possível observar nesta linha de água, barcos com três mastros, o que indica boas possibilidades de navegação para embarcações de alguma dimensão e capacidade de transporte de mercadorias (Almeida, 1943: 31-37). A ligação ao porto era feita, em período romano, pela Porta da Ribeira. Esta, como é visível nas gravuras, era constituída por uma porta em cotovelo encimada por um torreão cuja demolição só veio a dar-se em inícios do século XX (Boiça, 1993: 59), quando se procedeu à construção do cais atual e se abriu uma estrada de acesso. Com esta última remodelação urbanística, também o local de

passagem do rio entre margens se alterou, e assim a construção do cais levou a que, nas suas imediações, se instalasse a "ponte barca", que substituiu a velha travessia do Guadiana que anteriormente se fazia junto à Torre do Rio.

Fig. 20 - Vista do porto de Mértola.

2.5.4 Os depósitos de ânforas

Ao longo dos tempos foram identificados vários depósitos de ânforas que atestam a atividade comercial desta cidade.

Assim, em 1904, foi feita por Bernardo de Sá uma escavação de emergência em Além-Rio, perto do fontanário público, que se circunscreveu a uma área de 6,5 x 5 m. dividida em dois recintos por uma parede de alvenaria. O limite leste era constituído por uma parede do mesmo tipo e o oeste pela rocha de base, afeiçoada (Sá, 1905: 95-100). O conjunto de ânforas foi estudado por Carlos Fabião que as classificou em Classe 5 (Dressel. l-C) e Classe 8 (variante Lamboglia 1b. 2). As primeiras seriam ânforas vinárias. Quanto às segundas, embora pudessem também transportar vinho, não deve

excluir-se a hipótese de se destinarem ao transporte de outros produtos alimentares. Quanto às cronologias, este autor enquadra as primeiras entre os fins do século II e os meados do I a.C., e as segundas dos finais do período republicano da segunda metade do século I a. C. (Fabião, 1987: 145).

Fig. 21 – Depósito de ânforas Rua Dr. Serrão Martins nº. 7B.

Em inícios de Setembro de 1999, no seguimento dos trabalhos de acompanhamento da obra de remodelação de uma casa situada na Rua Serrão Martins, número 7B, foram detetados restos de estruturas e de materiais cerâmicos. Os técnicos do C.A.M. puseram a descoberto um conjunto de ânforas do período romano (séculos I-IV d.C.), que se encontravam depositadas entre dois muros e fariam parte, aparentemente, de um depósito/ armazém de uma casa romana. As circunstâncias não permitiram uma escavação em área, como seria desejável, tendo-se circunscrito os trabalhos à recolha dos materiais arqueológicos, ao desenho do perfil do terreno e ao registo topográfico do sítio.

As ânforas recolhidas apresentam tipologias relacionadas com a importação de vinho e de azeite da região da Bética e da Gália. Encontram-se expostas na Casa Romana do Museu de Mértola.

Ainda relacionado com esta temática, estão os níveis inferiores da intervenção arqueológica levada a cabo em 2008 na pensão Beira-rio. Nos espaços onde a escavação se fez em profundidade, por debaixo das estruturas habitacionais islâmicas,

atingiram-se níveis de derrubes de telhado constituídos por restos de *tegulae* e *imbrices*. Abaixo destes, apareceram estratos com grandes quantidades de carvão, cinzas e um considerável número de fragmentos cerâmicos anfóricos.
A escavação arqueológica deste nível mais profundo revelou uma estrutura que ronda os 12,83 metros de comprimento por 8 metros de largura e desenvolvia-se em dois espaços quadrangulares, com uma porta central. Os muros são constituídos por blocos irregulares de xisto, geralmente facetado e fortemente argamassados com opus *caementicium*. Estas estruturas eram reconhecíveis ao nível do seu embasamento que assentava na rocha base. Uma parte considerável, situada junto da atual rua, foi parcialmente destruída aquando da construção da estrada de acesso ao cais.

A largura destes muros varia entre os 70 cm e 1 metro e ladeiam dois compartimentos quadrangulares com cerca de 102 m2. O limite noroeste desta edificação foi detetado aquando da escavação da fossa séptica da casa I, sendo identificado um aparelho construtivo semelhante ao observado noutras áreas da escavação. No interior dos espaços delineados pelos muros foram documentados níveis de destruição constituídos por uma espessa camada de cinzas e carvões, o que nos dá indicações de ter existido um momento de incêndio local.

Na fossa séptica da casa I apareceu um fragmento de bordo de ânfora com a marca XIII. Trata-se de um fragmento de ânfora vinária itálica, de época romana republicana, do tipo Dressel I, com uma cronologia situada entre o século II e I a.C.. Este fragmento poderá ser contemporâneo dos materiais encontrados no depósito de ânforas, descoberto em 1904 em Além Rio durante os trabalhos arqueológicos levados a cabo por Bernardo de Sá, do qual faziam parte ânforas vinárias da mesma proveniência e do mesmo âmbito cronológico (Fabião, 1987: 125-148), ou ainda da mesma tipologia e ambiente cronológico que os materiais anfóricos encontrados em Mata Filhos (Luís, 2003: 363-382). O facto de este interessante elemento cerâmico ter aparecido num contexto diferente do da sua origem, não nos permite correlacioná-lo com qualquer estrutura encontrada, tornando-se um achado descontextualizado.

Apesar de terem sido exumados durante o processo de escavação três numismas, apenas dois exemplares nos permitem uma leitura. Trata-se de um sestércio, do Imperador Trajano, cunhado em Roma entre 103 e 111, e de uma moeda de Constâncio II cunhada em Constantinopla entre 337 e 361. Estas moedas provêm de níveis de ocupação romanos, delimitados por estruturas perfeitamente enquadráveis na dinâmica comercial do porto da cidade de *Myrtilis* (Lopes, 2012b: 24).

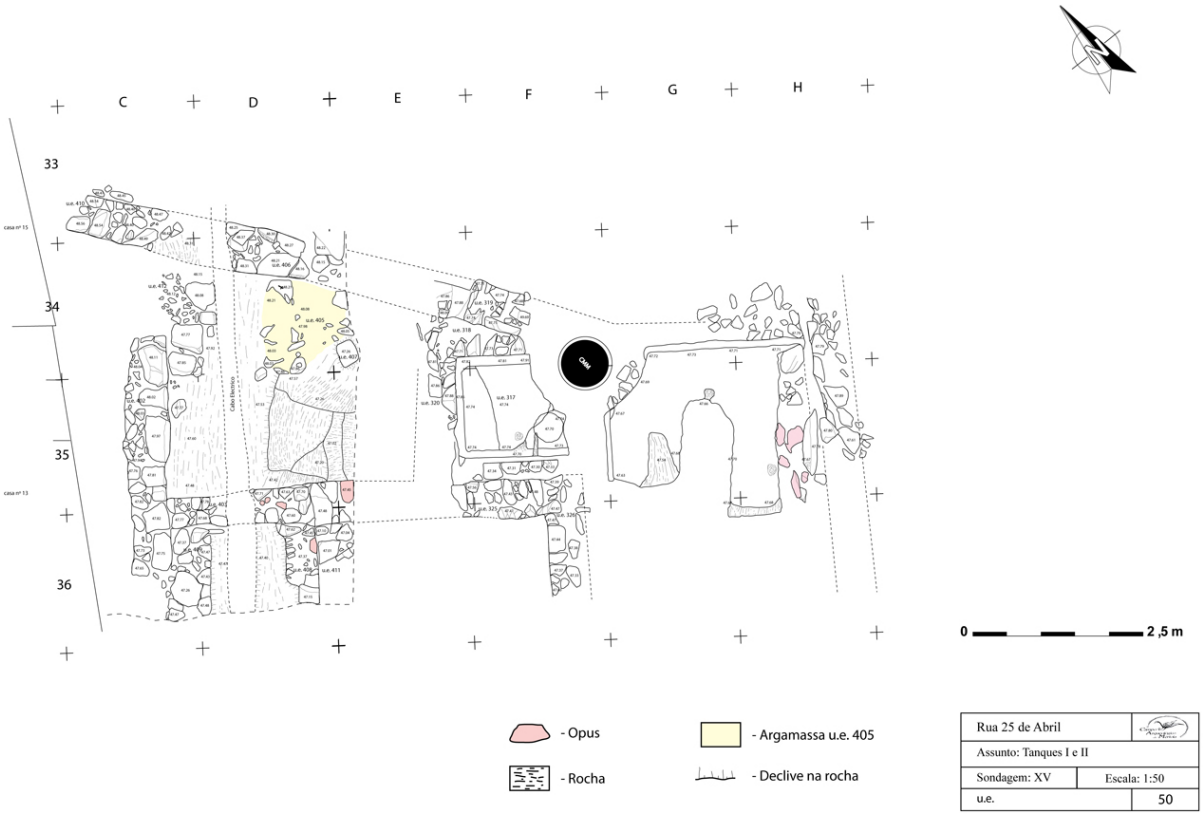


Fig. 22 – Tanques da rua 25 de Abril.

No ano de 2002, as obras de repavimentação e de colocação da rede de águas pluviais motivaram intervenções arqueológicas pontuais na rua 25 de Abril. As intervenções arqueológicas realizadas foram, na maioria dos casos, parcelares, restringindo-se à largura da vala o que, em termos da compreensão de estruturas, nos fornece uma informação muito limitada.

Na parte mais baixa dessa rua, sob a vala, foi posto a descoberto um canal de esgotos romanos, constituídos por tijolos nas paredes e pedras de xisto na cobertura. No interior da canalização foi recolhida uma lucerna romana.

Foram identificadas estruturas que se estendiam a toda a largura da mesma rua. Eram constituídas por muros de alvenaria e terra e tanques em *opus signinum*. Esta técnica construtiva foi muito utilizada na construção de tanques de água e de cetárias para o fabrico de *garum*.

Os tanques, dado que se encontravam muito próximos da superfície, depois de escavados foram retirados para posterior restauro e eventual musealização. Sob os tanques foi detetada e escavada uma complexa rede de esgotos que, certamente, servia para escoar águas residuais.
É de referir o facto de, nas imediações do tanque, ter aparecido no subsolo uma significativa quantidade de ânforas. Na altura colocamos a hipótese de se tratar de um depósito de ânforas, de um armazém ou mesmo de um local de comercialização de vinho e azeite.

Dado o depósito se encontrar nas proximidades das estruturas acima mencionadas, e partindo dos dados disponíveis, coloco a hipótese de se tratar de uma zona fabril, possivelmente ligada à conserva de peixe, pois na altura as espécies piscícolas existentes no rio seriam mais variadas e em maior quantidade. Haveria, por conseguinte, em Mértola, um aproveitamento dos produtos do rio semelhante ao que se fazia nas zonas do litoral.

Nas imediações do atual Mercado Municipal, as obras realizadas na encosta que dá para o rio, nos anos 80 do século XX, permitiram descobrir uma considerável quantidade de fragmentos de ânforas. Infelizmente, apenas conhecemos a notícia do seu aparecimento, não existindo registo algum que as documente. No entanto, este dado deve ser tido em consideração na cartografagem dos locais de armazenamento e/ou comercialização na cidade de Mértola.

2.5.5 Os níveis romanos da Biblioteca Municipal

As escavações arqueológicas levadas a cabo nas traseiras da Biblioteca Municipal de Mértola, nos anos de 2003, 2005 e 2006, puseram a descoberto parte de uma muralha, possivelmente dos inícios da romanização, assim como o seu torreão, de grande monumentalidade, que se encontrava em razoável estado de conservação. Para além destas estruturas de carácter defensivo é de referir a existência de uma estrutura de combustão, a qual estavam associados materiais cerâmicos datáveis do período republicano. Esta intervenção arqueológica proporcionou uma grande quantidade e qualidade de cerâmicas da Idade do Ferro e dos inícios da romanização. O conjunto cerâmico exumado aponta para horizontes cronológicos ininterruptos que vão desde a Idade do Ferro até ao período moderno. Dele se destaca o importante conjunto de materiais romanos constituídos por louça de mesa, onde não faltam exemplares de cerâmica campaniense e de materiais anfóricos. Destes últimos é de referir a existência de exemplares de ânforas greco-itálicas, Dressel 1 e 1A, Dressel 20 (Palma, 2009: 110), em que se importaram vinhos e azeite, que atestam bem a dinâmica comercial que Mértola manteve com o Mediterrâneo nos primeiros séculos da romanização.

Fig. 23 – Escavação da Biblioteca Municipal, vista geral.

Apesar de serem abundantes os vestígios das primeiras centúrias da nossa era, não são associados a qualquer nível de ocupação pelo que somos obrigados a inferir que o local perdeu a importância militar que teve no período republicano e passou a ser usado como local de vertedoiro.

No decurso da escavação foram exumados alguns elementos de arquitetura decorativa, da qual faz parte um capitel coríntio, com um tratamento que é típico das produções escultóricas do mediterrâneo oriental (Lopes, 2012: 86), e um colunelo com uma inscrição honorífica, consagrada aos Imperadores e nobilíssimos *Cesares Galerio Valerio Maximiano* (Lopes, 2012: 78). São peças que possivelmente vieram do forum, situado na plataforma superior, e que remetem para cronologias dos finais do século III inícios do IV.

Foi ainda exumada no local uma lápide funerária, no entanto esta deve ter sido trazida de um dos cemitérios existentes fora de portas, pois foi encontrada como material de construção num muro de alvenaria de estruturas islâmicas e com a face epigrafada virada para baixo.

Merece também uma especial referência um moinho manual de grandes dimensões. Trata-se de duas peças de arenito que constituíam o moinho. A mó dormente com a forma de campânula e a mó girante com a forma de ampulheta. Este tipo de mós, de grandes dimensões, podia ser movido por homens ou por animais e costumam estar associadas a padarias. Este tipo de peça é a primeira vez que aparece associada e em contextos arqueológicos, o que nos sugere que no período romano tenha havido neste local uma indústria de moagem e eventualmente panificação.

2.6 As necrópoles romanas de Mértola

No que respeita ao mundo dos mortos, até agora foram identificadas na cidade de *Myrtilis* três necrópoles, uma nas encostas do Rossio do Carmo, outra na Achada de S. Sebastião e uma terceira, recentemente descoberta, na Rua Alves Redol. Da primeira, localizada nas traseiras da Escola Primária, são poucas as informações arqueológicas de que dispomos, pois esta área nunca foi alvo de trabalhos arqueológicos. No entanto, esta necrópole não passou despercebida a Estácio da Veiga, que registou o seguinte nas "Memória das Antiguidades de Mértola", "descoberto e amplamente comprovado o

elemento wisigothico no Rocio do Carmo, outros bons indícios, que parecem ser de maior antiguidade, pude observar a partir d' este campo para as primeiras ondulações da região montanhosa, e foram numerosas sepulturas de varias dimensões, mas todas estreitas, mui imperfeitamente excavadas nas rochas de schisto que compõem o relevo orographico d'aquelle tracto geologico" (Veiga, 1983: 21). Afirma ainda que, naquele denominado "pequeno anfiteatro" ou "cemitério serrano", "é precisamente nos cabeços mais planos e nas chapadas mais espaçosas que se observam numerosos jazigos, ora formando grupos, ora isolados, com diversas dimensões, excavados na rocha, geralmente estreitos, pouco fundos, de há muito invadidos e pela maior parte completamente despejados (...)" (Veiga, 1983: 63). O mesmo arqueólogo, considerava aquele espaço mortuário como o mais antigo que tinha observado em Mértola (Veiga, 1983: 63).

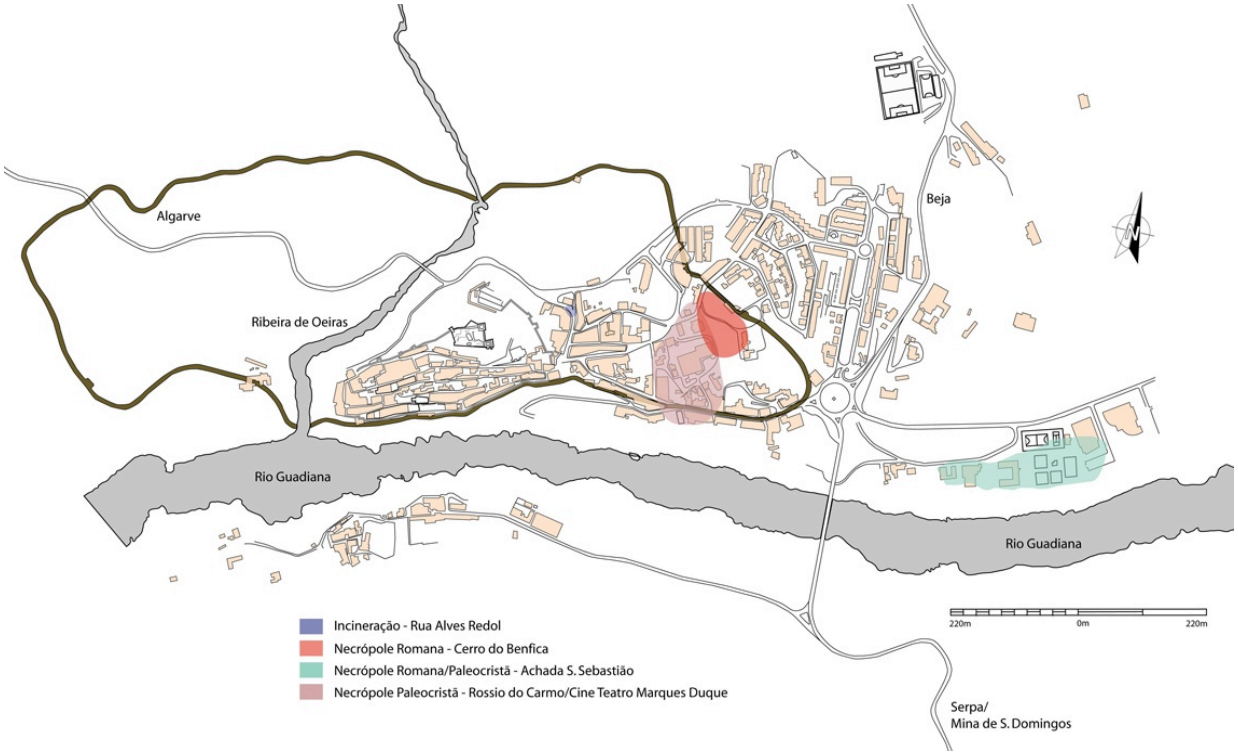


Fig. 24 – As necrópoles romanas de *Myrtilis*.

Nos anos 70 do século XX, aquando do alargamento da rua, foi exumada, numa sepultura, uma lucerna com um enquadramento datável do século II d.C. (Lopes, 1993: 83). Na segunda, foram escavadas aproximadamente três centenas de sepulturas, com uma abrangência cronológica compreendida entre o século I e o V d.C., que se estendiam por uma vasta área de terrenos xistosos, junto à margem direita do rio

Guadiana, a qual era delimitada, a noroeste, por uma cadeia de cerros de ligeira elevação. Na maior parte dos casos as sepulturas de inumação estão escavadas no afloramento xistoso, sendo cobertas com lajes também de xisto e terra. Nestas duas necrópoles não foi encontrado qualquer elemento epigráfico e o espólio referente ao período romano é extremamente escasso. Pensamos que estas necrópoles tenham tido uma longa utilização, tendo sido aí seguidos rituais pagãos e, posteriormente, cristãos (Lopes, 1999: 95).

2.6.1 A necrópole de incineração da rua Alves Redol

As obras de remodelação do eixo comercial, realizadas em Mértola, em 2008 e 2009, puseram a descoberto parte de uma importante necrópole de incineração até então completamente desconhecida. A necrópole de incineração foi descoberta durante a abertura de uma das valas na rua Alves Redol, nas imediações da Estação de Correios. Esta intervenção arqueológica permitiu a identificação, e a escavação, de 26 estruturas funerárias que albergavam cremações e 3 enterramentos de inumação (Lopes, 2012: 50-51).

Esta prática funerária consistia na cremação dos cadáveres, com recolha e colocação dos ossos e cinzas em urnas de barro ou de vidro. Posteriormente estes recipientes eram colocados na terra juntamente com objetos funerários, nomeadamente peças de cerâmica e de vidro.

A escavação arqueológica, para além da recolha de um importante conjunto de artefactos, proporcionou a descoberta, rara em território português, do local onde eram incinerados os corpos. As incinerações poderiam ser feitas no local onde se realizava a sepultura *bustum*, ou podiam ser feitas num outro local dedicado especificamente para este fim, designado de *ustrinum*, e posteriormente feita uma deposição secundária na terra (Pérez, 2006: 29).

Neste cemitério romano foram registados três tipos de estruturas funerárias: a primeira, constituída por uma fossa oval escavada na terra, onde era cremado o corpo (as paredes dessas fossas apresentavam a terra alterada pela ação do fogo); depois da recolha das cinzas na urna, esta era depositada na terra juntamente com as oferendas; posteriormente a fossa era tapada com pedras e terra. A segunda, a mais frequente, corresponde a enterramentos feitos com recurso a pedras colocadas na vertical,

formando uma cista retangular, onde era colocada a urna e os objetos funerários, cobertos posteriormente com lajes e blocos irregulares de xisto. Outro tipo consistia numa fossa, de pequena dimensão, escavada na terra onde eram colocadas as urnas funerárias; geralmente estes recipientes estavam circundados por com pequenas pedras. Estes dois últimos tipos pressupõem que a cremação do corpo se fizesse num outro local, no *ustrinum*, tratando-se portanto de deposições secundárias.

Deste ritual funerário fazia parte a deposição de alimentos em recipientes de barro e de líquidos em objetos de vidro. Esta prática funerária esteve em uso entre os séculos II a.C. e o século III d. C., embora no caso presente pareça ter sido abandonada em finais do século I ou inícios do II d.C..

À semelhança de outras cidades romanas como Mérida ou Córdova (Vaquerizo, 2002: 156), também em Mértola parecem conviver os dois tipos de enterramento, incineração e inumação. No limite oeste desta necrópole, duas sepulturas de inumação ladeiam uma de incineração. Uma dessas inumações possuía a característica cobertura com *tegulae* disposta em dupla vertente.

Fig. 25 – Escavação de um enterramento de incineração na rua Alves Redol em 2008.

No que concerne às urnas, a maior parte são pequenos potes de cerâmica comum com tampas de cerâmica ou de xisto. No entanto é de salientar um caso de uma urna de vidro com a sua respetiva tampa. Esta urna encontrava-se protegida por um recipiente cerâmico e, por sua vez, envolvida por lajes de xisto.

O espólio associado aos enterramentos é constituído por vários unguentários de cerâmica e de vidro. Estes últimos passam a dominar a partir do século I d. C.. As cerâmicas associadas aos enterramentos são, na maioria dos casos, pequenos recipientes, contudo são peças de importação, as designadas como terra sigillata itálica, sudgálica e ainda as primeiras produções hispânicas nomeadamente a cerâmica tipo

Peñaflor (Moreno Romero, 2006: 248). Deste conjunto de cerâmicas importadas, é de especial relevância, pela sua raridade em território nacional, a pequena taça de terra sigillata itálica de engobe negro com a marca de oleiro OF SR(...) (Lopes, 2012: 111). O espólio que acompanha os defuntos aponta para uma necrópole com uma utilização que se situa entre os meados do século I a.C. e os finais do século II d.C..

2.6.2 A Necrópole da Achada de S. Sebastião

A estação arqueológica da Achada de S. Sebastião situa-se numa plataforma sobranceira à margem direita do rio Guadiana, num arrabalde da vila de Mértola, na área ocupada por escolas, em recente crescimento urbano. A sua identificação deve-se ao arqueólogo Estácio da Veiga que visitou o local logo após a gigantesca cheia do Guadiana, no final de 1876. A ação intempestiva das águas pusera parcialmente a descoberto algumas sepulturas de uma necrópole e arrasara uma pequena ermida dedicada a S. Sebastião, de fundação quinhentista, procedendo o citado arqueólogo ao reconhecimento do sítio, à feitura de uma planta e à recolha de alguns materiais. No comentário que acompanha a planta, informa que "estavam simplesmente perceptíveis dezassete sepulturas mas nenhuma em estado de se poder examinar". Apesar de não ter realizado trabalhos de natureza arqueológica, atribui a necrópole ao período romano, não excluindo a hipótese de ter uma "origem mais antiga, embora posteriormente aproveitada" (Veiga, 1983, 81).
O projeto de ampliação da Escola Secundária de Mértola, localizada junto à necrópole, e a construção de um pavilhão gimnodesportivo motivaram uma intervenção arqueológica da equipa do CAM, levada a efeito entre Outubro de 1991 e Janeiro de 1992. Apesar do carácter de emergência que assumiu, foram identificadas e estudadas 182 sepulturas, número que viria a ser significativamente aumentado com as escavações realizadas nos anos seguintes. Até ao momento são conhecidos 269 exemplares, dos quais se conservam, na área musealizada, somente 87, junto à ermida de S. Sebastião.

O conjunto das 269 sepulturas identificadas, e estudadas, apresenta uma considerável dispersão espacial, sugerindo que este vasto campo mortuário poderia ter tido, e tendo em conta a área disponível, o dobro dos túmulos. O cemitério ter-se-á estendido por

uma área de meio hectare, tendo uma parte substancial sido destruída, ou ficado soterrada, aquando da ampliação do complexo escolar. No entanto, como já se disse, foi possível conservar um espaço desta necrópole contendo 87 sepulturas, demonstrativas dos vários tipos existentes, que foram alvo de musealização e de integração no espaço escolar.

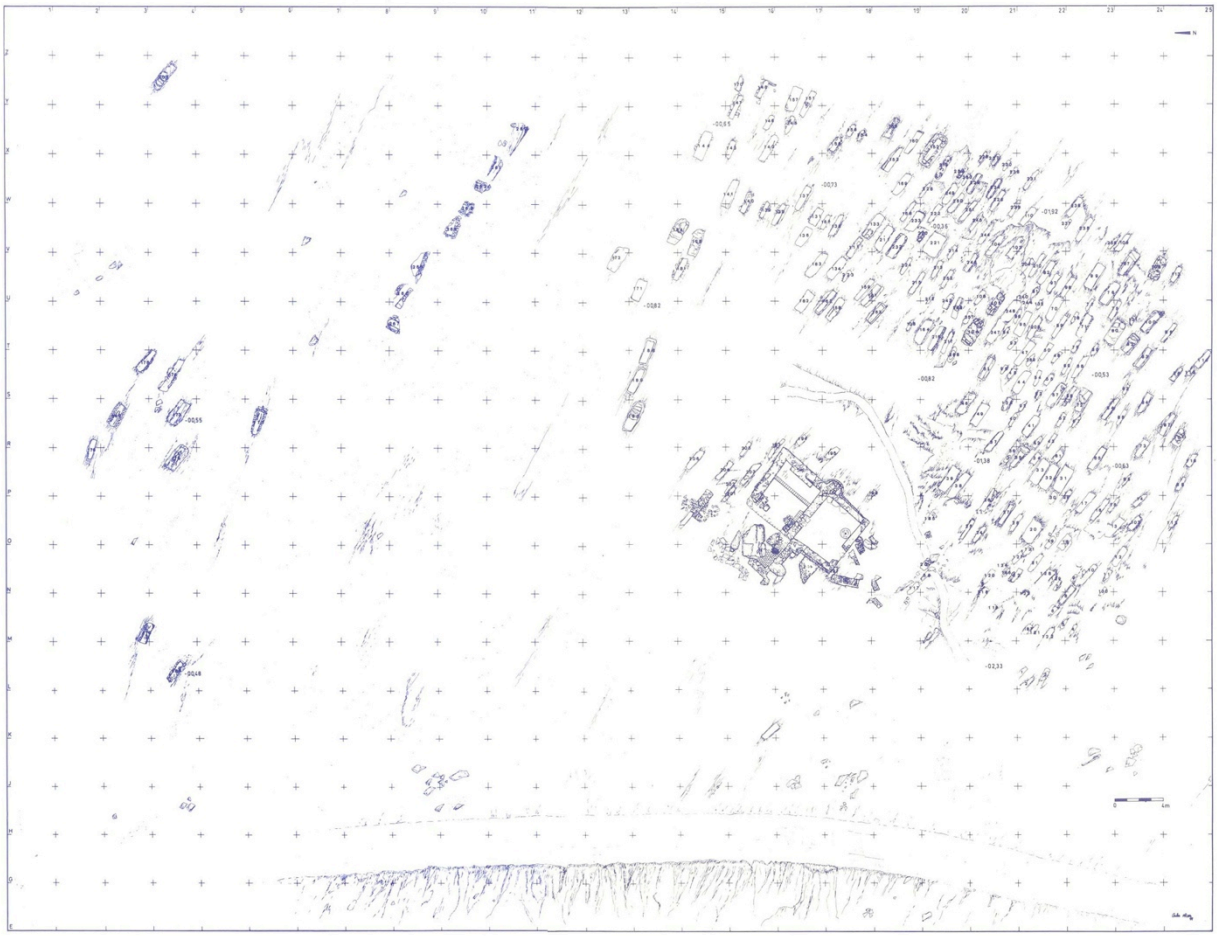


Fig. 26 - Planta geral da necrópole e da Ermida de S. Sebastião.

As sepulturas da necrópole de S. Sebastião, que foram objeto de intervenção arqueológica, são, na sua quase totalidade, talhadas no afloramento xistoso. Contudo, nas zonas onde o terreno desenha ligeiras depressões e a rocha de base se apresenta menos consistente, a caixa sepulcral foi construída em paredes de tijolo e/ou de alvenaria. As sepulturas mais bem conservadas, ou mesmo intactas, eram as que se situavam, maioritariamente, a níveis mais profundos, pois estiveram menos sujeitas às cheias ou aos trabalhos agrícolas. Neste caso, a planta respetiva apresenta um contorno ligeiramente trapezoidal, em contraste com o traçado retangular ou ovalado das que se encontram implantadas na zona mais elevada da plataforma xistosa. No entanto,

algumas sepulturas, apesar de abertas no afloramento xistoso, apresentam paredes em tijolo, ou em alvenaria e, de um modo geral, têm uma fossa rochosa de maiores dimensões.

A existência de pregos de ferro e de bronze sugere a utilização de caixões ou, como refere G. Ripoll, de padiolas de madeira em que os inumados tivessem sido transportados e depositados (Ripoll López, 1996: 223).

Registe-se, por outro lado, que nenhum dado arqueológico até ao momento recolhido permite confirmar a hipótese de no local ter existido uma necrópole de incineração, como à partida o denunciava o achado de uma "urna cinerária", ou de um "fundo de anphora de argilla vermelha com um fragmento de craneo e residuos de incineração, mostrando ter servido de receptaculo cinerario" (Veiga, 1983: 31, 32, 83 Est. 5). Na parte preservada da necrópole, foram deixadas intactas três sepulturas, representativas das diferentes técnicas construtivas utilizadas, de modo a possibilitar novas investigações arqueológicas às gerações futuras.

A orientação dos enterramentos é maioritariamente NO - SE, com a cabeça depositada a NO, facto que, certamente, se prendia mais com questões de natureza prática do que com questões de índole religiosa. A orientação das sepulturas escavadas na rocha segue os alinhamentos naturais do xisto, sendo desta forma mais fácil a abertura do local de enterramento. No entanto, três sepulturas apresentam uma orientação distinta, em que os defuntos foram depositados com a cabeça viradas para SO. A arquitetura funerária desses túmulos é em tudo semelhante aos demais, o que nos leva a pensar que se trata de sepulturas contemporâneas das restantes. Esta diferença na orientação das duas primeiras (262 e 263) não se deverá, por certo, à falta de espaço (pois os enterramentos nesta zona apresentam-se bastante dispersos) mas, sim, ao facto, confirmado pelo estudo antropológico, de se tratar de indivíduos de sexos opostos, eventualmente um casal que tivesse optado por um enterramento paralelo.

Terão estes três indivíduos pretendido um enterramento segundo o ritual romano em que é seguida uma orientação Sul-Norte dos corpos? Tratar-se-ia de gente vinda de outras paragens do Império, que terá desejado ser sepultada consoante as suas crenças? Estas dúvidas são de difícil resolução, pois não se verifica nos cemitérios romanos uma uniformidade no alinhamento dos sepulcros. A predominância vai para

uma disposição N-S ou S-N, se bem que a partir do século IV se verifique um predomínio do sentido Oeste-Este sem que tal facto possa ser interpretado como uma mudança de atitude ou de religião. Como sublinha B. Young, a Igreja só a partir do século V é que começa a normalizar a orientação dos seus edifícios religiosos, e, consequentemente, das sepulturas (Young, 1997: 19), tendo os primeiros cristãos continuado as prática de enterramento anteriores (Barroca, 1987: 13). Pode, pois, tratar-se de uma ocorrência acidental.

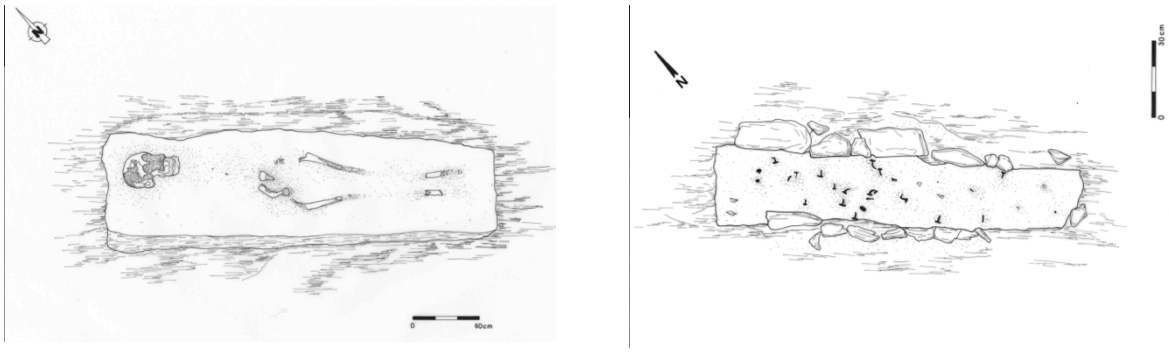


Fig. 27 –Sepulturas números 82 e 233.

A reconstituição dos pormenores do ritual funerário é, por si, uma tarefa complexa. No caso em estudo, esta tornou-se particularmente difícil dado o mau estado de conservação apresentado pela generalidade do espólio osteológico conservado. Contudo, esta necrópole apresenta as características habituais dos cemitérios dos últimos tempos do Império Romano. Trata-se de uma necrópole extramuros, com sepulturas de inumação individuais, escavadas na rocha e com uma orientação muito regular, noroeste-sudoeste, com apenas algumas exceções (Morales, 1999a: 116).

As peças arqueológicas provenientes das sepulturas remetem para a presença, neste cemitério, de rituais em que vasilhas de diferentes funções (potes, terrinas, pratos, tachos, taças, bilhas) foram colocadas no interior dos túmulos. No espaço preservado da necrópole, quando das limpezas periódicas que se fazem ao local, foi encontrado, no ano 2000, um numisma de bronze de Constantino II cunhado possivelmente em Roma entre 337 e 340.

Esta prática da colocação de objetos e oferendas alimentares (sólidos e líquidos) e de incenso no interior das sepulturas não foi exclusiva dos enterramentos romanos (pagãos), e verifica-se também nas sepulturas cristãs. O facto de haver sepulturas

cristãs ficou demonstrado neste cemitério pelo aparecimento de dois objetos (uma medalha em ouro e um fragmento de lucerna) portadores de uma inegável simbologia cristã. Mais uma vez estamos em presença, não de ruturas, mas de continuidades culturais, próprias de uma lenta evolução das práticas religiosas.

A necrópole de S. Sebastião apresenta as características próprias dos cemitérios cristãos dos últimos séculos do Império Romano. Trata-se de uma necrópole extramuros, com sepulturas de inumação individuais, escavadas no afloramento xistoso e com uma orientação noroeste-sudeste muito regular, com apenas algumas exceções. O espólio funerário é escasso, genericamente pobre, e remete essencialmente para os séculos III a V d.C.. Os enterramentos não apresentam lápides a marcar a sua presença, nem foi encontrado outro tipo de elementos exteriores de tipo funerário.

A inumação foi usada no ritual primitivo de Roma e, progressivamente, foi sendo substituída pela incineração. Os dois rituais coexistem, tornando-se a inumação a forma de enterramento mais frequente a partir do século III. Em finais do século V passa a ser a única prática funerária usada. Esta mudança enquadra-se num contexto de modificações estruturais que afetam a sociedade romana e que já tinham provocado alterações importantes na superestrutura política, social e religiosa (Vollmer e Lápoz, 1995).

A maior parte das sepulturas apareceram completamente vazias; o espólio ósseo simplesmente desapareceu, vítima dos vários agentes tafonómicos adversos. São poucos os casos em que foi possível recolher ossos de dimensões consideráveis e não excessivamente fragmentados. Na maior parte das fossas, onde ainda existiam restos, estes desfaziam-se em pó a um simples toque. Por vezes, era ainda possível detetar a área onde esteve depositado o esqueleto, do qual apenas restava a marca da sua anterior presença. Do total de duzentas e sessenta e nove sepulturas escavadas, só cinquenta e duas continham vestígios ósseos. A reutilização comprovada de uma das sepulturas eleva a cinquenta e três o número mínimo de indivíduos registados (Morales, 1999: 109).

O cálculo estimado da estatura dos adultos, a partir do comprimento dos ossos longos, medidos no terreno, deu um valor aproximado de 159-160 cm para os homens (1 indivíduo), e valores entre 142 e 152 cm para as mulheres (4 indivíduos). Trata-se de

valores muito semelhantes aos das estaturas médias de outras populações ibéricas contemporâneas (Morales, 1999: 110).

A partilha de sepulturas com familiares, tão frequente na Idade Média, pode explicar o achado de restos de um indivíduo masculino de idade avançada aos pés do esqueleto de um adolescente. O primeiro voltou a ser inumado, com redução de restos, depois da reabertura da campa e da introdução do novo cadáver. Infelizmente, a degradação óssea impossibilitou a análise dos carateres discretos, uma das poucas vias possíveis de pesquisar eventuais laços de parentesco. Talvez uma análise genética permita, no futuro, confirmar se os tais indivíduos eram parentes e se, portanto, a sepultura era uma propriedade de uso familiar.

Fig. 28 - Vista geral da necrópole e ermida de S. Sebastião após a construção do complexo escolar.

Nos anos de 1992 e 1995 desenvolvemos trabalhos de escavação arqueológica na Ermida de S. Sebastião. Esta ermida, fundada no século XV, remodelada na centúria seguinte e reconstruída, provavelmente, em finais de Seiscentos, acabou arrasada pela violenta cheia do Guadiana na madrugada do dia 7 de Dezembro de 1876. Abandonada desde então, transformou-se num espaço de memória, um registo do passado. Em busca dessa memória foram, nos anos de 1975 e 1976, alguns naturais de Mértola, entre os quais Serrão Martins, historiador de formação, autarca por convicção. Ficaram-se, no entanto, pela intervenção superficial, pois faltavam os meios e o tempo.

Alguns anos mais tarde, em finais de 1991, numa situação de emergência - a ampliação do complexo escolar da vila - o local voltou a ser objeto de uma intervenção arqueológica.

Sobre o pavimento da sacristia, junto à parede do lado Sul, encontrava-se uma pia circular de água benta ou lavatório, de mármore branco de grão fino, com um diâmetro de 85 cm. Ao centro, possui um ressalto em forma de paralelepípedo, perfurado no sentido vertical, apresentando-se a sua superfície e o orifício tapados por várias camadas de cal. Do que fora o seu pé ou base nada restava, e não deixa de ser surpreendente, tendo em conta as suas dimensões, ter a bacia ficado incólume ao derrube das estruturas envolventes.

Ainda que subsistam dúvidas, é uma peça eventualmente reaproveitada de um outro edifício, circunstância que, como é sabido, foi relativamente comum. São conhecidos, no concelho, vários exemplares de capitéis romanos escavados interiormente para serem convertidos em pias de água benta, como sucedeu, por exemplo, na capela do monte da Mesquita e na Igreja paroquial de Santana de Cambas. Neste caso, julgamos que a pia faria parte dum elemento com funções essencialmente decorativas, dada a qualidade do mármore e do seu acabamento. No mundo romano são conhecidos vários exemplares do género, pertencentes a fontanários com repuxos, existentes no *atrium*, ou no peristilo das casas urbanas (Cordelo, 1990: 31) ou nas *villae*

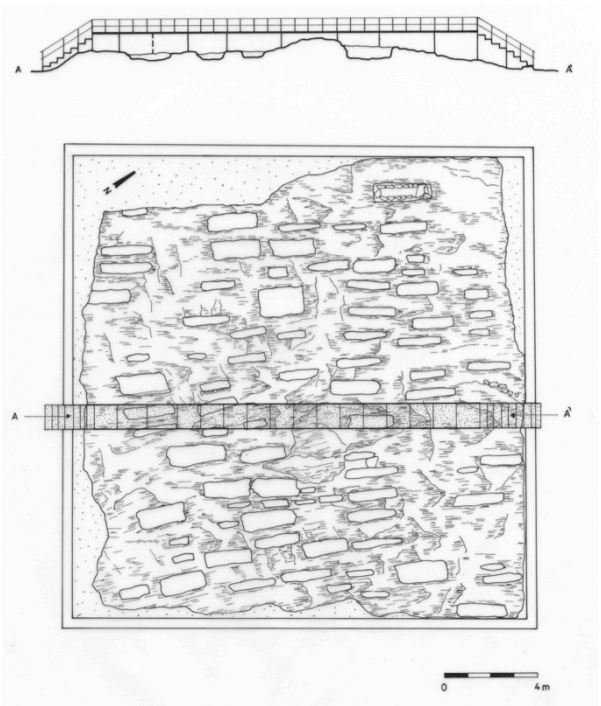


Fig. 29 – Necrópole romana musealizada no complexo escolar

III - Da Antiguidade Tardia até aos princípios do século VIII

3.1. Estado da questão

As designações de "arqueologia cristã" ou "arqueologia paleocristã" procuram identificar e estudar os vestígios materiais que documentam e evidenciam as primeiras etapas da prática da religião cristã tendo como parâmetros cronológicos os séculos IV a VIII. Para os estudos referentes aos vestígios posteriores à invasão muçulmana (711-718) e à introdução do islamismo, já se falará em "arqueologia medieval", se bem que no início deste período se sintam e perdurem traços artísticos e culturais do período anterior.

No período que a arqueologia paleocristã aborda, o território, que é hoje português, está ainda muito pouco estudado, sendo extremamente escassa a documentação escrita referente a esta época pelo que é através da arqueologia que podemos obter novos dados. Na senda de Justino Maciel (1992: 435-495; 1996b), e mais tarde M. Real (2000: 23), subescrevo ao optar pela utilização do termo "paleocristão" em sentido lato, para designar a arte religiosa oficial em contexto suévico e visigótico. M. Real acrescenta, ainda, "julgamos poder alargar o seu sentido à própria cultura moçárabe enquanto fiel continuadora da matriz cristã primitiva" (Real, 2000: 23).

F. Amores Carredano aborda a problemática da cristianização das cidades apontando para "un argumento específico que se desarrolla durante la denominada Antigüedad Tardía. No obstante, el estudio de los dos términos, cristianismo y ciudad, han tenido una evolución diferenciada debida a su separación inicial como objetos de conocimiento, esto es, a trayectorias historiográficas distintas. Desde el paradigma del urbanismo clásico, la Antigüedad Tardía suponía el epílogo de la gran ciudad clásica, su descomposición. Su estudio era minoritario y siempre desde criterios monumentalistas. (...) Los últimos decenios han supuesto un equilibrio, de justicia histórica, para con estos momentos entendiéndolos como el final de una época pero cuyo conocimiento se revela fundamental para la comprensión de la Europa medieval. (...) El cristianismo, a su vez, ha contado con una rica tradición historiográfica (...). De manera monográfica, el estudio del orígen, expansión y consolidación del cristianismo en Europa y Oriente ha entendido siempre a la Arqueología como una fuente fundamental de documentación. (...) De esta manera, aún cuando la Arqueología Cristiana mantiene y amplía sus foros, cada vez su enfoque se incardina en mayor

medida en estudios más amplios de índole urbanística e histórica general, incorporando el fenómeno de la cristianización como uno de los hechos históricos más interesantes acaecidos durante la Antigüedad Tardía." (Amores Carredano, 2005: 140-160).

Por conseguinte, suponho que a melhor forma de nos aproximarmos do conhecimento dos inícios do Cristianismo, e da Antiguidade Tardia em *Myrtilis*, é através do estudo e compreensão dessa nova arquitetura que mudou radicalmente as *urbes*, ou *suburbia*, e os seus t*erritorium* rurais. Neste caso, procurei unir, de forma coerente, as três grandes fontes de informação sobre a Arquitetura da época em estudo: a epigrafia, a decoração arquitetónica e os complexos edílicos, com o propósito de poder unificar aspetos que, até agora, tinham sido tratados de forma independente e que, no entanto, apontam uma quantidade e qualidade de informação muito superior a outro tipo de estudos que, como os de âmbito funerário ou do espólio associado aos enterramentos, tem sido objeto de maior atenção historiográfica (Sánchez Velasco, 2012: 724).

Desde o período romântico que a historiografia tradicional desenvolveu um gosto especial pelo estudo da Idade Média. Esse progresso refletiu-se não só no número de obras de investigação histórica a ele consagradas como, também, na contribuição cultural de outras atividades de âmbito cultural, como sejam a arquitetura e a literatura, que espelham bem o interesse com que esta época foi abordada a partir de então. De uma forma geral os estudos de arqueologia clássica caminham integrados nos estudos da Antiguidade Tardia. É no século XIX que em Portugal se iniciam os estudos sobre esta época: A. Caetano do Amaral sobre a vida e obra de S. Martinho de Dume (1803) e de S. Frutuoso (1805), os de C. Caspari (1883) e de J. Leite Vasconcelos (1913) sobre o apóstolo dos Suevos (S. Martinho). Nos finais desse século começam a desenvolver-se, com alguma regularidade, trabalhos sobre as mais antigas igrejas portuguesas. Assim, em 1889, o arquiteto Korrodi dá a conhecer à comunidade científica a igreja S. Frutuoso de Montélios.

Vergílio Correia faz, em 1928, a primeira síntese do que chamou, então, Arte Visigótica. Posteriormente, em 1962, Fernando de Almeida elabora um segundo trabalho de inventário e de síntese intitulado Arte visigótica em Portugal, ao qual se seguirão dois trabalhos sobre a Arqueologia Cristã na Espanha romana, elaborados por Pedro de Palol nos anos de 1967 e 1968. Uma década depois, em 1978, vieram à estampa os

estudos de H. Schlunk e Theodor Hauschild. Sobre o mesmo período histórico-artístico, em 1986, Carlos Alberto Ferreira de Almeida faz eco das novas tendências e sensibilidades no campo cultural, arqueológico e artístico, sobre a Antiguidade Tardia no território português na sua última publicação intitulada Arte Paleocristã da época das invasões. Esta temática foi ainda abordada por Justino Maciel, sendo de destacar A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711) 1995. Salienta-se, também, o trabalho de José Maria Blázquez (2002: 317-322) sobre as origens do cristianismo na Lusitânia, dado à estampa no ano 2002 e integrado na exposição Religiões da Lusitânia patente no Museu Nacional de Arqueologia.

Ao nível das histórias gerais de Portugal não se pode deixar de salientar os estudos desenvolvidos por José Mattoso, publicados em 1992, sobre a Difusão do Cristianismo na Hispânia e A Época Sueva e Visigótica, na "História de Portugal" por si dirigida. Ao nível peninsular não podemos deixar de sublinhar o importante contributo dado pelas cinco reuniões de Arqueologia Cristã Hispânica e as respetivas atas, que tiveram início em 1978 e se realizam de quatro em quatro anos, em distintos lugares, para o conhecimento deste período histórico.

Na última década do século XX viu-se, em termos nacionais, a produção de trabalhos de síntese com uma temática específica: em 1996 Justino Maciel edita a sua obra Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal centrando-se, em primeiro lugar, numa análise histórico-documental: verdadeira compilação e estudo de todos os textos referentes à Lusitânia (válida até hoje uma vez que não foram feitas novas descobertas documentais nos últimos quinze anos). Em seguida, o autor abordou a História da Arte (escultura, mosaico, arquitetura, pintura) com a Arqueologia, baseando-se principalmente em três sítios arqueológicos: Basílica de Dume (Braga), Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) e Troia (Setúbal). Em 2002 foi publicado, por Ana Jorge, *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (IIIe-VIIe siècles)*, síntese acerca dos concílios no intuito de perceber a organização do bispado na Lusitânia, com uma sólida base documental, a que acresce um catálogo de 19 sítios – rurais e urbanos - de toda a Lusitânia (portuguesa e espanhola). Em 2006 é editado o Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português, por M. M. Alves Dias e C. Gaspar, primeira compilação nacional dos suportes epigráficos paleocristãos. Em 2008, Licínia Wrench realizou uma atualização do trabalho de Fernando de Almeida, na mesma lógica de

História de Arte e de estudo de material (desta vez unicamente o material lítico) e não tanto territorial, intitulada Decoração Arquitectónica na Antiguidade Tardia. Em 2008, foi realizada uma exposição no Museu Nacional de Arqueologia e uma monografia sobre os rituais funerários romanos e Paleocristãos em Portugal, em que é incluída uma abordagem monográfica da necrópole visigótica de Silveirona (Estremoz) escavada, em 1934, por M. Heleno (Fabião et alii, 2008).

Em termos peninsulares, para as últimas décadas, será preciso referir as sínteses realizadas por Luis Garcia Moreno (1990), o estudo de Cristina Godoy Fernandez (1994, 1995, 2004), a edição dos Cuadernos Emeritensis, as várias Reuniões de Arqueologia Cristã Hispânica e os Anejos do Archivo Español de Arqueología, estes coordenados por Luis Caballero Zoreda e Pedro Mateos Cruz, com uma publicação regular, bem como as Monografias Históricas sobre a Antiguidade tardia, publicadas desde 1984 pela Universidade de Múrcia.

Nos últimos anos os estudos sobre a Antiguidade tardia ganharam um novo folgo, foram defendidos academicamente importantes trabalhos para o conhecimento da Antiguidade Tardia na Península ibérica, de entre eles destaco as dissertações de doutoramento de Mélanie Wolfram (2011), com o trabalho "Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no Sul da Lusitania. Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia"; André Carneiro (2011) "Povoamento Rural no Alto Alentejo em Época Romana. Lugares, Tempos e Pessoas, Vectores Estruturantes Durante o Império e Antiguidade Tardia"; Miguel Pessoa (2011) "Villa Romana do Rabaçal, Penela, Portugal - Um centro na periferia do Império e do Território da Ciuitas de Conímbriga. Função e contexto no âmbito da Arte e Sociedade da Antiguidade Tardia - Estudo de Mosaicos". E ainda os trabalhos dos colegas espanhóis: Isaac Sastre De Diego (2009), "El Altar En La Arquitectura Cristiana Hispánica Siglos V-X Estudio Arqueológico", e de Sánchez Velasco (2012) "Arquitectura y poder en La Bética Occidental Entre Los Siglos IV y VIII d. C. La Cristianización de las ciudades e do Territorio".

São também de assinalar as dissertações de: J. Vizcaino, que defendeu em 2007, e editou em 2009 um trabalho sobre "La presencia Bizantina en Hispania (Siglos VI-VII) Hispania La documentación Arqueológica"" e o caso de Diarte Blasco (2012) sobre "La configuración urbana de la Hispania tardoantigua", em que aborda as transformações e perduração dos espaços públicos romanos entre os séculos III e VI d. C..

As fontes materiais para o estudo da Antiguidade Tardia em Mértola e no seu território são, em grande parte, de natureza arqueológica. As referências documentais escritas são praticamente inexistentes, resumindo-se, apenas, ao relato de episódios de carácter militar que Idácio nos deixou na "Crónica dos Suevos". Nesta refere-se que "Mértola, metrópole da Lusitânia, foi tomada à viva força por Réquila em 440" e que o conde Censorius, embaixador ravenaico, "que havia sido enviado aos Suevos, foi ao regressar cercado por Réquila em Mértola, entregando-se pacificamente" (Tranoy, 1974: 136.; Idácio, 1982: 25; Maciel, 1996: 58).

A cristianização do território português começou, possivelmente, no Alto Império. Cidades costeiras e portuárias foram, provavelmente, das primeiras a receber a nova religião. Contudo, os grandes centros da cristandade peninsular vão ser desenvolvidos a partir do século IV neste território. Habitualmente tem-se chamado a estes vestígios quer paleocristãos quer visigóticos, originando assim uma terminologia histórica que ora prefere caracterizar-se pela religião dominante, ora se reconhece num sistema político. É exemplo significativo da duplicidade de critérios o facto de se tratar um templo religioso como paleocristão, área da esfera religiosa ideológica, e uma moeda, sua contemporânea, como suévica ou visigótica decorrente da área política e administrativa do Estado (Dias, 1994: 360).

Será perfeitamente admissível que, nos centros portuários e comerciais, a mudança de religião dominante tenha sido radical no espaço de uma só geração. Por sua vez, os rituais funerários e o seu culto, muito mais arreigados aos locais e hábitos dos antepassados, levam mais tempo a alterar-se, sendo necessário transcorrerem várias gerações (Torres, 1993: 26) até terem uma implantação expressiva.

As cidades com boas comunicações marítimas com o Mediterrâneo, como foram Valência, Tarragona, *Carthago Nova* e Barcelona, ou as que desempenhavam papéis económicos importantes e nos locais obrigatórios de passagem dos grandes rios, como, por exemplo, Sevilha, Córdova, Saragoça, Lisboa, Mérida ou Mértola, foram as que albergaram as mais importantes comunidades mercantis da Hispânia. As suas relações

comerciais com o Oriente propiciam a penetração na Península Ibérica do culto dos mártires e a expansão do cristianismo (Mateos Cruz, 1999: 181).

Os primeiros convertidos ao Cristianismo, fora da Judeia, não eram tanto escravos ou gente pobre, como pensavam até há pouco tempo os historiadores românticos e os apologistas eclesiásticos, mas, sobretudo, como mostra Peter Brown, indivíduos de classe média e ricos proprietários ou comerciantes das cidades: "em termos genéricos, e ao contrário de muitas associações comerciais ou irmandade religiosas – que em grande parte eram específicas de certas classes ou dependiam do sexo – a igreja cristã era um grupo que se caracterizava por uma grande variedade" (Brown, 1999: 43). O mesmo autor refere, ainda, que "a população do Império Romano habitua-se a esperar mudanças em muitos aspectos da sua vida. No entanto, ao darem apoio aos cristãos, Constantino e os seus sucessores tinham escolhido um grupo que exaltava positivamente a mudança, à custa das crenças tradicionais da maior parte da população. Depois de 312, Constantino, o seu devoto filho – Constâncio II (337-361), e finalmente, Teodósio I (379-395)-, proibiram progressivamente todos os sacrifícios públicos, fecharam os templos pagãos e foram coniventes em frequentes actos de violência contra santuários importantes, de que a destruição do gigantesco Serapeum de Alexandria, em 391, foi apenas o mais espetacular (Brown, 1999: 53).

No que concerne à origem, ou melhor às origens, do cristianismo peninsular, ainda se mantêm as polémicas sobre este tema. Contudo, parece claro que não existiu apenas uma única via de entrada desta religião nas cidades. Assim, alguns autores, entre eles J.M. Blázquez, defendem que a origem do cristianismo hispânico é exclusivamente norte-africana, (Blázquez, 1967: 30-50; 1986: 93-102), facto provável em algumas cidades da Bética. No entanto, parece que, de modo pontual, a introdução desta religião na Hispânia se deve principalmente às relações existentes das cidades com o Oriente, bem como à presença nelas de grupos de judeus, grupos esses nos quais se desenvolvem e dirigem os primeiros proselitismos (García Moreno, 1974: 324).

Em geral, como refere F. R. Lane, "a introdução do cristianismo, como cada fase de transição, foi um processo lento cheio de imprevistos de imprevisível relevância. Enquanto o cristianismo se difundia, os deuses pagãos tinham já mil anos de

antiguidade e mereciam o respeito de jovens e anciãos, de imperadores e dos súbditos de Roma e das suas províncias" (Lane, 1982: 210). Como exemplo desta situação basta assinalar a presença, na Hispânia, em meados do século IV, de uma inscrição do imperador Julianus, o que implica uma aceitação da sua política, ou a notícia que nos chegam de seitas gnósticas em distintas zonas da península e de cultos pagãos na Galiza e na Lusitânia (Arce, 1988: 129). O cânon do Concílio de Elvira (295-314), em que participaram Vicentius de Ossonoba e Quintianus de Ebora, e onde foram proibidas as práticas sacerdotais pagãs, demonstra a existência de altares e templos a funcionar com cultos pagãos (Vives et alii, 1963: 55 e ss).
O codex teodosiano, emitido nos últimos anos do século IV, proibindo os cultos pagãos nos templos, é um outro testemunho da existência da prática destes atos no decorrer desta centúria.

Como afirma Manuel Real "A história do cristianismo não é linear. Está cheia de vicissitudes, antes e depois da invasão de 711" (Real, 2000: 23). Nos meados do século IV surge, na Lusitânia, o bispo Potâmio que esteve no centro da maior discussão filosófico-teológica do seu tempo, o arianismo. Paralelamente, com a ação de outros bispos de Córdova e de Mérida, foi responsável pelo desenrolar das querelas trinitárias e cristológicas que se seguiram ao Concílio de Niceia de 325, bem como pela ofensiva ariana que teve lugar no tempo de Constantius II (Moreira, 1969: 75 e ss). "Esta heresia, surgida no Império Romano do oriente foi uma das mais antigas difundidas no Ocidente, foi uma das mais antigas difundidas no Ocidente, entre o século IV e meados do século VI, tendo sido religião dominante, embora minoritária na Península Ibérica até às conversões ao catolicismo dos Suevos e dos Visigodos" (Tavares, 2000: 363).

O imperador Constantinus procurou eliminar a heresia ariana por meio da proclamação solene da doutrina ortodoxa no Concílio de Niceia e pela repressão violenta. O insucesso destas medidas levou o seu sucessor, Constâncio, a mudar de tática, perseguindo, por sua vez, os bispos ortodoxos mais intransigentes e tentando impor a todos uma forma doutrinal atenuada que permitisse a reconciliação dos católicos com os arianos.

O arianismo acompanha, como sublinhou Edmund Leach, a passagem do Cristianismo a religião de Estado com transformações reais no universo social e na expressão artística (Leach, 1980: 257).

O Ocidente Peninsular voltou aos contenciosos religiosos cristãos no fim do século IV, novamente por questões de heterodoxia, tratando-se desta vez não de uma posição pessoal e passageira, mas da adesão de grande massa de fiéis e de numerosos membros do clero durante cerca de século e meio (Mattoso, 1992: 286-287). Tratou-se, na sua origem, de um movimento de laicos e de gente culta, dedicada ao ascetismo. Vários bispos lusitanos desempenharam um papel importante no movimento ascético priscilianista, marcante na Hispânia das últimas décadas do século IV (Blázquez, 2002: 318-319).

O priscilianismo foi contemporâneo da heterodoxia ariana e divulgado na Lusitânia por Prisciliano, rico proprietário e bispo de Ávila, em finais do século IV. Cedo foi condenado como herético no Concílio de Saragoça pelos bispos de Mérida e de Ossonoba. Prisciliano defendia um cristianismo caracterizado por forte ascetismo, o que lhe valeria a deposição do bispado e a condenação à morte sob acusação de heresia. A partir daí passa a ser venerado como mártir e Astorga, onde vivia, passou a ser um centro que atraía peregrinos que ali iam rezar.

Segundo Escribano Paño, em 400, o movimento priscilianista voltou a ser combatido no Concílio de Toledo, que procurou repor a ortodoxia na Hispânia reafirmando o credo e a disciplina do Concílio de Niceia (Escribano, 1991: 271). Tudo indica que as decisões deste Concílio não conseguiram pôr termo ao movimento priscilianista e que este se continuava a expandir no seio das populações do Noroeste peninsular (Tranoy, 1981: 428).

O II Concílio de Braga (572) condena de novo esta heresia proclamando a unidade da fé católica. Teria o priscilianismo desaparecido? O facto é que, a partir daqui, não temos mais notícias sobre esta corrente heterodoxa (Jorge, 2000: 363).

A conversão de Recaredo à ortodoxia católica, em 587, tinha comprometido definitivamente a hierarquia religiosa com a monarquia visigótica.

O território ocidental da Península Ibérica parece estar a salvo de grande parte das perturbações políticas e económicas que se geravam entre as diferentes capitais do império ocidental e oriental durante os séculos III, IV e V, entre Roma, Milão,

Constantinopla e Ravena. A partir de inícios do século V, apenas a Tarraconense[9] se manteve oficialmente sob domínio romano enquanto os restantes territórios estiveram entregues a um autogoverno, com germanos ou mesmo sem a presença destes, como se pode apreciar na Crónica de Idácio (Mattoso, 1992). Esta realidade levou uma série de investigadores a considerar o século V como um período de declínio em que as cidades, e grande parte das villae, foram abandonadas (Ward-Perkins, 2005). A política justiniana, durante o século VI, também não parece ter afetado o território da Lusitânia.

É no período compreendido entre 585 e 711 que será o denominado "período visigótico áureo", em que todas as formações políticas e religiosas se fixam. Recaredo converte-se ao Catolicismo no Concílio III de Toledo, em 589, dando assim um enquadramento político à Igreja Hispânica. A Hispânia torna-se oficialmente católica, tendo à sua cabeça o líder religioso e espiritual Isidoro de Sevilha (Fontaine, 2000). Toledo ganha a primazia de um ponto de vista político, por ser a sede da corte, mas a sua arte será de alguma forma sempre subordinada aos modelos criativos de Mérida, continuando esta a ser o centro artístico incontestável (Wolfram, 2011: 13). Como refere J. Orlandis (2003) a arte dita visigótica é uma criação do tempo e não de uma raça.

A segunda metade do século VI ficou também marcado pelo desembarque, em 552, no sudoeste da Hispânia, de um pequeno contingente militar comandado pelo octogenário Patrício Liberio, respondendo à chamada de Atanagildo, que se enfrentava com o rei visigodo Aguila. Com este facto dava-se a incorporação da *Spania* no projeto justinianeo *Renovatio Imperii*, uma empresa expansiva que pretendia a reconquista dos antigos territórios imperiais no Mediterrâneo Central e Ocidental. A ocupação bizantina no sudoeste hispânico fez-se, inicialmente, através da tomada das cidades costeiras que controlavam o estreito de Gibraltar (no norte de *Africa Septem* – Ceuta- e na península ibérica Carteia) estendendo os seus domínios, progressivamente, para o

[9] Durante todo el século V Tarraco converteu-se na base militar de Ravena no seu último e falido intuito por restabelecer uma ordem *romanorum* na Península Ibérica. Tendo sido a última capital provincial da Hispânia romana. De 473 a 714 d.C. a cidade continuou a ser a capital, da província *tarraconensis* del *Regnum Gothorum* (primeiro de Tolosa e depois de Toledo).

interior, controlando cidades do interior do sul da Espanha, como *Gades*, *Acci*, *Basti*, *Begastri* e *Eio*. Nos finais do século VI esta ocupação reduz-se para as cidades costeiras de *Cartago Spartaria*, *Malaca*, *Baria*, *Ilice* e *Dianium* (Vizcaíno Sánchez, 2009: 33-35).

A partir do tempo de Leovigildo (571/72-586), com a conquista do reino dos Suevos em 585, e posteriormente em 624, no reinado de Suintila (621-631), com a tomada da cidade de Cartagena, narrada por Isidoro de Sevilha (Etymologiae, XV, 1, 67), os visigodos tomaram conta da Península Ibérica até 711, aquando da conquista Muçulmana.

Fig. 30 – O mapa das cidades da Hispânia no século V (Adaptado de PérezMarínez, 2012: 447).

Para M. Real a segunda metade do século VI constituiu um momento decisivo para a implantação da arquitetura do reino visigodo, enquadrando-se nesta época os casos de Dume, Recópolis e Mérida, um conjunto de templos cuja atribuição cronológica pode ser considerada relativamente segura, "Em contrapartida, começam a faltar referências básicas para a datação de momentos do século VII" (Real, 2000: 32).

A comumente designada crise do estado visigodo que afeta quase todo o século VII, provavelmente propiciada por outras perturbações de carácter fiscal, e a reação da Igreja que centra a sua atividade edílica no âmbito rural, através da construção de igrejas e mosteiros, favorecendo um modelo de sociedade feudal e que leva à desestruturação das cidades (Olmo Enciso, 1998: 116), e à consequente "ruralização" da paisagem urbana, provocando a falta de construções e o abandono e deterioração de algumas áreas urbanas (Mateos e Alba, 2000: 152) e que M. Acién, designa de "protofeudal" (Acién Almansa, 1998: 111).

O grande contributo civilizacional dos Visigodos, resumido por de J. Alarcão, aponta para a conversão ao Catolicismo, em 589, de Recaredo (686-601), e pela adoção de normas jurídicas, fundamentalmente romanas, compiladas na Lex Visigothorum de 654, reduziram assim, "os riscos de um conflito social entre a população de raiz hispano-romana e a de origem visigótica" (Alarcão, 2012: 354).

Os limites temporais do estudo que pretendo desenvolver têm como marco superior "a maior revolução política que alguma vez se verificou na história do mundo antigo que ocorreu nas duas gerações que se seguiram à morte do profeta Maomé, em 632. Os exércitos árabes, conduzidos por muçulmanos, empurraram os romanos do Oriente para fora da Síria e do Egipto, e conquistaram, em pouco tempo, todo o Império Sassânida. Cartago caiu em 698; o reino Visigótico da Hispânia em 711. Só em 717 foi possível travar as frotas de guerra muçulmanas junto a Constantinopla; e, em 733, Carlos Martel derrotou um pequeno grupo de incursores muçulmanos, (...) numa batalha perto de Poitiers. Para além destes dois contratempos, o êxito islâmico não teve qualquer paralelo na História . As populações desse arquipélago de regiões civilizadas, que se estendia de Marrocos e da Andaluzia [sul da Península Ibérica] até à Ásia Central e ao Punjab, foram reunidas pela primeira vez num mesmo sistema político" (Brown, 1999: 200).

Na Península ibérica o processo de islamização começa com uma incursão exploratória a mãos de Tarif e no ano seguinte, em 711, entra Tariq que derrota a aristocracia visigoda ao mando do Rei Rodrigo. O exército formado por árabes e berberes, em muito

casos ainda não islamizados. Depois incorpora-se o Musa Ibn Nusair que era o governador do norte de África.
Após a derrota das tropas do rei Rodrigo começam a controlar rapidamente o território em campanhas militares que se desenrolaram, entre 711 e 714, num território que ofereceu tão escassa resistência militar (Zozaya, 2005: 19).

As fontes são contraditórias e imprecisas no que diz respeito ao itinerário seguido por ambos, especialmente para o ocidente peninsular; centram-se em cidades significativas pelo seu tamanho ou pela sua atitude rebelde. De este modo, apenas a toma violenta em 94 H./713 d.C. de Sevilha, primeiro, e de Mérida merecem atenção especial. A partir de 95 H./714 d.C. O filho de Musa, `Abd al-`Aziz, assume o comando e é responsável pelo controlo da zona entre Tejo e Mondego mediante pacto (Coimbra e Santarém) (Picard, 2000: 22; Chalmeta, 1989: 22 y 1994: 252) um processo de pacto semelhante ao que se deu com o conde Teodomiro na região de Tudmir (região nas atuais províncias espanholas de Múrcia, Alicante e Albacete).

O sudoeste peninsular apenas foi submetido após a rebelião de Sevilha, apoiada por gentes de Beja e Niebla, por `Abd al-`Aziz (Chalmeta, 1994: 176). Este, primeiro sufocou Sevilha e depois os outros territórios do Gharb (Lévi-Provençal, 1990a: 17: Picard, 2002: 22). Foi então que se deram os primeiros assentamentos de clãs árabes (Picard, 2000: 21-22) embora o assentamento mais importante se produzisse a partir da chegada do Yund do Egipto, por volta de 742 (Chalmeta, 1994: 332).
Encontramos, em resumo, no processo de instalação do poder muçulmano duas situações: um controlo mais leve dos territórios ao norte do Tejo e nas grandes cidades da zona sul (Mérida, Beja e Niebla) uma resistência, num primeiro momento, e o domínio por capitulação.

Contudo, como escreveu L. Caballero Zoreda "El annõ 711 tiene un significado simbólico: tras él se mantuvieron las costumbres e las manifestações materiales de la sociedade hispana. El cambio fue muy lento y sólo se aceleró a partir do s. IX, produciéndose la verdadeira islamización y la desaparición del Cristianismo, a partir de comiezos del s. X. Lo paleocristiano en l-Andalus debió pervivir durante mas de dos siglos" (Caballero Zoreda, 2000: 214).

3.2. Contextualização histórico - arqueológica

O estudo do fim do domínio romano no território do sul da Lusitânia é indissociável da análise das movimentações de carácter militar provocadas pelos povos do limes mas, também, da crescente afirmação do Cristianismo. De religião perseguida passa, nos finais do século IV, para religião oficial do Estado. Antes deste momento é difícil provar arqueologicamente a existência de práticas ou de espaços adstritos ao seu culto. Contudo a arqueologia contribuiu com valiosos dados para o conhecimento das origens do cristianismo na Lusitânia. As inscrições mais antigas conhecidas procedem de Emeritas Augusta e datam de 381 e 388: a primeira é uma inscrição funerária e a segunda é interpretada, por alguns autores, como uma inscrição ligada a um edifício de função litúrgica (Blázquez, 2002: 317).

As primeiras referências ao cristianismo peninsular e, consequentemente, à existência de uma comunidade cristã, encontram-se expressas na carta 67 de São Cipriano, bispo de Cartago. Esta missiva, escrita em 254, é dirigida aos fieis de León, de *Asturica Augusta*, ao diácono Élio e aos fiéis de Emerita Augusta, aquando das apostasias dos bispos Basílides e Marcial durante a perseguição de Décio. Esta troca de correspondência alarga-se ao bispo de Roma, Estevão, que reconduz Marcial como bispo de *Emerita Augusta* (Blázquez, 2002: 318).

Fig. 31 – Hispânia em meados do século VI. (Adaptado de Pérez Marínez, 2012: 448).

Já em 325 foi o bispo Osius, de Córdova, que presidiu o concílio de Niceia (na atual Turquia), por ser o conselheiro do imperador Constantino (Mattoso, 1992: 286). Ainda no século IV, para a Lusitânia, temos o caso do bispo Potamius, de Lisboa, que se dirigiu para Sirmium (na atual Croácia) a fim de participar no concílio de 357 (Mattoso, 1992: 287) ou, trinta anos mais tarde, a monja Egeria que efetuou uma peregrinação a partir da sua terra natal (*Galaecia* ou Sul da Gália) para a Terra Santa (Mariano e Nascimento, 1998). Mais tarde, no século VI, o caso de S. Martinho, que veio da *Panonnia* (atual Hungria) para fundar um Mosteiro em Dume e se tornou, a seguir, bispo de Braga (Maciel, 1996: 73-82). João Biclarense, seu contemporâneo, era natural de *Scallabis*, foi estudar para Constantinopla voltando a seguir para o Ocidente (Catalunha) onde fundou um mosteiro (Mattoso, 1992: 290).

É extremamente difícil saber com precisão a data da introdução desta religião no atual território português. O Cristianismo, dos primeiros séculos da nossa era, foi uma religião alvo de perseguições e, consequentemente, votada à clandestinidade. No entanto, até ao século III, não temos notícias acerca de perseguições ou martírios, em que estivessem implicados os membros desta comunidade religiosa na Hispânia. Para M. Sotomayor, as origens podem fazer-se remontar aos finais do século I ou aos inícios do II (Sotomayor, 1979: 40). Contudo, as primeiras referências documentais existentes são provenientes das Actas do Concílio de Elvira, realizado por volta de 301, onde estiveram presentes representantes das comunidades cristãs de *Ossonoba* e *Ebora* (Dias, 1994: 360).

A partir de Diocleciano, as reformas políticas e económicas dão uma nova organização ao Império e implicam mudanças socioeconómicas importantes, distinguindo-se, assim, dos séculos anteriores. A partir de 411, as províncias ibéricas ocidentais são "dadas" como recompensa aos diferentes povos germânicos, já não havendo oficialmente uma gestão romana, apesar de os hábitos continuarem romanos (Fabião, 1992: 293).

De um ponto de vista religioso, e no que se refere ao resto do Império, esse período (mais precisamente a partir de 313) é o do maior crescimento da Igreja, o cristianismo tendo-se tornado religião tolerada, para tornar-se a religião oficial a partir de 380 (Durliat, 2002: 42-43). O Oriente verá, a partir de 330, o nascimento da cidade de Constantinopla, a importância da sua comunidade cristã e sua crescente influência de um ponto de vista religioso e cultural para o resto do Império. De um ponto de vista dogmático, será o período de maior luta contra as heresias, sobretudo o arianismo e, no território hispânico, o priscilianismo (Escribano, 2000).

Na Lusitânia, as comunidades cristãs urbanas conhecidas documentalmente são as de Mérida, Évora e Faro, uma vez que estavam presentes no primeiro concílio que se reuniu na Hispânia, em Elvira, por volta de 306-314 (Jorge, 2002).

Como sublinha Manuel Real, a implantação do cristianismo no território português é um fenómeno mediterrânico, "configurando-se como um processo de evolução interna da própria sociedade hispano-romana. A organização territorial das dioceses, a estrutura hierárquica, conciliar os textos regimentais e apologéticos, os recursos arquitetónicos e as formas de representação artística, assentam basicamente no

quadro da cultura latino-romana, a qual, aliás, já desde muito cedo, se havia aberto a outras correntes religiosas e estéticas oriundas do Mediterrâneo oriental" (Real, 2000: 22).
Ossonoba era, desde o ano 305, sede de bispado e, consequentemente, detinha um número de cristãos significativo (Keay, 1988: 197) no qual, possivelmente, se integraria também a comunidade cristã existente em *Myrtilis*. Defendemos esta hipótese não pela existência de qualquer fonte documental mas pela proximidade espacial destas duas cidades.

Apesar do Império Romano caminhar a passos largos para a sua desagregação assiste-se, durante o século IV, no Baixo Alentejo, ao florescimento de importantes villae agrícolas. São casos bem estudados o da *villa* palaciana de S. Cucufate, na Vidigueira, que por volta de 360 se remodela arrasando as construções anteriores para dar lugar a um grande edifício de dois andares, ou ainda a *villa* edificada no século IV no Monte da Cegonha, situada no mesmo concelho (Lopes e Alfenim, 1995: 338).

Ao nível do povoamento "parece que as cidades do Ocidente Peninsular continuam sistematicamente habitadas por uma população hispano-romana." (Almeida, 1992: 130). Tudo indica que o cristianismo teve, em primeiro lugar, um maior número de fiéis nas cidades onde se formam comunidades com bispos e diáconos (Hauschild, 1995: 377). As cidades conotam-se, cada vez mais, com a ideia de sede episcopal e o seu território é a diocese, a ponto de velhas cidades deixarem de ser consideradas quando deixam de ter sede episcopal (Almeida, 1992: 131).
Como sublinha José Mattoso, numa síntese sobre este período, "as fontes disponíveis começam a revelar o lento declínio de uma civilização que permanece quase inalterável nos seus padrões de vida e nos seus moldes estéticos, mas perde a sua capacidade de renovação e de produzir testemunhos monumentais numa escala comparável à da época imperial" (Mattoso, 1992: 302-303).

Os testemunhos em que nos podemos basear para o estudo desta época já não são, salvo algumas exceções, grande conjuntos arquitetónicos mas ruínas dispersas e espólio funerário. Uma das exceções é o complexo religioso de Mértola de que abordarei mais adiante. Do ponto de vista arqueológico continuam a ser as evidências

funerárias e os edifícios de culto - reflexo da intensa cristianização da topografia urbana- os indicadores mais fidedignos para a reconstituição das funções vitais das urbes mediterrâneas dos séculos V, VI e VII d.C. (Casasola e Bonifay, 2010: 45).

Os cristãos da Hispânia dataram os seus epitáfios funerários a partir do século IV. São sintomáticas as lápides encontradas em Mérida, uma com um epitáfio datado de 380 e outra de 388, que alguns autores relacionam com a construção da catedral. Trata-se, no entanto, de uma inscrição que apenas contém a data e a gravação de um crismon (Mateos Cruz, 1999: 181).

O mais antigo epitáfio encontrado em território português provém de Mértola e, embora incompleto, pode ainda ler-se que data de 462. Os mais antigos enterramentos cristãos deste cemitério eram, claramente, hispano-romanos, mas uma lápide, datada de 482, com a representação de uma *menorah* no final da inscrição, denota a presença de um indivíduo de religião judaica na comunidade paleocristã de Mértola (Dias, 1993: 111).

O epitáfio funerário do presbítero Satirio encontrado por Estácio da Veiga no Rossio do Carmo, datado de 489 que contém a seguinte inscrição: "ao presbytero Satirio. Governou no presbyterio treze anos" (Veiga, 1983: 105). O que vem revelar que, no ano de 476, havia em Myrtilis uma igreja cristã pois foi nesse ano que o presbítero Satirio a começou a governar. No entanto, o epitáfio não classifica Satirio como o primeiro presbítero, sendo muito provável que já anteriormente existisse uma igreja no Rossio do Carmo e uma comunidade cristã bem organizada. O certo é que a basílica paleocristã do Rossio do Carmo foi edificada na segunda metade do século V.

Nesta cidade, por volta de 522, e talvez durante as três décadas seguintes, uma parte da comunidade cristã escreveu os seus epitáfios em grego e não em latim, mesmo antes da ocupação bizantina do sul da Andaluzia. O que deixa supor a existência de uma comunidade de falantes desta língua, com uma organização própria, e que tem sido vista como uma ponta de lança de Bizâncio no Ocidente. A este respeito, Cláudio Torres, com base na análise da onomástica e das possíveis relações de parentesco dos elementos da comunidade grega residente em Mértola durante o século VI, afirma: "O facto de em quatro [neste momento são cinco] apelidos conhecidos dois deles serem idênticos [Êutiques e Éutiquio], passaria por simples coincidência, se Êutiques fosse

um nome vulgar. Assim, era chamado o fundador da heresia eutiquiana ou monofisita que a partir de finais do século V passa a ser preponderante em Alexandria e nas principais cidades que no Oriente vão combater a ortodoxia de Bizâncio. Esta heresia, assim como o arianismo e mais tarde o monotelismo, contestam fundamentalmente o que pode ser considerado como a vertente politeísta do dogma católico da Trindade, defendendo o conceito de Deus Pater superior, com uma só natureza e uma só vontade" (Torres, 1993: 27). Esta posição é corroborada também por Manuela Dias que, após o estudo apurado das inscrições gregas de Mértola, a considera como um lugar de "exílio" de defensores das conceções monofisitas[10] que foram combatidos pela ortodoxia de Bizâncio (Dias, 2000: 105). No entanto para E. Fernandes (2012: 96): "Trata-se de um argumento exclusivamente onomástico, que não encontra fundamentação em qualquer outro tipo de evidências".

O nome "Eutiques" também se encontra atestado numa inscrição grega gravada numa telha reutilizada, proveniente de Villaricos (Almería, Espanha), no território da antiga Baria, da qual, Rodá propôs a seguinte tradução: "Aqui jaz Eutyches, grego, filho de Sambastius" (Rodá, 1988: 231-233, fig. 16). Pelo formulário e traços paleográficos é possível datar a epigrafe durante o século VI, seguramente coincidente com a ocupação bizantina da cidade (Vizcaíno Sánchez, 2009: 733- 735).

De 465 foi achado o epitáfio de Donata, que proveio do sítio da ermida de S. António (onde hoje se situa o Cineteatro Marques Duque). Este elemento reforça a existência, nesse local, de um templo cristão com enterramentos. Das quatro lápides conhecidas,

[10] O Monofisismo foi uma doutrina religiosa que argumentava que Jesus Cristo não possuía natureza humana, mas somente divina (vd. *ODB* II: 1398-1399). Nasceu inicialmente na "Escola Teológica de Alexandria" tendo sido repudiada no concílio de Calcedónia realizado em 451, e posteriormente considerada uma heresia. Êutiques foi monge de Constantinopla: nasceu no ano de 378 e faleceu em 456, e fundamentou a heresia do monofisismo juntamente com o patriarca Dióscoro de Alexandria (m. 454) (cf. *ODB* II: 1399).
Eutíquio (512-582) foi o Patriarca de Constantinopla entre 552 e 565 e, novamente, entre 577 e 582, que se celebrizou por se ter oposto à oficialização, por Justiniano I (r. 527-565), da doutrina monofisita, pelo que incorreu na ira do imperador (ODB I: 129 y *ODB* II: 759). Inicialmente colocou-se ao lado de Justiniano na chamada Controvérsia dos Três Capítulos, em que o imperador decidiu abolir o valor doutrinal dos escritos de Teodoro de Mopsuestia, Teodoreto de Cirro e Ibas de Edesa, considerados pelos Monofisitas como demasiado nestorianos, mesmo tendo sido aprovados pelo Concílio de Calcedónia. O objectivo desta medida era reconduzir os Monofisitas à obediência ortodoxa, tendo fracassado. O próprio Eutíquio escreveu, numa fase mais avançada da sua vida, contra algumas crenças do Monofisismo (ODB II: 759; *ODB* III: 2080-2081).

três delas são de mulheres e a quarta de um homem com o epitáfio fúnebre escrito em grego (Zózimo, ano de 565). Recentes escavações arqueológicas levadas a cabo no local vieram reafirmar a existência de enterramentos do tipo dos encontrados na basílica do Rossio do Carmo.

Por sua vez do mausoléu situado nas proximidades provém a lápide bilingue, datada de 522, sendo a mais antiga inscrição deste grupo encontrada em Mértola. Refira-se, a este propósito, que a lápide mais antiga escrita em grego de Mérida se situa em torno de 510-520 e 539 (Ramírez Sádaba e Mateos Cruz, 2000: 228, nº 181 e 227, nº 180).
O urbanismo da cidade de *Myrtilis* na Antiguidade Tardia segue dois vetores, sendo um primeiro caracterizado pelos condicionalismos dos edifícios anteriores que continuam em uso nesta época; por outro lado, em meados do século V, são construídos, fora de portas, os três novos edifícios mencionados, criando novos polos de desenvolvimentos para ocupações urbanas com funções religiosas e funerárias.

Ao nível do urbanismo privado, a passagem do paganismo para a nova religião não implicou alterações profundas. O Lararium pagão existente nas habitações romanas facilmente se transforma num altar cristão. Só quando os espaços de culto se tornam insuficientes ou inadequados é que é necessário proceder a novas construções. As mudanças serão mais notadas no que concerne à arquitetura dos espaços públicos, como veremos nos capítulos que se seguem.
Por último, resta referir, ainda que brevemente, a importância destes aspetos histórico - religiosos para o redesenhar da configuração urbana. "Cada cidade tem a sua história particular, determinada pelas limitações da sua situação, os seus antecedentes, os elementos exteriores e pela vontade e capricho dos seus homens". (Bogneti, 1959: 59-88). Esta frase de G. P. Bogneti resume de uma forma admirável o problemático urbanismo das cidades na Antiguidade Tardia.
A partir do século V-VI são cada vez mais frequentes na proximidade das *villas* rurais edifícios de carácter cultural com funções paroquiais. Esta função é depreendida da presença de pias batismais e as ampliações da área de necrópoles no interior e nas imediações dos templos (Martin de Cáceres, 2008: 185). O mesmo autor refere ainda que a homogeneidade tipológica implica, necessariamente, uma canonização das regras emitidas desde os centros episcopais. Trata-se de uma arquitetura perfeitamente

formada, em que estão presentes todos os espaços que foram surgindo com a ritualização exigida pelas autoridades eclesiásticas desse momento. Tratar-se-ia de edifícios que materializavam a doutrina de igrejas presente na legislação visigótica posterior. A igreja explorou essa possibilidade jurídica e serviu-se dela com o fim de ampliar o raio de controle episcopal sobre os territórios rurais, obtendo daí a fiscalidade necessária para a diocese. A obrigatoriedade da presença de um clérigo, assim como a sua manutenção por parte do proprietário fundador, implica uma dupla tarefa de controlar e assegurar a difusão da nova doutrina. Assim, possivelmente é nos finais do séculos VI, e durante todo o VII, mais e melhor edificações religiosas se erigiram nas proximidades das *villae* (Martín de Cáceres, 2008: 185).

G. Ripol e I. Velasquez referem que só a partir do século VI é que o termo *parrochia* irrompe na legislação conciliar (Ripol e Velasquez, 1999: 111). As igrejas paroquiais cumpriam, no território em que se inseriam, tarefas similares às que se realizavam nas episcopais urbanas, e constituíam o mecanismo de penetração da religião cristã entre as comunidades rurais, convertidos em fiéis da Igreja, ocupando-se do cuidado espiritual e da administração dos sacramentos, embora os presbíteros, ou diáconos, dependessem sempre do bispo da sua diocese. Só em torno do século VIII é que as paróquias adquirem o direito - sem terem prévia autorização do bispo - de administrar o batismo e dar sepultura aos fiéis (Ripol e Velasquez, 1999: 122). Para estas autoras a irradiação do cristianismo fez-se a partir da cidades para o campo, desde finais do século III, e no século IV constituíram a génese das paróquias, embora na Hispânia não se saiba a partir de que momento a evangelização teve um papel importante (Ripol e Velasquez, 1999: 152).
Nos séculos V - VI, o Cristianismo começou a expandir-se também no mundo rural do interior. A titulo de exemplo próximo destaca-se a Diocese de *Ossonoba* que foi uma das mais antigas da Península Ibérica, com a presença do Bispo Vicêncio (ou Vicente) no Concílio de Elvira, logo nos inícios do século IV (Catarino, 2006: 127).

A opinião de que a ocupação bizantina do extremo sudoeste na Península Ibérica que incluía o Algarve, baseava-se na comparência do bispo de *Ossonoba* nos concílios realizados em 590 e 633, contudo alguns autores mantêm a ideia de que esta ocupação apenas se verificou nos momentos iniciais da entrada das tropas bizantinas. Por outro

lado Vizcaíno Sánchez contradiz estas hipóteses, baseando-se na ausência de documentação material, de tal forma que não encontramos mais que as escassas moedas bizantinas encontradas em Alfeizerão, Conímbriga, Milreu (Vizcaíno Sánchez, 2009: 33-35) e a que acresce o exemplar descoberto em Lisboa na escavação da "Casa do Governador"(Fabião, 2009: 25-50).

Vizcaíno Sánchez refere que, na Spania bizantina da segunda metade do século VI, ao contrário do que se poderia pensar, o ambiente cultural, não se vai manifestar nas cidades da fachada mediterrânica hispânica mas, sim, em cidades como Mérida, abertas à influencia bizantina, favorecida pela eventual penetração pelo vale do Guadiana, chegando mesmo até mais a Norte, pela via atlântica até as cidades do Minho como Braga e da Galiza, como Lugo (Vizcaíno Sánchez, 2009: 59).
Para o interior do Alentejo não faltam exemplares da chamada cultura visigótica, nomeadamente os três triestes aparecidos em Sines sendo um deles cunhado no reinado de Sisebuto (612 a 621) em Mérida (Almeida, 1968/70: 19, figs.2 e 2a). Ou em Serpa onde foram registados tremisses cunhados em Emerita, datados do reinado de Recaredo, que podem ser indicativos da soberania política no último quartel do século VI (Faria, 1988: 73).

A transformação das cidades italianas, entre o século V e VII, refletem as condições económicas das províncias do Império romano. A tendência geral destas centúrias foi para a diminuição gradual da economia da cidade procurando progressivamente a autossuficiência na produção e no consumo, feito com os recursos de uma área restrita, o que poderia coincidir com o território suburbano, acompanhado por uma progressiva diminuição das redes de circulação de mercadorias, em primeiro lugar, a nível internacional, e em seguida, a nível inter-regional. Nas cidades que mantiveram um papel político ou administrativo, apesar da tendência para a autossuficiência podia contar com um conjunto mais amplo de produção e abastecimento vindos do exterior (Delogu, 2010: 31). Foi o caso da fase tardorromana da Crypta Balbi de Roma datada dos finais do século VII por um grande número de moedas, sendo as mais recentes as de Justiniano II cunhadas no primeiro reinado: 685-695. Quando foi descoberto este depósito, nos anos noventa do século passado, foi notável a surpresa ao evidenciar que nos finais do século VII a cidade eterna ainda mantinha um abastecimento de mais de

50% de ânforas africanas e mais de 20% de recipientes orientais. Para além de se exumarem mais de 3000 fragmentos de sigillatae africanas, bem como alguns elementos de vasilhas de cozinha de produção norte africana. Situação singular no panorama ocidental que não deve ser dissociado do facto de que Roma, em certos momentos, era ainda uma cidade bizantina (Casasola e Bonifay, 2010: 45 – 64).

Em datas praticamente coincidentes, escavações desenvolvidas em Marselha permitiram a exumação de uma série de depósitos cerâmicos que parecem muito similares aos documentados em Roma (Bien, 2003, 2005 e 2007). Uma vez estudados pode-se confirmar que, nos finais do século VII, os francos ainda consumiam mais de 55% de importações norte africanas e em torno a 20% de produtos procedentes da área oriental do Mediterrâneo. Outros contextos similares escavados nas cidades debaixo do domínio visigodo, como Tarragona e Barcelona, (Macías e Remolà, 2000; Reynolds, 2010) oferecem um comportamento similar, na qual a chegada de recipientes africanos e orientais é muito abundante (Casasola e Bonifay, 2010: 57). Este panorama das cidades litorais contrasta com as cidades do interior onde os contextos de finais do século VII são raros, e os do século VIII são praticamente inexistentes nas cidades do Mediterrâneo norte-ocidental (Casasola e Bonifay, 2010: 58), e na Península Ibérica (Alba y Gutiérrez, 2008).

Carlos Fabião ao estudar e cartografar a cultura material encontrada em território português referente à Antiguidade Tardia (cerâmicas finas, ânforas, ponderais e moedas bizantinas), conclui que "a efectiva continuidade das ligações entre o mundo do Mediterrâneo oriental e o ocidente peninsular, esclarece também sobre a dinâmica comercial das cidades costeiras, mas também sobre a efectiva permanência das redes de comunicação entre cidades e da sua capacidade de redistribuição para os núcleos rurais situados nos seus territórios. Em suma, dir-se-ia que nada de muito significativo distingue esta realidade da verificada no século IV, quando estas paragens pertenciam ainda ao Império Romano do Ocidente " (Fabião, 2009: 39). Acrescentando que "o ocidente peninsular mantinha-se ligado às velhas redes de circulação de mercadorias activas no espaço mediterrâneo, com as suas tradicionais extensões atlânticas. Os materiais exóticos, procedentes do Oriente, encontrados em espaço hoje português não constituem acidente, devendo ser naturalmente encaradas como ocorrências normais

no contexto de um mundo de relações que se mantém, para lá da dissolução política e administrativa do Império Romano do Ocidente" (Fabião, 2009: 44).

No corrente século as escavações que realizaram em Mérida (Alba e Mateos 2000; 2001, 2008: 261-273) deram lugar a um melhor conhecimento da rede viária, bem como da dinâmica de reestruturação do tecido urbano e a ocupação dos pórticos nas principais ruas da cidade. Outras cidades, como *Carthago Nova*, onde o espaço do teatro romano foi posteriormente utilizado como *macellum* (especializado na venda de produtos alimentares) que depois foi um bairro de comerciantes durante o período bizantino (Ruiz Valderas et alli., 1993: 59-65; Ramallo, et alli., 2010: 211-254).

Barcino (Barcelona) é uma das cidades peninsulares que maior volume de publicações tem realizado sobre a Antiguidade Tardia (Beltrán de Heredia et alli, 2001; 2008: 231-260). Estes estudos são fruto das intervenções arqueológicas realizadas na cidade durante as últimas décadas, bem como da estrita colaboração com os investigadores da Universidade de Barcelona, liderados por J. M. Gurt (2000-2001: 443-471) e G. Ripoll (2000: 31-62). Estes autores dilataram a área dos seus estudos a um conhecimento das dinâmicas urbanas, não só na área catalã como, também, na Hispânia em geral (Gurt et alli., 1994: 161-180; Ripoll e Gurt, 2000). Estes estudos têm sido alargados a outras cidades catalãs como Tarraco (Bosch, et alli., 2005: 167-174; Macías – Remolà, 2005: 175-185; Macías, 2008: 292-301), mas também a cidades menores como Iesso (Isern e Uscatescu, 2007: 204-266), Gerunda (Nolla et alli., 2007), ou Baetulo e Iluro (Járrega, 2005: 153-159; Diarte Blasco, 2012: 6). A esta lista, que não pretende ser exaustiva, há que acrescentar os trabalhos dedicados à topografia cristã das cidades hispânicas realizados por M. Gurt e I. Sanchez Ramos (Gurt e Sánchez Ramos, 2008:185-199; Gurt e Sánchez Ramos, 2009: 131-147; Sánchez Ramos, 2010; Gurt e Sánchez Ramos, 2011: 457-513). Refiram-se também os estudos de A. Ribera sobre a evolução da cidade de Valência, onde foi escavado um importante conjunto monumental e uma necrópole episcopal de cerca de finais do século VI, inícios do século VII (Ribera e Miquel Rosselló, 2003: 103-140; Ribera, 2005: 232, fig. 28) e sobre as origens do cristianismo em Valência e na sua envolvente (Ribera, 2000). São de referir, também, os importantes estudos realizados no conjunto monumental e na necropolis ad sanctos do El Tolmo de Minateda (Gutiérrez y Cánovas, 2009: 104, fig. 6), como também a

investigação efetuada sobre o sudoeste peninsular durante o período bizantino, da autoria de J. Vizcaino Sánchez (2009), ou ainda os trabalhos R. Barroso, J Carrobles e J. Morín sobre a cidade de Toledo (Carrobles et alli., 2007; Barroso e Morín, 2007), como também na Meseta central (Barroso et alli, 2012).

Outra das cidades peninsulares que proporcionou informação arqueológica importante sobre este período é a cidade de Córdova. Abordar esta cidade no século IV é, inevitavelmente, obrigatório falar de Cercadilla. As primeiras notícias foram motivadas pelas obras da antiga estação ferroviária, que pôs a descoberto uma das estruturas mais significativas da estação arqueológica, o criptopórtico, sobre o qual se publicou, em 1922, uma secção da abóbada (Navascués, 1922). No entanto em 1991, com a construção da nova estação, ficou a descoberto um dos maiores sítios arqueológicos existente na Península Ibérica. Recentemente foi retomado o interesse por este sítio, bem como pela polémica científica sobre a entidade e funcionalidade de Cercadilla, e que propõe uma profunda revisão do complexo edílico, partindo da base de que não se trata de una única fase arquitetónica mas, sim, pelo contrário, uma acumulação de edifícios dilatada no tempo e de possível funcionalidade religiosa (Sánchez Velasco, 2012). Estas novas interpretações foram alvo de um congresso monográfico sobre as áreas suburbanas das cidades romanas (Vaquerizo-Murillo, 2010; Vaquerizo, 2010).

Os estudos sobre a Antiguidade Tardia, em geral, e de arquitetura em particular, sofreram nos últimos anos um grande crescimento em Córdoba, com estudo de sítios arqueológicos e peças (Sánchez Ramos, 2007; Sánchez Ramos, 2010), até às novidades arqueológicas proveniente das intervenções de arqueologia urbanas (León-Murillo, 2009), (Sánchez Ramos, 2009; Bermúdez Cano, 2010), passando pelas tentativas de leituras gerais da topografia funcional da cidade (León-Jurado 2010) ou mais centrada na cultuar material e na arquitetura (Sánchez Velasco, 2012).

Fig. 32 – Hispânia em meados do século VII. (Adaptado de Pérez Marínez, 2012: 448).

Os estudos monográficos sobre Sevilha, a antiga *Hispalis,* tiveram um primeiro tratamento na obra de M. C. Tarradellas Corominas (2000), onde a autora sintetizou o estado do conhecimento sobre a Antiguidade Tardia em *Hispalis*, em finais do século XX.

F. Amores Carredano (2005), autor de uma abordagem posterior mas referente à mesma problemática da cidade na Antiguidade Tardia, aborda o impacto da cristianização no ordenamento urbana da cidade, procurando romper com a imagem tradicional que pressupõe uma continuidade espacial e uma unidade urbana que as últimas intervenções arqueológicas realizadas vieram a questionar. Amores traçou um panorama profundamente renovado cuja ênfase foi posta no estudo dos edifícios singulares de culto cristão e a sua influência na paisagem urbana (Amores Carredano, 2005: 143).

Um outro exemplo pragmático das construções visigodas é a cidade construída ex novo de Récópolis. No ano de 578 o rei Leovigildo acabava de alcançar a coesão territorial do Reino Visigodo graças a uma série de campanhas vitoriosas contra os bizantinos, diversos povos indígenas da península, a aristocracia e os camponeses. Como consequência destes êxitos, Leovigildo, tomando como referência o império Bizantino, cria um estado centralizado com a capital em Toledo, adota pela primeira vez no reino visigodo , vestimentas , atributos reais, cunha a própria moeda e impõe um sistema de cobrança de receitas fiscais. Para comemorar o triunfo desta organização estatal funda, à maneira dos imperadores bizantinos, uma cidade, Recópolis, em honra do seu filho, o futuro rei Recaredo. Esta fundação constituiu um acontecimento de tal importância que ficou refletido nas fontes escritas, não só de época visigoda mas, também, nas árabes e cristãs. Sendo as suas admiráveis construções, as muralhas e os arrabaldes descritos pelos seus contemporâneos, Juan de Biclaro e Isidoro de Sevilha. (Olmo Enciso, 2000: 390-392; 2006: 11).

As escavações arqueológicas na Vega Baja (Toledo), começam a fornecer dados sobre um destacável atividade construtiva cujo momento de maior desenvolvimento deveria situar-se entre a segunda metade do século VI e meados do século VII d.C., relacionado com um fenómeno de revitalização urbana que afeta as principais cidades hispânicas da época (Olmo Enciso, 2007a: 189-195). Durante este período Toledo adquiriu uma nova fisionomia, como intuiu P. de Palol (1991: 787-788), consequência do intuito de criar uma liturgia cortesã urbana imperial por mimetismo com Bizâncio (Olmo Enciso, 2010: 89).

Os vestígios arqueológicos são um elemento extremamente importante e tradutor da realidade cultural, religiosa e material paleocristã do sul da Lusitânia. Mérida, *Emerita Augusta* de seu nome latino, tem sido uma das cidades mais importantes para o estudo das transformações ocorridas desde o final do império romano até à chegada do Islão. Provêm de *Emerita Augusta* as inscrições cristãs mais antigas da Lusitânia. A par destas, preservou-se um valioso grupo de escultura arquitetónica estudado por Maria Cruz Villalón, Mérida visigoda, la escultura arquitectónica y litúrgica. Os trabalhos desenvolvidos por Luis Caballero e Pedro Mateos nos vestígios da basílica de Santa Eulália, a par do xenodochium fundado no século VI, e das várias intervenções de

arqueologia urbana realizadas nas últimas décadas, contribuíram em muito, para o conhecimento das transformações urbanísticas realizadas na capital da Lusitânia na Antiguidade Tardia.

Em Portugal, as escavações levadas a cabo em Torre de Palma, puseram a descoberto, a par de uma importante *villa* romana, decorada com painéis motivos de excelente qualidade, uma importante basílica de absides contrapostas e ainda um batistério anexo datáveis dos finais do século IV (Malony, 1995: 275-294; 2000).
No *Conventus Pacensis* as escavações arqueológicas, levadas a cabo em S. Cucufate por J. Alarcão e R. Étienne (1995: 383-397), e no Monte da Cegonha (Vidigueira), por C. Lopes e R. Alfenim (1995: 389-399), revelaram, no primeiro caso, um templo pagão posteriormente cristianizado e, no segundo, uma basílica de três naves, datada do século V. A cristianização destas *villae* demonstra a penetração do cristianismo no mundo rural entre os grandes proprietários agrícolas.

Ainda no *Conventus Pacensis*, desta vez em Troia, cidade na foz portuária do rio Sado, descobriram-se vestígios arqueológicos do que deveria ser uma comunidade cristã. Neste local foi identificada uma aula retangular decorada, entre outros elementos, por um crísmon, havendo a notícia da existência de um possível batistério e de uma necrópole. Acresce ainda a igreja cruciforme do Montinho das Laranjeiras. Este sítio arqueológico foi posto a descoberto aquando da cheia do rio Guadiana, em 1876, e escavada por Estácio da Veiga no ano seguinte: compõe-se, genericamente, de uma uilla romana e um porto fluvial que serviu de base de apoio ao comércio do Guadiana para Mértola e Mérida e, destas cidades, para o Mediterrâneo. Revelou também uma ocupação que se prolonga desde o período romano até ao período islâmico. Neste local foi reescavada, a partir de 1990, uma igreja cruciforme, ao que tudo indica "a mais antiga com este tipo de planta que conhecemos na Península Ibérica, assim como aquela que nos surge mais a sul" (Maciel, 2003: 119) O autor aponta dois momentos cronológicos para este templo: um dos "fins do século VI, princípios do século VII", em pleno período de domínio bizantino do Sul da Península (Maciel, 1996: 94) e um outro mais tardio "talvez sinal de um abrandamento no calor económico das transacções efectuadas através do Guadiana, posteriormente aos meados do século VI" (Maciel, 2003: 98 e 100). Posteriormente o espaço foi ocupado por habitações islâmicas que, a

partir das cerâmicas, deduz-se que foram habitadas até à época almóada (século XII-XIII) (Coutinho, 2005: 18).

No Algarve foram importantes os trabalhos de reescavação e releitura que Theodor Hauschild fez na villa romana de Milreu (Faro). Esta permitiu a identificação de mausoléus, ou câmaras funerárias, junto aos espaços de culto, à semelhança do que ocorre nas basílicas martiriais. Os trabalhos, levados a cabo no templo de Milreu, permitiram ainda inferir da utilização deste espaço antes da construção do batistério (Hauschild, 1984: 94-104). Posteriormente Felix Teichner desenvolveu trabalhos na pars urbana tardoromana e permitiu conhecer a continuidade ocupacional atestada pelas cerâmicas e pelas inscrições corânicas em diversas colunas da villa até ao século X (Teichner, 1995: 97; 2008: 731-740).

No que concerne à arqueologia paleocristã, desenvolvida em Mértola na última centúria, destacamos os trabalhos de Estácio da Veiga, que recolheu, escavou, em 1877, e publicou os principais dados arqueológicos e as principais peças exumadas de Mértola no livro Memórias das antiguidades de Mértola, publicado em 1880. Em 1895, 1908, 1917 e 1913, também nesta vila, J. Leite Vasconcelos desenvolveu trabalhos arqueológicos, na basílica do Rossio do Carmo. A Luís Chaves se deve a primeira tentativa de síntese dos vestígios arqueológicos do período paleocristão neste local, com especial incidência para as vinte e cinco inscrições funerárias encontradas até então. O referido estudo foi intitulado de Mértola Cristã e publicado no Arquivo de Beja, no ano de 1944 (Chaves, 1944: 97-104).

Os trabalhos arqueológicos efetuados nesta vila, nas últimas décadas pela equipa liderada por Cláudio Torres, trouxeram um singular contributo para a história da Antiguidade Tardia pois permitiram a escavação da basílica funerária do Rossio do Carmo, do edifício funerário da Ermida de Santo António, ambas localizadas "fora de portas" e em estreita ligação com as vias terrestres que ligavam esta cidade portuária a Pax Iulia. Também foi posto a descoberto um sumptuoso batistério, e respetivos mosaicos, estes implantados no que teria sido a zona do forum romano (Lopes, 2000: 669-692; Lopes, 2003: 17-29; Lopes, 2012). A par das diversas intervenções feitas no casco urbano da vila de Mértola, e nas suas imediações, com significativas descobertas

de vestígios do período paleocristão, os trabalhos arqueológicos deram lugar a várias publicações das quais destacamos: a Basílica Paleocristã, coordenada por Cláudio Torres e Santiago Macias (1993); os vários estudo levados a cabo por Manuela Dias sobre a epigrafia paleocristã de Mértola (Dias,1993: 103-138; Dias e Gaspar, 2006); bem como os estudos desenvolvidos nas principais necrópoles romanas, paleocristãs e islâmicas da autoria de Alicia Morales (2001: 83-89). É nas necrópoles romanas que se provam arqueologicamente as primeiras manifestações do cristianismo em *Myrtilis*, nomeadamente na necrópole da Achada de S. Sebastião, no Mausoléu e na basílica do Cineteatro Marques Duque, como será posteriormente referido com grande detalhe.
Os trabalhos arqueológicos das últimas décadas transformaram esta pequena vila num dos locais de Portugal onde melhor se conhece o que foi a organização de uma comunidade urbana paleocristã.

Beja foi, no segundo quartel do século VI, capital do *Conventus Pacensis* e ocupava a cátedra episcopal o bispo Apríngio (fl. 531-548) de provável origem oriental[11]. Nesta cidade um significativo conjunto de vestígios de arquitetura decorativa, do qual se destacam os elementos expostos na igreja de Santo Amaro, são contemporâneos deste personagem (Dias 2000:103). Continuando a produzir-se um significativo conjunto de peças de arquitetura decorativa nas centúrias seguintes, nomeadamente nos séculos VII-VIII (Torres e Correia, 1993). Refira-se que nas proximidades desta cidade se situam as importantes pedreiras de mármores de S. Brissos-Trigaches, que serviram de suporte às chamadas peças "visigóticas" de, pelo menos, do sul da Lusitânia. Nesta cidade uma coleção de peças fora do comum para o território português contrasta com um desconhecimento quase total das estruturas arqueológicas onde se encontrariam inseridas. Outro exemplo paradigmático desta situação verifica-se em Sines, implantado sobre uma pequena baía que faz desta cidade um dos raros pontos protegidos da costa alentejana e com boas condições para albergar embarcações. No museu desta cidade expõem-se uma invulgar coleção arquitetónica encontrada no

[11] Os restantes indivíduos de nome "Apríngio" identificados por E. Fernandes (2012: 96) são: um advogado de Antioquia que se desloca a *Berytus* (Beirute, na *Phoenicia)* em 364 (libanius e bradbury, 2004: 176); um procônsul de *Africa* até 411 (Martindale, 1980: 123); um bispo de Cálcis, na província da *Syria I,* que participou no I Concílio de Éfeso (431) (McClintock e STRONG, 1894: 195); um *comes* de Tripolis (Phoenicia), durante o reinado de Zenão I (r. 474-475/476-491) (Martindale, 1980: 123;); e um buleuta de Antioquia (data incerta; Beaucamp, 1992: 298).

castelo e nas imediações. É um conjunto com mais de trinta peças, que apenas tem paralelismo em termos nacionais com os materiais coetâneos da cidade de Beja. A cronologia proposta, o século VII, por parte de Fernando de Almeida (1968-70: 17-29 e figs. 3-34) e de C.A. Ferreira de Almeida (1986: 48-61), apresenta também uma grande homogeneidade, o que confere uma acrescida solidez à ideia de que todos estes elementos, integráveis do ponto de vista estilístico na área de influência emiritense, possam ter pertencido a um único monumento (Torres et alli, 2007: 181) De referir que na Igreja Matriz de Sines (S. Salvador) se encontram reutilizadas, nas paredes, várias peças coevas às expostas no museu local, no entanto do templo original nada se conhece do ponto de vista arqueológico.

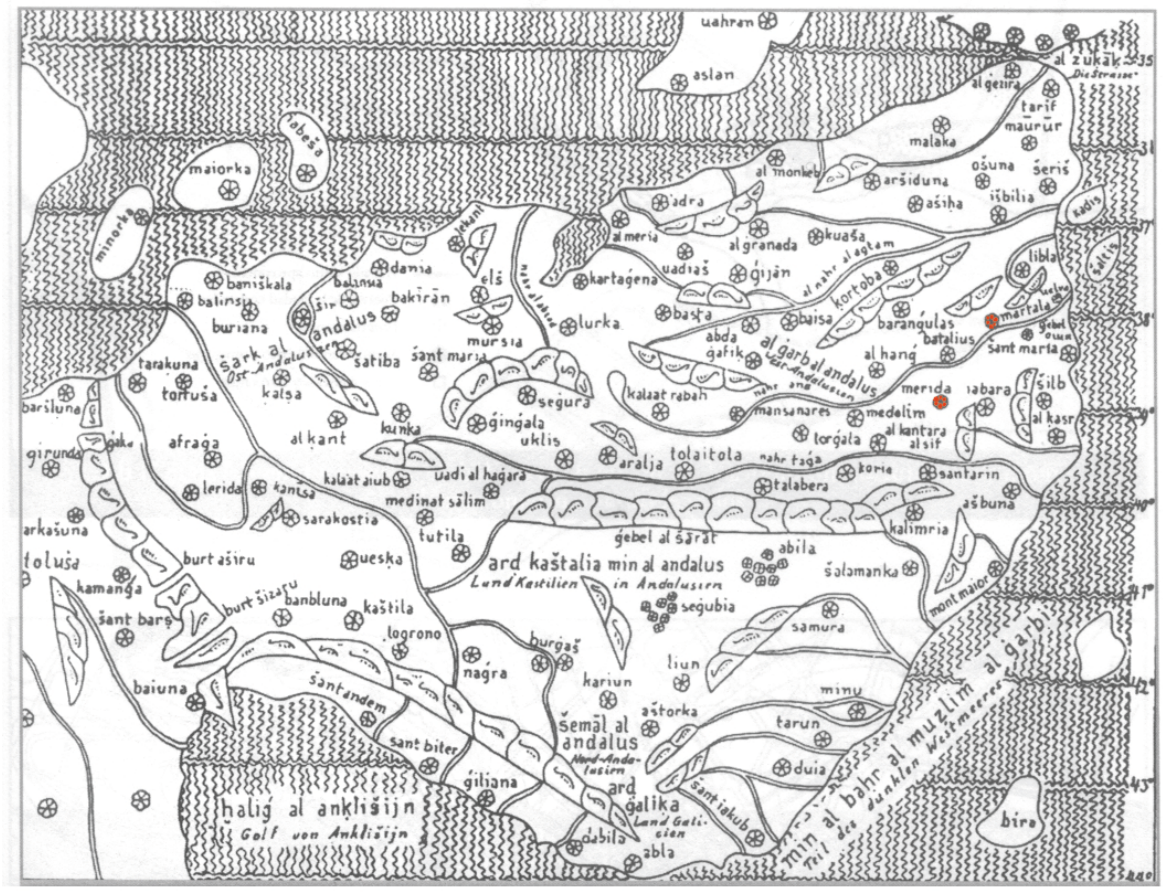


Fig. 33 –Mapa da Península Ibérica e pormenor segundo Sarif al-Idrisi (1099-1166), (Adaptado de Pérez Marínez, 2012: 453).

Em termos da cultura material verifica-se um decréscimo significativo da produção de epígrafes. Em Mértola, do século VI, apenas se conservou a inscrição da criança de dois anos de idade de Silbanus (662), ao passo que para a centúria seguinte apenas se conservaram os epitáfios funerários de Afranius, presbítero falecido a 706, e do clérigo Adulteus falecido em 729 (Dias e Gaspar, 2006). Para Mérida regista-se um panorama semelhante para o século VII, conhecendo-se quatro epígrafes funerárias, sendo que duas delas não têm a datação explícita. Da centúria seguinte não é conhecido nenhum exemplar (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000: 280). Esta cidade, no século VII, irá perder o seu poder efetivo em benefício da capital do reino, Toledo, com a qual teve várias disputas religiosas e políticas no reinado de Leovigildo. Não obstante, os seus bispos participam nos concílios peninsulares. Nesta cidade realiza-se, também, um concílio provincial em 666, onde foram discutidos assuntos relacionados com a ordenamento e administração dos territórios das dioceses episcopais. Neste século não se documentam grandes construções (Sastre de Diego, 2010). No âmbito doméstico assiste-se a uma "ruralização" dos ambientes privados intramuros. Tende-se a uma economia à escala local/regional. No século seguinte verificou-se um abandono de habitações familiares, como no caso de Morería que, posteriormente, foi utilizado como escombreira (Alba, 1998; 2005).

A partir daqui outra história se escreveu e entre os arqueólogos que estudam este período, em geral e, em Mértola em particular, devo salientar, de entre outros, os pioneiros trabalhos de Cláudio Torres (1987, 1992, 2001, 2003), Santiago Macias (1993, 1996, 2006, 2012) e de Susana Goméz Marínez (2002, 2006, 2011). Mais uma vez os estudos recentes sobre esta temática apontam para a continuidade, algo mudou a nível político e religioso, no entanto a base das populações são as mesmas e as mudanças são lentas.

IV Mértola na Antiguidade Tardia

4.1 A *urbs*

Na Antiguidade Tardia, *Myrtilis* manteve a sua importância económica e vocação mercantil. Os dados arqueológicos revelam que a atividade do porto de Mértola não decaiu e, a atestá-lo, estão as diversas importações de cerâmicas do Mediterrâneo oriental. Destas importações fazem parte *sigillata* foceense tardia e *sigillata* cipriota tardia. As formas encontradas em Mértola, em níveis de remeximento, na plataforma onde se situa o complexo religioso, apontam para horizontes cronológicos compreendidos entre meados do século V e meados do século VI (Delgado, 1992: 125). As importações de terra *sigillata* africana também se fazem sentir, dos finais dos séculos IV até aos primeiros anos do século VII, tendo o auge das importações sido atingindo entre 480 a 520 (Fernandes, 2012: 133).
A cidade, em si mesma, era a placa giratória das riquezas comerciais e minerais, que atravessavam o território em carroças ou no dorso de animais e, já embarcadas, desciam até ao mar e daí aos portos mediterrâneos.
No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas linguagens, cultos e culturas.
Este constante vaivém trouxe os primeiros evangelizadores e a nova mensagem começou a florescer entre os patrícios e plebeus da *Myrtilis* romana, numa época em que o culto se oficializava e as várias comunidades religiosas podiam conviver simultaneamente.

As convulsões militares, dos finais da dinastia dos Severos em 235, em que o Império mergulhou numa longa "anarquia militar", não passaram ao largo de Mértola. É certamente num ambiente de instabilidade militar que as autoridades locais, à semelhança das outras cidades hispânicas, promoveram, durante os finais do século III e nas centúrias seguintes, um conjunto de obras com vista a assegurar a defesa da cidade. Destas obras destacam-se, na zona da acrópole, um criptopórtico e, na parte portuária, a torre do rio e obras de captação de água, bem como o reforço de todo o perímetro amuralhado.

Esta capacidade edílica corresponde, seguramente, a um elevado nível económico e social, aliado a uma crescente cristianização das elites. Dois vetores marcaram as construções que se erigiram: a necessidade de defesa e a edílica cristã.
Como veremos de seguida as palavras de García Moreno parecem adapta-se perfeitamente ao caso de estudo da cidade de *Myrtilis* "Salvo unas cuantas metrópolis, la ciudad occidental del siglo V adquirió una función principalmente de centro defensivo, administrativo y religioso." (García Moreno, 1999: 13).

A nível da titularidade das cidades Martin Biddle na obra The Archeology of Anglo-Saxon Englad, assinala doze parâmetros ideais, dos quais se requerem pelo menos quatro para se poder falar de Cidade. Embora esta obra trate de um contexto diferente no entanto este poderá ser adaptado aos modelos das cidades do mediterrâneo. Os parâmetros são: existirem defesas, planificação das ruas, mercados, cunhagem de moeda, autonomia legal, um papel como lugar central, população relativamente ampla e densa, diversificação económica, tipos urbanos de casas, diferenciação social, organização religiosa complexa e funções judiciais (Biddle, 1976: 100). Penso que ficou demonstrado que *Myrtilis* possuía mais do que quatro destes parâmetros pelo que será inquestionável o papel urbano desempenhado pela cidade na Antiguidade tardia.

4.2 As construções de carácter defensivo na Antiguidade Tardia

Mértola foi sem duvida uma praça forte que contou com um sistema complexo que passaremos a abordar. O burgo aproveita as excelentes condições naturais de defesa e acrescenta um recinto amuralhado que envolve todo o casco antigo. Na parte mais alta, apesar das múltiplas obras que o castelo sofreu, pode ser equacionável a existência de um *castelum* no período que medeia a etapa romana e a presença islâmica. Do complexo sistema de amuralhamentos é de realçar a parede exterior do criptopórtico, troço paradigmático das construções da antiguidade tardia. Neste complexo sistema defensivo destacam-se, pela sua monumentalidade, as construções situadas nas imediações do porto, onde a torre do rio fazia a ligação da muralha ao curso fluvial, e uma torre semicircular, situada a montante, criavam uma forte estrutura de defesa de uma das principais entradas e a grande razão da existência de Mértola - o rio e o porto, daí estar tão fortemente defendido. A completar todo o sistema defensivo estaria uma

forte muralha que circunda a cidade em quem os largos panos de muralha, com as suas respetivas portas, proporcionavam simultaneamente a defesa e a estruturação do urbanismo do casco histórico que envolve.

Todo este conjunto defensivo foi alvo de obras que incluíram demolições, restauros, consolidações, capeamentos que, nalguns sítios, como no castelo, se estenderam até aos dias de hoje. Estas obras mantiveram de pé a maior parte das muralhas e do castelo, no entanto, inviabilizaram a possibilidade de uma análise mais cuidada a nível da leitura dos paramentos. Neste contexto os locais menos afetados foram a parede exterior do criptopórtico e a torre do rio[12] que, pela sua consistência construtiva, apenas pontualmente foram alvo de pequenas consolidações feitas, respetivamente, em 1992 e 2005.

4.2.1 *Castelum* – Castelo

No extremo norte da vila situa-se a acrópole-alcáçova de Mértola. Estrategicamente posicionado no cerro mais alto, a uma cota que se situa em torno dos 86 metros, aproveitando as características naturais do terreno, nomeadamente as duas significativas pendentes, uma virada à ribeira de Oeiras, virada a poente, e ao rio Guadiana, virada a nascente. Este cerro foi, com toda a probabilidade, ocupado desde a Pré-história recente. Neste local foram recolhidos materiais arqueológicos que remontam ao 2º milénio a.C., bem como materiais da II Idade do Ferro, junto à barbacã da muralha norte (Rego, 1996: 124).

Eventualmente, no período romano, o topo do cerro foi, ocupado por um *castellum*, com a sua guarnição militar (Torres e Silva, 1989, 33). Contudo, as transformações operadas no período islâmico, com a construção da porta e da cortina norte e oeste, bem como a abertura da cisterna, mas especialmente as intervenções construtivas do período cristão, dos finais do século XIII e inícios do XIV, não deixaram vestígios claros das eventuais ocupações mais antigas.

[12] A torre do rio foi alvo de um projeto de limpeza e consolidação da estrutura, tendo sido concentrados os trabalhos de restauro na base das torres, onde foram preenchidos os espaços vazios com silhares de mármore. Estes trabalhos foram desenvolvidos no âmbito do Programa de recuperação das Pontes Históricas do Alentejo, 2005, promovido pelo então IPPAR.

As estruturas que poderemos classificar como tardo-romanas do castelo são extremamente escassas e de difícil precisão cronológica. Especialmente na cortina norte são identificáveis restos de um torreão de feição retangular. Trata-se de uma estrutura que reaproveita silhares de granito na sua base, um deles com o típico sistema de junção em forma "rabo de andorinha", e alguns troços de paramentos em que se verifica a utilização de reaproveitamentos de blocos de mármore, granito e calcário.

Fig. 34 – Planta da plataforma Norte do Castelo de Mértola

No troço da muralha perpendicular à torre de menagem (mandada construir em 1292) é visível, na face interior, restos do que poderia ser a construção de uma fábrica antiga. Trata-se de uma construção que recorre a uma técnica que consiste na edificação de dois muros paralelos, argamassados, com um intervalo entre si que é, posteriormente, preenchido com terra e pedras. No muro virado a poente, apesar de recorrer à reutilização de materiais, como fragmentos de coluna na sua base, devido às obras da construção da torre e a posteriores obras de conservação e restauro, não é possível

uma análise clara do tipo de aparelho. Ao invés, no muro virado a nascente a regularidade das fiadas de xisto, a reutilização de materiais, onde são visíveis marcas de *forceps* e elementos de mármores reutilizados, parece indicar que são coetâneas das restantes estruturas identificadas da Antiguidade Tardia.

Este tipo de aparelho também se verifica na cortina virada a nascente e paralela ao rio. Este pano de muralha está dividida em três partes, sinalizadas pelos respetivos cunhais, constituídos por blocos de pedras reaproveitadas. Ao nível da fundações, no pano central, é possível constatar uma certa regularidade das fiadas de pedra, umas de pedra bem facetada, que rondam os 50 cm de altura com fiadas com cerca de 20 cm de pedra mais pequena mas, também aparelhada; pontualmente são empregues blocos de pedra trabalhada, nomeadamente bases de coluna, colunas e restos de um fragmento marmóreo esculturado [13] . Apesar destes indícios, não se pode provar arqueologicamente a existência de uma fortificação pré-islâmica.

Fig. 35 – Vista geral da vila de Mértola

Dos materiais reaproveitados destacam-se três peças, epitáfios, com proveniência conhecida, e que nos ajudam a uma datação *post quem*. O primeiro foi a cupa de Acénia

[13] Ver nº de catálogo 1.

Herénia, encontrada nas muralhas do castelo (Encarnação, 1984: 163-164); as restantes, epígrafes de Julia Lupiana, foram recolhidas na muralha, não identificando o local (Encarnação, 1984: 170; Lopes , 2012: 73); e a cupa de Emília, encontrada sobre a porta da torre de Valredondo, defronte da capela de Nª. Senhora das Neves (Encarnação, 1984: 164-165). Os três exemplares são datáveis do século II, o que não ajuda muito a clarificar a cronologia das estruturas de que faziam parte e, no momento da sua reutilização, estariam muito longe dos objetivos para que foram criados, não passando de materiais de construção.

Nos inícios da década de 90 do século XX, as obras de conservação e restauro da entrada do castelo permitiram retirar do muro esquerdo, a par de outros materiais, o epitáfio de *Júlia Helice*, datado de finais do século III, inícios do século IV (Lopes, 2012, 78).

As eventuais estruturas defensivas resumem-se a uma torre, de estrutura retangular[14], situada no pano norte do castelo que reaproveita silhares de mármore e granito na parte exterior e pequenos blocos de granito. Em algumas destas cantarias onde se podem encontrar entalhes escavados nos lados menores das peças, em forma de dupla cauda de milhafre que continham geralmente um grampo de ferro em perfil em forma de π, coberta depois com uma camada de chumbo que preenchia o resto da cavidade.

Observa-se o desaparecimento dos grampos em forma de rabo de milhafre no transcurso do século I e ainda se utilizou para alguns grandes monumentos durante a época augusta como no Templo de Marte Ultor em Roma (Adams, 1995: 57). A esta eventual construção tardo romana sobrepôs-se o pano de muralha contíguo à torre de menagem do castelo medieval. S. Macias classifica esta torre como islâmica, contemporânea da construção da porta (Macias, 2006: 219), sem precisar a cronologia.

Numa perspetiva tradicional, os materiais reaproveitados em muralhas tardo-romanas são concebidos numa vaga relação com o cristianismo, através da demolição de edifícios pagãos (Réau, 1994: 42). Estes reaproveitamentos não são assim tão lineares, não havendo muitos exemplos do período tardo-romano, somente numa fase mais avançada de transição para o século V, quando surge legislação nesse sentido (De Man, 2011: 93). A partir da dinastia de Teodósio começou-se a recorrer massivamente a *spolia* provenientes de origem indiscriminada. Esta situação leva a que se legisle sobre

[14] Com o comprimento de 3,1 m e 2,1 m de largura.

o assunto e disso nos dá conta o *Codex Theodosianus* (15, 1, 36 de 429): "Já foi referido que as vias e as pontes muito movimentadas, tal como os aquedutos e as muralhas deveriam ser mantidos através de fundos públicos. Determinemos que todo o material recuperado das demolições de templos seja atribuído às referidas necessidades, de modo que todas essas construções possam ser levadas a cabo" (Pharr, 1952: 427).

No que toca à natureza das reutilizações é possível distinguir diferentes tipos de reutilização. Um primeiro tipo consiste no mero reemprego indiferenciado de silharia, com a perda de qualquer significado que a peça original pudesse ter apresentado (Nogales Bassarate, 2001a: 98). Outra das formas de reaproveitamento não altera a configuração geral do paramento, que continua em utilização, mas que modifica a disposição da silharia, caraterístico de sítios comprovadamente tetrárticos-constantinianos (De Man, 2011: 95).

Fig. 36 Castelo alcáçova e Igreja de Mértola.

Outro género de reutilização, relativamente comum, consiste na introdução de colunas em perpianho no aparelho das muralhas tardo-antigas. Este detalhe construtivo não resulta de uma inclusão gratuita, mas é a resposta a um esforço da estrutura defensiva contra impactos frontais impedindo, também, a desagregação de muralhas com grandes enchimentos internos. A técnica é perfeitamente pré-islâmica, como o

demonstram os exemplos bizantinos, com referências muçulmanas a descrevê-la (Mora-Figueroa, 2006a: 43).

As referências documentais da cidade e do seu sistema de defesa são escassas e resumem-se à Crónica de Idácio que refere que "Censorius comes, qui Legatus missus fuerat ad Sueuos, rediens Martyli, obsessus a Rechila in pace se tradidit" (Idacio, 1974: 136; Idacio, 1984: 82). Geralmente esta passagem da crónica é traduzida desta forma: "O Conde Censori que tinha sido enviado como embaixador aos Suevos, sitiado quando regressava, em Mértola, por Requila, entregou-se em paz" (Idacio, 1984:83). Estácio da Veiga transcreve: "residens Mirtili" o que o levou a considerar que Certorio vivia em Mértola, fato que parece ser pouco provável dado tratar-se de um embaixador itinerante. Existem, contudo, algumas dúvidas sobre o nome da personagem mencionada na crónica que, segundo Delgado, chama-se Certório e não Censório (Delgado, 1871: 201).

Fig. 37 - Vista geral do Castelo de Mértola.

A utilização da grafia Martyli parece especialmente interessante porque poderia refletir a evolução do termo na antiguidade tardia que, mais tarde, derivaria na forma árabe Martula (Gómez Martínez, 2004: 69). O texto permite deduzir a existência de uma fortificação importante em Mértola ao ser escolhida por Censorio como refúgio, capaz de resistir durante algum tempo ao cerco de Requila. A presença sueva, referida por esta fonte, deve ter sido efémera, não tendo ficado qualquer vestígio arqueológico

que o demonstre, bem como ao nível da epigrafia não ficou qualquer registo de nenhum nome de origem germânica, como veremos no capítulo referente às necrópoles deste período.

Existe uma outra referência documental posterior, de Ibn Hayyān, de meados do século IX, que refere que c Add al-Malik b. Abīl-Jawwād, instalado em Beja, tomou conta da cidade, quando dela se retiraram os árabes, e que teria tornado poderoso o castelo de Mértola ”pelas suas construções feitas e pelos aprovisionamentos que dota” (Ibn Hayyān, 1981:88-89 citado por Macias: 2006: 216) e que nos permite inferir que a última referencia se relaciona com a construção da cisterna.

A par da referência, de Ahmed Arrazi (887-955), relativa à fortaleza de Mértola, na “A Descrição de Espanha”, na chamada Crónica do Mouro Rasis, existe a descrição de Mértola como a fortaleza mais sólida de todo o distrito de Beja “Mértola jaz sobre o rio Guadiana, e é um castelo muito antigo, e tem muitos vestígios antigos”(Lévi-Provençal, 1990: 88; Gómez Martinez, 2004: 147).

No interior, as escavações arqueológicas levadas a cabo pela equipa do CAM em 2006-2008, apenas atingiram os níveis habitacionais do período islâmico, não aparecendo qualquer vestígio estrutural que se possa relacionar com a fortificação romana ou pré-islâmica. Ao nível dos materiais arqueológicos destaco o aparecimento de um anel de bronze decorado com uma cruz pátea, com paralelos muito próximos a um encontrado em Milreu e datado do século V – VI (Sidarus e CasteloTeichner, 1997: 184; Inácio, 2005: 42; Arezes, 2010: 116, est. LXXX), um fragmento de lucerna e um de prato, este enquadrável no mesmo ambiente cronológico e com inequívocas decorações cristãs.

4.2.1.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 1
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de imposta de mármore cinzento de grão médio. Reaproveitada no pano este do castelo de Mértola.

Descrição: Apesar de muito incompleto a decoração parece-nos ser constituída por uma sequencia de folhas de hera e de possíveis cruzes pateas.
Dimensões: Dadas a localização da peça não foi possível obter as medidas.
Cronologia:
Proveniência: reutilizado na muralha norte do castelo de Mértola.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 2
Nº de inventário:
Identificação: Fuste de coluna de mármore branco de grão médio. Constituído por dois fragmentos.
Descrição: fuste com sumoscapo de toro largo e plano, sendo o imoscapo semelhante.
Dimensões: Altura 212 cm; diâmetro base 30 cm, topo 30 cm.
Cronologia: Séculos VI – VII.
Proveniência: Interior do pano norte junto à porta do castelo de Mértola.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 3
Nº de inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore cinzento de grão médio
Descrição: Base constituída por plinto, com toro e filete. Apresenta-se muito desgastado

Dimensões: Altura 14 cm; largura 43 cm.
Cronologia:
Proveniência: Interior do pano norte junto à porta do castelo de Mértola.
Bibliografia: Inédita

N catálogo: 4
Nº de inventário:
Identificação: Base de coluna mármore branco de grão médio.
Descrição: Base constituída por plinto, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 29 cm; largura 52 cm; diâmetro 42 cm.
Cronologia: século III
Proveniência: Mértola, possivelmente da coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 5
Nº de inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore branco grão medio.
Descrição: Base constituída por plinto, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 17cm; largura 56 cm; diâmetro 46 cm.
Cronologia:
Proveniência: Mértola, possivelmente da coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Inédita

N catálogo: 6
Nº de inventário:
Identificação: meia base de coluna de mármore cinzento grão grosso
Descrição: Base constituída por plinto, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 20cm; largura 56 cm; diâmetro 48,5 cm.
Cronologia:
Proveniência: Mértola, possivelmente da coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Inédita

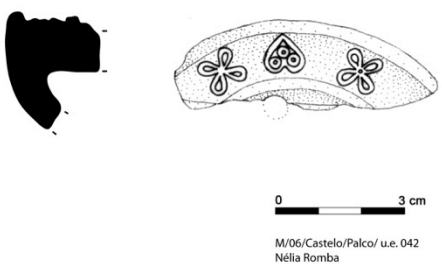
Nº catálogo: 7
Nº de inventário:
Identificação: sensivelmente ¼ da base de coluna calcário.
Descrição: Base constituída restos do plinto, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 25 cm; largura 23 cm; diâmetro 24 cm.
Cronologia:
Proveniência: Mértola, possivelmente da coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 8
Nº de inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore branco grão medio.
Descrição: Base constituída por plinto, toro filete.
Dimensões: Altura 30 cm; largura 60 cm; diâmetro 60 cm.
Cronologia:
Proveniência: Mértola, possivelmente da coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Inédita
Mértola castelo

Nº catálogo: 9
Nº de inventário: MR.IP.0007
Identificação: Fragmento de imposta; mármore branco de grão médio.
Descrição: NA parte visível nota-se um friso de círculos tangentes cujo centro é marcado por botões em relevo.
Dimensões: Altura 14 cm; largura 46 cm; espessura 30 cm.
Cronologia: século VII.
Proveniência: Incorporada na alvenaria da porta do castelo fazendo parte do arranque do arco.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 57.

Nº catálogo: 10
Nº de inventário: 60
Identificação: AE2, Teodósio, Antioquia
Descrição: Anverso: DN THEODO-SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo.
Marca: — —//ANTD
Dimensões: 4,65g, 21mm, 6h Altura cm; largura cm; espessura cm.
Cronologia: 393-395 d.C.;
Proveniência: Castelo/1994/Q. 3L/n. 1a
Bibliografia: Inédita; RIC IX 68a

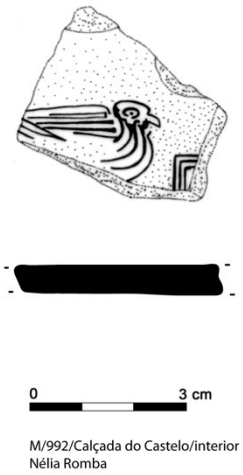
Nº catálogo: 11
Nº inventário:
Identificação: Anel em bronze.
Descrição: Anel de aro circular com a zona frontal recortada em forma de cruz pátea. O aro é decorado com finas linhas oblíquas que formam um axadrezado; na parte frontal aos braços da cruz pátea partem de um circulo central em relevo.
Dimensões: Diâmetro 22 mm; largura cruz 12 mm; espessura do aro 1 mm.
Proveniência: M/ 2006/ Castelo/abaixo da u.e. 005 (achado nº 002).
Cronologia: Séculos VI-VII em Milreu encontrou-se um exemplar incompleto datado dos séculos VI-VII (Sidarus e Teichner, 1997: 184; Inácio, 2005: 42, Arezes, 2010: anel 18), semelhante ao caso em estudo.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 12
Nº inventário:
Identificação: Fragmento lucerna de Terra sigillata clara D.
Descrição: Fragmento de disco de lucerna lucerna. com a assa maciça. O disco tem vestígio de um orifício de alimentação. A orla é decorada com sequencia de quadrifólios com motivos cordoados

preenchidos por pequenos círculos.. Este tipo de peças foram produzidas desde o fim do século V, até ao terceiro quartel do século VI (Bonifay, 2004: 408).
Dimensões: Altura 2,7 cm; largura 2,2 cm; espessura 0,8 cm.
Proveniência: M/ 2006/ Castelo/Palco/u.e.042
Cronologia: Século V - VI.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 13
Nº inventário:
Identificação: Fragmento prato de Terra sigillata clara D.
Descrição: fragmento de fundo de prato de forma indeterminada. No fundo possui da estampilha de uma cruz de contornos duplos ladeada por uma ave, possivelmente uma pomba.
Dimensões: Altura 3,7 cm; largura 4 cm; espessura 0,5 cm.
Proveniência: M/1992/ Castelo/calçada situada à entrada.
Cronologia: Século V - VI.
Bibliografia: Inédita



M/992/Calçada do Castelo/interior
Nélia Romba

4.2.2 A muralha da cidade

As muralhas são um dos elementos mais significativos da cidade da Antiguidade tardia, quer pelo seu próprio significado, quer pela forma como faz tangível a divisão entre intra e extra muros. A ideia de limitar o espaço e proteger os habitantes de ataques exteriores, não é um exclusivo da civilização romana e muito menos da Antiguidade tardia. O que parece plausível é que a cidade baixo imperial tenha nas suas muralhas um elemento importante no seu urbanismo. A este respeito, como assinala G. Cavallo, a cidade romana será cada vez menos um complexo de edifícios e de espaços urbanos, para converter-se, cada vez mais, num sistema de defesa. As muralhas passam a ser, desde então, uma caraterística topográfica do exterior das cidades da Antiguidade Tardia (Cavallo, 1989: 267-268; Diarte Blasco, 2012: 15).

Fig. 38 – Vista geral da plataforma Norte de Mértola

Ausonio, Libanio, Casiodoro, autores da Antiguidade Tardia, fazem constantes alusões à magnificência das muralhas e das suas qualidades como elemento decisivo para a defesa (Diarte Blasco, 2012: 15). A muralha surge, assim, na topografia como o grande elemento de definição da cidade Baixo Imperial. No entanto também existem casos de

cidades que continuam abertas sem muralhas, sendo apenas consideradas civitas ruralis, apontando o caso da cidade de Scolacium na Calabria (Diarte Blasco, 2012: 15). Os trabalhos arqueológicos têm demonstrado que os núcleos urbanos, que contavam com muralhas no período alto imperial, verão estas reforçadas posteriormente. Paralelamente, as cidades que não possuíam um recinto muralhado vão, a partir da segunda metade do século III, proceder à construção das suas muralhas. O período da tetrarquia pode-se assinalar como o que mais promoveu a construção de muralhas e obras defensivas. No entanto não será o único, pois existem núcleos urbanos que construíram defesas durante os séculos V e VI (Diarte Blasco, 2012: 15).

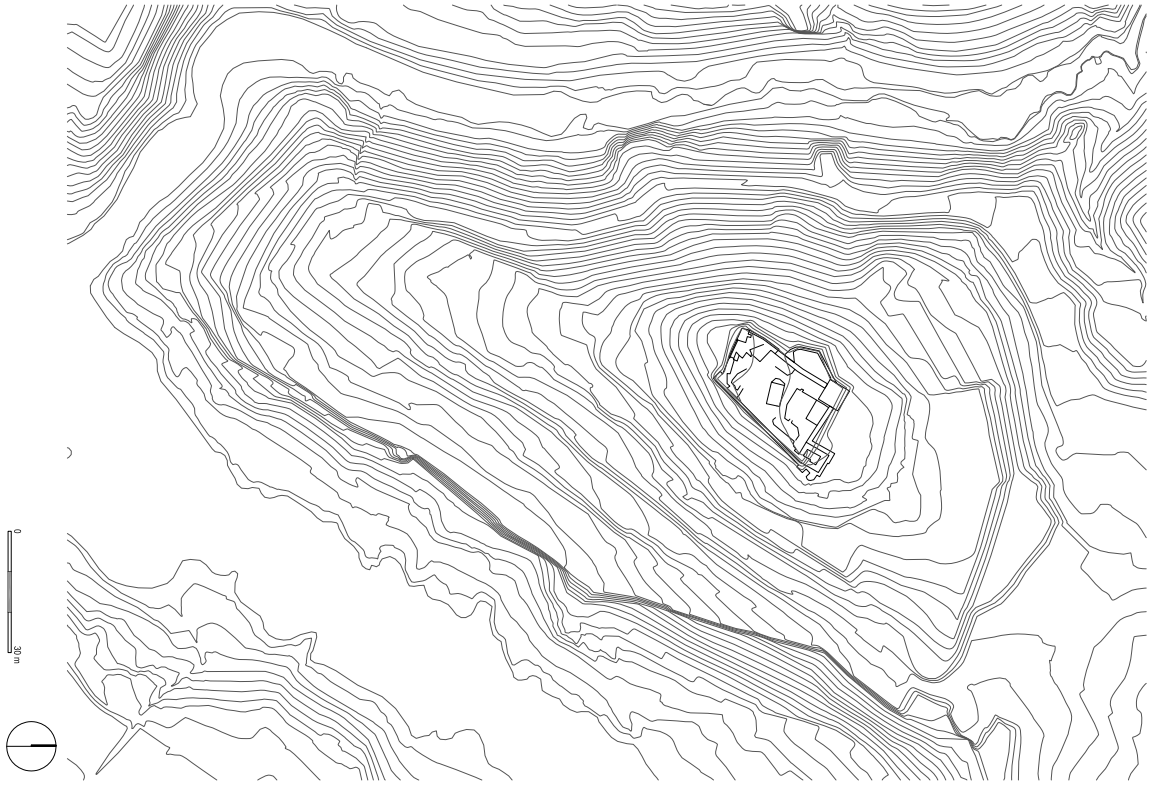


Fig. 39 – A topografia do casco histórico de Mértola

Os recentes trabalhos arqueológicos parecem rever a teoria que estabelecia uma relação direta entre a construção e reforço das muralhas e a instabilidade generalizada (Arce, 1978: 268-269). Para o caso da Hispânia parece claro que a construção das muralhas de Leão, Lugo, Astorga, Zaragoza e Barcelona, foi bastante posterior às invasões francas, ocorridas a partir do século II (Richmond, 1931: 86-110). Há,

inclusive, casos em que é considerada a hipótese das muralhas constituírem uma forma de "enriquecer e enobrecer a cidade" (Rebuffat, 1974: 501-522), referindo-se às cidades da Mauritania Tingitana. Esta argumentação conta com um exemplo paradigmático que são as muralhas de Le Man, que se constroem em finais do século III ou inícios da centúria seguinte, cuja monumentalidade e beleza excluem a possibilidade de possuírem uma carácter exclusivamente defensivo (Diarte Blasco: 2012, 15).

No que concerne à evolução cronológica, contamos com muitos casos que são reestruturações de estruturas murarias do período imperial. Segundo S Johnson, Diocleciano promoveu uma campanha de construção de muralhas, especialmente nas cidades da Gália (Johnson, 1983: 113); noutros casos, como Ravena ou Albenga, as muralhas são construídas no século V. Contudo a construção e reconstrução de muralhas continua a fazer-se no século VI, o que ficou expresso no Codex de Justiniano, onde se recomenda a redução do perímetro fortificado para poder assegurar a defesa das cidades com o menor número de soldados possível (Cod. Ius. I, 27, 2 e 14, Ravegnani, 1983: 24; Diarte Blasco, 2012: 16).
A análise da maior parte das muralhas possui o mesmo tipo de problemas, no que concerne à sua datação, pois as obras de conservação e restauro nem sempre foram feitas com o respetivo acompanhamento e registo arqueológico, o que inviabiliza, muitas vezes, a classificação e a datação precisa.

O urbanismo de Mértola foi fortemente condicionado pela situação topográfica pré-existente. A vertente virada ao rio Guadiana implicou que, do lado nascente e sul, se criasse uma estrutura de contenção das construções urbanas. Inevitavelmente, a topografia original levou a que destes lados se tivesse que proceder à construção de fortes muros para suster e criar plataformas habitáveis, e que, simultaneamente, constituíam o sistema defensivo da cidade.

A muralha atual tem um perímetro de cerca de 1.291 m e abarca uma área de cerca de 50.000 m2, ou seja, aproximadamente 5 hectares. Neste recinto são identificáveis quatro acessos que devem corresponder às portas existentes desde os tempos romanos. Na sua quase totalidade, as cidades romanas correspondem a anteriores

oppida indígenas cujo traçado não pode ser ignorado (Alarcão, 1990: 462). O caso de Mértola não será neste capítulo exceção, a cidade romana e da Antiguidade Tardia constrói-se e remodela-se sobre o anterior do *oppidum* pré-romano, o clássico traçado hipodâmico foi fortemente condicionado pela topografia, nele se destacando quatro portas.

Paralelamente ao pano de muralhas, que vai do Mercado Municipal até à Torre do Relógio, são ainda visíveis restos de construções de carácter defensivo. Trata-se de restos de um torreão de planta retangular e vestígios de embasamentos de anteriores panos de muralhas. Nestas construções o tipo de aparelho, constituído por xisto local fortemente argamassado, sugere uma datação antiga, no entanto não existem suficientes dados arqueológicos que nos permitam relacionar estes vestígios com o período em estudo neste trabalho.
A reutilização contínua e a reconstrução dos muros da cidade faz com que seja difícil identificar os momentos construtivos. As muralhas atuais, que envolvem o velho núcleo urbano, são o somatório das diversas obras ocorridas ao longo do tempo. Durante o século XX, e em especial na última década, o recinto amuralhado sofreu obras de conservação e restauro, sem que os trabalhos contassem com o devido acompanhamento. Por essa razão apenas alguns pontos poderão ser analisados e realizar-se um ensaio de datação. No entanto, parece bastante provável que grande parte cortina norte da muralha, parede exterior do criptopórtico e a torre do rio tenham sido construídos entre os séculos IV e VI.

Tudo leva a crer que o atual amuralhamento que envolve a urbe segue de perto o traçado do perímetro fortificado de *Myrtilis* e, nalguns locais, o traçado da muralha pré-romana. No entanto, sofreu arranjos e remodelações com o decorrer dos anos e o evolucionar da forma de fazer a guerra.
Como assinalam Ramallo Arsensio e Vizcaino Sánchez "se analisamos o que sucede com outras urbes hispanas com muralhas supostamente construídas em época tardo-romana, podemos constatar como, com exceção das cidades onde se foram levantadas ex novo, na maioria dos casos a nova cintura muraria respeita e conserva o antigo traçado, chegando a englobar as velhas defesas, quer no seu interior quer, como paramento interno. Apenas nos casos de *Conimbriga* e possivelmente Itálica, é que as

novas estruturas defensivas servem para redimensionar e reduzir o espaço intramuros" (Ramallo Arsensio e Vizcaino Sánchez, 2007: 497).

As muralhas da cidade definem a área habitada desde, pelo menos, o período romano tardio, embora haja indícios de realização de obras de fortificação no período republicano, nomeadamente nos troços de muralha identificados na escavação da Biblioteca Municipal. Até agora, fora do recinto amuralhado, apenas foram encontrados zonas de armazenamento, como os depósitos de ânforas e estruturas industriais, e o caso já abordado dos tanques encontrados no fim da rua 25 de Abril; não foram identificados casos de habitação datáveis do período romano.

As alusões literárias modernas à fortaleza de Mértola são várias e trazem elementos que nos ajudam a fazer a retrospetiva do que poderia ter sido a muralha na Antiguidade Tardia. No século XVI, André de Resende faz alusão "aos cipos, colunas e estátuas que Godos e Mouros, por serem uns e outros de inteligência perfeitamente bárbara, utilizaram largamente para reparar as muralhas em vez de pedra de alvenaria" (Resende, 1986: 186). Por outro lado, Amador Arrais tinha destacado "Durante inda em Mértola colunas, estátuas &mármores com letreiros Romanos dos quais os Barbaros assi godos, como mouros, no repairo dos muros, arcos, torres & pontes usavam, pondoas por alicerces" (Arrais, 1945: 289). O mesmo notaria Estácio da Veiga, em finais do século XIX, quando refere " já antecedentemente apontei a grande quantidade de fustes de coluna, de bases, de capiteis, e de numerosas peças de mármore, calcareos, granitos e outros materiais de construções architectonicas, que por todo o passo se observam no grosso e no revestimento das muralhas, da chamada ponte, das igrejas e até das habitações particulares, como indicando sumptuosos edifícios destruídos por grandes cataclismos, ou por aguerridas invasões" (Veiga, 1983: 77).

A construção de uma muralha baixo-imperial tinha sido sugerida por Estácio da Veiga, em 1880, com muitas reservas, diante da regularidade do aparelho externo de certos locais, por oposição às secções com grande mistura de mármores e pedra de granito, nitidamente importados, por exemplo diante da torre fronteira à ermida da Senhora das Neves, descrita como o paramento (Veiga, 1880: 77-78), ou seja, aquilo que, volvido um século, se viria a revelar a parede exterior do criptopórtico.

Cláudio Torres referiu uma enorme muralha com que a cidade terá sido munida nos séculos IV ou V, com um perímetro de um quilómetro, em associação às alterações no forum, reconvertido em balneário já no século III, antes da cristianização do local (Torres, 1995: 263). Também Kulikowski se inclinou para esta cronologia, interpretando a nova defesa como expressão de prestígio, dada a favorável posição topográfica da cidade (Kulikowski, 2004: 122).

À semelhança do que acontece com a maior parte das cidades, que reduzem o seu perímetro amuralhado, seria de encarar a hipótese de uma drástica redução de perímetro, no entanto não temos qualquer informação a nível arqueológico que o prove. A hipótese de um percurso coincidente com a muralha, na zona voltada ao rio, continua assim vigente. Neste local deve ter existido uma sucessiva sobreposição das defesas de Mértola. Seria muito difícil deixar de aproveitar essa posição topográfica e não reutilizar o traçado e as estruturas defensivas de períodos anteriores.

4.2.2.1 As portas

Na parte da Muralha virada ao rio Guadiana destacam-se as duas portas importantes a Porta da Vila e a Porta da Ribeira.

No canto noroeste do recinto situa-se a Porta da Vila, também designada a Porta de Beja, pois daí saía uma das importantes estradas de ligação à capital regional.

Duas torres ladeavam esta importante porta, uma delas é ainda visível apesar de muito alterada por remodelações do século XX. Inicialmente, segundo a representação de Duarte Darmas, a planta do projeto inicial do Mercado, datado de 1914, e pelos registos fotográficos dos inícios do século XX, confirma-se tratar-se de uma torre de grandes dimensões de planta semicircular. No lado oposto, a construção do Mercado Municipal, em 1916-1917, levou à destruição da antiga torre. Da análise do primeiro projeto do mercado municipal, depreende-se que a torre demolida era um paralelepípedo com 7 m de altura, 6 de comprimento e 3,5 m de largura (Macias, 2006: 210).

Esta Porta da Vila, segundo S. Macias, num primeiro momento, teria dois torreões circulares. Torres com esta configuração encontram-se noutros amuralhamentos do Garb, como Ourique ou Aljezur, de provável cronologia islâmica (Macias, 2006: 211) mas, também, em portas de sistemas amuralhados do período romano e posterior. A

adoção e generalização de torres de planta semicircular, tanto no perímetro amuralhado como na defesa das portas, torna-se comum durante o período tardio: são os casos da Porta Nigra, em Trier, e a Porta Praetoria, em Reegensburg, cujas construções constituem um paradigma das torres semicirculares (Johnson, 1983: 24). Em Portugal podemos referir os casos de Idanha, ou de Amaia, com as torres circulares a ladear as portas.

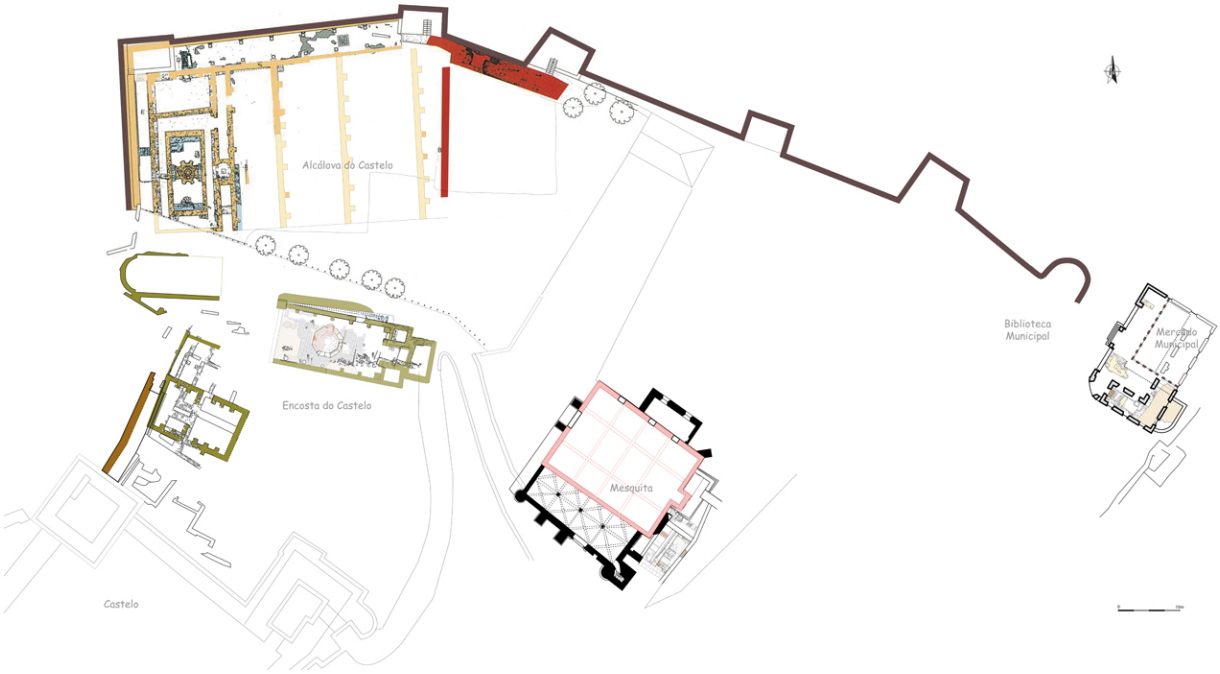


Fig. 40 – Porta do *forum* e porta de Beja

Em 2010 a equipa do CAM realizou uma intervenção de acompanhamento arqueológico no interior do mercado municipal. As obras de remodelação puseram a descoberto os restos de um bloco fortemente argamassado, que poderia ter pertencido à torre demolida em 1915 aquando da construção do antigo mercado municipal. Este bloco disforme tinha como comprimento máximo 4 m por 2,80 m, possuía no canto sudoeste um bloco de mármore reaproveitado e integrado na construção. Os trabalhos arqueológicos, dada a inexistência de espólio, não nos permite avançar com qualquer possibilidade de datação.

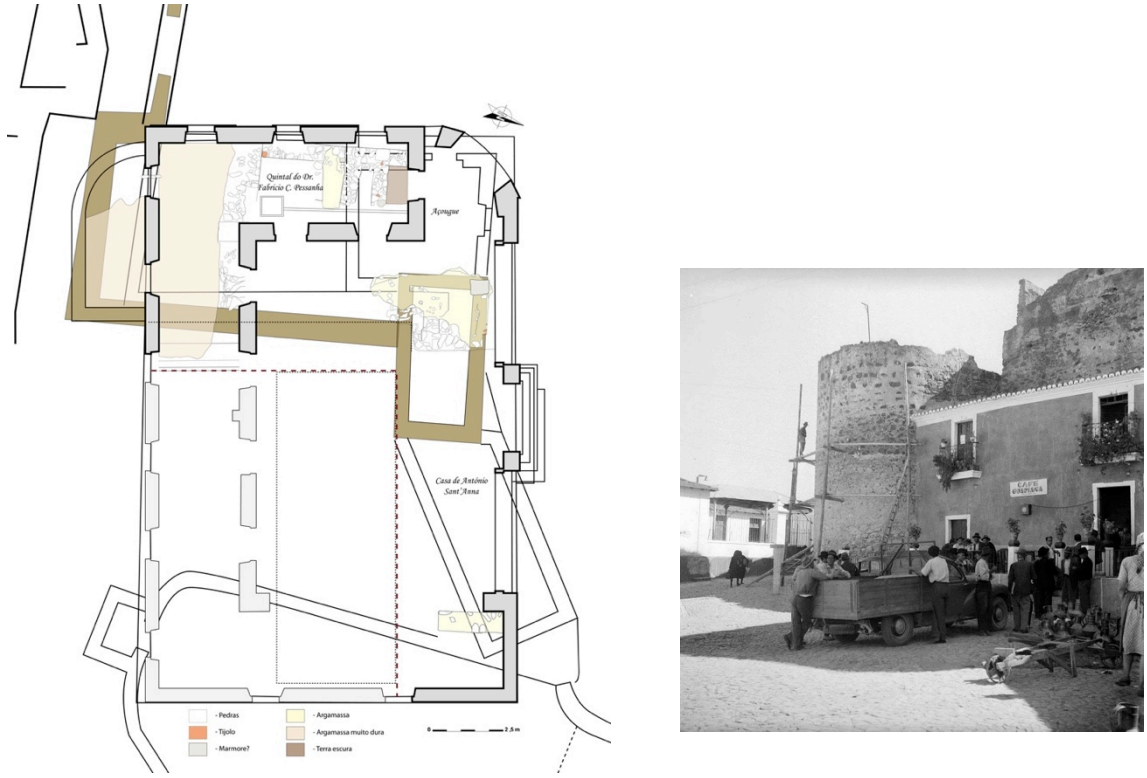


Fig. 41 – Estruturas postas a descoberto na escavação do Mercado Municipal 2010 e obras no torreão semicircular em data incerta do século XX.

A estrutura, designada como de Porta de acesso ao *forum*, está tapada exteriormente pelo pano de muralha e, interiormente, por estruturas de uma casa islâmica que foi habitada até ao século XIII. Desta porta apenas é visível a parte referente ao arco, estando a restante parte entaipada.

A porta está inserida num lanço de muralha com uma largura de 3 metros e descreve superiormente um arco de pleno centro, possui quatro metros e meio de largura e foi construída com um aparelho misto de alvenaria de pedra e tijolos nas aduelas. Pela forma, técnicas construtivas e o sistema de fecho em *cataratae*, parece que esta porta daria acesso a uma rua que levaria ao possível *forum* de *Myrtilis*.

No *Epitoma Rei Militaris*, um tratado de arte militar elaborado entre finais do séc. IV e meados do séc. V d.C. por Flávio Vegécio Renato, um alto funcionário do Baixo-Império Romano, que compendia os escritos dos principais estrategos militares romanos do passado como Catão, Celso, Frontino (Monteiro e Braga, 2009) referem este tipo de grades e portas, pendurada em cordas e anéis de ferro, já eram utilizadas nas cidades antigas (Epit. IV, 4)[15].

[15] Epit. IV, 4 inhttp://www.thelatinlibrary.com/vegetius4.html 2/5/2012

O sistema de fecho das portas designado de *cataratae*, com porta de madeira ou com uma grade metálica, estiveram em uso na Lusitânia desde o tempo do imperador Augusto, como se constatou na porta de *Sellium* em *Conimbriga*, onde na passagem dos três arcos exteriores da entrada estariam os fechos de grades (cataratae) (Pessoa, 1991: 38).

Fig. 42 – Porta do *forum*

Do Alto Império lusitano, é de referir o caso da Puerta del Puente de Mérida (Álvarez Martínez, 2007: 662-663). Este sistema de fecho das portas, surge refletida através das suas ranhuras verticais em mais do que uma porta de Lugo (González Fernández e Carreño Gascón, 2007: 262 e 267) e, na Lusitânia, em Coria (De Man 2011: 129), porta norte de Idanha (Cristóvão, 2002: 35) e a porta de D. Isabel em Évora (Balesteros e Mira 1993: 225). A porta principal de Conimbriga também demonstra um negativo semelhante. As medidas, originalmente, poderiam ter-se aproximado mais dos dez palmípedes, ou seja, uns três metros e setenta (De Man 2011: 129). Todas estas portas enquadram-se cronologicamente no período tardo-romano (Fernández Ochoa e Morillo Cerdán, 2006,: 260-261).

As portas podiam ser precedidas, na entrada, por um gradeamento móvel. A este respeito Vegecio refere, na *Epitoma institutorum rei militaris*, no que propõe

acrescentar, na entrada da porta, na qual se coloca uma grade pendurada e segura com correntes de ferro. Segundo o autor, a grade seria de madeira e revestida com ferro. Muitas das portas da muralha de Roma conservam a "casa para a maquinaria". A da porta Appia está constituída por uma grande sala abobadada de 3m por 13 m e, na mesma, se conservam restos da estrutura destinada a suportar o mecanismo que permitia içar a grade, acionado por um torno (Richmond, 1930: 136-137).

Esta solução enquadra-se na estrutura que existe em Mértola, em que as ranhuras existentes na muralha, teriam ligação à maquinaria de elevação da *cataractae*. Deste mecanismo existem evidencias arqueológicas, designadamente as ranhura verticais, nas quais corria a grelha que defendia o acesso à porta. A ranhura situada à direita, a única bem definida apesar de entaipada na parte superior, possui 0,4 m de largura.

Fig. 43 – Proposta de funcionamento da porta e do criptopórtico e pormenor da *cataratae*

Pela análise do aparelho construtivo é de inferir que a colocação deste sistema de porta pertence a um momento construtivo posterior à construção da porta. Parece pois que a *cataractae* foi adaptada à posteriori e as ranhuras, onde trabalhava a estrutura móvel, foram abertas no aparelho interior. Na parte lateral direita é perfeitamente visível que a abertura foi feita posteriormente, pois é notória a picagem das pedras para a colocação da porta, havendo nas ranhuras verticais uma irregularidade.

Possivelmente esta porta, à semelhança dos exemplares referidos, teria uma segunda porta interior; no entanto, da existência desta estrutura não possuímos qualquer indício arqueológico, visto que a porta foi entaipada interiormente aquando da construção da casa islâmica que ocupou aquela área. Do lado exterior da porta também

não sobreviveu nenhum indício arqueológico, pois o paramento foi sucessivamente restaurado, não é possível determinar quando é que esta porta deixou de funcionar.

No canto sudoeste da vila situar-se-ia, possivelmente, uma outra porta que se abria em frente à ribeira de Oeiras. A passagem hoje existente é denominada popularmente pela Porta do Buraco. Desta porta não existe qualquer referência ou indicador arqueológico, contudo, dada a topografia, parece lógico haver aí uma passagem que desse continuidade ao caminho de pé-posto escavado na rocha aí existente e que se prolonga até à margem da ribeira de Oeiras. A travessia deste curso de água faz-se facilmente quando a maré está baixa, podendo ser atravessado a vão e seguir na direção sul.

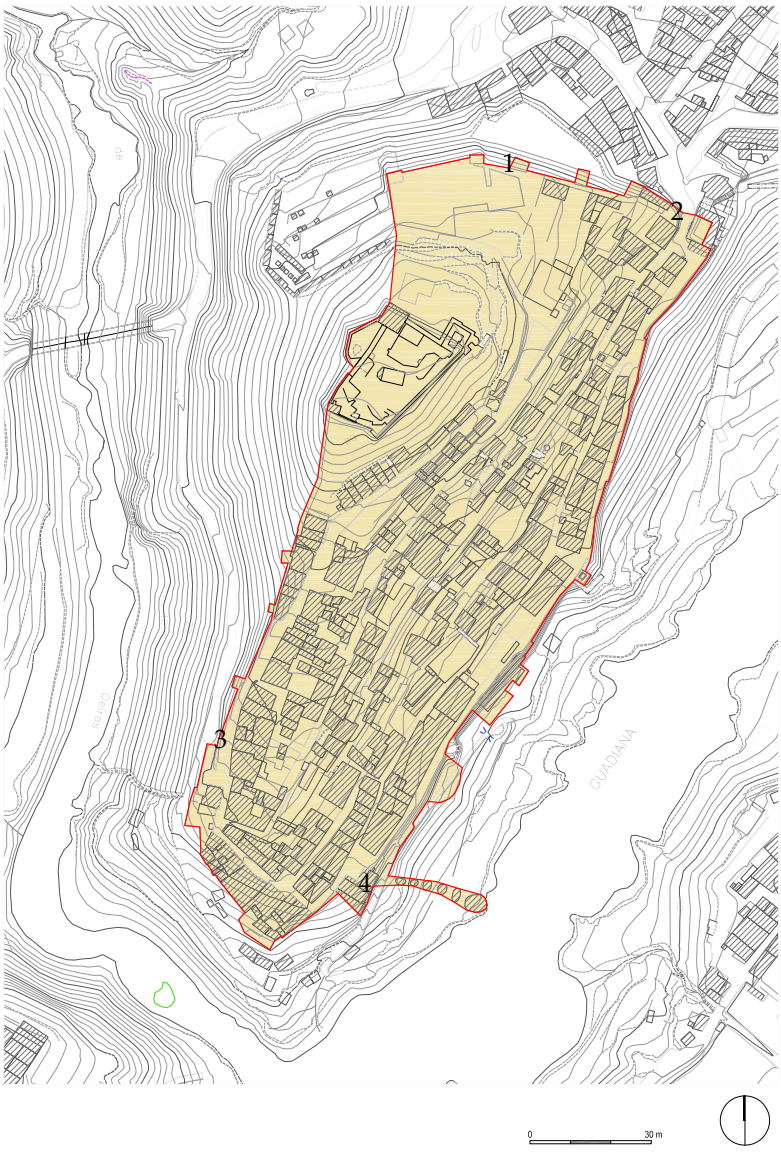


Fig. 44 – As portas de Mértola: 1 – porta do *Forum*,
2 – Porta de Beja, 3 – Porta do Buraco, 4 - Porta da Ribeira,

A última porta é a chamada Porta da Ribeira. Esta está situada numa posição privilegiada na extremidade sudoeste da vila de Mértola. É, sem dúvida, uma das ligações mais importantes, dando acesso ao porto e em estreita relação com os sistemas defensivos constituídos pela Torre do Rio e pelas torres circulares existentes na área ribeirinha. Esta, por se situar na zona mais baixa do casco antigo e pela proximidade ao Guadiana, é uma das estruturas que, certamente, mereceu especiais cuidados defensivos.

Nos desenhos de Duarte d'Armas de 1509, a porta aparece integrada num imponente torreão que se projetava a considerável altura, funcionando no seu topo, como local de vigia e controlo da área do porto. Um caminho empedrado, de forte pendente fazia o acesso à margem do rio.

No século XVI apareceram em Mértola um conjunto de "oito ou dez estátuas, escavadas na terra, artisticamente esculpidas mas sem cabeça" (Resende, 1996: 186). Ou de cinco a seis, como refere Amador Arrais (Matos, 1995: 26). Segundo as Memórias [4] paroquiais de 1758, referem-se "seis estátuas de pedra marmore que he noticia se acharam abrindosse alicerses para a Casa de Mezericordia desta vila, mas já a nam há de seo fim" (Boiça e Barros, 1995: 68; Macias, 2006: 189). Tudo leva a crer que o achado das estátuas se fez quando se procedeu ao desmonte do torreão e à construção da Igreja da Misericórdia, nos meados do século XVI (Boiça, 1998: 66).

Fig. 45 – Representação de Duarte Darmas da Porta da Ribeira

Possivelmente as duas estátuas, uma de togado e a outra de orante, que estão expostas no Museu Nacional de Arqueologia, fariam parte desta descoberta. Ambas as estátuas são datadas do século I. Uma outra estátua de togado foi recolhida em meados do século XX, junto ao castelo (Viana, 1950: 32 e 35, fig.34), que se exibe na casa romana do Museu de Mértola, e apresenta fortes semelhanças com a anterior, podendo datar do mesmo período.

No mesmo local, em obras levadas a cabo nos finais do século XIX, apareceu a cabeça de Cibele (Vasconcelos, 1913: 333-334). Na opinião de J.L. Matos "De boa escultura, o tamanho da peça, o porte altivo da figura, a simbologia da corona murabilis no alto da cabeça indica estarmos em presença dos restos veneráveis de uma estátua pública representando Cibele, a mãe dos deuses, protectora e símbolo da cidade, ou da representação figurada da própria cidade de Myrtilis" (Matos, 1995: 54). J. Alarcão sugere uma autoria de um escultor grego ou oriental (Alarcão, 1973: 209), referindo ainda que o culto desta divindade floresceu, particularmente, nas cidades, nos meios ligados ao comércio (Alarcão, 1990: 458), como parece o caso em estudo. Esta peça, de grandes dimensões, não estaria muito longe do seu local de origem, podendo sugerir que existisse um templo a ela dedicado nesta importante entrada de *Myrtilis*.

São ainda procedentes de Mértola, embora de lugar de recolha desconhecido , uma cabeça, de dimensões monumentais, do imperador Augusto (século I a. C.) uma representação de Dionísos e uma coluna decorada com lanças e golfinhos, datados dos finais do século I, inícios do II (Matos, 1995: 26-27, 58-59; Lopes, 2012: 81).

Uma lápide romana foi empregue como jamba na base do arco que forma a porta. Trata-se de um bloco retangular de mármore, no qual ainda são visíveis algumas letras. A peça foi colocada com a inscrição colocada de forma invertida pelo que se depreende tratar-se de mais um caso de reaproveitamento. Na parede virada ao rio da atual Igreja da Misericórdia são ainda visíveis uma base de coluna e alguns blocos de mármore, possivelmente materiais reaproveitados que estariam integrados no velho torreão medieval.

A posição privilegiada que a porta possuía, bem como os importantes achados escultóricos aí aparecidos, situados cronologicamente entre o século I – II, levam a pensar na existência de uma estrutura com uma datação *terminus post quem*, situada nas centúrias seguintes.

4.2.2.2 O criptopórtico

A plataforma, onde está implantado o complexo batismal e o corredor porticado, é suportada por uma construção subterrânea designada por criptopórtico-cisterna. A descoberta desta construção foi feita no início do século XVI, por Duarte de Armas que anota no seu "Livro das Fortalezas" o seguinte: "aqui esta huã abobada atopida muyto booa" (Branco, 1997: 6).

Três séculos mais tarde Estácio da Veiga faz a seguinte descrição da parede exterior do criptopórtico "(...) começam a manifestar-se no revestimento externo varias pedras, incluindo belos mármores, que bem significam haver pertencido a nobres edifícios. Quasi toda a cortina adherente ao baluarte fronteiro à ermida da Senhora das Neves é abundante d' esta mescla, incluindo espaçosas pedras rectangulares de granito, que necessariamente vieram de grande distancia e não para construcção das muralhas" (Veiga, 1983: 78).

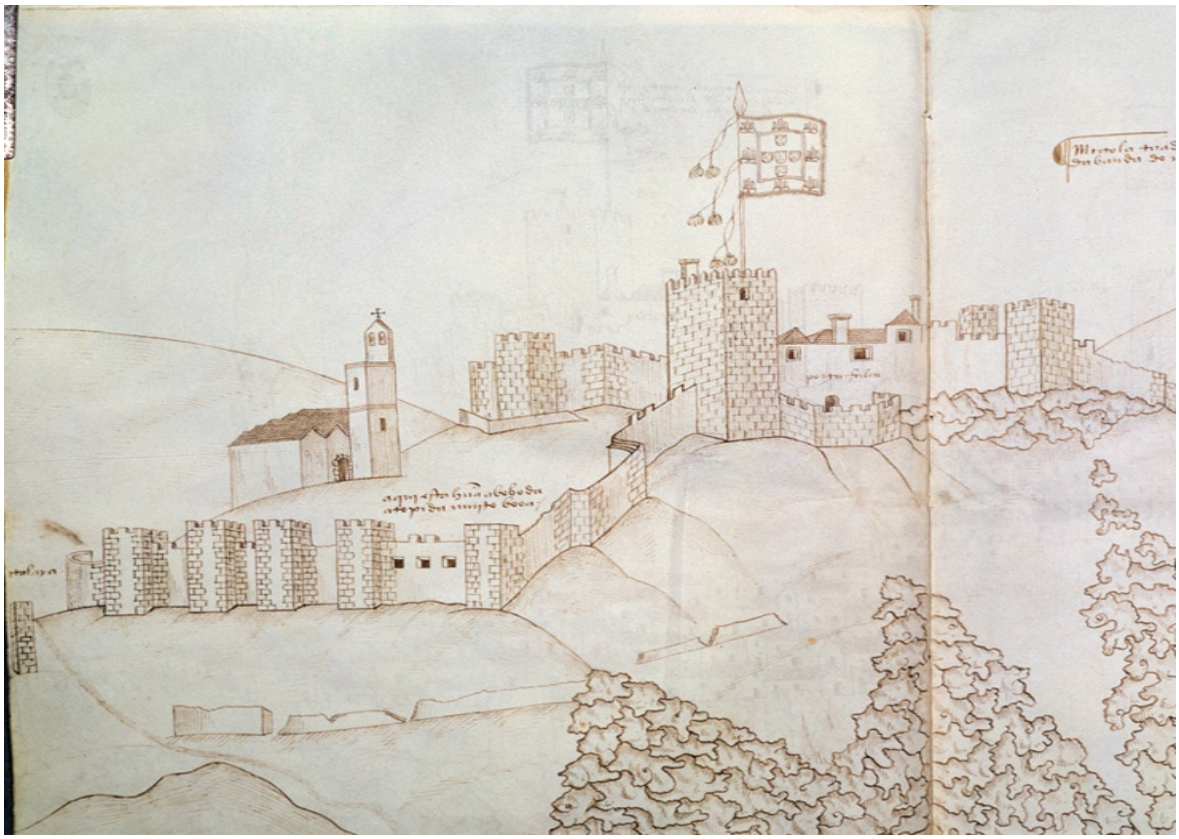


Fig. 46 – Representação de Duarte Darmas de Mértola

Ao olhar experiente de Estácio da Veiga não havia passado despercebida a qualidade do aparelho de um dos panos da cortina fortificada na parte norte de Mértola. Apesar de a classificar como obra romana, não podia imaginar que aquele paramento correspondia à parede exterior da galeria de um criptopórtico que suportava a plataforma artificial onde se localizou o forum romano.

Os trabalhos de escavação levados a cabo pelo CAM, em finais dos anos setenta do século XX, no interior desta estrutura que "foi minuciosamente desentulhada durante cinco anos" (Torres, e Silva, 1989: 31), revelaram uma galeria com um papel essencialmente estrutural, de contenção e suporte da plataforma de implantação do forum. Assim, no seu lado norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível era compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e alturas médias de, respetivamente, 2,70 e 5,80 (Torres e Oliveira, 1987: 618). Equaciono, contudo, que esta galeria teve, no início, várias funções: serviu como elemento estruturante de apoio e sustentação do complexo batismal, integrou o sistema defensivo da cidade e funcionou como local de armazenamento de mercadorias, dadas as temperaturas amenas do interior da galeria durante os meses de Verão.

Fig. 47 – Vista do criptopórtico e da galeria oeste.

A feição assumidamente militar do conjunto, galeria-criptopórtico e muro-exterior, não parece suscitar dúvidas. Para isso aponta a sua localização, a solidez da construção e

ainda as quatro aberturas na muralha (estando uma ainda entaipada) que poderão ter funcionado como seteiras, podendo o criptopórtico ser uma espécie de "casamata" no caso de a cidade ser sujeita a assédio militar.

A Oeste, no extremo do criptopórtico e perpendicularmente a ele, foram levantados dois muros paralelos com 15 m de comprimento, 7 m de altura e uma espessura de 1,80 e 1,20 m, respetivamente na parede exterior e na interior. É muito provável que estes embasamentos fossem, originalmente, encimados por uma construção que colmatasse o enorme fosso entre as paredes do batistério e a muralha exterior.

Fig. 48 – Escavação de do interior do criptopórtico

Haveria inicialmente uma ligação do criptopórtico a esta galeria aberta. Pelo que é possível observar, debaixo do torreão noroeste da plataforma, existe um arco que poderia dar passagem para o interior do criptopórtico. A meio da muralha oeste existe uma porta entaipada que daria acesso ao exterior da fortaleza.

Por esclarecer está ainda a ligação do criptopórtico à porta de acesso do forum, na parte nordeste da plataforma, pois só novos trabalhos arqueológicos nesta área o poderão revelar. No entanto, pela abertura existente no topo este do criptopórtico é possível inferir que este se prolongaria nessa direção. Tão pouco está completamente esclarecida a contribuição que as remodelações dos torreões medievais podem ter tido para a destruição do criptopórtico nos seus topos.

Mais tarde o criptopórtico foi redimensionado, sofrendo um programa de obras que lhe modificou as funções. Foram criadas paredes nos topos. Refira-se que, na parede virada

a este, são notórios dois momentos distintos da construção. Um primeiro que são as paredes do criptopórtico e outro distinto, que encosta, consequentemente, posterior. Depois de redimensionado, o pavimento e a parte inferior das paredes (a uma altura de 1,50 a 1,70 m) foram revestidos por uma sólida e impermeável argamassa, tipo opus signinum, e as quatro "seteiras" entaipadas com o evidente objetivo de adaptar o espaço a cisterna. Este entaipamento poderá ser enquadrável, cronologicamente, nos finais do século IV ou inícios do V, em data não muito distante da sua construção (Macias, 1996: 53).

Fig. 49 – Vista da muralha exterior do criptopórtico.

A cisterna tinha uma capacidade para armazenamento de 138 m3, ou seja, o equivalente a 138.000 litros (Macias, 1996: 53). Esta adaptação implicou o encerramento dos topos da galeria com paredes de alvenaria. Pela análise da técnica construtiva destes entaipamentos, é notório que se trata de intervenções posteriores, pois as pedras que formam os cantos apenas encostam às paredes do criptopórtico, não havendo qualquer espécie de travamento entre elas. Por um orifício existente na parte superior da parede é possível observar que a abóbada se prolongava nesta direção. Problemas de segurança impedem-nos, porém, de prolongar os trabalhos de modo a confirmar a existência dessa estrutura subterrânea. O entaipamento das quatro seteiras teve certamente como objetivo proteger as águas, evitando a entrada de aves e outros animais.

De uma das seteiras entaipadas foi removido um capitel de grandes dimensões, finamente decorado com motivo liriforme. Este elemento arquitetónico é possivelmente originário de um edifício público do forum da cidade, e é enquadrável cronologicamente no século II – III (Lopes, 2012: 83).

Analisando os dados construtivos do criptopórtico e da muralha exterior, a realidade conhecida aponta claramente para uma datação tardia de toda a obra em relação à época romana: nesse sentido apontam as numerosas reutilizações, entre as quais se situa a singela peça de cantaria de mármore moldurado que está no interior do criptopórtico (um pouco abaixo do arranque da abóbada), bem como os silhares que formam a parte superior das seteiras onde são visíveis as marcas do ferrei forficeps. Destacam-se marcas de forceps nos elementos da arquitetura romana de diversos sítios do atual território português, comum tanto em arquitetura civil (Fonte, 2006: VI.1), como em muralhas tardo romanas, o que se observa facilmente nas construção de Idanha-a-Velha (Pereira, 1956: 189) ou de Évora (De Man, 2008: 428).

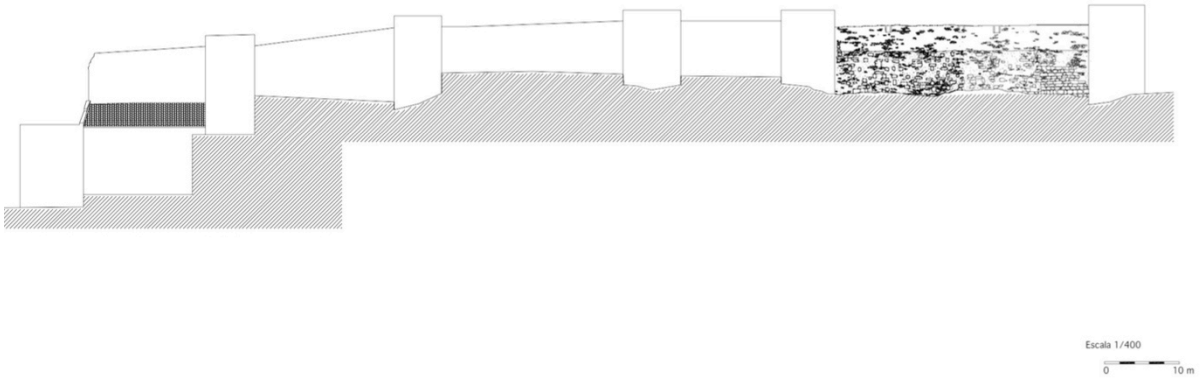


Fig. 50 – Vista do pano Norte da muralha de Mértola.

A muralha exterior é delimitada por duas torres nas extremidades, de cronologia medieval, e pela porta de entrada no forum (que se situa um pouco adiante do topo oriental do pórtico). Destas duas torres, apenas a localizada a noroeste apresenta um embasamento constituído por silhares de granito reutilizados. Dadas as semelhanças, estas fundações serão contemporâneas da parede exterior do criptopórtico. Quanto ao torreão situado a nordeste, o seu aparelho, desde as fundações, é já de época islâmica.

Na parede exterior do criptopórtico são observáveis três tipos de aparelhos: um primeiro constituído por silhares de granito e mármore, com marcas de *forceps* e silhares almofadados, próprios da construção imperial. Este aparelho de silhares está patente na parte poente da parede exterior ao criptopórtico, ocupando uma área visível de aproximadamente 36 m2. Um segundo tipo de aparelho, contíguo ao primeiro, apresenta algumas semelhanças com o opus incerto. Este tipo de disposição aparenta-se com o opus africano mas, no caso de Mértola, a irregularidade da disposição dos blocos, não permite apelidá-lo desta forma. No caso da parede exterior do criptopórtico de Mértola, a utilização dos silhares não apresenta a configuração e a métrica das construções imperiais mas, sim, uma métrica própria em que silhares dispostos na horizontal alternam com silhares dispostos na vertical, que por vezes faz lembrar a colocação das peças em "soga e tizones". O espaço em vão era preenchido com alvenaria de pequena pedra local, fortemente ligada por uma argamassa de cal. Este aparelho também se verifica nas estruturas postas a descoberto na intervenção arqueológica realizada no exterior da igreja matriz em 2003 (Gomèz Martínez, 2011, 89), e é constituído por silhares e um aparelho de alvenaria ligado por argamassa. A utilização desta técnica em momentos tardios está bem patente em construções de carácter defensivo, como são os casos da Porta de S. Sebastião de Roma (antiga Porta Appia), reconstruída no tempo de Honório (395 a 423), ou afastado desta, na longínqua muralha de Justiniano em Palmira, cujo paramento apresenta uma alternância sistemática de silhares dispostos na horizontal e na vertical, datada do século VI (Adams, 1989, 121).

A restante parede exterior ao criptopórtico é constituída por uma alvenaria de xisto local, ligado por argamassa, e pelo designado opus africano. O nome desta técnica construtiva indica claramente a região onde foi mais expandida; no entanto, se bem que esta técnica possa ter origem norte africana, foi difundida pelos cartagineses, e encontramos construções que usaram esta técnica, em regiões como a Sicilia, a Itália meridional (Adams, 1989: 131) e a Península Ibérica. Tecnicamente, o *opus africanum* é construído por estruturas verticais, constituídas por silhares dispostos na vertical e que alternam com peças dispostas na horizontal. Estes pilares feitos com silhares formam os elementos estruturais do muro.

No caso de Mértola no que diz respeito aos materiais construtivos temos, em primeiro lugar, o xisto local (de cor cinzenta ou castanha), formando um pequeno aparelho de taliscas, ou blocos aparelhados, com a face para o exterior, dispostos em fiadas regulares. De forma irregular ou alternada, destacam-se grandes blocos de granito dispostos longitudinalmente ou em perpianho. Solidamente encastrados e envolvidos por alvenaria de pedra miúda, estes módulos de antiga fábrica romana, dão corpo à muralha com quase dois metros de espessura (1.90 m) que garante o esforço de contenção da abóbada do criptopórtico.

Na maior parte deste paramento encontramos sugestões de *opus africanum* e algumas semelhanças com um irregular aparelho "em xadrez", em que os blocos de granito e mármore são dispostos em fiadas alternadamente na vertical e na horizontal. Todo o conjunto exibe uma solidez impressionante devido, também, à espessa camada de argamassa em que todo o aparelho está embebido. No interior do criptopórtico, tanto as paredes como a cornija em que assenta a abóbada são formadas por pequena alvenaria de xisto, com exceção de alguns elementos de fecho da abóbada e das frestas para o exterior, onde são utilizados silhares de granito.

Fig. 51 – Muralha exterior do criptopórtico, sugestão de *opus africanum.*

Uma leitura estratigráfica, dos escombros que atulhavam o criptopórtico, permitiu afirmar que o início do seu abandono poderá ter ocorrido entre finais do século VIII e finais do século IX (Macias, 1996: 53; Macias, 2006: 362). Esta atribuição cronológica é corroborada pelas datações de radiocarbono das ossadas de um dos dezoito esqueletos levantados no local[16]. Temos, pois, uma cronologia *terminus post* quem que baliza este espaço com local de armazenamento de água.
No entanto, está por esclarecer a necessidade de adaptação do criptopórtico a cisterna: esta transformação implicou que o criptopórtico deixasse de ser um local de passagem subterrâneo e de defesa e passasse a ser um espaço fechado de armazenamento de água.

Em termos construtivos o criptopórtico foi fechado, nos topos, com a construção de muros de alvenaria e argamassa, foram rebocadas as paredes e o solo com *opus signinum* até à altura máxima de 1,7m, que impermeabilizou a parte inferior do espaço e proporcionou uma capacidade máxima de armazenamento de 138 m^3 (Macias, 2006: 361). Também as quatro seteiras existentes na parede norte do criptopórtico foram entaipadas impedindo, assim, a entrada de animais, aspecto não compatível com a necessidade de armazenar a água em boas condições. Este entaipamento ainda se conserva na seteira situada na parte mais a oriente do criptopórtico.

A hipótese que coloco situa esta adaptação de criptopórtico a cisterna coetânea das obras de construção do complexo baptismal. A cisterna aproveitava a água das chuvas provenientes dos edifícios situados na plataforma superior. A suster esta hipótese está o facto de, no muro sul da galeria porticada, em ambas as extremidades, existirem duas aberturas rasgadas nos muros e que deveriam ser o remate de um sistema de algerozes que recolhiam, dos telhados, as águas das chuvas e as conduziam para esses pontos[17].
O facto de estas aberturas terem sido escavadas nos muros, e perfurarem a abóbada do criptopórtico, sugerem tratar-se de um momento posterior de adaptação do espaço a cisterna.

[16] As análises de radiocarbono datam entre 789 e 895 d. C. (desvio de I sigma) as ossadas do esqueleto n°. 3 proveniente daquele local (análise ICEN-797-1991), (Macias, 1996: 155).
[17] Uma das aberturas, situada na parte poente, possui como medidas interiores um orifício de 28 por 29 cm. A argamassa utilizada no reboco exterior é muito semelhante à utilizada no interior da cisterna e sobrepõe-se aos rebocos contemporâneos dos mosaicos.

Parece-me que esta transformação não tem a ver exclusivamente com o abastecimento da piscina batismal, pois não seria lógico ter um tão grande reservatório para abastecer o batistério, situado a um nível superior. A existir algum reservatório de água, que proporcionasse água corrente ao batistério, situar-se-ia a uma cota superior, provavelmente na encosta do castelo, onde se localizam estruturas hidráulicas[18].

A existência de um complexo religioso com vários edifícios necessitava de uma quantidade substancial de água, não só para o ritual do batismo, que era praticado apenas uma vez no ano como, também, para um eventual uso doméstico. Apesar do uso da água proveniente das cisternas ser desaconselhado havia, certamente, formas de a purificar[19].

Possivelmente contemporânea das obras de adaptação do criptopórtico a cisterna esteve o enchimento do espaço a poente, contíguo ao criptopórtico e paralelo ao antigo cemitério pois, com a transformação do criptopórtico em cisterna, a anterior passagem foi tapada e este espaço de circulação deixa de fazer sentido.

A questão da entrada para a cisterna é um tema complexo. A entrada atual situa-se no canto noroeste da plataforma e no limite da galeria porticada. Para abrir esta passagem foi destruído o muro da sala norte. A escadaria é constituída por silharia reaproveitada e cortou o muro de separação da sala com a galeria porticada. Ora não parece que esta entrada seja contemporânea, pois cortou a abóbada do criptopórtico e, consequentemente, os painéis de mosaicos. Por outro lado, a diferença de cota entre o pavimento da sala norte e a da galeria (55 cm) não permite uma entrada facilitada. Por outro lado as aberturas existentes a nível da abóbada não parecem ter a função de entrada, pois a eventual existência de alçapões não seria compatível com um ambiente luxuoso, ricamente decorado com painéis musivos de acesso ao batistério. Parece pois que, o atual acesso ao criptopórtico cisterna, não corresponde ao acesso coetâneo do complexo batismal mas, sim, estar relacionado com a remodelação feita em período medieval e relacionada com a construção do torreão do canto noroeste da plataforma que eventualmente tapasse esse acesso à cisterna. A haver uma entrada, esta poderia ser do tipo alçapão por onde fosse retirada a água, pois a funcionalidade do espaço

[18] Numa análise sumária, é percetível a existência de estruturas de consideráveis dimensões e a existência de uma canalização de água construída numa boa alvenaria de xisto local e tijolos, ligados por uma forte argamassa hidráulica.

[19] Um dos meios de limpar a água das cisternas consiste em adicionar algumas pedras de cal que funcionava como purificador (Macias, 2006: 362).

como cisterna não precisava de grande espaço para retirar a água bem como para a sua limpeza e manutenção que seria feita apenas pontualmente.

Um possível paralelo para este criptopórtico parece existir em Almuñecar (Granada) onde, depois do abandono do forum, se ergueu no local um conjunto de habitações, ainda hoje em uso. A estrutura arquitetónica terá sido edificada na segunda metade do século I, precisamente com as mesmas funções da de Mértola: contrariar o desnível da encosta e criar uma plataforma onde se implantassem as construções forenses. Não teve, contudo, reutilização como cisterna (Molina Forjado, 1983: 273-277).
Quanto aos paramentos exteriores desta construção, os paralelos mais próximos situam-se nas muralhas baixo imperiais de Lugo, erguidas em torno dos anos 265 e 310 (Arias Vilas, 1971: 763-768), ou soluções em construtivas semelhantes e coetâneas como as verificadas na muralha tetrarquica de Legio (Leão) (Gárcia Marcos et alli, 1997, 515-531), ou de Astorga (Sevillano Fuertes; 2007: 349). O aparelho destas construções é em alvenaria de xisto, sendo também frequentes os panos em que são visíveis, encastrados, silhares graníticos. No interior parece que foi utilizada uma técnica construtiva semelhante às soluções encontradas em Mértola.

Em geral, para os recintos amuralhados como Leão, Lugo ou Astorga, a datação oscila entre o século III e os começos do IV. A datação fez-se a partir das inscrições que foram reutilizadas como material de construção, e que proporcionaram uma datação post quem de meados do século III. Esta cronologia apontava, também, razões de ordem histórica como a insegurança existente em todo o Império, derivada de uma grave crise ao longo do século III e algumas das incursões dos povos bárbaros na península, que motivaram uma reformulação das cidades de forma apressada, tal como parece deduzir-se da reutilização de restos epigráficos e de material construtivo de outros edifícios.

Na atualidade, as investigações arqueológicas realizadas nestas cidades do norte da península apontam cronologias centradas nos finais do século III e começos do século IV, período em que se superou a crise do século III e os problemas internos, dando-se uma recuperação em todos os âmbitos, especialmente o económico, o que permitiu

pagar os elevados custos de tão alto número de amuralhamentos na Hispânia (Sevillano Fuertes, 2007: 349).

Se analisarmos o que sucede em outras urbes hispânicas com muralhas supostamente construídas em época tardo romana, salvo nas cidades onde são levantadas ex novo, na maioria dos casos podemos apreciar como as novas obras respeitam e conservam o traçado do amuralhamento precedente, reforçando as velhas defesas, abrangendo-as por vezes, no seu interior. Apenas em casos excecionais como Conimbriga, e possivelmente Itálica, em que as novas estruturas defensivas servem para redimensionar o espaço intramuros (Fernández e Morillo, 1992: 227-259; Ramallo Asensio e Vizcaíno Sánchez, 2007: 497).

Cláudio Torres avançou com uma primeira proposta de datação que situava esta estrutura em finais do século III, inícios do IV (Torres, 1987: 619). Subescrevemos esta datação pois parece-nos compatível com a reutilização de elementos epigráficos de silharia, de mármore e de granito, e vários elementos arquitetónicos dos séculos II-III. Contudo, a adaptação do criptopórtico a cisterna foi uma obra executada, possivelmente, a partir de meados do século V ou durante o século VI.

4.2.3 A Torre do Rio

Nos casos abordados seguidamente, as escavações arqueológicas permitem conhecer um pouco melhor a natureza das estruturas ao nível da funcionalidade e do enquadramento cronológico. Na área ribeirinha as estruturas monumentais inscrevem-se na Antiguidade Tardia e são testemunho da importância que a zona portuária possuía nessa época.

De todo o conjunto monumental de muralhas existentes, a Torre do Rio (também chamada torre couraça) é paradigmática das técnicas construtivas do período tardo-romano.

Fig. 52 – Vista geral da torre do rio.

A torre do rio foi declarada Monumento Nacional em 1910. Na linguagem popular o monumento é designado por "ponte romana". Um exemplo desta diversidade de designações encontra-se no foral outorgado a Mértola em 1254, pelo mestre da ordem de Santiago, D. Paio Peres Correia, no qual se pode ler "Della ponte a suso quem ahy quizer pescar auenhaseis com o comendador do lugar" (Veiga, 1983: 177-178). Esta referência à "ponte" mantem-se na documentação produzida pelas visitações da Ordem de Santiago servindo, por exemplo, para determinar o dízimo a pagar pela pesca no rio (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 127). Contudo, esta designação carece de qualquer confirmação arqueológica. Abel Viana, que chegou mesmo a efetuar ali trabalhos

arqueológicos, informou Fernando de Almeida, que "não encontrara absolutamente nada nas escavações que para tal fim ali fizera" (Almeida, 1976: 265).

De facto não se trata de uma torre, mas de um passadiço constituído por seis pilares e outros tantos arcos (dos quais apenas se conserva a zona do arranque), que se situava entre a Porta da Ribeira e o rio. Esta construção permitia, assim, ligar o espaço intramuros ao rio Guadiana. A sua extensão total ronda os 47,8 metros; no entanto, se considerarmos a ligação, inevitável, à muralha a extensão do monumento acresce aos 51,3 m. Os pilares possuem a seguinte métrica:

	Altura máxima conservada (metros)	Comprimento máximo	Largura máxima	Vão do arco	Largura do arco
Pilar 1	6,7	12,7	9,9	3,75	4,07
Pilar 2	5,5	6,5	4,2	3,8	3,96
Pilar 3	5,5	6,5	3,8	3,6	4,07
Pilar 4	5,5	5,2	4	2,8	4,07
Pilar 5	3	3,4	3,9	3,5	4,07
Pilar 6	2,5	6	4	Destruído	Destruído

O pilar 1, o mais próximo do rio, é uma construção maciça que recorre exteriormente a silhares e fustes, em mármore e granito, reaproveitados de outras construções mais antigas. O ligante é constituído por cal hidráulica - refira-se a este propósito o elevado grau de resistência desta argamassa que é, por vezes, superior à própria pedra, pois esta, nalguns sítios apresenta sinais de desgaste maiores que a argamassa.

Do arranque do arco de ligação ao pilar seguinte restam seis peças de cantaria em calcário, que forma uma fina moldura, que indicia tratar-se de um reaproveitamento de um friso romano de uma construção anterior.

Este pilar é atravessado por um túnel perpendicular ao rio, com 3 m de altura e 1,5 de largura. O aparelho construtivo deste túnel é em pequena silharia, até ao arranque da abóbada, a partir daqui a construção desenvolve-se com o característico xisto local.

O pilar 2 apresenta o mesmo perfil do pilar anterior. No interior deste desenvolve-se o túnel com uma altura de e uma largura de 1,50. Na parte superior tem restos de um sumidouro e o arranque dos arcos. Maioritariamente é empregue o xisto local, com exceção do quebra-mar que é construído com silhares.

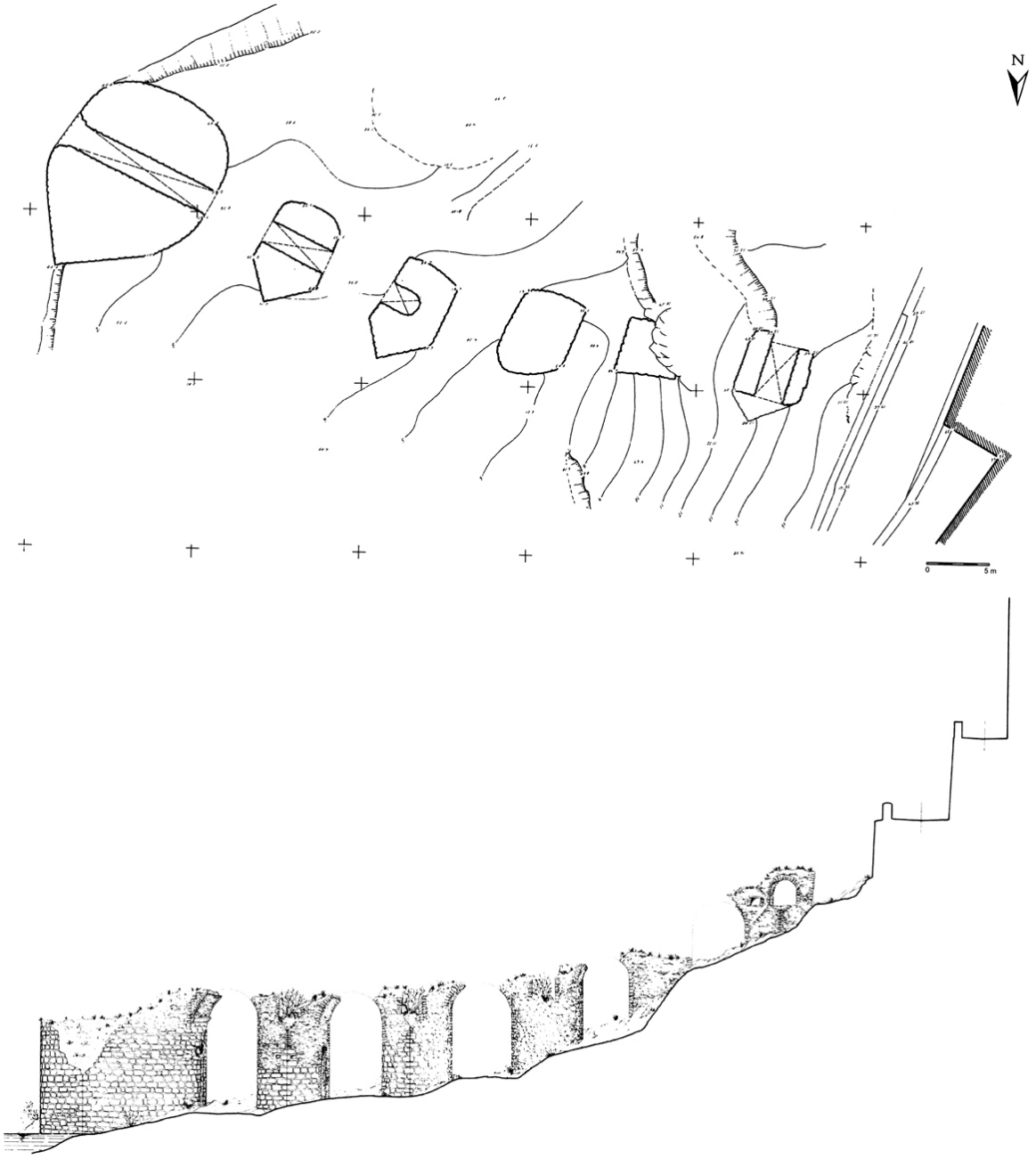


Fig. 53 – Planta e perfil montante da torre do rio

O pilar 3 é em tudo semelhante ao anterior, contudo é nesta estrutura que se dá o *terminus* do túnel, sendo este cego e em forma de quarto de esfera.

O pilar 4 é maioritariamente construído com o xisto local e, excecionalmente, usa silhares. Possui uma forma arredondada, quer a montante quer a jusante, não tendo o característico quebra-mar.

O pilar 5 é o menos conservado pois apenas se mantem o arranque do arco e parte do base. É construído exclusivamente com xisto e argamassa.
O pilar 6 é construído em xisto e apenas possui um silhar de mármore ao nível do embasamento. Apresenta uma planta semicircular, para jusante, e em forma de quebra-mar a montante. O sumidouro, virado a montante, apresenta um arco com 1,5 de altura e semelhante largura, virado a jusante o arco apresenta uma altura de 2, 2,6m. No arranque do arco, virado ao rio, este possui um orifício quadrangular, com 0,5 m de lado, que atravessa longitudinalmente toda a estrutura. Não nos parece que se trate de um sumidouro mas, sim, o local de amarração de alguma máquina que ajudasse na descarga dos barcos.
Nos pilares 2 e 3, na parte virada a jusante, são visíveis os agulheiros para a colocação de andaimes de madeira.
Todas as torres assentam diretamente no afloramento xistoso, não sendo visível qualquer tipo de alicerce ou de regularização do afloramento.
O espaço entre as duas margens tem cerca de quarenta metros e uma profundidade de próxima dos vinte metros.

Os pilares que deviam enfrentar o embate das águas do rio tinham a forma de quebra-mar, a montante, e eram arredondados a jusante, o que permitia resistir às cheias do Guadiana. Trata-se, pois, de uma construção que apresenta um elevado grau de solidez. Como pormenores arquitetónicos de relevo destacam-se que os dois pilares mais próximos da água, possuem túneis perpendiculares ao rio e são fechados por abóbadas de meio canhão. No terceiro pilar, o túnel chega apenas até meio e termina em meio círculo. A extensão total deste túnel situa-se nos 12 m. No que concerne à funcionalidade desta estrutura penso que servia para aliviar a pressão das águas sobre a estrutura, em alturas de pequenas cheias como as que ainda hoje se observam.

Em toda esta construção se encontram silhares e fustes de coluna de mármore e de granito reaproveitados. No entanto, a torre mais próxima do rio é exteriormente constituída por silharia; os restantes recorrem também, pontualmente, a silhares, ao nível dos arcos e do quebra-mar, embora a maioria da construção tenha sido construída com material local. Este aparelho misto, revelador da adaptação da técnica

romana aos materiais disponíveis no local, também foi utilizado, como já se referiu, no criptopórtico.

No interior dos pilares o enchimento é feito com *opus cæmenticium*, ou seja, é ligado por uma forte argamassa de cal hidráulica, misturada com pequenas lajes de xisto local, dispostas na horizontal. Em vários pontos da torre foram recolhidas amostras que proporcionaram estudos composicionais das argamassas e que indiciam uma boa homogeneidade, bem como uma excelente resistência à erosão (Silva, Ricardo, Salta, Adriano, Mirão, Candeias e Macias 2006, 85-90).

Fig. 54 – Dois dos pilares mais próximos do rio.

No nível superior dos pilares é percetível o arranque dos arcos que ligariam todo o conjunto, existindo nos pilares dois, três, quatro e seis arcos menores, hoje parcialmente destruídos, que teriam como função aliviar a pressão exercida sobre a estrutura, deixando passar parte das águas vindas de montante e diminuindo o impacto da força da corrente. Esses sumidouros possuem uma largura regular que se situa em 1,3 m, com exceção do pilar 6 cujo arco apresenta 1,5 m de largura. Esta técnica construtiva é adotada na maior parte das pontes construídas durante o período romano.

Fig. 55 – Os arcos interiores da construção.

Não era esta a opinião defendida por Estácio da Veiga, que sugere tratar-se de uma construção árabe, admitindo, no entanto, que possa ter havido ali obra mais antiga (Veiga, 1983: 129). Em termos da sua funcionalidade o mesmo autor refere: "apreciando o que apenas existe, é que o edifício de Mértola, avançando da muralha para o rio e terminando num reduto atravessado por um corredor abobadado, cingido de parapeito e fechado por porta trancada, deve ter satisfeito a diversos destinos. Serviria para proteger a aquisição da água indispensável para o consumo da população; para fiscalizar e impedir, quando preciso fosse, a passagem de barcos a montante do rio, para vigiar e repelir qualquer invasão tentada pelo rio ou pela margem oposta; para o embarque, desembarque e despacho dos géneros do comércio em transito fluvial; para auxiliar a saída de forças militares e a sua reunião com as que pudessem descer da porta-falsa pelo flanco esquerdo da Ribeira de Oeiras (...) Serviria portanto de caes, ou molhe fortificado, e em caso de grande necessidade, por meio de pranchas amarradas a algumas barcas, franquearia uma rapida passagem para a margem esquerda, se é que em tempos mais antigos o que falta agora áquelle edifício, para se lhe poder chamar ponte, não foi suprimido por uma corredoira de madeira assente sobre estacaria" (Veiga, 1983: 137-138) [20].

A proposta de datação, apresentada por Abel Viana, é que a Torre tivesse "uma fundação visigótica. Teriam sido os invasores germânicos quem nela aplicaram os

[20] Ver a discussão feita por Veiga em torno do tema (pp. l26-139).

materiais das derrubadas construções romanas, que sucessivos concertos dos maometanos e porventura dos primeiros ocupantes portugueses mais baralharam e confundiram" (Viana, 1947: 29-30).

Para Fernando de Almeida, estas ruínas "não são romanas, nem visigóticas, não são de uma ponte, nem de um porto: as ruínas são de um imponente aqueduto construído no período muçulmano para abastecer de água a importante vila, que era Mértola. Parece haver paralelos na Síria, sobre o Oronte; que lançava água para um aqueduto romano" (Almeida,1976: 298-299). Pavon Moldonado defende que toda a construção acusa fábrica romana inequívoca (Pavon Moldonado, 1993: 42). O que é praticamente coincidente com as interpretações de Estácio da Veiga, contudo outorga funções diferentes em época romana e em época islâmica. Para o primeiro período aponta três usos: embarcadouro, pontão com continuidade numa ponte de barcas e coracha, ou muro para aprovisionar à povoação de forma segura. Em época islâmica apenas se manteria em função de coracha e serviria para o aprovisionamento de água (Pavón Maldonado,1993: 38 e 42-45).

Fig. 56 – A torre do rio durante as cheias de 2013.

No que concerne a funcionalidade desta estrutura, três hipóteses deverão ser consideradas. Uma das utilizações poderá estar relacionada com a defesa da cidade, de

forma a permitir a ligação entre a muralha e o rio, para um melhor aprovisionamento de água, mesmo em situações de assédio militar. Uma segunda, complementar da primeira, relaciona-se com o controlo da zona portuária, como refere Vitrúvio, no Capítulo XII do Livro Quinto do clássico De Architectura, " (...) os portos prestarão naturalmente os melhores serviços se estiverem bem situados e possuírem espigões ou promontórios salientes, a partir dos quais, para o seu interior e segundo a natureza do local sejam formados ângulos ou curvaturas. (...) De um e de outro lado dos portos deverão ser erguidas torres, a partir das quais, por meio de máquinas, se possa passar correntes de ferro de um lado ao outro" (Maciel, 1996: 325-326). Esta referência à existência de sistemas de proteção dos portos através de correntes metálicas que, esticadas, na zona da barra e/ou entre as margens, impediam o livre movimento dos navios em certas áreas dos portos fluviais, é uma situação que se adapta perfeitamente ao caso em estudo. Outra hipótese é poder estar relacionada com algum mecanismo de elevação (grua) que pudesse servir para a descarga de barcos, encaminhando os produtos pela parte superior, ganhando assim altura para poder vencer o desnível da zona junto ao rio em relação à cota da muralha; como o aparelho das torres se encontra, atualmente, destruído na sua parte superior, não é possível proceder à confirmação arqueológica desta hipótese de funcionalidade.

Tão pouco tem confirmação arqueológica a proposta de interpretação sugerida por Fernando de Almeida, segundo a qual esta estrutura serviria de suporte para "uma grande nora de madeira incluindo os alcatruzes". Não nos parece que este sistema pudesse funcionar no caso da torre de Mértola. As cheias anuais, que atingem e ultrapassam a cota dos pilares, destruiriam qualquer sistema de madeira de tipo nora que, como refere o autor citado, aqui pudesse ser instalado.

Quanto à datação deste monumento apenas se pode dizer que, do seu interior, foi retirada uma inscrição votiva, reaproveitada na construção, datada do século II d.C. (Valente, et alli, 1982: 3-5), pelo que se pode inferir que a construção é posterior.

No que se refere aos paralelos, em termos da técnica construtiva utilizada nesta torre, apresentam soluções idênticas às usadas nas muralhas e portas de Lugo, dos finais do século III ou dos inícios do IV. Nesta cidade, parte das torres e portas foram construídas reutilizando silharia, e as restantes secções foram executadas utilizado um pequeno aparelho com a pedra local (Gonzalez, 2005: 63-71) ou soluções construtivas

semelhantes e coetâneas como as verificadas na muralha tetrarquica de Legio (Leão) (Gárcia Marcos et alli, 1997: 515-531), ou de Astorga (Sevillano Fuertes; 2007: 349).
No entanto, faltam paralelos satisfatórios para este monumento no que se refere à sua funcionalidade. As torres Corachas que são conhecidas geralmente são bastante tardias (Ricard, 1954; Pavón,1986); por outro lado, são conhecidos poucos casos de estruturas de portos fluviais da fase final do domínio romano. Contudo, podemos referir alguns exemplos de portos e destacar os situados nas margens do Danúbio, na Dácia. Um deles, da época imperial, está localizado no porto de Drobeta e consiste numa parede maciça de 2,6 m de altura e 14 m de comprimento (Bounegru e Zahariade, 1996: 82-83). Outro, semelhante estruturalmente, ainda que pior conservado, foi encontrado em Aegeta (Brza Palanca). O terceiro é o de Haiducka Vodenica, uma fortificação tardo romana, de planta aproximadamente quadrada, em que dois molhes paralelos, com quatro metros de espessura, se prolongavam desde os extremos da fortificação até ao rio, fechando o porto (Bounegru e Zahariade, 1996: 83-85). Para os dois últimos casos a cronologia atribuída situa-se, de forma imprecisa, entre o século IV e o VI (Bounegru e Zahariade, 1996: 82-86).

Fig. 57 – Proposta de reconstituição do porto de Mértola

Assim, estes paralelos construtivos em pouco ajudam a precisar a cronologia da torre do rio, de modo que devemos centrar a análise nos elementos de datação de que dispomos: uma datação *post quem*, proporcionada pela inscrição votiva reutilizada, e que é datada no século II d.C. (Valente, et alli, 1982: 3-5).

No que se refere às técnicas de construção, a fábrica da torre é claramente idêntica à que foi adotada na construção do criptopórtico. Temos, *assim, um terminus* ante quem para a construção do criptopórtico proporcionado pela pavimentação dos espaços com mosaicos, para os quais os paralelos existentes se situam maioritariamente no século VI dC.

Concluímos, portanto, que o monumento está localizado num espectro cronológico entre os finais do século III, data posterior à utilização da ara votiva aqui encontrada, e o século VI, limite cronológico atribuído à aplicação dos pavimentos musivos.

4.2.4 A Torre semicircular

Um outro importante elemento estruturante do sistema defensivo da zona portuária é o torreão semicircular, associado a um outro de planta retangular, a cerca de 40 metros da "Torre do Rio". A escavação arqueológica do torreão realizou-se por motivo de obras no local, em inícios de 1994, e teve como objetivo a limpeza da zona e tomada de decisões relativamente ao posterior restauro do troço de muralha virado ao rio Guadiana.

Nos anos 20/30 do século XX, com a reorganização do acesso portuário à Porta da Ribeira, foi construído nesse local um caminho e um amplo miradouro, conhecido pela designação de "cadeirão". Este caminho seccionou um troço da estrutura semicircular, partindo a ligação aos torreões, situados a montante.

As estruturas postas a descoberto com a intervenção arqueológica deste local, apesar da complexidade das mesmas, parecem revelar um torreão da muralha, que apresenta várias etapas de construção. Os materiais aí exumados, e posteriormente estudados, apontam para um período cronológico bastante largo (desde o século IV a.C. até ao século IV d.C.). Assim, a uma primeira fase construtiva, que corresponde a um torreão quadrangular, sucede-se uma outra estrutura, mais avantajada, de configuração

retangular, com a ampliação da face sul do torreão primitivo. A esta, a face sul, é associada outra construção definida por três muros semicirculares. O primeiro – o mais afastado da atual muralha - é o que apresenta uma maior espessura (com 2,7 m na base e 1,8 m no topo); os restantes são mais estreitos (rondam os 90 cm de largura), dado tratar-se de elementos de reforço inseridos no interior da construção.

O conjunto é em alvenaria de xisto, com blocos de dimensões variáveis e forma irregular (sempre com a face exterior claramente facetada). O paramento exterior é constituído por camadas regulares de lajes, dispostas horizontalmente, que alternam na vertical (em sequências de 40 a 50 cm) com camadas de pedra dispostas de forma irregular. O interior é composto por *opus caementicium* [21], o que confere à construção uma solidez que lhe permitiu resistir às diversas cheias do Guadiana, cujas águas chegavam a ultrapassá-la.

Fig. 58 – A zona portuária de Mértola

Os exemplos, comprovadamente baixo-imperiais sírio-palestinianos foram construídos na viragem para o século IV (Hauschild, 1994: 229). São estruturas com torres

[21] - Constituído por cal e inertes, que neste caso são compostos por lascas de xisto de forma irregular.

semicirculares muito salientes, parecem representativos de um certo movimento modal oriental. Estas criações militares mantiveram-se aparentadas ao tipo quadriburgium até ao século IV (Napoli, 1997: 289), cuja função principal, não era suportar um cerco de forma autónoma mas, sim, albergar uma guarnição (Isaac, 1990, 198), e a instalação variada de torres semicirculares, ou quadradas, traz uma dimensão nova a essa oposição de formas. Observa-se que boa parte dos casos hispânicos pré-augustanos e alto-imperiais haviam tido um mesmo formato em ângulo (Hourcade, Lopes e Labarthe 2003, 301).

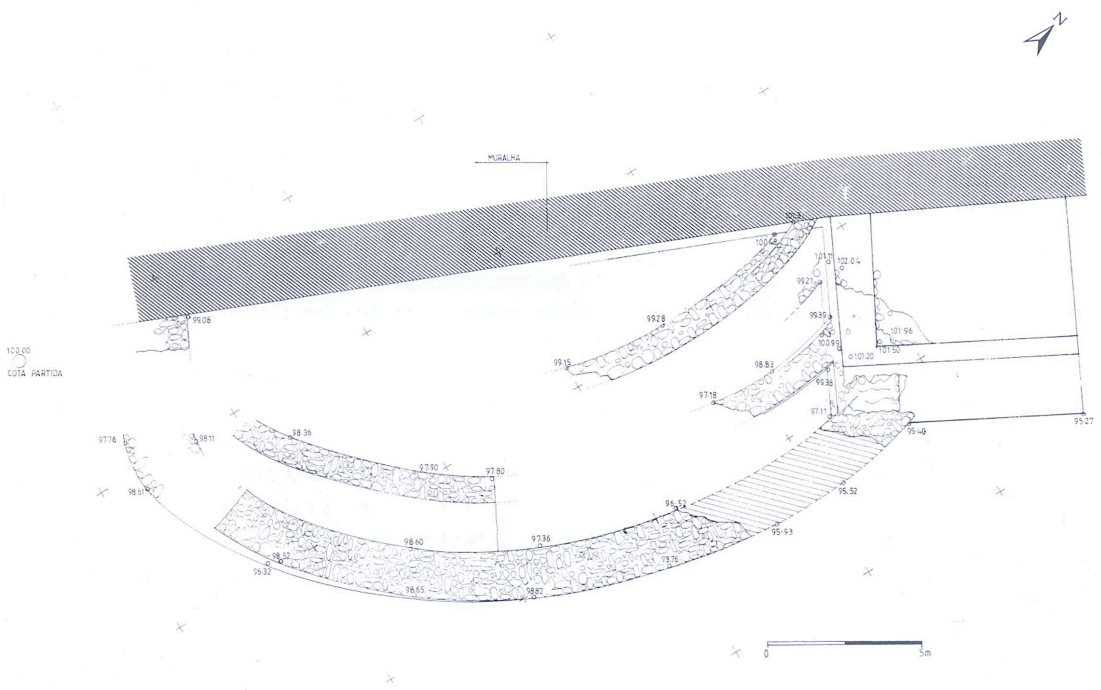


Fig. 59 – Estruturas arqueológicas da torre semicircular.

A preferência por esta solução contava com um argumento milenar referido por Vitrúvio: "As torres devem ser construídas de modo arredondado ou poligonal, porque as máquinas de guerra partem as torres quadradas muito mais facilmente; o impacto dos aríetes destruirá os cantos, mas diante de curvas, o aríete será uma cunha; ao pressionar para o centro será incapaz de danificar a estrutura" (Vitr. De Arch., I, 5, 5 in Rowland e Howe, 2002: 28).

A escavação arqueológica deste conjunto defensivo demonstrou a adaptação de uma primeira torre quadrada a uma de forma retangular, que é reforçada, posteriormente, com os muros semicirculares nos finais do século IV, inícios do V.

A escavação arqueológica, no troço das muralhas viradas ao rio, estendeu-se ainda à zona situada junto às fundações do edifício que albergou a primeira sede da Câmara local, e que serviu, até há bem pouco tempo, de Tribunal. As referidas fundações estão adossadas ao extradorso da muralha, a cerca de 100 metros da porta da ribeira. Apesar de se ter tratado de uma sondagem, foram detetadas estruturas e materiais cronologicamente enquadráveis no período romano. Surgiram novos dados sobre o sistema defensivo muralha/torre da zona portuária no período tardo-romano, e sobre a complexidade dos amuralhamentos posteriores, em particular na época almóada, numa complexa sobreposição de diferentes épocas. Esta sucessiva e ininterrupta reconstrução era desconhecida até à intervenção arqueológica.

Fig. 60 – Estruturas da torre semicircular vistas do rio.

Parece, pois, que em Mértola houve um programa construtivo complexo que se centrou em distintas áreas da cidade. Na acrópole, a remodelação da plataforma fez-se com a construção do criptopórtico e do batistério. Na zona ribeirinha vários sistemas são construídos, possivelmente complementares entre si e que têm, indubitavelmente, um carácter defensivo ligado a uma importante área portuária. Apesar de não possuir para estas construções uma datação segura, existem elementos que nos permitem estabelecer alguns parâmetros cronológicos, como seja o facto de haver uma semelhança muito grande em termos de técnicas construtivas, bem como de materiais empregues, em que a reutilização de peças pertencentes a edifícios anteriores é uma constante.

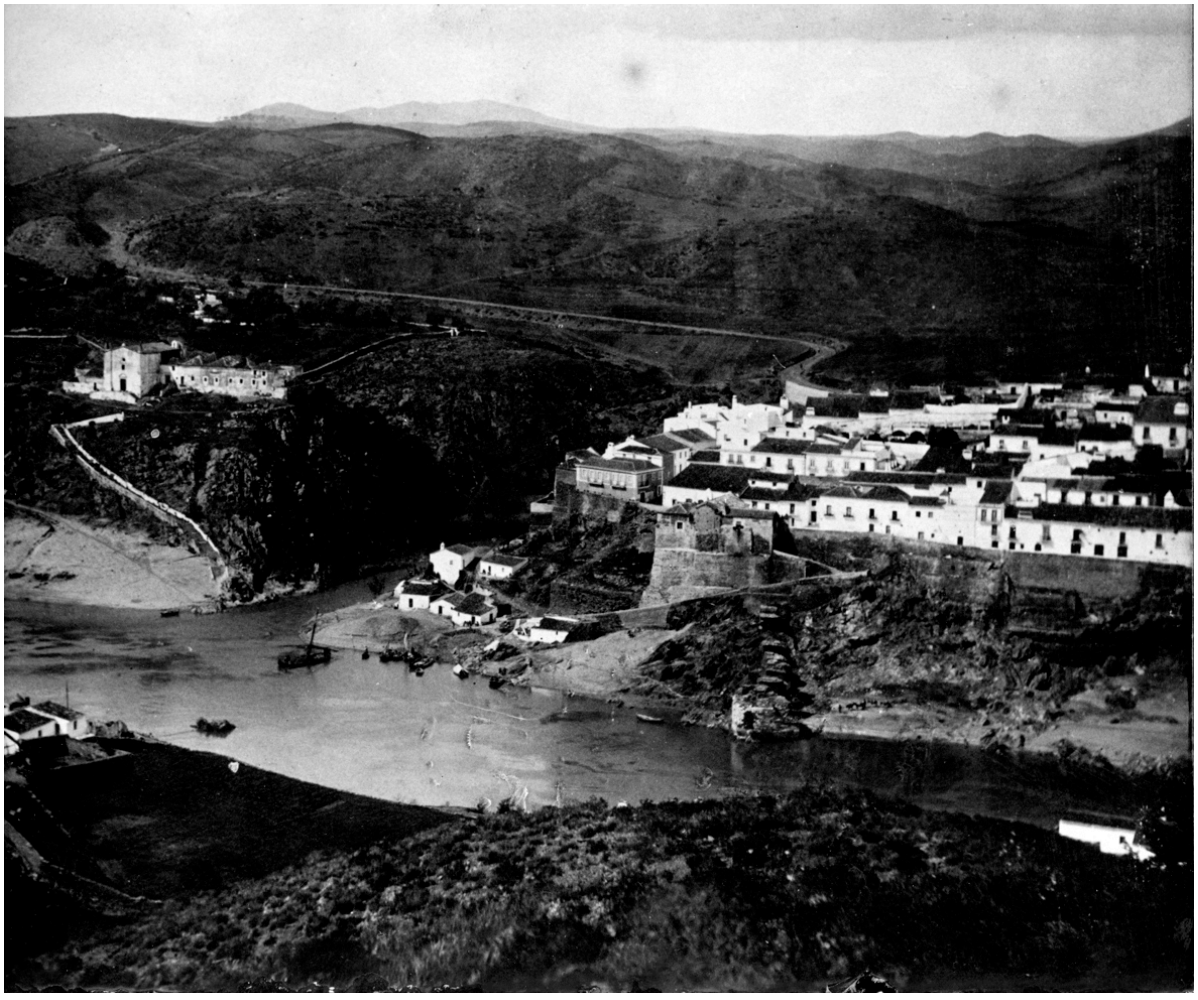
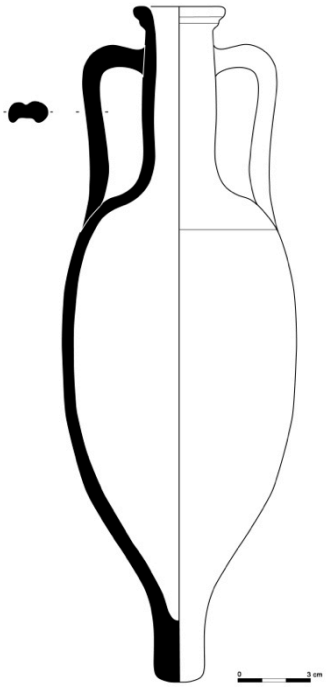


Fig. 61 – O porto de Mértola nos finais do século XIX inícios do século XX.

4.2.4.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 15
Nº de inventário: 49
Identificação: Nummus, Constantinopla (RIC VII 79)
Descrição: Anverso: [CONSTAN]-TIN[OPOLI]; busto voltado para a esquerda, com elmo e manto.
Reverso: Sem legenda; Vitória para a esquerda, sobre proa.
Marca: — —//CONSZ•
Dimensões: Peso 1,63g; diâmetro 19mm.
Cronologia: 333-335 d.C.,
Proveniência: M/1994/zona 2 Mértola (Torreão junto ao antigo Tribunal Torre semicircular)
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 16
Nº inventário: MM. CR.00110
Identificação: Pequena ânfora que imita o tipo Dressel 2-4
Descrição: Pequena ânfora de pança ovoide, alongada, colo alto, bordo arredondado ligeiramente voltado para o exterior, com duas asas. Pé maciço. Pasta clara e fina. Este tipo de ânfora foi produzido na região da Campania em Itália e posteriormente na região de Valência, Espanha. Supõe-se que os modelos originais serviam para transporte de vinho. Estaremos em presença de uma miniature anfórica para o transporte de amostras de vinho?
Dimensões: Altura 27,5 cm; diâmetro bordo 3,7 cm; espessura 0,4 cm.
Cronologia: Século I a. C. – I d. C.
Proveniência: Torreão semicircular, intervenção arqueológica feita em 1994.
Bibliografia: Inédito.



4.3 Questão da muralha bizantina

Santiago Macias avançou com a tese de uma muralha de época bizantina em Mértola (Macias, 2005, 194-199), construída sob impulso de um poder local mais ou menos autónomo e, nesse contexto, realçou as semelhanças construtivas entre a torre do rio e o criptopórtico. Ao que pode ser acrescentado os casos da torre semicircular, ou a zona dos poços situados nas proximidades da torre do rio e com semelhanças construtivas notórias.

Essa contemporaneidade construtiva parece situável, numa fase mais precoce, nomeadamente nos finais dos séculos III e IV (Lopes e Macias 2005: 462). A cronologia que proponho baseia-se na intervenção arqueológica que realizada na torre semicircular, cujos materiais mais recentes encontrados remontam ao início do século IV.

Santiago Macias aponta para outra cronologia, poderia também ser colocada na segunda metade do século V ou na primeira metade do século seguinte (Macias 2006: 195), referindo que esta renovação urbana deve ser posta em relação com a continuidade da exploração mineira (Alarcão, 1985: 102), único recurso no território de Mértola capaz de financiar trabalhos de grande dimensão. Defendo também que a exploração das minas era controlada por elites locais, ao contrário do controle estatal exercido no período imperial (Macias 2006: 195).

Como já defendemos em anteriores trabalhos (Goméz e Lopes, 2008: 15-25) não quer dizer, necessariamente, que Mértola tenha sido integrada nos territórios "recuperados" pelos bizantinos no século VI. Nada o indica nas fontes escritas, mas Goubert observa a possibilidade de que Ossonoba foi ocupada pelos bizantinos entre 590 e 634, com base na ausência de bispos desta cidade dos concílios visigodos posteriores a 589 (Goubert, 1946: 100). Estas hipóteses foram rejeitadas, mais tarde, por Ramalho e Vizcaino (2002: 315). J. Maciel aponta as datações de 551 para o desembarque dos bizantinos no Sudeste da Hispânia e o terminus em 624, com a derrota dos bizantinos em Ossonoba e a sua saída definitiva da Península Ibérica (Maciel, 1996: 279 e 280). Mais interessante do que a definição dos limites de controlo político efetivo de Bizâncio é a verificação da influência cultural e comercial forte, que é claramente visível através dos vestígios

arqueológicos, como cerâmica (Delgado, 1992; Fernandes, 2012) ou na musivária de Mértola.

Ficou demonstrado no trabalho recente de E. Fernandes, sobre a importação de cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana, que as importações de cerâmicas finas do mediterrâneo oriental se iniciam por volta de 420 e terminam por volta de 530, tendo sido nas décadas de 460-470 que se verificou um maior número de peças importadas (Fernandes, 2012: 133, fig. 9), no entanto muito abaixo das quantidades de cerâmicas importadas do norte de África nos mesmos períodos.

Se as datações propostas por J. Maciel se confirmarem temos aqui uma situação em que as atividades comerciais registadas com os centros produtores do mediterrâneo oriental, terão sido iniciadas nas primeiras décadas do século V, e que se prolongam por cerca de um século, cessando duas décadas antes da chegada dos bizantinos à Península Ibérica.

Em qualquer caso, embora não se possa afirmar uma presença política e militar bizantina em Mértola, não há dúvida de que o *imperii recuperatio* revitalizou os contatos com o Mediterrâneo, em geral, e em particular com o norte de África, atraindo-os para a sua órbita de influência.

4.4 Arqueologia do Rio

Em Outubro de 1998 decorreram prospeções subaquáticas no troço do rio Guadiana, virado a Mértola. Esta intervenção tinha dois objetivos fundamentais: por um lado, sondar o leito do rio no intuito de aí procurar vestígios da relação do homem com o rio ao longo do tempo; por outro proporcionar uma reflexão sobre as condições de preservação de sítios arqueológicos ou materiais em tais ambientes, no caso de virem a ser detetados. A área prospetada teve por base os elementos da zona ribeirinha entre a foz da ribeira de Oeiras e a zona da Torre do Rio / zona dos poços. Área onde se registaram batimetrias entre os 3 e os 22 metros de profundidade (Simplício, Barros, Garcia, 1999).

4.4.1 Um cais talhado na rocha

Do trabalho desenvolvido destaca-se a descoberta de um pequeno complexo de acesso à água, que se localiza um pouco a jusante da Torre do Rio, composto por uma plataforma e quatro degraus talhados no xisto. Não temos para esta estrutura uma datação e não nos é possível, no estado atual deste estudo, precisar o momento da sua construção, havendo ainda memória da sua utilização. Um inquérito sobre esta plataforma revelou que os pescadores da vila sempre se recordam deste local como ponto de passagem do rio antes da construção da ponte barca/atual cais e da atual ponte.

A estrutura em questão é interpretada como um pequeno cais. Encontra-se na margem direita, próximo do local onde desemboca um antigo caminho que sai da muralha medieval pela chamada porta da ribeira. Em frente a este cais, do outro lado da margem segue, de igual forma, um antigo caminho que se poderá relacionar com o troço de calçada romana, que ligava Mértola à Mina de S. Domingos (Lopes, 2006: 46-53). A reforçar esta ideia, temos o já referido depósito de ânforas de Além-rio, descoberto no início do século XX, junto a este caminho na encosta que leva à margem, indicando um local de transvase de produtos chegados por via fluvial (Fabião, 1987:148).

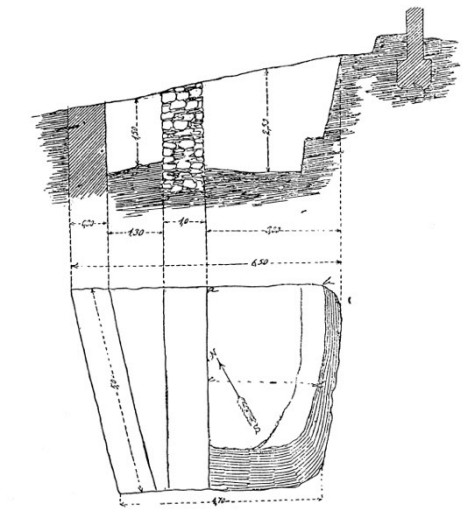


Fig. 62 – Estruturas do depósito de ânforas de Além Rio
Desenho de B de Sá dos inícios do século XX.

A situação do cais neste ponto parece, no entanto, obedecer a uma lógica de condições propícias e que se apresenta como característica de *longue durée* do próprio rio. Na verdade, é neste ponto que desemboca a ribeira de Oeiras, cujo caudal provoca uma pequena baía na margem oposta e cria um troço de águas calmas, mesmo em momento de grande cheia. Este facto leva a que este local tenha mantido, ao longo do tempo, o seu papel de ponto de embarque e desembarque, não só na travessia do rio como na sua navegação. As gravuras e fotografias existentes do local mostram uma área de acostagem bastante ativa, com uma grande concentração de embarcações.
Na gravura de Duarte D'Armas (Almeida, 1943: 33), do ano de 1510, a montante da Torre do Rio e na Ribeira de Oeiras surgem representados dois barcos de três mastros e uma pequena embarcação. Na planta da Praça de Armas de Mértola, de 1755 (Torres e Silva, 1989: 8), um grande número de barcos localiza-se neste local e apenas um a norte da torre do Rio.

As diversas fotografias, de início do século, reforçam esta imagem de um constante e numeroso conjunto de barcos de médio porte aqui fundeados.
Outro tipo de representações são as figuras gravadas na argamassa no torreão do castelo que, por si só, representam algo de significativo que neste porto tivesse sido avistado, certamente navios de grande porte (Viana, 1946: 34; Torres e Silva, 1989: 112).
Este cais coloca-nos um problema de difícil interpretação. Na verdade apresenta-se atualmente submerso, só emergindo os níveis superiores da estrutura em períodos de baixa-mar. Sobre a estrutura antiga observa-se, atualmente, um bloco de cimento que eleva o nível da plataforma permitindo, assim, uma sobrevivência da utilização deste local para embarque e desembarque.

4.4.2 Um ponto de amarração.

Ainda no âmbito da campanha de prospeções subaquáticas foram detetados, na encosta da margem direita, a jusante da Torre do Rio, dois locais onde se observam vestígios de amarração: um junto ao rio, e ainda em utilização; outro numa rocha, com um profundo entalhe e vestígios de polimento, possivelmente por desgaste de cabos. Este entalhe é de difícil interpretação: a rocha situa-se a uma cota alta, cerca de 8 m,

para que se possa relacionar com a amarração de embarcações. Mesmo se pensarmos que, em momentos de grande caudal, as águas atingem com facilidade esse ponto, a força da corrente é tal nessas condições que o inviabilizaria.

Poderemos ainda referir que a observação da topografia do leito do rio, com afloramentos rochosos imersos até muito próximo da superfície, nos leva a admitir que uma aproximação ao porto de *Myrtilis* não era fácil. A esta situação acresce que os ventos encanados em meandros apertados, os assoreamentos súbitos junto à foz dos afluentes, a força cíclicas das suas águas são possíveis de evitar por quem as conhece com rigor.

Fig. 63 – Ponto de amarração talhado na rocha.

O rio Guadiana era, sem dúvida, a grande via que ligava Mértola ao litoral Atlântico (por este entendemos a costa algarvia, a espanhola e a costa atlântica de Marrocos) e, consequentemente, ao Mediterrâneo. O movimento das marés faz-se ainda sentir ali, provocando uma oscilação no nível do rio de cerca de 2 m, o que não obstou, naturalmente, a que Mértola fosse "o porto fluvial mais a norte da grande estrada que era o Guadiana" (Boiça, 1993: 47).

Os dados expostos levam a admitir que a acostagem de barcos se fazia nas duas margens, de onde partiam vias que ligavam este porto a um vasto território interior.

Não parece que a carga e descarga de mercadorias se fizesse apenas na zona da boca da ribeira. Pelas fotografias de inícios do séc. XX é possível observar que barcos de médio porte poderiam fundear junto às diversas praias existentes, nomeadamente na zona onde se situa o atual cais. A atestar esta hipótese pode-se ainda relacionar não só o facto da existência de um depósito de ânforas na rua Serrão Martins, e possivelmente outro na base do atual mercado mas, também, a uma ocupação romana existente extramuros e, ainda, um possível caminho que partia da porta de Beja, ladeava a sul a cerca da Arrochela e seguiria a pé-posto até à zona do atual cais.

Não deverá ter havido uma estrutura portuária bem definida no período romano, sendo a zona de confluência da ribeira de Oeiras com o Rio Guadiana o local por excelência para os barcos acostarem, tendo como limite montante a Torre do Rio ponto mais estreito do rio. De facto, esse é o ponto do rio que, ao longo do tempo, reuniu as melhores condições para a acostagem de embarcações como demonstram as gravuras de Duarte D' Armas, a Planta da Praça de Armas de Mértola e fotografias do início do século XX.

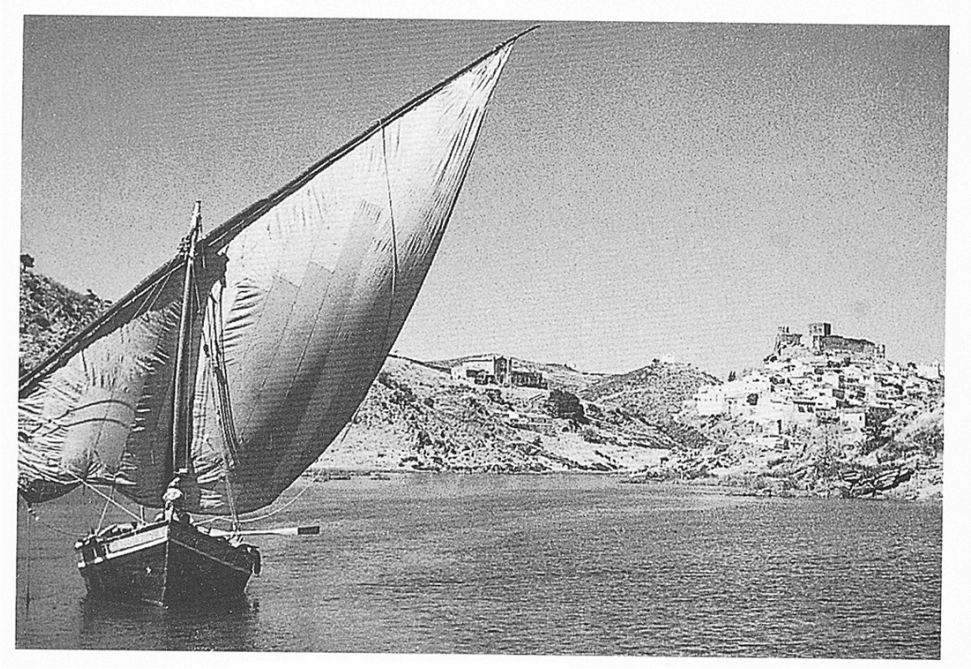


Fig. 64 – A navegação do Guadiana, em inícios do século XX.

A ligação do burgo ao rio deveria ser feita, em período romano, pela porta da ribeira. Esta, como é visível no desenho de Duarte D' Armas, era constituída por uma porta em

cotovelo, encimada por um torreão, demolido nos meados do século XIX (Boiça, 1994: 59). O único acesso da cidade ao rio fazia-se, então, pela designada porta da ribeira, lógica funcional que será apenas alterada nos anos 30 do século XX, quando se leva a cabo a construção do atual cais e se abre uma estrada que liga esta estrutura portuária à vila. Com esta remodelação urbanística também o local de passagem do rio foi alterado. A construção do cais leva a que, nas suas imediações, se instale a ponte barca, que vem substituir a velha travessia do Guadiana feita junto à Torre do Rio.

A ligação estreita entre o acesso do burgo e o rio está atestado por estruturas (um cais talhado na rocha e pontos de amarração), acrescendo-se o facto de aí se localizar uma zona de calmaria das águas do rio, reforçando a ideia de aqui se localizar um ponto muito provável de travessia.

É ainda neste local que se encontram as duas maiores zonas de praia e de enseada que permitiriam, com mestres experientes (dada a dificuldade inerente das "armadilhas" do rio), um melhor local para o (des) carregar e proceder-se a pequenas manutenções.

Na margem oposta a Mértola iniciava-se a via para as minas de S. Domingos que, a par do depósito de ânforas de Além-Rio, levam a admitir que também a margem esquerda do Guadiana tenha servido para local de acostagem de barcos, armazenamento e comercialização de produtos.

4.4.3 Os poços (zona 33)

Na margem direita do Guadiana, nas imediações do torreão anteriormente descrito, existia um pequeno túnel, ao nível da água, e restos de um bocado de argamassa de forma arredondada, que parecia indicar a existência de um tanque. Todo o terreno em volta estava coberto de areia trazida pelo Guadiana. Numa campanha de limpeza e valorização do local, realizada em 1999, foram feitas escavações arqueológicas que revelaram a existência, nesse local, de um complexo sistema de captação de água.

Removidas as areias, surgiu a parte superior de um túnel abobadado e dois poços, que deviam ter funcionado como respiradouros.

Junto ao rio, o túnel é construído com xisto local e argamassa hidráulica e apresenta, na sua extremidade, duas ranhuras que, possivelmente, serviriam para a colocação de uma comporta que aprisionava as águas acumuladas durante a maré cheia. No lado

oposto, existe um primeiro poço e uma área adjacente sobre o túnel, coberta com uma espessa camada de *opus signinum*. Daqui, na direção da muralha, arranca outro túnel escavado na rocha do qual foram postos a descoberto cerca de quatro metros. Pensamos que haverá ligação a um outro poço, escavado no afloramento, e no qual os trabalhos arqueológicos já atingiram os seis metros de profundidade. Aí, no entanto, não foi ainda detetado o fundo nem as ligações que, eventualmente, possui. Junto à entrada do túnel existe um conjunto de lajes de xisto de grandes dimensões, cuja serventia não está elucidada. Refira-se ainda que o túnel foi aberto no afloramento de xisto onde existem formações com grauvaque, sendo este extremamente duro, o que torna difícil a abertura do túnel e, consequentemente, um elevado custo em termos de mão-de-obra e elevada organização para a execução da obra.

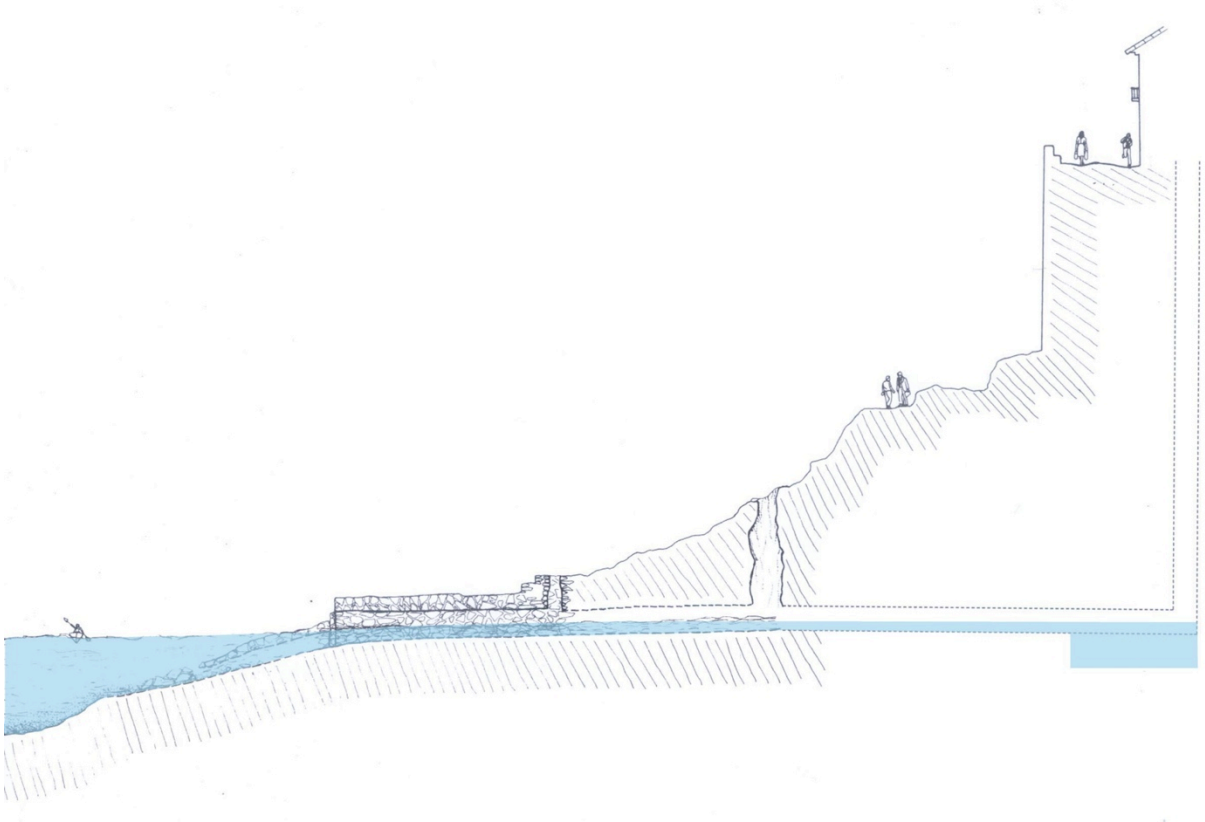


Fig. 65– Proposta de funcionamento dos poços da zona 33.

A interpretação, que damos a este monumento é a de que se trata de um complexo conjunto de estruturas de condução da água do rio ao interior da urbe, canalizada por túneis e poços até à zona da muralha, não sendo de excluir a hipótese de haver uma cisterna no interior de um torreão da mesma. Esta tem eco no "Relato de Obras" de

Nuno Velho, datado de 1510, que dá conta a El-Rei do estado em que se encontravam algumas construções da vila: "Outro sy, Sinhor, neste lanço deste muro esta hua torre, em que esta hua cisterna, que toma agoa do rio per hus canos e he coussa muito bõa e ora esta topida (…) porque he grande onra daquele lugar non leixarem perder hua obra tan boa" (Viterbo, 1988: 57).

Este testemunho documental revela-se extremamente precioso para a compreensão das estruturas parcialmente postas a descoberto, se partimos do princípio de que o autor se refere a este conjunto hidráulico, quando descreve "hua cisterna, que toma agoa do rio per hus canos". De facto, se assim for, com este relato muitas das dúvidas ficam atenuadas. Quanto ao funcionamento, seria aproximadamente o seguinte: quando a maré enchia, a comporta da extremidade do túnel era retirada e a água entrava, e encheria os túneis até à cisterna no interior da muralha.

Os poços intermédios poderiam ter a função de permitir uma limpeza mais fácil e de servir, também, de respiradouros para uma melhor entrada das águas.

As estruturas descritas ficaram enterradas sob cerca de dois metros de areia trazida pelo rio, no Inverno de 2001. O mesmo sucederia ciclicamente no passado, obrigando a uma manutenção periódica desta estrutura para assegurar a sua funcionalidade. Implantada no afloramento rochoso, apresenta-se, apesar das cheias, extremamente bem conservada e resistente. Ao nível construtivo são visíveis vários momentos que denunciam algumas alterações ao programa inicial, nomeadamente o

Fig. 66 – Escavação arqueológica realizada em 1999.

reforço das paredes do túnel e a subida do bocal do primeiro poço, que já não apresenta o característico *opus signinum* a revestir a alvenaria de pedra e cal. Quanto à técnica construtiva utilizada na sua edificação é semelhante à do criptopórtico, da torre do rio e da torre semicircular.

No decurso da escavação arqueológica recolheu-se um numeroso e diversificado espólio, com um horizonte cronológico que vai desde o período romano até ao século XX. No entanto, trata-se de materiais que estão em depósito secundário, ou seja, que foram arrastados pelas cheias e se depositaram nas concavidades da construção, principalmente onde as pedras da abóbada estavam em cutelo. Mais importante será um elemento epigráfico gravado na rocha, do lado direito, à entrada do túnel, constituído por alguns caracteres latinos, cuja tradução não foi ainda conseguida, mas que atesta a romanidade desta construção.
O conjunto de indicadores apresentados leva-nos a atribuir a esta construção uma datação semelhante às anteriormente abordadas, isto é, finais do século III ou primeira metade da centúria seguinte.

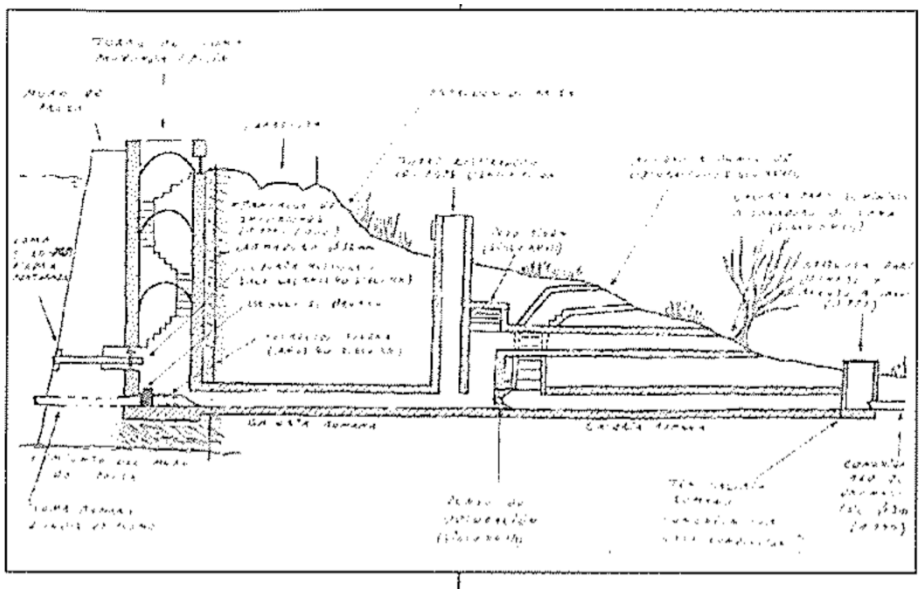


Fig. 67 – Esquema de funcionamento do canal de descarga da barragem de Prosepina (Martín Morales et alii, 2001: 123)

Esta estrutura assemelha-se ao sistema de distribuição das águas na barragem romana de Prosepina, em Mérida. Este sistema hidráulico está situado a jusante da barragem e consistia numa torre da qual partia uma galeria horizontal, com os respetivos poços

e/ou respiradouros verticais; servia para receber as águas da barragem, através de dois canos de chumbo e proceder à canalização e distribuição.

Entre 1990 e 2000 decorreram trabalhos de esvaziamento e limpeza dos materiais depositados na albufeira. De uma zona próxima dos tubos de chumbo, que recolhem a água para o sistema hidráulico, foi encontrado um tampão troncocónico de madeira com uma asa de chumbo. A madeira do referido tampão foi datada através do método do C14, tendo-se obtido uma data em torno do século II (Martín Morales et alii, 2001: 123). Recentemente, S. Forjoo Martínez desvaloriza estas datações, alegando que os materiais datados não podem datar a construção visto que provêm de lugares incertos da albufeira. Assim, tece novas argumentações cronológicas apontando um conjunto de argumentos válidos que, basicamente, se resumem a dois: o primeiro prende-se com a tradicional teoria que estabelecia a relação entre a barragem e o aqueduto de Los Milagros. Contudo, uma análise detalhada da topografia dos dois locais demonstra que a cota dos tubos de chumbo da barragem está 7,5 m abaixo das ligações de água existentes no aqueduto, pelo que nunca poderiam abastecer o aqueduto (Feijoo Martínez, 2006, 158).

O segundo argumento aponta uma outra razão que se prende com a hipótese levantada por J. L. Barrera, que localiza uma pedreira romana em Proserpina e, quando se fez o estudo para o restauro do aqueduto dos Milagros, procedeu-se à análise do granito do aqueduto, confirmando-se que procedia da zona da antiga pedreira existente nas imediações da barragem. Será admissível, portanto, que toda a barragem seja a antiga pedreira de Mérida, apontando as proximidades e a qualidade do granito. Na opinião de S. Forjoo Martínez dá-se o abandono na Antiguidade Tardia, quando se constrói a barragem, quando já não é necessário extrair-se material para a construção da cidade, já que bastava reutilizar a silharia disponível dos edifícios romanos, e situar a construção da barragem de Proserpina em torno do século V e o IX (Feijoo Martínez, 2006: 156), relacionando a sua função, não com o abastecimento de água a Mérida mas, sim, para o regadio e para o funcionamento dos moinhos e lavadouros da lã, situados nas imediações (Feijoo Martínez, 2006: 156). A datação da barragem, e consequentemente, o sistema hidráulico a ela associada, terá que ser datada a partir do século V.

Do período medieval islâmico é conhecido em Portugal uma estrutura hidráulica com algumas semelhanças funcionais, nomeadamente o poço-cisterna de Silves cuja construção é datada dos finais do século XII ou nos inícios da centúria seguinte" (Gomes e Gomes, 1989: 577-606).

Em Alepo (Síria) é também conhecido um poço com algumas semelhanças com o caso em estudo em Mértola, no entanto este datado da ocupação otomana daquela cidade (Bianca, 2007: 120, fig. 97).

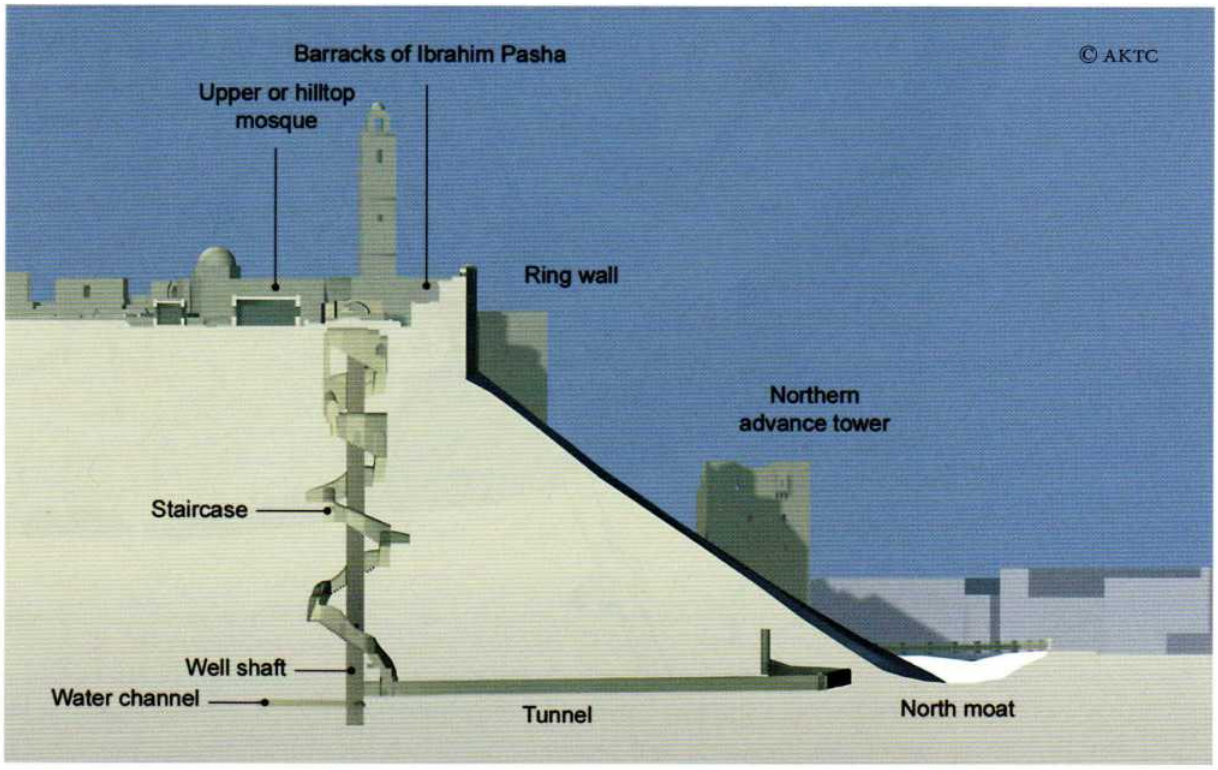


Fig. 97. Section showing the *satura* (well) and the surrounding staircase, as well as the secret passage linking the citadel with the northern advance tower, Aleppo.

Fig. 68 – Esquema de funcionamento do poço de Alepo
(Bianca, 2007: 120, fig. 97)

4.5 Os edifícios religiosos

No que se refere à arquitetura religiosa, durante os séculos V - VI, procedeu-se à construção do batistério, da basílica paleocristã do Rossio do Carmo, da possível basílica do sítio da Ermida de Santo António e do Mausoléu, o que deverá corresponder a um forte momento de cristianização da população local. Assim, na zona da antiga acrópole, as construções do forum são, na mesma época, remodeladas e adaptadas às novas necessidades criadas com a introdução do cristianismo. Na parte oeste da plataforma teria sido erguido um edifício para albergar um monumental batistério. Para além da sumptuosa piscina batismal, chegaram até aos nossos dias vestígios dos pavimentos adornados com painéis de mosaicos onde não faltava a policromia dada pelas tesselas de vidro.

Em meados do século V é edificada, junto à saída da cidade, a basílica do Rossio do Carmo. Este edifício foi implantado sobre anteriores necrópoles da Idade do Ferro e romana, que ladeavam a principal estrada que ligava *Myrtilis* a *Pax lulia*. A existência de várias lápides funerárias, com epitáfios em grego, demonstra que aqui viveram comunidades que, certamente, representavam os interesses comerciais de famílias de mercadores presentes nos principais portos do Mediterrâneo (Torres e Macias, 1994: 366 - 367).

Nas imediações de uma estrada que saía de Mértola para norte, variante importante da via que ligava a cidade portuária a Beja, situava-se um outro templo com o seu espaço funerário e um importante Mausoléu. Alguns elementos de arquitetura e epigráficos recolhidos ao longo dos anos nas imediações, e os dados de recentes escavações arqueológicas, vieram confirmar a existência de enterramentos cristãos neste local.
Estes espaços passam a ser descritos detalhadamente nos pontos seguintes, inicialmente vou abordar os vestígios arqueológicos existentes na área intramuros e, posteriormente, será abordada a zona portuária, de seguida o subúrbio, local onde se implantaram as necrópoles e as estruturas religiosas associadas.

4.5.1 O complexo batismal

Nos últimos trinta anos, as escavações da Acrópole puseram a descoberto um conjunto de construções do complexo religioso. Este é constituído pela sala do batistério, um compartimento anexo, situado a norte, uma passagem em cotovelo e um espaço que ladeia a abside. Um compartimento de planta basilical e uma galaria porticada, delimitam este espaço respetivamente a sul e a norte. Este complexo batismal implantou-se na parte noroeste da plataforma artificial onde se teria localizado o forum da cidade de *Myrtilis*.

Fig. 69 – Planta dos edifícios do complexo religioso de Mértola

O edifício batismal apresenta uma planta retangular, onde uma pia batismal, em octógono, ocupa o centro de um tanque, por sua vez envolvido por um deambulatório. Do programa arquitetónico fazem parte: uma abside de planta ultra-semicircular, orientada a nascente e com dois compartimentos adossados a norte. Numa galeria porticada, em possível conexão com este edifício, o seu pavimento era revestido por um importante conjunto musivo, do qual subsistem significativos fragmentos.

Qualquer tentativa de atribuição rígida de funções a estes espaços torna-se arriscada, porque cada uma das igrejas locais do ocidente possuíam uma modalidade diferente de batistério (Pijuan, 1981: 31).

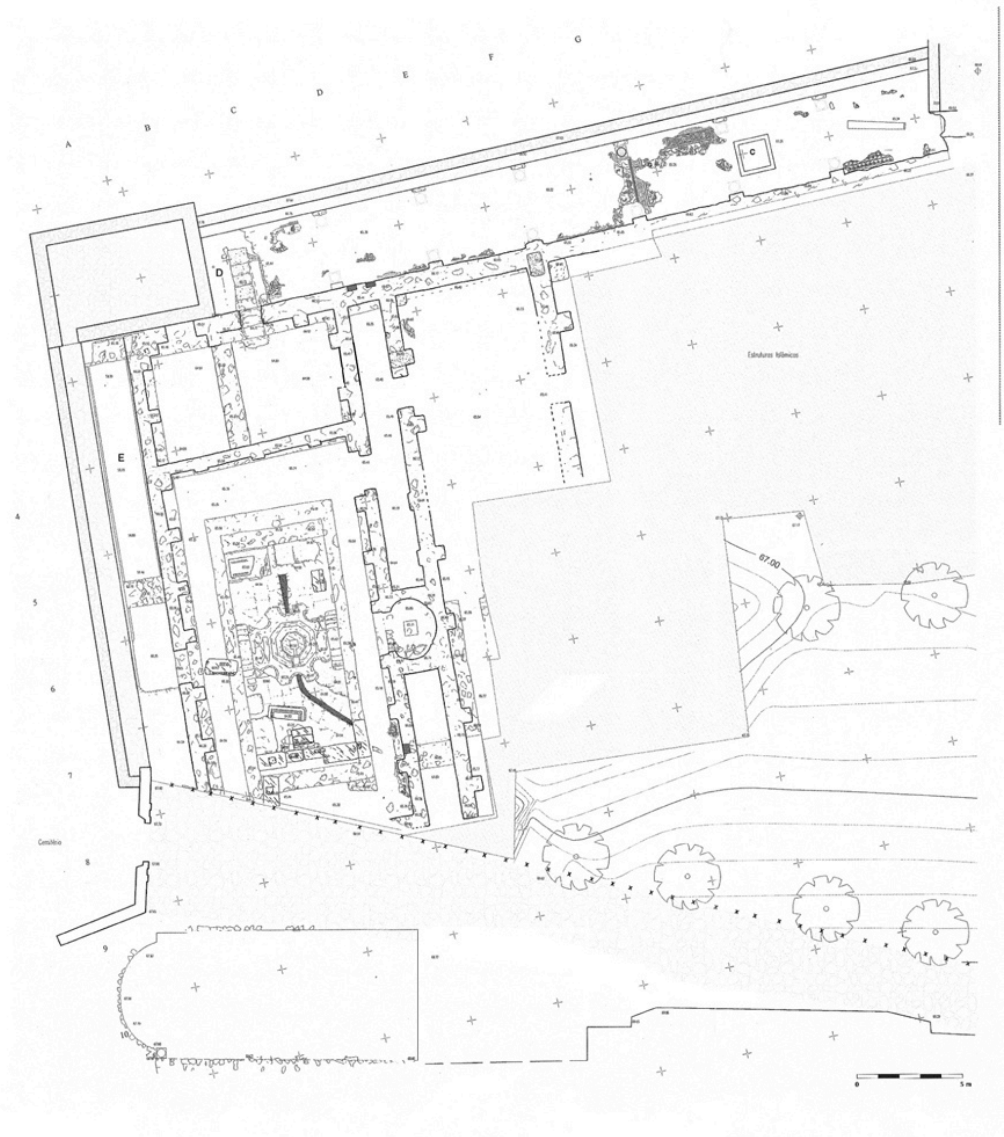


Fig. 70 – Planta das estruturas do complexo batismal (batistério I).

O complexo batismal media, pelo exterior, aproximadamente 25 metros (o comprimento é dado por um escasso resto de muro situado no lado SE do edifício), pois grande parte do términos do edifício está situado debaixo do caminho de acesso ao cemitério, inviabilizando a escavação e a ligação deste espaço à contígua basílica situada a sul. Considero que a largura do edifício se situava nos 13 metros, no entanto

se se tiver em conta que a parte poente do edifício se encontrava porticada esta dimensão passaria para 15 metros.

O edifício do batistério é constituído por uma sala retangular com as seguintes medidas interiores: 17,50 metros de comprimento por 15 metros de largura (na zona da abside); o imóvel apresenta paredes de xisto bem aparelhadas, ligadas por argamassa de cal. A espessura da base destas estruturas varia entre os 0,95 m (muro este) e 1,15 m (muro oeste). Esta diferença de espessura deve-se ao facto de, no lado ocidental da construção, existir uma galeria, com uma profundidade máxima de 5,5 m, o que obrigou os construtores a reforçar este sector da construção.

A nível do exterior os muros apresentavam um alinhamento constante; no interior a construção é reforçada por pilastras, ligeiramente mais estreitas que o embasamento[22], em cujo topo assentariam os madeiramentos que suportavam os telhados. Estas pilastras tinham a função de conferir à construção uma maior solidez, resistência e elegância. No edifício do batistério são visíveis seis destas pilastras no muro ocidental, sete no muro oriental e três no muro norte.

O muro de separação das duas salas está integrado, e não adossado, às estruturas laterais, o que suscita uma contemporaneidade em relação às restantes estruturas do complexo batismal.

Fig. 71 – Vista geral da plataforma onde se implantou o complexo religioso.

[22] Com a métrica de 55 cm na face, uma profundidade que varia entre os 40 cm no muro este, 55 cm no muro oeste e de 15 cm no muro situado a norte.cm no muro oeste e de 15 cm no muro situado a norte.

Os muros, postos a descoberto pelas intervenções arqueológicas, conservam uma altura máxima de 1,05 m, embora a hipótese volumetria proposta para o edifício sugere, ao nível da cimalha, uma altura de aproximadamente 5 metros.

Para aceder a esta zona do batistério podiam ser utilizadas duas portas, com um vão sensivelmente semelhante de um metro e meio: uma a poente, e no eixo da piscina batismal, e outra a nascente, em cotovelo, ou seja, uma porta dupla que saía do batistério e daria entrada num outro espaço religioso, que abordarei posteriormente.

A pia batismal, de desenho octogonal, onde se recortam, pelo exterior, oito pequenos absidíolos, é constituída, no seu interior, por uma pequena piscina, também oitavada, onde um ressalto em degrau serviria de assento[23].

Fig. 72 – Vista geral do batistério I

[23] A altura máxima desta pia batismal era 1,07 m, a largura interior varia entre 1,12 m na base e 1,50 m no topo. No exterior as medidas no eixo norte-sul são 3,50 m e este-oeste 4,46 m. O sistema hidráulico de abastecimento do batistério suponho que seria feito com recurso a tubagem inseridas numa canalização em alvenaria, possui uma altura situada em torno dos 27 cm e uma largura de 22 cm e entrava na piscina por um orifício de 15 x 15 cm. De seguida a água a um pequena pia quadrangular existente no fundo, no lado sul, com as dimensão interior de 30 cm de lado. Posteriormente à água seguiria por uma tubagem até ao pináculo perfurado, localizado no centro da piscina batismal, por onde jorraria a água.

Como todo este conjunto arquitetónico se encontra numa cota inferior, por ação da gravidade a água, trazida por uma conduta, penetrava no interior da pia, onde poderia jorrar através de um pequeno pináculo fixado no fundo24. Esta peça foi encontrada nas imediações do batistério e é composta por dois fragmentos. A peça encontra-se incompleta ao nível da base. No topo, dois espigões em metal sugerem a ligação a uma outra peça marmórea ou de metal. Ao nível da base a peça foi partida, o que motivou a colocação de uma cinta em metal, da qual apenas ficaram as manchas de ferrugem pelo contacto que o metal teve com o mármore. Em Roma, no *Atiquarium del Celio*, vi uma peça marmórea, de dimensões e ornamentação semelhantes, que tinha como função servir de pé para uma pia. Esta peça possivelmente faria parte de um elemento de elevação de água. O trabalho de decoração canelada, bem como a qualidade do mármore, mostram tratar-se de um elemento requintado.

Fig. 73 – Piscina batismal do batistério I.

Fig. 74 - Pormenor da placagem bicromática.

[24] Um dos fragmentos foi reutilizado num muro das casas do bairro islâmico, possui a seguinte referência: M998/3C/2a/muro 14A e tem as seguintes dimensões: altura 50.5 cm, ∅ topo 14 cm. ∅ da base 20 cm, o orifício por onde jorraria a água possui um diâmetro 3,5 cm.

As águas utilizadas escorriam para uma fossa com 2,80 m. de profundidade. No fundo são visíveis restos de reboco de argamassa em *opus signinum*. As paredes laterais são de alvenaria de xisto, onde se notam, encastrados, alguns fragmentos de uma imposta e de um fuste de coluna em mármore.

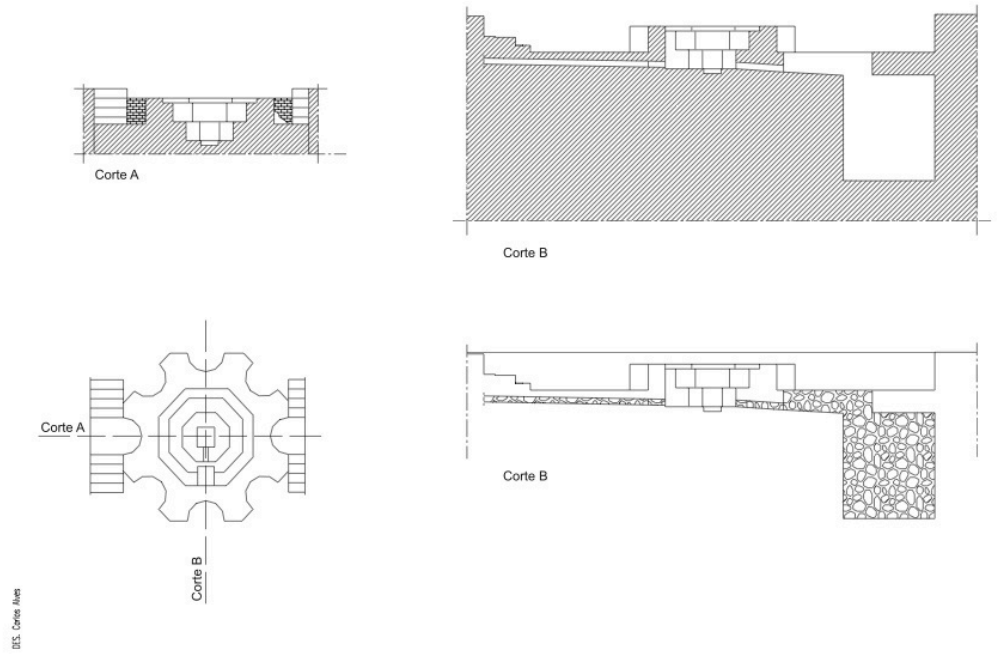


Fig. 75 – Planta e cortes do batistério I

O acesso à piscina era facilitado por duas escadas simétricas, a leste e a oeste, cada uma delas com dois lances de degraus. A descida ao tanque, onde se encontra a pia batismal, pode ser feita através de pequenas escadas, escavadas em dois tambores de coluna.

A pia é inteiramente construída em tijolo (*opus latericium*), e é revestida, interior e exteriormente, por uma placagem de mármore (opus sectile). Este revestimento ainda é percetível na parte exterior onde se notam restos de placas de diferentes tonalidades (branco e cinzento), dispostas de forma alternada. Esta placagem de mármores estendia-se a todo o pavimento e paredes do tanque que rodeia a pia batismal. A maior parte destas placas são provenientes de reaproveitamentos de estruturas anteriores, visto que apresentam vários tipos de mármores, e a sua espessura também tem uma grande diversidade[25]. Desta placagem conservam-se, pontualmente, alguns vestígios,

[25] A sua espessura varia entre 1,5 cm e 7 cm.

nomeadamente no interior da abside, no exterior e no fundo da pia batismal e no canto noroeste do tanque, em que se verifica a existência de placas brancas e cinzentas que alternam. Grandes silhares de mármore, em reutilização, e encimados por uma possível cancela, faziam o coroamento da parede situada a sul.

O deambulatório acompanhava os quatro muros da estrutura onde se insere a pia batismal. A cota em que se situa o deambulatório é coincidente com o topo da piscina batismal. Trata-se de um corredor com uma extensão máxima de 17 m e a largura variava entre os 2 m a sul, e 2,25 m a norte, 1 m a este e 1,25 m a oeste. Todo este corredor estaria argamassado e coberto por um luxuoso conjunto musivo dos quais se restaram alguns fragmentos no corredor conservado no canto sudeste do edifício.

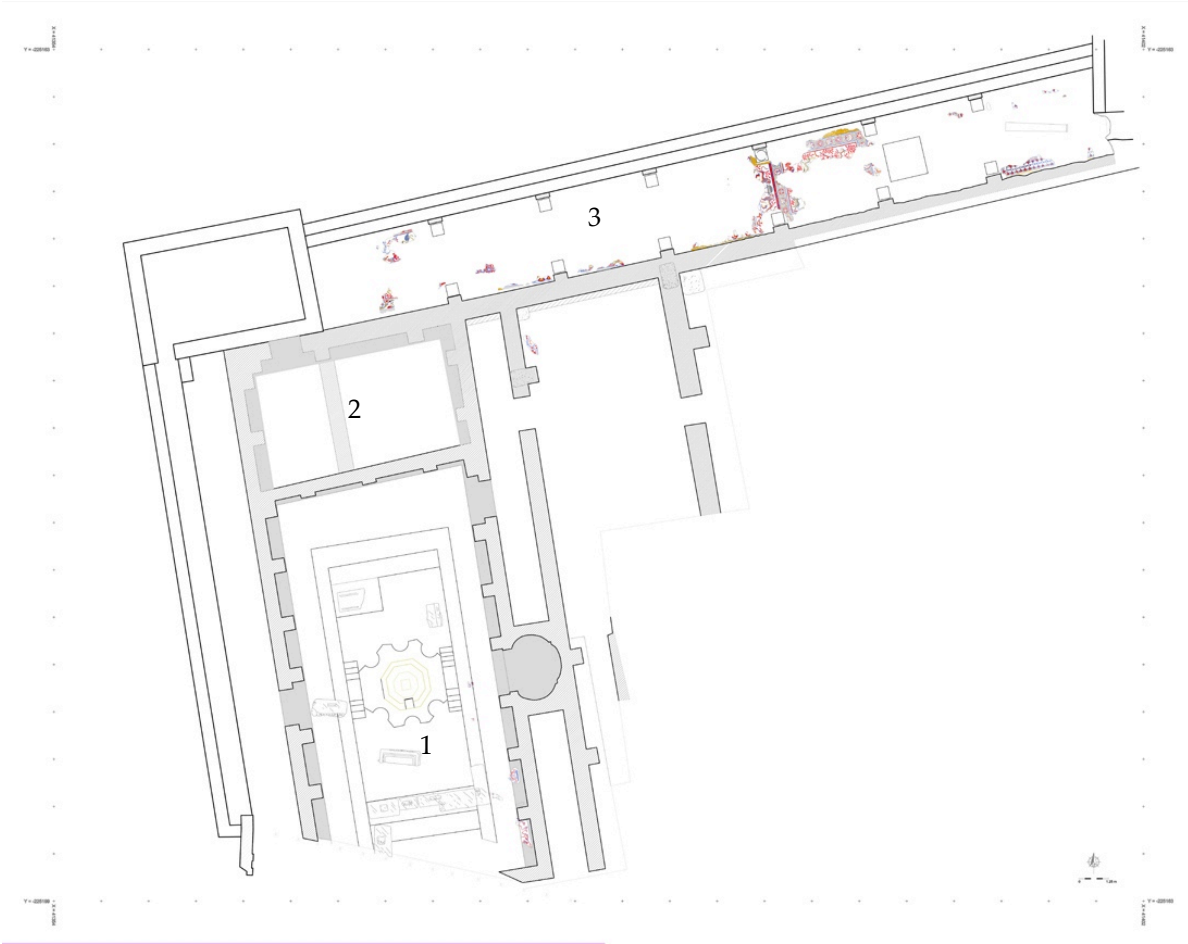


Fig. 76 – Planta geral do batistério I e compartimentos contíguos:
1 Batistério; 2 – Sala norte; 3 – Galeria porticada.

Na parte virada a oeste do deambulatório, aquando da escavação, foi detetado o negativo impresso de um calçado cardado na argamassa. Pela dimensão do negativo deixado, com cerca de 24,5 cm de comprimento, depreende-se que se trata das marcas de um calçado de um jovem, que participou no processo construtivo do edifício.

Orientada liturgicamente, a pequena abside de planta ultra-semicircular, referida anteriormente, está inscrita numa sólida estrutura de alvenaria e era também revestida com o mesmo tipo de placagem marmórea, a nível do interior. A abside encontra-se delimitada por uma estrutura retangular[26] e aberta ao batistério, através de uma passagem com um vão de 1,95 m.

A forte estrutura que envolve a abside prende-se com o facto de esta ser coberta por uma abóbada, de *opus cæmenticium*. A construção desta pesada estrutura levou a que, no dorso da abside, se tenha criado um reforço da parede, construído com o mesmo tipo aparelho.

Na intervenção arqueológica que foi realizada em 1995, procedemos ao desmonte de um bloco dessa abóbada e, do seu interior, exumámos um fragmento de sigillata foceana tardia, datável entre meados do século V e meados do século VI[27]. A presença deste fragmento cerâmico dá-nos uma baliza cronológica para esta estrutura permitindo, assim, suster a hipótese de tanto este bloco, como a edificação no qual se integrava, ter uma cronologia entre os séculos V- VII, não podendo o conjunto ser anterior a meados do século V. Uma vez que esta não é posterior ao resto do edifício – tanto ao nível do aparelho construtivo, como pela lógica de inserção no espaço – este elemento, conjugado com os vestígios de mosaicos ainda conservados no deambulatório contíguo, permitem propor a edificação de todo o conjunto durante a mesma campanha de obras (Macias, 2006: 332-333).

A forma da abside e o engrossamento dos muros, destinados a receber uma abóbada, parece-nos ser um segundo momento construtivo. A forma da abside tem paralelos na Igreja de el Gatillo (Cáceres), datada dos começos ou meados do século V (Caballero Zorbeda, e Sáez Lara, 2009).

[26] Com as seguintes medidas exteriores: 3,25 por 3,80 m.

[27] Trata-se de um fragmento de fundo, com pé, possivelmente da forma 3 ou 5 de Hayes, (1972 e Delgado, 1992: 129).

No seu pavimento, e perfeitamente centrado, está impresso o negativo de um possível pé de altar, cuja utilização, em alguns rituais iniciáticos, é tida como frequente (Sartre de Diego, 2010:100).

Não será de excluir que este batistério, à semelhança de alguns exemplares conhecidos na bacia do mediterrâneo[28], tivesse tido a cobri-lo uma cúpula ou um baldaquino ou cimborium. Esta estrutura arquitetónica é composta por colunas que sustentam um friso ou uma cúpula. Em Portugal, um dos raros vestígios do uso de baldaquino, situa-se na basílica de Torre de Palma, onde sobrevivem os arranques de quatro pilares no espaço fronteiro à abside.

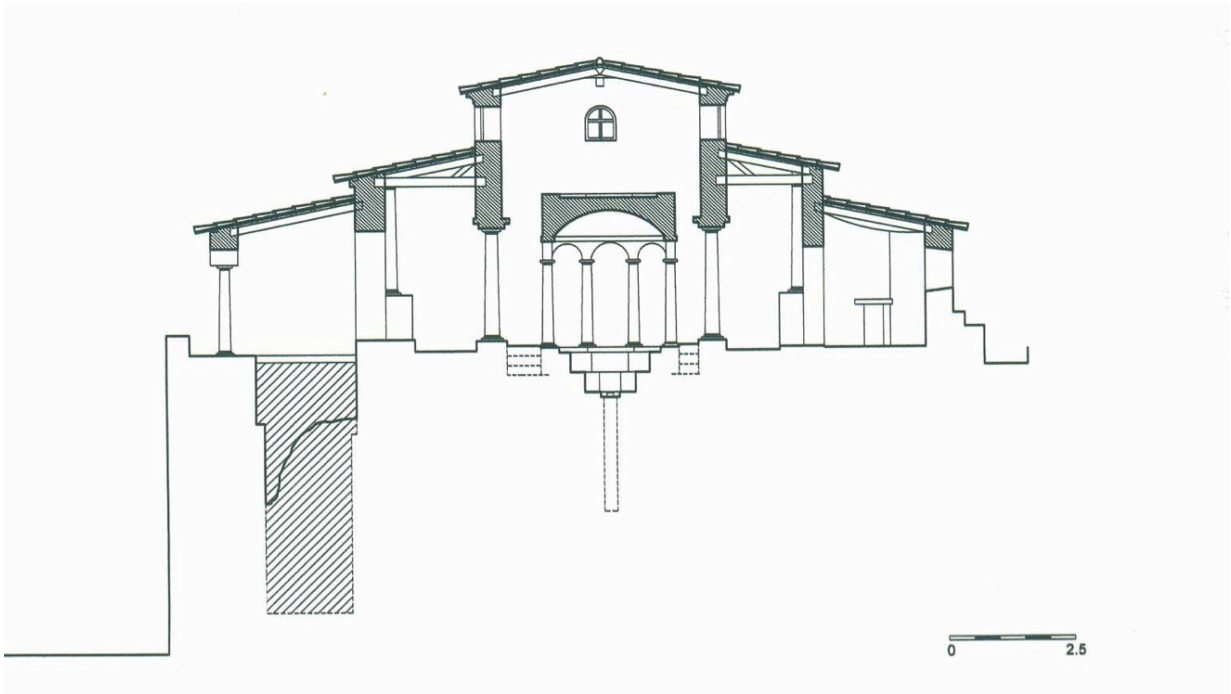


Fig. 77 – Proposta volumétrica do batistério I

Nas imediações do batistério de Mértola foram encontrados um pequeno fuste de coluna, com um considerável diâmetro, e dois fragmentos de cornija finamente

[28] São de referir os casos peninsulares de Casa Herrera (Sartre de Diego, 2010:101); e El Bovalar (Lleida) (Arbeiter, 2003: 198), no Norte de África são numerosos os casos Sebeitla na igreja do padre Vitalis, em Cartago , na domus el-Karita, Oued Ramel, Annouma, Leptis Magna 4; Tigzirt; Cartago, Dermesh; Cartago, Sayada; Timgad, basílica norte; Djemila; Hippone; Nas Gálias: Nince; Aix-en-Provence; Marselha(Khatchatrian, 1962); Cimiez, Fréjus, Nevers ou Mariana, nos casos de Marselha, Aix ou Riez as piscinas batismais são rodeadas de grandes colunatas que cercam e suportariam uma cúpula central Guyon, 1991: 82). Na Itália: Nocera; Aquileia IV, (Khatchatrian, 1962).

esculpidos. Pela dimensão e decoração, estas peças são integráveis na arquitetura de um possível baldaquino. No entanto, dado que não encontramos as bases ou o negativo destas nas imediações da piscina batismal, não é possível afirmar com segurança que esta estaria coberta com uma estrutura do tipo baldaquino, podendo estes materiais terem sido utilizados noutros elementos construtivos, nomeadamente na possível colunata que delimitaria o deambulatório, contudo não possuímos elementos suficientes para suster esta hipótese.

No norte de África, P. Palol assinala a existência de exemplos de piscinas batismais poligonais, cobertas por baldaquinos, e refere o exemplo da belíssima piscina de Timgad, toda coberta com mosaicos, de planta hexagonal, com colunas nos ângulos (Palol, 1967a: 153).

No verão de 2001, com o objetivo de afinar cronologias, foi selecionada, no enfiamento do batistério, uma pequena área do deambulatório (2 x 1,50 metros), cujo pavimento estava selado por uma camada de argamassa. Depois de removida a placa de argamassa, a escavação prosseguiu até quase 6 metros de profundidade, onde foi encontrada a rocha base. Se o primeiro metro revelou alguma coerência estratigráfica, com o aprofundar da sondagem veio a verificar-se que se tratava de um enchimento feito na mesma época. Como os materiais cerâmicos mais recentes são do século IV d.C.[29], constatamos que o aterro não pode ser anterior a esta data. Esta sondagem permitiu seguir o muro de separação do batistério da sala situada a norte, tendo constatado a prumada da parede que ia até à rocha base, junto desta havendo um embasamento mais largo. O aparelho construtivo é formado por pequenas lajes de xisto facetadas e dispostas na horizontal, ligadas por uma forte argamassa de cal, conferindo à construção uma grande solidez e resistência, apresentando um ótimo estado de conservação.

[29] De entre os materiais arqueológicos provenientes desta sondagem destaco um fragmento de cerâmica ática enquadrável cronologicamente no século IV a.C., bem como cerâmicas campaniense e de *paredes finas,* dos séculos I - II d.C.. Os materiais mais recentes são alguns fragmentos de *sigillata* africana datáveis do século IV.

4.5.1.1 Sala norte

A norte deste compartimento situa-se um outro com as seguintes medidas exteriores: 10,45 m no sentido este-oeste e 6,75 m no sentido norte-sul. As paredes seguem uma continuidade e uma técnica construtiva idêntica à do compartimento anteriormente descrito. Mais largo na base o muro segue mais estreito em altura, reforçado pontualmente com pilastras nas paredes situadas a norte, este e oeste, com um vão cujo espaçamento se situa entre os 1,75 m e 1,80 m. Na face sul desta estrutura as pilastras estão ausentes, fato que nos faz supor uma cobertura de forma triangular com três águas.

A porta de acesso a este compartimento situava-se no canto noroeste e fazia a ligação à galeria porticada. A porta apresenta um vão de 1,25 m. Em anteriores trabalhos considerei haver uma outra porta no muro situado a este, no entanto com uma análise mais apurada e a constatar que tal não se verificava. O pavimento é feito com uma espessa camada de argamassa de cal, situada à cota média de 64.90 m, ou seja 45 cm abaixo do nível da argamassa do deambulatório, ou 54 cm abaixo do nível da galeria porticada.

Esta sala comunicaria com a galeria porticada, embora não se possa definir com exatidão as suas funções, são conhecidos casos em que " a presença de vestíbulos ou de salas anexas, por vezes identificadas como vestiário, são frequentes nos complexos batismais em África" (Ghalia, 1998: 18). Admite-se que as cerimónias preparatórias, realizadas nos dias anteriores, pudessem ter lugar num espaço que não fosse a igreja ou o batistério (Lassus, 1947: 219). No caso em estudo parece que esta sala tivesse tido semelhantes funções seria um compartimento de preparação para o ato batismal.

4.5.1.2 A basílica

A sul deste conjunto situa-se uma possível basílica civil, ligada ao funcionamento do forum romano, posteriormente integrado no complexo batismal, a prová-lo estão os restos de mosaicos que naquele local existiram[30] e que apresentavam motivos idênticos aos restantes encontrados no complexo baptismal. Este espaço foi escavado por uma equipa do CAM no mesmo local onde, em finais do século XIX, Estácio da Veiga

[30] Dos quais apenas ficou o registo fotográfico no arquivo fotográfico do CAM.

teria procedido a uma intervenção arqueológica e retirado um fragmento de mosaico designado por mosaico da tartaruga.

Trata-se de uma construção de planta retangular, com uma abside semicircular orientada a oeste. Não se sabe se esta abside teria uma outra simétrica no lado este, pois os dados arqueológicos para suster esta hipótese são inexistentes.

A leitura espacial que agora apresento é diferente da publicada em 2003, ou da apresentada por S. Macias em 2006. Os trabalhos de limpeza e escavação na parte inferior da encosta do castelo revelaram um prolongamento das estruturas no sentido sul. Assim, na hipótese que agora coloco, a basílica teria uma extensão que rondava os 14,15 metros de comprimento por 6 de largura, no interior, ao que acresce os restos do muro situado a norte com 90 cm de largura, este apenas aflorava ao nível do solo, no entanto é possível saber a sua espessura e sugerir uma orientação. A área útil no interior deste espaço é de cerca de 84 m2.

O muro situado a sul é o que apresenta um melhor estado de conservação, tendo uma altura que varia entre os 4,60 m na zona da abside, e os 2 m na parte virada a este. Apesar de interrompido, sensivelmente a meio, é notória a semelhança construtiva tanto dos materiais, como nas técnicas empregues.

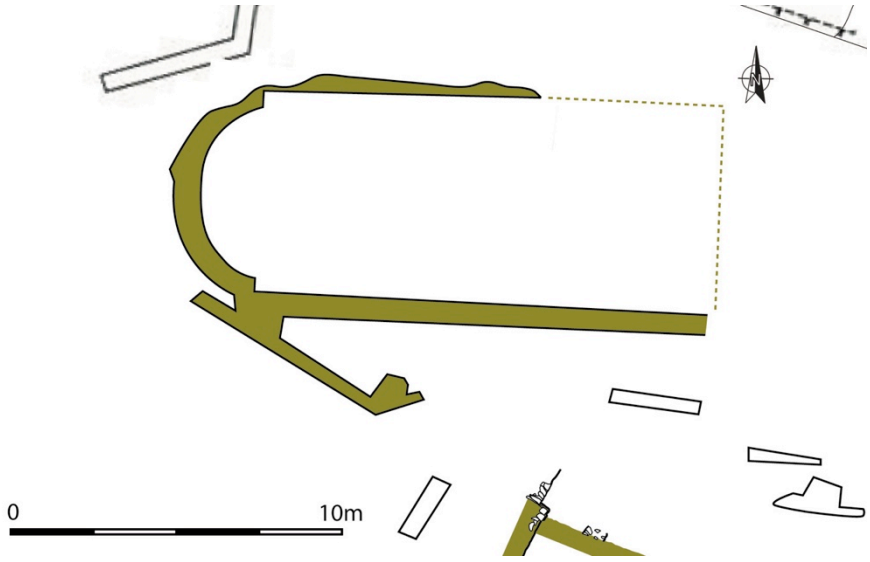


Fig. 78 – Planta esquemática da basílica

A abside apresenta uma profundidade de 1,60 m e uma extensão de 4,5 m. A separação entre o espaço absidado e o corpo da basílica faz-se com recurso a um pequeno ressalto de 50 cm, nos muros norte e sul, espaço que corresponde ao local do assentamento de bases de colunas. De referir que no canto sul se conserva uma base de coluna in situ. Esta base em é em tudo semelhante às encontradas na galeria porticada.

O aparelho construtivo do edifício é constituído por fiadas de xisto local, dispostas na horizontal, e ligadas por uma argamassa de cal. Pontualmente foram incorporados no aparelho fragmentos de mármore, certamente do período anterior, o que nos leva a pensar numa cronologia baixo-imperial para este edifício. Apesar de ter sido alvo de um programa de pavimentação contemporâneo do restante complexo batismal. Outro aspeto que levou a pensar numa cronologia diferente para este espaço, apesar das semelhanças construtivas, é o fato de estas estruturas apresentarem uma orientação distinta das restantes construções. Contudo são apenas hipóteses que estão em aberto, pois a basílica ainda não foi completamente escavada, na sua parte central está ocupada com restos de casas do período islâmico e o seu términos corresponde ao caminho de acesso ao cemitério.
Dado o considerável desnível entre o pavimento da basílica (situado à cota de 67,63 m) e a parte sul do deambulatório (situado à cota de 65,38), a ligação entre estes compartimentos é provável que se pudesse fazer com recurso a uma escadaria.

4.5.1.3 Galeria porticada

Sobre o criptopórtico, referido no ponto 4.2.2.2, abre-se um corredor delimitado a norte pela muralha exterior e cujo pavimento estava recoberto de mosaicos. Duas fiadas de colunas, das quais se conservam alguns fragmentos e uma base in situ, suportaram um alpendre coberto. Os trabalhos arqueológicos revelaram o negativo do assentamento de mais onze bases, o que perfaz um total de doze colunas, seis de cada lado.

Fig. 79 – A galeria porticada, vista geral após a musealização.

Esta galeria porticada conserva hoje 34 metros, no entanto ambos os topos estão ocupados por torreões medievais. No torreão do vértice noroeste da muralha é possível inferir que esta galeria porticada se prolongasse por mais 6 metros, dando acesso à sala norte através da porta identificada. Assim, a extensão máxima rondaria os 40 metros (embora este limite não possa ser localizado dadas as estruturas medievais aí existentes), a sua largura máxima de 3,65 m, orientada no sentido este-oeste, delimitada a norte pela parede exterior do criptopórtico e, a sul, pelo muro comum ao restante complexo batismal. Toda esta galeria, de mais de 40 metros, estaria coberta ininterruptamente com um luxuoso programa decorativo de mosaicos. Não me parece, pois, compatível com a existência de uma claraboia e de um acesso ao criptopórtico que interrompesse uma galeria importante como um rico programa decorativo[31].

[31] Aborda-se esta questão de forma mais extensiva no 4.2.2.2 O criptopórtico e no capitulo V Os mosaicos da Antiguidade Tardia.

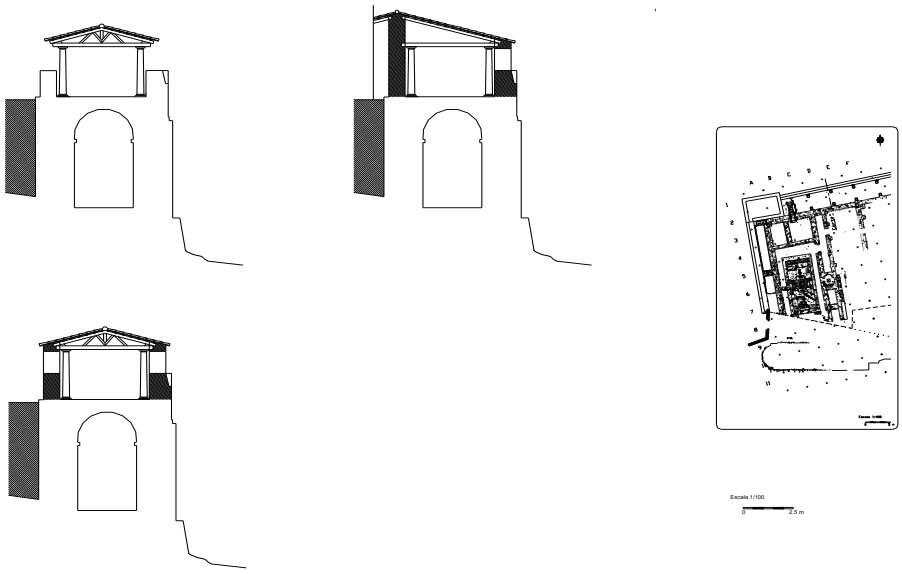


Fig. 80 – Proposta de reconstituição volumétrica da galeria porticada.

Todo o sistema de muros em boa alvenaria, na sua maioria, serviam de fundações ao grande edifício palatino que envolvia o batistério, apresentando uma largura que ronda os 60 e os 90 cm ao nível dos alçados conservados e 1,20, 1,40 cm ao nível dos embasamentos. Pontualmente, notam-se pilastras de silhares de mármore e granito, com os tradicionais almofadados da arquitetura romana. Na zona do batistério essas pilastras apresentam um espaçamento de 1,85 m entre si, sendo simétricos em relação ao eixo central do batistério.

No corredor porticado, a lógica da implantação das pilastras é a mesma, embora, neste caso, o espaçamento seja de 4 m. Estas pilastras situam-se nos dois lados da galeria, dispostos face a face. Tinham um desenho regular, mediam 20 cm de profundidade e 60 cm de largura e conservam-se até 90 cm. A escassos centímetros de cada contraforte situava-se as bases de coluna. Apenas encontramos uma in situ que tem a base quadrangular e mede 45 cm de lado.

Durante a escavação dos níveis islâmicos, surgiram vários fragmentos de mármore com ornamentação, que penso estarem relacionadas com a decoração parietal do edifício batismal.

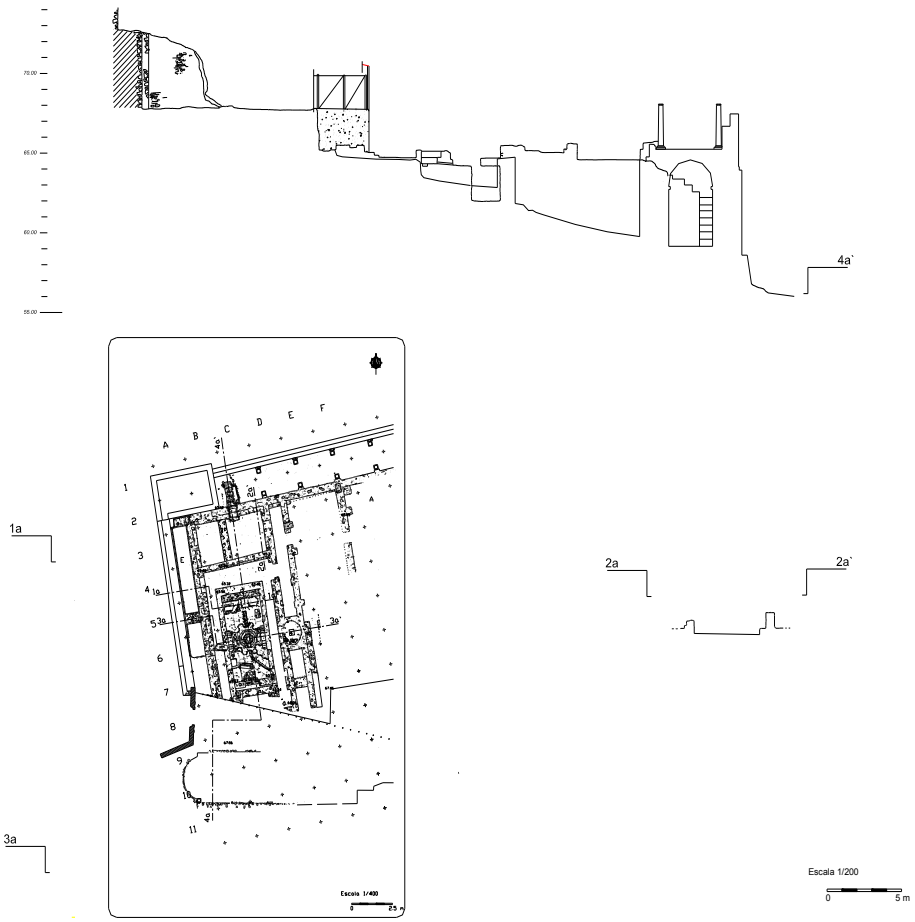


Fig. 81 – Corte basílica - criptopórtico.

Na cobertura de todos estes edifícios foram certamente utilizadas *tegulae* e *imbrices*, dada a abundância destes materiais encontrados sobre todos os pavimentos.

A utilização de mármore nos edifícios mais importantes, sob a forma de colunas, capitéis ou revestimentos, continuou nesta época a ser considerada uma marca de excelência. Para satisfazer esta procura, continuaram a ser exploradas pedreiras, mesmo as situadas em grandes distâncias, e intensificou-se a prática de reutilização destes materiais retirados de antigas construções romanas (Almeida, 1993:17).

Pelo tipo de argamassa utilizada nos pavimentos envolventes ao batistério, pela dispersão dos fragmentos de mosaico, bem como pela grande quantidade de tesselas soltas, julgo ser considerável a área coberta com este tipo de revestimento. Nalguns sítios pode-se observar as camadas de assentamento constituído por pequenas lascas de mármore de excelente qualidade.

A altura da construção é dada pela coluna completa encontrada *in situ*, na parte nascente da galeria. Trata-se de uma coluna de mármore branco lisa, com uma moldura

no topo, de grão médio, que tem de altura 2,62 m. A esta altura temos que somar a altura da base de coluna, cuja média ronda os 16 cm[32]. Apesar de terem sido encontrados alguns capitéis nas imediações, estes apresentam dimensões que não seriam comportáveis com colunas cujo diâmetro médio ronda os 32 cm. A proposta que apresento é que os madeiramentos que sustinham o telhado poderiam assentar diretamente nas colunas, embora se reafirme aqui que grande parte destes materiais são reaproveitamentos marmóreos de outras construções anteriores. Refira-se, a este respeito, o caso da base de coluna que foi encontrada *in situ* na galeria e que foi esculpida num fragmento de estatuária pois, na parte traseira da coluna, ainda são visíveis restos de panejamentos próprios dos trabalhos escultóricos do século I – II encontrados em Mértola.

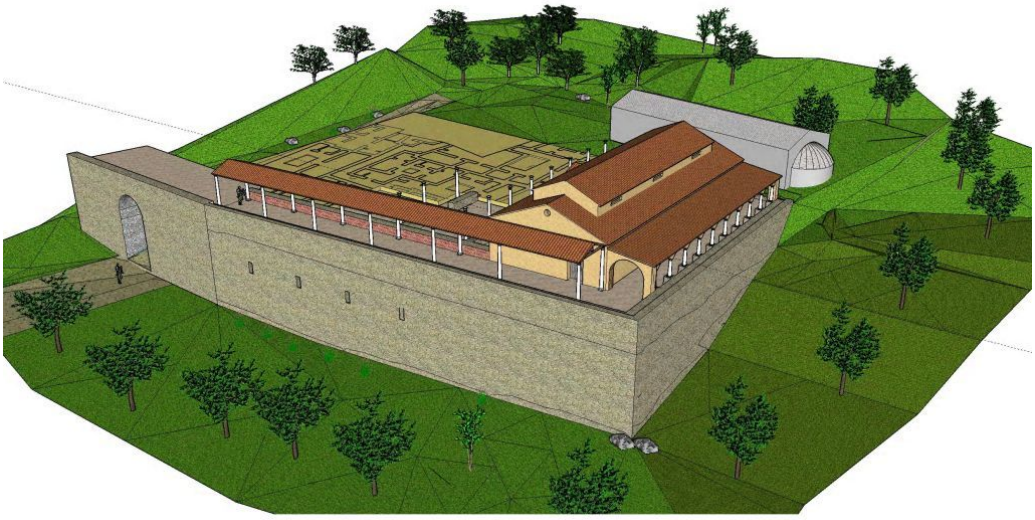


Fig. 82 – Proposta volumétrica da implantação dos edifícios associados ao batistério I.

Os trabalhos arqueológicos, entretanto desenvolvidos no bairro islâmico, revelaram alguns dados interessantes no que concerne à ocupação desta plataforma: a escavação veio mostrar um conjunto de vestígios que nos permitem colocar a hipótese de novos alinhamentos e no delinear de possíveis espaços relacionados com as funções litúrgicas. A escavação das casas islâmicas IX (Macias, 2008: 22) permitiu pôr a descoberto a parte interior da estrutura designada de arcossólios. Trata-se de um muro

[32] Embora a altura das bases das colunas se situe entre os 20 cm e os 14 cm. As bases são quadradas e a largura situa-se à volta dos 46 cm.

constituído por xisto local, fortemente argamassado, com uma largura que ronda um metro e que se estende por cerca de 19 metros mas, no entanto, não foi detetada a ligação com a muralha que enquadra a porta monumental. Por outro lado, nos níveis islâmicos das casas XII e XV, a intervenção arqueológica de 2010, pôs a descoberto dois silhares de mármore alinhados com as pilastras do batistério, que sugerem a existência de um muro paralelo às estruturas do batistério e, possivelmente, delimitador do edifício a nascente. No lado oposto, no pátio da casa XIX, foi descoberto, nas intervenções de 2011 e 2012, um embasamento de silhares graníticos almofadados (à profundidade de mais de 2 m[33], que está alinhado com o muro contíguo, perpendicular à galaria e paralelo ao muro nascente do batistério. Esta estrutura destaca-se pelas suas dimensões e pela qualidade técnica da construção, solidamente argamassada e recorrendo a silharia reaproveitada, constituindo-se como uma estrutura de métrica regular[34]. Esta evidência arqueológica permite colocar a hipótese da possível existência de um templo associado ao batistério. A confirmar-se esta hipótese teríamos um edifício de planta retangular, sendo os seu lado oeste delimitado por um muro, que liga ao batistério através de uma porta. Este limite é perfeitamente perceptível no canto noroeste, num muro com 80 cm de largura e que se prolonga por uma extensão de 8,5 m. Interiormente, à semelhança das construções anteriormente abordadas, possui pilastras adossadas ao muro de feitas com recurso a silhares de granito[35]com um espaçamento entre si de 2,7 m e 2,32. O limite norte é dado pelo muro de separação com a galeria porticada. A oeste dos blocos de mármore, que suponho tratar-se de estruturas *in situ*, sugerem a existência de um intercolúnio nesta zona, podendo o limite ser o alinhamento dos arcossólios[36]. Estimo que a área deste templo rondaria os 700 m^2, tomando como limite sul o alinhamento contiguo do batistério, no entanto, nesta área a escavação arqueológica ainda se situa nos níveis islâmicos, contudo só escavações complementares poderão esclarecer uma possível ligação entre estes dois espaços.

[33] Com uma dimensão de 1,10 m de largura e 39 cm de altura.
[34] Na qual assentariam base de coluna de grandes dimensões com 85 cm de lado e 27,5 de altura, das quais chegou até aos nossos dias um exemplar.
[35] O primeiro, o mais próximo do muro de separação deste espaço com a galeria mede 90cm de largura e o segundo 80 cm, registe-se que a profundidade é de 86 cm em ambos os casos.
[36] Construção com uma largura de 1,05 m.

4.5.1.4 As estruturas

A investigação arqueológica da área onde se encontra o batistério I, assim como do corredor que serve de cobertura ao criptopórtico, foi antecedida pelo registo e remoção de uma necrópole quinhentista e, depois, dos níveis islâmicos. Este conjunto arquitetónico, com uma área ainda por determinar, prolonga-se para lá do limite atingido provisoriamente pela área escavada. Devido à complexidade estratigráfica não foram, ainda, definitivamente afinadas as cronologias dos diversos níveis de abandono.
Neste contexto, o desmonte dos vestígios islâmicos junto da muralha norte veio revelar, ao longo de um corredor porticado, um pavimento revestido com belos mosaicos. Este conjunto musivo estava ainda coberto por restos de *tegulae* e *imbrices*, possivelmente relacionados com o telhado original do edifício.

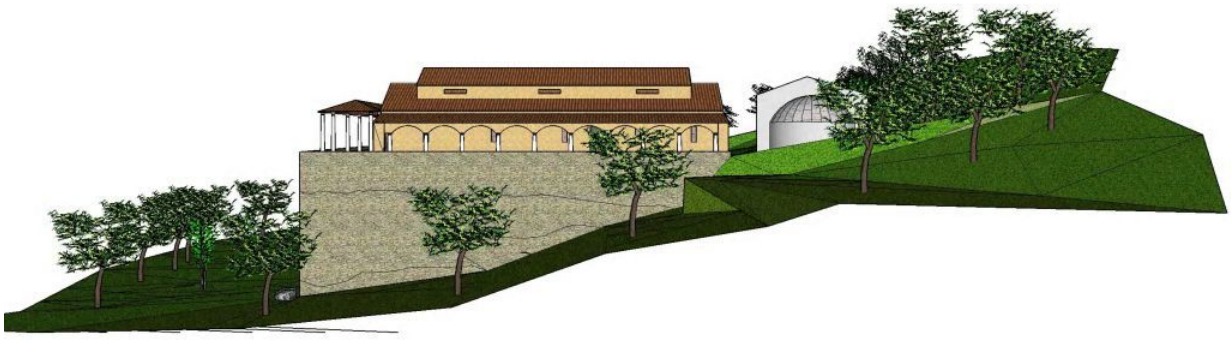


Fig. 83 – Proposta volumétrica da implantação dos edifícios associados ao batistério I.

O conjunto batismal parece tido obras em épocas diferentes. Assim, as escadas laterais devem ser posteriores à construção da pia batismal, pelo facto de haver uma evidente contradição entre um rigor e perfeição técnica do conjunto central e uma certa irregularidade dos degraus. Ao contrário da alvenaria das escadas, o aparelho do batistério é todo constituído por *opus latericium* (tijolos) e revestido de opus *signinum* (argamassa avermelhada). Por último, a implantação das escadas afetou o desenho original da bacia batismal que, de oito absidíolos, apenas ostenta seis.
O compartimento retangular que envolve o batistério, depois de uma análise do seu aparelho construtivo, parece ter tido também algumas variações de programa. O seu

comprimento interior, que era inicialmente de 11 m, foi encurtado para 9,5 m[37]. Esta redução foi obtida através do levantamento de mais um muro interior em cada topo, com a largura de 60 cm na parte norte e de 70 cm na parte sul.

As paredes primitivas são constituídas por pequenos blocos de xisto ligados por argamassa. Nos novos muros foi utilizada a mesma técnica com a diferença de que, do lado sul, o coroamento foi executado por silharia de mármore. Trata-se de seis blocos de grandes dimensões[38] em que possivelmente assentaria uma cancela[39].
Além disso, no canto noroeste, terá sido acrescentado um pedestal constituído por um aparelho misto de alvenaria, revestido com placas bicromáticas (branco e cinzento) fixadas com grampos metálicos.

O batistério I e os seus anexos organizam-se em cotas diferentes: um primeiro nível, mais profundo, será o fundo da pia batismal (cota de 64.50 m); o pavimento do tanque está à cota de 64.94 m; o deambulatório, inicialmente pavimentado de mosaicos, situa-se à cota de 65.50 m. Por último, ocupando uma posição dominante, a abside situa-se à cota de 65.7I m.

[37] O que corresponde a uma redução de uma área interior inicial de 50,9m² para 42,75 m².
[38] Cujas medidas variam entre 156 cm de comprimento, por 62 cm de largura e 30 cm de espessura, para o maior e 78x40x32 cm para o mais pequeno.
[39] Desta não foi encontrado no local qualquer vestígio no entanto ficaram escavados nos silhares referidos anteriormente os orifícios escavados, estes possuem dimensões em torno de 43x15 cm e 25x20 cm com uma profundidade que varia entre os 7 e os 17 cm.

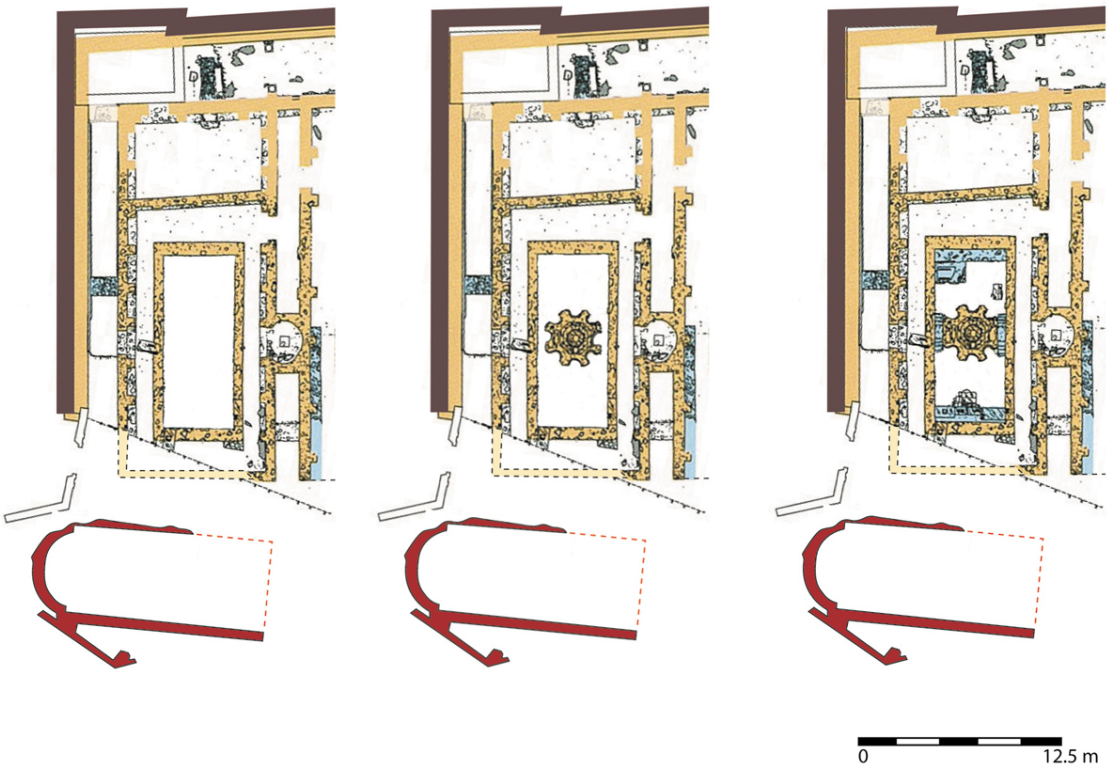


Fig. 84 – Proposta da evolução construtiva do batistério I.

As funções deste conjunto de salas tem sido motivo de controvérsia desde o início das escavações arqueológicas. As estruturas foram referidas pela primeira vez em 1982, numa notícia sobre os trabalhos arqueológicos, em que se mencionava a hipótese da sala de maiores dimensões se tratar de um "salão de banhos com pia oitavada" (Torres, 1982: 5), possivelmente datável do século IV e com utilização continua até ao século XI (Torres, 1982: 6). A hipótese de se tratar de um espaço balnear nunca tenha sido devidamente justificada e mantem-se até hoje. Ainda que se tenha admitido que a piscina pudesse ter sido construída para ser usada como baptistério (Macias, 1996: 153). Como refere este autor: "Do ponto de vista arqueológico, não há qualquer elemento que sustente de modo irrefutável a existência de uma zona termal, construída de raiz enquanto tal, neste espaço. São desconhecidos quaisquer vestígios que identifiquem ima eventual hipocausto, assim como nada nos permite classificar como caldarium, tepidarium ou frigidarium" (Macias, 2006: 329).

Contudo estas interpretação continua a suscitar dúvidas, nomeadamente a M. Real que refere: "Uma excepção, poderá constituir o pretendido complexo batismal de Mértola,

se bem que haja quem pense tratar-se de um mero palácio tardo-antigo, sem a vocação litúrgica que lhe é atribuída" (Real, 2012: 98), vinculando uma opinião comunicada por Luís Caballero. No entanto as estruturas, os materiais provenientes das escavações arqueológicas, a par do programa musivo, do meu ponto de vista parecem ser esclarecedores do carácter religioso destas construções.

4.5.1.5 Os materiais arqueológicos

A escavação da plataforma do antigo forum, e também a desmontagem de estruturas posteriores, sobretudo pertencentes ao bairro islâmico, onde, por sua vez, se implantou os enterramentos medievais e modernos, tem proporcionado a descoberta de um interessante conjunto de edificações onde sobressaem a sua decoração musiva e os elementos de uma arquitectura decorativa. Aliás, o desmonte e a análise minuciosa de um bloco de *opus caementicium* que pertenceu, certamente, ao enchimento de uma abóbada que cobria a abside do batistério, permitiu encontrar um pequeno fragmento de cerâmica sigillata foceana tardia, cuja cronologia vai de meados do século V a meados do século VI. Suponho, portanto, que a data de construção, ou as últimas obras realizadas nesta importante edificação, não deve afastar-se muito deste leque cronológico.

Outro elemento proveniente das campanhas arqueológicas de 1981, e que reforça a convicção da presença cristã neste edifício, é o fragmento de uma cruz pátea inscrita em círculo (Torres, et alli., 1991: 45) Esta peça de mármore cinzento é formada por um quarto de círculo e apenas um braço que permite, no entanto, reconstituir o conjunto: uma coroa de louros simplificada, em moldura de entalhes helicoidais, que envolve uma cruz de braços iguais aberta em gelosia. Um pequeno espigão serviria para a fixar numa empena ou janela.

Nessa mesma área foi recolhido o fragmento de uma possível mesa de altar, em mármore branco de grão fino, com o comprimento máximo de 30 cm, largura máxima 29 cm, espessura máxima 8 cm, reutilizada nas paredes da casa islâmica implantada na zona do batistério[40].

[40] Ver ficha nº. catálogo 29.

A placa retangular era envolvida por uma moldura em forma de meia cana, separada no ângulo por uma palmeta. Pelo tipo de material, e pelo local do aparecimento, penso ser provável a sua pertença ao mobiliário litúrgico.

As cerâmicas finas, encontradas na zona do batistério, foram recentemente estudadas por E. Fernandes. Os materiais são oriundos das escavações arqueológicas desenvolvidas na área do complexo batismal, desde os finais dos anos 70 do século XX até aos dias de hoje.

Muitas metodologias se cruzaram durante estas três décadas e meia de escavação de estruturas e materiais arqueológicos. As escavações iniciais foram feitas com recurso à implantação no terreno de uma quadrícula de 4 m de lado, que seguiu a metodologia de Wheeler, baseada nos eixos cartesianos, a escavação por contextos e as intervenções por unidades estratigráficas (adaptação do Método Barker-Harris).

Trata-se de matérias que, na sua maioria, estão em deposições secundárias, pois provêm de níveis de remeximento, e inscrevem-se nas produções provenientes do norte de África e do mediterrâneo oriental. São fragmentos pertencentes, maioritariamente, a taças, seguidos dos pratos e, de forma muito residual, os copos e os fragmentos de lucernas; contudo são materiais que se inscrevem cronologicamente entre os inícios do século IV e os primeiros anos do VII (Fernandes, 2012: 55). Segundo este estudo o maior número de importações teria sido registado entre 490 e 520 (Fernandes, 2012: 132, fig. 8 e 133, fig. 9).

O estudo de E. Fernandes recorreu à análise e descrição dos fragmentos cerâmicos e identificou formas cerâmicas de terra sigillata africana nos níveis estratigráficos, que consideramos selados pela construção do bairro islâmico que se implantou sobre o complexo batismal, apresentando formas para a terra sigilata africana tardia que se situam entre o primeiras décadas do século IV até aos finais do século VI[41]. Não existe

[41] Tendo sido identificadas as seguintes formas: Hayes 59 (c.320-c.400/420); Hayes 59/65 (c.320-c.400/420); Hayes 61A (c. 325-c. 400/420); Hayes 61A/B1 (inícios do século V, podendo prolongar-se até meados da centúria); Hayes 61A/B2 (inícios do século V, podendo prolongar-se até meados da centúria); Hayes 61Aou B2 (primeira metade do século V); Hayes 61A/B2 (inícios do século V, podendo prolongar-se até meados da centúria); Hayes 61A/B3 (primeira metade do século V); Hayes 61B1 ou B2 (Primeira metade do século V); Hayes 65 (c.320-c.400/420); Hayes 67C (segunda metade do século V); Hayes 76 (c. 425-c. 475); Hayes 84 (c. 440-c. 500); Hayes 87B (Inícios do século VI); Hayes 91A c. 400/420-c. 500); Hayes 91A/B (c. 400/420-c. 530); Hayes 91B tardia/91C (c. 490-c. 600+); Hayes 91/92 (c.400/420- c.

nenhum hiato probabilístico de importação entre o início do século V e meados do século VI (Fernandes, 2012: 43).

No que concerne à terra sigillata foceense tardia, encontrada nos níveis estratigráficos do complexo batismal, remete para cronologias situadas em torno de 450 - 460, com as variantes Hayes 3B, 3C e a forma Hayes 8. Trata-se do período de apogeu destas cerâmicas finas orientais, nos níveis estratigráficos, com o domínio da forma Hayes 3C, produzida até c. 475. Depois de um pequeno decréscimo de importação com a forma Hayes 3E, com uma cronologia entre 475 e 500 (Hayes, 1972: 337-338), a terra sigillata foceense tardia aumenta novamente as probabilidades de importação com a entrada, a partir de 500, das variantes Hayes 3F e 3G, que deixam de ser produzidas a partir de cerca de 525 (Fernandes, 2012: 55). Mara M. Delgado que também estudou este tipo de materiais cerâmicos proveniente de Mértola, situa a formas 3 e 8 de terra sigillata foceense tardia entre meados do V perdurando ainda durante a primeira metade do século VI (Delgado, 1988: 40).

Merece especial relevância o contexto 700, situado na galeria B, a poente do batistério, nas quadrículas 3A, 4A, e 5A, escavado em agosto de1985, de onde foram exumados dezoito fragmentos; poderá datar-se de finais do século V, ou inícios do século VI, se considerar uma utilização mais prolongada da forma Hayes 104A1 (Hayes, 1972: 160 e 165).

Se subsistem dúvidas quanto à data de construção e remodelação deste conjunto de edificações, também as há em relação ao processo de abandono. Durante o processo de escavação foram constatados diversos vestígios de como se produziu esse abandono. Na plataforma a norte do deambulatório, encontrou-se um estrato de planta aproximadamente quadrangular de 80 cm de largura por 120 cm de comprimento e uma espessura de cerca de 8 cm, formado por esquirolas de mármore. Sem dúvida que este vestígio corresponde a um momento de espoliação dos edifícios abandonados, em que o rico revestimento marmóreo foi arrancado e partido para a sua reutilização ou transformação em cal. Refira-se, a este propósito, que a cal é obtida através da calcinação, a temperatura elevada (1000º), de pedras calcárias, ou então de mármore.

600+); Hayes 94A (finais do século V e inícios do século VI); Hayes 94B (finais do século V e inícios do século VI); Hayes 99A (finais do século V a meados do século VI); Hayes 12/102 (C. 450- c.520); Hayes 104A1 (finais do século VI); Estilo A(iii) (c. 410-c. 470)[Ver anexo 1].

A prática de recuperar peças em mármore para obtenção de cal generalizou-se no Baixo-Império e terá sido essencialmente praticada em edifícios abandonados ou arruinados destruindo-se, para o efeito, grande quantidade de estátuas (Bedon et *alii*, 1988: 61).

Fig. 85 – Níveis estratigráficos islâmicos que se sobrepunham ao batistério I

Na plataforma sul do batistério deparamo-nos com outra realidade diferente: trata-se de uma estrutura de fogo, formada por um fino estrato formado por cinzas de uns cinco cm de espessura e uma espessa camada de materiais de construção calcinados, com cerca de meio metro de potência. Este nível aparece junto ao perfil que limita a sul a escavação, definido pelo caminho de aceso ao cemitério, motivo pelo qual não é possível prolongar a escavação para esta zona e delimitar completamente o seu contorno. Também deve relacionar-se com a destruição do edifício embora não possamos determinar exatamente de que modo se produziu este processo.

Na galeria porticada, situada sobre o criptopórtico, também foram encontrados vestígios de fogo produzidos num momento em que o mosaico já se encontrava parcialmente destruído. Algumas bordaduras de pavimento musivo foram reparadas com recurso a argamassa e com lajes de xisto, o que evidencia a incapacidade para executar a técnica construtiva do mosaico. Uma vez mais, é difícil dar uma explicação fiável para estes vestígios, embora seja possível equacionar que houve uma ocupação secundária e precária dos edifícios depois do seu abandono.

Apesar dos testemunhos, do modo como se produziu o abandono e a destruição do edifício, não são indicadores cronológicos suficientes para determinar esses momentos momento.

Também na nave situada sobre o criptopórtico verificou-se que os materiais que assentavam sobre os mosaicos, ou sobre a preparação de argamassa de cal sobre a que estes se encontravam, eram, na sua maior parte, de época islâmica.

4.5.1.6 Análise funcional e paralelos

A organização do espaço litúrgico em torno do batistério de Mértola assemelha-se à dos exemplares conhecidos, ou seja, o sacramento da iniciação cristã começa com o despojar das vestes, desenvolvendo-se em seguida os ritos pré-batismais: os catecúmenos iriam em cortejo pelo pórtico entrando no batistério pela porta oeste, donde desceriam pelas escadas ocidentais até ao interior da fonte batismal, para subir, já batizados, pelo lado oriental e serem recebidos pelo bispo, possivelmente na zona da abside. A procissão dos catecúmenos culminava com a Eucaristia, onde se procedia à Primeira Comunhão (Godoy Fernández, 1995: 53).

Durante a cerimónia batismal, o compartimento existente a norte do batistério poderiam servir de sala de espera ou vestiário, onde os diversos grupos - crianças, homens e mulheres - aguardavam a sua vez para aceder ao batistério, sentados, possivelmente, em bancos de madeira (Godoy Fernández, 1989: 607-635). Tendo em conta que o batismo é um ritual anual, este conjunto arquitetónico do batistério poderia ser utilizado, na restante parte do ano, como catecumeneo para preparar os aspirantes a cristãos em determinados períodos, podendo até ter outras funções que não se prendessem com o sacramento batismal.

A maior parte dos autores, que estudaram os compartimentos anexos aos espaços batismais, insistem na falta de referências literárias a salas de espera ou vestiários. A necessidade da existência destes espaços emana do facto de o sacramento ser feito em grupos, especialmente em períodos em que não se tinha ainda generalizado o batismo infantil (Itugaiz, 1970: 55; Picard, 1989: 1452). De forma similar foram interpretados os espaços envolventes dos batistérios da basílica de Germo, Vega dei Mar, Casa Herrera (Ulbert, 1978: 168-172).

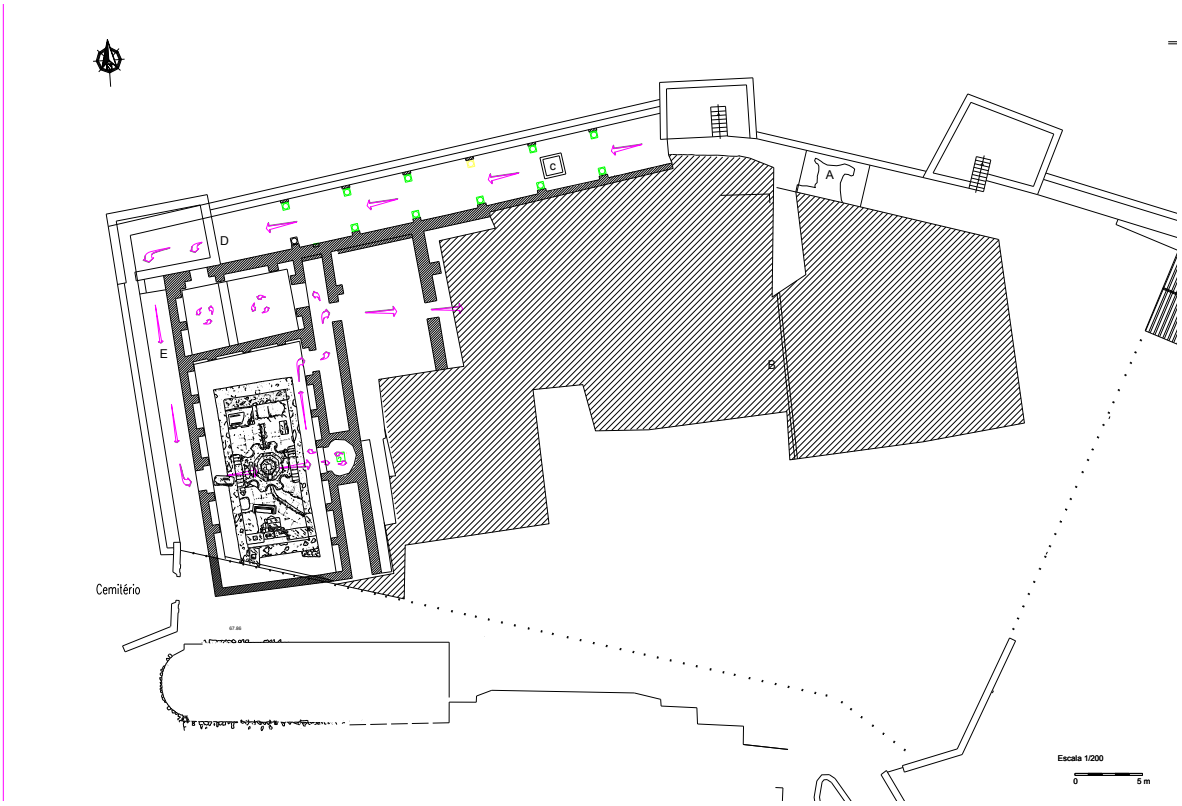


Fig. 86 – Proposta de organização do espaço litúrgico no batistério I

O sacramento da iniciação cristã culminava com a Primeira Comunhão dos neófitos, o que, do ponto de vista do mobiliário litúrgico, implica a existência de um altar. Na Península Ibérica foram encontrados vários restos de mesas de altar em recintos batismais. Em Casa Herrera foram encontrados *in situ* os embasamentos para os *stipites* de um altar (Caballero e Ulbert, 1975: 163-179). Contudo T. Ulbert defende que nessa basílica os neófitos comungariam no batistério (Ulbert, 1978: 131). Por seu lado, A. Nussbaum defende que estes altares seriam o lugar onde se depositavam os óleos da unção ou chrisma, não tendo estas *mensae consignataria* carácter eucarístico (Nussbaum, 1965: 269). Esta segunda interpretação é partilhada por C. Godoy

Fernández que, apesar da indubitável relação deste altar com o batistério, questiona se esta *mensae* teria ou não carácter eucarístico. Os testemunhos patrísticos parecem coincidir em que a primeira comunhão dos neófitos se fazia dentro da basílica. A Tradição Apostólica de Santo Hipólito prescreve que, depois do batismo, os neófitos vão, em procissão, até à igreja para receber a Comunhão com o resto da comunidade (Godoy Fernández , 1989: 633).

No caso de Mértola subsistem as mesmas interrogações, embora os dados arqueológicos apontem para a existência de um altar no espaço absidado, virado a nascente e anexo ao batistério, em cujo centro existem vestígios do assentamento de um pé de altar.

A maior parte dos altares localizados nas imediações dos batistérios dispõe-se sobre relicários. A construção do batistério sobre a sepultura de um mártir, ou sobre relíquias, foram dois fenómenos correntes na Antiguidade Tardia (Godoy Fernández, 1989: 633). Em Mértola, a investigação arqueológica nada comprovou sobre a existência de uma sepultura ou de um relicário. No entanto, as escavações de I992 revelaram, nas cercanias, o epitáfio de uma criança de cinco anos de idade. Este facto, embora não suficiente, permite supor a existência de outros enterramentos. Fica contudo por provar se o batistério de Mértola estará ou não implantado sobre uma sepultura privilegiada, ou sacralizado por um relicário.

O estudo da piscina batismal, como sublinha S. Macias, é o elemento crucial, tanto para a atribuição de funções a este espaço, como para uma proposta de cronologia. As piscinas com a forma octogonal são habituais no contexto religioso da época, surgindo, com frequência, associadas a batistérios.

A forma octogonal que o batistério de Mértola apresenta torna-o, até agora, um caso raro no panorama da arqueologia cristã da Península Ibérica. No entanto, existe em Barcelona uma piscina octogonal que, na segunda fase do edifício, veio substituir o anterior batistério cruciforme. Sendo atribuída por P. Palol inicialmente ao século V (Palol, 1967a: 48-51) esta datação foi corroborada por Schlunk e Hauschild (1978: 1-18-1-19). Posteriormente alarga a cronologia para a segunda metade do século VI (Palol, 1989: 2010-2014, fig. 24).

O número de exemplares conhecidos no Mediterrâneo ocidental, com semelhanças formais e cronológicas com o batistério de Mértola, ronda a dezena e meia, e apresenta uma datação que vai desde os finais do século IV até ao século VII (Macias, 2006: 333). Assim, os exemplares mais antigos são datados dos finais do século IV inícios do século V, como é o caso de Marselha (Khatchatrian, 1962: 51 nota 344) e 105; BarraI i Altet, 1997: 59)42 e de Lyon no grupo da catedral[43] (Guyon, 1991: 74-75). Também datados da mesma centúria são os casos de Riez (Guyon, 1991: 74-75)[44,] Fréjus (Khatchatrian, 1962: 51, nota 345 e BarraI i Altet, 1997: 60-61)[45] ou Geneva (Bonnet, 1986: 24-29); distante do contexto mediterrânico o batistério de Colónia (Gauthier, 1995: 119-121 e figs. 5-6), embora neste caso subsistam dúvidas se a pia encontrada corresponde a um modelo de batistério ou uma casa da Antiguidade tardia. No entanto, a inclusão de degraus de acesso em dois dos seus lados, leva a suster a hipótese de se tratar de um batistério.

No norte da Eslovénia, na antiga Panonia romana situa-se o batistério de Emona-Ljubljana, datado da primeira metade do século V (Plesničar-Gec, 1983: 50 e fig. 24) [46]. Datados da segunda metade do século V são os casos de Aosta (Bonnet, 1986: 24-29 e Paoli 1998: 6/1-6/2) e Albenga (Verzone, 1942: 71-72 e fig. 34), batistérios com semelhanças morfológicas muito próximas do caso de Mértola. Para este último caso, estudos arqueológicos recentes apontam uma cronologia de finais do século V, inícios do VI (Brandt, 2012: 316).

Dos finais do século V, e dos inícios da centúria seguinte, temos os casos dos batistérios de Aix-en-Provence (Khatchatrian, 1962: 51 nº. 343) e 63)[47,] Vico (Córsega)[48,] Grenoble e Meysse (Guyon, 1991: 74-75)[49.]

[42] Marselha: baptistério de Saint-Jean - octógono irregular com 2,24 m a 2,70 m de diâmetro e 0,70 m de profundidade.
[43] Lyon: grupo da catedral 3,66 m de diâmetro exterior. Ver sobretudo Reynaud, 1998: 76 e 98.
[44]Riez: grupo episcopal. Catedral e baptistério; Khatchatrian, 1962: 51 (n. 346) e 122, com proposta de cronologia para os séculos VII/VIII.
[45] Fréjus: catedral e baptistério com 1,33 m de largura e 0,92 m de profundidade.
[46] Medidas: Diâmetro externo do batistério 2,5 m/diâmetro interno 1,81 m (Caillet, 1993: 371 e fig. 293).
[47]Aix-en-Provence: grupo episcopal Saint-Sauveur - Sainte Marie - piscina com 1,50 m de diâmetro.
[48] Vico-Corse: igreja e baptistério Saint-Appien.
[49] Grenoble: baptistério.

Na região da Ligúria (no noroeste mediterrânico da Itália), um batistério de Cap Don em Riva Ligure, apareceu inserido num complexo de culto datado dos meados do século VI (Frondoni, 1998: 3/1-3/2). A pia batismal, de planta interior em octógono e absidíolos exteriores, apresenta grandes semelhanças formais com o exemplar de Mértola. O mesmo acontece com o caso de Taggia, norte de Itália, (Khatchatrian, 1962: 132, fig. 290 e 333), que apresenta grandes semelhanças formais e cronológicas com o caso em estudo.

Dos finais do século VI, inícios do século VII, é conhecido o batistério de Venasque, do qual, restam apenas vestígios das argamassa subjacente ao edifício posterior (Guyon, 1991: 76).

Na parte ocidental da bacia do mediterrâneo são ainda conhecidos outros exemplares com semelhanças morfológicas que, contudo, apresentam alguns problemas de funcionalidade e de datação segura. São os casos dos batistérios de Nantes[50] (Khatchatrian, 1962: 58 (note 374) e 111-112) de datação posterior ao século V, Poitiers[51] (Eygun, 1964: 166-167), que não tem uma cronologia segura, e Nevers que conhece várias fases de ocupação (Guyon, 1991: 80). Outros casos conhecidos levantam dúvidas quanto à sua utilização como batistério: caso de Torcello e Riva San Vitale, enquanto que em Finale e em Salone (Dalmácia) não está confirmada a utilização como piscina batismal (Khatchatrian, 1962: 52 (n. 351) e 137; 53 (n. 358a); 55 (366) e (n. 349b) e 125). No caso do batistério de Mariana (Córsega), datado do século V, não é seguro que a planta da pia batismal seja octogonal (Moracchini-Mazel, 1967: 44 e 47).

Por último, temos um conjunto de exemplares em que a piscina batismal é posta em causa, como é o casos de Bantayere, em que lhe foram atribuídas essas funções e uma datação da segunda metade do século IV (Manière, 1972: 18-20 figs. 7 e 8) e 48); as hipóteses interpretativas recentes levantam dúvidas sobre a utilização como batistério e relacionam-no com parte de uma zona termal (Barruol, 1996: 168; Ennabli, 1997: 140).

[50] Nantes - Catedral de Saint-Pierre-Saint-Paul e baptistério.
[51] Poitiers - baptistério de Saint-Jean.

No norte de África, o caso do provável batistério da basílica de Bir Ftouha[52], junto a Cartago, apresenta uma piscina octogonal (Ennabli, 1997: 140). A função original deste espaço é motivo de controvérsia, apesar do espólio litúrgico proveniente da zona do batistério ser constituído por vasos de cobre, chumbo, terracota, decorados com incisões de onde se destaca uma cruz latina, ladeada por dois peixes e as três primeiras letras do alfabeto (Ennabli, 1997: 135-141). Liliane Ennabli, que estudou este espaço, não considera segura a sua classificação como batistério, dada a proximidade de uma sala com hipocausto, o que o poderia incluir na zona termal (século IV) e só ter sido utilizado para fins religiosos em época mais tardia (século VII) (Ennabli ,1997: 140). Se excetuarmos o caso do batistério de Cartagenna (Cartago), com estruturas dos séculos VI-VII (Ennabli, 2000: 67-68 e 72 (plano 6) Fendri, 1961; Duval e Baratte 1973: 255 – fig. 139) Como refere S. Macias não há, nenhum paralelo devidamente comprovado de piscinas batismal em forma octogonal no norte de África (Macias, 2006: 335).

Em relação à forma e técnicas construtivas, o batistério tem algumas semelhanças com os exemplares de Fréjus (Guyon, 1991: 71), Lyon (Guyon, 1991: 78), Marselha (Khatchatrian, 1962: 105, fig. 344), no sul de França, Albenga (Paou,1998: 6/1-6/2), Colónia na Alemanha (Gauthier, 1995: 99-128), datados da segunda metade do século V; ou ainda, com o exemplar do batistério tunisino de Cartago, nomeadamente o da basílica de Bir Ftouha em funcionamento entre os séculos IV e VII (Ennabli, 1997: 138-139).

Contudo, é no batistério de Ljubljana (Emona, Eslovénia) que as semelhanças construtivas são mais notórias, tanto ao nível do interior - forma octogonal - como ao nível exterior, com uma estrutura de pequenos absidíolos organizados no enfiamento dos ângulos do octógono (Caillet, 1993: 371). Os autores que estudaram este conjunto batismal, e o pórtico anexo, situam a sua cronologia num término *post quem* a partir dos numismas datados dos primeiros anos do século V (Plesniĕar-Gec, 1990: 219-226). Este espaço foi inicialmente concebido como zona termal, no entanto, no século V, foi modificado e refeito, tendo-se transformado em complexo episcopal, compreendendo uma igreja e um batistério (Plesniĕar-Gec, 1983: 49-50 e fig. 11), colocando-se ainda a possibilidade de ter havido ali uma residência episcopal (Caillet, 1993: 371).

[52] Com 2,83 m de largura e 0,85 de profundidade, e com dois degraus que permitem o acesso ao interior da piscina.

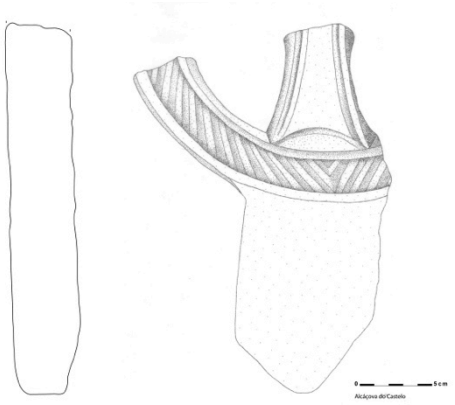
A característica principal dos batistérios abordados aponta para uma grande variedade de soluções construtivas, a ponto de ser quase impossível estabelecer uma tipologia. O mesmo se passa com a localização do batistério em relação à basílica pois parece não haver uma regra, podendo este estar inserida livremente no complexo religioso (Lassus, 1965: 589).

4.5.1.6.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 17
Nº inventário: MM. CR.00019
Identificação: Capitel corintizante, em mármore branco. Incompleto.
Descrição: Ábaco decorado por moldura com uma roseta de seis folhas na parte central. O centro do cesto é dominado por um motivo liriforme, composto por duas hastes vegetalistas que finalizam superiormente em duas rosetas quadrifólias. A parte inferior do cesto está decorada com uma coroa de folhas de palma estilizadas, separadas por folículos bolbosos. Da base do capitel e por entre as folhas já descritas, elevam-se folhas angulares, mais largas, que dão origem a volutas nos cantos do capitel.
Dimensões: Altura máxima 70 cm; largura máxima 53 cm.
Cronologia: Século II/III (?)
Proveniência: Interior de uma seteira do criptopórtico das escavações arqueológicas dos inícios dos anos 80 do século XX.
Bibliografia: Lopes: 2012: 84.

Nº catálogo: 18
Nº inventário: MM. CR.00025
Identificação: Capitel de tipo corintizante, em mármore branco. Incompleto.
Descrição: Resta parte do cesto, que é decorado com um motivo liriforme central, encimado por duas rosetas quadrifólias. A parte inferior do cesto é decorada por uma coroa de folhas de acanto. As folhas angulares são muito estilizadas, contrastando com as anteriormente descritas de aspecto bem mais naturalista. A decoração da parte superior está sumariamente marcada com recurso à utilização do trépano.
Dimensões: Altura máxima 60 cm; largura máxima 42 cm.
Cronologia: Século IV d.C.
Proveniência: Quintal do Sr. António Joaquim Pereira.
Bibliografia: Lopes: 2012: 87.

Nº catálogo:19
Nº de inventário: MR.CR.0001



Identificação: Cruz patada inscrita em círculo, mármore cinzento de grão médio. Incompleta.
Descrição: Um quarto do círculo e apenas um braço permitem, no entanto, reconstituir o conjunto. Uma coroa de entalhes entroncados constitui a moldura que envolve uma cruz de braços iguais aberta em gelosia. Um pequeno espigão serviria para a sua fixação a uma estrutura de telhado ou de janela ou fresta.
Dimensões: Altura 23 cm; largura 13 cm; espessura 3,5.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M 81 – AF-2-1a; M 81 – AF-2-1b (zona do baptistério I).
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 45.

Nº de catálogo: 20
Nº de inventário MR.IP. 0006

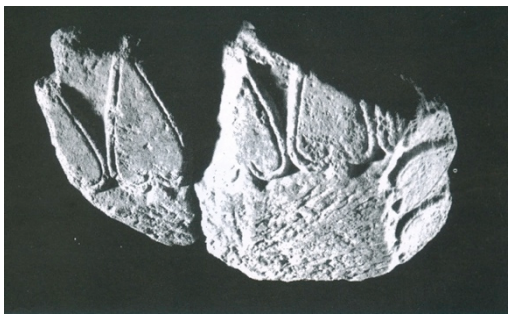
Identificação: Imposta de mármore cinzento de grão médio. Incompleta.
Descrição: Apresenta como motivo decorativo, nos seus três lados, um friso de folhas de videira. O trabalho escultórico desta peça tem um tratamento no talhe e no ritmo decorativo diferente das restantes peças encontradas na mesma zona.
Dimensões: Altura 12 cm, largura 56 cm, espessura 30 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII
Proveniência: No exterior da muralha urbana da vila de Mértola, junto da cortina norte.
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 51.

Nº de catálogo: 21
Nº de inventário: MR.CL.0001

Identificação: Colunelo de mármore cinzento de grão médio. Incompleto.
Descrição: Partindo da gola superior, um sistema de caneluras torsas envolve o fragmento do fuste.
Dimensões: Altura 33 cm, diâmetro 19 cm.
Cronologia: Séculos VII - Finais do V inícios do VI (Sánchez Velasco, 2006:39).
Proveniência: No exterior da muralha urbana da vila de Mértola, junto da cortina norte.
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 52.

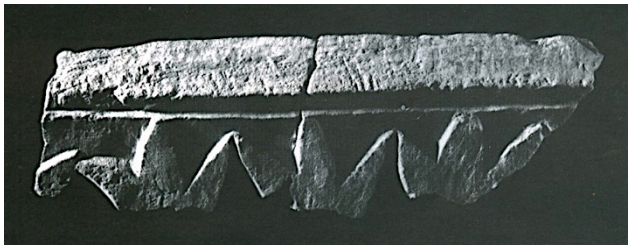
Nº de catálogo: 22
Nº de inventário: MR.CL.0002
Identificação: Fragmento de fuste de mármore cinzento de grão médio. Incompleto.
Descrição: Decorado com caneluras helicoidais, apresentando um acentuado desgaste.
Dimensões: Altura 67 cm, diâmetro 26 cm.
Cronologia: Séculos VII - Finais do V inícios do VI (Sánchez Velasco, 2006: 39).
Proveniência: Da antiga coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 53.

Nº de catálogo: 23
Nº de inventário: MR.IA.0001
Identificação: Fragmentos de imposta ou ábaco de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Um friso de folhas de hera lanceoladas que se estendem ao longo de uma aba muito inclinada.
Dimensões: Altura 9 cm; largura 31 cm; espessura 27 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII.
Proveniência: Zona do baptistério M-87-7D-1b.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 59.

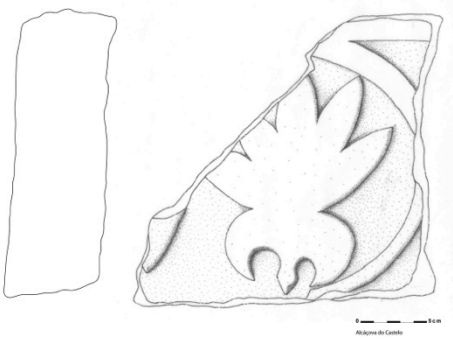


Nº catálogo: 24
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de imposta-ábaco de mármore branco com veios cinzentos de grão grosso.
Descrição: Decorado nas suas três faces conservadas está decorado com sequencias de folhas de hera, disposta com a mesma orientação.
Dimensões: Altura 16 cm; comprimento 65 cm, largura 61 cm.
Cronologia: Século VI – VII.
Proveniência: Mértola
Bibliografia: Inédito

Nº de catálogo: 25
Nº de inventário: MR.IA.0002
Identificação: Fragmentos de imposta ou ábaco de mármore cinzento de grão fino.
Descrição: Decoração em todo semelhante há peça anterior é ornamentada com um friso de folhas de hera lanceoladas que se estendem ao longo das duas faces muito inclinada.
Dimensões: Altura 8 cm; largura 10 cm; espessura 16 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII.
Proveniência: M-80-2F Zona do baptistério I.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 60.

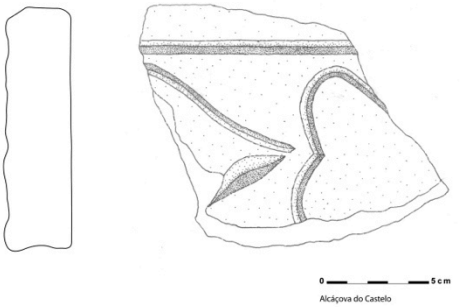


Nº de catálogo: 26
Nº de inventário: MR.IP.0007
Identificação: Fragmento de imposta de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: É no material e na técnica decorativa em tudo semelhante à imposta nº IV.03. O elemento decorativo é constituído por uma sequencia de folhas de videira do qual só restam as pontas e uma linha da moldura.
Dimensões: Altura 8 cm; largura 10 cm; espessura 16 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII.
Proveniência: Zona do baptistério M-80-2F.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 61.



Nº de catálogo: 27
Nº de inventário: MR.PA.0001
Identificação: Fragmento de placa de revestimento ou cancela (?) de mármore branco de grão fino.
Descrição: Embora partida nos seus quatro lados é perceptível uma folha de videira estilizada, inscrita num círculo.
Dimensões: Altura 21 cm; largura 21 cm; espessura 8 cm.
Cronologia: Séculos VIII/IX.
Proveniência: Zona do baptistério M-80-6C- 1b.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 62.

Nº de catálogo: 28
Nº de inventário MR.PA. 0002
Identificação: Fragmento de placa de revestimento de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: O pequeno fragmento permite supor um encadeado de folhas de hera. A técnica de cinzelagem é diferente das peças anteriores. O desenho é limitado por sulcos em bisel.

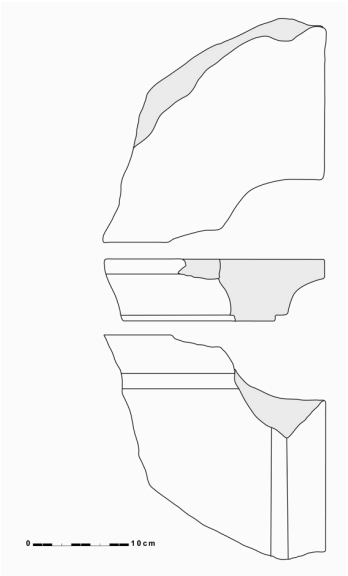


Dimensões: Altura 15 cm; largura 11 cm; espessura 3 cm.
Cronologia: Séculos V-VI.
Proveniência: Zona do baptistério M-80-6B-1b.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 65.

Nº catálogo: 29
Nº inventário:
Identificação: Fragmento mesa de altar mármore branco de grão médio com veios cinzentos.
Descrição: Apresenta uma decoração geométrica composta por uma moldura em forma de meia cana, no ângulo possui uma palmeta ou dardo.

Dimensões: Comprimento máximo 30 cm; largura máxima 29 cm; espessura máxima 8 cm.
Cronologia: Finais do século VI – inícios do século VII apresenta grandes semelhante a uma peça de Córdova, (Sánchez Velasco, 2006: 72) .
Proveniência: M/Alcáçova
Bibliografia: Lopes: 2003: 75; Wrench: 2008: 596; Wolfram: 2011: 87.

Nº de catálogo: 30
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de possível tampo de mesa de altar mármore branco de grão fino.
Descrição: Possível mesa de altar de forma retangular com os laterais biselados, possui, nos lados conservados, uma moldura côncavo e um filete quadrangular ligeiramente mais rebaixado.



Dimensões: Altura 6,5 cm; comprimento 26 cm; largura 23,3 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: M/ 992/ 5L/ 1b (junto aos arcossólios).
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 31
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pé de altar de mármore branco de grão fino
Descrição: Trabalhado nas suas quatro faces com o que parece ser a base de cruzes páteas. (quatro ou cinco bases que segundo Palol do século VI em que denominou como altares paleocristãos, uma forma comum em todo o Mediterrâneo – mesa de suportes múltiplos) ou com paralelos em Mérida (Sastre Diego, 2010: 53).
Dimensões: Altura 25,5 cm; Largura 12 cm; espessura 13 cm.
Cronologia: Século VI (?)
Proveniência: M/Alcáçova.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 32
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de imposta de mármore branco de grão médio.
Descrição: Decorado com um friso de folhas de videira muito recortadas e unidas por gavinhas em forma de S, formando uma composição simétrica.
Dimensões: Altura 11,5 cm; Largura 22 cm; espessura 18 cm.
Cronologia: Século VII(?)
Proveniência: M/Alcáçova.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 33
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de placa arquitectónica de mármore branco de grão médio.
Descrição: Apresenta um friso com uma sequencia de folhas de videira inscrita em círculo.
Dimensões: Altura 17 cm; largura 34 cm; espessura 9 cm.
Cronologia: Século VI-VII
Proveniência: M/2010/Sep. 659/casa XV

Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 34
Nº inventário:

Identificação: Capitel jónico de coluna de mármore branco de grão médio.
Descrição: A parte superior (kyma) é decorado por óvulos emoldurados, separadas por lancetas. Os pulvini, ou balaústres (partes laterais), são decorados por folhas de água. A parte inferior do capitel apresenta um colarinho em moldura. Um dos aspectos mais importantes desta peça é o não possuir ábaco, apresentando, em sua substituição, um scamillus alto para encaixe com o entablamento superior.
Dimensões: Altura 18 cm; Largura 34 cm; diâmetro da base 20 cm.
Cronologia: Século III - IV (?)
Proveniência: M/97/3D/1d (muro 23).
Bibliografia: Inédito

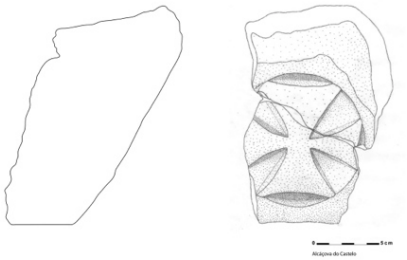
Nº catálogo:35
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de base de coluna de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: Base com plinto quadrangular seguido de um pequeno toro e de uma escócia muito pronunciada.
Dimensões: Altura 11 cm; Largura 34 cm; diâmetro 22 cm.
Cronologia: Século
Proveniência: M/10/ Casa XII/testemunho 10008.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 36
Nº inventário:

Identificação: Fragmento lápide (?) de xisto (grauvaque).
Descrição: Fragmento de possível lápide ou placa de revestimento. Apresenta uma decoração que sugere um conjunto de arcos simples delineados por linhas escavadas e dois arcos encordoados. A ornamentação é muito semelhante à utilizada em lápides encontradas na basílica do Base de coluna .
O material empregue no suporte é bastante raro no conjunto do acervo museológico existente.

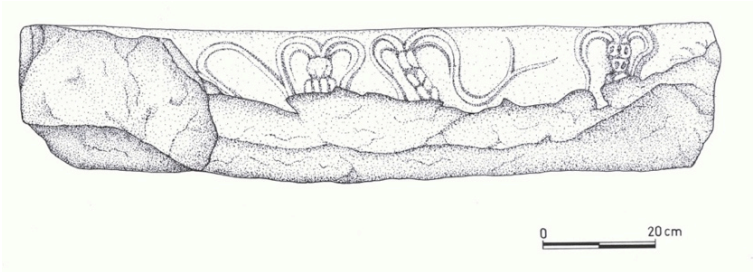
Dimensões: Altura 11 cm; largura17 cm; espessura 9 cm.
Cronologia: Século
Proveniência: M/83/7B/2C/ Sepultura 152.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo:37
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de imposta(?) de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: Conserva apenas restos de uma cruz pátea inscrita em circulo.
Dimensões: Altura 13 cm; largura 9 cm; espessura 8,5 cm.
Cronologia: Século VI.
Proveniência: M/Alcáçova.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 38
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de capitel(?) de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: Conserva apenas parte do canto superior, onde é visível uma folha lisa que dá origem à voluta em espiral muito enrolada.
Dimensões: Altura 16 cm; largura 17 cm; espessura 12 cm.
Cronologia: Século III - IV para Filomena Limão (2011: 703); Domingo Magaña, (2011: peças 403-404), classifica peças análogas de Mérida com cronologias desde o século IV ao VI.
Proveniência: M/Alcáçova.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 39
Nº inventário:
Identificação: Colunelo perfurado A peça encontra-se incompleta ao nível da base.
Descrição: Colunelo com decoração canelada composto por dois fragmentos. No topo, dois espigões em metal sugerem a ligação a uma outra peça marmórea ou de metal. Ao nível da base a peça foi partida, o que motivou a colocação de uma cinta em metal, da qual apenas ficaram as manchas de ferrugem pelo contacto que o metal teve com o mármore.
Dimensões: altura 50.5 cm; diâmetro do topo 14 cm; diametro da base 20 cm, o orifício por onde jorraria a água possui um diâmetro 3,5 cm.
Cronologia. Séculos VI-VII, não excluindo a possibilidade de se tratar de uma peça reaproveitada do período romano, dada a qualidade do mármore bem como do fino trabalho escultórico.
Proveniência: Um dos fragmentos foi reutilizado num muro das casas do bairro islâmico, possui a seguinte referência: M998/3C/2a/muro 14A
Bibliografia: Lopes, 2003: 70, fig. 50.



Nº catálogo: 40
Nº inventário:
Identificação: Imposta de mármore branco de grão grosso.
Descrição: Parece tratar-se do tema da grinalda que parte de feixes e que se desenvolve ao longo da superfície em filamentos sinusoidais.
Dimensões: Altura 30 cm; largura 136 cm; espessura 70 cm. Fragmento 2: altura 4,2, largura 16,5 espessura 4,6 cm.
Localização: in situ sobre o deambulatório, nas imediações do baptistério.
Cronologia: Século IV – V.
Bibliografia: Lopes, 2003: 48; Wrench, 2008, 598-600.

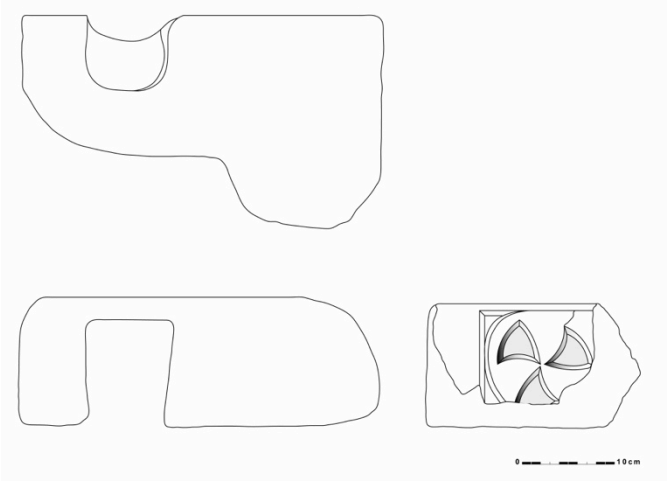
N catálogo: 41
Nº inventário:
Identificação: Friso ou cimácio de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Apresenta duas das suas faces trabalhadas com duas molduras geométricas.

Dimensões: Altura 31 cm; largura 160 cm; espessura 50 cm.
Cronologia
Proveniência: in situ a sul do batistério I
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 42
Nº inventário:

Identificação: Friso de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Apresenta uma das suas faces trabalhadas com duas molduras geométricas.
Dimensões: Altura 28 cm; largura 90 cm; espessura +18 cm.
Cronologia:
Proveniência: in situ reutilizado na construção do criptopórtico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 43
Nº inventário:



Identificação: Fragmento de imposta ou ábaco mármore branco, de grão médio.
Descrição: Da parte conservada é possível observar a decoração constituída por uma circunferência de contorno biselado com três hélices recortadas (trísceles/ trisqueles).
Dimensões: Altura 15 cm; largura 22 cm; espessura 40 cm.
Cronologia: Tanto o motivo como a execução técnica é idêntica a peças fabricadas pela oficina de Mérida, das quais existem vários exemplares na cidade, na vizinha basílica de Casa Herrera e em Burguillos del Cerro (Sastre de Diego, 2010: 19, fig. 3 e 39, fig. 17), possivelmente datados do século VI.
Proveniência:
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 44
Nº inventário:

Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão fino.
Descrição: Base de coluna ática constituída por plinto quadrangular, com toro, filete, escócia, filete e toro. Apesar de manter os parâmetros vitrovianos, a base apresenta uma certa irregularidade no perfil e imperfeições técnica a nível do fabrico. Esta peça finamente talhada tem paralelismos no mundo Romano em na Basílica de Coracho (Lucena, Córdova) e em Itálica (Sevilha), datados do século II-III, no entanto reutilizadas em construções da Antiguidade Tardia (Sánchez Velasco, 2012: 241(nº de cat. 217 e 218), no entanto, o exemplar de Mértola, na parte da base de coluna virada para o muralha são ainda visíveis restos do que parece ser os panejamentos pelo que depreendo que foi fabricado a partir de uma estátua de um togado.

Cronologia: Século VI
Dimensões: Altura 15,5 cm (?); largura 45,5 cm.
Proveniência: In situ formando um intercolúnio na borda do painel dos leões afrontados.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 45
Nº inventário:

Identificação: Base de coluna de mármore cinzento de grão medio.
Descrição: Base constituída por plinto quadrangular, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 21 cm; largura 44,5 cm.
Cronologia: Possível peça reaproveitada de construções anteriores do período romano, reutilizada nas remodelações do pórtico no século VI.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 46
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, muito danificada na zona do plinto.
Descrição: Base constituída por plinto quadrangular, toro filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 13 cm; largura 47 cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 47
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, danificada na zona do plinto e na parte superior.
Descrição: Base constituída por plinto quadrangular, toro, filete, escócia, filete e toro de menor diâmetro a nível superior.
Dimensões: Altura 19,5 cm; largura 42 cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 48
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, danificada na zona do plinto e na parte superior.
Descrição: Base constituída por plinto quadrangular, toro, filete, escócia, filete e toro de menor diâmetro a nível superior.
Dimensões: Altura 19,5 cm; largura 45 cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 49
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, danificada na zona do plinto e na parte superior.
Descrição: Base constituída por plinto, toro, filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 18 cm; largura 46,5 cm; espessura cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 50
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, danificada na zona do plinto.
Descrição: Base constituída por plinto, toro, filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 21 cm; largura 48 cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 51
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio, danificada na zona do plinto.
Descrição: Base constituída por plinto, toro, filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 21 cm; largura 43 cm.
Cronologia: Século VI, com as reservas apresentadas para a peça anterior.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº inventário: 52
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio.
Descrição: Base constituída por plinto e escócia.
Dimensões: Altura 26 cm; largura 86 cm.
Proveniência: Proveniência: Reutilizada numa latrina da casa islâmica nº 3 do bairro islâmico da alcáçova de Mértola (Macias, 2008: 22). Posteriormente a peça, dado que apresenta dimensões semelhantes foi recolocada na construção feita com silhares de granito onde se pode observar o almofadado.
Proveniência: In situ.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 53
Nº inventário:
Identificação: Coluna de mármore branco com veios cinzentos de grão médio. Danificada na base.
Descrição: Fuste liso do que se conserva o summus scapus (parte superior), que conta com um toro, o imus scapus (parte inferior) encontra-se fraturado.
Dimensões: Altura 262 cm; diâmetro superior 32 cm, diâmetro na base 36 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Fazia parte do derrube que estava sobre os mosaicos da galeria porticada.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 54
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos de grão médio. Danificada na base e no topo.
Descrição: Apresenta o fuste liso e polido.
Dimensões: Altura cm; largura cm; espessura cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Fazia parte do derrube que estava sobre os mosaicos da galeria porticada.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 55
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de coluna de calcário.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 63cm; diâmetro 30 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 56
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de mármore branco com veios cinzentos, de grão grosso.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 77 cm; diâmetro 30 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais

reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 57
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de mármore cinzento, de grão grosso.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 118 cm; diâmetro 34 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 58
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de mármore cinzento com veios brancos, de grão grosso.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 60 cm; diâmetro 32 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 59
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de mármore cinzento, de grão grosso.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 87 cm; diâmetro 31 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.

Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 60
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de mármore cinzento, de grão grosso.
Descrição: Fuste liso.
Dimensões: Altura 61cm; diâmetro 30 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 61
Nº inventário:
Identificação: Fragmento superior de fuste de coluna de mármore branco de grão médio.
Descrição: Fuste liso do que se conservou o *summus scapus*, decorado com um toro.
Dimensões: Altura 90 cm; diâmetro 36 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo:62
Nº inventário:
Identificação: Fragmento superior de fuste de coluna de mármore branco de grão médio.
Descrição: Fuste liso do que se conservou o *summus scapus*, decorado com um toro.
Dimensões: Altura 90 cm; diâmetro 40 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.

Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 63
Nº inventário:

Identificação: Fragmento superior de fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos, de grão médio.
Descrição: Fuste liso do que se conservou o *summus scapus*, decorado com um toro largo.
Dimensões: Altura 60 cm; diâmetro 32 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 64
Nº inventário:

Identificação: Fragmento superior de fuste de coluna de mármore branco de grão médio.
Descrição: Fuste liso do que se conservou o *summus scapus*, decorado com um toro largo e filete.
Dimensões: Altura 77 cm; diâmetro 32 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 65
Nº inventário:

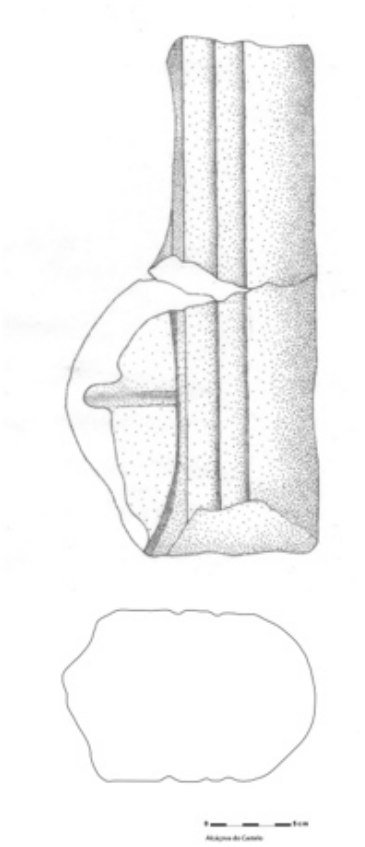
Identificação: Fragmento superior de fuste de coluna de mármore branco de grão médio.
Descrição: Fuste liso do que se conservou o *summus scapus*, decorado com um toro largo e filete.
Dimensões: Altura 86 cm; diâmetro 46 cm.
Cronologia: Século VI, no entanto, não excluo a possibilidade, de à semelhança das bases, se tratar de materiais reaproveitados de construções anteriores, de cronologia Imperial.
Proveniência: Alcáçova de Mértola, reutilizado nas estruturas do bairro islâmico.

Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 66
Nº inventário:
Identificação: Bloco de granito.

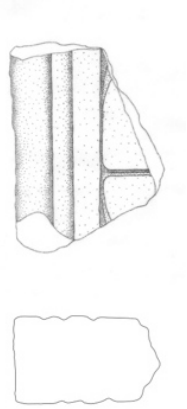
Descrição: Silhar reutilizado contendo restos epigráficos: V com uma altura de 18 cm. Possível referencia epigráfica de [FOR]V[M].
Dimensões: Altura 56 cm; largura 78 cm; espessura 46 cm.
Cronologia: Possivelmente é um silhar reaproveitado do período romano.
Proveniência: Serve de ombreira à casa islâmica numero X.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 67
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela mármore acinzentado, de grão medio.

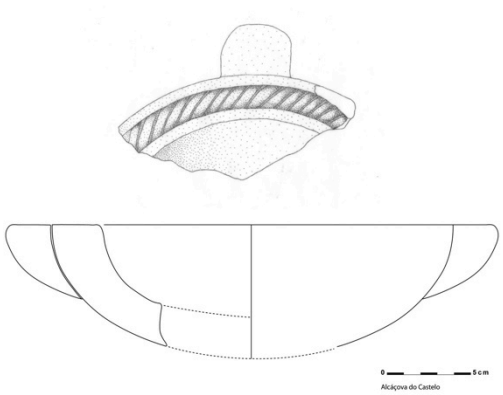


Descrição: Possivelmente tratar-se-ia de uma cancela com a decoração vazada de círculos secantes. Apesar de não ter qualquer vestígio de espigão para a fazer girar, possui um dos laterais polido o que pode ser interpretado como mostra da utilização, no entanto se orientarmos a peça na horizontal podemos interpretar esse polimento como fazendo parte de um corrimão em meia cana, no entanto todos os casos de cancelas vazadas que são conhecidos em Mértola apresentam um perfil retangular com os ângulos bem marcados e não em forma convexa. Pelo que proponho uma leitura da peça na vertical e considero a hipótese de se tratar de uma cancela giratória para encerramento de um vão, possivelmente semelhante ao caso apresentado por F. Almeida de uma peça proveniente de Arraiolos (Almeida, 1962: 214, fig. 194). Como refere M. Real "em outras regiões, chegou-se mesmo a usar placas em pedra, como ainda se pode ver na basílica de Torcello (Veneza) [e no museu local]. Em Portugal, existe um exemplar desta tipologia, que importa salientar, devido à sua extrema raridade e decoração. Trata-se de uma placa de mármore, proveniente de Arraiolos, a qual ainda conserva um dos espigões que a fazia girar (Museu Nacional de Arqueologia: 71,5x49,5 cm). Não pondo de lado a possibilidade da peça ter sido aplicada a um sistema mais dinâmico de cancela litúrgica (...) tendo em conta o

elemento decorativo, não nos parece ser este exemplar posterior ao século VII" (Real, 2012: 97, fig. 4).
Dimensões: Altura 32,5 cm; largura 15,5 cm; espessura 10,8 cm.
Cronologia: Séculos VII d.C..
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

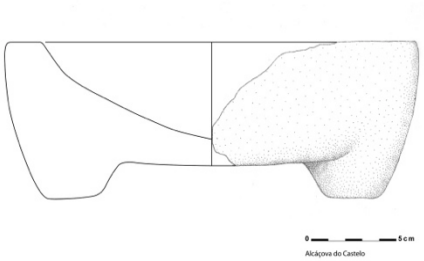


Nº catálogo: 68
Nº inventário:
Identificação: Possivelmente tratar-se-ia de uma cancela com a decoração vazada de círculos secantes.
Descrição: Possivelmente tratar-se-ia de uma cancela com a decoração vazada de círculos secantes.
Dimensões: Altura 20,2 cm; largura 16 cm; espessura 8,2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita



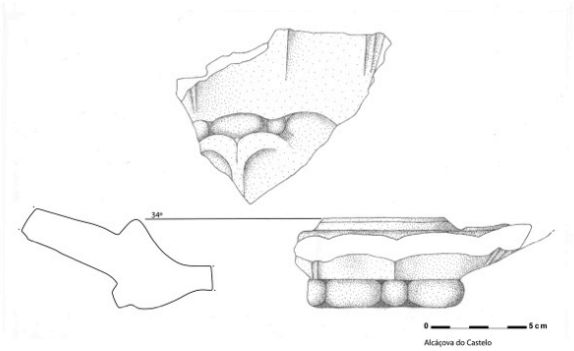
Nº catálogo: 69
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pia (?) de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: Trata-se possivelmente de uma parte de uma peça de forma semiesférica com pega lateral. O bordo é plano e apresenta uma decoração constituída por um encordoado entre dois filetes. A superfície interior e exterior apresenta-se polida. Podendo tratar-se de uma pia ou almofariz. Peças semelhantes foram encontradas em Mérida (Cruz Villalón, 1985: 99-100 e 234-235) e em Córdoba (Sánchez Velasco, 2006: 92). Estes autores consideram este tipo de peças como tendo servido de almofariz ou moinho, contudo nada invalida que tenha sido reutilizadas posteriormente para outros fins.
Dimensões: Altura 8 cm; diâmetro 22 cm; espessura 3 cm, profundidade 5 cm.
Cronologia: Séculos VI- VII.
Proveniência: Alcáçova do Castelo.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 70
Nº inventário:



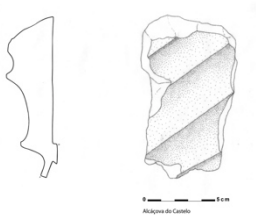
Identificação: Pequena pia de mármore branco de grão fino
Descrição: Trata-se de uma peça que apenas nos chegou aproximadamente um terço. Bordo e fundo plano, possui um pé maciço podendo originalmente ter tido três.
Dimensões: Altura 9,3 cm; diâmetro 24 cm; espessura variável entre os 1,7 cm na base e 2,3 cm no bordo; profundidade 6 cm.
Cronologia: Finais do século VI inícios do VII.
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita
Observações: Apesar de serem conhecidas pias em Mérida, datadas dos inícios do século VI (Cruz Villalón, 1985: 99, 233-238, figs. 196 a 198), e em e Córdoba datada dos finais do século VI inícios do século VII (Sánchez Velasco 2006, no cat. 123), são peças de maiores dimensões, com diâmetros a rondar os 60 cm.

Nº catálogo: 71
Nº inventário:

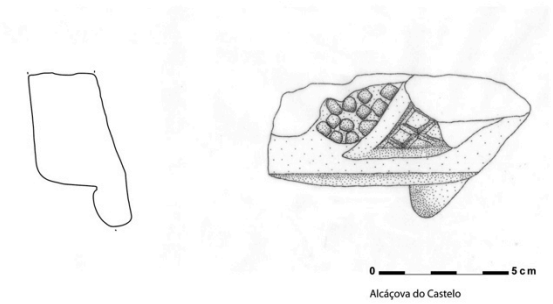


Identificação: Pequena pia? de mármore branco de grão muito fino.
Descrição: O fragmento apresenta uma decoração muito fina constituída por caneluras e um colarinho em moldura. A peça apresenta o interior e o exterior com um grau elevado de polimento.
Dimensões: Altura 4,7 cm; diâmetro 34 cm; espessura varia entre 1,3 cm e 4,7 cm.
Cronologia. Apesar de não termos nenhum paralelo exato para esta peça, no mediterrâneo oriental onde são conhecidos alguns exemplares de pias que apresentam um trabalho refinado e de alto desempenho técnico. São conhecidos alguns fragmentos de pequenas pias no Monte Nebo datada doa segunda metade do século VI (Piccirillo, 1989: 335, fig. 37 e Piccirillo, Alliata., 1998: 497, fig. 79). Em Mérida é conhecido o prato de votivo de Mantinus que se enquadra nos inícios do século V (Sastre de Diego, 2010: 80, fig.64) ou o Crismon de Quiroga encontrado em Lugo e que P. Palol datou do século V-VI (Palol, 1967:249, fig.86).
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 72
Nº inventário:
Identificação: Possível pia de mármore branco de grão fino.
Descrição: Decorada com finas caneluras. A qualidade do mármore e o refinamento técnico é semelhante à peça anterior.
Dimensões: Altura 11,9 cm; largura 5,2 cm; espessura varia entre 3,5 e 1,4 cm.
Cronologia: Séculos V -VI d.C..
Proveniência:
Bibliografia: Inédita

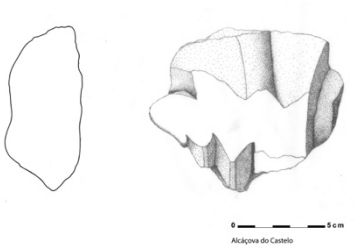


Nº catálogo: 73
Nº inventário:
Identificação: Possível pia de mármore cinzento de grão fino.
Descrição: Fragmento possivelmente pertencente a uma pequena pia de da qual é visivel um pequeno pé. A pança é ornamentada com uma fina representação de motivos vegetais, dos quais se destingue um cacho de uvas.
Dimensões: Altura 5,5 cm; largura 10,1 cm; espessura 3,3 cm.
Cronologia: século VI
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

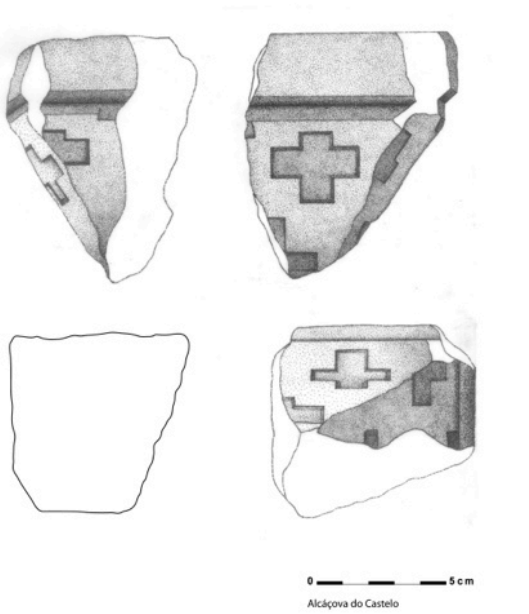


Nº catálogo: 74
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pia ? mármore branco de grão fino.
Descrição: Aparentemente este fragmento possui uma decoração vegetalista. Apresenta um tratamento da superfície exterior muito similar ás peças anteriormente analisadas.
Dimensões: Altura 9,5cm; largura 10,3 cm; espessura 5 cm.
Cronologia. Século V- VI.
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 75
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de voluta de capitel de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: é possível observar um fino talhe de bisel de uma possível voluta de capitel.
Dimensões: Altura 9,5 cm; largura 11,2 cm; espessura 4,4 cm.
Cronologia: Séculos V -VI d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

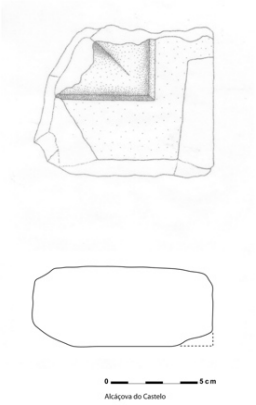


Nº catálogo: 76
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pequena imposta ou ábaco de mármore branco de grão fino.
Descrição: Decorado com uma possível sequencia de cruzes de braços iguais escavadas em cada uma das faces conservadas.
Dimensões: Altura 9,5 cm; largura 8,3 cm; espessura 7,5 cm.
Cronologia: Numa imposta de Messejana, Aljustrel (também do Grupo Pacense), os lados menores são decorados com uma decoração geométrica em relevo e reentrância formando cruzes que, estilisticamente, se podem relacionar com o designado enxaquetado. Em Mérida existem peças em que apresentam o motivo em xadrez datadas dos finais do V inícios do VI (Cruz Villalón, 1985: 337, fig. 309), Amonaster com uma proposta de cronologia do século VI?(Sancheez Velasco, 2012, 282, nº cat. 291), de Sines datada do século VII (Almeida, 1968-70: 26, fig. 25). M. Cruz Villalón aponta paralelos para o tema, ainda que em maior escala, em mosaicos de Mérida, da casa basílica e da casa do Mitreo, datadas do século II e, em escala mais reduzida, num mosaico da região de Alicante,

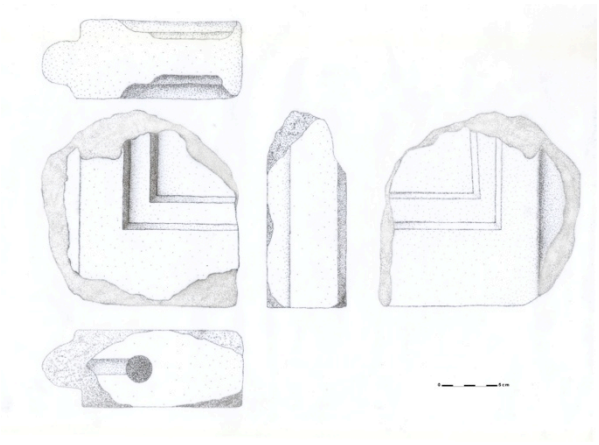


datado do século V/VI, com influências do cristianismo norte africano. O tema, em escultura relevada, surge numa pilastra de Khenchela, Argélia, provavelmente do século V. Considera que esta decoração das impostas de Sines e Mérida, únicos exemplares desta época na Península, poderá ser de influência cristã norte africana, canalizada pela via de Mértola, Beja, Mérida(Cruz Villalón, 1985: 126, 336, fig. 309), relacionando-se Sines com os centros de Beja e Mérida, ou a decoração em Sines explicar-se pela influência de Mérida, que se estendeu à área sul da Lusitânia, encontrando-se Sines ainda nesta área de influência. (Wrench, 2008:762)
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

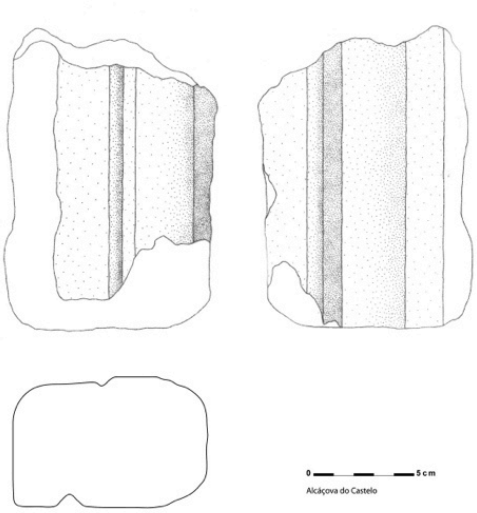
Nº catálogo: 77
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela de mármore branco de grão fino.
Descrição: Apresenta as duas faces trabalhadas e decorada com um a moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.
Dimensões: Altura 10,5 cm; largura 8,5 cm; espessura 4,6 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita



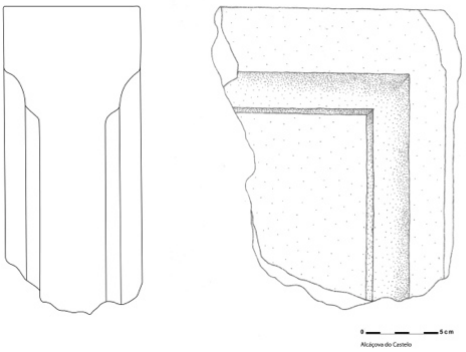
Nº catálogo: 78
Nº inventário: MM. CR.00037
Identificação: Fragmento de placa de mármore branco de grão médio.
Descrição: Decorado com uma moldura geométrica simplificada. Não excluímos a hipótese de se tratar de uma fragmento de mesa de altar oi de cancela dado que tem um orifício de fixação.
Dimensões: Altura 18 cm; largura 46 cm; espessura 8 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Lopes 2012: 93



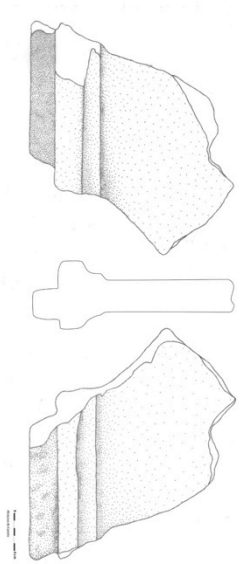
Nº catálogo: 79
Nº inventário:
Identificação: Parte superior de cancela de mármore cinzento de grão medio.
Descrição: Trabalhada nas suas duas faces com um fino sulco talhado a bisel
Dimensões: Altura 15cm; largura 10,6 cm; espessura 6,5 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita



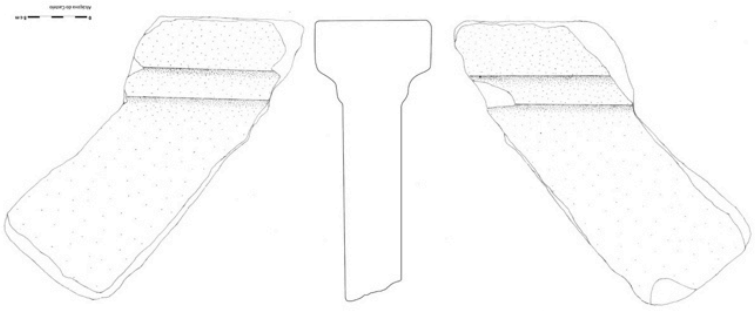
Nº catálogo: 80
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela de mármore branco de grão fino.
Descrição: trabalhada nas suas faces com uma moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.
Dimensões: Altura 20,8 cm; largura 17,4 cm; espessura 9,4 e 4,5 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 81
Nº inventário:
Identificação: Fragmento lateral de cancela de mármore branco de grão fino.
Descrição: Trabalhada nas suas faces com uma moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.
Possui o encaixe lateral para a fixação a um pilastrim de cancela.
Dimensões: Altura 26,5 cm; largura 30,8 cm; espessura 9 e 4,5 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

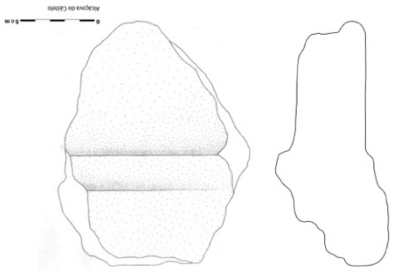


Nº catálogo: 82
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela, parte superior, de mármore branco de grão fino.
Descrição: Trabalhada nas suas faces com uma moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.



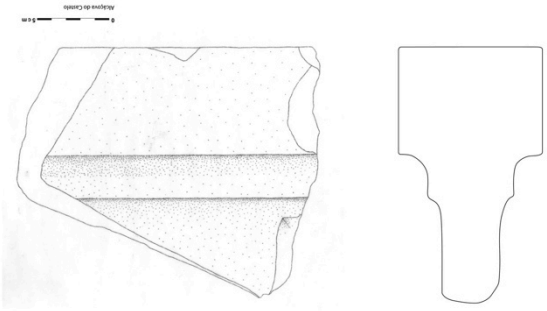
Dimensões: Altura 23,7cm; largura 25,4 cm; espessura máxima 9,9 cm mínima 4,8 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 83
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela, parte inferior, de mármore branco de grão fino.
Descrição: Trabalhada nas suas faces com uma moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.



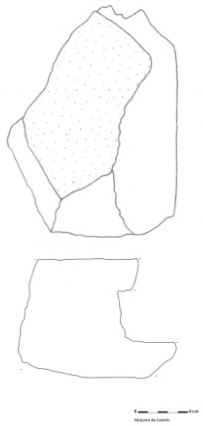
Dimensões: Altura 16,5 cm; largura 12,8 cm; espessura 7,5 e 4,7 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 84
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de cancela, parte superior, de mármore branco de grão fino.
Descrição: Trabalhada nas suas faces com uma moldura geométrica. Apresenta as superfícies polidas.

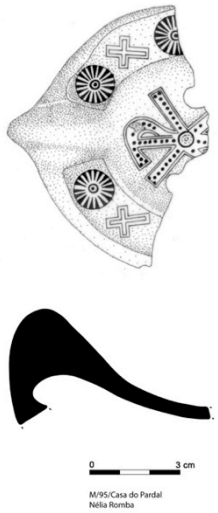


Dimensões: Altura 17,5 cm; largura 21 cm; espessura 10 e 4 cm.
Cronologia: Séculos V -VII d.C..
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita

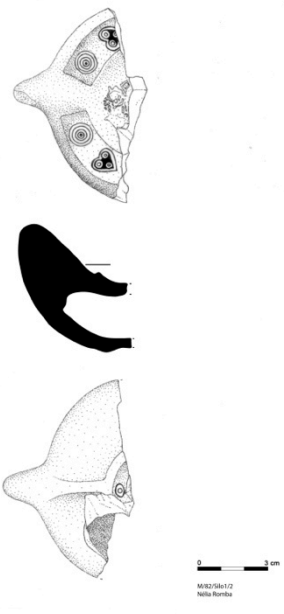
Nº catálogo: 85
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pilastrim de cancela de mármore branco muito fino.
Descrição: Apresenta as duas faces muito polidas, lateralmente possui uma ranhura longitudinal que servia de suporte à cancela.
Dimensões: Altura 23,3 cm; largura 17 cm; espessura 12 cm.
Cronologia: Século V - VII.
Proveniência: Alcáçova do Castelo
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 86
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna Terra sigillata africana D, tipo 66 (Bonifay, 2004: 403 fig. 225 nº 22);
Descrição: Possui no disco um crismon decorado com um pontilhado. A orla é decorada com círculos radiais e cruzes. Conserva os dois orifícios de alimentação e parte da assa.
Dimensões: Altura 4 cm; largura 8,8 cm; espessura 0,4 cm.
Cronologia: Fins do século V inícios do VI.
Proveniência: Casa do Pardal, este sítio intervencionado em 1993 proporcionou um importante conjunto de materiais desde o período republicano até aos fins do período islâmico. A quantidade e a sobreposição dos estratos foi interpretada como tratando-se de um enorme vertedouro de detritos
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 87
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna Terra sigillata africana D, tipo 69 (Bonifay, 2004: 412, fig. 230 nº 12);
Descrição: A orla é decorada com uma sequencia de círculos concêntricos e de motivos cordiformes ornados com círculos. Na base possui uma marca, possivelmente de oleiro da que resta um pequeno circulo.
Dimensões: Altura 5,5 cm; largura 8,5 cm; comprimento 5,6 espessura 0,5 cm.
Cronologia. Finais do século VI até aos inícios do século VIII (Bonifay, 2004: 413).
Proveniência: M82/ silo 1/2
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 88
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, que é plano. Estilo A(ii) de Hayes: círculos concêntricos e palmetas – Forma indeterminada: prato (?)
Descrição: Na zona central, observa-se restos de um motivo fitomórfico estampilhado que deveria ser composto por várias palmetas em estrela, intercaladas com círculos concêntricos igualmente estampilhados. Seguem-se, em direção ao exterior, duas caneluras circunferenciais que são sucedidas pelos restos de uma teoria de círculos concêntricos.
Dimensões: Altura 5 cm; largura 4,3 cm; espessura 0,5 cm.
Cronologia meados do século IV até finais do V.
Proveniência: Alcáçova de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 89
Nº inventário:

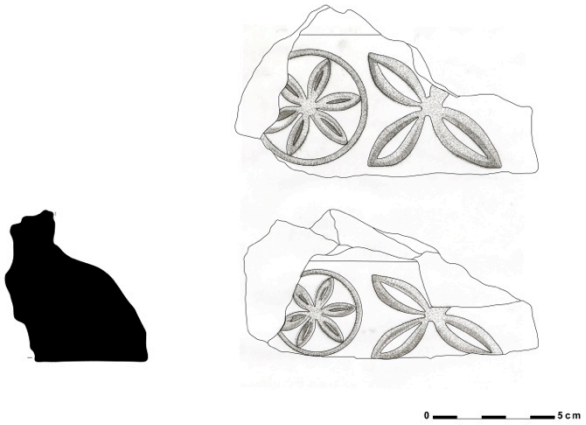
Identificação: Trata-se de um fragmento de fundo, com pé, possivelmente da forma 3 ou 5 de Hayes, (1972 e Delgado, 1992: 129).
Descrição: Fragmento de pé anelar baixo, na base do pé possui uma canelura.
Dimensões: Altura 1,1 cm; largura 3,4 cm;
Cronologia: meados do século V e meados do século VI.
Proveniência: Alcáçova de Mértola procedemos ao desmonte de um bloco de opus caementicium que possivelmente cobria a ábside do batistério I. Trabalhos realizados em setembro de 1995.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 90
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de vidro decorado com finas incisões.
Descrição: Fragmento de vidro azul transparente com uma representação arquitectónica onde se distinguem duas passagens entre colunas(?) encimadas por duas janelas de gradeamento quadrangular e uma possível marcação do telhado.
Dimensões: Altura 3,5 cm; largura 2,5 cm, espessura 0,2 cm;

Cronologia: Em Mérida foi descoberta em 2001 uma Ampulla com uma representação da cidade de Puteoli, datada do século III (Bejarano Osorio, 2012: 214). O caso do fragmento de vidro de Mértola é decorado com uma técnica mais simples e poderá pertencer ao século V – VI.
Proveniência: Casa do Pardal 1995.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 91
Nº inventário: MM. CR.00125
Identificação: Fragmento de tijolo ou friso.
Descrição: Elemento cerâmico decorado com uma sequência de florões de quatro e seis pétalas. Um dos florões inscreve-se num circulo. Pasta bege clara.
Dimensões: Comprimento 12 cm; largura 7 cm; espessura 4 cm.
Cronologia: Séculos IV – V d. C..
Proveniência: M881/AH/Z1/Perfil Norte (interior do criptopórtico).
Bibliografia: Lopes, 2012: 130.

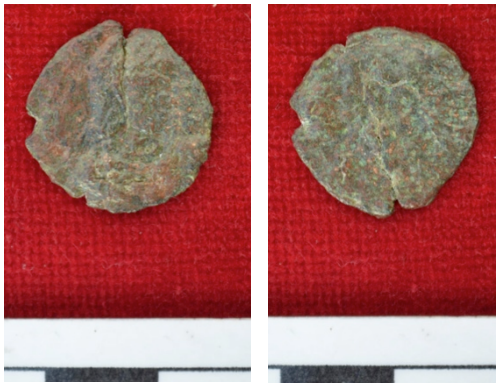


Nº catálogo: 93
Nº Inventário: 27
Identificação: Nummus, Delmácio, Constantinopla, (RIC VII141).
Descrição: Anverso: FL DELMATIVS NOB C; busto laureado para a direita, drapeado e couraçado
Reverso: GLOR-IA EXERC-ITVS; dois soldados armados de lança e escudo; entre eles, um estandarte
Marca: — —//CONS[...]:
Dimensões: Diâmetro 15 mm; peso 1,62 g. 6h.
Cronologia: 336-337 d.C.
Proveniência: M/1990/Q.40/N.1A
Bibliografia: Inédita. (Peça rara)

Nº catálogo: 94
Nº Inventário: 1
Identificação: Nummus,
Descrição: Anverso: Ilegível; busto laureado para a direita, couraçado.
Reverso: Ilegível (tipo Gloria Exercitus); dois soldados armados de lança e escudo; entre eles, um estandarte.
Dimensões: Peso 1,33 g; diâmetro 14 mm. 12h.
Cronologia Imperador Indeterminado, 335-340 d.C.,
Proveniência: 1982/Q.6B/N.4A/Cont. 189
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 95
Nº Inventário: 35
Identificação: Nummus, Constâncio II, Casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: CONSTANTI-VS P F AVG; busto para a direita, com diadema de rosetas (?), drapeado e couraçado
Reverso: VICTORIAE DD AVGGQ NN; duas Vitórias frente-a-frente, com palma e coroa
Marca: —//?
Dimensões: Peso1,64 g; diâmetro 15mm. 6h.
Cronologia: 347-348.
Proveniência: M/1987/Q. 2k/N. 1A/Sep. 250
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 96
Nº Inventário: 7
Identificação: AE3, Constâncio II, Galo ou Juliano, Casa da moeda indeterminada.
Descrição: Anverso: Ilegível; Busto para a direita (...)
Reverso: [FEL TEMP RE]PARATIO; Soldado atacando cavaleiro derrubado.
Marca: ??//?
Dimensões: Peso: 1,67 g; diâmetro 14 mm. 12h.
Cronologia: 353-358.
Proveniência: M/2000/Q. 1/2 H/n. 1c, zona do mosaico (crivo)
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 97
Nº Inventário: 31
Identificação: AE3, Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano. Casa da moeda indeterminada.
Descrição: Anverso: Ilegível; busto para a direita, de cabeça descoberta, drapeado e couraçado
Reverso: Ilegível (tipo indeterminado)
Dimensões: Peso 2,02 g; diâmetro 17 mm.
Cronologia, 353-358.
Proveniência: M/1991/Casa I/Comp. II
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 98
Nº Inventário: 33
Identificação: Ae3, Valentiniano I, Valente ou Valentiniano II, casa da moeda indeterminada.
Descrição: busto grande Anverso: DN VALEN[...]; busto para a direita., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [SEC]VRITAS [REIPVBLICAE]; Vitória caminhando para a esquerda. Marca: ? ?//?
Dimensões: Peso 1,03 g; diâmetro 16 mm. 6h.
Cronologia: 364-378 d.C.
Proveniência: 1985/Q. 50/Rec. Sup.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 99
Nº Inventário: 71
Identificação: AE2, Valentiniano II, Roma (RIC IX 43c).
Descrição: Anverso: DN VALENTINIANVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Rev.: REPARATIO [REIPVB]; Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: — —//SMRQ
Dimensões: Peso 5,04 g; diâmetro 23 mm. 12/1h.
Cronologia: 378-383 d.C.,
Proveniência: M/2000/Q. 5K/n. 1b, Sep. 648
Bibliografia: Inédita.

Nº catálogo: 100
Nº Inventário: 62
Identificação: AE2, Valentiniano II, Siscia, (RIC IX 26b).
Descrição: Anverso [DN VAL]ENTINIANVS IVN P F AVG; busto para a direita com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [REPARATIO] REIPVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada.
Marca: — —//*BSISC
Dimensões: Peso: 3,97g; diâmetro 24 mm, 6h.
Cronologia: 378-383 d.C.
Proveniência: M- 1996/Q. 4K/n. 1c, casa XII, comp. 4
Bibliografia: Inédita.

Nº catálogo: 101
Nº Inventário: 30
Identificação: AE2, Imperador Indeterminado, Casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: Ilegível; busto para a dta., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: Ilegível. Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: ?
Dimensões: Peso: 5,78 g; diâmetro: 22 mm; 12h.
Cronologia: 378-387 d.C.,
Proveniência: M/1980/Q.4A/Sep. 14
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 102
Nº Inventário: 3
Identificação: AE2, Graciano, Aquileia, (RIC IX 30a).
Descrição: Anverso: DN GRATIA-NVS P F AVG; busto para a direita., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: REPARATIO REIPVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: — —//SMAQS
Dimensões: Peso: 3,91g; diâmetro: 23 mm, 6h.
Cronologia: 378-383 d.C.
Proveniência: M/1981/Q.3B/N.1A/abertura da quadrícula
Bibliografia: Inédita.

Nº catálogo: 103
Nº Inventário: 44
Identificação: AE2, Teodósio, Casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: DN THEODO-SIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [GLORIA ROMANORVM]; Imperador com lábaro e globo
Marca: — —//[...]
Dimensões: Peso: 3,50g; diâmetro: 20mm. 6h.
Cronologia: 393-395 d.C.
Proveniência: M/1992/Q. 7 O/n. 1b
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 104
Nº Inventário: 6
Identificação: AE2, Honório, Casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: DN HONORIVS P F AVG; busto para a dta., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: Ilegível; tipo Gloria Romanorum; Imperador com lábaro e globo

Dimensões: Peso 3,83 g; diâmetro 20 mm. 12h
Cronologia 393-395 d.C.,
Proveniência: M/Galeria A/Q.A/N. 1b
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo:105
Nº Inventário: 32
Identificação: AE2, Arcádio, Casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: DN ARCADI-[VS P F AVG] ; busto para a dta., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [GLORIA] ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo
Marca: — —//?
Dimensões: Peso 4,06 g; diâmetro 20 mm. 4/5h
Cronologia: 393-395 d.C.,
Proveniência: M/1998/Recolha de superfície.
Bibliografia: Inédita

4.5.2 Encosta do castelo

4.5.2.1. Os edifícios

Esta zona corresponde ao espaço situado entre o castelo e o caminho de acesso ao cemitério, estende-se por uma área de aproximadamente 2000 m2, dos quais foram parcialmente escavados cerca de 725 m2. Esta zona apresenta um forte declive, com cotas situadas em torno dos 78 metros, junto à torre de menagem, e os 68 metros junto ao caminho de acesso a cemitério. A ocupação deste espaço é mal conhecida, dado que os trabalhos arqueológicos estão longe de estarem concluídos, no entanto, a análise das estruturas postas a descoberto, permite avançar com algumas hipóteses interpretativas de leitura do espaço.

Fig. 87 –Mértola vista de Norte.

Os trabalhos desenvolvidos nesta área identificaram parte da necrópole cristã que se instalou no local nos finais do século XIII inícios do XIV. Nesta área a necrópole apresentava uma menor concentração de enterramentos, no entanto não deixaram de causar perturbações nas estruturas habitacionais do período Islâmico. Deste período

apenas foi identificada a planimetria da casa VII e, como refere S. Macias, "não se encontra na encosta uma ocupação equiparável, em termos cronológicos, à da zona palatina. Quer isto dizer que, enquanto neste último espaço é possível identificar um conjunto de edificações construídas na segunda metade do século XII, na área da encosta não há qualquer construção que se possa com segurança atribuir a esse período" (Macias, 2006: 222).

Fig. 88 – Vista aérea da plataforma norte do Castelo.

Outro dos aspetos que condicionou a leitura dos vestígios arqueológicos, existentes nas imediações da torre de menagem do castelo, foram as obras de remodelação do castelo, levadas a cabo nos finais do século XIII, e que implicaram certamente a reutilização dos materiais pétreos disponíveis das anteriores construções. No entanto na plataforma superior é observável um conjunto de estruturas alvo de trabalhos arqueológicos realizados nos anos 80 e 90 do século XX, mas que ainda não estão concluídos. Para uma melhor compreensão das estruturas seria necessário proceder ao desmonte das construções posteriores que redimensionaram o espaço, contudo sem um propósito muito claro. Nalguns casos, as estruturas pré-existentes são reforçadas com a

construção de muros paralelos, com uma largura semelhante mais frequente em construções de carácter militar, ou que implicasse a construção de pisos superiores.

As construções foram condicionadas pela topografia, o que levou a solução que passaram pela criação de plataformas dispostas em socalcos, permitindo assim vencer a forte inclinação do terreno.

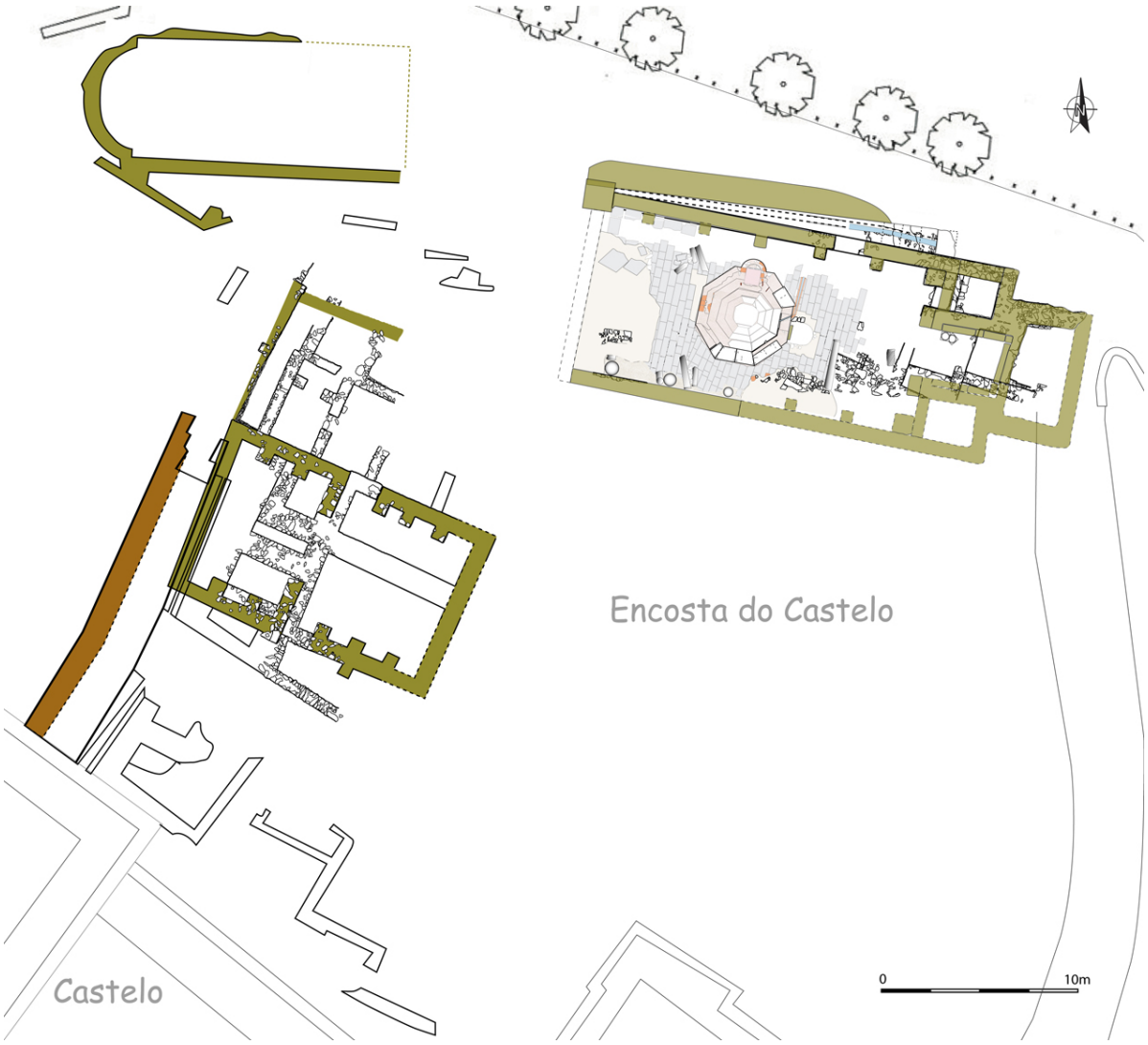


Fig. 89 – Estruturas da Antiguidade Tardia da encosta do castelo.

As estruturas em análise estão situadas nas imediações da torre de menagem do castelo e encostam ao lanço de muralha virado à ribeira de Oeiras. Nesta plataforma foram identificadas construções contíguas que, pela localização, técnica construtiva e pela análise planimétrica, poderão ser enquadráveis no complexo religioso anteriormente abordado.

Trata-se de dois espaços interligados com uma orientação que é, grosso modo, nascente poente. A construção tem de comprimento máximo interior de 12,40 m e de largura máxima interior 8 m; a largura dos muros ronda os 75 cm sendo, pontualmente, em espaçamentos desiguais, reforçado por contrafortes retangulares com métricas situadas entre os 55 e os 60 cm. Os muros interiores possuem uma largura de 70 cm. Nos alçados conservados a altura das estruturas situa-se entre os 1,75 m, no muro situado a sul, e os 2,10 m no muro localizado a norte.

Nesta edificação são observáveis três passagens, que também foram alvo de um entaipamento posterior: uma delas permitia a comunicação no sentido longitudinal (direção nascente poente) e possui um vão de 3,40 m; dois outros vãos fariam a ligação transversal entre os espaços, tendo a abertura situada no muro norte, 1,64 m, e a situada no muro sul 1,38 m.

Fig. 90 – Vista geral das estruturas da plataforma superior.

Paralelamente a esta estrutura existe uma outra, situada a norte, da qual apenas três dos seus lados estão identificáveis. Este compartimento apresenta uma largura de 7 m e regista-se um comprimento de 5,80 m. No lado poente o alçado conserva uma altura máxima de 2,10 m, no lado oposto, não é percetível a estrutura delimitadora deste espaço, refira-se que este compartimento apenas se encontra sumariamente delineado, pois o espaço superior foi ocupado por uma casa do período islâmico – casa VII - sendo também o limite sudoeste da necrópole medieval pós-reconquista.

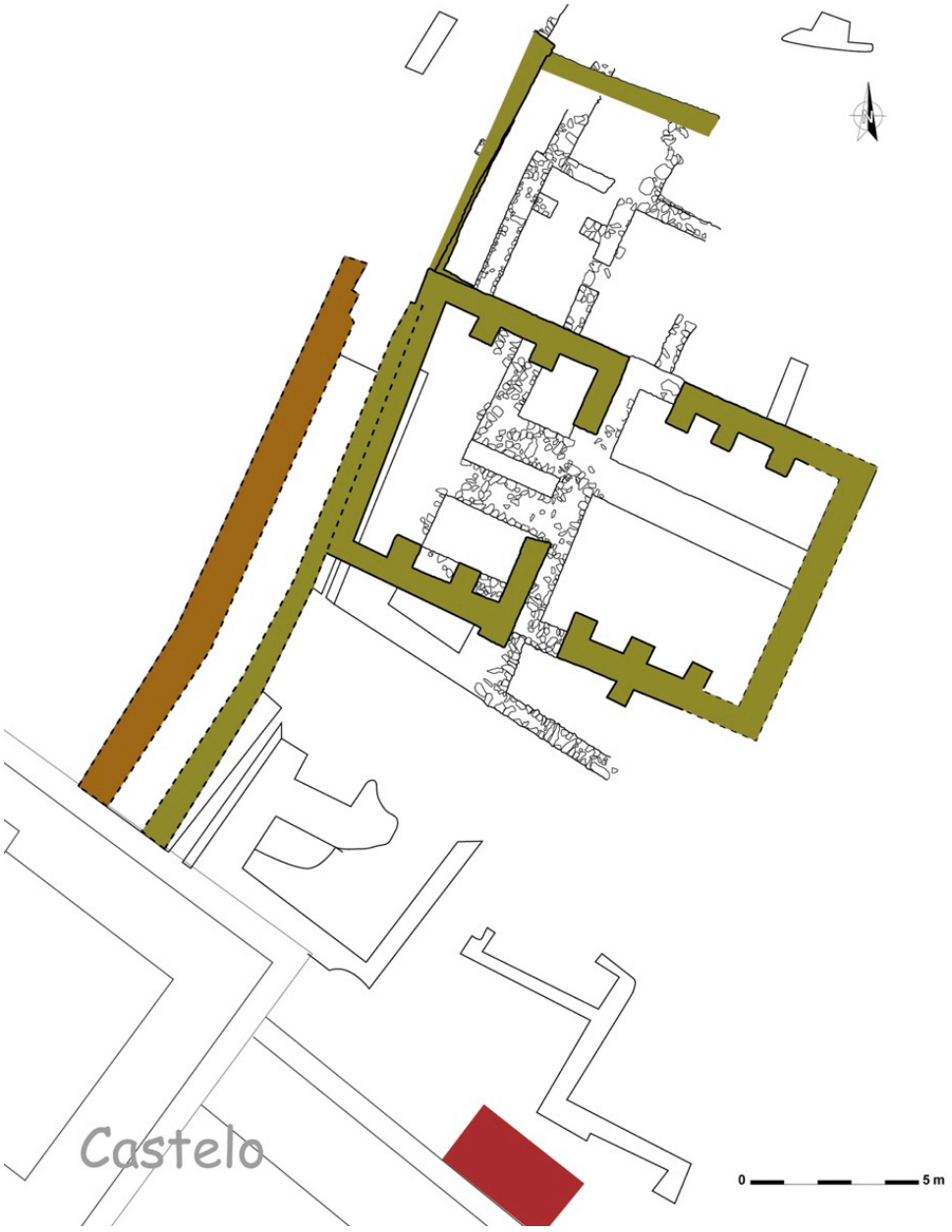


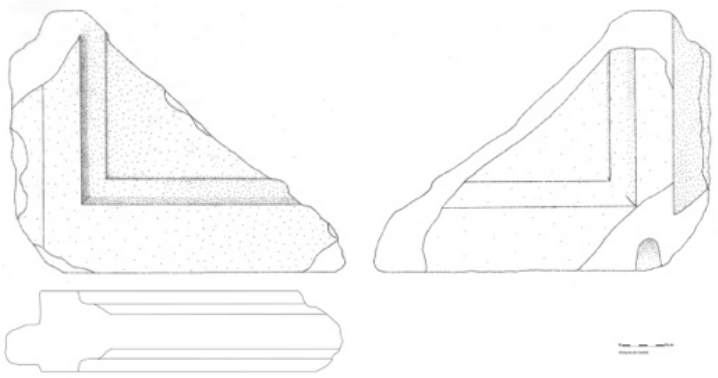
Fig. 91– Planta esquemática das estruturas da plataforma superior

Os muros são constituídos maioritariamente por uma alvenaria de xisto local, bem facetada, e ligados por uma consistente argamassa. Possuem, pontualmente, elementos marmóreos e tijolos reutilizados de outras construções, em alguns alçados conservam-se parte do revestimento constituído por argamassa de cal. Pela análise dos alçados é de referir a forma regular da construção, com uma alternância entre camadas de pedras de maior dimensão (cerca de 50-60 cm de altura), com finas lajes de xisto (com cerca de 30 cm de altura). Nos alçados estão visíveis os orifícios para a colocação dos elementos horizontais dos andaimes de madeira, empregues na construção.

Suponho que os conjuntos de construções são possivelmente coetâneas, dado que, apresentarem uma técnica construtiva e a uma métrica semelhante, no entanto, não apresentam a mesma orientação, facto que suponho estar relacionado com a topografia do terreno. Possivelmente os edifícios fariam parte do mesmo conjunto, adaptam-se às condições topográficas e têm uma implantação em três plataformas, situadas a cotas diferentes (plataforma superior as construções estão à cota média de 75 m, na plataforma intermédia o pavimento está à cota de 70,50 m, e o pavimento da basílica que está situado à cota de 67.40 m).

4.5.2.1.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 106
Nº de inventário:
Identificação: Parte inferior de cancela de mármore branco de grão fino.
Descrição: O fragmento está trabalhado nas duas faces com uma moldura geométrica de meia cana com um fino polimento. Apresenta um orifício para colocação de metal para a sua fixação.



Dimensões: Altura 32 cm; largura 40,3 cm; espessura 9,5 e 4,1cm.
Cronologia
Proveniência: Encosta do castelo cortina norte da muralha, recolha de 2013.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 107
Nº de inventário: 24
Identificação: Ae2, Constante, Aquileia (RIC VIII 113).
Descrição: Anverso: DN CONSTA-NS P F AVG; letra A atrás do busto; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: FEL TEMP REPARATIO; Imperador em galera conduzido pela Vitória
Marca: ? —//AQT•

Dimensões: peso 4,19g, diâmetro 25mm, 6h.
Cronologia: 348-350 d.C.,
Proveniência: M.1989/Q. 14B/rec. sup
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 108
Nº de inventário:28
Identificação: AE2, Magno Máximo, Arles (RIC IX 26a).
Descrição: Anverso: DN MAG MAXI-[MVS P F AVG] ; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Rev.: REPARATIO REIPVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: — —//?CON
Dimensões: Peso 3,59g, diâmetro 22mm, 12h.
Cronologia: 383-387 d.C.
Proveniência: Mértola/Encosta Castelo Q. 13C/N. 1b
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 109
Nº de inventário: 64
Identificação: Ae2, Graciano
Descrição: Anverso: DN GRATIA-NVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [REPARATIO REI]PVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: — —//?
Dimensões: Peso 4,77g, diâmetro 22mm, 6h.
Cronologia: 378-383 d.C.,
Proveniência: M.1989/Q. 15C/n. 1a
Bibliografia: Inédita

4.5.2.2. Batistério II

4.5.2.2.1 A escavação arqueológica

A plataforma intermédia da encosta do castelo foi alvo de trabalhos arqueológicos, que decorreram durante os ano 80 do século XX, apesar de as escavações arqueológicas se terem centrado na parte da necrópole medieval e nos vestígios do bairro islâmico. Dos vestígios arqueológicos islâmicos faziam parte duas fossas sépticas que foram abertas em profundidade[53]. O espólio cerâmico proveniente destas estruturas foi estudado por S. Macias que o datou "entre meados do século XI e meados do século XII" (Macias, 1992: 32). Na planta publicada pelo mesmo autor registava, a uma cota mais baixa que as estruturas islâmicas, a existência de elementos de construções diferentes sobre o ponto de vista construtivo (Macias, 1992: 28, mapa 1) nas quais se deixava antever vestígios de silhares, fustes de mármore e placas de calcário de um pavimento.

Fig. 92 - Vista geral da área intervencionada em 2013.

[53] Tendo o designado silo 4 uma profundidade de 1,80 m e o silo 5 uma profundidade de 1,95 m.

Durante as últimas décadas o local tem servido de espaço de trabalho e de aprendizagem dos alunos dos cursos profissionais de Assistente de Arqueólogo da Escola Profissional Alsud que, para além de trabalhos de escavação, têm realizado, de forma experimental, trabalhos de consolidação de estruturas.

Nos finais de maio, do corrente ano, a equipa do CAM procedeu a uma escavação no local com o objetivo de compreender a sequência ocupacional daquela área. Depois de se ter feito a limpeza e o registo das estruturas islâmicas procedeu-se ao seu desmonte progressivo. Paralelamente procurámos desenvolver o trabalho arqueológico em área o que implicou a escavação das sepulturas da necrópole pós-reconquista, desenvolvemos então um trabalho em área e em profundidade.

Fig. 93 – Estruturas islâmicas da área intervencionada.

Depois da remoção das estruturas islâmicas, que apresentavam vários momentos de ocupação, a sequência estratigrafia revelou uma espessa camada, constituída por blocos de lajes de xisto ligadas por argamassa, que foi interpretado com tratar-se de um derrube de uma estrutura. Pontualmente este nível de derrubes encontrava-se interrompido pelas fundações das estruturas islâmicas. Contudo, nas áreas seladas pelos derrubes, verificou-se que, abaixo destes, os níveis eram constituídos por fragmentos de *tegulae* e de *imbrices* e, ainda, restos de pedras com vestígios de argamassa.

Entretanto, com o decorrer da escavação em profundidade, começa a definir-se uma estrutura octogonal que, em quatro dos seus lados, estava capeada com silhares de

mármore. Posteriormente, fez-se a escavação simultânea do interior e do exterior da estrutura: na parte exterior, por debaixo dos níveis dos derrubes da cobertura, apareceram fragmentos de argamassa pintada/estuques e fragmentos de fustes de colunas de mármore.

Fig. 94 – Escavação das estruturas do batistério II.

No interior do octógono verificaram-se duas situações distintas: na parte situada a oeste os níveis islâmicos desenvolveram-se em profundidade e prolongaram-se até à cota do último degrau, tendo espoliado as placas de mármore que capeavam a estrutura em *opus signinum*, com um elevado grau de dureza; na parte este da estrutura octogonal a estratigrafia era constituída por tijolos, fragmentos de estuques e elementos de cancelas de mármore. O ultimo nível da estrutura octogonal era constituído por terra e restos de fragmentos de cancela. Paralelamente, foi escavado o nicho retangular, situado ao centro, do lado norte do octógono. A escavação desta área veio a revelar, exteriormente, uma estrutura com a forma de meio círculo, argamassada nas suas duas faces, e uma secção de cancela localizada *in situ*. O interior deste espaço encontrava-se colmatado com fragmentos de cancela, tijolos e *tegulae*. O fundo desta estrutura era argamassado, formando uma ligeira concavidade no centro. Em cada um dos lados do nicho foram registados restos de duas chapas de ferro embutida na

estrutura de *opus signinum*, possivelmente relacionadas com a sustentação de uma outra cancela que se localizaria paralela à que se encontra *in situ*.

O edifício, onde se insere esta estrutura octogonal, apenas foi parcialmente escavado mas, no entanto, os elementos existentes apontam para as seguintes dimensões interiores: comprimento máximo 23 m, de largura 7,75. A sul, o edifício conserva um muro com 60 cm de largura e com um alçado de 2,74 m; no lado oposto um muro com cerca de 55 cm de largura, que se prolonga por uma extensão de 19 m. A norte desenvolve-se um outro muro com uma largura de 80 cm e que possui reboco na parte interior. Embutida entre estas duas estruturas desenvolvia-se uma canalização, de forma retangular, que termina numa construção com três degraus situados a um nível superior.

O limite este foi parcialmente destruído, no entanto a limpeza das áreas anteriormente intervencionadas, e a escavação em profundidade realizada durante o mês de julho, pós a descoberto vários compartimentos paralelos. O espaço central é mais comprido que o anterior mas, no entanto, a escavação arqueológica não revelou a sua largura. Contudo, a centralidade deste compartimento, o aparecimento de duas bases de coluna e um fragmento de cancela sugere poder tratar-se do local da implantação do altar.

O conjunto apresenta uma coerência construtiva mas, na parte ocidental do edifício, distinguem-se vários etapas. Parece, pois, que os compartimentos situados a este encostam em estruturas pré-existentes sendo, por isso, de um momento construtivo posterior. Por outro lado, os muros que delimitam o compartimento central foram reforçados inicialmente com pilastras adoçadas e, posteriormente, com o preenchimento dos vãos deixados pelos elementos construtivos anteriores. De referir que a largura das colunas é coincidente com as dimensões das pilastras, a cota superior destas é também coincidente com a camada de assentamento das lajes de pavimentação do edifício. Estamos, assim, perante um acrescento do edifício inicial onde as técnicas e os materiais são coincidentes com as estruturas do momento construtivo anterior.

Paralelo ao muro delimitador do edifício, a sul, foram postas a descoberto três bases de colunas de mármore, localizadas *in situ*, e que permitem definir um intercolúnio com um espaçamento de 2,70 m. No lado oposto, no sentido perpendicular, existe um conjunto de três estruturas de alvenaria de forma quadrangular[54], adossadas ao muro norte, e que se encontram alinhadas com o intercolúnio mantendo uma cadência semelhante, pelo que sou levados a pensar que se trata do local de colocação de bases de colunas. A escavação revelou, junto às bases, restos de fustes de coluna em mármore, partidos mas reconstituíveis, com uma métricas em torno dos 2,35 m e 2,3055. No lado oposto, defronte das estruturas, que suponho que se trata do local de colocação de bases de coluna, foram também encontrados fragmentos de fustes de coluna, o que vem reforçar a hipótese interpretativa que proponho para estas estruturas.

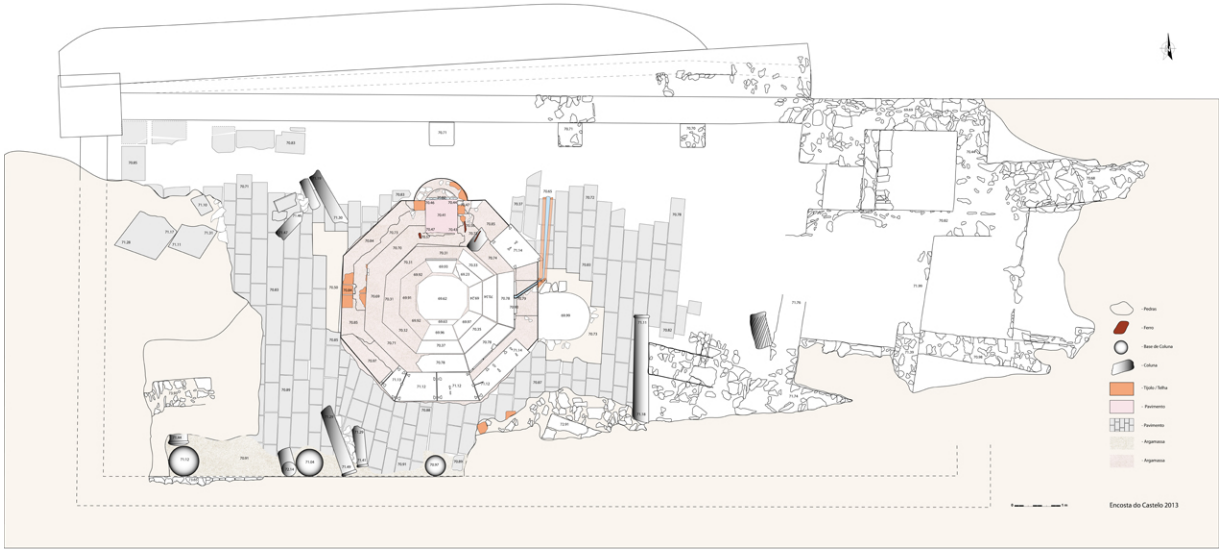


Fig. 95 – Estruturas postas a descoberto do batistério II.

Grande parte do pavimento posto a descoberto preservava *in situ* o empedrado feito com lajes de calcário retangular[56], e duas lajes de mármore que contem letras gravadas. A disposição deste pavimento fez-se de forma regular na maior parte conservada, no entanto, no lado sul e sudoeste do octógono, as lajes estão dispostas de

[54] Com cerca de 50 cm de lado métrica que se aproxima das medidas médias dos plintos das bases de coluna encontradas no lado oposto in situ.
[55] O diâmetro destes fragmentos de fuste de coluna ronda os 30 cm.
[56] Lajes retangulares de calcário cuja métrica varia entre os 50-70 cm de comprimento, 30 de largura e 10 de espessura, refira-se que este é o único edifício em Mértola que conhecemos que emprega placas de calcário a nível da pavimentação de estruturas.

forma ligeiramente enviusada, havendo três fiadas que apresentam placas com contornos irregulares mas perfeitamente integradas na pavimentação. Na parte norte e este do edifício verifica-se a ausência de pavimentação pois algumas destas lajes encontravam-se integradas nos muros das casas islâmicas situadas nas imediações.

Os limites a poente do edifício, apesar da escavação nesta área não estar concluída, parecem ser dados por um muro de alvenaria com cerca de 65 cm de largura e uma estrutura quadrangular57 fortemente ligada por argamassa e que reemprega materiais marmóreos na sua construção. Na parte virada a nascente é observável o prolongamento do muro norte e que define dois compartimento de formas quadrangulares[58] . A diferença de cotas entre a zona pavimentada e o limite vertical das estruturas situadas na parte este é de 2,26m[59], o que faz supor que este espaço possa ter tido as funções de cripta, no entanto, dado tratar-se de escavações antigas, não possuo qualquer registo arqueológico que me permitam reconstituir a estratigrafia observada no local. No entanto verifica-se que as estruturas, nesta parte do edifício, apresentam muros com uma maior largura, 70 cm, facto que pode ser relacionado com a possibilidade da existência de um espaço abobadado.

Menos claros são os limites este do edifício: por um lado a escavação não foi ainda concluída, por outro lado o acesso o castelo destruiu os limites desta construção. No entanto os trabalhos desenvolvidos recentemente nesta zona apontam para a existência de um espaço retangular, ladeado pelas estruturas que suponho que sejam de uma cripta como referido anteriormente.

[57] Com 1,35 m de lado.
[58] O mais pequeno situado no extremo noroeste do edifício com as medidas interiores de 2,03 m de comprimento por 1,80 m de largura, a que se acedia por um pequeno corredor com escadas, da quais só se conservam dois degraus. O alçado sul, o melhor conservado possui uma altura de 2,26, altura suficiente para criar uma cripta.
[59] Cota do pavimento de lajes de calcário: 70,82 m e a cota do pavimento do compartimento retangular: 68,56 m.

4.5.2.2.2 As estruturas

Os muros que delimitavam o edifício foram construídos recorrendo, maioritariamente, ao xisto local que, disposto em fiadas paralelas, era ligado por argamassa. Pelo que nos foi dado constatar, na parede sul do edifício, a alvenaria era depois rebocada com pelo menos duas camadas de argamassa. A nível dos pavimentos foram empregues as já referidas placas de calcário.

Merecem especial atenção as técnicas e os materiais construtivos empregues na estrutura octogonal: um muro de alvenaria com 50 cm de largura, envolvente do tanque desenha um octógono; a abertura da fossa séptica que se encostou no lado nascente do tanque permitiu ver o alçado exterior constituído por muros de alvenaria de xisto fortemente argamassados e que, pontualmente, utiliza tijolos. No lado poente, fruto da espoliação de materiais, foram removidas várias placas do pavimento tendo a escavação realizada nesse local constatado que, nesse lado, o modus construtivo foi o mesmo.

Fig. 96 – A escavação dos níveis do batistério II.

No topo a construção era feita recorrendo a silhares de mármore, que foram cortados de modo a que os seus ângulos encaixem perfeitamente. Deste capeamento conservam-se cinco blocos *in situ*, permitindo constatar que os mesmos eram unidos lateralmente

com grampos metálicos fixados com chumbo, dos quais só restaram as ranhuras abertas na pedra em forma de cauda de milhafre, tão utilizados nas construções dos primeiros séculos da nossa era. Na superfície da pedras foram abertas pequenas ranhuras, que se dispunham com intervalos regulares de 50 cm, e que interpreto como sendo orifícios que permitiam a fixação das cancelas ou de outros elementos marmóreos.

O interior do tanque foi construído em *opus caementicium*, que apresenta uma cor rosada semelhante ao *opus signinum*. O tanque estrutura-se, interiormente, com três degraus construídos com a utilização de cofragens de madeira onde, posteriormente, foi vertida a argamassa líquida. Posteriormente, os degraus foram revestidos com finas placas de mármore, recortadas de forma a encaixarem umas nas outras e colocadas nas superfícies horizontais e verticais do tanque. O fundo é revestido com uma placa de mármore que descreve um octógono imperfeito onde os lados apresentam ligeiras diferenças métricas. As placas que se encontravam na posição vertical eram fixadas com recursos a grampos de ferro que, nalguns casos, se constatou que tinham sido originariamente embutidos na argamassa.
No lado norte do octógono, situado ao centro, existe um nicho retangular que se prolonga para o exterior da estrutura. Exteriormente existe uma estrutura com a forma de meio círculo, argamassada nas suas duas faces, e que preserva uma secção de cancela localizada in situ. No lado oposto, virado para o centro do tanque, foram descobertas duas chapas de metal, possivelmente destinadas a suster uma cancela.

No lado ocidental o tanque possui um desagúe, constituído por um orifício na placa de mármore colocada na vertical e que atravessa o muro de forma transversal; neste local apenas restam o negativo da tubagem metálica, entretanto desaparecida. A canalização, constituída por *imbrices*, segue depois para norte, por debaixo das lajes do pavimento, na direção da canalização maior, no entanto a ligação foi destruída pelas ocupações posteriores.

Pelos vestígios observados depreendo a existência de um edifício de planta quadrangular, com uma possível cabeceira tripartida. No interior, paralelo aos muros delimitadores do edifício a norte e a sul, desenvolviam-se duas colunatas laterais,

alinhadas, compostas por bases, colunas e capitéis, sendo o intercolúnio de 2,70 m e um vão de 7,20 m. A sequência estratigráfica, nas áreas que não foram afetadas pelas espoliações de materiais dos períodos subsequentes, demonstra que o edifício ruiu, verificando-se que os materiais de revestimento se encontravam junto ao pavimento e sobre eles os tijolos, os fragmentos de cancela e as colunas e, posteriormente, os níveis de derrubes de lajes argamassada.

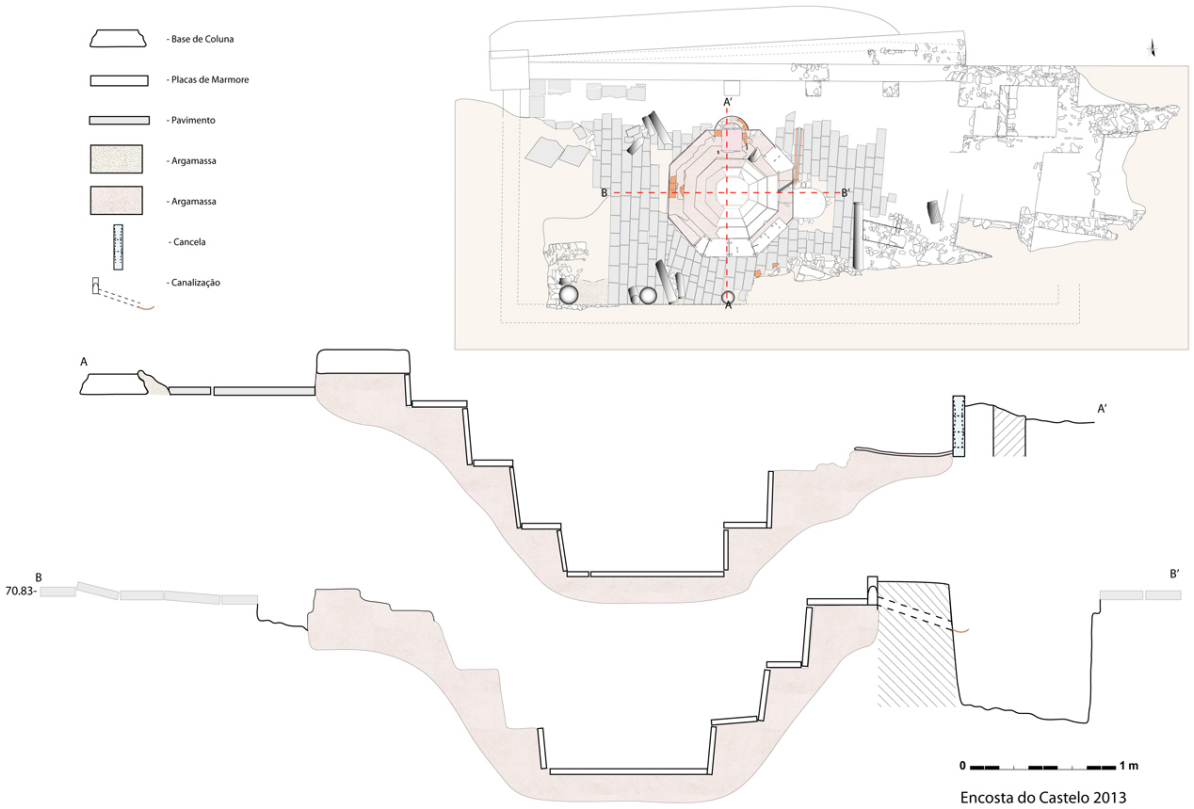


Fig. 97 – Corte do tanque do batistério II

O edifício tinha um tanque de forma octogonal estruturado interiormente com degraus e revestido a placas de mármore. Da construção fazem parte ainda as bases de coluna colocadas *in situ* e os fragmentos e as colunas de mármore. Do programa decorativo incluem-se dois fragmentos de capitel, possivelmente reaproveitados do período romano, e um pequeno fragmento de friso encontrado sobre o pavimento lajeado.

Na parte este do edifício a escavação, nos níveis islâmicos, pôs a descoberto uma secção de uma coluna torsa em mármore branco[60].

O tanque tinha uma largura exterior máxima de 4,80m (incluem-se aqui as estruturas laterais do absidíolo com cancela), sendo a largura média exterior nas restantes paredes de 4,63. O interior apresenta uma largura média de 3,25 m. A profundidade máxima é de 1,52 m, sendo de 1,16 m de profundidade até ao orifício do desaguo. Interiormente o tanque estrutura-se em degraus com distinta altura[61] mas que mantêm a forma interior octogonal. O fundo do tanque é constituído por duas placas de mármore que formam um octógono irregular.
Refira-se que, em termos construtivos, este edifício é até agora o único que emprega na sua pavimentação placas de calcário.
Registe-se que as três bases de coluna encontradas *in situ* apresentam diâmetros distintos, respetivamente 65 cm, 55 cm e 45 cm, e a parte correspondente ao plinto se encontra abaixo do nível do empedrado do pavimento, facto que interpretei como uma prova de que a pavimentação foi feita à posterior.

No interior do tanque verificou-se uma grande concentração de tijolos, fragmentos de frescos e de cancela de mármore. Esta realidade arqueológica estende-se às zonas envolventes do tanque, o que sugere a existência, a nível superior do tanque, de uma delimitação do espaço feito com cancelas vazadas, decoradas com círculos secantes e interligadas por pilastrins de cancela[62] pois, a este fato, acrescem os orifícios regulares que se encontram nos silhares que se situam a nível superior e que interpreto como os encaixes para as cancelas.

A existência de uma grande quantidade de tijolos e frescos no interior do tanque e na zona exterior situada a sul, leva a considerar três hipóteses interpretativas: ou se trata de uma estrutura de cobertura do tanque, de tipo baldaquino, que poderia ser revestido interiormente com frescos; ou a possibilidade de que o edifício fosse coberto

[60] Com uma altura de 90 cm e um diâmetro de 40 cm.
[61] O primeiro degrau tem uma altura de 32 cm; segundo e terceiro com altura de 41 cm; e o quarto com 34 cm.
[62] Peças de mármore de forma paralelepipédica com ranhuras laterais onde prendiam as cancelas ("barroteras" de cancela).

com uma abóbada e os frescos terem feito parte da decoração pois, grande parte dos fragmentos, apresentam ligeiras concavidades o que indicia terem pertencido a uma estrutura curva. No entanto, refira-se que os muros que delimitam o edifício, situados a sul e norte, onde eventualmente a abóbada assentasse, não me parecem ter as dimensões apropriadas para suster este tipo de cobertura. Porém, a análise da estratigrafia mostrou blocos constituídos por lajes argamassadas, com um tipo de aparelho semelhante ao verificado nas abóbadas da torre do rio e nas do criptopórtico, construídas com o mesmo material e a mesma técnica. No entanto, o vão de mais de sete metros de largura e a espessura das paredes que delimitam o edifício, parece inviabilizar esta última hipótese.

Fig. 98 – Escavação do batistério II

Outra hipótese será a de que os frescos tenham pertencido à parede situada a sul, no entanto esta última alternativa não nos parece aceitável dado que, alguns troços de muro, ainda preservam as argamassas de revestimento sem se verificar qualquer indício deste tipo de ornamentação. Refira-se, também, que os frescos foram encontrados, maioritariamente, no interior da piscina e na área envolvente e não exclusivamente junto às paredes. De acordo com o que anteriormente descrevi, parece-me que a hipótese mais plausível é que os frescos tenham feito parte do programa

decorativo de um baldaquino, contudo não tenho suficientes elementos arqueológicos que o possam demonstrar.

A parte ocidental do edifício parece obedecer a um módulo de uma largura interior de 3 metros, enquanto que o situado a norte tem de largura interior 1,75 m. Se se confirmar que a largura do edifício nesta zona é a mesma, poderemos estar perante uma construção simétrica, com um espaço central mais amplo, ladeado a sul por um possível compartimento, com dimensões do espaço semelhantes ao situado a nordeste. Parece-me que poderá haver, assim, a hipótese de se tratar de um edifício com uma cabeceira tripartida.
Não se conhece a entrada do edifício pois, o edifício prolongar-se-ia para oeste, no entanto nesta área ainda não foi concluída a escavação arqueológica, podendo, contudo, o acesso principal fazer-se por este lado. No entanto, na parte norte do edifício existe uma escadaria, da qual subsistiram três degraus implantados sobre a canalização, e que terminam numa plataforma que poderia ter conduzido a uma possível porta.

4.5.2.2.3 Os materiais arqueológicos

A quantidade de fragmentos de frescos, recolhidos nos estratos de derrubes, leva a equacionar um programa pictórico em que se destacam duas fases: a primeira com a marcação na argamassa do desenho, e a segunda, pintada a fresco, com a aplicação do pigmento aquando a argamassa estava ainda na fase de secagem. Deste conjunto, com utilização de uma palete de cores, predominam tons de vermelho e castanho. Da composição destacam-se algumas figuras humanas, motivos geométricos e florais, e eventuais símbolos, e uma segunda pintura em que se destacam cores claras (azul). Apesar de estar longe de entender a totalidade do programa pictórico, podem ser avançadas algumas considerações: a primeira que nos parece evidente trata-se da pigmentação em tom de azul que, certamente, representa o céu e que teria um lugar central. Seguem-se as representações humanas, das quais apenas chegaram até nós três rostos percetíveis, e um desenho de uma face sumariamente delineada, da qual só se conservam o desenho dos olhos e do nariz. Por último, vem a maioria dos fragmentos com restos de pintura, de reduzidas dimensões, o que torna a leitura

deficitária, levando facilmente a interpretações duvidosas. Apesar de não conhecer o programa decorativo os restos identificáveis parecem assemelhar-se aos programas pictóricos das pinturas das catacumbas de Roma (Bourguet, 1965; Nicolai, Bisconti e Mazzoleni, 2000) ou com os frescos do Batistério de Barcelona. Estes foram descobertos durante as escavações arqueológicas realizadas em 1979, em que foram encontrados restos de pintura nas proximidades da piscina do batistério, no atual Museu de História de Barcelona. A composição em forma de tapete estava realizada com a fresco sobre um fundo branco e com uma decoração com motivos florais que formavam parte do programa decorativo policromo característico de abobadas e tetos. Estas pinturas foram datadas arqueologicamente da segunda metade do século VI. Provavelmente estas pinturas seriam da parte do ambulacro que rodeava a piscina batismal, possivelmente como teto falso (Albiol Lòpes, 2013: 164).

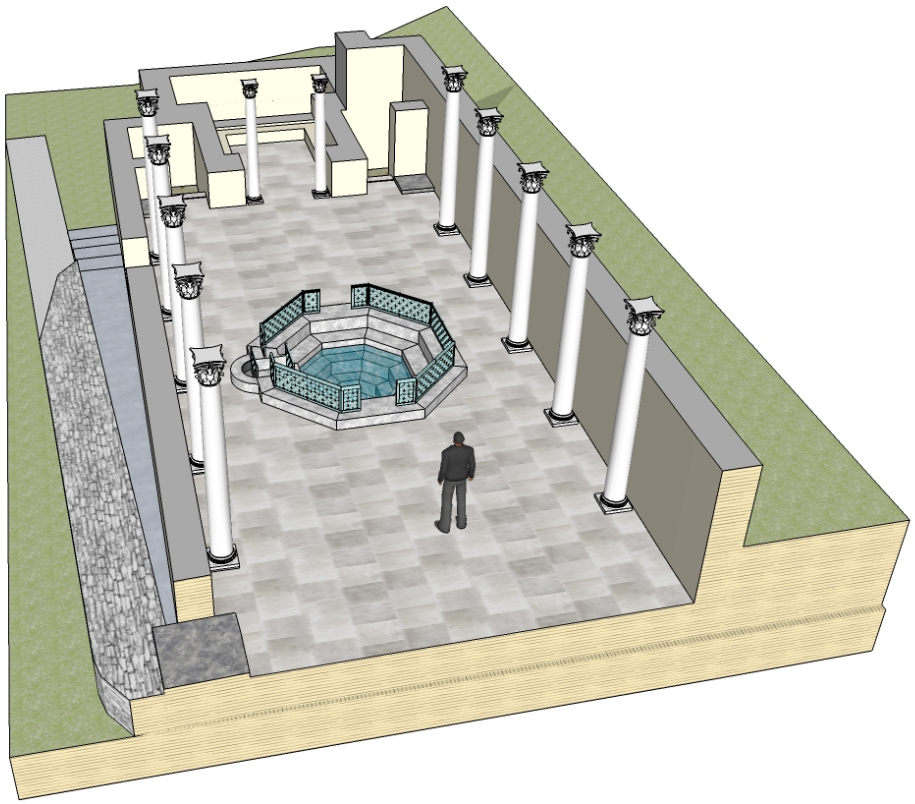


Fig. 99 – Proposta interpretativa das estruturas do batistério II

Os parcos materiais cerâmicos provenientes dos derrubes foram incorporados nas argamassas da construção. Trata-se de dois fragmentos de terra sigilata africana clara D, com bordo e aba que, pelas suas características, pode ser atribuído à forma Hayes

91B[63]; a cronologia desta variante está balizada entre 450 e a primeira metade do século VI (Hayes, 1972: 144; Bonifay, 2004: 177 e 203); outro com a estampilha quadrada, com barra transversais, do tipo Hayes Estilo A(iii) com datações situadas entre os anos de 350 e 450 (Hayes, 1972: 241, fig.39, nº 67). Da mesma unidade estratigráfica provém um dos numisma encontrado durante os trabalhos arqueológicos realizados no local e, à semelhança das cerâmica, pressuponho que provém dos derrubes das estruturas. Trata-se de um Denário de prata de Q. Minuncius Thermus, cunhado em Roma em 103 a. C. (Crawford: 1975: 319/1)[64]. Porém, é um elemento cronológico que pouco ajuda na tentativa de datar a construção. Terá a moeda sido perdida, ou colocada intencionalmente no interior da construção, estaria em uso à data da construção? Uma outra moeda provem da u.e. 036 que corresponde ao fundo da piscina baptismal. Trata-se de um pequeno bronze (Æ4) Família de Constantino I (provavelmente Constans) (?) cunhada provavelmente em Roma. Para este tipo de numismas são apontadas duas cronologias: 341-346 (LRBC 1960, p. 16, n.º 628 a 630) e 347-348 (RIC 1981, p. 253, n.º 74 ou 77). Poderá ser atribuída a cronologia de 341 a 348.

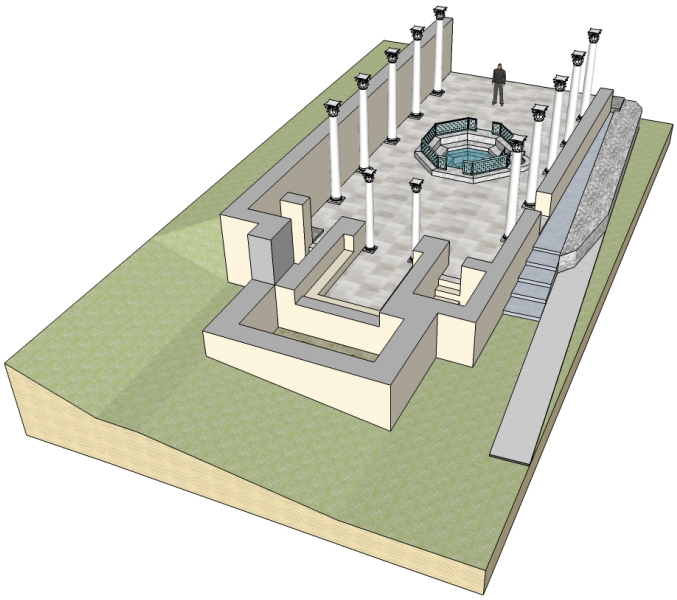


Fig. 100 – Proposta interpretativa das estruturas do batistério II

[63] Este fragmento provem da u.e. 016.
[64] http://davy.potdevin.free.fr/Site/crawford4.html 27/5/2013; no reverso, no exergo, possui a legenda[Q] THERM.MF, diâmetro 18 mm, espessura 2 mm e peso 3,39 gr.

A escavação arqueológica desenvolvida proporcionou um interessante conjunto de fragmentos de cancelas vazadas, decoradas com círculos secantes e interligadas por pilastrins de cancela (destes elementos apenas foi recolhido um fragmento). Os fragmentos de cancela apresentam vários tipos de mármores, com espessuras diferentes[65] e nenhuma se apresenta completa. Contudo, parece tratar-se de painéis quadrangulares, trabalhados em ambas as faces, portanto, ao contrário do que se encontra *in situ*, para serem vistos dos dois lados.

Os fragmentos de cancela são provenientes, maioritariamente, da unidade estratigráfica 036[66] (onde se inclui o interior da piscina batismal na parte não espoliada no período islâmico). A largura dos fragmentos de cancelas variam entre os 4,8 cm e os 8,8 cm[67], o diâmetro dos círculos secantes varia entre os 23,5 e os 26,5 cm[68]. A parte superior das cancelas é decorada com dois sulcos paralelos, lavrados com pouca profundidade[69].

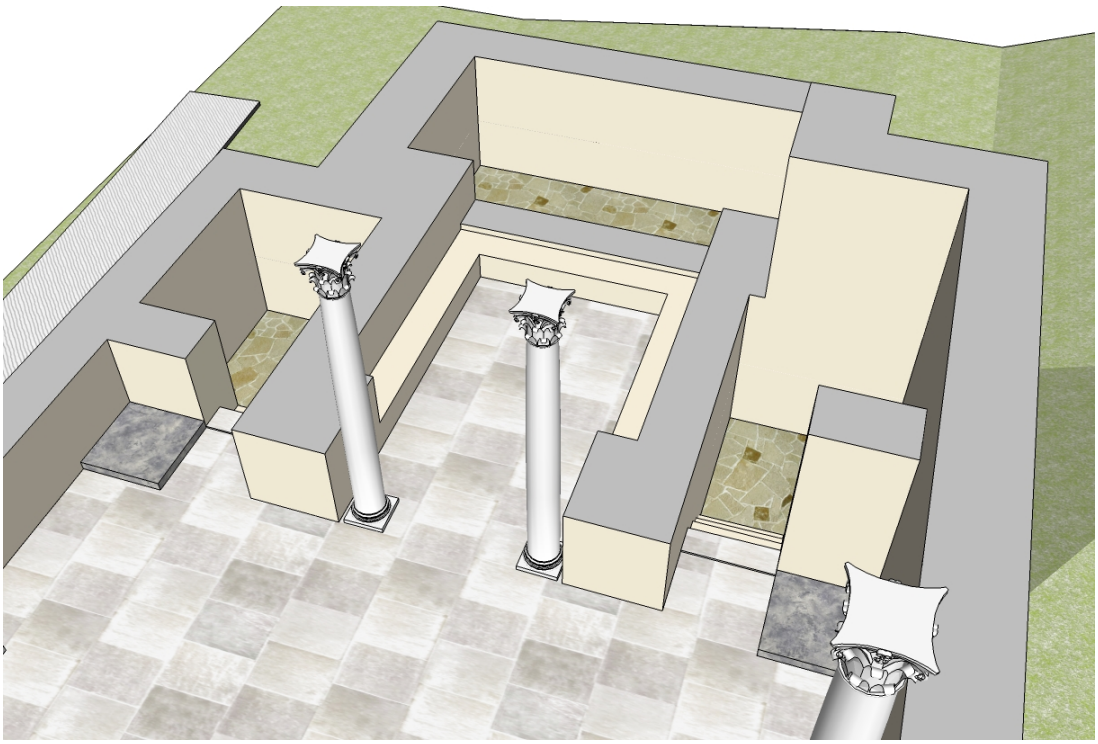


Fig. 101 – Proposta interpretativa das estruturas da abside.

[65] Que variam entre: 4,8 e 8,8 cm.
[66] Também foram registados fragmentos de cancela nas u.e.'s: 02, 028, 036, 047, 051, e 052.
[67] Registando-se espessuras de 4 cm em 6 fragmentos, 5 cm em 3 fragmentos, 6,5 cm em 17 fragmentos, 7,2 cm em 8 fragmentos, 7,7 cm em 19 fragmentos, 8,8 cm em 3 fragmentos.
[68] Registando-se também círculos com um diâmetro de 24, 25,5 e 26 cm.
[69] 0,5 cm de profundidade média.

Refira-se que apareceram fragmentos de cancela junto ao batistério e na abside central, na possível zona do altar, e no pequeno tanque situado a norte do batistério.
A qualidade do mármore também é diferente e varia entre placas de coloração amarelada de grão muito fino, passando por peças de tonalidade branca com veios cinzentos com vários tipos de grão.

Apesar deste tipo de decoração ser frequente em placas maciças (Mértola, Beja, Mérida) são mais raros os casos de placas vazadas. Os paralelos que apresento de seguida aproximam-se das peças de Mértola, no entanto possuem elementos diferentes como referirei.
As peças de Mértola possuem semelhanças formais com as cancelas de "Tipo V" de Algezares (Murcia), que é decorada com o motivo dos círculos secantes que originam quadrifólios que, superiormente, originam pequenos arcos junto ao remate decorado. No entanto estas cancelas apenas se apresentam trabalhadas numa das suas faces, datadas do século VI- VII (Asensio, Sánchez e Vidal, 2007: 380-382).

Ao âmbito batismal são conhecidos restos de cancelas no Tolmo de Minatela (Alicante). As cancelas conservadas situam-se entre os pilares de separação das naves. No entanto, a escassa qualidade da pedra em que foram lavradas impediu reconhecer os motivos ornamentais, exceção para o alçado meridional sudeste, onde se conserva uma decoração composta por círculos secantes, que originam rosetas quadripétalas, em cujos centros se inscrevem losangos de lados curvos ou cruzes lanceoladas curvilíneas, rematadas a modo de folhas de hera (Abad, Gutiérrez e Gamo, 2000: 211-212).
A composição de círculos secantes, que originam rosetas quadripétalas, têm um duplo efeito ótico, que teve origem em modelos de larguíssima tradição no mundo romano, sendo considerada como a mais difundida no repertório ornamental visigodo por M. C. Villalón (1985, 332 ss.) e seguiu mantendo-se dentro da cronologia visigoda (Caballero,1994: 333). Esta composição também se verifica num fragmento oriundo de Valeria, trata-se de um fragmento com os quadrifólios decorados internamente (Gutiérrez, Bautista, 2007: 321, fig. 11-11).

O espólio arqueológico proveniente de anteriores escavações é muito diversificado e corresponde a estratos de revolvimento, onde houve, como já referi, uma ocupação posterior que alterou as construções existentes. Como elemento de datação conta-se com poucos dados seguros, dos quais destaco o fragmento de sarcófago encontrado na quadrícula 14 B, no entanto reutilizado como material de construção (Lopes, 2012: 80). A peça tem paralelos com o "Sarcófago das estações", proveniente do Monte da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)[70], cuja datação aponta para finais do século III, inícios do IV (Maciel, 1995: 106). Segundo J. Maciel, este tipo de sarcófago teria sido produzido em Roma e exportado para várias partes; a confirmar-se este dado estaremos em presença de peças que denotam um elevado poder económico, por parte dos encomendadores, como também um elevado nível cultural que permite conhecer os modelos e os temas iconográficos (Maciel, 1995: 110). Tem-se, pois, um elemento que permite levantar uma hipótese de datação, com um términos *post quem*, que remete para obras realizadas a partir dos finais do século IV ou, mais provavelmente, na centúria seguinte.

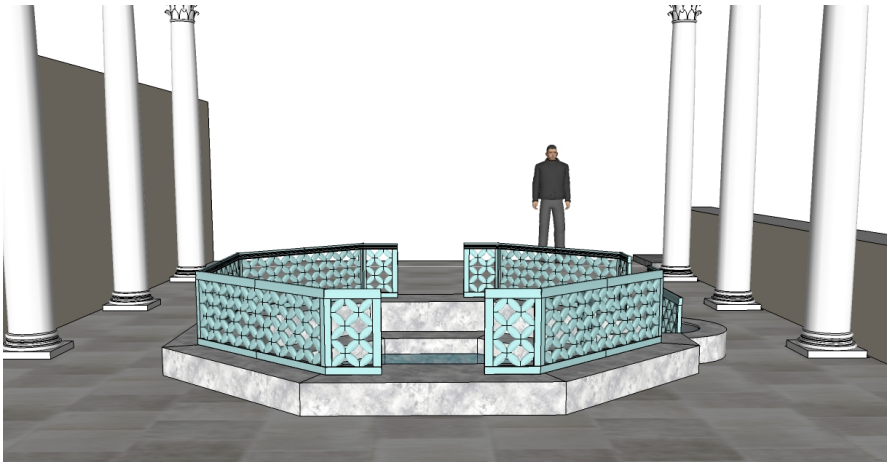


Fig. 102 – Proposta interpretativa das cancelas do batistério II.

A este propósito registe-se, também, que nas obras levadas a cabo na entrada do castelo, em 1992, foi retirado do interior da muralha, entre outros elementos, um fragmento de sarcófago de mármore, decorado com as strigiles, possivelmente com uma cronologia similar ao anterior, embora este elemento decorativo também seja frequente em sarcófagos cristãos da Península Ibérica.

[70] Atualmente nas reservas do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto

4.5.2.2.4 Análise funcional e paralelos

Como referi anteriormente não são conhecidos, por hora, os limites do edifício a oeste, no entanto, refira-se que nessa zona existe uma edifício que designamos de basílica, e que poderia ser a antecâmara do batistério II. A acessibilidade ao batistério poderia ser feita de poente para nascente.

Proponho assim um itinerário litúrgico dentro do edifício, que poderá começar na parte exterior. Uma vez que se acede ao batistério propiamente dito por uma possível porta meridional, na qual os competentes se despojariam das suas vestimentas e se desenvolveriam os ritos pré-batismais: *signaciones*, unção e renúncia ao Diabo. Uma vez concluídos, acedia-se, entre cancelas, ao espaço batismal propiamente dito, donde se desenvolvia a cerimónia do batismo por imersão, na qual o aspirante subia o bordo da piscina e descia pelas escadas ocidentais até ao fundo da piscina batismal, para ascender, já batizado, pelo lado oriental e ser recebido pelo bispo. O pequeno espaço lateral, perpendicular ao eixo da cabeceira, na opinião de C. Godoy Fernández, tinha como função acolher os diáconos que acompanhavam o neófito durante o ritual de imersão (Godoy Fernández , 1986: 133). Posteriormente o neófito receberia a túnica branca e saía com os outros elementos em procissão até ao Santuário, para participar na eucaristia e na primeira comunhão (Godoy Fernández , 1995: 53). Apesar de supor a existência de uma cabeceira tripartida do edifício, onde apareceram duas bases de coluna e do aparecimento de uma grande placa retangular no lado oeste do edifício, não possuo nenhum dado concreto que permita falar da existência de um altar, embora fosse perfeitamente enquadrável este tipo de elemento litúrgico. Suponho, pois, que a eucaristia se realizasse na basílica, possivelmente localizada por debaixo do bairro islâmico, ou no templo cristão localizado no local da antiga mesquita. Os dados arqueológicos, disponíveis, não nos permitem conhecer a ligação das várias estruturas pertencentes a este complexo religioso.

Na maioria dos batistérios conhecidos na Península Ibérica (Vega del Mar, Casa Herrera, Aljezares, Recópolis) existem acessos desde o exterior, o que permitia que o itinerário dos competentes se pudesse iniciar a partir do exterior do edifício (Abad, Gutiérrez e Gamo, 2000: 216).

A presença de práticas batismais na Península Ibérica foi documentada a partir dos princípios do século IV, no Concílio de Elvira. Os batistérios construídos de raiz, ou que aproveitam estruturas balneares anteriores, correspondem a uma prática corrente a partir dos finais do século IV pois, anteriormente a esta data, bastavam águas correntes para a celebração deste rito iniciático. Relembramos aqui que é nos finais desta centúria que o cristianismo passa de tolerado a religião oficial do estado.

No que concerne à forma do batistério, o bispo Ambrósio de Milão tentou estabelecer uma relação adequada entre o edifício e a prática. Assim, mandou edificar a sudoeste da sua catedral um batistério octogonal, cuja forma recorda o mausoléu de Diocleciano em Split e as formas usuais dos banhos de água quente (caldarium) (Markschies, 2001: 76). Ambrósio mandou gravar uma inscrição que relacionava a estrutura batismal de oito ângulos/lados com o acontecimento do batismo: "O templo eleva-se com oito nichos para o uso sacro. /O poço foi projectado octogonal, digno do (santo) dom./Com o número oito deve surgir a casa do santo baptismo, / a salvação voltou em verdade aos povos/ na luz de Cristo ressuscitado, que abre o ferrolho/da morte e desperta aos mortos nas suas tumbas/ e liberta a mancha do pecado ao pecador arrependido, / pois purifica-os na água da cristã fonte baptismal" (*Corpus Inscriptionum Larinarum*, V. 617.2 Guyon, 1991: 83).

Em épocas tardo-romanas as celebrações iniciáticas do cristianismo compreendem diversas etapas: o batismo propriamente dito, uma unção-crisma e a participação na Eucaristia. Esta festa sacramental era feita durante a Páscoa. Nos princípios do século III, a Tradição Apostólica de Santo Hipólito prescreve a celebração do batismo no dia de Páscoa. No entanto, a primeira notícia da celebração do batismo no dia de Páscoa está contida num decreto do Papa Sirício (ano de 385) a Himério de Tarragona (Godoy Fernández , 1994: 463).

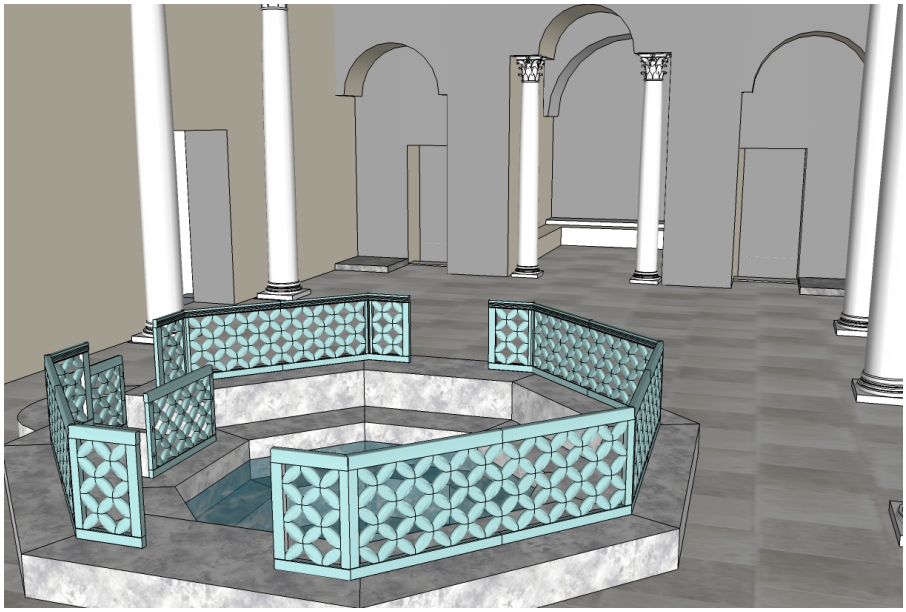


Fig. 103 – Proposta interpretativa dos vãos batistério II

Em termos de ato batismal existem duas possibilidades documentadas. A este respeito C. Godoy Fernández Fernández refere: "Desde épocas paleocristãs, a tradição antiquíssima das primeiras comunidades tinha mostrado sempre uma predileção pela imersão completa dos catecúmenos que, naquele tempo, se realizava em fontes de água viva, imitando o baptismo de Jesus no Jordão. Mas também em épocas mais recentes se autorizou o rito de aspersão em caso de não se dispor de melhores condições" (Godoy Fernández , 1989: 607-635). E existem também casos, segundo esta autora, em que o ritual poderia ser misto.

Já tem sido abordada a incongruência que se verifica entre o princípio do batismo por imersão e as medidas das piscina batismais, (com diâmetros entre os 1,30 m e os 1,60 m e a profundidade a rondar 1 m) o que não invalida a sua função. Parece provável que a imersão fosse apenas simbólica e que o celebrante, ou os que assistiam, lançassem água sobre o que estava a ser batizado. Em todo o caso, o catecúmeno poder-se-ia ajoelhar ou acocorar dentro da piscina, até que a água o cobrisse (Godoy Fernández , 1989: 607-635). Fica também por esclarecer se a imersão era una ou tripla, para sublinhar que o batismo se administra em nome da Santíssima Trindade, inclinando-se os liturgistas para esta segunda hipótese (Godoy Fernández , 1989: 607-635).

Esta mesma variedade significa que não há um batistério "standard", como sublinha Olof Brandt a propósito de nove batistérios paleocristãos de Itália. Mas, para além das diferenças, a comparação entre eles mostra que compartilham muitas características comuns que, de alguma forma, indicam "como deveria ser" um batistério e atender às necessidades funcionais e estéticas do batistério cristão e, especialmente, como ele se desenvolve no espaço criando um "ambiente de baptismal"(Godoy Fernández 1989: 607-635).

Em regra, o batistério integra-se num conjunto arquitetónico em que os diversos espaços têm funções precisas na organização da cerimónia. Na maioria dos casos conhecidos, o batistério estava situado ao lado da basílica principal, ou entre duas igrejas, no caso dos grupos episcopais. No caso de Mértola, com os dados disponíveis, não se pode definir com clareza o tipo de edifício a que o batistério estava associado. Por outro lado, não parece que a basílica civil do forum romano, situada a sul do batistério, fosse o espaço litúrgico complementar, pois trata-se de um espaço demasiado pequeno comparado com a área ocupada pelo batistério.

Fig. 104 – Corte das estruturas hidráulicas do batistério I

Estatisticamente chama-se à atenção para que a quarentena[71] de batistérios hispanos conhecidos, apenas cinco se situam em ambientes urbanos como o batistério do complexo episcopal de Barcelona (dois batistérios), Valencia, Ergara (Terrassa), Idanha a Velha (dois batistérios) Sevilha e (Ripoll e Velázquez: 1999, 122-123; Carbonell:

[71] São conhecidos 43 batistérios, neste cômputo estão incluídos o novo batistério de Barcelona e os dois de Mértola.

2012, 59) e em Mértola. Também é interessante constatar que, grande parte dos batistérios, se situam aos pés dos templos. Outra constante Hispânica, documentada em outras geografias, é a presença de degraus para baixar até à base da piscina batismal, característica arquitetónica que aparece referenciada na literatura hispânica referente à liturgia específica do batismo (Godoy Fernández , 1995: 340-342; 2004: 481).

Por todo o Ocidente e Oriente existem casos em que os batistérios estão relacionados com sepulturas; de facto, alguns batistérios constroem-se sobre túmulos de mártires relacionando-se, desta forma, com o culto material, ideia repetida pelos Padres da Igreja, que assimila sepultura e batismo (Carbonell, 2012: 59).

Por outro lado, também não são habituais os casos de altares em contextos batismais (Palol, 1989c: 578), no caso hispânico apenas se documenta na basílica de Casa Herrera (Palol, 1989c: 578; Mateos 2003: 67-72) e em Mértola (Lopes, 2003). Outro dado de natureza litúrgica, que é necessário ter em consideração, é o facto da presença de um batistério não ser sinónimo de que a igreja que o alberga seja paroquial (Ripoll, 1998b: 248; Ripoll e Velázquez, 1999: 122; Carbonell, 2012: 60).

Pouco depois do ano 400, Prudêncio foi um dos primeiros a utilizar o termo *baptisterium* (Prvdentivs, Peristeph, 8; Carbonell, 2012: 60), denominação que prevalece e passa a ser utilizada em todos os concílios posteriores (Puertas, 1967: 215-216; id, 1975: 88-89; Carbonel, 2012: 60). Por outro lado, Isidoro de Sevilha refere este âmbito arquitetónico como delumbrum e à piscina como fons[72]. Na literatura visigoda também se utilizou o termo fons para designar o espaço arquitetónico[73].

[72] IV. DE AEDIFICIIS SACRIS. [10] Fons autem in delubris locus regeneratorum est, in quo septem gradus in Spiritus sancti mysterio formantur; tres in descensu et tres in ascensu: septimus vero is est qui et quartus, id est similis Filio hominis, extinguens fornacem ignis, stabilimentum pedum fundamentum aquae; in quo plenitudo divinitatis habitat corporaliter. [Isidor de Sevilha], consultado em:
http://www.thelatinlibrary.com/isidore/15.shtml 10/3/2012
A fonte nos templos do local do regenerado, no entanto, é que, em que são formados os sete graus no mistério do Espírito Santo, na descida dos três, e os três subida: o sétimo e o quarto, no entanto, ele é o único que, semelhante ao Filho do homem, isto é, extinguem na fornalha de fogo, a defesa da fundação dos pés na água, na plenitude da divindade habita corporalmente.

[73] Iunguntur beati fontis edificia, per hoctagonum columnarum admirabili opere disponuntur – Passio Mantii, 9, 4-5. Esta *passio* foi redigida nos finais do século VII ou inícios do século VIII (Carrbonel, 2012: 60). [Edifícios com belas fonte unidas pelo trabalho maravilhoso das colunas que estão dispostas em octógono/ de forma octogonal]

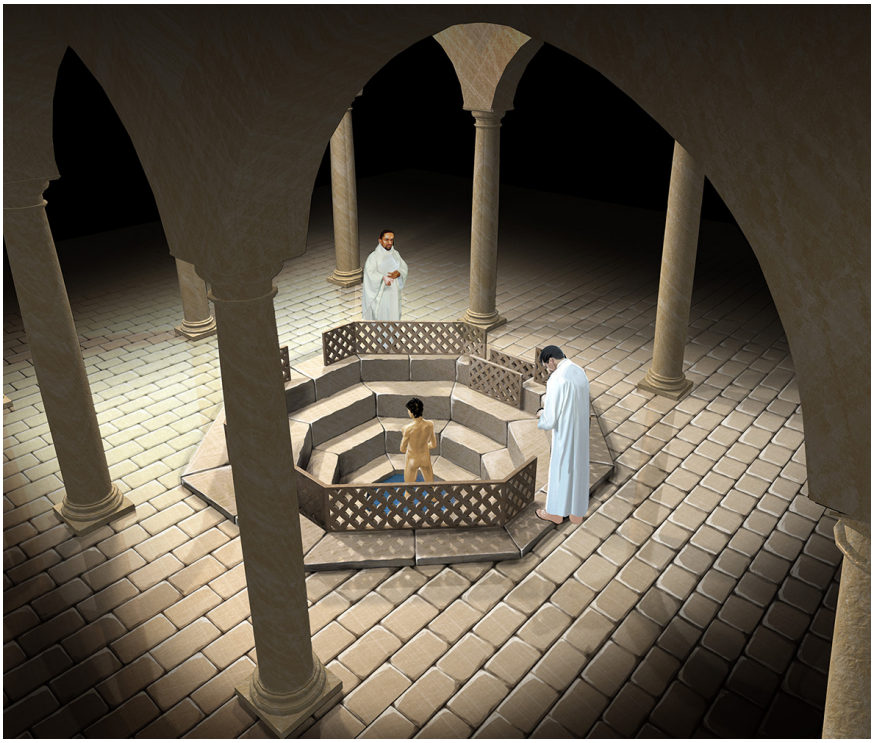


Fig. 105 – Proposta de funcionamento do ritual batismal. (adaptado de *National Geographic* Portugal)

O caso do batistério I de Mértola apresenta três degraus descendentes e quatro ascendentes, - gradus ascensionis - em terminologia isidoriana, estando o último degrau parcialmente destruído, pois situava-se a uma cota mais elevada, do qual apenas se conserva o arranque do mesmo; esta situação também detetada nos batistérios do Tolmo de Minateda (Casal, Gutiérrez e Gamo, 2000: 193-221) e no da basílica de Cap des Port, Fornelles, Menorca (Palol, 1982: 353-404).

O texto acerca do martírio de S. Manços, em Évora, tem uma passagem de grande importância para o estudo dos batistérios e do catecumenato prévio: "Construyen una basílica para uso de los fieles, se le une un baptisterio, se dispone todo en una obra maravillosa, con columnas formando un octógono; por la parte de atrás se la añade una basílica para catecúmenos." (Excerto traduzido do Leccionário de Burgos por Fernández Caton, 1983: 162). A administração do batismo era geralmente feita pelo bispo mas, através da leitura das atas de concílios, apercebemo-nos que os diáconos também podiam batizar, ainda que fosse necessária a confirmação final do bispo (Ripoll e Velázquez, 1999: 105).

Na Península Ibérica a maior parte dos locais como estes são, geralmente, alvo de remodelações da piscina batismal mantendo-se no local ou diminuindo a sua área. Alguns autores como J.-Ch. Picard propõem relacionar esta diminuição paulatina do tamanho das piscinas batismais com a generalização do batismo infantil, embora se conserve o ritual de imersão (Picard, 1989: 1455). Esta questão poderá estar relacionada com a existência das duas piscinas batismais de Mértola, será o batistério II anterior ao batistério I, situado a oeste. Se tivermos em consideração a dimensão e a profundidade das piscinas parece ser o mais lógico. Sendo o batistério II anterior e situado numa época em que maioritariamente se batizavam adultos, dadas as suas maiores dimensões e profundidade e, posteriormente, já numa fase de batismo de jovens e crianças, em que o ritual da imersão é progressivamente substituído pela infusão/aspersão.

Em termos cronológicos, pela conjugação dos diversos dados elencados, parece plausível que o batistério II se possa situar a partir da segunda metade do século V, não excluindo a possibilidade de se manter em funcionamento nas centúrias seguintes e ter sido contemporâneo do anteriormente descoberto. É, portanto, necessário, como refere L. Caballero, estudar estes edifícios num sentido diacrónico e não estático (Caballero, 1994: 332).

Como refere C. Godoy Fernández, na Península Ibérica existe uma grande heterogeneidade nas formas das piscinas batismais, fenómeno que chamou à atenção de muitos investigadores (Palol, 1967; Hauschild, Schlunk, 1978: 50, Godoy Fernández, 1989 e 2004). Em relação ao ritual litúrgico, mais interessante que a diversidade morfológica é, talvez, a diferença de profundidade das piscinas hispânicas que oscila entre os 0,50 m e os 1,50 m. Na realidade poucos são os casos em que se poderia praticar uma imersão completa do competente; assinalando a autora os casos de Casa Herrera, Torre de Palma, Valdecebadar de Olivença, San Pedro de Mérida, Idanha-a-Velha, Alconetar, Barcelona, Marialba, Aljezares, a piscina norte de Son Pereto, El Germo e San Pedro de Alcantara (Godoy Fernández , 1989: 611) No entanto, são as piscinas batismais lusitanas as que possuem a maior profundidade da Hispânia: Casa Herrera (1,50 m), Torre de Palma (1 m), Olivença (1 m) y San Pedro de Mérida (1 m) (Ulbert, 1978: 148).

C. Godoy Fernández questionou se esta constatação arqueológica pode levar a inferir uma dualidade no ritual litúrgico: imersão ou "la infusion" – infusão, aspersão, ação de deitar água sobre a cabeça de quem se batiza. Embora, desde as primeiras comunidades tenham mostrado uma predileção pela imersão completa do catecúmeno que, nos primeiros tempos se realizava em fontes de água viva (rios, mares) imitando o Batismo de Jesus Cristo no rio Jordão (Godoy Fernández , 1989: 611).

Segundo se desprende das palavras utilizadas pelos autores antigos, para designar as fontes batismais, a forma mais frequente de conferir o sacramento era a imersão. Os termos mais empregues no ocidente são: *fons, lavacrum, piscina y tinctorium* e as referências à ação sacramental: *mergere, mergitare, in aquas mittere, intinguere*, para designar tanto a imersão total como a parcial (Godoy Fernández , 1989: 613).

No entender desta autora não se podem extrair conclusões litúrgicas da profundidade das piscinas pois, caso a piscina não permitisse a imersão completa, praticava-se uma fórmula mista "infusión-inmersión" que em nada afetaria a validade da cerimónia do batismo (Godoy Fernández , 1989: 613).

De acordo com o que tenho vindo a abordar, parece-me que este edifício se pode integrar num grupo de construções cristãs, do tipo basilical, com uma nave e com a cabeceira tripartida. Este tipo de edifício poderá ter origem nas basílicas de três naves e cabeceira tripartida. Este modelo, cuja origem está nas formas arquitetónicas criadas pelos arquitetos da Síria do norte, e que foi progressivamente difundido para o Norte de África e daí para as Ilhas Baleares e o Levante espanhol e, ao que tudo indica, para a Bética e a Lusitânia (Palol, 1967: 6). Este grupo, segundo P. Palol, situa-se entre os templos mais antigos da Hispânia enquadrando-se "dentro desta amplíssima província mediterrânica ... (Palol, 1967: 6). "Desenvolve-se desde um período muito antigo, a partir do século IV, apesar do seu momento de esplendor se situar em pleno século V. Apresenta uma evidente unidade tipológica, sendo característica do grupo a sua disposição basilical e a sua cabeceira tripartida fechada no exterior por um muro reto. As naves separadas por colunas ou pilares e a cobertura apoiada sobre arcos. O altar, diante da ábside, rodeado de cancelas e nesta o banco peresbiterial." (Fernández Gómez et alii, 1987: 186).

Assim sendo, penso que posso sintetizar a argumentação nas seguintes vertentes: a escassez de casos conhecidos de *frigidarium* com esta configuração; tratando-se de termas a renovação da água deveria fazer-se regularmente, o que implicava um trabalho acrescido para fornecer água em abundância, não sendo conhecida qualquer cisterna situada a uma cota superior; o tipo de pavimentação, com lajes de calcário, não é próprio de instalações termais onde predominam os pavimentos em tijolo; não tenho qualquer informação acerca do *caldarium* ou o *tepidarium* das eventuais termas.

Pelas várias razões expostas penso que esta estrutura está relacionada com a prática batismal, as razões que me levam a pensar em tal são: os fragmentos de cancelas encontrados nos derrubes e *in situ*, relacionam-se mais com a temática decorativa do dito período "Visigótico" e menos do mundo romano, onde predominam os motivos em arcos ou os reticulados quadrangulares; o programa decorativo dos frescos, mais próprios dos ambiente religioso; a planta do edifício, com uma nave retangular e a cabeceira possivelmente tripartida; os materiais arqueológicos provenientes dos derrubes das estruturas; o facto de esta construção recorrer a materiais romanos reutilizados, nomeadamente os silhares de mármore elementos das colunas (bases fustes e eventuais capiteis), e pela incorporação no aparelho construtivo elementos marmóreos.

Frigidarium ou *Baptisterium*? As duas hipótese são válidas pois existem construções que se assemelham e que estão relacionadas com conjuntos termais. Existem casos de estruturas termais com a configuração octogonal embora, no que concerne ao território peninsular, parece que a forma circular foi a mais utilizada, vejam-se os representativos casos do f*rigidarium* de Conímbriga e do *laconicum* de Évora (Reis, 2004: 64, fig. 14a e 71, fig. 22).

Na obra de Dora Levi (1947), dedicada a vários conjuntos arquitetónicos romanos e tardo-romanos da cidade de Antioquia e dos seus arredores, na antiga província romana da Síria, hoje território da Turquia, mostra-se um dos conjuntos arquitetónico que apresenta semelhanças formais com as estruturas de Mértola, trata-se da grande sala octogonal do Balneário C de Antioquia. Num dos principais salões existe um *frigidarium* com a forma octogonal, com quatro absidíolos laterais. Trata-se, pois, de um balneário de tipo imperial, datado de cerca de 350 d.C. (Levi, 1947: fig. 118; Pessoa, 2011: 260, fig. 20). Contudo esta estrutura apenas possui um degrau interior na piscina

octogonal e estava revestida com painéis musivos, com uma temática decorativa constituída por círculos secantes e reticulados.

Outro caso que apresenta também alguns paralelismos formais é a piscina octogonal que fazia parte do *frigidarium* descoberta na *villa* de Requejo, Santa Cristina de la Polvorosa (Zamora), escavada entre 1979-1982. Os trabalhos arqueológicos revelaram um ambiente termal e uma piscina octogonal, que fazia parte do *frigidarium*, com três degraus interiores. O interior da piscina estava decorado com mosaicos, que apresentavam uma composição constituída por reticulados (nos degraus) e cruzes constituídas por linhas e por cruzes maiores constituídas por triângulos concêntricos. A decoração musiva é similar à da catedral de Santa Maria de Lugo, coberta por uma abóbada decorada com um "mar de peixes". A cronologia proposta pelos seus escavadores aponta para finais do século IV, princípios do século V, a datação proposta fez-se a partir dos níveis estratigráficos da camada superior aos mosaicos. (Regueras Grande, 1989: 668-670, Láms. XIV 1, 2 e XV, 1, figs. 18, 19 e 20).

O século V d.C. é, geralmente, associado à decadência das estruturas imperiais, ao abandono e espoliação dos monumentos. Se, por um lado, se constata que durante o século V d.C. só 18% das termas documentadas na Lusitânia estão em funcionamento, podemos supor que o abandono destas estruturas se produziu de forma desigual no mundo rural. No entanto, nesta centúria, assiste-se a um fenómeno que marca uma mudança na forma de vida no mundo rural e o Cristianismo adquire una importância crescente.

Em algumas das *villae* habitadas até essa época, trata-se de um momento de transição dos valores morais e religiosos. As termas apresentam estruturas vinculadas funcionalmente com os primeiros momentos de difusão do Cristianismo, dado que, o *baptisterium* é sinónimo de *natatio* (Nielsen, 1990: 155) e, de facto, este tipo de estruturas termais foi, num primeiro momento, utilizado como lugar de batismo. Embora na província da Lusitânia não se documentem casos de reaproveitamento direto de estruturas termais com fins religiosos, embora existam alguns exemplos de funcionamento simultâneo de basílicas cristãs e balneários rurais. Esta situação difere da registada na Catânia (Sicília), onde quatro, das seis termas públicas identificadas na

cidade, foram transformadas em lugares de culto cristão (Reis, 2004: 45). Exemplo paradigmático desta situação regista-se nas termas Della Rotonda, que foram transformadas em Igreja bizantina de S. Maria, que ocupa o grande caldarium circular das termas do século IV d.C. (Giordano, 1997; Branciforti e Guastella, 2008).

Não é possível, até agora, avançar para a localização das termas da cidade romana de *Myrtilis*. Menos provável parece ser a existência de um l*aconicum*, dadas as dimensões dos vãos existentes ou dos materiais empregues que não são compatíveis com tais funções. Por outro lado, a localização das termas não parece enquadrar-se nesta topografia, dada a dificuldade de transportar água em quantidade para abastecer um equipamento com grande funcionalidade quotidiana.

No contexto mediterrânico são conhecidos batistérios que apresentam uma pia batismal de forma octogonal, nomeadamente o possível batistério de Tell Houm (Palestina) inserido num edifício octogonal com deambulatório, com possível origem num ninfeu ligado a uma sinagoga do século II e, posteriormente, usado como batistério (Khatchatrian, 1962: 7 e 134 nº. 54), ou o caso da Basílica A de Nea Anchialos (antiga Tebas, Grécia) datado do século V (Khatchatrian, 1962: 21, 112 nº. 171; Palol, 1989: 596-598, fig. 18). Guyon chama a atenção para a possível origem dos modelos octogonais na influência de S. Ambrósio e da Igreja de Milão, na difusão de um modelo de batistério com a configuração octogonal (Guyon, 1991: 83). Do Qual é um exemplo paradigmático o Batistério octogonal de S. Giovanni alle Fonti (Basílica de S. Tecla), onde na Páscoa do no de 387 foi batizado Santo Agostinho pelo então bispo de Milão, Ambrogio (Santo Ambrósio)[74] (Fiorio, 2006).

Em Cartago, um batistério octogonal, situado na basílica de Bir Ftouha (Khatchatrian, 1962: 32, nº. 247), e datado dos finais do século V (Ennabli, 2001: 57). Em Sabratha I (Líbia), observa-se um batistério que, no exterior, tem a forma octogonal, sendo o interior em forma cruciforme (Duval 1989: 383 e 398, fig. 23 b), datado do século VI (Khatchatrian, 1962: 123, nº. 212).

[74] http://www.blogbelavida.com/post/2647/historia-italiana-milao-arqueologica-o-batisterio-de-san-giovanni-alle-fonti 20/8/2013;

Nas Gálias, refira-se o caso de Vernasque, apesar de ser problemática a localização do tanque octogonal, que parece ter sido construído nos séculos VI- VII (Khatchatrian, 1962: 47, 63, nº. 315), dos batistérios dos inícios do século V de Aix-en-Provence, Fréjus e Riez (Khatchatrian, 1962: 51, nº. 343, 334, 345, 346); em Riva San Vitale (Suíça) datado dos fins do século V (Khatchatrian, 1962: 53, nº. 358a), Nantes, datado do século VI (Khatchatrian, 1962: 56, nº. 364) e Marselha (Khatchatrian, 1962: 59, nº. 376) datado dos fins IV inícios do V, Poitiers, Lyon dos fins do século IV inícios do século V, Reiz, dos inícios do século V (Guyon, 1991: 82).

Em Espanha destacam-se os casos de Tarrassa, com um primeiro batistério datado da segunda metade do século V (Khatchatrian, 1962: 48 e 133, nº. 324), e o de Barcelona, datado dos finais do século V, reformulado na segunda metade do século VI e integrado no grupo episcopal que ocupava um amplo sector da cidade (Heredia Bercero, 2001: 80).

No norte da Itália, com uma forma semelhante, temos o batistérios de Taggia, com uma piscina octogonal, com oito alvéolos côncavos que deveriam suportar as colunas de um baldaquino, datado do período paleocristão (Khatchatrian, 1962: 41 e 132, nº. 290). Os casos dos batistério de S. Étienne, do século V, e S. João em Milão, do século IV-V, ou em Albenga, datado dos fins do século V inícios do século VI (Khatchatrian, 1962: 49, 108, nº. 328 e 332);

Na basílica de Aoste (norte de Itália) regista-se a existência de dois batistérios, sendo um de forma octogonal, no exterior, e um outro redondo e cruciforme no interior, datados dos fins do século IV (Bonnet, 1989: 1418). Um outro batistério octogonal, datado dos inícios do século V, encontra-se no grupo episcopal de Genebra, onde as sucessivas remodelações do local e da piscina batismal refletem a evolução do ritual do batismo. Embora o ritual por imersão seja o mais frequente a pouco e pouco foi substituído pelo ritual de aspersão. A última fase do batistério teve sucessivas obras de redução da piscina batismal e que marcam o abandono do batismo por imersão no século VII e VIII. Esta tendência parece verificar-se em Lion e Aosta, bem como nalguns batistérios do norte da Itália, em que se observa um estreitamento da piscina e um abandono das canalizações (Bonnet, 1989: 1415-1416), ou ainda o batistério octogonal, posto a descoberto com as escavações na igreja rural de Villeneuve (Châtel-Argent, Aosta), incluído num complexo eclesiástico datado do século V; neste batistério

foi reconhecida uma tubagem de chumbo que fazia a evacuação da água (Nicolai, 1989: 2250: fig. 2).

Na igreja de San Giovanni em Montorfano, Mergozzo (Novara - Milão), os trabalhos arqueológicos puseram a descoberto uma piscina batismal, de forma octogonal no exterior e circular no interior (Nicolai, 1989: 2256-2257: fig. 5). Ou ainda o batistério octogonal de S. Giovani Curregio (Novara), datado do século V – VI, e que foi substituído, posteriormente, por uma piscina circular de menores dimensões (Nicolai, 1989: 2256-2257: fig. 5), e em Ravena, o batistério octogonal situado a norte da basílica de Cà Bianca, datado dos inícios do século VI (Picard, 1989: 521 e 549, fig. 10).

Esta forma e modelo construtivo prolonga-se nas centúrias seguintes e, em 737, foi construído o batistério de San Calisto de Cividale (Noroeste de Itália), com semelhanças formais próximas a este segundo batistério de Mértola. A piscina batismal eleva-se 86 cm do solo, tem forma octogonal e possui três degraus interiores com medidas situadas entre os 46 cm, no primeiro degrau, e os 40 cm nos restantes. A cobrir a piscina oito colunas sustinham um baldaquino (Cosmi de Fanti, 1972: 130).

O fato de existirem dois batisterios no complexo religioso de Mértola, situados a cerca de 25 metros de distancia, leva-me a procurar locais em que tal situação ocorra e evitavelmente é nos conjuntos episcopais existentes Península Ibérica. Os conjuntos episcopais deste território são conhecidos através das fontes documentais, como é o caso de *Emerita*, e através das intervenções arqueológicas, como são os casos de Valentia a par de *Barcino*, *Tarraco*, *Egitania*, Córdoba, no entanto é o de *Egara* (Terrassa) um dos locais que melhor se conhece arqueologicamente. Terrassa foi uma antiga cidade romana *Municipium Flavium Egara*, elevada a sede episcopal do século V ao século VIII. A implantação topográfica do complexo arquitetónico, e as escavações arqueológicas, vieram confirmam a existência de um grupo episcopal de grandes dimensões, no entanto não se pode ainda, com exatidão, relacioná-lo com qualquer envolvente urbana. O grupo episcopal teve fases antigas, datadas da segunda metade do século IV e da primeira metade do século V, a que correspondem uma igreja de planta retangular, à qual é acrescentado um batistério localizado detrás da abside. Coincidente com a designação de sede episcopal , esta igreja aumenta os seus volumes, passando a ter uma planta basilical de três naves e de cabeceira tripartida, com um

novo batistério que substitui o anterior, construído aos pés da nave central (Gurt Esparraguera e Sánchez Ramos, 2002: 325).

Os primeiros restos arqueológicos, vinculados à sede episcopal egarense, encontram-se localizados debaixo da atual igreja de Santa Maria e, no seu exterior, com vestígios de uma basílica de cabeceira retangular e com pavimentos de mosaicos e o *baptisterium*, um edifício de planta octogonal dotado de uma piscina baptismal (Palol, 1967: 45-51; Guyon, 1992; Godoy Fernández, 1995: 212-217). Este conjunto episcopal possui dois batistérios com piscinas de forma octogonal, que se sucederam no tempo e no espaço interior do complexo episcopal.

Também em Idanha a Velha é conhecida a existência de dois batistérios que, muito provavelmente, funcionaram em períodos distintos e seriam o testemunho da remodelação e monumentalização do grupo episcopal (Gurt Esparraguera e Sánchez Ramos, 2002: 326). Nesta localidade as escavações, realizadas nos anos 50 do século XX, puseram a descoberto no exterior sul da Sé, encostada à parede da nave central, o batistério dotado de uma piscina de tipo cruciforme (Almeida, 1965), datado do século VII (Cristóvão, 2008: 22). Possivelmente o local tinha tido, em data incerta do século VI, aquando da elevação da cidade a sede episcopal[75], um outro edifício religioso. Deste edifício restam parcos elementos construtivos no topo norte. No entanto, as escavações arqueológicas realizadas nos primeiros anos do século XX, puseram a descoberto um batistério com uma piscina retangular. Verifica-se que em ambas as piscinas batismais existem escadas laterais, constituídas por três degraus (Cristóvão, 2008: 22), sendo o fundo revestidos com placas de mármore.

Entre a igreja e a muralha desenvolvem-se as ruínas de construções, que têm sido interpretadas como pertencentes a um paço episcopal, construído em época visigótica (Almeida, 1966: 409).

Em ambientes urbanos destaca-se o caso de Barcelona, em que são conhecidos dois batistérios que coexistem temporalmente. O primeiro que foi descoberto, no casco antigo, é constituído por uma piscina octogonal, do século IV, do conjunto episcopal, onde uma primitiva piscina do batistério é substituída por outra de planta octogonal, e que se traduz numa nova pavimentação do edifício batismal. As reformas, levadas a

[75] A este propósito refira-se que o bispo egitaniense assina as Atas do chamado Concílio de Lugo, realizado em 569 (Almeida, 1966: 410).

cabo no batistério e na aula episcopal, consistiram numa nova ornamentação pictórica do edifício (Heredia Bercero, 2001: 80).

Trabalhos arqueológicos realizados em 2012, na basílica Sants Màrtirs Just i Pastor, puseram a descoberto uma piscina batismal datada do século VI. Esta estrutura está implantada dentro do antigo recinto amuralhado de Barcino; a presença da piscina na igreja permitiu conhecer a existência de dois grupos episcopais na cidade e, consequentemente, de dois bispos que conviveram durante os séculos V e VI: um de culto católico, com sede nesta basílica, e o outro de culto ariano, instalado na atual catedral. Esta dualidade de culto manteve-se até el ano de 589, data final do arianismo. Segundo Júlia Beltrán, estes achados convertem Barcelona na única cidade mediterrânea, a par de Ravena, onde conviveram dois núcleos episcopais[76].
Na basílica de Tingad foram registadas três pias batismais (Khatchatrian, 1962: 27, nº. 213). Na igreja do monte Nebo existem dois batistérios, um situado à esquerda e datado de 531, e um outro localizado à direita e datado de 597 (Piccirillo, 1989a: 1733, fig. 27).

Em Son Peretó (Maiorca) o espaço dedicado ao batismo é um dos pontos mais polémicos dos últimos anos, pelo problema suscitado devido facto de existirem duas piscinas no mesmo recinto, levou a várias opiniões: P. Palol, que desenvolveu trabalhos arqueológicos no local, sustenta a opinião de que as duas piscinas correspondiam a duas fases distintas da igreja, no entanto defendeu, ultimamente, a possibilidade do uso simultâneo de ambas as piscinas, argumentando que normalmente, quando se reforma ou se substituem as piscinas batismais, se constroem sobre a primeira e, no mesmo local, como pode comprovar-se nas reformas ocorridas nos batistérios de Barcelona ou de Sevilha (Palol, 1994a: 22). No entanto, N. Duval e C. Godoy Fernández opinam de forma diferente, não creem que estas duas piscinas, tão próximas e num espaço tão reduzido, pudessem ter uma funcionalidade contemporânea (Duval, 1994: 207; Godoy Fernández , 1989a: 630-632, e Godoy Fernández , 1995: 160).

[76] http://w110.bcn.cat/portal/site/CiutatVella/menuitem.5d5fd988862d03d826062606a2ef8a0c/?vgnextoid=1158e184f394c310VgnVCM10000072fea8c0RCRD&vgnextfmt=formatDetall& 16/01/2013

A estrutura batismal de Mértola apresenta níveis formais e pormenores construtivos semelhantes com o batistério dos Ortodoxos (ou Neoniano de Ravena), especialmente no que concerne à piscina batismal. O batistério dos ortodoxos é, atualmente, ocupado no centro por uma piscina octogonal, construída com mármore grego e pórfido, no lado nascente conserva o Ambom, lavrado num único bloco de mármore, peça do século V (Muscolino et alli, 2011: 31). Refira-se que esta instalação batismal atual foi reconstruída no século XVI, está elevada cerca de 3 metros em relação ao seu pavimento original. A pia original era internamente circular, revestida de "mármore Grego", a nível do exterior e a profundidade não se conseguiu determinar nas escavações levadas a cabo no século XIX. O diâmetro interno da piscina deveria rondar os 3,10 m (Brandt, 2012: 231). Outra piscina batismal, que apresenta uma morfologia semelhante ao caso em estudo, é o batistério de Nocera Superior (Salermo, Campania). A pia batismal é a segunda maior da Itália paleocristã, depois do batistério de Laterão. Possui externamente a forma octogonal, internamente é circular e possui dois degraus[77]. O diâmetro externo é de 7,12 e o interno de 5,95, com uma profundidade de 1, 30 m (Brandt, 2012: 183, figs. 51 e 52). A decoração, utilizada no revestimento exterior da pia batismal, é constituída por cruzes gregas, com as letras alfa e ómega, que têm servido a vários autores para datar este batistério da segunda metade do século VI (Brandt, 2012: 189). Pias batismais de forma octogonal foram ainda identificadas em Aquileia, apesar da piscina hoje existente ser de forma hexagonal. A pia batismal antiga possuía um diâmetro de 5,40 m (Brandt, 2012: 357, fig. 141), estrutura datada da segunda metade do século V (posterior às devastações de Átila de 452 (Brandt, 2012: 264). E ainda no caso da piscina octogonal do batistério de Novara Piemonte), estrutura octogonal a nível externo e interno com um degrau interior. Esta estrutura foi datada da segunda metade do século V (Brandt, 2012: 434, fig. 179).

Do ponto de vista arqueológico, para o território situado no sul da Lusitânia e da *Baetica*, existem poucos exemplos de piscinas batismais comprovando o batismo em idade adulta, comparativamente com as igrejas em torno de Mérida, como são os casos de Alconétar, Casa Herrera, El Gatillo de Arriba, Valdecebadar de Olivenza, S. Pedro de Mérida e ainda La Cocosa, El Germo (Mateos Cruz e Caballero, 2003) e para a *Baetica* em S. Pedro de Alcântara (Posac Mon e Puertas Tricas, 1989). Estas construções são

[77] O degrau superior com 30 e o inferior com 40 cm.

geralmente tardias, datadas do século VI ou VII (Ulbert, 1978: 142). Na Lusitânia, temos o batistério monumental, acrescido à basílica de Torre de Palma (Monforte) numa segunda fase de construção, provavelmente datado do século VI: construção complexa, com uma piscina batismal que possui dois pequenos tanques adjacentes, situação análoga ao batistério sul de Idanha a Velha. A existência de uma pequena bacia, no canto da sala adjacente meridional da abside oriental, denuncia, provavelmente, uma piscina de datação anterior (Ulbert, 1978: 153). O batistério da igreja de V. V. de Ficalho (Serpa) apresenta-se orientado no sentido norte sul, é constituído por uma piscina retangular, com três degraus do lado sul e quatro do lado norte, possui uma pequena bacia lateral situada a oeste. A análise das estruturas sugere que a piscina batismal foi construída numa só fase. Acrescente-se a bacia troncocónica, encontrada na sala adjacente a sul da abside da *ecclesia in villae* do Monte da Cegonha (Vidigueira), já datada do século VII. Esta bacia, sendo pequena, indica, talvez, que o ritual aqui seguido tivesse já sido o da aspersão ou que era utilizada para batismos de crianças. Por fim, a norte da ermida de S. Bartolomeu (Alvito), é visível no terreno um tanque, em forma de cruz, revestido a *opus signinum*, de pequena envergadura e sem escadas. Uma vez que não foram realizadas escavações no local, a sua identificação como um batistério paleocristão é incerta. O último batistério em meio rural, de que se tem somente a referência textual, é aquele que teria sido construído junto à basílica martirial de S. Manços (Évora) (Wolfram, 2011: 115).

Como nos diz C. Godoy Fernández o altar costuma coincidir com o extremo ocidental do edifício, no entanto exigências topográficas, reutilização de edifícios antigos, erros do projeto arquitetónico ou, inclusive, necessidades do ritual litúrgico, podem ter condicionado a irregularidade nas orientações observadas em muitas das igrejas, aspeto que foi sublinhado em diversas ocasiões pelos vários especialistas[78].

O edifício de culto cristão é um lugar de oração, privada ou comunitária, um espaço de encontro entre o homem e Deus, mediante uma orientação cujo eixo é marcado pela direção do corpo do orante. A orientação ritual durante a oração é um costume muito antigo, da qual temos notícia desde o século II, através das prescrições que se fazem nas Constituciones Apostólicas II, 7, ou no texto das Atas de Hiparco e Filoteo que nos

[78] Nomeadamente as abordagens sobre este tema realizadas por: Duval, 1971-1973: 356-376; Ulbert, 1978: 127-131; Palol, 1991: 271-428; Godoy Fernández , 1995: 66-70.

contam como na casa do primeiro existia uma habitação reservada para a oração, que na parede oriental tinha pintada uma cruz para marcar o oriente, ante a qual – com o rosto olhando a levante – rezava Hiparco sete vezes ao dia (Daniélou, 1960: 292).

A mesma raiz do termo templo, que deriva da palavra latina *templum*, que significa contemplar, já Isidoro de Sevilha assinalava que *templum* era um lugar disposto em direção a oriente, que deriva de contemplação, depois de descrever como os construtores das igrejas traçavam os eixos cardiais durante o equinócio primaveril, com o objetivo de não errar no calculo da localização do oriente[79] (Godoy Fernández, 2004: 477).

Os Padres da Igreja insistem em que é conveniente virar-se para oriente durante a oração. Desde Orígenes, no seu Tratado da Oração, até São Tomas de Aquino, passando por Santo Agostinho, todos eles insistem na ideia de que a oração se deve fazer na direção de oriente. As razões teológicas foram resumidas por São Tomás: primeiro, porque desde aí se nos mostra a majestade de Deus, mediante o movimento do céu que parte do oriente; segunda, porque tratamos de voltar ao Paraíso terrestre que existiu a Este; terceiro, porque cristo, que é a Luz do mundo, foi chamado Oriente pelo profeta Zacarias, e Daniel diz que "subiu ao céu do céu, pelo Oriente"; e, finalmente porque é no oriente por onde aparecerá o último dia da Parusía[80] (Godoy Fernández , 2004: 477).

No que concerne às igrejas hispânicas, geralmente, o acesso principal costuma situar-se nos alçados laterais – e a maioria dos casos no alçado sul[81]- sendo excecionais os casos em que a entrada se localiza numa posição oposta ao altar, ou seja, a entrada pelo lado oeste[82]. No contexto peninsular verificam-se ainda casos de templos em que a

[79] *Ut qui consuleret atque precaretur rectum aspiceret orientem* in Isidoro de Sevilha, Ethymologiarum, lib.XV, 4, 7 (ed. Oroz Reta e Marcos Carquero, 1982-1983: 238).

[80] Parusía, para a maioria dos cristão este é o acontecimento, esperado no fins da História, portanto a segunda Vinda de Cristo à terra manifestando-se em glória.

[81] Como são os casos das basílicas de Son Peretó, Fornells, Santa Margarida de Martorell, El Bovalar, Recópolis, e presumivelmente em Gerena, santa Eulalia de Mérida, Torre de Palma e Valdecebadar de Olivenza.

[82] Como são os casos de Son Bou(Minorca), Santa Maria de Melque, São Pedro de la Mata, São Juão de Baños, El Gatilho, São Pedro de la Nave e Marialba (Leão)

entrada se faz pelo lado norte[83], ou ainda, os casos das basílicas que dispõem de duas portas nos alçados norte e sul [84] (Godoy Fernández , 2004: 479). Assinale-se que esta listagem é provisória, devido ao estado fracionário do conhecimento arqueológico das igrejas que dificulta o reconhecimento das entradas e, inclusive, a incerteza na sua identificação o que nos leva a concluir que não existe uma normativa fixa para a localização das portas nas igrejas hispânicas, existindo paticamente todas as variantes dentro da mesma província. Nos casos em que existem duas entradas - nos alçados situados a norte e a sul - merecem especial destaque pela sua excecionalidade, contudo admite-se que possam ter existido mais casos do que os mencionados. Contudo, temos que ter em conta, no que concerne a esta última questão, que se desconhece, em grande parte dos casos, a envolvente urbanística que rodeava as igrejas hispânicas (ruas, complexos eclesiásticos, mosteiros etc.), seguramente faziam sentido ambas as entradas, já que uma porta leva de um lugar a outro, especial tratamento deveriam ter tido aquelas que levam à Casa de Deus (Godoy Fernández , 2004: 480-481).

Na topografia eclesiástica da Antiguidade tardia, nas províncias hispânicas, grande parte dos batistérios localizam-se aos pés dos templos. Contudo, em termos do simbolismo teológico-litúrgico, verifica-se que, independentemente do local onde se desenvolve o cenário do batismo, existe sempre uma manifesta vontade de individualizar e diferenciar arquitetonicamente o batistério do resto do espaço litúrgico da igreja. Esta distinção dos espaços sacramentais foi planeada pelos arquitetos de uma maneira clara, que consistiu na elevação de muros, ou chegando, inclusivamente, a construir batistérios como um edifício independente, à parte dada igreja como é frequente no norte da Itália (Godoy Fernández , 2004: 481). As razões são, por um lado, de ordem prática, já que se trata de preservar a intimidade da nudez dos aspirantes ao batismo mas, também, por outro lado, pretende-se enfatizar que se trata de dois cenários diferenciados, correspondente a dois sacramentos distintos: o batismo e a Eucaristia, e que, para participar no último, é imprescindível ter recebido o primeiro. Pela mesma razão, muitos batistérios localizam-se junto às portas das igrejas, o que pode ser interpretado como o passo prévio e requisito indispensável para

[83] Nos casos de Santa Maria del Camí (Maiorca), Anfiteatro de Tarragona, El Germo e Casa Herrera.
[84] Como nos casos de Villa Fortunatus, São Pedro de Alcântara, S. Pedro de Balsemão e no Rossio do Carmo (Mértola).

ingressar na comunidade dos fiéis e poder participar nos mistérios da salvação (Godoy Fernández , 2004: 482).

Se considerarmos a quantidade e a qualidade dos monumentais batistérios que a arqueologia nos tem proporcionado, resulta evidente que o batismo, e o seu cenário litúrgico, era considerado como o espaço primordial para os construtores cristãos da Antiguidade tardia. Ainda mais se tivermos em conta que se tratava de um cenário utilizado uma vez ao ano, em especial o batismo solene celebrado na vigília de Páscoa, e excecionalmente noutras festividades como seja Natal, ou com urgência quando havia perigo de morte. No entanto é a abundância de pormenores existentes na documentação da patrística sobre o batismo e as suas circunstâncias de lugar, as que legitimam poder falar-se de um único discurso teológico e sacramental, de carácter universal, que pode ser reconhecido em todos os batistérios (Godoy Fernández , 2004: 482).

No caso da forma octogonal, o número oito era considerado o número perfeito, o número da ressurreição, numa antiga tradição patrística recolhida por S. Ambrósio de Milão: "*Octava perfectio est*"; e que também se encontra referido por Isidoro de Sevilha: "*qui fuit octavus in creatione mundi, et perfectio unitatis* est" (Godoy Fernández , 2004: 483).

A riqueza simbólica dos batistérios não termina na diferenciação arquitetónica dos espaços ou na forma das piscinas batismais. A localização do espaços do batismo pode variar entre o lado norte[85] ou sul[86] das estruturas da igreja (Godoy Fernández , 2004: 483), contudo em Idanha a Velha verifica-se que um batistério se situa a norte e um outro posterior se localiza a sul.

No entanto segundo C. Godoy Fernández , a localização do batistério no lado oeste seja o posicionamento simbólico mais eloquente que se poderia escolher. O ocidente representa o mundo das sombras, da renúncia a Satanás, que os competentes têm que proclamar antes de entrar na piscina batismal, na direção a ocidente, ao que se segue a

[85] Como são o caso dos batistérios de Fornells, Es Fornás de Torelló, Illa del Rei em Minorca; e Casa Herrera, Alconétar e Valdecebadar na Lusitânia.

[86] Como são os casos de El Germo, S. Pedro de Mérida, el Gatillo e Torre de Palma na Lusitânia e Algerares que apresenta a sudoeste, na Cartaginense.

profecia da fé voltados a oriente, ao reino da luz de Cristo; seguidamente entram na piscina pelo lado oeste e saem pelo lado este (Janeras, 1968: 51-53).

No panorama hispânico, dos aproximadamente 25 batistérios conhecidos arqueologicamente, doze casos localizam-se aos pés do templo[87], seis junto ao alçado norte e cinco no alçado sul[88]. A localização dos batistérios no extremo oeste dos edifícios de culto não é exclusivo da Hispânia, existem também casos documentados na Gália[89], Itália[90] ou, ainda, nas basílicas do norte de África[91].

A localização do Paraíso a oriente da Cidade Santa, com a sinalização dos quatro rios, permitiu a P. Donceel-Voûte relacionar o Mapamundi de Ebstorf com as reprodução iconográfica dos mosaicos das igrejas da Síria. Como, por exemplo, a de Huarté, em que Adão figura entre animais e árvores em alusão ao Jardim do Éden, entronizado aos pés da escada que conduz ao coro, no extremo oriental da nave, lugar que identifica como o Paraíso (Donceel-Voûte, 1988a: 487).

[87] Son Peretó, Sa Carrotxa, Complexo episcopal de Barcino, Santa Margarida de Martorell, EI Bovalar, VilIa Fortunatus, Recópolis (NW). Gerena, San Pedro de Alcântara, Marialba (SW); Son Fadrinet (SW), (Orfila, Tuset, e Ulbert, 2000: 237-243); A Domus de Tanginus em Conímbriga (Maciel e Campos, 1994: 75-92); no Tolmo de Minateda (Abad, Gutiérrez e Gamo: 2000: 193-221); e o segundo batistério descoberto em Tarrassa (Godoy Fernández , 2004: 485).

[88] Ver notas 23 e 24, respetivamente.

[89] De assinalar, os casos da Catedral de Saint-Sauveur (Aix-en-Provence) (Guyon, e Heijmans, (dirs), 2001: 178); Notre-Dame du Brusc (Châteauneuf-de-Grasse, Alpes Marítimos), (Guyon, e Heijmans, (dirs), 2001: 185); e o grupo episcopal de Cimiez, (Guyon, e Heijmans, (dirs), 2001: 186); Saint-Hermentaire, Draguignan, Var, (Guyon, e Heijmans, (dirs), 2001: 188); e o grupo episcopal de Fréjus, (Guyon, e Heijmans, (dirs), 2001: 189); provavelmente o caso de Saint-Esteve de Ménerbes (Vaucluse), (Guyon e Heijmans, (dirs), 2001: 194).

[90] San Giusto de Lucera (SW) (Gandolfi, 2001: 116); Bedizzole, São João Batista de Pontenove, (Breda e Venturini, 2001: 631- 646) Riva Ligure, (Breda e Venturini, 2001: 343) Comacchio, Santa Maria in Padovetere (NW) (Breda e Venturini, 2001: 348).

[91] Onde os exemplos mais relevantes da Tunísia são: EL-Faouar, Bula Regia, Bellalis Menor, Bellalis Maior e a basílica I de La Skhira, (Duval, 1971: 73; Donceel-Voûte, 1998: 130-131e 138).

4.5.2.2.3.1 Catálogo de Materiais

Nº de catálogo : 110
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de calcário.

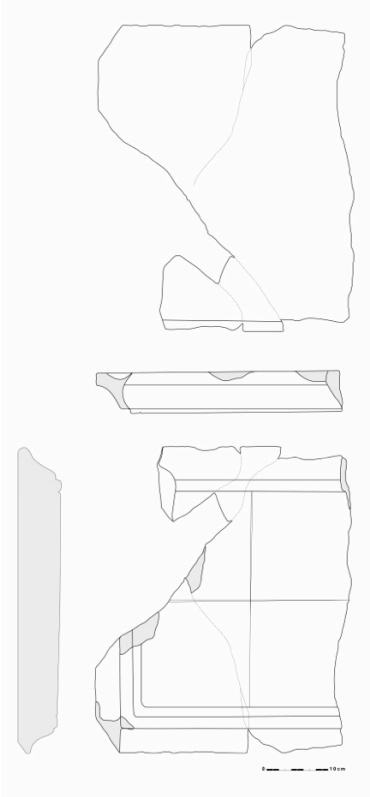
Descrição: É uma pequeno fragmento com uma moldura de pérolas e astrágalos. Pode ser de um capitel jónico ou de um capitel coríntio, uma vez que muitos capitéis, mesmo de outras ordens / tipos ou ainda outras peças, como frisos e cornijas, podem possuir colarinhos com esta decoração, no caso dos capitéis, ou molduras, no caso das restantes peças.
Dimensões: Altura 11 cm; largura 10 cm; espessura 3 cm.
Cronologia: Século I tendo sido possivelmente reempregue na decoração do batistério.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.016
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo: 111
Nº de inventário:
Identificação: Dois fragmentos de capitel coríntio de mármore branco de grão fino.

Descrição: restos do possível cesto de um capitel ricamente decorado. É de realçar a qualidade do mármore e do tratamento escultórico o que leva a pensar tratar-se de uma peça dos inícios do século I.
Dimensões: Altura 28 cm; largura 24 cm; espessura 8 cm.
Cronologia: Século I tendo sido possivelmente reempregue na decoração do batistério.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.016 (?)
Bibliografia: Inédita

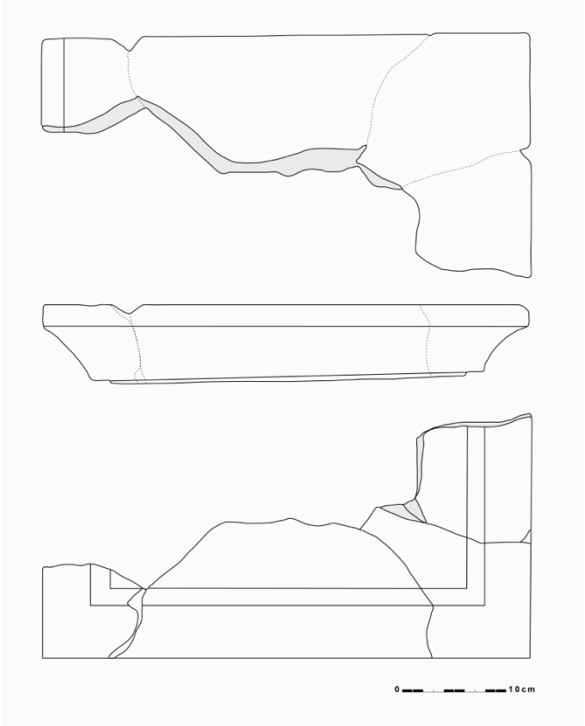
Nº de catálogo: 112
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: fragmento de fuste de caneluras helicoidais e aristas vivas. A parte conservada corresponde ao imoscapo, que alarga ligeiramente.
Dimensões: Altura 90 cm; diâmetro 40 cm.
Cronologia: VII d.C..
Proveniência: encontra-se in situ.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo: 113
Nº de inventário:
Identificação. Três fragmentos de tampo de mesa de mármore branco de grão fino.



Descrição: Possível mesa de altar de forma retangular com os laterais biselados, possui, nos lados conservados, uma moldura côncava e um filete quadrangular. Na superfície inferior da peça são visíveis a marcação de retângulos do esquadreamento. Deste local são conhecidos outros fragmentos pertencentes a outra peça, tendo sido encontrados outros dois fragmentos na zona contigua ao batisterio I, tendo sido identificadas quarto peças deste tipo contudo nenhuma completa. Outra possibilidade interpretativa para estas peças poderia ser que tivessem servido de pequenas impostas, contudo parece excessivo o cuidado de técnico tido para um elemento estrutural e nenhuma das empostas conhecidas possui esta métrica tão regular.
Dimensões: Altura 7,5 cm; comprimento 50,5 cm; largura 41,5 cm.
Cronologia: Estas peças possuem algumas semelhanças com uma mesa de altar proveniente da Sagrada Família em Córdova, com uma proposta de cronologia situada em torno do século VI (Sánchez Velasco, 2006: nº cat. 84).
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:114
Nº de inventário:
Identificação. Quatro fragmentos de tampo de mesa de mármore branco de grão fino.
Descrição: Possível mesa de altar de forma retangular com os laterais biselados, possui, nos lados conservados, uma moldura côncava e um filete quadrangular.
Dimensões: Altura 7 cm; comprimento 23 cm; largura 47 cm.
Cronologia: século VI
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita



Nº de catálogo:115
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de imposta ou cimácio de mármore branco de grão fino.
Descrição: Nas duas partes conservadas possui uma moldura em quarto de circulo côncavo entre dois filetes retangulares.

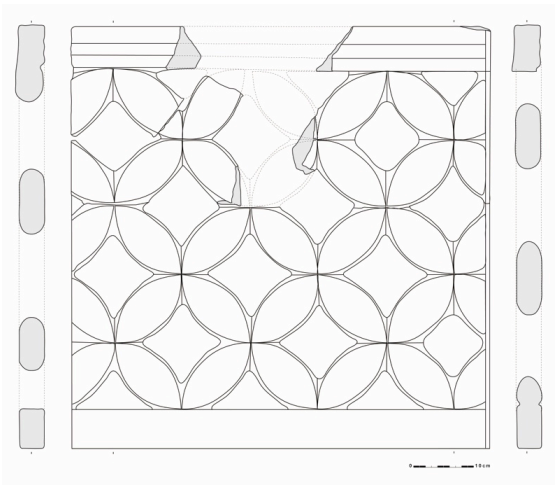
Dimensões: Altura 15 cm; comprimento 60 cm; largura 32 cm.
Cronologia: Século VI.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo 116
Nº de inventário:
Identificação Fragmento cimácio de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: Nas duas partes conservadas possui uma moldura em quarto de circulo côncavo entre dois filetes retangulares. Na parte mais polida apresenta vestígios de marcação de esquadriamento.

Dimensões: Altura 17 cm; comprimento 45 cm; largura 56 cm.
Cronologia: Século VI.

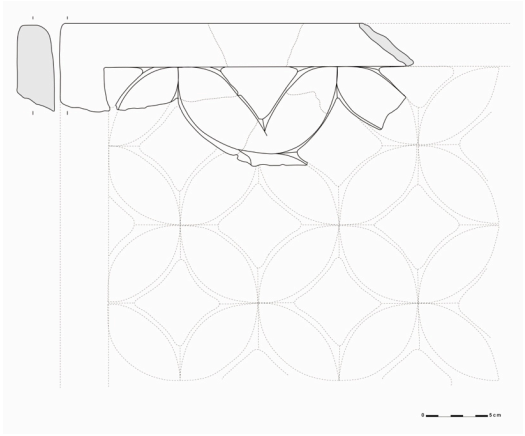
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:117 (in situ) 118 (fragmentos da parte superior).
Nº de inventário:
Identificação: Fragmentos de cancela de mármore cinzento de forma quadrangular *in situ*, e os restantes fragmentos foram encontrados durante a escavação arqueológica[92].
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular na parte superior constituída por dois sulcos paralelos, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas.
Em 1877 Estácio da Veiga, no âmbito do levantamento da carta arqueológica do Algarve, efetuou as primeiras escavações arqueológicas em Milreu, tendo recolhido um abundante, rico e diversificado espólio arqueológico que foi depositado no Museu do Algarve. Em 1894, este material deu entrada no Museu Etnológico Português atual Museu Nacional de Arqueologia. Contudo dadas as semelhanças no material de suporte, no desenho e na métrica das peças, não excluímos que estes materiais, dados como sendo de Milreu, não possam ser de Mértola, local onde este arqueólogo desenvolveu trabalhos arqueológicos na mesma década.
Dimensões: Altura 70 cm, largura máxima 70 cm, espessura 5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

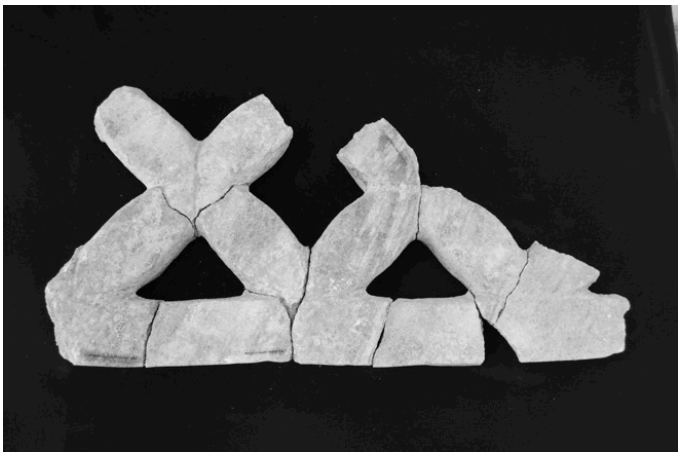


92 No anexo II apresentam-se a totalidade dos fragmentos provenientes da escavação.

Nº de catálogo:119
Nº de inventário:
Identificação. Seis fragmentos de cancela de mármore branco com veios cinzentos, de grão fino e de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular na parte superior constituída por dois sulcos paralelos, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas.
Dimensões: Altura 33,5cm, largura máxima 59, espessura 6 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita



Nº de catálogo:120
Nº de inventário:
Identificação: oito fragmentos de cancela de mármore cinzento de grão médio de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas.
Dimensões: Altura 34,5cm, largura 68 cm, espessura 6,5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita



Nº de catálogo:121
Nº de inventário:
Identificação. seis fragmentos de cancela de mármore cinzento de grão grosso de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas..
Dimensões: Altura 42 cm, largura 52 cm; espessura 5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:122
Nº de inventário
Identificação. Três fragmentos de cancela de mármore cinzento de grão médio de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas..
Dimensões: Altura 33 cm, largura 38 cm; espessura 6 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:123
Nº de inventário:
Identificação. Dois fragmentos de cancela de mármore branco com veios cinzentos de grão grosso de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas..

Dimensões: Altura 31 cm, largura 40,5 cm; espessura 7,3 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:124
Nº de inventário:
Identificação. cinco fragmentos de cancela de mármore branco de grão médio, de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa, ladeando uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas..

Dimensões: Altura 41 cm, largura 25,5 cm; espessura 9 e 5,5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:125
Nº de inventário:
Identificação. dois fragmentos de cancela de mármore amarelo de grão fino.
Descrição: Tem a forma de folha, alongada. Apresenta restos de uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas.

Dimensões: Altura19 cm, largura 25 cm; espessura 5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

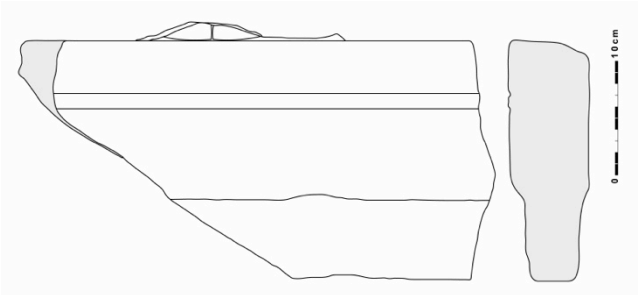
Nº de catálogo:126
Nº de inventário:
Identificação. Um fragmentos de cancela de mármore branco com veios cinzentos de grão grosso.
Descrição: Tem a forma de folha, alongada e presenta restos de uma sequencia vazada de círculos secantes que originam uma composição de quadrifólios. Ambas as faces estão polidas.

Dimensões: Altura 22 cm, largura 14 cm; espessura 7 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

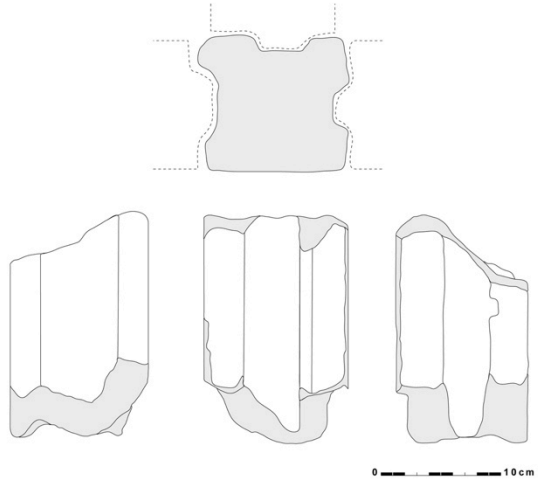
Nº de catálogo:127
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de cancela de mármore branco com veios cinzentos de grão médio de forma quadrangular.
Descrição: Apresenta uma moldura de secção rectangular lisa. Na superfície interna é visível restos de ferrugem possivelmente proveniente do contacto com um grampo em ferro para a fixação.

Dimensões: Altura 8,5 cm, largura 20 cm; espessura 6,5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:128
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de cancela de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Moldura retangular decorada com dois sulcos longitudinais. Na parte superior é possível constatar o arranque das pétalas que compõem os círculos secantes.



Dimensões: Altura 24 cm, largura 41 cm; espessura 7,5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.051, zona do altar.
Bibliografia: Inédita



Nº de catálogo:129
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de pilastrim de cancela
Descrição: possui em três faces ranhuras longitudinais para suporte de cancelas. A restante face encontra-se polida.
Dimensões: Altura 19 cm, largura 12 cm; espessura 11 cm.
Cronologia: Século VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:130
Nº de inventário:
Identificação. Fustes de coluna de mármore cinzento de grão grosso.
Descrição: Fuste liso do que se conserva o *summus scapus* (parte superior), que conta com um toro. No topo superior possui um orifício central e uma ranhura para verter o chumbo.
Dimensões: Altura 90 cm; diâmetro topo 15 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:131
Nº de inventário:
Identificação. Fustes de coluna 2
Descrição: o *imus scapus* (parte inferior) possui um toro. No topo inferior possui um orifício central ainda se encontram restos de ferro envolvidos em chumbo. Possivelmente estes dois fragmentos pertencem há mesma coluna, dada a qualidade do mármore, e a métrica dos dois fragmentos.
Dimensões: Altura 142 cm; diâmetro da base 33 cm.

Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:132
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de fuste de mármore branco com veios cinzentos, de grão médio.
Descrição: Fragmento de fuste liso.
Dimensões: Altura 127cm; diâmetro 30 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:133
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de fuste de mármore cinzento, de grão grosso
Descrição: Fragmento de fuste liso.
Dimensões: Altura 123cm; diâmetro base 32 cm, diâmetro no topo 28 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo: 134
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de fuste de mármore branco com veios cinzentos, de grão grosso.
Descrição: Fragmento de fuste liso.
Dimensões: Altura 60 cm; diâmetro 30 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:135
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de fuste de mármore branco com veios cinzentos, de grão grosso.
Descrição: Fragmento de fuste liso..
Dimensões: Altura 50cm; diâmetro 32 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo: 136
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de fuste de mármore branco com veios cinzentos, de grão grosso.

Descrição: Fragmento de fuste liso. No topo superior possui um orifício central e um pequeno canal transversal para verter o chumbo.
Dimensões: Altura 50cm; diâmetro 32 cm, orifício no topo quadrado de 5 cm de lado.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de

construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

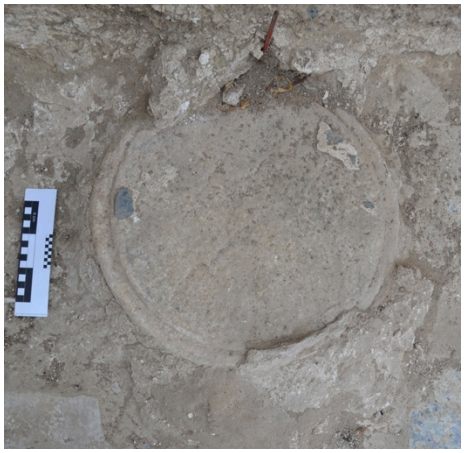
Nº de catálogo: 137
Nº de inventário:
Identificação. Base de coluna mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Base constituída por plinto, toro, filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 27 cm; largura 37 cm; diâmetro 32 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.051, zona do altar.
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:138
Nº de inventário
Identificação. Base de coluna mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Base constituída por plinto, toro, escócia, filete e toro..
Dimensões: Altura 17 cm, largura 38; diâmetro 31 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.051, zona do altar.

Nº de catálogo:139
Nº de inventário:
Identificação. Base de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: Possivelmente trata-se de uma base ática constituída por plinto, toro, filete, escócia, filete, toro e filete.
Dimensões: Refira-se que a única medida possível de quantificar é o diâmetro, pois a base encontra-se parcialmente enterrada no pavimento. Diâmetro 58 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.

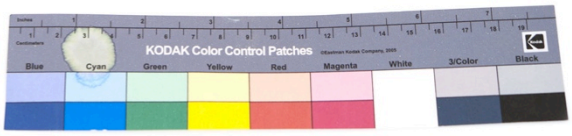
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita

Nº de catálogo:140
Nº de inventário:
Identificação. Base de coluna de mármore esverdeado de grão fino
Descrição: Dos elementos constituintes da base é possível identificar toro, escócia e toro.
Dimensões: Refira-se que a única medida possível de quantificar é o diâmetro, pois a base encontra-se parcialmente enterrada no pavimento. Diâmetro 56 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédita



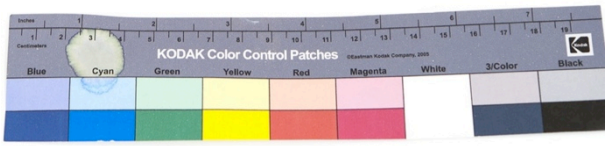
Nº de catálogo:141
Nº de inventário:
Identificação. Base de coluna 3
Descrição: Dos elementos constituintes da base é possível identificar toro e um filete.
Dimensões: Refira-se que a única medida possível de quantificar é o diâmetro, pois a base encontra-se parcialmente enterrada no pavimento. Diâmetro 44 cm.
Cronologia: Século VI-VII não sendo de excluir que se trate de materiais reaproveitados de construções anteriores.
Proveniência: *in situ*
Bibliografia: Inédito

Nº de catálogo:142
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Representação da face humana, com o desenho dos dois olhos, as sobrancelhas e a cana do nariz. Executado com um traço linear.
Dimensões: Altura 11 cm; largura 7 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.



Nº de catálogo : 143
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Possível representação da face humana, com o desenho dos dois olhos e uma sobrancelha.
Dimensões: Altura 8 cm; largura 12 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

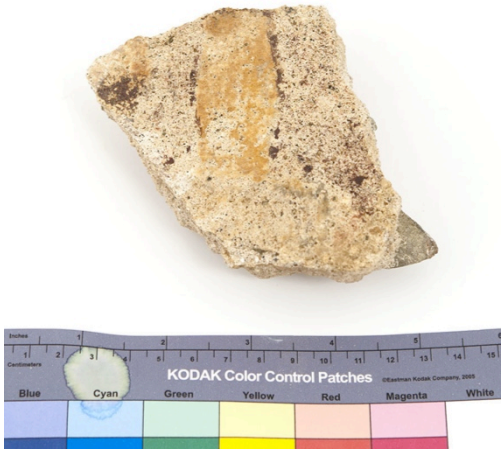
Nº de catálogo:144
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Representação humana onde é perceptível a cabeça o pescoço e os ombros. Os contornos da face estão pouco definidos mas é possível perceber um olho o nariz e a boca, desenhados com traço a preto.
Dimensões: Altura 11 cm; largura 13 cm; espessura 3 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.



Nº de catálogo :145
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Estão representadas duas personagens. A situada ao centro com contornos faciais pouco definidos parece possuir uma auréola. A segunda personagem com cabelo e barba bem definidos bem como o rosto desenhado a contornos a preto.
Dimensões: Altura 10 cm; largura 16 cm; espessura 4 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:146
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Possível representação humana de um braço e uma mão onde são visível os dedos polegar e indicador. A representação parece estar enquadrada por uma moldura, marcada com um sulco e posteriormente pintada.
Dimensões: Altura 16 cm; largura 19 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:147
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação humana, provavelmente o desenho de uma perna com contornos castanhos preenchida a amarelo..
Dimensões: Altura 8,5 cm; largura 7 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.



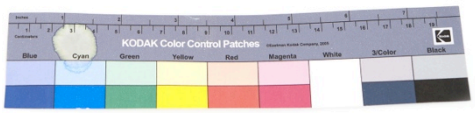
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:148
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Possível decoração constituída por motivos vegetalistas.
Dimensões: Altura 32 cm; largura 26 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

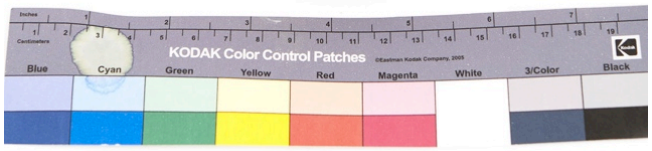
Nº de catálogo:149
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Possível decoração constituída por motivos vegetalistas. Provável braço de cruz pátea.
Dimensões: Altura 23,5 cm; largura 13 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:150
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: Possível decoração constituída por motivos vegetalistas.
Dimensões: Altura 13 cm; largura 13,5 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo: 151
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco*.
Descrição: possível decoração vegetalista. Na superfície do fragmento são visíveis as linhas de marcação preparatória do desenho.
Dimensões: Altura 6 cm; largura 14 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.



Nº de catálogo:152
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: possível decoração vegetalista com a representação feita com traços únicos e sinuosos.
Dimensões: Altura 11 cm; largura 12 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.



Nº de catálogo:153
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Pequeno fragmento onde se conjugam as colorações vermelha azul e castanho.
Dimensões: Altura 10,5 cm; largura 7 cm; espessura 1,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo: 154
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação arquitectónica, com uma composição geométrica que se assemelha ás caneluras dos fustes de coluna.
Dimensões: Altura 8 cm; largura 10,5 cm; espessura 2,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:155
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível moldura com motivos lineares. Neste fragmento são visíveis as linhas de marcação prévia do desenho.
Dimensões: Altura 13 cm; largura 13 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:156
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* nos dois lados.
Descrição: Fragmento de argamassa decorada a fresco com uma aresta arredondada.
Dimensões: Altura 8 cm; largura 5,5 cm; espessura 4 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

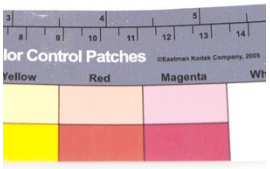
Nº de catálogo:157
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação vegetalista com os contornos definidos por linhas a vermelho preenchidas a cinzento.
Dimensões: Altura 15 cm; largura 12 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo :158
Nº de inventário:.
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: fragmento com fresco de coloração azul. O fragmento apresenta uma superfície côncava.
Dimensões: Altura 22 cm; largura 17 cm; espessura 5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:159
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação geométrica.
Dimensões: Altura 10 cm; largura 10 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo :160
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação arquitectónica.
Dimensões: Altura 14 cm; largura 14 cm; espessura 2 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

Nº de catálogo:161
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de argamassa com tratamento cromático *afresco* na superfície.
Descrição: Possível representação animal inscrita num circulo, possivelmente trata-se de um quadrúpede que se assemelha a uma tartaruga vista de cima.
Dimensões: Altura 7,5 cm; largura 4 cm; espessura 1,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Bibliografia: Inédito.

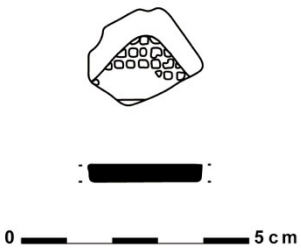


Nº de catálogo:162
Nº de Inventário:
Identificação: Denário de *Quintus Minucius Termus*. Moeda de prata, Roma (Crawford: 1975: 319/1).
Descrição: Anverso: cabeça de Marte, com capacete decorado com penas. Reverso: legionário romano luta com um soldado inimigo, no chão jaz um outro soldado.
Marca: [C]THERM.AM[F] (AMF em nexo).

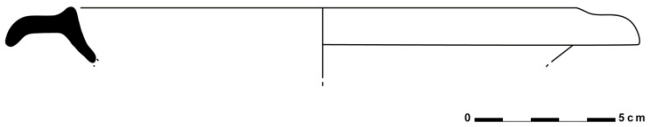
Marca: [C]THERM.AM[F] (AMF em nexo).
Dimensões: Peso 3,39 g; diâmetro 18 mm.
Cronologia: 103 a.C.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.005 (correspondente à parte superior do derrube da ábobada).
Bibliografia: Inédito

Nº Catálogo:163
Nº de inventário
Identificação: Pequeno bronze (Æ4); Família de Constantino I (provavelmente Constans) (?); Roma (?). Tipo "duas Vitórias".
Descrição Anverso: Ilegível. Busto laureado, com diadema de rosetas, couraça e paludamento, à direita. Reverso: Ilegível. Duas Vitórias, frente-a-frente, cada uma delas segurando uma coroa e uma palma. Este tipo (VICTORIAE DD AVGGQ NN) foi lançado a partir de 346. Para Roma, há uma 1.ª série de 347 e uma 2.ª série de 347-348. Este tipo foi cunhado apenas em Trier (Treveri), Lugdunum (Lyon), Arelate (Arles), Roma, Aquileia, Siscia e Tessalónica.
Existe um outro tipo semelhante, com duas variantes (VICTORIA AVG e VICTORIA AVGGG; duas Vitórias frente-a-frente, segurando coroa e palma) mas mais tardio (Roma e Aquileia, 383-387). Apesar do estado de conservação e dificuldade em ler as fotografias, atendendo à tipologia do anverso e do reverso, há fortes probabilidades de se tratar de um exemplar atribuível a Constante, talvez de Roma, e datável de 347-348.
Dimensões: Peso 1,18 g, diâmetro 15 mm, eixo 6.
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.036.
Cronologia: Para este tipo de numismas são apontadas duas cronologias: 341-346 (LRBC 1960, p. 16, n.º 628 a 630) e 347-348 (RIC 1981, p. 253, n.º 74 ou 77). Poderá ser atribuída a cronologia de 341 a 348.
Bibliografia: Inédita.

Nº de catálogo 164
Nº de inventário:
Identificação. fragmentos possível prato de terra *sigilata* africana clara D.
Descrição: Com uma estampilha quadrada, com barra transversais, do tipo Hayes Estilo A(iii).
Dimensões: Comprimento 2,5 cm; largura 2,5 cm; espessura 0,4 cm.
Cronologia: entre 350 e 450 (Hayes, 1972: 241, fig. 39, nº 67).
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.005
Bibliografia: Inédita



Nº de catálogo: 165
Nº de inventário:
Identificação. de terra *sigilata* africana clara D, tipo Hayes 91B.



Descrição: Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba e arranque do corpo. A aba é de curta dimensão, com lábio espessado de secção semicircular.
Dimensões: Altura 2 cm, diâmetro 18 cm; espessura 0,5 cm.
Cronologia: 450 e a primeira metade do século VI (Hayes, 1972: 144; Bonifay, 2004: 177 e 203).
Proveniência: M/Encosta do Castelo/ 2013/u.e.016
Bibliografia: Inédita

4.5.3. O edifício anterior à mesquita

A atual Igreja Matriz está situada no limite nascente da plataforma artificial contigua ao complexo batismal e foi cristianizada com a reconquista cristã, em 1238, quando Mértola foi conquistada pelas hostes de Santiago de Espada. Os novos senhores não promoveram novas construções, mais uma vez se reaproveitam as edificações existentes, reaproveitando as estruturas do antigo castelejo, e cristianizam a Mesquita, dedicando-a a Santa Maria (Boiça e Barros, 2011: 33).

O edifício da Mesquita é perfeitamente visível no desenho quinhentista de Duarte d'Armas. Esta foi construída na segunda metade do século XII: "Era um templo de cinco naves, cada uma com telhado de duas águas, dele restam ainda os muros exteriores e quatro pequenas portas (três abertas ao antigo pátio e uma outra ao exterior) em que os arcos em ferradura, levemente peralteados, são emoldurados por um alfis. A estrutura base do edifício, e sobretudo a cobertura de todo o conjunto com o sistema de abóbodas nervuradas do século XVI, conferem a este monumento um subtil exotismo" (Macias e Torres, 2011: 15).

Fig. 106 – A Igreja Matriz de Mértola (antiga Mesquita e templo da Antiguidade Tardia).

4.5.3.1 A escavação arqueológica

No âmbito de trabalhos de recuperação promovidos, pelo então, Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitetónico, no ano de 2003 e seguinte, foram desenvolvidos trabalhos arqueológicos no interior e no exterior do edifício. Foram abertas duas sondagens, uma no interior, na área do *mihrab*, e outra no adro, junto ao muro da *qibla*. A sondagem feita no interior, depois da escavação de vários estratos de entulho depositados durante a Baixa Idade Média, depois da conquista cristã, revelou a localizado do "pavimento original do *mihrab* almóada, bem como confirmar que as suas paredes de suporte se prolongavam em direção à sala de oração" (Gómez, 2011: 90). O prolongamento destas estruturas é também visível nas imagens fotográficas feitas no decurso das obras de restauro realizadas pela DGMN. Abaixo deste nível a escavação revelou a existência de alicerces, anteriores ao *mihrab* almóada, e que também foram atribuídos, provisoriamente, a um templo pré-islâmico embora, como refere S. Gómez, "os testemunhos em que se apoia esta datação não sejam conclusivos" (Gómez, 2011: 91).

Fig. 107 – Escavações arqueológicas na plataforma nascente.

No exterior a escavação desenvolveu-se na área norte do adro e forneceu uma estratigrafia complexa. Foram escavados e documentados os trabalhos de demolição século XX, as estruturas de uma sacristia setecentista e da sua subcave. Na parte nordeste, na zona contígua à porta em arco de ferradura, a escavação revelou a existência de uma outra sacristia, documentada também na gravura de Duarte de Armas dos inícios do século XVI (Almeida, 1943). Esta antiga sacristia assentava e cortou monumentais alicerces com uma altura aproximada de 2,15m, reforçados na parte inferior, que serviam para compensar o forte desnível do terreno (Gómez, 2011: 94).

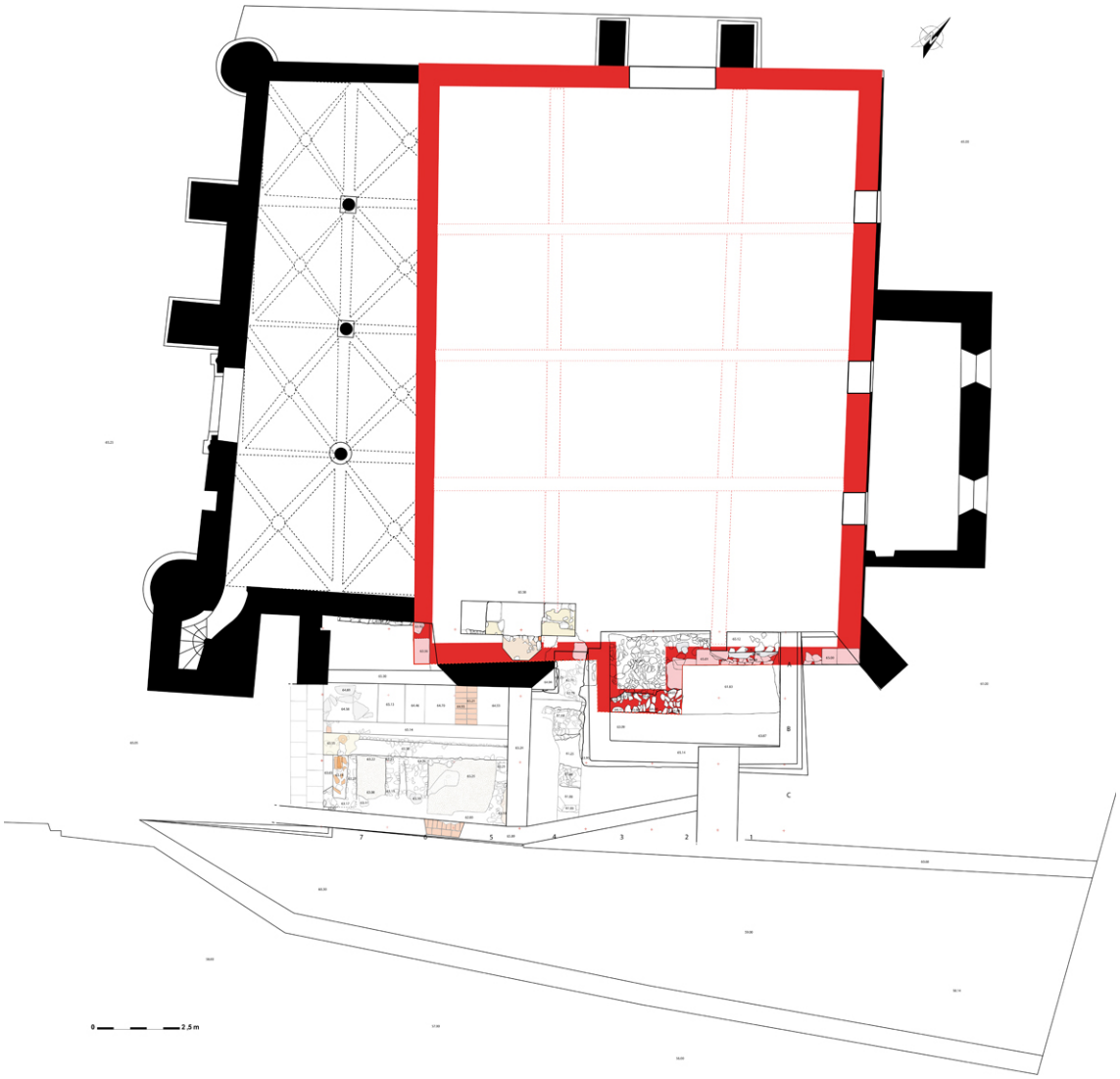


Fig. 108 – Planta das estruturas da Antiguidade Tardia.

A escavação, realizada em profundidade, revelou ainda uma estrutura monumental, constituída por silharia de granito reaproveitada, com cerca de 2 m de atura. Estas estruturas foram interpretadas como sendo de uma construção, anterior à mesquita. "Provavelmente do período omíada, dado que estes alicerces assentam, por sua vez, sobre estruturas que identificamos como pertencentes à Antiguidade Tardia" (Gómez, 2011: 101). A escavação ainda revelou um espaço retangular, que se destaca do muro paralelo à mesquita, e que foi interpretado como sendo uma abside (Gómez, 2011: 103).

No local onde a escavação se pode realizar em maior profundidade, e se atingiu a rocha base, foi possível localizar três muros paralelos, feitos de alvenaria de pedra vã, e que estão dispostos em socalcos. Considera-se que se trata do embasamento das estruturas que ajudam a compensar o forte desnível do terreno nesta zona.

Fig. 109 – Estruturas da cabeceira do templo da Antiguidade Tardia.

Fora desta plataforma onde foi feita a escavação, foi analisado o paramento da estrutura que está na base da atual igreja e constatou-se que este era construído com recurso a silharia de granito, dispostos em fiadas regulares. Com os dados de que

disponho coloco a hipótese de se tratar do limite nascente de um edifício, de planta simples, com uma abside retangular, colocada ao centro. Tratar-se-ia de uma construção com cerca de 14 m de largura interior, dos quais 2,5 metros seriam ocupados pela abside; suponho que o limite norte da construção seria coincidente com o atual muro da igreja e com um comprimento a rondar os 20 m.

O aparelho desta construção é maioritariamente constituído por blocos de xisto local, dispostos em fiadas horizontais, com recurso à utilização de silhares de granito dispostos pontualmente em fiadas verticais ou nos cunhais. Este tipo de aparelho construtivo, designado de opus africano, foi muito utilizado no norte de África, na arquitetura dos finais do Império romano e durante a ocupação bizantina. Um dos aspetos interessantes desta construção exterior é que faz recurso à utilização de argamassa.

Fig. 110 – Estruturas da cabeceira do templo da Antiguidade Tardia

4.5.3.2 Os materiais arqueológicos

O conhecimento que hoje temos deste edifício, Monumento Nacional, no que concerne ao período histórico em estudo, advém de três tipos de fontes: as epigráficas, os elementos de arquitetura decorativa e, por último, os dados provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados pela equipa do CAM em 2003.

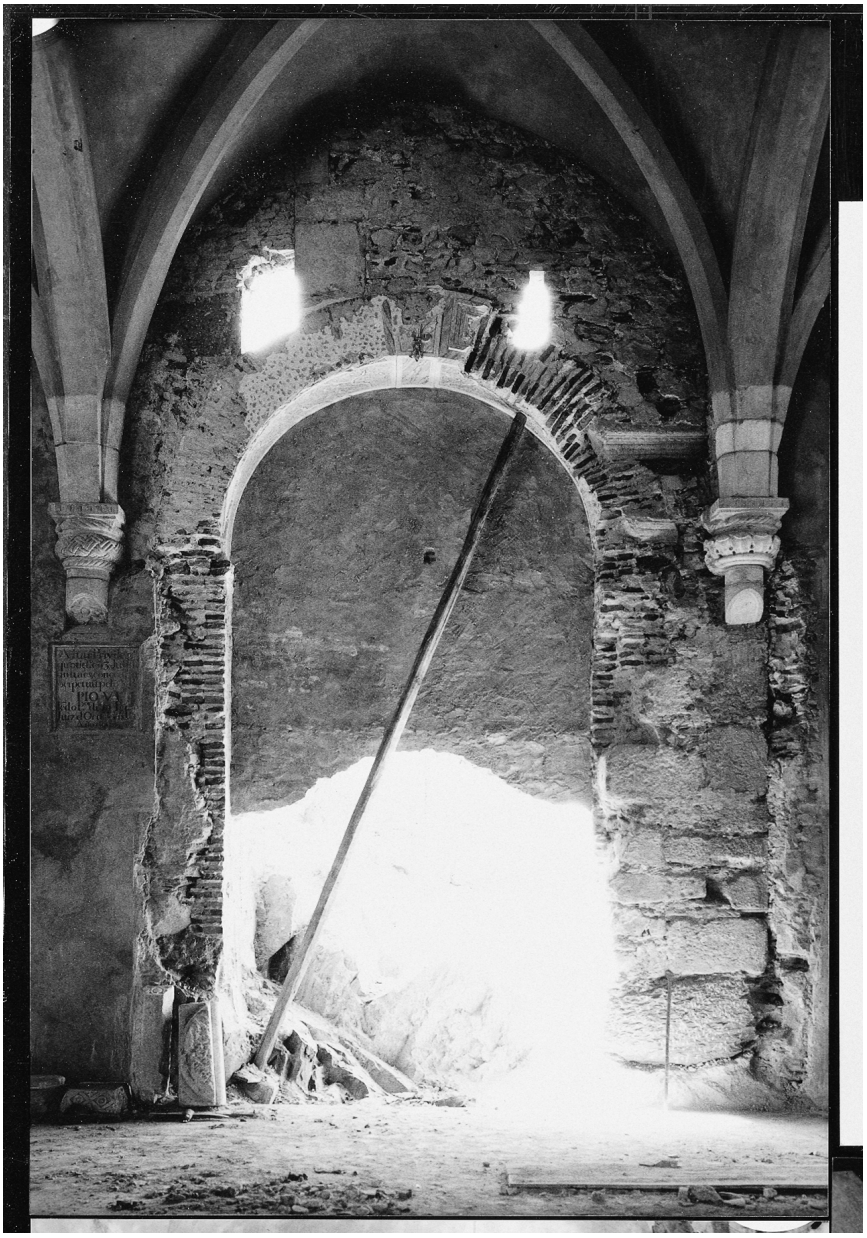


Fig. 111 – Porta posta a descoberto pelas obras da DGMN.

As obras de recuperação que o edifício teve na década de quarenta do século XX, levadas a cabo pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, puseram a descoberto três fragmentos de inscrições de época romana. Essas inscrições, de carácter honorífico, sugere a existência de um espaço áulico nas imediações desta zona da acrópole. Apesar dos dois fragmentos terem sido encontrados em épocas e locais distintos (Veiga, 1993: 68-69; Viana, 1950: 27, fig. 28), J. d'Encarnação considera que se trata de fragmentos da mesma inscrição e propõe a seguinte leitura: "Ao imperador César Marco Aurélio António Augusto Armeniaco, pontífice máximo, no seu 18º poder tribunício, cônsul pela 3ª vez, filho do divino Antonino Augusto, neto do divino Adriano, bisneto do divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva(...) por decreto dos decuriões, os munícipes do município de Mértola, por intermédio dos duúnviros Gaio Júlio Marino e Gaio Márcio Optato" (Encarnação, 1984: 157-158). Para J. Encarnação trata-se de uma inscrição dedicada a Marco Aurélio após a sua vitoriosa campanha na Arménia de finais de 163 d. C., inícios de 164 d. C. (Encarnação, 1984: 157-158).

A primeira parte do texto, aparecida no decurso das obras da D.G.M.N. 93, encontra-se hoje exposta na Casa Romana do Museu de Mértola. A segunda parte do texto, aparecida em 1758, e que foi retirada das muralhas da vila, sendo desconhecido o seu paradeiro atual. No entanto a base da leitura epigráfica têm sido as transcrições feitas por D. José Cornide, e os desenhos elaborados por Félix Caetano da Silva, lidas por Hübner e mandados para Lisboa em 1794 (Veiga, 1983: 68-69).

Estas inscrições demonstram-nos que o município de Myrtilis possuía uma organização administrativa no século II d. C., e que a "homenagem é feita ex decreto ordinis e dela são encarregues os duúnviros" (Encarnação, 1984: 159-160).

Nas referidas obras, da D.G.M.N., foi recolhida uma outra inscrição honorífica, datável de finais do século II. A inscrição: "[...]Honore . Con[t]entvs . L(ucius) . Hel/vivs . Flavia/[n]vs Impensam / Remisit", refere-se a um homenageado que se identifica pelos tria nomina sendo, muito provavelmente, um notável cidadão local, cujo procedimento em relação à publica prova de simpatia que lhe fora prestada, pagando os gastos efetuados para erigir a sua estátua ou para mandar gravar a inscrição (Viana, 1950: 26 e Encarnação, 1984: 159-160).

[93] Direcção Geral dos Monumentos Nacionais

Outro elemento epigráfico, encontrado nas escavações da Biblioteca Municipal, a que nos referiremos mais adiante, é um fragmento de um colunelo honorífico, mármore branco de grão médio. O suporte está fraturado na parte inferior e apresenta-se danificado em toda a superfície. E propõe-se a seguinte leitura epigráfica: aos Imperadores e nobilíssimos Césares Galério Valério Maximiano (...)[94]. A titulatura *Impp* e *Cess* implicam um texto com os nomes de dois imperadores, que tivessem, simultaneamente, exercido o cargo de *Caesar* e cujo nome encaixasse nas letras legíveis.

A opção por *Galerius Valerius Maximianus* é a que melhor se adequa ao que resta do texto, no entanto, podemos sempre opor a esta opção o facto de o texto não incluir o nome de dois Caesares. Galério foi César entre 293 e 305, durante a tetrarquia de que faziam parte Diocletiano e Maximiano Hercúleo como Augustos, sendo Galério e Constâncio Césares (Lopes, 2012: 78).

A presença de Galério Valério Maximiano, na região de Beja / Mértola, está também documentada num marco miliário proveniente de Santa Clara de Louredo, onde são referidos os quatro governantes[95] .

Estas três inscrições de carácter honorífico podem indiciar a existência de um templo dedicado ao culto imperial. Abarcam um período cronológico que vai do século II até ao início do IV e poderão estar relacionadas com os togados e demais peças de estatuária encontradas no século XVI, num torreão demolido para dar lugar à igreja da misericórdia de Mértola.

A par dos fragmentos epigráficos, o programa de obras de restauro pôs a descoberto, ainda, um conjunto de elementos de arquitetura decorativa que pode ainda estar relacionada com o templo romano aqui existente. Refiro-me aos dois elementos marmóreos, ricamente decorados, em que um se encontra reaproveitado no paramento interno, situado na parede sul da igreja, e um outro que se encontra no quintal do referido monumento, tendo sido interpretado como sendo "um possível entabelamento de um edifício ou templo de época imperial" (Macias e Torres, 2011: 10). Num estudo recente sugiro outra interpretação para estas duas peças, como sendo uma base de

[94] *Impp(eratoribus duobus) / G[a]l(erio) Val(erio) / Max[imi]/[a]no nobb(ilissimis) / cess(aribus) (?)* agradeço ás Dr. Manuela Dias e Catarina Gaspar a ajuda na leitura desta inscrição.

[95] Cf. IRCP, nº 669: *[D(ominis) N(ostris quattuor)]? C(aio) Flavio Valerio Const[antio Nob(ilissimo) / Caesari Ca[io] / [Gal]erio Valer[io] / [Maximiano] M(arco) Aur(elio) [Valerio] / Maximiano Pio Felici / C(aio) Aur(elio) Val(erio) Diocletiano Aug(usto) P(ontifici) M(aximo) [Trib(unicia)] pot(estate)* [---]

altar. Esta nova interpretação baseia-se na leitura dos elementos decorativos, opostos à deposição da peça aquando da reutilização, e pelo facto de a peça estar trabalhada em três das suas faces, parece-me mais plausível a interpretação que sugerimos. Se a peça que está encastrada na parede da igreja for igual à peça do depósito, as duas peças seriam unidas pela parte não trabalhada e formavam um retângulo cujo lado maior teria 1,80 m e o menor 1,20 m. Estando três dos lados decorados e o lado posterior apenas sumariamente decorado (Lopes, 2012: 89). Não será de excluir, como afirma S. Macias e C. Torres, que a maioria, senão a totalidade dos fustes reempregues nas colunas que suportam a abóbada quinhentista do santuário, também tivessem pertencido ao peristilo desse hipotético templo romano (Macias e Torres, 2011: 10).

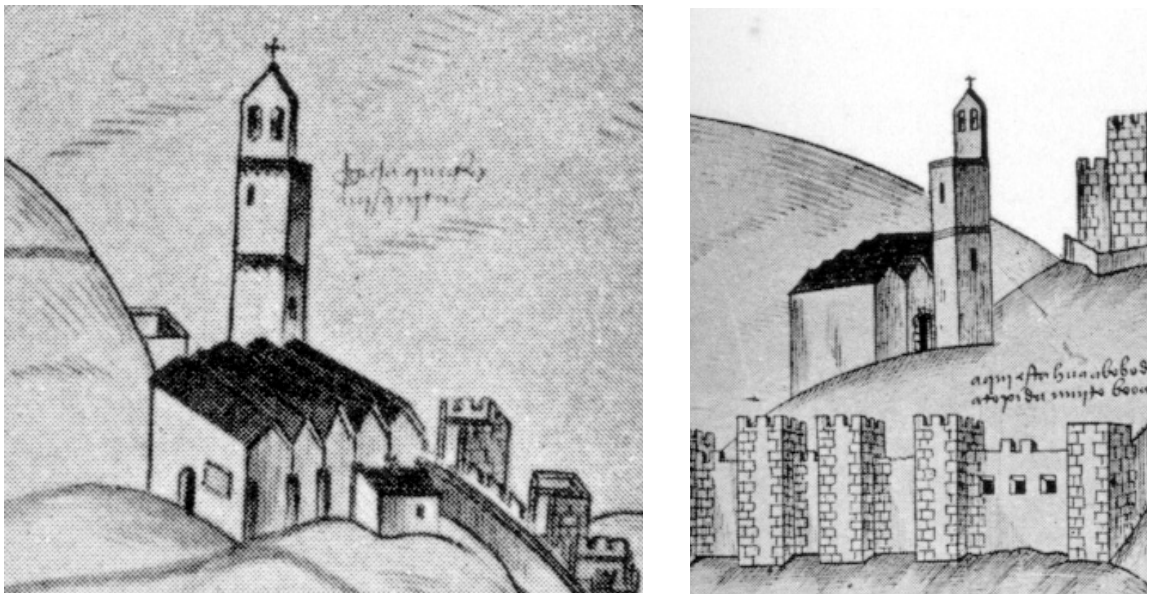


Fig. 112 – A Mesquita representada por Duarte Darmas.

Um outro conjunto de elementos arquitetónicos aparecidos no local, aquando das referidas obras, ou recolhidos nas imediações, leva a pensar que o velho templo romano foi adaptado e sofreu um novo programa de obras na Antiguidade tardia. Assim, as peças consideradas como sendo deste local são em número de cinco e encontram-se expostas na torre de menagem do castelo: um ábaco e quatro cimácios ou impostas, quatro delas datadas do século VII. O ábaco está decorado com um *cantarus*, de onde sai um enrolamento de caulículos que terminam ora numa folha de

hera, ora numa rosácea quadrifólia. Este ábaco está decorado em três dos seus lados, sendo a superfície não decorada destinada a ser embutida na alvenaria de um edifício e assegurar o arranque de um arco toural (Torres et alii, 1991: 47).

Três das impostas apresentam uma métrica[96], o mesmo tipo de trabalho escultórico e uma decoração semelhante, daí poderem ter pertencido ao mesmo programa de obras. A decoração é constituída por folhas de hera invertidas, unidas por gravinhas, estando delimitadas por uma moldura. No caso da peça 176, as folhas saem de um pequeno *cantarus* sumariamente esboçado (Torres et alli, 1991: 48).

Uma quarta imposta, possivelmente mais tardia, apresenta como motivos decorativos uma sequência de losangos, em que se inscrevem pequenos círculos e de botão central. Folhas de hera ocupam o espaço de união dos losangos.

Duas outras peças foram recolhidas junto à cortina norte da muralha, podendo tratar-se de elementos integráveis nas estruturas do edifício anterior à mesquita, contudo a insuficiência de dados relativos ao local exato da sua proveniência não permite afirmar com segurança a sua utilização neste espaço. No caso da imposta, decorada com um friso de folhas de videira, tem peças semelhantes que apareceram também reutilizadas nos muros islâmicos que se sobrepuseram ao complexo batismal, podendo esta ser originária do local.

Uma outra peça, datado do século VII, é parte superior de uma coluna decorada com caneluras torsas. Nas escavações arqueológicas, realizadas pela equipa do CAM, foi posto a descoberto um fuste de coluna torça. Esta peça estava integrada na alvenaria da sacristia seiscentista, adossada ao exterior da Igreja Matriz (Goméz, 2011: 91). Tanto esta peça, como a anteriormente abordada, poderiam ter pertencido ao edifício precedente da mesquita.

Das escavações efetuadas na Biblioteca Municipal, em 2006, foi encontrado, reutilizado nas construções islâmicas, um fragmento de imposta em mármore, que apresenta uma decoração de cruzes gregas inscritas em círculos duplos que se interligam. Esta peça, apesar de ter aparecido num espaço próximo, dadas as diferenças decorativas e a métrica que apresenta, não nos parece que tenha sido integrada na decoração do templo anterior à mesquita.

[96] A altura destas peças varia entre os 12 e os 14 cm.

No programa de obras levado a cabo no século XVI foram reempregues dois capitéis.
As duas peças possuem uma gramática decorativa clássica, em que o cesto apresenta duas coroas de folhas lisas. Da segunda coroa saem finos caulículos que se bifurcam, preenchem a parte superior do capitel e dão origem às espirais das volutas. O ábaco aparece bastante recuado, em relação ao cesto, e estende-se nos seus vértices até às saliências paralelepipédicas das volutas. No centro dos quatro lados do ábaco destaca-se uma concha. A única diferença entre estes capitéis é que um tem, no registo superior, uma sequência constituída por semicírculos, de onde saem lancetas em forma de losangos, e o outro apenas uma sequência de semicírculos. Parece, pois, que o segundo capitel não terá sido completamente acabado.

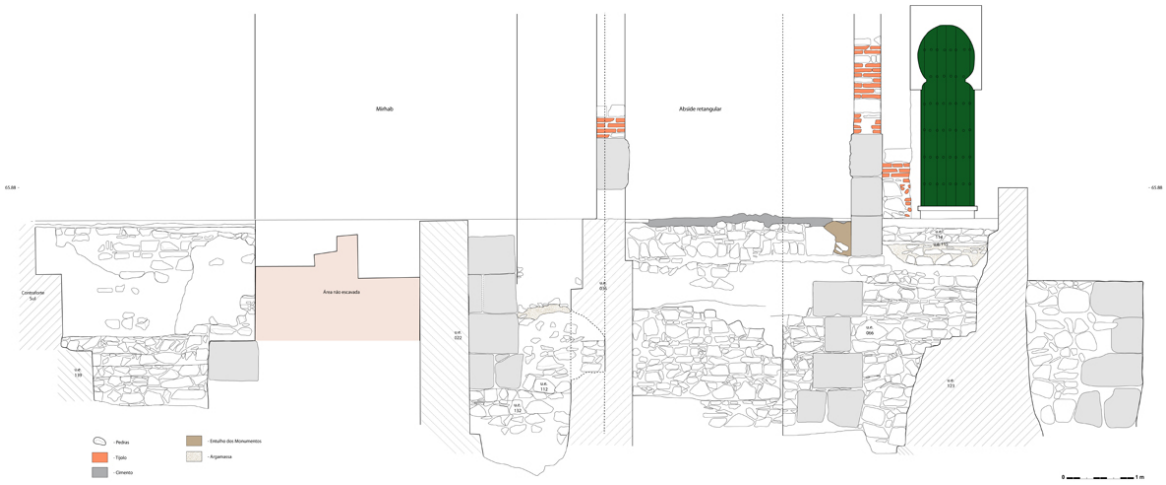


Fig. 113 – Perfil da cabeceira do templo da Antiguidade Tardia

A datação destas peças tem suscitado alguma divergência de opiniões: para C. A. F. Almeida tratar-se-ia de peças do século VIII-IX (Almeida, 1993: 86); S. Macias e C. Torres apontam o século IX com interrogações, contudo admitem poder tratar-se de peças enquadráveis no século VI - VII (Macias e Torres, 2011: 14), se se tiver em consideração algumas datações propostas para alguns capitéis da mesquita de Córdova (Cressier, 1984: 225-227 e taf. 72, c e d); F. Limão aponta o século III e IV como datação para estas peças (Limão, 2010: 473). Um estudo recente elaborado por D. Magaña data estes capitéis do século VI – VII (Magaña, 2011: 197).
Duas bases de coluna, reutilizadas no altar da atual igreja matriz, são idênticas às bases encontradas na galeria do complexo batismal.

Da escavação provem uma fragmento de uma coluna torsa em mármore[97]. Este fragmento de coluna, de muito boa qualidade, deveria ter pertencido à colunas das naves do templo de abside quadrangular. A peça foi posteriormente desbastada e reutilizada como degrau de acesso à sub-cave da sacristia quinhentista.
Este tipo de colunas encontra-se já referenciado em duas peças, uma proveniente do exterior da muralha urbana da vila de Mértola, junto da cortina e outra de local incerto e que fazia parte da antiga coleção reunida na Escola Primária (Torres et alli, 1991: 52-53). Na plataforma intermédia da encosta do castelo apareceu um fragmento da parte inferior de uma coluna em mármore do mesmo tipo e com uma métrica semelhante[98].

4.5.3.3 Análise funcional e paralelos

Para o interior podemos avançar algumas sugestões: baseando-se na análise dos paramentos, e na intervenção arqueológica realizada, poderei inferir os alinhamentos que sugerem a divisão do espaço interior em três naves, possivelmente divididas por colunas.
Não possuo dados que me indiquem as aberturas que o edifício possuía contudo, suponho que o limite norte do edifício, coincida com a parede onde estão as três portas com o arco em forma de ferradura, que como é conhecido não são exclusivas das construções islâmica.

Apesar de esta construção estar orientada a sudeste, fator que não é determinante na orientação dos templos cristãos primitivos. No entanto a orientação das estruturas é grosso-modo nascente poente, com a abside na parte nascente e as aberturas no lado norte e no lado oeste[99]. A orientação do edifício ficou a dever-se à topografia pré-existente e ter reutilizando, seguramente, construções e materiais de outras edificações anteriores.

[97] Fragmento de coluna torsa de mármore branco de grão fino com 46 cm de diâmetro e 1,2 m de altura.
[98] Com um diâmetro de 40 cm e 90 cm de altura.
[99] Esta porta é inferida pela existência de um arco que foi posto a descoberto aquando das obras da DGEM, no entanto na mesma fotografia é possível observar que este arco abria para uma zona de afloramentos xistosos irregulares, pelo que não possuímos dados suficientes para suster a hipótese da existência de uma porta neste local.

No que confere a templos, com planta semelhante, cabe destacar os casos abordados por P. Palol, nomeadamente a *Villa* de Fortunatus, de Fraga (Huesca). Nesta construção, situada no ângulo oeste de uma grande casa romana, com amplo peristilo central, existe uma construção que apresenta uma certa unidade e que, no essencial, forma uma planta completamente retangular, sendo que, no lado NE, sobressai uma abside retangular, no lado exterior, e semicircular pelo interior. O referido autor aponta o século VII como enquadramento cronológico para esta construção (Palol, 1967, 88). Por sua vez, Puertas Tricas, baseado no estudo das cerâmicas provenientes do enchimento por debaixo da abside, defende que a construção da abside se situa no século V o que, à semelhança de Recópolis e Segóbriga, propõem uma data enquadrável no século VI (Puertas, 1975: 79-81), como também defendem Schlunk e Hauschild, baseados na tipologia das cancelas (Schlunk e Hauschild, 1978: 163). Posteriormente, Palol revê a cronologia inicialmente proposta e defende também que a construção da abside se realizou no século VI e aponta, como paralelos, as basílicas baleares (Palol, 1989, 2001 e 1991: 297-298).

A tipologia das construções de planta basilical e abside retangular pode ainda ser documentada na igreja de Es Cap de Port, Fornells, Menorca, datada de finais do século V e inícios do VI, esta datação está baseado nos estudos cerâmicos e nos elementos decorativos e numismáticos encontrados no decurso da escavação (Palol, 1982: 379).
Na Lusitânia são conhecidos alguns exemplos construtivos que empregam este tipo de planta, nomeadamente o templo de S. Pedro de Mérida, situado numa povoação com o mesmo nome, nas imediações da cidade de Mérida. Trata-se de um edifício de planta quadrangular, formando um espaço perfeitamente orientado, sendo que, no lado este, se destaca uma abside de forma quadrangular. Os restos arqueológicos provenientes da escavação, designadamente um dintel com o alfa e o ómega, e o espólio de uma sepultura colocada no interior do templo, levou o citado autor a datar esta construção em torno do ano 600 (Palol, 1967: 98).

No caso do território português pode-se destacar o exemplo da igreja de Idanha-a-Velha, em que o templo é constituído por uma aula basilical, dividida em três naves transversais à abside, e por colunas que originam sete tramos, sendo o tramo central mais amplo situado no enfiamento da abside. A documentação escrita faz alusão à

Diocesis de *Egitania* no concílio de Lugo, realizado em 509, pelo que a datação da basílica tem-se situado no século VI, com uma série de estruturas associadas e que corresponderiam ao palácio episcopal (Almeida, 1966: 409). Para Palol estas estruturas são da segunda metade do século VII, devido à qualidade e técnica do aparelho construtivo e pela disposição da arcaria (Palol, 1968: 132 e 1991: 402). Para Torres, baseado na análise da planta, orientação e tipologia, levam a interpretá-la como sendo uma mesquita, pertencente a finais do IX, inícios do X (Torres, 1992: 169-178). M. Real situa o monumento na mesma cronologia apontada anteriormente mas mantém a interpretação tradicional de basílica (Real, 1995: 67).

Ainda em território nacional encontra-se um edifício, não menos polémico, que apresenta características semelhantes ao caso em estudo de Mértola: S. Gião da Nazaré. Trata-se de um espaço com planta quadrangular, com uma nave central e duas laterais, uma abside retangular que franqueia o edifício no lado noroeste. A leitura de paramentos, realizada por L. Caballlero, evidencia a unidade construtiva de grande parte das estruturas conservadas. A nave norte foi ocupada por uma casa do período Moderno. As três naves são independentes, e comunicam entre si pela abertura dos arcos duplos laterais e a iconóstase do coro (Utero Agudo,2006:612).

As propostas de cronologia são resumíveis a três momentos. Uma primeira, que situa a construção no período Visigodo. Os fragmentos de inscrições e as peças decorativas corresponderiam, segundo Almeida (1966), Schlunk (1971a: 206), Hauschild (1978: 214) e Fontaine (1973: 453), ao século VII.

Uma segunda proposta de datação vem de Kingsley (1980: 145) e Ferreira (1986:136-139) que, alegando as características da tribuna, a iconóstase alta, a pobreza da técnica construtiva e os elementos de escultura reutilizada, a data no período pós-visigótico, do século X.

A terceira proposta de datação aponta para uma igreja de origem Visigoda restaurada em época moçárabe. Esta teoria é defendida por Palol que admite a origem visigoda e opina que os arcos e a tribuna podem ser posteriores (Palol, 1991: 377). Por outro lado, Real distingue dois grupos decorativos , um de época visigoda e outro do séculos IX-X (Real, 1995: 62).

E. Cáceres aborda vários casos na Lusitânia de edifícios com a cabeceira retangular, destacada para o exterior: o já referido templo de S. Pedro de Mérida mas, também, o

caso de Ibahernando, onde foi encontrada uma inscrição de consagração de uma basílica no ano de 635. Ainda pertencente à mesma tipologia, o referido autor aponta monumentos coetâneos da Lusitânia como os casos de Santa Olalla, Portera, Gatilho e Postoloboso (Cáceres, 1995: 368-369).

Pela análise dos materiais epigráficos e arquitetónicos, provenientes das várias obras feitas no edifício e nas imediações, pode-se inferir a existência de vários momentos construtivos. Um primeiro edifício, possivelmente um templo dedicado ao culto imperial, atendendo à epigrafia e aos elementos arquitetónicos aí encontrados, poderá ter estado em funções até aos inícios do século IV. Com a proclamação do cristianismo como religião oficial do estado, certamente o templo sofreu transformações, mas desconhecemos o programa arquitetónico. Contudo a descoberta, no local, de algumas impostas e cimácio leva a considerar a existência de um templo cristão no século VI – VII naquele local.

A proposta de datação que apresento para este edifício situa-se entre os finais do século IV inícios do V, não sendo de excluir que tenha tido uma utilização continua nas centúrias seguintes a que correspondem momentos construtivos e remodelações decorativas adaptando-se às diversas religiões que por ele passaram.

4.5.3.2.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 167
Nº inventário:
Identificação: Capitel de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: O cesto do capitel apresenta duas coroas de folhas lisas. Da segunda coroa saem finos caulículos que se bifurcam terminando em espirais, que preenchem a parte superior do capitel e dão origem às espirais das volutas. O ábaco aparece bastante recuado em relação ao cesto e estende-se nos seus vértices até às saliências em paralelepipédicas das volutas. No centro dos quatro lados do ábaco destaca-se uma palmeta ou uma concha e uma sequencia constituída por semicírculos de onde saem lancetas em forma de losangos.
Dimensões: Altura 49 cm, largura máxima 60 cm, diâmetro base 30 cm.
Cronologia: Séculos VIII-IX (Almeida; 1993: 86 e Macias e Torres, 2002: 17); Século III - IV (Limão, 2010: 473); finais do século VI-VII (Domingo Magaña, 2011: 197).
Localização: Na Igreja Matriz de Mértola.
Bibliografia: Almeida; 1993: 86; Macias e Torres, 2002: 17; Limão, 2010: 473; Domingo Magaña, 2011: 197.

Nº catálogo: 168
Nº inventário:
Identificação: Capitel de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: O cesto do capitel apresenta duas coroas de folhas lisas. Da segunda coroa saem finos caulículos que se bifurcam terminando em espirais, que preenchem a parte superior do capitel e dão origem ás espirais das volutas. O ábaco aparece bastante recuado em relação ao cesto e estende-se nos seus vértices até às saliências paralelepipédicas das volutas. No centro dos quatro lados do ábaco destaca-se uma palmeta ou uma concha e uma sequencia constituída por semicírculos.
Dimensões: Altura 42 cm, largura máxima 57 cm, diâmetro base 30 cm.
Cronologia: Séculos VIII-IX (Almeida; 1993: 86; Macias e Torres, 2002: 17); Século III - IV (Limão, 2010: 473), Finais Do Século VI-VII (Domingo Magaña, 2011: 197).
Localização: Na Igreja Matriz de Mértola.

Bibliografia: Almeida; 1993: 86; Macias e Torres, 2002: 17; Limão, 2010: 473; Domingo Magaña, 2011: 197.

Nº catálogo:169
Nº inventário: MR.CP.0001

Identificação: Capitel de tipo corintizante de mármore cinzento de grão médio. Danificado na parte superior em duas da volutas. Incompleto.
Descrição: De forma troncocónica invertida. O corpo do capitel divide-se claramente em dois registos assimétricos. O corpo inferior, em que o plano da base sofreu um entalhe para possível reutilização, é constituído por uma curta coroa de folha s de acanto lisas e levemente contracurvadas. Do interior desta coroa estilizada ressaltam folhas largas que enrolam nas quatro volutas de canto.
Dimensões: Altura 40 cm, largura máxima 69 cm, largura mínima 26 cm.
Cronologia: Séculos VIII-IX (Torres et alii, 1991: 37); Século IV (Limão, 2010: 463), Finais do século III-IV (Domingo Magaña, 2011: 201),
Proveniência: Da antiga coleção reunida na Escola Primária, embora possa ser proveniente das obras de remodelação da antiga mesquita.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 37; Limão, 2010: 463; Domingo Magaña, 2011: 201.

Nº catálogo:170
Nº inventário MR.CP.0002

Identificação: Capitel de tipo corintizante, de mármore cinzento, de grão médio. Danificado por usura na orla do plano de espera.
Descrição: O corpo deste pequeno capitel, de forma atarracada, divide-se em dois registos de altura semelhante. De uma coroa de folhas de acanto lisas e espessas de pontas recaídas, arrancam curtos folículos que não chegam a fomar volutas e que servem de moldura a um par de rosetas quadrifólias.
Dimensões: Altura 24 cm, largura máxima 34 cm, largura mínima 23 cm.
Cronologia: Séculos VIII- IX (Torres et alli, 1991: 38); Século V-VI (Limão, 2010: 461), Finais do séculos VI-VII (Domingo Magaña, 2011: 199).
Proveniência. Da antiga coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 38; Limão, 2010, 461; Domingo Magaña, 2011, 199.

Nº catálogo: 171
Nº Inventário: MR.CP.0004

Identificação: Capitel de tipo corintizante; mármore branco de grão médio. Incompleto.
Descrição: Falta uma porção do registo superior e todo o corpo de assento do plano da base. A estilização permite identificar, nas duas faces parcialmente conservadas dois caulículos que enrolam simetricamente para e terminam em volutas de ângulo.
Dimensões: Altura 22 cm, largura máxima 32 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII (Torres et alii, 1991, 40); Século VII (Limão, 2010, 458).
Proveniência: Rua do Castelo (Mértola)
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 40; Limão, 2010: 458.

Nº Catálogo 172
Nº Inventário: MR.CC.0002
Identificação: Cancela de mármore cinzento de grão médio. O campo insculturado foi parcialmente destruído para a adaptação a ombreira quinhentista.
Descrição: Constituída por uma composição de círculos secantes, cujo centro é marcado por botões em relevo com dois círculos concêntricos. Em relevo, destacam-se os quadrifólios recortados. Uma ranhura lateral permitiria o encaixe do pilastrim, separador da cancela.
Dimensões: Altura 54 cm, largura 48 cm, espessura 12 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: Oferta de Manuel Encarnação, tendo sido recolhida na Rua Dr. Manuel Francisco Gomes, nº 3, na vila de Mértola
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 43;

Nº Catálogo 173
Nº inventário: MR.PL.0001
Identificação: Possível pilastra mármore cinzento de grão médio. Partida na parte inferior. Apresenta uma secção retangular com a face frontal ligeiramente convexa.
Descrição: Possui três faces decoradas, a frontal, mais larga e convexa, ostenta uma cruz patada inscrita num circulo. Nos dois braços verticais da cruz recortam-se pequenas volutas. A fractura não permite decifrar os motivos inscritos no círculo tangente que continuava o programa decorativo desta face da pilastra, embora seja possível constatar que as duas faces laterais mais estreitas eram recobertas por um friso homogéneo de quadrifólios e pequenos botões inscritos em losangos. Rematando

simetricamente estes dois frisos verticais um caulículo enrola em volutas sobrepostas.
Dimensões: Altura 40 cm, largura 26 cm, espessura 16 cm.
Proveniência: Da antiga coleção da Escola Primária.
Bibliografia, Almeida, 1962: 202; Torres et alii, 1991: 44.

Nº catálogo: 174
Nº inventário MR.IP.0001

Identificação: Imposta de mármore cinzento de grão médio. Incompleta. As fraturas e os cortes provocados pela reutilização, para arranque de arco, em época islâmica, não permitem determinar a forma completa.
Descrição: Na única face decorada é perceptível um friso com folhas de hera dispostas de forma alternada e invertida
Dimensões Altura 12 cm, largura máxima 39 cm, espessura 25 cm.
Cronologia: Século VII
Proveniência: Recolha junto da Igreja Matriz de Mértola
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 46;

Nº catálogo 175
Nº inventário MR.IP.0002
Identificação: Cimácio de mármore branco de grão fino. Incompleto.
Descrição: Apesar da fractura é perceptível uma decoração inscrita numa cartela. De um pequeno *cantarus* saem dois enrolamentos de caulículos simétricos, que derivam ora numa rosácea quadrifólia ora numa folha de hera. O trabalho escultórico é cuidado.
Cronologia: Século VII
Dimensões: Altura 16 cm, largura 81 cm, espessura 25 cm.
Proveniência: Da antiga coleção da Escola Primária. Edifício que antecedeu a mesquita?
Bibliografia: Almeida, 1962, 218; Torres et alii, 1991, 47.

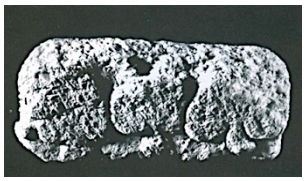
Nº catálogo: 176
Nº inventário: MR.IP.003
Identificação: Imposta de mármore branco de grão médio. Incompleta.
Descrição: De um *cantarus* apenas esboçado, saem hastes simétricas de cujas gavinhas saem folhas de hera dispostas de forma invertida.

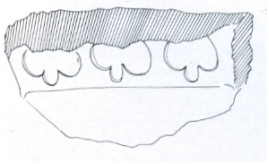
Dimensões: Altura 14 cm, largura máxima 39 cm, espessura 36 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: Obras realizadas na Igreja Matriz.
Bibliografia: Viana, 1950: 29; Torres et alli, 1991: 48.

Nº catálogo: 177
Nº inventário: MP.IP.0004
Identificação: Imposta de mármore branco de grão médio. Incompleta.

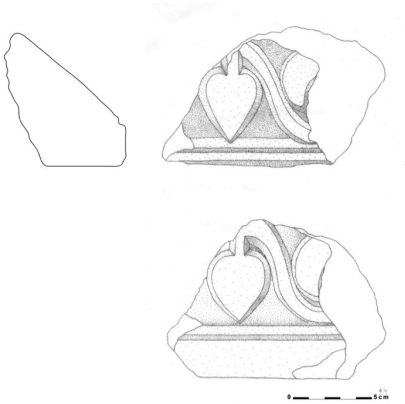
Descrição: Nas três faces insculturadas é utilizado o mesmo motivo ornamental, um friso de círculos tangentes, cujo centro é marcado por botões em relevo. Quadrifólios intercalados ritmam o conjunto. Os cantos conservados apresentam um trifólio sobre arcos de meio circulo. O talhe em bisel assemelha-se ao da peça nº II.02, possivelmente saídos ambos das mãos do mesmo canteiro.
Dimensões: Altura 16 cm, largura 58 cm, espessura 27 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: Da antiga coleção da Escola Primária.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 43.

Nº catálogo: 178
Nº inventário MR.IP. 0005
Identificação: Imposta de mármore branco de grão médio. Incompleta.
Descrição: As três faces conservadas são decoradas com um friso de losangos em que se inscrevem pequenos círculos de botão central. O restante espaço é preenchido com folhas de hera.
Dimensões: Altura 17 cm, largura 40 cm, espessura 36 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII
Proveniência: Obras realizadas na Igreja Matriz
Bibliografia: Viana, 1950: 29; Almeida, 1962: 217; Torres et alii, 1991: 50.



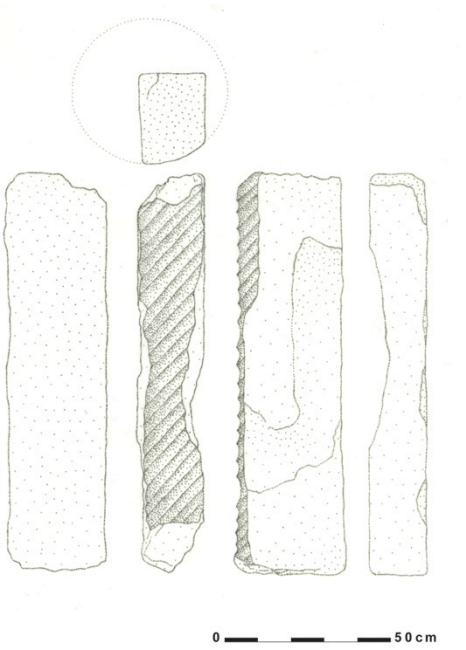


Nº catálogo: 179
Nº inventário:MR.IA.0002
Identificação: Fragmento imposta ou ábaco, de mármore branco com veios cinzentos de grão grosso.
Descrição: Nas única face legível, desenvolve-se um friso de folhas de hera.
Dimensões: Altura 14 cm; Largura 30 cm; espessura 20 cm.
Cronologia: Século VII
Proveniência: Junto da igreja matriz de Mértola.
Bibliografia: Torres et alii, 1991: 63



Nº catálogo: 180
Nº inventário: MR.IP. 0008
Identificação: Fragmento de imposta ou ábaco de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: sob uma moldura fina desenvolve-se um friso de folhas de hera alternadas e invertidas ligadas por uma gravinha.
Dimensões: Altura 14 cm, largura 10 cm, espessura 10 cm.
Cronologia: Século VII
Proveniência: Recolhida junto da igreja Matriz de Mértola
Bibliografia: Torres et alii, 1991, 64.

Nº catálogo:181
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de coluna torsa mármore branco de grão médio.
Descrição: Fragmento de fuste de coluna decorado com caneluras helicoidais.
Dimensões: Dado que o fragmento ainda se encontra inserido na alvenaria as dimensões são aproximadas. Altura 86 cm, diâmetro 46 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: reutilizado na construção da sacristia anexa á Igreja Matriz, posta a descoberto nas escavações efectuadas no exterior da Igreja/Mesquita entre 2003 e 2006.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo:182
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em mármore branco de grão médio.
Descrição: base de coluna com plinto, toro, filete, escócia, filete e meio toro. Lateralmente tem duas ranhuras possivelmente para o assentamento de cancelas.
Dimensões: Altura 22 cm, largura 40 cm, diâmetro 38 cm.
Cronologia: Século VI- VII
Proveniência: reutilizado no altar da atual Matriz de Mértola
Bibliografia: Inédita.

Nº catálogo: 183
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna em calcário.
Descrição: base de coluna com plinto, toro, filete, escócia, filete e toro.
Dimensões: Altura 22 cm, largura 40 cm, diâmetro 38 cm.
Cronologia: Século VI- VII
Proveniência: reutilizado no altar da atual Matriz de Mértola
Bibliografia: Inédita.

Nº catálogo: 184
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de pia de mármore cinzento de grão médio
Descrição: Peça que chegou até nós apenas reduzida a metade. O interior é semiesférico e apresenta-se polido, bordo plano, lateralmente tem uma pega.
Dimensões: Altura 21,5 cm; diâmetro 34 cm; espessura 6 cm; profundidade 15 cm.
Cronologia. Peças semelhantes tem sido interpretadas como almofarizes relacionados com ambientes litúrgicos.
Proveniência: M/MIM/03/4C cont. 034.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo:185
Nº inventário: 86
Identificação: Ae3, Constâncio II (?), Roma
Descrição: Anverso: Ilegível; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: Ilegível; tipo Fel Temp Reparatio; Soldado atacando cavaleiro derrubado
Dimensões: Peso1,26g; diâmetro 15mm, 6h
Cronologia: 353-358 d.C.,
Proveniência: MIM 4 Nov. 2004/Q. 2/3A/pés do esq. da sep. 3
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo:186
Nº inventário: 39
Identificação: AE3, Graciano?, Roma,
Descrição: Anverso: [DN GRATI]A-NVS P F AVG; busto para a direita., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: [SECVRITAS REIPVBLICAE]
Marca: — —//[...]PRIM[...]
Dimensões: Peso 1,33g, diâmetro 16mm, 6h.
Cronologia: 367-375 d.C.,
Proveniência: Mértola (oferta. Angelina Alho)
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo:187
Nº inventário: 45
Identificação: AE4, Imperador e Casa da moeda indeterminados
Descrição: Anverso: Fruste
Reverso: SALVS REIPVBLICAE; Vitória para a esq., arrastando prisioneiro
Marca: ? —//[...]
Dimensões: 1,32g, 12mm.
Cronologia: 383-395d.C.,
Proveniência: Mértola, (oferta José Alho)
Bibliografia: Inédito.

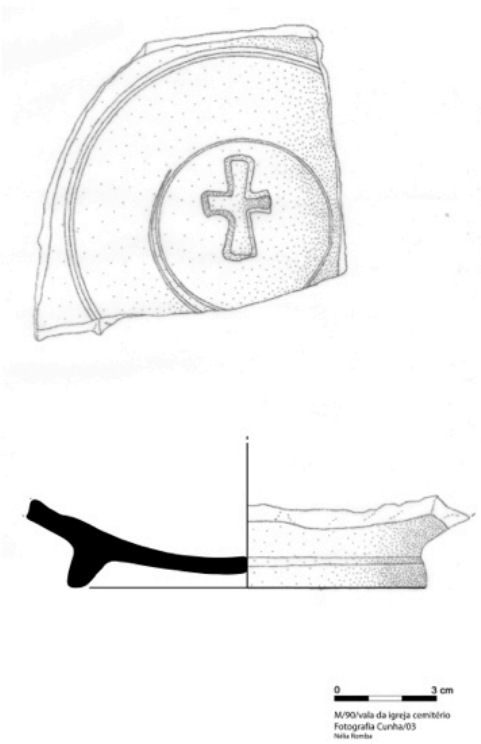
Nº catálogo:188
Nº inventário: 38
Identificação: AE2, Teodósio, Antioquia, (RIC IX 68a).
Descrição: Anverso.: [DN THEODO]-SIV[S P F AVG] ; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo.
Marca: — —//ANTA
Dimensões: Peso 3,76g, diâmetro 21mm, 11h
Cronologia: 393-395 d.C.,
Proveniência: Mértola (oferta José Alho)
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 189
Nº inventário: 48
Identificação: AE2, Teodósio, Antioquia, (RIC IX 68a).
Descrição: Anverso: DN THEODO-SIVS P F AVG; busto para a dta., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reveverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo
Marca: — —//ANT[...]
Dimensões: Peso 4,37g, Diametro 21mm, 6h.
Cronologia: 393-395d.C.
Proveniência: Mértola (oferta Manuel Rosa)
Bibliografia:, Inédito.

Nº catálogo: 190
Nº inventário:13
Identificação: AE2, Magno Máximo, Lyon/Arles
Descrição: Anverso: DN MAG MAXI-MVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: VICTORI-A AVGG; Imperador de pé para a esquerda, com Vitória e lábaro
Marca: — —//?
Dimensões: Peso 3,47g, diâmetro 21mm, 6h.
Cronologia: 383-387 d.C.
Proveniência: Mértola (oferta Sr. Branco e Pedro Miguel da Silva Pereira)
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 191
Nº de inventário 4
Identificação: AE3, Constâncio II, Roma,
Descrição: Anverso: DN CONSTAN-TIVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: Ilegível, (tipo Fel Temp Reparatio); soldado ataca cavaleiro derrubado
Marca: — —//?
Dimensões: Peso 1,64g, diâmetro 17mm, 6/7h.
Cronologia: . 353-358 d.C.
Proveniência: Mértola. Rua da Igreja (oferta Sr. Vivaldo)
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo:192
Nº Inventário
Identificação: Fragmento taça terra sigilata clara D Hayes 99A.
Descrição: contendo porção do fundo com pé anelar alto. Ofundo é côncavo e apresenta no interior um ligeiro ressalto que marca a sua separação da parte inferior do corpo. O pé anelar alto é extrovertido, de secção sub-triangular, com lábio de secção semicircular.



O fundo da peça é decorado com dois círculos de contornos duplos, e na parte superior do circulo mais pequeno possui a estampilha de uma cruz pátea.
Dimensões: Altura 2,7 cm; diâmetro do fundo 10,5; espessura 0,7cm.
Cronologia: Finais do século V a meados do Século VI.
Proveniência: M/90 Valas da Igreja/cemitério
Bibliografia: Inédita.

4.5.4. A ocupação da Antiguidade tardia na Biblioteca Municipal

Fig. 115 – Estruturas arqueológicas da Biblioteca Municipal

O edifício, onde atualmente se localiza a Biblioteca Municipal de Mértola, foi edificado entre 1821 e 1823, para servir de estabelecimento prisional da vila, tendo sido descativado em 1974 e remetido à atual função em 1991. Naquele mesmo local, anteriormente à construção do edifício, sabe-se que se localizava a pousada que acolhia os forasteiros (Mateus, 2004: 331).

A construção encontra-se adossada a um torreão da muralha medieval de Mértola – que foi muito transformado por obras de beneficiação dos acessos à parte antiga da vila, ocorridas nos anos 50 do século XX – e ao pano de muralha (Palma, 2009: 34).

A expansão da Biblioteca Municipal, na área de quintais situados a poente, motivou a escavação arqueológica realizada pelo CAM, desde o ano de 2003. A pedido da Câmara Municipal de Mértola foram realizados diversos trabalhos arqueológicos, como medida preventiva das obras de ampliação da Biblioteca Municipal. No mesmo ano, foi realizada uma sondagem arqueológica, com uma quadrícula de 4 m de lado, na qual foram detetadas, a cerca de 2,5 m de profundidade, estruturas pertencentes a uma

olaria, datada entre o fim do período medieval ou início da época moderna, com alguns materiais cerâmicos associados à última combustão do forno. A descoberta destas estruturas não indiciava o potencial arqueológico da área que foi intervencionada nos anos seguintes.

No Verão de 2005 iniciou-se a intervenção arqueológica em área, já em fase de obra, com o fim de minimizar os impactos dos trabalhos de construção sobre as estruturas arqueológicas. No decorrer da escavação, para além do referido forno cerâmico, apareceu nas cotas mais elevadas, um enterramento isolado, datado da Baixa Idade Média, o qual está relacionado com os enterramentos desta época encontrados na zona envolvente da Mesquita/Igreja Matriz de Mértola e da Alcáçova. Sob estas camadas encontrou-se uma série de contextos habitacionais e oficinais de época almóada. Para além destes estratos arqueológicos, foram escavados níveis tardo-romanos, importantes estratos do período Romano – Republicano e da Idade do Ferro. Destaca-se pela sua monumentalidade e um troço de muralha, datada de época Romana Republicana (século II a.C.), bem como o seu torreão que se encontra em razoável estado de conservação. Os trabalhos continuaram no verão de 2006 e, durante esta última campanha, foi posto a descoberto um outro troço de muralha, esta datada da Idade do Ferro (Palma e Rafael 2012: 478). Trata-se de uma construção com um aparelho construtivo bem consolidado, com pedras alternadas com terra e, por vezes, argila, cujas pedras foram talhadas de forma retangular, formando um aparelho compacto, uniforme e resistente (Palma e Rafael 2012: 480).

Os fragmentos cerâmicos foram recolhidos durante a sondagem de 2003, as escavações em área de 2005 a 2006 e, na fase final do acompanhamento da obra, em 2010. O seu contexto de exumação é vago, visto que a ocupação islâmica posterior parece ter destruído parcialmente os níveis arqueológicos anteriores até certa cota – sensivelmente entre os séculos II e IX. Por outro lado, algumas estruturas ofereciam continuidade para além da área intervencionada, não se tendo conseguido interpretar a sua funcionalidade. Os contextos tardo-antigos terão sido grandemente destruídos na época Islâmica (Palma, 2009: 44, 50, 51 e 59).

O espólio cerâmico de importação oriental e africana, datável da Antiguidade Tardia, exumado na escavação da Biblioteca Municipal de Mértola é bastante exíguo. O estado de conservação das unidades estratigráficas entre os contextos romanos alto-imperiais e os islâmicos é, como explica a tese de mestrado de Maria de Fátima Palma, francamente incipiente, fruto dos grandes revolvimentos efetuados durante o período Muçulmano. Estamos, pois, a tratar de pequenas bolsas deixadas por reestruturações construtivas datadas daquela última época (Fernandes, 2012: 24).

Os materiais cerâmicos identificados correspondem às seguintes formas: pratos - 17 fragmentos; taças- 30 fragmentos; copos - 3 fragmentos, que se situam cronologicamente ente o século IV e meados do século VII[100].No que respeita a cerâmicas finas norte-africanas, para os séculos V a VII, a Biblioteca Municipal não ofereceu senão fragmentos de peças de terra sigillata africana D. Tratando-se ainda, neste caso, do estudo de apenas um local em Mértola, não cumpre tentar ainda relacionar esta circunstância com uma ligação privilegiada a determinados centros produtores, mas importa registar este facto, para futuras considerações que envolvam um panorama mais geral. O numero mínimo contabilizado, entre terra sigillata africana D e terra sigillata foceana tardia, foi de quarenta e duas peças (Fernandes, 2012: 31).
Em relação à TSFT, o quadro das importações é necessariamente muito mais simples, uma vez que estamos a lidar com uma representatividade mais de oito vezes inferior em relação à TSAf D. É também este facto que torna estas peças muito mais difíceis de

[100] Tendo sido identificadas as seguintes formas: Hayes 59 (c. 320-c. 400/420); Hayes 61A (c. 325-c. 400/420); Hayes 61A ou A/B (c. 325-c. 480); Hayes 61A/B2 I(início do século V, pode prolongar-se até meados da centúria); Hayes 61B2 (primeira metade do século V); Hayes 61B3*similis (*meados do século V); Hayes 61B/87A (século V); Hayes 67C (segunda metade do século V); Hayes 67 (segunda metade do século IV a finais do século V); Hayes 67/71 (segunda metade do século IV e todo o século V); Hayes 76 (c. 425-c. 475); Hayes 81B (segunda metade do século V); Hayes 87A (segunda metade do século V); Hayes 87A/88 (final do século V e início do século VI); Hayes 91B (c. 450-c. 530); Hayes 91A/B (c. 400/420-c. 530); Hayes 91, variante *Atlante,* XLIX, 10 (final do século VI e início do século VII); Hayes 94 (finais do século V e inícios do século VI); Hayes 94B (final do século V e início do século VI); Hayes 99A (final do século V a meados do século VI); Hayes 99B (início do segundo quartel do século VI a início do século VII); Hayes 103 (finais do século V a final do terceiro quartel do século VI); Hayes 103B (c. 500-c. 575); Hayes 104A1 (final do século V e primeiro terço do século VI); Hayes 107 (final do século VI a meados do século VII); Hayes 12/102 (c. 450-c. 520); Hayes 12/110 (c. 470 até às primeiras décadas ou primeira metade do século VI); *Atlante,* XLVI, 9 (forma atestada em contextos dos séculos VI e VII, em Cartago); Fulford 52 (primeira metade do século VI. *Michigan I,* fig. 3, VII, n.o 6); *Michigan I,* fig. 3, VII, n.o 6 (primeira metade do século VI); Hayes Estilo A(ii) (c. 350-c. 420); Hayes Estilo A(iii) (c. 410-c. 470) [Ver anexo 3].

analisar. A forma que ocorre, maioritariamente, é o tipo Hayes 3. O NMI, contabilizado apenas para esta produção, é de quatro exemplares. Percebe-se que a TSFT exumada da Biblioteca Municipal iniciou a sua produção em c. 460 e terminou em c. 530. Como pontos de maior probabilidade de importação há que referir os intervalos entre c. 460 e c. 475, por um lado, e c. 500 e c. 525, por outro, que correspondem respetivamente à variante Hayes 3C com a forma Hayes 5A e à variante Hayes 3G (Fernandes, 2012: 33).

Nas estruturas das construções das casas islâmicas foram reutilizados alguns materiais, dos quais destacamos um fragmento de coluna honorífica em mármore, que devia ter feito parte de um monumento honorífico (Lopes, 2012: 78), e que suportaria uma base para receber uma representação dos imperadores. As pequenas colunas epigrafadas deste tipo são conhecidas na Cesareia Marítima, na Palestina (Burrell, 1993: 287-295).

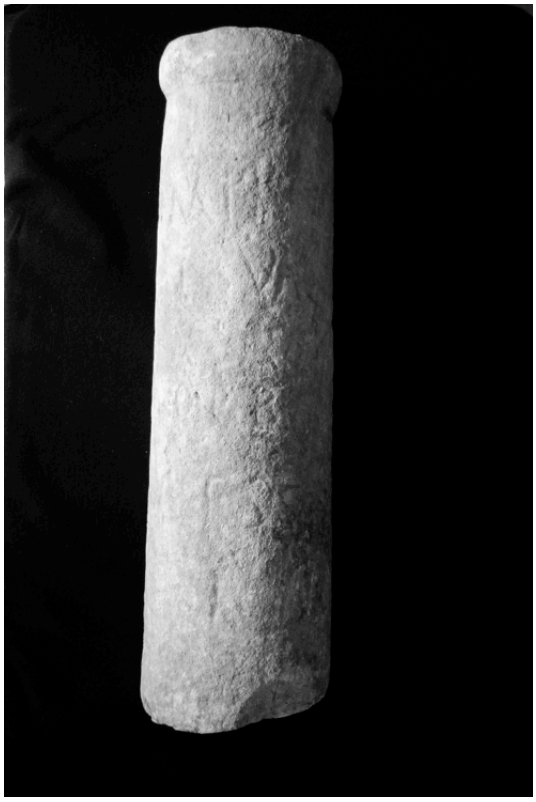
Deste local provém um fragmento de uma imposta com decoração de cruzes páteas. Este foi datado dos séculos VI e encontra paralelos num outro, de maiores dimensões, encontrado no mausoléu escavado no Eixo Comercial de Mértola, em 2008 (Lopes e Gomez, 2008: 279).

4.5.4.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo:167
Nº inventário:
Identificação:
Fragmento de imposta. Mármore branco de grão médio.
Descrição Possui nas duas faces conservadas um conjunto de cruzes gregas inscritas numa sequência de círculos duplos interligados.

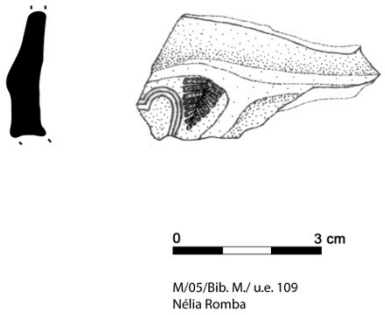
Denota-se uma grande qualidade a nível do trabalho de bisel empregue no tratamento escultórico.
Dimensões: Altura 21,5 cm; largura 48 cm; espessura 32,5 cm.
Cronologia
Proveniência: Biblioteca Municipal de Mértola
Bibliografia Inédita

Nº catálogo: 168
Nº inventário: MM. CR.0014
Identificação: Colunelo honorífico mármore branco de grão médio.
Descrição: O suporte está fracturado na parte inferior e apresenta-se danificado em toda a superfície.
Leitura epigráfica: IMPP /G L VAL / MAX I / NO NOB / CESS
Impp(eratoribus duobus) / G[a]l(erio) Val(erio) / Max[imi]/[a]no nobb(ilissimis) / cess(aribus) (?)
Aos Imperadores e nobilissimos Césares Galério Valério Maximiano (...)
Dimensões: Diâmetro superior 15, 5 cm; diâmetro inferior 16,5 cm, altura 55 cm.
Campo epigráfico: 29 x 25 cm.
Cronologia: Finais do século III inícios do IV d.C..



Proveniência: M/2006/ Biblioteca Municipal/ u.e. 152
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 169
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de Terra *sigillata* clara D, forma indeterminada.
Descrição: Conserva do disco vestígios de um orifício de alimentação. A orla é Lisa o disco apresenta uma palmeta e um motivo cordiforme.
Dimensões: comprimento 2,5, largura 5 cm; espessura 0,7 cm.
Cronologia: Século V.
Proveniência: M/05/Bib. M./u.e. 109
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo 170
Nº inventário:
Identificação: Brinco em bronze, com aro aberto, de configuração sensivelmente elíptica.
Descrição: Apresenta um aro aberto, com uma das extremidades pontiaguda e a outra decorada com quatro ranhuras. Esta peça possui semelhanças morfológicas com um brinco procedente da Abuxarda: Bri - 06 (MNA, inv. 2003.9.6). E o brinco exumado na sepultura 182 de Duratón (Molinero Perez 1948: 153; lâmina XXXI, fig. 4). Ou ainda, com um exemplar proveniente de Conimbriga (Alarcão *et alii.* 1979: 142, no 221; lâmina XXXIV, no 221 e Arezes, 2010: Bri – 13).

Dimensões: Diâmetro 27 mm; peso 1,37g.
Cronologia: Séculos VI.
Proveniência: M/2005/ Biblioteca Municipal/Cont. 096/nº achado 026.
Bibliografia: Inédito;

4.6 A arquitetura civil

O desenvolvimento das cidades, fora dos recintos amuralhados, generaliza-se durante os séculos IV e V, e será um dos principais impulsionadores de uma nova relação entre *urbe, suburbium e territorium* (Gurt et alii, 1994, 161-180; Diarte Blasco, 2012:16). Foi no *suburbium* que se desenvolveram as necrópoles e os lugares de culto. Contudo não foram apenas zonas de enterramento ou da celebração religiosa: desenvolveram-se construções de carácter doméstico paralelo ao que acontecia, simultaneamente, no interior da cidade. A intensa atividade dos *suburbia* estava ligada, em muitos casos, à construção ou reconstrução das muralhas (Brogiolo, 2010, 91; Diarte Blasco, 2012:16).
No interior dos espaços amuralhados verifica-se uma dualidade de situações: em algumas cidades documenta-se o abandono de amplos espaços intramuros (Gurt e Hidalgo, 2005: 74), outras, verificou-se uma densa ocupação no espaço amuralhado. Um bom exemplo desta última situação verificou-se em Mérida. Como refere M. Alba, nunca como nos séculos VI e VII a cidade tivera tanta população intramuros, ocupando não só o casario romano como também as antigas áreas públicas (Alba, 2008: 553-55). As domus tardoromanas sofrem no século VII um profunda mudança e reestruturação que as "ruraliza", convertendo cada uma das suas habitações em unidades de habitação familiar. Cada habitação sofreu pequenas reformas que as divide ou as agrupa mediante a construção de tabique. A casa era assim constituída por armazém, e dormitório, enquanto que os pátios se transformam em espaços comuns, quadras e depósitos de detritos (Alba, 1998; Mateos e Alba, 2008).

A tradicional casa itálica, de átrio-peristilo, começa a desarticular-se a partir do século IV (Diarte Blasco, 2012:16), num processo que se intensifica no século V. A nova unidade habitacional reorganiza-se e compartimenta-se para albergar mais do que uma unidade familiar. O peristilo foi transformado em um pátio aberto comum, de forma irregular, com acesso desde o exterior e dando acesso às diversas casas. As novas construções habitacionais caracterizam-se por dimensões mais reduzidas, por estarem construídas com muros de alvenaria irregular, utilização de paramentos em terra e adobe e a reutilização de elementos arquitetónicos procedentes de outras construções, por vezes, públicas (Diarte Blasco, 2012: 16). O pragmatismo atinge

também os ambientes domésticos que passam a conjugar o espaço residencial com os espaços dedicados às funções artesanais e comerciais (Ramallo, 2000: 367-384).
No que respeita à transformação das cidades em Itália entre os séculos os V e o VII, Paolo Delogu assinala os seguintes: abandono, degradação e redução. O uso indevido de grandes monumentos públicos da cidade antiga como termas, anfiteatros, porticus, fora, e com o fim da manutenção levou, consequentemente, a uma degradação das infra-estrutura e serviços como foi o caso das ruas pavimentadas, dos esgotos, dos aquedutos. A instalação de oficinas dentro da cidade provoca degradação das domus e insulae e a disseminação de uma habitação privada tipo rústico, que usa partes dos edifícios antigos, reestruturando-os com paredes de madeira, o que levou à redução do volume das habitações. Na cidades deu-se o surgimento de novas tipologias construtivas que combinam funções residenciais e funções utilitárias, ao que acresce a criação de espaços abertos em áreas edificadas anteriormente (Delogu, 2010: 29).

4.6.1 A "casa romana"

A informação de que dispomos sobre o tecido urbano e os espaços domésticos é escassa e resume-se a dois sítios intervencionados de forma sistemática, apesar de se terem tratado de duas escavações com as limitações próprias da arqueologia urbana.
A Casa Romana e a Casa do Lanternim, como referimos anteriormente, fariam parte do mesmo espaço, ocupado desde o século I d.C. até aos nossos dias. Trata-se de uma casa ligada às atividades comerciais, situada na rua principal de acesso ao porto. O conjunto das suas *tabernae* abriam para a rua principal. Pela análise das plantas arqueológicas pensa-se que a casa ultrapassaria os 500 m2, situação muito próxima da métrica das casas romanas de Mérida. Refira-se, a este propósito, que na capital da Lusitânia, na fundação da cidade, o imperador deu a cada veterano um espaço para construir com um mínimo de 600 m2 (Alba, 2005: 125). No bairro da área arqueológica da Morería, reocupado no século V, as grandes casas são, então, divididas e compartimentadas dando habitação a várias famílias. As *domus* romanas transformam-se em casas de vizinhos, onde os pórticos centrais, eliminadas as suas colunas e pórticos, convertem-se em espaços comunais (Alba, 1998: 382).
No caso de Mértola os materiais encontrados, apesar de alguns deles estarem reutilizados nas construções posteriores, apontam para uma ocupação daquele espaço

na Antiguidade Tardia. Contudo, os dados provenientes das escavações arqueológicas, desenvolvidas nos finais do século passado e nos inícios do corrente, não nos permitem apurar as remodelações que a casa teve, pelo que apenas poderemos inferir as ocupações recorrendo aos materiais arqueológicos encontrados nessas intervenções arqueológicas.

Fig. 116 – Estruturas da casa romana escavações dos anos oitenta do século XX.

As informações relativas a este período advêm dos elementos de arquitetura decorativa encontrados no decurso dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos, e são constituídos por um capitel, imposta e colunelo de mármore. Estas peças foram reutilizadas em construções posteriores, pelo que não é seguro o seu local de origem. Trata-se de um fragmento de capitel de tipo corintizante, de mármore branco, que possui os decorativos totalmente estilizados e enquadrados por grossas molduras. A estilização e esquematismo da ornamentação é levada ao extremo e nada têm a ver com o mundo orgânico, pelo que somos levados a situá-lo cronologicamente nos séculos VI ou em data posterior. A mesma cronologia apontou para o cimácio de mármore branco de grão médio, decorado com um conjunto de semicírculos imbricados, ou o cimácio decorado com folhas de videira com paralelos na

arquitetura decorativa já referenciada em Mértola (Torres et ali, 1991) e em Mérida (Cruz Villalón, 1985: 60, fig. 57).

Fig. 117 – Escavação da Casa do Lanternim

Em termos do espólio cerâmico são de destacar as duas lucernas, uma proveniente da Casa do Lanternim, com a representação do pastor, e uma outra com a representação de um cordeiro. A decoração das peças remete-nos, indiscutivelmente, para uma temática integrada no cristianismo. A nível da datação as lucernas, com representação humana, foram produzidas desde o fim do século V, até ao terceiro quartel do século VI (Bonifay, 2004: 408). A peça que tem a representação animal foi produzida na segunda metade do século VI (Bonifay, 2004: 401) nas oficinas norte africanas, da atual Tunísia.

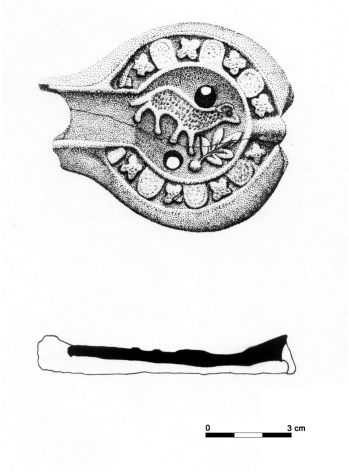
Na Casa Romana do Museu de Mértola encontra-se exposto um conjunto de objetos que, possivelmente, são oriundos deste contexto habitacional. Deste conjunto cerâmico fazem parte duas peças de terra sigilata africana D, uma travessa (forma Hayes 104A) e uma taça (variante Hayse 12/102), datadas dos séculos V-VI (Lopes, 2012: 122). Um funil e uma ânfora tipo Almagro 51C fazem também parte do espólio cerâmico, enquadrável no século V, e que poderá ser relacionada com uma possível ocupação comercial do espaço.

4.6.1.1 Catálogo de materiais

Nº catálogo: 172
Nº inventário:
Identificação: Capitel de tipo corintizante, de mármore branco. Incompleto.
Descrição: O cesto é decorado por quatro folhas angulares que se elevam até ao ábaco (não conservado) e por igual número de folhas na base da peça. Os elementos são totalmente estilizados e enquadrados por grossas molduras. Duas hastes simétricas, elevam-se nas faces centrais da peça, unindo-se junto ao ábaco. A estilização e esquematismo da ornamentação é levada ao extremo e nada tem a ver com o mundo orgânico.
Dimensões: Altura máxima 30 cm; largura máxima 46 cm.
Cronologia: Séculos V - VI ou posterior.
Proveniência: 24/6/2004 escavações arqueológicas efectuadas na Casa do Lanternim.
Bibliografia. Inédita.

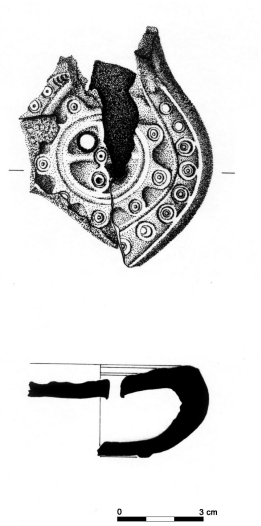
Nº de catálogo: 173
Nº de inventário MR.
Identificação Cimácio. mármore branco de grão grosso.
Descrição: Decorado em parte das suas faces com um conjunto de semicírculos imbrincados. Este tipo de decoração encontra-se em peças de Mérida (Cruz Villalón, 1985: 60, fig. 57).
Dimensões: Altura 13 cm; comprimento 60; largura 38 cm.
Cronologia: Século VI.
Proveniência Casa do Lanternim atual edifício sede do Parque Natural do Vale do Guadiana.
Bibliografia: Inédito

Nº de catálogo 174
Nº de inventário MR.
Identificação: Fragmento de pilastra. Mármore branco de grão médio.
Descrição: Nas duas faces conservadas possui uma sequência de enrolamentos circulares de caulículos com trifólios que dão origem a folhas de videira estilizadas. Esta sequencia decorativa está delimitada por uma moldura rectangular. A decoração com as folhas de videira tem paralelos na arquitetura decorativa já referenciada em Mértola (Torres et alli, 1991) e em Mérida (Cruz Villalón, 1985: 60, fig. 57)
Dimensões: Altura 38,5 cm; largura 20 cm; espessura 13 cm.
Cronologia Século VI.
Proveniência Casa do Lanternim 2004, atual edifício sede do Parque Natural do Vale do Guadiana
Bibliografia: Inédito.

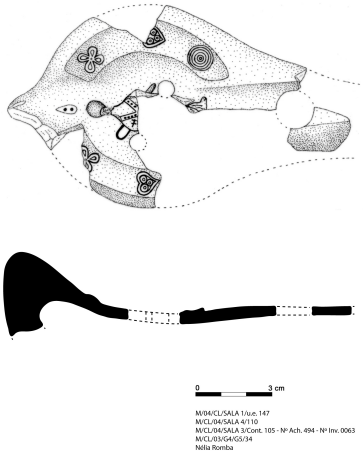


Nº catálogo: 175
Nº inventário: CR.LC.0002
Identificação: Fragmento de lucerna de canal.
Descrição: Apresenta o disco com dois orifícios de alimentação. Da asa nota-se ainda um ligeiro arranque.
O disco tem como motivo central um cordeiro em posição de marcha virado para a direita e à sua frente um ramo de videira ou oliveira; estes motivos encontram-se envolvidos na orla por um friso circular preenchido por uma série de oito motivos cruciformes que alternam com sete motivos em forma de ferradura. O canal apesar de incompleto, mostra vestígios de uso. Pasta beije de textura compacta. Estas peças foram produzidas na segunda metade do século VI (Bonifay, 2004: 401) nas oficinas norte africanas, da atual Tunísia.
Dimensões: Comprimento máximo 9 cm; largura máxima 7,3 cm.
Cronologia: metade do século V inícios do século VI.
Proveniência: Ruínas da Casa Romana do Museu de Mértola
Bibliografia: LOPES, 1993, 84.

Nº calálogo:176
Nº Inventário: CR.LC.0003
Identificação: Fragmento de lucerna de canal.
Descrição: O disco apresenta dois orifícios de alimentação. A parte central do disco encontra-se uma cruz (incompleta) com pequenos círculos concêntricos nos braços, ladeado por uma banda ondulada com os mesmos círculos. A orla é delimitada por uma banda preenchida por uma sequência de círculos concêntricos. Na parte do bico que se conservou, notam-se vestígios de utilização. Pasta avermelhada, textura compacta.
Dimensões: Comprimento máximo 8,2 cm; largura máxima 6:5 cm; altura máxima 3,2 cm.
Cronologia: Séculos V-VI
Proveniência: Ruínas da Casa Romana do Museu de Mértola
Bibliografia: LOPES, 1993, 85



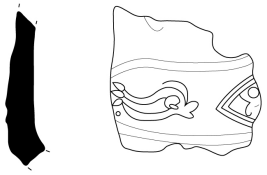
Nº catálogo: 177
Nº inventário:
Identificação: Fragmento lucerna. De Terra sigillata clara D.
Descrição: Fragmento de lucerna, com a assa maciça. O disco com vestígios de dois orifícios de alimentação parece estar decorado com uma figura humana. A orla é decorada com sequencia de quadrifólios com motivos cordoados e círculos, dispostos de forma espaçada. Este tipo de peças foram produzidas desde o fim do século V, até ao terceiro quartel do século VI (Bonifay, 2004: 408).
Dimensões: Altura 3,3 cm; comprimento 13,7 cm; largura 8 cm; espessura 0,5 cm.
Proveniência: M/04/CL/Sala 1/u.e. 147, M/04/CL/Sala 4/u.e. 110, M/04/CL/Sala 3/cont. 105; M/03/CL/G4/34.
Cronologia: Século V - VI.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo:178
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de Terra sigillata clara D, forma indeterminada.
Descrição: Assa maciça. Disco decorado com cruz ?. Orla decorada com circulo.
Dimensões: Altura 2,6 cm; largura 4,3 cm; espessura 0,8 cm.
Cronologia: Século V.

Proveniência: M/03/CL/F7/F8//71
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 179
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de Terra sigillata clara D, forma indeterminada.
Descrição: Conserva do disco vestígios de um orifício de alimentação. A orla é decorada com uma sequencia de golfinhos com motivos cordiformes (Tipo Hayes, Style D nº 179 b) e Tipo Atlante X, grupo D3 variante A nº 24, (Bonifay, 2004: 408).
Dimensões: Altura 3 cm; largura 3,1 cm; espessura 0,6 cm.



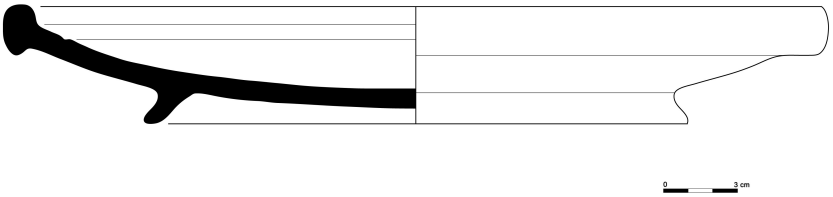
M/CL/04/H5/95
Nélia Romba

Cronologia: datado dos finais do século V até ao terceiro quartel do século VI (Bonifay, 2004: 408)
Proveniência: M/04/CL/H5/95
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 180
Nº inventário: MM. CR.00106
Identificação: Prato de Sigillata clara africana, produção A, forma Hayes 58/ Lamboglia 52A, incompleto.
Descrição: Variante com pé reduzido, com aba inclinada para o exterior. Apresenta decoração com círculos no fundo. Restaurado.
Dimensões: Altura 3,4 cm; diâmetro bordo 20 cm; espessura 0,6 cm.

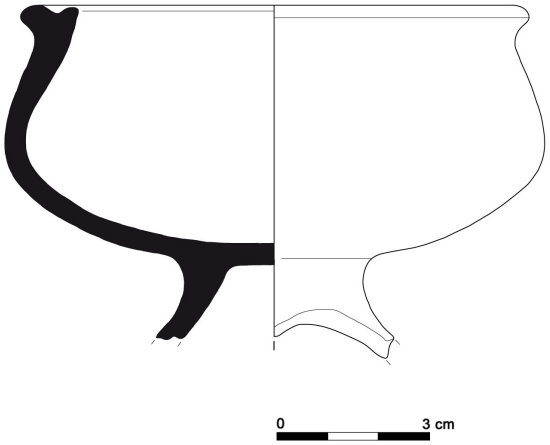
Cronologia: Século III – IV d.C..
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 181
Nº inventário: MM. CR.00107
Identificação: Travessa de Sigillata clara africana, produção D, forma Hayes 104A.

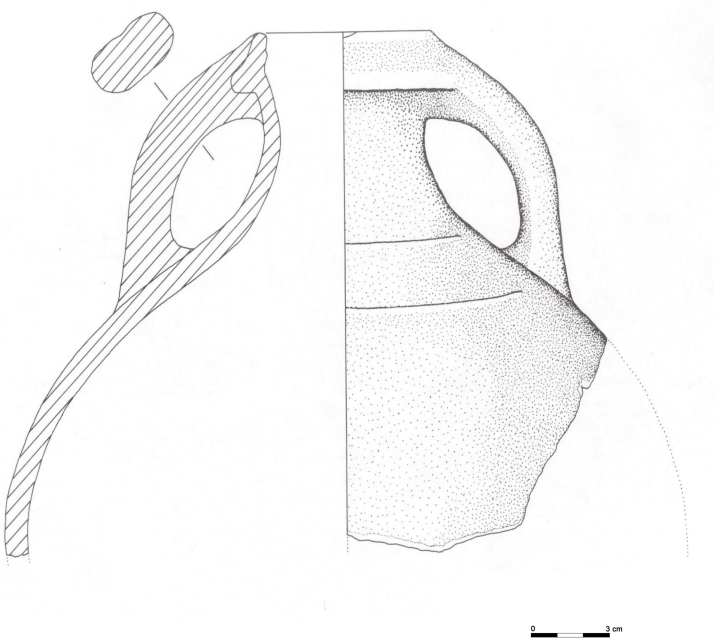


Descrição: Com o bordo engrossado, está decorado com duas caneluras interiores. Pé baixo.
Dimensões: Altura 4,6 cm; diâmetro do bordo 34 cm; espessura 0,8 cm.
Cronologia: Século V – VI d.C..
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo:182
Nº inventário: MM. CR.00108
Identificação: Taça de Sigillata clara africana, produção D, forma variante Hayes 12/102.
Descrição: Taça de pança curva, bordo engrossado com canelura para colocar tampa, pé alto e aberto.
Dimensões: Altura 7 cm; diâmetro bordo 9 cm; espessura 0,3 cm.
Cronologia: Século V – VI d.C.
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Inédito.

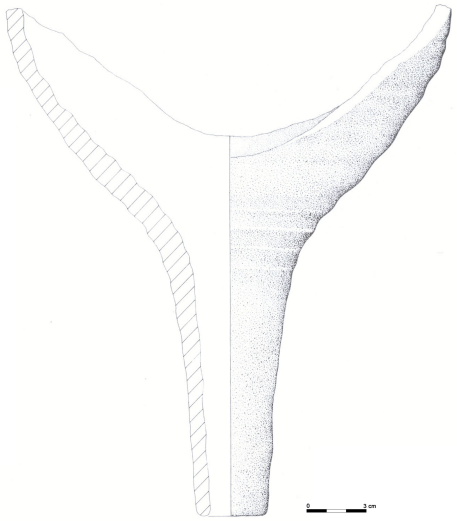


Nº catálogo: 183
Nº inventário: MM. CR.00118
Identificação: Ânfora tipo Almagro 51C destinada ao transporte e armazenamento de preparados piscícolas. Possivelmente produzida nas olarias do vale do Tejo (Porto dos Cacos e Quinta do Rouxinol).
Descrição: Lábio de secção triangular arredondada, colo cónico e asas de secção retangular. Cor da superfície avermelhada.



Dimensões: Altura 27 cm; diâmetro do bordo 6,5; espessura 0,9 cm.
Cronologia: Séculos IV - V d.C..
Proveniência: Câmara Municipal (?).
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 184
Nº inventário: MM. CR.00119
Identificação: Funil de cerâmica comum.
Descrição: Parte inferior de um funil, falta-lhe a parte do bordo. Com paredes tronco-cónicas, estando alisadas no exterior e com caneluras no interior. Pasta de cor bege-claro.
Dimensões: Altura 27 cm; diâmetro 21 cm; espessura 1,3 cm.
Cronologia: Primeira metade do século V d.C.. Tem semelhanças com uma peça do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros em Lisboa (BCP.318).
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Inédito.



Nº catálogo: 185
Nº inventário:
Identificação: Fragmento prato. De Terra sigillata clara D.
Descrição: Fundo de um prato de forma indeterminada, possui como decoração uma estampilha de um cordeiro que sugere movimento (Hayes, 1972: Style A nº 167).
Dimensões: Altura 6,6cm; largura 6,9 cm; espessura 0,8 cm.
Cronologia: Século V.
Proveniência: M/04/CL/F7/F8//87
Bibliografia: Inédita

Nº Catálogo:186
Nº de inventário 53
Identificação: Ae2, Teodósio, Honório ou Arcádio,
Descrição Anverso: [...] AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Rev.: [GLORIA] RO[MANORVM]; Imperador com lábaro e globo
Dimensões: Peso 3,37g, diâmetro 22mm, 6h.
Proveniência: M/CM/1984/Sond. 3/n. 2a-2b

Cronologia: 393-395 d.C.,
Bibliografia. Inédita.

Nº Catálogo: 187
Nº de inventário: 79
Identificação: AE2, Teodósio, Constantinopla (RIC IX 88a).
Descrição Anverso: D N THEODO-SIVS P F [AVG]; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo
Marca: — —//CONSA
Dimensões: Peso 4,46g, diâmetro 21mm, 6h.
Proveniência: M/CL –2004/Q. G5-G6/u.e. 78
Cronologia: 393-395 d.C.,
Bibliografia. Inédita.

Nº Catálogo: 188
Nº de inventário 78
Identificação: AE2, Arcádio, Nicomédia, (RIC IX 46b)
Descrição Anverso: DN ARCADI-VS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo
Marca: — —//SMNG
Dimensões: Peso 5,30g, diâmetro 20 mm, 6h.
Proveniência: M/CL –2004/ Q. E8/u.e. 89
Cronologia: 393-395 d.C
Bibliografia. Inédita.

4.6.2 Os níveis da Antiguidade tardia na Beira Rio

Os níveis Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Beira Rio em 2008, entre 12 de abril e 23 de junho, tiveram com o objectivo de concluir a escavação iniciada em 2005 e interrompida nos anos seguintes. Nos espaços onde a escavação se fez em profundidade, por debaixo das estruturas habitacionais islâmicas, atingiram-se níveis de derrubes de telhado constituídos por restos de *tegulae* e *imbrices*. Abaixo destes, apareceram estratos com grandes quantidades de carvão, cinzas e um considerável número de fragmentos cerâmicos anfóricos.

Fig. 118 – Estruturas da hospedaria Beira Rio/Hotel Museu

Os restantes elementos cerâmicos, apesar de não serem numerosos, encontravam-se em níveis arqueológicos selados com materiais *in situ* e podem ser relacionados com as estruturas envolventes. As ânforas encontradas, apesar de incompletas, parecem enquadrar-se nas formas Keay XXXIX e Late Roman Amphorae 4 – 6; no primeiro caso,

parece tratar-se de uma ânfora de transporte de azeite de possível origem tunisina e enquadrável nos séculos IV–V d.C. (Bonifay, 2004: 129-130); no segundo caso, trata-se de uma ânfora vinária originária da Palestina que, apesar de ser de um tipo raro nos portos peninsulares, aponta para uma cronologia que vai desde o século V ao VIII d.C. (Reynolds, 2003: 725-734).

A proximidade da basílica do Cineteatro Marques Duque, a escassos 150 metros, pode justificar o aparecimento de vários fragmentos de cerâmica, essencialmente fragmentos de pratos e lucernas, com nítidas alusões ao culto cristão (cruzes e crismon). A mesma situação justifica o facto de terem aparecido algumas tesselas de pasta vítrea possivelmente oriundas da cobertura com mosaicos de sepulturas que teriam existido no templo cristão situado a montante.

Vários aspetos levam-nos a considerar que se tratava de um armazém. Em primeiro lugar, pela proximidade deste local em relação ao rio e, em segundo lugar, pela análise da planimetria das estruturas encontradas, com dois compartimentos de consideráveis dimensões e amplitude. Por último, o horizonte cronológico dos materiais cerâmicos encontrados, enquadráveis nos séculos V-VI d.C., e que nos remetem para contatos comerciais com o norte de África e o Mediterrâneo oriental. Pensamos que este espaço terá servido, durante o período romano e a Antiguidade Tardia, para o armazenamento e comércio de produtos que aportavam ao porto de Mértola.

De extrema importância para a compreensão da vida ribeirinha foi o aparecimento de uma laje em xisto que contem a representação de três embarcações. Esta grande laje de xisto de forma irregular (comprimento: 140 cm; largura: 76 cm; espessura 5 cm) pavimentava o pátio da Casa III do arrabalde islâmico de Mértola. Encontrada durante as escavações preventivas da construção do Hotel Museu, a casa foi desmontada para permitir a construção do edifício, não sendo possível ficar dentro da área salvaguardada e musealizada na cave do Hotel. "Foi então, depois de removida, que ficaram visíveis, na face de assentamento da laje, um conjunto de grafitos. Os desenhos foram executados mediante incisão em dois veios da pedra cuja menor dureza facilitou a tarefa. No topo aparecem duas linhas que se assemelham à caligrafia árabe sem que seja possível descodificar o seu significado. Imediatamente abaixo desta linha aparece um barco com um mastro munido de uma vela quadrada mas recolhida na parte

inferior. Apenas foi desenhada a parte do navio que emerge da água com a popa e a proa bastante levantadas. Na popa notam-se claramente desenhados os dois grandes remos-leme para governar o barco que também seria impulsionado por 9 remos. Outras linhas incisas imprecisas e esbatidas, certamente de um esboço anterior, interferem no desenho dificultando a definição. Deste hipotético desenho anterior vislumbra- se, mal, a proa de um outro barco.

Na mesma pedra nota-se um outro barco, melhor traçado do que os anteriores. Trata-se também de uma embarcação de um só mastro e vela quadrada recolhida na parte inferior, com os dois remos-leme. Neste caso, contam-se 10 remos e também só foi desenhada a parte emergente do casco com a proa e a popa recurvadas para o interior do navio" (Gómez Martínez e Lopes, 2011: 57).

Fig. 119 – Laje com a representação de barcos.

Apesar de lhe ter sido atribuída uma cronologia dos séculos XI ou XII (Gómez Martínez e Lopes, 2011: 57), baseada numa possível inscrição em árabe, é certo que a tipologia dos barcos representada foi usada em modelos romanos e posteriores. Independentemente da cronologia, era certamente um tipo de embarcação conhecido pelo gravador que faria certamente parte da paisagem ribeirinha de Mértola onde, para além da descarga, do transporte e do armazenamento de produtos, as margens do rio seriam também locais de arranjo e manutenção das embarcações.

4.6.2.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 189

Nº inventário: MM-HM-0002.

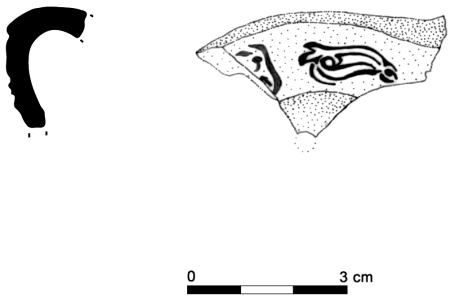
Identificação. Æ3, Constantius II (?) [9 Set 337-3Nov361], cunhado em Constantinopla.
Descrição: Moeda de bronze. Anverso: CONSTAN-[TIVS PF] AVG. Busto drapeado com diadema de pérolas, virado à direita.
Reverso: FEL TEMP-[R]EPARATIO. Soldado em pé à esquerda, com escudo na mão esquerda e atacando com lança um cavaleiro caído com o cavalo. O cavaleiro usa elmo pontiagudo, a face voltada para o soldado e o braço direito levantado. No exergo, CONSA (?).
Dimensões: peso 2 g, diâmetro 18 mm.
Cronologia: 337-361.
Proveniência: M2005/BR/XVI/1e
Bibliografia: Bibliografia: LRBC,1965: 41 e seguintes. Inédita

Nº catálogo: 190

Nº inventário: MM-HM-0003.

Identificação. Fragmento de lucerna
Descrição: Fragmento lucerna de canal. Conservou-se partes do reservatório e da orla. Esta última possui uma decoração feita de estampilhas em que alternam palmetas e golfinhos (figuras pertencentes ao Grupo II de Hayes estampilhas nºs 8 e 45 n; Hayes, 1972: 352 – 358).
Dimensões: Comprimento 7,3 cm; largura 3,4 cm; espessura 0,6 cm.
Cronologia: Século VI d.C..
Proveniência: M/2003/Cer. Arr./C.5/0007
Bibliografia: Inédita

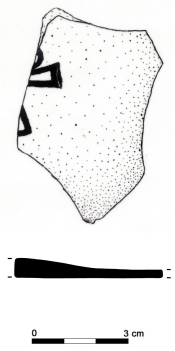
Nº catálogo: 191
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de Terra sigillata clara D, forma indeterminada.
Descrição: Conserva do disco vestígios de um orifício de alimentação. A orla é decorada com uma sequencia de peixes (Hayes, 1972: Style D nº 179 b).
Dimensões: Altura 2,2 cm; largura 2,5 cm; espessura 0,5 cm.
Cronologia: datado dos finais do século V até ao terceiro quartel do século VI (Bonifay, 2004: 408).
Proveniência: M/05/BR/u.e.001
Bibliografia: Inédita



M/05/BR/ u.e. 001
Nélia Romba

Nº catálogo: 192
Nº inventário MM-HM-0004.
Identificação. Fragmento prato
Descrição: Fragmento de fundo de prato. Possui uma estampilha com uma pequena cruz de contornos duplos (Hayes, estilo E (i) estampilha nº 311 f) (Hayes, 1972: 273 – 277).
Dimensões: Comprimento 6,8 cm; largura 4,5 cm; espessura 0,5 cm.
Cronologia: Séculos V -VI d.C..
Proveniência: M/2001/Cer. Arr./u.e. 8/0003
Bibliografia: Inédita

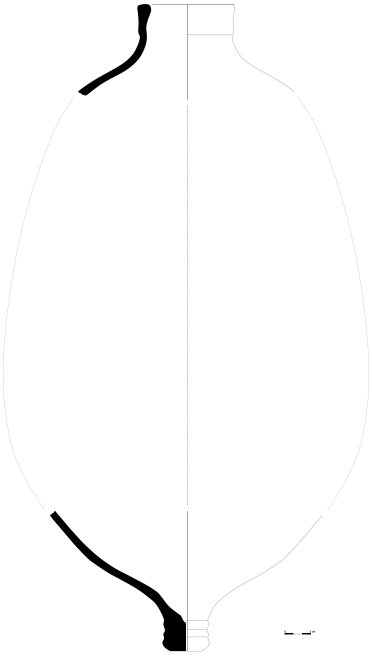
Nº catálogo: 193
Nº inventário: MM-HM-0006.
Identificação. Fragmento prato
Descrição: Fragmento de fundo de prato. Possui uma estampilha com um pequeno rho e uma cruz. (Hayes, estilo A (iii) estampilha nº 304) (Hayes, 1972: 275).
Dimensões: Altura 6,2 cm; largura 4,2 cm; espessura 0,6 cm.
Cronologia: Séculos V-VI d.C..
Proveniência: M/05/BR/Comp. VI/ u.e. 1e.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 194
Nº inventário: MM-HM-0005.
Identificação. Fragmento de prato
Descrição: Fragmento de fundo de prato, possivelmente da forma Hayes 106. No fundo interior possui uma estampilha com uma grande cruz, decorada com losangos e círculos (tipo Hayes, estilo E(ii) estampilha nº 333) (Hayes, 1972, 280, fig. 57d).
Dimensões: Altura 21 cm; largura 12,5; espessura 0,6 cm; diâmetro do fundo 17 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII, d.C..
Proveniência: M/05/BR/Comp. I/ u.e. 1e.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo:195
Nº inventário MM-HM-0007.
Identificação. Fragmento prato
Descrição: Fragmento de fundo de prato. Possui uma estampilha com uma cruz composta por linhas duplas (Hayes, estilo E (i) estampilha nº 311 d) (Hayes, 1972: 273 – 277).
Dimensões: Altura 3,5 cm; largura 2 cm; espessura 0,6 cm.
Cronologia: Séculos V VI d.C..
Proveniência: M/05/BR/ Comp. VI/u.e. 1a
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 196
Nº inventário MM-HM-0009.
Identificação. Ânfora
Descrição: Fragmentos de bordo com colo e bico fundeiro, possivelmente trata-se da forma Late Roman Amphorae 6. Servia para transportar vinho e a sua provável origem situa-se na Palestina (Reynolds, 2003:725-734).
Dimensões: Diâmetro do bordo 11,3 cm; espessura entre 0,8 e 1,5 cm.
Cronologia: Séculos V-VIII d.C.
Proveniência: M/08/BR./Comp. XV/ u.e. 009.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 197
Nº inventário MM-HM-0010.
Identificação. Ânfora
Descrição: Ânfora incompleta na parte do bordo. Grande ânfora de colo arredondado, com duas asas. O corpo é cilíndrico e está estriado. Possivelmente trata-se da forma KEAY XXXIX. Este tipo de contentores de origem tunisina teria servido para o transporte de azeite (Bonifay, 2004, 129-130, fig. 70-3). Restaurada.
Dimensões: Altura 88 cm; diâmetro máximo 33 cm; espessura 0,9 cm.
Cronologia: IV - V d.C.
Proveniência: M/08/BR./Comp. XV/ u.e. 009 (a).
Bibliografia: Inédita

V Os mosaicos da Antiguidade Tardia

5.1 A musivaria da Antiguidade Tardia em Portugal

Dos séculos III e IV da nossa era, o território, hoje português, possui importantes conjuntos musivos, quer integrados em contextos urbanos, como são os casos de Conímbriga e Faro, quer em contextos rurais como Torre de Palma (Monforte), Rabaçal (Penela), Alter do Chão, Pisões (Beja), Milreu (Faro) e Cerro da Vila no Algarve litoral. Os séculos seguintes não apresentam o mesmo panorama. Assim, na Antiguidade Tardia, os locais conhecidos com vestígios de mosaicos são escassos e carecem de uma abordagem sistemática.

Fig. 120 – Mapa da distribuição dos mosaicos da Antiguidade Tardia em Portugal.

Nos últimos anos temos vindo a assistir a uma lenta revelação de novos mosaicos que, apesar de sumariamente publicados, começam a elucidar sobre as transformações ocorridas na sociedade dos séculos V -VI, em especial ao nível da topografia religiosa.
As recentes intervenções arqueológicas, levadas a cabo por Luís Fontes, na igreja sueva de São Martinho de Dume, trouxeram à luz do dia vestígios de um mosaico sepulcral. Dume situa-se a menos de três quilómetros de Braga, nas imediações da velha estrada que ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti*. Por volta de meados do século VI foi aí construída uma basílica consagrada a S. Martinho de Tours.
As escavações arqueológicas, aí realizadas desde 1987, permitiram colocar a descoberto vestígios correspondentes a uma ocupação do local desde o século I até à atualidade, destacando-se significativos troços do templo de época sueva (século VI) e da sua reedificação nos séculos IX-X (Fontes, 2008:165).

Os vestígios da basílica sueva estendem-se pelo adro e sob a atual igreja paroquial, numa área superior a 750 m^2. Conservam-se restos da fachada, da nave, da quadra central e da cabeceira, conseguindo-se reconstituir o traçado global do primitivo templo. Construído com poderosas paredes de cantaria almofadada e de alvenaria granítica, o edifício desenha uma planta em cruz latina orientada Oeste-Este, com cabeceira trilobada e uma só nave retangular. No adro da igreja foi recolhida uma tampa de sepultura com restos de mosaicos e reutilizada em sepulturas alto-medievais. Segundo Luís Fontes, esta tampa de sepultura com restos de mosaicos deve reportar-se aos séculos V-VII (Fontes, 2008: 166) e, apesar de não conhecermos a sua composição, trata-se dos restos do mosaico funerário de contexto cristão, encontrado mais a norte em território português.

O mais antigo, e durante muito tempo o único conhecido em Portugal, é o mosaico tumular de Frende (Baião). Apesar de parcialmente conservado, ainda se distingue parte de um vaso e a legenda "Palladi vivas. Eusebios" (Oleiro, 1986: 127). Trata-se, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, da "parte central da tampa de uma caixa sepulcral que nos mostra, em campo ligeiramente rebaixado, um mosaico com o nome do tumulado e um *cantharus* de simbolismo funerário, possivelmente já cristianizado. (...) Obra feita, muito provavelmente por um artífice itinerante. Ele aparece sobre uma

laje de granito regional, utilizando tesselas brancas, escuras e avermelhadas, de origem bem mais distante. Sem orla simples, deverá datar do século V, provavelmente de meados. De origem norte-africana, ele é um bom testemunho, na bacia do Douro, na extensão dessa influência" (Almeida, 1986: 11). Este mosaico encontrava-se, outrora, como pedra de assento, ou seja fora do seu local original, na velha capela de S. João, a qual assenta, por sua vez, sobre um povoado fortificado da Idade do Ferro (Almeida, 1975: 29-40). Atualmente este mosaico encontra-se no Museu do Seminário, no Porto.

Na região do Alto Douro há ainda a notícia de outros mosaicos, dos quais infelizmente não ficou qualquer registo. Rossel Cortez dá conta que, ao alargar-se o adro da capela da Senhora da Boa Passagem, freguesia de Covelinhas, Régua, "foi demolida barbaramente uma sepultura aberta na rocha, tapada por uma tampa decorada com um mosaico de lioz branco e azul, com uma inscrição que não chegou a ser reconhecida" (Cortez, 1946: 28).Trata-se de mais um caso de um mosaico funerário que infelizmente não chegou aos nossos dias, mas que ilustra a utilização desta tipologia decorativa nas sepulturas na zona do Douro.

As escavações levadas a cabo na localidade do Freixo, em Marco de Canavezes, desde 1980, puseram a descoberto a importante cidade de *Tongobriga*. Esta urbe, segundo Lino Dias, ocuparia com construções mais de 30 hectares, podendo as áreas habitacionais espalharem-se por cerca de dez hectares, equivalendo a uma população de 2500 habitantes (Dias, 2008: 85). Em 2002, as escavações arqueológicas realizadas sob a igreja paroquial, revelaram parte das ruínas de uma basílica paleocristã e de mosaicos do seu pavimento. Trata-se de fragmentos de pavimento musivo constituído por tesselas polícromas.

Pelos vestígios musivos que chegaram até nós é possível perceber uma composição geométrica: os espaços quadrangulares são preenchidos com nós de Salomão, quadrílobos e uma composição em tabuleiro de xadrez. Dentro dos espaços hexagonais a decoração é constituída por florões (trifólios e cálices de flores de lótus). Sobreposta a esta composição desenha-se uma outra constituída por um florão de oito pétalas. O espaço vazio entre as duas é preenchido com cruzes ou com círculos de tesselas brancas, como se verifica numa outra composição.

A separação dos motivos geométricos faz-se com meandros fracionados bicromáticos e meandros fracionados polícromos. Nas orlas conservadas do mosaico é possível observar dois tipos de elementos decorativos: o primeiro compostos por quatro triângulos invertidos que formam uma composição cruciforme e uma outra de meia cruz; o segundo é composto por duas bandas de motivo em xadrez.
Os arqueólogos responsáveis por esta significativa descoberta atribuem-lhe uma datação enquadrável no século IV – V (Dias, 2008: 85). Num estudo dado à estampa recentemente A. Lima aponta para que os "três espaços contíguos e pavimentados a mosaico sejam parte integrante de uma intervenção urbana da segunda metade do século V ou mesmo já do século VI (Lima, 2012: 41) V – VI. No entanto, dada a longevidade dos motivos decorativos utilizados, não será descabido situar a sua cronologia na centúria seguinte, como acontece na basílica Este de Xanthos (Raynaud, 2009: 42).

Nos anos setenta do séc. XX, ao ser aberto um canal de irrigação nos campos de Idanha-a-Nova (Castelo Branco), foi encontrado um conjunto de mosaicos romanos.
O maior deles foi objecto de estudo por parte de Fernando de Almeida, que procedeu aos levantamentos gráfico e fotográfico, bem como à sua publicação (Almeida, 1975: 219-220). Este mosaico, em tesselas brancas e negras, terá sido deixado *in situ*. No que respeita ao contexto arqueológico em que se encontrava, diz este autor: "escavámos o local, onde se encontram em abundância cerâmicas, pedras trabalhadas e moedas romanas, mas não se pode garantir a localização onde elas se encontravam antes dos trabalhos para abertura do canal. De entre as moedas, as mais recentes são as de Graciano, Máximo e Honório I." (Almeida, 1975: 220).

Tudo o que sabemos sobre os mosaicos encontrados em Idanha encontra-se, pois, ligado à informação de Fernando de Almeida, incluindo dados sobre as tesselas, em mármore branco e negro, bem como sobre as suas dimensões: cerca de 20 m^2, no total, ocupando o solo de uma habitação romana em vários pontos, próximos uns dos outros. Sem dúvida, parte de uma *villa* romana. O predomínio da decoração geométrica, que descreve como "rosetas, losangos, linha ondulada acompanhando uma circunferência, filetes, etc.; a silhueta de um homem, todo negro, aparece aqui isolada com um pequeno vaso e uma roseta" (Almeida, 1975: 220), levou o autor a dizer que lhe parecia uma

composição mágica. Quanto à datação, propôs os finais do séc. IV ou mesmo o V, coincidindo com a cronologia das moedas encontradas (Almeida, 1975: 220).

Recentemente, J. Maciel propõe uma nova leitura que considera este mosaico, pela desconstrução, geometrismo e abstracionismo, de grande importância para uma reflexão sobre a influência dos comportamentos típicos da Antiguidade Tardia. Na ingenuidade da forma e no abstracionismo do espaço, este mosaico manifesta-se como documento único de interação entre o paganismo e cristianismo, na paisagem rural do território egitaniense, numa já avançada Antiguidade Tardia (Maciel, 2008: 236).

A estação arqueológica do Montinho das Laranjeiras foi descoberta por Estácio da Veiga, no ano seguinte às grandes cheias do Guadiana de Dezembro de 1876. As estruturas entretanto deixadas a descoberto pelas cheias foram alvo de estudo pelo referido autor, tendo sido feito o levantamento gráfico da planta pelo colaborador António de Paulo Serpa. Estácio da Veiga interpretou as estruturas como sendo de uma *villa* romana, registando também que, em alguns compartimentos, existiam sepulturas e noutro uma "piscina" rectangular com um pavimento de mosaico. Durante a centúria seguinte o monumento foi esquecido e só nos anos 80 do século XX Theodor Hauschild, com base na observação do desenho do levantamento do século XIX, colocou a hipótese de, no Montinho das Laranjeiras, ter existido um *monasterium* (Hauschild, 1987: 165).

Em 1990, Justino Maciel procedeu à reescavação do monumento, visando a realização de uma nova leitura das estruturas. Assim, na década de 90 do século XX, foram levados a cabo trabalhos arqueológicos que puseram a descoberto as estruturas de uma *villa*, construções da antiguidade tardia e habitações do período islâmico.

Nos finais do século VI – princípios do século VII, no Montinho das Laranjeiras, foi construída uma *ecclesia* de planta cruciforme que segue o protótipo ravenaico de Galla Placidia (Coutinho, 2005: 12). Num dos cantos desta estrutura arqueológica a reescavação pôs a descoberto um mosaico polícromo (*opus tessellatum*), que permanece *in situ*. A decoração é constituída por peltas, losangos, quadrados e motivos vegetalistas. Estes últimos apresentam grandes semelhanças formais e cromática com as ramagens existentes no painel da cena de caça existente em Mértola.

Os casos que abordo, de forma sintética, inscrevem-se quer em contextos religiosos, constituindo pavimentos de templos cristãos, como no Freixo, Mértola e Montinho das Laranjeiras, quer em estruturas funerárias, como as tampas de sepulturas de S. Martinho de Dume, Frende, Covelinhas e Basílica do Rossio do Carmo, em Mértola. A exceção parece ser o mosaico de Idanha, proveniente de uma possível *villa* que, segundo J. Maciel, apresenta uma temática pagã, num contexto em que o cristianismo já se havia afirmado com veemência sobre o paganismo (Maciel, 2008: 230).

Os mosaicos aqui abordados estão dispersos por todo o território português e a sua análise não nos permite estabelecer uma sequência cronológica precisa. A informação arqueológica é escassa e resume-se, na maioria dos casos, a notícias. São casos isolados no entanto passíveis de se encontrarem neles motivos semelhantes. Veja-se o casos das ramagens que ocupam o espaço livre do painel da cena de caça de Mértola e que são semelhantes às encontradas no Montinho das Laranjeiras onde, mais uma vez, o rio Guadiana serviu para levar modas e modos de fazer. Poderemos também estabelecer algumas analogias entre o cântaro que decora a sepultura de *Eusebios* e o fragmento de mosaico com a mesma representação encontrado, em 1877, no Montinho das Laranjeiras. Trata-se de um elemento figurativo, com larga utilização na decoração de tampas de sepultura em contexto peninsular: vejam-se os mosaicos sepulcrais dedicado a Baleria, da basílica de San Peretó, Maiorca, ou ainda os casos conhecidos em Tarragona ou Logroño (Palol, 1967).

Quanto aos motivos decorativos, quer geométricos quer vegetais, "são por via de regra os que encontramos por todo o mundo romano, mas a forma como são tratados ou agrupados assume por vezes carácter regional ou local para que se não encontram paralelos exactos e lhes confere grade originalidade" (Oleiro, 1987: 120).

No caso dos mosaicos de Mértola, parece acentuar-se uma tendência que vem do mundo romano e se prolonga nos séculos seguintes. Tomemos como exemplo os banhos omeyas de Qusayr'Amra, na Jordânia, datados de meados do século VIII d. C.. Porque é que estão decorados com cenas de caça? Qual poderá ser a razão, ou a relação, entre os prazeres do banho e a decoração com diferentes cena de caça? Uma

explicação para este e outros casos poderá ser encontrada num grafito de Timgad (Argélia) e que diz "venari, lavari, ludere, ridere, occ est vivere", ou seja, "caçar, banhar-se, divertir-se, rir-se, isso é a vida". Não é de estranhar, portanto, que se no mundo romano caçar e banhar-se formam parte das diversões principais das pessoas, apareçam associadas as ideias através da imagem, no lugar de recreio e voluptuosidade por excelência: os banhos (Arce, 2008: 86). Mais estranho é que o cristianismo primitivo adoptasse estes modelos e os aplicasse em estruturas religiosas, em especial nas áreas envolventes dos batistérios e das basílicas. Este caso exige um estudo mais aprofundado sobre a simbologia das representações animais, num mundo cristão imbuído de influências greco-latinas e orientais.

Sem entrar agora em detalhes podemos, contudo, adiantar que a reutilização de alguma gramática decorativa e de certos temas do paganismo em contextos cristãos (como se prova nos mosaicos tardios apresentados) constitui, em si, uma espécie de concórdia iconográfica, conseguida graças ao valor polissémico destas imagens e à sua fácil conformação a diferentes credos que, porém, partilham uma idêntica matriz cultural. Assim, o vaso, objecto outrora frequentemente ligado ao dionisismo (e até ao mitraísmo) e agora ligado ao cristianismo, mantém uma função litúrgica e a simbologia mística; a imagem do cavaleiro matando um monstro, anteriormente identificada com a vitória do herói Belerofonte sobre a terrível Quimera, e doravante convertida na vitória de São Jorge sobre o Dragão, mantém o seu sentido de vitória do Bem contra o Mal; as cenas de caça profana – até aí integradas em arquiteturas pagãs e agora enquadradas em estruturas cristãs – continuam a aliar as funções lúdicas e alimentares à noção de domínio humano sobre a natureza selvagem, que assim se torna um *locus amœnus*, pacificado, aprazível e abundante.

5.2 Os mosaicos do complexo batismal de *Myrtilis*

As escavações arqueológicas, que decorrem na área do *forum/* alcáçova há mais de vinte anos têm incidido, sobretudo, nos níveis medievais e modernos, ou seja, uma necrópole que foi usada após a reconquista cristã até ao século XVI e, num plano inferior, um bairro do período islâmico. Apenas nas áreas onde este último registo arqueológico se encontra bastante destruído foi possível, então, aprofundar a escavação, atingindo-se desta forma os níveis mais antigos, nomeadamente o que se referem ao período paleocristão. Foram nestes níveis arqueológicos que se encontraram, em 1999, restos do que teria sido um grande pavimento de mosaicos.

Este excepcional conjunto musivo, sem paralelo em território nacional, vem reafirmar a importância de Mértola nos finais do Império Romano e no período paleocristão (séculos IV-VI d.C.), bem como a permanência dos contactos desta urbe com o Mediterrâneo, colocando-a no centro das atenções dos investigadores da História da Arte da Antiguidade Tardia. Este período histórico, ainda mal conhecido, dados os poucos locais identificados e as escassas escavações a ele referente tem, em Mértola, um importante conjunto de vestígios arqueológicos, entre os quais se destacam as Basílicas do Rossio do Carmo e a do cineteatro, bem como o mausoléu no *suburbium* de Mértola. No espaço intra muros da cidade a descoberta do complexo religioso. Estas descobertas recentes vem reforça e contribuir, significativamente, para um melhor conhecimento de Mértola neste período, pondo em destaque a riqueza desta cidade portuária, capaz de proceder a grandes programas de obras e de desenvolver, nalgumas delas, apurados trabalhos de pavimentação, com acabamentos de refinada qualidade artística.

Fig. 122 – Localização dos painéis musivos:
1 – Galeria porticada; 2 – Deambulatório

A bibliografia portuguesa, sobre mosaicos neste local, apenas referia os achados de finais do século XIX e um pequeno fragmento encontrado numa *vilia* romana situada perto da aldeia À dos Fernandes referido por Bairrão Oleiro num trabalho de de síntese que aborda os mosaicos romanos em território português (Oleiro, 1986: 112) que nunca foi alvo de trabalhos sistemáticos de escavação arqueológica.

Fig. 123 – Vista geral da galeria porticada.

A restante informação documental que possuímos cinge-se às descrições e às estampas deixadas por Estácio da Veiga, na obra *Memórias das Antiguidades de Mértola* referentes ao "mosaico da tartaruga", e a um outro fragmento, além das figuras que ilustram a publicação (Veiga, 1983: 75). Conservou-se também o desenho colorido que foi realizado na altura da descoberta, atualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia.

O conjunto musivo, que de seguida abordaremos, inscreve-se em três espaços contíguos e possivelmente interligados. Propomos uma leitura de oriente para ocidente, iniciando o percurso pelo pórtico, onde até ao momento foram escavados cerca de 125 m^2, tendo sido a maior parte recoberta de mosaicos. Uma segunda área é constituída pelo deambulatório do batistério que outrora foi também pavimentado do mesmo modo. Este espaço ocupa cerca de 80 m^2 tendo apenas sido conservados escassos vestígios. A terceira área onde surgem mosaicos é a da basílica a sul do

baptistério, onde possivelmente terá sido descoberto o "mosaico da tartaruga", e onde existem ainda alguns fragmentos.

No que se refere ao *opus musivum* que se encontra *in situ,* as tesselas são exclusivamente de calcário, embora, em níveis de remeximento no deambulatório e na envolvente a sudeste do baptistério, tenham sido recolhidas tesselas de pasta vítrea, mas que estavam soltas, não permitindo aferir qual o tipo de composição a que pertenciam. No decurso da escavação da basílica do Rossio do Carmo foram também encontradas, nas imediações de sepulturas, várias tesselas de pasta vítrea, embora soltas do seu suporte original, com exceção para o pequeno fragmento também ele proveniente de uma camada de remeximento.

Pelos vestígios conservados podemos afirmar que estamos na presença de composições fechadas, em forma de medalhão, e de composições livres com temáticas que se situam em torno de cenas de caça, de animais afrontados (cenas heráldicas) e de cenas mitológicas.

As superfícies musivas apresentam um desgaste considerável, estando a parte superior das tesselas muito polida, facto que se ficou a dever ao seu intenso uso. O mosaico não apresenta quaisquer vestígios de restauros antigos. O material empregue nos mosaicos conservados *in situ* é, maioritariamente, constituído por cubos de calcário.

No que respeita aos elementos figurativos, a disposição dos painéis não é uniforme. As duas cenas de caça, localizadas no pórtico, estão orientadas de forma distinta: uma para nascente e outra para poente. Na zona dos intercolúnios do pórtico desenvolvem-se painéis rectangulares.

Na abordagem que se segue utilizamos a metodologia empregue na obra *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal: conventus scallabitanus, Conímbriga, Casa dos Repuxos,* da autoria de J. M. Bairrão *Oleiro* e, ainda, o segundo volume desse *Corpus,* dedicado aos mosaicos de Torre de Palma, da autoria de J. Lancha e P. André. As restantes informações provêm da consulta da bibliografia e de visitas efectuadas a alguns importantes sítios arqueológicos e museus situados em torno da bacia do Mediterrâneo.

5.2.1 Os Mosaicos do pórtico

5.2.1.1 Painel dos círculos secantes[101]

Da moldura do painel apenas ficaram vestígios das orlas paralelas aos muros. A parte mais bem conservada desta moldura musiva situa-se na parte sul do pórtico.

Fig. 124 – Painel dos círculos secantes.

A composição do painel é a seguinte: uma figuração geométrica constituída por círculos secantes, delimitados por duas fiadas de tesselas cinzentas, sendo uma das partes da intersecção dos círculos preenchida por tesselas vermelhas. Quatro losangos de cubos cinzentos, em forma de ponta de seta, inscrevem uma fiada no interior dos círculos. No local da intercepção dos círculos inscreve-se uma pequena pelta de tesselas cinzentas claras. A moldura conta ainda, junto ao muro sul, com uma linha de tesselas cinzenta. Virados para o interior do mosaico existem duas outras linhas de tesselas: uma primeira, constituída por três linhas de cubos cinzentos, vermelhos e amarelos, e uma segunda formada por uma linha dupla de tesselas cinzentas, que reforça a moldura. No canto inferior esquerdo a composição foi alterada, sendo duas intercepções dos círculos preenchidas por tesselas a vermelho, enquanto uma das linhas do círculo recebeu dois triângulos curvos. A restante parte da composição é preenchida por cubos brancos.

[101] Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, cinzenta claro, castanho, vermelhas e amarelas. Quadrículas H,I-2. Dimensões: 230 x 60 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 114/dcm^2.

Do lado oposto, virado ao exterior do pórtico, apenas se conservaram escassos vestígios musivos que nos deixam supor uma composição semelhante de círculos secantes.

O motivo dos círculos secantes apresenta uma ampla difusão no tempo e em todos os locais em torno do Mediterrâneo onde esta técnica musiva foi usada, possuindo uma ampla utilização com especial relevo para os séculos II e III (Oleiro, 1986: 100). Em Portugal, podemos apontar sítios como Conímbriga e Pisões com soluções musivas idênticas às encontradas em Mértola. No entanto é em Aquileia, na sala norte do grupo episcopal, datada dos primeiros anos do século V (Caillet, 1993: 123), que a semelhança da composição de círculos encontra um paralelo de constituição mais próximo.

5.2.1.2 Fragmento de mosaico com o *Nó de Salomão*[102]

Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico.

Este pequeno fragmento de mosaico encontra-se junto ao muro limite do pórtico, a norte. Pela decoração observada, e pela localização, parece-nos ser um vestígio da moldura da composição anterior. O motivo decorativo é um *Nó de Salomão*. Os colchetes fechados são constituídos por linhas de tesselas cinzentas, brancas, vermelhas e amarelas. O Nó está implantado sobre uma quadrícula de cubos cinzentos e, da sua moldura, fazem parte duas linhas, uma branca e outra vermelha, delimitadas por tesselas cinzentas.

Fig. 125 Fragmento de mosaico com *nó de Salomão*.

[102] Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, vermelhas e amarelas. Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico. Quadrículas H-2. Dimensões: 65 x 25 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 106/dcm^2.

A presença do Nó pouco ajuda a precisar a cronologia deste conjunto musivo pois, segundo Bairrão Oleiro, "foi um dos motivos preferidos durante todo o Império, (…) e um dos de mais longa vida, pois passa à arte medieval em que adquire valor simbólico (Oleiro, 1992: p. 56)". Este motivo parece ter surgido em Itália, no século II, sendo muito utilizado nas centúrias seguintes, havendo exemplares mais tardios do século V (Oleiro, 1992: 90,). Em termos geográficos é particularmente abundante na Itália, Alemanha, Inglaterra e na Península Ibérica, sendo bastante raro em França. No que concerne a Portugal são conhecidos três exemplares em Conímbriga (Oleiro, 1992*:* 90), no corredor sudeste do *peristilum* do Rabaçal (Pessoa, 2012), um em Santa Vitória do Ameixial (Chaves, 1956: 51), outro em Pisões (Ribeiro,1972: 20-21), na sala 9, nós de Salomão feitos com três cores e, ainda, um fragmento proveniente de Quintos (Beja) (Costa, 1988: 110). Em contexto religioso está patente nos mosaicos da Basílica de Santa Maria del Camí (Rosselló-Bordoy, 1996: 231) e no complexo religioso de Bir el-Knissia, datado de finais do século V inícios da centúria seguinte (Stevens, 1993:119 e 132).

5.2.1.3 Painel dos animais afrontados [103]

Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico, numa zona de intercolúnios. Está danificado pela abertura de uma claraboia no tecto do criptopórtico.

Seguindo uma leitura das figuras, de nascente para poente, são visíveis, num primeiro registo, fragmentos das patas de dois animais. Do animal da direita apenas são percetíveis as patas traseiras; do animal oposto resta parte da juba e as duas patas dianteiras, que se encontram na posição de fletidas, sugerindo que o animal estaria deitado. Da linha da moldura, numa posição central, parece arrancar um tronco. Pela disposição destes elementos é notório que se trataria de animais afrontados, integrados, possivelmente, numa composição heráldica. Pela escassez de elementos conservados não nos é possível saber a espécie dos animais representados; no entanto, a disposição das tesselas e os contornos que restam, sugerem dois leões. O contorno

[103] Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, cinzenta clara, castanha, vermelhas e amarelas. Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico. Quadrículas H-2. Dimensões: 50 x 30 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 106/dcm^2.

das patas, ao nível inferior, é dado por uma linha de tesselas rosa e as garras são feitas com a alternância de cubos rosa e brancos. A parte superior das patas é dada por uma linha de tesselas amarelas. O interior da figura é preenchida por tesselas brancas, à exceção da juba que é representada por alternância de linhas rosa e amarelas. Na figura da esquerda, o volume aparente do animal é dado pela inclusão de zonas de tesselas cinzentas.

Fig. 126 – Fragmento de mosaico com representação de animal.

5.2.1.4 Painel da cena de caça [104]

O painel da cena de caça é constituído por uma orla de motivos geométricos, florais e um pato, seguido de uma moldura linear. Os animais representados são: lebre, leoa, leão, serpente, veado, caprídeos, leopardo e pato. Os espaço envolvente dos animais é preenchido por motivos vegetalistas (ramagens).

A composição é encimada pela representação de uma lebre, da qual se conserva a parte dianteira e o lombo; um segundo registo é composto pela representação de uma leoa e de uma serpente; no terceiro registo é apresentado um veado; no último registo são representados um leopardo e um leão que atacam caprídeos.

[104] Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, cinzenta claro, castanho, rosa e amarela.

Todas as figuras sugerem movimento e estão voltadas para o lado esquerdo, com exceção da leoa e da serpente que estão voltadas para a direita. Todos os animais se apresentam incompletos. A composição musiva emprega ramos nos espaços entre os animais representados.

O contorno dos animais é dado por uma linha de cubos cinzentos, na parte superior, sendo a restante parte do corpo delimitada por cubos cinzentos claros. Tanto o dorso da lebre, como o do veado, possuem uma decoração semelhante, composta por tesselas brancas dispostos de forma oblíqua em relação às fiadas amarela e rosa. Os contornos interiores da orelhas e do olho da lebre foram executados com cubos cinzentos. As feições do focinho, por sua vez, realizadas com tesselas amarelas. No veado o tratamento cromático é semelhante, possuindo as figuras a boca e nariz bem definidos. As hastes do veado são desenhadas recorrendo a tesselas amarelas. Os outros caprídeos, muito incompletos, recorrem a várias gradações de cubos rosa sendo empregues, nas zonas escuras, tesselas cinzentas.

A composição central do painel conservado mostra uma leoa que amamenta uma serpente. Os contornos do corpo da leoa são feitos com blocos cinzentos no dorso superior. O pescoço e focinho recorrem a cubos cinzentos claros para a definição do corpo. As patas estão demarcadas com tesselas rosa e vermelha, com as garras bem visíveis. O ventre da leoa apresenta duas tetas feitas tesselas vermelhas. De uma delas parte uma cabeça em cubos vermelhos, com o olho rosa rodeado a cinzento. A restante parte do corpo do animal é composto por tesselas rosa e amarela, prolongando-se até à linha de moldura. Inicialmente interpretamos o animal que mama na leoa, como sendo uma serpente, cujo corpo cilíndrico interrompido se prolonga na direção da moldura. Acresce o facto do mosaico não ter continuidade para sul inviabiliza uma interpretação mais segura, no entanto, não é de excluir que se trate de uma cria de leoa, a ser amamentada pela mãe como sugere S. Macias (2011: 12).

No último registo do painel temos um leão e um leopardo a atacar caprídeos. Estes animais apresentam-se muito mal conservados, sendo visível, do primeiro, apenas o dorso e uma pata e, do segundo, apenas um pedaço das patas e os cascos. Estes animais estão definidos por linhas de tesselas rosa e cinzenta, sendo o interior preenchido por cubos amarelos. Do leão apenas se conserva a cabeça e pescoço, que apresentam um tratamento cromático idêntico aos restantes leões.

Do leopardo conservam-se parte do corpo e três patas. Os contornos do animal são dados, maioritariamente, a cinzento. No entanto, a parte superior das patas é delineada por cubos amarelos. As manchas que pontuam o corpo são feitas por círculos cinzentos com uma tessela branca no centro. A volumetria do animal é dada por linhas arredondadas de cor cinzenta e amarela. Nas patas estão bem definidas três garras, formadas por tesselas brancas de forma triangular.

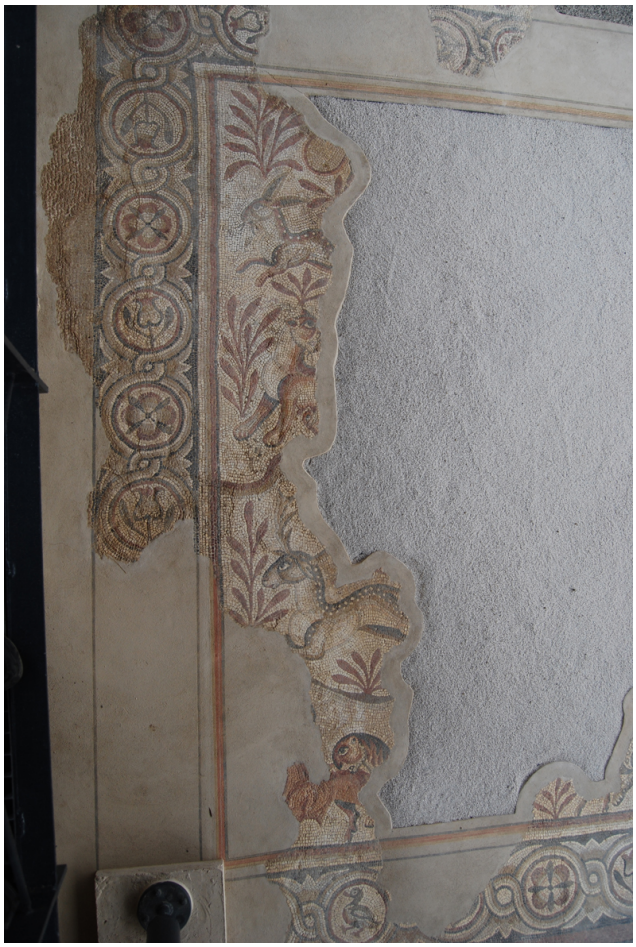


Fig. 127 – Painel da cena de caça.

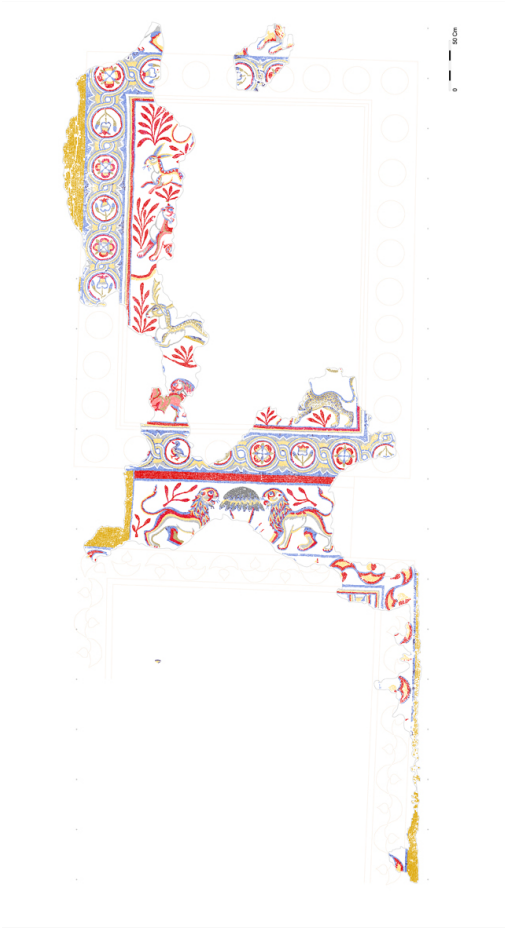


Fig. 128 – Levantamento dos restos musivos.

A moldura é constituída por círculos entrelaçados formando uma trança de dois cordões. O espaço entre os círculos é preenchido por duas flores de lótus, estilizadas e invertidas. No interior dos círculos alternam motivos geométricos e flores de lótus ou rosas. A exceção a esta alternância de motivos decorativos é dada por um pato, situado na moldura poente do painel. Neste animal o bico, as patas e a parte frontal são desenhados com tesselas vermelhas, as asas e o pescoço estão preenchidos a cinzento. A cauda e a parte superior apresentam-se em tesselas amarelas. O olho é marcado por uma circunferência branca, tendo no centro uma tessela preta. A orla do mosaico foi aplicada sobre um fundo de tesselas cinzentas.

As representações de animais são um tema muito utilizado nos conjuntos musivos do Próximo Oriente, como demonstrou Olszewski, em relação aos mosaicos bizantinos da igreja de Zahrani (Líbano), onde aparecem leões, leopardos, gazelas e aves entrelaçadas em ramagens que brotam de um *cantarus*. As representações livres também são frequentes em mosaicos descobertos em Huarté ou Houad, na Síria, datados do século V – VI (Olszewski, 1995: 11-12).

Na Cirenaica são também frequentes as representações musivas em ambientes religiosos, de lutas entre animais[105], de cenas de caça[106] ou de simples representação de fauna[107]. O mesmo tipo de cena é identificável nas basílicas das ilhas Baleares como são os casos registados nos mosaicos de Santa Maria deI Camí (Malhorca) Rosselló-Bordoy, 1996: 232), em Ilheta de Rey (Palol, 1962: 39) e de El Fornás de Torelló (Palol, 1962: 44-48 e Palol, 1967: 223-233 e figs. 7ª e 7b.). Para todas estas peças é apontada uma cronologia do século VI. Todos estes exemplares são datáveis do período bizantino (durante o reinado de Justiniano ou em época não muito distante), período durante o qual se levaram a cabo importantes obras na Cirenaica que compreenderam tanto a construção dos edifícios, como os seus programas musivos (Alföldi-Rosenbaum,

[105] Em Ras el-Hilal, onde um animal listrado, talvez um tigre, persegue o que parece ser uma gazela ou um veado - Alföldi-Rosenbaum, 1980: 140-141 e pl. 33.1 / leão atacando um veado, na nave da Catedral de Cyrene - Alföldi-Rosenbaum, 1980: 101 (C 4) e pl. 22.1

[106] Igreja Este de Qasr el-Lebia – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 121-139)/ Catedral de Cyrene – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 95-114) Igreja Este de Apollonia – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 79-90) e Igreja Central, em Cyrene – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 115-120).

[107] Igreja Este de Qasr el-Lebia – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 121-139) Catedral de Cyrene – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 95-114), Igreja Este de Apollonia – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 79-90) e na Igreja Central, em Cyrene – (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 115-120)

1980: 4 e 65)

No Mediterrânio Oriental são comuns as composições musivas em que tigres ou/e leões surgem atacando outros animais[108] , datados de um período próximo aquele que propomos para os mosaicos da galeria porticada de Mértola. Refiram-se ainda as representações de animais no complexo episcopal de Héracléa, junto à basílica, com uma gazela ou cervo na ala norte da grande basílica, e uma chita no nartex da basílica, ambos com datação em finais do século V (Cvetovic Tomasevic, 1973: 40-41, 46 e 55 e figs. 16 e 20).

5.2.1.5 Painel dos leões afrontados [109]

O painel está situado numa zona dos intercolúnios e representa uma cena heráldica com dois leões afrontados e, ao centro, uma árvore da vida. O painel, de fundo branco, é ainda preenchido por ramagens colocadas nos espaços livres da composição. Estas ramagens são delineadas e preenchidas, como nas restantes composições, por tesselas rosa.

O corpo dos leões é delineado por uma linha de tesselas cinzentas, sendo a volumetria do dorso e das patas dada pela alternância de fiadas de cubos vermelhos, rosa, amarelos e cinzento claro, sendo a restante parte do corpo composta por tesselas brancas. As jubas são formadas por linhas sinuosas de tesselas cinzentas, amarelas e vermelhas. Ao nível do focinho os contornos são dados por cubos cinzentos. O desenho

[108] Num estudo publicado em 1988 referenciava-se um abundante conjunto de exemplos (em Houarté, Síria, as igrejas de Photios (Donceel-Voûte, 1988b: 60 - figo 93 e pl. hors-texte 3) e de Michaelion (Donceel-Voûte, 1988b: 107 – figs. 73, 110 – figs. 76 e 114 - figs. 80 e pl. hors-texte 5) em Houad, Síria, as igrejas de St. Georges (Donceel-Voûte, 1988b: 144 - figs. 116 e pl. hors-texte 8) e de Mezraa el-Oulia (Donceel-Voûte, 1988b: 179 – fig.150. 185 – fig. 159) em Oum Hartai"ne, Síria, a igreja de S. João Baptista (Donceel-Voûte, 1988b: 199-200 e pl. hors-texte li) - datada do ano 500, em Khan Khaldé, Líbano, a igreja superior (Donceel-Voûte, 1988b: 373 – figs. 355, 381 – figs. 367, 383 - figo 369) - século VI, em Qabr Hiram, a igreja de Saint Christophe (Donceel-Voûte, 1988b: 413 – figs. 403, 417 - figs. 405 a 413 e pl. hors-texte 17) - datada do ano 575 e em Rayan (Donceel-Voûte, 1988b: pl. hors-texte 12). Representações de animais na Igreja de Zahrani - 524 d.C. e na de Khaldé entre meados do século V e o primeiro terço do século VI – (Chéhab, 1958: 95-96 (pl. LI e 116 LXII).

[109] Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico. Quadrículas G 2 e H -2. Tesselas de calcário. Cores: branca, preta, cinzenta, rosa e amarelo. Dimensões: 60 x 235 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 118 /dcm^2. Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, cinzenta claro, castanho, vermelhas e amarelas.

do olho e da orelha é dado por tesselas cinzentas que sublinham estes elementos, em que a utilização de cubos rosa acentua os contornos e ajuda na definição dos motivos. Na boca dos leões parece estar representada a língua, desenhada com tesselas rosa. Do focinho dos animais saem quatro pelos feitos com cubos cinzentos.

Fig. 129 – Painel dos leões afrontados.

O motivo central do painel é uma árvore. Dois troncos dão origem a uma ramagem semicircular, constituída por dois níveis sobrepostos de oito folhas, desenhadas e preenchidas com tesselas cinzentas. Entre os dois níveis de folhas o recorte é dado por cubos brancos e amarelos. O tronco é delineado por uma linha de tesselas cinzentas e vermelhas.

A cena apresenta-se sobre um fundo de cubos brancos. A moldura superior é delineada por uma fiada de cubos cinzentos, com o topo preenchido por cubos vermelhos e, lateralmente (junto à base de coluna), por tesselas amarelas.

As cenas de caça são um tema relativamente frequente nas representações musivas do mundo clássico. Na Antiguidade Tardia teve, nas igrejas do Próximo Oriente, significativos exemplares (Olszewski, 1995, 11-12). Os animais aqui representados,

bem como a cena heráldica dos leões afrontados, inscrevem-se numa temática que encontra paralelo em mosaicos tunisinos, nomeadamente ao nível da composição, o mosaico do *caçador neófito*, num pavimento de uma igreja próxima de Hergla (Ghalia, 2001: 67, e Ghalia, 1998: 58) ou, ainda, um mosaico proveniente de Cartago e atualmente exposto no Museu do Bardo, em Tunes (Yacoub, 1995, 384). Nas Ilhas Baleares conhecem-se dois mosaicos, o da Isla del Rey e o da basílica de Es Formás de Torelló (Palol, 1967, 140) com uma temática semelhante.

No caso de Torelló a disposição dos leões é simétrica, tal como no caso estudado de Mértola, estando os animais afrontados a uma palmeira. No caso de Mértola a árvore possui dois níveis de folhas que, no entanto, apresenta grande similitude com aquela na forma do tronco. Este tema dos leões afrontados é pouco frequente nas representações musivas, sendo estas datadas dos séculos V e VI.

A sinagoga de Hammet Gader apresenta outra variante: leões afrontados no centro de um medalhão (Caillet, 1990, 411). Por seu lado, como nos diz P. Palol, "a palmeira, como árvore da vida, possui uma infinidade de representações" Palol, 1967: 145. Esta temática tem uma nítida influência do Próximo Oriente e do Norte de África.

Nas representação de leões afrontados no Mediterrâneo Oriental os animais aparecem a ladear a árvore da vida ou a guardar a *menorah* da arca da lei ou uma inscrição, o que denota uma forte influência marcadamente judaica. No mosaico da sinagoga de Ma'on (Nirim – Israel), datado do século V-VI, veem-se dois leões afrontados ladeando uma *menorah (*Avi-Yonah, 1981:274-275 e pl. 57 e Ovadiah, 1987: 106-107 e pl. CXVI). Contudo é na representação dos leões afrontados do possível *martyrium* de Seleucia, em Pieria, perto de Antioquia (atual Turquia), com datação anterior a 526 (Levi, 1947a: 360 e Levi, 1947b: pl. LXXXIX), que se encontram os paralelos plásticos mais semelhantes ao caso em estudo de Mértola.

Para além dos leões outros animais afrontados são frequentes nas representações existentes nas basílicas do Mediterrâneo Oriental.

Na Síria Fenícia, Palestina e na Arábia são registados cerca de 61 exemplares, apenas três casos correspondem a leões e situam-se na Àrabia e na Palestina. O elemento central a que os animais se afrontam nunca tem uma temática que se associe de forma inequívoca à religião cristã, sendo o motivo mais frequente o *cantharus (*Donceel-Voute, 1988a: 478)

Esta temática aparece ainda em muitos outros sítios, nem sempre sendo possível determinar que função desempenhou: tigres afrontados com um vaso ao centro estão referenciados no vestíbulo da catedral de Cyrene (Alföldi-Rosenbaum, 1980: 101 (pl. 22.1) e 110 (pl. 71.1 e 72.1)), dois cavalos afrontados a uma palmeira estão presentes num ladrilho dos séculos V/VI encontrado em Osuna (Sevilha) (Recio Veganzones, 1978: 73-74, fig. 21), num mosaico no Museu do Louvre (com provável origem no Mediterrâneo Oriental e paralelos na região siro-ciliciana e datável dos inícios do século VI) surgem-nos gazelas afrontadas (Baratte, 1978: 148-149). Na basílica de Skhira, pertencendo a um contexto marcadamente religioso, dois cervos ladeiam um *cantharus,* composição atribuível à 2ª fase da basílica que corresponde aos séculos V/VI (Fendri, 1961: 32)[110] .

O caso de Mértola torna-se, no entanto, peculiar, pois é o único local que possui duas possíveis representações heráldicas e a cena da leoa a amamentar uma serpente. Deste último animal são conhecidas muitas representações: a lutar com uma ave de grande porte em Houad (Síria) (Olszewski, 1995: 22), a lutar com uma águia no grande palácio dos imperadores em Constantinopla (Olszewski, 1995: 26); a lutar com um veado na igreja de Qasr-el-Lebia na Cyrenaica (Líbia) (Rosenbaum e Perkins, 1980, fig. 3, painel C1); em medalhões ligados por ramagens, como no caso da igreja de Qabr Hiram (Líbano) (Olszewski 1995: 26); ainda uma serpente enrolada numa *árvore da vida* como no Painel C da igreja das proximidades de Hergla, interpretada por T. Ghalia "como a alegoria do pecado" (Ghalia, 1998, 99-103, PL.XXIX e XLVII).
Não conhecemos, contudo, qualquer representação que inclua no seu repertório figurativo uma leoa a amamentar uma serpente.

5.2.1.6 Painel da orla de peltas [111]

Na continuidade do painel dos leões afrontados segue-se uma orla formada por peltas, ligadas entre si e dispostas de forma simétrica ao longo da composição conservada. Do

[110] Em que a imagem do cervo é muitas vezes associada à do catecúmeno.
[111] Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico. Quadrículas H -2. Tesselas de calcário. Cores branca, cinzenta, rosa e amarelo. Dimensões: 65 x 25 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 93/dcm^2.

pedúnculo central das peltas parecem sair folhas cordiformes, metade executadas com tesselas rosa e o restante com cubos amarelos. Deste painel musivo apenas se conservou parte da orla e o canto superior direito da moldura, que é constituída por uma linha dupla de tesselas cinzentas, e uma segunda linha constituída por uma fiada de cor cinzenta clara, amarela, rosa e cinzento. As péltas são delineadas por três fiadas de cubos, sucessivamente cinzenta, cor de rosa e amarela.

Fig. 130 – Fragmento de orla com peltas.

A pelta é um elemento decorativo que tem a sua origem no escudo dos Trácios, com forma aproximada de meia lua, e é um dos motivos mais usados pelos *musivarius* romanos, continuando como tema corrente nos mosaicos paleocristãos e bizantinos. Entre nós, Conímbriga apresenta vários pavimentos onde esta figura está representada, nomeadamente no mosaico do labirinto em Conimbriga (Oleiro, 1992: 138), assim como a *villa* romana de Pisões (Beja) (Costa, 1985: 108-109), onde existem três variantes deste motivo, embora com diferenças ao nível da composição.

No pavimento da basílica de Sta. Eufémia, em Grado (Itália), numa inscrição musiva dedicada a *Elia*, datada de 579 (Cuscito, 1989, 750), são visíveis onduladas de peltas ligadas entre si, semelhantes e dispostas de forma invertida. Contudo, aí, elas são o motivo de adorno da parte superior da inscrição e preenchem a parte cimeira do painel musivo.

É em Sbeïtla (Tunísia) que se encontra, na moldura de um mosaico que representa uma cruz latina monogramática, um dos paralelos mais próximos desta solução musiva,

embora os elementos constituintes apresentem uma escala diferente - as folhas cordiformes têm uma dimensão maior que as peltas. A composição musiva tunisina é datada do fim do século V, inícios do século VI (Yacoub, 1995: 380, fig.189), assim como em Santa Maria del Camí, do mesmo período (Palol, 1962: 48).
Na continuidade dos mosaicos anteriores encontram-se uma série de fragmentos com características menos definidas, que designados por "mosaico de pavimento", que de seguida se apresentam.

5.2.1.7 Fragmento de mosaico de pavimento I [112]

A parte que chegou até aos nossos dias corresponde a fragmentos da moldura. A composição define uma flor de lótus muito aberta, alternada com uma fita ondulada. Esta decoração ondulada é constituída a partir de duas sinuosidades, com um tratamento que sugere uma fita em perspectiva (Balmelle, *et alli*, 1985: 100; Blanchard, *et alli*, 1973: 41).
As figuras são delineadas por tesselas cinzentas e preenchidas de forma alternada com cubos brancos, vermelhos e amarelos.

Fig. 131 – Vista geral da galeria porticada.

Este tipo de moldura encontra semelhanças com o mosaico das termas privadas de Sidi Ghrib (Tunísia), datadas de meados do século V (Yacoub, 1995: 223, fig. 113). Em Sousse foram encontrados mosaicos nos túmulos 15 e 50 da igreja do Padre Félix, com

[112] Tesselas de calcário. Polícromo (branco, vermelho, amarelo, cinzento). Localização quadrícula 2-E, zona contígua ao motivo anterior. Dimensões: 197x34 cm. Tamanho médio das tesselas: 1 cm. Tesselas 89/dcm^2.

a representação da flor de lótus de três pontas, e datados do século V (Foucher, 1960: 75 e pl. XXXVIII; Cintas, 1958: 188 e 202 pl. XXXb e XXXd).

5.2.1.8 Fragmento de mosaico de pavimento II[113]

A parte existente corresponde à orla de um mosaico infelizmente destruído. A decoração é composta por motivos geométricos, de difícil leitura pois os vestígios são bastante reduzidos. É possível, no entanto, observar uma barra lateral branca que, segundo suponho, delimitaria todo o motivo principal do mosaico. Quanto ao motivo da moldura resta, apenas, uma sequência de arcos quebrados polícromos, alternados com um motivo em escama, resultante da intersecção de segmentos de círculos Balmelle, *et alli,* 1985: 98).

A base da composição é constituída por tesselas brancas, sendo as escamas delimitadas a cinzento. O interior deste motivo repete a forma com fiadas de tesselas vermelhas e amarelas.

Fig. 132 – Fragmento de mosaico.

Este tipo de decoração das molduras é bastante frequente em África, sobretudo a partir do século III (Germain, 1969: 60, n.º 68, lám. XXVI). Uma banda com os mesmos motivos geométricos compõe a cercadura das sepulturas 6 e 19 da igreja do padre Felix, na região de Kélibia, datados do século V (Cintas, 1958: 185-186 e 190, pl. XXVIa, XXVIb, XXXc e XXXIIIb). O mesmo motivo encontra-se representado no mosaico da basílica IV de Sbeïtla, datada do século VI (Duval, 1973b: 33, fig. 17). Outro caso

[113] Tesselas de calcário. Localização C.A.M.-2D, zona contígua ao motivo anterior. Polícromo (branco, vermelho, amarelo e cinzentas). Dimensões: 231X32cm. Tamanho médio das tesselas: 1 cm. Tesselas 111/dcm^2.

semelhante localiza-se no palácio de Teodorico, em Ravena, com cronologia de meados do século VI (Berti, 1976: 114 e trv. XXV.41 e XXXVI.42).

5.2.1.9 Fragmento de mosaico de pavimento III [114]

A decoração é composta por motivos geométricos, suásticas de volta em ressalto, que alternam com motivos em folhas cordiformes possuindo, uma delas, um pecíolo (Balmelle, *et alli*, 1985: 108 ; Blanchard, *et alli*, 1973: 30 ; Chevalier, e Gheerbrant, 1994: 68). Esta alternância mantém-se nas várias fiadas. No entanto, na fiada do meio, os motivos cordiformes são representados com tesselas brancas envoltas em quadrados preenchidos com cubos cinzentos, alternando com cubos vermelhos, prolongando-se a mesma lógica decorativa no quadrado seguinte, onde aparecem dispostos na vertical. No que resta das outras fiadas é possível verificar que estes motivos se encontram na horizontal.

Fig. 133 – Fragmento de com motivos geométricos e folhas de hera.

Este fragmento de mosaico, devido ao desgaste provocado pelo uso, pelas condições ambientais e pelo envelhecimento natural dos materiais, apresenta algumas tesselas bastante deterioradas com alteração da cor inicial.

Estes dois motivos decorativos são bastante comuns nos mosaicos romanos. As suásticas começam a ser aplicadas em obras musivas a partir do século I a.C.. Encontramo-las, por exemplo, na "Casa del Centenário" em Pompeia (Itália) (Blake, 1930: 7 – 159, Est. 31, fig. 1). Em Portugal este motivo encontra-se bem representado

[114] Tesselas de calcário. Polícromo, branco, vermelho e cinzento. Localização C.A.M. - 3D, zona contígua ao motivo anterior. Dimensões: 88X 40cm. Tamanho médio das tesselas: 1 cm. Tesselas 121/dcm^2.

nomeadamente em Pisões (Costa, 1985: 114), ou em Conímbriga (Oleiro, 1992: 68). O paralelo possível para esta representação com suásticas situa-se no de Bigua, junto a Cartago, e é datado do período Justiniano, não podendo ser posterior a 610 (Ennabli, 2000: 88 figs.120 e 122).

O motivo cordiforme está também presente em Conímbriga (Oleiro, 1992: 141), num mosaico mural. Este motivo foi igualmente utilizado na orla do "mosaico H" da *villa* Cardílio (Torres Novas) (Paço, 1964: 81- 87, e PAÇO, 1965: 244-148, fig. 11). Esta decoração musiva, de cariz geométrico, tem paralelos nos templos das ilhas Baleares, sendo identificado no templo de Illa del Rei, Santa Maria de Camí e em Son Peretó, datados do século VI (Godoy Fernández, 1995: 163 e 184).

5.2.1.10 Cena de caça [115]

Fig. 134 – Fragmento de mosaico da cena de caça com falcão.

A avaliar pela parte conservada o mosaico possuía, como moldura, uma banda onde são visíveis uma flor de lótus, parte de uma ramagem e uma cornucópia, seguindo-se aves viradas para o centro do painel.

Representa uma cena de caça, com um cavaleiro e diversas aves. A primeira, e mais volumosa destas, parece uma avestruz, à qual foi dado um especial tratamento, pois

[115] Tesselas de calcário. Policromo. Cores branca, cinzenta, castanho, vermelhas (três tons) e amarelas. Painel rectangular, incompleto, localizado sobre o criptopórtico. Quadrículas C2 e D2 Tesselas de calcário. Dimensões: 174 x 119 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,7 cm. Tesselas 112/dcm^2.

possui o corpo e a cabeça preenchidos por tesselas cinzentas e castanhas, sendo a volumetria e a plumagem dadas pelo contraste claro-escuro destas duas cores. Os contornos das patas e do pescoço são desenhados com tesselas castanhas, estando o interior preenchido com tesselas brancas. Esta figura apenas se encontra danificada na zona do bico.

A representação de um pato encontra-se bastante danificada e com zonas vazias de tesselas. É possível observar que os contornos do corpo são delimitados por tesselas cinzentas, sendo o bico e as patas preenchidas com cubos vermelhos. Os volumes do animal são dados pelo contraste claro-escuro de tesselas brancas e castanhas, dispostas em fiadas paralelas.

Fig. 135 – Cena de caça com falcão.

Segue-se uma representação vegetalista constituída por uma folhagem delineada por tesselas cinzentas e com o interior a branco. Ao lado, e virada para nascente (disposição oposta em relação às restantes figuras), encontra-se uma terceira ave, sumariamente representada, que se afigura ser um grou, em que o corpo, asa e patas estão delimitadas por tesselas cinzentas, sendo o interior do corpo composto por tesselas brancas.

Da quarta ave representada, também incompleta, apenas resta parte do corpo, a longa cauda e as patas tratando-se, possivelmente, de um faisão. A asa é delimitada por tesselas cinzentas possuindo, na parte superior, uma fiada de cubos amarelos. As restantes partes do corpo estão preenchidas por linhas alternadas de cubos vermelhos, amarelos, brancos e cinzentos, e as patas são representadas com tesselas vermelhas.

Por último a representação do cavaleiro. A maior parte do corpo, cabeça, pescoço e membros superiores estão delimitados por uma fiada de tesselas cinzentas. O rosto é definido por uma linha de cor vermelha, sendo o contorno dos olhos dado por um círculo castanho e as sobrancelhas definidas por tesselas rosa. A definição do nariz e da boca é feita com a alternância de tesselas castanhas e cinzentas, enquanto que a volumetria do cabelo é dada por linhas desenhadas a amarelo, cinzento e vermelho. A perna esquerda surge do contraste com o fundo do cavalo e dos arreios, sendo que, na parte inferior da perna e no pé, parece calçar uma bota, que se afigura preenchida com tesselas cinzentas.

Na mão esquerda o cavaleiro possui uma luva, preenchida com tesselas castanhas, e tendo os dedos marcados com linhas a rosa. Para além de transportar um falcão, é perceptível que segura a rédea do cavalo, esta desenhada por uma linha cinzenta.

O falcão, incompleto na parte da cabeça, tem os contornos do corpo e a asa executados em cinzento, estando as restantes partes preenchidas a amarelo. É ainda de notar que a plumagem da cauda está representada com um reticulado simétrico, constituído por tesselas cinzentas, cuja extremidade se apresenta ligeiramente arredondada.

A figura do cavalo está incompleta sendo visível, somente, parte do dorso, a barriga, a nádega e a cauda. As formas e a volumetria do cavalo são dadas pela utilização de três tons de vermelho. Sobre o dorso está representado um selim, delimitado por uma linha de tesselas cinzentas, que alterna com uma linha branca e uma outra linha cinzenta, sendo que, na zona do ângulo, alterna com tesselas vermelhas. A restante parte do

selim está preenchida a vermelho. Sobre os quadris, o cavalo possui ainda um arreio, desenhado por uma linha branca. É ainda de assinalar a naturalidade da representação da cauda do cavalo, bem pormenorizada, e em que são claramente visíveis as volumetrias.

No canto superior esquerdo, virado a poente, existe um fragmento de mosaico, presumivelmente pertencente ao painel anterior, dada a proximidade espacial a que se encontra[116]. Este fragmento de mosaico possui uma decoração fitomórfica e apresenta restos de duas molduras. A primeira, delimitada por uma linha de tesselas cinzentas, abre para um caule, constituído a cinzento, de onde sai uma flor de lótus em tesselas vermelhas. Junto à moldura, um tufo de acanto[117] estilizado executado, também, em tesselas vermelhas. Este motivo, embora invertido, reaparece na zona da moldura horizontal. Segue-se uma outra moldura que forma o ângulo, constituída por uma fiada de tesselas cinzentas, três fiadas de brancas, uma vermelha, rematando com duas fiadas de cinzentas. Esta moldura assemelha-se à parte do mosaico onde está representada a cena de caça com falcão. Na parte do painel inscrita pela moldura está representado um caule de onde saem folhas executadas, uma vez mais, com tesselas vermelhas. Contígua a este motivo vê-se uma cabeça de corça. Os contornos deste animal e o olho foram desenhados com cubos cinzentos. Defronte deste animal encontra-se um motivo vegetalista de ramagens viradas para os dois lados, compostas por tesselas de cor vermelhas.

Fig. 136 – Fragmento de mosaico com orla.

[116] Dimensões: 98 x 63 cm. Tamanho médio das tesselas: 1 cm. Tesselas 127/dcm^2.
[117] Motivo existente numa das molduras do mosaico da caça ao veado, Conímbriga, (Oleiro, 1992:104).

A nascente deste mosaico encontra-se um outro pequeno fragmento[118], representando uma pata de ave, desenhada com tesselas brancas em fundo vermelho, e os restos do que seria a moldura delimitadora, a Este, do painel musivo.

As cenas de caça com falcões são bastante raras. Dos exemplares conhecidos o primeiro representa uma caçada à lebre, e mostra-nos o falcão em pleno voo sobre as presas, provém de Cartago e está datada do século V ou inícios do VI (Yacoub, 1970: 258, fig. 188).

Uma outra representação do falcão encontra-se na sala de Hipólito, na igreja de Madaba (Jordânia). Este local de culto é posterior e foi construído anos depois do mosaico, no entanto reutilizou-o como pavimento. Esta igreja é datada de meados do século VI (Buschhausen, 1989: 173, fig. 129). Nesta representação um criado de Hipólito segura na mão esquerda um falcão (Piccirillo, 1993: 51, (fig. 3), 57 (fig.9) e 66).

No caso da cena de caça de Mértola também são notórios os paralelos com um mosaico funerário de Crescentinus, proveniente de Tabarka, atualmente no Museu do Bardo (Tunes), datado do século V (Yacoub, 1995: 373, fig. 190).

Igualmente na Tunísia foi descoberto, numa igreja rural situada nas proximidades de Hergla (Ghalia, 2001: 67), um mosaico que, no "painel G", exibe uma representação da *Árvore da Vida* e dois leões afrontados, conjuntamente com uma cena de caça em que um cavaleiro segura, na mão esquerda, um falcão. Este painel musivo é datado do século VI (Ghalia, 1998: 58). Estas representações são coincidentes com a iconografia encontrada na galeria porticada de Mértola embora, no caso tunisino, se trata de fragmentos musivos de tratamento plástico mais esquemático e pobre, do que o caso de Mértola. Contudo, destaque-se a coincidência dos temas tratados e o facto de ambos serem provenientes de ambientes religiosos. Num edifício cristão do período Bizantino, situado em Cartago, existem também representações musivas com cenas de caça (Ghalia, 1998: 58).

As cenas de caça aparecem-nos no pavimento das igreja de S. Cristophe, datada de 575, em Qabr Hiram (Líbano), onde estão representadas cenas venatórias na nave central e de animais nas laterais (Baratte, 1978:133 fig.140) e 134 (fig. 141) e 140). Durante o

[118] Dimensões: 38 x 24 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,7 cm. Tesselas 120/dcm^2

séculos V e VI esta temática foi amplamente utilizada nas basílicas do Líbano (Baratte, 1978:143).

As cenas venatórias não são exclusivas dos edifícios de âmbito religioso (Lavin, 1963: 276), uma outra representação, na casa de um possível magistrado (Åkerström-Hougen, 1974: 30 (fig. 4:2), 32 (fig. 6:1) e 41), apresenta uma cena de falcoaria e encontra-se em Argos (Grécia). A ave está pousada no braço de um homem apeado. A datação proposta para este mosaico inscreve-se no princípio do século VI, de um provável atelier local (Åkerström-Hougen, 1974:153).

5.2.1.11 Fragmento de mosaico de pavimento IV [119]

Fig. 137 – Fragmento de mosaico com motivos geométricos.

Localizado junto à porta de saída do batistério, no espaço da possível igreja. A decoração deste fragmento de mosaico apresenta uma composição em que os octógonos aparecem associados e alternados com quadrados mais pequenos. Paralelamente aos quadrados estão representados dois semicírculos. No interior dos octógonos existem quatro motivos cordiformes dispostos em círculo. Esta composição apresenta-se de forma simétrica, as figuras geométricas são desenhadas por duas linhas de tesselas cinzentas, ao passo que as restantes estão preenchidas por tesselas vermelhas.

Este tipo de composição é muito característica dos mosaicos de estilo florido norte-africano dos séculos II e III, embora o uso deste motivo se prolongue pelas centúrias

[119] Tesselas de calcário. Polícromo (branco, vermelho e cinzento).. Dimensões: 96 X 40cm. Tamanho médio das tesselas: 1,5 cm. Tesselas 50/dcm^2.

seguintes, como é o caso dos painéis de Cartagena (Chevalier, e Gheerbrant, 1994: 121) e de Pisões (Costa, 1989: 122).

5.2.2 Os mosaicos do deambulatório

5.2.2.1 Fragmento de mosaico de pavimento V [120]

Este fragmento de mosaico encontra-se arrancado do seu lugar original e estava situado defronte da estrutura absidada que abre sobre o batistério, no deambulatório. Possivelmente seria constituído por um ornato de folhagens delineado por tesselas cinzentas, vermelhas e amarelas, estando o interior preenchido por tesselas brancas. É também visível um elemento cruciforme composto por triângulos.

Fig. 138 – Fragmento de mosaicos do deambulatório.

As reduzidas dimensões do fragmento não permitem desenvolver grandes abordagens comparativas com outros mosaicos. São notórias, no entanto, as semelhanças com uma representação musiva encontrada no antigo convento de Santa Clara em Córdova, datado de meados do século VI (Valenzuela, 2000: 250, fig.1).

[120] Tesselas de calcário. Polícromo (branco, vermelho e cinzento). Localização C.A.M.-5C. Dimensões: 15 x 13 cm. Tamanho médio das tesselas: 1 cm. Tesselas 60/dcm^2.

5.2.2.2 Mosaico dos botões de rosa [121]

Este fragmento apresenta-se muito danificado, o que se terá ficado a dever ao facto de sobre ele ter existido uma estrutura de combustão, possivelmente datável da ocupação medieval islâmica. Esta estrutura danificou irremediavelmente a superfície do mosaico provocando-lhe uma alteração das cores. Apesar desta circunstância, ainda é possível observar uma decoração vegetalista definida por tesselas cinzentas. A composição é ortogonal com cubos denteados a delinear as escamas. Nos espaços vazios, deixados pelos motivos anteriores, no centro, existem representações vegetalistas de flores de rosa (Balmelle, 1973: 336).

Fig. 139 – Botões de rosa e arcos imbricados.

Esta figuração musiva é muito frequente em toda a bacia do Mediterrâneo, a sua utilização surge em ambientes civis (habitações e termas) como em construções religiosas (igrejas, batistérios e sepulturas).

Esta composição musiva apresenta paralelos muito próximos no "painel funerário E" da já referida igreja das proximidades de Hergla. As rosas inscritas em linhas

[121] Tesselas de calcário. Polícromo (branco, vermelho e cinzento). Localização C.A.M. - Quadrícula 7C, defronte do batistério. Dimensões: 100 x 60 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,7 cm. Tesselas 60/dcm^2.

denteadas, dispostas em escamas, são motivos decorativos utilizados regularmente nos pavimentos das basílicas tunisinas. Assim, um pavimento do batistério subterrâneo de Cartago, datado dos finais do século V (Duval e Lezine, 1959: 90-91, fig. 33) e outro, em Sbeïtla II, datado dos finais do século V, ou inícios do VI (Ghalia, 1998: 55). A nível tunisino refira-se, ainda, o caso do mosaico tumular de Candida, junto a Utica, datado dos finais do século V, inícios do século VI (Alexander, 1976: 36-37 e pl. XX, Baratte, 1978: 69 fig. 60). Este motivo está ainda presente nas termas de Djebel Oust, datadas do segundo quartel do século VI (Fendri, 1965: 166-167, fig. 12), e na zona do *forum* de Thuburbo Majus, de cronologia semelhante ao caso anterior (Alexander, 1980: 43 pl. XVIII).

Na Antioquia são conhecidos os mosaicos com este tipo de representações, nomeadamente na Igreja de Fénix (Levi, 1947a: 351-352 e 1947b: pl. LXXXIII e CXXXIV), Mosaico de Maghadoub (Levi, 1947a: 357 e 1947b: pl. CXXXVI a-b) no Martyrium de Seleucia (Levi, 1947a: 359-360 e 1947b: pl. LXXXVII, LXXXIX, CLXXV, CLXXVIa e CLXXXIa) ou na Igreja de Machouka, com datação do século VI (Levi, 1947a: 368-369 e 1947b: pl. CXLIb e CXLIc).
Fora do espaço africano, em Ancona (Itália), um pavimento apresenta também esta temática e encontra-se datado dos inícios do século VI (Bovini, 1966: 34, fig. 7), ou no complexo episcopal de Héracléa, no Kosovo, datado da segunda metade do século VI (Cvetovic Tomasevic, 1975: 393 pl. CLXXXVII, 1), e ainda no baptistério da grande basílica de Ultipa, na macedónia e também datado do século VI (Cvetovic Tomasevic, 1994: 91, 112, e 113).

5.2.2.3 Belerofonte e a Quimera [122]

Painel rectangular, incompleto, encontrado na área das escavações junto ao muro que delimita o edifício do baptistério. É constituído por uma cena mitológica onde se vê Belerofonte montando o cavalo Pégaso e matando a Quimera.

[122] Tesselas de calcário. Polícromo (branco, vermelho e cinzento). Localização C.A.M.-7 C defronte da piscina baptismal. Dimensões: 100 x 60 cm. Tamanho médio das tesselas: 0,5 cm. Tesselas 114/ dcm^2.

Apesar da figura ter sofrido a destruição de mais de metade da sua provável superfície, ainda se consegue identificar a cena mítica. Da figura do herói resta um braço, uma mão e parte da cabeça e da cara. Na mão segura uma lança com aletas laterais, com a qual ataca o monstro. De Pégaso só resta a cabeça, delimitada a vermelho e amarelo, estando os arreios e o olho marcados com tesselas cinzentas. A Quimera, por sua vez, encontra-se figurada ao mesmo nível das restantes figuras, defrontando-as. A parte inferior do corpo da Quimera foi destruída, restando apenas a cabeça do leão, com a lança penetrando pela boca, e parte do pescoço. A meio das costas está representada a cabeça de uma cabra e da sua boca saem chamas. Na parte final da cauda, virada também para o herói, sai uma cabeça de serpente com a língua de fora. Constata-se uma uniformidade do tratamento dado à representação das línguas dos animais, que são representadas jogando com duas colorações: junto à boca tesselas vermelhas alternam com cubos amarelos.

Fig. 140 – Belerofonte em luta com a Quimera.

Este mito possui representações musivas antigas que remontam ao século IV a.C. como, por exemplo, em Olinto na Grécia (Oleiro, 1992: 68). Porém é só a partir do século II d.C. que se difunde entre as classes abastadas, associado às vitórias contra o mal possuindo, por isso, um inequívoco valor moral (Mercedes Durán, 1993: 173). A

maioria dos mosaicos conhecidos na zona ocidental do Império situa-se, cronologicamente, entre os finais do século II /início do III e o século IV(Oleiro, 1992:42).

Em território português, até agora, esta cena só era conhecida na cidade romana de Conímbriga, mas o seu uso é relativamente frequente em vários locais da Espanha, nomeadamente em Mérida (Alvarez Martinez, 1990: 98-101, Ucero (Sória) (Taracena, 1941: 164, fig. 23), Puerta Oscura (Málaga) (Blázquez, 1981: 77, lám. 61), Bell-Lloch (Balil, 1958: 98-112) e na villa de Sahelices el Chico (Salamanca) (Martín Chamoso, 2007: 24 -33).

No caso do mosaico de Puerta Oscura, o mito está integrado numa cena cinegética que forma o conjunto musivo. Os dois painéis, que hoje se encontram separados, faziam parte do mesmo mosaico, segundo se pode ver nas fotografias realizadas no momento do achado, que se expõem junto ao mosaico no museu da Alcazaba. O mosaico, a julgar pelo que se conservou da parte superior, tinha uma moldura de meandros entrelaçados. Este representa duas cenas: Belerofonte cavalgando Pégaso prepara-se para matar a Quimera; a segunda representação trata-se de uma cena venatória, com um caçador apeado, um cão, um leão, corças, lebre e perdiz. Sobre um fundo branco, e na separação das figuras, o espaço é preenchido com ramagens. A datação proposta para este mosaico aponta para a época constantiniana ou, talvez, de um momento posterior (Serrano Ramos e Rodrígues Oliva, 2009: 48 – 54).

O tipo de moldura, a cena de caça e o mito representado apresentam semelhanças com os utilizados no mosaico da cena de caça encontrado em Mértola, contudo, para o caso português apenas temos parte das figuras que constituem o mito, não conhecemos a totalidade da cena da representação.

Na Península Ibérica este motivo decorativo é bastante frequente nos séculos III e IV, parecendo perdurar pelas centúrias seguintes, e apresenta uma grande dispersão geográfica, o que parece sugerir uma adopção mais ou menos generalizada.

Nas restantes zonas do Império são conhecidos doze exemplares que se encontram repartidos pela Europa (Mercedes Durán, 1993: 173) e no Próximo Oriente (Toynbee, 1955, 91). As datações apontadas para estes mosaicos vão desde o século II até ao século IV (Oleiro, 1992: 43). Na Tunísia existe uma representação com a Quimera

"educação de Aquiles por Chiron e uma quimera", proveniente da região de Béja, datada dos finais do século V, inícios do século VI (Yacoub, 1995: 365, fig. 180)

Na maior parte das representações musivas a cena mitológica desenvolve-se num medalhão circular mas, no caso do mosaico mirtilense em estudo, as figuras dispõem-se num painel rectangular afrontadas.

Na Península Ibérica este motivo decorativo é bastante frequente nos séculos III e IV, parecendo perdurar pelas centúrias seguintes, e apresenta uma grande dispersão geográfica, o que parece sugerir uma adopção mais ou menos generalizada.

O tema da cristianização deste mito é frequentemente abordado, contudo são poucos os casos conhecidos em que as representações musivas esteja, inequivocamente em ambiente religioso. O caso mais antigo, frequentemente referenciado é o mosaico de Hinton St. Mary (Dorset, Grã-Bretanha), datado do século IV e onde se reconhece Belerofonte a Quimera, cenas de caça e a imagem de Cristo (Simon, 1966: 889-904). É ainda conhecida uma representação no peristilo do palácio de Constantinopla, desenhada de forma naturalista, na senda da tradição romana, e é datada dos inícios do século V (Brett, 1947: 72 e 91, pl. 60 e 64); de referir um outro caso no palácio de Teodorico, em Ravena, datado da centúria seguinte (Simon, 1966: 892-893).

Entre este mosaico e as estruturas do baptistério, numa camada de remexímento, constatámos a existência de dois fragmentos de mosaicos, no entanto, as suas reduzidas dimensões (55x20 cm e 13x10 cm respectivamente), não nos permitem determinar com segurança qual a composição decorativa que apresentariam. As representações parecem ser constituídas por motivos fitomórficos, dispostos em tesselas brancas, idênticos aos anteriormente descritos.

5.2.3 O mosaico da basílica

5.2.3.1 O mosaico da tartaruga

Este mosaico foi encontrado por Estácio da Veiga, em Março de 1877, quando deu início ao reconhecimento arqueológico das margens do rio Guadiana, em consequência do facto de as cheias do inverno de 1876 terem posto a descoberto um grande conjunto de vestígios e de estações arqueológicas, dos quais faz a abordagem no seu livro

"Memórias das Antiguidades de Mértola". Nesta obra o autor contextualiza a descoberta de um significativo achado: "(...) um pavimento de mosaico, do genero *opus vermiculatum*, descoberto n'uma escavação feita na rampa do castello em profundidade de 2m,63, distante 4 metros da servidão que vai da igreja matriz para o cemiterio publico e a dez metros da porta do mesmo cemiterio" (Veiga, 1983: 29-30). Depois desta leitura procurámos, no local, algum testemunho do achado feito por Estácio da Veiga. No entanto, várias condicionantes fazem com que as medidas apresentada tenham de ser articuladas com as várias remodelações topográficas feitas no decurso de mais de um século, ou seja, desde a data da intervenção de Estácio da Veiga, levada a cabo entre 1877 e 1880 (data da publicação da obra), e até ao começo dos trabalhos arqueológicos na alcáçova, em 1978. Em primeiro lugar, refira-se o facto do atual portão da entrada do cemitério possuir na ferragem a inscrição "1896", data certamente da sua construção. Podemos supor que este portal pudesse ter substituído uma outra entrada, mais antiga, deste cemitério. Mas a referência dos quatro metros de distância da "servidão" do caminho de acesso ao cemitério, interceptada com a medida anteriormente referida, dá uma localização que corresponde à atual quadrícula 10 C, pertencente à zona que foi identificada como sendo uma basílica do período romano (Torres, e Silva, , 1989: 32). Escavações efectuadas no local constataram a existência de níveis de ocupação islâmicos, os quais foram destruídos por uma vala anteriormente escavada com cerca de dois metros de lado, possivelmente mandada fazer aquando da intervenção de Estácio da Veiga, nos finais da década de setenta do século XIX, e que se situa a uma cota inferior (cerca de 1 metro) em relação às estruturas aí existentes. Uma outra hipótese para a localização deste mosaico advém da análise das fotografias tiradas durante as obras efectuadas nos anos 50 deste século na Igreja Matriz de Mértola[123]. Essas fotografias mostram-nos os aspectos gerais, antes da referida obra, constatando-se, na parte virada a poente e junto a um dos contrafortes da Igreja Matriz, a existência de uma porta, possivelmente a porta de acesso ao cemitério medieval e moderno, que corresponde hoje ao quintal da Igreja. Lamentavelmente, as obras levadas a cabo na área envolvente da Igreja procederam à remoção desta porta, não existindo assim qualquer vestígio desta construção, pelo que resulta extremamente imprecisa a localização deste achado musivo. Acresce ainda o facto de não ter havido

[123]- As obras efetuadas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais tendo posteriormente sido publicado a respetiva intervenção in Boletim. D.G. M.N. 1953, p. 6.

qualquer intervenção arqueológica recente na possível área de onde o mosaico terá sido retirado que, eventualmente, confirmasse a localização do achado. Pelos dados anteriormente expostos, a primeira hipótese de localização parece a mais plausível.

Os dados que possuo referentes a este mosaico são escassos, resumindo-se a um desenho, como nos diz Estácio da Veiga: "(...) este pavimento estava muito estragado, tentei mandar levantar aquelle retalho para com elle comprovar o meu descobrimento, tendo o cuidado de o estampar primeiramente em desenho; mas todo se desfez, não podendo aproveitar-se mais que uns fragmentos do ornato marginal, que logo foram assentes em argamassa dentro de duas caixas, pertencentes á collecção existente na academia real de bellas artes, onde maiores estragos ainda soffreram." (Veiga, 1983: 75). No entanto, o autor deixou algumas referências que passamos a citar: "(...) fino mosaico de côres, do genero opus vermiculatum, com um bello ornato e o desenho de uma tartaruga ou cágado no centro, sendo notavel que os artistas que tal figura alli estamparam, lhe dessem a côr amarella" (Veiga, 1983: 74).

Fig. 150 – Desenho do mosaico da tartaruga.

A partir do desenho que o autor mandou elaborar aquando da descoberta, concluo tratar-se de um painel rectangular com um medalhão, com a representação de uma

tartaruga ou cágado visto de cima. O medalhão encontrava-se envolto por duas fiadas de tesselas castanhas e um motivo ondulado de cor cinzenta. Para além deste motivo central ainda é possível constatar uma moldura constituída por uma composição de volutas abertas com igual orientação, de base curvilínea, reversível, alternada por tesselas brancas e castanhas e, ainda, uma possível moldura, onde duas fiadas de tesselas cinzentas alternam com duas fiadas de tesselas brancas.

O motivo da tartaruga é bastante raro no panorama dos mosaicos romanos e tardo romanos. Na bibliografia consultada, documenta-se este animal em *Aquileia* (Dellasorte, 1989: 76-78; Marine *et alli,* 2003), em dois painéis localizados à entrada da basílica patriarcal, datáveis do período que vai desde o final do século IV a meados do século V (Dellasorte, 1989: 78; Marine *et alli,* 2003),). Estes dois mosaicos apresentam duas tartarugas, uma em luta com um galo e uma outra afrontada a uma ave de médio porte. A interpretação apontada por G. Delasorte, autora do estudo, refere tratar-se de uma alegoria da luta entre a luz, simbolizada pelo galo, e as trevas simbolizada pela tartaruga. Em última análise, seria por isso uma metáfora animalista da luta entre Cristo e Satanás (Dellasorte, 1989, 76).

O motivo decorativo que se encontra junto ao medalhão, a composição reversível, possui paralelos com o círculo que envolve o mosaico da Medusa encontrado em Córdova (Mercedes Durán, 1993: 100), e que se encontra atualmente no "Alcázar dos Reys", na mesma cidade. A cronologia apontada pela mesma autora situa esse mosaico no século II. São possíveis ainda os paralelos com vários mosaicos espanhóis, nomeadamente com os mosaicos de Dionísio, associados às estações do ano, encontrado em *Itálica* e atualmente no Museu Arqueológico de Sevilha (Mercedes Durán, 1993: 283), com o mosaico das musas em Moncada, atualmente no Museu Provincial de Valencia (Mercedes Durán, 1993: 293), e com o mosaico da Medusa em Tarraco, atualmente no Museu Provincial de Tarragona (Mercedes Durán, 1993: 321). Todos eles estão datados dos séculos II e III. Pelos exemplos atrás referidos pode-se inferir que este motivo decorativo é bastante frequente no período Alto-Imperial, no entanto parece perdurar pelas centúrias seguintes, apresentando desta forma uma grande dispersão na Península Ibérica, indicador da sua adoção generalizada.

Um outro elemento, que pode reforçar a ideia de que este conjunto musivo foi elaborado num contexto cristão, é o facto de Estácio da Veiga ter encontrado no mesmo local de escavação uma "tessera monogramatica de argilla, de fórma circular, com duas faces planas e parallelas, tendo n'uma gravada um signal, que parece o monogramma de Christo, composto com as lettras X,P,T, enlaçadas" (Veiga, 1983*:* 33). No que se refere às dimensões o autor não deixou qualquer indicação. No entanto refere as seguintes cores: branco, cinzento, castanho e amarelo.

5.2.3.2 Fragmento de mosaico de pavimento VI [124]

Trata-se de um fragmento de mosaico que, possivelmente, pertence ao painel da tartaruga. O que leva a sustentar tal opinião é o facto do motivo decorativo da orla ser muito semelhante, inscrevendo-se na mesma gramática decorativa. Este mosaico estava situado junto à abside, no lado direito da basílica, perto da entrada do cemitério intramuros. Este mosaico foi encontrado na década de 80 do século XX, quando se procedia à escavação da basílica. Foi parcialmente destruído depois da escavação arqueológica, pois este local era utilizado frequentemente pelos carros funerários para fazerem manobras de inversão de marcha. É de referir que esta área ainda não está completamente escavada. Pensamos ser possível com a realização de novos trabalhos arqueológicos, e com a remoção das casas islâmicas, vir a encontrar mais vestígios deste tipo de pavimentos.

Por se tratar de um fragmento, entretanto desaparecido, os estudos levados a cabo por mim e posteriormente por S. Macias (2006: 327), trabalharam sobre o registo fotográfico e fizemos a leitura com a imagem invertida, pelo que não foi percebido corretamente a representação aí existente e que agora retifico.

[124] Localização: Basílica romana (quadrícula 10 A). Polícromo (branco, vermelho, amarelo, castanho e cinzento). Tesselas de calcário.

Fig. 150 – Fragmento de mosaico com a cauda de um leonídeo.

Conservavam-se apenas vestígios da moldura, que era constituída por um filete com uma composição de volutas abertas com igual orientação, de base curvilínea reversível, e delimitado por duas fiadas de tesselas cinzentas. Este motivo repete-se mais para o interior, no entanto, dado não ter legibilidade, não é possível estabelecer a ligação da temática decorativa. Perpendicular à orla arranca um motivo fitomórfico, em que é perceptível um caule que se ramifica e do qual saem folhas para o lado direito. Esta representação é constituída por tesselas castanhas, bordejadas por tesselas brancas. Ladeando esta planta encontramos a representação de uma ave da qual só são perceptíveis as patas e o dorso. Estas foram executadas com tesselas de cor rosa, sendo constituída por fiadas paralelas da mesma cor que alternam com fiadas brancas e pretas. Da composição é perceptível ainda a parte das nádegas e a cauda de um animal em forma de S e que termina em forma pontiaguda. O corpo do leão é delineado por uma linha de tesselas cinzentas, sendo a volumetria dada pela alternância de fiadas de cubos vermelhos e castanhos, sendo a restante parte do corpo composta por tesselas brancas. A cauda é marcada com uma linha de tesselas vermelhas e duas linhas de cubos castanhos.

A disposição das tesselas, a cor e as formas sugerem tratar-se de um leão, pois o tratamento dado é em tudo semelhante aos leões representados na galeria porticada. Não sabemos se trata de uma composição com animais afrontados ou uma cena de caça, a existência de restos de uma ave parece sugerir a segunda hipótese. O ângulo

descrito pela moldura lateral sugere que se trata de um mosaico inscrito num medalhão circular, possivelmente integrado numa composição maior da qual fazia parte o mosaico da tartaruga encontrado por Estácio da Veiga nas imediações.
Como ficou demonstrado anteriormente, este tipo de motivo decorativo da orla é bastante conhecido na Hispânia, desde o século II (Mercedes Durán, 1993: 404), e com uma utilização que se vai prolongar pelas centúrias seguintes. Os paralelos para as representações com os leões afrontados e das cenas de caça foram referidos nos mosaicos abordados anteriormente.

5.3 Os mosaicos da basílica paleocristã do Rossio do Carmo

No decurso da escavação efetuada em 1990, na nave norte da basílica paleocristã do Rossio do Carmo, foi possível detetar a existência, numa das sepulturas, de tesselas vítreas e de calcário. Infelizmente, na maior parte dos casos, estas estavam separadas do seu suporte original, apenas um pequeno fragmento se mantinha ligado à argamassa original de assentamento e, mesmo este, numa camada de remeximento[125]. Apenas na sepultura 28 F, situada nas proximidades da entrada Norte da basílica, foi detetado um reduzido número de tesselas *in situ* na parte superior de uma sepultura, mas a escavação não permitiu recolher mais elementos (Macias,1993: 51). No entanto, as várias tesselas de vidro e de calcário, bem como um pequeno fragmento encontrado em camadas de revolvimento, no lado norte da basílica, levam a supor que várias sepulturas poderiam ter recorrido a coberturas em mosaicos.

Fig. 151 – Fragmento de mosaico com tesselas de vidro.

[125]- Possui as seguintes dimensões 14,5 x6 cm, as tesselas 0,8 cm.

O uso de mosaicos em túmulos cristãos é particularmente frequente na África Proconsular (Tunísia), entre os séculos IV e VI (Yacoub, 1995*:* 362). Em Espanha isso sucede na zona costeira levantina, e em especial na Tarraconense, na Andaluzia e no Vale do Ebro (Palol, 1967, 323-325). No caso português apenas são conhecidos os mosaicos destruídos de Covelinhas (Peso da Régua) e o mosaico tumular cristão de Frende, Baião, datado do século V (Oleiro, 1986, 127).

5.4 Os Mosaicos do mausoléu

As obras de requalificação do eixo comercial de Mértola, realizadas entre Março de 2008 e Fevereiro de 2009, puseram a descoberto um conjunto importante de vestígios arqueológicos de vários períodos no espaço extramuros da cidade.
Aproximadamente a 140 metros a norte da basílica paleocristã do Cineteatro Marques Duque, as obras permitiram pôr a descoberto um conjunto de estruturas monumentais encaixadas no terreno rochoso, pertencentes à cripta de um mausoléu da Antiguidade Tardia. Alguns indícios, como o achado de um cimácio decorado com uma banda de cruzes gregas datável do século VI, indicam que, sobre ele, se elevaria um templo de dimensões consideráveis ricamente decorado.

Fig. 152– Fragmento de mosaico.

Apenas foi possível documentar parcialmente o edifício que se prolongaria a nascente e a poente, tendo sido fortemente destruído pelas construções posteriores em ambos sectores.

A cripta foi finalmente entulhada com materiais do próprio espaço funerário (*tegulae, inbrices,* revestimentos decorados com pinturas policromáticas, pequenos fragmentos de mosaicos polícromos e outros materiais de construção) destacando-se um conjunto considerável de lápides funerárias datadas em torno do século VI d.C., sendo três delas escritas com caracteres gregos (Lopes e Gómez, 2008: 279). No que concerne aos mosaicos a informação é escassa, apenas podemos referir que se trata de composição polícroma utilizando tesselas de calcário, sendo que a dimensão dos fragmentos não permitem conhecer a respetiva gramática decorativa.

5.5 Os mosaicos de Mértola no contexto das cidades portuárias do ocidente mediterrânico.

Fig. 153 – Localização dos locais abordados: 1. Es Fornas de Torelló; 2. Illa de Rei; 3. Santa Maria del Camí; .Son Peretó; 5. Son Fodrinet; 6. Mértola 7. Montinho das Laranjeiras (Alcoutim).

Neste abordagem procuro compreender as relações existentes entre os mosaicos peninsulares e os mosaicos baleares na Antiguidade Tardia. Procuro, assim, realçar os aspetos em comum nos conjuntos musivos abordados: Mértola e Montinho das Laranjeiras, nas margens do rio Guadiana, em Portugal, Santa Maria del Camí, Son Peretó e Son Fodrinet, em Maiorca, e Es Fornas de Torelló e Illa del Rei, em Menorca, nas Ilhas Baleares, Espanha. Trata-se de pavimentos musivos inseridos em espaços religiosos como igrejas e basílicas. No caso de Mértola estamos em presença de um complexo litúrgico do qual faziam parte uma basílica, um baptistério e anexos.

A basílica de Minorca de Es Fornás de Torelló foi escavada em 1957 e revelou uma planta retangular de cerca de 24 x 10 metros, orientada este–oeste, dividida em três espaços contíguos em que uma abside, de forma retangular, albergava a mesa de altar (Palol, 1967: 20).

Esta basílica conserva praticamente todo o seu pavimento musivo, podendo ser dividido em quatro painéis. Um primeiro, na zona do altar, está decorado com o tema da vinha, onde nos entrelaçados ramos das videiras se encontram folhas, frutos e várias aves, que ocupam os espaços vazios da composição vegetal, e dois pavões afrontados a uma crátera. Um motivo geométrico, constituído por losango e peltas, decora a zona de passagem e faz a ligação ao painel seguinte constituído pela cena heráldica dos leões afrontados a uma árvore central. Ramagens e flores parecem ter ocupado os espaços vazios da composição, o último registo é constituído por parte de um painel com motivos geométricos onde se enquadra uma pequena ave.

As obras realizadas em 1888 puseram a descoberto, na Illa de Rei, uma basílica de três naves, das quais apenas uma conservava a pavimentação musiva, constituída por três painéis contíguos (Palol, 1967: 23).

A zona da abside, onde se localizava o altar, está decorada com uma cena marinha onde várias espécies de peixes e moluscos ocupam profusamente o painel musivo. Defronte do altar desenvolve-se a cena dos leões afrontados a uma árvore e ramagens, as flores ocupam os restantes espaços vazios conservados. Na continuação, dispõe-se um painel quadrado, com um pavimento decorado com quatro *crateras* angulares, de onde brotam arbustos triangulares com frutos apontados a um florão central. As restantes partes do painel estão preenchidas com cervídeos e aves.

O último registo é constituído por um painel retangular com uma moldura de trifólios alternadamente invertidos. O painel tem uma composição geométrica onde se desenvolve uma malha de rosetas quadrifólias, flores de folhas lanceoladas e um pato.

Das basílicas de Maiorca destacamos Santa María del Camí. Trata-se de uma basílica de três naves descoberta em 1833; no entanto, tanto a basílica como os mosaicos apenas são conhecidos através do desenho publicado em 1877 (Godoy Fernández, 1995: 161).
Na composição musiva, na nave central, destacam-se as representações de cenas bíblicas em que José é levado pelos ismaelitas para o Egito, depois de ser vendido pelos seus irmãos, e do Génesis, com a representação de Adão e Eva, a ladear uma árvore, e tapando o sexo. As composições recorrem à representação frontal das figuras, colocadas sobre um fundo de tesselas brancas uniformes envoltos por elementos florais muito estilizados. As naves laterais estavam cobertas por dois grandes painéis retangulares, com motivos geométricos, em que um deles estava decorado com um reticulado que albergava círculos e motivos florais e, um outro, apresentava um jogo em que peltas se alternam com losangos e nós de Salomão.

A basílica de Son Peretó foi descoberta e escavada em 1912, por J. Aguiló. Posteriormente, em 1982-83, foi reescavada por P. Palol, G. Rosselló–Bordoy e M. Orfila, sendo elaborada uma nova planimetria do conjunto arqueológico. Os mosaicos foram levantados e levados para o Museu de Manacor (Godoy Fernández, 1995: 155).
Os temas dos painéis musivos são muito variados, com uma temática constituída maioritariamente por motivos geométricos. Menos frequentes são as representações vegetais que se cingem à representação do palmeiral, num dos painéis centrais. Contudo, também existem representações animais que incluem perdizes e aves aquáticas, inseridas em medalhões, e pássaros na cabeceira da *lauda sepulcralis de Baleria* (Palol, 1967, 325).

A basílica de Son Fadrinet foi escavada a partir de 1997 e os resultados das diversas campanhas foram publicados por Ulbert e Orfila Pons, em 2002. Os seus pavimentos musivos foram alvo de estudo, sendo publicados pela autora e Tuset Bertrán no ano seguinte.

Os mosaicos ocupam a zona da abside e do coro este. Na zona que envolve o altar podem-se estabelecer quatro áreas com temáticas distintas: o primeiro registo remete-nos para um palmeiral, onde estão ovídeos e caprídeos afrontados a uma árvore central; a ladear o altar estão duas representações com gansos que comem de uma crátera cheia de frutos. A área do coro este, mais mal conservada, apresenta um registo com uma paisagem aquática. Por fim, um leão que integraria a tradicional representação de leões afrontados a uma árvore. De um outro painel apenas se conservaram restos de um par de cornos que poderão ser de um caprídeo ou de um bovídeo (Orfila e Tuset, 2003: 194).

Já em finais do século XIX, por iniciativa de Estácio da Veiga, se tinha descoberto na zona da alcáçova, um fragmento de mosaico representando uma tartaruga. Porém, só em inícios de 2000, a equipa do Campo Arqueológico de Mértola destapou e consolidou um longo pavimento de mosaico onde se destaca um significativo conjunto de painéis decorativos.

Deste conjunto musivo fazem parte várias representações mitológicas, entre as quais se realça, no deambulatório do batistério, um Belerofonte cavalgando o Pégaso para matar a Quimera e, no longo corredor porticado, dois leões afrontados e várias cenas de caça de um cavaleiro com falcão.

Procurando os paralelos para estas representações, para além dos exemplos das ilhas Baleares, não podemos deixar de referir uma pequena capela perto de Hergla, na Tunísia, onde foi descoberto um mosaico no qual são representados dois leões afrontados e uma cena de caça com falcoaria, conjunto datado do século VI (Palol, 1967: 325).

Quanto à figuração de Belerofonte matando a Quimera, em território português, até agora, esta cena só era conhecida na cidade romana de Conímbriga, mas é relativamente frequente em vários locais da Espanha e da Tunísia, onde a sua cronologia também se aproxima de inícios do século VI.

Uma análise mais atenta dos mosaicos do complexo baptismal de *Myrtilis* permite constatar que, pela forma e qualidade das tesselas, pela técnica de corte e modo de assentamento, o programa da obra teria sido contemporâneo, obedecendo a um mesmo e coerente projeto.

Se a falta de paralelos bem datados inviabiliza uma cronologia segura, as leituras estratigráficas e os traços estilísticos permitem atribuir esta obra ao século VI. Nessa época a cidade de *Myrtilis,* e os seus comerciantes, estão em contacto com todos os portos do Mediterrâneo, nomeadamente com o Próximo Oriente, de onde são originários vários personagens com epitáfios escritos em grego (Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo, no mausoléu e na Basílica do Cineteatro Marques Duque).

Nos finais do século VI, princípios do século VII, no Montinho das Laranjeiras foi construída uma *ecclesia* de planta cruciforme. Num dos cantos desta estrutura arqueológica a reescavação pôs a descoberto um mosaico polícromo (*opus tessellatum*), que permanece *in situ*, cuja decoração é constituída por peltas, losangos, quadrados e motivos vegetalistas.
A somar a este achado estão os fragmentos de mosaico encontrados, em 1877, por Estácio da Veiga e que hoje fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia: um com a representação de um peixe e um outro com um cântaro de duas asas. Este género de composição enquadra-se nos contextos de decoração dos pavimentos de edifícios do mundo ravenaico-bizantino (Maciel, 1993: 212).

5.5.1 Análise dos temas e motivos dos mosaicos

5.5.1.1 As figuras humanas

As figuras humanas encontram-se representadas na basílica de Santa Maria del Camí e em Mértola: no primeiro caso trata-se de representações que aludem a cenas do Antigo e do Novo Testamento. O painel central possui a representação de José levado pelos ismaelitas para o Egito, depois de ser vendido pelos seus irmãos, contraposto à traição e venda de Jesus por Judas, que sabemos que se representaria num dos frisos superiores da nave central, dado que se conservou a cartela com o nome do citado apóstolo. Nos frisos inferiores representam-se cenas provenientes do Génesis, com o tema de Adão e Eva, representados de cada lado da árvore tapando o sexo. A identificação das personagens é possível graças ao facto do mosaico conservar restos de inscrições, nomeadamente ... AT....N e IVDAS no painel superior; IOS[EPF] ISM[AI]LITES, no painel central e ADAN EVA sobre as cabeças (Palol, 1967: 20).

Em Mértola temos a representação humana em dois painéis musivos: na figura do cavaleiro, na cena equestre de caça com falcão e o herói mítico Belerofonte nas imediações do batistério. As composições recorrem à representação frontal das figuras humanas, colocadas sobre um fundo de tesselas brancas uniformes, envoltas por elementos florais muito estilizados.

5.5.1.2 Os animais

Nas representações musivas de animais constata-se uma certa diversidade que inclui um espectro alargado de espécies terrestres, aquáticas e aéreas. Algumas delas são de um certo exotismo e estranhas à fauna da Península Ibérica, como é o caso dos leões, leopardo e avestruz. No caso dos leões encontram-se presentes em Santa Maria del Camí, onde um leão persegue um cervo, ou como em Illa de Rei, Es Fornás de Torelló, Son Fradinet e Mértola, onde estes aparecem afrontados numa posição estática a ladear uma árvore, formando uma composição heráldica. A ausência deste tipo de representações na musivária do norte de África levou alguns autores a procurar, no longínquo oriente, os paralelos mais próximos e a associar uma vinculação com o âmbito religioso oriental, nomeadamente hebraico. Contudo, apesar de não serem frequentes no contexto norte africano, são conhecidos os casos do mosaico da abside de um edifício proveniente de Cartago, hoje exposto no Museu do Bardo, em Tunes, onde os leões estão afrontados a uma árvore de copa em para-sol. É também conhecido outro exemplar tunisino, proveniente de uma igreja nas proximidades de Hergla, e que apresenta leões afrontados a uma árvore do mesmo tipo (Ghalia, 1998: 58 e 2001: 67). Os leões também aparecem associados à caça e a herbívoros, como acontece em Santa Maria ou em Mértola em três painéis, o da cena de caça, o fragmento contíguo e o fragmento do mosaico da basílica.

Nas igrejas baleares ocorrem também painéis com cenas heráldicas, constituídas por pavões afrontados a um *cantarus* ou crátera, como é o caso de Es Fornás de Torelló. Uma outra variante desta representação é registada em Son Fadrinet, onde os pavões são substituídos por gansos, também afrontados, que comem de um recipiente, possivelmente com um significado eucarístico.

Noutros casos, como o que ocorre na Illa de Rei e em Mértola, tratando-se de composições com figurações tanto de carácter vegetal como animal, são consideradas alusões ao Paraíso, sem descartar uma interpretação escatológica (Vizcaíno Sánchez, 2009: 512).

As cenas marinhas estão representadas nas igrejas de Illa de Rei, em Son Fadrinet e Montinho das Laranjeiras. No primeiro caso, rodeando o altar, encontramos a representação de várias espécies marítimas, simbolizando o mar de Jonas, o mar da salvação. No segundo caso, a representação de aves e espécies piscícolas, também junto ao altar, poderá ter tido um significado similar. No caso de Mértola são representadas várias aves aquáticas, no entanto apenas um motivo, incompleto, nos poderá fazer supor uma ligação a uma espécie aquática (molusco) ou o mosaico da tartaruga, encontrado por Estácio da Veiga em finais do século XIX, entretanto desaparecido.

Existem, igualmente, outras composições de similar alusão paradisíaca, como é o caso do mosaico que ocupa o painel central da Illa de Rei, com quatro cráteras angulares, das quais brotam outros tantos arbustos triangulares com frutas, apontados a um florão central, sendo o espaço ocupado por veados, aves e lebres.

São também frequentes os motivos e temas de índole vegetal, ramagens com e sem flores, que preenchem a composição musiva das cenas onde se representam os animais, como são os casos de Son Fadrinet, Illa de Rei, Santa Maria del Camí, Mértola e Montinho das Laranjeiras.

Um papel importante é o das palmeiras, que servem de centro e simetria aos leões afrontados em Torelló, Illa de Rei e Mértola, aparecendo também em representações na nave central de Son Peretó ou Son Fadrinet. Neste contexto também os palmeirais poderão ser alusões ao Paraíso.

Nestes mosaicos abordados é frequente a decoração com recurso a flores de lotus e palmetas estilizadas, que encontramos nas molduras de Mértola, Son Peretó ou na Illa de Rei. Estes motivos encontraram larga difusão na musivária italiana e norte africana.

5.5.1.3 Os temas geométricos

Existe uma grande diversidade de motivos geométricos, constituídos por pequenas composições simples ou motivos mais elaborados em termos de desenho e execução.

Entre os motivos mais difundidos encontram-se os rolos entrelaçados, presentes em S. María de Camí, Illa de Rei, Son Peretó, Mértola e Montinho das Laranjeiras, e os nós de Salomão que se encontram representados em S. María de Camí, Son Peretó e Mértola.
As representações com péltas também se encontram bastante difundidas nos casos em estudo e, à semelhança de outros motivos geométricos, também estes se encontram amplamente representados no norte de África e noutras áreas do mediterrâneo.

É frequente, por outra lado, a conjugação destes elementos geométricos com outras representações de natureza animal ou vegetal, onde medalhões circulares envolvem animais ou motivos vegetais, como se documenta em Mértola e em Son Peretó. Outros motivos de execução mais simples, constituídos por quadrados, retângulos e hexágonos, aparecem representados em todos os locais anteriormente abordados. Também são muito abundantes as representações com os círculos secantes, que dão origem a quadrifólios, como se verifica nos casos de Son Peretó e Santa Maria de Camí.
Na análise realizada aos conjuntos musivos abordados detetamos um ponto comum nas representações de Mértola, Son Peretó, Illa de Rei e Fornás de Torelló: composições geométricas bem ritmadas e sequenciadas são interrompidas com a representação de um pato ou de uma ave, como se de uma assinatura se tratasse...

Fig. 154 – Representação de uma animal numa sequencia geométrica. Mértola.

A similitude dos temas abordados neste conjunto de mosaicos apresentados, a par das semelhanças no tratamento dado às figuras, as representações heráldicas dos leões afrontados, os animais representados, a utilização de motivos vegetais e geométricos comuns, levam a pensar num ambiente cultural e religioso semelhante, apesar da distância geográfica. Contudo trata-se de zonas portuárias, em estreita ligação com o mar ou ambientes fluviais, e que estão em contacto com as rotas comerciais do mundo

mediterrânico.

Dadas as semelhanças não é de excluir que tenham sido equipas de mosaístas, oriundos certamente do Mediterrâneo oriental, a executar estes pavimentos musivos.

No que concerne à cronologia, a maior parte dos autores, situa estes conjuntos musivos no decurso do século VI, apesar de, para o caso de Son Fradrinet, a análise estilística levar os autores citados a sugerir uma data em torno dos finais do século VI, inícios do VII (Orfila Pons e Tuset Bertrán, 2003: 200).

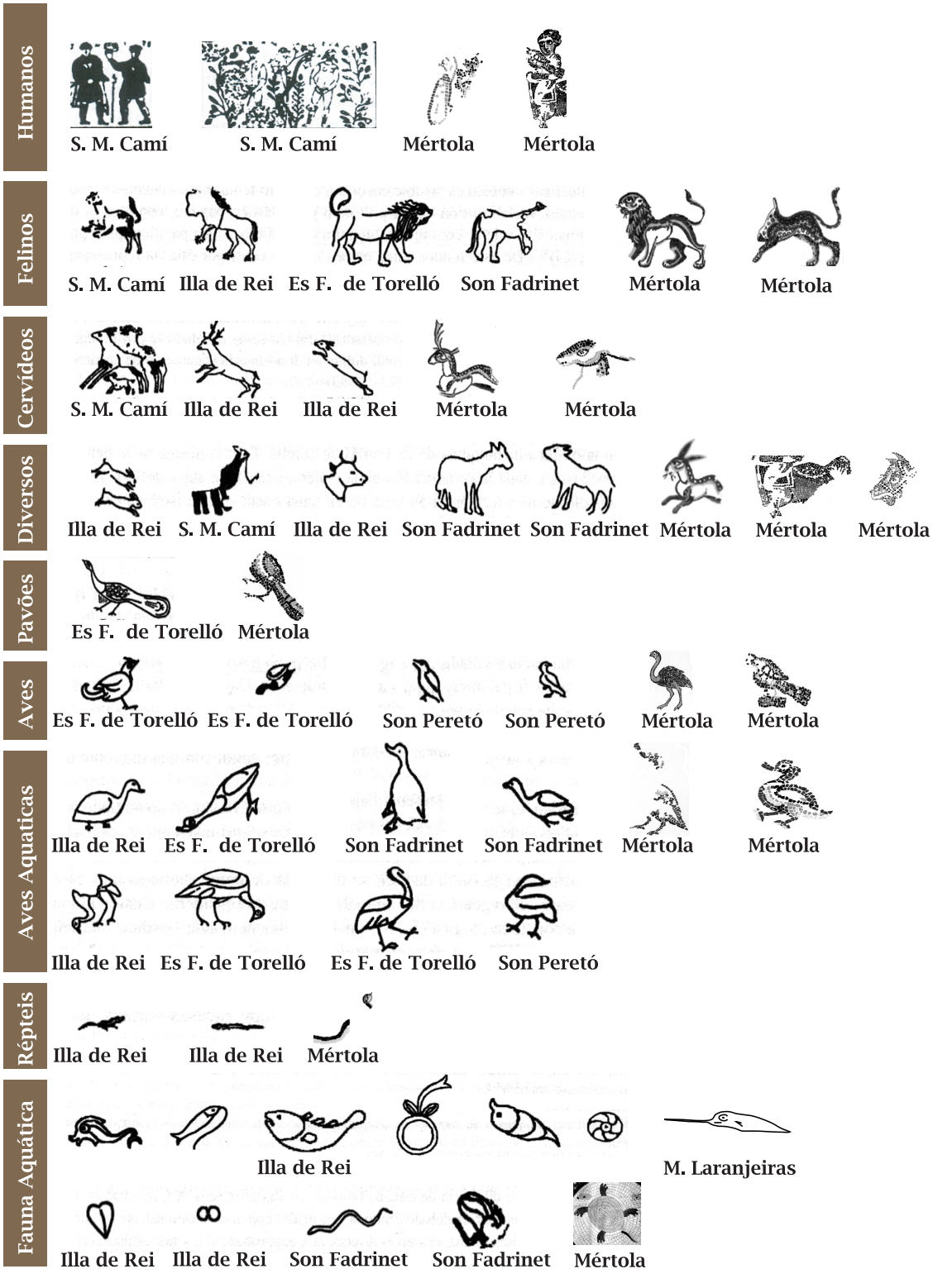


Fig. 155 – Motivos animais nos mosaicos Hispânicos (adaptado de Viscaíno Sánchez)

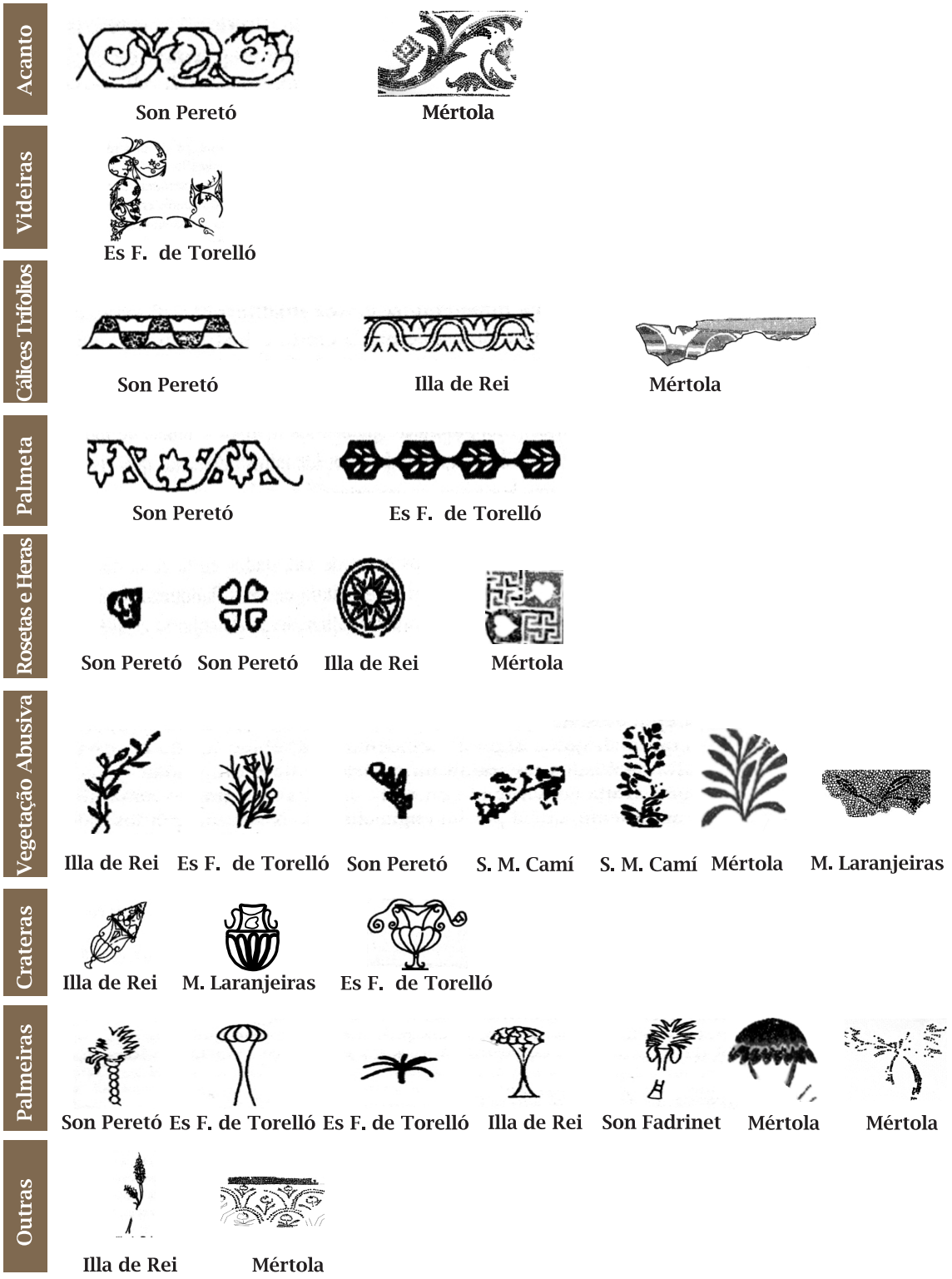


Fig. 156 – Motivos vegetais nos mosaicos Hispânicos (adaptado de Viscaíno Sánchez)

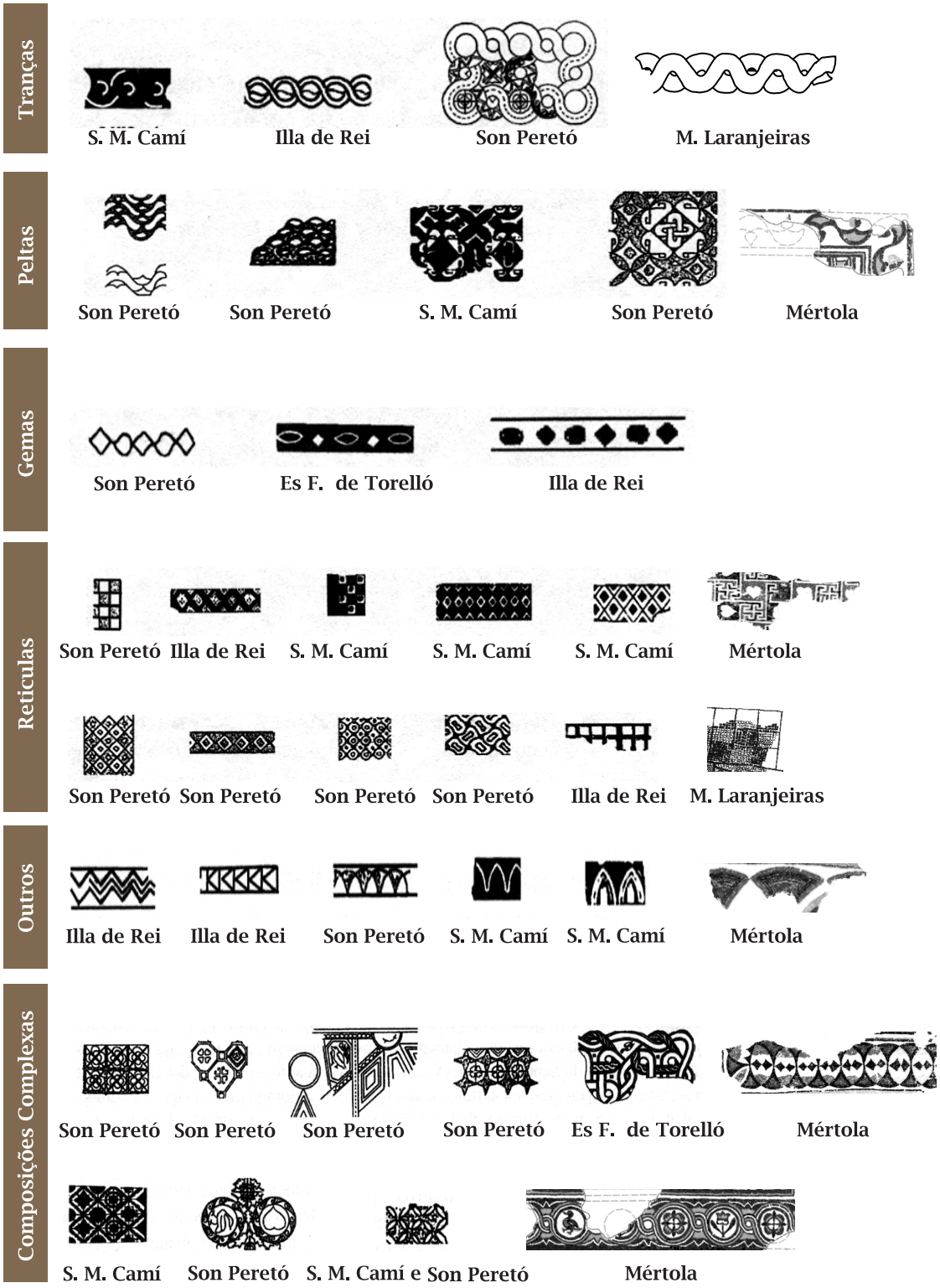


Fig. 157 – Motivos geométricos nos mosaicos Hispânicos (adaptado de Viscaíno Sánchez)

5.6 A simbologia

Se quisermos fazer uma abordagem da simbologia das figuras representadas, todas as hipóteses assentam numa realidade parcelar, isto é, nos vestígios conservados que estão longe de figurar conjuntos musivos completos, onde a mensagem simbólica se expressaria certamente de um modo mais claro, e o programa decorativo nos permitiria maior ousadia interpretativa.
Os animais identificáveis são os seguintes: leão, leoa, leopardo, veado, gazela, lebre, tartaruga, cavalo e serpente, falcão, avestruz, pato, grou e faisão. Apenas no painel do cavaleiro predominam as aves. Os leões, o leopardo e a avestruz são estranhos à fauna existente na Península Ibérica.

Clemente de Alexandria, dos princípios do século III, compara Cristo a Orfeu: "Só Ele, na verdade, amansou os animais mais difíceis, os homens: aves como os frívolos, serpentes como os mentirosos, leões como os violentos, porcos como os voluptuosos, lobos como os rapaces" (Mondésert, 1949: 55-56), no entanto, os Bestiários Medievais, que se baseiam numa longa tradição anterior, são testemunho de uma simbologia mística muito mais complexa.

O facto do cavaleiro estar aparentemente no centro de todo o conjunto remete para as cenas órficas representadas em mosaicos peninsulares, onde é nítida a progressiva apropriação pelo Cristianismo dos modelos culturais e artísticos do mundo greco-romano (Maciel,1996:149). A representação do mito de Belerofonte que cavalga Pégaso, em que ambos dão luta à Quimera é, sem dúvida, um exemplo deste facto.

As cenas de caça com cavaleiro possuem bons exemplos na Casa dos Repuxos em Conímbriga, datável dos finais do século III, e perduraram nas representações peninsulares, sendo a maior parte dos casos conhecidos datáveis do século IV, uma época em que as classes dominantes, e economicamente mais favorecidas, ocupavam o seu *otium* na caça, nos banquetes e na administração dos seus bens (Blásquez,e Monteagudo, 1990: 62-63).
Como refere Bairrão Oleiro "a associação da caça, símbolo da vitória da *virtus* sobre a violência, as forças brutais e a morte" (Oleiro, 1965: 262). A atividade cinegética, no

caso de Mértola, assume uma característica particular, pois trata-se de caça com falcão, da qual apenas registamos um paralelo tunisino nas proximidades de Hergla.

Vários são os autores que constatam a luta entre Belerofonte e a Quimera que aparece em monumentos cristãos. Como diz Bairrão Oleiro, a simbologia desta representação é clara, representando a vitória das forças do Bem sobre o Mal, "não é por acaso que a luta de Blerofonte com a Quimera aparece em monumentos indubitavelmente cristãos (como em Hinton St. Mary, por exemplo) ou o tratamento que lhe é dado esteja tão próximo do das figurações de S. Jorge e S. Miguel (Oleiro, 1965: 44). Esta tese é também defendida por Mercedes Durán que afirma: "O uso desta iconografia prolonga-se no tempo e possivelmente o S. Jorge cristão dando morte ao dragão pode ser uma transformação do tema de Belerofonte" (Mercedes Durán, 1993: 173-174). Tratar-se-ia, assim, de uma transposição mitológica em resultado da clara oposição entre Bem e Mal que esta cena sugere. Numa época em que a hagiografia cristã não tinha ainda criado a imagem dos cavaleiros imaculados e sem medo, é natural que se tome de empréstimo à mitologia greco-romana tais símbolos do Bem e que, para alguns, é associado à imagem pagã de Cristo (Simon, 1966: 901 e 903). Como tem sido sublinhado por J. Aymard, o tema traz consigo a promessa de uma vida feliz e de imortalidade para o homem virtuoso, do triunfo da vida sobre o que tenta aniquilá-la (Aymard, 1951: 264).

As representações das aves são um símbolo comum na iconografia cristã, representando umas vezes a alma dos mortos, outras vezes a ascensão do Salvador, como se menciona numa passagem de Gregório Magno na *XL Homiliarum in Evangelia*, Lib. II, XXIX, 10: "*Com efeito, o Senhor é justamente chamado "ave", porque fez subir a sua parte corpórea às regiões celestes"*[126] (Martigny, 1894: 612). Sabemos também por Tertuliano, *Liber de Resurrectione Carnis*, LII que desde os primeiros anos do cristianismo as aves foram consideradas símbolos dos mártires: "Outra é a carne das aves o que significa os mártires que experimentam a subida aos céus" (Martigny, 1894: 613)[127]. Nas sepulturas cristãs simboliza a alma e a sua libertação. Tal representação

[126] Gregório Magno, *XL Homiliarum in Euvangelia*, «Avis enim recte appellatus est Dominus, quia corpus carneum ad aethera libravit». Encontra-se esta Homilia publicada na *Patrologia Latina* (PL), 76, 1218. O papa Gregório Magno escreveu este texto nos princípios do séc. VII.

[127] - Tertuliano, Liber de Resurrectione Carnis, LII: "alia caro volucrum" (I Cor. 15,39), "id est martyrum, qui ad superiora conantur". Tertuliano vai aqui parafraseando uma passagem da I

perdurou durante muito tempo na igreja, sendo muito usada como adorno nas paredes das igrejas primitivas (como em Tróia, Setúbal), esculpida em sarcófagos ou desenhada em mosaicos (Valenzuela, 2000, 248).

Os motivos vegetalistas representados são ramagens (predominantes), acantos e rosas. As primeiras parecem constituir uma breve indicação de paisagem. Os segundos, estilizados e repetidos, surgem nas molduras dos painéis musivos; os motivos florais fazem alusão ao paraíso, adornam-se com flores templos e basílicas; nos mosaicos de Roma e de Ravena representam-se as delícias do paraíso (Cirlot, 1982: 339).
Os motivos geométricos como a cornucópia, nó de Salomão, círculos e peltas são bem conhecidos na gramática ornamental dos mosaicos do período tardo-romano e perduram nas representações musivas posteriores.
Mais do que semelhanças há que salientar as diferenças. Os mosaicos de Mértola distinguem-se da linguagem musiva tardo romana até agora conhecida no território português, tanto pela temática como pela fina execução técnica, denotando certamente influências não só do Norte de África como, também, da tipologia ravenaica influenciada pelo gosto bizantino.

Carta aos Coríntios, de S. Paulo. Encontra-se este livro publicado na Patrologia Latina (PL), 2, 872. Traduções desta nota e da anterior do Doutor J. Maciel a quem agradeço.

VI O *suburbium*

6.1 As necrópoles de Mértola

Os dados referentes aos espaços de culto funerário da Antiguidade Tardia, que foram descobertos na antiga cidade de *Myrtilis,* advêm, essencialmente, dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em monumentos que se encontram, atualmente, em situações distintas de conservação e usufruto: em primeiro lugar, a necrópole da Achada de S. Sebastião e a basílica paleocristã do Rossio do Carmo - ambos os casos foram escavados, musealizados e realizado o respetivo estudo monográfico; em segundo lugar, dois sítios de escavação recente situados na Rua Afonso Costa, um no subsolo da antiga ermida de Santo António, dita dos pescadores, onde atualmente se encontra o Cineteatro Marques Duque e ainda o mausoléu.

Fig. 158 – Principais locais de enterramento na Antiguidade Tardia em Mértola – 1 – Achada de S. Sebastião; 2- Rossio do Carmo; 3 – Basílica do cineteatro; 4 –Mausoléu.

Os mencionados espaços de culto situavam-se nos arrabaldes a norte de Mértola, nas imediações das principais estradas, numa nítida separação da cidade dos vivos da cidade dos mortos. A par dos estudos de natureza arqueológica estão a ser

desenvolvidos trabalhos de carácter antropológico que pretendem obter não apenas as habituais classificações de idade e sexo mas uma interpretação mais lacta, que contribua para a compreensão da sociedade e modos de vida da época[128].

A questão da localização das necrópoles, quer de incineração, quer de inumação, constituiu uma das preocupações legislativas do mundo romano, expressa na Lei das Doze Tábuas (que estipulava que elas se deveriam situar fora de portas, junto às vias) e cujos princípios gerais seriam reforçados por Adriano, Diocleciano e Maximiniano em 290. Esta preocupação volta a ser referida por Graciano, Valentiniano e Teodósio que, em 381, decretam de novo os mesmos princípios (Martins e Delgado, 1990: 175).

As primeiras descobertas relativas a esta temática devem-se a Estácio da Veiga que, nos finais do século XIX, procedeu a trabalhos arqueológicos nos três locais mencionados. No primeiro caso, a necrópole da Achada de S. Sebastião, situada numa plataforma sobranceira às margens do Guadiana, foi alvo de uma visita por parte do arqueólogo após as grandes cheias de 1876, que observou, no local, dezassete sepulturas, classificando-as como pertencentes ao período romano. A partir de 1991, os trabalhos arqueológicos da equipa do CAM puseram a descoberto uma significativa área cemiterial de longa duração, onde foram recolhidos testemunhos inquestionáveis do culto cristão. Essa necrópole foi parcialmente ocupada pelas novas construções escolares, embora tenha sido preservada uma parte significativa, que foi alvo de escavação arqueológica, reconstrução e musealização[129]. Este núcleo é ainda composto por uma ermida quinhentista reconstituída.

Um segundo espaço, o Rossio do Carmo, foi posto a descoberto um importante conjunto de estruturas pertencentes a uma basílica paleocristã. De 1980 a 1992 foram aí feitas escavações pelo CAM, posteriormente as ruínas foram musealizadas, constituindo hoje um importante núcleo do Museu de Mértola.

Refira-se, por fim, o Cineteatro Marques Duque que, à época de Estácio da Veiga, era ocupado pela ermida de Santo António. Nas imediações desse templo, o referido autor

[128] Esta temática foi recentemente estudada em vários trabalhos da colega: (Morales, 1999a: 277-292), em que aborda as necrópoles e o espólio osteológico de uma forma global, (Morales, 1999b: 101-127); (Morales, 2001: 83-89).

[129] Este núcleo é ainda composto por uma ermida quinhentista que foi reconstituída e posteriormente musealizada, fazendo parte do Museu de Mértola.

procedeu a escavações, pondo a descoberto estruturas de várias épocas históricas, seis sepulturas e recolhendo materiais epigráficos. Ultimamente, um projeto de remodelação do Cineteatro motivou uma intervenção arqueológica, levada a cabo pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola, que pôs a descoberto um conjunto de sepulturas enquadráveis na Antiguidade Tardia.

6.1.1 A Necrópole da Achada de S. Sebastião

A necrópole estende-se por uma vasta área de terrenos xistosos junto à margem direita do rio, encontrando-se delimitada a noroeste por uma cadeia de cerros de ligeira elevação, onde hoje se levanta um novo bairro habitacional. Nas suas proximidades, para norte, situar-se-ia uma *villa*, de que já não restam, atualmente, vestígios. Nas proximidades desta e da necrópole passava uma variante da estrada que ligava a então *Myrtilis* a *Pax Iulia*, e que neste local ladeava a necrópole, serpenteando junto à margem do Guadiana até ao barranco de S. Brás, infletindo, nesse ponto, para o interior, em direção às povoações de Corte Gafo de Baixo, Monte Mosteiro e Amendoeira da Serra e seguindo depois para Beja. Entre a Achada de S. Sebastião e a de S. Brás foram já identificadas *villae* de época romana, que parecem obedecer a uma mesma lógica de implantação, ou seja em zonas de solos aráveis junto à margem do rio. Cada villa tinha o seu próprio cemitério. A necrópole da Achada de S. Sebastião ultrapassa as dimensões habituais nesses casos, tendo-se transformado numa necrópole urbana situada no subúrbio norte da cidade de *Myrtilis*.

6.1.1 Localização e caracterização

A profundidade das sepulturas varia entre os 20 centímetros, quando se destinavam a sepulturas de crianças, até cerca de um metro, quando recebiam adultos. A largura das sepulturas de adulto situa-se entre os 50 e os 100 cm, à exceção da sepultura 221, que possui dimensões pouco comuns no contexto desta necrópole, apresentando a largura máxima de 160 cm. Infelizmente, os dados antropológicos não nos permitem saber se este túmulo possuía mais do que um enterramento simultâneo, caso que se justificaria plenamente dadas as dimensões que apresenta. O túmulo 240 revela alguns dados

sobre a fase inicial do processo construtivo das sepulturas. É percetível a marcação sumária da área sepulcral (de 180 cm. de comprimento, por 50 cm. de largura e 10 cm. de profundidade), tendo posteriormente sido aprofundada apenas uma parcela para albergar uma criança ou um jovem, ficando a restante parte por utilizar.

Fig. 159 – Escavação da necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião.

A cobertura das sepulturas, nos casos em que, parcial ou integralmente, se conservou, era feita com lajes de xisto, colocadas transversalmente em relação ao comprimento da caixa. Uma das sepulturas, no entanto, encontrava-se coberta por *tegulae* dispostas do mesmo modo (foram descobertas fragmentadas e abatidas no interior), solução, por certo, aplicada em mais casos. É possível que os fragmentos deste material, recolhidos no interior de outras sepulturas escavadas, sejam indícios da sua utilização mais vasta, mas nada pode, com segurança, ser afirmado.

O fundo da sepultura é geralmente constituído pela rocha de base ou por terra. As sepulturas 190, 191 e 242, no entanto, apresentam uma arquitetura funerária diferente: no primeiro caso o pavimento era de ladrilhos e, nos dois outros, de placas de mármore.

Registe-se, por outro lado, que nenhum dado arqueológico recolhido até ao momento permite confirmar a hipótese de no local ter existido uma necrópole de incineração, como à partida o denunciava o achado de uma "*urna cinerária*", ou de um "*fundo de anphora de argilla vermelha com um fragmento de craneo e residuos de incineração, mostrando ter servido de receptaculo cinerario*", como foi referido, em 1880, por Estácio da Veiga (1983: 31 32 e 83, est. 5).

Na parte preservada da necrópole foram deixadas intactas três sepulturas[130], representativas das diferentes técnicas construtivas utilizadas, de modo a possibilitar novas investigações arqueológicas às gerações futuras.

6.1.2 As sepulturas

Para uma caracterização formal do conjunto de sepulturas da necrópole definiram-se cinco grupos:

Grupo a - engloba as sepulturas abertas no afloramento xistoso e é, sem dúvida, o grupo mais representativo (223 num total de 269). Este subdivide-se em dois subgrupos: num primeiro (A1) integram-se as sepulturas que se apresentam sem rebordos laterais, isto é, em que a cobertura, em lajes de xisto, assenta diretamente no solo; num segundo (A2), reúnem-se as que possuem rebordos laterais interiores, exemplares tecnicamente mais evoluídos em que a cobertura fica mais baixa que a cota do solo da necrópole - os rebordos variam entre os 15 e os 40 centímetros de altura;

Grupo b - abrange as sepulturas escavadas na rocha e que, no seu interior, têm estruturas de alvenaria de pedra vã, ou com argamassa (20 exemplares). As paredes ficam a uma cota inferior ao nível do solo, por forma a permitirem o assentamento das lajes de cobertura que, por sua vez, eram recobertas por pedras para ficarem niveladas com o terreno;

Grupo c - enquadra as sepulturas cujas paredes interiores foram construídas em tijolo (12 exemplares), material certamente reaproveitado da *villa* situada nas imediações da necrópole;

Grupo d - integra as sepulturas que apresentam paredes constituídas por aparelho misto, tijolo e alvenaria de pedra solta;

[130] Com os números 219, 220 e 254.

Grupo e - contém apenas uma sepultura (nº. 191). Trata-se de uma fossa aberta na terra e revestida, lateralmente, por finas placas de mármore. Apresentava-se, na altura da intervenção, parcialmente destruída, pelo que só foi possível proceder a trabalhos arqueológicos numa parte .

Registe-se que, no tocante à orientação dos enterramentos, a identificação guiou-se pelas informações proporcionadas pelo escasso espólio ósseo existente e pela forma trapezoidal de algumas das sepulturas.

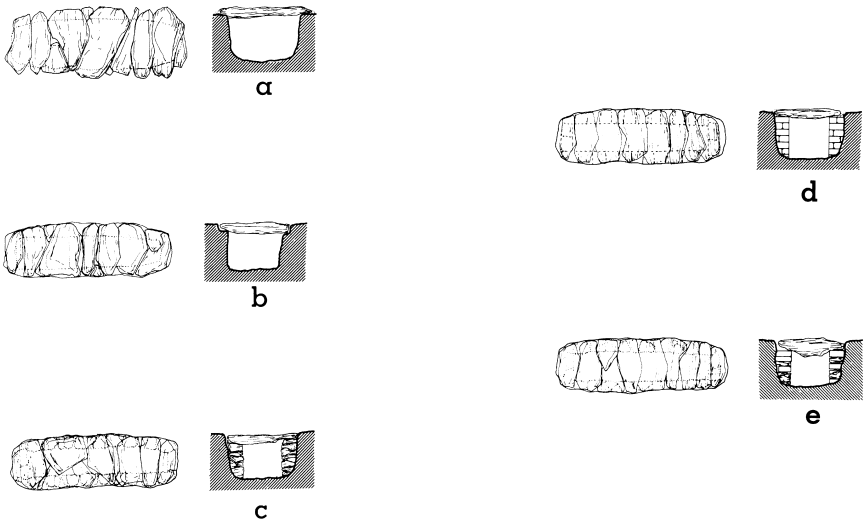


Fig. 160 – Tipos de sepulturas encontradas na necrópole

As distintas soluções empregues na construção dos túmulos leva a pensar na existência de uma hierarquização da arquitetura funerária, dependente dos estratos sociais dos defuntos. No grupo de sepulturas mais cuidadas incluem-se as que possuíam placas de mármore a definir a caixa, como nos túmulos 191 e 242, em que a base da construção assenta numa placa de mármore. Neste conjunto, em que as inumações beneficiaram de cuidados adicionais na feitura dos túmulos, incluímos também os casos em que a arquitetura funerária recorreu a materiais de construção certamente reaproveitados, como os tijolos retangulares, os tijolos quadrantes de colunas, os ladrilhos e as *tegulae*. Neles houve uma preocupação acrescida na inumação, que não só implicou a abertura da caixa sepulcral no afloramento xistoso ou na terra, como também um trabalho suplementar no arranjo interior da sepultura. Pode-se ainda englobar, nos casos de características particulares, aqueles em que a inumação foi feita recorrendo à utilização de um caixão ou padiola de madeira para a proteção do corpo.

No que concerne à identificação das sepulturas com lápides funerárias, estelas, cipos ou outros elementos epigráficos, não existiam, ou não subsistiram, quaisquer vestígios arqueológicos.

6.1.1.3 O ritual funerário

Dado que uma sepultura está longe de ser um vestígio acidental de uma sociedade, o arqueólogo deve preocupar-se em compreender a relação existente entre as diferentes práticas funerárias, os restos materiais que deixam como testemunho e a sua transformação em registo arqueológico (Chapman, 1987: 210). A reconstituição dos pormenores do ritual funerário é, por si, uma tarefa complexa. No caso em estudo, esta tornou-se particularmente difícil dado o mau estado de conservação apresentado pela generalidade do espólio osteológico conservado. Contudo, esta necrópole apresenta as características habituais dos cemitérios dos últimos tempos do Império Romano: trata-se de uma necrópole extramuros, com sepulturas de inumação individuais, escavadas na rocha e com uma orientação muito regular, noroeste-sudoeste, com apenas algumas exceções (Morales, 1999b, 116).

A escassez de elementos antropológicos é a dominante neste cemitério, apenas 19 % dos enterramentos continham restos dos indivíduos sepultados; apesar deste facto, os resultados permitem inferir uma homogeneidade na posição dos corpos, em decúbito dorsal, com os braços ao longo do corpo, sendo apenas conhecido um caso em que o indivíduo parece ter sido enterrado com a mão apoiada no peito (Morales, 1999b, 109).

Fig. 161 – Escavação da necrópole com sepulturas maioritariamente escavadas na rocha.

6.1.1.4 Espólio associado

Uma medalha, em ouro, com 18 milímetros de diâmetro, de 1,5 gramas de peso foi o objeto metálico descoberto mais importante, e é composto por um *crismon* (monograma dos inícios do cristianismo que corresponde às iniciais gregas das palavras Jesus Cristo) [131]. No braço horizontal da cruz estão representados o *alfa* e o *ómega*, significando que Cristo é o começo e o fim da evolução criadora. Na parte superior da medalha encontra-se uma argola que estabelece a ligação com três elos entrelaçados da corrente (infelizmente incompleta), também executada no mesmo metal.

A medalha provém do interior de uma sepultura de criança ou jovem (n.º 243)[132]. Apesar da representação do *crismon* ser frequente em Mértola, em especial no importante acervo lapidar da basílica paleocristã do Rossio do Carmo (século V-VIII), é a primeira vez que surge numa medalha. A importância arqueológica do achado reside, não apenas na circunstância de se tratar de um objeto em ouro mas, também, no facto de ser um importante elemento de datação da ocupação deste campo mortuário. Apesar de não ter encontrado qualquer paralelo exato para esta peça, penso que poderá datar de inícios do cristianismo, pois, em Roma, são conhecidos alguns exemplares destas cruzes desde a segunda metade do século IV, comuns até ao final da primeira metade do século V (Gondi, 1968: 64, fig. 41). Refira-se que a representação do *crismon* aparece pela primeira vez nas moedas cunhadas em Siscia (Sisak, Croácia) no ano de 317 (Simon, e Benoit, 1985: 326). Poderá, também, ser correlacionada com uma joia existente no museu do Bardo (Tunes), que apresenta um *alfa* e um *ómega (*Driss, 1962: Pl. 44), contudo não conhecemos o material de que é constituída nem o seu contexto arqueológico original.

A corrente que segura a medalha, feita com um fio duplo, possui semelhanças técnicas com as peças do designado tesouro de Guarrazar (Toledo), nomeadamente nas correntes que seguram as letras da inscrição votiva Recesvinto (649-672) ou, ainda, na

[131] O *crismon* é composto pela sobreposição das letras P e do X, as duas primeiras letras da palavra *Christos* Em grego respectivamente P (Rho) e X (Chi).

[132] Este valioso achado foi descoberto no dia 26 de Junho de 1997 quando, no decorrer de aulas práticas, um grupo de alunos do curso de Técnicos de Museografia Arqueológica, procedia a escavações arqueológicas naquele local.

corrente da cruz pendente que faz parte do mesmo tesouro (Balmaseda Muncharaz, 2002, 451 figs 33 e 37).

O fabrico desta peça, apesar de não requerer grande instrumental para a sua elaboração, pressupõe o domínio de uma tecnologia das artes do fogo e da martelagem.

A corrente consiste em argolas soldadas, dobradas e encaixadas umas nas outras. A medalha foi executada a partir de um fio de secção circular, posteriormente martelado. A junção dos braços da cruz foi feita com solda, que depois foi, também, martelada.

No espaço preservado da necrópole, aquando das limpezas periódicas que se fazem ao local, foi encontrado posteriormente, no ano 2000, um numisma de bronze de Constante cunhado, possivelmente, em Roma, entre 337 e 340[133].

Num pequeno conjunto de sepulturas[134] foram exumados alguns pregos e cavilhas que apresentavam múltiplas concreções na superfície. Tanto os exemplares em ferro (cerca de uma centena), como um em bronze e outro em cobre são de cabeça plana, de forma circular ou oval, com haste de secção quadrangular, mais grossa junto à cabeça (alguns apresentam a ponta curvada devido à utilização do martelo).

A existência destes materiais revela a utilização de caixões ou padiolas de madeira em alguns enterramentos, fato bem documentado pela disposição que apresentavam nas sepulturas. No caso das sepulturas número 174 (de adulto) e número 223 (de criança) foram encontrados, respetivamente, 22 e 24 pregos em ferro, dispostos em duas fiadas paralelas e separadas por uma fina camada de terra. Na parte mais profunda da sepultura, junto à rocha, alguns pregos permaneciam ainda na posição vertical, tendo, por vezes, agregados restos de madeira. Para este tipo de materiais são comummente apontados parâmetros cronológicos vastos, isto é, situados entre o séculos I e IV (Alarcão *et alii,* 1979: 38 (paralelos com o n.º 89).

Os materiais cerâmicos exumados na escavação são em reduzido número e pertencem, fundamentalmente, a artefactos de cerâmica comum, que passo a identificar: - Pote incompleto. Foi objeto de consolidação e restauro (sepultura numero 141). Apresenta um bordo boleado, pança ovoide com uma canelura horizontal e asa em fita; fundo

[133] Anverso: [DN F]L CONSTANS [AVG], Busto à direita, laureado com rosetas, com manto e couraça (?). Reverso: GLOR-IA EXERC[-ITVS], Dois soldados em pé de frente, cabeças voltadas para o centro, segurando uma lança invertida e apoiados sobre escudo; entre eles, um estandarte. Bronze, 1,3 gr; 14,4 mm. Ref. bib: LRBC, n.º 615, p. 16. RIC VIII, n.º 26, p. 250.

[134] Verificou-se a existência de pregos/cavilhas nas sepulturas números 70, 144, 150, 166, 174, 208, 211, 221 e 233.

plano. A pasta é de coloração vermelha. Este recipiente tem paralelos em Conímbriga, datados do século V *(Alarcão, et alii* 1975, p. 89 paralelos com o nº566);

- Fragmento de pote (sepultura nº. 70), correspondente a um bordo em aba envasada, com uma decoração composta por uma sequência de dedadas na parte exterior. Esta forma enquadra-se cronologicamente nos séculos IV – V *(Alarcão, et alii* 1975, p. 89 paralelos com o nº446);

- Fragmento de testo cónico (sepultura n.º 49), baixo, apresentando marcas do torno na superfície exterior. É datável do séc. I-II *(Alarcão, et alii* 1975, p. 89 paralelos com o nº350);

- Fragmento de bordo pertencente a uma terrina (sepultura n.º 57), de pasta negra, no qual se descortina um vertedoiro incompleto. Esta forma integra-se no conjunto de cerâmicas de fabrico tardo ou pós-romano (Alarcão, *et alii* 1975*:* 125, paralelos com o nº.1060A, de cronologia incerta). No entanto J. Nolen, data o fabrico deste tipo de cerâmica do período tardo ou pós-romano (Nolen 1988: 105);

- Fragmento de um almofariz (sepultura n.º 158), com bordo em aba no qual se conserva o vertedoiro. Este fragmento enquadra-se nas produções dos séculos V-VI (Alarcão , *et alii,* 1975*:* 98, paralelos com o nº.656 B);

- Fragmento de prato (sepultura nº.153) com bordo boleado introverso. Esta forma cerâmica tem uma longa permanência, desde o século II ao IV (Nolen, 1985: 85);

- Fragmento de tacho, de bordo boleado (sepultura n.º 111). Esta forma tem horizontes cronológicos entre os séculos II- IV (Nolen, 1988: 103; paralelos com o nº18);

- Fragmento de lucerna, em *Terra Sigillata* clara D. No disco é possível observar a parte superior do *crismon*, bem como um orifício de alimentação; a delimitar o disco existem dois sulcos paralelos. A asa é constituída por um apêndice de forma triangular. Este fragmento de lucerna é datável do século IV e encontra paralelos em Conímbriga (Alarcão, *et alii,* 1979: 107, paralelos com o nº. 125) e em Ampúrias (Palol, 1949: 233-265);

- Fundo de taça com provável reutilização como testo. Fundo côncavo. Pé de altura média e bordo arredondado. Pasta vermelha porosa, com abundantes elementos não plásticos (xisto calcário e quartzo), de tamanho médio, com a superfície alisada. Fabrico a torno rápido e cozedura oxidante. Diâmetro do pé 9,2 cm. Assemelha-se a uma taça de Mérida, proveniente de uma sepultura de inumação. Este tipo de peças surge em época tardo-republicana e perdura até ao século IV ou V (Ánchez Sánchez, 1992: 71);

- Fragmentos de fundo de uma bilha. Fundo levemente côncavo. Pasta alaranjada, compacta, com elementos não plásticos (xisto e calcário), de tamanho pequeno e médio. Fabrico a torno rápido, com cozedura oxidante. Acabamento da superfície exterior alisado. Diâmetro do fundo 12 cm, espessura 1 cm. Data de finais do século I ou do primeiro quartel do II, com paralelos nas necrópoles de Braga (Martins e Delgado, 1989-90:. 165) e de Serromes - Elvas (Nolen, 1988: 145).

A par destes materiais foram exumados quatro fragmentos de fundo de ânforas (sepulturas números 50, 86, 111 e 147) e um pequeno pedaço de *Terra Sigillata* (sepultura n.º 175), sem decoração e cujo engobe se encontra mal conservado, não permitindo, pois, uma identificação tipológica e cronológica. No que respeita aos fundos de ânfora, apresenta formas de três tipos: Dressel 2/4 (Soares e Silva, 1977: 175), Almagro 55 (Beltrán, 1990: 223) e Almagro 51C (Soares e Silva, 1977: 181), que remetem para limites cronológicos situados entre os séculos II a.C. e V d.C..

Na escavação arqueológica que efetuámos não foi encontrado qualquer elemento epigráfico de identificação das sepulturas, tão habitual nos cemitérios romanos e posteriores. No entanto, Estácio da Veiga refere o aparecimento de "*um fragmento de uma lage de marmore granolamellar azulado com uma superficie trabalhada, extrahido da tampa de uma sepultura* " (Veiga, 1983: 32).

Do interior de doze sepulturas[135] foram retirados alguns fragmentos de mármore branco, de grão médio e espessura reduzida (não chegam a atingir, por vezes, um centímetro). Estes fragmentos não evidenciam sinais de terem sido trabalhados, não sendo de excluir a hipótese de pertencerem ao revestimento interior das sepulturas ou da sua cobertura.

Na composição das paredes de algumas das caixas sepulcrais recorreu-se à utilização de materiais cerâmicos, desde os tijolos, com a forma tradicional de paralelepípedos a quadrantes de colunas, certamente reaproveitados de algumas construções da *villa* situada nas imediações. Numa das sepulturas (número 150), como ficou referido, a cobertura era feita com *tegulae* e, numa outra (número 181), o revestimento do fundo da caixa sepulcral era composto por ladrilhos retangulares[136], com dois sulcos que se

[135] Sepulturas números: 13, 44, 84, 99, 105, 134, 184, 191, 221, 232, 242 e 258.
[136] Com 38,5 cm de comprimento, 27,5 cm de largura e 4 cm de espessura.

cruzavam no centro dos mesmos. Nos restantes casos registados, os tijolos foram empregues nas paredes interiores da sepulturas; verificou-se, também, a existência de uma *tegulae* colocada na vertical aos pés da sepultura 233, sendo a restante parte da sepultura escavada na rocha e com rebordos laterais bem demarcados.
Registe-se, ainda, o achado de fragmentos de *opus signinum* no interior de algumas sepulturas (números 133, 211 e 221), material que não é comum encontrar-se em necrópoles deste tipo sendo, por isso, mais provavelmente, um vestígio arrastado pelas águas numa das cíclicas cheias do rio.

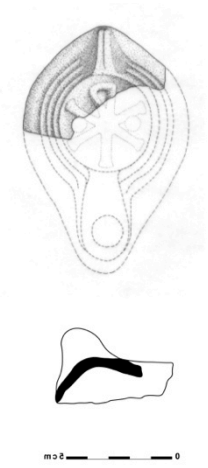
As peças arqueológicas provenientes das sepulturas remetem para a presença, neste cemitério, de rituais em que vasilhas de diferentes funções (potes, terrinas, pratos, tachos, taças, bilhas) foram colocadas no interior dos túmulos.
Esta prática da colocação de oferendas alimentares (sólidos e líquidos) e de incenso, no interior das sepulturas, não foi exclusiva dos enterramentos romanos (pagãos) pois verifica-se, também, nas sepulturas cristãs. O facto de haver sepulturas cristãs ficou demonstrado, neste cemitério, pelo aparecimento de dois objetos (medalha em ouro e lucerna), portadores de uma inegável simbologia cristã. Mais uma vez estamos em presença não de ruturas mas de continuidades culturais, próprias de uma lenta evolução das práticas religiosas.
Tão pouco a necrópole da Achada de S. Sebastião, apesar da sua monumentalidade e características singulares, revelou um espólio arqueológico significativo. Dos vestígios osteológicos e dos parcos materiais recolhidos, cerâmicos e outros, não puderam ser retiradas mais do que informações isoladas de uma realidade que ficará, na sua real extensão, por conhecer. Algumas conclusões, porém, impõem-se.

A localização e área que a necrópole ocupa, a diversidade das estruturas sepulcrais e as práticas de enterramento que se observam, bem como os materiais provenientes da escavação e de recolha de superfície sugerem uma longa ocupação do local como campo mortuário. Por outro lado, tudo indica que tenha existido um período em que se verificaram simultaneamente duas formas de enterramento: a prática de incineração, apenas registada por Estácio da Veiga mas que no dizer de Jorge Alarcão, "foi comum na Lusitânia pelo menos até meados ou fins do século III d.C." (Alarcão, 1973: 183), e a prática de inumação, documentada pelas escavações realizadas neste local nos anos

noventa do século passado. Trabalhos recentes de Lino Dias (1995: 107-136), documentam a existência de práticas funerárias de inumação no "Territorium de Tongobriga" durante o do século IV. Os casos de incineração verificados na necrópole de S. Sebastião estariam provavelmente relacionados com as *villae* existentes nesta zona nos séculos I - II. Infelizmente, não chegou até nós qualquer vestígio evidente desta prática funerária. No entanto, podemos supor que este primeiro momento de ocupação da Achada de S. Sebastião terá ocorrido nos séculos I a III d.C., não sendo de excluir a hipótese de, durante este período, terem convivido os dois rituais funerários. Por outro lado, parece também reforçar-se aqui a ideia de que as necrópoles dos inícios do cristianismo vão seguir a tradição pagã em uso, pois as sepulturas com indícios de pertencerem a defuntos cristãos (como a sepultura onde apareceu a medalha com o crismon ou o fragmento de lucerna com o mesmo símbolo), em nada diferem dos enterramentos que se situam nas imediações.

6.1.1.4.1 – Catálogo de Materiais

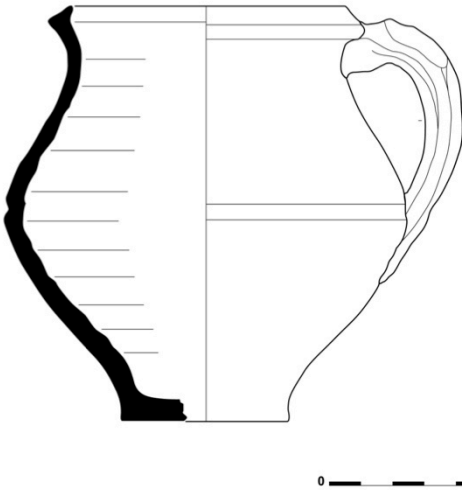
Nº de catálogo: 199
Nº inventário:
Identificação: Medalha em ouro.
Descrição: é composto por um crismon. No braço horizontal da cruz estão representados o alfa e o ómega. Na parte superior da medalha encontra-se uma argola que estabelece a ligação com três elos entrelaçados da corrente, incompleta, também executada no mesmo metal.
A representação do crismon aparece pela primeira vez nas moedas cunhadas em Siscia (Sisak, Croácia) no ano de 317 (Simon e Benoit, 1985: 326). Poderá ser também ser correlacionada com uma joia existente no museu do Bardo (Tunes), que apresenta um alfa e um ómega (Driss, 1962: Pl. 44). A corrente que segura a medalha, feita com um fio duplo possui semelhanças técnicas com as peças do designado tesouro de Guarrazar (Toledo), nomeadamente nas correntes que seguram as letras da inscrição votiva Recesvinto (649-672), ou ainda, na corrente da cruz pendente (Balmaseda Muncharaz, 2002: 451, figs. 33 e 37).
Dimensões: diâmetro 18 milímetros; peso 1,5 gramas.
Cronologia: Século IV - VII
Proveniência: A medalha provém do interior de uma sepultura de criança ou jovem (nº 243).
Bibliografia: Lopes, 1999: 89-90;



Nº de catálogo: 120
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de terra sigillata clara D, Tipo Atlante X, grupo C2; Bonifay Tipo 54.
Descrição: Conserva a asa maciça com incisão central. Na parte conservada do disco é possível observar a parte superior de um crismon, bem como o orifício de alimentação. A delimitar o disco existem dois sulcos paralelos. Este fragmento possui paralelos com peças encontradas em Conímbriga (Alarcão, et alii, 1979,107, paralelos com a peça nº. 125) e em Ampúrias (Palol, 1950: 101-116). E em vários locais do norte tunisino (Bonifay, 2004: 38)
Dimensões: Altura 4 cm; largura cm; espessura cm.

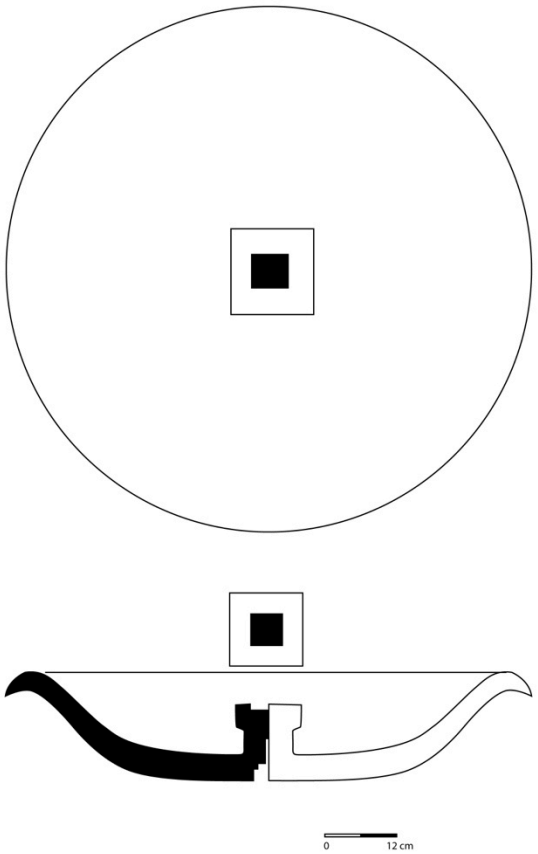
Cronologia: Século V – VI
Proveniência: Do interior da sepultura nº 231
Bibliografia: Lopes, 1999: 92; 2

Nº catálogo: 121
Nº inventário:
Identificação: Pote cerâmica comum.
Descrição: Apresenta um bordo triangular, pança ovoide com uma canelura horizontal e uma assa em fita, com um fundo plano. A pasta é de coloração vermelha. Este recipiente tem paralelos com uma peça de Conímbriga datada dos século V (Alarcão et alli, 1975: 89, (paralelos com a peça 566).
Dimensões: Altura 13 cm; diâmetro do bordo 6,7 cm; espessura 0,6 cm.



Cronologia: Século IV - V
Proveniência: Sepultura 141
Bibliografia: Lopes, 1999: 91;

Nº catálogo: 122
Nº inventário:
Identificação: pia circular de mármore branco de grão fino
Descrição: pia circular ao centro, possui um ressalto em forma de paralelepípedo, perfurado no sentido vertical, apresentando-se a sua superfície e o orifício tapados por várias camadas de cal. É uma peça eventualmente reaproveitada de um outro edifício, circunstância que, como é sabido, foi relativamente comum.
No decurso da escavação, a pia foi objecto de um ato de vandalismo inexplicável, tendo ficado fragmentada e seriamente danificada; posteriormente, foi cuidadosamente restaurada e faz parte do acervo museológico.
Dimensões: diâmetro de 78 cm; altura 16 cm.



Cronologia: Século I-II. Reaproveitado como pia de água benta na ermida quinhentista.
Proveniência: Sobre o pavimento da sacristia junto à parede do lado Sul, intervenção arqueológica realizada em 1993.
Bibliografia: Lopes, 1999: 92;

Nº catálogo: 123
Nº inventário: 72
Identificação: Nummus, Constante, Roma,
Descrição: Anverso: DN FL CONSTANS [AVG]; busto para a direita, com diadema de rosetas, drapeado e couraçado.
Reverso: GLOR-IA EXERC-[ITVS] ; dois soldados armados de lança e escudo; entre eles, um estandarte
Marca: — —//[...]
Dimensões: Peso1,31g; diâmetro 14mm, 12h
Cronologia: 337-340 d.C
Proveniência: ESS/2000/recolha superfície.
Bibliografia: Lopes, 2003: 136.

6.1.2 O sítio arqueológico da Ermida de Santo António - acual Cineteatro Marques Duque

A mais antiga referência histórica a este edifício provém da obra de Estácio da Veiga, intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola*, e publicada em 1880. O autor refere o "limitado reconhecimento que empreendi junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo Antonio" (Veiga 1983: 117) e terem ali aparecido três epitáfios funerários, gravados em placas de mármore, e seis sepulturas que foram alvo de intervenção arqueológica. Além do aparecimento dos túmulos, assinala: "Acima d' estas sepulturas notei vestígios de paredes antigas e um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2,32m de comprimento, 1,01m de largura e 0,69m de fundura, estando porém superiormente cortado" (Veiga, 1983: 121).

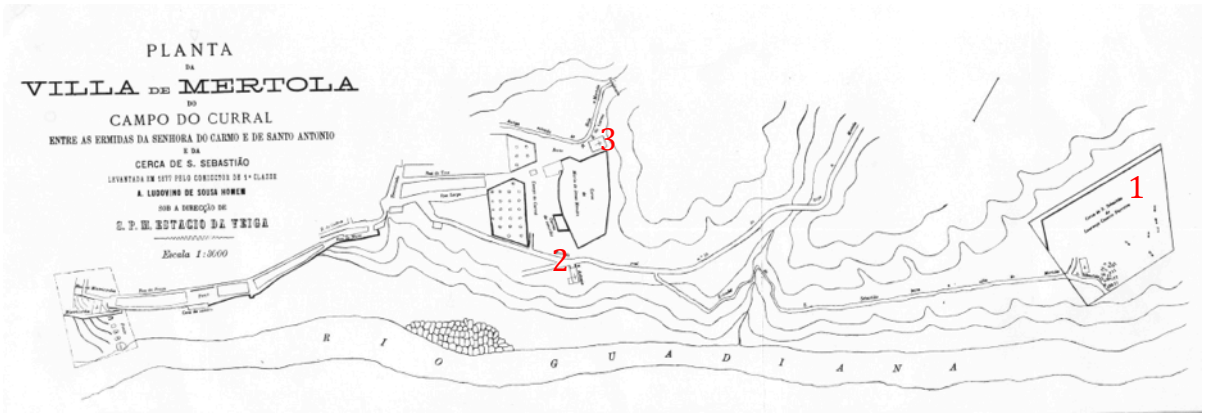


Fig. 162 - Planta Geral de Mértola publicada por Estácio da Veiga (1 Necrópole de S. Sebastião; 2 Ermida de S. António; 3 Rossio do Carmo.

6.2.1 Localização e caracterização

Em ano incerto do século XVII temos a referência da fundação de uma igreja dedicada a Santo António, dita dos pescadores. Deste local de culto apenas se pode inferir, através de fotografias dos finais do século XIX, onde surge o alçado posterior, que era um templo de uma nave, com a capela-mor rebaixada, pouco saliente e a fachada voltada à

estrada que liga Mértola a Beja (Boiça, 1998: 61), atual EN 122, que tinha sido aberta por essa altura.

Pelo cruzamento da documentação escrita, sabemos que a igreja se manteve aberta ao culto até à viragem da primeira década do século XX. Devido ao estado de degradação do edifício, a Câmara Municipal tomou posse do mesmo em 1915, adaptando-o a cantina escolar nos dois anos seguintes, sendo demolido posteriormente para dar lugar ao Cineteatro municipal, construção revivalista do período republicano, que se encontra ainda em funcionamento.

Trata-se, pois, de um sítio de extrema importância para a compreensão da evolução histórica e urbanística de um antigo arrabalde de Mértola.

O local foi alvo de várias campanhas arqueológicas na primeira década do século XXI, no entanto a abordagem que vou fazer vai centrar-se na análise do edifício e da necrópole da Antiguidade tardia que lhe estava associada.

Fig. 163 – Antigo edifício do cineteatro Marques Duque antes da remodelação do século XXI..

6.1.2.2 A escavação

6.1.2.2.1 A escavação de 2001/2005

As obras de reabilitação e ampliação deste imóvel motivaram a intervenção arqueológica, que se desenvolveu entre 2001 e 2005, no interior e na área envolvente do edifício. Assim, antes do início das obras, foram feitas sondagens para diagnosticar e prevenir possíveis destruições, posteriormente foi feito o acompanhamento da obra de modo a poder registar e documentar todos os vestígios arqueológicos.

As escavações arqueológicas levadas a cabo pela equipa do CAM puseram a descoberto

Fig. 164 – Planta das estruturas e das sepulturas postas a descoberto com as intervenções arqueológicas de 2001-2005.

três ocupações distintas: a primeira, constituída pelos restos da edificação da ermida de S. António, compostos por paredes de alvenaria de pedra e argamassa; a segunda, onde foram detetadas estruturas e níveis habitacionais do período islâmico, constituídos por muros de pedras que tinham como ligante terra argilosa. Por último, foram identificadas trinta e quatro sepulturas, que revelaram práticas funerárias e técnicas construtivas enquadráveis no período que estamos a tratar neste estudo. Alguns dos enterramentos, situados a pouca profundidade, foram destruídos pelas construções do período islâmico e moderno que ocorreram no local posteriormente.

6.1.2.2.2 A escavação de 2008/2009

Fig. 165 – Sepulturas do limite sul da necrópole da basílica do cineteatro (Rua Dr. Serrão Martins.

As obras de requalificação do eixo comercial de Mértola, realizadas entre Março de 2008 e Fevereiro de 2009, puseram a descoberto um conjunto importante de vestígios arqueológicos de vários períodos no espaço extramuros da cidade. No que ao período em estudo diz respeito, os trabalhos arqueológicos revelaram, na junção da Rua Dr.

Serrão Martins com a Dr. Afonso Costa, uma necrópole[137], onde foram postos a descoberto 39 sepulturas.

Na rua Dr. Afonso Costa, na área defronte do Cineteatro Marques Duque, foram postos a descoberto estruturas relacionadas com a estrada antiga do período Contemporâneo, restos de habitações islâmicas e, nos níveis mais profundos, as estruturas de um edifício e 19 sepulturas que lhe estavam associadas. As sepulturas da rua Dr. Serrão Martins foram as primeiras a ser intervencionadas, pelo que foram, inicialmente, tratadas como de uma necrópole diferente, contudo, com o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos para norte, constatamos que se tratava da mesma necrópole associada ao templo aí existente. É de referir que existe um espaço com cerca de 17,5 m, entre a sepultura 39 da rua Serrão Martins e a sepultura 18 da Rua Afonso Costa, e pensamos que foi este o espaço onde Estácio da Veiga registou a existência dos seis túmulos e procedeu à recolha de importante espólio arqueológico, como a epígrafe grega de Zózimo "achado quasi em frente da ermida de Santo Antonio, junto à valeta do lado oposto da estrada de Mértola para Beja na ocasião em que se fazia os desaterros para a execução do traçado d'aquella estrada" (Veiga, 1983: 117). Das palavras de E. da Veiga depreende-se que o local das sepulturas tivesse sido destruído pela construção da referida estrada, daí a ausência de vestígios arqueológicos.

A escavação arqueológica feita na rua Dr. Afonso Costa, em frente ao Cineteatro, foi desenvolvida em duas fases, tendo em cada uma sido escavado apenas uma parte da rua, de modo a permitir a circulação do trânsito. No entanto, esta metodologia revelou-se pouco eficaz para a escavação e para o registo das estruturas e dos enterramentos que, nalguns casos, tiveram que ser escavados em dois momentos distintos, com inevitável perda de informação arqueológica. Por outro lado, o espaço exterior ao edifício sofreu, nas últimas décadas do século XX, sucessivas obras públicas[138] que foram responsáveis pela destruição. Apenas tivemos oportunidade de escavar uma parte do edifício e das sepulturas, o que limita um estudo que se desejava mais amplo, contudo a investigação que aqui se apresenta procura ser o somatório das informações

[137] Situada defronte da Cooperativa Agrícola do Guadiana e a agência do Banco Millenio.
[138] Remodelação dos pavimentos das ruas, construção de valas de água e eletricidade e ainda infraestruturas de saneamento

disponíveis sobre este sítio arqueológico e que se enquadram no horizonte cronológico em estudo.

Fig. 166 – Escavação na rua Dr. Afonso Costa defronte do cineteatro 2008-2009.

Pelas razões apontadas, e pelo facto do edifício estar ainda em uso, a intervenção foi realizada em ambiente de arqueologia urbana e permitiu a identificação de parte das estruturas, avançar com algumas hipóteses interpretativas da arquitetura do templo cristão.

6.1.2.3 Tipologia construtiva

Na análise das estruturas do templo consideramos apenas os muros que eram constituídos por alvenaria de pedra, maioritariamente com recurso ao xisto local, facetada e ligada por uma forte argamassa, que assentavam diretamente no substrato rochoso.

Fig. 167 – Vestígios da parte poente da basílica do cineteatro.

A poente, na rua Dr. Afonso Costa, por debaixo do empedrado da berma da antiga estrada, conservavam-se restos do que seria o limite norte e oeste do edifício religioso: assim o muro, situado a oeste, tinha uma largura de cerca de 95 cm e uma extensão conservada de cerca de 11 m, formando um ângulo reto, na extremidade norte, dando continuidade a um outro muro com cerca de 70 cm de largura e uma extensão de 4 m.

Do muro oeste desenvolve-se um outro muro, que possuía cerca de 63 de largura, e se desenvolvia para este numa extensão de 1 m, dando depois origem a um vão de 1,57 m. Do outro lado da passagem, o muro tinha uma continuidade que já tinha sido registada aquando da intervenção de 2004.

O limite sul do edifício é dado por uma estrutura argamassada, paralela às anteriores, com 50 cm de largura e se desenvolvia por cerca de 5 m de forma descontínua, com prolongamento para o interior do edifício do cineteatro, documentada nas intervenções arqueológicas levadas a cabo nos anos de 2001/3 e em 2008/9.

Fig. 168 – Planta geral das escavações efetuadas entre 2001 e 2009.

No interior, no que suponho ser o eixo central do edifício, destaca-se uma construção constituída por uma abside semicircular levemente peraltada. Os muros que constituem esta estrutura rondam os 70 cm, na zona do arranque, atingindo os 80 cm na zona do extradorso. Na base esta estrutura foi afetada por obras modernas de abertura de valas, contudo os muros, que constituem a estrutura absidada, possuem o mesmo tipo de aparelho e terão feito parte da mesma estrutura. A abside teria uma largura interior de 2,77 m e uma profundidade interior de 2,25 m.

No lado oeste, uma forte estrutura argamassada foi registada na intervenção realizada em 2004, que poderá corresponder aos limites nascente do edifício. Refira-se que, a partir desta última estrutura, se desenvolve uma forte pendente que, ainda hoje, condiciona o urbanismo nesta parte da vila, pelo que poderá assim corresponder aos limites da construção.

Os muros deste edifício, identificados durante a intervenção arqueológica, apresentam características homogéneas e com ligação entre os diversos troços conservados, o que leva a pensar que a construção foi executada num único momento construtivo.

Pelos fragmentos de *opus signinum* conservado *in situ*, e à semelhança da basílica do Rossio do Carmo, é de deduzir que, possivelmente, o pavimento deste templo seria, tal como a cobertura das sepulturas, em *opus signinum*.

Com as intervenções arqueológicas, desenvolvidas no local, contribuíram para a identificação das paredes que, possivelmente, delimitavam o edifício e o dividiam, interiormente, em três naves. A nave central, mais larga, tinha no seu eixo central interior uma abside. Pelos vestígios observados, depreendo a existência de um templo com dimensões que rondariam os 22 m de comprimento e os 15 m de largura. A nave central teria de largura 6 m, e as naves laterais com 4 m de lado. O espaço coberto deveria rondar os 330 m^2.

A proposta planimétrica que apresento, de uma igreja com três naves e duas absides afrontadas, baseia-se na probabilidade de estarmos em presença de um templo relativamente simétrico e compartimentado interiormente, como a maior parte dos edifícios religiosos coetâneos.

Fig. 169 – Planta geral das estruturas postas a descoberto na rua Dr. Afonso Costa

O facto de os restos dos muros interiores serem descontinuados, pois verifica-se que nos seus alinhamentos foram interrompidos pela construção de sepulturas, bem como pelo facto de no único vão existente estar implantada uma sepultura, sugere que a

divisão da nave norte e da central se poderia fazer com recurso a espaços sustidos por uma colunata. Apesar de termos encontrado vários fragmentos de bases de colunas nas imediações do edifício nenhuma foi encontrada *in situ*.

6.1.2.4 Análise funcional e paralelos

Na Península Ibérica os edifícios que apenas possuíam uma abside, esta situava-se sempre nas estruturas situadas a este (Macias, 2006, 261). Outra possibilidade seria o caso em estudo possuir uma outra abside situada a oriente, embora esta não tenha sido documentada através dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no interior do edifício. Contudo, esta tipologia está bem documentada arqueologicamente na Lusitânia em Casa Herrera (Mérida), Torre de Palma (Monforte) e do Rossio do Carmo (Mértola), localizando-se as restantes duas na *Baetica* em El Germo (Córdova) e Vega del Mar (Málaga); refira-se que todos estes casos se localizam em ambiente rural, sendo os casos de Mértola os únicos exemplares conhecidos com esta tipologia em ambiente urbano. Todos estes casos peninsulares possuem três naves, variando apenas o número de tramos dos intercolúnios: cinco em Casa Herrera, seis em El Germo e sete em Torre de Palma e no Rossio do Carmo (Macias, 1993: 37).

Apesar de apenas se conhecer parcialmente a planta do edifício aqui em estudo, a análise planimétrica que proponho sugere soluções construtivas que se assemelham à basílica de La Vega del Mar, onde uma das absides se situa no interior do edifício (Puertas, 1975: Godoy Fernández, 1995: 263); no caso da basílica de Torre de Palma só três, das quatro absides existentes, se situam no interior de uma estrutura de planta retangular (Maloney e Hale, 1996). No entanto, a Basílica de Coracho apresenta grandes semelhanças formais com o caso em estudo de Mértola. Este templo situa-se no termo municipal de Lucena (Córdoba) e foi alvo de trabalhos arqueológicos na primeira década do século XXI (Botella-Sánchez 2008; Sánchez-Moreno-Gómez, 2009); trata-se de uma Basílica de culto, possivelmente martirial, de abside localizada a ocidente, com reformas de época bizantina e que se transforma em basílica de dupla abside em época visigoda (Sánchez Velasco, 2012: 420).

A primeira fase, que corresponde ao momento fundacional, formava um edifício de planta basilical de 35,5 m de comprimento por 18,5 m. Da construção destaca-se um

muro único que, em forma de ómega, definia a abside interior e que constituía a cabeceira do edifício na sua parte ocidental, em frente à entrada; a localização da abside é a ocidente, como na maioria das igrejas de época constantiniana (Khatchatrian, 1962); a construção da basílica sobre uma necrópole precedente, como demonstra a existência de um *ustrinum;* os materiais achados nos túmulos mais antigos da necrópole, levaram Sánchez Velasco a colocar a hipóteses de que a basílica poderia ter sido construída no século IV d.C. (Sánchez Velasco, 2012: 430). Refira-se contudo que não foi registado qualquer enterramento no interior da basílica e o uso de sarcófagos não foi atestado arqueologicamente, pelo que não vejo qualquer motivo para ser caraterizada de martirial.

O conjunto edificado aparece rodeado por uma necrópole, que ocupava uma grande extensão, da qual só se escavou uma sexta parte. A escavação proporcionou a descoberta de 275 sepulturas, de onde foram exumados mais de 300 indivíduos. A maioria dos túmulos datavam do período cronológico compreendido entre o século IV e o século VII d.C. No entanto, os dados epigráficos prolongam a ocupação do espaço até à segunda metade do século VIII d.C. (Sánchez Velasco, 2012: 428). A construção da basílica teve lugar, segundo Sánchez Velasco, num ambiente arquitetónico "experimental" dos inícios do cristianismo, período em que não existiam ainda "modelos" consolidados, pelo que as possibilidades económicas da comunidade cristã, ou dos comitentes, marcam o modelo de edílica. O projeto arquitetónico vê-se determinado pela escassa existência de "normas" que definam com rigor as partes constituintes e a sua orientação (Sánchez Velasco, 2012: 443). A este respeito refira-se que as igrejas deixam de orientar-se a ocidente, de forma geral, em meados do século IV d.C. (Krautheimer, 1996; Id. 2002).

A circunstância de possuir apenas uma abside interior, situada a oeste, levanta algumas questões a que não pude dar resposta com as intervenção arqueológica realizadas, embora existam casos de basílicas com abside apenas a oeste, como nos casos da basílica de Alexandre, em Tapisa, na basílica I de Haïdra, na de Hergla (Ghalia,1998: 17), em Atech e em Hirbat Guidra (Ponsich, 1991: 120, fig.34), constituindo uma característica do Norte de África (Duval, 1975a).

Estácio da Veiga refere-se a muros antigos, que bem poderiam ter pertencido a tal construção onde estes túmulos estariam inseridos.

O mesmo autor refere, também, um tanque que ele considera "uma piscina de banho pertencente a um domicílio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos" (Veiga, 1983: 121). Não é muito provável que se trate de uma piscina de um edifício particular, mas antes de um possível batistério, no interior de uma basílica, que, por sua vez, albergaria um espaço funerário. A existência de basílicas funerárias com batistérios associados foi uma situação frequente a nível peninsular, como ficou demonstrado por Pedro Palol (1967: 6) e, mais recentemente, por Godoy Fernández (1995).

Os elementos da designada arquitetura decorativa são, também, em reduzido número, cingindo-se apenas a um fragmento de cancela, decorada com uma sequência vazada de círculos secantes, exposto no na basílica do Rossio do Carmo (Lopes, 1993: 95), um capitel de tipo corintizante; trata-se de uma peça completa, embora muito desgastado devido a uma prolongada fricção. Partindo do plano da base circular, a primeira coroa de acanto, de traço ainda naturalista, alarga para o segundo registo, já quadrangular, em que cada um dos lados suporta um talo central que se bifurca para enrolar nas volutas.

A cronologia proposta para esta peça situa-se entre os Século V-VII (Limão, 2010: 465) ou os séculos VII- VIII (Torres et alli, 1991: 39), a par de duas bases de colunas encontradas nos trabalhos recentes podemos inferir a existência, neste local, de um templo religioso. Não é de excluir que estes elementos marmóreos sejam reaproveitados de outras construções mais antigas e empregues na construção desta basílica. O fragmento de cancela tem paralelismos em Mértola, na basílica do Rossio do Carmo e, também, no *baptisterium* II.

6.1.2.5 As sepulturas

Nos trabalhos levados a cabo pelo arqueólogo Estácio da Veiga, nos finais do século XIX, foram postas a descoberto seis sepulturas, que apresentavam restos ósseos de adultos, em muito mau estado de conservação, e que o referido autor descreve: "Duas manifestaram revestimento interno de parede delgada, construída de pedra assente em terra amassada. O fundo era tambem revestido de pedra miuda, cravada em terra

molhada. Havia outra que tinha perpendicularmente erguida no topo da cabeceira uma pequena laje delgada de marmore branco. As primeiras cinco eram quasi perpendiculares ao rio, apontada para SE. a extremidade inferior" (Veiga, 1983: 119), a sexta sepultura possuía contudo uma orientação distinta "Tinha sido escavada n'um sentido quasi perpendicular às outras e orientada entre NNE e SSO" (Veiga, 1983: 121).

Fig. 170 – Sepultura do limite sul da necrópole da basílica do cineteatro, de tradição romana que continha espólio funerário (Rua Dr. Serrão Martins).

Nas intervenções arqueológicas, levadas a cabo na última década pela equipa do CAM, foram identificadas 92 sepulturas que foram escavadas em distintas campanhas, faseadas no tempo e no espaço de intervenção, e proporcionaram o conhecimento de uma importante necrópole. Assim, a campanha, que decorreu entre 2001/2003, centrou-se no interior do cineteatro e foram identificados 18 sepulturas. Na intervenção de 2004, que corresponde ao espaço do anexo situado a norte do edifício do cineteatro, foram identificadas 6 sepulturas. Na intervenção realizada em 2005, que correspondeu à parte da fachada do cineteatro, foram identificados 10 túmulos.

A intervenção realizada em 2008/2009 centrou-se na parte exterior da necrópole, que corresponde aos 39 enterramentos identificados na rua Dr. Serrão Martins, e na rua Dr. Afonso Costa onde foram identificados 19 sepulturas.

O conjunto dos túmulos escavados/identificados neste cemitério totaliza os noventa e oito exemplares, incluindo aqui as seis sepulturas registadas por Estácio da Veiga: 43 sepulturas localizam-se no interior da basílica e as restantes 45 no exterior sul.

Nesta necrópole, a disposição das sepulturas era densa no espaço albergado pela construção e mais dispersas na parte mais afastada do edifício. Nesta necrópole o único ritual observado concerne à prática da inumação, corrente na Hispânia, pelo menos desde o Baixo Império, e em uso exclusivo pelas comunidades cristãs.

Fig. 171 e 172 – Sepulturas do limite sul da necrópole da basílica do cineteatro (Rua Dr. Serrão Martins).

A nível dos túmulos verificam-se duas situações distintas. Assim, nos locais onde a rocha aflorava à superfície, a sepultura era aberta diretamente na rocha e as lajes de cobertura assentavam na própria rocha, afeiçoada para o efeito.

Fig. 173 – Sepulturas do limite sul da necrópole da basílica do cineteatro (Rua Dr. Serrão Martins).

Noutro conjunto, devido à própria natureza do terreno, com a rocha base a uma profundidade maior, a sepultura é delimitada por muros tendo o mesmo tipo de cobertura. Esta dualidade de situações verifica-se também na basílica do Rossio do Carmo e na necrópole da Achada de S. Sebastião.

Alguns enterramentos, situados a pouca profundidade, foram destruídos, na sua maior parte, já em época islâmica; noutros casos, as destruições ocorreram no século XVII, devido à construção da Igreja de Santo António, e em fins do século XIX com a abertura da estrada real e, nos inícios do século XX, com a construção do Cineteatro e de diferentes infraestruturas urbanas levadas a cabo no decurso da mesma centúria.

Quadros com a síntese dos dados de campo obtidos nas intervenções

Cineteatro Marques Duque 2001/2003						
Nº sep	NMI	Cobertura	Sexo		Idade	
1	1	Parcial/ Lajes xisto	Indeterminado		Adulto	
2	2	Parcial/ lajes xisto	Fem	Ind	Adulto	Adulto
3	1	Não	Indeterminado		Adulto	
4	0	Não				
5	1	Parcial/ pedras	Indeterminado		Infantil II	
6	0	Não				
7	0	Não				
8	0	Não				
9	0	Não				
10	0	Não				
11	0	Não				
12	0	Não				
13	0	Não				
14	0	Não				
15	1	Não	Indeterminado		Adulto	
16	1	Não	Indeterminado		Adulto	
17	0	Não				
18	0	Não				
Cineteatro Marques Duque 2004						
Nº sep	NMI	Cobertura	Sexo		Idade	
19	1	Não	Indeterminado		Pré- adulto	
20	1	Não	Indeterminado		Adulto	
21	1	Total/ lajes	Feminino		Adulto	
22	1	Não	Feminino		Adulto	
23	0	Não				
24	1	Não	Indeterminado		Adulto	
Cineteatro Marques Duque 2005						
Nº sep	NMI	Cobertura	Sexo		Idade	
25	2	Não	Ind	Indet	Infantil II	Infantil II
26	1	Não	Masculino		Adulto	
27	0	Parcial/ Lajes				
28	1	Total/ Lajes xisto	Masculino		Adulto	
29	1	Parcial/ Lajes xisto	Masculino		Adulto	
30	1	Total/ Lajes xisto	Masculino		Adulto	
31	0	Não				
32	1	Não	Indeterminado		Adulto	
33	0	Total/ lajes				
34	2	Total/ Lajes	Masc ?	Masculino	Adulto	Adulto

Rua Dr Afonso Costa 2008/2009						
Nºsep	NMI	Cob	Sexo		Idade	
1	2	Não	Indet	Indet	Adulto	Infantil
2	1	Parcial/ Lajes xisto	Indeterminado		Adulto	
3	2	Total/ Lajes e opus	Fem	Masc	Adulto	Adulto
4	1	Total/ Opus e lajes	Feminino		Adulto +- 30 anos	
5	1	Total/ pus lajes pedras	Feminino		Adulto	
6	Identificadas mas não escavada					

7	Identificada mas não escavada							
8	1	Total/ Opus e lajes	Feminino			Adulto		
9	1	Total/ Mármore, opus, pedras e lajes	Indeterminado			Adulto		
10	2	Total/ Opus, pedras e Lajes	Fem	Indet		Adulto	Adulto	
11	1	Total/ Opus, pedras e Lajes	Indeterminado			Infantil I		
12	1	Parcial/ Opus, pedras e Lajes	Masculino			Adulto		
13	3	Total/ Lajes xisto	Fem	Indet	Indet	Adulto	Adulto	Adulto
14	1	Parcial/ lajes xisto	Masculino			Adulto		
15	2	Total/ Opus, lajes	Fem	Indet		Adulto	Adulto	
16	2	Total/Mármore, pedra e lajes	Indet	Indet		Infantil II	Adulto	
17	1	Parcial/ Opus pedra e Lajes	Masculino			Pré-Adulto		
18	3	Total/ lajes xisto	Indet	Indet	Indet	Adulto	Adulto	Adulto
19	1	Total/ pedra e lajes	Feminino			Adulto.		
Rua Dr. Serrão Martins 2008								
Nº sep	NMI	Cobertura	Sexo			Idade		
1	2	Total/ Lajes xisto	Fem	Masc		Adulto	Adulto	
2	1	Total/ Lajes xisto	Indeterminado			Infantil I (4 a 4.5 anos)		
3	1	Total/ Lajes xisto	Indeterminado			Infantil I (3 anos)		
4	1	Total/ Lajes xisto	Masculino			Adulto		
5	1	Parcial/ Lajes xisto	Indeterminado			Adulto		
6	1	Não	Indeterminado			Indeterminado		
7	1	Total/ Lajes xisto	Indeterminado			Infantil I (3 a 4 anos)		
8	1	Total/ Lajes e pedras	Masculino			Adulto		
9	2	Total/ Lajes e pedras	Indeterminado			Infantil I	Infantil I	
10	1	Total/ Opus e lajes	Indeterminado			Infantil I (3meses a 1 ano)		
11	1	Total/ Lajes xisto	Indeterminado			Infantil II (6 a 7 anos)		
12	1	Total/ Tegulae	Feminino			Adulto		
13	1	Total/ Lajes	Indeterminado			Infantil I (0 a 1 ano)		
14	1	Não	Indeterminado			Infantil I (3 a 6 meses)		
15	1	Parcial/ Lajes	Feminino			Adulto		
16	1	Total/ Lajes xisto	Feminino			Adulto		
17	1	Total/ Pedras	Indeterminado			Infantil I (1 a 1.5 anos)		
18	0	Total/ Lajes xisto						
19	1	Total/ Lajes xisto	Masculino			Adulto		
20	1	Parcial/ Lajes xisto	Feminino			Adulto		
21	1	Total/ Lajes xisto	Masculino					
22	Identificada mas não escavada							
23	Identificada mas não escavada							
24	1	Total/ Lajes e pedras	Masculino			Adulto		
25	1	Total/ Opus, lajes xisto e pedras	Feminino?			Adulto		
26	1	Total/ Lajes e pedras	Feminino?			Adulto		
27	1	Total/Lajes xisto	Indeterminado			Infantil I (+- 4 anos)		
28	1	Total/ Lajes e pedras	Indeterminada			Pré-adulto(11 a 13 anos)		
29	1	Total/ Lajes xisto	Feminino?			Adulto		
30	1	Total/ Lajes e pedras	Indeterminado			Infantil I (1 a 1.5 anos)		
31	1	Total/ lajes e pedras	Feminino			Adulto		

32	Identificadas mas não escavada			
33	Identificadas mas não escavada			
34	Identificadas mas não escavada			
35	Destruídas pelo esgoto antigo			
36	Destruídas pelo esgoto antigo			
37	Destruídas pelo esgoto antigo			
38	1	Não	Masculino	Adulto
39	1	Não	Masculino	Adulto

Os dados aqui apresentados referem-se apenas à análise levada a cabo na intervenção de campo, todo este espólio osteológico deverá ser alvo de estudos em laboratório, pelo que os dados apresentados são os possíveis e são decorrentes do registo de campo.

No que se refere as sepulturas 10, 13, 15, 18 é possível que o NMI apurado em terreno não corresponda à realidade, esse número deve ser revisto aquando da análise laboratorial, podem existir mais indivíduos do que aqueles que estão aqui referenciados, uma vez que são reduções que são de difícil quantificação na fase de escavação de emergência.

Fig. 174– Vários tipos de cobertura das sepulturas.

Apesar de não se ter registado qualquer enterramento no interior da abside oeste, verificou-se que as sepulturas 12 e 17, a zona dos pés, encostava perpendicularmente à

parede lateral abside[139]. Do lado oposto situavam-se, paralelamente, as sepulturas 10 e 11 em que a cobertura em *opus signinum* encostava paralelamente à parede norte da abside, a sepultura 9 (Ue 1150) possuía vários pequenos fragmentos de uma placa de mármore cinzento conservados *in situ*. Na sepultura 16 foram também registados fragmentos de mármore anepigrafes.

Fig. 175– Cobertura das sepulturas com *opus signinum*.

Fig. 176 – Cobertura das sepulturas com *opus signinum* e lápide anepigrafe.

As sepulturas foram, maioritariamente, escavadas no afloramento rochoso e delimitadas por muretes de pedra e argamassa de cal, ocasionalmente também foram empregues tijolos e *tegulae*; na zona da cabeceira e dos pés foram empregues lajes de xisto ou *tegulae*; a cobertura era também feita com lajes de xisto e o fundo em terra ou na própria rocha base onde foram abertas. As sepulturas no interior do espaço religioso eram, maioritariamente, cobertas com o característico *opus signinum,* em que, depois das lajes, ainda havia um enchimento em pequenas pedras de xisto, dispostas em cutelo, e que elevavam a cobertura das sepulturas, situação idêntica foi também utilizada na Basílica do Rossio do Carmo ou no mausoléu.

As restantes, localizadas no exterior do edifício, recorriam a uma cobertura com lajes de xisto, embora só pontualmente se verificasse a existência de *opus signinum*.

[139] Relembra-se que estas duas sepulturas apresentam uma orientação diferente Sul-Norte das demais

Fig. 177 – Sepulturas do interior situadas junto da abside.

Seguiam, quase todas, uma orientação aproximada este-oeste, alinhavam-se segundo eixos ortogonais bem definidos, separadas por espaços estreitos e retangulares. No entanto verificam-se algumas exceções em que a orientação é norte –sul, verificando-se quatro casos no interior do espaço religioso, sendo três deles no extradorso da abside, e o quarto caso localizado defronte da mesma.

Um outro caso situava-se na rua Dr. Serrão Martins em que, para além da orientação semelhante às sepulturas anteriores, a sepultura número 6 estava sobreposta à 12. Aliás, esta última sepultura foi o único caso em que a cobertura era feita exclusivamente com *tegulae* e, no seu interior, conservava espólio constituído por uma moeda, uma lucerna cerâmica e um unguentário em vidro.

Das 92 sepulturas identificadas, 7 não foram escavadas e 3 encontravam-se destruídas por obras antigas. As restantes sepulturas escavadas possuíam restos ósseos *in situ*. Os corpos estavam, por regra, depositados em decúbito dorsal com os braços colocados ao longo do corpo ou sobre o púbis. As sepulturas que estavam localizadas no interior do templo foram maioritariamente reutilizadas e o máximo de indivíduos por sepultura observado foi de três.

Fig. 178– Sepulturas com vestígios de reutilização.

Da análise antropológica realizada no terreno foi possível identificar 54 indivíduos adultos, 3 pré-adultos e 17 infantis. A diagnose sexual foi apenas feita em indivíduos adultos e revelou 20 indivíduos femininos, 18 masculino e 40 casos cujo sexo não foi possível determinar.

As medidas das sepulturas rondam os 1,80 m de comprimento, os 0,40 m de largura e os 0,50 m de profundidade. Embora as medidas diminuam consideravelmente nas sepulturas de crianças e de jovens, que por vezes recorre somente a quatro lajes de xisto, dispostas na vertical, formando uma caixa retangular que albergava os defuntos de pouca idade.

Na parte exterior, as sepulturas integradas na necrópole organizam-se, em geral, em fileiras paralelas. Neste caso as sepulturas organizam-se em cinco fileiras paralelas. Na parte interior da basílica as sepulturas estão organizadas em função do espaço disponível deixado pelas construções, registando-se uma forte concentração de sepulturas que, inclusive, se fazem implantar nos supostos vãos de passagem.

Fig. 179– Disposição das sepulturas da nave sul.

O ritual funerário consistia no transporte até ao local, num esquife, com a deposição do cadáver na sepultura. Sabemos, também, que a decomposição dos cadáveres se fez no interior da sepultura, num espaço vazio, fato este constatado pela desarticulação parcial de alguns componentes ósseos, a mandíbula e as rótulas, depois do processo de putrefação do cadáver. Apenas no caso da sepultura número 3, da Rua Dr. Serrão Martins, se verificou a existência de pregos que podem indiciar a utilização de padiola ou de um caixão de madeira.

Neste cemitério apenas se regista um caso que pode ser relacionado com o costume do pagamento do óbolo a Caronte (com a colocação de uma moeda na mão ou na boca) frequente na época. Refira-se que na sepultura 6, da Rua Dr. Serrão Martins, a única moeda encontrada situava-se na zona da cabeceira, sendo a sepultura onde foi registada a maior quantidade de espólio funerário. Este ritual funerário, bem como a realização de banquetes em honra dos defuntos, foi condenado pela Igreja através do

cânon LXXIX, do concílio de Braga de 572, que proíbe levar alimentos aos túmulos dos defuntos ou oferecer sacrifícios em honra dos mortos (Vives, 1963:120).

Como refere M. Wolfgam, os enterramentos seguramente cristãos serão aqueles que têm inscrições paleocristãs e/ou artefactos cristãos, ou que estão dentro ou nas imediações das igrejas paleocristãs e cuja análise estratigráfica comprove a contemporaneidade. Nesta categoria temos o caso de Silveirona (Estremoz), de Vila Verde de Ficalho (Serpa), da Herdade da Galharda (Vila Viçosa) em que a inscrição de Domitia foi encontrada *in situ*, ou ainda a sepultura de Terrugem (Elvas), as sepulturas dentro e contra a igreja de Torre de Palma (orientadas paralelamente a esta), na *ecclesia in villae* no Monte da Cegonha (Vidigueira), em Vila Verde de Ficalho e em S. Cucufate (Wolfgam, 2011: 117). Registe-que todos estes casos se situam em ambiente rural, no entanto pouco diferem das basílicas situadas no *suburbium* de Mértola.

A quantidade de enterramentos é uma das maiores variantes nas necrópoles conhecidas deste período e variam desde a necrópole de Santa Marinha, situada nas proximidades de Castelo de Vide, que era constituída por dezasseis sepulturas, escavadas no solo e estruturadas por lajes de granito, orientadas poente-nascente e organizadas em três filas até, na mesma zona, o cemitério da Azinhaga da Boa Morte, que era constituído por sete sepulturas com aquela mesma orientação (Rodrigues, 1978:14, 15, 83).

Na necrópole de Las Huertas (Pedrera, Sevilha), as cinquenta e quatro sepulturas identificadas organizavam-se em seis linhas, dispostas norte-sul, enquanto a orientação das câmaras era poente-nascente (Fernández Gómez, Oliva Alonso e García de Leániz, 1984).

A necrópole do Cineteatro apresenta uma quantidade de sepulturas modesta, se comparada com os extensos cemitérios, como o caso de El Carpio del Tajo, onde se contaram 275, com as 291 de Duratón (Segóvia) ou as quase três centenas de Cacera de las Ranas (Madrid), ricas em espólio funerário metálico (Molinero, 1948; Ardanaz Arranz, 2000: 230) ou, ainda, com as 234 de Segóbriga (Cuenca) (Almagro, 1975; Ripoll, 1985: 21).

No território português, Varela Gomes cartografa 23[140] necrópoles com horizontes cronológicos, situáveis entre o séculos V-VII (Gomes, 2002: 388), e que apresentam algumas características comuns com o cemitério em estudo de Mértola.
Neste cemitério nada aponta para a existência de sepulturas privilegiadas, no entanto é de registar que, algumas sepulturas situadas no extradorso da abside, possuem uma orientação distinta, das quais a sepultura 17, a única sepultura escavada com espólio.

Durante a Antiguidade Tardia foi prática corrente o enterramento dentro das igrejas peninsulares, realidade à qual os templos de Mértola não ficaram indiferentes. No panorama peninsular podemos verificar enterramentos dentro das igrejas nomeadamente: 38 Vega del Mar, 30 em El Germo e 65 em Casa Herrera (Macias, 1993: 47). Em Gerena, no entanto, das 42 sepulturas registadas apenas 6 estão dentro do edifício de culto. Na basílica de Santa Eulália, em Mérida foram identificados 73 enterramentos, repartidos entre sepulturas construídas por tijolos e ladrilhos, ou por placas de mármore, ou ainda, por sarcófagos retangulares monolíticos (Mateos, 1999: 52 e 53). No interior da basílica S^{a}. Carrotxa, Maiorca foram identificadas 34 sepulturas (Palol, 1967: 13-15, fig.3).
No caso de Mértola registaram-se no interior da basílica do Rossio do Carmo 95 sepulturas e 17 no exterior da igreja (Macias, 1993: 48). No interior da basílica do Cineteatro registaram-se 52 sepulturas e 46 no exterior.
Inumações foram também registadas, El Gatilhlo - Cáceres (Caballero, 1989: fig.2), ou no Monte da Cegonha - Vidigueira (Lopes e Alfenim, 1995: 395).

6.1.2.6 O Espólio arqueológico

O espólio arqueológico que poderemos associar aos enterramentos é diminuto, e a maioria das sepulturas não apresentava qualquer espólio votivo, mesmo nas sepulturas seladas pela cobertura com lajes de xisto e *opus signinum*. Contudo, na Rua Serrão Martins, verifica-se a existência de espólio e seis sepulturas: a sepultura 3 apresentava

[140] Poço dos Mouros (Silves); Retorta (Loulé); Torre de Apra (Loulé); Bensafrim (Lagos); Alcaria (Monchique); Padrão (Vila do Bispo); Barranco da Alcaria (Aljezur); Tavira (Tavira); Mértola (Mértola); Beja (Beja); Terrugem (Elvas); Chaminé (Elvas); Padrãozinho (Vila Viçosa); Vaiamonte (Monforte); 1Silveirona (Estremoz); Santa Marinha (Castelo de Vide); Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide); Alto da Peça (Cascais); Abuxarda (Cascais); Murches (Cascais); Talaíde (Cascais); Casais Velhos (Cascais); Pedreira (Abrantes) (Gomes, 2002: 388)

10 pregos de ferro, dos quais 6 se encontravam *in situ*; a sepulturas 4 e 5 apresentavam fragmentos de cerâmica que, dado o seu estado de degradação, não nos permite qualquer análise morfológica e cronológica; a sepultura 12 apresentava uma moeda e um unguentário na zona da cabeceira, sob as *tegulae,* e uma lucerna junto ao pé direito.
Deste espólio votivo apenas a lucerna de disco (tipo Dressel/ Lamboglia 20) e o unguentário de vidro, (tipo Isings 27) nos situam cronologicamente nos finais do século III e o decurso do IV. O mau estado de conservação da moeda não nos permite qualquer leitura e/ou datação.
Nas sepulturas 21 e 39 foram registados fragmentos de vidro junto ao fémur esquerdo mas o mau estado de conservação, e a exiguidade dos fragmentos, não permitiram perceber a forma.

Na Rua Dr. Afonso Costa, na sepultura nº 17, onde foi sepultado um individuo pré adulto do sexo masculino, foram encontradas duas fivelas de bronze, uma sobre o ilíaco direito e a outra no lado exterior do tornozelo direito. As fivelas encontram paralelismo em vários peças similares encontradas em cemitérios peninsulares, tais como na necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez, 1948: 143), necrópole de Afligidos "O" em Alcalá de Henares (Fernandez - Galiano 1976: 48), em Balsa, Tavira (Coleção privada de Joaquim Pacheco) e de Alcaria, em Caldas de Monchique (Almeida, 1962: 342), na necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues, 1978: 15; 83; 97), ou no fuzilhão de Conimbriga (Alarcão *et al.* 1979: 101; lâmina XXI, no 74), ou de uma fivela Torre de Palma (Arezes, 2010), datadas do século V – VII. Menos frequente foi o aparecimento de uma presa de javali que foi encontrada no interior da sepultura 13. Apesar deste elemento não ter qualquer vestígio de orifício para suspensão, mas pelo facto de ter aparecido ao nível do cotovelo esquerdo afigura-se como um possível adorno.
Acresce, a este grupo diminuto de sepulturas com espólio funerário, uma sepultura que Estácio da Veiga escavou no local, em 1876, e registou "aos pés uma defeza de cabra, parecendo intencionalmente ali collocada como objecto de superstição" (Veiga, 1983: 120).. Estaremos perante sobrevivência de cultos pagãos num cemitério cristão? Ou a convivência dos dois cultos no mesmo espaço? Leite de Vasconcellos (1897: 120-135) dedicou o subcapítulo do volume I, da sua obra "Religiões *da Lusitania",* aos "Amuletos *constituídos por dentes",* referindo as muitas crenças que integravam tais elementos

entre os romanos mas, também, entre populações modernas de diferentes regiões da Europa e refere sítios arqueológicos de vários períodos históricos, como são os casos de Argar (SE da Espanha), com uma ocupação funerária em que apareceram dentes de javali com orifícios, ou nos cemitérios gauleses de Marne (Norte de França) e Arles (Sul da França) onde foram registados dentes de javali perfurados interpretados como amuletos. O mesmo autor apresenta também dois dentes de javalis perfurados, provenientes das grutas da Casa da Moura (Cezareda) e da gruta da Furninha (Peniche) (Vasconcelos, 1913: 130).

O mesmo autor refere, também, que as seis sepulturas escavadas apresentavam restos ósseos de adultos em muito mau estado de conservação.
A nível da cerâmica é de registar a exiguidade dos casos: apenas um fragmento de prato com uma cruz foi encontrado no interior do espaço edificado, os restantes fragmentos (de uma lucerna e de um prato) apareceram nas escavações realizadas no anexo sul do cineteatro e provêm de camadas de remeximento. A localização e a decoração destes fragmentos levam a pensar na utilização destas peças no contexto da liturgia.
O aparecimento de tesselas de calcário nas imediações do templo sugere que algumas das sepulturas poderiam ter tido uma cobertura em mosaico, contudo nenhuma delas se conservou *in situ*.

Os escassos elementos epigráficos, que poderemos relacionar com os enterramentos, são constituídos por 10 inscrições, que se encontram incompletas e fragmentadas, e correspondem a pequenos restos de epitáfios gravados em placas de mármore cinzento, encontrados dispersos, não se tendo registado nenhum fragmento *in situ* na cobertura dos túmulos.
Os trabalhos arqueológicos, realizados entre 2001 e 2005, revelaram três inscrições. A primeira trata-se de dois pedaços de mármore, que permitiram colagem, e que apresentam como motivo decorativo um arco e uma palmeira[141]. Do campo epigráfico apenas se conservou o que nos parece ser um "S". A segunda é um fragmento de lápide funerária que possui, como motivos ornamentais, uma coluna e um capitel. Da inscrição

[141] CTMD/2001/sector IV, cont. 104

funerária apenas existe a letra "V"[142]. Da terceira apenas é percetível um pequeno sulco na vertical que, possivelmente, delimitaria o campo epigráfico[143].

Os restantes fragmentos provêm da intervenção arqueológica, levada a cabo em 2008/2009, que proporcionaram a descoberta de um epitáfio em grego, em que é visível um círculo no qual se inscreveria uma cruz pátea. As restantes inscrições correspondem a epitáfios, com carateres latinos, e apenas num caso conserva a decoração feita com elementos vegetalistas estilizados. Destaca-se, pela sua raridade, o fragmento decorado com arco e pomba, pois é a primeira vez, em Mértola, que aparece uma pomba a ladear uma coroa ou um arco.

As decorações que apresentam poderiam incluir-se na temática dos arcos com colunas. É de realçar, desde já, que o motivo decorativo da palmeira não se encontra representado nas lápides funerárias proveniente da basílica, cujo espólio foi estudado por Manuela A. Dias. Contudo, a palmeira possui paralelos numa inscrição encontrada em Córdova, pertencente a *Teodosius*, datada de 562 (CIL II, parte 7, nº. 657).

Mais frequente é a decoração com coluna e capitel que delimitam o campo epigráfico, existindo, na basílica do Rossio do Carmo, oito lápides com esta decoração, sendo o motivo mais frequente neste cemitério. Aquando da intervenção de Estácio da Veiga no local, foi-lhe oferecida uma inscrição retirada "de uma das muitas sepulturas que os trabalhos públicos completamente destruiram" (Veiga, 1983: 117). Trata-se de uma lápide funerária, em mármore cinzento, e com a inscrição gravada em caracteres gregos, incompleta nas últimas linhas, o que fez perder possivelmente a sua datação. A inscrição foi estudada por Hübner, que propôs a seguinte tradução: "Aqui Morreu Zózimo filho de Polynios (…)"(Veiga, 1983: 118). Esta lápide encontra-se hoje nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia. Em 1887, Estácio da Veiga adquiriu duas outras inscrições que, pelas indicações referidas na sua obra, provêm do mesmo local. Assim, "uma belíssima lamina de mármore granular branco, de notável translucidez" (Veiga, 1983: 98), apresentando o epitáfio de *Donata*, datada do ano de 465 (Dias, 1997: 330). O mesmo autor dá notícia do aparecimento, no interior da sepultura, de um anel "de dedo muito delgado", que, no entanto, a pessoa que o encontrou deitou fora por se tratar de um objecto em cobre (Veiga, 1983: 98). Nas imediações "junto à valeta

[142] CTMD/2001/sector IV, cont. 194
[143] CTMD/2001/sector IV, cont. 194

e quasi em frente" (Veiga, 1983: 101), da ermida de Sto. António foi recolhido e oferecido ao autor o epitáfio de *Orania*. A leitura da inscrição, feita por Estácio da Veiga, data esta epígrafe de 511(Veiga, 1983: 102). No entanto, Manuela A. Dias apresenta uma nova leitura epigráfica, que muda a datação para 503 (Dias, 1993, 118; Dias e Gaspar, 2006, 65-68). Um outro epitáfio cristão foi recolhido pelo autor: "achou-se este monumento quando se abriu a estrada de Mértola para Beja" (Veiga, 1983: 108), não se sabe o nome da pessoa ou a quem era dedicada, embora, segundo o autor, se trate de uma serva de Deus, que viveu setenta anos, "P[lus]M[inus] pouco mais ou menos e descansou na paz do Senhor no dia antes das kalendas de fevereiro da era de 556" ou seja 31 janeiro de 518 (Dias e Gaspar, 2006, 77).

Das treze epígrafes, provenientes deste local, duas foram gravadas com caracteres gregos e oito com caracteres latinos, uma apenas conserva parte da decoração. Note-se que é a primeira vez, neste cemitério, que uma inscrição grega segue modelos decorativos das inscrições latinas.
Pelos dados recolhidos e publicados por Estácio da Veiga, bem como pelas recolhas de materiais feita nas imediações do local, que incluíram o já abordado capitel e o fragmento de cancela, a par das duas bases de coluna em mármore provenientes das escavações arqueológicas efetuadas entre 2001 e 2009, infere-se a existência de um templo religioso que albergava enterramentos. Fica ainda por esclarecer com precisão a tipologia do edifício.

À luz das novas interpretações referentes à topografia histórica de Mértola, pelos materiais arqueológicos recolhidos em valas, bem como as sondagens e pelas intervenções arqueológicas desenvolvidas e ali realizadas pela equipa do C.A.M, a que acresce o conjunto de vestígios arqueológicos referidos por Estácio da Veiga, o local foi identificado como um templo paleocristão. Fica demonstrado que existia um conjunto de sepulturas no interior do espaço edificado, ao que se segue um espaço, em que não se registaram enterramentos – suponho que se trata da área onde Estácio da Veiga registou os seis enterramentos destruídos aquando da abertura da estrada, possivelmente por se situarem a uma cota mais elevada. Ficou também documentado que a necrópole se prolongava no exterior do edifício religioso, para sul na direção das muralhas da cidade.

Ambas as situações se verificam na basílica do Rossio do Carmo e em edifícios similares da Península Ibérica. Sabemos, através do Cânone XVIII, do I Concílio de Braga (ano de 561), que era proibido dar sepultura aos cadáveres no interior das basílicas (Puertas Tricas, 1975: 90). Apesar da proibição eclesiástica, verifica-se que o epitáfio de Antonina, datado de 571 (Dias e Torres, 1984: 13), que ainda se encontra *in situ* na nave lateral norte da basílica do Rossio do Carmo, a par de sete exemplares epigráficos, vem provar a existência de enterramentos no interior desta basílica. Terá acontecido o mesmo no templo do sítio do atual Cineteatro, em que o solo era constituído pelo *opus signinum* que cobria as sepulturas e servia simultaneamente de pavimento da basílica.

A insuficiência de dados não nos permite falar de sepulturas privilegiadas, pois apenas um enterramento situado no interior da basílica possuía espólio funerário. No entanto, assinale-se que este enterramento se situava nas proximidades da abside. No interior do espaço edificado regista-se uma forte concentração de túmulos, bem como o facto da maior parte das sepulturas terem sido reutilizadas várias vezes, conforme se prova pelos ossários, acumulados em regra, aos pés de cada enterramento. A última deposição dos corpos são a prova de um ritual de enterramento que implicava a colocação da cabeça a oeste, olhando para leste. Serão as duas exceções verificadas, em que a deposição da cabeça se fez a sul, olhando para norte, uma prova de diferença, acresce ainda que uma destas sepulturas é a única que, no interior do espaço edificado, possuía espólio funerário.

No interior da basílica, apesar de não termos escavado a totalidade da área que o edifício ocuparia, foram registados 53 enterramentos, o que mostra bem o empenho e a vontade de ser enterrado no interior deste espaço de culto. Situação análoga com enterramentos dentro das igreja verificou-se em Vega del Mar, com 38 enterramentos; El Germo com 30 enterramentos e, em Casa Herrera, 65 enterramentos. Foram também registadas inumações no interior das basílicas de Carrotxa, nas ilhas Baleares (Palol, 1967: 13-15, fig 3), El Gatilho Cáceres (Caballero, 1989, fig. 2) ou na basílica do monte da Cegonha Vidigueira (Lopes e, Alfenim 1995: 395) ou, em menor número, em Ibahernando (Cerrillo, 1983: fig 4). Na basílica de Gerena, das 42 sepulturas escavadas, apenas seis se encontravam dentro do espaço de culto (Fernandes Gomez, 1987: 103-109)

6.1.2.7 Cronologia da Basílica

A igreja que acabei de abordar inscreve-se no grupo das basílicas de planta retangular, possivelmente com duas absides contrapostas interiores. Este tipo de edifício parece ter tido uma origem norte-africana. Esta forma, originária da atual Tunísia, teria chegado à Península Ibérica com modelos bem definidos, não vindo depois a evoluir (Cerrillo, 1978: 10). A mesma opinião não é compartilhada por Duval, que põe em causa que tenha existido uma comunidade litúrgica hispano-africana em época paleocristã (Duval, 2000b: 21). Ao que acresce a opinião de A. Arbeiter que, às considerações de ordem litúrgica, acrescenta as evidências cronológicas que advogam para a não dependência dos modelos construtivos peninsulares dos norte africanos, referindo que "o monumento de Casa Herrera, com uma cronologia em torno de 500, tinha boas perspetivas de adiantar-se a uma eventual irradiação norte africana" (Arbeiter, 2003: 195). O mesmo autor aponta ainda o caso da basílica de Torre de Palma, onde a reescavação do monumento proporcionou a descoberta de um conjunto de moedas constantinianas, o que obrigam a considerar a sua primeira etapa construtiva da segunda metade do século IV, em torno de 360. Não obstante, foi defendido pelos seus escavadores o esquema das absides contrapostas, ou seja, não foi construído na fase inicial da basílica (Maloney 2000: 105-120). Outro dos casos apontados é o da basílica do Rossio do Carmo, em Mértola, em que os dados epigráficos apontam para um *terminus ante quem* dado por uma inscrição funerária datada de 462 (Macias, 1993: 54; Dias e Gaspar: 2006: 53). A. Arbeiter defende que este modelo é uma "invenção genuinamente hispânica", com um prolongamento até cerca de 600, com a construção de El Germo (Arbeiter, 2003, 195).

Ao nível da datação, os dados arqueológicos provenientes da escavação realizada são pouco precisos, mas é de supor que se trata de um edifício religioso, possivelmente em culto e a receber enterramentos dentro dos seus muros, desde a segunda metade do século V, e que funcionou até meados do século VI. As lápides recolhidas por Estácio da Veiga, as únicas que aportam dados cronológicos, têm como limites os anos situados entre 465 e 518, o que nos indica uma utilização, de pelo menos, durante 53 anos, deste espaço religioso. Sendo contemporânea da basílica do Rossio do Carmo, ou das basílicas de Torre de Palma e de Casa Herrera, com cronologias que apontam para os finais do

século V, ou primeira metade do século VI (Cerrilho, 1978:11; Macias, 2006: 263), ou o mausoléu de Mértola onde foram exumadas epigrafes com datação situadas entre 522 e 566. O facto de continuarem a aparecer novos textos epigráficos, tanto gregos como latinos, nos mesmos espaços funerários, com segurança, desde os anos 20 do século VI, reforça a ideia de estarmos perante uma única comunidade de fala, onde as duas línguas coexistiam (Dias et alli, 2013).

A escavação arqueológica não nos permitiu saber quando é que a basílica e a necrópole deixaram de funcionar, contudo, apesar das indicações epigráficas nos remeterem para um intervalo situado entre 465 e 518, é perfeitamente admissível que a sua construção se iniciasse em meados do século V, tendo-se prolongando a sua utilização pelas centúrias seguintes.

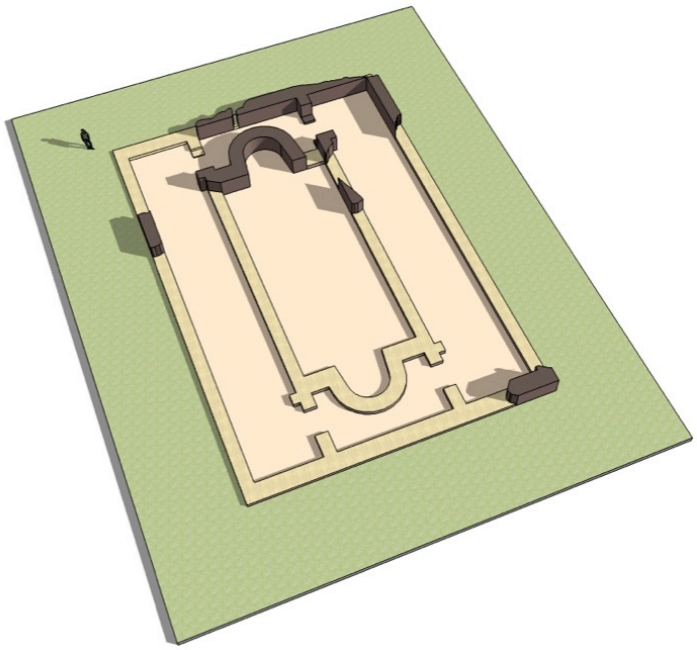


Fig. 180– Proposta de planimetria da basílica do cineteatro.

As estruturas, e os materiais arqueológicos que se sobrepõem às sepulturas, sugerem que o local, onde a basílica e a necrópoles foram edificados, mudou de funções, passando a ser um local onde se implantaram as habitações do arrabalde islâmico.

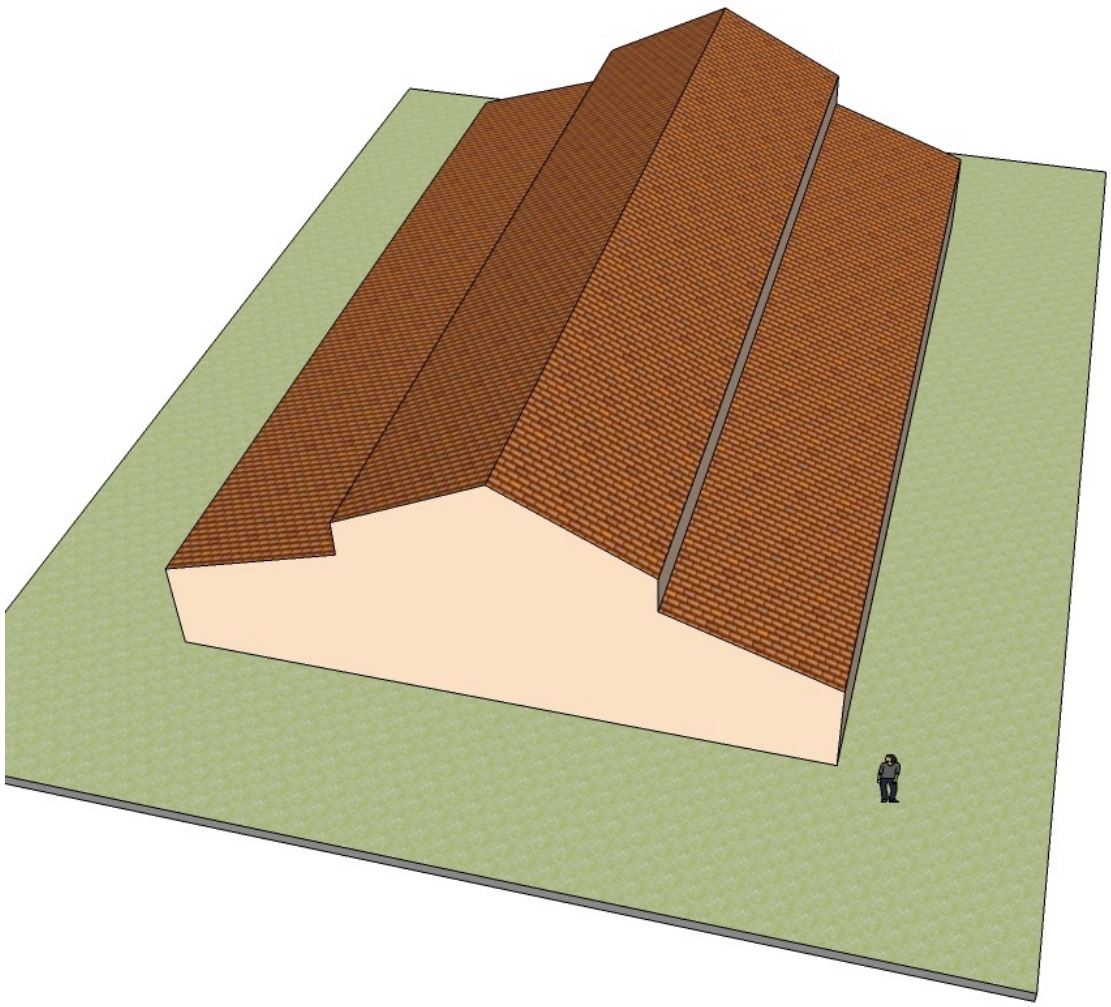


Fig. 181– Proposta de reconstituição volumétrica da basílica do cineteatro.

6.1.2.7.1 Catálogo de Materiais

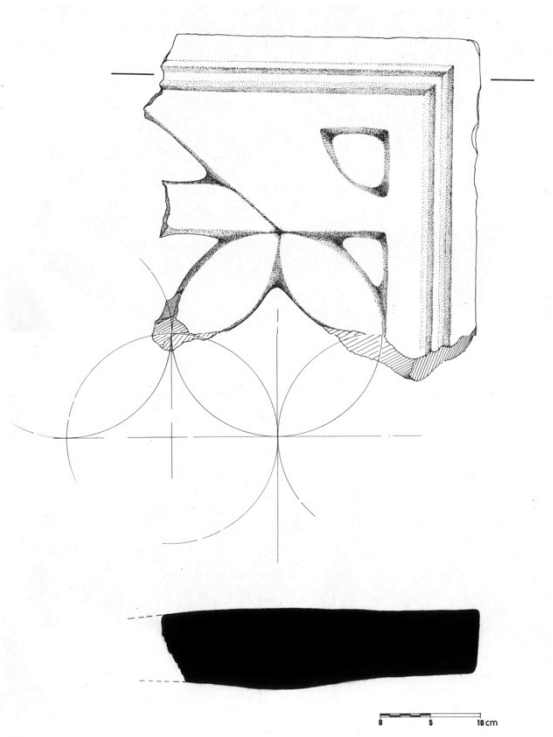
Nº catálogo: 124
Nº inventário: MR.CP.0003

Identificação: Capitel de tipo corintizante, de mármore branco de grão médio. Exemplar completo, embora muito desgastado devido a uma prolongada fricção.
Descrição: Partindo do plano da base circular, a primeira coroa de acanto de traço ainda naturalista alarga para o segundo registo já quadrangular em que cada um dos lados suporta um talo central que se bifurca para enrolar nas volutas.
Dimensões: Altura 28 cm, largura máxima 50 cm, largura mínima 20 cm.
Cronologia: Séculos VII- VIII (Torres *et alii*, 1991, 39); Século V-VII (Limão, 2010, 465)
Proveniência Rua Dr. Afonso Costa nas imediações da Basílica do CTMD.
Bibliografia: Torres et alli, 1991, 39; Limão, 2010, 465.

Nº catálogo: 125
Nº inventário:

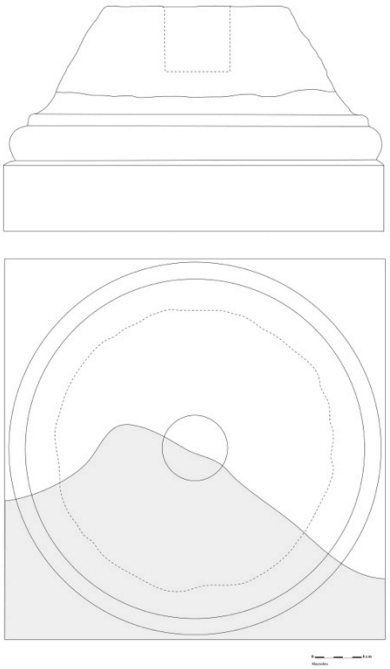
Identificação: Capitel de mármore cinzento de grão médio. Incompleto e desgastado.
Descrição: o cesto do capitel possui duas coroas de folha lisa e dobradas. Da segunda coroa de folhas emergem, nos cantos, folhas que vão dar origem às volutas dos vértices do ábaco. O ábaco apresenta uma forma côncava com o seu alçado liso. No centro do ábaco, de cada lado, existe um motivo de forma de trapézio no entanto muito desgastado.
Dimensões: Altura 20,5 cm, largura máxima 32, diâmetro da base 19 cm.
Cronologia: Século IV (Limão, 2010: 516)
Proveniência M/08/ Rua Serrão Martins, (níveis de entulhos decorrentes da abertura de passeios).
Bibliografia: Limão, 2010: 516.

Nº catalogo: 126
Nº inventário: MR.CC.0003
Identificação: Fragmento de cancela. Mármore branco de grão médio.
Descrição: A peça é decorada com uma sequência vazada de círculos secantes, delimitada por duas caneluras paralelas.
Dimensões: Altura 37 cm; largura 33 cm; espessura 8 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Valas abertas em frente da antiga capela de S. António, atual Cineteatro Marques Duque em 1993 (Rua Dr. Afonso Costa).
Bibliografia: Lopes, 1993: 95.



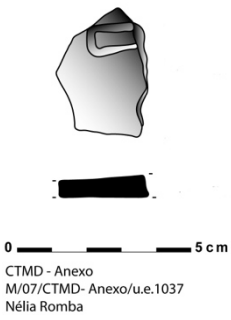
Nº catálogo: 127
Nº inventário:
Identificação. Fragmentos de base de coluna de mármore branco de grão fino
Descrição. Base composta por plinto, toro e escócia. Possui um orifício no centro possivelmente para a sua fixação.
Dimensões: Altura 23; largura 50 cm; espessura 20 cm.
Cronologia:
Proveniência:
M/07/CTMD/Anexo/u.e.1001
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 128
Nº inventário:
Identificação. Fragmentos de base de coluna de mármore branco de grão fino
Descrição. Base composta por plinto, toro e filete, a partir deste ultimo elemento a peça reduz o diâmetro. Possui um orifício no centro para a fixação do fuste.
Dimensões: Altura 24; largura 41 cm; diâmetro do orifício 7 cm.
Cronologia: Séculos VI -VII
Proveniência: Recolhido na barreira situada a nascente do cineteatro em 2013.
Bibliografia: Inédito

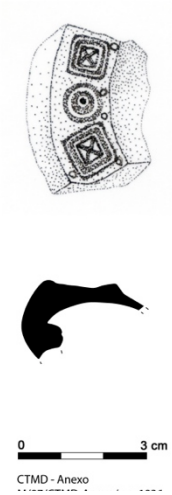


Nº catálogo: 129
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fundo de prato, forma indeterminada.
Descrição: No fundo interior possui uma estampilha com uma cruz (tipo Hayes estampilha 311e, estilo E(i)) (Hayes, 1972: 276).
Dimensões: Altura 2,7 cm; largura 2,7 cm; espessura 0,4 cm.
Cronologia: séculos V- VI d.C
Proveniência: M/08/R. Afonso Costa/u.e.1022
Bibliografia.

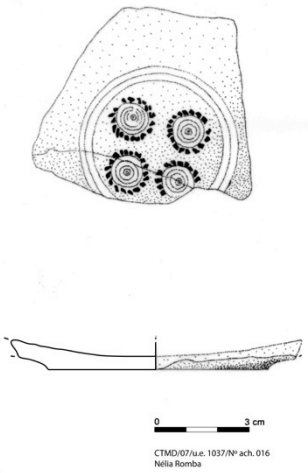
Nº catálogo: 130
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fundo de prato, forma indeterminada.
Descrição: No fundo interior possui uma estampilha com uma cruz (tipo Hayes estampilha 311e, estilo E(i)).
Dimensões: Altura 3,8 cm; largura 2,6 cm; espessura 0,6 cm.
Cronologia: séculos V- VI d.C
Proveniência: M/07/R. Afonso Costa/u.e.1037
Bibliografia. Hayes, 1972, 276.



Nº catálogo: 131
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna
Descrição: Fragmento de disco de lucerna. O disco encontra-se decorado com uma sequencia de círculos e quadrados semelhante a um exemplar de Cartago (Museu de Cartago Ennabli 1976, n º 1258; Bonifay, 2004: 383 nº28, lucerna tipo 55).
Dimensões: Altura 1,9 cm; largura 2,9 cm; espessura 0,7 cm.
Proveniência: M/07/CTMD – Anexo/u.e.1036
Cronologia: Século VI d.C.
Bibliografia. Inédita.



Nº catálogo: 132
Nº de inventário:
Identificação: Fragmento de prato terra sigillata clara D
Descrição: Dois fragmentos de fundo de prato de forma indeterminada. No fundo interior possui uma decoração constituído por quatro estampilhas inseridas num círculo. As estampilhas são compostas por rodas dentadas, no exterior, e círculos concêntricos no interior. (Hayes, 1972: 236, fig 40 estilo A(iii)). Bonifay, 2004, 192.
Dimensões: Altura 0,8 cm; largura 7 cm; comprimento 6,8 cm, espessura 0,6 cm.
Proveniência: M/07/CTMD – Anexo/u.e.1037
Cronologia: Segunda metade do século V d.C.
Bibliografia. Inédita.



Nº catálogo: 133
Nº inventário: 75
Identificação: AE3, Constâncio II (?), casa da moeda indeterminada,
Descrição: Anverso: Ilegível; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado.
Rev.: Ilegível; tipo Fel Temp Reparatio; Soldado atacando cavaleiro derrubado.
Dimensões: Peso 1,50 g; diâmetro 15mm; eixo 6h.
Proveniência: M/CTMD 2001/Sector IV/Cont. 128
Cronologia: 353-358 d.C.,
Bibliografia. Inédita.

Nº catálogo: 134
Nº inventário: MM. CR.00077
Identificação: Unguentário de vidro, tipo Isings 27;
Descrição: Em forma de proveta, bordo arredondado com pequena saliência para vazamento, corpo de forma tubular, com o depósito ligeiramente mais largo. O perfil da base é curvo o que impede o seu assentamento.
Dimensões: Altura máxima 9,3 cm; diâmetro do bordo 1,6 cm; diâmetro máximo 2,1 cm; espessura 0,1 cm.
Cronologia: Séculos I-IV d.C.
Proveniência: M/08/Rua Serrão Martins/ sepultura de inumação nº. 12 - u.e. 2056
Bibliografia: Lopes, 2012: 110.

Nº catálogo: 135
Nº inventário: MM. CR.00096
Identificação: Lucerna de disco tipo Dressel/Lamboglia 20.
Descrição: Como elemento decorativo, uma moldura simples no disco fazendo a separação da orla.
Dimensões: Altura 3,5 cm; diâmetro 8,5 cm; espessura 0,3 cm.
Cronologia: Século III – IV d.C..
Proveniência: M/08/Rua Serrão Martins/u.e. 2033/sep6/Nº achado 2028
Bibliografia: Lopes, 2012: 117.

Nº catálogo: 136
Nº inventário:
Identificação: Asse; cobre; Augusto; Iulia Traducta (Algeciras, Cádiz).
Descrição
Anverso: Ilegível [PERM – CAES AVG]. Cabeça nua de Augusto, à esquerda.
Reverso: Ilegível. IV[LIA]/TRAD], dentro de coroa de louros. Este exemplar será um asse do reinado de Augusto, de IVLIA TRADVCTA (Vives y Escudero, 1924: 115-116. Estampa CLXIV, n.º 3 e 13) ou EBORA (Vives y Escudero, 1924: 119. Estampa CLXV, n.º 2).
Dimensões: Peso 7,62 g; diâmetro 24 mm; eixo 3.
Proveniência: M/RSM 2008/u.e 2057/Sepultura 12

Cronologia: 13-12 a.C.
Bibliografia. Inédita.

Nº catálogo: 137
Nº inventário:
Identificação: Fivela em bronze
Descrição: Peça fundida em molde, com contorno aproximadamente oval. Mantém ainda o fuzilhão, de agulha rectilínea e dotado de gancho recurvo, ligeiramente dobrado na extremidade, o qual se articula na base do aro, de espessura mais reduzida.
Na superfície frontal, na parte superior do anel, observa-se uma depressão, possivelmente provocada por desgaste no local de apoio do fuzilhão.

Existem paralelos para esta peça nomeadamente a fivela descontextualizada, recolhida na necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 147; lâmina XXVIII, fig. 3, no 38 a). Fivela exumada na sepultura 160 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 123, fig. 40, no 5; 124). Ou ainda uma peça proveniente de Quinta de Marim com uma cronologia situada no século VI (Arezes, 2010, Fv - 21 Est. LI, fig. 143, 144 e 145, no 1, 2 e 3). Embora Graen aponte uma cronologia situada nos séculos VI-VII (Graen, 2007: 284).
Dimensões: Altura 35 mm; largura 22 mm; comprimento do fuzilhão 35 mm; espessura máxima do aro 8 e mínima 4 mm.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: M/ 2009, R. Dr. Afonso Costa, u.e. 1175, sep. 17.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 138
Nº inventário:
Identificação: Fivela em bronze, fundida a molde com contorno aproximadamente oval.
Descrição: A peça é lisa não apresentando qualquer decoração. Mantém ainda ligado o fuzilão , de forma retilínea e dotado de um gancho recurvo, ligeiramente fragmentado na extremidade, o qual se articula na base do aro, de espessura mais reduzida. Existem paralelos nomeadamente a fivela exumada na sepultura

10 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 143; lâmina XXV, fig. 2). Fivela recolhida na necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Fernandez - Galiano 1976: 48, fig. 27.9). Fivela de Balsa, Tavira (Colecção privada de Joaquim Pacheco) e de Alcaria (Caldas de Monchique) (Almeida 1962: 342; lâmina LXIV, fig. 349-350). Fivela da necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues, 1978: 15; 83; 97). Fuzilhão de Conimbriga: Fu - 06 (MMC, inv. 68.43) (Alarcão *et al.* 1979: 101; lâmina XXI, no 74), com cronologia atribuída ao século VI (idem: 97) ou ao intervalo compreendido entre 480/490 a cerca de 525 (Ripoll López 1998: 48-49). Ou ainda uma peça proveniente de Torre de Palma com uma cronologia situada entre o último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI (Arezes, 2010, Fv - 24 Est. LIV, fig. 152, 153 e 154, no 1, 2 e 3. Est. LV, fig. 155, 156 e 157, no 1, 2 e 3) .

Dimensões: Altura 25 mm; largura 15 mm; comprimento do fuzilhão 20 mm; espessura do aro 3 mm.

Cronologia: Séculos VI-VII

Proveniência: M/ 2009, R. Dr. Afonso Costa, u.e. 1175, sep. 17.

Bibliografia: Inédita

6.1.3 O Mausoléu

6.1.3.1 Localização e caracterização

As obras de requalificação do eixo comercial de Mértola, realizadas entre Março de 2008 e Fevereiro de 2009, puseram a descoberto um conjunto importante de vestígios arqueológicos de vários períodos no espaço do subúrbio da cidade. Os achados mais importantes foram a necrópole de incineração do Alto Império, um depósito de ânforas de finais do século I d.C., uma basílica paleocristã associada a uma necrópole do mesmo período, um edifício funerário, vestígios do arrabalde islâmico do século XII e um conjunto de estruturas fortificadas que defendiam as chamadas Portas de Beja na Baixa Idade Média.

Aproximadamente a 130 m, na Rua Afonso Costa, a norte da basílica paleocristã do Cineteatro Marques Duque, as obras permitiram pôr a descoberto um conjunto de estruturas monumentais encaixadas no terreno rochoso, pertencentes a um edifício funerário da Antiguidade Tardia.

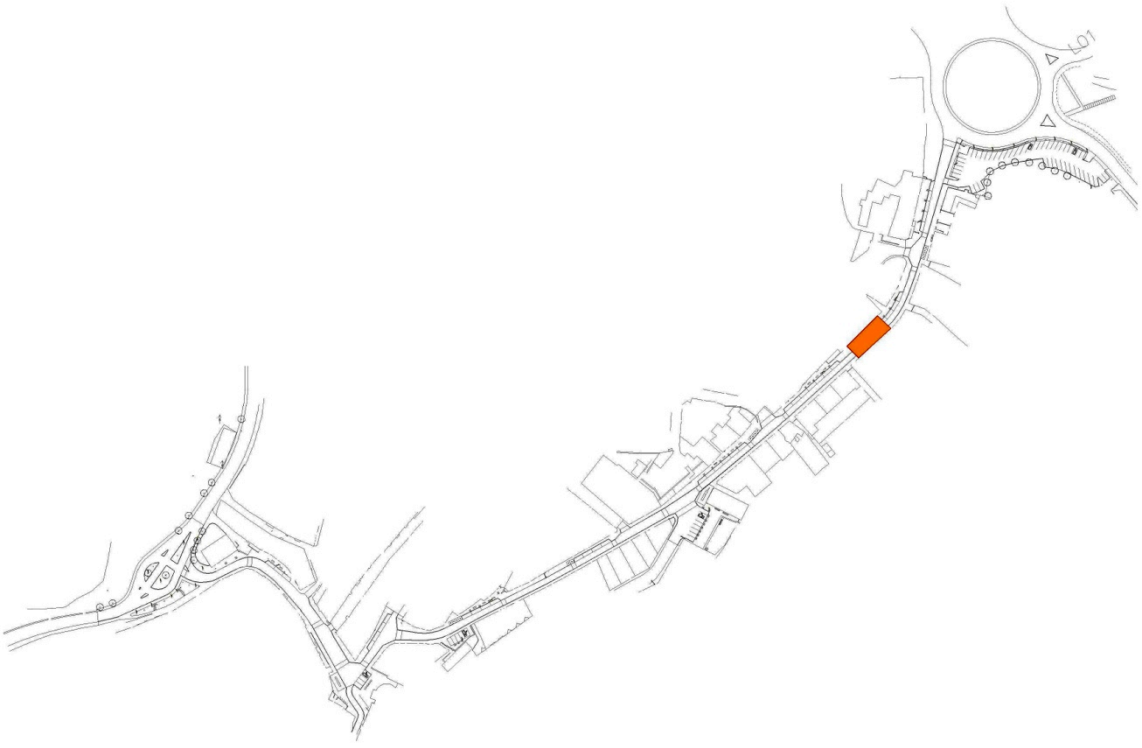


Fig. 182– Localização da escavação do mausoléu..

6.1.3.2 Escavação

A escavação arqueológica que levamos a cabo neste local desenvolveu-se em área no espaço possível, pois lateralmente havia edifícios, e em profundidade até se atingir a rocha base. Os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se numa área de 138,8 m^2.

A metodologia aplicada na escavação arqueológica procurou o rigor nos métodos de registo, nomeadamente através da aplicação dos princípios da estratigrafia arqueológica, eventualmente recorrendo ao uso da Matriz de Harris (1989), procedendo à análise dos processos de acumulação no solo de diferentes estratos ou camadas, individualizando-os em unidades estratigráficas e analisando a relação entre si, por forma a definir cronologias e contextos arqueológicos relacionados com artefactos e/ou estruturas, sendo que em meio urbano a análise e interpretação das unidades estratigráficas reveste-se de particular dificuldade, fruto de muitas estratigrafias invertidas e múltiplos conjuntos de infraestruturas (Roskams, 2001, 2003).

Fig. 183– Início dos trabalhos de escavação arqueológica.

Depois de ser feita a marcação da vala, situada sensivelmente no centro da rua e com uma largura de cerca de 1 m, procedeu-se a uma decapagem mecânica. Após a deteção de estruturas arqueológicas procedeu-se à decapagem manual da área a ser afetada. Um dos primeiros níveis de ocupação, que se estendia por toda a área intervencionada, situado depois de levantada a pavimentação da rua, era constituído por uma camada de terra com materiais cerâmicos de várias épocas [ue.1510]. Posteriormente, procurou-se definir as estruturas em área e em profundidade, procedendo à remoção das camadas que preenchiam o interior e o exterior dos compartimentos. Tendo sido observadas, grosso modo, dois tipos de sequências estratigráficas diferenciadas consoante os compartimentos. Assim, nos compartimentos C01 e C04 foi observada a existência de enchimento constituído por pedras soltas, terra e blocos de argamassa, com as lajes de xisto ligadas por argamassa e dispostas em cutelo.

Fig. 184– Desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos.

Nos compartimentos C02 e C03 o enchimento destes espaços era constituído por derrubes de pedras e terra, sendo registados elementos da cobertura constituídos por fragmentos de *tegulae* e *imbrices*.

A escavação arqueológica permitiu documentar, parcialmente, o edifício de planta quadrangular, que se prolongaria a nascente e a poente, tendo sido fortemente destruído pelas construções posteriores e pelas valas de águas e esgotos existentes em ambos os lados da rua.

Uma vez feita a escavação dos níveis estratigráficos, até à cota dos pavimentos e postas a descoberto as estruturas, foi feita a análise dos alçados das estruturas tendo-se procedido ao estudo da designada Arqueologia da Arquitetura. Esta análise é, de forma semelhante à análise de unidades estratigráficas no solo, a análise estratigráfica das sequências construtivas patentes nos alçados dos restos do edifício, podendo obter informação não só da construção em si como, também, de reformas e alterações relacionadas com necessidades pragmáticas (Ramalho, 2007).

Fig. 185– Escavação do compartimento principal do mausoléu.

6.1.3.3 As estruturas

Do monumento podemos reconhecer cinco compartimentos adossados entre si. O corpo principal do edifício era composto por dois espaços abobadados, que não comunicavam entre si. A oriente existem duas outras divisões, o que perfaz uma construção com um comprimento máximo de 14 m e uma largura de 9,5 m.

O compartimento principal [C01] tinha interiormente 3,8 m de largura e 8 m de comprimento, encontrando-se muito destruído no setor ocidental. A área interior que foi possível escavar ronda os 18 m^2. Os muros que envolvem este espaço variam: o muro delimitador, a norte, tinha 65 cm de espessura, a sul uma estrutura constituída por dois muros adossados, respetivamente com 0,6 e 1,4 m o que perfaz uma estrutura portante com grande dimensão. A poente existiam dois muros adossados com as espessura de 0,6 e 0,9 m. Na parte ocidental, o compartimento era delimitado por um muro com a espessura de 1 m.

Fig. 186– Vista geral da escavação do mausoléu.

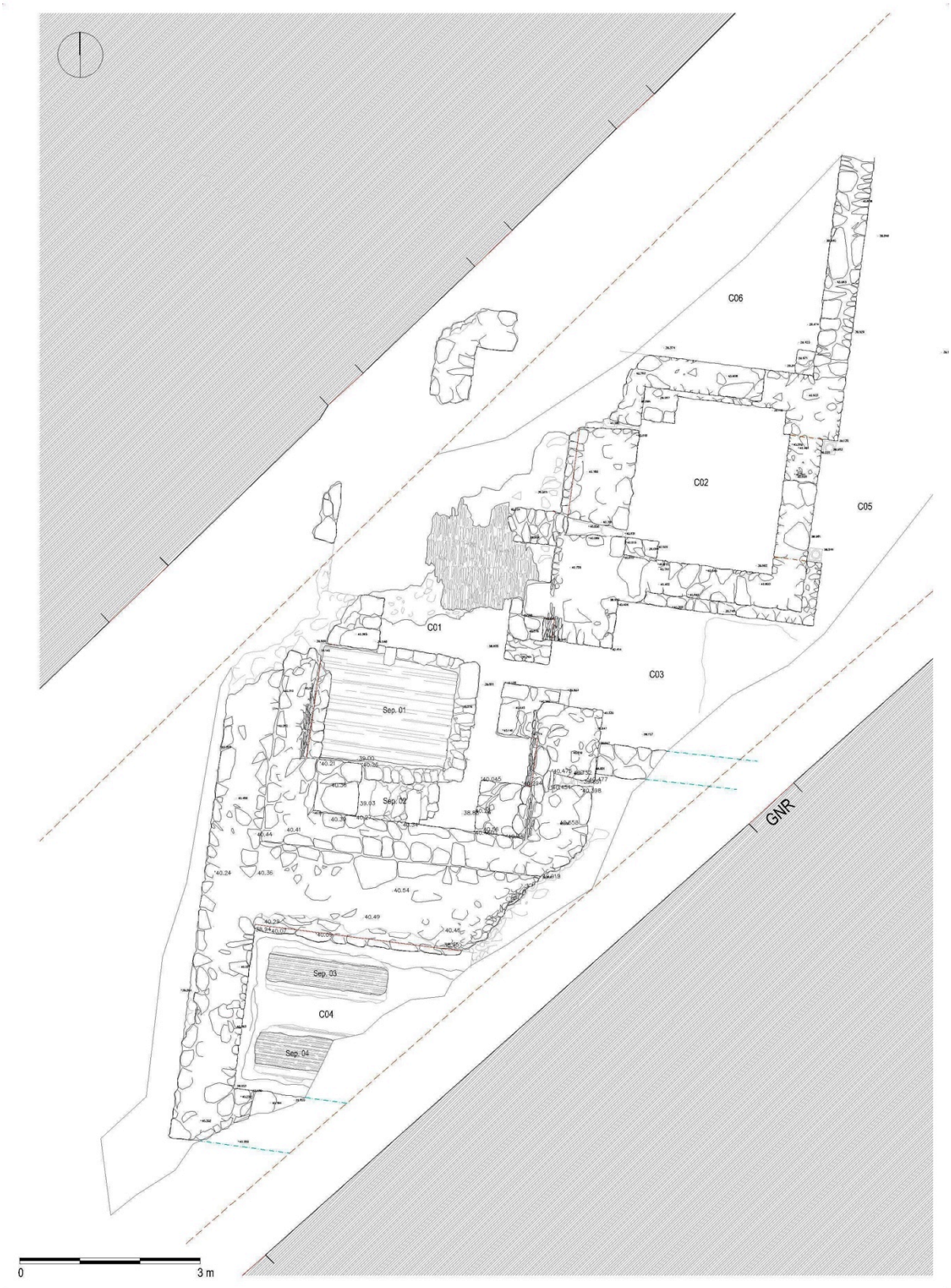


Fig. 187– Planta geral das escavações do mausoléu.

No desenvolver da escavação arqueológica foi identificada uma estrutura, a que foi atribuída a u.e. 1547, que era um muro com um aparelho constituído por lajes de média dimensão, ligadas por terra. As lajes conservavam ainda restos de argamassa e, na construção, foram empregues restos de tijolos *tegulae* e *imbrecis*. Do desmonte desta estrutura foram exumados fragmentos de *opus signinum* e algumas tesselas. Este muro assentava na parte norte sobre o derrube da abóbada.

Pelo enquadramento estratigráfico, e pela técnica construtiva com ausência de argamassa, sou levado a crer que se trata de uma estrutura posterior, que obedece a uma lógica de utilização diferente do espaço, possivelmente já do período islâmico.

[C02] Trata-se de um compartimento retangular, situado a nascente do corpo principal, com 2,5 m de largura por 2,75 m de comprimento e reforçado com dois pequenos contrafortes. Este espaço tinha um grande vão de dois metros de largura no muro oriental, flanqueado por duas colunas das quais ainda se conservavam *in situ* as bases. Esta porta foi entaipada em duas fases: a primeira estreitou consideravelmente o vão, que foi reduzido aproximadamente para 80 cm de largura sendo que, numa segunda fase, foi completamente selado. Tinha uma área interior de 6,23 m^2, e era delimitado, a norte, por um muro com 65 cm, a sul e a este por um muro com 80 cm de espessura. Interiormente, nos cantos noroeste e sudoeste, possuía duas pilastras adossadas com cerca de 50 cm de lado.
[C03] A sul do área anterior, e a nascente do espaço principal, encontra-se um outro compartimento que mede 2,3 m de comprimento e 3,3 m de largura. A parede sul desta construção media 55 cm de largura. Do seu lado nascente não foi encontrado qualquer estrutura arqueológica. No lado oposto, um vão de 1 m de largura criava a passagem para o espaço central da construção. Na parte virada a nascente não foi identificado o limite da construção, contudo, a área interior era de 6,8 m^2.
Na parte sul da construção, identificou-se outro compartimento [C04] que tinha uma métrica interior de 2,75 m de comprimento e 3,15 m de largura, apresentava-se muito destruído no lado sudoeste, pelo que não foi possível determinar o acesso e os limites da estrutura. A área interior do compartimento ronda os 8,6 m^2. Os muros que delimitam este compartimento a sul e oeste tinham 95 cm de espessura.

A escavação deste espaço [C05] veio a revelar que se tratava da parte exterior do edifício e que, para além dos elementos pétreos do derrube, não foi observado qualquer elemento construtivo ou material digno de registo.

A escavação deste espaço [C06]revelou uma estratigrafia constituída por uma camada de pedras irregulares que interpreto como sendo do derrube das paredes seguida de uma espessa camada de fragmentos de *tegulae* e *imbrecis*. O muro que delimita este espaço a este adaptou-se à rocha base que se apresenta num plano bastante inclinado. Na parte inferior do muro destaca-se a existência de um arco que era constituído por pequenas lajes de xisto dispostas em cutelo. Este elemento construtivo [144] foi, posteriormente, entaipado com pedra. O muro onde esta elemento se insere atinge 55 cm de largura.

Na parede que delimita o compartimento, a sul, existia, no canto inferior direito, a nível da base do muro, um orifício que o atravessava o [corte 04 e 05]. Este orifício quadrangular tinha 10 cm de lado.

Fig. 188– Vista geral das escavações do mausoléu.

[144] O arco tinha cerca de 1 m de largura e 40 cm de altura interior.

As criptas conservavam alçados com uma altura máxima que rondava 1,78 m. Nas paredes, a cerca de 1,4 m de altura, foram observados vestígios do arranque de duas abóbadas de berço. No compartimento C04 a abobada assentava nos muros situados a sul e a norte, ao passo que a abobada do compartimento C01, assentava nos muros situados a este e a oeste. Pela reconstituição que proponho dos arco penso que estas abobadas permitiriam um espaço cuja altura máxima rondaria um 1,8 m. Deste elemento estrutural foram detetados vários blocos que ainda mantinham agregadas as regulares lajes de xisto, dispostas em cutelo e ligadas por uma resistente argamassa. Depreende-se pois, que se trata de dois espaços que estavam abobadados.

As estruturas conservadas eram construídas, maioritariamente, com uma sólida alvenaria de blocos de xisto facetado, e alguns tijolos utilizados pontualmente, solidamente travados com argamassa. Vários pontos conservavam o revestimento das paredes de argamassa de cal. Os muros assentavam diretamente na rocha base sumariamente aplanada.

Fig. 189– Proteção de pedras da sepultura principal.

No compartimento maior verifica-se que a abobada foi reforçada com vários pilares interiores, três localizados na parede do lado nascente e dois na parede do lado poente. Estes elementos eram estruturas quadrangulares, com os lados com cerca de 0,8 m, construídos com xisto facetado e ligados por argamassa. Do facto de estas estruturas encostarem aos muros da cripta, depreendo que se trate de um outro momento construtivo, possivelmente destinado a resolver problemas de estabilidade da construção.

No muro central da construção, uma estrutura robusta com 1 m de largura, estavam abertas três frestas, mais largas no lado interior, afunilando no exterior [145], possivelmente tratando-se de aberturas para a ventilação do espaço.

No muro central da cripta existe uma passagem que liga o compartimento C03 e o compartimento C01. Esta abertura tinha, na parte virada a nascente, um vão com um metro de largura. Na parte interior, com a construção dos pilares esta abertura foi reduzida para 40 cm.

O alçado, virado a nascente do compartimento C02, estava ladeado por duas bases de colunas, no centro foi referenciada uma outra abertura, com um vão com 80 cm de largura, que daria acesso a este compartimento. Posteriormente o vão foi tapado com terra e ergueu-se no local um outro muro, de aparelho irregular e sem qualquer ligante. Pela métrica e disposição do aparelho é de concluir que se trata de um momento construtivo posterior.

Estas sólidas estruturas sofreram obras de ampliação no compartimento situado mais a norte, recrescendo os muros com uma técnica mais tosca de blocos de xisto e tijolos unidos apenas com barro. Esta reconstrução prolongava-se para norte com um outro muro com orientação norte-sul, no qual se encontrava entaipado um pequeno arco, também tosco. Possivelmente esta reconstrução corresponde a uma fase tardia de ocupação do espaço, em que as abobadas de berço do corpo principal tinham abatido e, sobre o derrube, foi feita uma ocupação que deixou como testemunho um pavimento de terra batida e pequenas lareiras.

[145] As frestas tinham as seguintes medidas interiores: altura 45cm e de largura 30; no exterior a altura mante-se e a largura era de cerca de 10 cm.

Fig. 190– As sepulturas 1 e 2 da cripta central.

As criptas possuíam, a nível dos pavimentos, quatro sepulturas de contornos retangulares, com uma orientação nascente poente. Na parte central da cripta conserva-se uma sepultura intacta, coberta por uma argamassa em *opus signinum*, semelhante aos enterramentos escavados na basílica do Rossio do Carmo e no sítio do Cineteatro Marques Duque. Pelas dimensões, tratamento dado à cobertura, e pelo lugar de destaque que ocupa, pensamos estar em presença de um enterramento privilegiado; a sul desta existia uma outra com uma cobertura em lajes de xisto. Pela dimensão que apresenta deve tratar-se do túmulo de uma criança ou um jovem pré-adulto[146].

[146] Comprimento 1,35 m.

Fig. 191– Planta geral das escavações do mausoléu com as fases construtivas assinaladas.

No compartimento situado a sul foram identificadas duas sepulturas, de contornos retangulares, escavadas na rocha, com rebordos laterais, das quais não se conservava a sua cobertura. Estas sepulturas conservavam ainda restos de argamassa, quer na parte superior, quer no interior.

Por imposição das entidades competentes a escavação das sepulturas não foi concluída, pois foi decidido superiormente que o mausoléu não poderia ser musealizado e teria de ser novamente coberto para dar seguimento às obras de remodelação do eixo comercial.

Fig. 192– Vista geral na última fase de escavação arqueológica.

A nível das coberturas identificadas distinguem-se duas soluções construtivas, dada a quantidade de *tegulas, inbrices* existentes nos compartimentos C02, C03 e C06, depreendo que a cobertura destes espaços se fizesse com estes materiais. De referir que os telhados com *tegulae* e *imbreces* não permitiam uma cobertura muito inclinada. Além disso, o seu peso[147] exigia estruturas de suporte em madeira muito robustas e,

[147] Calculado o seu peso entre 80 a 90kg por m^2.

consequentemente, bastante caras (Bessac, Chapelot, De Filippo, et alii, 2004: 102) para zonas onde a madeira não abundava como o caso em estudo.

Pelos restos de abobada existentes nos derrubes, e pelos arranques da mesma conservados, depreendo que a cripta principal e o compartimento situado a sul fossem abobadados.

No muro central da cripta existe uma pilastra[148] embutida, apesar de não se ter conservado a correspondente no lado oposto, que sugere tratar-se de um elemento construtivo que, para além do reforço da estrutura, poderia ainda marcar a centralidade da cripta. Restos de muros registados na parte norte da cripta poderiam marcar o limite interior, este elemento encontra-se a oito metros e situa-se no eixo central da cripta. A verificar-se esta hipótese estaríamos, assim, em presença de uma cripta com um comprimento máximo interior de oito metros, com uma pilastra central.

Nos alçados são visíveis vários orifícios, que interpreto como sendo agulheiros, dispostos regularmente e teriam como função a colocação da cofragem de madeira utilizada para a construção da abóbada e para a fixação dos andaimes, necessários para a construção das estruturas em altura.

A escavação arqueológica permitiu pôr a descoberto um conjunto de estruturas monumentais perfeitamente adaptadas à topografia original e que assentavam diretamente no substrato rochoso. A fachada com as aberturas estaria a nascente, na direção do rio. No corpo principal existiriam duas criptas abobadadas que albergavam quatro túmulos. Dadas as limitações da escavação arqueológica, e pela insuficiência de dados disponíveis, não conhecemos a entrada para a cripta situada a sul. O acesso à cripta principal fazia-se a partir de uma abertura virada a nascente e a partir de um átrio, este vão no exterior possuía cerca de 1 m, no entanto, com a construção dos pilares interiores o acesso à cripta foi reduzido para um vão de 40 cm. A norte destaca-se um outro compartimento cujo acesso se fazia, também, a partir do lado nascente. Esta última entrada era ornamentada por duas colunas das quais se conservavam *in situ* as suas pequenas bases de mármore. Esta passagem tinha inicialmente um vão de 2 m, posteriormente foi reduzido para uma passagem com 80 cm de largura e, posteriormente, entaipado.

[148] Com as medidas de 60 x 40 cm.

Na leitura dos paramentos das estruturas foi possível observar vários momentos construtivos, sendo que a análise fez-se com base no levantamento gráfico na observação direta das estruturas. Assim, um primeiro momento, que designamos por fase I, abarca a cripta principal e os compartimentos virados a nascente. O compartimento situado a norte seria um espaço aberto a nascente, decorado com duas colunas laterais. A fase II prende-se com o reforço da estrutura a poente e a ampliação para sul, onde é criada uma segunda cripta que albergava duas sepulturas. A fase III compreende a construção dos pilares na cripta central e a colocação de pilastras no compartimento C02. Estes elementos construtivos foram construídos em alvenaria de pedra ligados por uma argamassa. Na cripta do lados sul e poente os pilares foram revestidos com argamassa idêntica há existente no reboco das paredes da fase I.

Fig. 193– Bases de coluna encontradas *in situ*.

Possivelmente a abóbada sofreu problemas estruturais, daí a colocação destes pilares na tentativa de suster a abóbada. Estes são elementos de reforço que estão adossados, e dai posteriores, às estruturas da fase I.

A fase IV é observável nos muros dos compartimentos C02 e C06. A construção fez-se recorrendo a alvenaria de xisto, no entanto sem recurso a argamassa. No primeiro compartimento tratou-se de um refazer do muro já existente, com uma menor espessura cerca de 55 cm e um aparelho mais irregular e menos cuidado na colocação dos elementos pétreos. Teria sido nesta fase que procederam ao encerramento da entrada deste espaço, o alçado daí resultante conservava uma altura de 1,85 m.

A existência de sepulturas apenas se regista nos espaços das criptas. No caso da cripta

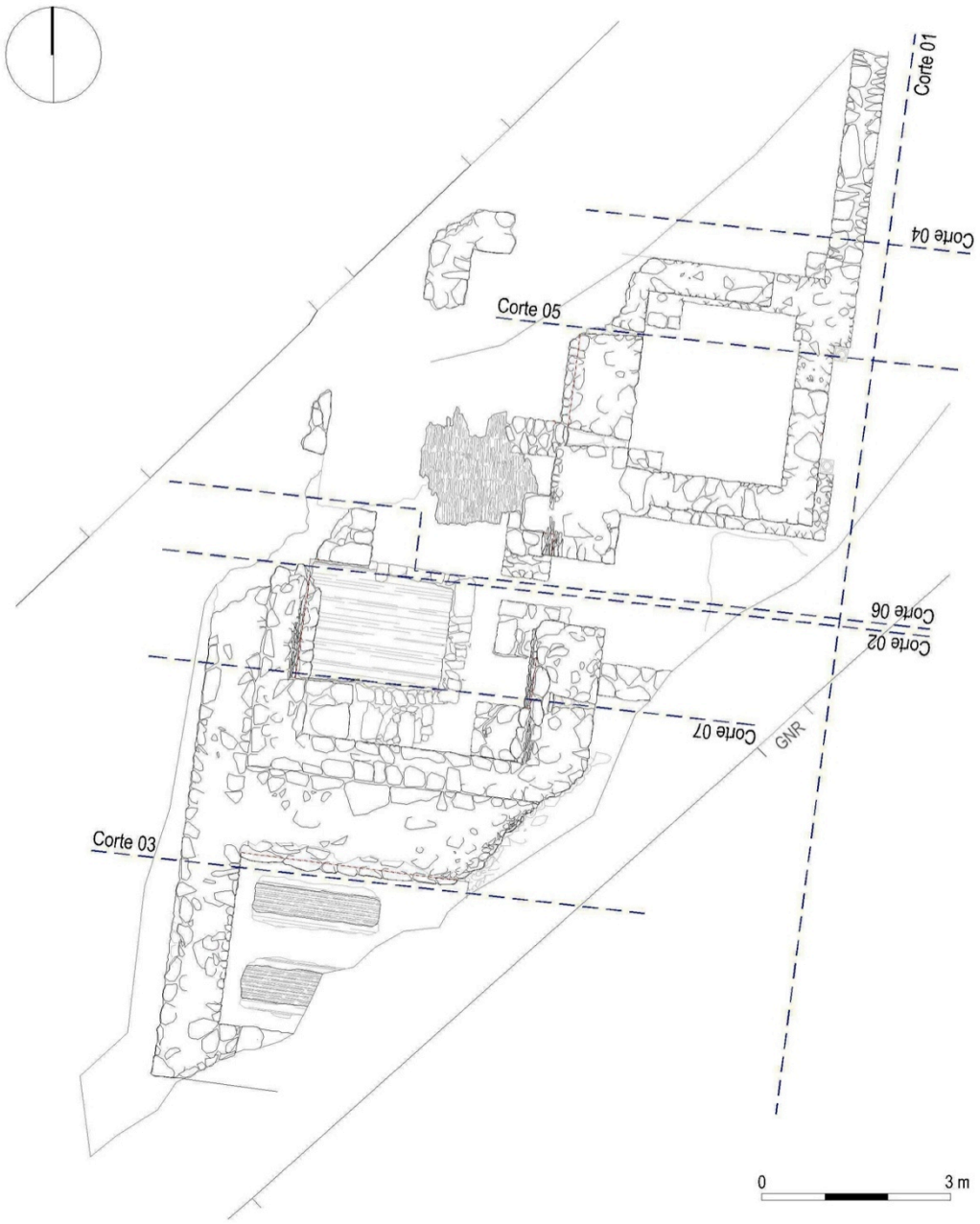


Fig. 194– Planta com a sinalização dos cortes.

sul, os enterramentos já se encontravam desprovidos da sua cobertura. Na cripta central, entre os dois pilares do muro oriental, situava-se uma sepultura coberta com *opus signinum* e, ao lado, uma outra da qual apenas se conservavam as lajes de cobertura. Sobre a sepultura maior, havia uma construção pétria quadrangular, com cerca de dois metros de lado, constituída por uma alvenaria de pedra solta[149]. Possivelmente foi esta estrutura colocada de modo a proteger e conservar a cobertura em *opus signinum.* Pelas dimensões, tratamento dado à cobertura e pelo lugar de destaque que ocupa, pensamos estar em presença de um enterramento privilegiado.

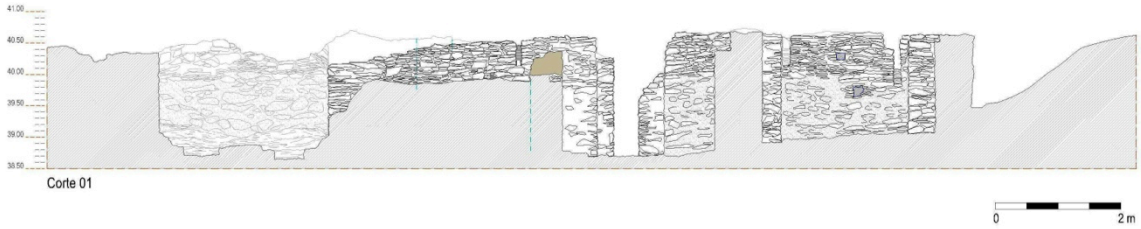


Fig. 195– Corte 01.

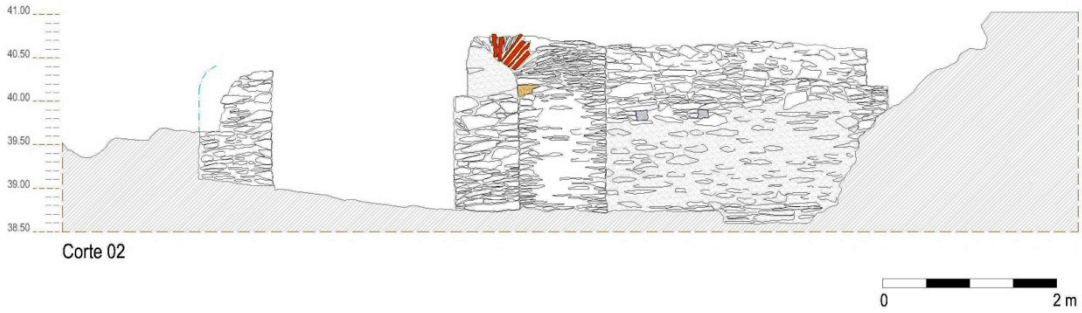


Fig.196– Corte 02.

[149] Esta estrutura foi atribuída a u.e.1572.

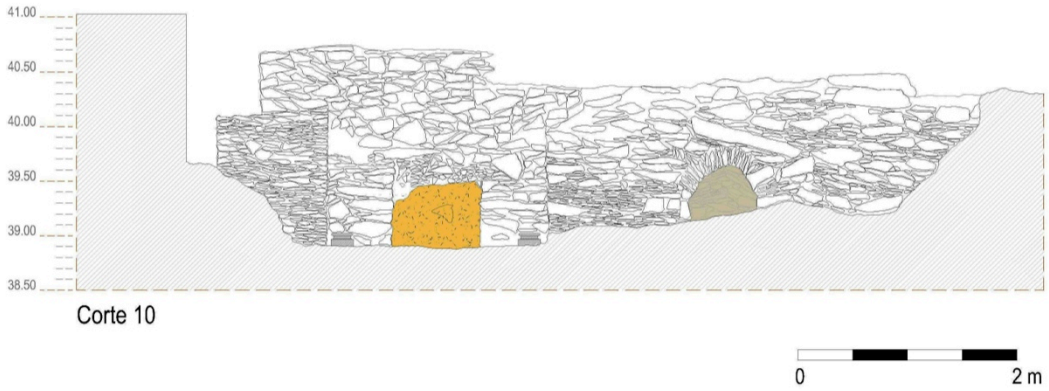


Fig. 197 – Corte 10.

Alguns indícios fazem pensar que o edifício teria, na parte central, um outro piso superior. Esta hipótese prende-se com três ordens de razões: em primeiro lugar o facto de os muros, dos quais arranca a abóboda, serem de consideráveis dimensões[150], não havendo a necessidade de uma construção tão robusta se não fosse para servir de base para uma construção com mais um piso superior; por outro lado, o aparecimento de um cimácio, decorado com uma banda de cruzes gregas, não nos parece compatível com a arquitetura da cripta sul onde apareceu mas, sim, de uma construção superior, de dimensões consideráveis e ricamente decorado; por fim, foram recolhidos, no decurso da escavação da cripta, vários fragmentos de argamassa de revestimento, decorada com pinturas policromáticas e pequenos fragmentos de mosaicos polícromos, provenientes das camadas de entulho removidos do interior da cripta. Também os elementos decorativos não me parecem compatíveis com a cripta, pelo simples facto de que não teriam visibilidade, dada a exiguidade, em altura, que os elementos que restam da abóbada sugerem. Penso, sim, que se trataria de matérias provenientes de um espaço situado no piso superior do edifício. No entanto, aquilo que chegou aos nossos dias foi um resto de um a construção destinada a albergar sepulturas e da qual só conhecemos parte da planta da estrutura subterrânea e dos anexos, com um só piso, situados a montante.

[150] 1,4 m no muro oriental; 2 m no muro sul e 1 m no muro ocidental.

6.1.3.4 Espólio associado

A escavação proporcionou um conjunto de materiais que, na sua maioria, se encontravam em deposição secundária, excetuando-se o caso das duas pequenas bases de coluna que se encontravam *in situ* a ladear a entrada no compartimento C02.

Os materiais arqueológicos, associados a este monumento, são constituídos por um conjunto epigráfico composto por nove lápides funerárias de mármore, sendo três delas escritas com caracteres gregos, uma bilingue e as restantes escritas em caracteres latinos. Apenas uma conserva o seu campo epigráfico completo, as restantes encontram-se fragmentadas e incompletas. A lápide bilingue apresenta uma datação em torno de 522 e uma outra latina datada de 566[151].

Refira-se que é do compartimento C02 que provêm a maior parte dos fragmentos de lápides descobertos neste monumento[152]. O material de suporte destas epígrafes apresenta uma grande diversidade em termos da qualidade do mármore, sendo perfeitamente admissível que, na maioria dos casos, se trata de materiais de capeamento de anteriores edifícios e reempregues para fins epigráficos.

Um segundo grupo é constituído por elementos de arquitetura decorativa em que o suporte das peças é em mármore, também ele de diferente qualidade. Uma das peças mais representativas é um cimácio, decorado com uma banda de cruzes gregas, encontrado na cripta sul. Do compartimento C02, da mesma unidade estratigráfica de onde provêm a maioria dos elementos epigráficos, provem um elemento marmóreo decorado, em duas das suas faces conservadas, com duas lancetas ou flores de lis. Pela inclinação que o fragmento apresenta poderá tratar-se de um pedaço de capitel quadrangular ou de uma parte de um abaco. Refira-se que este tipo de decoração é inédita no panorama da arquitetura decorativa coeva em Mértola.

Dos níveis dos entulhos da cripta principal provêm dois pequenos fragmentos de capitéis: um primeiro de mármore cinzento, que corresponde a um canto superior, onde é percetível uma folha lisa e uma voluta muito simplificada[153]; um outro pequeno

[151] Ambas as peças provêm da u.e. 1527

[152] As epígrafes provêm das seguintes unidades estratigráficas: u.e. 1527 três inscrições em latim e uma bilíngue; u.e. 1540 três inscrições em grego e uma em latim; dois fragmentos de uma inscrição, que foram encontrados fora do compartimento C02, provêm da u.e. 1510 que correspondia aos estratos que cobriam toda a área do monumento em que foram encontrados materiais cerâmicos com uma grande dispersão cronológica.

[153] U.e. 1515 e u.e. 1517

fragmento de mármore amarelado, de grão muito fino, onde são visíveis as nervuras de uma das folhas que decorava o capitel.

Do compartimento de entrada da cripta provem um fragmento de coluna, que conserva parte do *imoscapo*, que conta com um toro. Trata-se de uma peça em granito, onde são visíveis grandes grãos de quartzo, feldspatos e micas. O suporte desta peça possui uma composição litográfica diferente dos casos conhecidos em Mértola, a nível da arquitetura decorativa.

As duas bases de colunas, que se encontraram no seu local de origem mencionado anteriormente, são de distintas qualidades de mármore. A primeira, mais simplificada, possui um plinto e toro sumariamente delineados; a segunda peça, mais trabalhada, apresenta um mármore cinzento, de grão grosso, e é composta por plinto, escócia e toro.

Encontrou-se, também, um fragmento de terra sigillata africana D, com bordo e aba que, pelas suas características, pode ser atribuído à forma Hayes 91B; a cronologia desta variante está balizada entre 450 e a primeira metade do século VI (Hayes, 1972: 144; Bonifay, 2004: 177 e 203)[154].

Das u.e. 1572 e 1576 provêm vários fragmentos de um possível jarro cerâmico, do qual apenas se conserva parte do corpo globular e do gargalo. Esta peça possui uma decoração constituída por caneluras, que se desenvolvem entre o arranque da asa e o início do gargalo. Apesar de não se ter encontrado nenhum paralelo exato, a peça possui semelhanças morfológicas com exemplares estudados por M. Bonifay (2004: 242-243), provenientes das escavações de Cartago, designadas de Tipo 34 (vasilhas de cozinha africana) que está atestado na segunda metade do século V e o século VI, não só em Cartago (Neuru, 1980: Pl VI, nº. 30; Fulford, 1984b, fig. 81, nº. 27: 1; Riley, 1981, fig. 8, nº. 69), mas também em Ibiza (Ramon, 1986, fig. 15, n º 12).

6.1.3.5 Análise funcional e paralelos

Parece inequívoco que as criptas semienterradas, que constituem o edifício, foram concebidas para albergar os túmulos aí documentados. Por outro lado a quantidade de lápides, nove, faz supor a existência de outros enterramentos que não foram registados

[154] Este fragmento provem da u.e. 1587

na intervenção arqueológica que desenvolvemos no local. Refira-se, a este propósito, que a sepultura 01, apesar do seu tamanho e da qualidade de construção em *opus signinum*, não possuía lápide nem qualquer indício de ter tido uma identificação, contudo, o facto de ter sido protegida com uma estrutura pétrea, na parte superior, que foi levada a cabo antes do edifício ruir, leva a pensar que houve um cuidado suplementar de preservação e de ocultação do túmulo. Este conjunto de constatações levam a sugerir a hipótese de se tratar de uma sepultura privilegiada. As informações epigráficas de que dispomos (uma epitáfio em grego e outro em latim) apontam para dois enterramentos de jovens adultos, um masculino, Pedro, com 18 anos, e um outro, do qual não se conhece o nome, que viveu 17 anos, e apontam para uma ocupação do espaço situada pelo menos entre 522? e 566.

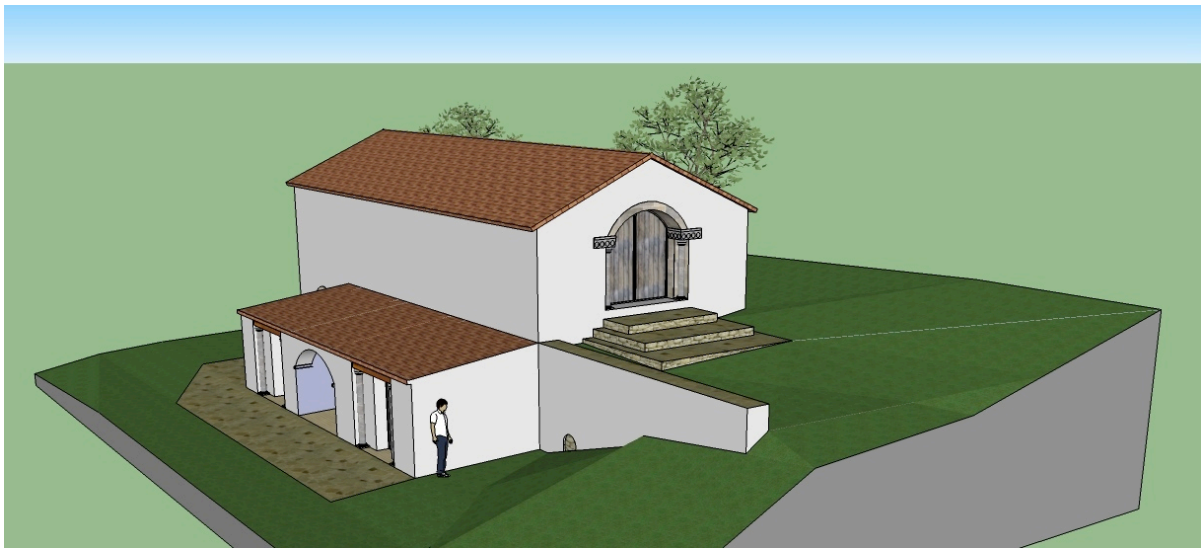


Fig. 198 – Proposta de reconstituição volumétrica do mausoléu.

O carácter funerário seria, pois, a funcionalidade do edifício: as sepulturas existentes nas criptas, e as epígrafes funerárias com formulários cristãos, atestam plenamente esta função. Como também parece inquestionável que este edifício albergou uma comunidade falante de latim e grego, como acontece na basílica do Rossio do Carmo ou na basílica do Cineteatro.

As dimensiones do edifício de Mértola, considerando as várias fases de construção, estimam-se com um comprimento máximo de 14 m e uma largura de 9,5 m, tendo a

cripta principal interiormente 3,8 m de largura e 8 m de comprimento. Dimensões que são demasiado reduzidas para que pudera tratar-se de una basílica, já que estas são de maiores dimensões, como são os casos de Santa Eulália, com aproximadamente 40 m de comprimento por 20 m de largura (Mateos, 1999b: 51); a basílica de Casa Herrera, com 34 m de comprimento por 22,40 m de largura (Caballero e Ulbert, 1975, 19); Santa María de Camí em Maiorca, com 18 m de comprimento por 13 m de largura- (Godoy Fernández, 1995, 162); El Germo de Espiel, Córdoba, com 22 m de comprimento por 10 m de largura (Ulbert, 1978, 329), ou o caso da basílica do Rossio do Carmo, com um comprimento máximo que rondaria os 31,5 m e uma largura máxima aproximada de 17,6 m (Macias, 1993, 39).

Os elementos de arquitetura decorativa de grandes dimensões, como o cimácio ou o fragmento de coluna, bem como a considerável dimensão das estruturas associadas às criptas, levam a colocar a hipótese de que, sobre as criptas, pudesse haver um segundo piso cujo acesso poderia ser feito pelo exterior, na parte norte das estruturas. Das camadas de revolvimento, existentes no interior das criptas, verificou-se a existência de argamassa com vestígios de pintura e restos de mosaico. No primeiro caso os materiais pertenciam ao revestimento das paredes ou de uma eventual abóbada do piso superior. Já os vestígios dos mosaicos polícromos poderiam pertencer aos pavimentos, podendo também tratar-se de vestígios musivos parietais ou, então, de mosaicos que eventualmente fizessem parte da cobertura de túmulos, como teria acontecido na basílica do Rossio do Carmo.

Pelo conjunto de razões anteriormente apontadas parece, pois, que esta estrutura monumental, ao nível das criptas, albergaria sepulturas privilegiadas e, a par das lápides aí encontradas, levam a pensar na possibilidade de um mausoléu cristão, possivelmente familiar, que albergou os enterramentos de uma comunidade onde o latim e o grego coexistiram. Não existe qualquer indício no mausoléu de Mértola de que se possa tratar de um edifício do tipo *martyrium* pois, a este nível, é total a ausência de fontes documentais que confirmem ou desmintam esta hipótese.

Fig. 199 – Proposta de reconstituição volumétrica do mausoléu - corte.

Existe um conjunto de edifícios que possuem uma função funerária, a maioria foi construída pouco depois de 313, Grabar supõe que não deviam ser grandes edifícios pois os romanos opunham-se à construção de grandes monumentos nas necrópoles. Tratar-se–ia de edifícios que não diferiam demasiado dos edifícios com funções funerárias de carácter pagão: mausoléus quadrados, com complexidade variada no interior e diversos tipos de cobertura. Com o decurso do tempo estes edifícios vão evoluir para formas arquitetónicas mais complexas, conservando as mesmas funções (Grabar, 1946, 40; Mateos; 1999: 116).

No Ocidente, os edifícios *martyria* conhecidos correspondem à forma mais primitiva e, tanto em Itália como na Gália, encontram-se datados do século IV, especialmente na segunda metade, adotando tipos de monumentos funerários familiares, ou seja, grandes mausoléus com salas quadradas ou retangulares que, por vezes, rematam com uma abside e que, no século V, são transformadas em basílicas (Reynaud et alii, 1989, 1499; Mateos, 1999: 116).

Tanto na Península Ibérica, como no resto das regiões estudadas, existem edifícios similares que contam com um compartimento de forma retangular, com a planta da

cabeceira em forma de ferradura, que corresponde ao compartimento principal. Desta forma foram construídos o monumento funerário de La Dehesa de "La Cocosa", Badajoz (Serra Rafols, 1952, 110), dois monumentos de Saint- Just e Montferrand, em París (Reynaud et alii, 1989, 1484).

Na *Hispania* existem também edifícios de planta poligonal, com funções funerárias, os *martyria* e *memoriae,* como são os casos dos dois monumentos funerários de La Dehesa de "La Cocosa", Badajoz (Serra Rafols, 1949, 1952); o mausoléu de La Vega de Pueblanueva, Toledo (Hauschild, 1969, 296-316); o mausoléu de Sádaba, Huesca (Palol, 1967, 132); o mausoléu de Centcelles, Tarragona (Palol, 1967, 116; Arce, 2002b); o monumento da rua de Sant Auguri, Tarragona (Adserias *et alii,* 2000, 41); o mausoléu familiar de Antoni Maura, Barcelona (Ripoll, 2001, 42); a capela funerária cruciforme de Valencia (Alapont e Ribera, 2006, 175); os monumentos de Milreu-Estoi (Faro) e São Cucufate (Vidigueira) em Portugal (Martínez, 2006, 121).
Fora da Península Ibérica destacam-se os edifícios que albergam sepulturas localizados em: Saint-Just em Lion e Toulouse, França (Maurin, 1996, 197); em Roma, Itália (Grabar, 1972, 76); Pécs, Hungria (Grabar, 1972, 120; Testini, 1980, 653); Drniš, Croácia (Cambi, 1933, 147); Rodi, Grécia (Testini, 1980, 734), São João, Éfeso (Grabar, 1972, 65); Ezra, Síria (Testini, 1980, 718) Jerusalém e Palestina, Israel (Lassus, 1947, 106 e 125).

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo por P. Mateos (1999), na basílica de Santa Eulália, em Mérida, revelaram a existência de três mausoléus: um primeiro situado na cabeceira da igreja atual, ocupa a abside central e o primeiro tramo oriental da igreja atual. Está orientado no sentido norte sul e possui uma planta retangular, finalizando com uma abside semicircular no seu lado este. O seu comprimento é de 13 m, possui uma largura de 7 m, o cumprimento da abside é de 4 m. A largura dos muros ronda os 1,6 m no lado norte, e de 1,3 no seu lado sul e oeste, a largura dos muros da abside rondam os 0,9 m (Mateos; 1999, 56). Este mausoléu foi identificado como o edifício martirial de Eulália (Mateos, 1999, 115). Um outro edifício identificado foi o mausoléu absidado, que se situa no coro da igreja atual. Orientado na direção norte sul, com 15 metros de comprimento exterior e 6,5 m de largura. No lado sul o edifício remata com uma abside semicircular no interior e quadrada no exterior. No lado norte o edifício

possuía uma cripta com 4,3 m, na direção este-oeste, e de 3,1 m na direção norte-sul, o acesso fazia-se por uma escada situada na esquina sudoeste (Mateos,1999: 60). A cripta ainda conserva restos do arranque da abobada. Um terceiro mausoléu é o do coro que aproveita uma *domus* do período romano. A sua planta é retangular, com 8 m na direção norte-sul e 3,5 na direção este-oeste. (Mateos;1999: 65).

Os mausoléus conhecidos em Mérida foram agrupados por L. Caballero (2000, 147) em dois grupos: o grupo basilical, como são os casos do mártir e outro, com cripta, aparecidos na basílica de Santa Eulália, ambos de similares dimensões, rematadas por absides, com contrafortes e com mosaicos que decoravam a abóbada da cripta e, possivelmente, os seus pavimentos. O segundo tipo apareceu no bairro de *Santa Catalina*, junto ao considerado xenodoquio, mais simples, de planta quadrada no exterior, circular no interior e com uma abside exterior (Mateos, 1999: 116-117; Caballero (2000, 147). Estes mausoléus, muito semelhantes e de similar cronologia, de meados do século IV, são muito frequentes no Mediterrâneo.

No que concerne às propostas de datação, os autores que estudaram os monumentos apontam o mausoléu de Maurusinac como uma construção da primeira metade do século IV, com duas plantas sobrepostas, cobertas com abóbadas e contrafortes nos muros do edifício (Dyggve, 1952, 125; Mateos: 1999, 128). O Mausoleu de Pécs encontra-se localizado numa villa cristianizada e é datado da segunda metade do século IV (Burguer, 1987: 177). Estes dois mausoléus estão orientados no sentido norte-sul, permitindo que os enterramentos situados nos absidíolos possuíssem uma orientação este-oeste. O mausoléu de La Alberca foi considerado, desde a sua descoberta, como um dos paralelos dos edifícios anteriormente abordados, não só ao nível da planta arquitetónica como também da sua função martirial (Mergelina, 1943: 33). P. Palol apontou como paralelos fundamentais entre estes edifícios o facto de terem dois pisos sobrepostos, cobertos com abóbada, a existência de contrafortes no exterior, a presença de pavimentos musivos e de sepulturas cobertas com mosaicos, propondo a datação para o edifício de La Alberca da primeira metade do século IV (Palol, 1967a, 113).
A planta do edifício de Mértola possui alguns paralelismos arquitetónicos com edifícios de carácter funerário, como é o caso de Marusinac, na Croácia (Dyggve, 1939, 391) e com o mausoléu de Pécs, na Hungria (Burger, 1987, 175-179; Hajnóczi, 1987, 229-235);

Duval pós em causa o carácter martirial do edifício de Marusinac já que, segundo ele, não está provado que fosse dedicado a S. Anastácio (Duval, 1982, 59; Mateos, 1999, 116). Em Espanha é conhecido o caso do mausoléu de La Alberca, Murcia (Palol, 1967, 106-116, fig.54); contudo, há outras construções que se inscrevem a mesma conceção de edifícios funerários com cripta, embora com plantas diferentes, como são os casos do mausoléu de Centcelles, Tarragona, (Palol, 1967, 116-132)e o de Las Vegasde Puebla Nueva (Hauschild, 1969, 296-316).

Uma das possibilidades, referente ao edifício de Mértola, é de ser similar aos mausoléus de Marosinac, Pécs e ao edifício martirial de S. Eulália, que correspondem a um conceito de construções com um piso inferior de carácter funerário e um outro piso superior que funciona como oratório para os fieis (Mateos, 2003, 86). O acesso às criptas é feito pelo exterior, nos casos dos mausoléus de Marusinac, Pécs, em La Alberca e Mértola, nos casos dos mausoléus da Basílica de Santa Eulália o acesso à cripta faz-se pelo interior.

Em ambientes urbanos são também conhecidos os casos dos mausoléus da necrópoles de Tarragona, sobre os quais G. Del Amo sugere que os mausoléus nºs 2 e 5 teriam uma segundo andar cobertos por abóbadas (Amo, 1979, 180 e 112 e Mateos, 1999, 130). O mausoléu nº 2 possui similitudes construtivas com o caso em estudo em Mértola, nomeadamente ao nível da cobertura em abóbada a possível existência de um piso superior, e a sua planta retangular.

No que concerne à data da construção, Del Amo data o nº 2 do século V e o nº 5, com planta interior em cruz inserta e retangular no exterior, da segunda metade do século IV (Amo, 1979, 181 e 212). O mesmo autor assinala, ainda, o mausoléu nº 6 como um edifício que possuía apenas uma cripta inferior, também coberta por uma abóbada e com uma escada de acesso ao exterior(Amo, 1979, 214).

Em Espanha não é conhecido nenhum outro exemplo deste tipo de cripta independente, embora seja provável que o mausoléu que deu origem à basílica de Segobriga possa corresponder a esta tipologia (Puertas, 1967, 49-80; Mateos, 1999, 131).

Em Portugal são conhecidos vários mausoléus, contudo estes relacionam-se com cronologias romanas e são, na generalidade dos casos, construções situadas em ambientes rurais, nomeadamente o mausoléu familiar da Quinta a Romeira de Baixo (Bocelas, Loures), três mausoléus na *villa* de Pisões (Beja), ou o mausoléu da área

arqueológica do Cerro da Vila (Loulé), e o mausoléu do proprietário da *villa* romana da Quinta de Marim (Olhão) (Graen, 2007: 277 fig. 2) para só citar os casos mais próximos.

Na zona do altar uma abertura para o exterior, a chamada *fenesttrella confesionis,* permitia tocar o altar que se erguia sobre relíquias ou no mesmo lugar de uma sepultura de um santo. Este pormenor funcional encontra-se documentado nos mausoléus de Marusinac e no de La Alberca, e é a razão apontada por alguns autores para relacionar estes edifícios com um suposto carácter martirial (Mateos, 1999: 131).
No monumento de Mértola, na parede virada a nascente, existem três frestas que poderiam ter a mesma finalidade de *fenesttrella confesionis,* dado que estas se encontram viradas para os compartimentos situados a nascente da cripta, havendo, portanto, uma possibilidade de contacto visual para o interior da cripta.

No que concerne aos monumentos que albergam enterramentos podemos datar a partir da análise arquitetónica anteriormente efetuada. Assim, os mausoléus de planta quadrangular ou retangular, simples ou complexa, com abside em forma de ferradura, constata-se que a maioria dos edifícios referidos se enquadram numa cronologia que vai desde o século IV até ao século VI, chegando alguns deles até ao século VIII (Barragán Valencia, 2009: 252)

No que confere às sepulturas do monumento de Mértola estas possuíam uma planta retangular, seriam cobertas com lajes de xisto e, posteriormente, feita uma cobertura em *opus signinum*, que possui semelhanças construtivas com as encontradas nas basílicas do Rossio do Carmo e na do Cineteatro Marques Duque.
As sepulturas de planta retangular simples, com estruturas interiores de tijolo, ou pedra, e argamassadas contam com uma grande profusão em toda a bacia do Mediterrâneo. Encontram-se bem documentadas e com exemplares semelhantes em Mérida (Mateos, 1999: 65), em Tarragona (Amo, 1979, 173), em El Bara, Síria (Sodini, 2003, 39)ou em Muralto e Oberdorf, Suíça (Sennahauser, 1989, 1515), ou em Santa Salsa, na Argélia (Lancel, 1971, 92).

No que respeita ao tipo de cobertura em *opus signinum*, para além dos casos referidos em Mértola, são registadas sepulturas com o mesmo tipo de cobertura no Monte da

Cegonha (Lopes e Alfenim, 1994: 485-502), e em S. Cucufate, onde apenas uma sepultura continha vestígios da cobertura em *opus signinum* (Alarcão, 1990 et alii, 261), ambas as localidades nas imediações da Vidigueira. Também em V. Verde de Ficalho (Serpa) se regista a presença de uma sepultura coberta por *opus signinum,* decorada com uma cruz pátea o que pode indiciar uma cristianização já no decorrer do século V (Wolfram, 2011, 44).

Na vizinha Bética registam-se sepulturas com cobertura em *opus signinum*; são também os casos da Basílica de Gerena, Sevilla[155] , ou a necrópole da C/ Real (Carmona), onde foi assinalado, na necrópole extramuros, um possível mausoléu, em que as sepulturas, situadas no interior, estavam cobertas com *opus signinum.* (Sánchez Velasco, 2012, 538-540). Um outro caso documentado está localizado em Punta del Moral, Aiamonte (Espanha): possivelmente tratar-se-ia de um mausoléu datado do século V d.C., com dimensões de 5'35 x 4'40 m, em que foram encontradas quatro sepulturas dentro do edifício, duas com as paredes em tijolos e outras duas com a cobertura em *opus signinum.* (Amo 2003; Sánchez Velasco 2010; Sánchez Velasco 2012, 543).

O mausoléu localiza-se no *suburbium* de Mértola, situado a duas centenas de metros das basílicas funerárias do Rossio do Carmo, e a pouco mais de cem metros da basílica do Cineteatro onde também se registaram enterramentos, ambos os casos situados a sudoeste e a sul. No seguimento do caminho paralelo ao rio, na direção norte, onde se situava, a pouco mais de quinhentos metros, uma outra necrópole romana com marcas inequívocas de ter sido cristianizada.

[155] Com propostas de datação que vão desde os inícios do século V (Fernández-Alonso) ou dos séculos VI o VII, datado pelo espólio recolhido nas sepulturas (Palol, 1991a, 303). A sepultura nº 5 possuía uma cobertura de *opus signinum* de má qualidade, com uma alta percentagem de cal (Sanchez Velasco 2012, 437).

Fig. 200 – E a escavação foi interrompida e tapada ...

6.1.3.5.1 – Catálogo de materiais.

Nº catálogo: 139
Nº inventário:
Identificação: Cimácio de mármore branco com veios cinzento de grão médio.
Descrição: Peça insculturada em três das suas quatro faces, decorado com bandas de cruzes páteas inscritas em círculos. A parte decorada da peça corresponde a um quadrado com aproximadamente 50 cm de lado estando a restante parte embutida na parede.

Dimensões: Altura 21 Largura 62 cm; comprimento 87 cm.
Cronologia: Século VI
Proveniência Mausoléu
Bibliografia Lopes e Gómez, 2008, 278

Nº catálogo: 140
Nº inventário MR.
Identificação: Fragmento de capitel (?) de mármore branco grão médio.
Descrição: Peça paralelepipédica insculturada em duas faces parcialmente conservadas. Apresenta duas possíveis flores de lis ou lancetas.

Dimensões: Altura 12 cm, largura 20 cm; espessura 17 cm.
Cronologia Século VI
Proveniência: M/2008/Dr. Afonso Costa/ u.e. 1527/ nº achado 1039.
Bibliografia: Lopes e Gómez, 2008, 278

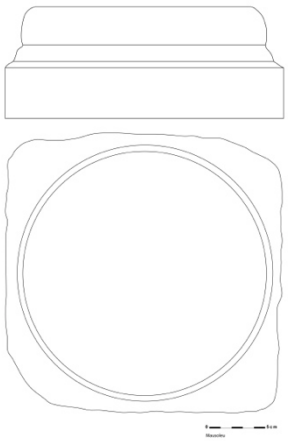
Nº catálogo: 141
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de capitel (?) de mármore branco de grão fino.
Descrição: Fragmento de capitel de folha nervurada, a parte conservada deverá pertencer à extremidade de uma folha.

Dimensões: Altura 4 cm, largura 7 cm; espessura 5 cm.
Cronologia Século VI

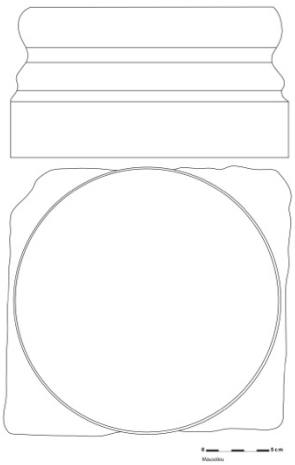
Proveniência: M/2008/Dr. Afonso Costa/ u.e. 1517 nº achado 1047.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 142
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de capitel (?) de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Fragmento de capitel a parte conservada deverá pertencer à extremidade de uma voluta.
Dimensões: Altura 6 cm, largura 10 cm; espessura 9 cm.
Cronologia Século VI
Proveniência: M/2008/Dr. Afonso Costa/ u.e. 1515.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 143
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: Pequena base constituída por plinto e toro.
Dimensões: Altura 10,8 cm; largura 25 cm; diâmetro 19 cm.
Proveniência: localizado *in situ* no mausoléu.
Bibliografia: Inédita

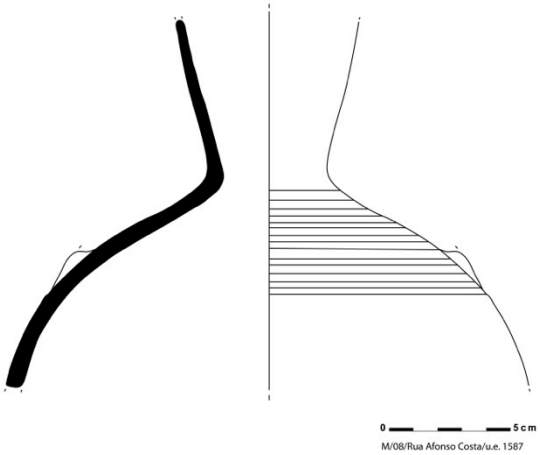


Nº catálogo:144
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore branco de grão fino.
Descrição: Pequena base constituída por plinto, toro escócia e toro.
Dimensões: Altura 12 cm; largura 22 cm; diâmetro 19,2 cm.
Proveniência: localizado *in situ* no mausoléu.
Bibliografia: Inédita

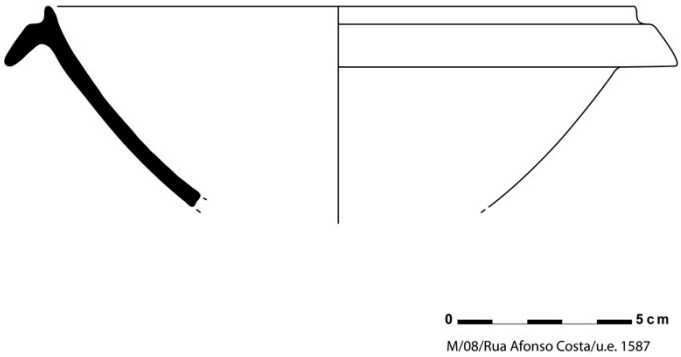


Nº catálogo: 145
Nº inventário:
Identificação: parte superior de coluna de granito, onde são visíveis grandes grãos de quartzo, feldspatos e micas.
Descrição: fragmento de coluna, que conserva parte do imoscapo, que conta com um toro. O suporte desta peça possui uma composição litográfica diferente dos casos conhecidos em Mértola, a nível da arquitetura.
Dimensões: Altura 32 cm; diâmetro topo 30 cm; diâmetro da base 27 cm..
Proveniência: Compartimento de entrada da cripta.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo:146
Nº inventário:
Identificação: vários fragmentos de um possível jarro cerâmico
Descrição: apenas se conserva parte do corpo globular e do gargalo. Esta peça possui uma decoração constituída por caneluras, que se desenvolvem entre o arranque da asa e o início do gargalo.
Dimensões: Altura 15 cm, diâmetro máximo 21 cm, espessura 0,6 cm.
Cronologia: segunda metade do século V e o século VI a peça possui semelhanças morfológicas com exemplares provenientes das escavações de Cartago, designadas de Tipo 34 (vasilhas de cozinha africana) e estudados por M. Bonifay (2004: 242-243).
Proveniência: M/2008/Dr. Afonso Costa/ u.e. 1572 e 1576
Bibliografia: Inédito



Nº catálogo: 147
Nº inventário:
Identificação: um fragmento de terra sigillata africana D
Descrição: com bordo e aba que, pelas suas características, pode ser atribuído à forma Hayes 91B;
Dimensões: Altura 5,8 cm, diâmetro 17 cm, espessura 0,5 cm.



M/08/Rua Afonso Costa/u.e. 1587

Cronologia: entre 450 e a primeira metade do século VI (Hayes, 1972: 144; Bonifay, 2004: 177 e 203).
Proveniência: M/08/Rua Afonso Costa/u.e. 1587
Bibliografia: Inédito.

6.1.4 A Basílica paleocristã do Rossio do Carmo

6.1.4.1 Localização e caracterização

Este local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano[156]. Supõe-se ter existido nesta zona uma área cemiterial desde o século IV a. C., hipótese sustentada pela lápide funerária que estava a ser reutilizada e servia de tampa de uma sepultura paleocristã com "escrita do sudoeste"[157], encontrada nas obras efetuadas em 1993. Posteriormente, o Rossio do Carmo teve uma necrópole de incineração e um cemitério de inumação (a partir do final do século I d. C.).

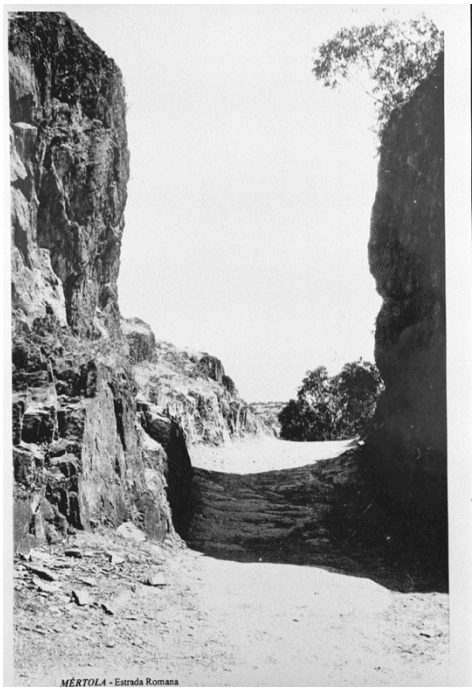


Fig. 201 – Como diz o postal "Estrada Romana", no sítio do "Furadouro" a Norte do Rossio do Carmo.

[156]Hipótese atestada pelos materiais arqueológicos encontrados na escavação, nomeadamente uma lápide funerária com caracteres ibéricos e as lucernas datadas dos primeiros séculos da romanização. A lápide tem como suporte um espelito quartezítico segundo o geólogo Victor Oliveira, o local mais próximo onde essa rocha se encontra é um afloramento de Corte Gafo. Este dado prova a existência e o funcionamento da velha ligação Mértola-Beja que passava nas imediações dessa povoação, assim como escolha deste material e não outro existente nos afloramentos mais próximos.

[157] O que indica a utilização do sítio do Rossio do Carmo como local de enterramento desde a Idade do Ferro até ao período Medieval-Islâmico.

A localização junto à via enquadra-se dentro de numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos, cada um devia prestar constantes homenagens aos seus falecidos antepassados. Esta zona cemiterial, antecede a futura basílica, sendo que as sepulturas preenchiam já uma considerável área desta zona no século V, aquando da construção do templo. Segundo Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, 462 e 706 d.C. (Dias, 1993, 118 e 102) ou 729 (Dias e Gaspar, 206: 135).

6.1.4.2 Escavação, tipologia e paralelos

Foi Estácio da Veiga, em 1880, quem primeiro confirmou a existência desta área cemiterial, na sequência da profunda lavagem forçada que o terreno sofreu com as grandes chuvadas do ano de 1876. As enxurradas, na sua escorrência brutal, deixaram a descoberto um notável conjunto de lápides que esse arqueólogo pôde identificar como estando dentro e em redor do templo, uma vez que os vestígios remanescentes do edifício religioso eram claramente visíveis: "não parece, pois, duvidoso ter o templo existido alli, a pouca distância da Igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos" (Veiga, 1983:105).

No Rossio do Carmo, terreiro que se estendia frente à fachada da igreja, este templo veio a ser demolido em 1918 (Barros, 1999: 51), para dar lugar à Escola Primária, (edifício que ainda hoje está adstrito às mesmas funções), o arqueólogo levou a cabo *uma rapida excavação*, que lhe permitiu, desde logo, aventar ter ali *existido a primitiva igreja christã* de Mértola (Veiga, 1880, 21).
Mais tarde, Estácio da Veiga, atraído pela excecional importância daqueles vestígios e certamente incentivado pelas notícias que lhe fazia chegar o seu amigo ali residente, Manuel Inácio de Mello Garrido, de que "quasi todos os dias se está descobrindo neste sítio monumentos", apelando à necessidade "d'uma exploração científica bem dirigida" (Pereira, 1993: 13), retornaria por diversas vezes a Mértola, vindo a efetuar trabalhos de escavação naquele local, que terão ocorrido entre os anos de 1887 e 1891, segundo Bandeira Ferreira (Ferreira, 1965, 59-72), com probabilidade no ano de 1890, segundo M. Luísa Estácio da Veiga Silva Pereira (Pereira, 1993: 14).

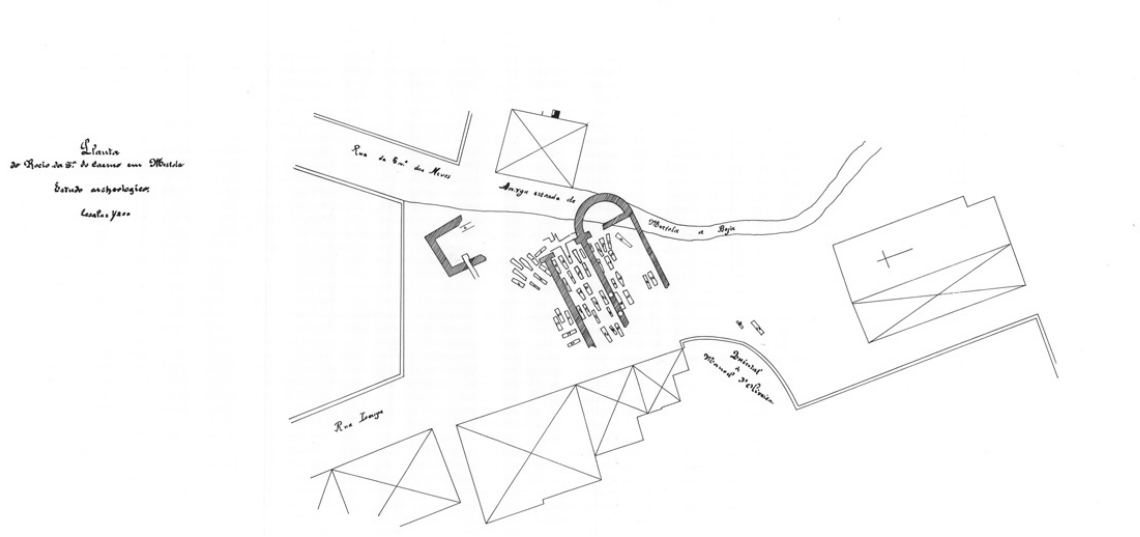


Fig. 202 – Planta das escavações no Rossio do Carmo (Ferreira, 1965).

Luís Cardoso, num trabalho sobre "Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista", vem dar a conhecer um conjunto de materiais inéditos (missivas e fotografias do arquivo de Estácio da Veiga existente no Museu Nacional de Arqueologia) que trazem nova luz sobre as várias intervenções arqueológicas levadas a cabo nos finais do século XIX e inícios do XX, em Mértola, no sítio do Rossio do Carmo.

A planta, publicada por Bandeira Ferreira, referente à intervenção arqueológica realizada no Rossio do Carmo, foi, geralmente, atribuída a Estácio da Veiga. Contudo, para L. Cardoso, esta planta, bem como as referidas fotografias, "não se reportam aos trabalhos executados por Estácio da Veiga, em Mértola, em 1877: caso contrário, não teria deixado de mencionar tais elementos na sua monografia de 1880" (Cardoso, 2006: 329). Estácio da Veiga refere, no Volume II das *Antiguidades do Algarve,* a este propósito que: "Não tive tempo em Mértola para pôr à vista a célebre igreja Myrtilense, cuja sede reconheci, nem o seu vasto cemitério contíguo, d'onde poderá ter extraído numerosos craneos" (Veiga, 1987).

Fig. 203 – A Igreja de n. S. do Carmo e os trabalhos arqueológicos desenvolvidos por J. L. Vasconcelos nos inícios do século XX .

Para L. Cardoso "ao contrário do que unanimemente se referiu, é de concluir que a planta da basílica de Mértola não deve ter resultado de trabalhos arqueológicos conduzidos por Estácio" (Cardoso, 2006: 332). Contudo pela análise das fotografias é de concluir que se trata da mesma escavação da qual foi feita a referida planta. Em duas dessas fotografias L. Cardoso identifica e atribui a autoria destes trabalhos arqueológicos a J. Leite de Vasconcelos (Cardoso, 2006: 334).

O então diretor do Museu Etnológico Português desenvolveu trabalhos arqueológicos em Mértola, em1895, com a colaboração de Maximiano Apollinario, tendo explorado várias sepulturas, na área já anteriormente escavada por Estácio da Veiga no Rossio do Carmo, "junto da igreja do mesmo nome, com restos humanos, das quais se levantou a planta de onze" (Vasconcelos, 1900: 242). Posteriormente, em Abril de1908, voltou a Mértola onde desenvolveu escavações onde recolheu inscrições latinas e gregas e crânios e ossadas dos séculos VI e VII (Vasconcellos, 1908: 381), sabe-se também que entre outubro de 1913 e agosto de 1917, deram entrada no referido museu "doze

lápides do cemitério visigótico de Mértola, explorado pelo Sr. Director em 1908" (Machado, 1920: 257). Este conjunto de informações leva L. Cardoso a concluir que "as doze lápides descobertas em 1908 resultam de extensas escavações efectuadas na necrópole, as quais teriam certamente sido objecto de registo" (Cardoso, 2006, 335), assim, as fotografias e a referida planta, só podem, por conseguinte, ser da intervenção realizada, por Leite de Vasconcelos em 1908, pois a anterior intervenção no local, realizada em 1895 fora de menor dimensão, não tendo nesta altura, descoberto qualquer elemento epigráfico.

Fig. 204 – Trabalhos arqueológicos desenvolvidos por J. L. Vasconcelos nos inícios do século XX na Basílica do Rossio do Carmo .

Fig. 205 – Escavações arqueológicas do CAM no Rossio do Carmo nos anos 80 do século XX .

As escavações realizadas um século depois pela equipa do CAM, dirigidas por Cláudio Torres, vieram atestar essa afirmação, embora, devido às transformações urbanas que a zona entretanto sofreu, não fosse já possível encontrar os vestígios completos de todo o embasamento do templo.

Apesar desse facto, é possível afirmar que, tipologicamente, a basílica paleocristã de Mértola se inclui no grupo de basílicas de dupla abside contrapostas, evidenciando na sua planta o que se supõe ser uma influência de origem norte-africana, oriunda da zona da atual Tunísia (Cerrillo, 1978: 10). Apesar das diferenças em termos de escala, foi possível constatarmos *in loco* as semelhanças dos exemplares de Sbeïtla e de Haïdra, ambas nesse país, com este caso de Mértola.

Como refere Santiago Macias no seu estudo "Um espaço funerário": "A proximidade formal entre os templos hispânicos e os tunisinos, bem como os intensos contactos populacionais, comerciais e culturais que se verificaram ao longo de toda a Alta Idade

Média entre essas duas antigas regiões do Império Romano, justificam que se estude a basílica de Mértola em função desses contactos" (Macias, 1993: 34).

Essa comprovação de laços e paralelismos não se resume apenas à importação de um modelo arquitetónico, por mais integrado que esteja no movimento de implantação e crescimento de um culto religioso também ele proveniente de paragens mais a oriente no Mediterrâneo. A verificação da extensão dos laços que ligavam estas duas regiões, situadas em margens opostas de um mesmo mar pode, também, ser inferida do conjunto de referências dadas por algumas das lápides funerárias exumadas dentro e em redor da basílica. Citando o mesmo autor: "Não só parte da antroponímia da necrópole do Rossio do Carmo apresenta importantes paralelismos com a registada em cemitérios norte-africanos, como está comprovada, de forma indubitável, a presença em Mértola de membros da população originários dessa região" (Macias, 1993: 35).

A característica mais comum deste conjunto de edifícios está na sua dupla abside; na

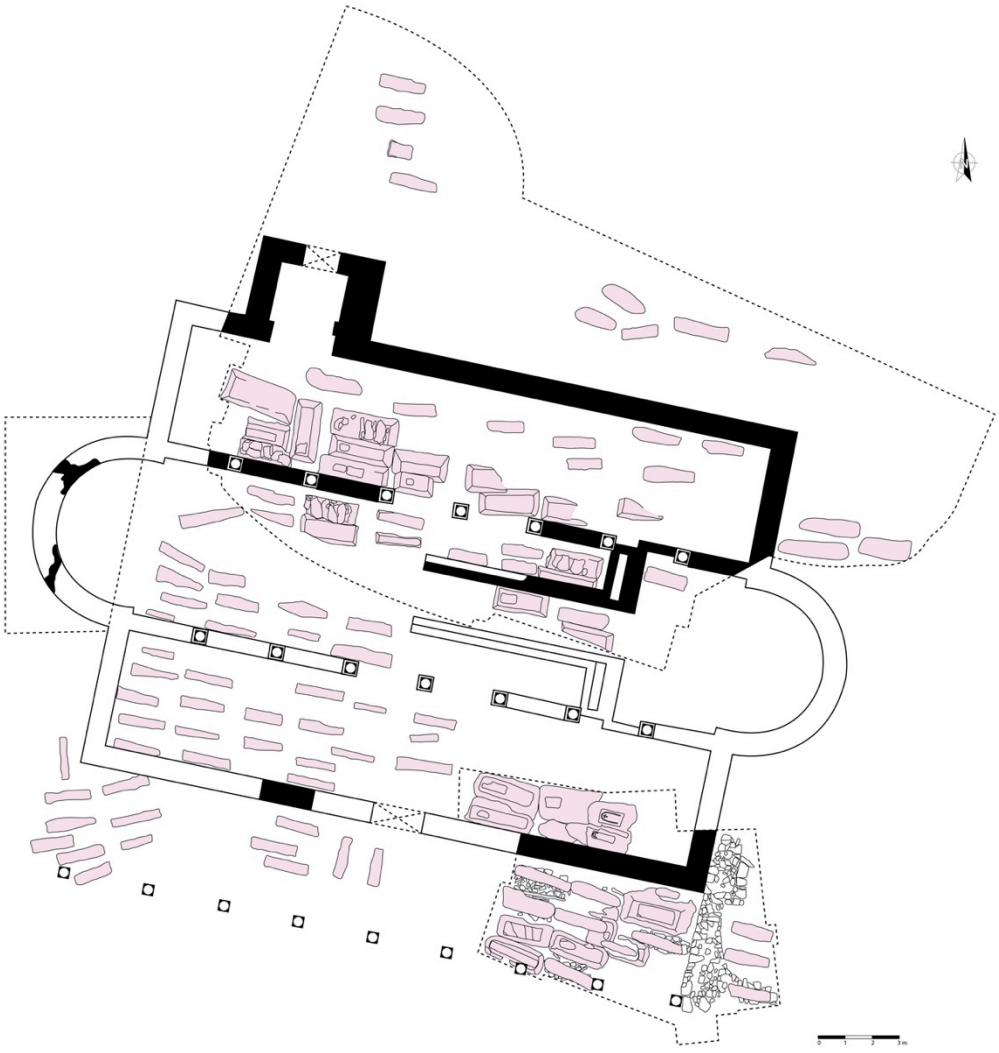


Fig. 206 – Planta das estruturas da basílica do Rossio do Carmo.

região norte-africana essa característica arquitetónica tem sido considerada a síntese entre um antigo ritual funerário e necessidades da liturgia. De fato, era comum que uma das absides fosse implantada sobre um *martyrium (*Duval, 1973: 378-379), de certa forma sacralizando um antigo enterramento de um membro de extraordinária importância no contexto da comunidade cristã local; porém, as necessidades litúrgicas implicavam, evidentemente, a existência de um local de implantação do altar, onde o ofício seria celebrado. Visto que os dois locais - o do santo mártir e o de Cristo - não podiam ser coincidentes, surgiu assim a tradição de erigir basílicas de dupla abside, tipologia que, rapidamente, se disseminou entre as comunidades cristãs primitivas - provavelmente devido a esse segundo espaço sagrado dentro do templo, que permitia celebrar algum membro da comunidade religiosa local (certamente associado aos primeiros momentos do cristianismo, quiçá mártir do conflito ideológico travado com os clérigos e administradores romanos), o que não deixava de ser da maior importância para a consolidação do culto nestas paragens já tão distantes das terras de Judá e da Palestina (Duval, 1975: 330).

Segundo alguns autores, em alguns templos a dupla abside deve-se também à evolução dos rituais litúrgicos: quando a localização do altar foi transferida de Ocidente para Oriente, uma nova abside surgiu (Duval, 1982: 105). Assim, as duas absides corresponderiam a momentos construtivos diferentes, mas essa interpretação não se ajusta ao caso de Mértola, em que elas são contemporâneas uma da outra. Também se pode destacar o facto de, nos casos norte-africanos, o altar se encontrar diante da abside este (quando não mesmo mais avançados, já em plena nave central), enquanto que, nos casos estudados para o conjunto da Península Ibérica, o altar se encontra sempre dentro dessa abside (Fernandez Gomez, *et alli*., 1987:187).

Data também da mesma época, e da mesma região norte-africana, a tradição de proceder a enterramentos nas basílicas e, nesse contexto, as famílias poderosas, ligadas à hierarquia eclesiástica, desde o primeiro momento reservaram as melhores zonas para elas - uma vez mais uma situação idêntica ao sucedido em Mértola. Se se contemplar o conjunto de lápides aí encontradas (quer por Estácio da Veiga, por Leite de Vasconcelos, quer nos anos 80 pela equipa do CAM), depara-se com numerosos membros da hierarquia local: três presbíteros, um subdiácono, um porteiro, uma religiosa (interessante por poder indiciar a existência de um mosteiro feminino nesta

zona) e mesmo, entre outros, um primeiro cantor (referido como da sacrossanta igreja de Mértola), cargo que jamais havia sido referido antes no conjunto de lápides existentes na Península Ibérica (Dias, 1993: 103) para esta época histórica.

Apesar de ter desaparecido uma boa parte das estruturas originais podemos ter uma ideia aproximada de como este espaço estava organizado, ideia que foi concretizada na musealização do templo.

Tratava-se de uma igreja de três naves, com sete tramos separados por colunas e com duas absides contrapostas, semicirculares e que eram ressaltadas em relação ao corpo do edifício.

Esta dupla abside de Mértola, da qual há escassos testemunhos arqueológicos dada a situação anteriormente referida de obras urbanas que os fizeram desaparecer, é, no entanto, atestada por dois fatores:

- a abside poente está registada documentalmente por Fernando Ferreira que publica, em 1965, na Revista de Guimarães, "Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola" (Ferreira,1965: 59-72), onde esta se pode claramente ver; os trabalhos arqueológicos efetuados no local em 1991 confirmam esse registo;
- apenas na tipologia africana existem casos de basílicas com uma só abside, situada no lado oeste. Logo, assim, seria de inferir a existência de uma outra cabeceira do lado nascente. Apesar de esta nunca ter sido encontrada, a presença do coro nas suas imediações leva a considerar, sem grandes dúvidas, a sua existência. Seria o lugar do altar que desempenhava um papel importante no contexto dos atos litúrgicos no interior da basílica (Macias, 1993: 43).

Sabe-se, também, por representações figurativas existentes nas lápides de Mértola que, no seu interior, as naves seriam preenchidas por arcos intercolúnios, um programa morfológico do qual existem registos apenas na região da Lusitânia (Sotomayor, 1982b: 11-27).

Segundo aquilo que os vestígios arqueológicos permitem calcular, a basílica teria cerca de 31,5 m de comprimento por 16 m de largura interior (uma vez que cada uma das paredes laterais tem cerca de 0,8 m, a largura pelo exterior é de 17,6 m). As naves laterais possuem, no seu comprimento máximo, 23,8 m (Macias, 1993: 39).

Quanto às absides, estas seriam salientes em relação ao corpo do edifício, estimando-se que tivessem de altura cerca de 5,3 m, enquanto que a nave central teria 5,6 m e as laterais 4,2.

A escavação do muro situado no lado norte, que pôs a descoberto cerca de 16,45 metros do seu embasamento, permitiu estabelecer a configuração da basílica na sua vertente nordeste, bem como o limite este da nave norte.

A largura do pórtico foi verificada pela descoberta *in situ* de uma base de coluna, peça arquitetónica que integraria o acesso principal enquanto elemento estrutural.

Associado à estrutura original da basílica parece ter sido adossado, no lado sul, um pequeno alpendre assente em colunas, onde também havia enterramentos.

No que respeita às naves, foi também identificado, além dos muros constituintes, o número dos seus tramos e a existência de um coro, do qual resta a ala norte. Este aparenta ser um elemento já presente na planta original do templo, e servia para albergar, durante a liturgia, uma parte do clero ou os leigos que participavam de forma ativa nas cerimónias. Esse compartimento, certamente delimitado por uma cancela, apresenta as seguintes medidas: 6,5 m de comprimento por 1,6 m de largura (Macias, 1993: 43).

Posteriormente, e também no espaço interior da igreja, viriam a ser feitas algumas modificações - particularmente ao nível dos muros interiores - de modo a criar nestes resistência suficiente (aumentando a espessura dos muros) para sustentar uma cancela, hipótese que é também sugerida pela existência de vestígios arqueológicos dessa estrutura.

As escavações arqueológicas determinaram, igualmente, que um dos acessos ao templo era feito pela nave lateral norte. Esta forma de fazer o acesso ao templo é outra característica comum aos templos peninsulares com esta cronologia. O acesso à basílica estava marcado de forma evidente: um maciço - com as medidas externas de 4,7 x 3 m - destacava-se do muro norte do edifício, sendo a entrada feita por uma porta com 1,2 m de vão.

Quanto aos sistemas construtivos encontrados na basílica, esta é um edifício em alvenaria de pedra argamassada, com espessas camadas de reboco de cal.

As colunas que separam a nave central e lateral apresentam uma distância entre si de 2,3 m. Dos plintos que sustentavam a arcada foram localizados sete durante a

escavação, e duas das suas bases encontravam-se ainda nos devidos locais. Hoje são visíveis, no espaço musealizado, alguns destes elementos seguramente originários deste local, mas que foram sendo recolhidos em locais dispersos da vila desde há já alguns anos (Lopes, 1993: 67).

Quanto à cobertura compõe-se de elementos tradicionais romanos - *tegulae* e *imbrices* - , da qual foram encontrados inúmeros vestígios depositados no chão da basílica. A nave central apresentaria duas águas, ladeadas por outras duas, sobre as naves laterais (Macias,1993: 43).

Por último, o pavimento que era constituído por *opus signinum*, tem um aspeto desgastado. A maior parte da sua superfície, como se referiu já, encontra-se ocupada por sepulturas.

Tudo nos vestígios deste templo aponta para uma única campanha construtiva no essencial, apenas, como já se referiu, com ligeiros acrescentos um pouco mais tardios.

Este edifício revela uma funcionalidade funerária pois em quase todo o espaço interior, bem como nas áreas adjacentes, estavam localizadas sepulturas em fossa, escavadas na rocha. A cobertura destes túmulos era feita com *opus signinum*, podendo estar identificada com uma lápide funerária. O conjunto de lápides, estudadas por Manuela A. Dias, revela não só questões de natureza cronológica ou estilística mas, também, dados de natureza social e geográfica. Através do seu estudo ficou provada a presença em Mértola de várias comunidades humanas oriundas de todo o Mediterrâneo (Dias, 1993: 103).

O templo teria assim capacidade para albergar algumas centenas de crentes, quando da celebração dos rituais litúrgicos. A ocupação do espaço por funções funerárias, dava-lhe uma segunda vertente, também ela característica desta zona geográfica peninsular.

6.4.3 As sepulturas, os dados antropológicos e o ritual funerário

As escavações arqueológicas revelaram que no interior, zona envolvente da basílica e pórtico sul existiam enterramentos. Excetuava-se a zona das absides onde não se encontraram sepulturas. O facto de haver enterramentos dentro da basílica não é caso único ao nível peninsular, pois vários são os exemplos que refletem esta prática, nomeadamente em Torre de Palma (Monforte), Monte da Cegonha (Vidigueira), Casa Herrera (Mérida), para citar alguns dos paralelos mais próximos.

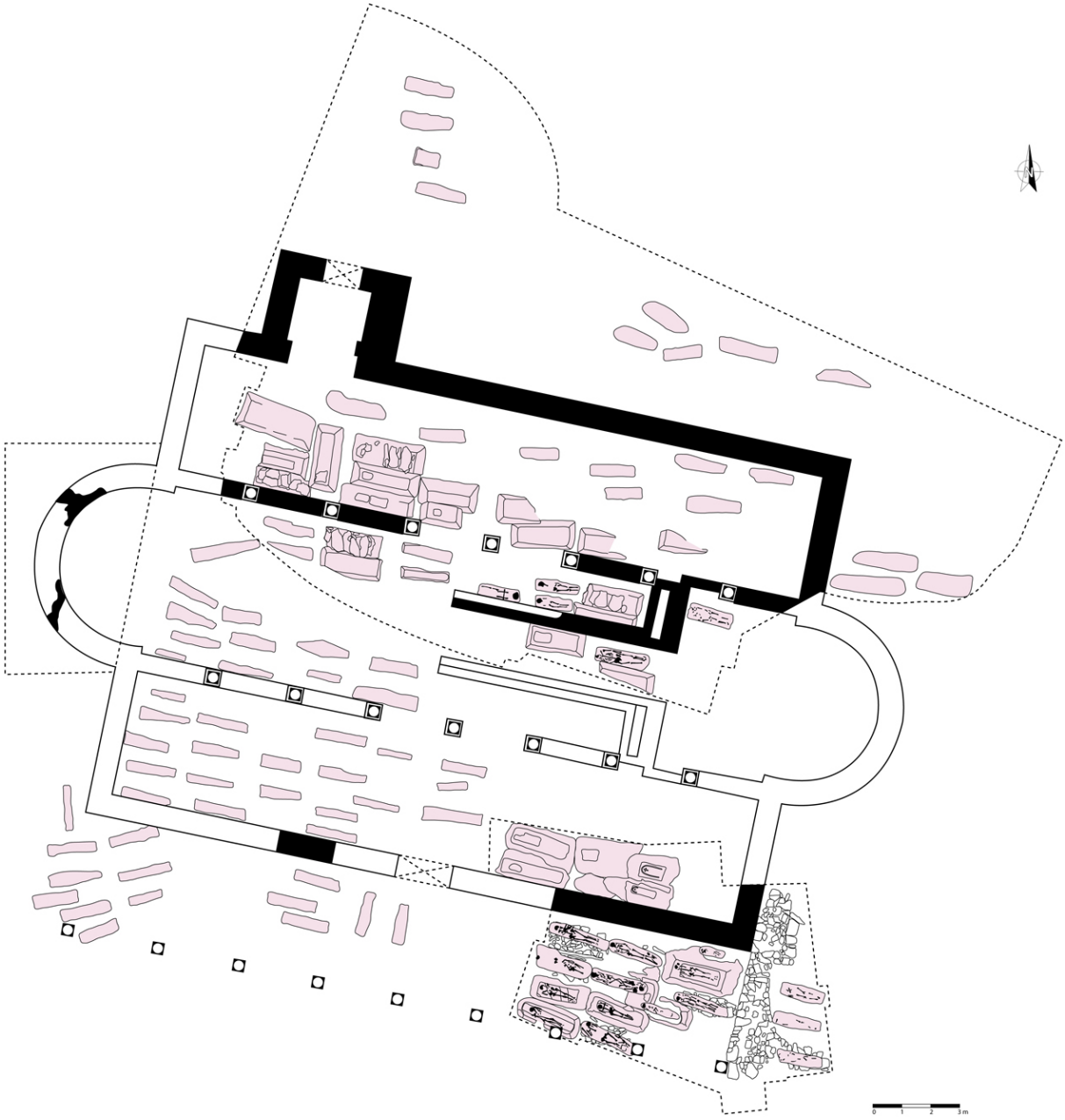


Fig. 207 – Planta das estruturas e dos enterramentos da basílica e pórtico sul .

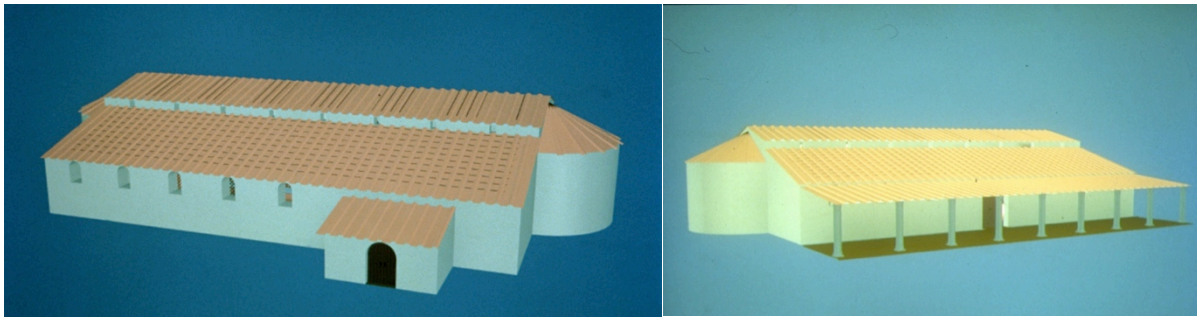


Fig. 208 – Propostas de reconstituição volumétrica da Basílica do Rossio do Carmo – Vistas de Norte e de Sul(Macias, 2006).

Na basílica, e área envolvente, foram escavadas, por José Leite de Vasconcelos, 52 inumações, situando-se grande parte dos túmulos no alpendre e nas naves central e sul. As escavações, levadas a cabo nas décadas de oitenta e noventa do século passado, pela equipa do CAM, puseram a descoberto túmulos que têm a seguinte distribuição espacial: quatro sepulturas nas imediações da porta norte; quatro no exterior norte; sete na nave norte; duas na nave central; doze no alpendre e três no exterior sul. Todo o conjunto pertence a uma tipologia única de sepulturas, todas elas escavadas na rocha e cobertas com lajes de xisto, possuindo, por vezes, pequenos muretes no interior, nos quais assenta a cobertura; verifica-se, também, que algumas das sepulturas possuíam revestimento interior em *opus caementicium*. Ao nível da cobertura, os túmulos tinham uma caixa saliente feita com uma espécie de *opus signinum*. À superfície das sepulturas podia, ainda, existir uma inscrição numa laje de mármore ou, mais raramente, uma decoração em mosaico. Como vestígios desta última solução, foram encontradas algumas tesselas *in situ* e um pequeno fragmento de mosaico, encontrado numa deposição secundária. Estas tesselas, em calcário e pasta vítrea, surgem também dispersas na zona norte da basílica, o que pressupõe que o uso de mosaicos sepulcrais também ocorreu em Mértola, à semelhança do que sucedia no Norte de África. Ao nível peninsular esta prática também ocorreu, em especial nas ilhas Baleares e na zona da Tarraconense (Palol, 1967: 323-331). Em Portugal regista-se o mosaico funerário de Frende (Baião), possivelmente datado de meados do século V e com nítida influência norte africana (Almeida, 1986: 11).

Fig. 209 – Proposta de reconstituição volumétrica do altar e do coro da basílica do Rossio do Carmo (Macias, 2006) .

As sepulturas deste cemitério têm uma forma retangular, com dimensões médias de cerca de 1,80 m de comprimento, 0,40 m de largura e 0,55 m de profundidade Macias, 1993: 51). As sepulturas de criança são, naturalmente, mais pequenas mas possuem as mesmas características construtivas.

O ritual funerário utilizado neste local foi a inumação. As sepulturas estão orientadas nascente-poente, sendo que, nos enterramentos onde a cabeça foi colocada para oeste, o defunto foi posto em decúbito dorsal, com os braços ao longo do corpo. As únicas exceções verificam-se quando havia falta de espaço no interior da basílica, o que implicava a adaptação possível ao espaço de que dispunha.

Fig. 210 – Escavação das sepulturas do pórtico sul, em 1990 .

Das trinta sepulturas estudadas pela equipa de antropologia verificou-se que 14 têm ossadas de apenas um esqueleto, detetando-se, nos restantes 16 casos, um uso sucessivo que pode ir até oito indivíduos. Quando estas reutilizações de sepulturas aconteciam, era prática comum removerem os ossos do defunto para a zona dos pés e colocarem um outro corpo. As zonas de entrada parecem ser onde se verifica uma maior percentagem de sepulturas reutilizadas. Assim, na zona do alpendre, em dez sepulturas com espólio osteológico verificou-se a concentração de restos de vinte e cinco indivíduos (Morales,1999: 286).

Quanto à utilização dos distintos espaços como local de enterramento, quer no interior quer no exterior de edifícios de culto, não é possível, a partir das informações disponíveis, afirmar ou negar a existência de enterramentos *ad sanctos*, embora seja possível a sua existência, em especial no caso da basílica paleocristã do Rossio do Carmo. Nada nos permite concluir da presença em Mértola de relíquias de santos, embora esse fosse o hábito, a edificação de *memoria martyrium* - construções sepulcrais construídas em honra dos mártires - no interior das igrejas (Macias, 1996:

52). No entanto, N. Duval resumiu esta temática e aponta para que na " Hispania a utilização da contra-ábside e do contra-couro ocidental para um culto martirológio não está demonstrado em nenhum momento" acrescentando que "a explicação material verosímil também em Hispania, no entanto não temos a prova" (Duval, 2000a: 450 e 475). Esta teoria opõe-se à de C. Godoy Fernández que tinha avançado com uma proposta para a interpretação da funcionalidade dos contra-coros como lugar de comemoração dos mártires e santos (Godoy Fernández, 1995: 95, 96)

Fig. 211 – Escavação das sepulturas situadas a norte da basílica, em 1990 .

A falta de espólio funerário não nos permite dispor de um importante critério de diferenciação social dos indivíduos sepultados. Apenas foram encontrados um brinco, na sepultura 163 (Lopes,1993: 72), e um "lacrimário" junto à face direita da sepultura 149 (Lopes,1993: 82). Tudo leva a crer que o ritual funerário desta igreja fosse semelhante aos praticados noutros locais, em que o defunto era transportado até ao túmulo num esquife, sendo inumado numa sepultura aberta na rocha ou construída com pequenos muretes interiores.

Uma intervenção arqueológica de emergência ocorreu no sítio do Rossio do Carmo, na área adjacente, antes da construção do novo Tribunal[158]. As obras de terraplanagem e de movimentação de terras, realizadas a escassos cinquenta metros da abside oeste da basílica, foram acompanhadas por elementos do CAM, que aí detetaram a existência de duas jazidas. Foi escavada, e estudada, uma sepultura de inumação, que revela rituais de enterramento similares aos praticados no interior da basílica. O corpo foi depositado numa caixa sepulcral, delimitada lateralmente por pedras e com a cobertura feita por lajes de xisto, percebendo-se, pela análise efetuada, que se tratava de um indivíduo do sexo masculino, com idade situada entre os 40 e os 60 anos. A posição do cadáver, em decúbito dorsal, aproxima esta sepultura das identificadas na basílica Paleocristã.

O terreiro do Rossio do Carmo, pela sua configuração topográfica e proximidade da grande via que tomava a direção de Beja, tornou-se o local privilegiado de inumação das gentes de Mértola, entre o século V e o VIII. Com este achado aumenta, substancialmente, a área de dispersão das sepulturas desta necrópole e a eventual delimitação a poente, atestando a continuidade e persistência funcional desta área urbana.

A necrópole islâmica, que se sobrepôs às ruinas da basílica e se estende pela zona sul, foi alvo de intervenção arqueológica de 2000 a 2004. Os trabalhos trouxeram à luz do dia um importante conjunto de sepulturas com uma invulgar densidade e sobreposição de inumações da *maqbara* de Mértola (Morales, 1999: 207-208, e Macias, 2006: 243)

6.1.4.4 Espólio em exposição no Núcleo Paleocristão

Do conjunto de peças arqueológicas que se encontram expostas, o núcleo mais representativo provém dos trabalhos de escavação realizados na necrópole da basílica, entre 1980 e 1992; de notar que, na sua quase totalidade, surgiram em camadas arqueológicas de remeximento e, apenas mais raramente, no interior das sepulturas (invariavelmente na camada de enchimento entre as lajes sepulcrais e o *opus signinum*

[158] Entre 28 de Setembro e 2 de Outubro, de 2000.

que cobre cada uma das caixas tumulares). Apenas duas peças, um lacrimário e um brinco, foram encontrados *in situ*, no interior das sepulturas (Lopes, 1993: 72 e 82).

Fig. 212 – Os vários tipos de coberturas das sepulturas do interior do espaço musealizado e que corresponde ás várias etapas da construção das sepulturas (lajes a cobrir a sepultura, pedras na vertical e *opus signinum* na superfície).

Um segundo núcleo, menos representativo, integra materiais arqueológicos de diferente proveniência, que se encontram expostos ou integrados na estruturas remanescentes. É o caso dos materiais contemporâneos aos da basílica encontrados, no decurso de intervenções arqueológicas, noutras zonas da vila de Mértola (em particular duas lucernas encontradas na escavação de emergência realizada no edifício da Câmara Municipal, onde está instalado o núcleo romano do museu local) e de artefactos e elementos arquitetónicos encontrados nas imediações da basílica, histórica e culturalmente afins ao período cronológico em que esta se organizou.

Apesar de não serem em número significativo, os materiais exumados, pela sua diversidade e tipo, exigem algumas considerações, em particular quanto a questões de natureza cronológica, funcional e tipológica.

Na escavação das estruturas da basílica surgiram alguns elementos arquitetónicos pertencentes à mesma; no entanto, foi em algumas habitações, e quintais envolventes

do Rossio do Carmo, que foram recolhidos os exemplares mais significativos. Alguns destes, nomeadamente colunas e capitéis, foram integrados no conjunto de estruturas remanescentes da basílica, proporcionando uma melhor leitura do seu espaço arquitetónico. Os que se encontram expostos, fundamentalmente recolhidos no decurso das escavações, permitem, por outro lado, dimensionar o edifício, seja através de bases de colunas, fragmentos de placagem ou de cancelas, criando uma melhor interpretação da sua morfologia para os visitantes.

No interior do espaço musealizado da basílica conservam-se, *in situ,* as seguintes lápides, com as respetivas datações: Pierius (507), Possidonius (512), Leopardus (525), Festellus (527), Cyprianus (537),Vincentius (556), Aianes (561), e Antonia (671). Trata-se, pois, de enterramentos praticados maioritariamente na primeira metade do século VI. No interior da basílica existia espaço para outros enterramentos pois a área ocupada por estas sepulturas não abrange as três naves da basílica. Como tal não aconteceu, infere-se que o espaço interior do templo estaria reservado a uma elite social, que incluiria os elementos do clero.

Fig. 213 – Lápide de *Antonia* conservada *in situ* no interior da basílica.

Entre os objetos de metal destaca-se uma fivela de cinto. Esta peça, em bronze, com decoração zoomórfica, foi recolhida numa camada de remeximento, junto à área intervencionada por Estácio da Veiga, em finais do século XIX. A forma que apresenta é usual em objetos deste tipo, sendo frequente a sua aparição em necrópoles paleocristãs da Península Ibérica. Apesar do motivo que a decora não encontrar paralelo é, em tudo, semelhante aos exemplares identificados por Zeiss (1934, 50 a 56 lam. 20, nº 15 e 16), que inventariou e sistematizou este tipo de fivelas, de tipo bizantino e cronologicamente atribuíveis ao século VII.

O anel, depositado numa das sepulturas exteriores da basílica, é uma peça de forma simples, em bronze, tendo como único efeito decorativo o sistema de fecho das suas extremidades. Apesar do contexto arqueológico em que se encontrava, e de ser um artefacto corrente em necrópoles paleocristãs, a sua simplicidade, técnica e formal, e os horizontes largos da sua possível utilização, não permitem uma datação segura (séculos VI-VII ?) (Almagro Basch, 1975:114).

Os brincos, em número de sete, são os objetos de metal mais significativos encontrados na necrópole. Surgem como exemplares isolados, sem o par respectivo. Cinco são em bronze, um em ouro e um em prata, sendo simples a forma que apresentam: um aro, aberto, com uma extremidade mais grossa e decorada e a outra, pontiaguda, que encaixa naquela. Este tipo de brincos tem paralelos conhecidos em diversas necrópoles, nomeadamente as de Segobriga (Almagro Basch, 1975: 114-115), El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll 1985, fig. 24 nº 4 e 5) e Conímbriga (França, 1969: 17-64), tendo como balizas cronológicas os séculos V a VII.
O pequeno brinco de ouro, assim como o de prata, têm forma semelhante à dos exemplares encontrados em Tomis (Roménia), datados dos séculos VI – VII (Radulescu e Lungu, 1989: 2583). Refira-se, a propósito do brinco de prata, que a técnica que apresenta ao nível do sistema de fecho é usual a partir do século I d.C., circunstância não negligenciável para a sua datação. O mesmo se passa com os alfinetes recolhidos na escavação, os quais, apesar das diferenças que apresentam, remetem para uma forma original que pouco terá evoluído do mundo romano ao paleocristão, o que dificulta, sobremaneira, o estabelecimento de datação precisas.

Apesar de terem sido exumados, em contextos arqueológicos diversos, vários fragmentos de objetos de vidro, não foi possível, em nenhum caso, a sua identificação morfológica e funcional. O pequeno "lacrimário" de vidro encontrado no interior de uma das sepulturas surge, pois, como exemplar singular. Pelas suas dimensões e morfologia irregular, denota uma técnica de fabrico pouco refinada. O contexto arqueológico em que se encontrava remete para uma datação balizada entre os séculos VI e VII.

Nos objetos cerâmicos destacamos duas lucernas, fragmentos cerâmicos de *sigillata* e de ânforas que denunciam uma origem norte-africana ou do Mediterrâneo oriental. É o caso, muito particular, de uma das lucernas que apresenta semelhanças notáveis, na forma e decoração, com exemplares tunisinos (Ennabli, 1976: 110, Pl. XXIII) e das *sigillatae*, claramente identificadas com a região da *Focea* (oeste da Turquia) (Delgado, 1992: 126) e com oficinas norte-africanas (Béjaui, 1997: 98).
Uma asa de ânfora, com a marca CRA, poderá relacionar-se com as produções de La Catria e/ou La María, podendo relacionar-se com a variante (F)ICCRA que, por sua vez, nos remete para um uso no transporte do azeite importado da *Baetica (*Fabião, 1995: 224). Este tipo de contentores foram datados a partir do século III.

Apesar de terem surgido na escavação das estruturas da basílica, alguns elementos arquitetónicos pertencentes à mesma, foi em algumas habitações, e quintais envolventes (Rossio do Carmo), que se recolheram os exemplares mais significativos. Alguns, entre estes, nomeadamente colunas e capitéis, foram integrados no conjunto das estruturas remanescentes da basílica, proporcionando uma melhor leitura do seu espaço arquitetónico. Os que se encontram expostos, fundamentalmente recolhidos no decurso das escavações, permitem, por outro lado, dimensionar o edifício, seja através de bases, fragmentos de placagem ou de cancelas.

Os dois capiteis de mármore expostos no local inscrevem-se no que F. Limão classificou de capiteis de folhas lisa corintizantes de *kalatos* livre, característicos da Península Ibérica, com influências dos modelos romanos, cujos exemplos mais próximos podemos situar em Ostia. Este modelo encontra uma expressão importante na província da Lusitânia e na sua capital *Emerita Augusta*, influenciando fortemente as cidades de *Pax*

Iulia e *Myrtilis, t*ratando-se de uma apropriação provincial e local dado que utilizam o mármore certamente proveniente de Trigaches, datando-o dos séculos III – IV (Limão, 2007: 704), contudo com nítida reutilização nas centúrias seguintes.

Fig. 214 – O interior da basílica musealizado.

O mesmo se poderá dizer das bases de colunas que foram reintegradas nas estruturas museológicas, em que apenas uma foi encontrada *in situ* (no anexo sul) e que apresenta uma fina composição constituída por pódio, toro, listel, escócia, listel e quarto de toro. Esta peça apresenta grandes similitudes formais com peças do Museu de Córdova, datadas do século VI (Sánchez Velasco, 2006: 32)

Cancelas de mármore com decoração vazada, composta por círculos secantes que podem ser associadas à delimitação do couro pois, nas bases de colunas afetas a esse espaço, encontram-se bases de coluna com ranhuras laterais onde encaixariam as referidas cancelas.

O cimácio está insculturado em três das suas faces, com duas caneluras de fino encordoado disposto de forma simétrica, formando um motivo em espinha. Esta composição apresenta algumas semelhanças com um friso proveniente de S. Miguel da Mota, datado do século VII (Almeida, 1987: 231-232). Decoração similar verifica-se num friso depositado (em 1986) na Igreja de Vera Cruz de Marmelar e num possível encaixe para *transenna*, de Beja, datado do século VI (Wrench, 2008: 471).

De qualquer modo, julgamos ficar claramente atestada a tradição mortuária da Basílica do Rossio do Carmo, tradição que se prolongará pelo período islâmico. Será somente em época cristã medieval, após a Reconquista, que a sagração da antiga mesquita, situada na zona da alcáçova do castelo, como igreja matriz, arrastará para junto de si a zona cemiterial, que aí se manterá, apenas com um pequeno deslocamento mais para noroeste, até aos nossos dias.

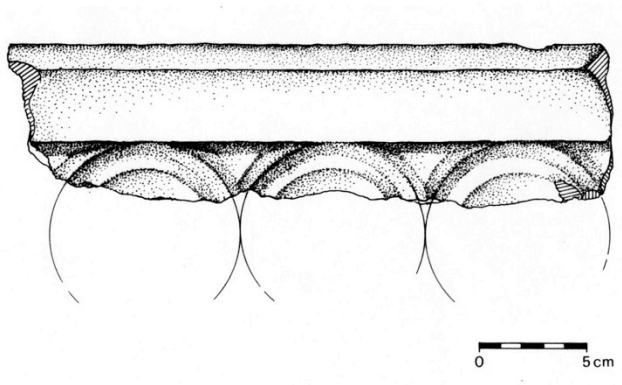
6.1.4.4.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo:148
Nº inventário:

Identificação: Cimácio de mármore branco de grão médio. A peça foi posteriormente reutilizada como bocal de um poço. Foi encontrada partida, feita em pequenos fragmentos o que obrigou a um apurado trabalho de consolidação e restauro.
Descrição A peça está insculturada em três das suas faces com duas caneluras de fino encordoado disposto de forma simétrica formando um motivo em espinha. Acima destes possui uma linha finamente marcada. Esta composição apresenta algumas semelhanças com um friso proveniente de S. Miguel da Mota datado do século VII (Almeida, 1987: 231-232). Este motivo é bastante raro na Lusitânia embora com alguma frequência no noroeste peninsular como em S. Pedro de Balsemão ou ainda na designada arte asturiense como em S. Maria de Naranco, em San Miguel de Lillo, em Santa Cristina de Lena e em San Salvador de Valdedios (Fontain, 1973: 178; 280).
Decoração similar verifica-se num friso depositado (em 1986) na Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Wrench, 2008: 40; FRI. 20) e num possível encaixe para transenna, de Beja datado do século VI (Wrench, 2008: 471). Em duas Impostas da igreja de S. Pedro de Balsemão (Almeida, 1962: 224-225; Fig. 263-264), verifica-se uma decoração relacionada com a deste cimácio, a linha de chaveirões que decora a faixa central de três estreitas faixas justapostas é muito semelhante às de S. Miguel da Mota e de Beja. Ainda a imposta de São Pedro de Balsemão, nas três faixas

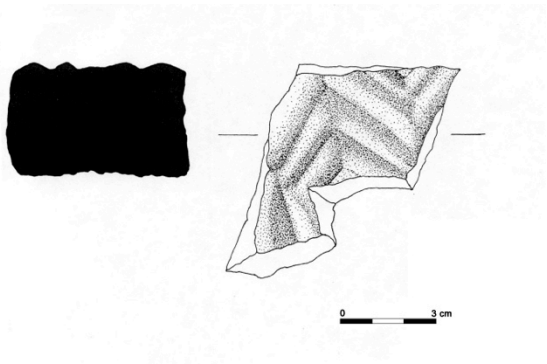
sobrepostas decoradas com Cordão com os enrolamentos dispostos de forma alternada, pode fazer-se a leitura de Chaveirões (Almeida, 1962: fig. 265).
Em Mérida, segundo Cruz Villalón, apenas se verifica uma decoração similar numa Placa e numa Imposta (nos 168 e 285) (Cruz Villalón, 1985: 242-243) Esta autora considera que este tema, que designa por "Espigas", tem uma escassa representação em Mérida e que os exemplos aí existentes, bem como outros da Lusitânia, concentrados no sul da Península, se relacionam com exemplos africanos, colocando a hipótese de ser essa a sua procedência (Wrench, 2008: 407).
Dimensões: Altura 20 cm; comprimento 95 cm; largura 74 cm; diâmetro do orifício superior 13 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: Obras de remodelação de casas contigua à basílica do Rossio do Carmo.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 149
Nº inventário:MR.FA.0001
identificação: Fragmento de friso arquitectónico. Mármore branco de grão médio.
Descrição: Talhe em bisei. De possíveis funções decorativas na área do couro ou do altar mor. A decoração existente sugere um motivo constituído por círculos.



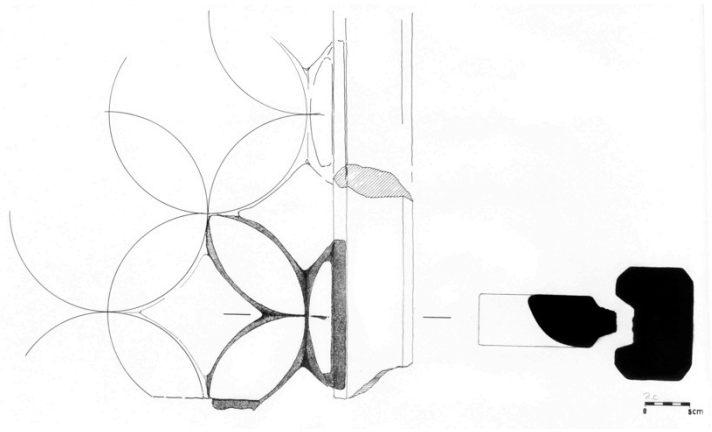
Dimensões: Altura 14 cm; largura 46 cm; espessura17cm.
Cronologia: Séculos VI-VIl (?)
Proveniência: R.C./990/06/recolha de superfície.
Bibliografia: Lopes, 1993: 93.

Nº catálogo: 150
Nº inventário: MR.CZ.0002
Identificação: Fragmento de cruz patada e vazada. Mármore branco de grão médio.
Descrição: Decoração incisa em bisel, com um motivo composto por uma sequência de triângulos contrapostos formando um friso em zig-zag.

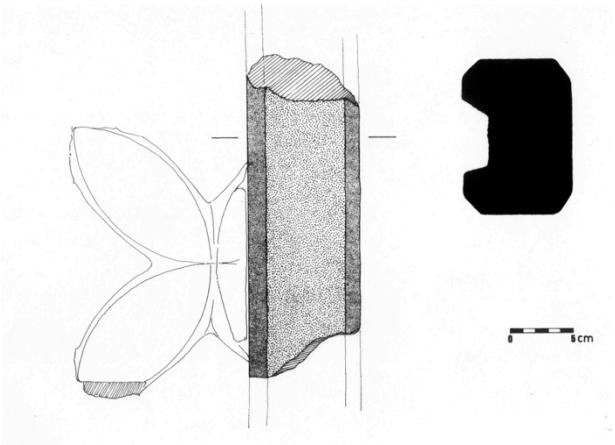


Dimensões: Altura7cm; espessura máxima 3,5 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII(?)
Proveniência: R.C./988/recolha de superfície.
Bibliografia: Lopes, 1993: 94.

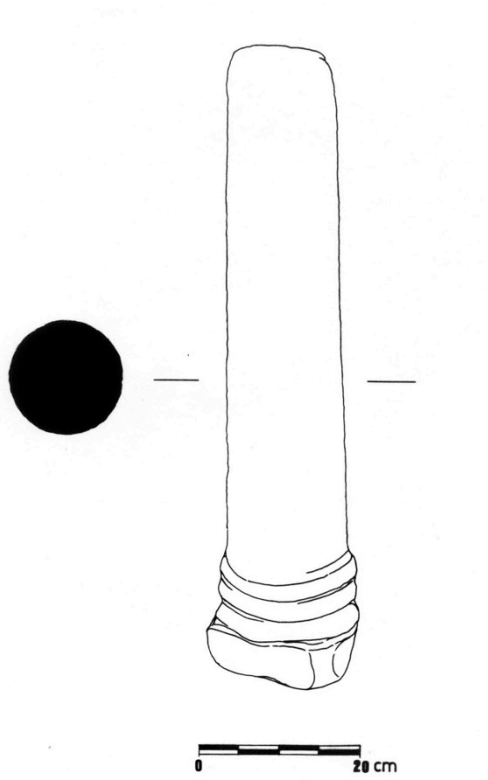
Nº catálogo: 151
Nº inventário: MR.CC.0004
Identificação: Fragmento de cancela mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Tem uma decoração vazada composta por círculos secantes. É visível o encaixe no pilastrim de cancela (ver n° M31 deste catálogo).
Dimensões: Altura 14 cm; largura 46 cm; espessura 17 cm.
Cronologia. Séculos VI -VII(?)
Proveniência. R.C./90/N3 (associada ao derrube do coro da basílica).
Bibliografia: Lopes, 1993: 96.



Nº catálogo:152
Nº inventário: MR.PL.0001
Identificação: Elemento de um pilastrim de cancela.
Descrição: Possui uma ranhura longitudinal que servia de suporte à cancela (peça n°M30 deste catálogo).
Dimensões: Altura 28 cm; largura13 cm; espessura 9 cm.
Cronologia: Séculos VI-VIl (?)
Proveniência: R.C./90/N3 (associada ao derrube do côro da basílica).
Bibliografia: Lopes, 1993: 97.



Nº catálogo: 153
Nº inventário: MR.CI.0005
Identificação: Colunelo de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: A base e o fuste são esculturados na mesma peça. A base com um plinto quadrangular, possui uma moldura dupla. Possivelmente trata-se de um pé de altar.
Dimensões: Altura 83 cm; largura 19 cm; diâmetro 15 cm.
Cronologia: Séculos V- VII.
Proveniência: Largo do Rossio do Carmo (edifício antigo dos Bombeiros Voluntários de Mértola).
Bibliografia: Lopes, 1993: 98.



Nº catálogo: 154
Nº inventário: MR.CP.0004
Identificação: Capitel de tipo corintizante; mármore branco de grão médio. Apresenta-se danificado na parte superior.
Descrição: Aparte inferior do cesto apresenta duas coroas de folhas de lisas interpoladas, ligeiramente contracurvadas. Aparte superior do cesto possui talos que se bifurcam e enrolam em volutas. O ábaco apresenta-se muito desgastado dada a reutilização posterior.
Dimensões: Altura máxima 41 cm; largura máxima 50 cm; diâmetro da base 34 cm.

Cronologia: Séculos III - IV no entanto devem ter sido reutilizados na basílica a partir do século V- VIII.
Proveniência, Encontrado nas imediações do Rossio do Carmo (quintal do sr. António Silva) foi certamente reutilizado na Basílica.
Bibliografia: Lopes, 1993: 99; Limão, 2010: 470.

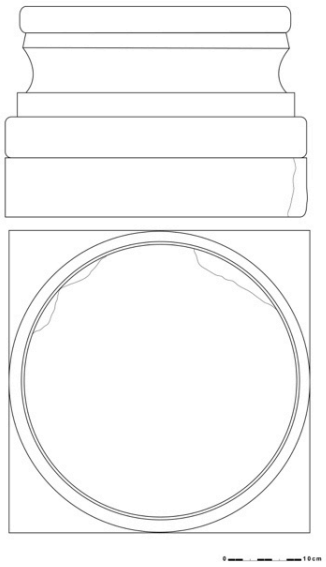
Nº catálogo: 155
Nº inventário: MR.CP.0005
Identificação: Capitel de tipo corintizante de mármore branco de grão médio. Apresenta-se danificado no ábaco.
Descrição: O cesto está ornamentado com duas coroas de folhas lisas interpoladas. Ainda está visível o arranque dos talos, mas na parte das volutas o capitel encontra-se mutilado.
Dimensões: Altura máxima 30 cm; largura máxima 46 cm; diâmetro da base 25 cm.
Cronologia: Séculos III - IV no entanto devem ter sido reutilizados na basílica a partir do século V- VIII.
Proveniência: Procedente do mesmo local do capitel n°30, de onde também foram retirados os fustes expostos na Basílica.
Bibliografia: Lopes, 1993: 99; Limão, 2010: 470.

Nº catálogo: 156
Nº inventário:
Identificação: Fuste de coluna incompleto de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Fragmento de fuste liso, possui uma gola no topo.
Dimensões: Altura 185 cm; diâmetro base 36 cm; diâmetro topo 34 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Procedente do mesmo local do capitel que está colocado na parte superior, de onde também foram retirados os fustes expostos na Basílica.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 157
Nº inventário:
Identificação: Coluna de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: O fuste é liso, possui uma gola no topo e uma moldura na base.
Dimensões: Altura 180 cm; diâmetro base 28 cm; diâmetro topo 22 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Procedente do mesmo local do capitel n°M33, de onde também foram retirados os fustes expostos na Basílica.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 158
Nº inventário:
Identificação: Coluna de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: O fuste é liso.
Dimensões: Altura 92 cm; diâmetro 25 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Procedente do mesmo local do capitel n°M33, de onde também foram retirados os fustes expostos na Basílica.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 159
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore cinzentos de grão médio.
Descrição: base constituída por pódio, toro, filete, escócia, filete e quarto de toro. A peça é bem esculpida e apresenta um bom estado de conservação.
Dimensões: Altura 27 cm; largura 42 cm; diâmetro 36 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: RC/990/7N-2 (encontrada *in situ* no pórtico sul da basílica nas escavações de 1990)
Bibliografia: Inédito.



Nº catálogo: 160
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore cinzentos de grão médio.
Descrição: base constituída por pódio, filete, toro, escócia, e quarto de toro. A peça é bem esculpida e apresenta um bom estado de conservação.
Dimensões: Altura 15 cm; largura 34 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Mértola das imediações da basílica do Rossio do Carmo.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 161
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore branco de grão grosso.
Descrição: base constituída por pódio, toro, filete, escócia, filete e quarto de toro. A peça é bem esculpida e apresenta um bom estado de conservação. Possui três ranhuras laterais para o assentamento das cancelas.
Dimensões: Altura 24 cm; largura 45 cm; diâmetro 35 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII

Proveniência: Mértola das imediações da basílica do Rossio do Carmo. Possivelmente da zona do coro.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 162
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore cinzentos de grão médio.
Descrição: base constituída por pódio, filete, escócia e toro. A peça é bem esculpida e apresenta um bom estado de conservação. Possui duas ranhuras laterais para o assentamento das cancelas.
Dimensões: Altura 24 cm; largura 45 cm; diâmetro 35 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Mértola das imediações da basílica do Rossio do Carmo. Possivelmente da zona do coro.
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 163
Nº inventário:
Identificação: Base de coluna de mármore cinzentos de grão médio.
Descrição: base constituída por pódio, toro, filete, A peça não foi totalmente esculpida, apresenta na parte superior as linhas de marcação e da esquadria. Apresenta um bom estado de conservação.
Dimensões: Altura 18 cm; largura 50 cm; diâmetro 37 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Mértola das imediações da basílica do Rossio do Carmo.
Bibliografia: Inédito.

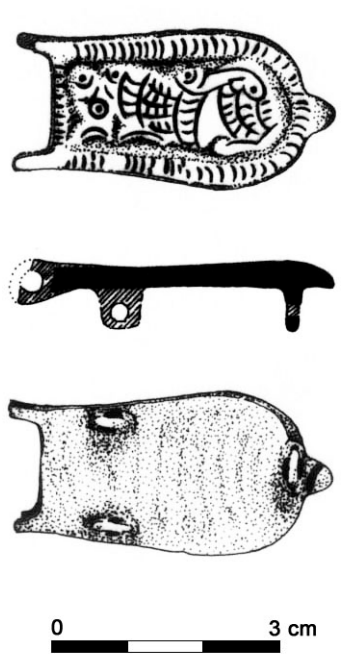
Nº catálogo: 164
Nº inventário:

Identificação: Base de coluna de mármore cinzentos de grão médio.
Descrição: base constituída por pódio, toro, filete, escócia, filete e quarto de toro. A peça é bem esculpida e apresenta um bom estado de conservação. Apresenta um orifício quadrangular com 4 cm de lado e o canal para verter o chumbo de fixação do fuste.
Dimensões: Altura 17 cm; largura 43 cm; diâmetro 39 cm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Mértola das imediações da basílica do Rossio do Carmo. Possivelmente da zona do coro.
Bibliografia: Inédito.

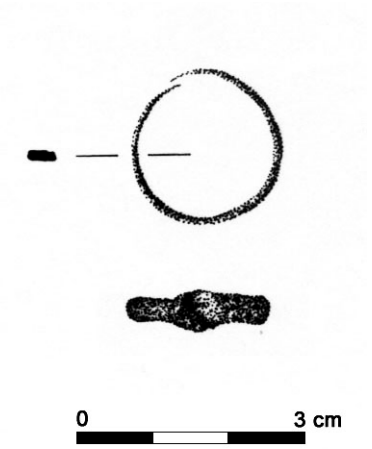
Nº catálogo: 165
Nº inventário:

Identificação: Fragmento de mosaico com tesselas de vidro e de calcário.
Descrição: Possivelmente este fragmento de mosaico pertenceu à cobertura de uma sepultura, no entanto as reduzidas dimensões não permitem qualquer leitura decorativa.
Dimensões: Altura 6 cm; largura 14,5 cm; tesselas 0,8 cm.
Cronologia: Séculos V-VI.
Proveniência: Da escavação efetuada em 1990, na nave norte da basílica.
Bibliografia: Macias, 1993: fig 22.

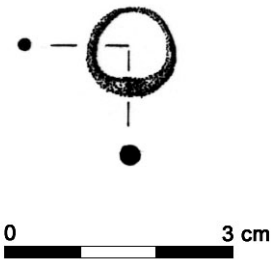
Nº catálogo: 166
Nº inventário: BR.FV.0001
Identificação: Fivela de bronze de placa rija, liriforme. Incompleta falta-lhe a argola e o fuzilhão.
Descrição: Um motivo zoomórfico ocupa a parte central, que está ladeada por pequenas ranhuras feitas com lima.
Dimensões: comprimento 4,2cm; largura 2,1 cm; espessura máxima 0,9 cm.
Cronologia: Século. VII
Proveniência: R.C/983/M2. Camada de remeximento, junto à zona escavada por Estácio da Veiga nos finais do século XIX.
Bibliografia: Lopes, 1993: 70.



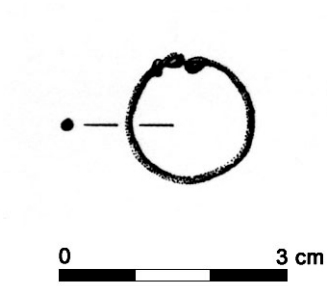
Nº catálogo: 167
Nº inventário: BR.AN.000I
Identificação: Anel de bronze.
Descrição: Tem as extremidades sobrepostas, menos espessas e mais largas que a restante porção do aro. Secção rectangular.
Dimensões: diâmetro 21mm; largura máxima 6 mm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: R.C./992/Sepultura 36 F.
Bibliografia: Lopes, 1993: 71.



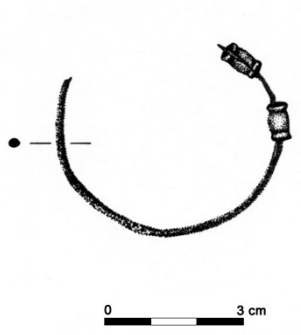
Nº catálogo: 168
Nº inventário: AU.BC.0001
Identificação: Brinco em ouro.
Descrição: Com as extremidades sobrepostas e mais finas, aumentando a espessura até à parte central. Secção circular. O sistema de Fecho é feito pela junção das extremidades.
Dimensões: Diâmetro 11mm; espessura máxima 2mm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: Sepultura n°163 A (junto à terceira vértebra)
Bibliografia: Lopes, 1993: 72.



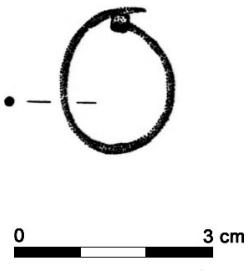
Nº catálogo: 169
Nº inventário: AG.BC.0001
Identificação: Brinco de prata.
Descrição: De aro fino e de secção circular, com as extremidades dobradas sobre o aro. O sistema de fecho é feito pelo encaixe das extremidades.
Dimensões: Diâmetro16 mm; espessura máxima 1mm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: R.C./988/02/1b.
Bibliografia: Lopes, 1993: 73.



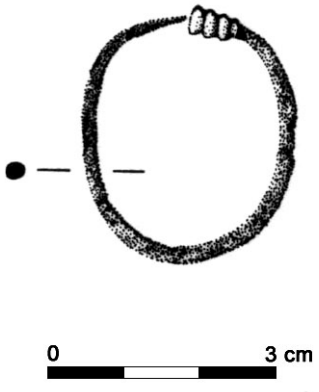
Nº catálogo 170
Nº inventário:BR.BC.000I
Identificação: Brinco de bronze. Incompleto.
Descrição: De aro fino circular, com duas contas cilíndricas. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 51mm; espessura máxima 4 mm.
Cronologia. Séculos VI-VIl.
Proveniência: R.C./989, Sepultura aberta na rocha, encontrada junto ao muro Norte da Escola Primária.
Bibliografia: Lopes, 1993: 74.



Nº catálogo:171
Nº inventário: BR.BC.0002
Identificação: Brinco de bronze.
Descrição: De forma circular ,com um extremo apontado e o outro rematado com uma peça cilíndrica.
Dimensões: Diâmetro 20 mm; espessura máxima 1 mm.
Cronologia: Séculos VI-VIl
Proveniência: R.C./988/02/1
Bibliografia: Lopes, 1993: 75.

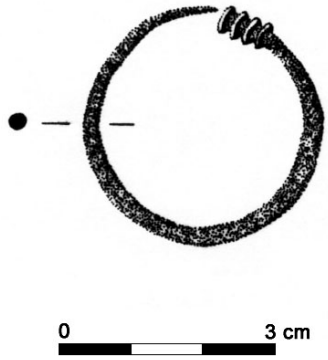


Nº catálogo: 172
Nº inventário:BR.BC.0003
Identificação. Brinco de bronze.
Descrição: Brinco de aro fino e cujas extremidades são de espessura diferente. Uma destas termina de forma afiada que encaixa na extremidade maior. Esta apresenta-se ornamentada por uma peça cilíndrica com três molduras. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 34 mm; espessura máxima 2 mm.
Cronologia: Séculos VI-VIl

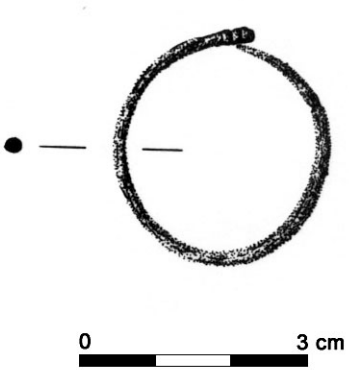


Proveniência: R.C./988/Q 1/Sep.150
Bibliografia: Lopes, 1993: 76.

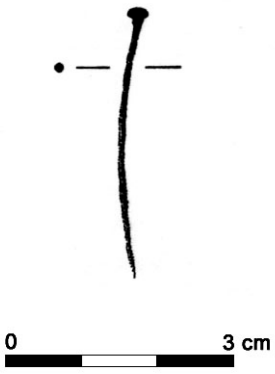
Nº catálogo: 173
Nº inventário: BR.BC.0004
Identificação: Brinco de bronze.
Descrição: Brinco com o aro em forma de fio e cujas extremidades são menos grossas do que a parte central. Uma destas termina em bico que encaixa no extremo da maior, que se apresenta ornamentada por uma série de quatro discos salientes. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 34 mm; espessura máxima 3 mm.
Cronologia: Séculos: VI-Vil
Proveniência: R.C,1988/Q1/Sep.150
Bibliografia: Lopes, 1993: 77.



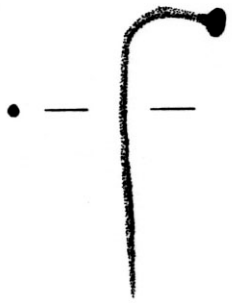
Nº catálogo: 174
Nº inventário: BR.BC.0005
Identificação. Brinco de bronze. Incompleto.
Descrição: Brinco com o aro em forma de fio com as extremidades de espessura diferente. Uma destas é pontiaguda e encaixa na extremidade maior. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 30 mm; espessura máxima 2mm.
Cronologia: Séculos VI-VII
Proveniência: RC./992/L 1
Bibliografia: Lopes, 1993: 78.



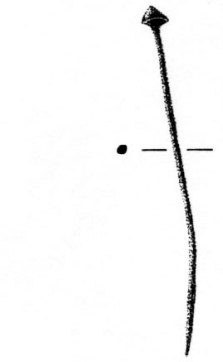
Nº catalogo: 175
Nº inventário: BR.AL.0001
Identificação: Alfinete de bronze.
Descrição: Cabeça discóide assente diretamente no pé. Secção circular.
Dimensões: Comprimento máximo 36mm; espessura máxima 3mm.
Cronologia: Séculos V-VIl (?)
Proveniência: R.C./988/P2
Bibliografia: Lopes, 1993: 79.



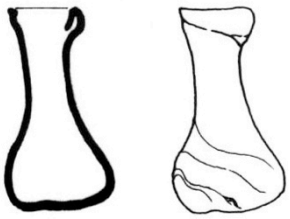
Nº catalogo: 176
Nº inventário: BR.AL.0002
Identificação: Alfinete de bronze.
Descrição: Cabeça discóide, ligeiramente convexa, que assenta diretamente no pé. Secção circular.
Dimensões: Comprimento máximo 48 mm; espessura máxima 4 mm.
Cronologia: Séculos V-Vll (?)
Proveniência: R.C./988/N1/1b.
Bibliografia: Lopes, 1993: 80.



Nº catálogo: 177
Nº inventário: BR.AL.0003
Identificação: Alfinete de bronze.
Descrição: Cabeça em forma piramidal que assenta diretamente no pé. Secção circular.
Dimensões: Comprimento máximo 56 mm; espessura máxima 4 mm.
Cronologia: Séculos V-Vll (?)
Proveniência: R.C./990/07/N2.
Bibliografia: Lopes, 1993: 81.



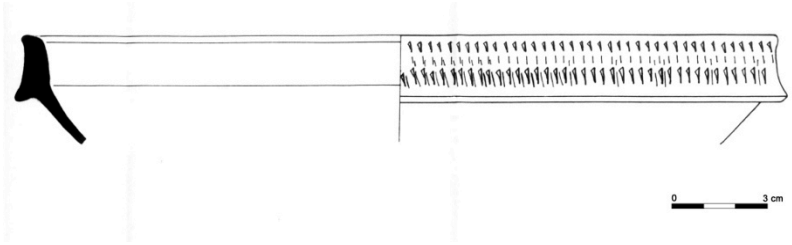
Nº catálogo: 178
Nº inventário: VD.LA.000l
Identificação: Pequeno recipiente "Lacrimário" de vidro.
Descrição: Reservatório bulbiíorme, gargalo ligeiramente estrangulado a meia altura.Bordo revirado para o exterior e depois para o interior formando uma pequena aba irregular. Assimétrico. Na parte do reservatório possui linhas encrustadas, que poderá ser um defeito de fabrico. Cor cinzento escuro, opaco.
Dimensões: Altura 30mm; diâmetro do bordo 14 mm; diâmetro do reservatório 17 mm.
Cronologia: Século VI (?)
Proveniência: Sepultura n°149 (sob a face direita).
Bibliografia: Lopes, 1993: 82.



Nº catálogo: 179
Nº inventário: 77
Identificação: Ae4, Teodósio, Roma ou Aquileia
Descrição: Anv.: DN THEODO-[SIVS P] F AVG; busto para a dta., com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Rev.: [VIC]TORIA AVGG[G]; Duas Vitórias frente-a-frente segurando coroa
Dimensões: Peso 1,17g, diâmetro 12mm, 6h
Cronologia: 383-387 d.C.
Proveniência: Rua 25 de Abril M/2002/Sond. XV/n. 413/tanque 3.
Bibliografia: Inédito.

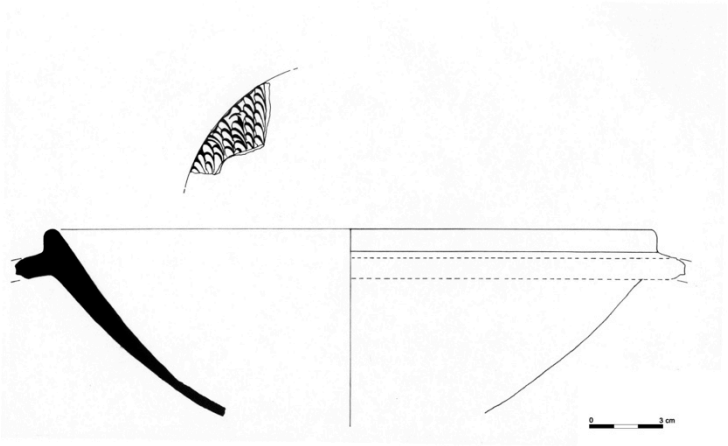
Nº catálogo: 180
Nº inventário: 2., Nº Inv.: 23
Identificação: Ae2, Magno Máximo, Arles
Descrição: Anverso: DN MAG MAXI-MVS P F AVG; busto para a direita com diadema de pérolas, drapeado e couraçado.
Reverso: REPARATIO REIPVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada
Marca: — —//PCON
Dimensões: Peso 4,50g; diâmetro 23 mm.
Cronologia: 383-387 d.C.,
Proveniência: RC/ 16 Set. 1988 (cota Z 59,51)
Bibliografia: RIC 26a

Nº catálogo: 181
Nº inventário: CR.SG.000I
Identificação: Fragmento de um fundo de prato de sigillata clara tardia.
Descrição. Fragmento com a estampilha de uma ave (pomba – Hayes, "style E"). Engobe mate, alaranjado pálido. Pasta avermelhada, textura compacta.
Dimensões: Altura máxima 5 cm; espessura máxima 0,8cm.
Cronologia: Século VI
Proveniência: R.C./ 984/ N3
Bibliografia: Lopes, 1993: 86.

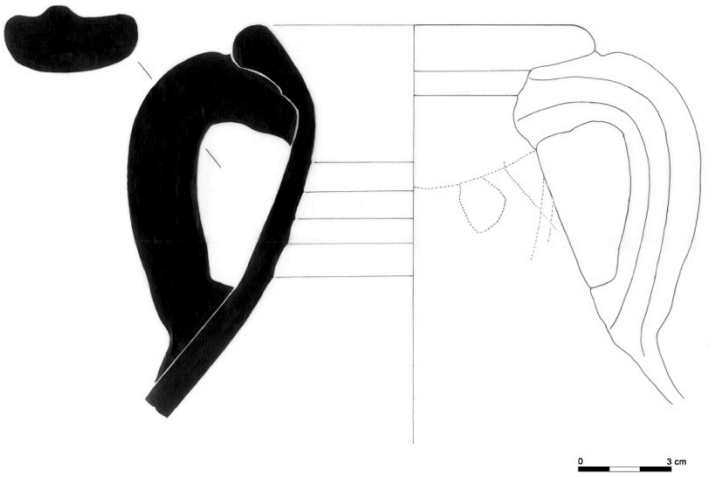


Nº catálogo:182
Nº inventário: CR.SG.0002
Identificação: Bordo de tigela de sigillata foceana. Forma 3 de Hayes.
Descrição: Desta peça apenas existe parte do bordo e o arranque encurvado do bojo. Apresenta a parte do bordo externo decorado com uma sequência de incisões verticais pouco profundas. Pasta alaranjada, compacta.
Dimensões: Altura 3,2 cm; diâmetro do bordo 24 cm, espessura máxima1 cm.
Cronologia: Meados do século V a meados do século VI.
R.C./990/L3/2/ Sep. A
Bibliografia: Lopes, 1993: 87.

Nº catálogo: 183
Nº inventário: CR.SG.0003
Identificação: Fragmento de tigela de sigillata clara D. Forma Hayes 92.
Descrição: Bordo arredondado e aba, a qual está incompleta. Parede curva.
Na face interior da parede é visível um motivo estampilhado, pouco profundo. Pasta alaranjada , textura compacta.
Dimensões: Altura 8cm, diâmetro do bordo 25 cm; espessura máxima 1,2 cm.
Cronologia: Meados do século V- inícios do século VI.
Proveniência: RC/ 988/ 01
Bibliografia: Lopes, 1993: 88.

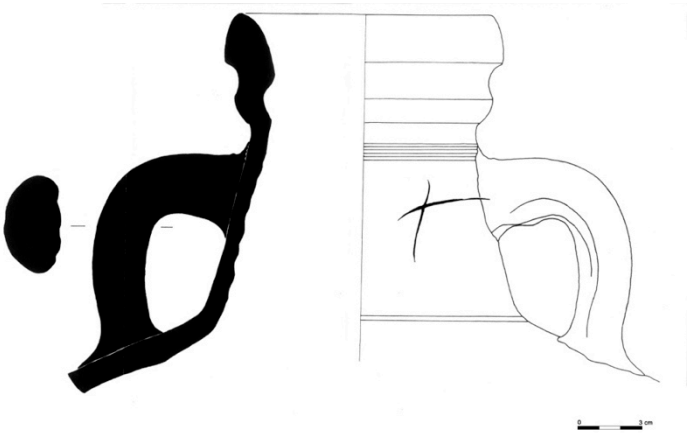


Nº catalogo: 184
Nº inventário: CR.AF.0001
Identificação: fragmento de ânfora aparentada com a forma Keay XXXVIA.
Descrição: Lábio boleado, extrovertido. Colo curto troncóconico. Asa em fita.
Com duas caneluras longitudinais na superfície exterior da asa. No colo têm algumas incisões ilegíveis. Pasta rosada, textura pouco compacta. Possui uma inscrição de um X gravado à posteriori na zona do colo.



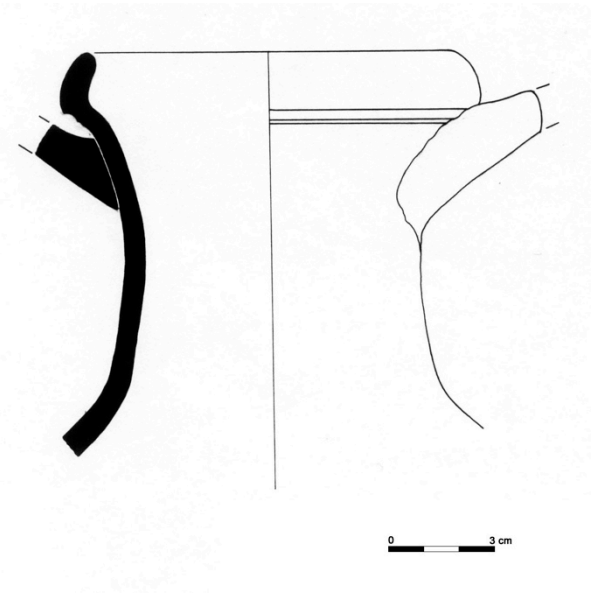
Dimensões: Altura 13,5 cm; diâmetro do lábio 11,6 cm, largura da asa 4,2cm.
Proveniência: RC./82/l
Cronologia: Século V a meados do século VI.
R.C./82/I 7/2b7/151 e R.C. /82//I7/2b
Bibliografia: Lopes, 1993: 89.

Nº catálogo: 185
Nº inventário: CR.AF.0002
Identificação: Ânfora aparentada com a forma Africana IID, classe 34.
Descrição: Lábio boleado, colo cilíndrico com caneluras na parte superior, asa em fita. Na parte superior do colo existe uma banda de finas incisões paralelas e horizontais que arrancam da zona de colagem da asa. Na parte central do colo encontra-se um grafito em forma de X. Pasta vermelha com textura compacta. Engobe beije.

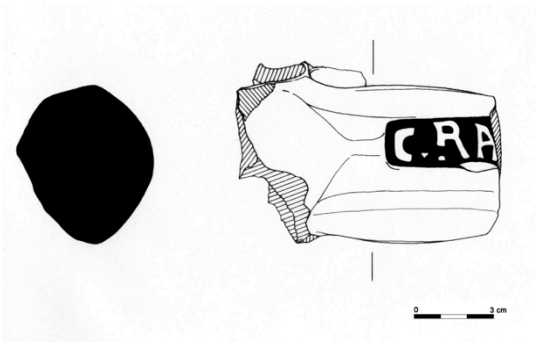


Dimensões: Altura 17cm. Diâmetro do lábio 12cm; largura da asa 4,5 cm.
Cronologia: Finais do século III a finais do século IV.
Proveniência: RC./988/N0/2
Bibliografia: Lopes, 1993: 90.

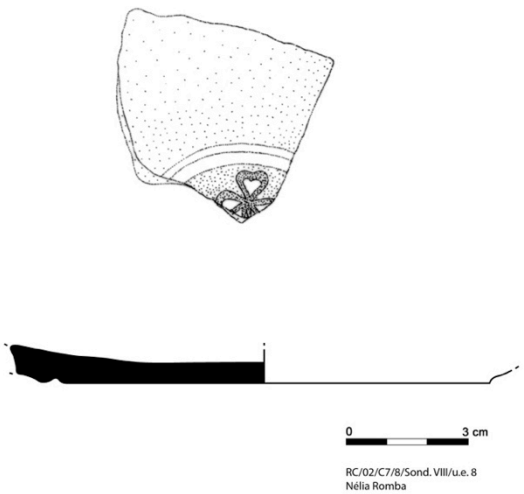
Nº catálogo: 186
Nº inventário:CR.AF.0003
Identificação: Fragmento de ânfora aparentada com a forma Gauloise 4.
Descrição: Lábio boleado introvertido; colo cilíndrico Curto com arranque de duas asas coladas ao lábio. Pasta rosada, com textura pouco compacta. Engobe amarelo esbranquiçado.
Dimensões: Altura 11 cm; diâmetro do lábio10 cm.
Cronologia: Séculos III-IV.
Proveniência: R,C./988/N2/2
Bibliografia: Lopes, 1993: 91.



Nº de Catálogo: 187
Nº de inventário:CR.AF.0004
Identificação: Fragmento de asa de ânfora..
Descrição: De forma cilíndrica, possui uma marca de oleiro C.R.A.C..) inscrita em cartela retangular. Pasta beije pouco compacta.
Dimensões: Espessura 5,5cm.
Cronologia: Séculos III-V(?)
Proveniência: R.C./988/ recolha de superfície.
Bibliografia: Lopes, 1993: 92.



Nº catálogo: 188
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fundo de prato de forma indeterminada.
Descrição: Possivelmente trata-se de uma fragmento de terra sigillata africana D, com uma estampilha no fundo em forma de folha de trevo Estilo A(ii)(Hayes, 1972: 245, fig.43, nº. 78c).
Dimensões: Comprimento 4 cm; largura 4,5 cm; espessura 0,7 cm.
Cronologia: Fins do século IV – V.
Proveniência:
RC/02/C7/8/Sond.VIII/u.e.8
Bibliografia: Inédito.



Nº catálogo: 189
Nº inventário:
Identificação: Taça de aba larga forma Hayes 69, de possível fabrico oriental. Restaurada.
Descrição: Trata-se de uma peça de aba larga, rectilínea, com ressalto junto ao corpo e canelura junto ao lábio. Pé baixo e anelar. Corpo em calote hemisférica (Hayes, 1972: 117-119, fig 20). Este autor identificou uma forma completa em Bizerte (Tunísia) tratando-se de uma rara derivação da forma 67, estando ausente nas produções africanas (Bonifay, 2004).
Dimensões: Altura 5 cm; diâmetro máximo 17,5 cm.
Cronologia: Séculos Segunda metade do século V.
Proveniência: RC/02/C12/ S IV/u.e. 53
Bibliografia: Inédito.

Nº catálogo: 190
Nº inventário: 2006.329.1
Identificação: Pequeno cantil em cerâmica comum
Descrição: Apresenta colo alto e estreito, com bordo ligeiramente extrovertido e lábio boleado. O bojo ou reservatório é globular, existindo em ambas as faces uma moldura circular, central, sem qualquer decoração. Um dos lados do reservatório é aplanado. Mostra duas asas verticais, de secção ovalada, que ligam o colo ao bojo. A pasta é alaranjada, compacta e com algumas concreções.
Dimensões: Altura 15,6 cm, largura 9,6 cm.
Cronologia: Séculos
Proveniência: Rossio do Carmo escavações dos inícios do século XX?.
Bibliografia: http://www.museuarqueologia.pt/?a=3&x=3&i=425 30/9/2013

6.1.5 Outra necrópole ?

Existe uma forte possibilidade de ter havido uma outra necrópole na zona extra muros, defronte da cortina norte da muralha da cidade, nas proximidades da porta de acesso ao complexo batismal. Esta hipótese está baseada nos materiais arqueológicos que aí apareceram, nomeadamente três fragmentos de uma lápide, datada de 482 d.C., gravada com um formulário latino, sem nome e com uma *menorah (*Dias, 1987: FE 93; Dias, 1993:111). Do mesmo local provém um conjunto de peças de cerâmica, que António Joaquim Pereira encontrou em obras realizadas no quintal e que ofereceu ao museu na década de setenta do século passado. As quatro peças foram encontradas inteiras o que vem corroborar a hipótese de aí ter havido uma necrópole, pois, na maior parte dos casos, é em ambientes funerários que aparecem peças inteiras. Trata-se de um pote e de um pequeno púcaro de cerâmica comum, cuja morfologia é bastante frequentes nas estações romanas do sul da Lusitânia e com uma cronologia bastante alargada. No entanto, dois outros jarrinhos[159], (Lopes, 2012: 118-119) um que apresenta a superfície lisa e um outro com caneluras, parecem muito próximos dos exemplares estudados por Viscaíno Sánchez, provenientes de uma das sepulturas do setor oriental da necrópole de *Cartago Spartaria* (Vizcaíno Sánchez, 2009: 576; jarra CA11.157-176-1). Também estas peças foram elaboradas com uma argila depurada, são fruto de uma cozedura oxidante e tiveram um acabamento espatulado; também como as peças de Mértola têm uma altura que ronda os 15 cm. No que concerne à morfologia são predominantemente piriformes, com semelhanças de produções norte africanas, registadas a partir do século III, cuja produção se prolonga até ao século VII (Bonifay, 2004, 286-287, fig. 159a).

As peças de Mértola, apesar de apresentarem algumas diferenças a nível do pé, pois é ligeiramente mais alto que os exemplares conhecidos, apresentam, no entanto, similitudes morfológicas com exemplares encontrados na basílica de Thamugadi (Argélia). As peças argelinas estavam localizadas entre dois sarcófagos, enterrados defronte da abside da igreja, juntamente com ânforas para as quais se documentam

[159] Peça 99 com o número de inventário MMCR.0098 e peça 100 com o número de inventário MMCR.0099.

paralelos em níveis arqueológicos do século VII, de Cartago (Lassus, 1981, 159-162, fig.128; Vizcaíno Sánchez, 2009, 574).

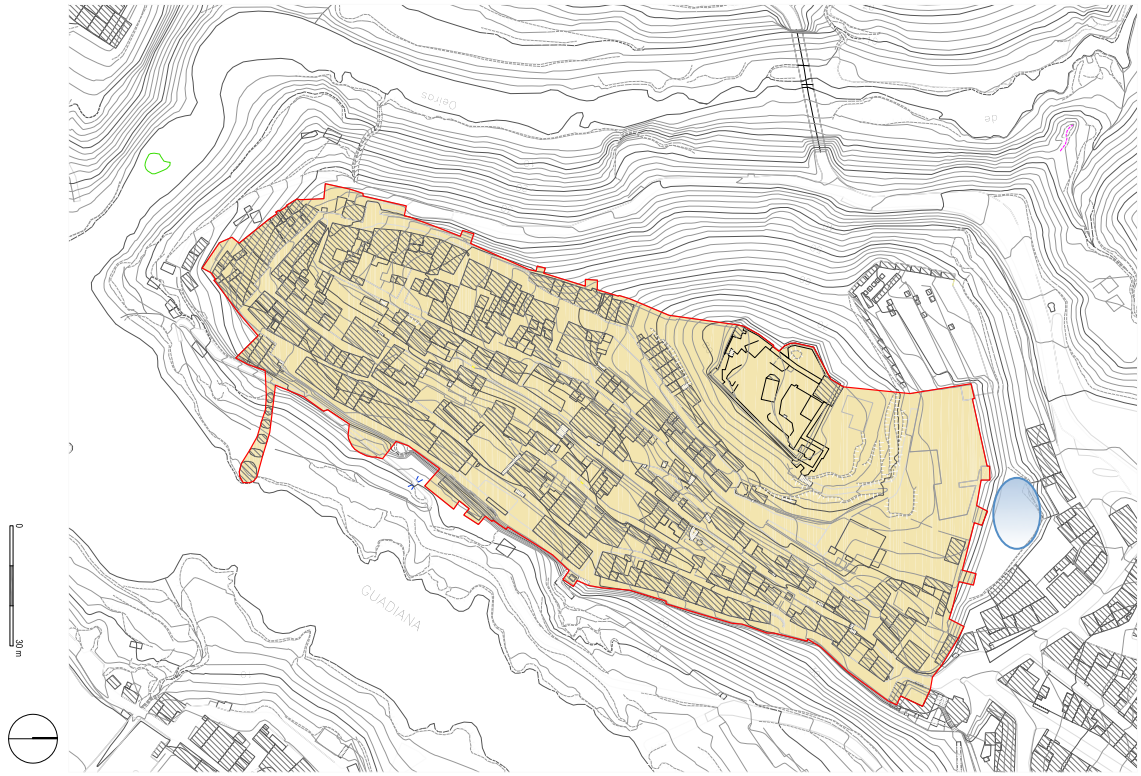


Fig. 215 – Localização da possível necrópole.

Perante os dados, suponho pois, que neste espaço, situado junto às muralhas norte, terá havido um cemitério enquadrável, grosso modo, no século V. E que as peças inteiras provêm do interior de sepulturas; no entanto, apesar deste local ter proporcionado um vasto conjunto de artefactos nunca foi alvo de trabalhos arqueológicos.

A presença de jarras cerâmicas, ou unguentários em vidro, foi uma prática relativamente frequente no mundo funerário tardio, contudo persistem dúvidas quanto à função no quadro dos rituais funerários (Madrid Balanza e Vizcaíno Sánchez, 2006). Esta situação ocorre nas sepulturas que se situam quer no interior, quer no exterior de templos, como se documenta em S. Pedro de Alcântara (Cáceres) (Pérez de Barradas, 1932; Hübener, 1965), Gerena (Sevilha) (Fernández Gomez, et alli, 1987); ou na área episcopal da Amoina (Valencia) (Pascual, Ribera e Rosselló, 2003, fig.12), e são

enquadrados cronologicamente nos séculos VI-VII. Parece, pois, que estes casos vêm demonstrar a continuidade de rituais pagãos nos ambientes funerários cristãos, sendo as oferendas alimentícias condenadas pela Igreja através das disposições como o cânon LXIX, do Concílio de Braga II, realizado em 570 (Vives et alii, 1963: 132-133) em que se estipula que as oferendas apenas ficavam confinadas à eucaristia (Vizcaíno Sánchez, 2009: 585).

Fig. 216 – Objetos cerâmicos provenientes da possível necrópole situada junto da cortina norte da muralha de Mértola.

6.1.6 Os sarcófagos de Mértola

Em 2009 tive conhecimento de um sarcófago, talhado num único bloco de mármore, que teria uma tampa como cobertura, que infelizmente não se conservou. Trata-se de uma peça que servia para sepultar um corpo e pertenceria, certamente, a um enterramento privilegiado, realizado nos séculos V – VI da nossa era. Este túmulo estaria colocado, inicialmente, enterrado – dado tratar-se de um exemplar liso, sem decoração - no interior de um dos templos cristãos de Mértola, provavelmente no mausoléu da Rua Afonso Costa, na basílica que existia no atual Cineteatro, ou na basílica do Rossio do Carmo, local onde se expõe atualmente.

Trata-se de um achado inédito, pois corresponde ao primeiro caso documentado em Mértola de uma peça deste tipo, inteira, o que vem enriquecer a já importante coleção do Museu de Mértola. A peça foi encontrada em obras realizadas no casco histórico da vila de Mértola e foi oferecida ao Museu[160].

O sarcófago do Cerro do Faval foi encontrado na propriedade do Monte Novo-à-Rez, na freguesia da Conceição, concelho de Ourique. Estava enterrada e é constituído por uma peça única, em mármore acinzentado, de provável proveniência regional (tipo Trigaches) cujo interior foi escavado, apresentando-se em bom estado de conservação e com a cobertura feita com laje no mesmo material (Deus et alli, 2004: 456).

Refira-se que as dimensões são muito semelhantes: o sarcófago de Mértola mede 192 cm de comprimento e o de Ourique mede 198 cm, a nível da largura o exemplar de Mértola mede 57 cm e o de Ourique 60 cm, bem como na espessura média das paredes laterais, com cerca de 4 cm e de 5 cm para os dois sarcófagos.

O espólio do sarcófago do Cerro do Faval é constituído por uma lucerna e uma taça, em *terra sigillata* africana, e vários fragmentos de vidro. Foram igualmente recuperados restos osteológicos humanos. A maior parte dos ossos pertence a um adulto de idade avançada, a avaliar pela degeneração artrítica da maior parte das zonas articulares preservadas (Deus et alli, 2004: 457).

A datação apontada, pelos responsáveis pela intervenção e publicação da peça, é a de que o sarcófago do Cerro do Faval se situe na Antiguidade Tardia, mais concretamente num período de tempo que vai de meados do século IV, a meados do século V, podendo-se prolongar até ao século VI. Esta datação é baseada na análise dos materiais

[160] por José Manuel Romão Parreira

provenientes do interior: duas peças cerâmicas de produção africana do atual território da Tunísia. O período de maior difusão da *sigilata* africana deu-se de meados do século IV a meados do século V, tendo-se difundido amplamente pela bacia do mediterrâneo (Deus et alli, 2004: 464).

É interessante verificar que não existe nenhuma representação clara do cristianismo nos objetos recuperados. Tanto o cão, como as palmetas estilizadas, presentes na lucerna, podem funcionar como signos mas não são ainda representações claras do Cristianismo, cujo grande símbolo é o *crismon* (Maciel, 1996: 209), contudo o sarcófago encontrava-se orientado de forma canónica.

A construção de sarcófagos parece estar associada a enterramentos de estratos sociais mais elevados, sobretudo pela morosidade, custo da sua produção e comercialização, sendo um tipo de enterramento de utilização limitada (Deus et alli, 2004: 464).

Para além do sarcófago do Cerro do Faval (Ourique), são conhecidos tumulus semelhantes em arenito em Talaíde (Cascais) encontrados num contexto de necrópole (Cardoso et alli: 1995); peças de mármore como o sarcófago do Monte da Azinheira que terá sido encontrado, juntamente com outros sarcófagos e com urnas funerárias, numa herdade alentejana na zona de Reguengos de Monsaraz. O sarcófago de Évora foi igualmente encontrado numa herdade dos arredores desta cidade e terá, provavelmente, "...pertencido a um mausoléu de uma *uilla* suburbana" (Maciel, 1996: 126), ou ainda um sarcófago liso, de mármore branco, encontrado na nave sul da Basílica do Monte da Cegonha (Lopes e Alfenim, 1995: 395). Os sarcófagos monolíticos são, habitualmente, encontrados em contextos de igrejas ou basílicas paleocristãs, tal como em Mosteiros (Portel), construídas no século VII, acrescidas de vários mausoléus e sarcófagos no interior e à volta do edifício. Outro caso situa-se em Terrugem (Elvas) mas este caso não permite afirmar com clareza o contexto do achado e a sua datação. Em Silveirona (Estremoz), na necrópole paleocristã Silveirona II, foram encontrados sarcófagos monolíticos cobertos com argamassa e tijolos mas, no seu interior, não continham nenhum espólio associado que possa dar indicações cronológicas seguras(Cunha, 2008; Wolfram, 2011, 45).

No panorama das formas de enterramento, utilizadas durante a Antiguidade Tardia no atual território português, são escassas as referências a sarcófagos. Os exemplares de sarcófagos decorados (ou de fragmentos destes) têm merecido especial atenção pela

sua raridade e valor iconográfico. Na região está registada, pelo menos, a presença de dois sarcófagos no atual concelho de Santiago do Cacém, provenientes do Monte da Ortiga do Meio. De acordo com os responsáveis pela sua escavação, são constituídos por duas caixas sepulcrais, com tampa, construídos num material muito friável, eventualmente arenito (Correia e Oliveira, 1992).

Um dos paralelos possíveis para o fragmento de sarcófago com *strigles,* de Mértola[161], é o sarcófago estrigilado, proveniente de Lebrija, (Sevilha) do qual se desconhece a proveniência exata e as circunstâncias precisas do achado. O fragmento conserva apenas uma parte dos registos esculturais, ocupado pela figura de um pastor e um campo com estrigils. As características formais da peça permitem datá-lo do final do século III, inícios do século IV.

Tipologicamente, este fragmento pode ser identificado com o tipo 12 da classificação Sichtermann Koch (Koch e Sichterman 1982: 75). Este tipo de sarcófago, com *strigiles,* é um dos mais difundidos na produção decorativa do sarcófago romano, sendo igualmente bem representado na região da Andaluzia (Rodríguez Oliva, 2002). Iconograficamente, o exemplar de Mértola, à semelhança do de Lebrija, estão incluídos num conjunto de sarcófagos que tiveram a sua maior divulgação nos finais do século III e inícios do século IV, sendo caracterizados por utilizar programas decorativos com motivos pastorais e da vida privada. A problemática historiográfica, sobre este conjunto de sarcófagos, tem sido centrada, principalmente, na sua atribuição como peças pagãs ou cristãs. Este interesse na sua identificação levou os investigadores a classificar estes espécimes sob uma ampla gama de denominações, como sarcófagos proto ou cripto cristãos, com decoração neutra, ou com temas alusivos ao paraíso e temas bucólicos (García, 2012: 184).

Da encosta do castelo provém um fragmento de sarcófago de mármore branco[162]. Da decoração em baixo relevo é visível uma perna, parte da bacia e tronco de um homem, que segura dois patos com o braço direito. Este tipo de decoração tem semelhanças com uma cena do "Sarcófago das Estações" (Monte da Azinheira, Reguengos) em que,

[161] Do qual só se conserva uma parte lateral que inclui o arranque do fundo.

[162] Proveniência: M-989-14 B-1b com as seguintes dimensões: Altura 21 cm; largura 15,5 cm; espessura 6 cm.

para além de outras representações, surge o inverno vestido, segurando uma cana de folhas largas e dois patos, sarcófago que se integra num tipo escultórico produzido na zona de Roma, entre os anos 250 e 320 (Maciel, 1995: 109-110). Por haver similitudes na temática abordada proponho como datação, para o fragmento de sarcófago de Mértola, uma cronologia situada entre finais do século III e os inícios do IV d.C. (Lopes, 2012: 80).

Fig. 217 – Sarcófago monolítico encontrado em Mértola e oferecido ao Museu.

Os sarcófagos decorados foram um produto de luxo destinado, exclusivamente, aos membros das hierarquias sociais e económicas, já que apenas estes poderiam arcar com o alto custo de produção e transporte desses objetos. Estudos prosopográficos, realizados com base na epigrafia presente nos sarcófagos conhecidos, retificam este facto, a análise da origem e ocupações dos usuários deste conjunto mostram um certo nível de diversidade social, mas que, em geral, predominam os membros de elite urbana e de alta hierarquia militar (García, 2012: 184). Um exemplo significativo desse fenómeno situa-se na cidade de Roma, em que o conjunto de sarcófagos conhecidos,

permite documentar 39 inscrições senatoriais cristãs e 15 inscrições pagãs (Desken-Weiland, 2004: 152).

Em Arles, um sarcófago de mármore apresenta a mesmo tipo de decoração, com *stigiles* que ladeiam a figura central, uma orante velada, datado dos fins do século IV (Heijmans, 1996:158).

Possivelmente relacionada com este conjunto religioso encontra-se depositada no Museu Nacional de Arqueologia[163] uma pilastra finamente trabalhada (Almeida,1962: 194-195. figs. 75 e 76) que Carlos A. F. de Almeida denomina "peça de mármore apilarada, decorada nas três faces, proveniente de Mértola". Em cada uma das faces laterais, de um *cantarus* sai uma gavinha de videira coberta de parras e cachos de uvas. A face principal da pilastra ostenta alguns animais enredados por volutas vegetais. Esta peça de cuidado relevo pode ser atribuível ao século V" (Almeida, 1993: 17). Em estudo posterior, J. Maciel, afirma: "Nas faixas laterais, verticalmente, representa-se o tema da Árvore da Vida, uma videira ondulante com parras, cachos e gavinhas, saindo de um vaso. Na face maior, horizontalmente, o mesmo tema da Árvore da Vida, descrevendo círculos e, entre estes, um touro e um leão, sendo os espaços livres ocupados por outros animais, como a pomba e o coelho ou lebre. Compare-se esta iconografia com a da cadeira de marfim do bispo Maximiano de Ravena, do século VI e do período justiniânico, seja nos seus registos verticais, seja nos horizontais e teremos de constatar a evidência do modelo ravenaico" (Maciel, 1995:139).

P. Palol (1967: 137) recolheu as várias representações em que estavam animais quadruples estão afrontados a uma Árvore da Vida. Das várias representações entre eles refere o caso da capela de Teótocos da Memória no Monte Nebo, em que se representam uns bois afrontados, com uns cervos, ou os mosaicos da basílica de Mariana na Córsega, onde leão e um touro se afrontam com uma inscrição.

Este tema foi tratado à posteriori por diferentes autores, de que que destaco a obras de S. Campbell; esta autora se baseia-se especialmente nas passagens de Isaías XI, 6-8[164], e

[163] http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=132751 (19/7/2013)

[164]Isaías XI, 6 Nesse dia o lobo e o cordeiro deitar-se-ão juntos, o leopardo e o cabrito viverão

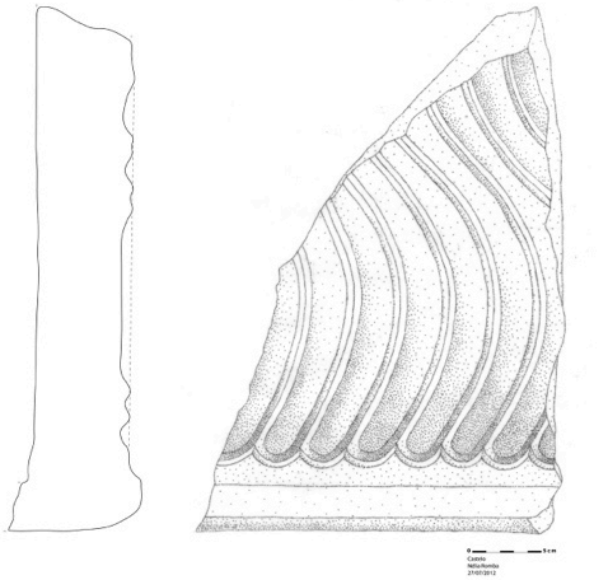
no estudo dos pavimentos musivos de várias igrejas localizadas na Turquia (Karlik, Korykos e Anemurium), e na Jordânia (Ma'In, esta com uma inscrição alusiva ao tema). Todas estas igrejas são consideradas pela autora como pertencentes a finais do século V inícios do século VI (Campbell, 1995: 125-134).

A classificação desta peça como uma pilastra, apesar da decorações laterais assim o fazerem crer, não me parecem que seja a leitura mais correta. A decoração principal é para ser lida na horizontal e não na vertical (caso fosse uma pilastra), portanto, parece-me que esta peça possa ser tampa de sarcófago, com o motivo principal a ser visto com uma orientação correta e não invertida como tem sido classificada pelos autores anteriormente referidos.

em paz; bezerros e gordas ovelhas estarão em segurança no meio de leões, e uma criança os guiará. 7 Os bois pastarão juntamente com os ursos, enquanto os respectivos filhotes ficarão deitados uns com os outros. Também o leão comerá erva como os bois.8 Haverá bebés gatinhando sem perigo por entre serpentes venenosas, e crianças que põem despreocupadamente a mão dentro dum ninho de víboras, retirando-a depois sem a mínima mordedura.
http://www.biblegateway.com/passage/?search=Isa%C3%ADas+11%3A6-8&version=OL
14/8/2013

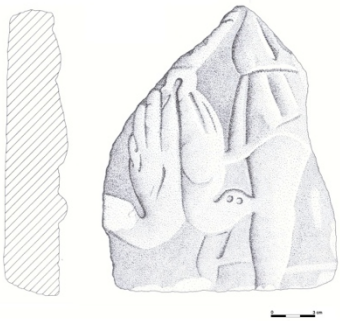
6.1.6.1 Catálogo de Materiais

Nº catálogo: 191
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de sarcófago de mármore amarelado de grão fino.
Descrição: A superfície exterior apresenta-se decorada com estrigilos (*strigiles*). As *strigiles* parecem ser simplesmente decorativas. É desconhecida objectivamente a sua simbologia funerária, mas aparecem em numerosos sarcófagos pagãos e cristãos (Leclercq, 1953: 1693). Originalmente derivam do *strigiles* grego (peça de madeira com ranhuras com a forma de S, que os atletas gregos utilizavam para limpar a lama depois das competições). O que tem sido interpretado como símbolo de pureza, limpeza, por sua vez outros autores relacionam-nos com a ideia de infinito.



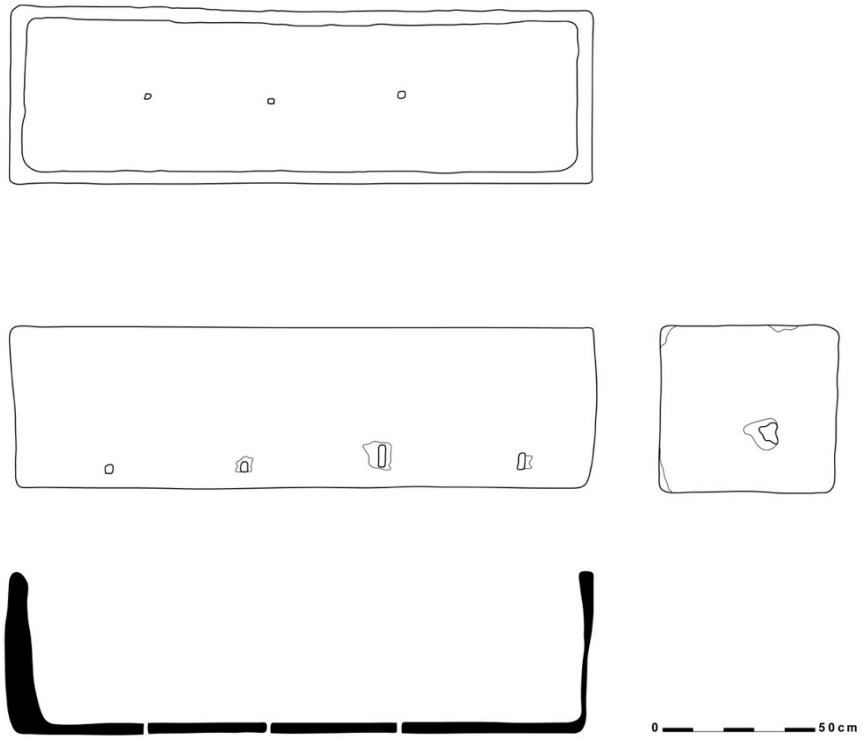
Dimensões: Altura 38 cm; largura 26,5 cm; espessura 7,2 e 3,6 cm.
Cronologia: Século IV-V.
Proveniência: Obras realizadas na porta do castelo de Mértola, fazia parte de elementos reaproveitados na construção.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 192
Nº inventário: MM. CR.00017
Identificação: Fragmento de sarcófago, mármore branco.
Descrição: Da decoração em baixo relevo é visível uma perna, parte da bacia e tronco de um homem, que segura dois patos com o braço direito.



Este tipo de decoração tem semelhanças com uma cena do "Sarcófago das Estações" (Monte da Azinheira, Reguengos) em que, para além de outras representações, surge o Inverno vestido, segurando uma cana de folhas largas e dois patos. (Maciel, 1995: 109-110).
Dimensões: Altura máxima 21 cm; largura máxima 15,5 cm; espessura máxima 6 cm.
Cronologia: Finais do século III inícios do IV d.C..
Proveniência: M-989-14 B-1b.
Bibliografia: Lopes, 2012: 80

Nº catálogo:193
Nº inventário:
Identificação: Constituído por uma peça única em mármore acinzentado de provável proveniência regional (tipo Trigaches) cujo interior foi escavado, apresentando-se em bom estado de conservação.
Descrição: Apresenta a superfície lisa e sumariamente polida, possui quatro pequenos orifícios numa das paredes laterais e três pequenos orifícios no fundo. A regularidade entre estes elementos leva a equacionar que os mesmos sejam contemporâneos do sarcófago. No entanto não é de excluir que possam ter sido feitos aquando das reutilizações posteriores.
Dimensões: Comprimento 192 cm (interior 181) Altura 55 cm; largura 57 cm;
espessura 4 cm; fundo 5 cm.
Cronologia: Séculos V-VI.
Proveniência: Provem da Vila Mértola. A peça encontrava-se nos finais do século XX na casa do Sr. Francisco Dias que se situa na Rua D. Sancho II, nº 23, 25 e 27, junto ao largo do edifício dos Paços do Concelho. Depois de obras a peça foi removida desta habitação e levada para Santana de Cambas. Em 2012 foi oferecida ao Museu por José Manuel Romão Parreira.
Localização: Exposto na Basílica do Rossio do Carmo
Bibliografia: Inédita



6.2 A epigrafia cristã de Mértola

Nos quadros que se seguem apresenta-se a epigrafia de que há registo em Mértola, apresentando-se por sítios arqueológicos e ordem cronológica. Nestes quadros não incluem os fragmentos com decoração que serão tratados no ponto 6.7.4.4. deste trabalho. De seguida apresento um quadro resumo da epigrafia conhecida e proveniente de Mértola.

Basílica do Rossio do Carmo

Nº.	Era/ano	Nome	Idade	Cargo	Bibliografia
1	500 (462)	Anónimo	?	?	Dias e Gaspar, 2006: 53;
2	500 (462?)	Stefanus	60	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 55
3	508 (470)	Faustianus	?		Dias e Gaspar, 2006: 58
4	520 (482)	?		(menorah)	Dias e Gaspar, 2006: 60
5	527 (489)	Satyrio		Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 62
6	532 (494)	Mannaria	9	*Famvla XPI*	Dias e Gaspar, 2006: 64
7	545 (507)	Pierius	47	*Famulos Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 69
8	548 (510)	Auriola	27	*Honesta femina*	Dias e Gaspar, 2006: 70
9	548 (510)	Fistellus	70	*Vir honestus*	Dias e Gaspar, 2006: 72
10	550 (512)	Possidonius	50	Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 74
11	55? (512?)				Dias e Gaspar, 2006: 77
12	560 (522)	Romanus	65	Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 80
13	561 (523)				Dias e Gaspar, 2006: 84
14	561 (524)	Restitutus		*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 82
15	562 (524)	De(pundius?)		Subdiácono	Dias e Gaspar, 2006: 86
16	562 (524)	Aianes	28	*Honesta femina*	Dias e Gaspar, 2006: 88
17	563 (525)	Andreas	36	*Princeps cantorum*	Dias e Gaspar, 2006: 91
18	564 (526)		45		Dias e Gaspar, 2006: 93
19	564 (526)	Leopardus	52	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 95
20	565 (527)	Festellus	6	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 99
21	565 (527)	Exuperius	70	*Ostiárius*/ Porteiro	Dias e Gaspar, 2006: 101
22	565 (527)	Fortunata	22	*Famula Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 103
23	565 (527)				Dias e Gaspar, 2006: 103
24	567 (529)	Abundantius	27	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 104
25	570 (537)	Cyprianus	30	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 107
26	570 (537)	Simplicius	59	Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 108
27	582 (544)	Amanda	32	*Famula XPI*	Dias e Gaspar, 2006: 111
28	582 (544)	Êutiques,	21	Leitor	Dias e Gaspar, 2006: 113

		Patricio e outro		Presbítero Carateres gregos	
29	584 (546)	Britto	65	Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 115
30	594 (556)	Vincentius	56	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 117
31	600 (562?)	?			Inédita
32	604 (566)	Senatrex	18	*Famula Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 119
33	604 (566)	Tyberius	14	Leitor *Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 123
34	604 (566)	Glandarius	38	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 122
35	604 (566)	Hilarinus	1	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 124
36	604 (566)				Dias e Gaspar, 2006: 126
37	609 (571)	Antonia	49	*Famula Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 127
38	625 (587)	Rufina	45	*Religiosa famula*	Dias e Gaspar, 2006: 129
39	700 (662)	Silbanus	2	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 132
40	744 (706)	Afranius		Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 133
41	767 (729)	Adulteus		Clérigo	Dias e Gaspar, 2006: 135
42	s.d	Exsoderus	85	Presbítero	Dias e Gaspar, 2006: 142
43	s.d	Stefanus ou Stefanianus	63	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 144
44	s.d	Adiutor		*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 139
45	s.d	Flavianus		*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 219
46	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 139
47	?57	Vincentia	11		Dias e Gaspar, 2006: 141
48	s.d	Sebas(tianus)		*Famulus (...)*	Dias e Gaspar, 2006: 142
49	s.d		10	*Famulus (...)*	Dias e Gaspar, 2006: 146
50	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 170
51	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 170
52	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 170
53	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 168
54	s.d			*Honesta Femina*	Dias e Gaspar, 2006: 155
55	s.d	Êutyques	28	Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 147
56	s.d	Isidorus	5	Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 148
57	s.d	?	60	Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 150
58	s.d			Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 151
59	s.d	Sebas(tianus)			Dias e Gaspar, 2006: 142
60	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 153
61	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 155
62	s.d	?	10		Dias e Gaspar, 2006: 158
63	s.d	?	28		Dias e Gaspar, 2006: 159
64	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 160
65	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 160

66	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 160
67	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 161
68	(502?)				Dias e Gaspar, 2006: 163
69	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 164
70	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 164
71	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 165
72	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 166
73	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 166
74	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 167
75	s.d	Filex			Dias e Gaspar, 2006: 176
76	s.d	(Vinco)malos	50	*Famulus Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 173
77	630? 592?	?			Dias e Gaspar, 2006: 174
78	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 175
79	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 176
80	s.d				Dias e Gaspar, 2006: 177
81	?	?			Dias e Gaspar, 2006: 177
82	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 178
83	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 179
84	s.d	?		*Famulus*	Dias e Gaspar, 2006: 179
85	s.d	?		Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 181
86	s.d	?		Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 182
87	s.d	?			Dias e Gaspar, 2006: 182
88	s.d	?			Dias 1992: 315

Basílica do Cineteatro Marques Duque

89	503 (465)	Donata	22	*Pamula XPI*	Dias e Gaspar, 2006: 57
90	541 (503)	Orania	13	*Famula Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 64
91	556 (518)	?	70	*Famula Dei*	Dias e Gaspar, 2006: 78
92	s.d	Zósimo		Carateres gregos	Dias e Gaspar, 2006: 137
93	s.d			Carateres gregos	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
94	?	?	20 ?		Dias e Gaspar, Lopes, 2013
95	?	?			Dias e Gaspar, Lopes, 2013
96	?	?			Dias e Gaspar, Lopes, 2013
97	?	?		*Famula*	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
98	?	?		*Famulus*	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
99	?	?			Lopes, 2003: 142

Mausoléu

100	?	Pedro	18	Carateres gregos	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
101	56?(522?)	?		Bilingue	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
102	?	?		Carateres gregos	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
103	?	?		Carateres gregos	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
104	604 (566)		17		Dias e Gaspar, Lopes, 2013
105	?	?			Dias e Gaspar, Lopes, 2013
106	?	?		*Honesta*	Dias e Gaspar, Lopes, 2013
107	?	?			Dias e Gaspar, Lopes, 2013
108	?	?			Dias e Gaspar, Lopes, 2013

6.2.1 Os textos

O marco cronológico que pretendi estabelecer tem a sua base, fundamental, na datação de peças. A epigrafia de Mértola apresenta um conjunto de epígrafes datadas e que se podem classificar de "seguras" e temporalmente precisas. Para tal, compilei o material epigráfico e estudei as inscrições, procurando relacionar os motivos decorativos com as datações expressas no texto e cuja data pode supor-se *ex litterarum formae* (Sánchez Velasco, 2012: 72).

As epígrafes datadas de Mértola conferem registos durante um período de tempo de 367 anos, ou seja, entre 462 e 729. A maior parte situa-se cronologicamente na primeira metade do século VI. Das quarenta e oito epígrafes datadas, sete pertencem à segunda metade do século V; vinte e sete pertencem à primeira metade do século VI; onze à segunda metade do século VI; uma ao século VII e duas do século VIII.
As razões para haver um maior número de epígrafes situadas na primeira metade do século VI não deve ser de ordem estritamente demográfica mas, sim, por ser um

período em que um grupo, relativamente numeroso, tinha capacidade económica para o investimento nas suas sepulturas e que corresponde, seguramente, a um período de auge e de riqueza da cidade - o mesmo que permitiu a implantação de riquíssimos mosaicos e revestimentos de mármore no complexo religioso situado intramuros.

No conjunto das 48 lápides datadas de Mértola, o mais antigo enterramento detetado corresponde ao ano de 462 (Dias, 1997: 319) sendo o último o epitáfio funerário correspondente ao presbítero *Afranius*, datado de 706 (Dias, 1997: 319). A menos que a lápide do clérigo *Adulteus*, datada de 729 seja proveniente de Mértola. Esta inscrição foi durante muito tempo dada como sendo proveniente de Tavira. Contudo, no livro de entradas do Museu Nacional de Arqueologia o número 6513 está atribuído a Mértola (Dias e Gaspar, 2006: 135) A confirmar-se este dado, teríamos um prolongamento da *Igreja Mertiliana* e da sua hierarquia cristã, em pleno período islâmico.

A homogeneidade dos formulários epigráficos utilizados nas necrópoles foi considerado uma prova da forte coesão social interna desta comunidade religiosa (Dias, 1993: 105), embora haja elementos claros que demostram a existência de, pelo menos, três grupos humanos diferenciados: uma maioria de hispano romanos latinos, um grupo bastante representado com indivíduos com raízes no oriente mediterrâneo greco-bizantino e uma minoria de judeus latinizados (Dias, 1993).
Este último grupo é inferido pela presença de uma lápide excecional que possui uma representação pouco frequente nos epitáfios paleocristãos: uma *menorah,* com um candelabro de sete braços, símbolo de clara tradição hebraica, no entanto enquadrado com texto latino, com as habituais fórmulas cristãs, datada de 4 de outubro de 482 (Dias, 1993: 111). Esta epígrafe pode indiciar a existência de um grupo social de judeus latinizados em Mértola (Dias, 1993: 103). A utilização de escrita com carateres latinos numa epígrafe funerária hebraica foi frequente neste período, chegando a haver epígrafes trilingues, e a maior parte das lápides hebraicas da Península Ibérica estavam escritas em latim (Díaz, 1999: 148). Os concílios desta época referem a presença de elementos hebreus na sociedade hispânica, pelo que não seria estranho a existência de alguns destes elementos numa cidade portuária como Mértola.

Mais objetiva é a identificação do grupo com raízes linguísticas no oriente

mediterrâneo. Está representado por um conjunto de epígrafes escritas com carateres gregos, constituído por treze lápides nas quais foram lavrados quinze epitáfios fúnebres[165].

A coincidência de nomes no grupo das lápides gregas e a ocupação de cargos eclesiásticos levaram C. Torres a defender "una série de personagens –pertencentes à mesma família?- que, ao longo de várias gerações, desempenharam um importante papel político e religioso na idade de Mértola, conduzindo os destinos da grande basílica funerária da cidade. Seria um grupo social ou uma família aristocrática igual a tantas outras se não for a presença ostensiva e repetida do nome de Êutiques que, pelo menos, faz lançar suspeitas sobre o seu ortodoxismo religioso e fidelidade papal" (...) "seria, pelo menos, ousado afirmar que a grande basílica de Mértola teria sido a casa de culto de uma comunidade herética ou cismática. O que é importante destacar é a contingência dos limites que separam nessa altura, ao longo de todo o Mediterrâneo as várias seitas e cisma religiosos" (Torres, 1993: 27-28).

Êutiques, que faleceu em 544, teve origem em Lisboa, segundo Vives (1942: 173-174) ou *Libissa*, na antiga província romana da *Bitínia* situada na perto de Nicomédia, segundo a última revisão de M. Dias e C. Gaspar, (2006: 113). A procedência deste leitor vem confirmar as relações de Mértola com o Mediterrâneo oriental em meados do século VI (Dias, 1993: 115).

No conjunto das lápides, em que é possível conhecer o sexo dos defuntos (47 epígrafes), verificou-se a existência de 8 casos femininos, não sendo registado a existência de mulheres no conjunto da população que utilizava o grego como língua para os epitáfios. As mulheres faleciam, em geral, mais jovens que os homens e mais de metade, das quais se conhece a idade da morte, aconteceu na idade fértil, o que leva a especular a incidência das mortes ligadas ao parto (Gomez, 2004: 109)

Um dos aspetos que chama a atenção é o número considerável de indivíduos, quase todos homens, mortos com uma idade superior aos sessenta anos, 8 pessoas, o que é quase um quarto dos casos em que conhecemos a idade.

165 O que corresponde a 13,88 % da população conhecida epigraficamente em Mértola.

Esta longevidade resultaria anormal se a comparássemos com os dados demográficos geralmente aceites para este período, no entanto devemos ter em conta que o estrato de social a que pertence a epigrafia é um grupo privilegiado e que este grupo contaria com maiores possibilidades de sobrevivência devido a poder permitir-se uma melhor dieta alimentar e menores esforços físicos (Gomez, 2004: 109).

Outro dado proporcionado é o considerável número de personagens ligadas à igreja Mertiliana[166]. O cargo eclesiástico documentado com mais frequência na epigrafia conhecida é o de presbítero, o mais alto dignitário da Igreja de Mértola. Contam-se com nove exemplares epigráficos: para além dos mencionados de *Patricio* (544 com onomástica grega) encontramos os casos de *Possidonius* (cuja lápide se conserva *in situ,* datada de 512), *Exoderus*, presbítero, que viveu 85 anos, Satirio, o mais antigo, do qual sabemos que exerceu o presbitério durante 13 anos, *Simplicio* (489), *Romanus* (522), *Britto* (546), *Afranius* (706) e o mais tardio de toda a necrópole, *Adulteus* (729), cuja expressão utilizada no epitáfio "vixit annos X" não deve ser referir à duração da vida de Adulteus, pois com esta idade como poderia ser clérigo?, mas, sim, ao tempo em que ocupou o cargo de *clericus*; esta interpretação apoia-se na existência de outras inscrições que mencionam o tempo exercido de um cargo religioso, como no caso de Satyrio que exerceu o presbitério durante treze anos (Dias e Gaspar, 2006: 62 e 135)
Se tivermos em consideração as datas de morte e considerarmos como fatível que cada um dos presbíteros tenha exercido o cargo durante um período aproximado de 10 a 15 anos (sabemos que *Satitrio* o exerceu durante treze anos e *Adulteu* durante dez anos) é possível que tenhamos uma sequência completa de presbíteros entre os finais do século V e mediados do século VI (Gomez, 2004: 120).

166 A lista de eclesiásticos de Mértola é constituída pelos seguintes elementos: Satirio (2 de Março de 489) Presbítero; Possidonius (21 de Agosto de 512) Presbítero; Romanus (522 ?) Presbítero; De(pundius ?) (524) Subdiácono; Andreas (30 de Março de 525) Primeiro cantor (princeps cantorum); Exuperius (9 de Julho de 527 ou 528) Porteiro (ostiarius); Simplicius (25 de Agosto de 537) Presbítero; Eutyches (544) Leitor; Britto (5 de Agosto de 546) Presbítero; Tyberius (20 de Maio de 566) Leitor; Rufina (27 de Setembro de 587) Religiosa; Afranius (9 de Fevereiro de 706) Presbítero;Adulteus (11 de Janeiro de 729) clérigo; Exsoderus (sem datação) Presbítero constituindo 13,88% da população.

A diversidade de cargos eclesiásticos, presentes no conjunto epigráfico, reflete a hierarquização eclesiástica. Encontramos outros elementos como um fragmento de epígrafe datado do ano de 524 dedicado a um subdiácono, auxiliar do serviço religioso, considerado o mais elevado dentro das ordens menores (Dias, 1993: 107 e 123); contamos também com o caso dos leitores: *Eutiques* (544) e *Tyberio* (566). Também está documentada a existência de um *ostiarius,* ou porteiro, que poderia tratar-se tanto de uma personagem do baixo clero como de um laico. Se trata de *Exuperio* (527), que viveu 70 anos e a sua lápida funerária foi reutilizada para o epitáfio de *Rufina* (587), *relegiosa famula.* A deseignação *de religiosa,* como condição monástica, surge com frequência nas inscrições da Gália (Dias e Gaspar, 2006: 130), o que seria um dos poucos casos de inscrições paleocristãs dedicada a uma religiosa na Península Ibérica (Dias, 1993: 131).

A única referência onomástica a uma atividade socioeconómica fora do âmbito do clero é a referencia na lápide de *Eutyches*, possível filho ou liberto de *Estamínas*, que viveu 28 anos. Como refere M. Dias e C. Gaspar: *ectaminiac*, " é uma forma grega do gentilício latino *Staminius"* (Dias e Gaspar, 2006: 148), admitindo a possibilidade de se tratar de um indicativo de uma profissão ligada possivelmente à atividade de produção de cordas ou à produção de panos em tear. Por sua vez, E. Fernandes acrescenta que "como se nota pelo sufixo -AC - utilizado para criar nomes profissionais, mas que tem por base o substantivo tardo-latino *staminea* ou *staminia,* «tecido simples ou camisa de estame», derivado de *stamen* «estame», que é a parte do velo de lã composto por longos fios"[167] (Fernandes: 2012: 98.)

Uma das mais requintadas epigrafes é a de *Andreia*, não só pela cuidada decoração com colunas torsas, capitéis, um arco duplo e duas cruzes com alfa e ómega, bem como pela conteúdo no qual se lê: "André, servidor de Deus, primeiro cantor da sacrossanta Igreja Mertiliana, viveu 36 anos, descansou em paz no terceiro dia das calendas de Abril da

167 No século VII, a *Regula Monachorum* (§11) de São Fructuoso de Braga (m. 665) obriga os monges a usar umas vestimentas interiores austeras chamadas *stamina* [sic] (vd. Torallas Tovar, 2004: 162). Este facto pode sugerir que, no século VI e em contextos lusitanos, o termo *staminea* se referiria já a uma camisa interior de lã utilizada em ambientes monásticos – tal como propõe María Paz de Hoz (2007: 486)

era de 560 e três", em 30 de Março do ano de 525. Na parte inferior da lápide são visíveis os dois primeiros carateres de uma segunda inscrição, o que demostra bem a reutilização de sepulturas e lápides.

Entre as personagens das necrópoles de Mértola constata-se a existência de elementos claramente pertencentes aos grupos sociais privilegiados. Os epitáfios de duas mulheres sugerem tratar-se de um grupo aristocrático, fazendo-se denominar de *honesta femina: Auriola* de 27 anos, falecida em 510, *Aianes*, de 28 anos, falecida a 3 de julho de 524 (Dias e Gaspar, 2006); encontramos um *vir honestus,* Festellus, que viveu 70 anos e descansou em paz a 24 de novembro de 510 (Dias e Gaspar, 2006: 72). A presença dos patronímicos em alguns das epitáfios escritos em grego seria um indicador da posição privilegiada destas personagens no seio da população mertolense (Torres, 1993: 27). Por sua vez, como notou M. C. Díaz y Díaz no seu estudo sobre a língua institucional na Hispânia: "El mundo visigodo contempla, pues, en el lenguaje institucional la reintroducción de diversos términos que miran a otorgar a sus poseedores una nobleza inherente a la antigüedad de los vocablos puestos en circulación. De todas maneras, nos queda siempre la duda de los caminos por los que llegan estas palabras o expresiones que van a ser usadas en la Hispania visigótica. No podría prescindirse de un papel preeminente en esta nueva puesta en circulación de los ambientes cultos eclesiásticos, para los cuales los términos representaban el prestigio de los viejos tiempos" (Díaz y Díaz,1999: 449).
Pode-se considerar, também, que os enterramentos localizados no interior dos espaços religiosos (basílica do Rossio do Carmo, basílica do Cineteatro e Mausoléu) conferem a estas sepulturas um certo prestígio, o que corresponderia aos estratos mais elevados da sociedade mertolense, dos quais encontramos várias personagens ligadas ao clero. Em geral tratam-se de enterramentos datáveis, na sua maior parte, da primeira metade do século VI, o que vem reafirmar o momento de auge que Mértola viveu nesse período (Gomez, 2004: 111).

Apesar da referência expressa em algumas lápides às personagens enterradas no interior da igreja de que estas pertenciam a um grupo social privilegiado (*vir honestus* ou *honesta femina),* acrescida pela decoração das lápides e pelo trato dado à construção da sepultura, que mostram bem o nível económico dos indivíduos aí

enterrados, existe, no entanto, um grande contraste com o espólio encontrado no interior das sepulturas que é extremamente reduzido: apenas um lacrimário de vidro e um brinco de ouro foram encontradas *in situ,* no interior das sepulturas (Lopes, 1993: 67). Os restantes objetos apareceram em níveis de remeximento, contudo um fragmento de pátera, de *terra sigillata* clara com uma pomba incisa, foi encontrado nas proximidades do altar e pode ter tido um uso litúrgico (Macias, 1993b: 44).
Esta quase ausência de espólio deverá ser relacionada com questões ideológicas e religiosas e não com una hipotética pobreza dos defuntos. De facto, existem vários indicadores que demonstram a posição privilegiada de uma parte significativa dos enterramentos realizados no interior da basílica. Contudo, é de considerar que a sociedade mertolense estava profundamente cristianizada, no século VI, embora sobrevivessem esporádicas práticas pagãs, como o demonstra a presença, sob a face direita do defunto, um "lacrimário" de vidro[168] .

Como já foi notado por J. Navascués (Navascués, 1949: 103-144) uma das características marcantes da decoração dos epitáfios paleocristãos de Mérida é a presença de coroas envolvendo o campo epigráfico. Em Mértola, na decoração dos epitáfios, dominam esquemas decorativos de arco sobre colunas, com uma cruz pátea sob o arco (Dias, 1992: 319-340). Apesar das tendências dominantes, nas duas cidades existem exemplos destes dois tipos de elementos decorativos, além de, naturalmente, existir um conjunto de epitáfios sem decoração. Convém referir que, nas duas cidades, se encontram epitáfios latinos lado a lado com epitáfios gregos, mas com diferenças no que diz respeito à decoração. Em Mérida, com um total de 202 epígrafes, na sua grande maioria são funerárias[169] (150 inscrições, que representam quase os 75% do total) (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000), havendo alguns epitáfios gregos que partilham com os epitáfios latinos a decoração em coroa (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000, inscrição nº 180, datada de 539 d.C., nº 181, nº 187.1 e nº 189.), enquanto que, em Mértola, os epitáfios gregos conhecidos não são decorados (Dias e Gaspar, 2006).

Nas duas cidades são conhecidas inscrições gregas que referem membros do clero,

168 Proveniente da sepultura 149.
169 150 inscrições, que representam quase os 75% do total (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000)

datadas da primeira metade do séc. VI. Já os epitáfios latinos distribuem-se por um maior espetro cronológico e são concomitantes com os epitáfios gregos, o que demonstra que os cargos da hierarquia da igreja eram ocupados por uma comunidade cultural cristã, a que corresponderia o conceito de "comunidade de fala", isto é, a identidade cultural e religiosa era a mesma para os que na morte são recordados em grego ou em latim, independentemente dos conflitos de poder que as *VSPE* nos relatam no que diz respeito à sucessão de Paulo, no bispado de Mérida. Ao estudar as inscrições gregas de Mérida, M. P. de Hoz nota a inexistência de testemunhos arqueológicos concretos que atestem a presença de uma comunidade oriental em Mérida. Para a autora, contudo, a presença de orientais tem fundamento nas *VSPE* e na existência de inscrições em grego (Hoz, 2007: 482). Refira-se que desde a época imperial há noticias da existência, em Mérida, de uma importante colónia de procedência greco-oriental, a que deveriam pertencer não só comerciantes como, também, artesãos e artistas e, incluso, indivíduos de provável origem judaica. A este respeito é também significativa a abundância de onomástica grega na epigrafia Emeritense de época imperial. Esta colónia continuou a existir durante os séculos seguintes e gozando de bastante prosperidade, como o demonstra o achado de um mosaico no pavimento de uma casa, com uma inscrição grega, provavelmente do século IV-V. Uma inscrição grega do século VI mostra como era normal, entre os componentes da colónia, haver eclesiásticos e comerciantes orientais em Mérida no século VI. Desta cidade são conhecidas dezanove inscrições escritas em grego e com uma abrangência cronológica situada entre o século IV e o século VI (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000: 223-241). Muito mais conclusivos e precisos são os dados oferecidos pela documentação escrita, como são as *VSPE*. Por elas são conhecidos, que em meados do século VI, foi eleito bispo de Mérida um tal Paulo, de origem grega, médico de profissão, e que tinha chegado do Oriente há bastante tempo (Garcia Moreno, 1972: 139). Mais tarde, sendo Paulo bispo da cidade, chegam a Mérida barcos de comerciantes onde vinha Fidel[170] que vem suceder Paulo na sede episcopal Emeritense (Garcia Moreno, 1972: 140) [possivelmente através do porto de Mértola e depois seguiriam para Mérida por via terrestre, outra possibilidade era terem desembarcado em Lisboa ou Sevilha]. Numa outra passagem, a mesma fonte,

170 *"(...) accidit die quadam de regione qua ipse oriundus extiterat negotiatores graecos in navibus de Orientibus admnenisse atque Hispaniae litora contigisse*." (*LVSPE, III.1* Camacho Macias: 1988: 51)

refere a fundação por *Massona*, o sucessor no episcopado Fidel, de um *xenodochium*. A este tipo de edifício, com características de hospital e de hospedaria, existem referências nas cidades do Ocidente com colónias de orientais e com um importante tráfego comercial (Garcia Moreno, 1972: 140). O mesmo autor estudou as comunidades de comerciantes gregos que são registados epigraficamente nas cidades Hispânicas.

Neste estudo, para além destas duas cidades, aponta os casos de Tarragona, onde tinham a residência estrangeiros de origem grega em época imperial. Por outro lado, cabe destacar a abundância de onomástica grega entre as lápides sepulcrais da necrópole paleocristã de Francolí. De finais do século IV, ou princípios do V, temos notícias de um tal Aurelio Eliodoro, grego de Tarso, que morreu em Tarragona aquando ali se encontrava, possivelmente de viagem, pois sabe-se que residia normalmente em Sevilha. Este dado é de maior importância pois, dada a existência de uma colónia de orientais em Sevilha, mostra as relações que existiam entre as diversas comunidades da Península. Do ano de 456 existe a referência documental da chegada, ao porto sevilhano, de barcos de comerciantes orientais que informaram da vitória do Imperador Marciano sobre os Lazas[171]. Da importância do porto de *Hispalis,* em meados do século VI, e das suas importantes relações comerciais com o exterior, são testemunho uma passagem do *Bellum Vandalicum* de Procopio, em que se relata a chegada a Sevilha de comerciantes de Carthago (Isid. *Hist. Goth. 42;* Garcia Moreno, 1972: 137).

Da permanência de uma colónia de orientais em Sevilha, na primeira metade do século VII, e das relações com Oriente, são uma prova os testemunhos sobre a chegada de um bispo sírio monofisita chamado Gregório, em torno de 619, que seguramente tinha abandonado a sua sede antes da invasão persa (Garcia Moreno, 1972: 137).
Em Tortosa, na desembocadura do rio Ebro, encontrou-se, em 1771, uma inscrição trilingue em hebreu, latim e grego, com datação de finais do século VI (Garcia Moreno, 1972: 133).

Em Elche certamente edificou-se, em meados do século IV, uma sinagoga ou basílica

171 Hydat. *Chron.* 177, *Orientalium naves Hispalim venientes per Marciani exercitum caes(os Laz)as nuntiant.* (Garcia Moreno, 1972: 137)

cristã, para servir uma comunidade que falava grego e que nos deixou as inscrições encontradas num pavimento musivo escritas nesse idioma (Garcia Moreno, 1972: 144). Em Cartagena, a antiga *Carthago Spartaria,* é outro lugar onde é possível localizar uma colónia de procedência oriental. Na época imperial o seu porto era um dos mais ativos da Península em termos de exportações, existem dados arqueológicos que mostram as relações comerciais que mantinha com os portos da Síria (Garcia Moreno, 1972: 134). É ainda de assinalar, em apoio da existência de uma tal colónia, que a única inscrição oficial de Bizâncio na Península, foi encontrada em Cartagena e está escrita em latim (Garcia Moreno, 1972: 134); esta inscrição refere o patrício Comitiolo, que recorda a intervenção deste *magister militum Spaniae* na muralha urbana de *Cartago Spartaria* (Viscaíno Sánchez, 2009: 727). Também existem dados arqueológicos que assinalam relações comerciais desta cidade com o Oriente, em princípios do século V até princípios da segunda década do século VII (Garcia Moreno, 1972: 134).

De *Malaka* (Málaga), para além das cerâmicas e das moedas encontradas na cidade e que provam as relações com o Oriente (Garcia Moreno, 1972: 136), é conhecida uma inscrição do bispo Severo, que nos informa sobre a sua atuação numa obra desconhecida (Viscaíno Sánchez, 2009: 728 e 733).

Em Ecija, sede episcopal em época visigoda, encontrou-se um sarcófago datado do século V com uma inscrição em grego, possivelmente de alguém de procedência oriental e ligado às atividades comerciais (Garcia Moreno, 1972: 136). Da antiga *Carteia* provém una lápide sepulcral, de *Nikolaos Makrios*, possivelmente datada de 616, período em que *Carteia* devia estar em poder de Bizâncio (Garcia Moreno, 1972: 136).

Como referem M. Dias e C. Gaspar "a prática linguística, muitas vezes entendida como simples bilinguismo, deve ser considerada como um sinal da existência de uma comunidade epigráfica culturalmente homogénea, independentemente do uso da língua grega ou latina" (Dias e Gaspar, 2013: 259-267).

As inscrições funerárias das duas cidades, Mérida e Mértola, deixam transparecer um traço comum, que as integra numa vasta rede de ligações comerciais locais e de longo

curso. Nos formulários de datação de algumas inscrições foi utilizada a série metrológica *as, depundius, trisis*, etc., como notou J. Gil, permitindo definir uma área de influência restrita que une Mérida, Badajoz, Mértola, Zahara e Córdova, durante um período cronológico reduzido, o séc. VI (Gil; 1976: 375-384),o que leva a M. Dias e C. Gaspar a acrescentar que "esta forma de datação aparece em epitáfios de elementos das ordens menores da Igreja, como nos casos de *Andreas* e de um subdiácono, como no dos não religiosos. Uma vez que se trata de uma prática não sistemática, epocalmente caracterizada, poderá admitir-se que os comerciantes forneceriam elementos para a hierarquia religiosa local?" (Dias e Gaspar, 2013: 259-267).

A análise da onomástica reflete populações de diversas origens: *Abundantius, Adiutor, Adulteus, Afranius, Aianes, Amanda, Andreas, Antonia, Auriola, Britto, Cyprianus, De(pundius ?), Donata, Êutiques (2), Exsoderus, Exuperius, Faustianus, Festellus, Filex, Fistellus, Flavianus, Fortunata, Glandarius, Hilarinus, Isidorus, Leopardus, Mannaria, Orania, Patricio, Petus, Pierius, Possidonius, Restitutus, Romanus, Rufina, Satyrio, Sebas(tianus), Senatrex, Silbanus, Simplicius, Stefanus, Stefanus ou Stefanianus, Tyberius, (Vinco)malos, Vincentia , Vincentius* e *Zósimo.* A variedade é grande como registou A. Nascimento " e nem a sua distribuição no tempo nos permitiria recuperar informação pertinente sobre o predomínio de uma onomástica nova a substituir a tradicional. As populações viviam umas com as outras, sem criar barreiras humanas" (Nascimento, 2006: 22).

6.2.2 Os suportes

Em algumas inscrições cristãs, procedentes de Roma, representaram-se instrumentos de trabalho próprios das oficinas lapidárias, como o maço, o nível, o cinzel, a ponta para fazer a incisão, etc. (ICUR, N.S.46, II 5633, tav. XXV, 1), como também deixaram testemunho dos operários que as trabalharam: o *lapidarius* (ILCV47 654), *lapide cesor* (ILCV 655a), *marmorarius* (ILCV 656), *quadratarius* (ILCV 657), *sector* (ILCV 658), *artifex signarius* (ILCV 659) ou *anafiglarius* (ILCV 660). Santiago Fernández não vê, por isso, nenhum motivo para pensar que o mesmo não sucedesse na Hispânia, mais ainda quando a localização das inscrições mostram uma tendência de concentrar-se nos

núcleos urbanos, especialmente nas principais cidades, como são Mérida, Tarragona, Córdoba, Mértola, Sevilha, Barcelona e Toledo (Santiago Fernández, 2009: 305)

Contudo não são muitos os dados específicos sobre oficinas concretas e as características da sua produção, praticamente limitam-se a Córdoba, Mérida e Mértola. A análise das inscrições provenientes destes dois últimos centros epigráficos mostra como desenvolveu a sua própria linguagem monumental identificativa. Em Mérida, e na área de influência desta cidade observa-se, desde medos do século V até finais do século VI, um grande número de epitáfios que se caracterizam pelo fato do texto se escrever no interior de uma coroa. No caso de Mértola foram produzidos epígrafes cuja característica principal é a presença de um arco, por vezes sustentado por colunas envolvendo um crismon ou uma cruz, motivo debaixo do qual se dispõe o epitáfio (Santiago Fernández, 2009: 307).

Do ponto de vista da técnica de gravação dos epitáfios, em Mérida "o corte interior da letra em V aponta para uma gravação mais próxima da dos monumentos epigráficos romanos[172]; geralmente as letras foram obtidas por picagem o que, erroneamente, tem sido entendido, quando comparado com as inscrições romanas, como uma perda técnica, um defeito formal ou uma forma descuidada de gravação. De fato, a gravação por picagem, com ou sem posterior alisamento do fundo, é uma técnica mais adequada à gravação de um texto epigráfico sobre um esboço pintado no suporte, respeitando os traços de cursivismo[173]. Este é um dos aspetos técnicos que liga este tipo de textos às práticas de escrita do quotidiano pois quem pintava as letras sobre o suporte a gravar também escrevia outros textos sobre suportes perecíveis. De fato, as inscrições paleocristãs revelam apenas uma parte do quotidiano das populações da Antiguidade Tardia e chegaram até nós geralmente muito fragmentadas, com os textos muitas vezes truncados". (Dias e Gaspar, 2013: 259-267).

As epígrafes de Mértola possuem uma das características ornamentais mais frequentes, os alargamento triangulares, que rematam as letras, continuando uma marca

[172] Um bom exemplo desta característica formal é o epitáfio de *Fortuna*, datado de 601 d.C., que revela na l. 4 o sistema de esboço do texto no suporte à maneira romana (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000: 76-79, nº 35).

[173] Como é particularmente visível no epitáfio de *Leopardus*, datado do ano 526 (Dias e Gaspar, 2006: 94-96 nº 28).

definidora do período clássico, tornando mais evidente a qualidade das peças (Santiago Fernández, 2004:190) e possuem uma lógica e uma individualidade própria da oficina mirtilense. (Santiago Fernández, 2004:188)

No interior da basílica do Rossio do Carmo conservam-se *in situ* duas lápides anepígrafe[174]. Em 1990, aquando da escavação do pórtico situado a sul, exumámos uma sepultura que possuía uma grande placa de mármore cinzento com a superfície e as costas polida[175]; estas três peças levantam a possibilidade da existência de outra forma de marcação dos epitáfios, nomeadamente a possibilidade das lápides serem pintadas. No entanto desta possibilidade não ficaram qualquer vestígios pictóricos que atestem esta possibilidade.

A qualidade dos suportes em mármore é variada, bem como a espessura das placas utilizadas, o que leva a considerar que a maior parte dos suportes possam ter sido mármores serrados a partir de blocos de outros edifícios mais antigos. A reutilização dos materiais parece também neste capítulo ser uma constante.

É de referir que existem duas peças da coleção epigráfica de Mértola em que foram gravados dois epitáfios, um em cada face, nítida prova da reutilização de materiais

A mesma placa de mármore foi empregue no epitáfio do *ostiarius Exuperius*, falecido em 527 e da *relegiosa famula* Rufina falecida a 587; o mesmo se verifica com a inscrição funerária de *Faustianus* (7 de Novembro de 470) *Restitutus* um *famulus dei* no verso (524 d.C.), ou seja, das quatro personagens três estavam ligadas à igreja de Mértola e, pela titularidade que usam, não teriam dificuldades económicas para terem utilizado placas funerárias empregues em sepulturas com um intervalo temporal de 54 anos, no caso do epitáfio de *Faustianus* e de *Restitutus*, e de 60 nos epitáfios de *Exuperius* e de *Rufina*. Caso impar no panorama epigráfico de Mértola é o facto da lápide de *Êutiques* (544) em que foram gravados também os epitáfios de Patrício e outro. Esta prática de gravar mais do que um epitáfio verifica-se também em Mérida onde se registam dois casos: o da inscrição tripla de um *vir inlustris* chamado *Gregorio* (492), uma jovem

174 Com as seguintes medidas: altura 45 cm, largura 30 cm e 2 cm de espessura, está inserida numa sepultura de adulto, a outra tem de altura 30 cm de largura 21,5 cm e está inserida numa sepultura de criança.

175 Medidas: altura 137 cm; largura 48 cm, espessura que varia entre 3,5 cm e 2,5 cm.

Perpetua (583) e um arquidiácono da igreja emeritense, *Eleutério* (604) (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000: 274, nº 37), ou no caso da inscrição de *Florentia* (465) e de *Marcella* (553) (Ramírez Sádaba e Mateos, 2000: 72-75, nº 33). A reutilização de lápides como material de enchimento, aquando da abertura de novas campas, ou a reutilizada para uma nova inscrição, bem como a inumação numa campa já ocupada, foi uma prática comum nas necrópoles coetâneas, apesar de, teoricamente, ser contrário à própria doutrina cristã e as várias proibições emanadas nos concílios são a prova dessa prática.

De fato, como afirma M. Dias, o tamanho das placas maiores indicia tratarem-se de possíveis tampas, que cobriam uma boa parte das sepulturas "outras assemelha-se a etiquetas" e as sua dimensões reduzidas, que rotulam a superfície do enterramento. Registou, ainda, que a maior parte das sepulturas não terem inscrições e a constatação de que cada sepultura albergar geralmente mais do que um indivíduo "não permite julgar, em termos absolutos, quem eram os habitantes cristãos da Mértola de então (Dias, 1993: 104), apesar da numerosa epigrafia proveniente dos cemitérios de Mértola.

6.7.3 A decoração

A epigrafia e a decoração das lápides funerárias de Mértola têm sido alvo de trabalhos sistemáticos por parte de Manuela A. Dias (1997: 319-340; Dias e Gaspar, 2006). A autora distingue a nível dos motivos decorativos seis grupos em que o "critério de agrupamento passou pela aceitação, como elemento nuclear, do próprio conjunto decorativo, isto é, não se procedeu à decomposição dos elementos constitutivos de cada grupo, porque se admite que a sua associação é mais do que uma simples acumulação de significados, correspondendo, cada um, a um determinado segmento simbólico da mensagem visual" (Dias, 1997: 323). Primeiro grupo: cruz latina, ou cruz pátea, dentro de círculo uma ou outra encimando o texto e no prolongamento do eixo mediano de simetria. Segundo grupo: cruz pátea circundada encimando o texto, o todo sob um arco no prolongamento do eixo mediano. Terceiro grupo: cruz ou *crismon* com colunas enquadrando o texto, alguns encimados por arco. Quarto grupo: cruz ou *crismon* com aves afrontadas. Quinto grupo: *crismon* associado a outros motivos, o conjunto, é colocado acima do texto no prolongamento do eixo mediano de simetria. Sexto grupo: outros elementos por exemplo os drapeados (Dias, 1997: 325).

A propósito do estudo da decoração dos epitáfio da basílica do Rossio do Carmo, Manuela A. Dias concluiu que "do ponto de vista social, o tema decorativo do arco sobre colunas se afirma predominantemente nas lápides funerárias de indivíduos ligados à hierarquia religiosa de Mértola" (Dias, 1997: 319).
Por outro lado, Justino Maciel, ao estudar o mesmo conjunto lapidar, faz um agrupamento das peças de maneira diferente, considerando seis grupos ao nível decorativo-simbólico de cruzes, crísmones, decoração arquitetónica, decoração geométrica, decoração vegetalista e decoração animal (Maciel, 1996: 172).

Apesar dos diversos estudos de que estes monumentos foram alvo, é extremamente difícil saber ao certo o número exato dos epitáfios paleocristãos de Mértola, dado que existem muitos fragmentos de lápides com possibilidade de pertencerem, ou não, à mesma peça.
Como salienta Justino Maciel, a propósito das características artísticas de que está imbuído o conjunto de epitáfios funerários descobertos em Mértola, "notamos que ela tem uma individualidade muito própria, embora reflectindo múltiplas influências que lhe vêm sobretudo da Itália, mas regista-se igualmente uma interacção com zonas do sul da Gália e do Norte de África" (Maciel, 1996: 179).

6.2.4. Inventário das epigrafes da Antiguidade tardia de Mértola

6.2.4.1. Basílica do Rossio do Carmo

Nº 1. Anónimo (462);

Identificação: fragmentos de placa de mármore cinzento.

Proveniência: Encontrada segundo Estácio da Veiga no Rossio do Carmo, da demolição de um muro próximo do Rossio do Carmo.

Descrição: constituída por dois fragmentos ajustáveis da parte lateral direita.

Dimensões:

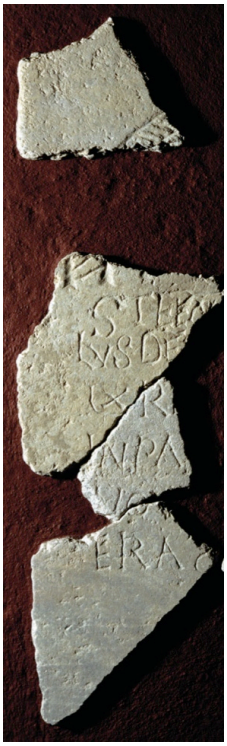
Leitura: [---] / [---]R vi / [xit---r)equi /[evit---]idus / [---] D[176]

Tradução: (alguém que viveu ...descansou...nos Idos... da era de 500 (ano de 462).

Localização: Museu Nacinal de Arqueologia (E-6506).

Bibliografia: Veiga,: 96-98; Macias, 2006: 40; Dias e Gaspar, 2006: 53-54.

Nº 2. *Stefanus* (462?);



Identificação: placa de mármore cinzento claro de grão grosso.

Proveniência: Das escavações realizadas no Rossio do Carmo em 1989 -1990. A bibliografia anterior relacionava esta lápide com mais dois fragmentos, e propunha adaptação de 627, no entanto veio a verificar-se que se tratava de fragmentos pertencentes a uma outra epigrafe.

Descrição: A decoração que encima a lápide é constituída por vestígios de um arco cordado.

Dimensões: Altura 47,5 cm; largura 28 cm; espessura 3 cm. Altura letras 3,5 cm.

176 A transcrição ou a leitura em maiúsculas ou em minúsculas são feitas segundo a publicação dos diferentes epigrafistas.

Leitura: STEFAN [Us Famu] / Lus De[i Vixit Annos] / LX re[quievit] / in pa[ce d (ie) / Nov[embres] / era D[...]

Tradução: "Estevão, servidor de Deus, viveu sessenta anos, descansou em paz no dia ... em Novembro da era 500 (?)" (462? d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Barroca, 2000: 30; Macias, 2006: 32; Dias e Gaspar, 2006: 54-56.

Nº 3. *Faustianus* (7 de Novembro de 470);

Identificação: oito fragmentos de mármore cinzento

Proveniência: encontrado em Mértola.

Descrição: O texto e a decoração deviam estar enquadrados por uma moldura, dentro dela, a encimar o texto, é ainda visível um crismon inscrito num circulo e ladeado por duas pombas afrontadas. Possui a inscrição de Restitutus no verso (524 d.C.)

Dimensões: Altura 75 cm; largura 45 cm; espessura 2 cm. Altura letras 4,4 cm.

Leitura: Recessit Fa/ustianus / in pace die / VII hedera iduum / Novembr/ium era / δVIII.

Tradução: "Faleceu Faustianus no sétimo dia dos idos de Novembro da era 508" (7 ou 13 Novembro de 470).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.8)

Bibliografia: Vives, 1942: 165 (n° 486); Barroca, 2000: 7; Macias, 2006: 12; Dias e Gaspar, 2006: 58-59.

Nº 4. Anónimo (4 Outubro 482);

Identificação: Quatro fragmentos pertencentes a uma placa em mármore cinzento claro.

Proveniência: Do quinta de António Feio, situado junto ao pano norte da muralha.

Descrição: Pedra funerária com a menorá inscrita. Trata-se do mais antigo testemunho da presença judaica em

Portugal.

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

Leitura: [..VI]XIT ANN[OS.....] / [..RE]CESSIT I[N] / [PA]CE DIE QUAR[T]/[AS N]ONAS OCTO/[BRE]S ERA δXX

Tradução: "(…) viveu ....anos...descansou em paz no quarto dia das Nonas de Outubro da era 520 (4 Outubro de 482 d.C.)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Barroca, 2000: 7-8; Macias, 2006: 13; Dias e Gaspar, 2006: 59-60.

Nº5. *Satyrio* (2 de Março de 489);

Identificação: Pedra funerária do presbítero Satiryo. De mármore cinzento encontra-se fragmentada em 13 partes ajustáveis.

Proveniência: Foi encontrada num quintal junto ao Rossio do Carmo.

Descrição: A decoração é constituída por um arco, decorado com pequenos triângulos, apoiados sobre duas colunas. Sob o arco, no topo do texto, foi gravado um crismon ladeados por um alpha e um omega.

Dimensões: Altura 117 cm; largura 48 cm; espessura 3,5 - 4 cm. Altura letras 3,5 a 4 cm.

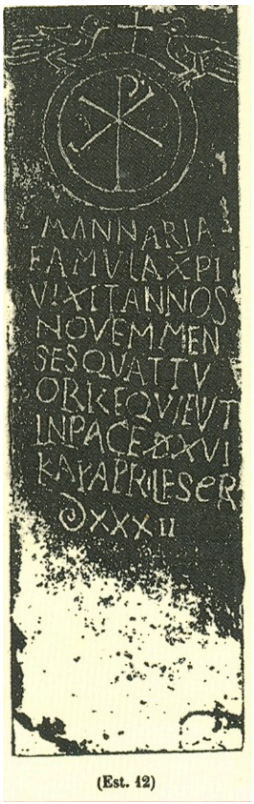
Leitura: SATIRIO PR(es) B(ite)R MINIS/TRAUIT IN PRESBITERIO / ANN(os) XIII RECESSIT IN / PACE DOMINI N(ostr)I. IηS XRI / D(ei) VI N(onas) MARTIAS / ERA δXXVII. MEMB / RA REQUIESCET

Tradução: "Satirio presbítero exerceu como presbítero durante treze anos. Descansou na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo no sexto dia das Nonas de Março da era 527. Recorda-te de nós. Descansa" (2 Março de 489).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6510)

Bibliografia: Veiga, 1983: 104; Vives, 1942: 32 (n° 87) e 175; Barroca, 2000: 8; Macias, 2006: 13; Dias e Gaspar, 2006: 61-63.

Nº6. *Mannaria* (17 de Março de 494);



(Est. 12)

Identificação: Três fragmentos ajustáveis de mármore cinzento.

Proveniência: Pedra funerária recolhida por Estácio da Veiga em data indeterminada, perto do curral do concelho, entre o Rossio do Carmo e a Igreja de Santo António.

Descrição: O suporte é decorado superiormente por duas pombas afrontadas a uma cruz e pousadas sobre um duplo circulo, que envolve um crismon , com alfa e ómega.

O texto que esteve completo ao tempo de Estácio da Veiga, falta presentemente, um fragmento que afecta além da decoração, a leitura das três primeiras linhas, no entanto para a leitura recorreu-se ao desenho publicado por Estácio da Veiga.

Dimensões: Altura 71 cm; largura 23 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 1,2 a 2,4 cm.

Leitura: MANNARIA / FAMVLA XPI / VIXIT ANNOS / NOVEM, MEN/SES QUATTU/OR. REQUIEVIT / IN PACE D. XVI / KAL(endas) APRILES ERA / δXXXII.

Tradução: “Mannaria, servidora de Cristo, viveu nove anos e quatro meses, descansou em paz no décimo sexto dia das calendas de Abril da era 532” (17 de Março de 494 d.C.).

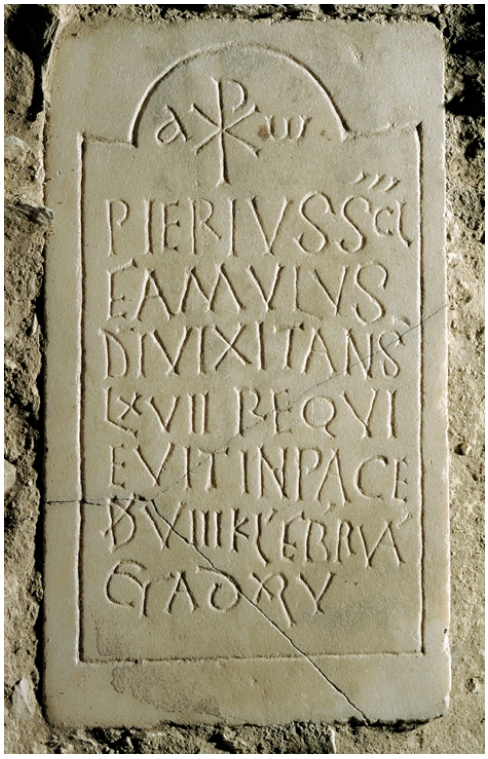
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6512)

Bibliografia: Veiga, 1983: 107; Vives, 1942: 32-33 (n° 88); Barroca, 2000: 8; Macias, 2006: 14; Dias e Gaspar, 2006: 63-65.

Nº 7. *Pierius* (25 de Janeiro de 507);

Identificação: Placa rectangular de mármore branco, de grão fino, formado por três fragmentos ajustáveis.

Proveniência: *In situ*. Pertence a mesma construção tumular da inscrição de Vincentius.



Descrição: O campo epigráfico está delimitado por um sulco retangular desenhando no topo uma cabeceira em forma de abside, na qual está um crismon, ladeado por um alfa e um ómega. De referir que o alfa tem o traçado de um a minúsculo do alfabeto romano cursivo.

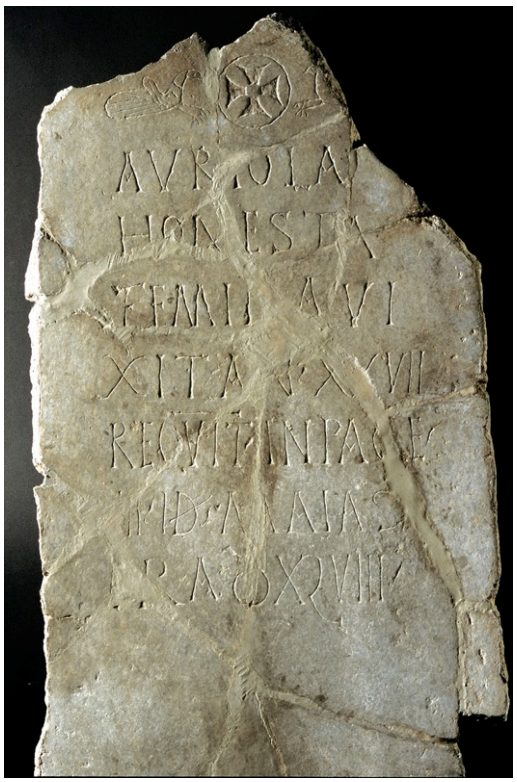
Dimensões: Altura 53,5 cm; largura 32,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 2 a 4 cm.

Leitura: PIERIUS <IN> S(AE)C(U)L(O) / FAMULUS / D(E) I VIXIT AN(NO)S / LXVII REQUI/EVIT IN PACE / D(IE) VIII K(A)L(ENDAS) F(E)BRUA(RIAS) / ERA δXLV

Tradução: "Chamou-se Pierius na vida terrena, este servidor de Deus viveu 67 anos; repousou em paz no 8° dia das calendas de Fevereiro da era 545" (25 de Janeiro de 507 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1984 (n° 35); Dias, 1993: 136; Macias, 2006: 15;Dias e Gaspar, 2006: 68-69.



Nº 8. *Auriola* (12 de Maio de 510);

Identificação: Placa retangular de calcário branco amarelado. O suporte encontra-se fragmentado em vinte e três fragmentos ajustáveis.

Proveniência: Mértola e incorporado na coleção do Museu Nacional de Arqueologia

Descrição: No topo da placa foram gravadas uma cruz pátea, inscrita em círculos, ladeada por duas pombas afrontadas à cruz.

Dimensões: Altura 124 cm; largura 48,5 cm; espessura 5,5 cm. Altura letras 4 a 5,5 cm.

Leitura: AURIOLA, / HONESTA / FEMINA, VI/XIT AN(NOS) XXVII./ REQ(UIE)VIT IN PACE / IIII ID(US) MAIAS / ERA δXLVIII.

Tradução: "Auriola, mulher de condição social superior, viveu 27 anos. Descansou em paz ao quarto dia dos Idos de Maio da era 548" (12 de Maio de 510 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6515)

Bibliografia: Vives, 1942: 165 (n° 488); Barroca, 2000: 9; Macias, 2006: 16;Dias e Gaspar, 2006: 70-71.

Nº 9. *Fistellus* (24 de Novembro de 510);

Identificação: Placa de mármore branco , alisada em ambos os lados.

Proveniência: Encontrada em Mértola em data indeterminada.

Descrição: Decorada ao centro com uma cruz gravada a partir de arcos de círculo, inclusa numa coroa circular, ladeada por dois jarros com palmas estilizadas.

Dimensões: Altura 46 cm; largura 31 cm; espessura 6 cm. Altura letras 3 a 4 cm.

Leitura: FISTELLUS V(IR) HON(ES)T(US) / VIXIT AN(NOS) LXX REQ(U)I / EVIT IN PACE D(IE) VIII / KAL(ENDAS) DECEMB(RES) ERA / δXLVIII

Tradução: "Fistellus, homem de condição social superior, viveu 70 anos; descansou em paz no 8° dia das calendas de Dezembro da era 548" (24 de Novembro de 510).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Vives, 1942: 165 (n° 487); Dias, 1993: 117; Barroca, 2000: 10; Macias, 2006: 16; Dias e Gaspar, 2006: 71-74.

Nº 10. Possidonius (21 de Agosto de 512);

Identificação: Pedra funerária do presbítero Possidonius. Placa retangular de mármore branco de grão fino.

Proveniência: *In situ*.

Descrição: O suporte é decorado com duas colunas e um arco que delimitam o campo epigráfico. O arco é formado por duas palmas, com uma folha de hera no fecho. Sob o arco encontra-se um quadrifólio resultante do vazamento do intervalo dos braços de uma cruz pátea.

Dimensões: Altura 63 cm; largura 33,5 cm; espessura não avaliável. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

Leitura: POSSIDONIUS / PRE(S)B(I)T(E)R VIXIT / ANNOS PLUS M(INUS) / QUINQUAGINTA / REQUIEVIT IN / PACE D(OMI)NI D(IE) / XII KAL(ENDAS) SEP/TEMB(RES) ERA / δL

Tradução: "Possidonius, presbítero, viveu mais ou menos cinquenta anos, repousou na paz do Senhor no 12° dia das calendas de Setembro da era 550" (21 de Agosto de 512 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1984 (n° 36); Dias, 1993: 137; Barroca, 2000: 10; Macias, 2006: 17; Dias e Gaspar, 2006: 74-76.

Nº 11. Anónimo. (512?);

Identificação: Seis fragmentos de mármore branco, dos quais dois com inscrição.

Proveniência: Mértola junto do Rossio do Carmo, recolhidos por Estácio da Veiga e na coleção do Museu Nacional de Arqueologia.

Descrição: um dos fragmentos conserva restos de uma coluna que delimitaria o campo epigráfico.

Dimensões: Altura 20 cm; largura 26,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 3,5 cm.

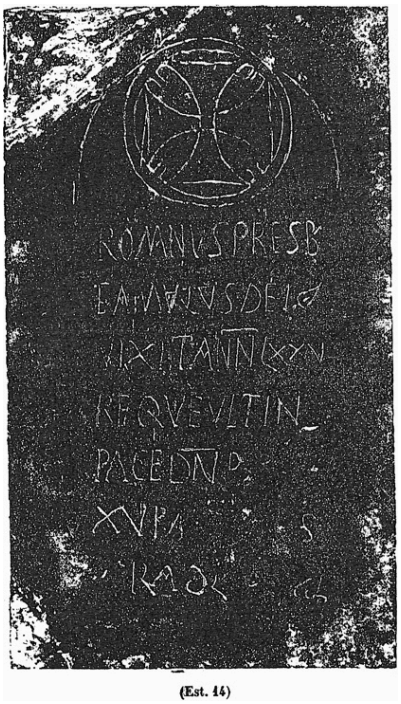
Leitura: [...] / XVII KAL [...] / ERA dL[...].

Tradução: " (…) dia 17 das calendas de ... da era 550(?) (…)"

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, (E-6502).

Bibliografia: Veiga, 1983: 100-101; Vives, 1942: 35-36 (n° 103); Barroca, 2000: 38-39; Macias, 2006: 38; Dias e Gaspar, 2006: 76-77.

Nº12. *Romanus* (522 ?);



Identificação: Placa retangular de mármore cinzento fragmentado em cinco partes. Ao que falta um fragmento no canto superior esquerdo e um fragmento, de forma triangular, que afeta a parte final do texto, contudo Estácio da veiga publicou uma estampa com a epigrafe completa.

Proveniência: Pedra funerária do presbítero Romanus, recolhida por Estácio da Veiga na propriedade de Manuel de Oliveira

Descrição: A epigrafe é encimada pelo desenho de um semicírculo, dentro do qual se inscrevem dois círculos concêntricos, com uma cruz pátea inclusa.

Dimensões: Altura 90 cm; largura 45,5 cm; espessura 4 a 2 cm. Altura letras 3,5 a 4 cm.

Leitura: ROMANUS PRESB(ITER) / FAMULUS DEI / VIXIT ANN(OS) LXXV. / REQUIEVIT IN / PACE D(OMI)N(I) DI(E) / XV KA[L(ENDA)...]S [E]RA δLX[...].

Tradução: "Romanus, presbítero servidor de Deus, viveu 75 anos. morreu na paz do Senhor no décimo quinto dia das calendas de (…) da era 560 (…)".

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6505).

Bibliografia: Veiga, 1983: 109-111; Vives, 1942: 33 (n° 92) e 175; Barroca, 2000: 11-12; Macias, 2006: 19; Dias e Gaspar, 2006: 79-81.

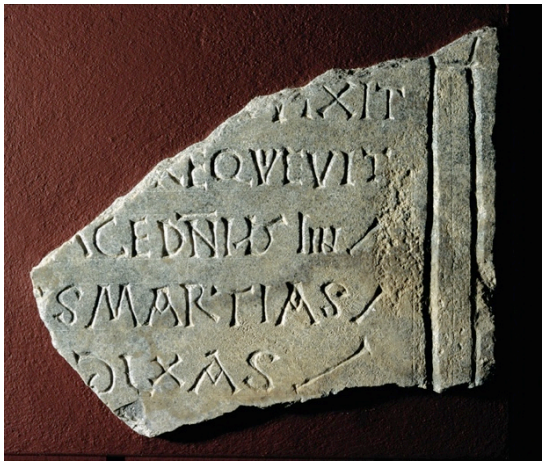
Nº13. Anónimo (12 de Março de 523)

Identificação: Trata-se de um fragmento pertencente à parte lateral direita de uma inscrição. Em mármore cinzento.

Proveniência: O fragmento foi encontrado , em 1990, como material de reutilizado, na camada de enchimento de uma sepultura da basílica do rossio do Carmo.

Descrição: Há vestígios de decoração composta por coluna lisa e parte de capitel.

Dimensões: Altura 34,5 cm; largura 26 cm; espessura 3,5 cm. Altura letras 2 a 3,5 cm.



Leitura: [...] VIXIT / [...] REQVIEVIT / [...IN P]ACE D(OMI)NI D(IE) IIII / [...ID]US MARTIAS / [...ERA] δLXAS

Tradução: "(...) viveu (...) repousou na paz do Senhor no 4° dia dos Idos de Março da era 561" (12 Março de 523 d.C.).

Localização: Museu de Mértola.

Bibliografia: Dias, 1993: 120; Barroca, 2000: 13; Macias, 2006: 20; Dias e Gaspar, 2006: 83-85.

Nº14. *Restitutus* (524) No verso da lápide de *Faustianus* – cf. n° 3)

Identificação: Oito fragmentos de inscrição em mármore cinzento.

Proveniência: De Mértola deu entrada no MNA antes de 1941, data da primeira publicação.

Descrição: Na parte superior são ainda visíveis restos de um motivo decorativo de que restam traços oblíquos.

Dimensões: Altura 75 cm; largura 45 cm; espessura 2 cm. Altura letras 3 cm.

Leitura: REST[ITU]TUS FA/[MULUS D]EI V/[IXIT ANNOS/PLUS] MINU [S ...] / [REQU]IEVI[T IN/PAC]E SUB D[IE / ... K]ALENDA[S / ... SEPT(EMBRES) ERA / dLXI

Tradução: "Restitutus, servidor de Deus, viveu mais ou menos (...) anos. Descansou em paz (...) dia das calendas de Setembro da era 561" (524 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.8)

Bibliografia:; Barroca, 2000: 13; Macias, 2006: 20; Dias e Gaspar, 2006: 81-83.

Nº15. *De* [*pundius*?] (524);

Identificação: Sete fragmentos ajustáveis, de mármore cinzento.

Proveniência: escavações arqueológicas realizadas na Basílica do Rossio do Carmo nos anos 90 do século XX.

Descrição: O suporte é decorado na parte superior por uma cruz pátea, dentro de um duplo circulo. Os espaços vazios da cruz foram preenchidos com folhas de hera

Dimensões: Altura 82 cm; largura 33 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 4 a 5 cm.

Leitura: [...]RUS SUB[DIACONUS?] / [FAMU]LUS DE[I VI] / XIT [P]LUS MI[NUS...]/ [REQUI]EVIT IN PA[CE...] / [...] SE[P]TEM[BRES] / [ERA] δLX DE(PUNDIUS)

Tradução: "subdiácono (?), servidor de Deus, viveu mais ou menos ...anos; descansou em paz (…) no mês de Setembro da era 562 De (???)" (Agosto ou Setembro de 524).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 123; Barroca, 2000: 13-14; Macias, 2006: 21; Dias e Gaspar, 2006: 85-88.

Nº 16. *Aianes* (3 de Julho de 524);

Identificação: Placa retangular de mármore branco de grão fino.

Proveniência: Escavações arqueológicas realizadas na década de 80 do século XX na basílica do Rossio do Carmo.

Descrição: Na parte superior pode ver-se uma cruz de braços iguais, ladeada por duas pombas afrontadas. No final do texto tem uma folha de hera de grande dimensão (8 x 3,5 cm).

Dimensões: Altura 58 cm; largura 28 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 3,5 cm.

Leitura: AIANES HON(ESTA) FEM(INA) / FAM(ULA) D(E)I VIXIT ANNOS / PL(U)S M(INU)S XXVIII REQUI / EVIT IN PACE D(OMI)NI / D(IE) V NON(AS) IULIAS / ERA δLXI AS

Tradução: "Aianes, mulher de condição social superior, servidora de Deus, viveu mais ou menos 28 anos; descansou na paz do Senhor no 5° dia das Nonas de Julho da era 561 e mais um" (3 de Julho de 524 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 116; Barroca, 2000: 14; Macias, 2006: 21; Dias e Gaspar, 2006: 88-89.

Nº 17. *Andreas* (30 de Março de 525);

Identificação: Placa retangular de mármore cinzento, polida nos dois lados. O suporte está fraturado em treze fragmentos ajustáveis.

Proveniência: Encontrada por Estácio da Veiga em data imprecisa, no Rossio do Carmo.

Descrição: Decorada com um arco duplo em ferradura, ornamentado com linhas , e apoiado em duas colunas de fuste torso, com base dupla, e capitel com duas coroas de folhas de acanto encimado por volutas.

Os elemento central é um crismon com alfa e ómega, gravado no centro da composição. O texto é finalizado por uma cruz monogramática.

Dimensões: Altura 102 cm; largura 43 cm; espessura 3 cm. Altura letras 2,5 a 3 cm.

Leitura: ANDREAS FAMULUS / DEI PRINCEPS CAN/TORUM SACROSAN/CTE A[E]CLESIAE MER/TILLIANE VIXIT / ANNOS XXXVI / REQUIEVIT IN PA/CE SUB D(IE) TERTEO / KAL(ENDAS) APRILES / AERA δLX TRIS/SIS / CH[...]

Tradução: "Andreas, servidor de Deus, primeiro cantor da sacrossanta Igreja Mertiliana, viveu 36 anos, descansou em paz no terceiro dia das calendas de Abril da era 563" (30 de Março de 525 d.C.).
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Vives, 1942: 33-34 (n° 93); Dias, 1993: 133; Barroca, 2000: 14; Macias, 2006: 22; Dias e Gaspar, 2006: 89-92.

Nº 18. Anónimo (20 de Novembro de 526);
Identificação: Placa de mármore cinzento, constituída por cinco fragmentos ajustáveis entre si, incompleta.

Proveniência: Mértola
Descrição: No fragmento superior direito são visíveis restos do que poderia ser um arco cordado.
Dimensões: Altura 53 cm; largura 41 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 3,5 a 4,5 cm.
Leitura: [...]S / [FAMULU]S D(E)I / V[IXIT AN]NOS / XLV R[EQ]U[I]EV/IT IN PA[CE] D(IE) / XII K(A)L(ENDAS) DEC(E)MB(RES) / ERA δLXIIII
Tradução: " (?) servidor de Deus, viveu 45 anos, descansou em paz no décimo segundo dia das calendas de Dezembro da era 564" (20 de Novembro de 526).
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (s/n)
Bibliografia: Barroca, 2000: 15; Macias, 2006: 23; Dias e Gaspar, 2006: 58-59.

Nº 19. *Leopardus* (27 de Dezembro de 525);
Identificação: placa retangular de mármore cinzento. Apesar de fragmentada em doze partes ajustáveis, conserva-se na totalidade.
Proveniência: Descoberta na campanha de 1990 no anexo sul da basílica.

Descrição: A decoração é constituída por um arco apoiado em duas colunas torças com bases e capiteis decorados; sob o arco duas pombas ladeiam uma cruz latina.

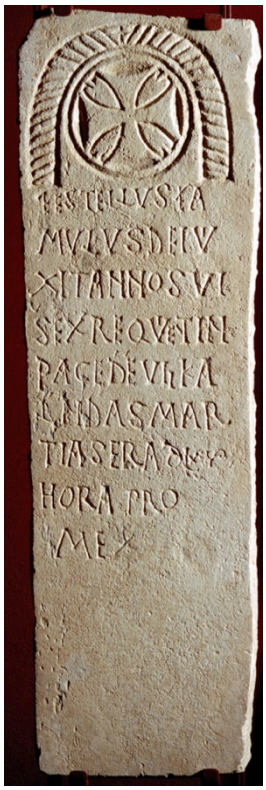
Dimensões: Altura 83,5 cm; largura 24,5 cm; espessura 3,2/4,2 cm. Altura letras 3,5 a 4 cm.

Leitura: LEOPARDUS / FAMULUS DEI / VIXIT ANN(OS) L DUOS / D(IES) XXXVI RECESSIT / IN PACE D(IE) VI KAL(ENDAS) IAN/NUARIAS ERA δLXIIII

Tradução: "Leopardus, servidor de Deus, viveu 50 e dois anos e 36 dias, desprendeu-se da vida em paz no 6° dia das calendas de Janeiro da era 564" (27 de Dezembro de 525 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 138; Barroca, 2000: 14-15; Macias, 2006: 22; Dias e Gaspar, 2006: 94-96.



Nº20. *Festellus* (23 de Fevereiro de 527);

Identificação: Placa de calcário branco de grão fino.

Proveniência: Foi encontrada no decurso dos trabalhos arqueológicos de 1990, sobre a respectiva sepultura localizada no anexo sul da basílica.

Descrição: A decoração que encima o epitáfio é constituída por um arco cordado que está sobre uma cruz pátea envolta num duplo circulo. O espaço entre os braços da cruz estão preenchidos por folhas de hera.

Dimensões: Altura 83,5 cm; largura 24,5 cm; espessura 3,2 a 4,2 cm. Altura letras 2,5 a 3 cm.

Leitura: FESTELLUS FA/MULUS DEI VI/XIT ANNOS VI / SEX REQUIEV<I>T IN / PACE D(I)E VII KA/LENDAS MAR/TIAS ERA δLXV / HORA PRO / ME

Tradução: "Festellus, servidor de Deus, viveu 6 seis anos, repousou em paz no 7° dia das calendas de Março da era 565. Reza por mim !" (27 Fevereiro 527 d.C.)
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias, 1993: 127; Barroca, 2000: 15; Macias, 2006: 23; Dias e Gaspar, 2006: 98-100.

Nº21. *Exuperius* (9 de Julho de 527);
Identificação: Pedra funerária com duas inscrições (recto: Exuperius; verso: Rufina – cf. n° 38). Placa de mármore de forma quase quadrada.
Proveniência: Proveniente de Mértola e pertencente à coleção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia.
Descrição: O epitáfio funerário está delimitado por duas colunas torsas com base e capitel. É encimada por um arco cordado, que assenta sobre uma trave, também cordada, mas que não chegou a ser completamente gravada, notando-se o traço mais fino. No tímpano do arco foi gravado uma roseta de braços rectos.
Dimensões: Altura 41 cm; largura 38 cm; espessura 3,5 a 4,5 cm. Altura letras 3 cm.
Leitura: EXUPERIUS / OSTIARIUS / FAM(U)L(US) D(E)I VIXIT / ANN(OS) LXX REQU(IEVIT) IN PA(CE) / D(IE) VII ID(US) IULIA[S] ERA δLXÇ
Tradução: "Exuperius, porteiro, servidor de Deus, viveu 70 anos, descansou em paz no 7° dia dos idos de Julho da era 565" (9 de Julho de 527 d.C.).
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Vives, 1942: 166 (n° 489); Dias, 1993: 132; Barroca, 2000: 15-16; Macias, 2006: 24; Dias e Gaspar, 2006: 100-103.

Nº 22. *Fortunata* (28 de Dezembro de 527);
Identificação: Placa retangular de mármore cinzento.
Proveniência: A inscrição foi encontrada nas escavações da década de 80 do século XX na basílica do Rossio do Carmo

Descrição: A parte superior está decorada com um arco acordoado e uma cruz pátea inscrita num circulo. Entre os braços da cruz existe uma ornamentação constituída por folhas de hera.

Dimensões: Altura 75 cm; largura 31 cm; espessura 7,5 cm. Altura letras 3 a 3,5 cm.

Leitura: FORTUNATA / FAMULA DEI / VIXIT ANNOS / XXII REQUIEVIT / IN PACE D(IE) V KAL(ENDAS) / IANUARIAS ERA / δLXV

Tradução: "Fortunata, servidora de Deus, viveu 22 anos, descansou em paz no 5° dia das calendas de Janeiro da era 565" (28 de Dezembro de 527 d.C.)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 124; Barroca, 2000: 16; Macias, 2006: 24; Dias e Gaspar, 2006: 96-98.

Nº 23 Anónimo (527);

Identificação: Dois fragmentos ajustáveis de mármore rosado.

Proveniência: Escavações arqueológicas desenvolvidas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.

Descrição: não apresenta qualquer tipo de decoração. Estes fragmentos foram erradamente publicados como fazendo parte da inscrição de Stefanus (8 MD e 36 SM).

Dimensões: Altura 20 cm; largura 13 cm; espessura não avaliável. Altura letras 3,5 cm.

Leitura: ... [...] K ?[al (endas)]/ [...] re[...] / [...]DLXV.

Tradução: Nas Calendas de ... [da era] de 565 (ano 527 d.C.)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 103.

Nº 24. *Abundantius* (25 de Janeiro de 529)

Identificação: Placa retangular de mármore cinzento.

Proveniência: Este epitáfio foi encontrado em Mértola e deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia em 1908.
Descrição: Esta tampa tumular não apresenta qualquer tipo de decoração.
Dimensões: Altura 25 cm; largura 24 cm; espessura 2 cm. Altura letras 2,5 a 3 cm.
Leitura: ABUNDANTIUS / FAM(U)LUS DEI VIXIT / ANNOS XXVII REQUI/EVIT IN PACE D(IE) VIII / KAL(ENDAS) FEBRUARIAS ERA / δLXVII
Tradução: "Abundantius, servidor de Deus, viveu 27 anos, repousou em paz pelo 8° dia das calendas de Fevereiro da era 567" (25 de Janeiro de 529 d.C.).
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Vives, 1942: 166 (n° 490); Dias, 1993: 129; Barroca, 2000: 16; Macias, 2006: 25; Dias e Gaspar, 2006: 104-106.

Nº 25. *Cyprianus* (25 de Agosto de 537);
Identificação: Placa retangular de mármore cinzento de grão fino.
Proveniência: Escavações dos finais do século XX efectuadas na basílica do Rossio do Carmo.
Descrição: O texto é encimado por uma cruz pátea de braços côncavos em baixo relevo, inscrita num circulo. Nesta placa estão bem marcadas as linhas que orientam o campo epigráfico.
Dimensões: Altura 48 cm; largura 23 cm; espessura 2 cm. Altura letras 0,5 a 1,9 cm.
Leitura: CYPRIANUS / FAMULUS DEI / VIXIT AN/NOS XXX RE/QUIEVIT IN / PACE DIE VIII / KAL(ENDAS) SEPTEMB(RES) / ERA δLXX QUINQ(UE)
Tradução: "Cyprianus, servidor de Deus, viveu 30 anos; descansou em paz no oitavo dia das calendas de Setembro da era 575" (25 de Agosto de 537).
Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 125; Barroca, 2000: 18; Macias, 2006: 26; Dias e Gaspar, 2006: 106-107.

Nº26. *Simplicius* (25 de Agosto de 537);

Identificação: Pedra funerária do presbítero Simplicius. Placa retangular de mármore.

Proveniência: Encontrada em 1886 em Mértola.

Descrição: O texto está enquadrado por duas colunas com bases e capiteis decorados. O epitáfio está encimado por uma cruz pátea inscrita num circulo. Os espaços entre os braços da cruz são preenchidos por folhas de hera.

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

Leitura: SIMPLICIUS / PR(es)B(yteru)S., FAMU/LUS D(E)I, VIXIT / AN(nos). LVIIII. / REQUIEVIT IN / PACE D(omi)NI. D(ei) / VIII KAL(endas) SEPTEM/BRES ERA / dLXXV.

Tradução: “Simplicius, presbítero, servidor de Deus, viveu 59 anos. Descansou na paz do Senhor no oitavo dia das calendas de Setembro da era 575” (25 de Agosto de 537 d.C.).

Localização: Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Bibliografia: Vives, 1942: 34 (n° 94); Barroca, 2000: 18; Macias, 2006: 25; Dias e Gaspar, 2006: 107-109.

Nº 27. *Amanda* (23 de Fevereiro de 544);

Identificação: Placa funerária de mármore branco de grão fino.

Proveniência: Deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia antes de 1895, vinda de Mértola.

Descrição: A decoração é constituída por dois retângulos preenchidos por *transenae* com arcos imbricados, que ladeiam um círculo em que se inscreve uma cruz ancorada, cujos braços se cruzam sob um pequeno circulo. No gradeamento da esquerda no canto superior esquerdo não foi concluída a gravação.

Dimensões: Altura 44,5 cm; largura 38,3 cm; espessura 4,2 cm. Altura letras 1,5 a 3 cm.

Leitura: AMANDA FAMU(L)A XPI VIXIT / ANNOS PLUS MIN(U)S / XXXII MENSES V REQUIE/VIT IN PACE D(OMI)NI SUB D(IE) VII / KAL(ENDAS) MART(IAS) ERA δLXXXII

Tradução: "Amanda, servidora de Cristo, viveu mais ou menos 32 anos e 5 meses, descansou na paz do Senhor no 7° dia das calendas do mês de Março da era 582" (23 de Fevereiro de 544 d.C.).

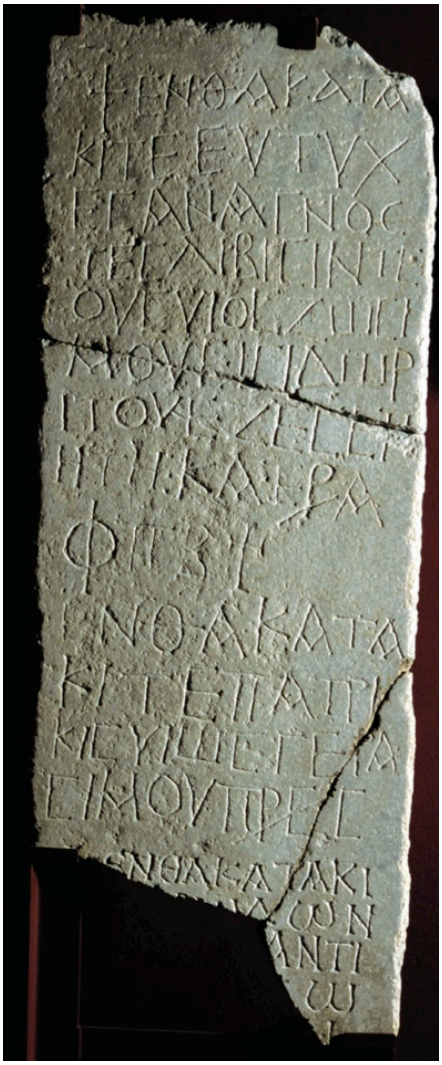
Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Vives, 1942: 34 (n° 95); Dias, 1993: 119; Barroca, 2000: 20; Macias, 2006: 27; Dias e Gaspar, 2006: 110-112.

Nº28. *Eutyches, Patricius* e outro (544);

Identificação: Pedra funerária em grego, com três epitáfios. Placa retangular em mármore, fragmentada em três partes ajustáveis.

Proveniência: Mértola de local incerto, pertence à colecção do Museu Nacional de Arqueologia.



Descrição: A peça está incompleta e não possui qualquer decoração.

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

Leitura: (cruz) Ενθα | χιτε Ευτυχ | ες αναγνόσ | τες Λιβισιντε | ους υιὸς Ζωσι | μου Εισιδωρ | ιτου εξεσεν | ητη χα ερα | φπβ

Tradução: "Aqui está (sepultado) Eutyches, leitor, natural da Libissa (libissíntio)[177], filho de Zozimo Isidórito, viveu 21 anos, (faleceu) na era 582"

Leitura: Ενθα χατα | χιτε Πατρι | χις υιως Γερα | σιμου πρεσ (βυτερου)

Tradução: "Aqui está (sepultado) Patricius, filho (ou neto?) de Gerásimo, presbítero."

Leitura: (cruz) Ενθα χαταχι | [τε…] νδων | [ιος? ζησ] αντι | […]ω […] ι

Tradução: "Aqui está sepultado (.....) que viveu (...)"

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Vives, 1942: 173-174 (n° 524); Almeida, 1986: 175-177; Dias, 1993: 115; Barroca, 2000: 20; Macias, 2006: 26; Dias e Gaspar, 2006: 112-113.

Nº29. *Britto* (5 de Agosto de 546);

Identificação: Pedra funerária do presbítero Britto.

Proveniência: Descoberta em Mértola nos finais do século XIX.

Descrição: Na parte superior possui como elemento decorativo ima cruz pátia inscrita num círculo, os espaços entre os braços da cruz foi tratado de modo a sugerir folhas de hera.

177 Lisboa, segundo Vives (1942: 173-174) ou Libissa, perto de Nicomedia, segundo a última revisão de M. Dias e C. Gaspar, (2006: 113).

Dimensões: Altura 57,5 cm; largura 45,5 cm; Altura letras 3,6 a 4,1 cm.
Leitura: BRITTO PRESB(iter) / VIXIT ANNOS / LXV. REQUIEUIT / IN PACE D(omi)NI D(ei) / NONAS AGUSTAS / ERA dLXXXIIII.
Tradução: "Brito, presbítero, viveu 65 anos. Descansou na paz do Senhor no dia das nonas de Agosto da era 584" (5 de Agosto de 546 d.C.).
Localização: Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra
Bibliografia: Vives, 1942: 34 (n° 96); Barroca, 2000: 21; Macias, 2006: 27; Dias e Gaspar, 2006: 115-116.

Nº30. *Vincentius* (26 de Outubro de 556);
Identificação: Placa retangular de mármore branco de grão fino.
Proveniência: In situ. Pertence à mesma estrutura funerária do epitáfio Pierius (Nº 15 Manuela)
Descrição: Possui na parte superior uma cruz latina.
Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.
Leitura: VINCENTIUS / FAMULUS DEI / VIXIT ANNOS / LVI REQUIEVIT / IN PACE D(IE) VII K(A)L(ENDAS) / NOVEMB(RES) ERA / δLXLIIII
Tradução: "Vicentius, servidor de Deus, viveu 56 anos, repousou em paz no 7° dia das calendas de Novembro da era 594" (26 de Outubro de 556 d.C.).
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias, 1993: 135; Barroca, 2000: 22; Macias, 2006: 28; Dias e Gaspar, 2006: 116-117.

Nº 31. Anónimo (562?);

Identificação: Fragmento de inscrição latina. (562), de mármore cinzento.

Proveniência: M2011/cont 11.016, casa IX, Achado nº 13

Descrição: poderá tratar-se de uma placa reutilizada pois as costas são irregulares.

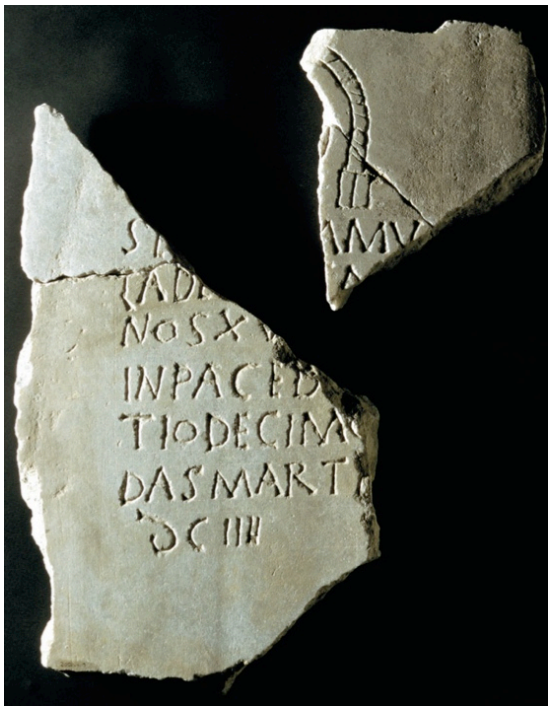
Leitura: [---] RA/ [---]VS / [---] DC [---]

Tradução: 600 (562?).

Dimensões: Altura 15 cm; largura 13 cm; espessura 4,5 cm.

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Inédita



Nº 32. *Senatrex* (17 de Fevereiro de 566);

Identificação: Placa de mármore facturada em quatro fragmentos ajustáveis.

Proveniência: Mértola local incerto. A primeira referencia bibliográfica aponta para os anos 40 do século XX. J. Vives viu-a e fotografou-a, tendo essa imagem servido para o seu estudo.

Descrição: A decoração é formada por um arco cordado, que alojava, dentro de um círculo, uma cruz pátea de braços rectos.

Dimensões: Fragmento a- altura 34 cm; largura 29 cm; espessura 3 cm; b- altura 15 cm; largura 9,5 cm; espessura 3,5 cm.

Leitura: SENATREX, FAMU/LA D(E)I, VIXIT AN/NOS XVIII. REQU(iev)IT / IN PACE DO(mi)N(i) D(ei) TER/TIO DECIMO KALEN/DAS MARTIAS ERA / δCIIII.

Tradução: "Senatrex, servidora de Deus, viveu 18 anos. Descansou na paz do Senhor no décimo terceiro dia das Calendas de Março da era 604" (17 de Fevereiro de 566 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.1)

Bibliografia: Vives, 1942: 166 (n° 493); Barroca, 2000: 23; Macias, 2006: 28; Dias e Gaspar, 2006: 118-119.

Nº33. *Tyberius* (20 de Maio de 566);

Identificação: Pedra funerária do leitor Tyberius. Placa retangular de mármore branco.

Proveniência: Descoberta em Mértola nos finais do século XIX e levada para o Museu nacional de Arqueologia.

Descrição: Possui na parte superior, ao centro, uma cruz latina, com terminações triangulares.

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

Leitura: TYBERIUS LICTO/R FAMULUS DEI VI(XI)/T ANNOS PLUS MIN/US XIIII MEN(SE)S QUINQ/UEM REQUIEVIT IN PACE / DOMINI DIE XIII KALENDA/S IUNIAS ERA δCIIII.

Tradução: "Tyberius, leitor, servidor de Deus, viveu mais ou menos 14 anos e cinco meses. Descansou na paz do Senhor no décimo terceiro dia das Calendas de Junho da era 604" (20 de Maio de 566 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 992.60.1)

Bibliografia: Vives, 1942: 34 (n° 97); Barroca, 2000: 23-2; Macias, 2006: 29; Dias e Gaspar, 2006: 121-123.

Nº 34. *Glandarius* (30 de Maio de 566);

Identificação: Lápide retangular de mármore cinzento, fraturada em três fragmentos ajustáveis.

Proveniência: Da basílica do Rossio do Carmo referida por Estácio da Veiga em

1983.

Descrição: O suporte está incompleto, pelo que, a decoração a ter existido perdeu-se.

Dimensões: Altura 52 cm; largura 42 cm; espessura não avaliável. Altura letras 3 cm.

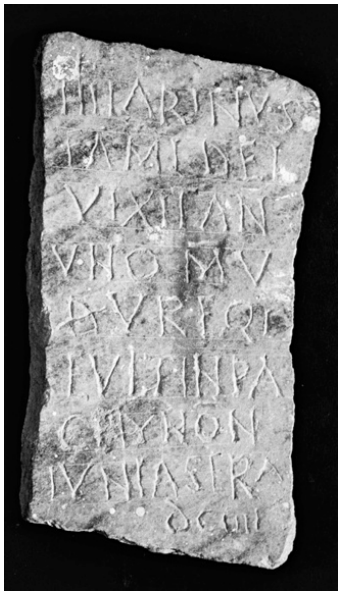
Leitura: Hilarinus fam(u)l(us Dei / vixit an(no?) /uno m(enses) V / d(ies) V req(u)i / evit in pa/ ce d(ie) Non(as) / Iunias era / δCIIII .

Tradução: "Hilarinus, servidor de Deus, viveu 38 anos, mais ou menos; descansou na paz do Senhor no terceiro dia das Calendas de Junho da era 604" (30 de Maio de 566 d.C.)

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6503)

Bibliografia: Veiga, 1983: 112; Vives, 1942: 34-35 (n° 98); Barroca, 2000: 24; Macias, 2006: 30; Dias e Gaspar, 2006: 119-121.

Nº 35. *Hilarinus* (5 de Junho de 566);



Identificação: Placa retangular de mármore cinzento.

Proveniência: Encontrada em data anterior a 1895, foi ofertada ao Museu de Mértola pelos Herdeiros de Manuel Silva Fernandes Júnior.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração o epitáfio funerário ocupa a totalidade do suporte.

Dimensões: Altura 27 cm; largura 13 cm; espessura 2 cm. Altura letras 2 a 2,5 cm.

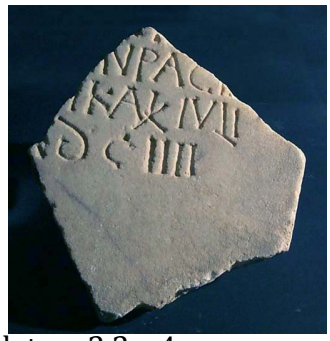
Leitura: HILARINUS / FAM(U)L(US) DEI / VIXIT AN(NO?) / UNO M(ENSes) V / D(IES) V REQ(U)I/EVIT IN PA/CE D(IE) NON(AS) / IUNIAS ERA / δCIIII

Tradução: "Hilarinus, servidor de Deus, viveu um ano, 5 meses e 5 dias, repousou em paz no dia das nonas de Junho da era 604" (5 de Junho de 566 d.C.)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Vives, 1942: 35 (n° 99); Dias, 1993: 126; Barroca, 2000: 24; Macias, 2006: 31; Dias e Gaspar, 2006: 123-125.

Nº 36. Anónimo, (566 d.C.);



Identificação: fragmento de mármore bege.

Proveniência: Encontra-se na coleção do Museu Nacional de Arqueologia juntamente com outros fragmentos de lápides de Mértola.

Descrição: não possui qualquer elemento decorativo.

Dimensões: Altura 28,5 cm; largura 24 cm; espessura 3cm. Altura letras 3,3 a 4 cm.

Leitura: [...] R [...] / [...i]n pace / [...]I Kal (endas) Iuli / [as er]a DCIII

Tradução: ... (descansou) em paz no dia ...das Calendas de Julho da era de 604 (566 d. C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (nº inv. 2002.4.13)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 125-126.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=124935&EntSep=5#gotoPosition 20/8/2013

Nº 37. *Antonia* (3 de Agosto de 571);

Identificação: placa de mármore branco de grão fino, irregularmente retangular.

Proveniência: *In situ*.

Descrição: O topo da inscrição é decorada com duas cruzes latinas, com terminações triangulares nas pontas, que ladeiam um arco cordado, sob o qual está uma cruz pátea inscrita num círculo.

Dimensões: Altura 38 cm; largura 26 cm; espessura não avaliável.. Altura letras 2,5 cm.

Leitura: ANTONIA FA/MULA DEI VIX(I)T / ANNOS XLVIIII / REQUIEVIT IN / PACE DO(MI)NI TER/TIO NONAS AG/USTAS ERA δC/VIIII

Tradução: "Antonia, servidora de Deus, viveu 49 anos, repousou na paz do Senhor no terceiro dia das nonas de Agosto da era 609" (3 de Agosto de 571 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 134; Barroca, 2000: 24-25; Macias, 2006: 31; Dias e Gaspar, 2006: 126-128.

Nº38. *Rufina* (27 de Setembro de 587);

Identificação: placa de mármore, quase quadrada, de mármore branco, escrita nas duas faces maiores; na outra face possui o epitáfio de Exuperius (nº 21).

Proveniência: Mértola no entanto é desconhecida a data do seu aparecimento.

Descrição: Possui como decoração, na parte superior, dois círculos onde se inscrevem cruzes pátea. Na cruz do lado direito, mais trabalhada, entre os braços da cruz desenham-se folhas de hera.

Dimensões: Altura 41 cm; largura 38 cm; espessura 3,5 a 4,5 cm. Altura letras 3 a 3,5 cm.

Leitura: RUFINA / RELEGIOSA FAMULA / XPI VIXIT AN(NOS) P(LUS) M(INUS) / XXXXV REQUIEVIT / IN PACE D(OMI)N(I) D(IE) V KAL(ENDAS) / OCTOB(RES) ERA δCXXV

Tradução: "Rufina, religiosa, servidora de Cristo, viveu mais ou menos 45 anos, descansou na paz do Senhor no 5° dia das calendas de Outubro da era 625" (27 de Setembro de 587 d.C.)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Vives, 1942: 167 (n° 494); Dias, 1993: 131; Barroca, 2000: 27; Macias, 2006: 32; Dias e Gaspar, 2006: 128-130.

Nº39. *Silbanus* (662);

Identificação: placa triangular de mármore cinzento, de grão médio.

Proveniência: Pertence à coleção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia.

Descrição: O texto ocupa a superfície da placa não possuindo qualquer decoração

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

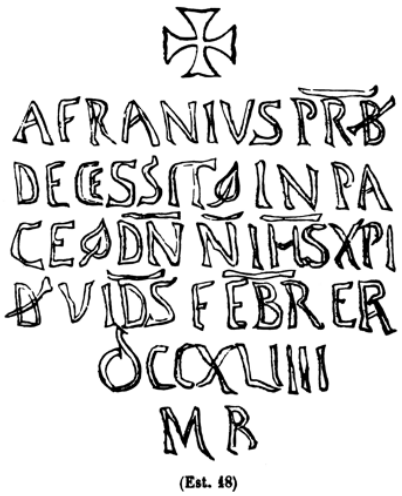
Leitura: (CRUZ) SILBANUS / FAMULUS D(E)I / INFAS VIXIT / II AN(N)O(S) UNO / MENSE V / D(IES) O(BI)IT ER/A SEPTI/GENTEN/SIMA

Tradução: "Silbanus, servidor de Deus, criança, viveu 2 anos, um mês e 5 dias, faleceu na era setecentos" (ano de 662 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.6)

Bibliografia: Barroca, 2000: 31; Macias, 2006: 33; Dias e Gaspar, 2006: 131-133.

Nº40. *Afranius* (9 de Fevereiro de 706);



(Est. 18)

Identificação: placa de mármore azulado.

Proveniência: Encontrada por Estácio da Veiga no Rossio do Carmo e perdida posteriormente.

Descrição: Estácio da Veiga reproduz uma estampa com um desenho, sendo o único elemento que documenta esta epigrafe.

Dimensões: são desconhecidas.

Leitura: AFRANIUS PR(es) B (iter)/ DECESSIT IN PA/CE D(omi)N(i) N(ostri). IηS u XρI / D(ie) V ID(u)S. FEBR(uarias) ERA / DCCXLIIII. / M(embra) R(equiescet).

Tradução: "Afranius, presbítero, morreu na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo no quinto dia dos idos de Fevereiro da era 744 (9 de Fevereiro de 706 d.C.) (Aqui) Descansará os seus membros.

Localização: desconhecida

Bibliografia: Bibliografia: Veiga, 1983: 116-117; Vives, 1942, p. 35 (n° 100); Barroca, 2000: 32-33; Macias, 2006: 33; Dias e Gaspar, 2006: -59.

Nº 41. *Adulteus* (11 de Janeiro de 729);

Identificação: placa retangular de mármore, fragmentada em cinco partes ajustáveis.

Proveniência: Esta inscrição foi durante muito tempo considerada como proveniente de Tavira. Porém , no livro de entradas do Museu Nacional de Arqueologia o número 6513 está atribuído a Mértola.

Descrição: Não possui qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 22 cm; largura 17 cm; espessura não avaliável. Altura letras 2,5 cm.

Leitura: (cruz) ADULTEUS / CLE[RI]CUS V(IXIT) / AN(NOS) X R(EQUIE)V(I)T / IN P(A)C(E) D(IE) III / ED(US) IAN(UARIAS) / [ERA] DCCLXVII

Tradução: "Adulteus, clérigo, viveu dez anos; descansou em paz no dia 3 dos Idos de Janeiro de 767 (11 de Janeiro de 729 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (nº inventário E-6513)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 135.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118789&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013

Nº42. *Exsoderus* (s.d.);

Identificação: Placa retangular de mármore branco, incompleta.

Proveniência: O epitáfio foi encontrado no casco histórico da Vila de Mértola.

Descrição: Apesar do mau estado de conservação em que o desgaste danificou a superfície epigrafada, conserva vestígios de um arco cordado em ferradura, suportado por colunelos. dado os ténues vestígios de uma pomba e de um braço de cruz, possivelmente, por debaixo do arco estaria uma composição com uma cruz com duas pombas afrontadas.

Dimensões: Altura 37 cm; largura 22 cm; espessura 5,5 cm. Altura letras 3 cm.

Leitura: (cruz) EXODE/RU[S?] PRES(BY)T(ER) / VIXIT A(NNOS) / LXXXV R[EQ(uie)]/VIT IN / P[A]C[E] IIII KAL(ENDAS) / [...]

Tradução: "Exsoderus (?), presbítero, viveu 85 anos, repousou em paz no dia 4 (antes) das Calendas de (…)"

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 130; Barroca, 2000: 36; Macias, 2006: 34; Dias e Gaspar, 2006: 143-144.

Nº43. *Stefanus* ou *Stefanianus* (s.d.);

Identificação: parte lateral esquerda de uma placa de mármore cinzento claro, de grão grosso.

Proveniência: Dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Rossio do Carmo nas décadas de 80 e 90 do século XX.

Descrição: Possui uma restos de uma coroa em fita a encimar a inscrição.

Dimensões: Altura 61 cm; largura 32 cm; espessura 3 cm. Altura letras 4,5 a 5,5 cm.

Leitura: STEFA[nian] U[S …FAMUL(US)] / DEI VIXIT [AN(NOS)] / LXIII R[E]QUI[EVIT] / [I]N PACE D[IE TER]/TIO KAL[LENDAS] / ERA [...]

Tradução: "Estefaniano, servidor de Deus, viveu 63 anos, repousou em paz no terceiro dia das Calendas da (…) da era".

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 121; Barroca, 2000: 36; Macias, 2006: 34; Dias e Gaspar, 2006: 144-146.

Nº44. *Adiutor* (15 de Março ?);
Identificação: Dois fragmentos ajustáveis de mármore cinzento escuro.
Proveniência: descoberto em Mértola em data incerta.
Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.
Dimensões: Altura 26 cm; largura 15 cm; espessura 2,6 cm. Altura letras 1,3 a 2,5 cm.
Leitura: ADIU/TOR, FAL (MULUS) / [D (E)] I REQUIE[VIT I]N PACE DI (E)[...] / ID(US) MA[IAS ...]
Tradução: "Adiutor, servidor de Deus, descansou na paz de Deus um dia dos idos de Maio".
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 16014/16015)
Bibliografia: Vives, 1942: 35 n° 102; Barroca, 2000: 37; Macias, 2006: 35; Dias e Gaspar, 2006: 138-139.

Nº 45. *Flavianus* (s.d.);
Identificação: Fragmento superior de uma placa retangular de mármore.
Proveniência: J. Vives e M. Oliveira consideram este epitáfio como proveniente de Mértola no entanto o estudo mais recente de Dias e Gaspar, consideram-na como proveniente da estação arqueológica da Silveirona. Atualmente esta peça incorpora a coleção do Museu Nacional de Arqueologia, onde consta do Livro de Entradas, sem indicação de proveniência.
Descrição: A parte superior está decorada, ao centro com um crismon, dentro de um círculo cordado, ladeado de dois jarros, com folhas de palma. A decoração destaca-se pela rigorosa e cuidada gravação.

Dimensões: Altura 47,5 cm; largura 40 cm; espessura 2 cm. Altura letras 6,5 cm.
Leitura: Flavianus, / [fa]mulus D(e)i, vixit / [.....annos] requi/[evit in pace]
Tradução: "Flavianus, servidor de Deus, (viveu …) anos. Descansou em paz (…)".
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.7272)
Bibliografia: Vives, 1942: 167 (n° 495); Barroca, 2000: 37; Macias, 2006: 35; Dias e Gaspar, 2006: 219-220.

Nº 46. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento do lado direito de uma lápide de mármore.
Proveniência: Mértola faz parte da coleção do Museu Nacional de Arqueologia.
Descrição: Não possui qualquer elemento decorativo.
Dimensões: Altura 19,5 cm; largura 12,5 cm; espessura 2,3 cm. Altura letras 3,5 cm.
Leitura: [...] XX / [requievit in] Pa / [ce Domini uel Dei ... Ka] l(e) nd(as) / [... e] RA (...)
Tradução: ... (viveu ... anos; descansou na paz do Senhor no dia (...) das Calendas de ... da era de...
Localização: Museu Nacional d'Arqueologia, Lisboa (n° inv. 16013)
Bibliografia: Barroca, 2000: 37; Macias, 2006: 36; Dias e Gaspar, 2006: 139-140.

Nº 47. *Vincentia* (s.d.);

Identificação: placa de calcário cinzento claro
Proveniência: Fragmento pertencente à coleção do Museu Nacional de Arqueologia, peça proveniente de Mértola de data incerta.
Descrição: Conserva restos de uma cruz pátea inscrita em círculo.
Dimensões: Altura 23,5 cm; largura 19 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,8 a 2,5 cm.
Leitura: [VIN]CENTIA FAM(ULA) D(E)I / [VIX]IT AN(NOS) XI RIC(ESS)I[T] / [IN PA]CE D(IE) V KAL(ENDAS) […] / […] LVII

Tradução: "Vincentia, servidora de Deus, viveu 11 anos, descansou em paz no quinto dia das calendas (…) 57 (?)"
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.5)
Bibliografia: Dias, 1987e; Barroca, 2000: 38; Macias, 2006: 36; Dias e Gaspar, 2006: 140-141.

Nº 48. Sabas(tianus), (s.d.);

Identificação: placa de calcário cinzento.
Proveniência: de Mértola em data imprecisa.
Descrição: Não possui qualquer decoração.
Dimensões: Altura 13,8 cm; largura 14,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 3,5 a 4,5 cm.
Leitura: SABAST[TIANU]/S FAMU[LUS] / […]
Tradução: " Sabastianus servidor (…)"
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. 2002.4.10)
Bibliografia: Barroca, 2000: 38; Macias, 2006: 37; Dias e Gaspar, 2006: 142.

Nº 49. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento claro.
Proveniência: Escavações da s décadas de 80 -90 do século XX
Descrição: de destacar a folha de era sem pecíolo, que faz o sinal de separação das palavras
Dimensões: Altura 9,5 cm; largura 13 cm; espessura 2 cm. Altura letras 3,5 cm.
Leitura: […] FAMU[LUS VEL LA] […] / […] [A]NN(OS) X[…]
Tradução: "servidor (ou servidora) (…) 10 (?) anos (…)"
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Barroca, 2000: 38; Macias, 2006: 37; Dias e Gaspar, 2006: 146.

Nº 50. Anónimo (s.d.);

Identificação: Trata-se de um pedaço de uma placa mármore cinzento claro.

Proveniência: Proveniente de Mértola e recolhida por Estácio da Veiga, pertence à coleção do Museu Nacional de Arqueologia e está embutida numa caixa com três fragmentos de epitáfios.

Dimensões: Altura 7,5 cm; largura 7 cm; espessura não avaliável. Altura letras 2,4 a 3 cm.

Leitura: [...]OLVS [...] / [...]XI[...]

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (E – 6514)

Bibliografia: Veiga, 1983: 115; Vives, 1942: 36 (n° 103 B); Barroca, 2000: 39; Dias e Gaspar, 2006: 169-170.

Nº 51. Anónimo (s.d.);

Identificação: Trata-se de um pedaço de uma placa mármore branco.

Proveniência: Proveniente de Mértola e recolhida por Estácio da Veiga, pertence à coleção do Museu Nacional de Arqueologia e está embutida numa caixa com três fragmentos de epitáfios.

Dimensões: Altura 8 cm; largura 5,5 cm; espessura não avaliável. Altura letras 2,8 cm.

Leitura: [...]IIAH [...]

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (E – 6514)

Bibliografia: Veiga, 1983: 115; Vives, 1942: 36 (n° 103 B); Barroca, 2000: 39; Dias e Gaspar, 2006: 170.

Nº 52. .Anónimo (s.d.);

Identificação: Trata-se de um pedaço de uma placa mármore cinzento escuro.

Proveniência: Proveniente de Mértola e recolhida por Estácio da Veiga, pertence à coleção do Museu Nacional de Arqueologia e está embutida numa caixa com três fragmentos de epitáfios.

Dimensões: Altura 8,5 cm; largura 10 cm; espessura não avaliável. Altura letras 3 cm.
Leitura: [...]QEVI [T...] / [...]XI NON[AS...]
Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (E – 6514)
Bibliografia: Veiga, 1983: 115; Vives, 1942: 36 (n° 103 B); Barroca, 2000: 39; Dias e Gaspar, 2006: 170-171.

Nº 53. . Anónimo (s.d.);
Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Recolhido por J. L. Vasconcellos, nos finais do século XIX.
Descrição: O suporte não apresenta vestígios de decoração.
Dimensões: Altura 20 cm; largura 23,5 cm. Altura letras 2,4 cm.
Leitura: ORA PRO ME
Tradução: "ora por mim"
Localização: Museu Nacional d'Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6477)
Bibliografia: Vasconcelos, 1897: 292 (n° 7); Vives, 1942: 36 (n° 103 A) e 167 (n° 496); Barroca, 2000: 39; Macias, 2006: 39; Dias e Gaspar, 2006: 168.

Nº 54. Anónimo (s.d.);
Identificação: fragmentos de placa de mármore.
Proveniência: Segundo Estácio da Veiga esta inscrição é proveniente do Rossio do Carmo e foi encontrada aquando de um derrube de um muro.
Descrição: A parte superior do

suporte é decorada com uma cruz pátea inscrita num circulo. Os espaços entre os braços da cruz são preenchidos com folhas de hera.

Dimensões: Altura 41 cm; largura 38 cm; espessura 3,5 a 4,5 cm. Altura letras 3 a 3,5 cm.

Leitura: E [...H]ONESTA/ [FEMINA] EN/ [...] I (') X [...]

Tradução: "(…) mulher de condição social superior (…)"

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n° inv. E.6504)

Bibliografia: Bibliografia: Veiga, 1983: 113-114; Vives, 1942: 36 (n° 104) e 175; Macias, 2006: 39; Dias e Gaspar, 2006: 155-156.

Nº 55. *Eutyches* (s.d.);

Identificação: Fragmento de placa de mármore claro de grão fino.

Proveniência: Encontrada no decurso dos trabalhos arqueológicos dos finais do século XX no Rossio do Carmo.

Descrição: Não possui qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 26,5 cm; largura 40 cm; espessura 6,5 cm. Altura letras 3,5 a 7 cm.

Leitura: [Καταχ]ιτε | Ευτυχης | Εσταμινι | ας (croix) ετων | χη (οχτω χαι ειοσι)

Tradução: "Aqui está sepultado Eutyches (liberto ou filho) de Estamínias, de 28 anos de idade".

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1993: 112; Barroca, 2000: 41; Macias, 2006: 41; Dias e Gaspar, 2006: 147-148.

Nº 56. *Isidorus* (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.

Proveniência: Foi encontrada no bairro islâmico da Alcáçova, onde foi reempregue como material de construção.

Descrição: da decoração fazem parte duas cruzes, uma latina, de terminações bífidas, uma colocada em cima do campo epigráfico. A

segunda colocada à esquerda, tem nos braços laterais um alfa e um ómega.
Dimensões: Altura 21 cm; largura 10 cm; espessura 3,5 cm. Altura letras 1,5 a 2,5 cm.
Leitura: [...] | (alfa cruz ómega) Εν [θαδε χατα] | χιτ[ε Εισι] δω[ρος Στεφα] | νου τ[εχνον Θεουετ] | ω(ν) ε[...]
Tradução: "Aqui está sepultado Isidorus, filho de Stefanus, de 5 anos de idade"
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias, 1993: 113; Barroca, 2000: 41; Macias, 2006: 41; Dias e Gaspar, 2006: 150-151.

Nº 57 . Anónimo (s.d.);
Identificação: Pedra funerária em grego, constituída por três fragmentos, de mármore branco.
Proveniência: Escavações realizadas nos finais do século XX no Rossio do Carmo.
Descrição: Não tem qualquer decoração, apresenta as duas faces alisadas.
Dimensões: Altura 22 cm; largura 24,4 cm; espessura 2,7 cm. Altura letras 1,7 a 3 cm.
Leitura: [---] | [---] | εξεσε[νετων ?] | ξ (εξηχοντα) πλεω[ν] | ελαττω εχ | Απρελλιω (vel Απρελλιου) | ιη (οχτωχαιδεχα) ινδ[ιχτιωνος...ενθ] | αδ[ε χειτε]
Tradução: "(...) viveu mais ou menos 60 anos, faleceu pelo 18° dia do mês de Abril (...) , está aqui sepultado"
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias, 1992d; Dias, 1993: 114; Barroca, 2000: 41; Macias, 2006: 42; Dias e Gaspar, 2006: 149-150.

Nº 58. Anónimo (s.d.);
Identificação: fragmento de mármore , de grão grosso.
Proveniência: Escavações realizadas nos finais do século XX no Rossio do Carmo.

Descrição: O fragmento apresenta-se polido nas duas faces.

Dimensões: Altura 16,5 cm; largura 14,5 cm; espessura 3,5 cm. Altura letras 3 a 4 cm.

Leitura: '' [K α]ταχιτ[ε…]/…[...]τσ Ἐπι[...] … / …

Tradução: "aqui está sepultado (…)"

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Barroca, 2000: 42; Macias, 2006: 42; Dias e Gaspar, 2006: 148-149

Nº 59. *Sebas*[*tianus*],

Identificação: fragmento de calcário cinzento.

Proveniência: Faz parte da coleção do Museu Nacional de Arqueologia e estava junto com outros materiais de Mértola.

Descrição: Não apresenta vestígios de decoração, está com a superfície polida e as costas lisas.

Dimensões: Altura 13,8 cm; largura 14,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 3,5 a 4,5 cm.

Leitura: Sabas[tianu] /s famu[lus]

Tradução: Sebastião servidor (de Deus) ...

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias, 1987: n. 96; Dias e Gaspar, 2006: 142.

Nº 60 . Anónimo (s.d.).

Identificação: Fragmento de mármore branco, com veios amarelados.

Proveniência: Das escavações efectuadas na Alcáçova de Mértola (CAM/03/casa IX 1C/ cont.01-06).

Descrição: Apresenta a superfície muito desgastada.

Dimensões: Altura 14 cm; largura 12,5 cm; espessura 4 cm. Altura letras 1 a 2,2 cm.

Leitura: (...)[...requi] evit / [...pac]e die ter/ [tio ...i]psas/ [Kal(endas) vel Nonas...era.]XXLIV

Tradução: ... descansou em paz no dia 3 das ditas Calendas (ou Nonas) da era de ...

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 152-153.

Nº 61 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmento de epitáfio de calcário branco.

Proveniência: Do casco urbano da vila de Mértola, recolha efectuada nos finais do século XX.

Descrição: Foi utilizada como suporte de gonzo de porta.

Dimensões: Altura 25 cm; largura 26,5 cm; espessura 6,6 cm. Altura letras 4,5 a 5 cm.

Leitura: [...VIXI] /T A[NNOS... / X [.]RECE[S...] / CE D[IE...]

Tradução: ... viveu (dez ?) anos; descansou em paz no dia...

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 153-155.

Nº 62 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmento de epitáfio de mármore cinzento.

Proveniência: Do casco urbano da vila de Mértola, recolha efectuada nos finais do século XX.

Descrição: Não apresenta qualquer decoração.

Dimensões: Altura 21,5 cm; largura 11,5 cm; espessura 3 cm. Altura letras 4 a 5 cm.

Leitura: [...]AM / [...]S/ [...]OS [...]

Tradução:

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 157-158.

Nº 63 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer decoração.

Dimensões: Altura 34 cm; largura 14 cm; espessura 2 cm. Altura letras 2,5 cm.
Leitura: [...f]amu / [lus vel ula Dei vixit a]nn / [os plus minus ..] XI
Tradução: servidor(a) de Deus viveu mais ou menos onze (?) anos ...
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 158.

Nº 64 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Três fragmentos de lápide mármore cinzento dois deles ajustáveis.
Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.
Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.
Dimensões: fragmento A - Altura 19 cm; largura 10 cm; espessura 1,8 cm. Fragmento B - Altura 3 cm; largura 2,5 cm; espessura 1,5 cm. Altura letras 2 a 2,3 cm.
Leitura: Fragmento A: [...f] am [ulus vel-ula] / [D(e)ivi] xit [an(nos)] / : [...] XXVIII / [re]quiev [it....]
Fragmento B: AI [...] / D (?) [...]
Tradução: ... servidor(a) de deus viveu 28 anos, descansou...
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 159-160.

Nº 65 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Dois fragmentos de lápide mármore
Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.
Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.
Dimensões: fragmento A - Altura 5,5 cm; largura 1,6 cm; Fragmento B - Altura 3 cm; largura 2,5 cm; espessura não avaliável. Altura letras 2,5 cm.
Leitura: Fragmento A: [...E] RA [...]

Fragmento B: [...] I [...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 160.

Nº 66 . Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmentos lateral esquerdo de lápide mármore cinzento claro.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

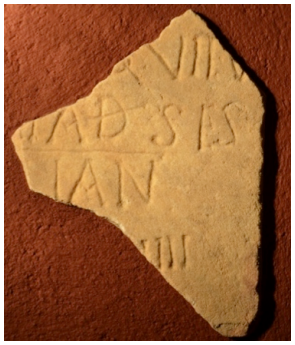
Dimensões: Altura 17,5 cm; largura 8,5 cm; espessura 5,5 cm. Altura letras 2,2 a 3 cm.

Leitura: Qui [...] /LN [...] / VI(?)[...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 159-160.

Nº 67 . Anónimo (s.d.)



Identificação: Fragmentos lateral esquerdo de lápide mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 20 cm; largura 15,5 cm; espessura 1,5 cm. Altura letras 2,3 a 2,5 cm.

Leitura: [...re]quiev / [it i]n pa(ce) d(ie) ses / [Ka] l (endas) Ian (uarias / [era] IIII

Tradução: ... descansou em paz no dia seis das Calendas de Janeiro da era de...

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 161-162.

Nº 68 . Anónimo (502 d. C.)

Identificação: Dois fragmentos ajustáveis do lado inferior direito de uma placa de mármore branco.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 14,5 cm; largura 21 cm; espessura 1,6 cm. Altura letras 2,5 a 4,3 cm.

Leitura: [...pa]ce/ [d(ei)]XVI Kal (endas) / [N] ovemb (res) / [era] DXL (...)

Tradução: ... descansou em paz no dia 16 das Calendas de Novembro da era de 540 (502 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 162-163.

Nº 69. Anónimo (s.d.)

Identificação: Dois fragmentos ajustáveis de uma placa de mármore branco cristalino de grão grosso.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 20,5 cm; largura 14 cm; espessura 1,5 cm. Altura letras 2 a 3,5 cm.

Leitura: [...] dei [Ka]l (endas) Iulias / [...] XXV

Tradução: ... Calendas de Julho (...) vinte e cinco.

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 163-164.

Nº 70. .Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 10,5 cm; largura 10,5 cm; espessura 1,5 cm. Altura letras 4 cm.

Leitura: [...] Dei [...] /[...] XXX [...] / [...i]n pa [ce...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 163-164.

Nº 71. .Anónimo (s.d.)

Identificação: Fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Com vestígios de um arco que possivelmente envolvia uma cruz pátea.

Dimensões: Altura 5 cm; largura 8 cm; espessura 1,2 cm. Altura letras não avaliáveis.

Leitura: [...] ivs [...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 165.

Nº 72. Anónimo (s.d.)

Identificação: Três fragmentos de uma placa de calcário cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: não avaliáveis. Altura letras 2 a 2,5 cm.

Leitura: Fragmento A: [...] ifa [...] ; Fragmento B: /[...] MI [...] / [...]D(e)i

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 165-166.

Nº 72. Anónimo (s.d.)

Identificação: fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 10,5 cm; largura 1,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 4 cm..

Leitura: [...] M?O [...]/[...] R?E? [...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 166.

Nº 73. . Anónimo (s.d.)

Identificação: fragmento de uma placa de calcário.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 5 cm; largura 6 cm; espessura 7 cm. Altura letras não avaliável.

Leitura: [...] L?

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 166-167.

Nº 74. Anónimo (s.d.)

Identificação: Dois fragmentos de uma placa de mármore.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

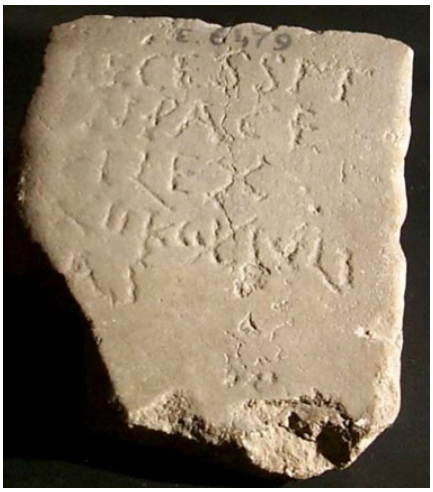
Descrição: Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Fragmento A: altura 8 cm; largura 6 cm; Fragmento b: altura 2,5 cm; largura 2,5 cm. Altura letras 2,5 a 3 cm.

Leitura: Fragmento A: [...] OSA [...vi] xit an [nos..]; Fragmento B: /[...] C [...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 167.



Nº 75. Filex (s.d.);

Identificação: placa retangular de mármore.

Proveniência: Tradicionalmente referida como proveniente de Marim, no concelho de Olhão, distrito de faro. No livro de entradas do Museu Nacional de Arqueologia está identificada como proveniente do cemitério de Mértola, possivelmente do Rossio do Carmo.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 29,5 cm; largura 21 cm; espessura 2,8 cm. Altura letras 2,8 a 4,5 cm.

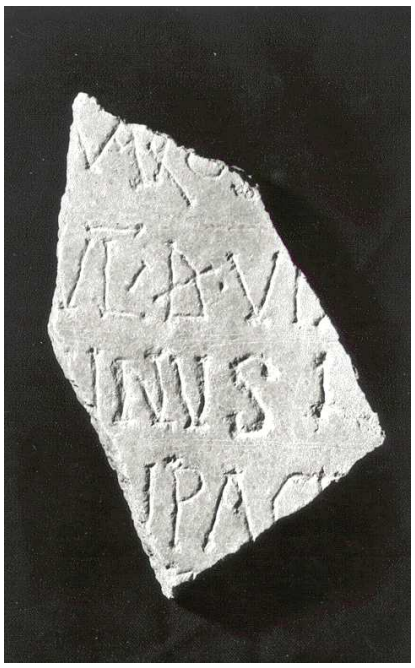
Leitura: (...) recessit / in pace / Felix / XII Kal(endas) Iuli / as

Tradução: Filex descansou em paz (no dia)12 das Calendas de Julho (20 de Junho)

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (E-6479)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 171-172.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=124687&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013



Nº 76. [Vinco] *malos* (s.d.);

Identificação:; fragmento de placa retangular de mármore.

Proveniência: do cemitério de Mértola, possivelmente do Rossio do Carmo (?).

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 20,5 cm; largura 13,5 cm; espessura 3 cm. Altura letras 3 a 3,5 cm.

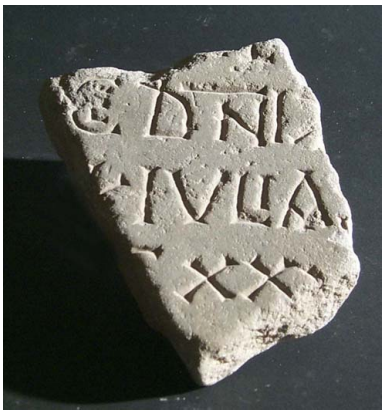
Leitura: [...] / [. Vinco]malos / [fam] ul (us) D(ei) vix[it] / [anos plus m] inus L [...] / [requievit i]n pace

Tradução: Vicomalos, servidor de Deus, viveu mais ou menos cinquenta ...(anos e descansou) em paz...

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (s.n.)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 172-173.

Nº 77. Anónimo (592?);



Identificação: fragmento de placa retangular de mármore cinzento .

Proveniência: possivelmente do Rossio do Carmo (?).

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 18,5 cm; largura 13 cm; espessura 2,8 cm.

Leitura: [...] E [...] / [...pa] ce D(omi)ni D(ie) / [...] Kalendas) Iulias / [era D]CXXX [...]

Tradução: ... (descansou na) paz do Senhor no dia ... das Calendas de Julho da era de 630 (?) (ano de 592).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2002-4.12 / EPI-645.)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 174.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=124934&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013

Nº 78. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.

Proveniência: Proveniente de Mértola (?).

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração..

Dimensões: Altura 15,5 cm; largura 6 cm; espessura 2,5 cm. Altura das letras: 4,2 cm.

Leitura: [...] / [...]XIII [...]/[...]pa[ce] / / [...]C vel O [...]

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (s.n.)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 175.

Nº 79. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore branco cinzento claro, de grão fino.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 15,5 cm; largura 6 cm; espessura 2,5 cm. Altura das letras: 4,2 cm.

Leitura: [...] / [...]a / [...]a / [...]vixit / [...]XVIII

Localização: Museu Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 176.

Nº 80. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento claro.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XIX em Mértola.

Descrição: restam vestígios de um crismon e de duas letras.

Dimensões: Altura 16 cm; largura 14 cm; espessura 2 cm. Altura das letras: não avaliável.

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (E- 16831)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 177.

Nº 81. . Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento lateral esquerda de uma placa de mármore branco cinzento claro.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

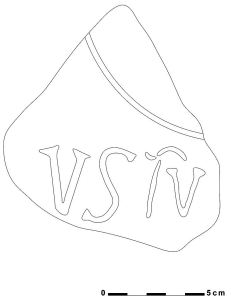
Dimensões: Altura 15 cm; largura 7 cm; espessura 2 cm. Altura das letras: 3 cm.

Leitura: (...) R [...] / er[a...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 177.

Nº 82. . Anónimo (s.d.);



Identificação: fragmento de uma placa de mármore.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: possivelmente estaria decorada com uma cruz pátea inscrita num círculo.

Dimensões: Altura 14 cm; largura 13 cm; espessura 2 cm. Altura das letras: 3,5 cm.

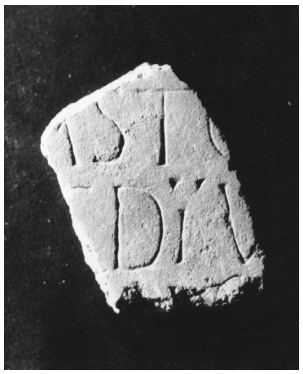
Leitura: (...) [...] VS FV [...]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 178.

(Possivelmente está no CAM a MD só tem um desenho)

Nº 83. Anónimo (s.d.);



Identificação: fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 13 cm; largura 9 cm; espessura 3 cm. Altura das letras: 3,5 a 4 cm.

Leitura: [...] ASTC [...] / [...] CDIV [...] / (...)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 178-179.

Nº 84. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de uma placa de mármore branco de grão fino..

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XX em Mértola.

Descrição: possivelmente estaria decorada com uma cruz pátea inscrita num círculo.

Dimensões: Altura 18 cm; largura 17,5 cm; espessura 2,8 cm. Altura das letras: 3,2 cm.

Leitura: [...] itus fam [ul (us)...] (...)

Localização: Museu Nacional de Arqueologia

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 178-179.

Nº 85. . Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XIX inícios do XX, em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta uma coro do mesmo tipo que a epigrafe de Orania.

Dimensões: Altura 14 cm; largura 11 cm; espessura 2,7 cm. Altura das letras: 2 a 4 cm.

Leitura: [...] ntia/ [fa]m (u)la Dei (...)

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2002.4.2)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 180-182.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=123228&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013

Nº 86. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XIX inícios do XX, em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 14 cm; largura 11 cm; espessura 2,7 cm. Altura das letras: 1,5 a 3,7 cm.

Leitura: [...] YKIOY MI/ [...] / εζεησεν [...]

Tradução: ... (alguém) viveu ...

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2002.4.4)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 180-181.

http://www.matriznet.ipmuseus.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=124060 30/8/2013

Nº 87. Anónimo (s.d.);

Identificação: três fragmentos ajustáveis de uma placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações efectuadas nos finais do século XIX inícios do XX, em Mértola.

Descrição: o suporte não apresenta qualquer tipo de decoração. A inscrição é começada com uma cruz

Dimensões: Altura 36 cm; largura 26,4 cm; espessura 2,3 cm. Altura das letras: 6 a 6,8 cm.

Leitura: + ενθ/ [α] / χατα [χι-] / τε δ

Tradução: Aqui está (sepultado) ...

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2002.4.7)

Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 181-182.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110301&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013

Nº 88. .Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento placa funerária de mármore cinzento.

Proveniência: Mértola, Rossio do Carmo escavações feitas por J. L. Vasconcellos em 1908.

Descrição: Subsiste parte da inscrição e o resto da decoração, constituída por coluna torsa e base lisa. Epitáfio *inter columnas.*

Leitura: [...] /[...ANN]OS / [PLUS M]INUS / [...REQUIE]VIT / [...]D (IE) / [...]S

Dimensões: Altura 27,5 cm; largura 14,5 cm; espessura 3 cm.

Localização: Museu Nacional de Arqueologia

Bibliografia: Dias, 1992 : 315.

6.2.4.2. Basílica do Cineteatro Marques Duque

Nº 89. *Donata* (5 de Julho de 465);

(Est. 8)

Identificação: Placa de mármore branco translúcido, reaproveitada, como deixa supor a presença de vestígios de um friso, no reverso do qual se gravou o texto.

Proveniência: Encontrada segundo Estácio da Veiga na abertura da estrada defronte do atual Cine-teatro Marques Duque, numa sepultura junto à valeta da estrada, e perdida em 1877, quando foi enviada para Lisboa local onde nunca chegou. Esta lápide tem sido atribuída erroneamente à basílica do Rossio do Carmo

Descrição: A inscrição estava encimada por um crismon à direita e uma cruz de braços iguais, à esquerda, dispostos simetricamente.

Dimensões: Altura 45 cm; largura 44 cm; espessura 3 cm.

Leitura: Donata puel(la) Xρi I / vixsit ann(os) XXII / requieuit in pace / D(omi)ni d(ie) III N(ona)s. Iul(ias) / era δIII?

Tradução: "Donata, servidora de Cristo, viveu vinte e dois anos. Descansou na paz do Senhor ao terceiro dias das nonas de Julho da era 503" (5 Julho de 465).

Localização: desconhecida

Bibliografia: Veiga, 1983: 98; Vives, 1942: 33 (n° 90); Barroca, 2000: 7; Macias, 2006: 12; Dias e Gaspar, 2006: 56-57; Macias, 2006: 12.

Nº 90. Orania (13 de Novembro de 503);

Identificação: Placa de mármore branco, incompleta, falta-lhe a parte inferior.

Proveniência: Apareceu em frente à Ermida de Santo António e recolhida por Estácio da Veiga

Descrição: A lápide está encimada por um crismon à direita, e uma cruz de braços iguais, à esquerda. A inscrição funerária está circunscrita

por uma coroa de folhagens e três florões (originalmente seriam 4 pois a parte inferior do suporte não se conservou).

Dimensões: Altura 36 cm; largura 22 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,2 a 2,5 cm.

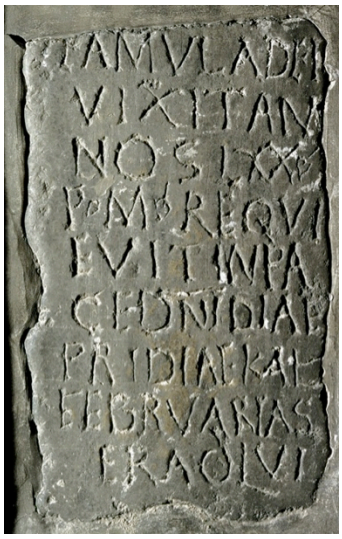
Leitura: ORANI/A P(A)M(U)L(A) DEI VIXIT / ANN(OS) TES REQUIEVIT / IN PACE D(IE) IDUS / NOVEMB(RES) ER/A δLAS

Tradução: "Orania, servidora de Deus, viveu três anos; descansou em paz no (primeiro) dos idos de Novembro da era 541" (13 de Novembro de 503 d.C.).

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Veiga, 1983: 101-103; Vives, 1942: 33 (n° 89); Dias, 1993: 118; Barroca, 2000: 8-9; Macias, 2006: 15; Dias e Gaspar, 2006: 58-59.

Nº 91. Anónimo (31 de Janeiro de 518);



Identificação: Placa de mármore cinzento, incompleta a que falta a primeira linha do texto.

Proveniência: Pedra funerária encontrada em frente à antiga ermida de Santo António (actual Cine-Teatro Marques Duque).

Descrição: O suporte não apresenta qualquer tipo de decoração.

Dimensões: Altura 39 cm; largura 24 cm; espessura não avaliável. Altura letras 2,5 a 3cm.

Leitura: ... / FAMULA DEI / VIXIT AN/NOS LXX / P(LUS) M(INUS) REQUI/EVIT IN PA/CE D(OMI)NI DIAE / PRIDIAE KAL(ENDAS) / FEBRUARIAS / ERA δLVI.

Tradução: "(…) servidora de Deus viveu setenta anos, mais ou menos, e descansou na paz do Senhor no dia antes das calendas de Fevereiro da era 556" (31 de Janeiro de 518 d.C.).

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (E-6502)

Bibliografia: Veiga, 1983: 107-109; Vives, 1942: 33 (n° 91); Barroca, 2000: 11-12; Macias, 2006: 18; Dias e Gaspar, 2006: 77-79.

Nº 92. *Zósimo*, (s.d.);

(Est. 19)

Identificação: fragmento superior esquerdo de uma lápide funerária de mármore.

Proveniência: Achada quase em frente da antiga Ermida de Santo António, por Estácio da Veiga

Descrição: A face epigrafada possui vestígios de erosão.

Dimensões: Altura 28 cm; largura 28 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,5 a 4 cm.

Leitura: + ενΘα / χαταχι / τε Ζονσι / μος νει / ος Πολν / νιχον ερ/α

Tradução: Aqui jaz Zózimo filho de Polynios...

Localização: Museu Nacional de Arqueologia (E-6507)

Bibliografia: Veiga, 1983: 117-119; Vives, 1942: 141-142 (n° 420); Almeida, 1986: 175-177; Barroca, 2000: 40; Macias, 2006: 40; Dias e Gaspar, 2006: 136-138.

Nº 93. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição grega, de mármore cinzento.

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/u.e. 1034 / nº ach.1014/BCTMD

Descrição: Pequeno fragmento superior de uma placa. No topo são ainda visíveis vestígios de um círculo no qual se inscreveria uma cruz pátea. É a primeira vez, neste cemitério, que uma inscrição grega segue modelos decorativos das inscrições latinas.

Dimensões: Altura 12,5 cm; largura 6,5 cm; espessura 1,5 cm. Altura letras 2,5 cm.

Leitura: [ἔν]θα κ[ατάκιτε]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 94. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição latina, mármore cinzento de grão fino

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/u. e. 1021 / n. ach. 1008/BCTMD

Descrição: Fragmento de uma inscrição latina paleocristã, com três linhas de texto ; talvez se trate da reutilização de uma placa de capeamento. São visíveis linhas horizontais de orientação de escrita.

Dimensões: Altura 20,5 cm; largura 12 cm; espessura 62,5 cm. Altura letras 5 a 5,3 cm.

Leitura: [----] XX[----] / [rece-/dece]ssit [in pace] / [d(omi)n]i(?) di[e ----]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 95. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição latina, s.d. de mármore (?)

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u. e. 1140/BCTMD

Descrição: Fragmento lateral direito de uma placa, com o que resta de três linhas de texto.

Dimensões: Altura 24 cm; largura 9,5 cm; espessura 3,7 cm. Altura letras 3,5 cm.

Leitura: ------/ [----re]qui-/[evit ---] d(ie) (hedera) / [---]AS/ ------

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 96. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição latina, s.d. de mármore branco

Proveniência: M/2009/R Dr Afonso Costa/ u.e 1140/ nº.ach. 1010/ BCTMD

Descrição: Fragmento com costas lisas.

Dimensões: Altura 13 cm; largura 7 cm; espessura 2 cm. Altura letras 4,5 cm.
Leitura: ------/ [--- r]equ[ievit --] / [-- pa]ce [---]
Tradução: (...)descansa em paz (...)
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 97. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição latina decorada com elemento vegetalista, s.d. de mármore cinzento.
Proveniência: M/2009/R Dr. Afonso Costa/ u.e 1140/ nº.ach. 1009/BCTMD
Descrição: Fragmento superior de uma placa rectangular de mármore de S. Brissos. Pelo que é ainda visível da decoração é possível reconstituir, à direita e à esquerda, a representação de duas palmeiras estilizadas (?), ladeando uma cruz pátea, com os braços rebaixados, inclusa num círculo. Em Mértola, apareceu nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque um outro fragmento com uma palmeira (Lopes, 2003: 142), desenhada realisticamente.
Dimensões: Altura 13,5 cm; largura 13,6 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 3,5 cm.
Leitura: [---]SA famu[la ---] / [---]N?[---] /------
Tradução: (...alguém) filha de (...)
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 98. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição latina, s.d. de mármore cinzento.
Proveniência: M/2009/R Dr Afonso Costa/ u.e 1105/ nº.ach. 1011/ BCTMD
Descrição: Fragmento de uma placa com as costas lisas.
Dimensões: Altura 15 cm; largura 7,5 cm; espessura 3 cm. Altura letras 3 cm.
Leitura: [--- fa]mol[us/-a ---] / [--- D]ei v[ixit ---]/ ------
Tradução: (...) alguém ...filha de Deus (...)

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 99. Anónimo (s.d.) sem imagem;

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.

Proveniência: M/CTMD/2001/sector IV, cont. 194

Descrição: A decoração mostra parte de uma coluna e um capitel. Motivo que geralmente delimita o campo epigráfico. Da inscrição apenas é perceptível um "V".

Dimensões: Altura 18 cm; largura 15,5 cm; espessura 2 cm.

Localização: Museu de Mértola

Lopes, 2003: 142.

6.2.4.3. Mausoléu

Nº 100. *Pedro* (s.d);

Identificação: Epitáfio grego de Πέτρος, de uma placa rectangular de mármore branco azulado de grão grosso.
Proveniência: M/2008/R Dr. Afonso Costa/ u.e. 1540 / nº ach. 1042 /Mausoléu
Descrição: Trata-se de seis fragmentos ajustáveis com as superfícies friáveis devido a ação química do solo onde foi encontrada.
Dimensões: Altura 28,5 cm; largura 19 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 2,5 a 3 cm.
Leitura: **†** ἔνθα κ-/ατάκιτ-/ε Πέτρο-/ς υἱς (sic) σφυ ἕ-/ζεσεν /ἔτη ιη΄ **†**
Tradução: :**†** Aqui está sepultado Pedro, filho muito desejado; viveu cerca de 18 anos. **†**
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 101 Anónimo (522?);

Identificação: Fragmento de inscrição bilingue,
Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/u.e. 1527 / nº ach. 1034 / Mausoléu
Descrição: Trata-se do fragmento de uma placa rectangular de mármore branco com veios carboníferos. A placa foi alisada na face epigrafada e no verso. O texto está alinhado à esquerda.
Dimensões: Altura 35,5 cm; largura 27 cm; espessura 6,6 cm. Altura letras 2,3 a 4,2 cm.
Leitura: [---]?Ẹ[-]/ékúμεθε/én íρénῃ με(νὸ)ς /Cεπτενβρί-

ω era / DLX[---]

Tradução: Tradução: …(alguém) descansou em paz no mês de Setembro da era de 56[?].

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 102. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição grega , de uma placa de mármore cinzento

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u.e. 1540/ n.ach. 1043/ Mausoléu

Descrição: possivelmente proveniente de material de capeamento, onde são visíveis parte de duas linhas de texto e vestígios de mais uma linha inferior.

Dimensões: Altura 11,3 cm; largura 6,5 cm; espessura 2,5 cm. Altura letras 3,5 a 4 cm.

Leitura: [---E]ṆΘ[A---]/[-------]K[-----]/[-------]I̩?[-----]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 103. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de inscrição grega (?) mármore cinzento.

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u.e. 1540 / n. ach. 1041/ Mausoléu

Descrição: Fragmento de uma placa de mármore cinzento com veios carboníferos, com as costas lisas, talvez proveniente de uma placa de capeamento.

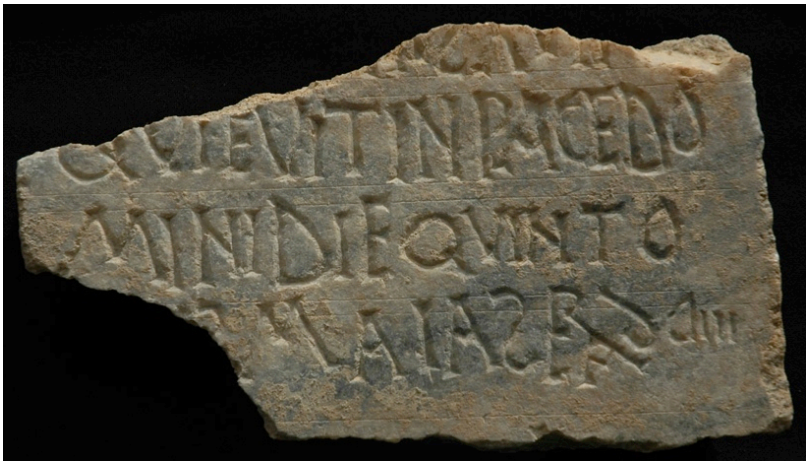
Dimensões: Altura 35,5 cm; largura 27 cm; espessura 6,6 cm. Altura letras 2,3 a 4,2 cm.

Leitura: Transcrição:

-------/ I? C?/ T? W/ ? E̩-------

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013



Nº 104. Anónimo (566);
Identificação: Fragmento de inscrição latina a. 566
Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u.e.1527 / n. ach. 1039/Mausoléu
Descrição: Fragmento inferior de uma placa de mármore cinzento claro, com as costas rugosas.
Dimensões: Altura 18 cm; largura 32,5 cm; espessura 6,5 cm. Altura letras 2 a 4 cm.
Leitura: [--an]nos XVII [re-] / quievit in pace Do / mini die quinto / [Id]us Maias era DCIIII
Tradução: ... (alguém) viveu 17 anos; descansou na paz do Senhor no quinto dia dos Idos de Maio da era de 604 (= 11 de Maio do ano 566).
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 105. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmentos de uma mesma inscrição latina, de uma placa de mármore cinzento.
Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u. e. 1527 / n. ach. 1039/ Mausoléu
Descrição: Do suporte encontraram-se três fragmentos ajustáveis (B) do lado esquerdo, com as costas lisas. Além destes, encontraram-se mais dois fragmentos do suporte, um epigrafado (A) e outro sem vestígios de texto. O fragmento A deveria corresponder a uma das linhas superiores às do conjunto B.
A face epigrafada apresenta à esquerda o que resta de um bordo. Poderá tratar-se de uma placa de capeamento. São visíveis linhas de orientação de escrita.

Dimensões: Fragmento A: Altura 14 cm; largura 19 cm; espessura 2 cm. Fragmento B: Altura 6,5 cm; largura 3,5 cm; espessura 2 cm. Altura letras 1,5 a 2,5 cm.
Leitura: Fragmento A: ------/ [---]Ạ[---]/ [---]ỌṢ[---]
Fragmento B: -------/ X[--]II[---]/ quattuor [- requiev-]/ it in pace [---]
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 106. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmentos de inscrição latina, de mármore cinzento
Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/u.e. 1527 / n. ach. 1039 /Mausoléu
Descrição: Quatro fragmentos ajustáveis do lado direito de uma lápide funerária, com decoração: um arco cordado sobre uma coluna de fuste liso, debaixo do qual está uma cruz grega, ladeada por palmas178. Na coluna é visível a gravação de um pequeno círculo junto ao capitel179.
São visíveis linhas de orientação que serviram para o traçado da escrita e da decoração.
Dimensões: Altura 42,5 cm; largura 36 cm; espessura 3,5 cm. Altura letras 4,2 a 4,3 cm.
Leitura: [-------]ṭa / [hone]ṣta / [-------]ỊẠ[-]Ị(?)/ -------
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 107. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmentos de inscrição latina, s.d., fragmentos de uma placa de mármore não ajustáveis.
Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u.e. 1540/nº. ach. 1040 /Mausoléu

178 No epitáfio de *Fistellus uir honestus* (a. 510) aparecem vasos com elementos vegetalistas a ladear uma cruz pátea (Dias e Gaspar, 2006: n. 17).
179 Neste mesmo cemitério aparecem capitéis decorados com círculos no epitáfio do presbítero *Simplicius* (a. 537) (Dias e Gaspar, 2006: n. 35).

Descrição: com as costas lisas e com rebordo. É possível reconstituir como decoração desta placa: duas colunas que suportam um arco cordado sob o qual está uma cruz pátea. Num dos fragmentos (A) são visíveis três letras da primeira linha do texto e vestígios das linhas de orientação de escrita; no outro (B) é visível a base da coluna do lado esquerdo, com o arranque do fuste, e as linhas de orientação que serviram ao planeamento do seu traçado.

O que resta da decoração permite determinar a existência de uma cruz pátea, com os entrebraços rebaixados, inscrita num círculo de 14 cm. de diâmetro, sob o arco cordado, que assentaria sobre as colunas de fuste liso.

Dimensões: Fragmento A: Altura 21 cm; largura 17,5 cm; espessura 3,5 cm. Altura letras 3,5 cm. Fragmento B: Altura 29 cm; largura 22,5 cm; espessura 3,5 cm.

Leitura: [---]IVS[---]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

Nº 108. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmentos de inscrição latina, s.d. de placa de mármore.

Proveniência: M/2008/R Dr Afonso Costa/ u.e. 1510/nº. ach. 1060 /Mausoléu

Descrição: Num dos fragmentos (A) é visível uma cruz de braços iguais, que estaria no início do texto; no outro (B), é visível parte de uma linha de texto.

Fragmento A: Altura 9,8 cm; largura 13cm; espessura 2,7 cm. Fragmento B: Altura 12 cm; largura 14,5 cm; espessura 3 cm. Altura letras 4,5 cm.

Leitura: ------ / [---]Octub(res)[---] / [------]

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Dias e Gaspar e Lopes, 2013

6.2.4.4. Fragmentos com decoração

Nº 109. Anónimo (s.d.);
Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: A decoração mostra uma cruz pátea, com palmetas entre os braços, inclusa numa coroa de fita, e ladeada por dois pavões afrontados num campo de ramos de roseira em botão.
Dimensões: Altura 22 cm; largura 49 cm; espessura 3,5 cm.
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Dias, 1993: 122, Macias, 2006: 42.

Nº 110. Anónimo (s.d.);
Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: possivelmente do Rossio do Carmo (?).
Descrição: Possui parte de uma cruz pátea inscrita num círculo.
Dimensões: Altura 19 cm; largura 7,4 cm; espessura 2,6 cm.
Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2002-4.11 / EPI-644.)
Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 175.
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=124933&EntSep=5#gotoPosition 30/8/2013

Nº 111. Anónimo (s.d.);

Identificação: fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: possivelmente do Rossio do Carmo (?).
Descrição: Possui parte de uma crismon inscrito num círculo.
Dimensões: Altura 19 cm; largura 7,4 cm; espessura 3 cm.
Localização: Museu Nacional de Arqueologia (E-16878)
Bibliografia: Dias e Gaspar, 2006: 175.
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119724&EntSep=5#gotoPosition

Nº 112. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: a decoração é perceptível restos de um arco cordado.
Dimensões: Altura 18cm; largura 18 cm; espessura 2,5 cm.
Localização: Museu de Mértola
Dias e Gaspar, 2006: anexos 3.

Nº 113. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: são perceptíveis restos do que parecem ser um arco cordado.
Dimensões: Altura 11 cm; largura 10 cm; espessura 3,7 cm.
Localização: Museu de Mértola
Dias e Gaspar, 2006: anexos 4.

Nº 114. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: são perceptíveis restos do que parecem ser uma cruz pátea inclusa num círculo.
Dimensões: Altura 10 cm; largura 12 cm; espessura 3 cm.
Localização: Museu de Mértola
Dias e Gaspar, 2006: anexos 5.

Nº 115. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmento de placa de mármore amarelado.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: são perceptíveis de três sulcos paralelos e um formando um ângulo agudo.
Dimensões: Altura 5 cm; largura 6 cm; espessura 3 cm.
Localização: Museu de Mértola
Dias e Gaspar, 2006: anexos 6.

Nº 116. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.
Descrição: são perceptíveis restos do que parecem ser uma um arco constituído por cinco sulcos paralelos.
Dimensões: Altura 6 cm; largura 14 cm; espessura 3,8 cm.
Localização: Museu de Mértola
Dias e Gaspar, 2006: anexos 7.

Nº 117. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.

Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.

Descrição: são perceptíveis restos do que parecem ser um arco cordado.

Dimensões: Altura 13 cm; largura 6 cm; espessura 3,2 cm.

Localização: Museu de Mértola

Dias e Gaspar, 2006: anexos 8.

Nº 118. Anónimo (s.d.);

Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento de grão medio.

Proveniência: Das escavações arqueológicas efectuadas no Rossio do Carmo nos finais do século XX.

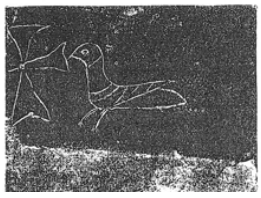
Descrição: são perceptíveis restos do que parecem ser um arco delimitado por dois sulcos levemente gravados. O arco está preenchido internamente por folhas de hera dispostas de forma simétrica.

Dimensões: Altura 21 cm; largura 13 cm; espessura 2,5 cm.

Localização: Museu de Mértola

Inédita.

Nº 119. Anónimo (s.d.);



Identificação: Trata-se de um pedaço de uma placa mármore cinzento.

Proveniência: Proveniente de Mértola e recolhida por Estácio da Veiga, pertence à coleção do Museu Nacional de Arqueologia e está embutida numa caixa com três fragmentos de epitáfios diferentes.

Descrição: São visíveis na parte superior direita, uma pomba afrontada a uma cruz pátea.

Dimensões: Altura 9 cm; largura 15 cm; espessura não avaliável.

Localização: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (E – 6514)

Bibliografia: Veiga, 1983: 115; Vives, 1942: 36 (n° 103 B); Barroca, 2000: 39; Macias, 2006: 38; Dias e Gaspar, 2006: 169.

Nº 120. Anónimo (s.d.);;

Identificação: Trata-se de um fragmento de uma placa mármore cinzento.

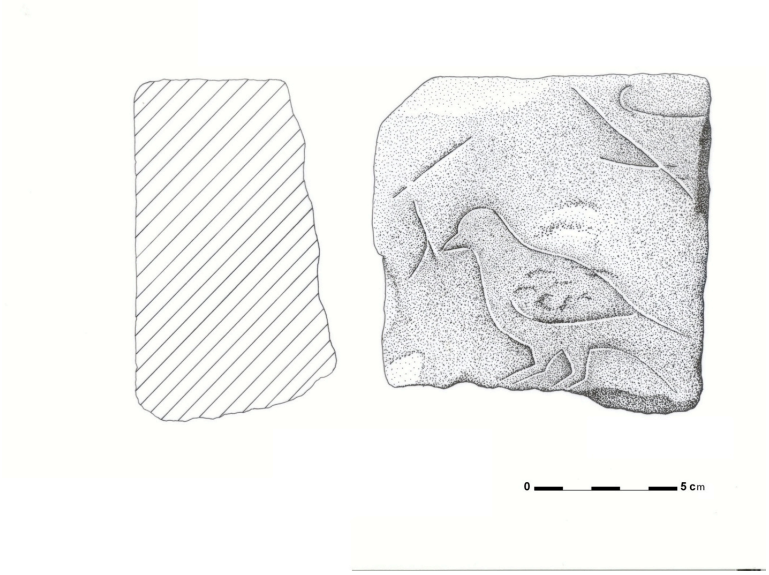
Proveniência: M-87-1J-1ª (a nascente da galeria porticada do complexo religioso).

Descrição: Decoração em baixo relevo com linhas oblíquas e a representação de uma pomba finamente marcada.

Dimensões: Altura 12 cm; largura 11 cm; espessura 7 cm.

Localização: Museu de Mértola

Bibliografia: Lopes:,2003: 55.



Nº 121. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: M/CTMD/2001/sector IV, cont. 104
Descrição: A decoração mostra uma palmeira delimitada por um arco duplo.
Dimensões: Altura 18,7 cm; largura 9,5 cm; espessura 1,5 cm.
Localização: Museu de Mértola
Lopes, 2003: 142; Macias, 2006: 42.

Nº 122. Anónimo (s.d.);
Identificação: Fragmento decorado com arco e pomba. s.d, de mármore branco.
Proveniência: M/2009/R Dr Afonso Costa/ u.e 1105/ nº.ach. 1013/ BCTMD
Descrição: Fragmento onde é visível restos de um arco e a cabeça de uma pomba.
Dimensões: Altura 9,5 cm; largura 15 cm; espessura 3,4 cm.
Localização: Museu de Mértola
Bibliografia: Inédita

Nº 123. Anónimo (s.d.)sem imagem;
Identificação: Fragmento de placa de mármore cinzento.
Proveniência: M/CTMD/2001/sector IV, cont. 194
Descrição: A decoração mostra apenas um sulco longitudinal que poderia delimitar o campo epigráfico.
Dimensões: Altura 12 cm; largura 10 cm; espessura 3,7 cm.
Localização: Museu de Mértola
Lopes, 2003: 142.

VII – Catálogo de peças provenientes de Mértola

7.1 Catálogo de materiais de Mértola do acervo do Museu Nacional de Arqueologia

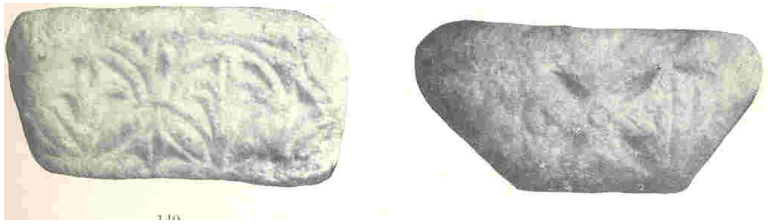
As peças que a seguir se abordam são provenientes de Mértola e foram levadas para o Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa entre o século XIX e XX.

Nº catálogo: 194
Nº inventário: E6539 A
Identificação: Pilastra (?) em mármore branco de grão fino
Proveniência: Mértola

Descrição: A placa retangular encontra-se trabalhada em três da s suas faces. O motivo central, insculpido na face maior, o tema da Árvore da Vida, descrevendo círculos e, entre estes, um touro e um leão, sendo os espaços livres ocupados por outros pequenos animais, como a pomba e o coelho ou lebre. Nas faces laterais, de um *cantarus* sai uma gavinha de videira coberta de parras e cachos de uvas.
Dimensões: Altura 1,17 cm; largura 53 cm; espessura 19 cm.
Cronologia: Século VI.
Localização: Museu Nacional de Arqueologia[1]
Bibliografia: Almeida,1962: 194-195, figs. 75 e 76; Almeida, 1993: 17; Maciel, 1995:139;

[1] http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=132751 (19/7/2013)

Nº catálogo: 195
Nº inventário: Nº Arq. 85
Identificação: Imposta de mármore cinzento.
Descrição: Num dos lados é possível observar uma decoração constituída por círculos parcialmente sobrepostos, o interior é ornamentado com trifólios. Num dos lados menores, é notória uma cruz pátea com botão central e as extremidades côncavas. Na Hispânia, ocorre em peças de Mérida (Cruz Villalón, 1985: 284) e em Toledo. No Museu de los Concilios Y de la Cultura Visigoda, encontra-se o mesmo tipo de escamas, mas preenchidas por pequenas rosetas, em duas impostas datadas do século VII.



Dimensões: Altura 12 cm; largura 29 cm.
Cronologia: Século VII
Proveniência: Provavelmente de Mértola
Localização: Museu Nacional de Arqueologia.
Bibliografia: Almeida, 1962: 206, Wrench, 2008: 568 – 569.

Nº catálogo:196
Nº inventário: (2004.505.12)
Identificação: Capitel de colunelo (?) de mármore cinzento.
Proveniência: Mértola
Descrição: O pequeno capitel apresenta o corpo superior ligeiramente cubico e saliente. Na face melhor conservada, estão marcadas duas volutas junto ás arestas. Dois sulcos em forma de triângulo invertido fazem a separação do cesto com a zona do ábaco do capitel. A irregularidade da parte inferior deste capitel leva-nos a supor que este estaria ligado a um fuste coluna.

Dimensões: Altura 14,5 cm; largura 9 cm; diâmetro 9 cm.
Cronologia: Século VII – VIII.
Localização: Museu Nacional de Arqueologia (2004.505.12)
Bibliografia: Almeida, 1962: 204, fig. 125; Wrench, 2008: 636 – 637; Limão: 2010, 484.

Nº catálogo: 197
Nº inventário: E - 6499
Identificação: Capitel de colunelo (?) de mármore branco.
Proveniência: Possivelmente de Mértola
Descrição: De secção retangular, decorado nas suas quatro faces. Os vértices são decorados com volutas e um triângulo encaixado na parte superior. A parte central do cesto é decorada com uma folha de palma simplificada. Na parte inferior do cesto, na zona dos ângulos, existem quatro folhas lisas ligeiramente encurvadas, As folhas surgem um pouco acima do leito de assentamento, unindo-se na sua base, formando um motivo em semicírculo.

Este capitel tem na parte superior, leito de espera, um orifício, o que sugere que estivesse integrado no mobiliário litúrgico, integrando-se a par de outros capiteis, com uma métrica semelhante, na base de uma mesa de altar.
Dimensões: Altura 14,8 cm; largura 11,9 cm; espessura 8,8 cm.
Cronologia: Séculos VII/VIII (Limão, 2010: 486)
Localização: Museu Nacional de Arqueologia
Bibliografia: Almeida, 1962: 204; Wrench, 2008: 636 – 637; Limão, 2010: 486-487.

http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=132784&EntSep=5#gotoPosition 20/9/2013

Nº de catálogo: 198
Nº de inventário: (E-6500)
Identificação: Capitel de mármore branco de secção quadrangular.
Proveniência: Possivelmente de Mértola
Descrição: Cada face é decorada, nos vértices, com duas volutas que nascem da parte central do cesto. Na parte inferior do cesto apresenta quatro folhas lisas e uma folha lanceolada invertida no centro de cada face. Os dois registos estão divididos por uma estreita moldura.
Dimensões: Altura 12,3 cm; largura 11,1 cm; espessura 8,8 cm.
Cronologia: Séculos VII - VIII

Localização: Museu Nacional de Arqueologia
Bibliografia: Almeida, 1962: 204; Wrench, 2008: 641 – 642; Limão, 2010: 488-489.
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=132785&EntSep=5#gotoPosition 20/9/2013

Nº catálogo: 199
Nº inventário: 2004.505.14

Identificação: Capitel de mármore branco.
Proveniência: Possivelmente de Mértola
Descrição: Capitel com os elementos bem diferenciados, assim o ábaco é ornamentado com trifólios e rosetas alternadas nas faces. O cesto está ocupado por oito folhas interligadas na parte inferior, distribuídas uma na face do capitel e uma em cada aresta. No leito de assentamento, sob a nervura das folhas, apresenta uma ornamentação constituída por folhas de hera.
Neste capitel destaca-se o trabalho de talhe a bisel do contorno das folhas.
Dimensões: Altura 28 cm; largura 44 cm.
Cronologia: Séculos VII - VIII
Localização: Museu Nacional de Arqueologia
Bibliografia: Almeida, 1962: 207; Limão, 2010: 493-495.
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=134120 26/9/2013

Nº catálogo: 200
Nº inventário: 16041

Identificação: Capitel de mármore cinzento
Proveniência: Possivelmente de Mértola, encontrava-se junto a outros materiais provenientes da mesma localidade.
Descrição: O ábaco está decorado com duas molduras horizontais de secção retangular, e um motivo axial. O cesto é decorado com uma coroa de oito folhas lisas, que se dispõem, em cada face da mesma forma, ou seja, duas nas arestas e uma no eixo central.

Dimensões: Altura 14 cm; largura 17 cm; diâmetro da base 13 cm.
Cronologia: Séculos V – VI (Limão, 2010, 499)
Localização: Museu Nacional de Arqueologia
Bibliografia: Limão, 2010: 498-499.
http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=140712&EntSep=5#gotoPosition 20/9/2013

Nº catálogo: 201
Nº inventário: 2004.505.13
Identificação: Capitel de mármore cinzento, incompleto, danificado na parte superior (leito de espera).
Proveniência: Possivelmente de Mértola.
Descrição: Apesar de danificado na zona do ábaco é possível visualizar as características volutas. O cesto é decorado com folhas lisas. Junto ao leito de assentamento, este capitel possui como motivo central, uma folha de hera invertida.
Dimensões: Altura 20 cm; largura 18 cm; diâmetro da base 18 cm.
Cronologia: séculos V –VI (Limão, 2010, 500)
Localização: Museu Nacional de Arqueologia
Bibliografia: Limão, 2010: 500 – 502.

7.2 Catálogo de materiais de Mértola de proveniência diversa.

Nº catálogo: 202
Nº inventário:

Identificação: Capitel de mármore cinzento de grão médio. De folhas lisas, coríntios de volutas em V.
Descrição: Em termos formais, este capitel é constituído por cálato e ábaco. O cálato do capitel é constituído por folhas de acanto lisas. O centro de cada folha encontra-se marcado por uma nervura vertical. O cálato possui um conjunto inferior de folhas em número de oito distribuídas da seguinte forma: uma no eixo do capitel e uma em cada aresta ou ângulo do capitel; num nível superior, um segundo grupo de folhas intercaladas nos espaços das folhas inferiores em número total de oito distribuídas duas em cada face do capitel. Ao todo, 16 folhas, um número muito normal num capitel coríntio. A parte superior do corpo do cálato é constituído por dois caulículos que partem da folha inferior central e se abrem em V. Caminham para os vértices do capitel junto ao ábaco. Aí, sob o ábaco, enrolam-se em duas volutas.
Dimensões: Altura 29 cm; largura 37cm; diâmetro da base 26 cm.
Cronologia: Entre os séculos IV e o VI
Proveniência: Travessa do Roncanito, nº 4, Mértola.
Bibliografia: Inédita

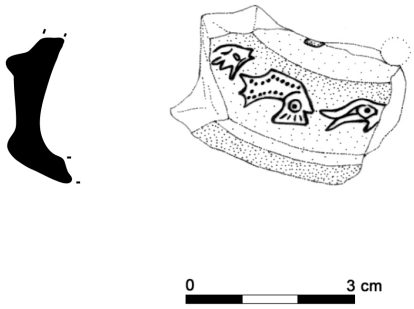
Nº catálogo: 203
Nº inventário:

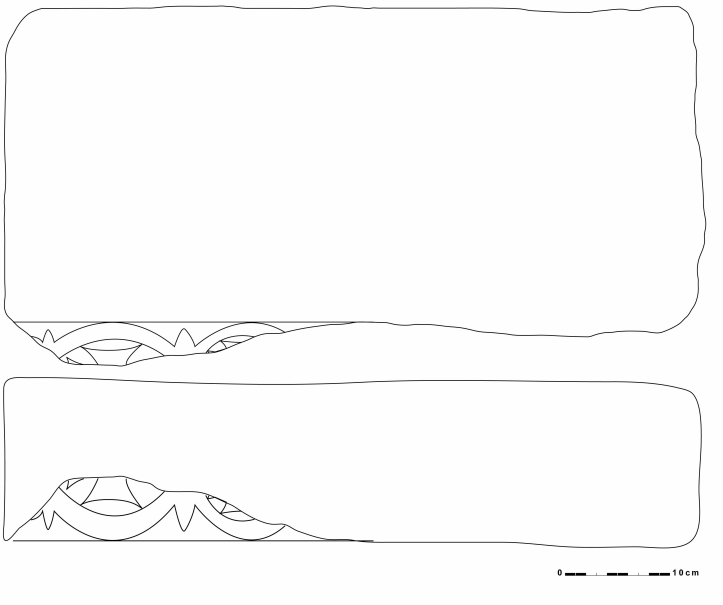
Identificação. Fragmento de capitel de mármore cinzento de grão grosso. Capitel que pode ter sido da grande matriz coríntia, provavelmente corintizante.
Descrição: Fragmento de capitel com muitas limitações à determinação estrutural e ornamental pois apresenta-se com as formas muito desgastadas. Apenas se consegue visualizar um formato ligeiramente trapezidal que indica o cálato.

Dimensões: Altura 24 cm; largura máxima 44 cm; espessura 22 cm.
Cronologia:
Localização: Vila de Mértola (Restaurante Terra Utópica)
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 204
Nº de inventário MR.
Identificação. Fragmento de capitel de mármore branco com veios cinzentos.
Descrição: Fragmento de fuste de coluna liso.
Dimensões: Altura 25 cm; diâmetro 25 cm.
Cronologia:
Proveniência: Vila de Mértola (Restaurante Terra Utópica)
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 205
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de lucerna de Terra *sigillata* clara D, forma indeterminada.
Descrição: Conserva do disco vestígios de um orifício de alimentação. A orla é decorada com uma sequencia de golfinhos (Tipo Hayes, Style D nº 179 b).
Dimensões: Altura 1,3 cm; largura 2,6 cm; espessura 0,5 cm.
Cronologia: Século V.
Proveniência: M/987/Casa Rui Bento
Bibliografia: Inédita



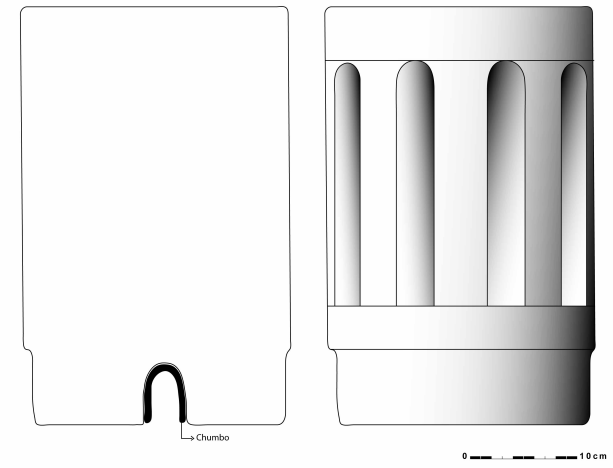


Nº catálogo: 206
Nº de inventário
Identificação: Fragmento de imposta de mármore branco de grão médio. Muito desgastada pelas reutilizações posteriores.
Descrição: Numa das faces conserva uma decoração constituída por cruzes páteas inscritas num circulo. Na intersecção das circunferências desenvolvia-se uma sequencia de trifólios.
Dimensões: Altura 14 cm; largura 67 cm; espessura 34 cm.
Cronologia: Século VI.
Proveniência: Travessa do Roncanito nº 3, Mértola.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 207
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de imposta de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Da decoração conserva uma sequencia de círculos com rosetas quadrifólias. Este elemento decorativo tem paralelos com o capitel (Nº catálogo170 proveniente da antiga coleção da Escola Primária datado do s séculos VIII/IX (Torres et alii, 1991: 38).
Dimensões: Altura 12 cm; largura 14 cm; espessura 22cm.
Cronologia: Séculos VI- VII.
Proveniência: Rua Dr. Manuel Francisco Gomes, nº (Casa do Cláudio)
Bibliografia: Inédita

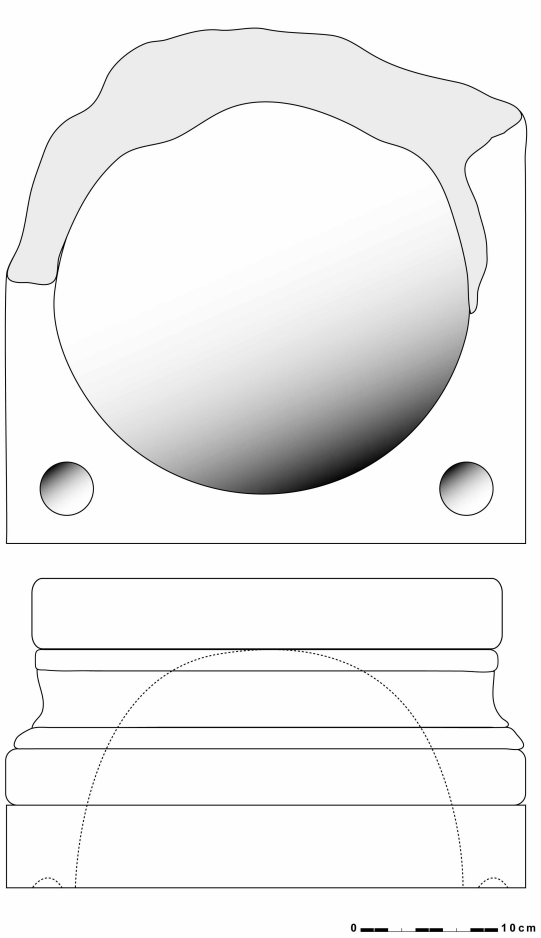
Nº catálogo: 208
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de fuste de coluna de calcário.
Descrição: Fragmento de fuste liso.
Dimensões: Altura 90 cm; diâmetro 25 cm;
Cronologia: Século V-VI, não excluo a hipótese de se tratar de materiais reutilizados de edifícios anteriores.
Proveniência: Vila de Mértola, do mesmo local que o sarcófago monolítico de mármore. Depósito da alcáçova
Bibliografia: Inédita

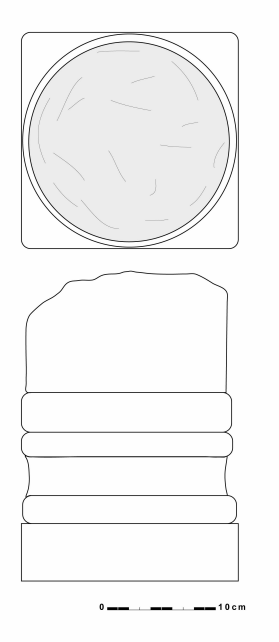
Nº catálogo: 209
Nº de inventário: MR.
Identificação. Fragmento de fuste de coluna de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Fragmento de fuste decorado fuste decorado, claramente cilíndrico com estrias realizadas a partir de profundas incisões verticais que alternam com um listel convexo. O sumoscapo está constituído por um toro liso de contornos biselados.



Dimensões: Altura 38 cm; diâmetro 25 cm.
Cronologia: Século VI pelos paralelismos decorativos de uma peça de Córdova (Sánchez Velasco, 2006: nº cat. 109)
Proveniência: M/07/
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 210
Nº inventário:
Identificação. Fragmento base ática de mármore branco de grão médio.
Descrição: Coluna constituída por plinto, toro filete escócia, filete e toro. Posteriormente foi utilizada de forma invertida como almofariz ou como *mensura* com cinco orifícios como medidas de capacidade. Apresenta paralelismos formais com uma peça da basílica de El Germo (Sánchez Velasco, 2012: nº cat. 127).
Dimensões: Altura 29 cm; largura 32,5 cm; espessura 26 cm, profundidade do almofariz 15 cm, as duas concavidades redondas laterais com profundidade de 1 cm.
Cronologia: Século VI-VII.
Proveniência: Depósito da Alcáçova.
Bibliografia: Inédita

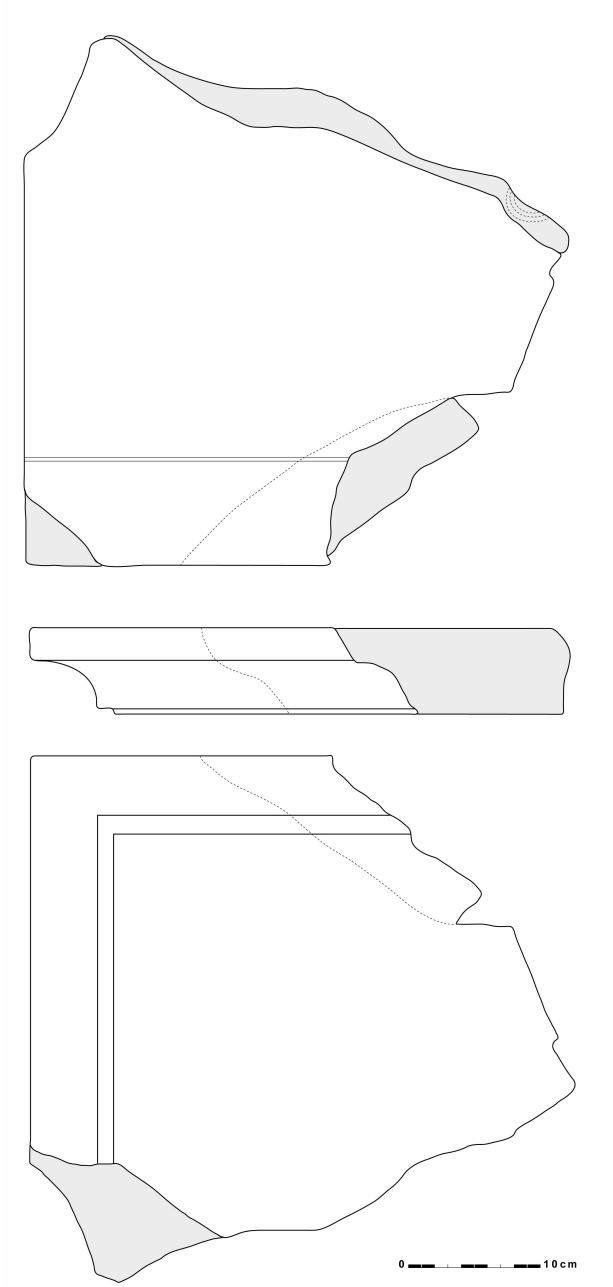




Nº catálogo: 211
Nº de inventário MR.
Identificação. Fragmento inferior de colunelo de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: possui plinto quadrangular, toro, escócia e um toro duplo. Possivelmente trata-se de uma colunelo de suporte de uma mesa de altar. Existe uma peça semelhante na Basílica do Rossio do Carmo.
Dimensões: Altura 30 cm; diâmetro 20 cm.
Cronologia: Século VII, com paralelismos com uma peça semelhante de Córdova (Sánchez Velasco, 2012: 188, nº catálogo 135)
Proveniência: Depósito da Alcáçova.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 212
Nº inventário:
Identificação. Fragmento de colunelo de mármore branco de grão médio.
Descrição: Fragmento d fuste liso e polido. Possivelmente trata-se de uma colunelo de suporte de uma mesa de altar.
Dimensões: Altura 82 cm; diâmetro superior 15 cm, diâmetro inferior 19 cm .
Cronologia: Século VI –VII, não excluindo a hipótese de se tratar de uma peça reaproveitada de construções anteriores.
Proveniência: Depósito da Alcáçova.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 213
Nº inventário:
Identificação. Dois fragmentos de mármore branco com veios cinzentos de grão fino.
Descrição: Possível mesa de altar de forma retangular com os laterais biselados, possui, nos lados conservados, uma moldura côncava e um listel quadrangular. Na superfície da peça são visíveis a marcação de retângulos do esquadreamento da peça.
Dimensões: Altura 6,8 cm; largura 42 cm; espessura 39,5 cm.
Cronologia: Século VI
Proveniência: Depósito da Alcáçova.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 214
Nº de inventário:
Identificação. Fragmento de capitel de mármore cinzento de grão grosso, reutilizado posteriormente Capitel fragmentado e reutilizado como pia ou almofariz.
Estruturalmente parece ser um capitel corintizante.
Descrição: Tem um espaço livre bastante amplo no centro do cálato e voluta enrolada em espiral. E com uma moldura que divide o cálato do ábaco.
Dimensões: Altura 17 cm; largura 37 cm.
Cronologia: Século IV.
Proveniência: Mértola
Bibliografia: Inédito.

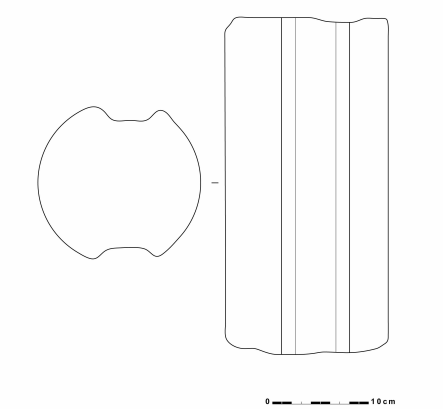
Nº catálogo: 215
Nº inventário: MM. CR.00026
Identificação: Parte inferior de um capitel possivelmente do tipo corintizante, em mármore branco.
Descrição: Só restam vestígios de parte do cesto que está decorado com uma coroa de folhas de acanto que alternam com caules estilizados que pertenciam às folhas da segunda coroa de folhas, já desaparecidas.
Dimensões: Altura máxima 15 cm; largura 41 cm.
Cronologia: Século IV d.C.(?).
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Lopes, 2012: 87

Nº catálogo: 216
Nº inventário: MM. CR.00027
Identificação: Fragmento de capitel coríntio, de mármore branco.
Descrição: Apenas se conserva a parte inferior do cesto, que é decorado por duas coroas de folhas de acanto, estilizadas e com decoração muito sumária.
Dimensões: Altura 30 cm; largura 26 cm.
Cronologia: Século IV d.C. (?).
Proveniência: Vila de Mértola.
Bibliografia: Inédito

Nº catálogo: 217
Nº inventário: MM. CR.0010
Identificação: Lápide funerária de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: Foi reempregue como material de construção num templo cristão, pois possui num dos lados menores uma cruz esculpida. O bloco foi cortado superiormente e nas laterais afectando o texto.
Leitura epigráfica: [----] / [Se?]xtici . F vel P[---] / [vi]xit . ann(os) [---] / [--] ? IRII [---] / [--] ?VIILL[---] / [--]?INIS . S[---] / [---]?IDVI . O?[---] / [--]MAE . I[---] / [--] ? I? . S
Possivelmente trata-se de uma inscrição funerária de uma mulher. Propõem-se a reconstituição do nome de *Sextici*, pois este, apesar de raro na Hispânia, já se encontra documentado numa outra inscrição de Mérida. O bloco foi posteriormente reaproveitado como imposta tendo esculpida uma cruz de braços iguais.
Dimensões: Altura 48 cm; largura 15 cm; espessura 11 cm.
Campo epigráfico: 30 x 14 cm.

Cronologia: A inscrição é do século II-III d.C. (?), sendo a peça reaproveitada no século VI – VII.
Proveniência: Vila de Mértola
Bibliografia: Lopes, 2012: 76.

Nº catálogo: 218
Nº inventário MR.
Identificação. Fragmento de colunelo de mármore cinzento de grão médio.
Descrição: nas laterais possui duas ranhuras verticais possivelmente para a fixação de cancelas.
Dimensões: Altura 35 cm; diâmetro 18 cm. Ranhuras laterais com comprimento de 7cm e profundidade de 2,5 cm.
Cronologia: Século VII.
Proveniência: Depósito da Alcáçova.
Bibliografia: Inédita



Nº catálogo: 219
Nº inventário: 61
Identificação: AE2, Graciano, Siscia, (RIC IX 26a).
Descrição: Anverso: DN GRATIA-NVS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado
Reverso: REPARATIO REIPVB; Imperador erguendo mulher ajoelhada.
Marca: — —//*ASIS[...]
Dimensões: Peso 3,88g, diâmetro 22mm, 6h.
Cronologia: 378-383 d.C.
Proveniência: Mértola/encontrada na barreira junto à torre do relógio recolha superfície.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 220
Nº inventário: 11
Identificação: AE2, Arcádio, Casa da moeda indeterminada
Descrição: Anverso: DN ARCADI-VS P F AVG; busto para a direita, com diadema de pérolas, drapeado e couraçado.
Reverso: GLORIA ROMANORVM; Imperador com lábaro e globo.
Marca: — —//[...]B
Dimensões: Peso 4,75g, diâmetro 22mm, 7h.
Cronologia: 393-395 d.C.,
Proveniência: Mértola; obras dos balneários sob o Mercado Municipal
Bibliografia: Inédita

VIII O *territorium*

8.1 Os edifícios de culto cristão do território de *Myrtilis*

Um outro vetor importante desta investigação questiona a penetração do cristianismo neste território, nos primórdios da afirmação desta religião na Península Ibérica. Em particular, nos espaços rurais, fora da vila de Mértola, onde a proximidade com o rio Guadiana e rotas comerciais, fluviais e terrestres, facilitaram a penetração de novos cultos. A tentativa de ir um pouco mais longe na compreensão desse fenómeno, para o período paleocristão, centra-se na análise de um conjunto de pequenos templos espalhados pelo concelho. Os dados de que dispomos, no que respeita a estes locais de culto, advêm dos fragmentos de arquitetura que foram encontrados nos seguintes espaços: na capela de S. Bartolomeu da Via Glória, na capela e na Aldeia da Mesquita, numa pequena edificação do Monte Mosteiro, na capela da Senhora do Amparo (antiga capela de S. Brissos) e da análise da toponímia e dos vestígios arqueológicos, como é o caso do mosteiro de Corte da Azinha. A nível de outro tipo de vestígios enquadráveis no mesmo âmbito cronológico assinala-se, também, a existência de uma necrópole.

Em geral, os terrenos do concelho de Mértola são extremamente pobres. Os povoados aqui referidos são locais junto a pequenos vales, com cursos de água sazonais e alguma terra capaz de ser cultivada. Este factor, certamente, condicionou o povoamento e levou a que, nos sítios ocupados, se mantivesse uma continuidade habitacional ao longo dos vários períodos históricos que nalguns casos chegou até à atualidade.

No concelho de Mértola foram construídas, durante a Antiguidade Tardia, edificações religiosas, das quais chegaram até nós elementos da sua arquitetura decorativa: S. Brissos/ Senhora do Amparo onde, no decurso e obras, foi encontrado um pé de altar em mármore com uma cruz patada; da capela de Nossa Senhora das Neves (antiga Santa Maria de Froles) na Mesquita provém uma coluna torsa e ainda se podem observar elementos de mármore reutilizados nas edificações locais; na pequena igreja de S. Bartolomeu (Via Glória) as obras de recuperação, levadas a cabo há cerca de uma dezena de anos, permitiram a recolha de um conjunto de fragmentos arquitetónicos de época alto-medieval; fragmentos de uma cancela, uma imposta e bases de altar são os derradeiros elementos de uma basílica rural, há muito sepultada sob a atual igreja.

Melani Wolfram (2112: 74) distingue dois tipos de trabalho escultórico um rural com o relevo a bisele, e o outro urbano, de relevo aplanado. Contudo não me parece haver grandes diferenças escultóricas entre as peças encontradas em ambiente urbano e as de ambiente rural, havendo mesmo representações similares de modelos decorativos em ambas as situações, o que muda muitas vezes é a qualidade do mármore, condicionando inevitavelmente a qualidade da escultura.

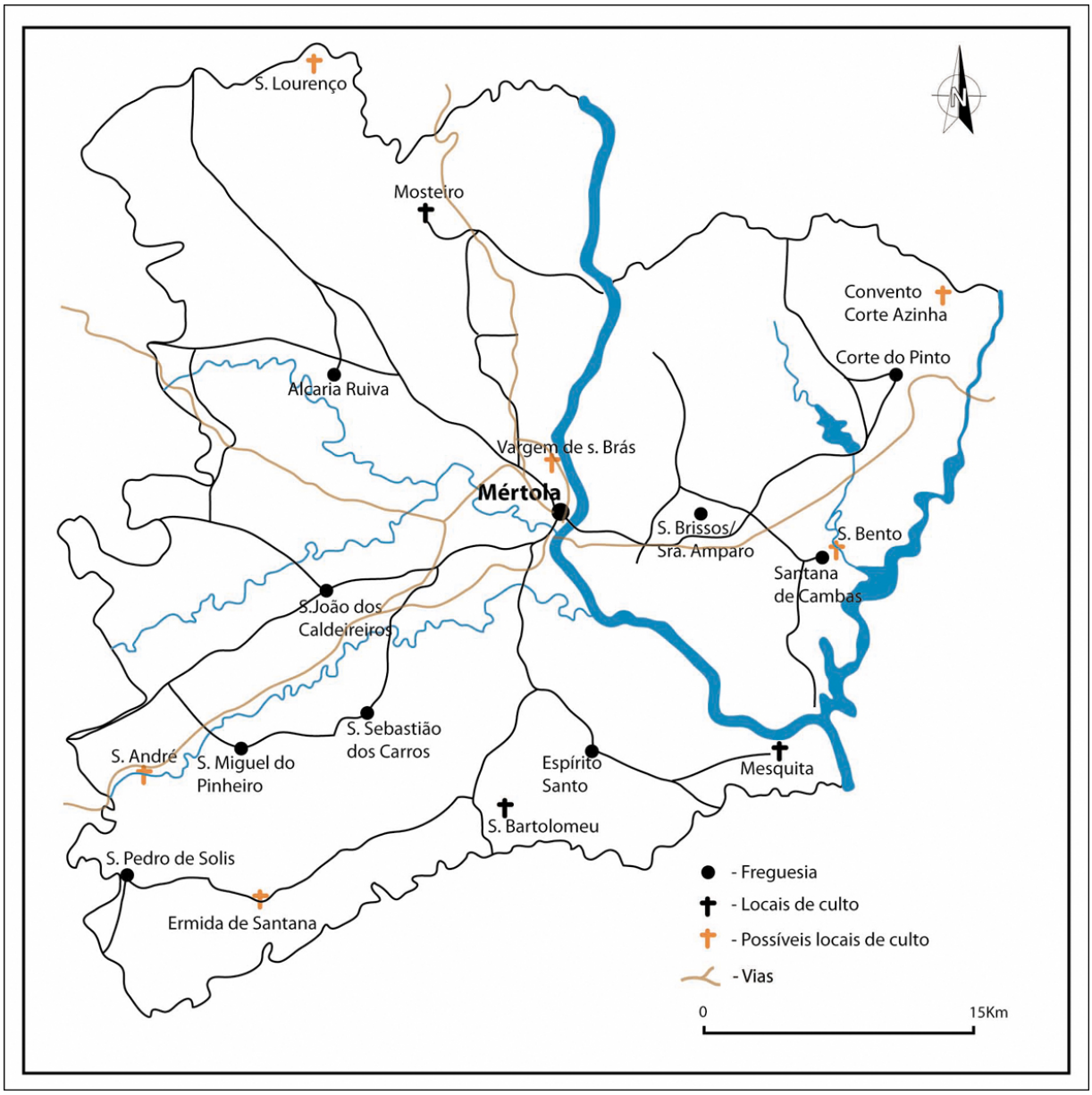


Fig. 218 – Mapa de localização dos templos da Antiguidade tardia no território de Mértola.

No concelho de Mértola localizam-se alguns templos que as diversas prospeções arqueológicas, e a recolha de materiais efetuada, vieram demonstrar pertencerem à

Antiguidade Tardia. A maioria desses materiais são elementos arquitetónicos diversificados e estão, atualmente, expostos no Mosteiro do Monte Mosteiro. Foram igualmente encontrados no território, nos finais do século XIX, dois numismas deste período, raros no território português. Trata-se de dois numismas, possivelmente em ouro, um de *Sisebuto*, cunhado em Mérida (612-621), e encontrado em Santana de Cambas e outro de *Wamb*a cunhado em Toledo (672-680), e que apareceu em S Pedro do Sólis (Vasconcelos, 1900: 240 e Faria, 1989: 74 e 76).

8.1.1 A capela de Nª. Sr.ª do Amparo

Um desses locais é a capela de Nª. Sr.ª do Amparo, antiga capela de S. Brissos, localizada numa cumeada sobranceira à antiga via romana que ligava *Myrtilis* às Minas de S. Domingos, a escassos 5 km de Mértola. Durante os trabalhos de consolidação das paredes e reconstrução da abóbada, efectuados em 1989, foram removidos da alvenaria fragmentos de uma pilastra ou pé de altar. Este elemento arquitectónico é suficientemente demonstrativo da existência de um templo de culto cristão antigo. Na altura da descoberta a peça encontrava-se incompleta - apenas existiam quatro fragmentos que, posteriormente, foram alvo de uma reconstituição. Trata-se de uma pequena pilastra de 1,30 m de altura, insculturada em três dos quatro lados. A peça é organizada em base, corpo e capitel. Este elemento de arquitetura decorativa ostenta, no único lado reconstituível, uma cruz pátea com um botão central em relevo, com incisão helicoidal, em que os quatro braços parece terem tido incrustações de pedraria. A base organiza-se em sistema de moldura simples. O capitel, mais complexo, divide-se em dois conjuntos sobrepostos de folíolos espinhosos. O topo, ou plano de espera, deixa perceber um pequeno orifício para encaixe de mesa de altar ou de relicário (Torres, *et alli*, 1991: 41, 42). Pela gramática decorativa esta peça data, provavelmente, do século VII. Nas imediações, a sudoeste da capela, existem vestígios de um povoado possivelmente contemporâneos da mesma: "A construção do edifício atual pode ser atribuída à segunda metade do século XVI quando é incentivado nesta região, como em todo o país, o culto mariano. Podemos desta forma concluir que a capela de N. Sr.ª do Amparo é construída sobre as ruínas de uma outra dedicada a S. Brissos, cujo culto é de tradição pré-islâmica. O pé de altar do século VII reforça esta hipótese" (Torres, *et alli*,

1991: 29-30). Nas imediações, e a sudoeste da capela, existem vestígios de um povoado, cuja ocupação se terá prolongado desde o século VII até ao período islâmico.

8.1.2 A capela de S. Bartolomeu da Via Glória

A sul do concelho, na capela de S. Bartolomeu da Via Glória, quando se procedia a obras de remodelação do pavimento da nave, foram detectados fragmentos de peças de arquitetura decorativa: um pé de altar, uma cancela e uma imposta. As peças estão incompletas e são em mármore branco de grão médio .

O fragmento de pé de altar[176] apresenta forma paralelepipédica, de arestas chanfradas. A parte superior tem forma quadrangular, desenvolvendo-se o corpo em octógono. Conserva, num dos lados, a parte superior de uma cruz pátea e uma moldura em gola. Na parte superior contém um pequeno orifício escavado, o *loculus*, de forma rectangular que tinha como função guardar a caixa das relíquias. Este pé de altar possui paralelos em Mérida, datados dos finais do século VI e que se prolongam pela centúria seguinte (Cruz Villalón, 1985: 220).

A cancela é constituída por dois fragmentos, estando o da parte superior muito gasto, mas ainda é visível uma cruz pátea inscrita num círculo. Lateralmente é ornamentada com trifólios estilizados, rematados inferiormente por um arco. A parte inferior da cancela possui, como motivo decorativo central, um encordoado e sulcos verticais paralelos que assentam num arco. Estes motivos decorativos têm paralelos na gramática decorativa de Mérida (Cruz Villalón, 1985: 219-228 , figs. 189 a 193) e Beja (Correia e Torres 1993: 58) e são enquadráveis no século VII.

A imposta conserva, na parte superior de dois dos seus lados, uma decoração feita com arcos de meio ponto entrecruzados originando imbriques e arcos quebrados. Um dos lados foi cortado com fino talhe a bisel, o outro, ao invés, foi apenas sumariamente delineado. Esta imposta tem paralelos muito similares em peças de Mérida, datadas da mesma centúria (Cruz Villalón, 1985: 427-428, figs. 315, 316 e 317). Estudos mais recentes de cronologias não excluem a possibilidade de serem materiais de labor mais tardio (Cruz Villalón, 2000: 249, 265).

176 - Possui as seguintes dimensões: altura 76 cm, largura 25 cm. O *loculus* de comprimento 15 cm, de largura 18 e 13 cm de profundidade.

Do mesmo local foi também retirado outro fragmento de mármore, mas que não apresenta qualquer forma ou decoração perceptíveis.
Sobre a fundação da atual Igreja de S. Bartolomeu não existem dados. Os primeiros visitadores a registar a existência de um pequeno templo, fizeram-no em 1482 e 1515- (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 59 e 98). Situada num sitio ermo e distante da povoação mais próxima, Via Gloria, continua aberta ao culto com um cemitério ao lado.

8.1.3 O "Convento" de Corte da Azinha

Na parte noroeste do concelho de Mértola, junto ao limite deste com o de Serpa, no local de Corte da Azinha, freguesia da Corte do Pinto, situa-se um outro local com o topónimo de "Convento". Esta ruína está situada num pequeno vale nas proximidades da ribeira de S. Marcos. No local são visíveis restos de uma pequena construção de alvenaria de xisto ligado com argamassa, bem como fragmentos de t*egulae* e *imbrice* que, a par da microtoponímia, sugerem a existência no local de um possível templo. No entanto, o local não foi alvo de qualquer trabalho de escavação arqueológica, pelo que estas referências carecem de confirmação.

8.1.4 A aldeia da Mesquita

Povoado romano e islâmico, situado nas proximidades da margem direita do Guadiana onde, após a reconquista, se implantou a antiga capela de Santa Maria de Froles. O núcleo habitacional estendia-se por uma área aproximada de 40 000 m^2, onde são visíveis restos de estruturas habitacionais. No local encontram-se vários fragmentos de cerâmicas comuns, *tegulae*, telhas de meia cana dos séculos VI-VIII e cerâmicas islâmicas, o que nos indica duas ocupações distintas, mas com uma grande continuidade no tempo.
Da capela de N. Senhora das Neves provém uma coluna de mármore finamente decorada com caneluras verticais. No templo atual encontra-se um pequeno capitel reutilizado como pia de água benta.
No povoado atual, situado nas proximidades, existem dois fustes de coluna de mármore, reutilizados nas paredes de uma habitação, que formam uma cruz. A continuidade histórica deste povoado não é alheia à posição estratégica que ocupa face

ao rio Guadiana. Como refere J. Boiça "era na Mesquita que a navegabilidade do *grande rio do sul* encontrava o seu primeiro obstáculo, obrigando ao transbordo de tudo o que se carregava nos porões dos barcos de maior calado. Era ainda aqui que se localizava um dos principais vaus de passagem entre margens, facultada por uma ponte-barca" (Boiça, 1998: 98) que funcionou até aos inícios do século XX.

8.1.5 A igreja de Santa Ana

A capela de Santa Ana sofreu obras de conservação e restauro e teve um acompanhamento arqueológico, que decorreu entre Junho e Novembro de 2011.
O objectivo central foi o acompanhamento arqueológico da obra de remodelação da Ermida de Stª Ana, procurando-se documentar e salvaguardar a informação arqueológica.
A picagem das paredes, ao nível do alçado lateral direito, revelou dois arcos que levaram a duas hipóteses interpretativas: ou estes arcos são uma solução construtiva e são estruturais, servindo para descarregar as cargas, ou terá o edifício tido uma configuração e orientação diferentes do edifício atual. Esta segunda hipótese poderá ganhar consistência com a análise da orientação do edifício, visto que seria mais lógico o edifício estar orientado no sentido Este–Oeste e não com a orientação nordeste que tem o atual edifício. No mesmo alçado ainda se verifica o entaipamento de uma janela, que deve corresponder ao momento da colocação dos painéis de azulejo na zona da capela-mor (meados do século XVIII). A fundação da ermida de St.ª Ana remonta à época medieval, tendo sido visitada pelo Mestre da Ordem de Santiago, no ano de 1515, não havendo ninguém que soubesse informar nem quando, nem quem a havia construído. Por volta dos anos 30, do século XVI, a ermida recebera obras de consolidação e restauro e enriquecera o seu recheio. O templo medievo prolongou a sua existência até meados do século XVIII. Em seu lugar levantou-se um outro que, essencialmente pela riqueza decorativa do seu interior, é único no termo de Mértola. Bem proporcionado, é coberto por uma abóbada em pleno centro, desdobrando-se ao longo das suas paredes , alguns painéis de azulejos, azul e branco, de boa mão e com cenas alusivas à vida de Santa Ana. (Boiça, 1998: 120).

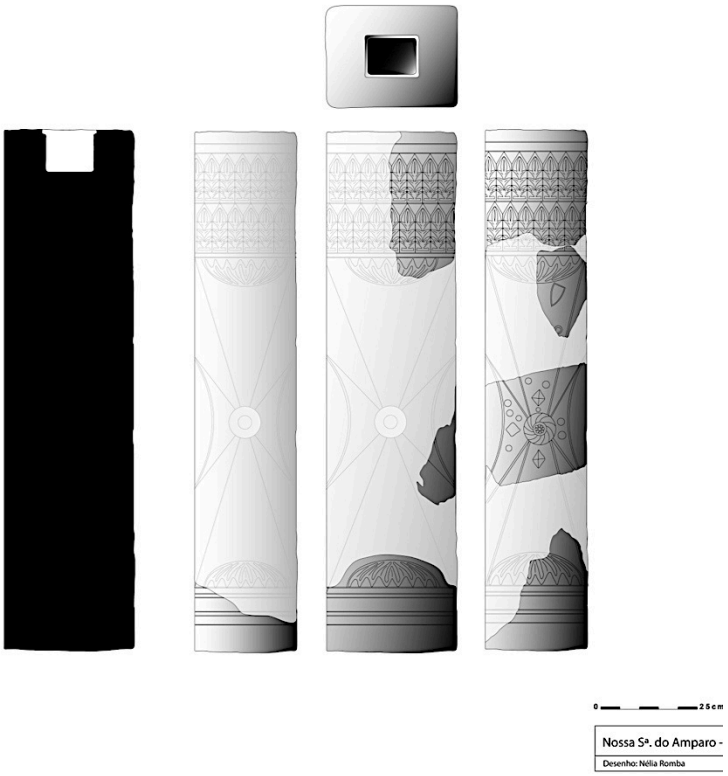
A origem antiga deste edifício parece inquestionável, no entanto as obras que nele

ocorreram no século XVIII, parecem ter substituído os anteriores momentos construtivos. De referir que se destaca um fragmento de um friso de mármore branco, provavelmente, romano reaproveitado no degrau do altar mor. O reaproveitamento destas peças de mármore no degrau que marca o altar-mor ocorreu também no caso do templo de S. Bartolomeu.

8.1.5.1 Catálogo de Materiais dos edifícios de culto

Igreja da Nossa Sª. Do Amparo (S. Brissos)

Nº catálogo: 220
Nº inventário MR.PA.0001



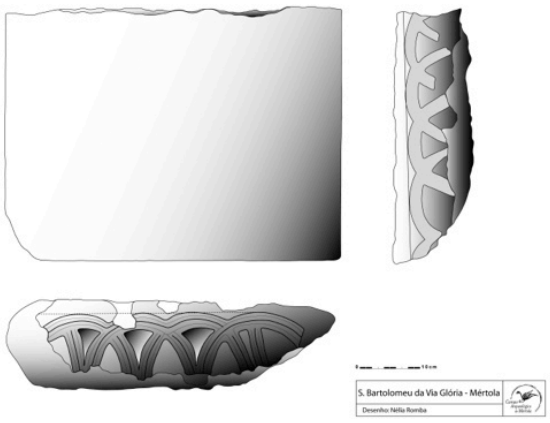
Identificação Quatro fragmentos de pilastra; mármore cinzento com veios claros de grão médio. A sua reconstituição permite figurar uma pequena pilastra insculturadada em três das suas quatro faces e organizada em base, corpo e capitel, embora seja apenas visível uma das faces laterais.
Descrição: habitualmente considerada pé de altar, este pilastrim, embora permita conjecturar que as duas outras faces seriam semelhantes, ostenta na única face reconstituível uma cruz patada de botão central em relevo com incisão helicoidal em que os quatro braços sugerem incrustações de pedraria. A base organiza-se em sistema de moldura simples. O capitel, mais complexo, divide-se em dois sistemas sobrepostos de folículos espinhosos. O topo ou plano de espera duma abertura deixa perceber uma abertura para o encaixe da mesa de altar ou do relicário. Esta peça tem paralelos com exemplares de influência emeritense (Cruz Villalón, 1985: 221 e fig. 190), nomeadamente na Abóboda (Serpa) (Almeida, 1978: 340 e 343, est. II –fig.4), Juromenha (Correia, 1995: 494 e fig. 6), S. Brás dos Matos (Correia, 1995: 495 e figs 8-10), Sines (Almeida, 1968-1970: fig. 38) e Torrão (Almeida, 1978: 220, fig.2), para referir os casos mais próximos.
Dimensões: Altura 130 cm; largura 31; espessura 25 cm.
Cronologia: século VII.
Proveniência Igreja da Nossa Sª. Do Amparo (S. Brissos) em exposição no núcleo do Mosteiro.
Bibliografia Torres *et alii*, 1991: 41- 41.

Nº catálogo: 221
Nº inventário:

I

Identificação: Dois fragmentos de cancela de cancela. Mármore branco de grão médio.
Descrição A cancela é constituída por dois fragmentos, estando o da parte superior muito gasto, mas onde é ainda visível uma cruz pátea inscrita num círculo. Lateralmente é ornamentada por trifólios estilizados, rematados inferiormente por um arco. A parte inferior da cancela possui, como motivo decorativo central, um encordoado e sulcos na verticais paralelos que assentam num arco.
Dimensões: Fragmento A: Altura 50 cm; largura 34 cm; espessura 15 cm. Fragmento B: Altura 56 cm; largura 56 cm; espessura 15 cm.
Cronologia: Século VII
Proveniência: S. Bartolomeu da Via Glória em exposição no núcleo do Mosteiro.
Bibliografia Lopes, 2003: 161.

Nº catálogo: 222
Nº inventário:
Identificação Fragmento de imposta. De mármore branco de grão médio.



Descrição: A imposta conserva, na parte superior de dois dos seus lados, uma decoração feita com arcos de meio ponto entrecruzados originando um imbricado de arcos quebrados. Um dos lados foi cortado com fino talhe de bisel, o outro foi apenas sumariamente delineado. Na arte musiva, porém, encontra- se o mesmo tema em uma larga faixa do mosaico de pavimento da entrada do *triclinium* da *uilla* do Rabaçal, Penela, datada do século IV/V (Pessoa, 1998: fig. 20 e fig. 29).

Em Mérida, nas impostas nos 315, 316, 317, do depósito da Alcazaba, pode ver-se decoração e técnica idênticas a esta peça de Mértola. Em estudo posterior, Cruz Villalón coloca a possibilidade de feitura mais tardia para estas e outras peças anteriormente consideradas de época visigótica (Cruz Villalón, 2000: 249-265).
Dimensões: Altura 12 cm; largura 56 cm; espessura 42 cm.
Cronologia Século VII.
Proveniência S. Bartolomeu da Via Glória em exposição no núcleo do Mosteiro.
Bibliografia Lopes, 2003, 162.

Nº catálogo: 223
Nº inventário:
Identificação Pé de Altar de mármore branco de grão médio.

Descrição Apresenta uma forma paralelepipédica de arestas chanfradas. A parte superior tem forma quadrangular, desenvolvendo-se o corpo em octógono. Conserva num dos lados, a parte superior de uma cruz pátea e uma moldura em

gola. Na parte superior contem um pequeno orifício escavado, o *loculus*, de forma rectangular.
Dimensões: Altura 51 cm; largura 25 cm; espessura 19 cm. *Loculus*: comprimento 12 cm; largura 7 cm; profundidade 7cm.
Cronologia Século VI-VII.
Proveniência: S. Bartolomeu da Via Glória em exposição no núcleo do Mosteiro.
Bibliografia: Lopes, 2003, 161.

Nº catálogo: 224
Nº inventário:
Identificação Pé de Altar II de mármore branco de grão médio.
Descrição Apresenta uma forma paralelepipédica de arestas chanfradas. Na parte superior contem um pequeno orifício escavado, o loculus, de forma rectangular. A parte superior tem forma quadrangular e esta separada por uma moldura (delimitadora da parte superior) desenvolvendo-se, a restante parte, numa secção octogonal.
Dimensões: Altura 76 cm; largura 25 cm; espessura 23 cm. *Loculus*: profundidade 13 cm.
Cronologia: Século VI-VII.
Proveniência: S. Bartolomeu da Via Glória em exposição no núcleo do Mosteiro.
Bibliografia: Lopes, 2003: 161.

Nº catálogo: 225
Nº inventário: MR.
Identificação: três fragmentos de fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos de grão médio.
Descrição: três fragmentos de coluna possivelmente da mesma peça dada a qualidade e a métrica. No fragmento do fundo é possível ver uma moldura do *Imusscapus*. O fragmento superior possui a inscrição 1831.
Dimensões do fragmento a: altura 34 cm; diâmetro 12,5 cm. Dimensões do fragmento b e c: altura 70 cm; diâmetro superior 12,5 cm, diâmetro inferior 15 cm.
Cronologia: Século VI-VIII

Localização: Reutilizados na construção de um muro de alvenaria de uma das casas da povoação da povoação da Mesquita.
Bibliografia: Inédita

Nº catálogo: 226
Nº inventário: MR.CL.0003
Identificação: Coluna de mármore cinzento com veios pretos de grão médio. Fraturada em duas partes, sensivelmente iguais.
Descrição. A base e o capitel ostentam a mesma decoração de triângulos em relevo. O fuste subdivide-se em três campos decorativos, dos quais o central, mais pequeno, mostra uma de caneluras verticais, . As duas outras partes são decoradas com caneluras torsas, que enrolam em sentidos contrários.
Dimensões: Altura 196 cm , diâmetro da base 23 cm, diâmetro do topo 21 cm.
Cronologia: Séculos VIII/IX (embora esta temática decorativa já apareça em peças de Córdoba datadas dos Finais do século V inícios do VI. (Sánchez Velasco, 2006: 40)
Proveniência: Capela de N. Senhora das Neves (antiga Santa Maria de Froles), Mesquita (freguesia de Espírito Santo, concelho de Mértola).
Bibliografia: Torres *et alii*, 1991, 54 – 55.

Nº catálogo: 227
Nº inventário
Identificação Capitel de tipo corintizante de folhas lisas. Mármore branco de grão médio. Reutilizado como pia de água benta. Incompleto, gasto na parte superior.

Descrição: Apresenta na parte inferior uma coroa de folhas lisas com contornos arredondados. Sobre este registo e situadas nas esquinas da peça, nascem quatro folhas palmiformes cujo estremo superior coincide com as esquinas do ábaco. A parte central do ábaco, nas suas quatro faces, apresenta um florão ligeiramente inclinado para o exterior. O prolongado uso provocou um desgaste acentuado na parte superior do capitel o que não permite identificar com rigor os motivos decorativos mais finos.

Não é de excluir a hipótese deste capitel provir da mina de S. Domingos, ou da ermida de S. Bento situada a meio caminho desta localidade do couto mineiro pois em Santana de Cambas não conhecemos vestígios arqueológicos similares, trata-se de uma peça isolada.
Dimensões: Altura 28 cm; largura máxima 50; diâmetro da base 29 cm.
Cronologia: Século VI, baseado nos paralelos com o capitel de Casa Herrera e em depósito no Museu Visigodo de Mérida nº. inventário 11.750 datado do século VI (Magaña, 2011: 194, peça 464).
Paradeiro: Igreja de Santana de Cambas
Bibliografia: Inédito

8.1.6 Monte Mosteiro

O presente trabalho procura dar conta das intervenções levadas a cabo no Monte Mosteiro, em especial no pequeno templo que deu origem ao topónimo da localidade. Este monumento foi identificado por Cláudio Torres, nos finais dos anos 70 do século XX e, em 1995, foi alvo de um estudo específico por parte de Justino Maciel e João P. Martins (Maciel e Martins, 199: 499-506). No ano de 1999 a Câmara Municipal de Mértola adquiriu o edifício a fim de se proceder à sua recuperação e valorização. Na primeira década do século XXI foi possível reunir meios e esforços para desenvolver e concluir este projeto.
Nos trabalhos de escavação arqueológica, recuperação e musealização participaram, para além dos investigadores e técnicos do Campo Arqueológico de Mértola, os alunos e professores da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e, posteriormente, da Escola Profissional Alsud. A recuperação e a intervenção arqueológica, levadas a cabo no edifício e na área envolvente, constituíram-se como um laboratório prático de aprendizagem para os alunos e permitiram a valorização do monumento.

O Monte Mosteiro localiza-se na parte norte da freguesia de Mértola, a cerca de 25 km da sede do concelho, junto à antiga estrada que ligava *Myrtilis* (Mértola) a *Pax Julia* (Beja), na proximidade da difícil passagem da ribeira de Terges e Cobres.
Nos terraços fluviais do Guadiana, sobretudo a montante do Pulo do Lobo, fixaram-se, desde tempos imemoriais, antigas comunidades humanas cuja presença é comprovada por artefactos de pedra lascada e gravuras rupestres.

Séculos mais tarde, em tempos do Neolítico, estas populações dedicadas à pastorícia e ao trabalho da terra são também, nesta região, as construtoras dos grandes túmulos da Anta das Pias e do Vale das Antas. Implantadas no cimo de pequenas elevações, estas edificações megalíticas, testemunhos da primeira arquitetura funerária, ainda hoje marcam a paisagem com a sua monumentalidade.

Com a exploração e utilização dos metais, o mesmo território passou a ser cruzado por uma rede de caminhos entre Mértola e Beja, atravessando a ribeira de Terges e Cobres e os vaus do Guadiana em direção à zona mineira de S. Domingos.

Fig. 219 – Vista geral do Monte Mosteiro.

O monte Mosteiro é constituído por dois aglomerados populacionais, separados por um pequeno curso de água. O casario é formado por casas de habitação e pequenos armazéns de apoio à agricultura. Apesar de ter sido um monte populoso, onde existia uma escola primária, hoje nele residem apenas cerca de duas dezenas de pessoas, idosas na sua maioria.

A atividade económica é centrada na produção de ovinos, bovinos, na caça e nas pequenas hortas com oliveiras e árvores de fruto, que se situam nas imediações dos barrancos, nas zonas de terra mais fértil e onde existe água. O montado de azinheiras e sobreiros marca a paisagem ondulada.

Na extremidade do casario, ligeiramente destacado, existe um edifício que, pela sua traça arquitectónica, é identificável como um pequeno templo.

As mais antigas referências documentais relacionadas com o monumento encontram-se na obra de Frei Leão de S. Tomás, *Beneditina Lusitana*, editada em 1644: "pouco mais de três legoas da Villa de Mertola, para a parte de S. Barão no meyo de hua charneca de grandes matos, esta hua igreja de S. Salvador chamada vulgarmente de Mosteyro. Porque dizem os naturaes, que antes da entrada dos Mouros ouve aqui Mosteyro de sumptuosos edificios, dos quais ainda oje permanece algua parte inteira. E que o Mosteyro fosse Benedictino, mostra primeiramente verse no alter da dita Igreja, a imagem de S. Salvador vestida de negro que denota ser de algum santo Monge deste nome, & de nosso santo habito"[177].

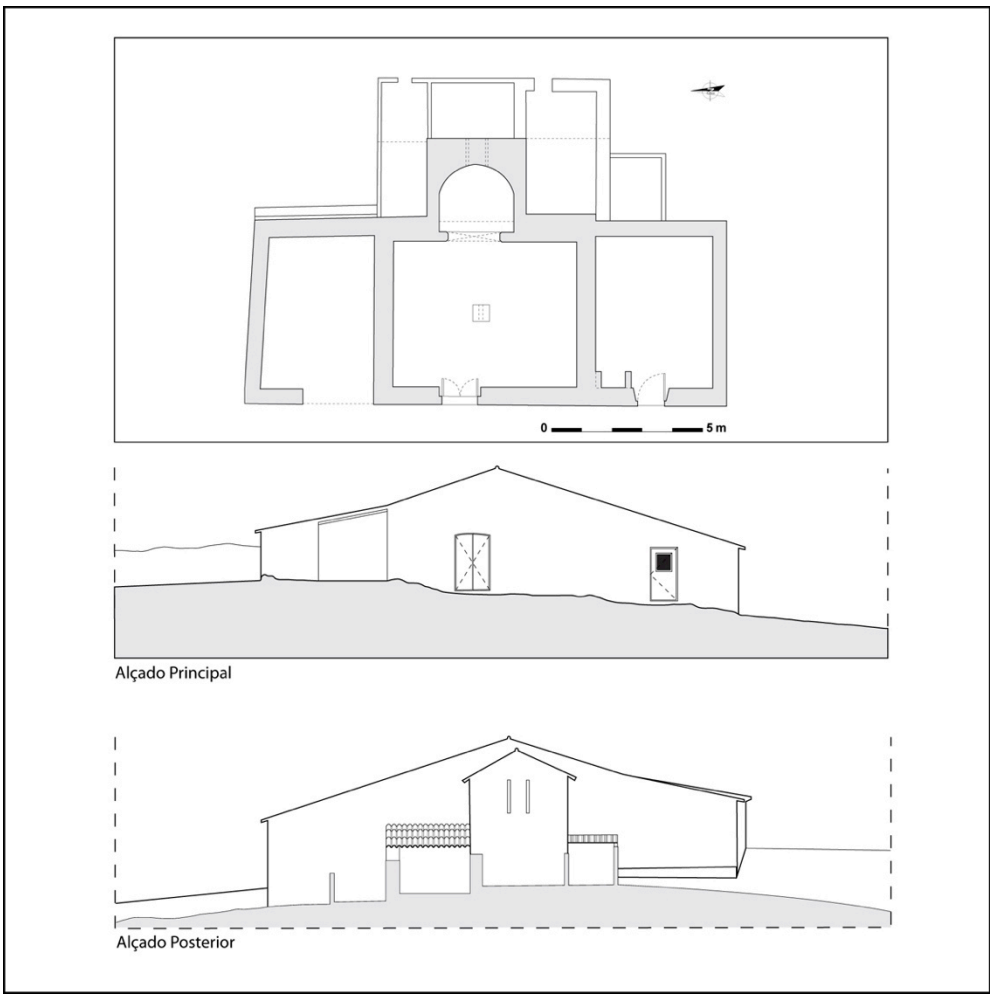


Fig. 220 – Planta e Alçados do Mosteiro.

[177] Transcrição da obra de Frei Leão de S. Tomás *Benedictina Lusitana*, Coimbra, 1644. Edição fac-similada e anotada (Mattoso, 1974: 438-439).

As referências posteriores provêm das *Memórias Paroquiais* de 1758, do Prior Bento José Sevilha de Leiria, que confirmam a Ermida de S. Salvador como tendo sido um mosteiro: "Dentro desta freguesia sam seis Ermidas mais: duas do Salvador, hua na distancia de quatro legoas [no] chamado monte do Mosteiro, que há noticiae muitos indicios de ter sido mosteiro de religiozos, e outra na Corte de Sinnes em distancia de duas legoas;" (Boiça e Barros,1995: 65) (...) "perto da dita ribeira de Terges, nesta minha freguezia, a referida ermida do Santo Salvador, com indícios de ter sido mosteiro, de que ainda o monte tem o nome" (Boiça e Barros, 1995: 71).
Da documentação escrita, deixada pelos visitadores da Ordem de Santiago, em 1482 e 1565, parece concluir-se que nestas datas o edifício não estaria ao culto, e ter sido remodelada na centúria seguinte. Tão pouco conhecemos a data precisa do seu abandono, contudo a ermida de S. Salvador, em finais do século XIX, já se encontrava devoluta. Quanto à imagem do padroeiro, datada de meados do século XVII, segundo tradição oral foi levada para a capela vizinha de S. Bento da Corte Gafo (Boiça, 1998: 62-63).

8.1.6.1 A escavação arqueológica

Os trabalhos arqueológicos decorreram em várias fases, tendo tido início em 2006 e desenvolvimento no ano seguinte. As escavações iniciadas pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola desenvolveram-se de 24 de Julho a 4 de Agosto e centraram-se no interior do templo, em especial na zona da ábside. Em 2007, depois da conclusão das obras de recuperação do edifício, os trabalhos arqueológicos centraram-se na zona envolvente do monumento, tendo sido desenvolvidos em contexto de formação escolar, no âmbito dos cursos de Museografia Arqueológica e de Assistente de Arqueólogo da Escola Profissional Alsud.

8.1.6.2 A *villa* e o mosaico

A primeira ocupação detetada do sítio aponta para a existência de estruturas relacionadas com uma *villa* romana. Deste período fazem parte restos de muros, encontrados no anexo situado a norte, tramos da parede norte da igreja e restos de

mosaicos descobertos no exterior do edifício. No que respeita a estes últimos, de um mosaico polícromo apenas se conservou parte da bordadura, composta por motivos geométricos de semicírculos e triângulos alternados. O motivo central parece ter sido constituído por uma composição de círculos de quatro fusos com os centros preenchidos com pequenas cruzes. Pelo desenho e pelo uso de tesselas de várias cores (brancas, pretas, amarelas e vermelhas) podemos situá-lo por volta dos finais do século III, inícios do IV da nossa era.

A sul do edifício encontramos restos de pavimento musivo, que se apresentava fora do contexto original, numa camada de revolvimento. Teria sido um mosaico bicromático, constituído por cubos pretos e brancos, o que indicia ter pertencido a uma fase mais antiga da *villa.*

Fig. 221 – Restos de mosaico polícromo.

8.1.6.3 O primitivo templo cristão

Do primitivo templo cristão a informação arqueológica é escassa, dado o somatório das várias obras feitas ao longo dos tempos. Contudo, através da intervenção arqueológica e da leitura dos tramos dos muros, foi possível observar alguns momentos construtivos e reformulações ocorridas no monumento.

O edifício era constituído inicialmente por dois espaços: a capela-mor absidada, com vestígios de abóbada, e o corpo principal de forma rectangular, ambos com estruturas de alvenaria de pedra e barro. Na abside as paredes são de alvenaria de pedra ligada

por argamassa. O solo da abside encontrava-se em terra batida e o corpo da capela calcetado com pedra local.

Teria sido um edifício com uma arquitetura simples, com um telhado de duas águas a cobrir o corpo principal e uma abside - capela-mor coberta por abóbada. Do arranque da abóbada ainda se conservam algumas fiadas de tijolos. A única janela detetada encontrava-se no centro da abside que, no decorrer da obra, foi restituída à sua forma e função iniciais. Pela leitura estratigráfica do muro norte, coloca-se a hipótese de a porta original se fazer neste espaço e não onde é atualmente.

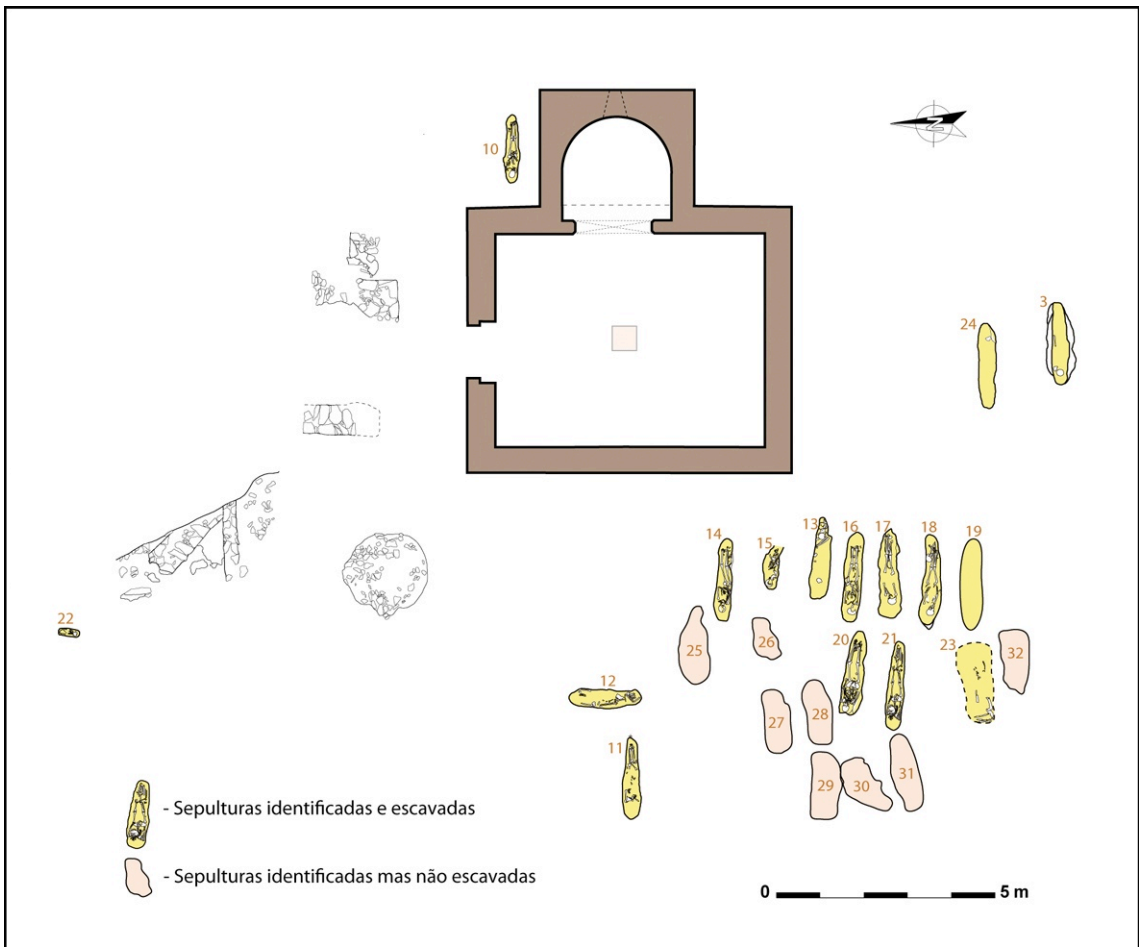


Fig. 222 – Templo e necrópole do Mosteiro.

O templo teria um comprimento total, abside incluída, de 8,6 m e de largura 7,4 m[178]. A abside tem 2,6 m de comprimento por 3,5 m de largura. O interior do templo teria uma área que ronda os 34 m^2, capaz de albergar uma pequena comunidade de fiéis.

Na zona de ligação da abside ao corpo da igreja, a escavação arqueológica revelou a existência de um embasamento constituído por blocos de pedra com argamassa que, possivelmente, serviu para a colocação de um arco assente em colunas. Deste possível arco chegaram aos nossos dias fragmentos de mármore de bases, fustes de coluna e de duas impostas ou cimácios.

De salientar que a abside – capela-mor, está orientada, liturgicamente, a nascente, facto comum nos templos cristãos e nos enterramentos coevos.

Por esclarecer ficou a escavação que fizemos em frente do anexo norte do mosteiro.

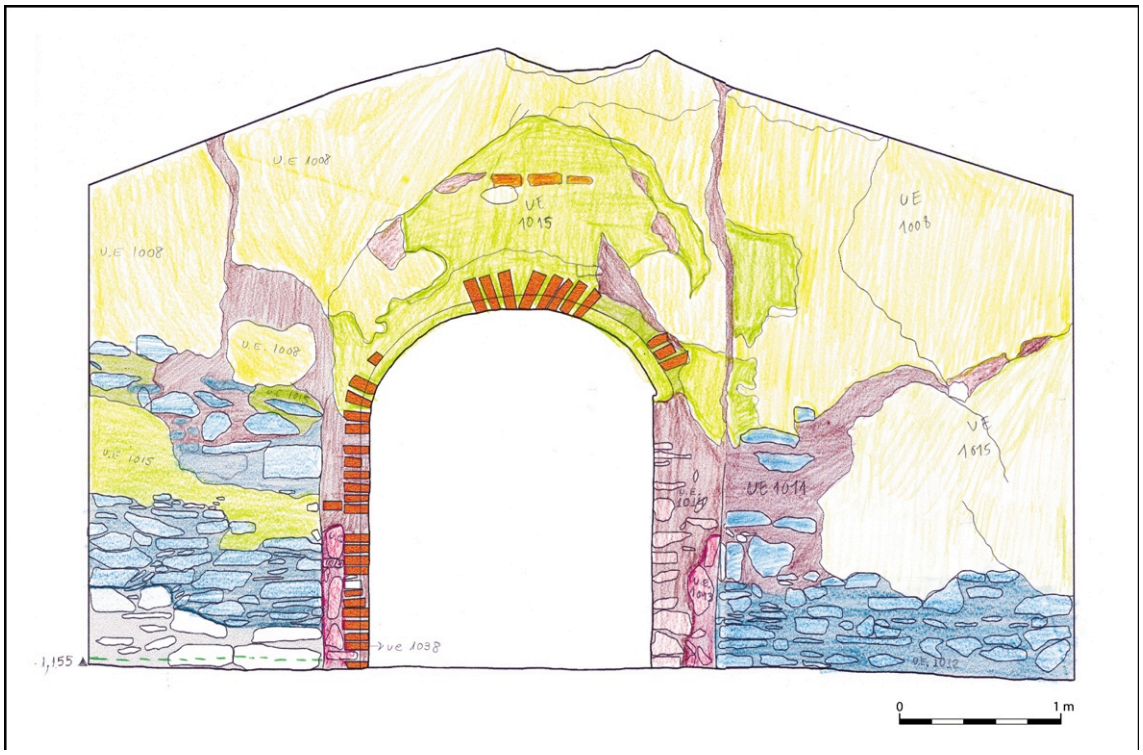


Fig. 223 – Registo da estratigrafia vertical observada no interior do edifício.

Tratava-se de um espaço ovalado, com os contornos escavados na rocha base. O seu interior encontrava-se preenchido por pedras e terra, sem qualquer tipo de material arqueológico que atestasse a sua cronologia e funcionalidade. Depois de escavada esta

[178] Na métrica romana corresponde a 29 e a 25 pés, respetivamente.

estrutura, obteve-se um buraco com o diâmetro maior de 187 cm, uma profundidade máxima de 55 cm e mínima de 10 cm, ou seja, o fundo da cavidade apresenta um desnível em degrau.

A arqueologia da Antiguidade Tardia na Península Ibérica tem privilegiado o estudo das igrejas mais emblemáticas e monumentais, sendo escassos os estudos de pequenos templos, como é o caso presente. Contudo, numa tentativa de encontrar paralelos que nos permitam compreender a evolução do templo, sugerimos alguns casos que apresentam similitudes arquitectónicas. Um dos aspetos mais curiosos do templo é o facto de a abside ser retangular no exterior, com uma tendência para semicircular no interior. Existem alguns edifícios com soluções construtivas semelhantes, datáveis dos finais do século V ou do século VI: o de S. Peretó, Manacor (fase I), Maiorca, o de Es Cap des Port, Fornelle, Menorca (Godoy Fernandes, 1995: 155-170), ou ainda o da fase 3 da Villa Fortunata, Fraga, Huesca (Utero Agudo, 2006: 450-451). Refira-se ainda os casos das ábsides retangulares no exterior e em arco de ferradura no interior Gatilho e Trojillo (Martín de Cáceres, 1995: 368). A cronologia para este tipo de ábsides pode situar-se nos inícios do século IV. Este tipo de elementos arquitetónicos surgiu em ambientes domésticos, os *oeci* absidados das *villae*, e em ambientes religiosos. No segundo caso, segundo Martín de Cáceres, este elemento exótico chegou à capital da Lusitânia já formado, a partir de onde se estendeu até as zonas periféricas, adotando formas muito particulares, que são as conhecidas cabeceiras retangulares (Martín de

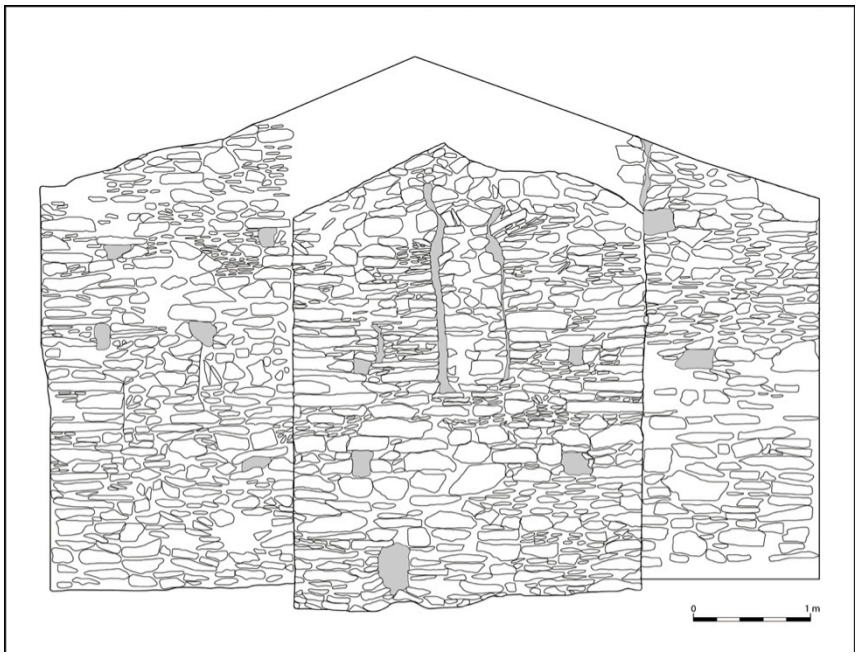


Fig. 224 – Registo do aparelho construtivo observado no exterior do edifício.

Cáceres, 1995: 364).

Não é conhecido com precisão o período de utilização deste templo do cristianismo primitivo, no entanto este edifício foi posteriormente modificado. Deve-se, certamente, a uma remodelação a abertura da porta, descentrada em relação ao edifício, e a construção do arco em pleno centro, construído com tijolos chanfrados, o que, segundo Joaquim Boiça, "denuncia uma época tardia, provavelmente a primeira metade do século XVII" (Boiça, 1998: 62) ou, como defende Justino Maciel, recuando um pouco a cronologia, os séculos XVI-XVII (Maciel e Martins, 1995: 502).

Deste conjunto de obras fará parte o entaipamento da janela existente na ábside, tendo sido deixadas, lateralmente, duas frestas para a entrada de luz. Do mesmo período deve ser o tratamento das paredes interiores que, ao contrário das do exterior, eram rebocadas com argamassa de cal.

Tão pouco conseguimos datar a construção de um pilar em alvenaria de pedra solta, que reutiliza tijolos chanfrados, existente a meio do corpo do edifício principal. Dois outros compartimentos construídos em taipa foram, em data indeterminada, anexados ao corpo original, convertendo o antigo templo cristão em área residencial e, posteriormente, em palheiro e estábulo para animais.

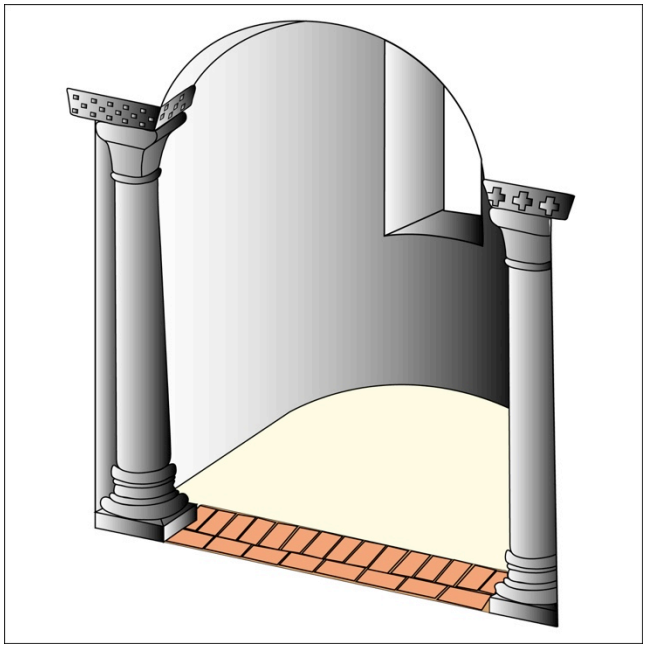


Fig. 225 – Proposta de reconstituição da abside.

8.1.6.4 A necrópole [179]

Durante as duas fases em que se desenvolveram os trabalhos arqueológicos, foram identificadas trinta e duas sepulturas de inumação, das quais apenas vinte e quatro foram escavadas e estudadas sendo que, destas, oito se localizavam no interior do templo: cinco na abside (sepulturas 1, 2, 4, 5, 9) e três no corpo principal (sepulturas 6, 7, 8). Supõem-se que estes enterramentos correspondem à utilização moderna como igreja, pois o parco espólio associado enquadra-se essa cronologia.

As sepulturas que foram identificadas, mas não estudadas, localizavam-se no exterior do edifício. Das dezasseis sepulturas escavadas no exterior, doze localizavam-se, de uma forma ordenada, em frente do edifício, as sepulturas 3 e 24 localizavam-se na lateral direita (Sul), a sepultura nº 22 na lateral esquerda (Norte) e a nº 10 na traseira do edifício (NE).

Fig. 226 – Escavação das sepultura da necrópole envolvente do edifício.

[179] Agradeço os dados facultados pela Drª. Clara Rodrigues referentes à intervenção arqueológica. Estes dados foram resultam do trabalho de campo pois o material osteológico não foi ainda alvo de estudo laboratorial.

Todas estas sepulturas apresentam uma fossa simples, escavada na rocha. Apenas três apresentam cobertura: duas com lajes de xisto (sepulturas 3 e 10) e um exemplar, sepultura nº 22, uma cobertura parcial feita com *tegulae.*

A orientação Oeste - Este é comum a vinte e uma das sepulturas escavadas, apenas as sepulturas 12 e 22 apresentam uma orientação diferente Norte - Sul.

Verificou-se a seguinte tipologia nos enterramentos:

- Enterramento ou deposição individual primária em catorze dos casos estudados - as sepulturas 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 19, 20, 22, 23;
- A deposição primária com reutilização verifica-se nas restantes sepulturas escavadas nesta necrópole, algumas apresentando vários indivíduos: sepulturas 1, 2, 4, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21.

8.1.6.5 Ritual funerário

Em todas as sepulturas estudadas o indivíduo foi colocado diretamente na fossa, possivelmente envolto num lençol, não tendo aparecido quaisquer indícios do uso de caixão, padiola, sudário ou almofada funerária.

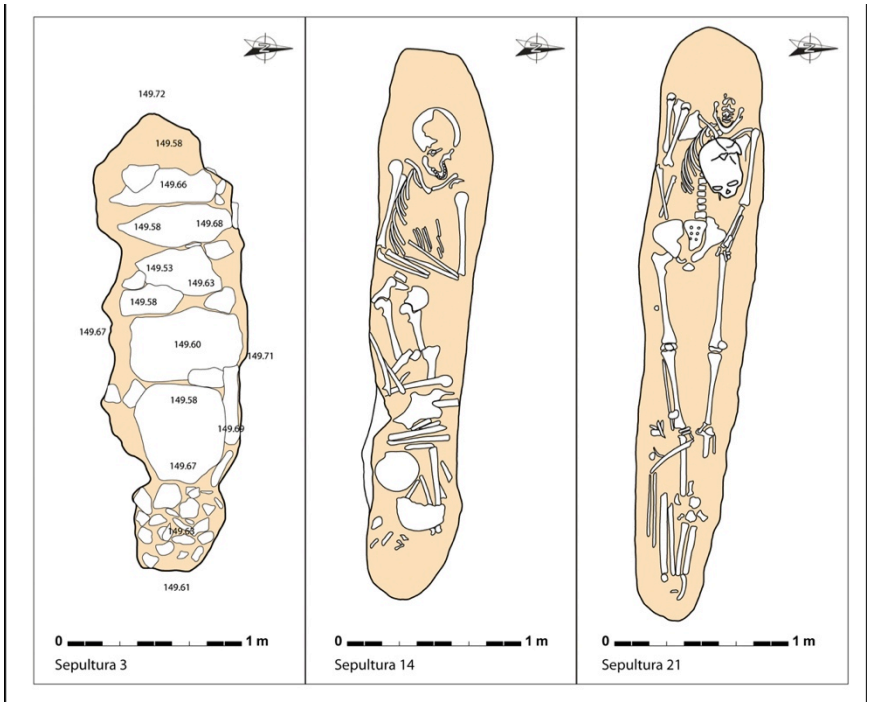


Fig. 227 – Sepulturas 3, 14 e 21.

As crianças foram depositadas em decúbito dorsal, com as mãos sobre o peito e os membros inferiores fletidos, com exceção da sepultura nº 6 em que as mãos se encontravam na púbis.

Os indivíduos adultos foram depositados em decúbito dorsal, apresentavam algumas variações no que se refere à localização dos membros superiores: os indivíduos pertencentes às sepulturas 10, 14, 18, 23 apresentam as mãos sobre o púbis. Os indivíduos pertencentes às sepulturas 6, 20, 21 têm os membros superiores estendidos ao longo do corpo, com as mãos junto ao fémur. O indivíduo da sepultura nº 19 apresenta os braços cruzados sobre o abdómen. Na sepultura nº 20, o braço direito está sobre o abdómen e o esquerdo estendido ao longo do corpo. Nas sepulturas 11, 12, 13, 15, e 17 não foi possível determinar a posição dos membros superiores devido ao mau estado de conservação que estes ossos apresentavam. O modo do enterramento dos pré-adultos, observado nas sepulturas 10, 17 e 21, é semelhante ao praticado nos dos adultos.

Nos restantes casos, pelo facto de se tratar de reduções (ossos amontoados a fim de libertar espaço para a colocação de outro indivíduo), não foi possível identificar o ritual de enterramento. No que se refere aos membros inferiores, verificou-se que em todos os enterramentos estes se encontravam estendidos.

8.1.6.6 Estudo dos indivíduos

No que se refere ao estudo dos indivíduos exumados, verificou-se que os esqueletos infantis se encontram melhor conservados e preservados do que os adultos e pré-adultos. O diagnóstico de sexo só foi realizado em indivíduos adultos e apenas seis indivíduos apresentavam um estado de conservação que permitiu realizar esta análise: três são do sexo masculino e três do sexo feminino.

O estudo efectuado definiu que, no total dos indivíduos exumados, se encontram dez adultos, dois pré-adultos, um infantil e dezanove indivíduos cuja idade se situa entre as 22 semanas de gestação e o nascimento.

Nº Sepultura	NMI	Tipo de sepultura e cobertura	Inumação	Sexo	Idade
Sep. 3	01	Aberta na rocha; lajes de xisto	Individual	Indeterminado	Adulto
Sep10	01	Aberta na rocha;	Individual	indeterminado	Pré Adulto

		cobertura parcial lajes de xisto			
Sep11	01	Aberta na rocha	Individual	Indeterminado	Indeterminado
Sep12	N incerto	Aberta na rocha	Colectiva	Indeterminado	Adulto
Sep13	01 Redução	Aberta na rocha	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Sep14	01	Aberta na rocha	Colectiva	Feminino	Adulto
Sep 14	Redução 01			Indeterminado	Adulto
Sep14	Redução 02			Indeterminado	Adulto
Sep15	Nº incerto	Aberta na rocha	Colectiva		
Sep16	01	Aberta na rocha	Individual	Masculino	Adulto
Sep17	01	Aberta na rocha	Colectiva	Indeterminado	Pré Adulto
Sep 17	Redução			Indeterminado	Indeterminado
Sep18	01	Fossa aberta na rocha	Colectiva	Feminino	Adulto
Sep 18	Redução			Indeterminado	Indeterminado
Sep 19	01	Fossa aberta na rocha	Individual	Indeterminado	Adulto
Sep20	01	Aberta na rocha	Individual	Masculino	Adulto
Sep 21	01	Aberta na rocha	Colectiva	Feminino	Pré Adulto
Sep 21	02			Indeterminado	Indeterminado
Sep 21	Redução			Indeterminado	Indeterminado
Sep22	01	Aberta na rocha; com *tegulae*	Individual	Indeterminado	Infantil 1
Sep23	01	Aberta na rocha	Individual	Masculino	Adulto

8.1.6.7 O espólio associado

Apesar de não serem em número significativo, os materiais exumados, pela sua diversidade e tipo, exigem algumas considerações, em particular quanto a questões de natureza tipológica, funcional e cronológica.

São vários os elementos arquitetónicos e arqueológicos dos períodos romano e paleocristão que aí se encontram. Muitos foram empregues como materiais de construção, estando inseridos em diversos edifícios do monte. Entre eles destacam-se fustes de colunas de mármore, base de colunas, fragmentos de impostas e numerosas *tegulae* integradas em muros de alvenaria de xisto local.

A escavação arqueológica, no interior do templo, registou o aparecimento de uma figa em azeviche, associada ao enterramento de uma criança, à qual foi atribuído o nº 6. Trata-se de um objecto simbólico, representação de uma mão fechada com o dedo polegar saliente. Este tipo de amuleto protetor, de grande antiguidade, ainda é utilizado nos dias de hoje. A peça encontrada na ermida de S. Salvador do Mosteiro, tem um paralelo num pendente de brinco proveniente de um enterramento da Igreja Senhora da Boa Morte, Póvos, Vila Franca de Xira, e que foi datado do século XIII (Nunes, e Lucas, 2003: 175-17), bem como em peças encontradas nos enterramentos feitos no Convento de S. Francisco em Santarém, datados dos séculos XVI-XVII (Ramalho, 2002: 202).

No corpo principal da ermida foram também encontrados fragmentos em cerâmica, que soponho pertencerem a uma pequena figura votiva. Desta imagem chegaram até nós alguns fragmentos da base e do corpo, que apresenta vestígios de pintura. Trata-se de uma pequena figura envolta num manto. Da cabeça e dos membros superiores não ficou qualquer vestígio, pelo que é extremamente difícil a sua identificação.

A existência destas pequenas figuras foi documentada, no concelho de Mértola, na capela de S. Brissos e no cemitério de Santana de Cambas, surgindo integradas, ou junto de, em antigas sepulturas, representando, na sua maioria, Cristo Crucificado ou a Virgem, encontrando-se expostas no museu de Arte Sacra da vila. Apesar da relatividade das datações propostas, e embora seja problemático atribuir-lhe uma época precisa, deverão datar, na maioria dos casos, como sugere a sua fatura, do século XVIII (Boiça, 2001: 198).

As restantes peças provêm do cemitério existente na envolvente do templo. Das 17 sepulturas escavadas no adro da capela, apenas em quatro sepulturas, de pré adultos e adultos, se observou a existência de objetos de adorno: um anel na sepultura nº 15, dois pares de brincos nas sepulturas 10 e 15, três contas de vidro e um fragmento de pulseira na sepultura nº 13. Os materiais - bronze, vidro e ferro - na sua maioria apresentam-se bastante deteriorados pela ação do tempo.

O anel é uma peça de forma simples, em bronze, tendo como único efeito decorativo o sistema de fecho, por torção. O contexto arqueológico em que se encontrava, a sua simplicidade técnica e formal, o facto de ser um artefacto corrente em sepulturas romanas (França, 1969: 17-73) e paleocristãs (Bercero Heredia, 2001: 179), bem como

o amplo horizonte cronológico da sua utilização, não permitem uma datação segura, no entanto aponto para os séculos V – VI.
Os brincos, em número de quatro - dois pares - são os objetos de metal mais significativos encontrados na necrópole. São em bronze, de forma simples, e apresentam um aro aberto, com uma extremidade mais grossa e decorada, e a outra pontiaguda, que encaixa naquela. Este tipo de brinco tem paralelo conhecido em diversas necrópoles, nomeadamente as de Segobriga (Martin Almagro, 1975: 18-28), EI Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll, 1985: 33 e 202) e Conímbriga (França, 1969: 17-73), tendo como balizas cronológicas os séculos V a VII.

As contas de vidro e de âmbar (?) que apareceram na sepultura nº 13, possivelmente pertencentes a um colar, possuem paralelo com materiais provenientes de ambientes romanos, no entanto a sua utilização prolonga-se em necrópoles das centúrias seguintes (Martin Almagro, 1975: 30).
Na sepultura nº 22 foi registada um pequena tessela de vidro, achado este que leva a colocar a hipótese de aí terem existido mosaicos a cobrir algumas das sepulturas; a verificar-se, tal situação situar-nos-ia nos séculos V-VI, altura em que se desenvolveu este tipo de decoração, quase exclusivamente na África romana e na Hispânia (Palol 1967: 321).

Durante os trabalhos de escavação e remodelação do edifício foi possível recuperar elementos de arquitetura, ainda que muito fragmentados, mostrando sinais de reutilização no edifício ou em construções contíguas.
São vários os elementos da arquitetura decorativa que nos dão indicações da existência de elementos de mármore na igreja dos primórdios do cristianismo. Os elementos mais representativos são os fragmentos de coluna que estavam reutilizados como meros materiais de construção. São de diferentes tamanhos, pelo que inferimos tratar-se de colunas utilizadas em diferentes espaços do primitivo templo.
No processo de recuperação foram encontrados dois fragmentos de base de coluna que permitem fazer um ensaio de reconstituição e deduzir que são elementos pertencentes

a duas bases de coluna de dimensões distintas[180]. De realçar que a decoração destas duas peças denota um bom domínio do trabalho da pedra. Seriam bases constituídas por elementos clássicos (pódio, toro, listel e toro), possuindo muitas semelhanças com peças encontradas em Córdova, datadas do século VI (Sánchez Velasco, 2006: 32).
Dois dos fragmentos de mármore mais significativos pertencem a uma imposta ou a um cimácio: um possui uma decoração constituída por representações de cruzes gregas, o outro pequenos quadrados escavados, cuja distribuição, na superfície da peça, sugere também cruzes. Trata-se de um importante motivo decorativo que não tem paralelo na decoração existente nas peças de Mértola do mesmo período mas, sim, semelhanças com peças de Sines (Wrench, 2008: 761-763), Mérida (Cruz Villalón, 1985: 336, fig. 309) e Córdova, datadas do século VI (*Sánchez Velasco,* 2006: 41).
Posteriormente à escavação arqueológica, as sepulturas foram cobertas com manta geotêxtil e o espaço interior dos túmulos foi preenchido com gravilha de cor escura. Esta operação teve um duplo objectivo: por um lado preservar as sepulturas e delimitar visualmente o seu contorno, por outro tornar o espaço circulável e evitar acidentes.

No ano de 2006, o edifício foi alvo de um processo de conservação e recuperação levado a cabo pelos alunos e professores do curso de Técnico de Recuperação do Património Edificado, da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, delegação de Mértola. Esta intervenção teve como finalidade corrigir as patologias existentes, dado o estado de abandono e de ruína em que o edifício se encontrava, e recuperar a sua traça original. Neste processo foram empregues as tecnologias tradicionais de construção como a taipa, a alvenaria de pedra, o caniço e o telhado tradicional com telhas de meia cana. Esta obra constituiu-se como um excelente local de aprendizagem onde foram postos em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da formação.

Sempre que possível recorremos aos materiais construtivos existentes localmente: a terra para fazer a taipa, a pedra local para a alvenaria, os pequenos seixos de quartzo para pavimentar o chão. A elaboração do caniço da cobertura incluiu a colheita e a

[180] Base de mármore branco de grão médio com largura do plinto 33,9 diâmetro superior 27,3 cm e 23 cm de altura. O segundo exemplar é do mesmo material e apenas é possível determinar a largura do plinto: 34,3 cm.

preparação das canas; por fim, foi usada cal para caiar o edifício e para a pintura das portas recorreu-se a uma mistura tradicional de produtos com vista à produção da tinta.

No decorrer da obra de recuperação foi ensaiada uma leitura da arqueologia da arquitetura. Esta consistiu na realização do levantamento integral do monumento à escala 1/20, de modo a possuir um modelo das estruturas evolutivas do edifício. Este trabalho minucioso foi realizado pelos desenhadores Sérgio Rosa e Nélia Romba. Posteriormente, com a colaboração de Susana Gómez e Maria Ramalho, foi feita a leitura dos paramentos, de modo a poder ser proposta uma evolução construtiva do edifício e perspetivar as soluções a aplicar na recuperação do monumento.

A única alteração feita no edifício foi a da reposição da janela existente no centro da abside. Esta encontrava-se parcialmente entaipada, com elementos pétreos reaproveitados, no fundo, tratou-se de restituir a forma original da janela do templo.

Fig. 228 – O mosteiro depois de recuperado e musealizado.

Apesar de termos iniciado os trabalhos arqueológicos com uma baixa expetativa em relação aos resultados, os relatos orais recolhidos junto da população local referem, uma vez mais, o aparecimento, na zona envolvente do Mosteiro, de "pedrinhas de várias cores", que interpretamos como sendo de um mosaico. Pensávamos que eventuais sepulturas teriam já sido destruídas, o que, segundo se verificou não era verdade na maioria dos casos.

Foi possível documentar a primeira ocupação do espaço e relacioná-lo com a romanização do território, dada a proximidade deste monumento com a via entre *Myrtilis* e *Pax lulia*, e a existência de pavimentos decorados com mosaicos. Pode-se, também, colocar a hipótese de que esta *villa* estivesse relacionada com um possível *Xenodochium* rural de apoio a viajantes, mercadores e peregrinos.

Possivelmente os senhores desta *villa* romana nos finais do século IV - V, cristianizaram-se, como aconteceu em muitas outras *villae* do Baixo Alentejo, de forma a remodelar parte do espaço das suas casas e convertê-lo em local de culto.

Pelos elementos arquitectónicos de mármore recolhidos podemos inferir que, no século VI – VII, o edifício sofreu algumas transformações e melhoramentos com vista ao seu enriquecimento decorativo. Será deste período a utilização do espaço envolvente como cemitério, do qual apenas escavámos as sepulturas que apresentavam problemas de conservação, dado carecerem de cobertura, num total de dezasseis exemplares. Foi deixado como reserva arqueológica o conjunto de seis túmulos que ainda conservam a cobertura em lajes de xisto.

Fig. 229 – Cruz de um edifício situado defronte do Mosteiro.

Não me surpreendem os paralelos encontrados não só para o edifício, como também para o espólio proveniente do interior das sepulturas, dada a importância que teria a via de ligação do porto de *Myrtilis* com a então capital da província, *Pax Iulia*. Por esta via passariam as pessoas, as mercadorias, as modas e as novidades.
Não sabemos o que terá ocorrido durante o período de islamização nesta área do território de Mértola, pois deste período histórico não nos chegou qualquer vestígio arqueológico.

O que é que terá acontecido à via Mértola-Beja? Terá perdido a sua importância? Até quando o edifício se manteve aberto ao culto? São interrogações a que a arqueologia ainda não conseguiu dar resposta.
Por outro lado, a documentação escrita também é escassa, não esclarecendo a partir de que momento entra em funcionamento a ermida de S. Salvador do Mosteiro. A primeira referência data dos anos quarenta do século XVII, período ao qual poderão pertencer os enterramentos das crianças feitas no interior do templo, bem como as obras de melhoramento que incluíam a construção do arco com tijolos chanfrados. A suster esta hipótese está o espólio associado às sepulturas do interior e o bom estado de conservação dos ossos, apesar de se tratar de enterramentos de crianças de tenra idade. Do mesmo período será também a pequena cruz, feita com pequenas pedras de quartzo da região, embutida na parede de um outro edifício situado defronte do mencionado mosteiro.
Fica por definir a data do abandono deste espaço ao culto, contudo parece que em finais do século XIX já se encontrava devoluto.

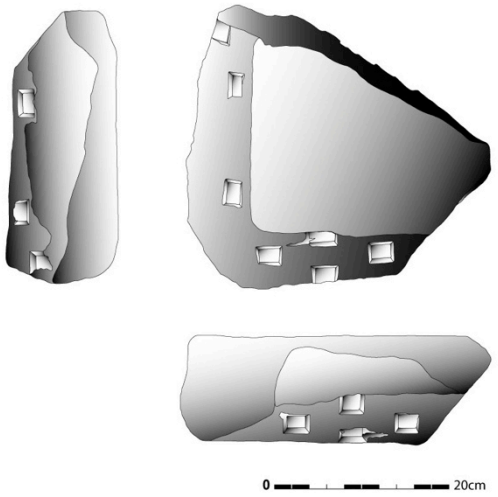
Foi sempre nosso propósito pôr em prática um projeto integrado para o edifício que incluísse a escavação arqueológica, a recuperação do templo, a musealização do espaço e a publicação dos resultados. Estes trabalhos marcaram positivamente todos os que nele colaboraram e deram aos alunos um conjunto de referentes que jamais esquecerão nas suas vidas profissionais.

Pelos dados disponíveis podemos inferir que a cristianização do território tenha seguido, mais uma vez, os caminhos já existentes. Os mais significativos vestígios arqueológicos deste período, situam-se nos principais eixos viários de *Myrtilis* a *Pax*

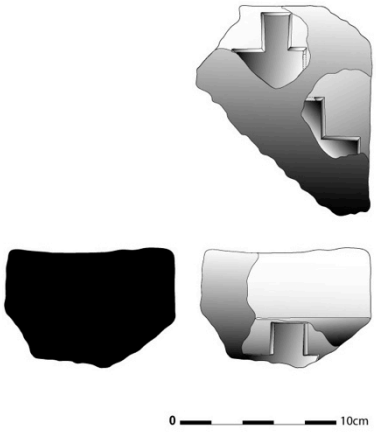
Iulia, às minas de S. Domingos e junto ao velho caminho interior, de ligação para sul, à serra algarvia. Depois de um diminuto povoamento do espaço rural em época romana, não é de estranhar que também, no período paleocristão, seja lenta a adopção desta nova religião, assim como não muito vasto o número dos seus seguidores.

8.1.6.7.1 Catálogo de Materiais

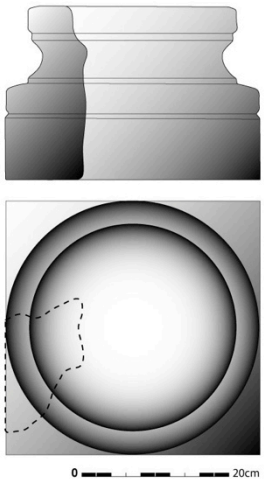
Nº catálogo: 228
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de imposta ou cimácio. Mármore branco de grão médio.
Descrição: A decoração mostra-nos um conjunto de pequenos quadrados insculpidos nas duas partes conservadas da peça.
Dimensões: Altura 12 cm; largura 35 cm; espessura 35,5 cm.
Cronologia: Século VI-VII.
Proveniência: Igreja do Monte Mosteiro.
Bibliografia: Lopes, 2011: 39.



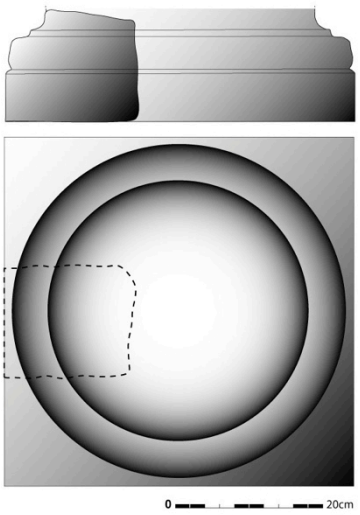
Nº catálogo: 229
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de imposta ou cimácio. Mármore branco de grão médio.
Descrição: A decoração mostra-nos um conjunto de cruzes gregas insculpidos nas única parte conservada da peça.
Dimensões: Altura 7,5 cm; largura 13,5 cm; espessura 11,3 cm.
Cronologia: Século VI-VII.
Proveniência: Igreja do Monte Mosteiro.
Bibliografia: Lopes, 2011: 39.



Nº catálogo: 230
Nº inventário: MR
Identificação: Fragmento de base de coluna de mármore cinzento, de grão médio.
Descrição: Plinto quadrangular, base constituída por toro, filete, escócia, listel e toro.
Dimensões: Altura 24,8 cm; largura 21 (36,4) cm.
Cronologia: possivelmente trata-se de uma peça romana reutilizada no edifício no século VI-VII.
Proveniência: Mosteiro, recolha de superfície. Museu de Mértola.
Bibliografia: Lopes, 2011: 39.



Nº catálogo: 231
Nº inventário:
Identificação: Fragmento de base de coluna de mármore cinzento, de grão médio.
Descrição: Plinto quadrangular, base constituída por toro, escócia.
Dimensões: Altura 16,5 cm; largura 19 (50) cm.
Cronologia: possivelmente trata-se de uma peça romana reutilizada no edifício no século VI-VII.
Localização: Proveniência: Mosteiro, recolhida nos materiais que entaipavam a janela. Museu de Mértola.
Bibliografia: Lopes , 2011: 39;

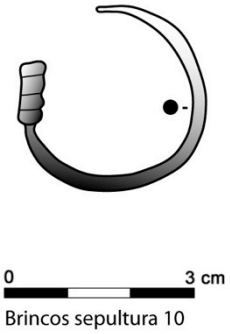


Nº catálogo: 232
Nº inventário: MR
Identificação: Fragmento superior de um fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos, grão fino.
Descrição: Fragmento liso, com uma gola na parte superior. Possui um orifício com 5 cm de diâmetro e 5 de profundidade, possivelmente para a fixação de um outro elemento arquitectónico.
Dimensões: Altura 43 cm; diâmetro 27 cm.
Cronologia: possivelmente trata-se de uma peça romana reutilizada no edifício no século VI-VII.
Proveniência: Recolha no Monte Mosteiro
Bibliografia: Lopes, 2011: 39.

Nº catálogo: 233
Nº inventário:
Identificação: Fragmento superior de um fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos, grão médio.
Descrição: Fragmento liso, com uma gola na parte superior.
Dimensões: Altura 77 cm; diâmetro 28 cm.
Cronologia: possivelmente trata-se de uma peça romana reutilizada no edifício no século VI-VII.
Proveniência: Recolha no Monte Mosteiro
Bibliografia: Lopes, 2011, 39.

Nº catálogo: 234
Nº inventário
Identificação: Fragmento de um fuste de coluna de mármore branco com veios cinzentos grão médio.
Descrição: Fragmento liso, muito gasto dada a reutilização posterior.
Dimensões: Altura 83 cm; diâmetro 20 cm.
Cronologia: possivelmente trata-se de uma peça romana reutilizada no edifício no século VI-VII.
Proveniência: Recolha no Monte Mosteiro
Bibliografia: Lopes, 2011, 39;

Nº catálogo: 235
Nº inventário:
Identificação: Brinco de bronze
Descrição: Apresenta um aro aberto, com a extremidade mais grossa e decorada com um motivo constituído por quatro anéis circulares, a outra pontiaguda que encaixa naquela. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 30 mm; espessura mm; peso 1,66g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 10
Bibliografia: Lopes, 2011: 37;



Brincos sepultura 10

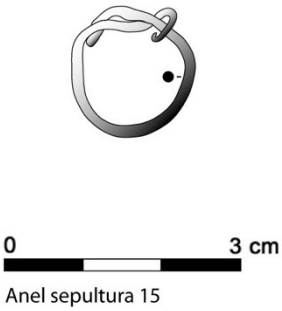
Nº catálogo: 236
Nº inventário:
Identificação: Brinco de bronze
Descrição: Apresenta um aro aberto, com a extremidade mais grossa e decorada com um motivo paralelepípedo, a outra pontiaguda que encaixa naquela. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 29 mm; espessura cm, peso 0,95g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 10
Bibliografia: Lopes, 2011: 37;

Brincos sepultura 10

Nº catálogo: 237
Nº inventário:
Identificação: Brinco de bronze
Descrição: Apresenta um aro aberto, com a extremidade mais grossa incompleta, a outra pontiaguda. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 27 mm; peso 1,37g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 15
Bibliografia: Lopes, 2011: 37;

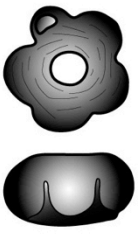
Nº catálogo: 238
Nº inventário:
Identificação: Brinco de bronze
Descrição: Apresenta um aro aberto, com a extremidade mais grossa e decorada com um motivo constituído por três anéis circulares, a outra pontiaguda que encaixa naquela. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 30 mm; peso 1,15g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 15
Bibliografia: Lopes, 2011: 37;

Nº catálogo: 239
Nº inventário:
Identificação: Anel de bronze.
Descrição: Peça de forma simples, tendo como único efeito decorativo o sistema de fecho, por torção. Secção circular.
Dimensões: Diâmetro 16 mm; peso 0,87g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 15.
Bibliografia: Lopes, 2011: 37;



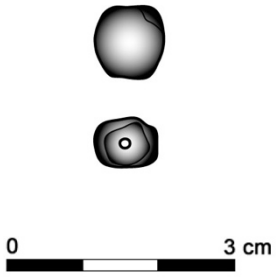
Anel sepultura 15

Nº catálogo: 240
Nº inventário:
Identificação: Conta de vidro
Descrição: Conta de colar de pasta vítrea de forma estrelada e com os lados superior e inferior aplanados. A partes laterais possuem profundas incisões. Apresenta uma perfuração central circular.
Dimensões: Diâmetro 15 mm; peso 1,74g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 13.

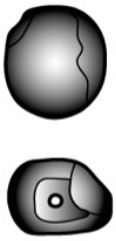


Bibliografia: Lopes, 2011: 37;

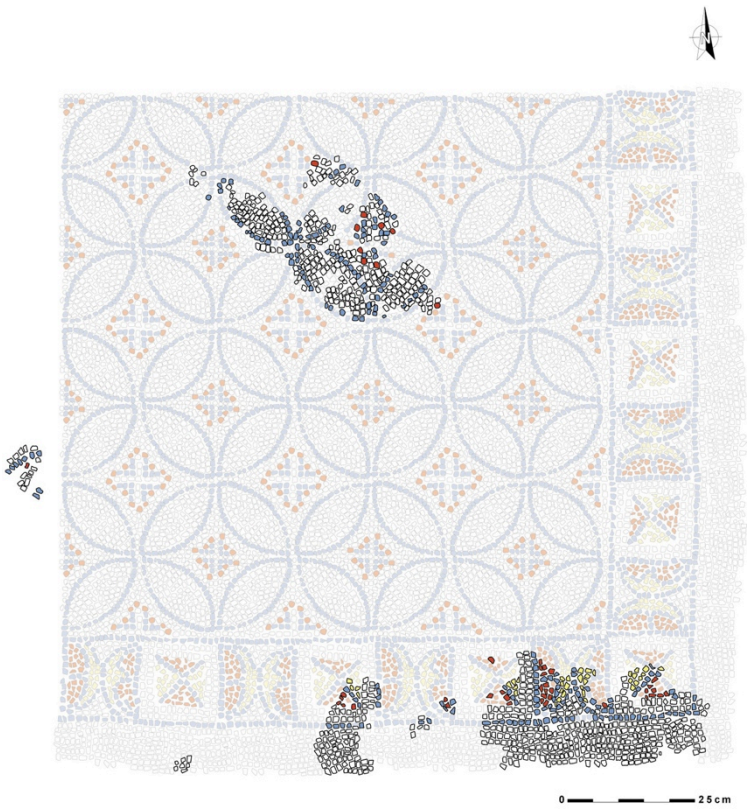
Nº catálogo: 241
Nº inventário:
Identificação: Conta de âmbar(?).
Descrição: Conta de colar de forma esférica com os lados planos. Apresenta uma perfuração central circular.
Dimensões: Diâmetro 10 mm; espessura mm, peso 0,46g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 13.
Bibliografia: Lopes, 2011: 37.



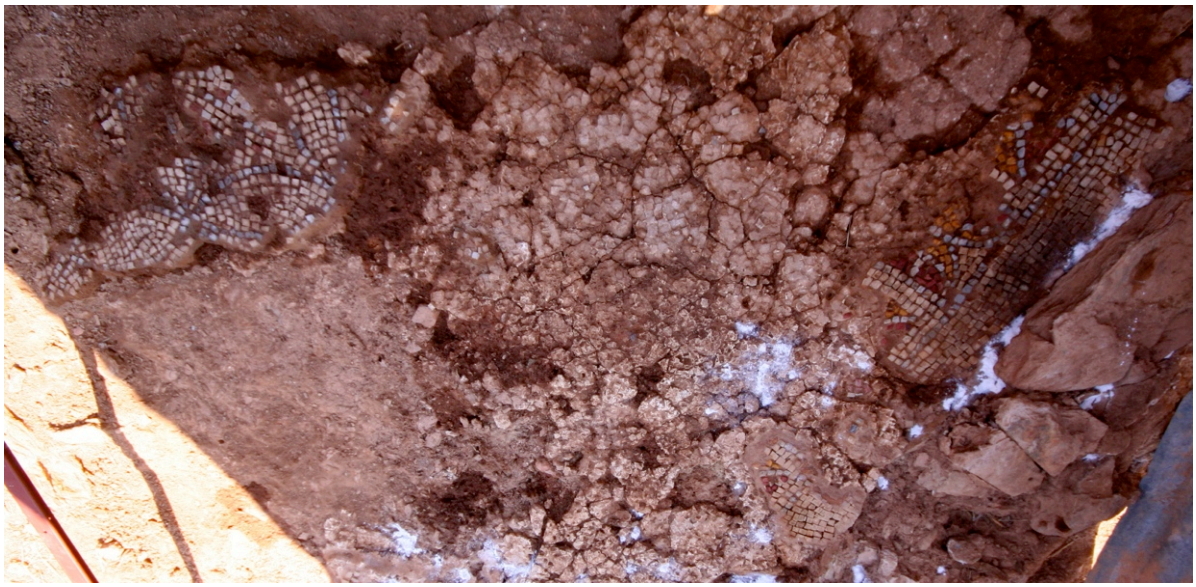
Nº catálogo: 242
Nº inventário:
Identificação: Conta de âmbar(?).
Descrição: Conta de colar de forma esférica com os lados planos. Apresenta uma perfuração central circular.
Dimensões: Diâmetro 8,6 mm, peso 0,28g.
Cronologia: Séculos VI-VII.
Proveniência: sepultura 13.
Bibliografia: Lopes, 2011: 37.



Nº catálogo: 243
Nº inventário:
Identificação: Constituído por dois fragmentos de mosaico policromo.
Descrição: Tesselas de calcário. Policromo. Cores branca, pretas, amarelas e vermelhas. Painel quadrangular, incompleto Tesselas de calcário. Tamanho médio das tesselas apenas se conservou parte da bordadura, composta por motivos geométricos de semicírculos e triângulos alternados. O motivo central parece ter sido constituído por uma composição de círculos de quatro fusos com os centros preenchidos com pequenas cruzes.



Dimensões: 50x25 e 25x25, tamanho médio das tesselas1 cm; 64/dcm^2.
Cronologia: Séculos III-IV.
Proveniência: *In situ* Mosteiro
Bibliografia: Lopes, 2011, 29.



8.2 O povoamento rural na Antiguidade tardia no *teritorium* de Mértola

O conhecimento que possuímos sobre o povoamento do território de Mértola durante a Antiguidade tardia, restringe-se às referências bibliográficas e aos levantamentos arqueológicos que tem sido feitos no terreno pela equipa do CAM e empresas de arqueologia. Estas últimas, têm desenvolvido ações no âmbito de projetos de minimização de impactos patrimoniais nas áreas de implantação dos projetados empreendimentos turísticos.

Os sítios arqueológicos identificados enquadram-se no período romano e na antiguidade tardia. Sendo extremamente difícil apurar cronologias específicas, pois os dados de que dispomos, na maioria dos casos materiais cerâmicos são provenientes de uma prospecção de superfície, e na maioria dos casos pouco conclusivos.

Por outro lado as escavações arqueológicas realizadas no território de Mértola são escassas e resumem-se aos trabalhos arqueológicos no castelo de Manuel Galo (Maia, 1974; 1986b e Maia e Maia, 1996: 60-81), na necrópole da Amendoeira do Campo (Rosalino, 1986: 113-120; Lopes, 2012, 98), no cerro da e no mosteiro do Monte Mosteiro (Lopes et alli, 2011), tendo estas duas últimas intervenções sido realizadas pela equipa do CAM.

Nas freguesias de São Miguel do Pinheiro e São João dos Caldeireiros, áreas sobre as quais incidiram investigações pontuais do arqueólogo norte-americano James Boone que desenvolveu, desde 1990, uma criteriosa e sistemática pesquisa sobre o povoamento medieval destas freguesias, tendo realizado algumas sondagens e escavações em sítios como Raposeira, Costa II e Queimada (Bonne, 2001: 113), e que forneceram datações de radiocarbono enquadráveis no período em estudo.

A riqueza da cidade de *Mirtylis* contrasta com a do seu território, ao contrário do que sucede na zona de Beja, onde se erguem ou remodelam importantes *vilae* do baixo-império como Pisões (Beja), S. Cucufate ou Cegonha (Vidigueira), para destacar alguns exemplos mais próximos. No caso de Mértola o povoamento rural situa-se em pequenas bolsas de terrenos mais férteis, junto ao rio Guadiana, e aos principais cursos de água.

No povoamento da Antiguidade tardia podemos distinguir cinco zonas de relativa concentração de sítios arqueológicos: um primeiro situado nas férteis margens do rio

Guadiana, e os restantes nas imediações das vias que ligavam a cidade a Beja, com destaque para o sítio do Mosteiro, equidistante nesta ligação terrestre; a ligação ao couto Mineiro de S. Domingos e das explorações do Cerro do Ouro e que seguia para a atual fronteira luso-espanhola; e em torno da via de ligação ao interior alentejano, na direção de Castro Verde e de Aljustrel e na que seguia na direção de Almodôvar.
No que concerne à Antiguidade tardia registaram-se e recolheram-se vários fragmentos de arquitetura decorativa em locais como Mosteiro, Mesquita, S. Bartolomeu, S. Brissos, e registou-se a existência de fragmentos de mármore em templos medievais nas ermidas de São Lourenço (Alcaria Longa), S. Bento (Santana de Cambas), S. André (S. Pedro do Solis) e em Santa Ana (S. Miguel do Pinheiro).

Em termos de povoamento verifica-se que a maioria dos sítios romanos são abandonados durante o séculos IV - V, dando lugar a novos núcleos de povoamento. Nas centúrias seguintes, os principais sítios vão implantar-se em altura, quase sempre controlando pontos importantes de passagem ou que dominam importantes parcelas do território (Macias, 2006: 294). Contudo também se verifica a continuidade ocupacional ao longo dos séculos, chegando alguns casos até à atualidade. As terras cultiváveis foram as mesmas, portanto o povoamento rural pouco se alterou pois este recurso era fundamental para a subsistência.

No território de Mértola foram registados cerca de vinte e seis sítios com vestígios de exploração mineira (Macias, 2006: 294) mas este é um dos aspectos mais difícil de periodizar pois, todos os casos conhecidos, tiveram explorações continuadas até aos meados do século XX, sendo extremamente escassos os elementos arqueológicos referentes ao período Romano e à Antiguidade Tardia. No entanto suponho que estas explorações tiveram continuidade nos séculos V e VIII, certamente em modelos diferente do período Imperial, mas capazes de dar a dinâmica económica que a cidade de Mértola teve nestas centúrias. A este respeito é importante analisar o caso da importante exploração de *Vipasca* (Aljustrel), em que a necrópole de Valdoca forneceu materiais que se enquadram cronologicamente entre a época de Augusto e meados do século III d.C., enquanto a área do povoado aponta para uma ocupação desde o século I ao século V d.C. Entre os materiais tardios encontra-se o conjunto de lucernas de Casa do Procurador (Pita, 1995, 15-33). Ao período tardio estão também associadas

algumas estruturas de habitação na parte superior do chapéu de ferro de Algares, que poderão estar relacionadas com as cerâmicas africanas tardias recolhidas em alguns dos sistemas mineiros estudados. As escavações de emergência efectuadas por Rui Parreira num dos sectores deste grande povoado evidenciaram também uma ocupação alto-medieval islâmica (Parreira, 1984: 135-154), o que faz com que este povoado mineiro tenha tido uma ocupação, com intermitências, desde época tardo-republicana até, pelo menos, ao século XI (Álvarez, Pérez Macías e Martins, 2008: 172).

As recentes escavações arqueológicas levadas a cabo na última década, proporcionaram um conjunto de materiais que apesar de não existir para elas uma cronologia exata, o facto de serem elementos geométricos inclui-as nas primeiras produções de *sigillata* clara, uma vez que as segundas se caracterizam por possuir figurações de tipo cristão, que, até ao momento, não encontrámos em *Vipasca.* Por isso, estamos perante elementos que correspondem ao estilo A, o primeiro estilo de Hayes (1972: 197-6) e Salomonson (1969: 4-109), que situa cronologicamente os materiais entre os anos 320 e 460 d.C. (Álvarez, Pérez Macías e Martins, 2008: 177) e uma Hayes 91, que se situa entre 400 e 550 d.C. Esta cronologia é comprovada por três peças estampilhadas correspondentes a pratos de grande produção em *sigillata* africana D. E apontam para uma perduração do povoamento e, consequentemente, da mineração até, pelo menos, ao séc. V d.C. Para além do período de apogeu da mineração nos séculos I e II d.C., o fim da atividade mineira, em todas as minas do sudoeste ibérico, situa-se no século III d.C. É o que parece evidente em Riotinto, Tharsis e Aljustrel, as minas de maior produção e cujo registo arqueológico está melhor estudado. Em Riotinto (Espanha) a crise foi mais drástica e o povoado de Cortalago, onde vivia a população mineira desde o séc. VI a.C., é abandonado definitivamente deixando de ser uma referência na topografia do local. (Martins et alli, 2012: 402, fig. 7, 8 e 10).

O trabalho mineiro em *Vipasca* prolongou-se no séc. V d.C., enquanto continuou a administração imperial, seja diretamente, seja por interposição dos visigodos (*ex auctoritate romana).* Apesar do suevos de Réquila terem inflacionado o problema com as suas conquistas na *Baetica* e Cartaginense, até Valentiniano III o imperador manteve a sombra da sua autoridade na Hispânia. A extensão do reino Visigodo de Eurico pela Hispânia e Gália e a deposição do imperador por *Odoacro* na segunda metade do séc. V

d.C. (476 d.C.),deverão ter sido dois acontecimentos que arruinaram a mineração em definitivo. Algumas formas de sigillata africana de Aljustrel (Hayes 91/400-550 d.C.) puderam estender a vida de *Vipasca* até à primeira metade do séc. VI d.C., embora nesses anos o ambiente não fosse o mais propicio para investir em empresas de tanto risco como as de mineração. (Martins et alli, 2012: 404).

No poço 1 de Algares são conhecidos vestígios de habitat cuja ocupação se pode prolongado entre os séculos IV e X. As cerâmicas tardias e a madeira carbonizada[181] ali recolhidos abrem a hipótese de, ainda que de forma esporádica, ter havido alguns trabalhos de mineração no período subsequente ao imperial (Cauuet, 2002: 79-83).
Por ouro lado como afirma S. Macias e C. Lopes "A pobreza dos solos e a medíocre romanização do território de Mértola foram contrabalançadas pelo papel que Mértola assumiu de cidade-armazém das minas de S. Domingos e de Aljustrel. É a essa característica, bem como ao seu papel de porto fluvial que se deve a composição da cidade na época romana. A julgar pela epigrafia conservada, os *liberti* e os emigrantes parecem ter sido numerosos, e dois de entre eles indicam claramente origem itálica e africana."(Macias e Lopes: 2012: 313). Não sabemos, no entanto, em que medida as elites de Mértola estavam relacionadas com a exploração mineira de S. Domingos e da região, problema para o qual a epigrafia não traz grande contributo (Alarcão, 1985:102).
Os mesmos autores defendem que o "fim da intervenção romana, traduzida no abandono das complexas instalações de escoamento de água e as grandes lavras do mundo romano marca uma nova etapa na exploração das minas. As grandes explorações imperiais dão lugar a outras de menor dimensão, por vezes de carácter residual. Estas atividades mineiras terão ficado sob o controle de comunidades locais, facto que justifica o programa de construções levado a cabo em Mértola ao longo dos séculos V e VI" (Macias e Lopes: 2012: 313).

Incluo no conjunto das minas com exploração na Antiguidade Tardia os casos das Minas de S. Domingos, Cerro do Ouro com continuidade para a estação de Paymoguillo

[181] As amostras proporcionaram datações situadas entre 400/584 d.C. e 680/925 d. C. (Cauuet, 2002: 79-83)

(Espanha), ou o Cerro do Ouro nas margens da ribeira de Oeiras, imediações de Mértola.

Trabalhos recentes de prospecções subaquáticas realizados na foz do Guadiana, próximo de Aiamonte, vieram revelar uma protoculuna juntamente com materiais anfóricos tardios . Esta descoberta levanta a possibilidade da extração e exportação dos mármores das pedreiras de Trigaches (Beja) através do porto de Mértola na Antiguidade tardia (Sanchez Velasco, 2012: 811). Alicerçada em dados arqueológicos vai tomando forma a hipótese da importância da exportação dos mármores na economia regional.

Neste contexto de análise territorial não pode deixar de se referir o fato assinalado por J. Zozaia, a propósito dos topónimos "quinta" e dos seus "derivados (Quintás, Quintana, Quintanares &c) (...), que são traduções do baixo latim que depois passam aos termos árabes" (Zozaya, 2002: 46).

A chegada dos muçulmanos impõe um sistema de repartição do território para apoiar as suas necessidades económicas e as do estado omeia, seguindo o sistema, essencialmente usado pelos muçulmanos no Oriente, que consistia na aquisição da quinta parte do território, tal como se tinha feito anteriormente para os povos bárbaros ao entrar nos territórios imperiais (*tertias* e *quartas sortes*) mediante um *foedus,* pelo que, no território Baixo Imperial, um sistema semelhante não seria considerado anómalo" (Zozaya, 2002: 45).

Como refere J. Zozaya: "Os muçulmanos que entraram, na sua maior parte nesse momento eram latino-falantes, e criariam os seus próprios topónimos, traduzidos do árabe e seriam descritores da nova estrutura do território. O corte de propriedades é territorial, de maneira que a quinta parte (*joms*) é realmente quinta parte do território do *dominvs,* não do valor das suas possessões nem das suas rendas, este facto também podia dar-se nos casos urbanos" (Zozaya, 2002, 45).

8.2.1 Levantamento arqueológico dos sítios romanos e da Antiguidade Tardia

No levantamento dos sítios com vestígios romanos e da antiguidade tardia segui a divisão administrativa estabelecida para o território: Lugar, freguesia, concelho e distrito. Sempre que possível recorremos ás referencia da toponímia e da microtoponímia para a designação dos sítios arqueológicos. Os resultados que aqui se apresentam, na maioria dos casos, corresponde a trabalhos de prospecção arqueológica realizados pelas várias equipas do CAM, que ao longo de mais de trinta anos desenvolvem trabalhos nesta área. Um importante contributo foi a publicação coordenada por M. Palma intitulada *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola*, que colige e atualiza todas as informações referentes a esta temática (Palma et alli, 2012). Para a realização desta parte do estudo optei por apresentar os dados de uma forma sintética procurando não repetir informações ou criar campos desnecessários. Assim a apresentação dos dados que proponho faz-se pela divisão por freguesias e os campos correspondem aos seguintes dados: Número de sítio; CNS (Código Nacional de Sítio); Designação; Freguesia; Concelho e Distrito; Número da Carta Militar de Portugal à escala 1:25000; Latitude N; Longitude W (Greenwich), Altitude (metros); Tipo de Sítio; Período Cronológico ; Descrição do Sítio; e por fim a Bibliografia.

Na análise do território recorro à divisão administrativa das freguesias, pois é aquela que possuo a cartografia, pois a nova divisão administrativa carece neste momento de cartografia atualizada. No caso do concelho de Mértola era constituído por nove freguesias, segui uma ordem sequencial de Norte para Sul e de Oeste para Este, com a seguinte ordenação: Alcaria Ruiva, Mértola, Santana de Cambas, S. João dos caldeireiros, S. Sebastião dos Carros, S. Miguel do Pinheiro, S. Pedro do Sólis e Espírito Santo.

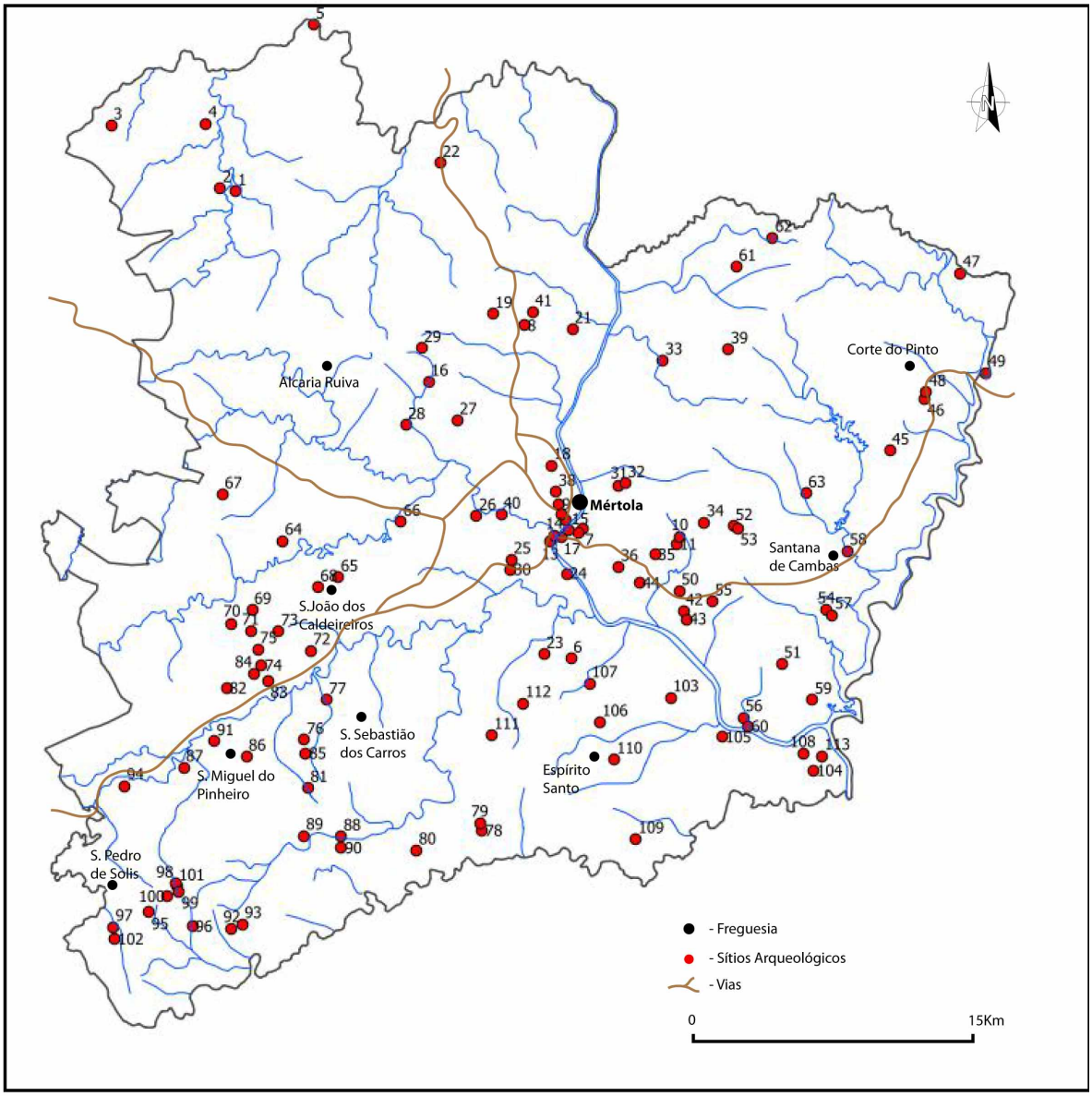


Fig. 230 – Mapa de distribuição do sítios e vestígios arqueológicos no concelho de Mértola.

8.2.1.1 Freguesia de Alcaria Ruiva

1 - 6328; Monte da Grade; Alcaria Ruiva; Mértola; Beja

CMP540 / 37º 46' 43''N / 7º 49' 54'' O /142 m.

Povoado romano com ruínas de casas com parede em xisto.

Vasconcelos, 1900: 224-249; Veiga, 1983: 191; Palma *et alii*, 2012: nº 88.

2 – 32170; Corte João Cinza. Alcaria Ruiva; Mértola; Beja
CMP540 / 37º46'47''N /7º50'24''O / 145 m.
Povoado romano. Ocorrência de cerâmica comum e de construção numa área com cerca de 100m2, em encosta sobranceira à Ribeira do Vale do Açor, a nordeste da ponte da Casa da Muda, na EN122 (ao km 27+750). Os materiais (que incluem *dolia* e telhas de canudo digitadas, cerâmicas de pastas alaranjadas e acastanhadas) ocorrem junto de um morouço que coincide com um afloramento rochoso e/ou restos de uma construção.
Relatório Prospeção Obras de Arte –Distrito de Beja, 2009:
http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2924449&vt=2924446 06/10/2013.

3 –29188; Malhão; Corte Cobres; Alcaria Ruiva; Mértola; Beja
CMP 540 / 37º 38' 27''N/ 7º 54' 45''O / 147 m.
Povoado romano. Vestígios de estruturas habitacionais. Cerâmicas comuns, *sigillata* e *tegulae* dispersas numa área superior a 10 000m2.
Inédito, C.A.M., 1993.
Sítio não localizado no terreno.
Palma *et alii,* 2012: nº 91

4 – 29271 Amendoeira do Campo, Alcaria Ruiva, Mértola, Beja
CMP 540 / 37º 48' 20,6''N / 7º 50' 55,1''0 / 145 m
Necrópole romana. A necrópole romana de Amendoeira do Campo foi descoberta casualmente em 1984, no decurso de obras naquela localidade. A escavação arqueológica de emergência foi feita pelos Serviços Regionais de Arqueologia do Sul, em 1984.

A necrópole era composta por 8 sepulturas, escavadas na rocha, e revestida com placas de mármore. Foi escavada de emergência, nela tendo sido recuperadas cinco ponta de lança, um fragmento de um alvado ou de um conto de lança, três pregos e quatro barras de uma cinta, em ferro, que envolveriam uma das sepulturas.
Rosalino, 1986: 113-114; Lopes, 2003, 33; Palma *et alii*, 2012: 120, nº 184.

5 - 21685; Santinho II - Capela de São Lourenço; Alcaria Ruiva, Mértola, Beja.
CMP 540/ 37º 50' 40,4''N / 7º 47' 25,5''O / 126 m.

Capela em ruína. Junto à capela existe um fragmento de fuste de coluna em mármore com um diâmetro de cerca de 20 cm. Na encosta, a Poente, encontrou-se fragmentos de *tegulae*.
Levantamento Arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992. Prospecção 2006.
Palma *et alii*, 2012: 120, nº 217.

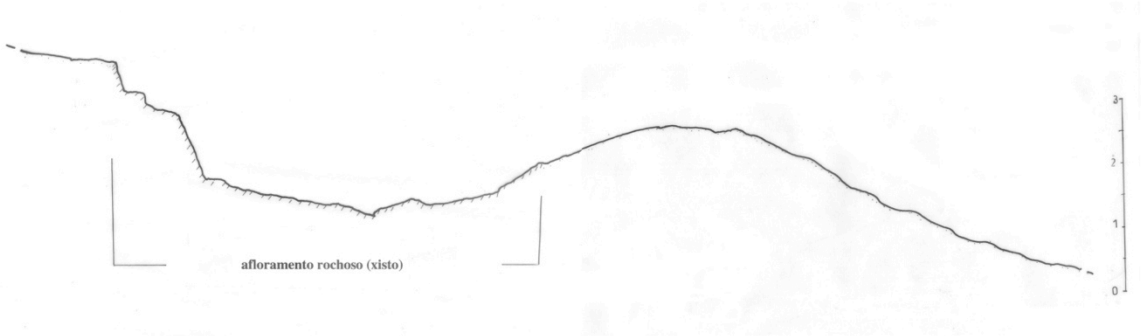
8.2.1.2 Freguesia de Mértola

6 -12568 Monte da Bombeira Velha; Herdade da Bombeira Velha; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 35' 22,3''N / 7º39' 32,6''O; 137 m.
Villa romana com resto de estruturas habitacionais visíveis. Os vestígios encontram-se dispersos por uma área de 2500m2. Na estrada de acesso a esta local encontraram-se bastantes fragmentos de cerâmica, tijolos e *tegulae*, fragmentos de ânforas, talhas, pequenos bordos de cerâmica comum e restos de opus. Restos de elementos pétreos em mármore foram reutilizados na construção do açude do moinho construído na ribeira situada a sul.
Prospecção a pedido do Parque Natural do Vale do Guadiana na Herdade da Bombeira e Caminho do Poço, realizada em 1998.

Palma *et alii,* 2012: 66, nº 17.

7 - 12096 Via romana – troço A; Estrada Velha; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 9''N / 37º 38' 4''O / 7º 39' 34''O / 7º 38' 36'' O / 50 a 100 m.

Via que ligaria o porto de *Myrtilis* à Mina de São Domingos. A orientação geral do troço reconhecido é NO-SE. É visível desde o Guadiana até ao sopé do cerro do Calcolítico. A via serpenteia pelo sopé dos cabeços e corta, por vezes, afloramentos de xisto que são



utilizados frequentemente como pavimento. Em alguns sítios veem-se grandes taludes de pedra e terra que sustinham e criavam um patamar. Em alguns troços havia pavimento com lajes de pedra e terra compactada com pequenas pedras.

Por se localizar próxima da área de abertura da conduta do troço B5.2, a zona abaixo do patamar que suporta a via é uma zona em risco. Trabalhos de prospecção realizados em 1997.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 67, nº 22

8 – 1030; Eira do Tio Zé Tomé; Corte Gafo; Mértola; Beja
CMP 550 / 37º 43' 21.08''N / 07º 41' 24,40'' O / 128 m.
Necrópole romana. Encontram-se neste local cerca de 15 sepulturas, escavadas na rocha, com materiais cerâmicos e vidros dos séculos I/II d.C.
Trabalhos de prospecção realizados em 1971. Levantamento arqueológico da Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.
Gonçalves, Arruda, Catarino, 1984: 191-196; Lopes, 1895: 97-103; Lopes, 2003: 36, 164; Lopes, 2012: 120 e 121; Palma *et alii*, 2012: 68, nº 22.

9 – 12097; Rv 6, Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 54''N / 7º 39' 40''O / 115 m.
Povoado Romano. Foram localizados vestígios arqueológicos no sítio onde era previsto implantar o Reservatório de Mértola. Os vestígios estendiam-se pelo cimo e encosta sul do cerro, situado a oeste do antigo Largo da Feira, atual polígono industrial. O cerro estava, contudo, destruído por uma plantação de pinheiros. Fragmentos cerâmicos dispersos pelo topo e parte da encosta sul do cerro.
Trabalhos de prospecção em 1997 e salvamento em 2000.
Lopes, 2003: 36.

10 - 12093; Km 64.7 da EN265; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 37' 57.14''N / 7º 36' 05,99''O /150 m.
Povoado Romano, localizado junto à estrada romana (*Myrtilis* – Mina de S. Domingos), apresentando à superfície fragmentos cerâmicos dispersos numa área aproximada de 50m^2. Da cerâmica destaca-se um fragmento de *sigillata* com marca de oleiro do século I-II d.C.
Prospecção preventiva em 1997.
Lopes, 2003: 36.

11 - 12094; Via romana - troço B; Mértola; Beja

Entre o Monte Alto e a Mina de São Domingos

CMP 558 / 37º 37' 54''N/37º 38' 8''N / 7º 36' 21''O/ 7º 36' 5''O /150 m.

Troço de uma via romana que ligaria Monte Alto à Mina de São Domingos. Parte do seu percurso encontra-se gravado na rocha. É visível o desgaste provocado pelas rodas dos carros. Possui uma largura de 1,80m.

Lopes, 2003, 36; Palma *et alii*, 2012: 69, nº 47.

12 - 11969; Muralha de Mértola – Cerro do Benfica; Mértola; Beja

CMP 558 /37º 38' 40''N / 7º 39' 37''O / 87 m.

Muralha Idade do Ferro – Romano

Da construção destacam-se alguns troços de muralha, bem como duas torres de planta semicircular, datáveis do século IV-III a. C. A muralha ronda os 5 m de largura e apresenta cerca de 1,5 km de extensão conservada. As duas torres semicirculares, parcialmente escavadas, têm uma largura de 4 e 6 m respectivamente e, nas áreas onde se procedeu à feitura de cortes transversais, a muralha tinha entre 10 e 15 m de largo. Esta muralha foi edificada com materiais de construção locais, constituídos por uma alvenaria de xisto com ligante de terra ou barro. Na parte interior foram construídos vários muros paralelos, dispostos em socalcos. No exterior das torres semicirculares foi observada a construção de muros radicais. Esta técnica construtiva de muros paralelos conferia à construção maior largura e, possivelmente, maior altura. As sondagens efectuadas nos torreões semicirculares revelaram a fragilidade da estrutura que, pelo que é dado a observar, foi alvo de várias reconstruções. Estas incidiram especialmente no reforço da mesma, pois o xisto empregue é bastante friável, desfazendo-se com grande facilidade. Para superar esta dificuldade, os construtores levantaram muros paralelos para o reforço dos preexistentes.

Hourcade, Lopes e Labarthe, 2003: 175-210; Luís; 2003:149. Hourcade e Lopes; 2001: 209. Lopes, 2003: 24-25; Palma *et alii*, 2012: 71, nº 51

13 – 18466; Mértola – Cerro do Convento Velho; Convento de São Francisco; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 38' 14''N / 7º 40' 06''O / 37 m

Fortim Idade do Ferro - Romano

Trata-se de um pequeno fortim retangular implantado na muralha da 2ª Idade do Ferro. São observáveis vestígios de estruturas pétreas que têm como ligante terra. Esta estrutura integra-se num conjunto monumental do qual também faz parte a muralha do Cerro do Benfica.

Sondagens arqueológicas realizadas em 2000.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 72, nº 52

14 – 18466; Convento de São Francisco; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 38' 5,47''N / 7º 40' 0,16''/ 28 m O convento de S. Francisco está implantado num cabeço rochoso fronteiro à vila, junto da confluência da ribeira de Oeiras com o rio Guadiana. A sua construção foi implementada em 1613 pelo cónego Diogo Negreiros (Boiça, 1998, 64).

No local são observáveis restos de *tegulae* e *imbrices* provenientes das imediações da atual edificação. Deste local provém uma inscrição em árabe, encontrada em 1788, fazendo hoje parte do acervo do Museu de Évora (Veiga, 1983: 18 e 146 e Borges, 2001: 186 e 187).

No limite oeste da cerca que envolve os terrenos do convento identificou-se uma estrutura de alvenaria de xisto, fortemente argamassada, e que se encontra derrubada. Pelas dimensões e tipo de aparelho colocou-se a hipótese de se tratar de um reservatório de água, ou de uma possível barragem, pois situa-se a montante dos terrenos com boas aptidões agrícolas.
Veiga, 1983: 18 e 146; Boiça, 1998, 64; Borges, 2001: 186 e 187; Lopes, 2003: 36.

15 - 19286; Além Rio – São Domingos; Mértola; Beja;
CMP 558 / 37º 38' 15''N / 7º 39' 30''O/ 30 m.
Via que saía de Mértola, cruzava o Guadiana para a sua margem esquerda garantindo a ligação, designadamente, a São Domingos. O traçado desta via é visível desde o pontão situado junto aos antigos celeiros da EPAC, até ao sítio da Casa Branca, numa extensão aproximada de 2200 metros e uma largura entre 3 e 4 metros. Utiliza, por vezes, o afloramento xistoso como pavimento apesar de, na sua maior extensão, ser pavimentada com lajes de xisto e terra compactada com pequenas pedras. Em alguns pontos são visíveis os sulcos longitudinais provocados pelos rodados dos carros que por ela circulavam. Ainda se conservam alguns taludes de pedra que criavam patamares artificiais onde a via se implantava. Estas estruturas chegam a atingir dois metros de altura, sendo ainda perceptíveis, junto dos mesmos, as valas que recebiam as águas pluviais e as canalizavam, por vezes subterraneamente, para as bermas da calçada.
Trabalhos de valorização em 1999.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 67, nº 55.

16 - 19386 Mata – Filhos; Mértola; Beja
CMP 550 / 37º 42' 00''N / 7º 43' 56''O /160 m
Povoado Fortificado
Idade do Ferro – Romano República
Situado a cerca de 10 km de Mértola, nos contrafortes da Serra da Alcaria Ruiva, cujo nome antigo era Serra Danes, o cerro domina o largo vale que corre a norte da Serra de São Barão. A área de distribuição de achados, dividida ao meio por uma vedação, estende-se por mais de 2700m2, e encontra-se delimitada, em toda a sua extensão, por uma muralha, por vezes de difícil detecção, por via da densidade da vegetação. A

muralha que circunda o cerro aproveita os afloramentos rochosos para a sua implantação, sendo possível verificar a existência de muros em determinadas zonas, embora seja, sobretudo, denunciada pela presença de taludes de terra. Nas zonas de maior visibilidade, os muros apresentam uma espessura de 2 m, e o talude, na zona nordeste, apresenta cerca de 4,5 m. No lado oeste da muralha, parece existir um pequeno ressalto, podendo-se colocar a questão de ter ou não aí existido uma estrutura adossada à muralha. Os materiais anfóricos recolhidos e identificados reportam para o período republicano.
Trabalhos de prospecção arqueológica realizados em 2003.
Luís; 2003: 363-382, Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 73, nº 56

17 – 21745; Além – Rio; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 00'' N / 7º 39' 48'' O / 28m
Povoado Romano ribeirinho localizado na margem esquerda do Guadiana, frente a Mértola. Durante a cheia de 1876 (?) ficou a descoberto um importante depósito de ânforas republicanas. No atual povoado veem-se restos de capitéis e fustes dos séculos II/IV d.C. Deste sítio saía um empedrado que ligava Mértola à Mina de S. Domingos, como é ainda possível ver ao longo de quase um quilómetro.
Levantamento do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.
Veiga, 1880; Lopes, 2003: 36.

18 - Vargem de S. Brás; Vale de Évora; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 39' 53''N / 7º 40' 03'' O/ 115m
Villa romana. Os trabalhos agrícolas que se desenrolam no local têm deixado à vista restos de cerâmica comum, s*igillata* e cerâmica de construção. Foi recolhido no local *opus signinum* e uma pequena estátua.
Alarcão, 1988b: 200; Lopes, 2003: 36;

19 – 21697; Portela da Amendoeira; Corte Gafo de Baixo; Mértola; Beja
CMP 550 / 37º 43' 38.0''N / 07º 41' 12.1'' / 153 m
Povoado romano. Restos de estruturas, telhas de meia cana e cerâmicas comuns dos séculos VII/VIII d.C.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 17

20 - 21746; Cerro da Antena; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 11''N /7º 39' 14''O / 125m
Povoado romano com vestígios de cerâmicas comuns, *sigillata* e materiais de construção. Sítio sobranceiro à via romana que ligava Mértola à margem esquerda do Guadiana.
Levantamento do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.
Lopes, 2003: 36.

21 - 21702; Erriqueta; Corte Gafo de Baixo; Mértola; Beja
CMP 550 / 37º 43' 20.27''N / 07º 39' 19.32'' O / 115 m
Povoado romano que se estende por uma área aproximada de 1500 m2 onde se encontram cerâmicas comuns, *tegulae* e *sigillata* dos séculos III a V d.C. Quando se procedeu ao arranjo da estrada que passa no o povoado foram encontradas várias moedas que, pela descrição, nos parecem romanas.
Lopes, 2003: 36.

22 - 21689; Mosteiro; Mértola; Beja
CMP 541 / 37º 47' 19''N / 7º 43' 31''O /165m
Povoado romano. Núcleo urbano com ocupação desde os séculos IV-V d.C. São visíveis restos de capitéis e fustes pertencentes a um antigo espaço religioso do século VI- VII. O edifício foi recuperado e encontra-se musealizado. Na escavação que se realizou no exterior foram identificadas cerca de duas dezenas de sepulturas, algumas com adornos. Foram também recolhidos, nas imediações, alguns materiais de decoração arquitectónica em mármore.
Escavação arqueológica e trabalhos de recuperação realizados em 2006-2010.
Lopes, 2003: 36; Lopes *et alii*, 2011; Palma *et alii*, 2012: 74, nº 66

23- 21755; Monte do Bramafão; Lombardos; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 35' 09.2''N / 7º 40' 19.7''O /159 m
Povoado romano. Restos de estruturas habitacionais. Encontram-se cerâmicas comuns, sigillata e *tegulae* e *imbrices*. No local encontram-se vestígios de épocas posteriores, restos de estruturas e materiais cerâmicos característicos dos períodos Medieval, Moderno e Contemporâneo.

Levantamento do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 76, nº 68.

24 - 21721; Vargem da Vaqueira; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 37' 08''N / 7º 39' 40''O / 79m
Povoado romana. Estruturas habitacionais. Fragmentos de cerâmicas comum, ânforas, *sigillata* e *tegulae*.
Levantamento do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.
Veiga, 1880: 17; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 77, nº 69.

25 - 21719; Herdade dos Sapos II; Sapos; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 37' 06''N / 7º 41' 18.31''O /100m
Povoado romano. Fragmentos de cerâmica comum e cerâmica campaniense datáveis dos séculos II-I a.C.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 79, nº 72.

26 - 21742; Calvário I; Namorados; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 51''N / 7º 42' 11''O / 52m
Povoado romano. Restos de cerâmicas comuns e *sigillata*. Tratar-se-ia, provavelmente, de um povoado mineiro.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 80, nº 74

27- 21744; Cela; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 41' 03''N / 7º 42' 57'' O / 150 m.
Povoado romano. Estruturas habitacionais. Cerâmicas comuns, *sigillata* e *tegulae* e uma possível moeda romana. O povoado teria uma área aproximada de 10 000 m2. Encontra-se implantado em bons terrenos agrícolas.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana.
Lopes, 2003: 36;

28 - 21715; Corte da Velha 1; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 40' 56,76 N / 7º 44' 32,54''O /130 m
Povoado romano com ocupação contínua desde o séc. III d.C. Para além de notícias de sepulturas escavadas na rocha no largo da aldeia, foram recolhidas *sigillata*, cerâmicas comuns e de construção.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992
Lopes, 2003: 36.

29 - 21705; Barrinho; Corte Gafo de Cima; Mértola; Beja
CMP 550 / 37º 43' 02''N / 7º 44' 26'' / 198m
Povoado romano. Restos de cerâmicas comuns, *sigillata*, ânforas, *tegulae* e telhas de meia-cana espalhados numa área superior a 12 500 m2.
Lopes, 2003: 36;

30 - 21718; Herdade dos Sapos 1; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 37' 21,08''N / 7º 41' 16,27''O / 90 m.
Romano / Moderno / Contemporâneo
Povoado romano com dispersão de materiais numa área de 100 por 30 metros e com reocupação de época moderna/contemporânea.
Cerâmicas comuns e de construção. Restos de telhas e cerâmicas modernas.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, em 1992.
Lopes, 2003: 36;

31 - 21732; Casas Velhas I; Quintã; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 39' 17,2''N / 7º 37' 47,6''O / 120 m.
Vestígios diversos tardo romano e Medieval islâmico. Dispersão de materiais cerâmicos e de construção por uma área de 50 m2.
Levantamento Arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 113, nº 176.

32 – 21733; Casas Velhas II; Quintã; Mértola; Beja
CMP 558 /37º 39' 23,5''N /7º 37' 33,5''O /128 m
Povoado Romano / Islâmico

Povoado com possível continuidade. Restos de estruturas da última ocupação, séculos IX-X. Encontram-se materiais romanos *sigillata* e *tegulae* e islâmicos cerâmicas meladas verde e manganês. A área do povoado rondaria os 15 000 m2.

Das imediações da localidade da Quintã, freguesia e concelho de Mértola (2012). De mármore branco, com veios cinzentos, de grão grosso. Com as seguintes dimensões: 45 cm x 100 cm x 55 cm. Altura do soco: 10 cm. Campo epigráfico: 22 cm x 33 cm. Incluindo as suásticas: 53 cm de largura.

A cupa funerária está completa e ostenta no dorso três pares de aros gravados; soco bem demarcado, campo epigráfico centrado, delimitado, superior e inferiormente, por ranhura simples, e lateralmente por ranhura, que é interrompida na parte central, na medida em que há, em cada canto, uma suástica gravada. Do ponto de vista estético, é a primeira vez que se regista em cupas do *Conventos Pacensis* este tipo de decoração, embora, como se sabe, a suástica constitua motivo assaz frequente na iconografia romana, nomeadamente em mosaicos.

O lado esquerdo do soco está perfurado, com um orifício circular de 4 cm de diâmetro. Estas aberturas, bem documentadas em vários tipos de sepulturas romanas, estão relacionadas com a prática de libações funerárias, que consistiam na realização de refeições em honra do defunto, no decorrer das quais se vertiam para o interior da sepultura as oferendas.

Apresenta a seguinte leitura epigráfica: D(*iis*) · M(*anibus*) · S(*acrum*) / MARCIANA[M?] / A[…]TO MEMORI/AM · POSVIT VIT [*sic*] /[…] LOVIA […] AN(*norum*) LXV *(quinqueetsexaginta)* Tradução: *Consagrado aos deuses Manes. Marciana… colocou a memória … de 65 anos.* Com uma cronologia situada nos finais do século II d. C.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 117, nº 52; Encarnação e Lopes, 2013: inscrição nº 477.

33 - 12092; Corte de Sines; Mértola; Beja.

CMP 550/ 37º 42’ 24,4’’N / 7º36’ 31,8’’O / 128 m

Vestígios Diversos: Romano/Idade Média/Moderno

À superfície encontram-se fragmentos cerâmicos que se estendem por cerca de 100 m2. Todavia não é visível qualquer tipo de estruturas, facto que pode dever-se à fraca densidade dos solos e aos trabalhos agrícolas.

Rua de acesso à Escola Primária

Projecto: EIA - Sistema Adutor do aproveitamento hidráulico do Enxoé (prospeção). Concelho de Serpa e Mértola.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 178.

34 - 21753; Senhora do Amparo; Corvos; Mértola; Beja

CMP 559 / 37º 38’ 24,1’’N / 7º 35’ 18,9’’O / 262 m

Povoado Romano /Medieval Islâmico

Povoado romano. No local são visíveis importantes estruturas habitacionais. Encontram-se cerâmicas comuns, *sigillata* tardias e telhas de meia cana, datáveis dos séculos V-VIII d.C. Na parte mais alta do povoado encontra-se, atualmente, a capela da Senhora do Amparo onde foram encontrados fragmentos de um pé de altar, em mármore, datável do século VII.

Torres, 1992; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 116, nº 180.

35 - Malhanito I; Monte dos Fernandes; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 37’ 23,6’’N / 7º 36’ 56,5’’O / 148 m.

Povoado romano. Recolheram-se à superfície restos de materiais de construção, *sigillata* e cerâmicas comuns datáveis dos séculos IV/V d.C. Pequena estátua em bronze.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 117, nº 181.

36 – 21738; Cerro da Mina, Monte dos Fernandes, Mértola, Beja

CMP 558 / 37º 37’ 20,2’’N / 7º 38’ 06’’ O / 137 m

Villa romana. Estruturas habitacionais. Cerâmicas comuns, ânforas, *sigillata* e *tegulae*. Restos de mosaico, tesselas bicromáticas e restos de canalizações de chumbo. A villa teria uma área aproximada de 5000 m2. A plantação de pinheiros levou à destruição de uma necrópole que lhe estaria associada.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 119, nº 183.

37 - Mértola-Beja; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º38’39 N / 7º39’47’’O /Troço 1: 37º 36’ 56’’N / 7º 36’ 07’’ O / Troço 2: 37º 37’ 56,7’’N / 7º 36’ 06,9’’O

Troço 1: 168 m / Troço 2: 169 m.

Via Romana. Este caminho é perceptível na zona da mata situada a Norte de Mértola paralela ao complexo desportivo, onde são visíveis numa extensão de 1 km restos de cortes verticais no afloramento, a rocha aplanada a nível do pavimento, restos de calçada e ainda uma valeta situada a montante do caminho e que nalguns pontos conduz as águas pluviais por uma passagem hidráulica de secção quadrangular subterrânea transversal à via. As suas dimensões são: extensão aproximadamente 1 Km largura máxima – 4,20 m mínima 3,40 m.

Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 126, nº 196.

38 - Quinta de Santo António; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 39’ 14,59’’N / 7º 39’ 54,91’’O / 106 m.

Povoado Romano, vestígios diversos.

Entre o cercado da Quinta e o início da floresta detectou-se cerâmica grosseira e *tegulae,* numa área de 50metros. Situa-se nas imediações da Via Romana *Myrtilis – PaxIulia*.

Existem referências orais que referem a existência de materiais romanos e de sepulturas.
Prospeção realizada em 2005.
Lopes, 2003: 36.

39 - Corte Figueira I; Corte Figueira, Mértola, Beja
CMP 551 / 37º 42' 44,5''N / 7º 34' 44,5''O / 170 m.
Vestígios diversos do período Romano - Moderno
No local são visíveis estruturas habitacionais, um curral e muitos materiais cerâmicos e de construção que indicam uma ocupação deste sítio desde, pelo menos, o período romano. Fragmentos de ânfora, cerâmicas comuns, vidradas e telhas de meia cana
Nesta zona existiu uma fonte. Todos os sítios com este topónimo (Corte Figueira) são próximos entre si.
Prospecção realizada em 2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 137, nº 220.

40 – 27650 Cerro do Ouro IV (Noroeste do Porto de Alcácer); Mértola; Beja.

CMP 558 / 37º 38' 54.4''N / 7º 41' 21.9''O / 119 m.
Minas Indeterminado / Contemporâneo
Na margem esquerda da ribeira de Oeiras, tal como se verifica na outra margem, existe um conjunto de sondagens mineiras dispersas por toda a encosta. Na sua maioria são poços (sondagens verticais), alguns deles poderiam ser respiradouros. Foram localizadas duas galerias.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 207, nº 333.

41 – 21700; Portela da Brava; Cerro da Bicha; Mértola; Beja

CMP 550 / 37º 43’ 44,40’’N / 7º 40’ 33,55’’O /164 m

Povoado tardo-romano

Povoado tardo-romano de cronologia dos séculos VI/VII d.C.

Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.

Lopes, 2003: 36;

42 – 21730; Vale de Janeiro 1; Tamejoso; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 36’ 20,27’’N / 7º 35’ 56,19’’ O / 133 m.

Sítio romano de pequenas dimensões com estruturas que rondam os 15 por 5 metros.

No local são visíveis cerâmica comum e materiais de construção cerâmicos.

Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.

Lopes, 2003: 36.

43 – 21731; Vale de Janeiro 2, Tamejoso, Mértola, Beja

CMP 558 / 37º 36’ 08,11’’N / 7º 35’ 45,06’’ O / 107 m.

Povoado Romano

Sítio romano de pequenas dimensões com estruturas que rondam os 10 por 5 metros.

No local são visíveis cerâmica comum e materiais de construção cerâmicos.

Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.

Lopes, 2003: 36.

44 – 21727; Fernandes 2; Monte dos Fernandes; Mértola; Beja

CMP 558 / 37º 37’ 01,62’’N / 7º 37’ 18,31’’O / 117 m.

Romano, Baixo-império

Sítio de pequenas dimensões (20 por 5 metros). No local foram recolhidas cerâmica comum e *sigillata* tardia, de cronologia atribuída dos séculos V / VI d.C.

Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992.

Lopes, 2003: 36.

8.2.1.3 Freguesia de Corte do Pinto

45 - 2558, Povoado e Mina do período Romano; Minas de São Domingos; Corte do Pinto; Mértola; Beja.

CMP 559 / 37º 40' 04,5''N / 07º 29' 05,08''O / 151m. Cemitério dos ingleses: 37º 40' 11.7''N / 7º 29' 33.8''O /175 m.

Povoado e mina dos quais subsistem vestígios da ocupação romana destas minas de exploração de cobre, de que são testemunho poços mineiros e escoriais de fundição de minério, ainda hoje visíveis. Foram identificadas vários fragmentos de cerâmica comum (fundamentalmente pertencentes a grandes recipientes) muitas moedas hispânicas de Emerita, Gades, Segobriga, Cesaraugusta, assim como um áureo de Nero onde se lê: CONCÓRDIA AUGUSTA, cerâmica comum, sigillata, ânforas, colunas, capitéis e bronzes figurativos, tendo ainda sido assinalados restos de lápides funerárias do séculos II-III (Vasconcelos, 1897a: 294). A sul do Cemitério dos Ingleses é possível ver no talude grande quantidade de fragmentos anfóricos.

A extração de importantes quantidades de cobre não se põem em questão, contudo a extração de ouro e prata, de uma forma rentável, são hipóteses a equacionar (Macias, 2006: 315.

A revisão de conhecimentos que tem sido feita em relação às questões da mineração destes povoados, bem como o achado de moedas ali verificado, leva-nos a admitir a exploração deste mina em época islâmica; Macias, 2006: 315).

Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana em 1992.

Lambrino, 1956; Manson, 1865; Moita, 1965; Lima; 1951; Carneiro, 1998; Lopes, 2003: 36; Macias, 2006: 315; Palma *et alii*, 2012: 61, nº 1.

46 - S. Simão; Corte do Pinto; Mértola; Beja;

CMP 551/ 37º 41' 24.8''N / 07º 28' 18.9''O/ 152 m.
Povoado Romano, possivelmente do Baixo Império.
São visíveis restos de estruturas habitacionais, cerâmicas comuns e telhas. Pelas dimensões da área ocupada pelos vestígios arqueológicos, cerca de 400 m2, pode tratar-se de uma estrutura habitacional de pastores.
Estrada de acesso ao Monte da Fonte da Medronheira
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 62, nº 5.

47 – 29224 Convento de Corte da Azinha; Corte da Azinha; Corte do Pinto; Mértola; Beja
CMP 551/ 37º 44' 35''N / 07º 27' 13''O /165 m.
Templo de cronologia indeterminada. No local são visíveis restos de ruínas de uma construção em alvenaria de xisto ligado com argamassa, implantada numa plataforma ladeada por um meandro da ribeira Castelhana. No local observam-se fragmentos de *tegulae* e *imbrices* dispersos numa área de 100m2.
Lopes; 2003: 164; Palma *et alii*, 2012: 121, nº 188.

48 - S. Simão II; Corte do Pinto; Mértola; Beja.
CMP 551 / 37º 41' 30,4''N / 7º 28' 46,1''O / 149 m.
Vestígios diversos de ocupação romana até ao período contemporâneo.
Construção quadrangular, em pedra, junto da qual se encontra uma grande concentração de telhas, escória e cerâmica de diversos períodos cronológicos.
Prospecção realizada em 2004-2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 121, nº 188.

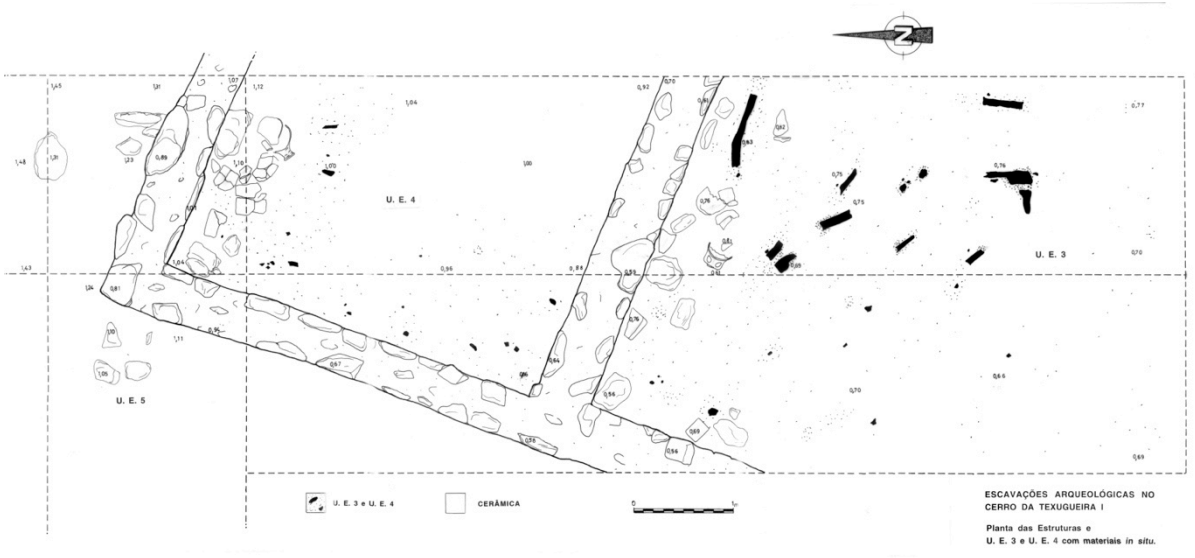
49 - Cerro do Ouro II; Serro do Ouro; Corte do Pinto; Mértola; Beja
CMP 551 / 37º 42' 05,2''N / 7º 26' 51,5''O / 111 m.
Mina. Existem no monte várias galerias e poços de distintas dimensões que poderão corresponder a vários momentos de exploração mineira daquele local.
Prospeção realizada em 2004-2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 123, nº 191.

8.2.1.4 Freguesia de Santana de Cambas

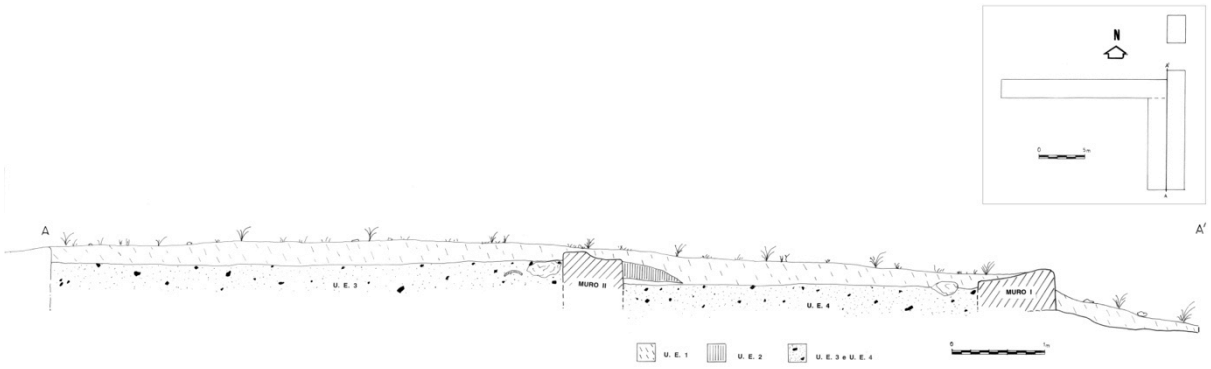
50 - Tamejoso; Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 36' 44''N / 07º 36' 03''O /115 m.
Povoado, Romano
Sob o povoado atual haveria uma ocupação do período republicano. Foram encontrados fragmentos de cerâmica comum.
Lopes, 2003: 36.

51 - Achada da Mina (M.G.); Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 567 / 37º 34' 57''N / 7º 32' 50''O /183 m.
Mina; de cronologia Indeterminada. Mina de chumbo com exploração antiga.
Soares, Araújo, Cabral; 1993: 134; Lopes, 2003: 36.

52 - 21751; Cerro da Texugueira I (local de construção do Rv2); Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 559 / 37º 38' 19,49''N /7º 34' 25,05''O / 196 m.
Povoado Romano



Situa-se num cabeço com boa visibilidade e domínio sobre a paisagem. No topo encontram-se restos de estruturas e os vestígios materiais estendem-se pelo cimo do monte e pela vertente norte, num área aproximada de cerca de 70 m2; foram identificados materiais cerâmicos. Foi alvo de escavação arqueológica em 1997 que proporcionou um escasso espólio: alguns fragmentos de cerâmica comum, de *lateres*, de *tegulae* e *imbrices*. Cabe também destacar que, neste nível, junto do muro referenciado nos trabalhos de prospeção, foi encontrada uma moeda em bronze, em muito mau estado de conservação e vários fragmentos de ânfora que, como no caso anterior, se encontravam bastante fragilizados.



No Cerro da Texugueira existiu, pelo menos, um edifício com dois compartimentos. Os restos conservados dos muros, descritos anteriormente, indicam terem sido construídos com a técnica habitualmente utilizada nas edificações em taipa. Nestas os embasamentos em pedra argamassada com barro servem de suporte à terra apisoada. Desconhecemos as dimensões completas dos dois compartimentos contíguos postos a

descoberto. Apenas sabemos que o compartimento situado mais a norte tinha aproximadamente 3,80 m. de largura. Também não sabemos se os dois compartimentos tinham comunicação entre si ou se tinham outros que lhes estivessem associados. Não podemos precisar com exatidão a cronologia do sítio, apenas podemos afirmar que se tratava de uma estação de época romana, talvez do séc. II d.C., tendo como elementos de datação mais importantes a presença de *tegulae* e de ânfora.
Levantamento Arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.
Projecto: EIA - Sistema Adutor do aproveitamento hidráulico do Enxoé (prospeção). Concelho de Serpa e Mértola.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 108, nº 170.

53 – 21752; Cerro da Texugueira II; Santana de Cambas; Mértola; Beja.
CMP 559/ 37º 38' 16,5''N / 7º 34' 14,4'' O/ 226 m.
Povoado Romano. Na plataforma inferior do cerro, com cota média de 200m, situa-se uma zona com dispersão de cerâmica de aproximadamente 100 m2 e, na vertente NE, vestígios de estruturas. Parcialmente destruído aquando da construção do caminho aberto para as obras de construção do Rv2.
Levantamento Arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.
Projecto: EIA - Sistema Adutor do aproveitamento hidráulico do Enxoé (prospeção). Concelho de Serpa e Mértola.
Lopes, 2003: 36.

54 - Curral do Pereiro; Bens; Santana de Cambas Mértola; Beja
CMP 559 / 37º 35' 46,1''N / 7º 31' 16,8''O / 125 m.
Povoado romano. Pequeno núcleo habitacional com restos de estruturas. Encontram-se cerâmicas comuns, cerâmicas de construção e *tegulae*.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 111, nº 174.

55 - Pouso das Mós (Marco Geodésico); Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 559 / 37º 36' 26'' N / 7º 35' 02,9''O / 170 m.
Povoado Romano / Medieval / Moderno

Dispersos por uma área bastante razoável são visíveis materiais de construção, *tegulae*, telhas de meia cana e cerâmica comum. No local existem muitas pedras e afloramentos rochosos.
Estrada Municipal 1153
Prospeção realizada em 2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 127, nº 199.

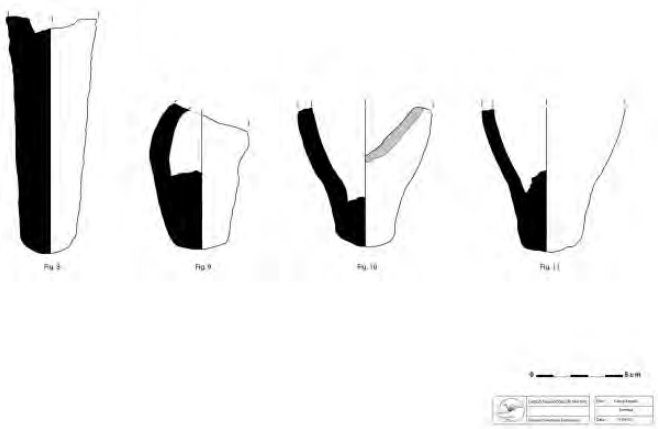
56 –27821; Alcarias I - (ou Zalcarias) Picoitos; Santana de Cambas; Mértola Beja
CMP 567 / 37º 33' 45,5''N / 7º 33' 36,6''O / 117 m.
Vestígios diversos Romano /Medieval
No local existe um curral e vestígios de outras estruturas. Há também cerâmica e materiais de construção dispersos ao longo de uma vasta área: *tegulae*, telhas de meia cana com dedadas e meandros e cerâmica comum.
Prospeção realizada em 2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 128, nº 201.

57 - Cerro de Nossa Senhora, Bens, Santana de Cambas, Mértola, Beja
CMP 559 / 37º 35' 46,0''N / 7º 31' 00,5''O/ 135 m.
Povoado Romano. O povoado estende-se por um pequeno cerro entre Bens e a ribeira do Chança. No local não são visíveis estruturas mas os vestígios materiais estão dispersos por toda a plataforma: *tegulae*, *sigillata*, cerâmica comum e uma armela em bronze.
Prospeção realizada em 2005.
Palma *et alii*, 2012: 131, nº 206.

58 - S. Bento, Santana de Cambas, Mértola, Beja.
CMP 559 / 37º 37' 41,1''/ 7º 30' 50,2''O / 83 m
Capela Moderno - Contemporâneo
Capela em ruínas que, provavelmente, foi construída sobre um povoado mais antigo. Na parede

norte da capela existe um fragmento de mármore. A capela encontra-se numa antiga zona de escorrimento das águas fortes da Mina de S. Domingos. A sul da capela existe um moinho também em ruínas.
Prospeção realizada em 2005.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 132, nº 210.

59 -29267; Zureira II; Santana de Cambas; Mértola; Beja.
CMP 567 / 37º 33' 59,2''N / 7º 31' 59,2''O / 146 m.
Vestígios de superfície Romano (?), pequeno cerro com dispersão de materiais cerâmicos e de construção. Cerâmica comum, *sigillata* e *tegulae*.
Prospeção realizada em 2005.
Palma *et alii*, 2012: nº 229.



60 - 27824 Cabrassada; Santana de Cambas, Mértola, Beja
CMP 567 / 37º 33' 19,1''N / 7º 33' 59,5''O / 68 m.
Povoado romano ribeirinho situado numa pequena plataforma, na margem esquerda, sobranceira ao rio Guadiana. Nesta plataforma, com cerca de 100m2, são visíveis restos de muros, materiais cerâmicos e de construção como *tegulae*, cerâmica comum, fundo de ânforas.
Prospeção realizada em 2005.
Palma *et alii*, 2012: 142-143, nº 234.

61 – 21713; Cabana do Gil; D. Pedro**;** Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 551 / 37º 44' 50,27''N / 7º 34' 13,22''O / 190
Necrópole Romana

De acordo com informações orais existirá uma necrópole romana, de cronologia e dimensões indeterminadas.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, em 1992.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 142-143, nº 378.

62 - 21714; Vale Formoso 2; Campo Experimental do Vale Formoso; Santana de Cambas; Mértola; Beja
CMP 551 / 37º 45' 32,43''N / 7º 34' 02,03''O / 190 m.
Necrópole. De acordo com informações orais assinala-se a presença de uma necrópole. No local foram recolhidos fragmentos de cerâmica de época romana (fundos de ânfora).
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 399.

63 - 21750 Sapos; Santana de Cambas; Mértola; Beja.
CMP 559/ 37º 39' 12,97''N / 7º 32' 03,05''O / 130 m.
Povoado romano com ocupação contínua até ao período islâmico, de dimensões apontadas de 110 por 90 metros. No local foram encontrados fragmentos de cerâmica (*tegulae* e *imbrices*).
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, realizado em 1992
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 413.

8.2.1.5 Freguesia de São João dos Caldeireiros

64 - 11968; Romeiras; São João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 557 / 37º 38' 06''N / 7º 48' 28'' O/ 153 m.
Povoado Romano. Cabeço sobranceiro a Romeiras e ao Barranco das Chadas que, na sua zona de topo, numa área de 100x50m, apresenta bastantes vestígios de materiais de construção romanos. Atualmente o muro que cobre o topo do sítio, de cronologia indeterminada poderá utilizar pedras de algumas zonas mais antigas, que não são, no

entanto, visíveis. É esta a zona central e de maior concentração do sítio, mas os vestígios estendem-se nas vertentes a sul para a EN 504 que aí a terá afectado, ainda que seja de referir que nessa área o afloramento da rocha base seja já perceptível em vários pontos (situação semelhante a oeste do sítio).
Materiais de construção romanos.
Levantamento realizado em 1997.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 133.

65 - 4851; Herdade da Gralheira; São João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 557 / 37º37'06 N / 7º46'46''O
Tesouro de moedas romanas constituído por 400 denários da época de Augusto (Viana, 1958: 45-47; Viana, 1959: 46-48; Alarcão, 1988a: 201).
Na carta só existe Cerro da Gralheira.
Viana, 1958: 45-47; Viana, 1959: 46-48; Alarcão, 1988b: 201; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 134.

66 - Água Santa I; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 558 / 37º 38' 27''N / 7º 44' 20''O / 100m
Mina, Indeterminado / Romano
Mina de cobre (?) com exploração antiga, talvez romana.
Palma *et alii*, 2012: nº136.

67 - Penilhos; S. João dos Caldeireiros; Mértola Beja
CMP 557 / 37º 39' 11''N / 7º 50' 22''O / 253 m.
Povoado Romano
Sítio arqueológico com cerca de 3500m2 de área, onde são visíveis *tegulae* e cerâmicas comuns.
Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 139.

68 - S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja.
CMP 557 / 37º 37' 04''N / 7º 46' 42''O /186 m.
Povoado Romano. Núcleo urbano com ocupação pelo menos desde os séculos IV/V d.C.
Torres, 1992: 195; Boone, 1993: 379; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 142.

69 - Barranco do Pocinho; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja.
CMP 557 / 37º 36' 13''N / 7º 49' 16''O / 171m.
Povoado romano com vestígios de cerâmicas comuns e *tegulae*. Sítio arqueológico com dimensões aproximadas de 2500 m2. Não há vestígios visíveis de estruturas.
Boone, 1993: 388. Lopes, 2003: 36; Palma *et alii,* 2012: nº 147.

70 - Monte Velho; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 557 / 37º 35' 54''N / 7º 51' 05''O / 189 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico
Povoado com ocupação entre os séculos III/IV e X/XI d.C. Cerâmicas comuns, *tegulae*, telha de meia-cana, cerâmicas meladas.
Boone, 1993: 379-389; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 150.

71 - Herdade de Santa Maria; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja.
CMP 565 / 37º 35' 53''N / 7º 49' 43''O / 97 m.
Povoado romano com restos cerâmicos e vestígios de estruturas habitacionais.
Boone, 1993: 389; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 152.

72 - Costa I; Monte Costa; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja.
CMP 565 / 37º 35' 23''N /7º 47' 44''O/ 168 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico
Povoado com ocupação entre os séculos III/IV e X/XI d.C.. Cerâmicas comuns, *tegulae* e *imbrices*, telha de meia-cana e cerâmicas meladas.
Boone, 1993: 389; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº154.

73 - 17540; Costa 2; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 565 / 37º 35' 49''N / 7º 48' 32''O / 222 m.
Povoado/Alcaria Antiguidade tardia e Medieval Islâmico
Zona de pedra e telha espalhada sobre uma área de 4000m2. Foi escavado um pequeno conjunto habitacional, com entrada autónoma para cada compartimento, com restos de cerâmica e vestígios de uma lareira. A datação de rádio-carbono apontam para duas ocupações, uma mais antiga situada entre 650 e 850 d.C., e outra mais recente situada

entre 900 e 1150 d. C., o que poderá corresponder a duas ocupações do sítio (Boone, 2001: 113-115; Macias, 2006: 310).
Projeto de investigação sobre o povoamento do período islâmico, realizado em 1995.
Boone, 2001: 113-115; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: nº 155.

74 - Cerro da Loisa I; Herdade de Santa Maria; S. João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 565 /37º 34' 57''N / 7º 49' 08''O /193 m.
Povoado romano com restos cerâmicos comum.
Boone, 1993: 389; Boone, 2001: 113-115; Lopes, 2003: 36; Macias, 2006: 310; Palma *et alii*, 2012: nº 156.

75 - 17534; Raposeira; São João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 565 / 37º35'13,13''N/ 7º49'12,72''O /179 m
Povoado romano /Medieval islâmico
Identificados muitos vestígios cerâmicos à superfície, de épocas transicionais. A datação de rádio-carbono aponta a hipótese de uma ocupação 650 e 950 (Boone, 2001: 113-115; Macias, 2006: 311).
Projeto de investigação sobre o povoamento do período islâmico, realizado em 1995.
Boone, 2001: 113-115; Lopes, 2003: 36; Macias, 2006: 311; Palma *et alii*, 2012: nº 158.

76 - 17539 Queimada; São João dos Caldeireiros; Mértola; Beja
CMP 565 / 37º32'52,86''N; 7º47'55.18''O; 196m
Medieval Islâmico
Zona de pedra e telha espalhada sobre uma área de 5000m2. Pequeno conjunto habitacional , com vestígio de lareira. As datações de rádio-carbono levantam a hipótese de duas ocupações, a mais antiga entre 550 e 750 d.C., e a segunda entre 700 e 950 d.C. (Boone, 2001: 113-115; Macias, 2006: 311).
Projeto de investigação sobre o povoamento do período islâmico, realizado em 1995.
Boone, 2001: 113-115; Lopes, 2003: 36; Macias, 2006: 311; Palma *et alii*, 2012: nº 159.

8.2.1.6 Freguesia de São Sebastião dos Carros

77 -68 Cerro do Castelo do Papa Leite; São Sebastião dos Carros; Mértola; Beja
CMP 565 / 37º 33' 56''N / 7º 46' 58'' O / 140 m
Fortificação romana acastelada do século I a.C. e abandonada no século I/II d.C. Este tipo de fortificações está implantado junto à faixa piritosa e, segundo alguns autores, estas estruturas estarão relacionadas com o armazenamento e posterior escoamento do minério explorado no norte do barlavento algarvio, sul do Baixo Alentejo e sul do distrito de Setúbal. À superfície recolhem-se *tegulae*, sigillata e cerâmicas comuns. Um fragmento de sigillata clara D, recolhido à superfície, comprova a reocupação do sítio à volta do século IV, muito provavelmente como *villa* agrícola.
Prospeção realizada em 1971.
Alarcão, 1988: 203; Beirão, 1976: 60; ; Boone, 1993; Fabião, 1992: 219; Lopes, 2003: 36; Palma *et alii*, 2012: 87, nº 98.

78 - Capela de São Bartolomeu; São Sebastião dos Carros; Mértola; Beja.
CMP 566 / 37º 30' 54,3''N / 7º 42' 11,2''O / 188 m.

Pequeno templo/igreja situada junto a um povoado abandonado, num sítio ermo e distante da povoação mais próxima, no entanto, continua aberta ao culto com um cemitério ao lado. Do interior do templo provém dois fragmentos de pé de altar, uma possível cancela e uma imposta, em mármore.
Lopes, 2003: 161-162; Palma *e talii*, 2012: 175, nº 277.

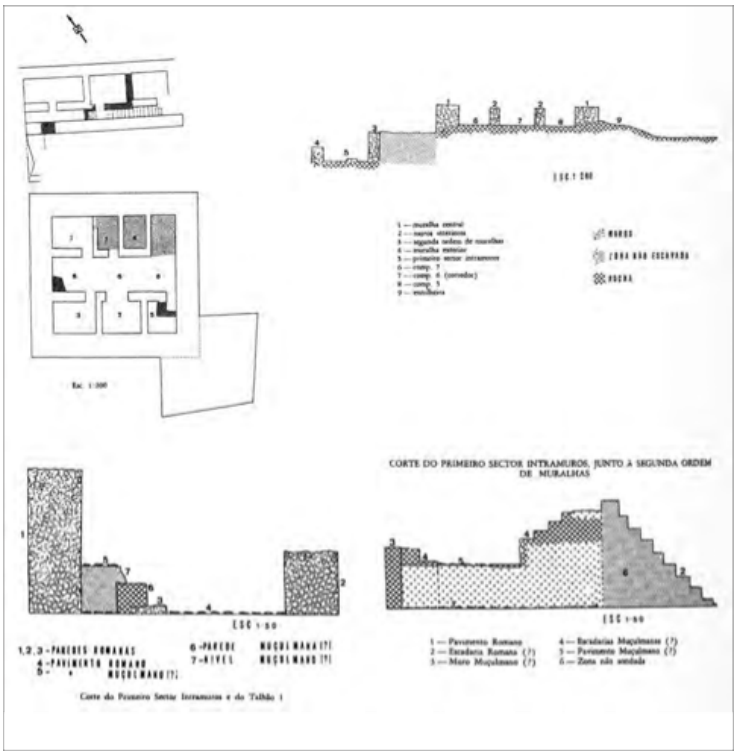
79 - São Bartolomeu II; Via Glória; São Sebastião dos Carros; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 30' 3,2''N / 7º 42' 16,2''O / 212 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico

A norte da Capela de São Bartolomeu, junto à estrada de acesso à mesma, existe uma elevação (cerro) com algumas oliveiras e pedras na qual se encontrou bastante cerâmica, principalmente do período Romano (fragmento de dólium e de ânforas) e também do período Medieval Islâmico (telhas e cerâmicas comuns). Deste cerro vê-se o povoado de São Bartolomeu.
Lopes, 2003: 161-162; Palma *et alii* 2012: 175, nº 277.

80 - Alcarias II; Vargens; São Sebastião dos Carros; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 30' 18''N / 7º 44' 25,1''O / 196 m.
Vestígios de Superfície Tardo Romano
Junto a um curral, não muito longe das Alcarias I encontrou-se uma nova concentração de cerâmica, sobretudo telhas grosseiras e cerâmica de pastas claras. Existe material por toda a encosta este, a qual chega até um pequeno ribeiro. Verificou-se também um aglomerado de pedras que parece ter sido de um muro.
Palma *et alii*, 2012: nº 288.

8.2.1.7 São Miguel do Pinheiro

81 - 1186 Castelo de Manuel Galo; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja
CMP 565 / 37º 31' 56'7N / 7º 47' 59'O / 229 m
Sítio constituído por duas plataformas, quase planas, que correspondem a duas ordens de muralhas, uma num plano inferior à outra.
Numerosos fragmentos
de ânfora (Dressel 1 e Lamboglia 1c), cerâmica negra brunida por faixas e com decoração a roleta, fragmentos de almofariz, fragmentos de cerâmica fina, três peças do período de Augusto, cerâmica campaniense, uma moeda ibérica (entre 82 e 40 a.C.), uma lucerna do período republicano, fragmento de Terra Sigillata Clara A (entre 70-80 d.C.), um fragmento de lucerna datado de finais do século I d.C.
Escavação realizada em 1971 e 1973.
Maia, 1974: 325-332; Alarcão, 1988b: 203; Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: 90, nº 105.



82 - Barranco do Cigano (Cerro do Cigano); Monte Pereiras; S. Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja

CMP 565 / 37º 34’ 23’’N / 7º 50’ 16’’O / 206 m.

Povoado romano com vestígios de *tegulae*, telha de meia-cana e cerâmicas comuns dispersas por uma área de 2000 m2.

Boone, 1993: 388; Lopes, 2003: 33; Palma *et alli*, 2012: nº 119.

83 - Ribeira de Carreiras; Monte Pereiras; S. Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja

CMP 565 / 37º 34’ 10’’N / 7º 49’ 03’’O / 149 m.

Povoado romano com vestígios de estruturas habitacionais. Cerâmicas de construção e comuns.

Boone, 1993: 388; Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: nº 120.

84 - Pereiras; Monte Pereiras; S. Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja

CMP 565 / 37º 34’ 40’’N/ 7º 49’ 26’’O / 164 m.

Povoado romano. Cerâmicas de construção e comuns.

Boone, 1993: 379; Lopes, 2003: 161-162; Palma *et alii*, 2012: nº 121.

85 - 27747Góias 2; Góis; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja.

CMP 565 / 37º 32’ 44,9’’N / 7º 47’ 50,9’’O / 225 m.

Povoado Tardo Romano / Medieval

A este do marco geodésico de Góias existem estruturas, alinhamentos de pedras bem talhadas, telhas grosseiras com meandros. A cerâmica é comum e de pasta branca com areias e micas. Existe também um pequeno curral, em volta do qual, e por toda a encosta este, se detetam bastantes telhas, pedras e cerâmicas.

Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: nº 298.

86 - Cerro dos Currais; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja.

CMP 565 / 37º 32’ 41,7’’N / 7º 49’ 45,8’’0 / 222 m.

Vestígios diversos. Restos de estruturas, aparentemente para gado, mas que terão aproveitado as pedras já ali existentes de possíveis estruturas habitacionais. A sul destas estruturas encontrou-se fragmentos de telhas, ânforas e um fragmento de *sigillata*.

Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: nº 302.

87 - Cerca da Eira; Serranos; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja

CMP 565/ 37º 32’ 24,2’’N / 7º 51’ 37,4’’O / 190 m.

Povoado com vestígios de superfície Tardo Romano / Medieval Islâmico

Cerca junto ao monte onde existem bastantes telhas com meandros, com o bordo com dedadas, cerâmica comum e cerâmica de pasta acastanhada e com muitas micas. Não se detetou qualquer tipo de estruturas mais antigas.

Informações orais recolhidas no monte dizem que sempre existiram muitas telhas antigas por toda a cerca.

Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: nº 304.

88 - 19123; Herdade do Cerro Alto 8; Diogo Martins; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja

CMP 565 / 37º 30’ 33,7’’N / 7º 46’ 36,8’’O / 241 m.

Povoado tardo Romano / Medieval Islâmico

Povoado localizado numa elevação onde existem oliveiras, um pequeno curral e bastante material cerâmico, sobretudo cerâmica romana, com muitas micas, pastas castanhas escuras e cerâmica islâmica. Detetou-se fragmentos de ânforas, de cântaros e de alguidares.
Prospeção realizados em 2006.
Palma *et alii*, 2012: nº 305.

89 - Graciosa; Diogo Martins; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja.
CMP 565 / 37º 30' 43,7''N / 7º 47' 31,1''O / 241 m.
Vestígios de superfície tardo Romano / Medieval
Junto a um pequeno curral e por toda a encosta este existe uma grande quantidade de telhas com dedadas, telhas grosseiras com o bordo largo e cerâmica de pastas brancas e com micas.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: nº 306.

90 - Cerca do Covão; Diogo Martins; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja.
CMP 565 / 37º 30' 19,5''N / 7º 46' 45,5'' O / 234 m.
Povoado tardo Romano / Medieval Islâmico
Cerca com cerca de 200m2 de área pela qual se dispersam bastantes telhas planas, de meia cana com dedadas e meandros, de pasta. A cerâmica é maioritariamente comum, de pasta clara com areia, asas de cântaras e bastantes pedras, sobretudo na zona mais elevada desta cerca.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 192, nº 307.

91 –27727; Montinho1; Roncão; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 28' 24,4''N / 7º 48' 27,8''O / 295 m.
Povoado Romano / Medieval / Moderno
Zona de um antigo monte/povoado onde se verificam grandes quantidades de pedras juntas em montes e bastantes estruturas de habitações, currais, entre outros. A área é bastante alargada, plantada com oliveiras e amendoeiras, estendendo-se por toda a

encosta este, virada à Ribeira do Vascão. A cerâmica detectada é comum, registando-se também telhas.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 195, nº315.

92 - 27752; Cerro do Castelo; Monte Santana; São Miguel do Pinheiro; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 28' 20,6''N / 7º 50' 07,4''O / 285 m.
Povoado Tardo Romano / Medieval Islâmico
Plataforma a SW dos Montes Santana, onde são visíveis restos de estruturas e muitos materiais cerâmicos, sobretudo telhas de meia cana com dedadas e meandros
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 201, nº 324

93 - Ermida de Stª. Ana; Monte Santana, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja,
Carta Militar de Portugal, nº 573 /37º28'29,6'' N / 7º49'46,5'' O /279 (m)
A origem antiga deste edifício parece inquestionável, apesar de as obras que nele ocorreram no século XVIII, parecer terem substituído os anteriores momentos construtivos. No entanto destaca-se um fragmento de um friso de mármore branco, provavelmente romano, reaproveitado no degrau do altar mor. O reaproveitamento destas peças de mármore, no degrau que marca o altar mor, ocorreu também no caso do templo de S. Bartolomeu.
Inédita

8.2.1.8 Freguesia de S. Pedro de Sólis

94 - Ermida de St.º André; São Pedro de Sólis; Mértola
565 / 37º 31' 55.9''N / 7º 53' 28.1''O / 229 m
Ermida Medieval / Moderno
O edifício em ruína localiza-se num sítio bastante isolado, junto à ribeira de Carreiras, onde apenas existe outra ruína de uma casa de apoio aos romeiros. Nas paredes da ermida detectamos fragmentos de mármore e restos de opus, o que demonstra a antiguidade do templo, todavia desconhecida – "(...) o visitador Santiaguista que a

vistoriou no ano de 1515 afirma que era muito antiga e que não existia mesmo memória de quem a fez e edificou"(Boiça; 1998: 130-131).
Boiça, 1998: 130-131; Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012:214, nº 344.

95 – 1052; Monte do Castelejo; A-de-Frades; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja.
CMP 573 / 37º 28' 44''N / 07º 53' 04.80'O / 230 m.
Povoado Romano / Medieval / Moderno
Antigo monte em ruínas. Restos de estruturas habitacionais, em pedra bem talhada, forno e estruturas de apoio (curral e arramada). Encontram-se materiais medievais e romanos.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 208, nº 344.

96 - Courela dos Cavalos; Zurral; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja.
CMP 574 / 37º 28' 15.8'' / 7º 51' 30.0''/ 290 m
Povoado Romano / Medieval
Pequena elevação a sul do monte Zurral onde são visíveis alguns alinhamentos, muitos materiais cerâmicos, sobretudo de construção. Atualmente existe neste local uma plantação de pinheiro.
Telhas caraterísticas do período tardo-romano e cerâmica comum de pastas claras e avermelhadas, escória e muitos seixos.
Um morador do monte Zurral informou-nos de que "os mais antigos diziam que ali devia ter morado um ferreiro", devido à quantidade de escória encontrada.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 209, nº 337.

97 - 27767 Cerro da Ameixeira; Monte do Castelejo; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 28' 25.6''N / 07º 53' 48.4''O / 292 m.
Vestígios diversos Romano / Medieval / Moderno / Contemporâneo
Elevação a norte do monte do Castelejo onde existe uma cerca para o gado. Dentro deste recinto detetamos alguns alinhamentos e encontramos materiais cerâmicos caraterísticos dos períodos romano e medieval islâmico.
Prospecção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: nº 340.

98 - Torrejão; Quintã Dona Maior; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja.

CMP 573/ 37º 29' 29,7''N / 7º 51' 52,6''O / 260m

No local existe um imponente bloco de opus *caementicium,* chamado localmente de "Torrejão". Trata-se, provavelmente, de um elemento construtivo pertencente aos restos de uma barragem. Sustenta esta hipótese a sua proximidade de um curso de água e a sua semelhança com outros blocos existentes em barragens romanas do Alentejo e Algarve. No entanto não colocamos de parte que esta estrutura, com mais de 2 m de altura, possa ter pertencido a um mausoléu familiar, como ocorre nas necrópoles romanas de Pisões (Beja) ou o mausoléu da Quinta da Romeira de Baixo (Loures).

A estação arqueológica situa-se no lado direito da estrada de acesso à Quintã Dona Maior.

Prospeção realizada em 2006.

Lopes, 2003: 33; Palma *et alii,* 2012: 214, nº 328.

99 - Cerro da Pedra Longa; Quintã; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja

CMP 573 / 37º 29' 16,3''N / 7º 51' 45,4''O / 331 m.

Necrópole

Cerro a este do Cerro do Castelo, onde são visíveis algumas lajes soltas e pequenos fragmentos de mármore, os quais podem estar relacionados com sepulturas.

Habitantes da Quintã informaram-nos que neste cerro "existia um cemitério" e de ali terem encontrado enterramentos.

Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: 205, nº 329

100 - 27763 Cerro da Quintã; Quintã; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 29' 10,8''N / 7º 52' 08,6''O / 321 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico
Grande área com restos de estruturas, pedras talhadas, muitas telhas e cerâmica. Encontram-se no local fragmentos de telhas de meia cana, cerâmica comum e fragmentos de *tegulae*.
Prospeção realizada em 2006.
Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: 206, nº 330.

101 - 4829 Quintã de Dona Maior; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 29' 32'' N/ 7º 51' 43''O / 304m
Villa Romana com restos de alicerces, de *opus signinum* e vestígios de mosaicos. Cerâmicas de construção e domésticas. Grande número de *tegulae*, terra *sigillata* hispânica, *terra sigillata* clara. Restos de fustes de coluna em mármore reutilizados na construção de um forno.
Beirão, 1976: 60; Alarcão, 1988b: 203; Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: 214, nº 330.

102 - 1052 Monte do Castelejo; São Pedro de Sólis; Mértola; Beja
CMP 573 / 37º 28' 06.8''N / 7º 53' 46,2''O / 307 m.
Vestígios diversos, Romano e Medieval
Ruínas com cerâmica comum de superfície. Detetou-se também, no cimo do cerro, um forno, possivelmente de cerâmica (?), com câmara de cozedura debaixo da terra e de um pequeno muro em pedra.
Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: 104, nº 160.

8.2.1.9 Freguesia Espírito Santo

103 - 1031; Cerro da Amendoeira; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 34' 04''N / 7º 36' 19'' O /149 m.
Necrópole romana. Necrópole que se encontra violada.
Levantamento arqueológico dos concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim e Loulé realizado em 1971.
Palma *et alii*, 2012: 84, nº 93.

104 - 21757; Senhora das Neves/ Cerca das Alcarias; Mesquita; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 567 / 37º 32' 20'' N / 7º 31' 54''O /151 m.
Povoado Romano, Medieval Islâmico Moderno
Povoado romano e islâmico. Núcleo urbano, com duas ocupações distintas e uma área aproximada de 40 000 m2. São visíveis restos de estruturas habitacionais. Cerâmicas comuns *tegulae* e telhas de meia cana dos séculos VI-VIII. A capela de N. Senhora das Neves (antiga Santa Maria de Froles), possui uma coluna de mármore finamente decorada com caneluras verticais. No templo atual está reutilizado um pequeno fuste de coluna como pia de água benta.
No povoado do mesmo nome existem fustes de coluna de mármore, reutilizados nas paredes de alvenaria de xisto, que formam uma cruz.
Levantamento arqueológico do Parque Natural do Vale do Guadiana, 1992.

Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: 85, nº 94.

105 - Colgadeiros; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 567 Sítio não localizado.
Villa Romana, restos cerâmicos dispersos junto ao monte dos Colgadeiros.
C.A.M., 1993.
Palma *et alii*, 2012: 85, nº 95.

106 -29198 Cerro da Serra Áspera, Almoinha Velha, Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 33' 29.5''N / 7º 38' 28.2''O / 190 m.
Povoado Romano//Medieval
Grande área junto a um curral, com restos de estruturas e forte dispersão de cerâmica. Existem sobretudo fragmentos de telhas, arredondadas nos cantos e com dedadas.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: nº 245

107 - 27698 Curral da Oliveiras das Partilhas; Lombardos; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 34' 28.5''N / 7º 39' 13.0''O / 172 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico
Na encosta este do cerro da Oliveira das Partilhas existe um curral de grandes dimensões. Dentro deste verificou-se a existência de grande quantidade de cerâmica comum e telhas de meia cana com dedadas e meandros. Destaca-se fragmentos de ânfora e *tegulae*.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 85, nº 251.

108 - Curral da Eira Caiada; Mesquita; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 567/ 37º 32' 36.8''N / 7º 32' 04.4'' O /126 m.
Povoado Romano / Medieval Islâmico
Dispersão de materiais cerâmicos junto de um curral de pedra, por um área de aproximadamente 100m2. Localiza-se a este da Eira Caiada. Os materiais encontrados são constituídos por *tegulae*, ladrilhos, telhas de meia cana e cerâmica comum.
Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: 158, nº 255.

109 - Cega; Alcaria do Javazes; Espírito Santo, Mértola, Beja
CMP 566 / 37º 30'47,2''N / 7º 36' 49,6'' O / 175 m.
Vestígios diversos Romano/Medieval
Pequeno curral em pedra, por onde se dispersa cerâmica comum, com pasta clara. A quantidade de material é maior na zona poente do recinto e fora do mesmo.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: nº 267.

110 - Campilho; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 32' 31,4''N / 7º 38' 08,9''O / 194 m.
Povoado Romano/Medieval Islâmico
Restos de estruturas onde se verifica a existência de diversos tipos de construção, com taipa, pedra, pedras com telhas e tijolos. No meio destas estruturas habitacionais são visíveis alinhamentos de outras, talvez mais antigas. Por toda a área há uma dispersão de cerâmica comum, telhas, bastantes tijolos e adobes queimados e um fragmento de *tegulae* de pasta branca. Registou-se também a existência de uma pedra com a marca de gonzo de porta. Localiza-se numa pequena elevação a noroeste do Espírito Santo.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: 168, nº 270.

111 - Alcarias; Moinhos de Vento; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 33' 08,1''N / 7º 42' 03,6''O / 195 m
Povoado Romano / Alcaria / Medieval Islâmico
Alcarial onde se verificam alguns alinhamentos em pedra de possíveis estruturas habitacionais. Toda a zona está cercada com um muro de pedras de xisto, o qual se encontra parcialmente destruído; existem bastantes oliveiras velhas, numa área de 150m2. Detetaram-se bastantes telhas de meia cana, com meandros e dedadas, cerâmica vidrada, comum, de construção, asas de bilhas islâmicas (século XII), algumas tegulae e fragmentos de ânforas.
Parcialmente destruído por um projeto de florestação.
Prospeção realizada em 2006.

Palma *et alii*, 2012: 172, nº 270.

112 - Portela da Vila; Moinhos de Vento; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP 566 / 37º 33' 56,8'' N / 7º40' 59''O / 208 m.
Povoado com vestígios diversos tardo Romano / Medieval
Curral em pedra dentro e fora do qual se encontrou cerâmica comum, de pasta clara, telhas grossas. Encontrou-se uma pedra com uma marca arredondada, que teria servido de mó ou pia para animais. Existem oliveiras, muitas pedras soltas e nuns 100m2 existem bastantes telhas planas e grosseiras. Cerâmica comum, de pastas claras, telhas grossas e uma pedra com uma marca arredondada.
Prospeção realizada em 2006.
Palma *et alii*, 2012: nº 285.

113 - 27709 Cerro dos Pedregais; Espírito Santo; Mértola; Beja
CMP: 567 / 37º32'33''N 7º31'42''O / 117 m
Povoado com vestígios diversos tardo Romano / Medieval islâmico
Plataforma onde se verifica a existência de aglomerados de pedras e cerâmicas. Os vestígios estendem-se por toda a encosta virada a Este e são constituídos por fragmentos de *tegulae*, cerâmica comum e telhas de meia cana com dedadas e meandros. Fragmento de asa de ânfora
Trabalhos: A Carta Arqueológica de Mértola 2006
Palma *et alii*, 2012: nº 259

114 - Barranco do Azeite, S. Pedro de Sólis, Mértola, Beja. Sítio não localizado na cartografia.
Villa romana. Restos de alicerces, cerâmica comum, fundos de ânforas e uma balança de cobre.
Veiga, 1880: 15; Alarcão, 1988b: 203; Lopes, 2003: 33; Palma *et alii*, 2012: nº 164.

Conclusões

Num trabalho desta natureza é, sem dúvida, complexo abordar a questão das conclusões. Primeiro, porque uma considerável parte das mesmas é apresentada ao longo dos sucessivos capítulos, na sequência do processo de análise dos vestígios arqueológicos, na busca de uma interpretação para os mesmos. Segundo, porque o conhecimento que temos desta época é ainda parcelar e fragmentário, e por isso, as conclusões apresentam-se muitas vezes mais como dúvidas e hipóteses interpretativas do que como certezas comprovadas. Basta lembrar que esta época histórica é em si mesma, conturbada, com convulsões políticas constantes, uma economia em reorganização, uma dinâmica cultural agitada, em que nem sequer a emergente religião cristã correspondia a uma matriz de pensamento uniforme e generalizada.

No entanto, não há a menor dúvida de que o conhecimento científico sobre a Antiguidade Tardia foram ampliadas, e a riqueza patrimonial de Mértola foi claramente alargada com a investigação arqueológica que está na base desta dissertação.

Uma das primeiras conclusões que se pode apresentar prende-se com o menor papel da agricultura na formação e acumulação de riqueza no território mirtilense.

Depois das convulsões sociais do século III d. C., que agitam todo o Império Romano, imprimindo, igualmente, uma nova dinâmica de ocupação e exploração da terra no Sul da Lusitânia, multiplicam-se as grandes e luxuosas *villae*, com especial incidência nas terras fundas do Baixo Alentejo, em detrimento dos centros urbanos. Mas, tal como sucedera em época anteriores, também nesta etapa a cidade não promoveu o povoamento do território ou então a fraca qualidade dos solos não permitia a existência de explorações agrícolas do tipo das existentes nas terras dos barros de Beja. O porto de Mértola não perde a sua importância económica, mantendo em grande atividade as suas relações comerciais com o Sul. E será ao longo do Guadiana, nos terrenos de aluvião que acompanham o curso do rio, propícios à plantação de um pomar ou vinha, que vão surgir, nesta altura, algumas importantes *villae* agrícolas, com as suas barragens e os seus embarcadouros. É o caso da Bombeira ou do Barranco da Vinha, junto a Mértola, do Montinho das Laranjeiras e do Álamo nas imediações de Alcoutim (Torres, 1998: 7-8). São, no entanto, em reduzido número e de dimensões limitadas às pouco extensas zonas de terra arável. Assim sendo, a atividade principal de Mértola girava sem dúvida alguma, em torno do seu porto, como ponto de escoamento e recepção de produtos e serviços que contribuíam para a formação

da riqueza local. Esse papel vinha já de época romana e vai prolongar-se até à Reconquista Cristã.

Em termos da História do período romano, o grande contributo de Mértola está patente nos materiais encontrados no seu subsolo, que despertaram a curiosidade de importantes figuras da arqueologia nacional que por aqui passaram no séculos XIX e princípios do XX. Sem dúvida, a estatuária então encontrada em Mértola constitui uma das mais representativas coleções do território nacional, atestando bem o grau de romanização que esta localidade possuiu.

Ficou também atestada a sua plena funcionalidade como cidade romana, com capacidade de cunhar moeda e com uma administração segundo os modelos vigentes no Império.

A variedade e riqueza dos vestígios de edifícios dessa época aqui descobertos, deve-se ao facto de a atividade portuária não ter perdido o seu fulgor após a desagregação do Império Romano do Ocidente. A esta cidade portuária não só chegavam os mais variados produtos, como, também, gentes pertencente a diferentes comunidades, fossem estas originárias do Mediterrâneo Oriental ou do Norte de África. Estas populações criaram aqui os seus entrepostos comerciais e mandaram construir os edifícios ricamente decorados onde foram batizados e sepultados. A diversidade dos monumentos e das ruínas conferem aos sítios investigados um grande significado para a compreensão do processo de cristianização, não só de Mértola, como também de todo o Sul do país.

A continuidade ocupacional que Mértola teve ao longo da sua história levou a que grande parte dos espaços e dos monumentos romanos fossem reutilizados posteriormente.

No que concerne o conhecimento do período romano, as novidades mais recentes prendem-se com o aparecimento de uma necrópole na rua Alves Rebol, que além das estruturas funerárias de incineração e enterramentos de inumação, revelam um significativo espólio votivo constituído por vidros e objetos cerâmicos com uma cronologia em torno do século II d.C.. Do mesmo período, também foram importantes as escavações levadas a cabo no interior do espaço amuralhado, na casa do Lanternim, onde foi possível recuperar importantes elementos escultórico e vários contextos de ocupação, bem como perceber melhor a topografia histórica relativa ao mesmo.

A cidade de Mértola nos inícios do século IV ainda continua a produzir monumentos epigráficos em honra de imperadores. neste caso Galério (Nº de catálogo 168). O aparecimento deste monumento na escavação da Biblioteca Municipal em 2006, reforça a

ideia da localização do *forum* na plataforma superior da zona norte do castelo e a possibilidade de ele ainda estar em funcionamento nos inícios do século IV.

Possivelmente na segunda parte do mesmo século reforçam-se as estruturas defensivas da cidade, nomeadamente na porta norte de acesso ao *forum* onde foi adaptado o sistema de catarata . Devem ter sido também realizadas obras no criptopórtico.
Devem ter sido também realizadas obras de reforço do castelo onde foram empregues vários elementos arquitectónicos e epigráficos situados cronologicamente nos finais do século III inícios do século IV. Esses elementos foram reutilizados em obras posteriores, com uma datação *terminus post quem* situada na centúria seguinte. É dessa centúria que data a única referencia documental referente a Mértola, e que foi deixada pelo bispo flaviense Idácio, ao referir o facto de no ano de 440 se ter refugiado aqui o Conde *Censorius*, que acabou por se render a Réquila. Este testemunho demonstra bem a importância geoestratégica que a cidade ocupava, certamente uma das principais vias de entrada no Sul peninsular e permite inferir que a cidade fortificada de Mértola desempenharia também uma importante função militar.

Os vários edifícios cristãos de Mértola levam-nos a pensar na existência de uma população numerosa, pois durante o século V-VIII, os casos apontados coexistem em termos da topografia histórica, e a sua extensão espacial aponta para uma relativa dimensão da comunidades de crentes que deles usufruía.
No entanto, o cristianismo primitivo não é um exclusivo dos centros urbanos. Tal como foi referido, também as pequenas e médias *villae* se adaptaram à nova ordem instituída, remodelando alguns dos seus edifícios para albergar locais de culto cristão. Este é outro dos dados importantes a reter da investigação realizada.

Na igreja do Rossio do Carmo, como constatou Manuela A. Dias, foi sepultado um indivíduo referenciado como "primeiro cantor" da igreja de Mértola. Este caso, o primeiro conhecido na Península, faz supor a existência de um corpo hierarquizado de cantores (Dias, 1993: 108), o que seria consequência da dimensão e importância que esta comunidade de fiéis teria então nesta localidade. Ela está documentada epigraficamente desde 489 com o Presbítero *Satyrio* , até 729 com o Clérigo *Adulteus*.

A juntar a este dado cultural e institucional, destaca-se o programa formal e a qualidade artística do conjunto musivo do baptistério e estruturas anexas, a partir das quais se pode refletir sobre o poderio económico e ligações comerciais e culturais das classes dominantes de então com as civilizações da bacia do Mediterrâneo, onde classicismo, orientalismo e cristianismo se encontram num constante processo de trocas e segmentações multiculturais. Não podemos deixar de notar a capacidade de relacionamento atestada em Mértola, desde os primeiros séculos da nossa Era, entre várias comunidades religiosas.

A investigação permite concluir que os mosaicos do conjunto baptismal de *Myrtilis* teriam obedecido a um mesmo programa de obra, pois o modo de disposição dos motivos e da colocação do tesselato assemelha-se em todos eles, tal como se assemelham o tamanho das tesselas, as cores empregues e o número utilizado na composição das figuras e a escala dos conjuntos. O tratamento das figuras também se assemelha, bem como os motivos geométricos utilizados. Os motivos vegetalistas repetem-se nos três grandes grupos, nomeadamente, no mosaico de Belerofonte, no mosaico da basílica e no da cena de caça. Estes factores levam-nos a pensar que um mesmo grupo de mosaístas terá executado todo o conjunto. A inexistência, no entanto, de paralelos exatos bem datados, inviabiliza, de momento uma datação segura; apesar de tudo, são perceptíveis várias influências estilísticas dos conjuntos musivos do Norte de África e mesmo do Mediterrâneo oriental bizantino, facto a que não será alheia a importância assumida pelo porto mirtilense e pelos comerciantes da cidade nas rotas comerciais de época tardo-romana. Os dados disponíveis apontam, para a sua execução, uma cronologia entre os finais do século V e a centúria seguinte, coincidentes com o apogeu da influência bizantina no Sul da Península Ibérica e nas Ilhas Baleares (Gouber, 1944; 1945; 1946; e mais recentemente Vizcaíno Sánchez, 2009).

As temáticas destes vestígios são enquadráveis na gramática decorativa dos mosaicos cristãos ravenaicos e bizantinos, como é o caso da tartaruga, das cenas de caça e do mito de Belerofonte, como ficou demonstrado pelas várias análises e comparações que fizemos no decurso da dissertação. Certamente, estes mosaicos estavam integrados num templo, do qual os elementos mais significativo são os baptistério (I e II), peças fundamentais na afirmação ideológica do novo culto e local de referência para os crentes. Tanto mais relevante, quanto se implanta sobre as estruturas forenses, que eram símbolo de poder no

período romano, e indicando assim, simbolicamente, uma clara troca de sujeitos no que à autoridade local respeitava. Podemos buscar paralelos musivos nos sítios mais longínquos do mediterrâneo, no entanto não nos podemos esquecer dos exemplares existentes nas Ilhas Baleares, cuja diferença em relação ao caso dos painéis de Mértola se prende com a qualidade técnica de execução. Apesar da temática dos casos comparados se inscrever na mesma gramática decorativa, é de realçar a qualidade dos mosaicos mertolenses a nível da execução. No entanto, como demonstramos anteriormente, existem certos pormenores técnicos e elementos decorativos que sugerem tratar-se de uma mesma equipa de mosaicistas vindas provavelmente do Mediterrâneo oriental.

Contrastando com a riqueza musiva da urbe, temos os chamados elementos da arquitetura decorativa lavrados em distintos mármores de proveniência diversa. Os motivos decorativos e a técnica escultórica existentes nas peças de Mértola e no seu território são trabalhadas em baixo-relevo, a bisel. Os motivos decorativos, que tanto nos aparecem em ambiente urbano como no meio rural, são constituídos por círculos secantes, volutas de folhas de hera (motivo que também nos aparece nos mosaicos), *cantarus*, flores quadrifólias, flores-de-lis com cinco folhas, losangos com botão central, cruzes pateas inseridas em círculos, folhas de videira estilizadas, cruzes gregas rebaixadas, colunas torsas,.

Mais raras no panorama escultórico peninsular são as cancelas decoradas com círculos secantes com os interstícios vazados que apareceram nas basílicas do Rossio do Carmo e do Cineteatro e, *in situ,* no batistério II.

A variedade de motivos é relativamente pequena, o que é, original é a pouca parecença das peças de Mértola com o resto da produção regional encontradas em Sines e Beja, embora existam algumas peças semelhantes, como é o caso da maior parte dos capitéis. Os paralelos com as peças de Mértola circunscrevem-se a Badajoz e Mérida e algumas vezes Córdoba e seus territórios.

A reutilização dos materiais pétreos construtivos e decorativos foi uma constante na Antiguidade Tardia, pelo que é extremamente difícil estabelecer cronologias precisas para as peças escultóricas. No entanto, parece ter ocorrido a mesma situação documentada em Mérida por M. Cruz Villalón (1985), em que numa primeira fase se aproveitam os mármores de boa qualidade, adaptando peças já existentes às novas necessidades

decorativas e, numa segunda fase, recorre-se ao mármore e a peças produzidas nas pedreiras em torno de Beja.

O baptistério I não estaria isolado, mas sim integrado num edifício religioso ou mesmo num possível palácio episcopal como defende Cláudio Torres. Do conjunto de estruturas postas a descoberto podemos inferir a existência de um edifício de planta rectangular, que até agora está apenas delimitado nos seus lados nascente e poente.

O espólio arqueológico que estava situado sobre os mosaicos não revelou quaisquer novos dados para a datação destes, pois tratava-se de materiais do período islâmico; aliás, a conservação de grande parte dos mosaicos deve-se ao facto de terem ficado por baixo de muros de casas islâmicas, dado que os pavimentos das mesmas eram constituídos pela própria argamassa de assentamento de mosaicos perdidos.

A evolução do batistério I que proponho, contempla a hipótese de o edifício ter pertencido a um complexo balnear e de ter havido neste local um *frigidarium*, embora, como referimos anteriormente, não possuamos qualquer indício das restantes instalações como o *caldarium* ou o *tepidarium*. No entanto, parece claro que o edifício sofreu alterações: no tanque central é construída uma pia octogonal, tendo sido posteriormente reduzido o espaço e construídas escadas laterais, o que certamente tem a ver com as mudanças de ritual do batismo. Possivelmente desta remodelação fez parte o reforço das estruturas na zona da abside para ser construída a abóbada, da qual apenas restaram vestígios disformes de *opus cæmenticium*.

O batistério II, apesar de a escavação do edifício não estar ainda concluída, foi também implantado sobre um edifício anteriormente existente ao qual foi acrescida a zona do altar e uma pavimentação com lajes de calcário e mármore reutilizado de anteriores lápides com inscrições. A data da sua construção aponta para um *terminus post quem* situado a partir de 356/358, data da moeda encontrada no fundo da pia batismal. Na decoração a fresco que encontramos, apesar de não conhecermos na íntegra o programa decorativo, as figuras identificadas possuem paralelos com as pinturas das catacumbas de Roma ou com os frescos do Batistério de Barcelona datados do século VI. Contudo a decoração das cancelas remete-nos para os finais do século VI e para centúria seguinte.

As dimensões da piscina só tem paralelo no batistério de Marselha e ultrapassam claramente os exemplos de Liubliana ou Barcelona, para referir os que mais se assemelham ao caso de Mértola, sendo de salientar que o batistério de Barcelona também estava decorado com frescos.
Defendo pois que todo este conjunto, de nítida influência bizantina e ravenaica, teria funcionado entre o século V e o século VIII.

Mais claro parece estar o abandono do batistério onde a sequência estratigráfica demonstrou uma sequência de abandono e de rutura estrutural do edifício que teve uma derrocada com a maioria dos fragmentes de frescos com a face voltada para baixo, caídos sobres as cancelas e posteriormente com os elementos construtivos da cobertura, possivelmente em abóbada, e das paredes. Posteriormente a parte oeste desta piscina foi possivelmente alvo de reutilização no período islâmico,

Este conjunto arquitectónico existente na zona da acrópole só é comparável com os grupos episcopais da península de *Barcino*, *Tarraco*, *Egitania*, *Corduba*, *Egara*, *Valentia*. No entanto, em Mértola não foram registados enterramentos no interior do espaço amuralhado, permanecendo o mundo dos mortos separado do dos vivos até à tomada da cidade pelos cavaleiros da Ordem de Santiago. Desde o período romano que os espaços funerários se situavam fora de portas.

No cemitério da Achada de S. Sebastião foram certamente realizados enterramentos cristãos (como prova o pendente em forma de crismon), mas o facto de o cemitério estar junto à antiga estrada romana, e não ter sido encontrado qualquer edificação de tipo basilical, deve poder indicar que se trata, provavelmente de uma continuidade de uso de um cemitério pagão, onde se inumam também cristãos.

Na prolongada utilização da Achada de S. Sebastião como campo mortuário, onde, como foi referido, se observou, num primeiro momento (Veiga: 1983: 83), o ritual de incineração, num segundo a concomitância deste com o da inumação e, num terceiro, apenas esta última, as práticas de enterramento das populações romanizadas pagãs apresentam uma continuidade sob a nova religião emergente - o Cristianismo. Profundo conhecedor destas questões, Philippe Ariès afirma que tal "como muitas questões de

mentalidade que se situam na longa duração, a atitude perante a morte pode aparecer quase imóvel através de períodos de tempo muito longos" (Ariès, 1988: 19). Essa é a situação que se verifica, não só nesta zona funerária, como também nas outras, onde a persistência do valor simbólico dos locais é determinante para a continuidade do seu uso ao longo de muitas gerações.

O período central da utilização deste espaço situar-se-á entre os séculos III a V d.C., podendo mesmo ser contemporâneo dos primeiros enterramentos ocorridos na basílica paleocristã do Rossio do Carmo, que, a partir do século V, substitui progressivamente a necrópole da Achada de S. Sebastião. Se, com probabilidade, continuou pontualmente a receber enterramentos no decurso do século V, a Achada de S. Sebastião já então deixara de funcionar como a grande necrópole urbana de Mértola. Acompanhando uma nova lógica de ocupação e definição do território urbano, que se traduzirá, no caso vertente, na perda de funcionalidade da grande muralha que envolvia a urbe pelas cumeadas dos arredores e pelo apertar do casco citadino entre novos amuralhamentos, elege-se um novo espaço para as funções funerárias. Numa encosta alcantilada cortada pela estrada principal que, de *Myrtilis*, prosseguia para *Pax Iulia*, organiza-se o novo campo mortuário da cidade, uma vez mais aproveitando os afloramentos xistosos e as suas saliências. Durante os séculos I e II, a necrópole estender-se-á pela vertente virada a nascente, prolongando-se, entre os séculos V e VIII, para uma plataforma adjacente, colocada a sul, onde então serão construídos os edifícios funerários da Antiguidade tardia.

A partir do século IV d.C., desmembrado o Império e dificultadas as ligações terrestres e marítimas anteriores, apenas algumas cidades-estado mantêm uma certa vida urbana. É o caso de Mértola, onde a descoberta de duas importante basílicas funerárias, contendo, inclusive, lápides escritas em grego, e dois baptistérios, importantes pela dimensão das suas estruturas e pelo seu conjunto musivo, não só comprovam a existência na cidade de uma próspera comunidade de mercadores do Mediterrâneo oriental, ativa durante os séculos V, VI e VII, como nos sugere que a navegação pelo Guadiana e o comércio marítimo nunca foram interrompidos (Torres, 1998: 7-8) e mantiveram o fulgor económico da localidade.

Por estes motivos, não é, também, de excluir que a religião cristã tenha penetrado na cidade portuária e mercantil de *Myrtilis* mesmo antes de passar a ser tolerada - com o

Édito de Milão em 313 – ou talvez entre esta data e o momento em que assumiu o estatuto de religião oficial do Estado Romano, no período do Baixo – Império, decorria o ano de 380.

Os primeiros vestígios do cristianismo em Mértola datáveis de finais do século IV foram detectados na necrópole da Achada de S. Sebastião. Nas centúrias seguintes desenvolve-se em Mértola um importante conjunto de edificações religiosas. Destacam-se neste quadro as basílicas funerárias do Rossio do Carmo e do Cineteatro Marques Duque. No primeiro caso, embora tenha recebido enterramentos a partir da segunda metade do século V, foi na centúria seguinte que se verificou o maior número de enterramentos. Alguns indivíduos aqui sepultados tiveram os seus epitáfios escritos em grego e trouxeram, certamente, os modelos existentes nos seus locais de origem, tornando a *sacrossanta aeclesia mertiliana* uma comunidade próspera que, nos finais do século V e no século VI, foi capaz de executar programas de obras tão luxuosos.

Para o conhecimento da topografia funerária de Mértola na Antiguidade Tardia foram extremamente importantes as escavações arqueológicas levadas a cabo no Eixo Comercial em 2008 e 2009, pois permitiram uma melhor compreensão do edifício basilical e a necrópole que lhe estava associada, existente sob o edifício do Cineteatro e que se prolongava na rua Dr. Afonso Costa e Serrão Martins. A construção e a tipologia das sepulturas era em tudo idêntica às encontradas na Basílica do Rossio do Carmo ou do Mausoléu. Do local é conhecido um conjunto de lápides e fragmentos entre os quais dois escritos em grego balizados entre 465 e 518. Refira-se aliás que os enterramentos na basílica do Rossio do Carmo começam três anos antes.

Nas imediações, na direção norte, foi ainda posto a descoberto um importante mausoléu, do qual chegou até nós apenas uma parte da cripta. O valioso achado proporcionou um conjunto epigráfico considerável que atesta uma funcionalidade entre 522(?) e 566, o que demonstra de forma inquestionável que os três edifícios (basílica do Rossio do Carmo, basílica do Cineteatro e mausoléu) eram contemporâneos, estando em funcionamento em simultâneo durante o século VI.

Apesar de terem aparecido fragmentos de inscrições na área do batistério I e no exterior da muralha urbana de Mértola, junto da cortina norte não tenho qualquer prova arqueológica da existência de enterramentos *ad sanctum* nos espaços batismais. O mesmo acontece com as basílicas e o mausoléu de Mértola, que, por só termos informações

parcelares sobre a organização dos locais onde se enterrou, não é possível afirmar ou negar tal prática nos casos estudados na *urbs*.

Estes três locais de cariz religioso e funerário forneceram o mesmo tipo de soluções construtivas a nível dos edifícios e dos enterramentos e com uma epigrafia semelhante. No entanto não deixa de ser relevante um tão grande investimento nos túmulos, nos epitáfios fúnebres, e em especial na construção do mausoléu.

Neste estudo foi incluído um conjunto de edificações de características marcadamente defensivas (criptopórtico, torre do rio e torre semicircular), capazes de proteger eficazmente a cidade e alguns dos seus locais privilegiados, quer do ponto de vista social - como o complexo baptismal - quer do ponto de vista económico - como o porto. No que concerne as estruturas defensivas é de referir a construção da Torre do rio e da torre semicircular que ocupam uma área de aproximadamente 500m^2, ao que é de acrescentar uma muralha que envolvia a cidade com um perímetro de cerca de 1.291 m. Ou ainda estruturas vitais para o bom funcionamento da cidade, como o conjunto de poços que, em princípio, abasteceriam através das suas elaboradas condutas a cidade intramuros com água do rio.

Quem foram os encomendadores de todas estas obras de carácter religioso que incluíam um complexo religioso com dois batistérios e duas igrejas, que ocupavam um volume de construções que ronda os 2000m^2, a que acrescem no *suburbium* as basílica do Rossio do Carmo, a do cineteatro e o mausoléu com uma área construtiva de cerca de 1020 m^2? Estas obras contrastam com o conhecimento disponível em termos da arquitetura doméstica, dado que esta se resume a uma casa situada na cave do edifício dos Paços do Concelho com um suposto prolongamento para a casa contigua e ainda a um pequeno armazém situado mais abaixo, na zona ribeirinha.

A cidade, à falta de um poder central distante, teria que estar organizada e com capacidade para gerar receitas em proveito de uma organização civil ou religiosa capaz de investir e edificar novas construções quer de carácter defensivo quer religioso.

Como sugere J. Alarcão, o comércio e a exploração mineira (a que eu acrescentaria os mármores de Beja) estariam possivelmente nas mãos de uma oligarquia local, capaz de gerar receitas para se poder proceder a um significativo conjunto de obras. No entanto, há notícias indiretas do papel da Igreja como entidade económica. No livro *Vita Sanctorum*

Patrum Emeritensius é explícito o papel do bispo *Masona*, metropolitano da província da Lusitânia entre cerca de 570 e 600/610, data da sua morte. Foi um dos bispos mais empreendedores, tendo construído em Mérida um *Xenodochium* (580), aberto a judeus, peregrinos e habitantes da área envolvente. Era tal a sua preocupação com a miséria dos desfavorecidos, que dotou a Basílica de Santa Eulália de Mérida, sendo abade o diácono *Redempto*, com dois mil *solidi* de ouro, a fim de que alguém que precisasse e estivesse em apuros, pudesse contrair um empréstimo, contra recibo, sem demora ou sujeições, e remediar assim os seus problemas[182]. Temos o testemunho de uma Igreja a desempenhar um papel económico importante, capaz de fazer uma política de solidariedade social e certamente capaz de gerar riqueza que permitia construir importantes edificações de carácter religioso.

O que se terá passado em Mértola na mesma altura poderia ter sido semelhante, pois não deixa de ser surpreendente o volume de construções religiosas da cidade. Como se custearam estes construções, que não só são importantes pela área construída como também pela qualidade dos materiais e técnicas empregues? A riqueza mineira e o comércio decorrente da atividade portuária têm sido apontados como as causas da grandeza de Mértola, no entanto penso que devemos incluir aqui um aspeto novo que é a questão da fiscalidade, ou seja, teria que haver na cidade alguém que controlasse a atividade portuária em proveito da sacrossanta igreja mirtiliana, e lhe facultasse rendimentos capazes para proceder a tão sumptuosas construções religiosas. A meu ver, a questão da fiscalidade é determinante para se entender a capacidade e a qualidade construtiva que Mértola teve na Antiguidade Tardia.

Na ausência de um bispo, como justificar a existência de dois batistérios? Cláudio Torres avançou com a hipótese de em Mértola existir uma comunidade monofisita e que os dois batistérios seriam cada um pertencente a uma comunidade cristã diferente. Embora esta segunda realidade ocorra em cidades como Ravena e Barcelona, é de referir que os batistérios de ambas as cidades estão separados espacialmente na malha urbana, ao contrário do que ocorre em Mértola em que os dois batistérios se situam em edifícios

[182] "9 – (...) Tanta illi cura erat pro omnium aerumnis miserorum ut ad basilicam sanctissimae Eulaliae, diacono vira venerabili, Redempto nomine, qui praeerat, duo millia solidos dederit e quibus mox ut aliquis urgente necessitate adveniret, facta cautione, quantos vellet absque aliqua mora vel difficultate acciperet suisque angustiis consuleret"(Camacho Macias, 1988: 59)

muito próximos um do outro. A existência de dois baptistérios, aparentemente contemporâneos, implica a existência de um complexo religioso importante, possivelmente heterodoxo, daí os seus eventuais bispos não terem participado nos respectivos concílios católicos.

Como ficou demonstrado anteriormente, o ritual do batismo sofreu transformações ao longo dos tempos, e se nos primeiros séculos apenas se fala do batismo de adultos, progressivamente os batistérios vão diminuindo de tamanho, tendo sido adaptados ao batismo de jovens e posteriormente de crianças.
Seriam assim tantos os catecúmenos que se justificasse a existência de duas instalações batismais? Ou poder-se-á falar de uma piscina batismal para mulheres e outra para homens? São questões a que, perante a insuficiência dos dados arqueológicos, não me é possível de momento responder cabalmente.

Conhecemos relativamente bem os espaços funerários, a grande basílica do Rossio do Carmo, a do cineteatro e ainda o mausoléu, templos que albergavam enterramentos no seu interior e no espaço envolvente. Estes locais proporcionaram um importante acervo epigráfico, testemunho de uma elite, onde se incluem epitáfios em latim, em grego e também com simbologia hebraica. A cidade de *Myrtilis* foi uma importante urbe que a partir da segunda metade do século V e durante os séculos VI-VII gozou de prosperidade como o traduzem os vestígios arqueológicos postos a descoberto nas últimas décadas, e que continuam a surpreender-nos com novos achados.
A cristianização do território mertolense, mais tardia do que a da cidade, é evidenciada pelas escavações arqueológicas levadas a cabo no Monte Mosteiro, onde um pequeno templo nas proximidades da principal via de acesso de *Myrtilis* a *Pax Iulia*, a capital regional, revelou uma realidade muito semelhante à ocorrida em Mértola. Nessa pequena localidade, os fragmentos arquitectónicos remanescentes apontam para uma gramática decorativa semelhante à de Mértola, bem como os restos de mosaicos. O espólio funerário encontrado no interior de algumas sepulturas é muito similar ao proveniente da basílica do Rossio do Carmo e perfeitamente integrável, tal como o restante, nos séculos VI-VII.
No território são erigidos outros templos dos quais apenas nos chegaram restos de uma arquitetura decorativa que se inscrevem nas temáticas dos séculos VII e VIII. Certamente são estes templos, espalhados pelos vários quadrantes do território, que vão organizar as

futuras paróquias. No entanto fica a dúvida: a quem pertenciam as igrejas espalhadas pelo território de Mértola? Entrariam também estes casos nas chamadas "igrejas próprias"[183]?
A existência de altares com *loculus* para a colocação de relicários ou relíquias de santos em S. Bartolomeu da Via Glória e na Senhora do Amparo - S. Brissos, sugere que também as igrejas do *territorium* de Mértola se inscreveram numa prática generalizada na bacia do mediterrâneo de comércio de relíquias de santos com intuitos fundacionais e de reforço da religiosidade camponesa.

Outra das dificuldades sentidas na conclusão deste trabalho foi a definição de uma data para um *terminus* temporal, pois não só a continuidade se deu em termos populacionais como também a cultura material, a produção artística e a religiosidade, corroborada pelos dados da epigrafia, têm um nítido prolongamento para além de 711. Pretendo assim concluir citando Fernando Arce Sainz, que refere que "está perdiendo sentido esa conceptualización arqueológica excluyente que distingue entre una arqueología cristiana y una arqueología islámica cuando se tienen entre manos secuencias amplias que superan esa barrera más psicológica que histórica que representa una fecha de nuestro calendario histórico, el 711" (Arce, 2005: 90).

No campo da valorização e divulgação do conhecimento, parece-me importante realçar o papel que desempenhei na alteração do projeto de construção da Escola Secundária de Mértola, de forma a que fossem salvaguardadas, como se referiu, as ruínas do templo dedicado a S. Sebastião e parte do campo mortuário romano. Isso constituiu um duplo desafio: como intervencionar e preservar uma área arqueológica num recinto escolar, com tudo o que isso implicava, e que uso e funções lhe seriam dadas quando os trabalhos arqueológicos atingissem o seu termo.
Vencido que foi o primeiro impacto, dada a singularidade da situação, as escavações arqueológicas depressa passaram a fazer parte integrante do quotidiano escolar. As ruínas da ermida e a necrópole transformaram-se num polo de aprendizagem e instrumentos de potenciação duma identidade própria, que ultrapassou as fronteiras da Escola. Se a esta se reconheceu o estatuto de pertencer à elite dos melhores estabelecimentos escolares do mundo (OCDE - 1996), para isso concorreram, com o seu

[183] Expressão utilizada por J. Mattoso para designar as igrejas fundadas durante a época de conversão dos povos ainda pagãos das áreas rurais, construídas pelos senhores nos seus centros dominiais (Mattoso, 1992: 356).

peso específico, os projetos arqueológico e museológico, elevando-a à condição de "musée vivant, où les élèves puissent comprendre comment leur environnement et leur culture ont été façonnés par l'histoire "

O desenvolvimento de projetos de escavação arqueológica e sua musealização integraga-se numa filosofia de devolução ao público do sítio arqueológico enquanto património. Nesta perspetiva incluem-se a musealização do Mosteiro (2011), a remodelação museográfica da Casa Romana (2012) e o núcleo do Arrabalde Ribeirinho (2013). Estas intervenções museológicas foram acompanhadas pela edição dos respetivos catálogos integrados na dinâmica do Museu de Mértola.

No que diz respeito à intervenção no arrabalde ribeirinho (Hospedaria Beira Rio/Hotel Museu), é ponto assente que a arqueologia nunca constituiu um entrave à modernização e que o sector privado poderá ter também um papel importante na salvaguarda e valorização do património, constituindo um importante fator de desenvolvimento sustentado e de promoção do território onde se insere. Esta solução exemplar e pouco comum no panorama arqueológico e museológico português, foi fruto de um importante diálogo levado a cabo entre o setor privado e as instituições públicas nacionais e locais envolvidas neste processo. Só numa perspetiva de abertura e de estreita colaboração, e desenvolvendo trabalho com uma equipa multidisciplinar, se podem alcançar os resultados que agora podem ser vistos neste local.

Devo encerrar este trabalho com a expectativa de que estes resultados e conclusões possam, num futuro próximo, ser alargados pela continuação da investigação arqueológica sobre este período histórico - artístico.

Mértola, 27 de Outubro de 2013

Fontes

CIL, II: Hübner, Emil, 1871 -*Corpus Inscriptionum Latinarum. Volumen II. Inscriptiones Hispaniae Latinae,* Berolini apud Ceorgium Reimerum,.

CIL Sup.: Hübner, Emili,; 1892 -*Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptionum Hispaniae Latinarum Suplementum,* Berolini apud Ceorgium Reimerum,.

Idacio, 1974 - *Hydace. Chronique Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy.* París, Les Éditions du Cerf.

Idacio, 1984 - *Idacio Obispo de Chaves. Su Cronicon. Introducción, texto crítico, versión española y comentario por Julio Campos, SCH.* P. Salamanca, Ediciones Calasancias.

Itineraria, 1928 - *Itineraria romana. Volumen prius. Itineraria Antonini Augusti et Burdigalense,* Edidit Otto Kuntz. Lipsiae in aedibus B. G. Reubneri.

Ptolomeo, 1883 - *Claudii Ptolomæi, Geographia, et codicibus recognovit, prolegomenis, annotatioe indicibus, tabulis instruxit Carolus Müllerus.* Vol. 1, París, Ed. Instituti Francici Typographis.

Ptolomeo, 1901 - *Claudii Ptolomæi, Geographia, Tabulæ XXXVI, instructae Carolo Mullero,* París, Ed. Instituti Francici Typographis.

Bibliografia

AAVV, 1935 - "The Ancient Synagogue of el-Hammeh", in *The Journalef the Palestine Oriental Sociel, XV.*

AAVV, 1976 - "Mosaïques decors de sols", in *Les Dossiers de I'Archéologie*, n° 15, Paris.

AAVV, 1977 - "*Comment constrisaient les grecs et les romains", in Les Dossiers de l'Archéologie, n° 25, Paris.*

AAVV, 1978 – "Mosaïques Romaine. L'âge d'Or de l'École d'Ajrique", in *Les Dossiers de l'Archéologie* n° 31, Paris.

AAVV, 1987 - *Los Foros Romanos de las Provincias Occidentales*, Ministerio de Cultura, Madrid.

AAVV, 1989 - *Mosaiques Byzantines de Jordanie*, Musée de la Civilisacion Gallo-Romaine de Lyon, Lyon.

AA VV, 1994 - *La Mosaïque en Tunisie*, Ed. Alif-CNRS Editions, Tunis.

ABAD CASAL, L., GUTIÉRREZ LLORET, S. y GAMO PARRAS, B., 2000, "La basílica y el baptisterio del Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete)", in *Archivo Español de Arqueología,* 73, pp. 193-221.

ACIÉN ALMANSA, Manuel, 1997: *Entre el feudalismo y ilslám: Umar ihnRafsun en los historiadores, en las fuentes y la Historia*. 2a. Ed. Jaén: Universidad de Jaén, 1997.

ACIÉN ALMANSA, Manuel, 1998 – "EI final de los elementos feudales en AI-Andalus: fracaso dei «incastellamento» e imposición de la sociedad islámica". in *«L'lncastellamento» Actas des rencontres de Géron (26-27 Novembre -1992) et de Rome (5-7 Mai 1994)*. Rome: Ecole Française de Rome; Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, 1998, pp. 291-305.

ACUNA CASTROVIEJO, Fernando A., I974a – "Mosaicos Romanos de Hispania Citerior," in "Conventus Bracarensis", Santiago de Compostela.

ACUNA CASTROVIEJO, F., I974b - "Consideraciones sobre los Mosaicos Portugueses del Conventuo Bracarense", in *III Congreso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 201-214.

ADAM, Jean-Pierre, 2007 - "Murailles de la peur, murailes de prestige, murailles du plaisir", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 21-46.

ADSERIAS SANS, M., MARIA MACÍAS J., RAMÓN SARIÑENA, Solé E., REMOLÀ VALLVERDÚ, J. A., 2000 - "El mausoleo de la calle Sant Auguri de Tarragona", in *V Reunió d'Arqueologia*

cristiana Hispànica, Monografies de la secció Històrico-Arqueològica VII, Barcelona, pp. 41-46.

ÅKERSTRÖM-HOUGEN G., 1974 - "The calendar and hunting mosaics of the villa of the falconer" in *Argos: a study in ear/y Byzantine iconography*, Svenska Institutet i Athen, Stockholm.

ALAPONT MARTÍN, L., RIBERA I LACOMBA, Albert Vicent, 2009, "Topografia y jerarquia funerária en la Valencia tardoantigua", in *Morir en el Mediterráneo Medieval*, (eds. Jorge López Quiroga, Artemio Manuel Martínez Tejera), BAR International Series S2001, Oxford, pp. 59-88.

ALAPONT, L. y RIBERA, A. 2006 - "Cementerios tardoantiguos de Valencia: Arqueología y Antropología". *AAC 17. Vol. II,* Córdoba, 161-194.

ALARCÃO, A., 1994 – *Museu Monográfico de Conimbriga Colecções*, Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga, Lisboa.

ALARCÃO, A., 1997 – *Portugal Romano A Exploração dos Recursos Naturais*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

ALARCÃO, J. CARVALHO, P., GONÇALVES, 2010 - *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*, Studia Lusitana, Mérida.

ALARCÃO, J., 1971 – "Vidros romanos de Aramenha e Mértola", in *O Arqueólogo Português*, 5, 3ª série, Lisboa, pp. 192-200.

ALARCÃO, J., 1973 - *Portugal Romano*, Editorial Verbo, Lisboa.

ALARCÃO, J., 1974 - *A vida rural no Alentejo pré-romano* (projecto de investigação apresentado como prova complementar de doutoramento em Pré-história e Arqueologia), Coimbra.

ALARCÃO, J., 1985 - "Sobre a romanização do Alentejo e Algarve", in *Arqueologia*, 11, Porto, p. 99-111.

ALARCÃO, J., 1988a – *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa América.

ALARCÃO, J., 1988b – *Roman Portugal*, Vol. II, Fas.3, Aris & Phillips LTD, Warminster, England.

ALARCÃO, J., 1989 – "A Cidade Romana em Portugal" in *Cidades e História*, Ciclo de Conferências promovido pelo Serviço de Belas Artes, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 73-127.

ALARCÃO, J., 1990 – "O Domínio Romano" in *Nova História de Portugal*, I, Portugal das Origens à romanização, Editorial Presença, Lisboa, pp. 343-489.

ALARCÃO, J., 1993 - "Las Ciudades Romanas de Portugal", in *La Ciudad Hispanorromana*, Ministerio de Cultura, Barcelona, pp. 206-224.

ALARCÃO, J., 1999 - "O Contexto Histórico dos Tesouros Republicanos Romanos em Portugal" in *Actas do II Encuentro Peninsular de Numismática Antiga*, Archivo o Español de Arqueología, CSIC, Universidade do Porto, pp. 1-8.

ALARCÃO, J., 1999 - "Os Arredores das Cidades Romanas de Portugal", in *Anejos Archivo Español de Arqueologia*, 72, p. 31-47.

ALARCÃO, J., et alii, 1975 - *Fouilles de Conimbriga - V La Céramique Commune Locale et Régionale*, Paris.

ALARCÃO, J., et alii, 1976 - *Fouilles de Conimbriga - VI Céramiques Diverses et Verres*, Paris.

ALARCÃO, J., et alii, 1979 - *Fouilles de Conimbriga - VII, Trouvailles Diverses et Condusions Générales*, Paris.

ALARCÃO, J., ETIENNE, R., 1970 - "La cronologie des cryptoportiques à Conímbriga", in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 479-486.

ALARCÃO, J., ETIENNE, R., MAYET, F., 1990 - *Les villes romaines de S. Cucufate* (Portugal), Ed. De Boccard, Paris

ALARCÃO, J., ETIENNE, R., MAYET, F., 1995, "Os monumentos cristãos da Villa de S. Cucufate", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 283-387.

ALARCÃO, Jorge de, 2009 – "Portos e faróis romanos do Atlântico português", *in Torre de Hércules:* finis terrae lux. *Simposio sobre os faros romanos e a navegación occidental na antigüidade | Simposio sobre los faros romanos y la navegación occidental en antigüedad, Brigantium,* vol. 20, pp. 109-114.

ALARCÃO, Jorge de, BARROCA, Mário, 2012, *Dicionário de arqueologia portuguesa*, Figueirinhas, Porto.

ALBA CALZADO, Miguel, 2005 - "La vivenda en Emerita durarnte la antigüedad tardía: propuesta de un modelo para Hispania", in *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, (eds. Josep M. Gurt, Albert Ribera), Monografias de la secció Historòrico-Arqueològica, IX, Barcelona, pp. 121-150.

ALBA, M. 1998 - "Consideraciones arqueológicas en torno al siglo V en Mérida: repercusiones en las viviendas y en la muralla." *Memoria* 2: pp.361-385.

ALBA, M. e MATEOS, P., 2008 – "El paisaje urbano de Emerita en época visigoda" in Olmo, l., (ed.) *Recópolis y la ciudad en época visigoda*, Alcalá de Henares, pp. 261-273.

ALBA, M. y GUTIÉRREZ, S., 2008 - "Las producciones de transición al mundo islámico. El

problema de la cerámica paleoandalusí (siglos VIII y IX)", en D. Bernal y A. Ribera eds, *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión,* Madrid, pp. 585-613.

ALBIOL LÒPES, Esther, 2013, "Una Pintura de ststre de L'antiguitat Tardana al Batisteri de Barcelona", in *Quarhis Quaderns D'Arqueologia I Història de la Ciutat de Barcelona*, Epoca II, Núm. 9, Barcelona, pp.164-183.

ALEKSHIN, V. A., 1983 - "Burial Customs as an Archaeological Source"in *Cumnt Anthropology,* vol. 24, N° 2, April. p. 137-150.

ALEXANDER, Margaret, et alii., 1976 - *Corpus des mosaiques de Tunisie*, vaI. I, fasc. 3 (Utique et El-Alia), Tunis, Institut National d' Archéologie et d' Art

ALEXANDER, Margaret et alii., 1980 - *Corpus des mosaiques de Tunisie*, vaI. II. fasc. 1 (Thuburbus Majus), Tunis, Instimt National d' Arehéologie et d' Art

ALFÖLDI-ROSENBAUM, Elisabeth; WARD-PERKINS, John, 1980 - *Justinianic mosaic pavements in Cyrenaican churches*, Roma, "L'Erma" di Bretschneider.

ALLAN, John C., 1965 - "A mineração em Portugal na Antiguidade", in *Boletim de Minas*, 2(3), pp. 146-147.

ALMAGRO BASCH M., 1975 - *La necropolis hispano-visigoda de Segobriga*, Escavaciones Arqueológicas en Espana, n°. 84, Madrid.

ALMAGRO GORBEA, Martín, ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel, 1999 - "Segóbriga en la antegüedad tardía", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 143-159.

ALMEIDA, C A. E de, 1992 - "Urbanismo da Alta Idade Média em Portugal", in *Cidade e História*, Fundação Caluste Gulbenkian, Lisboa, pp. 129-14I.

ALMEIDA, C A. E, 1993 - "Arte paleocristã da época das invasões", in *História da Arte em Portugal*, voI. 2, 2° ed., Alfa, Lisboa, pp. 9-37.

ALMEIDA, C. A. F. de, 1986 - "Arte da Idade Média", in *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Alfa, Lisboa, pp. 37-7I.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira, 1975- "Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião)", *Archaeologica Opuscula. Miscelânea de Arqueologia Nortenha,* I, Porto, pp. 29-40.

ALMEIDA, Fernando de, 1975 – "Sur quelques mosa'iques du Portugal, Torre de Palma et autres, in La mosaïque gréco-romaine", in I *Colloque International pour /'Étude de la Mosaïque Antique*, Paris, CNRS, 1975, pp. 219-226, PI. LXXVII.

ALMEIDA, Fernando de, 1962, - "Arte Visigótica em Portugal" in *O Archeólogo Português*. Nova Série, IV, Lisboa, Museu Etnográfico Português, pp. 5-278

ALMEIDA, Fernando de, 1966, - Um "palatium episcopi" do séc. VI em Idanha-a-Velha (Portugal), in *IX Congreso Nacional de Arqueologia*, Saragoça, pp.408-411

ALMEIDA, Fernando de, 1976 - "A ruínas da chamada ponte romana de Mértola (Portugal)", in *Madrider Mitteilungen*, 17, pp. 295-300.

ALMEIDA, J. de, 1943 - *Livro das Fortalezas de Duarte De Armas*, Editorial Império, Lisboa.

ALMEIDA, Maria Amélia Fresco de, 1987 *Escultura arquitectónica e funerária, dos séculos IV ao VIII a sul do Tejo*, Tese mestrado , História da Arte , Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, [Texto policopiado]

ALONSO SÁNCHEZ, María Ángeles, 1982 - "Crismones con Ω α en España", in *II Reunió d'Arqueologia paleocristiana Hispànica*, (dir. Pere de Palol), Institut d'Arqueologia i Prehistòria, Barcelona, pp. 297-302.

ALVAREZ MARTINEZ, 1990 - *Mosaicos Romanos de Mérida Nuevos Hallazgos*, Monografias Emeritenses - 4, Mérida n° 17.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José María, 2007 – "Consideraciones acerca del recinto amurallado emeritense", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo pp. 651-670

ÁLVAREZ, M. B., PÉREZ MACÍAS, J. A., MARTINS, A., 2008 - "Sigillatas claras de Aljustrel: a crise do século II d.C. nas minas do Sudoeste ibérico" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. volume 11. número 1., pp. 163-181

ALVES, L. F. D., 1956 - "Aspectos da Arqueologia em Myrtillis", in *Arquivo de Beja*, 13 (1-4), pp. 21-104.

AMANDRY, P., 1956 - "Bellérophon et la Chimere dans la mosa'ique antiqúe" in *Révue Archéologique*, XLVIII, Paris, pp. 155-16I.

AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, 1988 - "Representaciones iconográficas en lucernas romana de la region de Murcia", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte y poblamiento en el SE peninsular durante los últimos siglos de civilizacion romana, V*, (ed. A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 213- 254.

AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, 1991, "La necropolis de la Molineta: aproximacion a la Historia social y económica en el puerto de Mazarron (Murcia) durante la Antigüedad Tardia" *in Antigüedad y Cristianismo. Arte, sociedade, economia y religion durante el bajo imperio y la Antigüedad Tardia, VIII*, (eds. A. González Blanco, F. Javier Fernández, J. Remesal Rodríguez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 471-494.

AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, GARCÍA BLÁZQUEZ, Luis A-, 1988 - "La necropolis tardorromana de la Molineta", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte y poblamiento en el SE peninsular durante los últimos siglos de civilizacion romana, V*, (ed. A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 449-469.

AMARO, C., et alii, 1995 – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*, Fundação Banco Comercial Português, Lisboa.

AMO, Del G., 1979 – *Estudio Crítico de lla Necrópois Paleocristiana de Tarragona*, 3 vol, Tarragona.

AMORES CARREDANO, F., 2005 - "La cristianización de la ciudad de Sevilla en la Tardoantigüedad", in *La catedral en la Ciudad (I). Sevilla, de Astarté a San Isidoro.* Aula Hernán Ruiz, Catedral de Sevilla, Sevilla, pp. 140-160.

ÁNGEL ELVIRA, Miguel, 1997 - "Los orígenes iconográficos del Dragón Medieval", in Antigüedad y Cristianismo. La tradición en la Antigüedad Tardía, XIV, (eds. José Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco, Rafael Gonzáles Fernandez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 419-434.

ARANDA GUTIÉRREZ, SÁNCHEZ CARCABOSO, F., ANDRÉS DÍAS J. L., E., RODRÍGUEZ MARTÍN, G., POLO GARCÍA, Mª. E., SÁNCHEZ CRESPO, GUTIÉRREZ GALLEGO R., J. A., 2003 - "Las presas de abastecimiento en el marco de la ingeniería hidráulica romana. Los casos de Proserpina y Cornalbo", in *Mérida escavaciones arqueológicas, Memoria 9*, Mérida, pp. 461-536.

ARBEITER, A., 1994 - "Frühe hispanische Darstellungen des Daniel in der Löwengrube", in *Boreas* 17, pp. 5-12.

ARBEITER, A., 2000 - "Alegato por la riqueza del inventario monumental hispano-visigodo" en CABALLERO, L.- MATEOS, P.: *Visigodos y omeyas: un debate entre la antigüedad tardía y la alta Edad Media.* Madrid, pp. 249-263.

ARBEITER, A., 2003a - "Iglesia de San Miguel de los Fresnos. Fregenal de la Sierra" en MATEOS, P.- CABALLERO, L.: *Repertorio de Arquitectura Cristiana en Extremadura. Época Tardoantigua y Altomedieval.* Madrid, pp. 49-52.

ARBEITER, A., 2003b - "Los edificios de culto cristiano: escenarios de la Liturgia." MATEOS, P., CABALLERO, L.: *Repertorio de Arquitectura Cristiana en Extremadura. Época Tardoantigua y Altomedieval.* Anejos de AEspA XXIX , Madrid, pp. 177-230.

ARBEITER, A., 2010a - "¿Primitivas sedes episcopales hispanicas en los suburbia? La problematica de cara a las usanzas en el ambito mediterra!neo occidental" en VAQUERIZO, D. (ed.): *Las áreas suburbanas en la ciudad histórica. Topografía, usos, función.* Córdoba, pp. 413-434.

ARBEITER, A., 2010b -"La llamada a la oración y al servicio religioso. Campanas y campanarios de los cristianos hipánicos anteriores al Románico", *Bol. Arqueol. Medieval* 14, pp. 21-53.

ARCE MARTÍNEZ, Javier, 2003 - "Augusta Emerita en los siglos IV-V d.C. : la documentacíon escrita", in *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Época tardoantigua y altomedieval*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XXIX, Mérida, pp. 121-132.

ARCE SAINZ, F., MORENO MARTÍN, F. J., 2012 - "La construcción de iglesias como herramienta para el conocimento del território tardoantiguo y altomedieval en la Meseta Norte", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 97-122.

ARCE, Javier, 2005 - *Barbaros y romanos en Hispania. 400-507 A.D.* Madrid.

ARCE, Javier, 2012 - "Campos, tierras y villae en Hispania (siglos IV-VI)", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 21-30.

ARCE, Javier, 1978 – " La crisis del siglo III d. C. en Hispania y las invasiones bárbaras" in *Hispania Antiqua*, VIII, pp.257-269.

ARCE, Javier, 1988 - *Espana entre el mundo antigo y el mundo medieval*, Madrid.

ARCE, Javier, 2005 - *Bárbaros y Romanos en Hispania (400-5007 A.D.)*, Marcial Pons Hitoria, Madrid.

ARCE, Javier, 2008 – "Musivaria y simbolismo en las villae tardoromanas" in Ochoa, García-Entero e Sendino (ed) *Las villae tardoromanas en el occidente del Imperio Arquitectura y función*, Ediciones Trea, pp.85 - 90

ARDANAZ ARRANZ, F., 2000 - *La necrópolis visigoda de Cacera de las Ranas (Aranjuez, Madrid)* Madrid: Comunidad de Madrid (Arqueología, Paleontología y Etnografía; 7).

AREZES, Andreia, 2010 - *Elementos de Adorno Altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto, [texto policopiado].

ARIAS VILAS, Felipe, 1971 - *Las murallas romanas de Lugo*, Santiago.

ÁRIAS VILAS, E., 1972 - "Notas sobre el recinto bajo imperial de Lugo", in *XII Congreso Nacional de Arqueologia*, Jaen, 1971, pp. 763-768.

ARIÊS, P., 1988 - *História da Morte no Ocidente*, Teorema, Lisboa.

ARRAIS, Fr. Amador, 1974 – Diálogos, Lello & Irmão, Porto.

ARRAIZ, A., 1945 - "Mértola, cidade do antigo Lácio", in *Arquivo de Beja*, 2. p. 287-289.

ARRUDA, A. M; ALMEIDA, R. R. De., 1999 – "As importações de vinho itálico para o território actualmente português: contextos, cronologias e significado", in GORGES, J.-G.; RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G., (eds.) – *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Collection de la Casa de Velázquez; 65, pp. 307-337.

ARRUDA, A. M., 1997 - *As cerâmicas áticas de Castro Marim*, Edições Colibri, Lisboa.

ARRUDA, A. M., BARROS, P. e LOPES, V., 1998 - "Cerâmicas áticas de Mértola", in *Conímbriga*, XXXVII, pp. 121-149.

ARRUDA, A. M., et alii, 2002 – *De Scalabis a Santarém*, Museu Nacional de Arqueologia,

ASENSIO RAMALLO, S. F., SÁNCHEZ, VIZCAÍNO, J., VIDAL GARCÍA, J. M., 2007 - "La decoración arquitectónica en el sureste Hispano durante la antigüedad tardía. La basílica de Algezares (Murcia)", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 367-389.

ASENSIO RAMALLO, Sebastián F., SÁNCHEZ VIZCAÍNO, Jaime, 2007 - "Evolucíon del sistema defensivo de Cartagen durante la Antigüedad", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 483-523.

Atlante I 1981 = *Atlante delle forme ceramiche, I. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero), Enciclopedia* dell'arte *antica classica e orientale,* Ist. Enciclopedia Italiana, Roma.

AVI-YONAH, Michael, 1981 - *Art in Ancient Palestine - selected studies*, Jerusalem, The Magnes Press/The Hebrew University

AYMARD, J., 1951 - *Essai sur les chasses romaines des origines à la fin du siecle des Antonins*, Paris.

AZEVEDO, P. de, 1902 – "Achado de Moedas romanas próximo de Mértola", in *O Archeólogo Português*, vol. VII, p. 67-183.

BALESTEROS, Carmen e MIRA, Élia, 1993 – "As muralhas de Évora", in *A Cidade, Jornadas inter e pluridisciplinares*, Universidade Aberta, Lisboa, pp. 219-247.

BALIL, A., 1958 – "Mosaico de Bellerofonte y la Quimera, de Torre de Bell-LLoch (Gerona)", in *Archivo Español de Arqueología*, voI. XXXI, n° 97 y 98, Consejo Superior de lnvestigaciones Científicas.

BALIL, A., 1961a – *Las murallas romanas de Barcelona*, Instituto Español de Arqueologia, Madrid.

BALIL, A., 1961b - *La defesa de Hispania en el Bajo Império*, Instituto Español de Arqueologia, Madrid.

BALMASEDA MUNCHARAZ, Luis J., 2002 - "Orfebrería de la época visigoda", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 435-459.

BALMASEDA MUNCHARAZ, Luis J., 2008 - "La escultura de Recóplis", in *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*, Museo Arqueologico Regional, Alcalá de Henares, pp. 143-157.

BALMELLE, C et alli, 1985 - *Le Décor Géométrique de la Mosïque Romaine*, Picard, Paris.

BALTY, Janine et Jean Ch., 2004 - "Nouveaux exemples de "Bêma syrien"", in *Antigüedad y Cristianismo. Sacralidad y arqueología, XXI*, (eds. J. Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 447-457.

BARATTE, F., 1978 - *Catalogue des mosaïque romaines et paléochrétiennes du Musée du Luvre*. Paris.

BARATTE, F., BEJAOUI, F. 2011 - *Recherches Archéologiques à Haïdra*, Ecole Française de Rome, Roma.

BARRACA DE RAMOS, Pilar, 1999 - "Avila en la antegüedad tardía", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 181-192.

BARRAGÁN VALENCIA, Ma C., 2009, -"La necrópolis tardoantigua de carretera de Carmona. Hispalis". *Romula.* 8, pp. 227-256.

BARRAGÁN VALENCIA, Ma. C., 2010 - *La necrópolis tardoantigua de la Carretera de Carmona (Hispalis).* Sevilla,

BARRAL I ALTET, X., 1998 - *A Alta Idade Média*, Taschen.

BARROCA, M., 1987 - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-E-Minho*, Prova Pública de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras do Porto, Porto, (texto policopiada).

BARROCA, Mário J., 2000 – *Epigrafia Medieval Portuguesa. 862-1422*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 3 vol. Lisboa.

BARROS, M:, BOIÇA; J., e GABRIEL, C, 1996 - *As comendas de Mértola e Abria Ruiva - As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607,* Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

BARROS, M. F. R., 1999 - "A cheia diluvial do rio Guadiana em 1876 e os trabalhos de Estácio da Veiga em Mértola", in *Museu de Mértola a Necrópole e Ermida da Achada de S. Sebastião*, CAM/EPBJC, Mértola, pp.27 -62.

BARROSO CABRERA, R., CARROBLES SANTOS, J., MORÍN DE PABLOS, J., 2012 - "La articulación del território toledano entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media (siglos IV al VIII d.C.)", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero Zoreda, P. Mateos Cruz, T. Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 263-304.

BARROSO CABRERA, Rafael, MORÍN DE PABLOS, Jorge, 2002 - "El mundo funerário en Hispania en el siglo VI", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 393-409.

BASTOS, M. do R., 1996 - "Testemunhos hispânicos sobre o mundo dos mortos nos séculos IV a VIII", in *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*, Lisboa, pp. 45-54.

BAUD, C-A., 1982 - "La taphonomie, la transformation des os apres la mort" in *Histoire et Archéologie*, n° 97, Dijon.

BEAUCAMP, Joëlle, 1992 – *Le statut de la femme à Byzance (4e - 7e siècle): Le droit impérial. Vol II. Les pratiques sociales,* Éditions de Boccard, Paris.

BEDON, R. CHEVALLIER, R. PINON, P., 1988 - *Architecture et urbanisme en Gaule romaine – tome 1. L´architecture et la ville (52 av. J.C. – 486)*, Coll. Les Hespérides, Ed. Errance, Paris.

BEJAOUI, Fethi, 1990 – "Documents d'archéologie et d'épigraphie paléochrétiennes récemment découvert en Tunisie dans la région de Jilma" in *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Paris, pp. 256-277.

BÉJAOUI, Fethi, 1997 - *L'iconographie paléochrétienne sur la sigillée claire africane*, Institut National du Patrimoine, Tunis.

BEJAOUI, Fethi; BARATTE, François, 2001 – "Églises urbaines, églises rurales dans la Tunisie paléochrétienne : nouvelles recherches d‟architecture et d‟urbanisme" in *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Paris, pp. 1447-1498.

BELMELLE, C.; ERISTOV, H.; MONIER, F.; (edit.), 2011 - *Décor et Architecture en Gaule, Aquitania,* Supplément, 20, Bordeaux.

BELTRÁN DE HEREDIA, J. (dir.), 2001 - *De Barcino a Barcinona (siglos I-VII). Los restos arqueológicos de la plaza del Rey de Barcelona,* Barcelona.

BELTRÁN DE HEREDIA, J., 2001 - "La Vida cotidiana. Domus y cultura material", in *De Barcino a Barcinona (siglos I-VII*), Institut de Cultura: Museu D'Història de La Ciutat, pp. 140 - 195.

BELTRÁN DE HEREDIA, J., 2005 – "Les élites locales et la formation du centre de pouvoir à Barcelone. Un exemple de continuité (IV –XIII^{e} siècle)", in *Les Cahiers de Saint-Michel de Cuxa,* XXXVI: 151-168.

BELTRÁN DE HEREDIA, J., 2008 – "Inhumaciones privilegiadas intra muros durante la Antigüedad Tardía: el caso de *Barcino", in AAC,* 19: 231-260.

BELTRÁN DE HEREDIA, J. e BONNET, Ch., 2007 – "Nouvelles données sur le baptistère de Barcelone", in M.Marcenaro (ed.), *Albenga città episcopale. Tempi e dinamiche della cristianizzazione tra Liguria di Ponente e Provenza. Convegno Internazionale e Tavola Rotonda. Albenga, Palazzo Vescovile: Sala degli Stemmi e Sala degli Arazzi. 21- 23 settembre 2006.* Tomo 1, Génova-Albenga, pp. 771-815.

BELTRÁN, M., 1990 - *Guia de la Cerámica Romana*, Zaragoza.

BERARDINO, A., 1990 - *Dictionnaire Encyclopédique du Christianisme Ancien*, Cerf. voI. I e lI.

BERMÚDEZ CANO, J.M., 2005 - "Una placa-nicho cordobesa de prototipo emeritense". *AAC* 16, pp. 181- 192.

BERNAL CASASOLA, Darío, BONIFAY, Michel, 2010 - "Importaciones Y Consumo Alimenticio En Las Ciudades Tardorromanas Del Mediterráneo Nor-Occidental (Ss. VI-VIII D.C.): La Aportación De Las Ánforas" in *Espacios Urbanos En El Occidente Mediterráneo (S. VI - VIII)*, Toletum Visigodo, Toledo, pp. 45 – 64.

BERNARDES, João Pedro (no prelo) – "Consumo e transformação de peixe entre o mundo romano e o mundo islâmico", in *Actas do Colóquio Internacional Sabores do Mediterrâneo: alimentação e gastronomia medievais* (Mértola. 5, 6 e 7 de Maio, 2011)

BERNARDES, João Pedro, 2009 - "As transformações no fim do mundo rural romano no Sudoeste Peninsular: evidências e problemas arqueológicos (sécs. V-VII)", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 20, Área de Arqueología. Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 323-348.

BESSAC, J., CHAPELOT, O., DE FILIPPO, R., FERDIÈRE, A., JOURNOT, F., PRIGENT, D. SAPIN, C., SEIGNE, J. 2004, - "La construction – Les matériaux durs : pierre et terre cuite", Alain Ferdière (dir.) In *Collection Archéologiques*, Ed. Errance, Paris.

BIANCA, Stefano (Ed.), 2007 - *Medieval Citadels Between East and West*, Ed. Umberto Allemandi (Turim) / Aga Khan Trust for Culture, fig. 97, p. 120.

BIDDLE, Martin, 1976 - "Town" in Wilson, M. D., (ed), *The Archeology of Anglo-Saxon Englad*, pp. 99-150.

BIEN, S. 2003 - "Contextes céramiques du VIIe siècle aux abords du pavillon Bargemon à Marseille", in *Revue Archéologique de Narbon*- naise, 36, pp. 305-318.

BIEN, S. 2005 - "Des niveaux du VIIe s. sous le Music-Hall de l'Alcazar à Marseille", en J.M. Gurt, J. Buxeda y M.A. Cau eds., *LRCW I, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean, Archaeology and Archaeometry, B.A.R.* i.s, 1340, Oxford,

pp. 285- 298.

BIEN, S. 2007 - "La vaisselle et les amphores en usage à Marseille au VIIe siècle et au début du VIIIe siècle: première ébauche de typologie évolutive", en M. Bonifay y J-C Tréglia eds, *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry, BAR* i.s. 1662 (II), pp. 263-274.

BISCONTI, Fabrizio, 1989 - "Le rapresentazioni urbane nella pittura cimiteriale romana: dalla città reale a quella ideale", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp.1305- 1321.

BLAKE, M. E., 1930 - 'The pavements of the Roman building of the Republic and Early Empire", in Memoirs of the American Academy in Rome, 8, Roma, p. 7-159.

BLANCHARD, M. et alli, 1973 - *Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique*, Bulletin AIEMA, Paris.

BLÁSQUEZ, J. M. e MONTEAGUDO, G. L., 1990 - "Iconografia de la Vida cotidiana: Temas de Caza", in *Mosaicos Romanos. Estúdios sobre Iconografia, Actas deI Homaje in Memoriam de Alberto Balil Illana*, Guadalajara.

BLÁZQUEZ, J. M., 1967 - "Possible origen africano de! cristianismo espanol: in *Anejos do Arquivo Espanol de Arqueologia*, vol. 40, pp. 30-50.

BLÁZQUEZ, J. M., 1979 – "Las raíces clássicas de la cultura ibérica", in *Archivo Espanol de Arqueología*, voI. 52, n° 139 y 140, Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M., 1981 - *Mosaicos romanos de Córdoba, Jaén y Málaga*, Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M., 1982 - *Mosaicos romanos de Sevilla, Granada, Cádiz y Mureia*, Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M., 1986 - "La carta 67 de Cipriano y el origen del cristianismo hispânico", in *Homenaje a P. Sáinz Rodríguez*, t. III, Estudios históricos, Madrid, pp.93 -112.

BLÁZQUEZ, J. M., 2002 - "Origem do Cristianismo na Lusitânia", in *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, IPM, pp. 317-322.

BLÁZQUEZ, J. M'., & ORTEGO, T., 1983 - *Mosaicos Romanos de Soria*, Madrid.

BLOT, M.L., 1998 - "Mar, Portos e Transportes no Alentejo", in *Arquivos de Beja*, 7-8, Série III, Beja, p. 145-147.

BLOT, M. L., 2003 – *Os portos na origem dos centros urbanos: contributo para a Arqueologia,* 28, IPA, Lisboa.

BOGNETI. G. P., (sd.) - "Problemi di meto do e oggeti di studio nela storia de la città italiane del'alto Medioevo", *La città nell'alto Medioevo, Settima di Studio dei Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, Espoleto, pp. 59-88.

BOIÇA, J. e BARROS, M.F.R, 1995 - *As Terras as Serras os Rios, As Memórias Paroquiais de 1758 no Concelho de Mértola*, Estudo e Fontes para a História Local, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

BOIÇA, J. 1998 - *Imaginária de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

BOIÇA, J., 1993 - "Topografia Histórica de Mértola", Arqueologia Medieval, nº3, C.A.M.- Edições Afrontamento, pp.47- 59.

BOIÇA, J., 2001 - *Museu de Mértola*, *Porta da Ribeira. Arte Sacra*, CAM, Mértola.

BOIÇA, J., 2001 – *A Torre do Relógio*, Mértola, Câmara Municipal de Mértola.

BOLETIM da Direcção - Geral dos Monumentos Nacionais, 1953 - Igreja *Matriz de Mértola*, nº LXXI. Março.

BONET, María De Los Angeles, 1988 - "La economia tardorromana del sureste peninsular: el ejemplo del Puerto de Mazarron (Murcia)", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte y poblamiento en el SE peninsular durante los últimos siglos de civilizacion romana, V*, (ed. A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 471- 501.

BONIFAY, Michael, BERNAL CASASOLA, Dario, 2008 - "Recópolis, paradigma de las importaciones africanas en el visigothorum regnum. Un primer balance", in *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*, Museo Arqueologico Regional, Alcalá de Henares, pp. 99-115.

BONIFAY, Michel 2004 – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, BAR International Series, 1301, Oxford.

BONNET, Charles, 1986 – *Genève aux primiers tempes chrétiens*, Genève, Fundation des chefs de Saint Pierre.

BONNET, Charles, 1989 - "Baptistères et groupes épiscopaux d'aoste et de Genève: évolution architecturale et aménagements liturgiques", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp.1407-1426.

BOROBIA, E. L. e PARRA, M.L., 1992 - "Los instrumentos quirúrgicos en Odontología de época clássica. Influencias en el diagnóstico paleopatológico" in *Actas dei I Congreso Nacional de Paleopatología. Enfermedad y Muerte en el Pasado*. San Sebastián (1991). Munibe, Suplemento 8. San Sebastián, pp.227-230.

BOSCH, F. - MACÍAS, J. M. - MENCHON, J. 1. _ MUNOZ, A. - TEIXELL, I., 2005 -"La transformació urbanística de l'acrópôlis de Tarragona: avanç de les excavacions deI PIa Director de la Catedral de Tarrgona (2000-2002)" in GURT, J. M. - RIBERA, A (eds.), *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. Les ciutats tardoantigues d'Hispania: cristianització i topografia (Valencia, 8 aI 10 de mayo de 2003), Barcelona, pp.167- 174.

BOUNEGRU, O., e ZAHARIADE, M., 1996 - "Ports et Aménagements Portuaires", in *Le Forces Navales du Bas Danube et de la Mer Noir aux.I^er^ – VI^e^ Siècles*, Oxford.: 82-83.

BOURGUET, Pierre du, 1965 - *La peinture paléo-chrétienne*, Port Royal, 3, Suiça.

BOVINI. G., 1966 - *La chiesa paliocristiana de Ancona*, Roma.

BOYD, Susan, 1989 - "The decorative program of the champlavé revetments from the episcopal basílica at Kourion in Cyprus", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1821-1840.

BRADBURY, Scott. (ed.), 2004 – *Selected letters of Libanius: from the age of Constantius and Julian*, Liverpool University Press, Liverpool.

BRANCIFORTI, Maria Grazia, GUASTELLA, Claudia, 2008 - *Le terme della rotonda di Catania*, Regione Siciliana

BRANCO, M. da S. C., 1997 – *Duarte de Armas Livro das Fortalezas*, Edição fac-similedo MS 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 2a edição, Lisboa.

BRANDT, Olof, 2012 - *Battisteri Oltre La Pianta*, Pontificio, Instituto di Archeologia Cristiana, Città del Vaticano.

BREDA, A. e VENTURINI, L, 2001 - *La pieve di Pontenove di Bedizzole* (BS) voI. 2, pp. 631-646.

BRETT, Gerard, 1947 - "The mosaic" in *The great palace of the Byzantine emperors* (dir. de Gerard Brett et ai.), London, Oxford University Press, pp. 64-97

BROGIOLO, Gian Pietro, 2012 - "De "aristocrazie a Campagne" a una Arqueología de los paisajes medievales", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 9-20.

BROWN. P., 1999 - *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Editorial Presença, Lisboa.

BRUSINJ Giovanni; ZOVATTO, Paolo Lino, 1957 - *Monumenti paleocristiani di Aquileia e di Grado*, Udin, Deputazione di Storia Patria per il Friuli

BUCKTON, 0., 1994 - *Byzantium*, Published for the Trustees of the British Museum, London.

BULGARELLI, F., 2001 - *Areheologia dei pellegrinaggi in Liguria*, Savona.

BURGER, A., 1987 – "The Roman Villa and Mausoleum at Kövagos zölös (Sopianne)". *A James Pannonius Múseum Enkönyve:* 30-31, Sofía, pp. 175-179.

BURRELL, B. 1993 - "Two inscribed columns from Caesarea Maritima", *ZPE*, 99, pp. 287-295.

BUSCHHAUSEN, H., 1989 - *Mosaïques Byzantines de Jurdainie*, Musée de la Civilisation Galo-Romaine de Lyon.

CABALLERO ZOREDA, L. e ULBERT, Th., 1975 - *La basílica paleocristiana de Casa Herrera en las cercanias de Mérida*, Escavaciones Arqueologicas en España, 89.

CABALLERO ZOREDA, L., 1989 - "Pervivencia de elementos visigodos en la tranzición al mundo medieval. Planteamiento del tema", in *Actas Editrice* Il Torchietto-Ozeiera, pp. 1346-1347.

CABALLERO ZOREDA, L., SÁNCHEZ SANTOS, J. C., 1990 - "Reutilizaciones de material romano en edificios de culto Cristiano", in *Antigüedad y Cristianismo. Cristianismo y aculturación en tempos del imperio romano, VII,* (eds. A. González Blanco, José Mª Blázquez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 432-485.

CABALLERO ZOREDA, Luis, 2003 - "Arquitectura tardoantigua y alto medieval en Extremadura", in *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Época tardoantigua y altomedieval*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XXIX, Mérida, pp.143-176.

CABALLERO ZOREDA, Luis, SÁEZ LARA, Fernando, 2009 - "La iglesia de el Gatillo de Arriba (Cáceres). Apuntos sobre una iglesia rural en los siglos VI al VIII", in *El siglo VII frente al siglo VII: Arquitectura*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, Mª Ángeles Utero Agudo), Anejos de AEspA LI, Madrid, pp. 155-184.

CAETANO, J. O., 2007 - Sombras e alguma luz sobre o bispo D. Afonso de Portugal in *Cenáculo*, Boletim online do Museu de Évora, n.º 2,Dezembro, |pp. 3 a 24. http://museudevora.imc-ip.pt/Data/Documents/Cenaculo2/B2afonso2007c.pdf 11/10/2013

CAILLET, Jean-Pierre, 1993 - *L'evergétisme monumental chrétien en Italie et à ses marges*, École Française de Rome, Rome.

CAILLET, Jean-Pierre,, 1990 - "Le prix de la mosaique de Pavement (Ivê- Viê s.)", in *VI Colóquio Internacional sobre mosaico antigo*, Palencia-Mérida p. 4 I r.

CAMACHO MACIAS, Aquilino, 1988 - *EL Libro de Las Vidas de Los Santos Padres de Mérida*, Mérida.

CAMPBELL, S., 1995 – "The Peaful Kingdom: a liturgical interpretation", LING, R., ed., *Fifih Intemational Colloquum on Ancient Mosaics, Part Two, Jumal of Roman Archaeology*, Suppl. s. n° 9, Ann Arbor, pp. 125- I 34

CAMPOS CARRASCO, J. 1989 - "Estructura urbana de la Colonia Iulia Romula Hispalis en época republicana", *Habis* 20, pp. 245-262.

CARDOSO, , J. L, 2006 – "Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista", in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, pp. 293-520.

CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; GUERRA, M. F., 1995 – "A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais) : Caracterização e integração cultural: análises não destrutivas de espólio metálico" in *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Oeiras. 5, pp. 315-339.

CARDOSO, M., 1971 - *Antiguidades da Lusitânia de André de Resende: Tradução e Notas,* Dissertação Final do Curso de Filologia Clássica, Lisboa.

CARNEIRO, André, 2009 -"Sobre a cristianização da Lusitânia: novas reflexões a partir dos dados históricos e das evidências arqueológicas", in *Espacio, Tiempo y Forma*, série I nueva época nº 2, Faculdad de Geografía e Historia, Madrid, pp. 205-220.

CARROBLES SANTOS, Jesús, 1999 - "La ciudad de Toledo en la antegüedad tardía", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 193-200.

CARVALHAES, J., 1911 – "Aquisições do Museu Ethnologico Português", in *O Archeólogo Português*, XVI, pp. 103-125.

CARVALHO, J. S. e FERREIRA, O. da V. 1954 - "Algumas lavras auríferas romanas" *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço Geológico Mineiro*, 9 (1-4), pp. 23-24.

CARVALHO, P., 1998 - *O Forum de Aeminium*, M.C./I.P.M, Lisboa.

CASTELO-BRANCO, F., 1958 - "Do tráfego fluvial e da sua importância na economia portuguesa", sep. *Boletim da Sociedade de Geogflifia*, Lisboa.

CATARINO, Helena 2005-2006 – "Formas de ocupação rural em Alcoutim (séculos V-X), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología,* Universidade Autónoma de Madrid, Madrid, pp. 117-136.

CATARINO, Helena, 1997-1998 – "O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – Povoamento e recintos fortificados", 3 vols., *Al-'Ulyā,* n.o 6, Câmara Municipal de Loulé, Loulé.

CAUUET, Béatrice, DOMERGUE, C. DUBOIS, C., 2002 - "Mine d' Aljustrel (Portugal): fouilles archéologiques dans lesanciens réseaux miniers des Algares" in M. Rego, (Coord.) *Mineração no Baixo Alentejo*, vol. II, Castro Verde, pp. 38-87.

CAVALLO, G. 1989 – " Il segno della mura. L'iconografis delle città nel libro antico" in Gabba, E. – Schiavone (a cura di), *Storia di Roma*, Vol. IV, Caratteri e morfologie, Torino, pp. 267-300.

CENTENO, R. e SOUTO, J., 1997 - "Depósito de Moedas da Judeia Achado em Mértola", in *NUMMUS*, 2' S., XVI/XX, Porto, S.P.N. p. 113-120.

CERRILLO, E., 1978 - *Las construcciones basilicales de época paleocristiana y visigoda en la antiga Lusitania,* Tesis doctoral inédita, Salamanca.

CHALMETA, Pedro 1989 - "Al-Andalus", *Historia de España*. Volumen 3 Al-Andalus: musulmanes y cristianos (siglos VIII-XIII), pp. 9-113. Barcelona, Editorial Planeta.

CHALMETA, Pedro, 1994 - *Invasión e Islamización*, Madrid, Ed. MAPFRE.

CHAPMAN, R., 1987 - "Mortuary practices: society, theory building and archaeology in death, decay and reconstruction" in *Approaches to arcbaeology and jorensic science*. Manchester University Press, Manchester, p. 198-213.

CHAVES, L., 1956 - "Estudos lusitano-romanos. A villa de Santa Vitória do Ameixial" in *Archeólogo Português*, XXX, 1938.

CHÉHABJ Maurice, 1959 - Mosaïques du Liban - planches in "Bulletin du Musée d. Beyrouth": t. XIV, Paris, Librairie d' Amérique et d' Orient Adrien Maisonneuve

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A., 1994 - *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, Lisboa.

CID, Pedro, 1995 - *A parede-muralha do Criptopórtico de Mértola*, F.C.SH. da Universidade Nova de Lisboa, (policopiado).

CIL II, parte 7, n°. 657 http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html

CIL VI, 1455 e 1456 http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html

CIMOK, F., 2000 - *A Corpus Antioch Mosaics*, A Turizm Yayinlari, Istambul.

CINTAS, Jean (e DUVAL, Noel), 1958 - *L'église du prêtre Félix (région de Kélibia) in "Karthago"*, vol. IX, Tunis, Mission Archéologique Française en Tunisie, pp. 155-270

CINTAS, Jean (e FEUILLE, G.L.), 1951-1952 - *Église et baptistere de Thibiuca in "Karthago"*, vol. III, Paris, pp. 155-270

CIRLOT, J. E., 1982 - *Dicionário de símbolos*, Barcelona.

CLARIANA, Joan Francesc, PREVOSTI, Marta, 1994, "Un exemple de ruralització a l'antiguitat tardiana: la VIL. La de torre Llauder", in *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Monografias de la secció Històrico-Arqueològica III, Barcelona, pp. 117-126.

CLIQUETI. O., PILET-LEMIERE, J. e VIPARD, P., 1990) "Les Baptisteres Paleochretiens", *in Les Dossiers d'Archéologie*, nº 144, Janvier, pp. 62-65.

COELHO, A. B., 1992 - "Sobre Mértola e o Guadiana", in *Arqueologia Medieval*, CAM - Afrontamento, Mértola, pp. 203-207.

CORDELO. 1990, *Ostia Guia de las escavaciones*, Edizioni Storti, Venezia.

CORDERO RUIZ, Tomás, FRANCO MORENO, B., 2012, "El território emeritense durante la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 147-169.

CORREIA, Fernando Branco, 2007 - "Notas en torno da muralha romana de Évora e da sua continuidade em fases posteriores", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 673-683.

CORREIA, Fernando Branco, I993 - "Catalogação de Materiais" in *Núcleo Visigótico*, Museu Regional Beja.

CORREIA, S. e OLIVEIRA, J. C., 1992 – "Intervenções arqueológicas do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul no Baixo Alentejo" in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* Porto. 32, pp. 315-334.

CORTEZ, Fernando Russell, 1946, - "Os Mosaicos Romanos do Douro", in *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, 7, Porto, pp. 121-161.

COSMI de FANTI, A., 1972 - *Il Battistero di Callisto A Civitdale*, Casa deitrice Prof. Riccardo Matron

COSTA, M. L. V., 1985 - "Contribuição para o estudo de alguns dos mosaicos da Villa Romana de Pisões", in *Arquivo de Beja*, Vol. II _-2' Série, Beja.

COUTINHO, Hélder, 2005 - *As ruínas do Montinho das Laranjeiras*, Câmara Municipal de Alcoutim e CCDR-Algarve,

CRAWFORD, M.H., 1975 - *Roman Republican Coinage*, Cambridge University Press

CRESSIER, Patrice, 1984 – "Les chapiteaux de la grande mosquée de Cordoue (oratoires de 'Abd ar-Rahman I et de 'Abd ar-Rahman 11) et la sculpture de chapiteaux à I'époque émirale - premiere partie" in *Madrider Mitteilungen*. N° 25, pp. 316-381.

CRISTÓVÃO, José, 2002 - As muralhas romanas de Idanha-a-Velha, tese de mestrado Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, [Texto policopiada].

CRUZ VILLALÓN, M., 1985 - *Mérida Visigoda La Escultura Arquitectónica Y Litúrgica*, Badajoz.

CRUZ VILLALÓN, M., 2000 - "El taller de escultura de Mérida. Contradicciones de la escultura Visigoda", in *Visigodos y Omeyas*, Anejos de AEspA XXIII, Madrid, pp. 265-278

CRUZ VILLALÓN, María, 2003 -"La escultura cristiana y altomedieval en Extremadura", in *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Época tardoantigua y altomedieval*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XXIX, Mérida, pp. 253-270.

CRUZ VILLALÓN, María, 2007 - "Aplicación metodológica al estúdio de la escultura. El conjunto Visigodo de Extremadura", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 222-232.

CUNHA, E., I996 - "Viajar no tempo através dos ossos. A investigação paleobiológica". *AI-madan.* ll série, n° 5. Outubro, pp. 13I-141.

CUSCITO, G., I989 - "Vescovo e cattedrali nella documentazione epigrafica in Ocidente", in, *Actes du Congris International D'Archéologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, 123, voLI, Roma.

CVETKOVIC TOMASEVIC, Gordana, 1973 - *Heraclea Lyncestis*, Bitola, Board of Heraclea

CVETKOVIC TOMASEVIC, Gordana, 1975 – "Mosaïques paléochrétiennes récemment découvertes à Héracléa Lynkestis" in *La mosaique gréco-romaine*. lI, Paris, Éd. Picard/CNRS, pp. 385-398

CVETKOVIC TOMASEVIC, Gordana, 1994 - "Mosaïques découvertes à Ulpiana en 1982 et un groupe de mosaïques du IVe siecle. Essai de datation et interprétation" in *La moscaïque gréco-romaine. IV*; Paris, Associarion Internationale pour l' Érude de la Mosiique Antique, pp. 145-150

DANIÉLOU, J., 1960 - *Théologie du Judéo-christianisme*, Paris

DARLES, Christian, 2007 - "Généralités sur le rempart tibérien de Toulouse et résultats des dernières recherches", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 201-213.

DARLES, Christian, 2007 -"Etat des recherches concernant les fortifications de Saint-Lézer, un castrum de l'Antiquité tardive en Novempopulonie, province d'Aquitaine", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 185-199.

DE MAN, Adriaan, 2007 - "A muralha tardia de Conimbriga", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 699-712.

DE MAN, Adriaan, 2008 – "Os materiais, as muralhas e as suas interpretações: estratégia baixo-imperial e modelo autarcista no Norte da Lusitânia", in *I Congreso Internacional de Arqueoloxía de Vilalba*, Férvedes no 5, Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba, Vilalba, pp. 427-430.p

DE MAN, Adriaan, 2011 - *Defesas Urbanas da Lusitânia*, Studia Lusitana, Mérida.

DELGADO, A., 1871 - *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España,*

4 vols. Sevilla, Ed. Círculo Numismático.

DELGADO, Manuela, 1988 – "Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal", *Cadernos de Arqueologia,* série II, n.o 5, pp. 35-49.

DELGADO, Manuela, 1992 – "Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente", *Arqueologia Medieval,* I, Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento, Mértola/Porto, pp. 125-133.

DELLASORTE, G. B., 1989 - *Aquilee Antique*, Edizioni Storti, Veneza.

DELOGU, Paolo, 2010 - "Spazi Economici Delle Città Nell'italia Dell'viii Secolo" In *Espacios Urbanos En El Occidente Mediterráneo (S. VI - VIII),* Tolentum Visigodo, pp. 29-43.

DEUS, M. de , OLIVEIRA N. V., DUARTE, C., 2004 - "Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique): intervenção de emergência in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. volume 7. número 1. pp. 451-465.

DIARTE BLASCO, P., 2012 – *La configuración urbana de la Hispania tardoantigua*, BAR International Series 2429, Oxford.

DIAS, L., 2008 - "Gestão integrada na Área Arqueológica do Freixo", *in Al-madan*, IIª Série, Almada, pp. 82-91.

DIAS, L., I995 - "Necrópoles no Territorium de Tongobriga", in *Conímbriga,* Vol.XXXlI - XXXIII, (1993)-(I994), pp. I07-136.

DIAS, M. A., e TORRES, C., 1984 - "Cinco Novos Epitáfios Paleo-cristãos de Mértola", in *Ficheiro Epigráfico*, 39, Coimbra.

DIAS, M. M. Alves - GASPAR C., 2006 - *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português* (CIPTP), Lisboa, Centro de Estudos Clássicos UL, Lisboa.

DIAS, M. M. Alves 2000 - "Arqueologia paleocristã", in AZEVEDO, C.A.M., (dir), *Dicionário de História Religiosa*, Círculo de Leitores, vol. **I,** pp. I03- I05.

DIAS, M. M. Alves, 1986 - "Inscrição funerária de Casével (Castro Verde)" in *Ficheiro Epigráfico*, 18, nº 83, Coimbra.

DIAS, M. M. Alves, 1986 – "Fragmento de cipo funerário romano de Mértola, (Convento Pacensis)", *Ficheiro Epigráfico*, 20, Coimbra.

DIAS, M. M. Alves, 1987 - "Fragmento de placa funerária romana de Mértola, (Convento Pacensis)", *Ficheiro Epigráfico*, 21, Coimbra.

DIAS, M. M. Alves, 1993 - "Epigrafia", in *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, CAM, pp. 102-138.

DIAS, M. M. Alves, 1994 - "Cristianização do território português", in *Atlas de Arqueologia*, Lisboa, p. 360-361.

DIAS, M. M. Alves, 1997 - "A decoração dos epitáfios cristãos de Mértola (séculos V e VIII)", in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/IO, pp. 319-340.

DIAS, M. M. Alves, GASPAR, C., LOPES, V., 2013 – "Mértola en la Antigüedad Tardía: Nuevos datos arqueológicos y epigráficos" in *HABIS* 44, Universidad de Sevilla pp.247-267

DIAS, M. M. Alves, GASPAR, Catarina, 2013 - "Culpa de Eutiches, Beja (Conventos Pancensis)", in *Ficheiro Epigráfico* 105, Coimbra.

DIAS, M. Manuela Alves – GASPAR, Catarina, 2013 - "A população de Mérida e de Mértola nas fontes epigráficas", in Carmen Codoñer e Paulo Farmhouse Alberto (org.), *Wisigothica. After M. C. Díaz y Díaz*, Firenze, SISMEL, pp. 259-267.

DÍAZ ESTEBAN, Fernando, 1999 - "Inscripciones hebreas de España y Portugal. Algunas relecturas y novedades", *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, Año XXXV, Madrid, Asociación Española de Orientalistas pp. 145-159..

DÍAZ Y DÍAZ, M. C., 1999 - "La lengua institucional en la Hispania de los siglos VI-XI. Ideologie e pratiche del reimpiego nell'alto medioevo", in *Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, XLVI, Spoleto, Centro italiano di studi sull'Alto Medioevo, p. 449

DOMERGUE, C. 1987 - *Catalogue des mines et des jonderies antiques de la Penínsule Ibérique*, Serie Archaeologie, VIII, Madrid.

DOMERGUE, C. 2008 – *Les Mine Antiques, La production des métaux aux époques greque et romaine*, Picard, Paris.

DOMERGUE, C.. 1990 - *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité romaine*, Collection de l'École Française de Roma, 127, Roma.

DONCEEL- VOOTE, Pauline, 1988a - *Les pavements des églises byzantines de Syrie et du Liban*, vol. I (texte), Louvain-Ia-Neuve, Publications d' Histoire de I' Art et d' Archéologie de I' Université Catholique de Louvain

DONCEEL- VOOTE, Pauline, 1988b - *Les pavements des églises byzantines de Syrie et du Liban,* vol. 11 (planches hors-texte), Louvain-Ia-Neuve, Publications d' Histoire de I' Art et d' Archéologie de I' Université Catholique de Louvain

DONCEEL-VOÛTE, P., 1998c - "Le fonctionnement des lieux de culte aux VIe-VIIe siècles: monuments, textes, images ", dans Acta *XIII. Congressus Intern. Archeologiae Christianae*/Radovi XIII. Medunarodnog Kongresa za Starokriscіansku Arheologiju, Split-Vatican, T.II, pp.97-156, 28 figg.

DONCEEL- VOOTE, Pauline, 1995 – "L' inévitable chapelle des martyrs: identification" in *Martyrium in multidisciplinary perspective. Memorial Louis Reekmans* (ed. par M. Lamberigts et P. van Deun), Leuven, Leuven University Press, pp. 179-196.

DRESKEN-WEILAND, J., 2004 - "Ricerche sui com- mittenti e destinatari dei sarcophagi paleocristiani a Roma", en F. Bisconti y H. Brandenburg (dirs.), *Sarcofagi tardoantichi, paleocristiani e altomedievali:* Città del Vaticano, pp.149-153.

DRISS, Abdelaziz, 1962 - *Trésors du Musée National du Bardo*, SNED, Tunis.

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBEZY, E.; SELLIER, P. e TILLIER, A.M., 1990 - "L'Anthropologie de Terrain: reconnaissance et interpretation des gestes funeraires". *Buli. et Mém. de la Soc. d'Ant. de Paris* n.s. 2.3, pp. 29-50.

DUDLEY, D., 1991 - *Roman Society*, Penguin Books, Middlesex.

DUNBABIN, K. M. 1978 - *The Mosaics of Roman North Ajrica*, Oxford University Press.

DURÁN CABELLO, Rosalía María, 1999 - "Mérida en la antegüedad tardía", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 161-180.

DURLIAT, Jean 2002 – *De l'Antiquité au Moyen-Âge. L'occident de 313 à 800*. Paris: Ellipses Éditions.

DUVAL, Noël, I973 - *Eglises africaniznes à deux absides*, 2 vols., Paris.

DUVAL, Noël, 1975a - *Recherfhes archeológiques à Haidra. I - La basilique I dite de Saint Melléus ou de Saint-Cyprien*, Roma, École Française de Rome.

DUVAL, Noël, 1975b - "Observations sur l' origine, la technique ef l' histoire de la mosaïquc junérairc chrétienne en Afrique" in *La mosaïque gréco-romaine.*, Éd. Picard/CNRS, Paris, pp. 63-101

DUVAL, Noël 1982 - *Recherches archeológiques à Haidra. II - Les inscriptions chrétiennes*, Roma, École Française de Rome.

DUVAL, Noël, 1989a - "Complémentes aux rapportes sur l'Afrique chrétienne", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne,* Collection de L'École Française de Rome, vol. III, Roma, pp. 2740-2796.

DUVAL, Noël, 1989b - "L'Évêque et la Cathédrale en Afrique du Nord", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. I, Roma, pp. 345-403.

DUVAL, Noël, 1996 - "Peut-on distinguer actuellement des ateliers de "mosaïques funéraires" À Tabarka (Tunisie)? (études d'archéologie chrétienne nord-africaine XVII)",

in *Spania Etudis d'antiguitat tardana oferts en homenage al professor Pere de Palol i Salellas*, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Barcelona, pp. 71-79.

DUVAL, Noël., 2000a – "Les relations entre I' Afrigue et I' Espagne dans le domaine liturgique: Existe-t-il une explication commune pour les 'contre-absides' et 'contre-choeurs'? À propos de ... Godoy ... 1995, in *Rivista di Archeologia cristiana* 76, pp. 429-476.

DUVAL, Noël, 2000b - Architecture et liturgie: les rapports de I'Afrique et de I'Hispanie à l'époque byzantine, en: V Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Cartagena 1998), Barcelona,pp. 13-28.

DUVAL, Noël e LEZINE, A, I959 - *Nécropole Chrétiene et baptistire souterrain*, Paris.

DUVAL, Noël, e BARATTE, F., I973b - *Les ruine de Sufetula/Sbeïtla,* Société Tunisienne de Diffusion.

DYGGVE, E., 1940 – "Die altchristliche Kultbauten an der Westküste der Balkanhalbinsel". IV C.I.A.C. Roma, 1938, Ciudad dei Vaticano pp. 391-410.

DYGGVE, E., 1952 – "Le tipe architectural de la Cámara Santa d'Oviedo et l'Architecture Asturienne". In *Cahiers d'Archéologie* n° 6, París, pp. 125-130.

ECIO VEGANZONES. A., 1978 - "Baetica" paleocristiana y visigoda: Estepa y Osuna (Sevilla)" in *Rivista di Archeologia Cristiana*, ano LIV, Cittá deI Vaticano, Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, pp. 23-82

EGER, Christoph, 2006 - "Tumbas de la Antigüedad tardía en Munigua. Tipos de tumba, ritos de enterramento y ajuares funerários en una pequeña ciudad del sur de España en los siglos III/IV a VII", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 17, vol. II, (eds. Vaquerizo, D., Garriguet, J. A., León, A.), Área de Arqueología Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 137-160.

ENCARNAÇÃO, J. d', 1984 - *Inscrições Romanas do Convento Pacensis*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra.

ENCARNAÇÃO, J. d', 1994 – "Achado arqueológico confirma Myrtilis romana" Diário do Alentejo, Beja, 29.12.1994, p. 2.

ENCARNAÇÃO, José d', LOPES, Virgílio, 2013, "Cupa funerária romana de Mértola*(conventus pacensis), in Ficheiro Epigráfico*, 108, Universidade de Coimbra Faculdade de Letras

ENNABLI, A., 1976 - *Lampes Chrétiennes de Tunisie*, C.NR.S., Paris.

ENNABLI, L., 1997 - *Carthage Une Métropole Chrétienne du IV' à la Fin du VII' Siicle*, CNRS Éditions, Paris.

ENNABLI, L., 2001 – *Cartago Cristiana*, Ministério da Cultura, Tunis.

ENRIQUE ARIÑO, SARAH DAHÍ, ELVIRA SÁNCHEZ, 2012 - "Patrones de ocupación rural en el território de Salamanca. Antegüedad Tardía y Alta Edad Media", in *Visigodos y Omeyas El território,* (eds. L. Caballero, P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 123-145.

ERNÁNDEZ OCHOA, Carmen e MORILLO CERDÁN, Ángel, 2006 – "The Army and the Urban Walls in Late Roman Spain: Defense and Strategy", in *The Roman army in Hispania: an archaeological guide*, University of León, León, pp. 189-209

ESCRIBANO, M. Victoria, 2000 – "Estado actual de los estudios sobre el Priscilianismo" In SANTOS, J. e TEJA, R. (eds) - *El Cristianismo. Aspectos históricos de su origen y difusión en Hispania*. Vitoria – Gasteiz: Instituto de Ciencias de la Antigüedad., pp. 263-288.

ESMONDE-CLEARY, A. S., 2007 - "Fortificación urbana en la Britannia romana: ?defensa militar o monumento cívico?", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 155-165.

ESMONDE-CLEARY, A. S., WOOD J., SABLAYROLLES, R., 2007 - "Conuenae et Consoranni: vraies ou fauses jumelles des Pyrénées?", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 167-182.

ETIENNE, R., et alii, 1973 - *Les cryptoportiques dans l'architecture romaine* (colóquio), Roma, CN.R.S. - École Française de Rome.

EYGUN, F. 1964 – "Le baptistèr Saint-Jean de Poitiers" in *Gallia*, t. XXII, CNRS, Paris, pp.137-171.

FABIÃO, C. 1987 – "Ânforas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia", in *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 4.a série. 5, pp. 125-148.

FABIÃO, C. 1999 - *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português.* Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa [Policopiado].

FABIÃO, C., 1992a – "A romanizarão do actual território português", in Mattoso, J. (dir.) *História de Portugal*, Vol. 1, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 202-283.

FABIÃO, C., 1992b – "O passado proto-histórico e romano" in Mattoso, J. (dir.), *História de Portugal*, Vol. 1, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 76-201.

FABIÃO, C., 1995 – "O azeite da Bética na Lusitânia", in *Conimbriga*, XXXII-XXXIII (1993-1994), pp. 219-245.

FABIÃO, C., 1999 – "A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 2, número 1, IPA, Lisboa, pp. 163 - 198.

FABIÃO, C., 2009 - "O Ocidente da Península Ibérica no Século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na Unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa" in *Apontamentos de Arqueologia e Património* – 4 http://www.academia.edu/212072/O_Ocidente_da_peninsula_Iberica_no_seculo_VI_sobre_o_pentanummium_de_Justiniano_I_encontrado_na_nunidade_de_producao_de_preparados_de_peixe_da_Casa_do_Governador_da_Torre_de_Belem_Lisboa 8/10/2013

FABIÃO, Carlos; DIAS, Mafalda; CUNHA, WOLFRAM, Mélanie 2008 - *Sit Tibi Terra Levis. Rituais funerários romanos e paleocristãos em Portugal*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

FARIA, A. M., 1989 - "On finds of Suevic and Visigothic Coins in the Iberian Peninsula and their Interpretation", in *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*, 3 (Santarém 1988), Sintra, Instituto de Sintra, pp.71-88.

FARIA, A. M., 1992 - "Três tesouros monetários de época republicana", *Nummus*, 2' série, 14-15, pp. 79-94.

FARIA, A. M., 1995 - "Moedas da época romana cunhadas em território actualmeme português", in, *La Moneda Hispánica Cidad y Territorio*, Anejos de Archivo Espanol de Arqueologia XlV, CSIC, Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 143-150.

FARIA, A. M., 2001 - "Oppida veteris Latii Ebora, Qvod item liberalitas ivlia, et Myrtilis ac Salacia" (PLIN. NAT 4.117), in *Vipasca*, Aljustrel, pp. 71-82.

FEIJOO MARTÍNEZ, Santiago, 2006 - "Las presas y el agua potable en época romana: dudas y certezas, in Nuevos Elementos de Ingeniería Romana", *III Congresso de las Obras Públicas Romanas*, Junta de Castilla e León, p. 145 – 164

FENDRI, Mohamed, 1965 - "Évolution chronologique ct stylistique d' un ensemble de mosaïques duns une station thamale a Djebel Oust (Tunisie)" *in La mosaïque gréco-romaine*, Paris, CNRS, pp. 157-173

FERNÁ NDEZ Catón, J.M., 1983 – *San Mancio. Culto, leyenda y reliquias. Ensayo de crítica Hagiográfica*, León.

FERNANDES, Edgar M. C. M., 2012 - *Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)*, Faculdade de Ciencias Sociasi e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, [texto policopiado]

FERNANDES, Lídia, 1997 – *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, (policopiado).

FERNANDES, Paulo Almeida, 2009 - "Esplendor ou declínio? A arquitectura do século VII no território "português"", in *El siglo VII frente al siglo VII: Arquitectura*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, Mª Ángeles Utero Agudo), Anejos de AEspA LI, Madrid, pp. 241-273.

FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., SIERRA FERNANDEZ, J. e LASSO DE LA VEGA, Ma. G., 1987 - "La basílica y necrópolis paleocristianas de Gerena " in *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 29, pp. 103-201.

FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen, GIL SENDINO, Fernando, 2007 -"El recinto amurallado de Gijón. Origen y permanencia hasta la Edad Média", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 401-416.

FERNANDEZ OCHOA, Carmen, MORILLO CERDAN, Angel, 1991 - "Fortificaciones urbanas de época bajoimperial en Hispania. Una aproximación crítica (primera parte)", in *CuPAUAM*, 18, pp. 227-259.

FERNANDEZ OCHOA, Carmen, MORILLO CERDAN, Angel, 1992 - "Fortificaciones urbanas de epoca bajoimperial en Hispania. Una aproximacion critica (segunda parte)", *in CuPAUAM* 19, Madrid, pp. 319-360.

FERNANDEZ-GALIANO RUIZ, Dimas, 1976 - "Excavaciones en la necrópolis hispano-visigoda del Camino de los Afligidos" in *Noticiario Arqueologico Hispanico*, 4, Madrid, pp. 5-90.

FERREIRA, F. B., 1965 - "Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola", in *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, 195, pp. 59-72.

FERRO, X., 1996 - *EI Simbolismo Animal*, Madrid.

FIGUEIREDO, B. de, 1887 - "Amuleto romano", in *Revista Archeológica e Histórica*, 1, pp. 70-114.

FIGUEIREDO, B. de, 1889 - "Cavallo de bronze de epoca romana", *Revista Archeológica e Histórica*, 3, pp. 113-114.

FIORIO, M. Teresa, 2006 - *Le Chiese di Milano*. Milano, Mondadori Electa.

FOERSTER, Gideon, 1989 - "Decorater marble chancel screens in sixth century synagogues in Palestine and their relation to christian art and architecture", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp.1809-1820.

FONTAINE, Jacques 1973 - *L'Art Préroman Hispanique*, Zodiaque.

FONTE, João Mário Martins da, 2006 – "O "Padrão dos Povos" de Aquae Flaviae", in Al-Madan, II Série, no 14, adenda electrónica, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, p.

VI.1-VI.7

FONTES L., 2008 – "A Igreja Sueva de São Martinho de Dume", in *O Mosaico na Antiguidade Tardia,* Nº6, Intituto de História da Arte, UNL, Lisboa, pp. 163-182.

FOUCHER, Louis, 1960 - *Inventaire des Mosaïques - fuille nº 57 de l'Atlas Archéologique – Sousse*, Tunis, Institut National d' Archéologie et d' Arts

FRADIER, G. e MARTIN, A., 1994 - *Mosaïques Romaines de Tunisie*, Cérês Editions, Tunis.

FRANÇA, E. A. 1968 – "Alfinetes de Toucado, Romanos de Conimbriga", in *Conimbriga*, VII, Coimbra, pp. 67-95.

FRANÇA, E. A. 1969 – "Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga", in *Conimbriga*, VIII, Coimbra, pp. 17-64.

FREI LEÃO DE S. TOMÁS, 1974 - *Benedictina Lusitana*, Coimbra, 1644. Ed. fac-similada e anotada por J. Mattoso, Lisboa, pp. 438-439.

FREIJEIRO BLANCO, A., 1978b - *Mosaicos Romanos de Mérida*, Madrid.

FREIJEIRO BLANCO, A., I978a - *Mosaicos Romanos de Itálica (1) Mosaicos conservados en colecciones públicas y particulares de la ciudad de Sevilla*, Madrid.

FREITAS, M.L. A. V., 1987 – *Bronzes figurativos pré-romanos e romanos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e Tecnologia, Lisboa.

FRONDONI, A., 1998 - "Riva Ligure Complesso di Culto", in *Archeologia Cristiana in Liguria, VIII Congresso Nazionale di Archeologia Cristiana*, Genova, Sarzana, Finalle Figure, Alberga, Véntimiglia, p.3/I-3/2.

FUENTES DOMÍNGUEZ, Ángel, 1999 - "La ciudad en la antegüedad tardía a la luz de los textos arqueológicos", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 25- 50.

FULFORD, M. G., 1984 – The Coarse (kitchen and domestic) and Painted Wares" pp. 155-231.

GALÁN, M. B., 1988 - "Ab Ostio Fluminis Anae ... ", in *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*, 13-14, vol. n, Universidad Autonoma Madrid, pp. I29-I39.

GANDOLFI, D. (ed.), 2001 - *L'edificio battesimale in Italia. Aspetti e problemi, Atti del'VIII Congresso Nazionale di Archeologia Cristiana, (Genova, Sarzana, Albenga, Finale Ligure, Ventimiglia, 21-26 settembre 1998),* 2 vols, Bordighera.

GARCÍA GARCÍA M. Á., *2012* – "Sarcófagos Romanos Decorados Del Siglo IV En El Territorio Andaluz: Enfoques Y Problemática Vigente" *SPAL* 21, pp.183-193.

GARCÍA MARCOS, V., MORILLO CERDÁN, Á., DURÁN CABELLO, R. Mª., 2007 - "La muralla tetrárquica de Legio: aproximción al conocimiento de un sistema constructivo", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 381-399.

GARCÍA MARCOS, Victorino, MORILLO CERDÁN, Angel e CAMPOMANES, Emilio, 1997 – "Nuevos planteamientos sobre la cronología del recinto defensivo de Asturica Augusta (Astorga, León)" in *Congreso Internacional "La Hispania de Teodosio"*, Actas, vol. 2, Junta de Castilla y León, Universidad SEK, p. 515-531

GARCÍA MORENO, A. Luis, 1999 -"La ciudad en la antegüedad tardía (siglos V a VII)", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 7-23.

GARCÍA MORENO, L. A., 1972 - "Colonias de comerciantes orientales en la peninsula Ibérica. S. V-VII", in *Habis*, nº 3, (eds. A. Blanco Freijeiro, A.Díaz Tejera, Juan Gil, J. de Hoz Bravo, Mª del P. León Alonso, J. Mª Luzón Nogué, F. Presedo Velo), Publicaciones de la Universidade de Sevilla, Sevilla, pp. 127-154.

GARCÍA MORENO, L.A., 1974 - *Prosopografía del Reino visigodo de Toledo.* Salamanca.

GARCIA MORENO, L.A., 1989 - *Historia de España Visigoda*, Madrid, Ediciones Cátedra

GARCÍA VARGAS, Enrique, VÁZQUEZ PAZ, Jacob, 2012 - "El poblamiento rural en las campiñas al sur del Guadalquivir durante la Antigüedad Tardia (siglos IV-VI d.C.)", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T. Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 235-261.

GARCÍA Y BELLIDO, 1945 - *Espana y los Españoles hace dos mil anos* (según la Geografia de Strabon), Colección Austral, Madrid.

GARCÍA Y BELLIDO, 1947 - *La Espana dei siglo Primero de Nuestra Era (según P. Mela y C Plinio)*, Colección Austral, Madrid

GARCÍA Y BELLIDO, 1958 - "Las colonias romans de la província Lusitânia", in *Arqueologia e História*, 8' série, 8, p. 11-23.

GARCIA Y BELLIDO, 1967 - "Retratos Romanos Imperiales", in *Arquivo de Beja*, volume XXIII - XXIV. Beja.

GARCÍA Y BELLIDO, 1979 - *Arte Romano*, Madrid.

GASPAR, Alexandra, GOMES, Ana, 2007 - "As muralhas de Olisipo - o troço junto ao Tejo", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*,

(eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 685-697.

GAUTHIER, N., 1995 - "Les Premieres Cathedrales de Cologne" in *Orbis Romanus Christianusque ab Diocletiani aetate usque ad Heradium*, De Bouccard, Paris, pp. 99- I 28.

GAZES, Daniel, 1999 - "Messages, Images et Objets des Nécropolis de L'antiquité Romaine et du Haut Moyen Âge", in *Le Musée Saint-Raymond*, Toulouse, pp. 159-172.

GERMAIN, S., 1969 - *Les mosaïque de Timgad. Estude descriptive et analytique*, Paris.

GHALIA, T. 2001- "La byzantine en Tunisie", in *Dossiers d'Archéologie*, 268, pp. 67-77

GHALIA, T., 1998 - *Hergla et les mosaiques des basiliques chrétiennes de Tunes. Plan, décor et liturgie*, Ministére de la Culrure, Tunis.

GIJÓN GABRIEL, E. 2004 – *Las terracotas figuradas del Museu Nacional de Arte Romano de Mérida*, Cuadernos Emeritenses, 24, Mérida.

GIL FARRÉ, Octavio, 1966 - *La moneda hispánica en la edad antigua*. Madrid,

GIL, J., 1976 – "Aera... as, depundius, etc.", in *Cuadernos de Filología Clássica*, 10, pp. 375-384.

GIORDANO, Francesco, 1997 - *La Rotonda - Mito e verità di un Tempio catanese*, Catania, Edizioni Greco.

GODOY FERNÁNDEZ, C. - TUSET BERTRÁN, F., 1994 - "El Atrium en las Vitas Sanctorum Patrum Emeritensium: ¿una fórmula de la llamada arquitectura de poder?" in *AEspA* 67, pp. 209-222.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 1985 – *Baptisterios hispánicos (siglos IV al VIII). Arqueología y liturgia*, Tesis de Licenciatura defendida en la Universitat de Barcelona.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 1989a - "Baptistérios Hispánicos (Siglos IV aI VIII). Arqueologia y Liturgia", in *Actes du Xie Congrês International D'Archéologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, 123, Vol.I. pp. 607-635.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 1989b - "Arquitectura Cristiana y Liturgia: reflexiones en torno a la interpretacion funcional de los espacios", in *Espacio, Tiempo y Forma II*, pp. 355-87.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 1994 - "Locus Competentium: La situació de Catecúmens I Aspirams AI Baptisme A la Basílica", in *III Reunió D' Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, pp. 463-484.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 1995 - Arqueologia y Liturgia. Iglesias Hispánicas (Siglos IV al VIII), Universitat de Barcelona, Barcelona.

GODOY FERNÁNDEZ, C., 2004 - "A los Pies del Templo. Espacios litúrgicos en contraposición al altar: una revision", in *Antigüedad y Cristianismo. Sacralidad y arqueología, XXI*, (eds. J. Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 473-489.

GOMES, Mário Varela, 2002 - A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 5 , número 2. pp. 339-391

GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela, 1989 - "O poço cisterna árabe de Silves (Portugal)", in *I Coloquio de Historia y Medio Físico. El água en zonas aridas: Arqueologia y Historia*, vol. II, Almería, pp.577-606"

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2006 – *Cerámica Islámica de Mértola: Producción y comercio*, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, 2006, Disponivel em: URL:http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/X?SEARCH=susana++martinez&searchscope=7&SORT=D.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2007. – Intervenções arqueológicas em Mértola. Al-madan adenda electrónica [Em linha]. Nº 15 (2007) pp. 4-5.: <URL:http://www.almadan.publ.pt>.

GOMÉZ MARTÍNEZ, S., 2011 – "Intervenção arqueológica na Mesquita – Igreja Matriz de Mertola", in *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.89-104.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, et alii, 2008 - "Carta Arqueológica do Concelho de Mértola", in *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, 26, 27 e 28 de Outubro de 2006, pp. 703-707.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio, 2007 – "Trabalhos Arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola", in *Xelb*. Nº 7. Silves: Câmara Municipal de Silves, Silves, pp. 269-282.

GÓMEZ MARTíNEZ, Susana, LOPES, Virgílio, 2008a - "La Torre del Río de Mértola. Una estrutura portuária tardorromana", in *Srutture e insediamenti antichi e medieval funzionali alla viabilità commerciale terrestre e marittima*, (eds. Lorenza de Maria, Angela Toro), Pieraldo Editore, Roma, pp. 15-48.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio, 2008b – "O arrabalde de Métola e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o Período Islâmico" in *Vipasca* Arqueologia e Historia. Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel. nº 2, 2ª Série (2008) pp. 690-697.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana e LOPES, Virgílio, 2012 – "Cerámicas del arrabal de Mértola (Portugal). Contexto y uso de los objetos en un espacio ribereño andalusí" in *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia 2009.Venezia: Edizioni All'Insegna del Giglio. pp. 566-568.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, LOPES, Virgílio, 2011 – "Laje com representação de barcos" in Gómez Martínez, S. (coord.) *Os signos do quotidiano Gestos, Marcas e símbolos no Al-Ândaluz*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio; TORRES, Cláudio; PALMA, Maria de Fátima; MACIAS, Santiago, 2009 – "Mértola Islâmica. A madina e o arrabalde" in *Xelb* nº9 – Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro de 2008). Silves, pp. 405-427.

GONÇALVES, L. J. R., 2007 – *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*, Junta da Extremadura, Mérida.

GONDI, F. G., 1968 - *Tratato di Epigrafia Cristiana Latina e Greca dei mundo Romano Occidentale*, Roma.

GONZÁLES FERNÁNDEZ, Enrique, CARREÑO GASCÓN, Mª Covadonga, 2007 - "Las puertas romanas de la muralla de Lugo. Los datos arqueológicos", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 225-280.

GONZÁLEZ BLANCO, A., 2008 - "Comunión y anatama en el cristianismo Emeritense de mitad del siglo III (año 254)", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania*, (eds. A Velázquez, A. Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 147-171.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E., 2005 – *Imago Antiqua, Lugo Romano*, Lugo.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Enrique e CARREÑO GASCÓN, Ma Covadonga, 2007 – "Las puertas romanas de la muralla de Lugo: los datos arqueológicos" in *Murallas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio – Lucus Augusti como paradigma*, Actas, Diputación Provincial de Lugo, pp. 255-280.

GONZÁLEZ PAZ, C. Andrés, 2007 - "A muralla romana de Lugo: permanência no medioevo", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I.Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 313-325.

GONZÁLEZ SALINERO, Raúl, 2009 - "La dimensión edificante del espacio sagrado: La arquitectura de culto cristiano en las fuentes escritas Hispano-Visigodas del siglo VII", in *El siglo VII frente al siglo VII: Arquitectura*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, Mª Ángeles Utero Agudo), Anejos de AEspA LI, Madrid, pp. 11-30.

GOUBER, P., 1944 - "Bizance et I'Espagne wisigothique (554-7II)", *Estudes Byzantines*, 2, pp. 5-78.

GOUBER, P., 1945 - "L'Adminisstration de I'Espagne Byzantine", *Estudes Byzantines*, 3, pp. 127-143.

GOUBER, P., 1946a - "Influences Byzantine sur I'Espagne Wisigothique", *Estudes Byzantines*, 4, pp. I I 1-134.

GOUBER, P., 1946b - "L'Adminisstration de I'Espagne Byzantine", *Estudes Byzantines*, 4, pp. 70-IIO.

GRABAR, A. 1972 - *Martyrium. Recherches sur le culte des reliques et l'art chrétien Antique. I Architecture.* London.

GRABAR, A., 1946 - *La vias de la creacon en la iconografia cristiana*, Alianza Editorial, Madrid.

GRAEN, D., 2007 - "O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra",in Revista Portuguesa de Arqueologia,* 10 (1), 275-288.

GUARDIA PONS, Milagros, LORÉS, Immaculada, 2007 - "La escultura tardorromana y altomedieval en Cataluña", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 191-219.

GUERRA, A., 1995 - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Edições Colibri, Lisboa.

GURT I ESPARRAGUERA, Josep, SÁNCHEZ RAMOS M., I., 2002 - "Topografia Cristiana en Hispania durante los siglos V y VI", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 321-245.

GURT I ESPARRAGUERRA, Josep, SÁNCHEZ RAMOS, M., I., 2008 - "Las ciudades hispanas durante la antigüedad tardía: una lectura arqueológica", in *Recópolis y la ciudad en la época visigoda, Museo Arqueologico Regional*, Alcalá de Henares, pp. 183-202.

GURT I ESPARRAGUERRA, Josep, SÁNCHEZ RAMOS, M., I., 2009 - "La ciudad cristiana en el Mediterráneo occidental. La comprensión del mundo urbano tardío desde una perspectiva material", in *Mainake*, XXXI, pp. 131-147.

GURT I ESPARRAGUERA Josep M.– SÁNCHEZ RAMOS, I., 2011 - "Topografía Funeraria De Las Ciudades Hispanas En Los Siglos IV–VII", in *Madrider Mitteilungen*, 52, pp. 457-513.

GURT, J. M. e GODOY, C., 1999 - Le necropoli urbane in Spagna nella tarda antichità" in *Revista di Archeologia Cristinana,* LXXII: 275-277.

GURT, J. M., R, G. y GODOY, C., 1994 –"Topografía de la Antigüedad Tardía hispánica. Reflexiones para una propuestas de trabajo", in *Antiquité tardive,* 2: 161-180.

GURT, J. M. e MACÍAS, J. M. 2002 – "La ciudad y el *territorium* de *Tarraco:* el mundo

funerario", in D. Vaquerizo (ed.), *Actas del Congreso Espacio y Usos funerarios en el Occidente romano, 5 a 9 de junio de 2001,* vol. I, Córdoba, pp. 87-112.

GURT, J. M. e HIDALGO, R., 2005 – "L'urbanisme a la ciutat hispana al llarg de l'Antiguitat tardana", in J. M. Gurt y A. V. Ribera (eds.), *Actas de la VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantiques d'Hispana: cristianització i topografia, Valencia, 8-10 de mayo 2003,* Barcelona, pp. 73-93.

GURT, J. M. e NAVARRO, R., 2005 – "Les transformacions en els assentaments i en el territori durant l'antiguitat tardana", *CotaZero,* 20: pp. 87-98.

GURT, J. M. e SÁNCHEZ, I. 2010a – "Espacios funerarios y espacios sacros en la ciudad tardoantigua. La situación en *Hispania",* en *Actas del I Congreso Internacional Toledo. Espacios urbanos en el occidente Mediterráneo (s.VI-VII),Toledo, 30 septiembre- 3 octubre 2009,* Toledo, pp.15-28.

GURT, J. M. y GUYON, J., 2009 – "El obispo y la ciudad", in *Actas del XV Congreso Internacional de Arqueología Cristiana. Episcopus, ciuitas, territorium. Toledo 8-12 de septiembre 2008,* Toledo, e.p.

GURT, J. M. y RIVERA, A. V. (eds.), 2005 - *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantiques d'Hispana: cristianització i topografia, Valencia, 8-10 de mayo 2003,* Barcelona.

GURT, J. M., 1995 – "Topografía cristiana de Lusitania. Testimonios arqueológicos", in Velázquez, E. Cerrillo, P.Mateos (eds.), *Los últimos romanos en Lusitania. Cuadernos Emeritenses,* 10, Mérida, pp. 73-96.

GURT, J. M., 1997 – "Transformaciones de la topografía urbana y territorial durante la Antigüedad Tardía en *Hispania", Rivista di Archeologia Cristiana,* LXXIII: pp. 275-278.

GURT, J. M. 2000-2001 - "Transformaciones en el tejido de las ciudades hispanas durante la Antigüedad Tardía: dinámicas urbanas", in *Zephyrus,* 53-54: 443-471.

GURT, J. M., 2003 - Arqueología de las ciudades episcopales", in S. F. Ramallo (ed.), *Estudios de arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia,* Murcia, pp. 121-142.

GURT, J. M., 2004 – "La Catalogne durant l'Antiquité Tardive. Les transformations du paysage urbain d'après l'archéologie", in M. Fixot (dir.), *Paul-Albert Février de l'Antiquité au Moyen Âge, Actes du Colloque de Fréjus, 7-8 avril 2001,* Aix-en-Provence, pp. 215-238.

GURT, J. M., 2007 – "Complejos eclesiásticos no episcopales. Función y gestión", en J. López, A. M. Martínez y J. Morín (eds.), *Monasteria et Territoria. Elites, edilicia y territorio*

en el Mediterráneo medieval (siglos V-XI). Archeological Studies on Late Antiquity and Early Medieval Europe (4001000 A.D.). BAR, International Series, S1720, Oxford, pp. 203-232.

GURT, J. M., 2008 – "Las ciudades hispanas durante la Antigüedad Tardía. Una lectura arqueológica", en L. Olmo (ed.), *Recópolisy la ciudad en la época visigoda. Zona Arqueológica,* 9, Alcalá de Henares, pp. 182-202.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, 1999 - "La ciudad en la antegüedad tardía en el sureste y de la provincia Carthaginiensis: la reviviscencia urbana en el marco del conflicto Grecogótico", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 101-123.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, CÁNOVAS GUILLÉN, Pablo, 2009 - "Contruyendo el siglo VII: Arquitecturas y sistemas constructivos en el tolmo de Minateda", in *El siglo VII frente al siglo VII: Arquitectura*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, Mª Ángeles Utero Agudo), Anejos de AEspA LI, Madrid, pp. 91-132.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, GRAU MIRA, Ignasi, 2012 - "El território tardoantiguo y altomedieval en el sureste de Hispania: Eio-Iyyuh como caso de estúdio", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 171- 198.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, SARABIA BAUTISTA, Julia, 2007 - "El problema de la escultura decorativa visigoda en el sudeste a la luz del Tolmo de Minateda (Albacete): distribución, tipologías funcionales y talleres", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 302-343.

GUYON, J. e HEIJMANS, M. (dirs), 2001 - *D'un monde à l'autre. Naissance d'une Chrétienté en Provence, IVè-VIè siècle (Catalogue de l'exposition 15 septembre 2001-6 janvier 2002, Musée de l'Arles antique),* Arles.

GUYON, Jean, 1989 - "Baptistéres et groupes épiscopaux de Provence", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1427-1449.

GUYON, Jean, 1991 - "Le baptême et ses monuments", in *Naissance des Arts Chrétiens*, Ministêre de la Culture/lmprimerie Nationale Éditions, Paris.

GUYON, Jean, 2001 - "La Rapide Floraison D´Un Décor Chrétien Sur Les Sarcophages", in J. Guyon, M. Hei- Jmans (Dirs.), *D´Un Monde à L´Autre. Naissance d´Une Chrétienté en Provence IV^{e}-VI^{e} Siècle*, Arles, pp. 50-55.

GUYÓN, Jean, 2002 - "La blanche robe des premières monuments chrétiens des Gaules (V-VI siècles)", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 181-221.

HADJ-SAOOK, Mohammed, 1968 – "Kitab al-Djarafiyya. Mapemonde du calife al-Mamun reproduit par Fazari (IIIe/IX s.) réedité et commentée par Zuhri (VIe/ XIIe s.) [texto árabe com introdução em francês por Mohammcd Hadj-SadokJ" in *Bulletin d' Études Orientales,* XXI, Damas, Institut Français de Damas, pp. 7-312

HAJNÓCZI, G., 1987 – "The conceptual and actual reconstruction of the villa and the burial vault at Kövágószölös. *A James Pannoniu Múseum en Könyve,* 30-31, Sofía. pp. 229-235.

HANFMANN, G. M. A. e DETWEILER, A. H., 1962 - "Sardis-Lydian, Helenistic and Byzantine-excavation in to (2000) yars of the city's history", in *ILN*, 7.

HARRIS, E., 1989 – *Principles of Archaeological Stratigraphy*, 2nd edit., Academic Press.

HAUSCHILD, Theodor, 1969 - "Das Mausoleum bei Las Vegas de Pueblanueva" *Madrider Mitteilungen, 10,* 296-316.

HAUSCHILD, Theodor, 1978 – Das Mausoleum von Las Vegas de Puebla-nueva (Toledo), MM, 19, pp. 307-339.

HAUSCHILD, Theodor, 1984 - "A Villa Romana de Milreu, Estói, (AIgarve)'; in *Arqueologia,* n° 9, Porto, pp. 94-104.

HAUSCHILD, Theodor, 1987 - "Arte Visigótica", in História da Arte em Portugal, 1º Vol, Alfa, Lisboa, pp. 149-169.

HAUSCHILD, Theodor, 1994 - "Hallazgos de la época visigoda en la parte alta de Terragona", in *III Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografias de la secció Històrico-Arqueològica III, Barcelona, pp. 151-165.

HAUSCHILD, Theodor, 1995 - "Transformação no campo na baixa romanidade em Portugal", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 377-382.

HAYES, John W., 1972 – *Late Roman Pottery,* The British School at Rome, Londres.

HEIJMANS, Marc, 1996: "Sarcophage de l'0rante", in *Musée de L'Arle antique*, Actes Sud, p.158

HERÁS, J. M, Roldán, 1975 - *Itineraria Hispana: Funtes antigas par el estudio de las vaias romanas en la Península Ibérica*, Valladolid.

HEREDIA BERCERO, J. B, (Dir.), 2001 – *De Barcino a Barcinona (siglos I – VII)*, Institut de Cultura: Museu D'Història de la Ciutat, Barcelona.

HEREDIA BERCERO, Julia Beltrán de, 2008a -, "Barcino durante la antegüedad tardía", in *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*, Museo Arqueologico Regional, Alcalá de Henares, pp. 276-291.

HEREDIA BARCERO, Julia Beltrán de, 2008b - "Inhumaciones "previligiadas" intra muros durante la Anigüedad tardía: el caso de Barcino", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 20, Área de Arqueología. Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 231-260.

HILL, P. V., KENT J. P. C and CARSON R. A. G., 1965 - *Late Roman Bronze Coinage: Ad 324-498. The bronze coinage of the House of Constantine, AD 324-346. Bronze Roman Imperial coinage of the later Empire, AD 246-498*, Partes 1-2. London: Spink & Son, (LRBC).

HINKS, R.R., 1933, - *Catalogue of the greek, etruscan and roman painting and mosaics in the British Museum*, London.

HIPÓLITO, M. C, 1961 - "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal", in *Conimbriga*, Coimbra, lI-llI, pp. 88-89.

HOURCADE, D. LOPES, V. e Laberthe, J.-M., 2003 - "Mértola: la muraille de l'Âge du Fer" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, IPA, nº 6, pp. 175-210.

HOZ, M. P. de, 2007 – "Inscripciones Griegas como testimonio de la presencia de orientales en la Mérida Visigoda", in G. H. Andrés - J. C. F. Corte, *Munus Qvaesitum Meritis - Homenaje a Carmen Codoñer*, Salamanca, Universidad de Salamanca, p. 482.

HÜBENER, W., 1965 - Zur chronologischen Gliederung des Gdiberfeldes von San Pedro de Alcántara, Vega dei Mar (Prov. Málaga) , Madrider Mitteilungen, 6, pp. 195-214.

HÜBENER, W., 1970 – "Zur chronologie der Wesgoten-zeitlichen grabfunde in Spanien", *Madrider Mitteilungen*, 11, pp. 187-215.

ICHMOND, I. A., 1931 - " Five town-walls in Hispania Citerior", in The Journal of Roman Studies, vol. 21, Society for the Promotion of Roman Studies, London, pp. 81-100

IGLESIAS GARCÍA, 1974 - "Aspectos económicos e sociales de la Mérida visigótica", in *Revista de Estudios Extremeños*, T. XXX, Badajoz, pp. 321-362.

INÁCIO, I. Maria B., 2005 - *A necrópole de Vale de Condes, Alcoutim no contexto da Antiguidade Tardia do Algarve, Dissertação* em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. [Texto policopiado].

INÁCIO, I., 2009 -"Vale de Condes, Alcoutim: um sítio tardo antigo da diocese de *Ossonoba", Promontoria,* 7, Universidade do Algarve (no prelo).

ISAAC, Benjamin, 1990 -*The Limits of Empire. The Roman Army in the East*, Clarendon Press, Oxford.

ISERN, J. e USCATESCU, A., 2007 – "La Antigüidad Tardía en la Ciudad de Iesso (Guissona, Lérida). Una Proximación a través del Análise de Algunos Contextos Estratigráficos", in *Madrider Mitteilungen* 48, pp. 204-266.

ISINGS, C., 1957 – *Roman Glass from dated Finds*, Groningen: Archeologica Traiectina.

Itineraria (1928): *Itineraria romana. Volumen prius. Itineraria Antonini Augusti et Burdigalense,* Edidit Otto Kuntz. Lipsiae in aedibus B. G. Reubneri.

ITUGAIZ, D., 1970 - *Baptistérios paleocristianos de Hispania*, Barcelona.

JANERAS, S., 1968 - *L'iniziazione Cristiana nella tradizione liturgica orientale*, Roma.

JÁRREGA, R., 2005 – Transformacions urbanístiques a les ciutats de la costa central catalane Durant l'antiguitata tardana" in in J. M. Gurt y A. V. Ribera (eds.), *Actas de la VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantiques d'Hispana: cristianització i topografia, Valencia, 8-10 de mayo 2003,* Barcelona, pp. 175 -185.

JIMÉNEZ, A., 1974 - "Arquitectura romana de la Bética. I - Introdución al estudio de las fortificaciones", in *Symposium Internacional de Arqueologia Romana*, Segovia, p. 223-238.

JIMÉNEZ, A., 1975 - "Esquema de las obras de canteria de la Bética", in *XIV Congreso Nacional de Arqueologia*, Vitoria, pp. 1153-1160.

JIMÉNEZ, J. L., 1987 - "Los modelos construtivos en la arquitectura Forense de la Península Ibérica", in, *Los Foros Romanos de las Provincias Occidentales*, Madrid, pp. 173-179.

JOHNSON, S. J., 1982 - *Late Roman Fortifications*, BT Batsford Ltd, Londres.

JOHNSON, Stephen, 1983 - Late Roman Fortifications, BT Batsford, London.

JORGE, A. M. 2000 - "Priscillianismo", in Azevedo, CA.M., (dir) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, voI. 4, Lisboa, pp. 63-67.

JORGE, A. M. 2002 - *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (IIIe – VIIe siècles)*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia 21.

JURKIC, Vesna Girardi, DŽIN, Kristina, 2007 - "The continuity of fortification in Istria, Croatia", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero,I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 115-130.

KEAY, S. J., 1988 - *Roman Spain*, Berkeley.

KENT, J. P. C., s.d. - *The Family of Constantine 1. A.D. 337-364*, London.

KHANOUSSI, M., 1994 - "Nouveaux vestiges épigraphiques de la cité latine de Capsa (Gafsa) en Tunisie", in *L' Africa romana, Atti dell'XI convenho di studio Cartagine*, Editrice Il Torchietto-Ozeiera, pp.1346-1347.

KHATCHATRIAN, A., 1962 - *Les Baptistires Paléochrétiens*, École Pratique des Hautes Êtudes, Paris.

KINGSLEY, K., 1980 – *Visigothic Architeture in Spain and Portugal: a study in masonry*. Documents and form, Berkeley.

KOCH, G. e SICHTERMANN, H., 1982 - *Römische Sarkophage*. München.

KOCH, G., 1988 - *Frühchristliche und frühbyzantinische Zeit* (4.-8. Jh), Verlag Philipp von Zabern, Mainz.

KOCH, G., 2000 - Frühchristliche Sarkophage. München.

KRAUTHEIMER, R., 1996 - Arquitectura Paleocristiana y Bizantina. Madrid.

KRAUTHEIMER, R. 2002 -*Tre capitali cristiane. Topografia e politica.* Milán.

KULIKOWSKI, Michael, 2004 - *Late Roman Spain and its Cities*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore,

LAMBRINO, S., 1967 - "Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos", in *O Arqueólogo Português*, 3' série, r. p. 123-217.

LANCEL, S., 1971 - *Tipasa de Maurétanie.* Alger.

LANCHA, J. e ANDRÉ, P., 2000 - *Torre de Palma, Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal II*, IPM, Lisboa.

LANCHA, J., 1997 - *Mosaïque et culture dans l'Occident romain(Ier - lVe, s.),* L'Erma di Bretschneider, Roma.

LANCHA. J., 1984 – "Les Mosaiqes dans la vie économique de la Péninsule Iberique, du ler au IV ême siêcles: état de la question et quelques hypothêses", in *Mélanges de la Casa de Velázquez*, tomo 20, p. 45-61.

LANCHA. J., OLIVEIRA, C., 2013 - *Algarve Este Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, Universidade do Algarve, Missão Luso Francesa "Mosaïques du Sud du Portugal", Faro

LANE, Fox R., 1982 - *Pagani e Cristiani*, Roma.

LASSUS, J. 1947 - *Sanctuaires Chrétiens de Syrie. Essai sur la genéses, la forme et l'usage liturgique des édifices du culte chrétien, en Syrie, du IIIe siécle à la conquête musulmana.* Paris.

LASSUS, Jean, 1965 – "Les edifices du culte autour de la basilique" in *Attidel VI Congresso Internazionale di Archeologia Cristiana*, Roma, Pontificio Isrituto di Archeologia Crisriana, pp. 581-610.

LÄUPPI, W, 1974 - *La mosaïqu et ses Techniques*, Paris

LAVIN, Irving, 1963 – "The hunting mosaics of Antioch and their sources. A study of compositional principies in the development of eariy mediarvai styie" in *Dumbarton Oaks Papers':* n° 17, Washington, The Dumbarton Oaks Research Library, pp. 179-286

LÁZLÓ, Borhy, , 2007 – "Spätrömische Stadmauern in Pannonien: funktion, typologie, chronologie", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 99-114.

LEACH, E., 1980 - *L'Unité de l'homme et autres essais*, Paris.

LECLERCQ, H, 1953 - "Strigíles", in *Dictionaire dArchéologie Chrétienne et de Liturgíe*, XV (II), Paris, col. 1693,

LEMPRIÊRE, J., (s.d.) - *Classical Dictionary*, Routledge & Kegan Paul, London.

LEÓN, A. e MURILLO, J.F., 2009 - "El complejo civil tardoantiguo de Córdoba y su continuidad en el Alcázar Omeya" MM 50, pp. . 399-432.

LEÓN, A.- JURADO, S., 2010 - "La cristianización de la topografía funeraria en el suburbium occidental del Córdoba" en VAQUERIZO, D. – MURILLO, J.F.: *El anfiteatro de Córdoba y su entorno urbano.* Córdoba, pp. 547-561.

LÉVI-PROVENÇAL, E., 1990 – "España Musulmana hasta la caída del Califato de Córdoba (711-1031 de J. C.) La Conquista. El Emirato. El Califato", in *Historia de España Menéndez Pidal*, Tomo IV, Ed. Espasa-Calpe, S.A., Madrid.

LEVI, Dora, 1947a - *Antioch mosaic pavements*, voI. I (text), Princeton, Princeron University Press

LEVI, Dora, 1947b - *Antioch mosaic pavements*, voI. II (images), Princeton, Princeron University Press

LÉZINE, Alexandre; DUVAL, Noel, 1959 – "Nécropole chrétienne et baptistere souterrain à Cartaghe" in *Cahiers Archéologiques. Fin de l' Antiquité et Moyen Âge*, Paris, Imprimerie Nationale, pp. 71-147

LIANEZ, M. M.. 1913 - *Mérida monumental y artística*, Barcelona, pp. 38-39.

LIMA, A.M de C., 2012 – *Os mosaicos da igreja de santa Maria do Freixo e a ecclesia de Tongobriga, paróquia da diocese portucalense no século VI*, Cadernos de Tongobriga.

LIMA, José Fragoso, 1951 – "Aspectos da romanização no território português da Bélica", in *O Archéologo Português*, 2' série, 1, pp. 171-211.

LIMÃO, Filomena, 2007 - Los Capiteles de Beja (Pax *Julia)* y Mértola (Myrtilis): expresión de la adaptación de modelos romanos en el sur de Lusitania en el contexto romano de la Antigüedad Tardía (siglos III y IV), in Trinidad Nogales e I. Rodà (ed.) *Roma y las provincias: modelo y diffusion*, L´ERMA" Di Bretschneider, Roma, pp. 699 – 706.

LIMÃO, Filomena, 2010 – *Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal (séculos III/IV-VIII)*, Dissertação de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

LIUTPRAND DE CRÉMONE, 2004 - *Ambassades à Byzance* (trad. de Joël Schnapp), Toulouse, Anacharsis Éditions

LLORENTE, H. 1888 – "Pavimento de mosaicos descubierto en enero del año 1888 en la Isleta del Rey", in *BRAH*, 13, pp.7 e 478 (fig. 24)

LOPES, C e ALFENIM, R., 1995 - "A Basílica paleocristã/Visigótica do Monte da Cegonha", in *IV Reunião de Arqueologia Cristiana Hispànica*, Lisboa/Barcelona, pp. 389-399.

LOPES, C, et alii, 1998 - *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Câmara Municipal de Serpa.

LOPES, C., 1996 - "O território de Pax Ivlia limites e caracterização", in *Arquivo de Beja*, vols. lI/III, Série III, pp. 63-74.

LOPES, C., 2003 – *A cidade romana de Beja*, Instituto de Arqueologia, Coimbra (2 volumes)

LOPES, David, 1895 - Algumas moedas árabes da Península encontradas no Algarve in *O Arqueólogo Português,* nº 1, Lisboa, 1.a série, pp. 97-103.

LOPES, V., 1993 - "Materiais Arqueológicos", in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, CA.M., Mértola, pp. 66-100.

LOPES, V., 1999 - "A necrópole da Achada de S. Sebastião", in *A necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião,* CAM-EPBJC, Mértola, pp. 79-99.

LOPES, V., 2000 - "O Baptistério e o conjunto musivo de Mértola. Balanço das escavações recentes" in *III Congresso Peninsular de Arqueologia*, Vila Real, Setembro, 1999, Porto, pp. 669-692.

LOPES, V., 2003 – *Mértola na Antiguidade Tardia*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

LOPES, V., 2006 – "O território de Mértola e as vias de comunicação no período romano", in *Actas das I Jornadas As vias do Algarve*, São Brás de Alportel, pp.46-53.

LOPES, V., 2008a – "A arquitectura e os mosaicos do complexo baptismal de Mértola, *Revista de História da Arte,* nº 6, pp. 33-41.

LOPES, V. 2008b – "O edifício religioso da Antiguidade Tardia", in *Alçácova do Castelo de Mértola 1978-2008 trinta anos de arqueologia*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola. pp. 11 – 21.

LOPES, V., 2009 - "As necrópoles de Mértola do mundo romano até à antiguidade tardia", in *Morir en el Mediterráneo Medieval*, (*Morir en el Mediterráneo Medieval*, (eds. J. López Quiroga, A. M. Martínez Tejera), BAR International Series S2001, Oxford, pp. 199-234.

LOPES, V., 2010 – "El complejo de Mértola y sus mosaicos", in L. Neira (ed.), *Mitología e Historia en los mosaicos romanos*, Madrid, ed. JC, pp. 137-142.

LOPES, V., 2011 - "Late Antiquity mosaics in Portugal" in *11th International AIEMA Mosaic Symposium Mosaics of Turkey and Parallel Developments in the Rest of the Ancient and Medieval World*, Bursa, Turkey, 16-20 October 2009, Istambul, p. 585 -596.

LOPES, V., 2012a - *Casa romana – Museu de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

LOPES, V., 2012b – "Escavação areológica na Hospedaria Beira Rio", in *Arrabalde Ribeirinho – Museu de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola pp. 15 - 28.

LOPES, V., DIAS, M. M. A., GASPAR, C., 2010 – "Epitáfio de Caecilius Glaucus – Mértola in *Ficheiro Epigráfico*, 90, Universidade de Coimbra, Coimbra.

LOPES, V., et alii, 2011 – *O Mosteiro do Monte Mosteiro*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola.

LOPES, V. e BOIÇA. J., 1993 - "A Necrópole e Ermida de Achada de S. Sebastião de Mértola" Arqueologia Medieval, 2, C A M. Edições Afrontamento, Porto. p. 17-29.

LOPES, V. e HOURCADE, O., 2001 - "A muralha Pré-Romana de Mértola" in *Al-madan,* II Série, N°10, p. 209.

LOPES, Virgílio, MACIAS, Santiago, 2005 - "Mértola na antiguidade tardia", in *VI Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, (eds. Josep M. Gurt, Albert Ribera), Monografias de la secció Historòrico-Arqueològica, IX, Barcelona, pp. 449-464.

LOPES, V. e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2008 – "O mausoléu da Antiguidade Tardia em Mértola", *Revista de História da Arte,* n.o 6, pp. 278-279.

LÓPEZ LÓPEZ, Teodor Agustín, 2008 - "Los primeiros cristianos en Extremadura", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania*, (eds. Agustín Velázquez, Antonino Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 123-145.

LÓPEZ MONTEAGUDO, Guadalupe, 1997 - "Personificaciones alegórics en mosaicos del Oriente y de Hispania: la representación de conceptos abstractos", in *Antigüedad y Cristianismo. La tradición en la Antigüedad Tardía, XIV*, (eds. José Mª Blázquez Martínez, A.

González Blanco, R. Gonzáles Fernandez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 335-361.

LÓPEZ MONTEAGUDO, Guadalupe, BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, 1990 - "Destrucción de mosaicos mitológicos por los cristianos", in *Antigüedad y Cristianismo. Cristianismo y aculturación en tempos del imperio romano, VII*, (eds. A. González Blanco, José Mª Blázquez Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 353-365.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge, BENITO DÍEZ, Laura, 2009 - "Un cementerio medieval en la domus tancinus de Conimbriga (Condeixa-à-Velha, Portugal)", in *Morir en el Mediterráneo Medieval*, (eds. Jorge López Quiroga, Artemio Manuel Martínez Tejera), BAR International Series S2001, Oxford, pp. 199-234.

LORENZO ABAD, SÓNIA GUTIEÉRREZ y BLANCA GAMO, 2000 - "La Basílica y el Baptistério del Telmo de Minateda", in *Anejos de Arquivo Español de Arqueologia*, 73, pp. 216- 225.

LRBC = CARSON, R. A. G., HILL, P. V., KENT, J. P. C., Late Roman Bronze Coinage A.D. 324-498. Londres: Spink & Son Ltd., 1960, p. 16, n.º 628 a 630.

LUGLI, G., 1957 - *La tecnica edilizia romana*, vol. I-II, Roma, Giovanni Bardi Editore.

LUÍS L., 2003 - "Ânforas republicanasde Mata-Filhos (Mértola)" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, IPA, Lisboa, volume 6, número 2, pp.363-382

LUÍS, L., 2003 - *As cerâmicas campanienses de Mértola*, Trabalhos de Arqueologia 27, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

MAC-MILLAN. C., 1986 - *Mosaïques Romaines du Portugal, vie et décor dans la Lusitanie Antique*, Editions Porte du Sud, Paris.

MACHADO, L. S., 1920 - "Acquisições do Museu Etnológico Português", in *O Archéologo Português*, XXIV, pp. 241-270.

MACIAS I SOLÉ, J. e REMOLÀ I VALL- VERDU, J. A. 2000 - "Tarraco visigoda: caracterización del material cerámico del siglo VII d. C.", in *V Reunio d'Arqueologia cristiana hispànica,* Barcelona, pp. 485-497.

MACÍAS, J. M. (2008), "Tarracona visigoda una ciudad en declive" en OLMO, L. (ed.), *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*, Zona Arqueológica, Madrid, pp.292- 301.

MACÍAS, J. M. e REMOLÀ, J. A., 1995 – "L'área funerária baix-imperial i tardoromana de Mas Rimbau (Tarragona):Análisi tipológica", in *L'Arqueologia de la mort. El món funerari a l'Antiguitat a la Catalunya meridional. Citerior* 1, Tarragona, pp. 189-201.

MACIAS, S. e ,C. TORRES, 2011 – "Mesquita de Mértola", in *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 9-31.

MACIAS, S., - 2011 – *Mosaicos de Mértola*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola.

MACIAS, S., 1992 – "Silos 4 e 5 de Mértola – proposta de datação do epólio cerâmico", in *Arqueologia Medieval*, nº 1, CAM/Afrontamento, Porto, pp. 35-38.

MACIAS, S., 1993 - "Um Espaço Funerário" in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, p. 30-62.

MACIAS, S., 1996 - *Mértola Islâmica. Estudo histórico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

MACIAS, S., 2006 - *Mértola - o último porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola

MACIAS, S., 2008 – "O bairro islâmico da Alcáçova de Mértoa", in *Alçácova do Castelo de Mértola 1978-2008 trinta anos de arqueologia*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola. pp. 23-47

MACIAS, Santigo, LOPES, Maria da C., 2012, "O território de Beja entre a Antigüedade Tardia e a islamização", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 305-328.

MACIEL, J. 1992 – "Vectores da Arte Paleocristã em Portugal nos contextos suévico e visigótico" in *XXXIX Corso di Cultura sull'Arte Ravennate e Bizantina*, Ravena, pp.435-495.

MACIEL, J., 1995 - "A Época Clássica e a Antiguidade Tardia (séculos II a.C – II d.C), A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 7II)", in PEREIRA, P., (dirc.), *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, p. 78-146

MACIEL, J., 1996a – "O livro V do "De Architectura" de Vitruvio", in *Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 325-326.

MACIEL, J. 1996b - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa. MACIEL, J., 1998 "Arte romana e Pedreiras de Mármorena Lusitânia: Novos caminhos da investigação" in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n." 11, Lisboa, Edições Colibri, pp. 233-245

MACIEL. J., 2006 – *Vitrúvio tratado de Arquitectura*, Instituto Superior Técnico, Lisboa.

MACIEL, J., 2008 - "A propósito de um mosaico egitaniense", in *Revista de História da Arte*, Instituto de História da Arte da UNL, nº 6, pp. 228-237.
MACIEL. J., 1999 - *A Antiguidade Tardia no "Ager" Olisiponense O mausoléu de Odrinhas*, Porto.

MACIEL, M. Justino, MARTINS, João Paulo, 1995 - "Monasterium e ecclesia de S. Salvador no monte do Mosteiro (Mértola)", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp.499-506.

MADRID BALANZA, María José, VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime, 2006 - "La necrópolis tardoantigua del sector oriental de Cartagena", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 17, vol. II, (eds. Vaquerizo, D., Garriguet, J. A., León, A.), Área de Arqueología Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 195-224.

MAGAÑA, J. A. D., 2011 – *Capiteles tardorromanos y visigodos en la peninsula ibérica (siglos IV-VII d.C.)*, Documenta13, Institut Català D'Arqueologia Clàssica, Tarragona.

MAIA, M. e MAIA, M., 1996 – "Os Castella do Sul de Portugal e a Mineração da Prata nos Primórdios do Império", in Rego, M. (Coord.), *Mineração do Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde pp. 61-81.

MAIA, M. G. P. 1978 – "Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da "sigillata luzente" e da "Late Roman C Ware"" in *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977). Vol. I, Lisboa: AAP, pp. 295- 307.

MAIA, M., 1978 - "Fortalezas romanas do Sul de Portugal", in *Zephyrus*, 28-29, p. 279-285.

MAIA, M., 1988 - "Os Castella do Sul de Portugal. Sua interpretação Histórica" *Actas do I Encontro de Arqueologia da Região de Beja*, Arquivo de Beja, 2ª Série 3, pp. 43-55.

MAIA. M. 1974 - "Iª campanha de escavações realizadas no Cerro do Castelo de Manuel Galo (Mértola) uma possível fortaleza romana". in *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972). vol. lI. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 139- I 55.

MAIA. M., 1986 - "Castella do Sul de Portugal". in *Madrider Mitteilungen*. 27. Mainz. pp. 195-223.

MALONEY, Stephanie e HALE, R., 1996 – "The villa of Torre de Palma (Alto Alentejo)" in *Journal of Roman Archaeology*. 9, pp. 275-294

MALONEY, Stephanie, 1995 – "The early Christian basilican complex of Torre de Palma (Monforte, Alto Alentejo, Portugal)", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 449-458.

MALONEY, Stephanie, 1999-2000 – "As escavações da Universidade de Louisville na villa de Torre de Palma, Portugal 1983-2000: alguns resultados preliminaries" in *A Cidade*. 13/14, pp. 105-120.

MALONEY, Stephanie, 2002-2003 – "Torre de Palma: facts or fiction?", in *O Arqueólogo Português*. Série 4. Vol. 20, pp. 135-146.

MALPICA, A., 2012 - "La ciudad de Madinat Ilbira", in (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz)*Visigodos y Omeyas El território*, , Anejos de AEspA, Mérida, pp. 199-234.

MANIÈRE, G. 1972- "Le site antique du bantayre à Saint-Cizy, commune de Cazèrs. Nécropole et implantation paléo-chrétienne", in *Mémoires de la Société Archéologique du Midi de la France*, t. XXXVII, Toulouse, pp. 9-50.

MANTAS, V., 1983 – "A cidade romana; história e urbanismo", in *Arqueologia*, nº. 8, Porto, pp. 83-91.

MANTAS, V., 1997 – "Os caminhos da Serra e do Mar", in *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Ministério da Cultura/IPPAR, p. 331-326.

MANUEL ABASCAL, Juan, 1991 - "La necropolis tardorromana de "el Tesoro" (Marchamalo, Guadalajara)", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte, sociedade, economia y religion durante el bajo imperio y la Antigüedad Tardia, VIII*, (eds. A. González Blanco, F. Javier Fernández, J.Remesal Rodríguez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 425-451.

MARÍA BLÁZQUEZ, José, 2008 - "La iglesia Hispana. Orgígenes en Lusitania. La venida de Pablo", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania*, (eds. Agustín Velázquez, A. Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 61-100.

MARIN, Emilio, 2007 - "Le mura di Narona", in *Murallas De Ciudades Romanas En El Occidente Del Imperio: Lvcvs Avgvsti Como Paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 133-152.

MARINE, Graziano, et alii, 2003 – *I Mosaici della basilica di Aquileia*, Fundazione Società per la Conservazione della Basilica di Aquileia.

MARKSCHIES, C, 2001 - *Estruturas dei cristianismo antigo*, Siglo XXI Editores, Madrid.

MARTIGNY, 1894 - *Diccionario de Antigüedades Cristianas*, Madrid.

MARTIN ALMAGRO, 1975 - *La Necropolis Hispano Visigoda de Segobriga*, Escavaciones Arqueológicas en España, 84, Madrid.

MARTÍN CHAMOSO, C. y HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, A. B. 1997 - "La villa romana de Sahelices el Chico", *Revista De Arqueología* 191, pp. 50-53.

MARTÍN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo, 1995 - "Cristianización y arqueologia cristiana primitiva de la Lusitania: las áreas rurales", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 359-375.

MARTÍN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo, 2003 - "Las áreas rurales en la Extremadura tardoantigua", in *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Época tardoantigua y altomedieval*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XXIX, Mérida, pp. 241-252.

MARTÍN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo, 2008 - "Paganos y cristianos en los campos Lusitanos", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania*, (eds. Agustín Velázquez, Antonino Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 173-207.

MARTÍN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo, 2012 - "El mundo rural tardoantiguo en Lusitania", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 65-77.

MARTÍN MORALES, et alii, 2001 – "El sistema hidráulico de la toma profunda de la presa romana de Prosepina (Mérida)", in *Mérida – Ciudad y património*, nº 5 , Mérida pp119-127.

MARTÍN MORALES, J., ARANDA GUTIÉRREZ, F., SÁNCHEZ CARCABOSO, J.L., 2001 – "El sistema hidráulico de la toma profunda de la presa romana de Proserpina (Mérida)", *Mérida Ciudad y Patrimonio*, nº 5, Mérida, pp. 119 - 127

MARTÍN VISO, Iñaki, 2012 - "Un mundo en transformación: los espacios rurales en la Hispania post-romana (siglos V-VII)", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 31-63.

MARTÍN, E J., 1989 - *Conquista e romanização de Lusitania*, Universidade de Salamanca.

MARTINDALE, John R., 1980 – *The Prosopography of the Later Roman Empire*. Volume II (A.D. 395-527), Cambridge University Press, Cambridge-Londres-Nova Iorque-Melbourne-Sydney.

MARTÍNEZ J. M, 1990 - "Temas de mitologia pagana en Iglesias cristianas del Oriente", in *Antigüedad y Cristianismo. Cristianismo y aculturación en tempos del imperio romano, VII*, (eds. A. González Blanco, José Mª Blázquez Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 367-384.

MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, Andrés, 1991 - "Enterramientos tardorromanos en la comarca del alto Guadalentin (Lorca)", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte, sociedade, economia y religion durante el bajo imperio y la Antigüedad Tardia, VIII*, (eds. A. González Blanco, F. Javier Fernández, J. Remesal Rodríguez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 453-469.

MARTINEZ TEJERA, Artemio M., 2002 - "La arquitectura Cristiana de los siglos V-VI en Hispania: entre la " oficialización" e la "expancion"", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.*), Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 223-270.

MARTÍNEZ, A.M. 2006 -"Arquitectura Cristiana en Hispania durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII) (I)". *Galia e Hispania en el contexto de la presencia Germánica (S.s. V-VIII). Balance y Perspectivas,* Oxford, 109-188.

MARTINS Artur, PÉREZ MACÍAS, J. A., BAPTISTA, H., BUSTAMANTE M., RIVERO, J. L., 2012 - "Novos Achados em Algares (Aljustrel, Portugal) reflexões sobre o Vicus Vipascense" in *Actas do V Encontro de Arqueologia Peninsular*, Almodôvar, pp. 393-412.

MARTINS, M. e DELGADO, M. 1993 - "As necrópoles de Bracara Augusta", in *Cadernos de Arqueologia,* Série II, 6-7, Braga, pp. 41-186.

MATALOTO, R., 2002 - "Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 5, n°. IPA. Lisboa, pp. 161-220.

MATEOS CRUZ, P. e VELAZQUEZ, A. (editores), 1995 - *Los ultimos romanos en Lusitania*, M.N.A.R., Mérida.

MATEOS CRUZ, Pedro, 1997 - "El urbanismo Emeritense en época paleocristiana (ss. V-VI)," in *Antigüedad y Cristianismo. La tradición en la Antigüedad Tardía, XIV*, (eds. José Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco, Rafael Gonzáles Fernandez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 601-616.

MATEOS, CRUZ, Pedro, 1999a - "EI Urbanismo Emeritense en Época Paleocristiana", in *Anejos do Arquivo Español de Arqueologia,* XIX, p.179-242.

MATEOS, P. Caballero, L. 1999b - *La Basílica de Santa Eulalia de Mérida. Arqueología y Urbanismo.* Madrid.

MATEOS CRUZ, Pedro, 2003 - "Edificio martirial de Santa Eulalia, Mérida", in *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Época tardoantigua y altomedieval*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XXIX, Mérida, pp. 83-88.

MATEOS, P. y CABALLERO, L. (eds.) 2003 - *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura. Época tardoantigua y altomedieval. Anejos de Archivo Español de Arqueología,* Anejos de AEspA, XXIX, Mérida.

MATEUS, Rui, 2004 - *Políticas de Salvaguarda do Centro Histórico de Mértola – Contributos para a construção de um modelo operatório para a sua gestão*. Universidade de Évora. Tese de doutoramento. Évora [Texto policopiado]

MATOS, J. L., 1995 - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleccão de Escultura Romana*, SEC/IPM, Lisboa, p.54-55.

MATTOSO, J., 1992 - "A Época Sueva e Visigótica", in, J.Mattoso, *História de Portugal*, Círculo de Leitores, pp. 283-359.

MATTOSO, J., 1996 - "Os rituais da morte na liturgia hispânica (séculos VI a XI)" in *O reino dos mortos na Idade Média peninsular.* Lisboa, pp. 55-74.

MATTOSO, J., DAVEAU, S., BELO, O., 1997 - *Portugal- O sabor da Terra. Baixo Alentejo*, Círculo de Leitores/Expo 98.

MAURIN, L. 1996 - *Les premier monuments chrétiens de la France. Vol. 2. Sud-Ouest et Centre.* Paris.

MAYET, F. 1984 – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique*, Paris: Diffusion de Boccard, 2 vols.

McCLINTOCK, John e STRONG, James 1894 – *Cyclopædia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, vol. 11, Harper & Brothers, Nova Iorque.

MÉNDEZ ORTIZ, Rafael, 1988 - "El transito a la dominacion bizantina en Cartagena: las produccinoes ceramicas de la plaza de los Tres Reyes", in *Antigüedad y Cristianismo. Arte y poblamiento en el SE peninsular durante los últimos siglos de civilizacion romana, V*, (ed. A. González Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 31-163.

MERCEDES DURÁN, 1993 - *Iconografía de los Mosaicos Romanos en la Hispania alto-imperial*, Universitat Rovira i Virgili, Barcelona.

Mergelina, C. de, 1943 – "Tres sepulturas levantinas", BNSNAA, 9, Valladolid, pp. 33 51.

MICHAELIDES, Demetrios, PERGOLA Philippe, ZANINI Enrico (edited), 2013 - *The Insular System of the Early Byzantine Mediterranean Archaeology and history. Limina / Limites Archeologie, storie, isole e frontiere nel Mediterraneo (365–1556)*, 2. BAR S2523, Oxford.

MOLINA FORJADO, F., 1983 - "Arquitectura romana", in *Almuñecar. Arqueologia e História*, Granada, Caja Provincial de Ahorros de Granada, pp. 237-277.

MOLINERO PEREZ, A., 1948 - "La Necropolis Visigoda de Duraton (Segovia). Excavaciones del Plan Nacional de 1942 y 1943", in *Acta Arqueologica Hispanica*, IV, Madrid

MONDÉSERT, C., 1949 - *Clément d'Alexandrie, Le Protreptique*, Sources Chrétienne, Paris.

MONTEIRO, João G., e BRAGA, José E., 2009 - Vegésio Compêndio de Arte Militar, Imprensa da Universidade de Coimbra,

MORA-FIGUEROA, Luis de, 2006 - *Glosario de Arquitectura Defensiva Medieval*, Ministerio de Defensa, Madrid.

MORACCHINI- MAZEL, G., 1994, "Les architectures paléochrétiennes de Corse, typologie, décoration, datation", in III Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica, Monografias de la secció Històrico-Arqueològica III, Barcelona, pp. 213- 220.

MORACCHINI-MAZEL, G. 1967, *Les momuments paléochrétiens de la Corse*, Biliothèque des Cahiers archéologiques, Paris.

MORALES, A. C., 1999a - "La Colección Antropológica dei Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI). Reconstruir la sociedad y los modos de vida a partir dei registro funerario". In *Arqueología Medieval*, 6. CAM. Edições Afrontamento, Porto, pp. 279-292.

MORALES, A. C., 200I - "A necrópole Islâmica de Mértola", in *Museu de Mértola Arte Islâmica*, CA.M, Mértola, p. 83-89.

MORALES, A. C., I 999b - "Vida e morte na Mértola Romana. A necrópole da Achada de S. Sebastião. Primeiros dados", in *Museu de Mértola, A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*, CAM/EPBJC, Mértola, pp. 101-127.

MORALES, A., GUIJO, J.M., PECERO, J.C; LÓPEZ, L, OTERO, G.M. e GASENT, R. (s.d.) -"EI Registro Funerario de Mértola, Portugal (siglos III-XVI). Anâlisis Preliminar de las Necrópolis Paleocristiana e Islâmica dei Rossio do Carmo", in *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, 1996, Faro, pp. 221-231.

MOREIRA, A. M., 1969 - *Potamius de lisbonne et la controverse arianne*, Louvain.

MORENO ROMERO, L. E., 2006 - "Manifestaciones funerárias de época altoimperial en Colonia Patricia", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 17, vol. I, (eds. Vaquerizo, D., Garriguet, J. A., León, A.), Área de Arqueología. Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 225-257.

MUÑOZ AMILIBIA, Ana Mª, 1982 - "Cruz de bronce monogramatica procedente de Cehegin (Murcia)", in *II Reunió d'Arqueologia paleocristiana Hispànica*, (dir. Pere de Palol), Institut d'Arqueologia i Prehistòria, Barcelona, pp. 265-275.

MUSCOLINO Cetty, et alli, 2011 - *Il Batitistero Neoniano*, Longo Editore Ravenna

NAPOLI, Joëlle, 1997 -Recherches sur les fortifications linéaires romaines, Collection de l'Ecole Française de Rome 229, Diffusion de Boccard, Paris.

NASCIMENTO, Aires, A, 2006 - "Pedras de descanso..." in M. Dias, e C. Gaspar, *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português,* Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, pp. 7 - 23

NAVASCUÉS, J.M., 1922 - "Interesantísimo hallazgo de una bóveda romana en la línea de Sevilla", in *BRAC* 1, pp. 87-92

NAVASCUÉS; Joaquín M. de, 1949 - "Losas y coronas sepulcrales en Mérida. Ensayo sobre algunos caracteres externos de los epitafios de los siglos V al VII", in *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, XV, pp. 103-144.

NERNAL CASASOLA, D. RIBERA I LACOMBA, A., 2009 - *Cerâmica Hispanorromanas. Un Estado de la cuestíon*, Universidad de Cadiz, Cadiz.

NEURU, L., 1980 – "Late Roman Pottery : a fifth century deposit from Carthage" in *AntAfr,*

16, pp. 195-211.

NICOLAI, F. Vincenzo, BISCONTI, F. e MAZZOLENI, D., 2000 - *Les Catacombes Chrétiennes de Rome*, Brepols Publishers, Turnhout.

NICOLAI, Vincenzo Fiocchi, 1989 - "Notiziario dele scoperte avenute in Italia nel campo dell'archeologia Cristiana negli ani 1981-1986", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. III, Roma, pp. 2221-2272.

NIELSEN, I., 1990 - *Thermae et Balnea. The architecture and cultural history of roman public baths*. Aarhus Press.

NOGUERA CELDRÁN, Jose Miguel. 2003 - "El Casón De Jumilla": Líneas De Estudio Para Un Proyecto Integral de Investigación Histórico- Arqueológica de un Mausoleo Tardorromano; Memorias de Arqueología Http://Www.Arqueomurcia.Com/Archivos/Publicaciones/Memo10/20cason.Pdf 8/10/2013

NOLEN, J. U. S., 1985 - *Cerâmica Comum das Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.

NOLEN, J. U. S., 1988 - "Materiais da Villa do Alto da Caldeira", in *Conimbriga* XXVII, Coimbra, p. 61-140.

NOLEN, J. U. S., 1994 – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares Balsa*, Instituto Português de Museus – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

NOLLA, Josep M., 2007 - "Gerunda y la defensa de la via Augusta en la Antigüedad tardía", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 633- 647.

NUNES, G. S. e LUCAS, M.M., 2003, *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, pp.175-176.

NÚRIA TENA, 1994, "Mosaics de les basíliques paleocristianes de Menorca", in *III Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografias de la secció Històrico-Arqueològica III, Barcelona, pp. 55-64.

NUSSBAUM, A., 1965 - *Der Standort des Liturgem am christlichen Altar vor dem fahre 1000*, Bonn.

OCDE, 1996 - Organisation de Coopération et de Développement Économiques PROGRAMME POUR LA CONSTRUCTION ET L'ÉQUIPEMENT DE L'ÉDUCATION, Écoles d'aujourd'hui et de demain, Paris, p. 42.

ODB I-III = KAZHDAN, Alexander (ed.) (1991) – *The Oxford Dictionary of Byzantium*, 3 volumes, Oxford University Press, Oxford.

OLEIRO, J. M. B., , 1992 - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, I, conventus scallabitanus*, Conimbriga, Casa dos Repuxos, Lisboa, IPM-MMC.

OLEIRO, J. M. B., 1956 – "O Criptopórtico de Aeminium", sep. de *HUMANITAS*, Coimbra.

OLEIRO, J. M. B., 1986 - "Mosaico romano", in *História da Arte em Portugal*, vol 1, Alfa, pp. 111-127.

OLIVEIRA, J. C., 1986 - "A Antropologia Física aplicada à Arqueologia - a experiência do Campo Arqueológico de Mértola", in *Arquivo de Beja*, vol. III, 2' série, Beja, pp. 245-252.

OLIVEIRA, J. T. de e OLIVEIRA, V., 1996 - "Síntese da geologia da faixa piritosa em Portugal, e das principais minerações associadas", in Rego, M. (Coord.), *Mineração no Baixo Alentejo*, CMCV. Castro Verde, pp. 8-28.

OLIVEIRA, R., 1996 - *Contributos para a Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana*, ADPM, Mértola.

OLMO ENCISO, Lauro, 1998 - "Nuevas perspectivas para el estudio de la ciudad en la época visigoda", in *Los Visigodos y su mundo*, Madrid, Comunidad de Madrid, pp. 261-269.

OLMO ENCISO, Lauro, 2000 - "Ciudad y procesos de transformación social entre los siglos VI y IX: de Recópolis a Racupel", *Visigodos y Omeyas*. Un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media, Arquivo Español de Arqueología, Madrid, pp. 385-399.

OLMO ENCISO, Lauro, 2006 - *Recópolis un paseo por la cidad visigoda*, Museu Arqueológico Nacional, Madrid, Comunidad de Madrid Madrid.

OLMO ENCISO, Lauro, 2008, "Recópolis: una ciudad en una época de transformaciones", in *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*, Museo Arqueologico Regional, Alcalá de Henares, pp. 41-62.

OLMO ENCISO, Lauro, 2010, "Ciudad y estado en época visigoda: Toledo, la construcción de un nuevo paisaje urbano", in Espacios Urbanos En El Occidente Mediterráneo (S. VI - VIII), Toletum Visigodo, pp. 87 – 111

OLSZEWSKI, M.-T., 1995 - "L'image et sa foncion dans la mosaique byzantine des premieres basiliques en Orient", in *Cahiers Archeologiques*, 43, ed. Picard.

OPIANO, 1990 - *De la Caza. De la Pesca*, (Trad. Carmen Calvo Delcân), Editorial Gredos, Madrid.

ORFILA PONS, M. (ed.) 2000 - *El Fórum de Pollentia*, Alcúndia.

ORFILA PONS, M., TUSET BERTRÁN, F., 2003 – "Descripcón, paralelos y análise de los mosaicos de la iglesia de Son Fradrinet (Campos, Mallorca)", *Mayurqa*, nº 29, 189-208.

ORFILA PONS, Margarita, CAU ONTIVEROS, Miguel Ángel, 1994 - "Las cerâmicas finas procedentes de la cisterna de sa Mesquida, Calvià (Mallorca)", in *III Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografias de la secció Històrico-Arqueològica III, Barcelona, pp. 257-288.

ORLANDIS, José, 2003 - *Historia del Reino Visigodo español*. Madrid: Ediciones Rialp.

OVADIAH, Ruth; OVADIAH, Asher, 1987 - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine moisaic pavements in Israel*, Roma, ''L' Erma" di Brerschneider

PAÇO, A. do, 1964 - "Mosaicos romanos da Villa Cardilius, em Torres Novas", in *Archivo Espanol de Arqueologia,* 37, pp. 81- 87.

PAÇO, A. do, 1965 - "Mosaicos da Vila Cardílio", in *Lucema*, 4, Porto, pp. 244-148,.

PALMA M. Fátima e RAFAEL, Lígia, 2012 – "Vidros, ossos e metais da intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal)" in *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Almôdovar, 18 a 20 de Novembro de 2010, pp. 447 - 496

PALMA, Maria de Fátima, 2009 – *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local.* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Huelva [texto policopiado].

PALOL SALELLAS, P. de, 1967b, - "En torno a la iconografia de los mosaicos cristianos de las islãs Baleares" in *I Runión Nacional de Arqueologia Paleocristiana*, Vitoria, pp. 131-150.

PALOL SALELLAS, P. de, 1949 – "La colección de lucernas romanas de cerámica de Ampurias en el Museo Arqueológico de Gerona", in *MMAP*, X pp. 233-265.

PALOL SALELLAS, P. de, 1962 - "Basilicas paleocristianas en la isla de Menorca – Baleares" in *Kunsthistorische studien*. Friedrich Gerke, Baden-Baden, Holle-Verlag. pp. 39-53

PALOL SALELLAS, P. de, 1967 - *Arqueologia cristiana de la España Romana (siglos IV al VI)*, CSIC, Instituto Enrique Florez, Madrid-Valladolid, Madrid.

PALOL SALELLAS, P. de, 1982 - "La basílica des cap des Port, de Fornells. Menorca", in *II Reunió d'Arqueologia paleocristiana Hispànica*, (dir. Pere de Palol), Institut d'Arqueologia i Prehistòria, Barcelona, pp. 353-404.

PALOL SALELLAS, P. de, 1989 - "El baptisterio en el ambito arquitectonico de los conjuntos episcopales urbanos", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. I, Roma, pp. 559-606.

PALOL SALELLAS, P. de, 1991 - "Resultados de las excavaciones junto al Cristo de la Vega, supuesta basílica conciliar de Sta. Leocadia, de Toledo. Algunas notas de topografía

religiosa de la ciudad", in AA.VV, 1991, *XIV Centenario, Concilio III de Toledo,* 589-1989, Toledo, pp. 787-832.

PALOL SALELLAS, P. de, 1994 – "L'Arqueologia cristiana hispa- nica després del 1982", in *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispánica (Maó,* 1988), Barcelona, pp. 3-40.

PALOL SALELLAS, P. de, 1989 - "La arqueología Cristiana en la Hispania romana y visigoda", in Actes du *XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1975-2027.

PAÑO ESCRIBANO, 1991 - "Breviario de historiografia sobre el priscilianismo", in *Historiografia de la arqueologia y de la historia antiqua en España*, Madrid.

PAOLI, M. C., 1998 - "Albenga San Michele Cattedrale", in *Archeologia Cristiana in Liguria, VIII Congresso Nazionale di Archeologia Cristiana*, Genova, Sanzana, Finale Ligure, Albenga, Ventimiglia, pp. 6/1-6/2.

PAOLO SOMMELLA, 2007 - "Le mura di Aureliano a Roma. Osservazioni general", in Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp.47-58.

PARREIRA, R., 1984 – "Intervenção de emergência no povoado mineiro romano de Vipasca (Aljustrel)" in *Informação Arqueológica*, Lisboa. 4, pp. 135-144.

PASCUAL, J., RIBERA, A., Y ROSSELLÓ, M., 2003 – "Cerámicas de la ciudad de Valencia entre la época visigoda y omeya (siglos VI-X)", Caballero, P. Mateos, y M. Retuerce, (eds*.) Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica*, Anejos de AEspA XXVIII (L., Anejos de AEspA, XXVIII, p. 67-117.

PAVON MOLDONADO, B., 1993 - *Cidade e Fortalezas Lusomuculmanas*, Madrid.

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. 1986 – *Amphorae and the Roman Economy: An Introductory Guide*. London and New York: Longman.

PEREIRA, Félix Alves, 1956 – "Vestígios do passado em Idanha-a-Velha IV, Ruínas de ruínas ou estudos igeditanos", in *O Archeologo Português,* vol. XXX, Museu Etnológico, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 186-204

PEREIRA, M. L. Estácio da Veiga S., 1993 - "Prefácio", in Basílica Paleocristã, CAM, Mértola, pp. 6-22.

PÉREZ DE BARRADAS, L., 1932 – "La Basílica paleocristiana de Vega deI Mar. San Pedro de Alcántara. Málaga", *Archivo Espanol de Arte* y *Arqueología,* VIII, p. 53-72.

PÉREZ MACIAS, J. A., 1996a - "Apuntes para uma Historia de Ias Investigaciones sobre Ia Mineria e Metalúrgia en el Suroeste Peninsular", in REGO, M. (Coord.), *Mineração do Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde, pp. 28-59.

PÉREZ MACÍAS, J. A., 1996b - *La metalurgia extractiva prerromana en Huelva*, Universidad de Huelva, Huelva.

PÉREZ MACÍAS, J. A., 1998 - *Las minas de Huelva en la Antigüedad.* Universidad de Huelva, Huelva.

PÈREZ MARTÌNEZ, 2012 - *Tarraco en la Antigüdad Tardia*, Arola Editores, Tarragona.

PÉREZ OLMEDO, E., REGUERAS, F., MARTÍN CHAMOSO, C. y HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, A. B. 1997 - "Arquitectura romana tardía en la provincia de Salamanca: el complejo de Sahelices el Chico", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 63, pp. 179-201.

PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F.; ÁLVAREZ, G.; FLORES, E.; ROMAN, M. L.; BECK, J. (1990) – "Excavaciones en Tharsis (Alosno, Huelva). Estudios sobre la minería y metalurgia antiguas" in *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 28, pp. 5-12.

PÉREZ, J. A.; RIVERA, T. 2004 – "Las explotaciones antiguas en las minas de Cala", in *Metallum: la minería suribérica*. Universidad de Huelva, Huelva, pp. 69-105.

PÉREZ, J. M. 2006 – *Los Columbarios: arquiectura y paisaje funerário em Augusta Emerita*, Instituto de Arqueologia de Mérida, Mérida.

PERGOLA, Philippe, 2002 – *Cristian Rome: Past and present: Early Christian Rome Catacombs and Basilicas*, Getty Publications

PESSOA, M., RODRIGO, L., 2011 – *Guia "Villa" Romana do Rabaçal*, Município de Penela, Rabaçal.

PESSOA, M., RODRIGO, L., SANTOS, S., 2004 – *Catálogo Espaço-museu Villa Romana do Rabaçal*, Câmara Municipal de Penela, Pelena.

PESSOA, Miguel MADEIRA, J. Luís, FERREIRA, D., PINTO, A. C., 1995 - "Villa romana do Rabaçal Penela (Coimbra-Portugal) notas par o estudo da arquitectura e mosaicos", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 471-491.

PESSOA, Miguel S. da F., 2011- *Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal -Um centro na periferia do Império e do Território da Ciuitas de Conímbriga. Função e contexto no âmbito da Arte e Sociedade da Antiguidade Tardia - Estudo de Mosaicos*. Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].

PESSOA, Miguel, 1991 - *A muralha augustana de Conimbriga. Elementos de estudo,* edição de autor, Condeixa-a-Velha.

PHARR, Clyde, 1952 - *The Theodosian Code and Novels and the Sirmondian Constitutions*, Princeton University Press, Princeton.

PICARD, , Jean-Charles, 1989 - "Ce que les textes nous apprennent sur les équipements et le mobilier liturgique nécessaires pour le baptême dans le Sud la Gaule et I'Itale du Nord", in *Actes du XI' Congris International d'Archéologie Chrétienne*, Roma, pp. 1451-1468.

PICARD, Christophe, 2000 – *Le Portugal musulman (VIIIe-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose.

PICARD, Christophe, 2002 – "O Oceano Atlântico muçulmano anterior ao Oceano Atlântico Português", in *Actas das VII Jornadas de Historia Ibero-Americana. - O Mediterrâneo Ocidental. Identidades e Fronteir*a, Lisboa-Portimão, Edições Colibri/ nstituto de Cultura Ibero-Atlântica, pp. 267-278.

PICARD, Jean-Charles, 1989, "L'Atrium dans les Églises Paléochrétiennes D'Occident", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. I, Roma, pp. 505-558.

PICCIRILLO, M. e ALLIATA. E., 1998 - *Mount Nebo*, Studium Biblicum Franciscanum, Jerusalém.

PICCIRILLO, Michele, 1989a- "Recenti scoperte di arqueologia Cristiana in Giordania", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1697-1736.

PICCIRILLO, Michele: 1989b - *Chiese e mosaici di Madaba*. Studium Biblicum Franciscanum, Collectio maior 34, Jerusalem.

PICCIRILLO, Michele, 1993 - *The mosaics of Jordan*, Amer Research Amman

PIETRI, L., 1998 - *Les Église D'Orient et D'Occident*, Desclée.

PIJUAN, José, 1981 – *La Liturgia bautismal en la España romana-visigoda*, Toledo.

PILLINGER, Renate, 1989, "Neue ausgrabungen und befunde frühchristlicher Denkmäler in Österreich (1974-1986)", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. III, Roma, pp. 2089-2125.

PINTO, A. J. N. 2002 – *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, Ministério da Ciência e Tecnologia, Lisboa.

PINTO, I. V., 2003 – *A cerâmica comum das Villae romanas de S. Cucufate (Beja)*, Universidade Lusíada Editores, Lisboa.

PITA, L., 1995 – "Um conjunto de lucernas da Casa do Procurador" in *Vipasca*, Aljustrel. 4, pp. 15-33.

PITA, L., 2001 – "A presença romana no concelho de Aljustrel" in *Vipasca*, Aljustrel, 10, pp. 9-27-.

PLESNIČAR-GEC, Ljudmila, 1983 – *Starokranski center v Emoni*, Ljubljana.

PLESNICAR-GEC, L., 1990 - "Emona nel IV Secolo Problemi di Colelegamento con Milano e L'Area Padanain" in *Atti Del Convegno "Milano 'italae Dell'Impero Romano"*, Milano pp. 219-226.

PONSICH, M. 1991 - *Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir, tome IV.* Madrid,

BOTELLA ORTEGA, D.- SÁNCHEZ VELASCO, J. 2008 - *La Basílica de Coracho.* Lucena.

PONTE, S., 2006 – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*, Caleidoscópio, Porto.

POSAC MON, C.; PUERTAS TRICAS, R. 1989 – *La basílica paleocristiana de Veja del Mar (San Pedro de Alcántara, Marbella)*. Marbella: Ayuntamiento de Marbella.

PUERTAS TRICAS, R., 1975 -*lglesias hispânicas (siglos IV ai VIII) - testimonios literários*, Madrid.

PUIG, Ferrán, RODÁ, I., 2007 - "Las murallas de Barcino. Nuevas aportaciones al conocimiento de la evolución de sus sistemas de fortificación", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 595-631.

QUARESMA, J. C. 1999 – "Terra sigillata africana D e foceense tardia das escavações recentes de Mirobriga" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 2: nº 2, pp. 69-81.

RADULESCU, A. e LUNGU, V, 1989 - "Le Cristianisme en Scythie Mineure", in *Actes de XI' Congrés International D'Archéologie Chrétienne*, École Française de Rome, Roma, vol. III, p. 2560-2651.

RAFAEL, L., LOPES, V. 2007 - "Casa do Lanternim (Mértola) Contributo para a história local", in *Vipasca Arqueologia e História*. Nº 2, 2a série. pp. 254-260.

RAMALHO, M. de Magalhães, 2002 -Arqueologia da Arquitectura. O método arqueológico aplicado ao estudo e intervenção em património arquitectónico. Revista Estudos/Património, IPPAR, Lisboa, nº3, pp. 19-29.

RAMALHO, M. de Magalhães, 2004 – "Os primeiros passos da Arqueologia da Arquitectura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitectónico" in *Revista de la Arqueología de la Arquitectura*, Universidad del País Vasco, nº 3, pp. 145 a 153

RAMALHO, M. de Magalhães, 2007 – "A Arqueologia da Arquitetura", Mestrado em Reabilitação da Arquitetura e Núcleos Urbanos, FAUTL/ Departamento de Estudos-IPPAR.

RAMALLO , S. MURCIA, A., VIZCAÍNO, J., 2010 – Carthago Nova y su espacio suburbano. Dinamicas de ocupación en la perifer ia de la urbs", in Vaquerizo, D. (ed.) Las áreas suburbanas en la ciudad histórica, Monografías de Arqueología Cordobesa, 18, pp.211-254.

RAMALLO ASENSIO, S. F., GARCÍA BLÁNQUEZ, Luis A., VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime, 2012, - "Poblamiento rural de época tardía en el entorno de Murcia", in *Visigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 329- 374.

RAMALLO, S.F., 1990 - "Talleres y Escuelas Musivas en Ia Península Ibérica", in *Mosaicos Romanos. Estudios sobre Iconografía. In Memoriam de Alberto Balil* 1a, pp. 135-170.

RAMALLO, S. F., 2000 - "Arquitectura doméstica en ámbitos urbanos entre los siglos V y VII" en Caballero, L. - Mateos, P. (eds.), *Visigodos y omeyas: un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media*. (Mérida, abril de 1999), Anejos de Archivo Espanol de Arqueología, XXIII, Madrid, pp.367-384.

RAMÍREZ SÁBADA, José Luis, 2008, "La primera epigrafia Cristiana de Mérida", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania,* (eds. Agustín Velázque, Antonino Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 101-121.

RAMÍREZ SÁDABA J. L., MATEOS CRUZ Pedro, 2000 - *Catálogo de las Inscripciones Cristianas de Mérida (CICM)*, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida.

RAMON, J. 1986 – *El Baix Imperi i l'época Bisantina a les Illes Pitiuses.* Ibiza.

RAPOSOI, A., 1947 - *Contribuição para o estudo do regime dos rios portugueses*, Lisboa.

RASCÓN MARQUÉS, Sebastián, 1999 - "La ciudad de Complutum en la tardoantegüedad: restauración y renovación", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía,* (eds. L.García Moreno, S. Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 51-70.

RAVEGNANI, G. 1983 – *Castelli e città fortificate nel VI secolo, Rhomania*, Quaderni di Storoa bizantina e slava, Ravena

RAYNAUD, M.-P., 2009 – *Corpus of Mosics of Turky, Xanthos*, part 1, Uludağ University Press

REAL, Manuel Luís, 1995 – "Inovações e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 17-68.

REAL, Manuel Luís, 2000 - "Portugal: Cultura Visigoda e Cultura Moçárabe", in *Anejos de Archivo Espanol de Arqueologia,* XXIII, pp. 21-77.

REAL, Manuel Luís, 2007 - "A escultura decorativa em Portugal: o grupo "Portucalense"", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 133-170.

REAL, Manuel Luís, 2012 - "Materiais de construção utilizados na arquitectura cristã da alta Idade Média, em Portugal", in *História da construção. Os materiais*, (coord. Arnaldo Sousa Melo, Maria do Carmo Ribeiro), CITCEM, Braga, pp. 89-125.

REBUFFAT, G., 1974 – "Enceintes urbaines et insécurité en Mauritaine Tingitane", in *Mélange de l'École française de Rome*, nº 86, pp. 501-522.

REGO, Miguel, 1996 – "Mértola: una cuidad mediterrânea en el contexo de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana", in *Actas de las I Jornadas Transfronterizas de la Contienda Hispano-Portuguesa*, Aroche, pp. 119-132.

REGO, Miguel, 2004 - *Cadernos de Mértola,* nº 2, Câmara Municipal de Mértola, Mértola.

REGUERAS GRANDE, F.; 1989: "Los mosaicos de la villa romana de Requejo (Santa Cristina de la Polvorosa", in *Actas del Iº Congreso de Historia de Zamora*, Zamora (1988), pp. 637-696.

REGUERAS, F. e PÉREZ OLMEDO, E. 1997 - *Mosaicos romanos de la provincia de Salamanca, Arqueología en Castilla y León*. Monografías 2, Valladolid.

REIS, M. P., 2004 - *Las termas y balnea romanos da Lusitânia*, Stvdia Lusitana, 1, Ministerio da Cultura, Mérida.

RESENDE, André de, 1593 - *As Antiguidades da Lusitânia,* Évora. (Edición facsímil, introducción, traducción y comentario de R. M. Rosado Fernandes, 1996), Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian,.

REYNAUD, J, F.; COLARDELLE, R.; JANNET-VALLAT, M.; PERINETTI, R.; PRIVATI, B. 1989 - "Les édifices funéraires et les nécropoles dans les Alpes et la vallée du Rhône". *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne,* Roma, 1975-1514.

REYNOLDS, Paul, 2003 - "Pottery and the economy in 8th century Beirut: An Umayyad pottery assemblage from the Roman Imperial baths (BEY 045)." *VIIème Congrès internationale sur la Céramique Médiévale en Méditerranée,* Thessaloniki, pp. 725-734.

REYNOLDS, Paul, 2011 - "A 7th century pottery deposit from Byzantine *Carthago Spartaria* (Cartagena, Spain)", in *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel Cau, Paul Reynolds E Michel Bonifay), Archaeopress, Oxford, pp. 99-127.

RIBEIRO, F. N., 1972- *A villa romana de Pisões*, Beja.

RIBEIRO, J. Cardim, (Coord) 2002 - *Religiões da Lusitânia, Loquuntur saxa*, IPM, Lisboa.

RIBERA I LACOMBA, A. (Coord.), 2000 - *Los Orígens Del Cristianismo en Valencia y su Entorno*, Ajunrament de Valencia, Valencia.

RIBERA I LACOMBA, ALBERT V., 2005 - "Origen i desenvolupament del nucli episcopal de València", in *VI Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, (eds. Josep M. Gurt, Albert Ribera), Monografias de la secció Historòrico-Arqueològica, IX, Barcelona, pp. 207-243.

RIBERA I LACOMBA, Albert Vicent, 2002- "Valentia", in *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp. 613-615.

RIBERA I LACOMBA, Albert, ROSSELLÓ MESQUIDA, Miquel 2011 - "Contextos Cerámicos de Mediados del Siglo V nn *Valentia* y En Cullera*", in LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel Cau, Paul Reynolds E Michel Bonifay), Archaeopress, Oxford, pp. 189-198.

RIBERA LACOMBA, Albert - ROSSELLÓ MESQUIDA, Miquel, 1999 - *L'Almoina: el nacimiento de Ia Valentia cristiana*, Valencia.

RIBERA LACOMBA, Albert - ROSSELLÓ MESQUIDA, Miquel, 2000 – "La ciudad de Valencia en época visigoda", in *Los orígenes dei cristianismo en Valencia y su entorno*, Valencia, pp. 151-164.

RIBERA LACOMBA, Albert, 2003 – "Valentia: dei foro ai área episcopah, Santos, obispos y relíquias" in *Actas dei III Encuentro internacional Hispania en la Antigüedad Tardía*, (ed. L. A. García Moreno, E. Gil, S. Rascón y M. Vallejo), Acta Antiqua Complutensia, 3, Alcalá de Henares, pp. 45-83.

RIC = MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A., 1972 - *The Roman Imperial Coinage*, Vol. II, Londres.

RICARD, Robrt, 1954 – "Couraça et coracha" in Al-Andalus, vol. XIX, Madrid-Granada, pp. 150-172

RICHMOND, I. A., 1930 -*The City Wall of Impertial Rome*, Oxford, Clarendon Press, XXIII.

RIERA RULLAN, Mateu, 2009 - "Enterramientos de la Antegüedad tardía en las ilsas de Cabrera y Mallorca", in *Morir en el Mediterráneo Medieval*, (eds. Jorge López Quiroga, Artemio Manuel Martínez Tejera), BAR International Series S2001, Oxford, pp. 99-150.

RILEY, J. A. 1981 – The pottery from the cistern 1977.1, 1977.2 and 1977.3. *In* : HUMPHREY (J. H.) dir. – *Excavations at Carthage conducted by the University of Michigan,*

VI. Ann Arbor, Kelsey Museum, 1981, pp. 86-124.

RIPOLL LÓPEZ, Gisella 1996 - "La arquitectura funerária de Hispania entre los siglos V y VIII: Aproximación tipológica", in *Spania Etudis d'antiguitat tardana oferts en homenage al professor Pere de Palol i Salellas*, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Barcelona, pp. 215-224.

RIPOLL LÓPEZ, Gisella, 1985 - *La Necropolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)* Excavaciones Arqueológicas en España, 142, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia

RIPOLL LÓPEZ, Gisella, 1998 - *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII D.C.)*, Real Academia de Bonnes Lletres, Barcelona

RIPOLL, G. e GURT, J. M. (eds.), 2000 - *Sedes regiae (ann. 400-800),* Barcelona.

RIPOLL, Gisela, VELÁZQUEZ I., 1999 - "Origen y desarrollo de las parrochiae en la Hispania de la antegüedad tardía", in *Alle origini della parrocchia rurale (IV-VIII sec.),* (eds. Fhilippe Pergola, Palmira Maria Barbini), Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, Vaticano, pp. 101-165.

ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., (coords.) 2005 – *Introducción al estúdio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Associación Cultural CVDAS, Málaga.

RODRIGUES, Clara, 2011 - "A necrópole, in Mosteiro do Monte Mosteiro," in *O Mosteiro do Monte Mosteiro*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola, pp. 13-14

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, 1978 - *Sepulturas Medievais no Concelho de Castelo de Vide*. Junta Distrital de Portalegre

RODRIGUEZ COLMENERO, A., 2007, "La muralla romana de Lugo, gran bastión defensivo en los confines del Imperio. Análisis de conjunto", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigm*a, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 217-253.

RODRÍGUEZ OLIVA, P. 2002 - "Un sarcófago del Museo Arqueológico Provincial de Sevilla y su relación con otros sarcófagos hispanos de estrígiles", in *Baetica,* 24: 275-298.

ROSADA, Guido, LACHIN, Mª Teresa, 2007- "Le mura di Constantinopoli e la dinamiche della topografia urbana", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 59-82.

ROSALINO, M. C., 1986 - "Tratamento das peças de ferro da necrópole da Amendoeira de Cima", in *Arquivo de Beja*, vol. III, 2ª série. pp.113-120.

ROSENBAUM, E. A. e PERKINS, J. W, 1980 - *Justinianic Mosaic Pavements in Cyrenaican Churches*, Monografie Di Archeologia bibica - XIV, L'Erma di Bretschneider, Roma.

ROSKAMS, S., 2001 – *Excavation*, Cambridge University Press.

ROSKAMS, S., 2003 – "Urban Archaeology in Yorkshire", in Manby, T., Moorhouse, P., Ottaway, S. (eds.), *The Archaeology of Yorkshire: An assessment at the beginning of the 21st century,* Yorkshire Archaeological Society

ROSSELLÓ-BORDOY, G., 1996 - "Un document excepcional sobre el mosaic de la basílica de Santa Maria del Camí", in *Spania Etudis d'antiguitat tardana oferts en homenage al professor Pere de Palol i Salellas*, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Barcelona, pp. 229-233.

ROUX, P. Le, 1982 - *L'armée romaine et I'organization des provinces Ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Diffusion de Boccard, Paris.

ROWLAND, Ingrid D. e HOWE, Thomas N., 2002 - *Vitruvius. Ten Books on Architecture*, Cambridge University Press, Cambridge.

RUIZ ACEVEDO, J. M, 1998 – *Las Vías Romanas en la Provincia de Hulva*, Diputación Provincial, Helva.

RUÍZ DE ARBULO, Joaquín, 2007 - "Las murallas de Tarraco. De la fortaleza romano-republicana a la ciudad tardo-antigua", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 567-592.

RUIZ VALDERAS et alli, 1993 – "Transformaciones urbanísticas de Carthago Nova (siglos III-XIII" in *IV Congresso de Arqueología Medieval Española*, vol. II, pp. 59 -65.

RUIZ VALDERAS, E., 1990, "Dos lucernas Norte-Africanas con simbologia cristiana. Calle Orcel-Don Gil, 21-25", in *Antigüedad y Cristianismo. Cristianismo y aculturación en tempos del imperio romano, VII*, (eds. A. González Blanco, José Mª Blázquez Blanco), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 589-591.

RUSSO, Eugenio, 1989, "Scavi e scoperte nella chies adi S. Agata di Ravena (notizie preliminar)", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. III, Roma, pp.2317-2341.

SÁ, B. de, 1904 - "Explorações arqueológicas em Mértola", in *O Archeologo Português*, X, Lisboa. pp. 96-98.

SALES CARBONELL, Jordina, 2012 – *Las construcciones cristianas de la Tarraconensis durante la Antigüedad Tardía*, Publicacions I Edicions, Univessitat de Barcelona

SALINAS De Frías, Manuel, RODRÍGUEZ Cortés, Juana (2000): "Substrato y romanización

de las oligarquías locales de la provincia romana de Lusitania", in *Sociedad y cultura en Lusitania romana. IV Mesa Redonda Internacional,* Mérida, Editora Regional de Extremadura; Museo Nacional de Arte Romano y Casa de Velázquez. pp. 17-33

SALINAS PLEGUEZUELO, Mª. E., 2003 - *El vidrio Romano de Córdoba*, Arqueologia Cordobesa 8, Cordoba.

SALLER, Sylvesrer, BAGATTI, Bellarmi 1949, *The town of Nebo (Khirbet el-Mekhayyat) with a brief survey of other ancient christian monuments of Transjordan*, Jerusalem, Franciscan Press

SALOMONSON, J. W. 1969 – "Spätrömische rote Tonware mit Reliefverzierung aus nordafrikanische Werkstätten. Entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zur reliefgeschmückten Terra Sigillata Chiara C" in *Bulletin Antieke Beschavi*ng. Leuven. 44, pp. 2-109.

SALVADOR JIMÉNEZ, J.L. 1989 -"Los modelos constructivos en la arquitectura forense de la peninsula ibérica" in *Los Foros romanos de las provincias occidentales*, pp 173-178 .

SALVADOR VENTURA, Francisco, 1999 - "Las ciudades tardoantiguas en Andalucía: pervivencia y transformación", in *Acta Antiqva Complvtensia I, Complutum y las ciudades Hispanas en la antegüedad tardía*, (eds. Luis García Moreno, Sebastián Rascón Marqués), Universidad de Alcala, Alcalá de Henares, pp. 129- 140.

SÁNCHEZ RAMOS, I., 2006 - "La cristianización de la topografia funerária en las ciudades occidentales: Corduba en la Antigüedad tardía", in *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 17, vol. II, (eds. Vaquerizo, D., Garriguet, J. A., León, A.), Área de Arqueología Faculdad de Filosofía y Letras, Córdoba, pp. 85-102.

SÁNCHEZ RAMOS, I., 2007 - "La cristianización de las necrópolis de Corduba.: Fuentes escritas y testimoniosarqueológicos". *AEspA* 80, pp. 191-206.

SÁNCHEZ RAMOS, I., 2010 - "Las ciudades de la Bética en la Antigüedad tardía." *AnTard* 18, pp. 243-276.

SANCHEZ SALOR, E., 2008 - "Orígenes del cristianismo en la Lusitania. Los libeláticos de la carta 67 de Cipriano y otros hechos del siglo III", in *Los orígenes del cristianismo en Lusitania*, (eds. Agustín Velázquez, Antonino Gonzaléz Blanco), Cuadernos Emeritenses 34 Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp.17-59.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M'. A., 1992 - "Cerámica Común Romana de Mérida", Series de Arqueología Extremana, N°. 3, Cáceres.

SÁNCHEZ VELASCO, J. - MORENO ROSA, A. - GÓMEZ MUÑOZ, G.: 2009 - "Aproximación al estudio de la ciudad de Cabra y su obispado al final de la Antigüedad" *ANTIQVITAS* 21, pp. 135-180.

SÁNCHEZ VELASCO, Jerónimo, 2007 – *Elementos arquitectónicos de época visigoda en el Museu Arqeuológico de de Córdoba. Arquitectura y urbanismo en la Cordoba visigoda. Córdoba*: Consejería de Cultura; Museu Arq. y Etn. de Córdoba, Monografías del Museu Arqueológico de Córdoba, nº.1.

SÁNCHEZ VELASCO, Jerónimo, 2010 - "El antiguo obispado de Niebla (Huelva) Nuevas aportaciones a su topogrfía arqueológica: território, arquitectura y liturgia", in *Huelva arqueológica*, nº 22, Servicio de arqueología y patrimonio histórico, Disputación provincial de Huelva, Huelva, pp. 97-136.

SÁNCHEZ VELASCO, Jerónimo, 2012 - *Arquitectura y Poder En La Bética Occidental Entre Los Siglos IV y VIII D. C. La Cristianización de las Ciudades y del Territorio,* Tesis Doctoral, 2012 Universidad de Sevilla [texto policopiado]

SASTRE DE DIEGO, Isaac, 2009 - "El altar Hispano en el siglo VII. Problemas de las tipologias tradicionales y nuevas perspectivas", in *El siglo VII frente al siglo VII: Arquitectura*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, Mª Ángeles Utero Agudo), Anejos de AEspA LI, Madrid, pp. 309-330.

SASTRE DE DIEGO, Isaac, 2009 - *El altar en la Arquitectura Cristiana Hispánica. Siglos V-X. Estudio Arqueológico.* Tesis Doctoral [texto policopiado].

SASTRE DE DIEGO, Isaac, 2010 – *Los primeros edificios cristianos de Extremadura. Sus espacios y elementos litúrgicos.* Caelum in terra. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida (Série Ataecina, 5)

SAXER, V., 1969 - *Vie liturgique et quotidienne à Carthage ver le milieu du IIIè siècle*, Città del Vaticano, p. 335.

SAXER, Victor, 1980 – *Morts, martyrs, Reliques en Afrique chrétienne aux premiers siècles: Témoignages de Tertullien, Cyprien, et Augustin à la lumière de l'archéologie africaine*. Paris : Éditions Beauchesne (Théologie Historique, 55).

SAXER, Victor, 1989 - "L'Utilisation par la liturgie de l'espace urbain et suburbain: l'exemple de Rome dans l'antiquité et le haut moyen âge", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 917-1033.

SAXER, Victor, 2000 – "Culte et liturgie" in MAYEUR, J.-M. ; PIETRI, C. et L., VAUCHEZ, A. ; VENARD, M. (dir.) – *Histoire du christianisme Le nouveau peuple (Des origines à 250)*, Tome I. Desclée, pp. 367-489.

SCHLUNK, Helmur; HAUSCHILD, 1978 - "The Die Denkmäller der frühchristlichen und westgotischen Zeit", in *Hispania Antiqu*a l, Mainz am Rhein, Verlag Phillip von Zabern

SCRINARI, Valnea Santa M., 1989 - "Contributo all'urbanistica tardo antica sul campo Laterano", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. III, Roma, pp. 2201-2220.

SENNHAUSER, H.R., 1989 -"Recherches récentes en Suisse. Édifices funéraires, cimetières et églises". *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne,* Roma, 1515-1531.

SENNHAUSER, Hans Rudolf, 1989 - "Recherches recentes en Suisse (Édifices funéraires, cemetiéres et Énglises)", in Actes du *XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1515-1534.

SERRA RÁFOLS, J. DE C. 1952 -"La *«Villa» romana de la Dehesa de «La Cocosa»", in Badajoz, Revista de Estudio Extremeños. Anejo 2.* Badajoz.

SERRANO RAMOS e RODRÌGUES OLIVA, P., 2009 – *El mosaic de la illa de Puerta oscura*, nº 100, pp. 48-54.

SEVILLANO FUERTES, Angeles, 2007 - "La muralla romana de Astorga (León)", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 343-347.

SIDARUS, Adel e TEICHNER, F. 1997 – "Termas árabes no Garb al-Ândalus. As inscrições árabes de Molreu" in *Arqueologia Medieval*, nº 5, Porto, pp. 177-189.

SILVA, A. Santos, RICARDO, J. M., SALTA, M., ADRIANO, P., MIRÃO, J., CANDEIAS, A. Estêvão e MACIAS, S., 2006 - "Characterization of Roman mortars from the historical town of Mértola", in *Heritage Weathering and Conservation*, vol. I, Taylor & Francis, Madrid, p. 85-90

SIMON, M. e BENOIT, A., 1985 - *Le Judaisme et le Cristianisme Antique*, 2ª ed., Paris,.

SIMON, MareeI, 1966 - "Bellérophon chrétien" in *Mélanges d' archéologie, d' épigraphie et d' histoire offercs à Jérôme Carcopino*, Librairie Hachette, pp. 889-904

SIMPLÍCIO, C e BARROS, P. e GARCIA. C, 1999 - "Prospecções arqueológicas no rio Guadiana-Porto de Mértola", *Almadan*, n, 8, Almada, pp. 54-62.

SIMPLÍCIO, C, BARROS, P., LOPES, V., 2003 - "O porto romano de Mértola" in *Actas das IV Jornadas de Arqueologia Subacuática*, Universidade de Valencia, Valencia 28-30 de Março (2001), pp. 35-48.

SOARES, A. C. e SILVA, C.T., 1977 – "Ânforas romanas da Área urbana de Setubal", in *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, 77, pp. 171-202

SODINI, J., 2003 - "Archaeology and late antique social structures". En: Lavan, L y Bowden, W. (Eds.): *Theory and practic in late Antique archaeology,* Boston, 25-56.

SOTOMAYOR, M., 1979 - "A Igreja na Espana romana", in *Historia de la Iglesia en Espana*, I, Madrid.

SOTOMAYOR, M., I982a – "Penetración de la Iglesia en los meios rurais de la Espana tardoromana e visigodo", 28 Sett Stud Alt Medioevo., Spoleto, pp. 639-683.

SOTOMAYOR, Manuel, 1982b - "Reflexión Historico-Arqueológica sobre el supuesto origen Africano del cristianismo Hispano", in II *Reunió d'Arqueologia paleocristiana Hispànica*, (dir. Pere de Palol), Institut d'Arqueologia i Prehistòria, Barcelona, pp. 11-29.

SOUZA, V., 1990 – *Corpus Signorum Imperii Romanii, Portugal*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.

STEVENS, Susan, 1993 - *Bir el Klissia at Carthage: a rediscovered cemetery church - report n. 1*, Ann Arbor, Institut National du Patrimoine - Tunis / Kelsey Museum of the University of Michigan

STEVENS, Susan, 1996- "A new christiall slructure on the outskirls of Carthage: a preliminary report on the 1994 excavations at Bir Ftouha" in *Dumabarton Oaks Papers*, n° 50, Washington, Dumabarton Oaks Research Library and Collection, pp. 375-378

STIERLIN, H. S., 1993- La Provina "Africa" et ses Mosaïques: Tunisie Romaines, n° 451, Paris.

SUTHERLAND, C H. V. CARSON, R. A. G., (edt.), I981 - *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink & Son, vol VIII. = (RICVIII).

TARACENA, B., I94I - *Carta Arqueológica de Espana, Soria*, Madrid.

TARRADELLAS COROMINAS, Ma C., 2000 - "Topografía Urbana de Sevilla durante la Antigüedad Tardía", *V Reunió d'Arqueología Cristiana Hispànica.* Barcelona, pp. 279-290.

TAVARES, M.J F., 2000 - "Heterodoxia", in Azevedo, C.A.M., (dir), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, vol. II, p.363.

TEICHNER, F., 2008 - *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirt-schaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien,* Stvdia Lvsitana, 3, Mérida, 2. vols.

TEICHNER, F., 1995 - "Acerca da vila romana de Milreu/Estoi: continuidade da ocupação na época árabe", in *Arqueologia Medieval,* 3, pp. 89-100.

TEJA, R. e SANTOS, J., (edit.), 2000 - *El Cristianismo. Aspectos Históricos de su Origen y Difusión en Hispania*, Vitoria.

TESTINI, P., 1980 - *Archeologia cristiana Nozioni general dalle origini alla fine del sec. VI*, Bdipuglia, Roma.

TESTINI, P., CANTINO WATAGHEIN, G., ERMINI, L., 1989 - "La Cattedrale in Italia", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. I, Roma, pp.5-26.

TORRES, C e MACIAS, S., 1994 - "Mértola romana" *in Atlas de Arqueologia*, Lisboa, p. 366-367.

TORRES, C e OLIVEIRA, J. C, 1987 - "O Criptopórtico-cistána da Alcáçoiva de Mértola", in *II Congresso de Arqueologia Medieval Espanola*, tomo II, Madrid, pp. 618-626.

TORRES, C. e MACIAS, S., 1996 - "Ritos Funerários Paleocristàos e Islâmicos nas Nectópoles de Méttola", in *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, Edições Sá da Costa, Lisboa.

TORRES, C., 1982 - "A Alcáçova de Mértola. História e Arqueologia urbana", in *Arqueologia*, 6, Porto, pp. 86-95.

TORRES, Cláudio, 1992a - "A Sé-Catedral da Idanha" in *Arqueologia Medieval,* 1, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Santa Maria da Feira, pp. 169- 178

TORRES, C., 1992b - "Povoamento antigo do no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", in *Arqueologia Medieval*, 1, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Santa Maria da Feira pp. 197-198

TORRES, C., 1993 - "Um tempo religioso", in *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 24-28.

TORRES, C., 1995 - "A cidade paleocristã de Mirtylis", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 263-266.

TORRES, C., 1998 - "O Guadiana - Envolvimento histórico", in *Odiana*, CCR Algarve, pp. 8-12.

TORRES, C., 2007 – "Mértola Vila Museu. Um projeto cultural de desenvolvimento integrado" in *Museologia.pt*, Número 1, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, Lisboa.

TORRES, C., BOIÇA, J., LOPES, V., PASSINHAS, M., 1991 - *Museu de Mértola - Núcleo Castelo,* CA.M., Mértola.

TORRES, Cláudio, CORREIA, F. Branco, MACIAS, Santiago, LOPES, Virgílio, 2007, "A escultura decorativa de Portugal. O grupo de Beja", in *Escultura decorativa tardorromana en la Península Ibérica*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz), Anejos de AEspA XLI, Madrid, pp. 171-189.

TORRES, Cláudio; SILVA, Luís, 1989 – *Mértola Vila Museu*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.

TOYNBEE, J., 1955 - "Mosaïque du Belletophon", in *Gallia*, p. 94 -117 .

TOYNBEE, J., 1973 - *Animais in Raman Life and Art*, New York.

TRANOY, A. (ed.), 1974 - *Hidace, Chronique*, Éditions du Cerf, Paris.

TRANOY, A., 1981 – *La Galice romanie: Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion de Boccard, Paris.

TRINIDAD NOGALES, T.; GONÇALVES, L. J., 2004 – "Imagines Lusitaniae: La plástica oficial de Augusta Emerita y su reflejo en algumas ciudades Lusitanas", in Trinidad Nogales, T. (Edit.) *Augusta Emerita*, Monografías Emeritenses – 8, Mérida, p. 285-371.

UBELAKER, D.H., 1989 - *Human skeletal remains: Excavation, analysis, interpretation*. Taraxacum, Washington.

ULBERT, T., 1978 - "Ftühchristliche Basiliken mit Doppelábsiden auf der Ibetichen Halbinsel, Studien zur architektur und liturgiegeschichte", in *Archàologische Forschungen*, 5, Berlim.

ULBERT, T., 2007 - "Ciudades tardorromanas amuralladas de Siria", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 83- 97.

UTERO AGUDO, M. A., 2006 – "Iglesias tardoantiguas y Altomedievales en La Península Ibérica" in *Anejos de Archivo Español de Arqueologia*, XL, CSIC, Madrid, pp. 450-451.

VALENTE, J. P. et alii, 1982 – "Ara votiva de Mértola", *Ficheiro Epigráfico*, 1, 3-5, Coimbra.

VALENZUELA, Fernando P., 2000 - "Un pavimento musivo de influencia bizantina en el Antiguo convento de Santa Clara de Córdoba", in *V Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arqueològica VII, Barcelona, pp. 245-261.

VALEVA, Julia, 1989 - "Les nécropololes paléochrétiennes de Bulgarie et les tombes peintes", in *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, pp. 1243-1258.

VALLEJO GIRVÉS, Margarita, 1997 - "Tradiciones y pervivencias paganas en el imperio bizantino: el posicionamineto de Justiniano", in *Antigüedad y Cristianismo. La tradición en la Antigüedad Tardía, XIV*, (eds. José Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco, Rafael Gonzáles Fernandez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 217-228.

VAQUERIZO, D. (ed), 2002 – *Espacios y Usos Funerários en el Occidente Romano*, Universidad de Córdoba, Córdoba.

VARANDA, F., 2002 – *Mértola no Alengarve: tradição e mudança no espaço construído*, Assirio&Alvim, Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. de 1903- "Analecta archaeologica", in O Archeólogo Português, VIII, pp. 162-172.

VASCONCELOS, J. L. de, 1896 - "Aquisições do Museu Etnográphico Português, in *O Archeólogo Português*, 2, I pp .245-247.

VASCONCELOS, J. L. de, 1900 - "Da Lusitânia à Bética", in O Archeólogo Português, 5, pp. 225-249.

VASCONCELOS, J. L, de, 1904 - "Explorações arqueológicas em Mértola", in *O Archeólogo Português*, X, Lisboa, pp. 95-98.

VASCONCELOS, J. L. de, 1913 - *Religiões da Lusitânia*, 3, Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. de, 1918 - "Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)", in O Archeólogo Português, XXIII, I pp. 104-138.

VASCONCELOS, J. L. de, 1920 - "Coisas Velhas", in O Archeólogo Português, XXIV, pp. 215-237.

VASCONCELOS, J. L. de, 1927 - *De terra em terra*, II, Lisboa.

VAZ, João L, Inês, 2007 - "Historiografia das muralhas romanas de Viseu", in *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lvcvs Avgvsti como paradigma*, (eds. A. Rodríguez Colmenero, I. Rodá de Llanza), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, pp. 715-725.

VEIGA, Estácio da, 1983 – *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Edição fac-similada de 1880, Lisboa, Imprensa Nacional/Câmara Municipal de Mértola.

VERZONE, P., 1942 – *L'arte preromanica in Liguria ed i rilievi decorativi di "secoli barbari",* Torino.

VIANA, A., 1945 - "O Futuro Museu Arqueológico de Myrtilis", in *Arquivo de Beja*, 2, pp. 88-93.

VIANA, A., 1946 - "Pelo Baixo Alentejo. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas", in *Arquivo de Beja*, 3, pp. 3-36.

VIANA, A., 1950 - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 7, p.p 3 - 40.

VIANA, A., 1954 - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in Arquivo de Beja, 11, pp. 3 - 31.

VIANA, A., 1955a - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 12, pp. 3-35.

VIANA, A., 1955b - "Notas de corografia arqueológica", in *Brotéria*, 60, pp. 40 - 49.

VIANA, A., I955c - "Notas de corografia arqueológica", in *Brotéria,* 61, pp. 545-556.

VIANA, A., 1957 - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Brotéria*, 69pp. 3-57.

VIANA, A., 1957 -"Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 14, p. 3 - 57.

VIANA, A., 1958 - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 15, pp. 3-56.

VIANA, A., 1959a- "Notas de corografia arqueológica", in *Brotéria*, 69, pp. 321-330.

VIANA, A., I959b - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 16, pp. 3-48.

VIANA, A., 1960 - "Notas históricas e arqueológicas do baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 17, pp. 139-229.

VIANA, A., 1962 - *Algumas noções elementares de Arqueologia Práctica*, Beja.

VIANA, A., e RIBEIRO, F. N., 1956 - "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", in *Arquivo de Beja*, 13, pp. 110-167.

VIEGAS, C., 2011 – *Ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economiado Algarve central e oriental no período romano*, UNIARQ, Lisboa.

VIEGAS, C., et alii, 1993 - *Dicionário de Motivos Geométricos no Mosaico Romano*, Liga dos Amigos do Museu de Conimbriga, Conímbriga.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A., QUIRÓZ CASTILLO J. A., 2012 - "Arqueología de los paisajes rurales altomedievales en el noroeste peninsular", in V*isigodos y Omeyas El território*, (eds. L. Caballero , P. Mateos Cruz, T.Cordero Ruiz), Anejos de AEspA, Mérida, pp. 79-95.

VILA RODRÍGUEZ, Rafael, 1997 - "Estudios compositivos de algunas basílicas paleocristianas de la España romana de los siglos IV-VI", in *Antigüedad y Cristianismo. La tradición en la Antigüedad Tardía, XIV*, (eds. José Mª Blázquez Martínez, A. González Blanco, Rafael Gonzáles Fernandez), Universidad de Múrcia. Area de Historia Antigua, Murcia, pp. 489-500.

VITA VITRI 2009 - *O Vidro Antigo Em Portugal*, Catálogo da Exposição. Ministério da Cultura, Lisboa.

VITERBO, S., 1988 - *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. 1, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

VITRUVIUS, 1988 – *Los diez libros de arquitectura*, Editorial Alta Fulla, Barcelona.

VIVES y ESCUDERO, 1924 - *La moneda hispánica*. tomo IV. Madrid.

VIVES, J. 1969 – *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona.

VIVES, José S., MARÍN MARTÍNEZ, T., MARTÍNEZ DÍEZ, G. 1963 - *Concilios Visigóticos e Hispano – Romanos*, Consejo Superiod de Investigaciones Científicas, Instituto Enrique Flórez, Madrid.

VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J., 2009 - *La presencia Bizantina en Hispania (siglos VI-VII) La Documentación Arqueológica*, *Antigüedad y Cristianismo*, Universidad de Murcia.

VOLLMER, T. A e LÁPOZ, B, A, 1995- "Nuevas consideraciones sobre las variaciones en el ritual hmerario romano (ss. I-lll d.C.)" in *Actas dei XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Volumen II. Vigo, 1993, pp. 367-372.

VOLPE, G.; BIFFINO, A. Y GIULIANI, R. , 2001 - "Il battistero del complesso paleocristiano di San Giusto (Lucera)", in *L'edificio battesimale in Italia. Aspetti e problemi. Atti dell VIIIe congresso nazionale di archeologia cristiana (Bordighera 1998)* (Florence 2001) pp.1089–1130.

WARD-PERKINS, Bryan, 2005 - *The fall of Rome and the end of civilization*. Oxford: University Press.

WARD-PERKINS, J., 1979 - *L'Architettura Romana*, Milão, Electa Editrice.

WATAGHIN, Gisella Cantino, 1995 - "Contributo allo studio della città tardoantica", in *IV Reunió d'Arqueologia cristiana Hispànica*, Monografies de la secció Històrico-Arquològica VI, Barcelona, pp. 235-261.

WHAL, J., 1985 – "Castelo da Lousa. Ein Wehrgehoft Caesarich-Augusteicher Zeit", in *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 26, pp. 149-176.

WOLFRAM, Mélanie, 2011 - *Uma síntese sobre A Cristianização Do Mundo Rural No Sul Da Lusitania Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia,* Tese de Doutoramento em História, na Especialidade de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Departamento de História, Lisboa, [Texto Policopiado]

WRENCH, Licínia N. C., 2008 – *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia*. Tese de doutoramento em História de Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].

YACOUB, M., 1996 - *Musée du Bardo*. Edition de l'Agence Nationale du Patrimoine, Tunis.

YACOUB, Mohamed, 1972 – "La christianisation des thèmes païens d' aprs des monuments tunisiens" in *XIX corso di cultura sull' arte ravennate e bizantina*, Università degli studi di Bologna - Istituto di Antichità ravennati e bizantine, Ravenna, pp. 331-350

YACOUB, Mohamed, 1993, *Le musée du Bardo*, Départements antiques, s.l., Éditions de l' Agence Nationale du Patrimoine

YACOUB, Mohamed, 1995, *Splendeurs des mosaïques de Tunisie*, s.l., Éditions de l' Agence Nationale du Patrimoine

YOUNG, B., 1997 - *"Paganisme, christianisation et rites funéraires nérovingiens", in Archéologie Médiévale, vol.VII, Centre de Recherches Archéologiques Médiévales., pp. 5-81.*

ZEISS, H., 1934 - *Diegrabfunde aus dem Spanischen Westgotenreich*, Berlim.

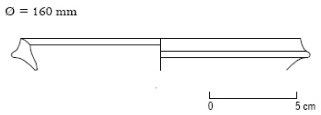
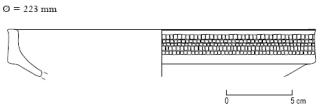
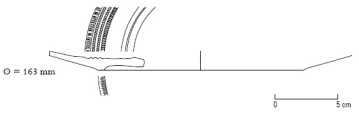
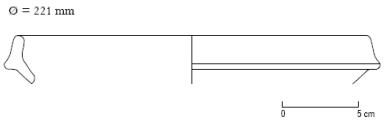
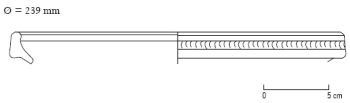
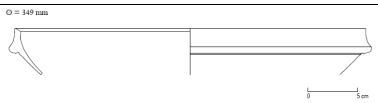
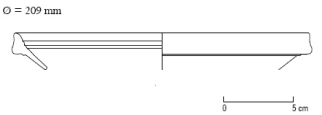
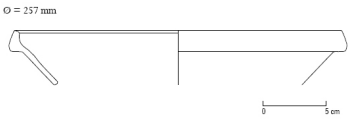
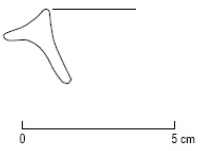
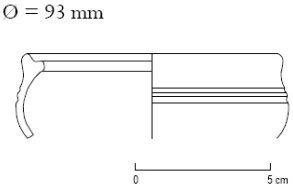
ZOZAYA, Juan, 1998 - "711-856: los primeros años del Islam andalusí o una hipótesis de trabajo", in *Ruptura o Continuidad. Pervivencias preislámicas en Al-Andalus*, Cuadernos emeritenses, nº15, Mérida, pp.83-142

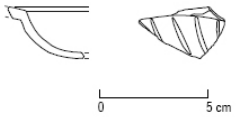
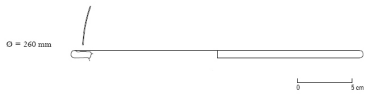
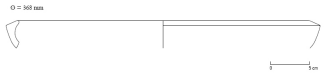
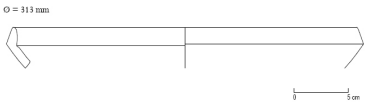
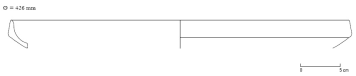
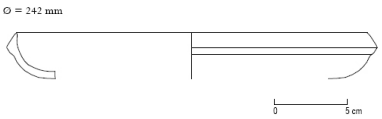
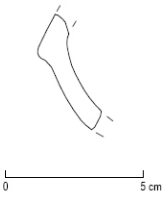
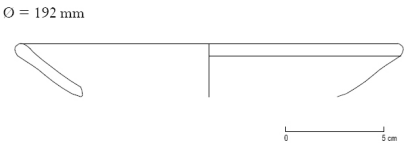
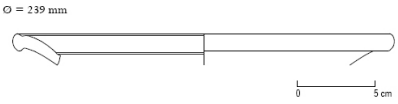
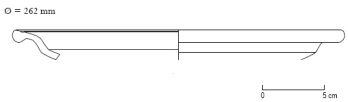
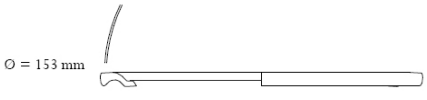
ZOZAYA, Juan, 2002 - "Fortifiaciones tempranas en al-Andalus ss.VIII-X", Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500), coord. I. Cristina Ferreira Fernandes, Palmela, Câmara Municipal de Palmela e Edições Colibri, pp.45-58

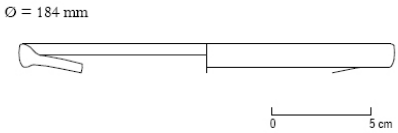
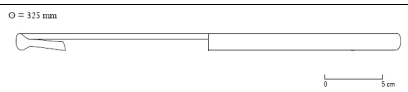
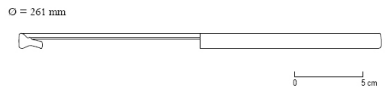
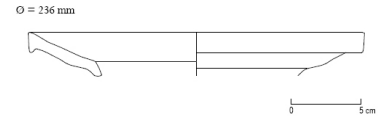
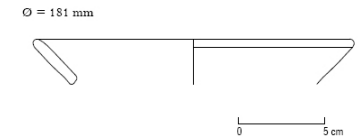
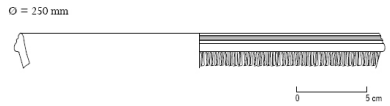
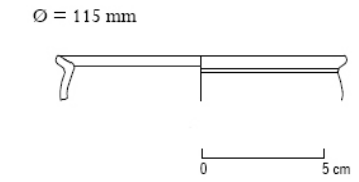
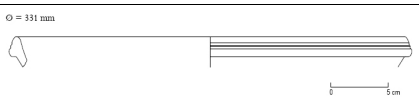
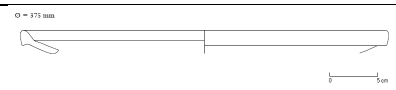
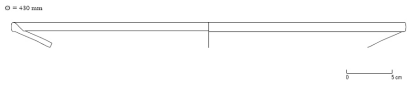
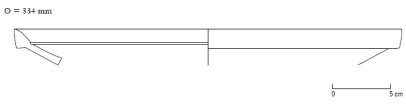
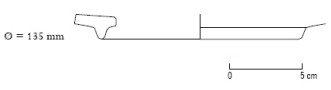
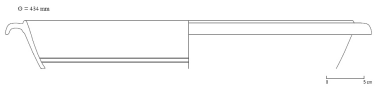
ZOZAYA, Juan, 2005 - "Toponímia árabe en el valle del Duero", in *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, coord. Mário Barroca e I. Cristina Ferreira Fernandes, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 1-42.

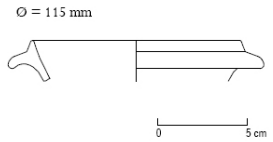
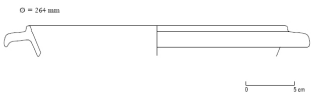
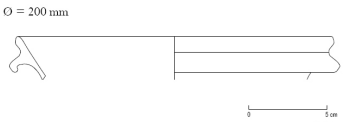
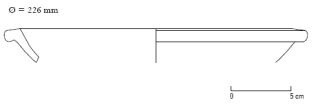
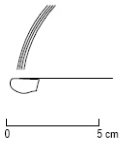
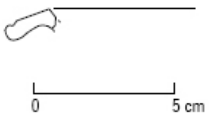
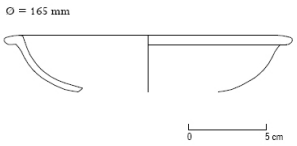
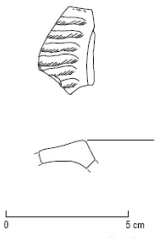
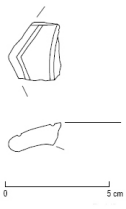
ZOZAYA, Juan, 2009 - "Arquitectura militar en al-Andalus", in *Xelb*, n.o9 (6º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves, Câmara Municipal de Silves, pp.75-126

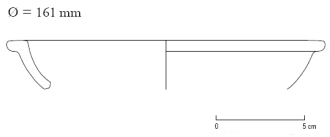
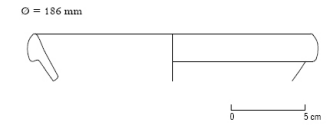
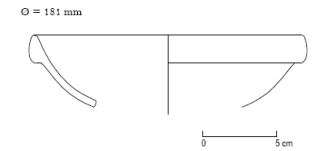
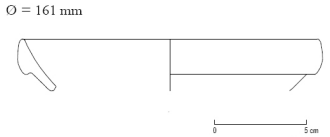
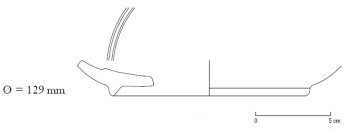
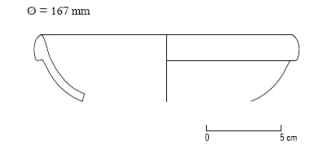
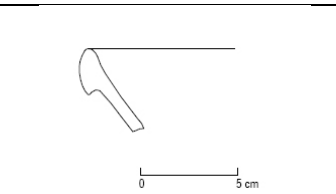
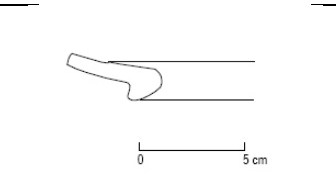
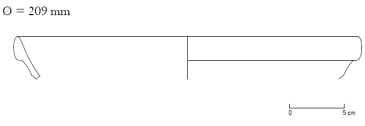
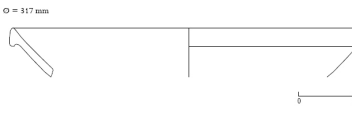
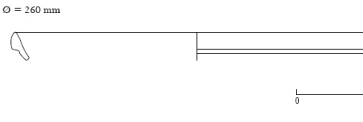
Anexo I – Cerâmicas finas da Alcáçova do Castelo de Mértola

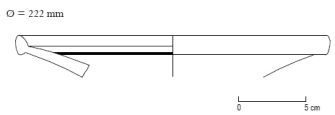
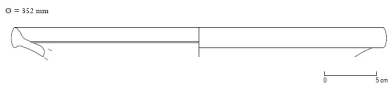
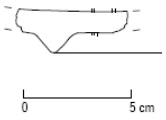
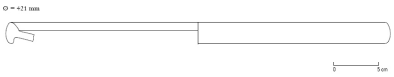
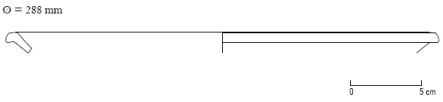
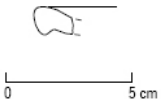
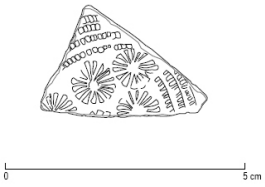
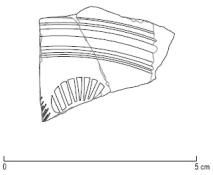
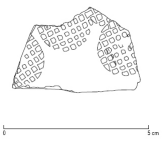
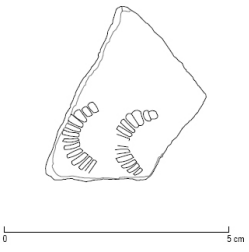
Forma	Referência	Desenho
Forma Hayes 3, variante pequena	M/ALCÁÇOVA/10 (Mig. 35 - Hayes 3, variante pequena)	
Forma Hayes 3B	M/81/5B 2A (C1- Hayes 3B)	
Forma Hayes 3B	M/85/GB/700 (C33- Hayes 3B)	
Forma Hayes 3C	M86/4N/2b (C24 - Hayes 3C)	
Forma Hayes 3C/E	M/990/5Q/1b (C39 - Hayes 3C/E)	
Forma Hayes 3D-G	M/83/81/A7 4(?) (C34 - Hayes 3D-G)	
Forma Hayes 3E	M/82/6B 4a/8/ (C23 - Hayes 3E)	
Forma Hayes 3F	M/ALCÁÇOVA/22 (C40 - Hayes 3F)	
Forma Hayes 3G	M998/3C/2a (M80 - Hayes 3G)	
Forma Hayes 8	M/82/6B 4c 193 (C31 - Hayes 8)	
Forma Hayes 12/102	M989/14D/1a (C16 - Hayes 12/102)	

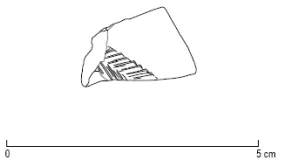
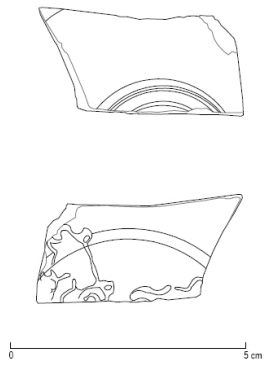
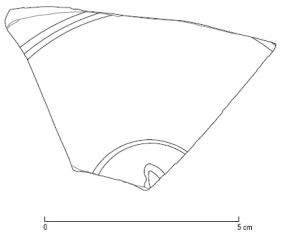
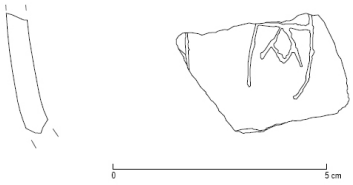
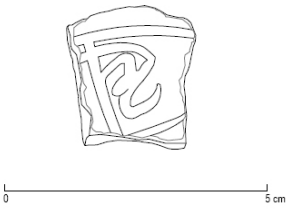
Forma Hayes 59	M/ALCÁÇOVA/68 (M103 - Hayes 59)	
Forma Hayes 59	M/ALCÁÇOVA/78 (M128 - Hayes 59)	
Forma Hayes 59 ou 65	M/ALCÁÇOVA/99 (M140 - Hayes 59 ou 65)	
Forma Hayes 61A	M/89/14B/1b/20 (M26 - Hayes 61A)	
Forma Hayes 61A/B1	ME/84/6A/3b (M89 - Hayes 61A/B1)	
Forma Hayes 61A/B2	M/ALCÁÇOVA/82 (E3 - Hayes 61A/B2 - Peça demasiado cozida)	
Forma Hayes 61A/B3	M/ALCÁÇOVA/35 (M54 - Hayes 61A/B3)	
Forma Hayes 61B1/B2	M/989/15C/2a (M118 - Hayes 61B1/B2)	
Forma Hayes 64	M/ALCÁÇOVA/77 (M115 - Hayes 64, n. 4, Sperlonga [*Atlante I*, XXXVII, 7])	
Forma Hayes 67B	M85/5D/2a (M28 - Hayes 67B)	
Forma Hayes 67C	M/ALCÁÇOVA/36 (M55 - Hayes 67C)	
Forma Hayes 67/71	M/ALCÁÇOVA/89 (M134 - Hayes 67/71)	
Formas Hayes 67, *similis*	M/ALCÁÇOVA/81 (E4 - Hayes 67, *similis*)	

Forma Hayes 73	M989/14D/1a (M14 - Hayes 73)	
Forma Hayes 76	M/ALCÁÇOVA/85 (M132 - Hayes 76)	
Forma Hayes 76	M87/ALCÁÇOVA/1e (M96 - Hayes 76, variante Delgado 1967, tav. VII, n.º 88)	
Forma Hayes 76	M/79/AB 1-2-3 1b (M119 - Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B [variante pequena])	
Forma Hayes 81B	M/ALCÁÇOVA/103 (M144 - Hayes 81B)	
Forma Hayes 84	M/ALCÁÇOVA/32 (M50 - Hayes 84)	
Forma Hayes 85B	M/ALCÁÇOVA/97 (E10 - Hayes 85B)	
Forma Hayes 86	M/89/15C/1b (M51 - Hayes 86)	
Forma Hayes 86	M/ALCÁÇOVA/86 (E6 - Hayes 86, n.º 2, variante)	
Forma Hayes 87A1	M969/13C/1b (M88 - Hayes 87A1)	
Forma Hayes 87A2	M/ALCÁÇOVA/23 (M12 - Hayes 87A2)	
Forma Hayes 87A/88	M/989/13c/1b (M11 - Hayes 87A/88)	
Forma Hayes 88A	M/989/15B/1a (M159 - Hayes 88A)	
Forma Hayes 91A	M/ALCÁÇOVA/38 (M73 - Hayes 91A)	

Forma Hayes 91B, variante tardia	M/79.A.D.1a (M25 - Hayes 91B, variante tardia)	
Forma Hayes 91B, variante tardia, ou 91C	M/86/13G/1b (Mig. 33 - Hayes 91B, variante tardia ou 91C)	
Forma Hayes 91A/B	M/ALCÁÇOVA/40 (M75 - Hayes 91A/B)	
Forma Hayes 91C	M/ALCÁÇOVA 15+17+18 (Mig. 50 - Hayes 91C)	
Forma Hayes 93B	M81.A.6.2.1b (M32- Hayes 93B)	
Forma Hayes 93(?)	M/ALCÁÇOVA/100 (M141 - Hayes 93[?])	
Forma Hayes 94A, variante	CM/8?/104 (M123 - Hayes 94A, variante)	
Forma Hayes 94B	M/ALCÁÇOVA/26 (M29 - Hayes 94B)	
Forma Hayes 96	M/ALCÁÇOVA/52 (M86 - Hayes 96)	
Forma Hayes 97	M78/R. SUP. (M84 - Hayes 97)	

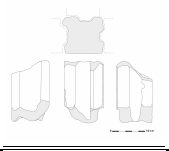
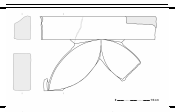
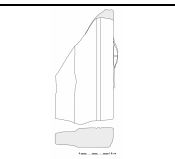
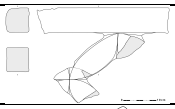
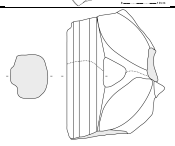
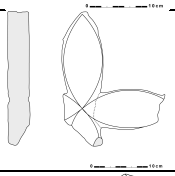
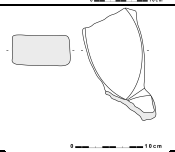
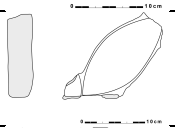
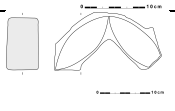
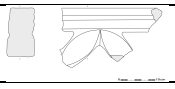
Forma Hayes 98A/B	M/ALCÁÇOVA/92 (M136 - Hayes 98A/B)	
Forma Hayes 99A	M86/12H/1b (C4 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99A	M/ALCÁÇOVA/1 (C17 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99A	M/ALCÁÇOVA/9 (C22 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99A	M/ALCÁÇOVA/112 (M161 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99A	M/82/F37/3a (C5 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99B	M79.A.A.2/3.1b (M38 - Hayes 99B)	
Forma Hayes 99B	M/ALCÁÇOVA/109 (M155 - Hayes 99B)	
Forma Hayes 99C	M/987/21C/1b (M40 - Hayes 99C)	
Forma Hayes 103A	M/ALCÁÇOVA/53 (M93 - Hayes 103A)	
Forma Hayes 103B	M/89/14B/1a (C6 - Hayes 103B[?])	

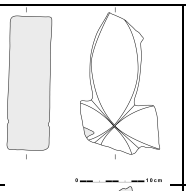
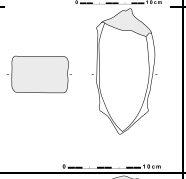
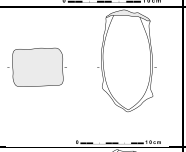
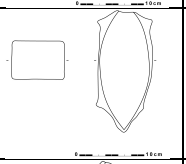
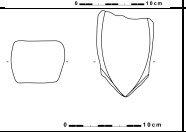
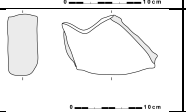
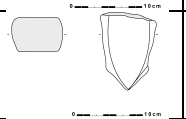
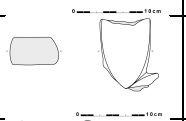
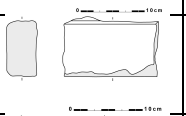
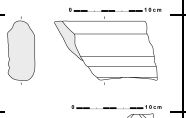
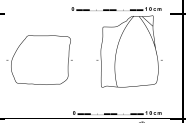
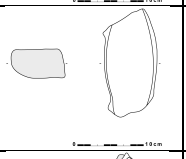
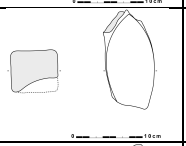
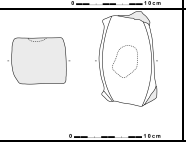
Forma Hayes 104A1	M/ALCÁÇOVA/24 (M16 - Hayes 104A1)	
Forma Hayes 104A2	M/81/4B/1b ou M/81/4B 1b (Mig. 29 - Hayes 104A2)	
Forma Hayes 104C	M2000/1/2J/0014 (E17 - Hayes 104C)	
Forma Hayes 105A, variante	M86/12H/1b (M19 - Hayes 105A, variante)	
Formas *Atlante*	M/989/15D/1a (*Atlante*, XLVI, 5)	
Formas Fulford	M85/7B/1b (M87 - Fulford 50 = Hayes 93B)	
Forma *Michigan*	M/86/A/D (M97 - *Michigan I*, fig. 3, VII, n. 6 (*Atlante I*, XLVI, 1) [?])	
Estilo A(ii)	M/987/17B/1b	
Estilo A(ii/iii), provavelmente só A(iii)	M85/3A/4A/700	
Estilo A(iii)	M86/12G/1a	
Estilo A(ii/iii)	M/ALCÁÇOVA/169	

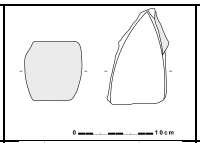
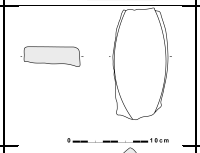
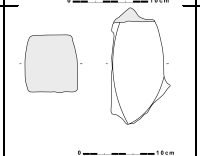
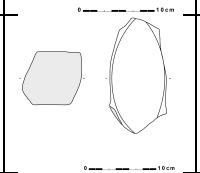
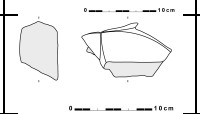
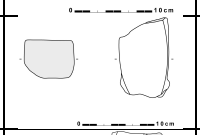
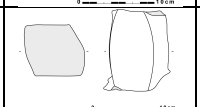
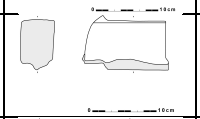
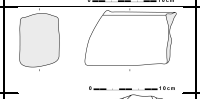
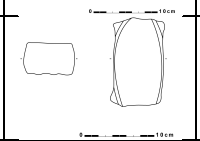
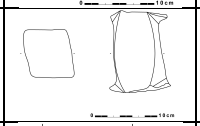
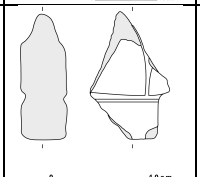
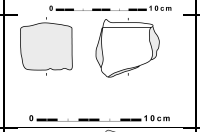
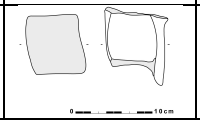
Estilos A, B ou C (TSAf C)	M/80/6B/SP4	
Forma Hayes 3, Estilo III	M/ALCÁÇOVA/179 (Hayes 3)	
Estilos indeterminados	M/ALCÁÇOVA/171	
Grafito pós-cozedura em TSAf D	M/990/5N/1b (M101 - Forma indeterminada)	
Decoração polida Grupo 1A	M/ALCÁÇOVA/175 (Hayes 87A)	

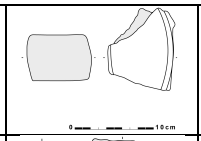
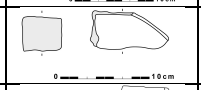
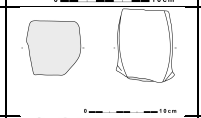
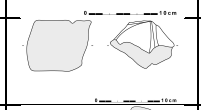
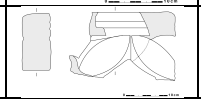
Adaptado de Fernandes, 2012.

Anexo II – Registo dos fragmentos de cancela aparecidos na intervenção arqueológica realizada em 2013 no Batistério II na Encosta do Castelo na intervenção arqueológica de 2013..

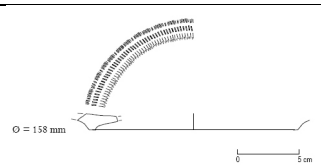
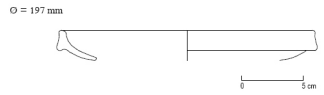
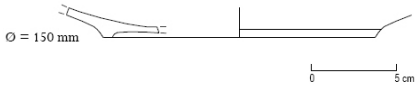
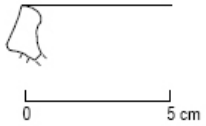
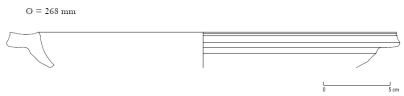
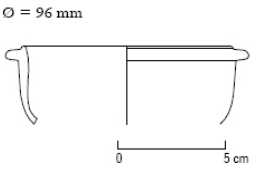
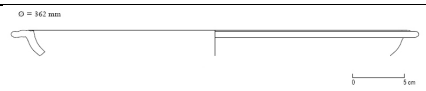
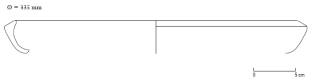
Desenho Nº	**Escavação**	**Nº Inventário**	**Marcação**	**Desenho**	**Dimensões**
01	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 19 cm Largura: 12 cm Espessura: 11.7 cm
02	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Comprimento: 35 cm Largura: 22.8 cm Espessura: 5.4 cm
03	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Comprimento: 40 cm Largura: 30 cm Espessura: 7 cm
04	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 051		Altura: 42 cm Largura: 23 cm Espessura: 7 cm
05	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Comprimento: 40 cm Largura: 29 cm Espessura: 6.6 cm
06	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 22 cm Largura: 17 cm Espessura: 9 cm
07	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 25 cm Largura: 19 cm Espessura: 4 cm
08	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 17 cm Largura: 8.2 cm Espessura: 4.6 cm
09	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 14.4 cm Largura: 16.8 cm Espessura: 4cm
10	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 052		Comprimento: 11.8cm Largura: 21 cm Espessura: 6.2 cm
11	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 17 cm Largura: 29 cm Espessura: 7.8 cm

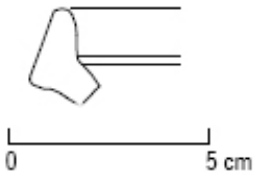
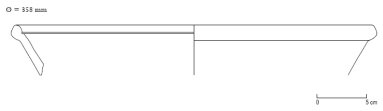
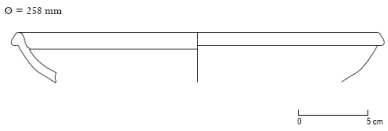
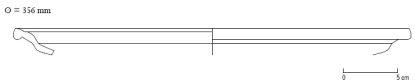
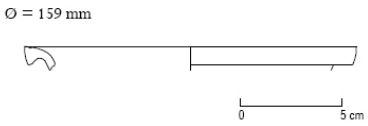
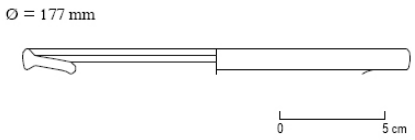
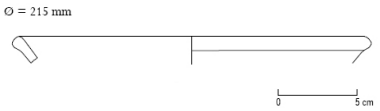
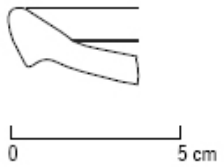
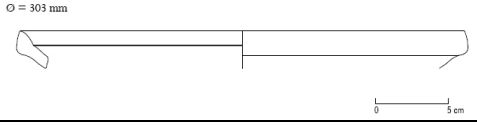
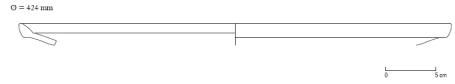
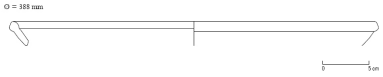
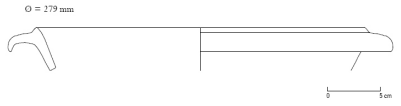
12	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 22 cm Largura: 12.5 cm Espessura: 5.4 cm
13	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 17 cm Largura: 8 cm Espessura: 5 cm
14	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 051		Altura: 16 cm Largura: 8 cm Espessura: 6 cm
15	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 19.2 cm Largura: 8.4 cm Espessura: 6 cm
16	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 12.4 cm Largura: 7.8 cm Espessura: 5.8 cm
17	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8.8 cm Largura: 14 cm Espessura: 4.5 cm
18	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 12 cm Largura: 13.7 cm Espessura: 5.8 cm
19	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 11 cm Largura: 13.8 cm Espessura: 4.4 cm
20	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8.8 cm Largura: 13.5 cm Espessura: 4.4 cm
21	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8.8 cm Largura: 15.2 cm Espessura: 4 cm
22	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 10.6cm Largura: 8.6 cm Espessura: 7.4 cm
23	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 15.4 cm Largura: 8 cm Espessura: 4.4 cm
24	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 15 cm Largura: 7.2 cm Espessura: 6.2 cm
25	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 14 cm Largura: 8 cm Espessura: 6.8 cm

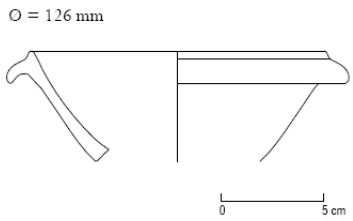
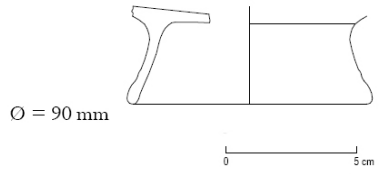
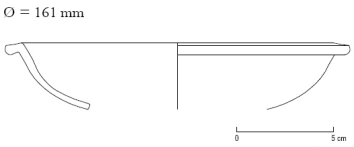
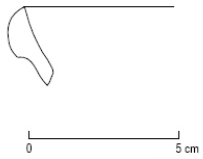
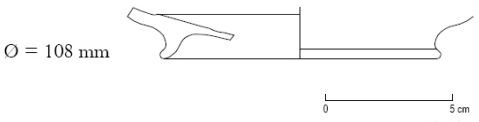
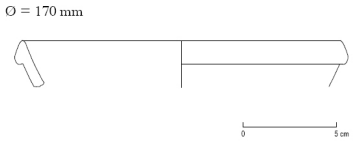
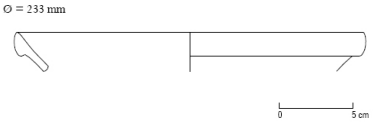
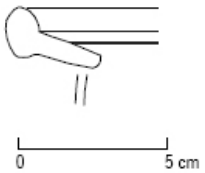
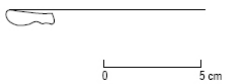
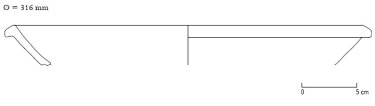
26	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 12.6 cm Largura: 7.6 cm Espessura: 8 cm
27	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Comprimento: 10 cm Largura: 6 cm Espessura: 6.6 cm
28	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 047		Altura: 15 cm Largura: 7.2 cm Espessura: 2.2 cm
29	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 16.5 cm Largura: 8 cm Espessura: 8 cm
30	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 17.5 cm Largura: 8.4 cm Espessura: 8 cm
31	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 7 cm Largura: 12.4 cm Espessura: 5 cm
32	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 11 cm Largura: 6.8 cm Espessura: 5.2 cm
33	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 13 cm Largura: 9.6 cm Espessura: 8 cm
34	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8.4 cm Largura: 13.4 cm Espessura: 5.2 cm
35	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8.6 cm Largura: 15 cm Espessura: 6.2 cm
36	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 028		Altura: 12.5 cm Largura: 7.2 cm Espessura: 4.6 cm
37	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 13.2 cm Largura: 10 cm Espessura: 7.8 cm
38	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 14.2 cm Largura: 8.8 cm Espessura: 5 cm
39	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 5.6 cm Largura: 6 cm Espessura: 5 cm
40	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 10.2 cm Largura: 7.5 cm Espessura: 7.6 cm

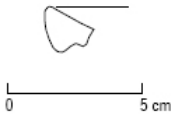
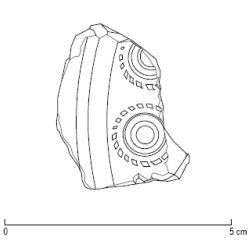
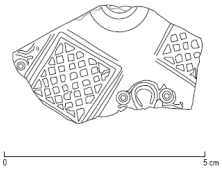
41	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 10.8 cm Largura: 8.4 cm Espessura: 6 cm
42	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 4 cm Largura: 9 cm Espessura: 4 cm
43	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 10.6 cm Largura: 8 cm Espessura: 7.8 cm
44	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 7.8 cm Largura: 10.6 cm Espessura: 8 cm
45	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 8 cm Largura: 20 cm Espessura: 6.8 cm
46	Encosta do Castelo		M/2013/Enc. Castelo/u.e. 036		Altura: 16 cm Largura: 25 cm Espessura: 7 cm

Anexo III - Cerâmicas finas da Alcáçova do Castelo de Mértola Biblioteca Municipal

Forma	Referência	Desenho
Forma Hayes 3B-C	M/06/Bib.M./UE.201 (Mig. 12 - Hayes 3B-C)	
Forma Hayes 3C	M/05/Bib.M./UE.130 (Mig. 1 - Hayes 3C)	
Forma Hayes 3D-G	M/03/Bib. M./4A/Cont. 011. (M70 - Hayes 3D-G)	
Forma Hayes 3G	M/03/Bib.M./4A/Cont. 001 (M68 - Hayes 3G)	
Forma Hayes 5A	M/2010/Bib.M./U.E.175 (E25 - Hayes 5A)	
Forma Hayes 12/102	M/05/Bib.M./UE.152 (Mig. 17 - Hayes 12/102)	
Forma Hayes 12/110	M/05/Bib.M./UE.182 (Mig. 15 - Hayes 12/110)	
Forma Hayes 59	M/06/Bib.M./U.E. 202 (M3 - Hayes 59)	
Forma Hayes 61A	M/05/Bib.M./U.E. 152 (M4 - Hayes 61A)	
Forma Hayes 61A/B2	M/05/Bib.M./U.E. 108 (M6 - Hayes 61A/B2)	

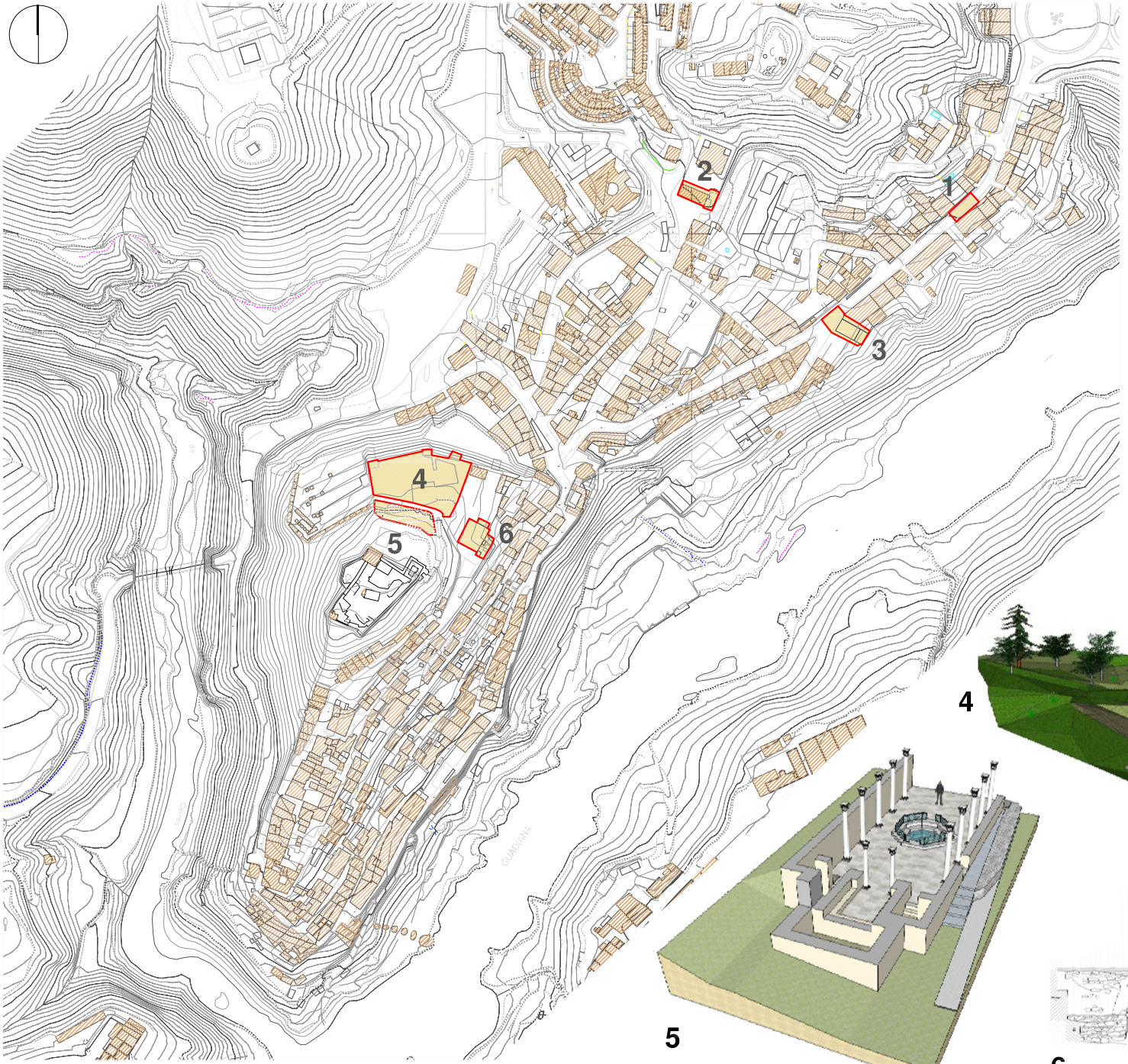
Forma Hayes 61B2	M/03/Bib.M./4A/Cont. 001 (M61 - H. 61B2)	
Forma Hayes 61B3, *similis*	M/05/Bib.M./UE.033 (Mig. 6 - Hayes 61B3, *similis*)	
Forma Hayes 61B/87A	M/05/Bib.M./U.E.149 (Mig. 4 - Hayes 61B/87A)	
Forma Hayes 67C	M/03/Bib.M./4a Cont.001 (M57 - Hayes 67C)	
Forma Hayes 67/71	M/03/Bib.M./4A Cont. 001 (M64 - Hayes 67/71)	
Forma Hayes 76	M/03/Bib.M./4B/Cont. 021 (M66 - Hayes 76)	
Forma Hayes 81B	M/05/Bib.M./U.E.149 (E26 - Hayes 81B)	
Forma Hayes 87A	M/03/Bib.M./4A/Cont. 003 (M65 - Hayes 87A)	
Forma Hayes 87A1	M/05/Bib.M./U.E. 109 (M5 - Hayes 87A1)	
Forma Hayes 87A/88	M/06/Bib.M.UE.231 (M7 - Hayes 87A/88)	
Forma Hayes 87B	M/05/Bib.M./UE.108 (Mig. 8 - Hayes 87B, variante tardia)	
Forma Hayes 91A/B	M/05/Bib.M./U.E. 078 (M2 - Hayes 91A/B)	

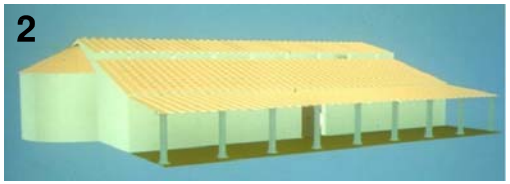
Forma Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10	M/03/Bib.M./4A/Cont. 004 (M69 - Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10)	
Forma Hayes 94	M/05/Bib.M./U.E.142 (E27 - Hayes 94)	
Forma Hayes 94B	S/N (Mig. 39 - Hayes 94B)	
Forma Hayes 99A	M/05/Bib.M./UE. 041 (Mig. 14 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99A	M/06/Bib.M./UE. 231 (Mig. 10 - Hayes 99A)	
Forma Hayes 99B	M/05/Bib.M./U.E. 142 (Mig. 3 - Hayes 99B)	
Forma Hayes 103B	M/05/Bib.M./UE.018 (Mig. 16 - Hayes 103B[?])	
Forma Hayes 104A1	M/03/Bib.M./4A/Cont. 007 (M60 - Hayes 104A1)	
Forma Hayes 107	M/03/Bib.M./4A Cont. 001 (M58 - Hayes 107)	
Forma *Atlante*	M/05/Bib.M./UE.150 (Mig. 19 - *Atlante*, XLVI, 8-10)	

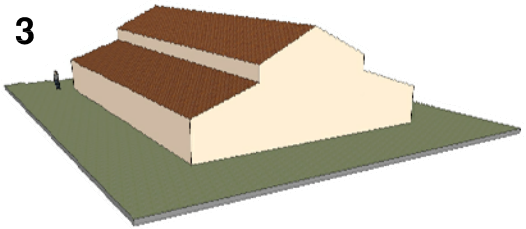
Forma *Michigan*	M/03/Bib.M./4a/Cont. 001 (M62 - *Michigan* 1, fig. 3, VII, n. 6(?))	
Forma Fulford 52	M/05/Bib.M./U.E. 152 (Mig. 21- Fulford 52)	
Estilo A(ii)	M/05/Bib.M./UE. 129 (M9)	
Estilo A(iii)	M/2010/Bib. M./U.E. 1014	

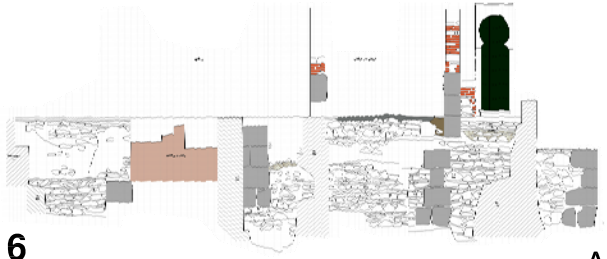
Adaptado de Fernandes, 2012.

Topografía religiosa de Mértola na Antiguidade Tardia









Anexo IV